



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS –
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

LEILA SHAÍ DEL POZO GONZÁLEZ

***O PERIQUITINHO SARNENTO (2024): UMA TRADUÇÃO TRANSCULTURAL DA
OBRA DE JOSÉ JOAQUÍN FERNÁNDEZ DE LIZARDI (1816) PARA O
PORTUGUÊS BRASILEIRO – REFLEXÕES SOBRE O PRIMEIRO ROMANCE
LATINO-AMERICANO***

**CASCADEL - PR
MARÇO/2024**

LEILA SHAÍ DEL POZO GONZÁLEZ

***O PERIQUITINHO SARNENTO* (2024): UMA TRADUÇÃO TRANSCULTURAL DA
OBRA DE JOSÉ JOAQUÍN FERNÁNDEZ DE LIZARDI (1816) PARA O
PORTUGUÊS BRASILEIRO – REFLEXÕES SOBRE O PRIMEIRO ROMANCE
LATINO-AMERICANO**

Texto apresentado à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –, como requisito para obtenção do título de Doutora em Letras – nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

CASCADEL – PR
MARÇO/2024

**Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da
Unioeste.**

Del Pozo González, Leila Shaí

O Periquitinho Sarnento (2024): uma tradução transcultural da obra de José Joaquín Fernández de Lizardi (1816) para o português brasileiro – reflexões sobre o primeiro romance latino-americano / Leila Shaí Del Pozo González; orientador Gilmei Francisco Fleck. -- Cascavel, 2024.

1029 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

1. O Periquitinho Sarnento (2024). 2. Literatura Comparada. 3. Fernández de Lizardi. 4. Tradução literária. Transculturação. I. Fleck, Gilmei Francisco, orient. II. Título.

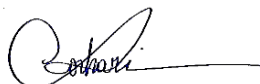
LEILA SHAI DEL POZO GONZÁLEZ

“O Periquitinho Sarnento (2024): uma tradução transcultural da obra de José Joaquín Fernández de Lizardi (1816) para o português brasileiro – reflexões sobre o primeiro romance latino-americano”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:



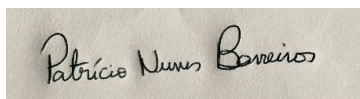
Orientador(a) - Gilmei Francisco Fleck



Clarice Cristina Corbari
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



Phelipe de Lima Cerdeira
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
(UERJ)



Patrício Nunes Barreiros
Universidade Estadual de Feira de Santana
(UEFS)



Altamir Botoso
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

Cascavel, 08 de março de 2024.

À minha mãe. Ao meu pai.
À minha filha, uma grande mulher no começo de
sua jornada pela vida.
Ao meu marido, que foi cúmplice, companheiro
compreensivo, grande incentivador e o maior
responsável pela conquista desta titulação.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio financeiro;

À UNIOESTE, minha *alma matter*, que me acolheu sempre;

À Banca Examinadora do Seminário de Tese;

À Banca Examinadora de Qualificação de Tese;

À Banca Examinadora de Defesa de Tese;

Ao meu orientador e líder de pesquisa, professor Chico, pela orientação sábia e amiga, pelos conselhos, pela paciência, pelos exemplos de conhecimento e dedicação, de responsabilidade e sabedoria;

Aos professores que fazem parte do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização”, em especial aos professores pós-doutorandos que atuaram no grupo, ao professor Márcio pela revisão da tradução, ao professor Phelipe, pela disposição em compartilhar seus conhecimentos de forma tão generosa e inspiradora, e ao professor Carlos Henrique, pelos seus apontamentos precisos. Ficamos muito gratos pelas suas contribuições e pelas ricas discussões. Essa tese foi, de fato, um trabalho em conjunto, pois foi elaborada dentro do grupo de pesquisa. Ao longo deste texto, portanto, quando utilizamos *nós*, *nosso*, fazemos referências a eles e aos estudos resultantes do Grupo de Pesquisa e seus membros. No entanto, dentre eles, gostaríamos de agradecer, especialmente, aos colegas do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do Passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos da história e ficção – vias para a descolonização” – Jorge, Matilde, Cristian, Amanda, Fernanda, Vilson, Tatiane, Hugo – pela ajuda sincera, pela ajuda técnica, pela amizade, bons conselhos e companheirismo em bons momentos e, também, naqueles mais difíceis.

E, finalmente, gostaria de agradecer à professora Clarice Cristina Corbari, pela sua leitura primorosa.

A tradução é altamente eficaz em exacerbar as tensões do discurso colonial porque o movimento entre as línguas coloniais e nativas pode reconfigurar as hierarquias culturais e políticas entre elas, desestabilizando o processo de formação de identidade, a imitação dos valores hegemônicos na qual a colonização se baseia (Venuti, 2002).

La tarea de hacer a América, la empresa antigua y viviente de hacer el Nuevo Mundo, ha estado en el meollo de la vocación de nuestros escritores. Es posible que esta actitud de compromiso tienda a dividirlos y hasta a hacerlos sospechosos y a cerrarles un poco las puertas que conducen al pingüe mercado mundial de los libros, pero es el hecho real y es un hecho difícilmente condenable. No es sólo la tarea de comprender y expresar a esta América la que corresponde a los escritores. Ellos entienden, y así lo han entendido magnífica y hasta heroicamente por varias generaciones, que les incumbe también la tarea de encaminar a sus hermanos. Esta tarea es mucho más exigente y responsable ante las encrucijadas oscuras y las difíciles alternativas que caracterizan la escena presente del mundo. Escenario y hora para muy difíciles decisiones de los pueblos latinoamericanos. En lo que haya de hacerse, estará presente, dentro de su mejor tradición, la responsabilidad y la posibilidad de los escritores latinoamericanos (Uslar Pietri, 1969).

DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. **O Periquinho Sarnento (2024)**: uma tradução transcultural da obra de José Joaquín Fernández de Lizardi (1816) para o português brasileiro – reflexões sobre o primeiro romance latino-americano. 2024. 1029f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2024.
Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMO

O *corpus* deste estudo volta-se para *El Periquillo Sarniento* (1816), do mexicano José Joaquín Fernández de Lizardi (1776-1827), obra que não tinha tradução conhecida à língua portuguesa até nossos dias. Esta tradução faz parte do interesse de pesquisa do Grupo “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos da história e ficção – vias para a descolonização”, e se ajusta às expectativas do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL – da UNIOESTE/Cascavel-PR. Nossa leitura conduziu-nos a depreender que a importância dessa obra de Fernández de Lizardi não recai somente no fato de ser ela o primeiro romance escrito na América Latina, mas, também, em ser de 1816 e incorporar à sua *diegese* (Genette, 1979) a criticidade contida nas expressões literárias latino-americanas de meados do século XX, que Santiago (2000) enunciou na década de 1970. Desse modo, é fundamental realizarmos a sua tradução ao português brasileiro, com o intuito de resgatar e ressignificar, pelas vias da tradução, esse primeiro romance latino-americano. O objetivo da tese é traduzir *El Periquillo Sarniento* (1816), de Fernández de Lizardi, para o português brasileiro e apresentar um estudo reflexivo sobre a obra. Nossa pesquisa é bibliográfica e os critérios são de ordem qualitativa. Assim, neste estudo, contamos com as contribuições de Choza e Ponce-Ortiz (2010), Ruiz Barrionuevo (2008), Palazón Mayoral (2001, 2012, 2016), Silva e Dantas (2017). Em seguida, ao trazermos alguns fundamentos teóricos sobre a picaresca dos séculos XV e XVI, refletimos sobre o processo antropofágico e transcultural (Rama, 2008) que delas realiza Fernández de Lizardi, apoiados nos pressupostos de González (1988; 1994; 2010), Ferreira (2008), Ruiz Barrionuevo (2008), Bobadilla Encinas (2008), Rosetti (2011), Palazón Mayoral (2013) e Botoso (2016), entre outros. Os estudos da literatura comparada são realizados com base em Uslar Pietri (1969), Pérez Firmat (1990), Paz (1981, 1991, 1994, 1998), Bellei (2000), Coutinho (1995; 2003; 2004). Ao abordarmos o romance como narrativa do século XIX, seu impacto na época e as relações desse impacto no Brasil, valemo-nos, em especial, dos estudos de Candido (1975), Lajolo e Zilberman (1998), Ferreira (2000), Silva (2004; 2009), Ferreira Jr. (2010), Almeida (2011), Cerqueira (2011; 2013), Oliveira e Oliveira (2014). Finalmente, abordamos as teorias contemporâneas que se referem ao processo de traduzir, com destaque aos estudos de Even-Zohar (1990), Lefevere (1994), Villalta (1997), Rodrigues (1999), Pagano (2000), Bassnett (2003), Wyler (2003), Venuti (2002), Martins (2011), entre outros. Esta pesquisa contribui com o preenchimento da lacuna existente no conhecimento da trajetória da literatura latino-americana/hispano-americana no leitor brasileiro, bem como na de todos os demais povos falantes de língua portuguesa e vias para a ainda necessária conscientização, na América Latina, das enraizadas ações colonizadoras operadas desde os espaços de poder (Bourdieu, 1989).

PALAVRAS-CHAVE: *O Periquinho Sarnento* (2024). Literatura Comparada. Fernández de Lizardi. Tradução literária. Transculturalização.

DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. ***O Periquinho Sarnento* (2024)**: a transcultural translation of José Joaquín Fernández de Lizardi's work (1816) to Brazilian Portuguese – reflections on the first Latin American novel. 2024. 1029 pp. Thesis (Doctoral in Language and Literature) – Post Graduation Program in Language and Literature – Western Paraná State University – UNIOESTE, Cascavel, 2024.
Advisor: Dr. Gilmei Francisco Fleck.

ABSTRACT

The *corpus* of this study focuses on *El Periquillo Sarniento* (1816), by the Mexican José Joaquín Fernández de Lizardi (1776-1827), a work without known translation into Portuguese to this day. This translation is a perspective considered in the research proposals of the Group "Remeanings of the past in America: reading, writing and translation of the hybrid genres of history and fiction – ways to decolonization", and it fits itself in the expectations of the Post-Graduation Program in Language and Literature – PPGL – of UNIOESTE/Cascavel-PR. Our reading conducted us to clearly understand that the importance of this work by Fernández de Lizardi does not fall only in the fact that it is the first novel written in Latin America, but, also, by being from 1816 and to embody in its diegesis (Genette, 1979) the criticality embedded in the Latin American literary expressions from the mid-20th century that Santiago enunciaded in the 1970s. This way, it is fundamental that we translate it to the Brazilian Portuguese language with the objective of retrieving and remeaning this first Latin American novel by the paths of decolonization. The objective of this thesis is to translate *El Periquillo Sarniento* (1816), by Fernández de Lizardi, to Brazilian Portuguese and to present a reflexive study about the work. Our research is bibliographic and the criteria are of qualitative research. Thus, in this study, we rely on the contributions of Choza and Ponce-Ortiz (2010), Ruiz Barrionuevo (2008), Palazón Mayoral (2001, 2012, 2016), Silva and Dantas (2017). Next, by bringing some theoretical foundations about the picaresque of the 15th and 16th century, we reflect on the anthropophagic and transcultural process (Rama, 2008) that Fernández de Lizardi carries out on them, supported by the assumptions of González (1988; 1994; 2010), Ferreira (2008), Ruiz Barrionuevo (2008), Bobadilla Encinas (2008), Rosetti (2011), Palazón Mayoral (2013) and Botoso (2016), among others. The comparative literature studies are done based upon Uslar Pietri (1969), Pérez Firmat (1990), Paz (1981; 1991; 1994; 1998), Bellei (2000), Coutinho (1995; 2003; 2004). By approaching the novel as a narrative from the 19th century, its impact at the time and the relations of this impact in Brazil, we make use of, in specific, the studies of Candido (1975), Lajolo and Zilberman (1998), Ferreira (2000), Silva (2004; 2009), Ferreira Jr. (2010), Almeida (2011), Cerqueira (2011; 2013), Oliveira and Oliveira (2014). Finally, we approach the contemporary theories that refer to the translation process, highlighting the studies of Even-Zohar (1990), Lefevere (1994), Villalta (1997), Rodrigues (1999), Pagano (2000), Bassnett (2003), Wyler (2003), Venuti (2002), Martins (2011), among others. This research contributes to filling the existing gap in the knowledge of the trajectory of Latin American/Hispanic American literature in the Brazilian reader, as well as in the readers of all other Portuguese-speaking peoples and ways for the still necessary awareness, in Latin American, of the rooted colonizing actions operated from the spaces of power (Bourdieu, 1989).

KEYWORDS: *O Periquinho Sarnento* (2024). Comparative Literature. Fernández de Lizardi. Literary Translation. Transculturalization.

DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. **O Periquinho Sarnento (2024)**: una traducción transcultural de la obra de José Joaquín Fernández de Lizardi (1816) al portugués brasileño - reflexiones sobre la primera novela latinoamericana. 2024. 1029f. Tesis (Doctorado en Letras) – Programa de Postgrado en Letras – Universidad Estatal del Oeste del Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2024.
Director: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMEN

El *corpus* de este estudio se concentra en *El Periquillo Sarniento* (1816), del mexicano José Joaquín Fernández de Lizardi (1771-1827), obra que no tenía traducción conocida a la lengua portuguesa hasta nuestros días. Esta traducción forma parte de las propuestas de investigación del Grupo Resignificaciones del pasado en América: lectura, escritura y traducción de los géneros híbridos de historia y ficción - vías para la descolonización", y se ajusta a las expectativas del Programa de Postgrado en Letras - PPGL - de la UNIOESTE/Cascavel-PR. Nuestra lectura nos condujo a inferir que la importancia de esta obra de Fernández de Lizardi no recae apenas en el hecho de ser la primera novela escrita en América Latina, sino, también, de ser de 1816 e incorporar a su diegesis (Genette, 1979) la criticidad contenida en las expresiones literarias latinoamericanas de mediados del siglo XX, que Santiago (2000) enunció en la década de 1970. De este modo, es fundamental realizar su traducción al portugués brasileño con el objetivo de rescatar y resignificar, por las vías de la traducción, esa primera novela latinoamericana. El objetivo de la tesis es traducir *El Periquillo Sarniento* (1816), de Fernández de Lizardi, para el portugués brasileño y presentar un estudio reflexivo sobre la obra. Nuestra investigación es bibliográfica y los criterios son de orden cualitativo. Así, en este estudio contamos con las contribuciones de Choza y Ponce-Ortiz (2010), Ruiz Barrionuevo (2008), Palazón Mayoral (2001, 2012, 2016), Silva y Dantas (2017). En seguida, al traer algunos fundamentos teóricos sobre la picaresca de los siglos XV y XVI, reflexionamos sobre el proceso antropofágico y transcultural (Rama, 2008) que de ellas realiza Fernández de Lizardi, apoyados en las premisas de González (1988; 1994; 2010), Ferreira (2008), Ruiz Barrionuevo (2008), Bobadilla Encinas (2008), Rosetti (2011), Palazón Mayoral (2013) y Botoso (2016), entre otros. Los estudios de la literatura comparada son realizados con base en Uslar Pietri (1969), Pérez Firmat (1990), Paz (1981, 1991, 1994, 1998), Bellei (2000), Coutinho (1995; 2003; 2003). Al abordar la novela como narrativa del siglo XIX, su impacto en la época y las relaciones de ese impacto en el Brasil, nos valem, en especial, de los estudios de Candido (1975), Lajolo y Zilberman (1998), Ferreira (2000), Silva (2004; 2009), Ferreira Jr. (2010), Almeida (2011), Cerqueira (2011; 2013), Oliveira e Oliveira (2014). Finalmente, abordamos as teorías contemporáneas que se refieren al proceso de traducir, destacando los estudios de Even-Zohar (1990), Lefevere (1994), Villalta (1997), Rodrigues (1999), Pagano (2000), Bassnett (2003), Wyler (2003), Venuti (2002), Martins (2011), entre otros. Esta investigación contribuye a rellenar la laguna existente sobre el conocimiento de la trayectoria de la literatura latinoamericana/hispanoamericana para el lector brasileño, así como en todos los demás pueblos hablantes de la lengua portuguesa y vías para la aún necesaria concientización, en América Latina, de las enraizadas acciones colonizadoras operadas desde los espacios del poder (Bourdieu, 1989).

PALABRAS CLAVE: *O Periquinho Sarnento* (2024). Literatura Comparada. Fernández de Lizardi. Traducción literaria. Transculturación.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O CAMINHO A UM ROMANCE LATINO-AMERICANO	12
I PARTE: REFLEXÕES SOBRE A OBRA <i>EL PERIQUILLO SARNIENTO</i> (1816), DE JOSÉ JOAQUÍN FERNÁNDEZ DE LIZARDI	27
1 REVISITAÇÕES TEÓRICAS E UMA ABORDAGEM REFLEXIVA À OBRA <i>EL PERIQUILLO SARNIENTO</i> (1816)	28
1.1 DA EXISTÊNCIA LATINO-AMERICANA À CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SER: DUALIDADES IMPULSIONADORAS DE NOSSAS LITERATURAS	28
1.2 IMPORTÂNCIA DO <i>PERIQUILLO SARNIENTO</i> (1816) À ÉPOCA DE SUA PUBLICAÇÃO	52
1.3 <i>EL PERIQUILLO SARNIENTO</i> (1816): POSSÍVEIS VINCULAÇÕES COM A PICARESCA	64
1.4 O IMPACTO DE <i>EL PERIQUILLO SARNIENTO</i> (1816) COMO O PRIMEIRO ROMANCE LATINO-AMERICANO: REVERBERAÇÕES NA AMÉRICA LATINA	75
1.5 A IMPORTÂNCIA DA TRADUÇÃO À HISTÓRIA DA LITERATURA LATINO- AMERICANA	85
1.5.1. Noções de “marcadores culturais” na prática tradutória: dinâmicas para o trânsito cultural na tradução	97
1.5.2. O impulso da tradução ao início da escrita romanesca no Brasil: projetos nacionais discursivos	106
II TRADUÇÃO DO ROMANCE <i>EL PERIQUILLO SARNIENTO</i> (1816), DE JOSÉ JOAQUÍN FERNÁNDEZ DE LIZARDI PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO ...	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	1010
REFERÊNCIAS	1020

INTRODUÇÃO: o caminho a um romance latino-americano

Iniciamos esta tese com uma análise sobre a formação da literatura latino-americana. Em seguida, apresentamos a biografia breve de José Joaquín Fernández de Lizardi e, em seguida, algumas discussões sobre a formação da literatura latino-americana. Tudo isso se dá com o intuito de introduzirmos, assim, um estudo preliminar, que cremos ser necessário antes de o leitor brasileiro entrar em contato com a tradução do primeiro romance escrito no espaço histórico-cultural da América Latina.

Esse primeiro romance escrito na América Latina demonstra o que Octavio Paz ([1990] 1994, p. 432) afirmou sobre nossas literaturas: elas não se mostraram acomodadas e passivas diante da instabilidade do proceder das línguas transplantadas às nossas terras. Esse, talvez, tenha sido um processo mais silencioso, contudo violento, de agressão à pureza imposta e esperada, de modo que, logo, nossas literaturas deixaram de ser ecos do paradigma europeu para se revelar em suas nuances híbridas e transculturais¹ (Rama, 2008). A herança foi recebida, ou na “negação” ou na mais reiterada “réplica²”, sendo, de qualquer modo, substrato que alimenta o fazer literário de nossos representantes mais destacados, assentados no caráter barroco, conflitivo, híbrido, sincrético de nossas expressões.

Desse modo, a produção do primeiro romance na América Latina, ocorrida em 1816, no espaço histórico-cultural do então ideário romântico de nação mexicana, pelo projeto estético-ideológico de José Joaquín Eugenio Fernández de Lizardi Gutierrez³ (1776-1827), com a publicação de *El Periquillo Sarniento*, dá novo impulso às transformações da “língua transplantada” frente à “unidade linguística”, desejada pela metrópole na colônia latino-americana. Tal obra, cronologicamente, encontra-se

¹ Nesta tese, utilizamos os estudos de Ángel Rama, sobretudo a partir da obra *Transculturación narrativa en América Latina* (2008). De igual modo, outro referente importante, com relação a esse conceito, é Fernando Ortiz e sua obra *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (1978).

² Referimo-nos a: “Nossas literaturas não viveram passivamente as vicissitudes das línguas transplantadas: participaram do processo e o apressaram. Logo, deixaram de ser meros reflexos transatlânticos; algumas vezes foram a negação das literaturas europeias e outras, com mais frequência, sua réplica” (Paz, 2017, p. 70-71, tradução de Eduardo Jardim).

³ Palazón Mayoral oferece o nome completo do autor em seu livro: *Periquillo Sarniento: ¿sarna pícara? ¿o pícara culposa?* (2013, p. 12). Para mais informações, consultar nossas referências, nas quais consta o referido texto.

inserida no panorama do Romantismo mexicano, embora – como observamos e expomos mais adiante – já seja resultado de um processo cultural oriundo das bases da ilustração americana.

O autor desse primeiro romance mexicano, José Joaquín Fernández de Lizardi (1776-1827)⁴, é considerado o iniciador da tradição romanesca na América Latina. Segundo relata Palazón Mayoral (2012), ele estudou gramática, retórica e filosofia com professores particulares entre os anos de 1792 e 1798. Ainda, de acordo com os estudos de Palazón Mayoral (2012), Fernández de Lizardi, em 1798, inscreveu-se na Real e Pontificia Universidad para seus estudos de bacharelado, contudo, não finalizou nenhuma formação devido à morte do seu pai, no mesmo ano. Em 1810, o escritor trabalhou no posto de juiz interino, em Taxco, substituindo um espanhol que tinha fugido diante da proximidade das tropas insurgentes (Palazón Mayoral, 2012).

Ruiz Barrionuevo⁵ (2008) e Palazón Mayoral (2012) informam que Fernández de Lizardi, no contexto do levantamento independentista de Miguel Hidalgo, com o Grito de Dolores, nesse mesmo ano, quando efetivamente chegaram os insurgentes à sua jurisdição, durante sua função de juiz interino em Taxco, em lugar de reprimi-los, recebe-os e lhes providencia pólvora, sob o pretexto de afastá-los rapidamente da cidade. Para as autoridades coloniais, essa foi uma clara evidência sobre a preferência política de Fernández de Lizardi. Devido a isso, perdeu seu cargo e bens materiais.

De acordo com os dados apresentados por Ruiz Barrionuevo (2008), Fernández de Lizardi, em 1811, é julgado, pelo evento descrito acima, na Cidade do México, lugar onde permanece vivendo da sua atividade jornalística, sempre voltada à preocupação social, política e satírica. Depois da promulgação de liberdade de

⁴ Palazón Mayoral (2013, p. 19) comenta: “*Nuestro autor tuvo la suerte de morir sin padecer la invasión francesa y la pérdida de la mitad del territorio nacional*” [Nossa tradução: Nosso autor teve a sorte de falecer sem sofrer a invasão francesa e a perda da metade do território nacional].

⁵ Carmen Ruiz Barrionuevo é catedrática do departamento de Literatura Espanhola e Hispano-americana da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Salamanca. Ela é a editora responsável e autora do estudo introdutório da edição de *El Periquillo Sarniento*, publicada pela Editora Cátedra – Letras Hispánicas, publicada em 1997 e a segunda publicação realizada em 2008. Esta última serve de base para a nossa tradução do romance de Fernández de Lizardi ao português.

imprensa⁶ pelas Cortes de Cádiz, em 1812, Fernández de Lizardi publica seu primeiro jornal, *El Pensador Mexicano*, nome que ele mesmo tomara como pseudônimo.

Ruiz Barrionuevo (2008) e Palazón Mayoral (2012) concordam que o teor crítico das suas publicações levou o autor, constantemente, a ser preso, sem que deixasse de publicar seus jornais. Suas ideias são reformistas e, por tal motivo, ele ganhou muitos inimigos entre os altos cargos da colônia. Em 1814, advogou a favor da abolição da Inquisição (Fernández Arias, 1995). Em 1816, sem a liberdade de imprensa, observa-se uma expansão do seu ideário liberal independentista e a censura seguiu-lhe os passos, dificultando, cada vez mais, a publicação dos seus jornais⁷.

Conforme Ruiz Barrionuevo (2008), a necessidade prática foi o que obrigou Fernández de Lizardi a exercer suas faculdades narrativas, pois o jornalista calculou que, desse modo, conseguiria levar suas ideias ao povo e, ao mesmo tempo, poderia se sustentar economicamente. No contexto de conflitos vivenciados pelo escritor, devemos levar em conta que ele viveu das suas publicações, portanto, *“El Periquillo Sarniento (1816) parece surgir así, por una necesidad más vital que literaria”* (Ruiz Barrionuevo, 2008, p. 13). Logo, o escritor vendeu seu romance pelo método conhecido como *‘novela por entregas’*⁹. De acordo com a pesquisadora, usar folhetins

⁶ Palazón Mayoral (2016) aponta que a liberdade de imprensa pelas Cortes de Cádiz foi aprovada em 1810, na Espanha, mas somente chegou a efeito em 1812 nas colônias americanas espanholas. Por outro lado, Vogeley (2004, p. xiv-xv), aponta que a liberdade de imprensa na Nova Espanha terminou em 1815, com a devolução do trono a Fernando VII: *“Yet the brief period of debate the free press permitted seems to have set ordinary Mexicans to writing and reading their own literature. They began to examine their own needs and to reject the lessons Spanish governmental and Church representatives had taught. They learned to tolerate different points of view in a way that suggested orthodoxy was yielding to heterodoxy. The new books that were being imported as a result of port official's laxness and changing political loyalties encouraged rereadings of sacred texts, and access to prohibited works”* – [Nossa tradução: No entanto, o breve período de debate que a imprensa livre permitiu parece ter colocado os mexicanos comuns a escrever e a ler a sua própria produção literária. Eles começaram a examinar suas próprias necessidades e a rejeitar as lições que o governo espanhol e os representantes da Igreja haviam-lhes ensinado. Eles aprenderam a tolerar diferentes pontos de vista de uma forma que sugeria que a ortodoxia perdia para a heterodoxia. Os novos livros que estavam sendo importados, como resultado do relaxamento dos oficiais do porto e da mudança de lealdades políticas, incentivaram a releitura dos textos sagrados, e o acesso a obras proibidas].

⁷ Conforme Ruiz Barrionuevo (2008), em 1815 apareceu seu jornal *Las sombras de Heráclito y Demócrito* e, em maio do mesmo ano, *Alacena de las Frioleras* e, em agosto de 1816, *Cajoncitos de la Alacena*.

⁸ Nossa tradução: *“El Periquillo Sarniento (1816) aparentemente surge mais por uma necessidade de sobrevivência do que de escrever literatura”*.

⁹ De acordo com Boyer (1997, p. 87-88), *“a novela por entregas, ou ‘romance por entregas’, assemelha-se, tanto pelo conteúdo como pelas suas modalidades de difusão, ao romance-folhetim, à francesa e ao romance popular da Belle Époque, mas comportou, não obstante, formas e temas próprios. Papel*

apresentava somente vantagens: era de fácil consumo; tinha baixo custo; era facilmente distribuído, pois chegava a todas as classes sociais; divulgava a ideologia crítica de Fernández de Lizardi, educando seus leitores; e conseguia evadir, facilmente, a censura. A primeira edição apareceu em folhas soltas¹⁰. Os três primeiros tomos foram comercializados sem oferecer problemas, porém, os tomos quarto e quinto foram proibidos pelo censor, sendo publicados somente *post-mortem*, entre 1830 e 1831¹¹.

Ao longo da leitura da obra, o leitor dá-se conta de que a linguagem utilizada por Fernández de Lizardi é formal, porém há, também, expressões idiomáticas, refrãos e vocabulário típico da Nova Espanha¹², de inícios do século XIX, para recriar a expressividade da variante linguística própria desse território. Esse processo de escrita impregna seu texto com uma linguagem característica na qual são abundantes

de má qualidade, impressão com caracteres grandes, uso de grandes margens, escolha de um título ruidoso para cada episódio, contendo uma trintena de páginas e que é vendido todas as semanas, geralmente aos sábados: eis as características familiares. E a ‘novela por entregas’, no que respeita aos seus modos de difusão, presta-se, também ela, a todas as combinações editoriais: o editor pode publicar o seu romance por episódios isolados, pode inserir um destes no interior de um periódico, pode, até mesmo, se não conseguiu vender todos os exemplares, ou se as assinaturas cessaram em determinado momento, ligar os restantes fascículos de um modo muitas vezes bastante rudimentar para distribuí-los sob a forma de volumes. As ‘novelas por entregas’ estão, geralmente, ornamentadas com ilustrações, as quais, por vezes, não correspondem ao texto, porque são importadas de Paris e tomadas de empréstimo de outros romances. Este tipo de publicação conheceu um grande impulso a partir de 1840, na Espanha inicialmente: mais de cem editores de Madrid e Barcelona, entre 1840 e 1870, escoam tais textos”. No entanto, já em 1816, no México, Fernández de Lizardi utiliza-se desse método na sua região. O autor, de acordo com Ruiz Barrionuevo (2008), produziu muitos folhetins, os quais foram reunidos em treze tomos, sob a pesquisa de Palazón Mayoral, mas que, ainda – na data da edição de *El Periquillo Sarniento*, em 2008 –, duzentos e cinquenta folhetins, todavia, não tinham sido organizados, além dos considerados perdidos, dispersos e não achados até então. Em seguida, a editora aponta o número, aproximado, de 300 folhetins publicados pelo escritor mexicano”. (Para mais informações, consultar a edição de *El Periquillo Sarniento*, de Ruiz Barrionuevo (2008, p. 67)).

¹⁰ Ruiz Barrionuevo (2008, p. 67) destaca que “*la primera edición de El Periquillo Sarniento apareció en 1816 en pliegos sueltos y progresivas entregas*” – [Nossa tradução: a primeira edição de *El Periquillo Sarniento* apareceu em 1816, em folhas soltas e sucessivas entregas].

¹¹ O próprio autor publica, no tomo IV, a cópia dos documentos manuscritos com os quais o governo espanhol justifica a censura desses dois tomos. Os manuscritos antecedem o capítulo IV do tomo IV.

¹² Em 1535 foi criado o vice-reinado da Nova Espanha, primeiro vice-reino da América. Inicialmente consistiu dos territórios atuais da região do istmo do Panamá e os estados estadunidenses atuais da Califórnia, Texas e Novo México, além do Caribe e as Filipinas. O Vice-reinado teve uma duração de 286 anos, se tomarmos em conta o ano de 1821 como o ano da sua independência. No entanto, apenas em 1836 Espanha reconheceu oficialmente sua emancipação. Para mais informações, visitar: <http://www.megatimes.com.br/2013/07/vice-reino-da-nova-espanha.html>. Acesso em 27 out. 2021. Sugerimos a leitura do texto de Cosentino (2016) que discorre sobre uma comparação de como foram administrados os governos de ultramar coloniais do Estado do Brasil e do Vice-Reino da Nova Espanha. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/24683/17818>. Acesso em: 27 out. 2021.

os “marcadores culturais¹³” (Aubert, 2006) que revelam a essência latino-americana dessa escrita feita em “língua transplantada” (Paz, 1994).

Fernández de Lizardi escreveu para uma população “*mayoritariamente no hispanohablante*¹⁴” (Palazón Mayoral, 2013, p. 40), registrando os desvios da norma padrão. Nesse sentido, acreditamos que o público leitor/ouvinte do *Periquinho* seja a população castelhanizada do México. Palazón Mayoral (2013, p. 41) afirma que a riqueza léxica daquele texto original, no entanto, “*ha desaparecido en el intercambio con los medios de comunicación masivos*¹⁵” e, desse modo, entendemos que o texto que hoje temos à disposição sofreu modificações e não há acesso aos primeiros exemplares. Esse registro da riqueza léxica na literatura não era comum na escrita literária da colônia. Por outro lado, de acordo com a estudiosa, os literatos da Nova Espanha pretenderam imitar a variante escrita da metrópole sem sucesso, pois se publicavam textos que misturavam as variantes peninsulares. Desse modo, ainda que muito criticado, Fernández de Lizardi instala um precedente e registra a variante falada no contexto da Nova Espanha de inícios do século XIX.

Fernández de Lizardi, um iluminista¹⁶ mexicano católico, jornalista de ofício, empenhado em defender os ideais iluministas, publicou, além de *El Periquillo*

¹³ Indicação: No âmbito da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – existe o Projeto de Pesquisa “Estudo de Marcadores Culturais: banco de dados e construção de um dicionário online bilíngue”, liderado pelo professor Patricio Nunes Barreiros. Nessa tese, consultamos as seguintes dissertações: de Aline de Freitas Santos, *Os marcadores culturais do domínio ideológico na tradução de Macunaíma e o protótipo do glossário bilíngue* (2021); de Luciane Santos Soares, *Estudo dos marcadores culturais na tradução de Capitães da Areia para a língua espanhola* (2021); e de Aline Kercia Sampaio Oliveira Bento, *Os marcadores culturais da gastronomia afro-baiana na tradução para o espanhol em Dona Flor e seus dois maridos* (2020). Para mais informações sobre o projeto de pesquisa, acessar: <http://www.mel.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=93>. Acesso em 08 jun. 2021. O link de acesso aos estudos mencionados será adicionado quando estiver disponível na: http://tede2.uefs.br:8080/?locale=pt_BR.

¹⁴ Nossa tradução: “majoritariamente não hispano-falante”. Nota da Tradutora: De acordo com os dados do censo de 1810, de uma população total de 6.122.354 habitantes, 18% eram brancos, 22% mestiços e 60% indígenas. Em confluência, Dorothy Tanck de Estrada (2018) mostra no seu estudo documentos que afirmam que a castelhanização dos povos nativos ainda era um problema no ano de 1770 para o governo colonial espanhol. “*la mayoría de la población no sabía el idioma de la madre patria*” – [Nossa tradução: a maioria da população não sabia a língua da mãe pátria]. Para mais informações, visitar: <https://mexico.leyderecho.org/poblacion-del-siglo-xix/> e <https://www.elem.mx/estgrp/datos/292>. Acesso em: 13 nov. de 2022.

¹⁵ Nossa tradução: “desapareceu no intercâmbio com os meios de comunicação massivos”.

¹⁶ O Iluminismo na América hispânica e portuguesa é diferente do europeu pela influência da religião católica, em especial, pelo trabalho dos jesuítas. Assim, os elementos racionais do iluminismo não eram seguidos e existe uma relação harmônica entre a razão e a fé. O iluminismo chegou nesses países e respectivas colônias para manter a ortodoxia católica e o *status quo* estabelecido. Na Espanha, foi introduzido pelo frei Benito Jerónimo Feijoo e, em Portugal, a partir do Marquês de Pombal. Os

Sarniento (1816), outros romances: *Fábulas* (1817), *Noches tristes* (1818), *La Quijotita y su prima* (1818-1819) e *Don Catrín de la Fachenda* (1820). Na edição de *El Periquillo Sarniento* (1816), de Ruiz Barrionuevo (2008), encontram-se listados todos os seus jornais, folhetos, entre outras publicações, que são uma amostra do seu compromisso político.

Ainda no contexto cronológico do Romantismo mexicano, em 1826, outro título importante veio à luz: *Xicoténcatl*¹⁷, de autoria anônima. Essa narrativa foi o primeiro romance histórico escrito na América Latina, produzida, também, no México, por um autor anônimo, e publicado, pela primeira vez, em língua castelhana, na Filadélfia, Estados Unidos.

No ano de 2020, essa importante obra híbrida de história e ficção mexicana foi, pela primeira vez, traduzida à língua portuguesa pelo professor Gilmei Francisco Fleck. Entretanto, até o momento, não temos informações sobre a tradução ao português do primeiro romance mexicano e latino-americano, *El Periquillo Sarniento* (1816). Este é o problema que a presente tese pretende resolver ao se executar, nela, a tradução da obra inaugural da prosa de Fernández de Lizardi para o português do Brasil, oportunizando aos diferentes leitores dessa língua neolatina – geograficamente localizados em distintas partes do mundo – o acesso ao primeiro texto do gênero romanesco produzido no espaço geo-histórico e cultural da América Latina. Tal acesso à obra, ao nosso ver, pode contribuir com o preenchimento de uma lacuna existente no conhecimento da trajetória da Literatura Latino-americana/Hispano-americana, ao leitor brasileiro¹⁸, bem como com a de todos os demais povos falantes de língua portuguesa.

seguidores desse movimento filosófico são chamados de iluministas, ou *ilustrados*, na língua espanhola. Informações retiradas de: <https://www.feandalucia.ccoo.es/docu/p5sd6960.pdf> e <https://core.ac.uk/reader/328074230>. Acesso em: 31 jan. 2021.

¹⁷ O primeiro romance histórico, já de teor crítico, escrito na América Latina sobre o domínio do império mexicano, por Hernán Cortés, e a luta do jovem autóctone Xicoténcatl para defender seu povo e seu território dessa invasão não gerou uma modalidade consolidada em sua época (Del Pozo González, 2017), porém, esse romance anônimo mexicano é considerado o germe da escrita híbrida de história e ficção crítica que, no século XX, com *Mi Simón Bolívar* (1930), do colombiano González Ochoa e *El reino de este mundo* (1949), do cubano Alejo Carpentier, viria a instaurar uma modalidade consolidada de releitura ficcional crítica da história pela ficção. Por outro lado, romances históricos tradicionais, que corroboravam as versões hegemônicas da história dos invasores que conseguiram dominar um império, foram produzidos na América desde o surgimento da modalidade, especialmente nos Estados Unidos da América, ainda no romantismo europeu.

¹⁸ Ainda que a literatura brasileira esteja dentro do conjunto maior da Literatura Latino-americana, o leitor brasileiro não foi instruído, formalmente, ao longo do tempo sobre a história da literatura hispano-americana, cujo desenvolvimento ocorreu paralelamente à literatura brasileira.

Essa ação encontra-se inserida no contexto de estudos do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do Passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos da história e ficção – vias para a descolonização”, na linha de pesquisa “A tradução no espaço latino-americano: práticas tradutórias e sua importância”. Do mesmo modo, o estudo e a prática aqui efetuados estão vinculados ao Programa de Pós-graduação em Letras da Unioeste-Cascavel/Paraná, na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: estudos comparados.

No Brasil, a tradição romanesca, por outro lado, apenas se inicia em 1843, com a obra *O filho do pescador*, de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa e *A moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo. Todavia, nessa época, no Brasil, a escrita romanesca não teve aceitação geral e a sua produção foi abandonada, sendo retomada a partir de 1850 (Cerqueira, 2013). Portanto, como podemos constatar, outro fenômeno acontece no contexto da América Hispânica¹⁹: a produção romanesca, a partir do início do século XIX – mais precisamente a partir de 1816, com a publicação de *El Periquillo Sarniento*, de Fernández de Lizardi –, seria amplamente produzida e consumida, sendo impulsionada por distintos fatores, com destaque para os político-sociais que emolduraram, em especial, os processos de independência na América Hispânica (Sommer, 2004).

Martins (2011), em seu artigo “O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários”, discute como os sistemas literários em formação, como o nosso, têm na tradução de obras estrangeiras um aporte importante, já que as traduções integram-se às tradições literárias para ocupar um nicho, até então, vago nesse sistema, e, a partir daí, as novas produções iniciam uma tradição literária na cultura receptora que, do contrário, sem esse processo de publicação da tradução, não teria acontecido. Nossa tese justifica-se, assim, pelo fato de *El Periquillo Sarniento* (1816), de Fernández de Lizardi constituir-se no ponto inicial da trajetória do romance no contexto latino-americano. Essa lacuna na cultura literária brasileira pode haver sido uma das causas do atraso no desenvolvimento e na aceitação dessa forma literária

¹⁹ O fenômeno romanesco, no contexto da América Hispânica, obedece diretrizes não apenas literárias, mas, também, políticas e culturais centradas no início das independências e nos projetos nacionalistas. Esse tópico será, brevemente, comentado neste estudo nas seções seguintes, sobretudo na seção 1.2. *El Periquillo Sarniento* (1816): possíveis vinculações com a picaresca e 1.3 O impacto de *El Periquillo Sarniento* (1816) como primeiro romance latino-americano: reverberações na América Latina.

no nosso país. Tal gênero literário seria aquele que, no século XX, lançaria a produção latino-americana ao mundo, no contexto do *boom* da literatura latino-americano.

Ao gênero romanesco devemos, com mais ênfase, o fato de haver sido ele o meio de projetar para o mundo, a partir da metade do século XX, imagens das terras e dos povos submetidos pela Espanha unificada e por Portugal, como potência ultramarina do final do século XV e inícios do século XVI, distintas daquelas estereotipadas nas escritas de quem participou na tomada de posse do território americano para os impérios peninsulares e cronistas do passado colonial latino-americano. Nessas produções, a língua transplantada floresce em todo seu esplendor por meio do experimentalismo linguístico, adotado por um grande número de romancistas renomados das terras latino-americanas, como via de descolonização.

Nesta tese, valemo-nos da perspectiva crítica de que a trajetória da escrita romanesca no Brasil inicia-se a partir da influência do modelo romanesco francês, recepcionado por meio da tradução do romance *Le capitaine Paul* (1843), de Alexandre Dumas, traduzido no Brasil para o português e publicado no mesmo ano de seu lançamento na França. É, contudo, entre 1843 e 1844, que são publicados os dois primeiros romances brasileiros, como detalhamos a seguir.

A trajetória da escrita romanesca brasileira foi iniciada quase três décadas depois da publicação de *El Periquillo Sarniento* (1816) no México. Como já relatado anteriormente, a primeira ocorrência da prosa romanesca em terras brasileiras dá-se com o *O filho do pescador* (Teixeira e Sousa, 1843) – considerado pela crítica literária como o primeiro romance brasileiro (Almeida, 2011). Nesse sentido, Almeida (2011), em seus estudos, vale-se da voz do crítico Nelson Werneck Sodré (1976) para revelar como a crítica limita o reconhecimento do romance do escritor Teixeira e Sousa ao “mérito da precedência, e quase tão somente esse mérito” (Sodré, 1976 *apud* Almeida, 2011, p. 223), pois muitos autores, entre eles Antonio Candido (1975), consideram-no de qualidade literária de ‘terceiro plano’.

Já *A moreninha* (Macedo, 1844) é lido pela crítica como romance “pequeno”, já que seu valor literário “é principalmente social, pelo fato de ele se ter esforçado em transpor a um gênero novo entre nós os tipos, as cenas, a vida de uma sociedade em fase de estabilização, lançando mão de estilo, construção, recursos narrativos [...]” (Candido, 1975, p. 137). Essa obra, à diferença da outra, recebeu críticas por ainda estar, à época, estritamente vinculada aos ditames europeus.

Silva (2004, p. 4) cita o manual “Curso de Literatura Nacional, do cônego Fernandes Pinheiro, antologia de textos utilizada pelos alunos do Colégio Pedro II”, como ferramenta de análise das primeiras obras brasileiras, obra na qual Teixeira e Sousa é chamado de “romancista fecundo e imaginativo” e alude à sua “merecida reputação”. Graças a esse manual, mencionado por Silva (2004), verificamos como, ao longo do tempo, mudou a posição da crítica literária brasileira com respeito aos modelos de escrita a serem considerados como elevados, dignos de leitura.

A história da literatura comparada ensina-nos que, ao longo do tempo, os métodos científicos são passíveis de mudanças, podendo-se tornar, às vezes, instrumentos obsoletos. Desse modo, entendemos que os modelos que antanho serviram de parâmetro, hoje são tidos como inadequados. Entendemos que, a partir do século XX, a crítica tomou como paradigma critérios e modelos europeus para avaliar obras do contexto inicial de nossa produção romanesca.

Nosso contexto é diferente do europeu, devido a nossa literatura “escrita” ter se formado muito depois daquela que se toma como parâmetro. A literatura latino-americana, em muitos pontos, é uma literatura jovem diante da já consolidada literatura europeia. Herdeiros, pois, desse passado de submissão aos ditames europeus – que se estenderam a todas as áreas imagináveis –, nossa produção literária possui outros fundamentos, representa outra realidade e se configura a partir de elementos estranhos aos considerados normais pelo cânone ocidental, dominado pelo modelo europeu e, em parte, também, pelo estabelecido nas escritas estadunidenses, culturas que primaram pela unidade e pureza como valores.

Frente a objetos diferenciados, a prática escritural literária na América Latina, valendo-se das línguas transplantadas, viveu, sempre, entre a submissão ao cânone ou aos enfrentamentos desse pela cultura das diferenças, um caminho que mostra, também, a trajetória da consciência de ser latino-americano, de aceitação da base híbrida e mestiça de nossa configuração multi, pluri e transcultural. Assim, incorporando as influências sofridas, deglutindo antropofágica e culturalmente os elementos de “pureza e unidade” das matrizes linguísticas europeias e transformando-os, pelo vigor adquirido no “transplante”, opera-se, na América Latina, um trabalho com a linguagem – como matéria fundamental da arte literária – com base em outros paradigmas: a hibridação, o sincretismo, a transculturalidade, entre outras bases que sustentam nossa escrita ficcional.

Para nós, latino-americanos, a busca por uma poética mais própria tem um paralelo histórico nas repetidas e diversas tentativas de atualização de nossas nações – ou “tentativas de modernização”, expressão utilizada por Paz (1994), como podemos conferir, a seguir:

*[...] la idea de modernidad es un sub-producto de la concepción de la historia como un proceso sucesivo, lineal e irrepitable [...] El hombre moderno se ha definido como un ser histórico. [...] Simultaneidad de tiempos y de presencias: la modernidad rompe con el pasado inmediato sólo para rescatar al pasado milenario y convertir a una figurilla de fertilidad del neolítico en nuestra contemporánea*²⁰ (Paz, 1994, p. 438-442).

Compreendemos que o sentido para o termo “modernização²¹”, presente no trecho de Paz, conflui com o que Rama (2008) entende por transculturação, a partir da descrição do termo por Fernando Ortiz (1978), enquanto à sua aplicação na literatura. Desse modo, entendemos que se trata do processo de transculturação narrativa (Rama, 2008) na literatura latino-americana, que se refere àquela repescagem de modelos outros, aquela tentativa de renovação com o intuito de abandonar os componentes considerados obsoletos, inclusive a ação de incorporar novos paradigmas de modo a recompor todos os elementos, antigos e novos, para criar modalidade de produção literária. Esse processo é abordado, também, pelas teorias que estudam a tradução como força modeladora do polissistema literário receptor à qual nos referimos a seguir.

A teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1990) e a pesquisa de Martins (2011) levam-nos a acreditar que uma tradução da obra inaugural do gênero

²⁰ Tradução de Eduardo Jardim: “A ideia de modernidade é um subproduto da concepção da história como sendo um processo sucessivo, linear e irrepetível [...]. O homem moderno se definiu como um ser histórico. [...] Simultaneidade de tempos e de presenças: a modernidade rompe com o passado imediato para logo resgatar o passado milenar e converter uma figurinha de fertilidade do Neolítico em nossa contemporânea” (Paz, 2017, p. 83-91).

²¹ Nós, como aprendizes, entendemos o signo “modernização” como ponto de referência à episteme eurocêntrica. Portanto, acreditamos que nossos estudos aderem aos estudos sobre “colonialidade do poder”, de Quijano e Wallerstein (1992), em confluência com a hipótese veiculada pelos estudos de Mignolo (2005; 2020), que tratam da transmodernidade, nos quais considera-se o signo “modernidade” como apenas um ponto da dicotomia modernidade/colonialidade. Assim, nosso Grupo de Pesquisa pretende refletir sobre a incidência do paradigma europeu e as vozes apagadas em seus registros, a diversidade, as consciências duplas (Mignolo, 2005). O conceito apregoado por Paz (1994) ainda não toma em conta a nova perspectiva da transmodernidade para os estudos de literatura comparada na América Latina.

romanesco no contexto das independências latino-americanas, elaborada antes da época da publicação dos dois primeiros romances brasileiros, poderia ter contribuído a uma profícua produção romanesca brasileira antes de 1843 e, talvez, induzido os romancistas brasileiros a uma maior liberdade em relação aos preceitos europeus imperantes à época ao se aventurar na produção desse gênero literário.

O objetivo da presente tese é, pois, traduzir a obra de Fernández de Lizardi à língua portuguesa, na variante brasileira, e, de forma introdutória, apresentar um estudo reflexivo sobre ela. Nesse estudo introdutório à tradução de *El Periquillo Sarniento* (1816), nossa intenção é, também, a de responder às questões que impulsionam nossa pesquisa: Qual a importância dessa obra de Fernández de Lizardi para a América Latina? *El Periquillo Sarniento* (1816) é uma obra vinculada à tradição picaresca? Qual foi o impacto do romance na época de sua publicação e quais são as suas possíveis relações com o Brasil? E, por último, qual a importância da tradução para a história da literatura latino-americana?

A metodologia aplicada ao longo da pesquisa está vinculada aos preceitos da literatura comparada, à revisão bibliográfica, à teoria e à prática tradutória, à pesquisa de cunho qualitativo, bem como à história da literatura latino-americana. Portanto, procedemos, primeiramente, a uma revisão bibliográfica a conceitos pertinentes às áreas atreladas à pesquisa em questão com o propósito de evidenciar a fundamentação teórica ao estudo e à prática efetuada, bem como à identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema (Gil, 2010, p. 30), com abordagem aos teóricos que a ele façam referência para, depois, prosseguirmos com a tradução do romance em si.

Portanto, propomos uma revisão bibliográfica executada em quatro eixos: o primeiro deles fundamenta o estudo das teorias do romance latino-americano e sua gênese; o segundo eixo direciona-se aos estudos que dão ênfase ao romance picaresco; no terceiro eixo, nosso olhar volta-se à literatura comparada para abordar o tópico do romance como narrativa do século XVIII, seu impacto na época e as relações desse impacto no Brasil; e, finalmente, o quarto eixo visa discutir a importância da tradução da obra de Fernández de Lizardi (1816) para o português brasileiro em relação ao conhecimento da História da Literatura Latino-americana/Hispano-americana pelo público brasileiro e, por extensão, a todos os

falantes de língua portuguesa no mundo, com o auxílio das teorias contemporâneas que se referem ao processo de traduzir.

Nossa tese ancora-se, desse modo, numa pesquisa básica, destinada “unicamente à ampliação do conhecimento, sem qualquer preocupação com seus possíveis benefícios” (Gil, 2010, p. 27); de revisão bibliográfica com o intuito de obter fundamentos teóricos e demonstrar conhecimento das pesquisas mais atuais ao tema de estudo, a fim de alicerçar nossa prática tradutória, com vistas a disponibilizar aos leitores de língua portuguesa o texto que se constitui no primeiro romance escrito no espaço histórico, cultural e geográfico da América Latina.

Nesse sentido, Silva e Menezes (2001, p. 20) apontam que

[...] a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. [...] O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Sobre a abordagem qualitativa e seus princípios, a pesquisa proposta, bem como a prática que nela se efetua, atendem aos pressupostos requeridos para essa categorização, pois, de acordo com Sandin Esteban (2010, p. 127),

[...] a pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos.

Na mesma direção, Teis (2013) afirma que a expressão qualitativa define que o foco se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente); na ação qualitativa defende-se uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leva em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

Propomos, desse modo, realizar a tradução de *El Periquillo Sarniento* (1816), de Fernández de Lizardi, obra importante para o entendimento do progresso histórico das produções literárias na América Latina, a modo de resgatar essa obra primogênita e, assim, apresentá-la ao público geral e acadêmico brasileiro hodierno, como

subsídio para estudos posteriores sobre ela e seu significado para a História da Literatura no nosso continente. Para tanto, a tese encontra-se dividida em duas partes.

A primeira parte – “Revisitações teóricas e análise da obra” – consta de um estudo introdutório que, por sua vez, está dividido em cinco seções: a primeira, “Da existência latino-americana à construção discursiva do ser: dualidades impulsionadoras de nossas literaturas”, na qual apresentamos uma síntese da formação da literatura latino-americana desde suas bases nativas e europeias até a presença do uso consciente do signo estrangeiro (Santiago, 2000) com uma abordagem transcultural na sua reutilização (Rama, 2008), com fins americanos e para as realidades americanas. Para tal, consultamos os estudos de Uslar Pietri (1969), Henríquez Ureña (1980), Paz (1981, 1994), Coutinho (1995, 2003, 2004), Bellini (1997), Townsend (2000), Santiago (2000), O’Kuinghttons Rodríguez, (2004), Rama (2008), entre outros.

A segunda seção, “Importância do *Periquillo Sarniento* (1816) à época de sua publicação”, versa sobre a relevância dessa obra de Fernández de Lizardi na época de sua publicação para a cultura mexicana e, por extensão, à da colônia hispânica na América. Para tal, utilizamos os estudos feitos por Lacayo ([1930] 2015), Vogeley (2004), Chozza e Ponce-Ortiz (2010) e Palazón Mayoral (2001, 2012, 2016) sobre a obra do intelectual mexicano.

A terceira seção, “*El Periquillo Sarniento* (1816): possíveis vinculações com a picaresca”, está dedicada a uma breve discussão sobre a possibilidade de vinculação de *El Periquillo Sarniento* (1816) com a tradição da picaresca espanhola do século XV e XVI. Para esse propósito, buscamos apoio nos estudos de Candido (1970), Taléns (1975), González (1988; 1994, 2010), Bobadilla Encinas (2008), Ferreira (2008), Ruiz Barrionuevo (2008), Rosetti (2011), Palazón Mayoral (2013) e Botoso (2016), entre outros.

A quarta dessas seções, “O impacto do *Periquillo Sarniento* (1816) como primeiro romance latino-americano: reverberações na América Latina”, está dedicada a um breve estudo do romance de Fernández de Lizardi (1816), de forma geral, como narrativa do século XIX. Nesse espaço, abordamos o seu impacto na época e as relações desse no Brasil. Assim, valemo-nos dos estudos de Uslar Pietri (1969), Candido (1975), Henríquez Ureña (1980), Paz (1981, 1991, 1994, 1998), Sommer

(2004), Rama (2008), Cerqueira (2013), Palazón Mayoral (2012, 2013, 2016), entre outros.

Na quinta seção, “A importância da tradução à História da Literatura Latino-americana”, dividida em duas subseções: “Noções sobre marcadores culturais no exercício da prática tradutória” e “O impulso da tradução ao início da escrita romanesca no Brasil: projetos nacionais e discursivos”, verificamos aspectos que nos revelam a importância da tradução para a História da Literatura Latino-americana. Com esse intuito, realizamos a revisão bibliográfica dos pressupostos de autores como Paz (1981a), Arrojo (1986), Even-Zohar (1990), Lefevere (1994), Aubert (1995, 1998, 2003, 2006, 2006a), Villalta (1997), Rodrigues (1999), Pagano (2000), Bassnett (2003), Wyler (2003), Coutinho (1995, 2003, 2004), Venuti (2002), Martins (2011), entre outros autores que, ao longo do estudo proposto, venham a formar parte do *corpus* teórico.

A segunda parte do estudo – “Tradução do romance *El Periquillo Sarniento* (1816), de José Joaquín Fernández de Lizardi para o português brasileiro” – consta da tradução *per se* da obra elencada. Seguem, a esta segunda parte, as nossas considerações finais e as referências utilizadas ao longo da pesquisa.

Esperamos, com a realização deste estudo e de nossa prática tradutória, contribuir para as teorias desenvolvidas no seio da literatura comparada e da tradução no espaço sociocultural da América Latina. Nesse mesmo sentido, buscamos contribuir com os objetivos descolonizadores que movem os propósitos do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”.

Dessa forma, move-nos a intenção de revelar a prática da literatura comparada e da tradução como vias para a ainda necessária conscientização, na América Latina, das enraizadas ações colonizadoras operadas desde os espaços de poder. Tais poderes, ao longo dos séculos, não chegaram a considerar, em nosso país – como em outros da América –, a tradução de obras altamente significativas no âmbito historicista da produção literária, realizada por escritores do espaço colonizado, como meio para integrar e ampliar os diálogos entre essas nações antes dominadas pelas potências europeias. Essa é, pois, uma ação que fazemos em busca da ainda necessária descolonização das mentes e do imaginário latino-americano. Pelo contrário, essa camada social detentora do poder sempre apoiou e incentivou a

tradução das obras oriundas das metrópoles colonizadoras europeias como via de manutenção das influências e dos modelos forâneos postos, assim, à disposição de nosso público leitor.

Assim, a Pós-graduação em Letras da Unioeste-Cascavel/Paraná revela-se espaço essencial para tais reflexões e cumpre sua função social de buscar uma sociedade mais justa e mais humanizada pela educação gratuita e de qualidade.

**I PARTE: REFLEXÕES SOBRE A OBRA *EL PERIQUILLO SARNIENTO* (1816),
DE JOSÉ JOAQUÍN FERNÁNDEZ DE LIZARDI**

1 REVISITAÇÕES TEÓRICAS E UMA ABORDAGEM REFLEXIVA À OBRA *EL PERIQUILLO SARNIENTO* (1816)

Compreendemos que a escrita do primeiro romance mexicano e latino-americano, *El Periquillo Sarniento* (1816), do mexicano José Joaquín Fernández de Lizardi, apresenta um uso consciente do signo do estrangeiro (Santiago, 2000) para reutilizá-lo, de forma transcultural (Rama, 2008), com fins americanos e para as realidades americanas. Desse modo, a primeira parte desta tese pretende desenvolver esse raciocínio com vistas a defender a singularidade e a importância do primeiro romance de José Joaquín Fernández de Lizardi e a necessidade da sua tradução.

Para isso, passamos, na sequência, a refletir sobre o trânsito entre a existência do sujeito latino-americano e como essa foi, discursiva e escrituralmente, incorporada às expressões literárias em “línguas transplantadas” (Paz, [1976] 1981). Valemo-nos, nesse sentido, de alguns escritos de autores que marcaram, historicamente, o trajeto tanto da nossa configuração discursiva no imaginário ocidental quanto o da nossa história literária.

1.1 DA EXISTÊNCIA LATINO-AMERICANA À CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SER: DUALIDADES IMPULSIONADORAS DE NOSSAS LITERATURAS

Consideramos necessário, nesta seção, apresentar uma síntese que aborde a literatura no nosso continente como um todo. Para tanto, resgatamos uma breve aproximação à literatura oral desenvolvida no período antes da chegada de Colombo. Logo, continuamos com a chamada literatura de fundação. Essas aproximações são oferecidas com o intuito de discutir esses registros e o nascimento da literatura latino-americana, a seguir.

As culturas nativas americanas desenvolveram, ao longo de seu milenar processo histórico-cultural, diversos gêneros literários, como podem atestar vários estudos, entre os quais destacamos os de Bellini²² (1997). Esses foram cultivados, de

²² Bellini, em seu livro *Nueva historia de la literatura hispanoamericana* – [Nossa tradução: Nova história da literatura hispano-americana] (1997), menciona que as culturas que desenvolveram esse aspecto da arte são os astecas, maias e incas. Sobre as duas primeiras, discorreremos extensamente no texto.

geração em geração, especialmente, na sua forma oral²³, embora alguns deles foram registrados, também, de forma gráfica e pictórica, como o caso dos códices astecas e maias²⁴.

À chegada, os espanhóis, como era o costume do colonizador, transcreveram e conservaram os mitos indígenas, porém, não pelo puro ato abnegado, mas como estratégia para dominar, com mais eficiência, também o território cultural e intelectual dos povos subjugados (O’Kuinghttons Rodríguez, 2004). De acordo com o estudioso, “*esta empresa no fue un acto filantrópico. Al español le interesaba conocer para dominar. El registro de la literatura indígena no era movido por la admiración o por el prurito de la herencia*”²⁵ (O’Kuinghttons Rodríguez, 2004, p. 18). Podemos inferir, a partir dos extensos estudos apresentados por Bellini (1997), que os povos nativos

Sobre a cultura inca, de acordo com Bellini (1997, p. 49), ela apenas conta com registros feitos pelos europeus, dos quais constituem fontes de maior relevância as produções de Cieza de León, na obra *Del Señorío de los Incas* – [Nossa tradução: Do Senhorio dos Incas] – (1553?); os trabalhos de recopilação de Cristóbal de Molina, que reúne fábulas e ritos incaicos; o indígena Juan de Santa Cruz Pachacuti, autor da *Relación de las Antigüedades deste Reyno del Pirü* – [Nossa tradução: Antigüedades deste Reino do Peru] – (1613-1630?); Martín Morúa, que escreveu *Orígenes de los Incas* – [Nossa tradução: Orígens dos Incas] – (1590) e outro famoso indígena, Felipe Guamán Poma de Ayala, que deixou seu *El Primer Nueva Crónica y Buen Gobierno* – [A primeira Nova Crônica e Bom Governo] – (1615).

²³ O registro dos relatos orais, no caso das obras orais, foi elaborado pelos frades catequizadores. Bellini (1997) pondera que foi um trabalho de mérito por ter salvado a cultura pré-colombiana por meio da transcrição à língua castelhana, em caracteres latinos, dos relatos nas línguas nativas.

²⁴ Bellini (1997) menciona vários códices, dentre os quais nós destacamos: os da cultura asteca *Anales históricos de la Nación Mexicana* – [Nossa tradução: Anais históricos da Nação Mexicana] – (1528) e a *Historia Tolteco-Chichimeca* – [História Tolteco-Chichimeca] – (1545?) da Biblioteca Nacional de París; o manuscrito *Huehuetlatolli* (1547), da Biblioteca do Congresso de Washington; o da Biblioteca Nacional de México (1550?); o *Códice Cuahtitlán* (1558), a *Leyenda de los Soles* – [Nossa tradução: Lenda dos Sóis] – (1903); os *Anales de Cuahtitlán* – [Anais de Cuahtitlán] – (1570), entre outros. Dentre os códices maias, são mencionados: o *Codex Dresdensis* – [Nossa tradução: Códex Dresdensis] –, da Biblioteca Real de Dresde; o *Codex Tro-Cortesianus* – [Nossa tradução: Códex Tro-Cortesianus] –, do *Museo de América*, de Madrid; e o *Codex Peresianus* – [Nossa tradução: Códex Peresianus] –, da Biblioteca Nacional de París.

²⁵ Nossa tradução: Esse empreendimento não era um ato filantrópico. Era do interesse do espanhol conhecer para dominar. O registro da literatura indígena não era motivado pela admiração ou pelo desejo de salvar a herança.

cultivaram a lírica²⁶, a prosa²⁷ e o teatro²⁸, contudo, ponderamos que o *Popol-vuh* e o *Chilam Balam* são os textos mais conhecidos pelo público brasileiro como obras relevantes do período pré-colombiano.

De outro lado, com a chegada dos espanhóis ao continente, em 1492, e, na sequência, a dos outros europeus de diferentes nações colonizadoras, as tradições nativas foram, indiscriminadamente, apagadas, destruídas ou, mesmo, proibidas de serem cultivadas. Nesse processo de subjugação, apropriação e domínio, que se iniciou já no início do século XVI, era imprescindível fazer os habitantes destas terras esquecerem-se da sua cultura, de seus valores e crenças em nome de “um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua” (Santiago, 2000, p. 14). A última dessas premissas deu-se com a imposição da escrita alfabética europeia. Verificamos que, por longos séculos, a metrópole colonizadora europeia teve o controle do que era registrado sobre nós e a nossa América – tradição iniciada já nas primeiras escritas de Cristóvão Colombo (1492-1493), Pero Vaz de Caminha (1500) e Hernán Cortés (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), entre outros cronistas oficiais das potências colonizadoras de então, ou mesmo por viajantes de distintas nacionalidades europeias que por aqui se aventuraram.

²⁶ Os povos nativos mesoamericanos, de acordo com seus estudos, desenvolveram poemas épico-líricos, elegias, cantos, poesia erótica, de temas religiosos, de amor, históricos, entre outros. Na cultura inca destacam-se as formas poéticas: “‘jailli’, ‘arawi’, ‘wawaki’, ‘taki’, ‘wayñu’, ‘qháshwa’, ‘arauway’, ‘wanka’” (Bellini, 1997, p. 49).

²⁷ Bellini (1997, p. 37) reporta, sobre a cultura asteca, que Andrés de Olmos (1540) e Bernardino de Sahagún, no livro VI da *Historia General de las cosas de la Nueva España* – [Nossa tradução: História Geral das coisas da Nova Espanha] – (1499-1590), registram, em castelhano, uma coleção de textos com base no *Códice Florentino*. Do mesmo modo, o pesquisador indica a existência de obras históricas escritas pelos próprios nativos, que escreveram em latim “os fundamentos da sua cultura, as lendas, as tradições, os ritos” (Bellini, 1997, p. 37, nossa tradução). Da cultura maya, são relevantes as crônicas históricas, além do *Chilam Balam* e do *Popol-Vuh*, denominadas *Tizimín*, *Ixil*, *Kana*, *Tusik*, *Calkimí*, *Oxkutzcab*, *Nah*, *Teabo*, *Tekak* e *Maní*, entre outros. Da cultura inca, Bellini (1997) menciona que os textos em prosa foram essencialmente de caráter religiosos. Foram desenvolvidas as lendas de fundação, fábulas e relatos. Conhecemos algo sobre os registros incas graças aos autores e às obras mencionados na nota de rodapé 1.

²⁸ Bellini (1997, p. 38), a título de exemplo das amostras de teatro asteca, destaca: a *Embajada de Huexotzinco* – [Nossa tradução: Embaixada do Huexotzinco] –, o *Bailete de Nezahualcóyotl* – [Nossa tradução: Pequena dança introdutória de Nezahualcóyotl] –, o *Bailete de la Muerte de Tlacauepan* – [Nossa tradução: Pequena dança introdutória da Morte de Tlacauepan] –, a *Huida de Quetzalcóatl* – [Nossa tradução: Fuga de Quetzalcóatl]. Sobre o teatro da cultura maya, menciona que o mais importante é *Rabinal Achí*, porém ainda permanecem, mesmo que contaminados com a cultura europeia, o *Baile de los gigantes y del Güegüence o Macho-ratón* – [Nossa tradução: Dança dos gigantes e do Güegüence ou Rato Macho], drama-balé da Nicarágua. Da cultura incaica, temos, de acordo com Bellini (1997), os registros feitos pelos autores e as obras mencionadas na nota de rodapé 1.

Colombo, por exemplo, inaugurou, com seus registros *no Diário de bordo* (1492-1493), as impressões que os europeus passaram a cultivar em seu imaginário coletivo sobre a América e, inclusive, a respeito dos povos originários dessas terras. Entre essas imagens e impressões primeiras sobre as terras e as gentes com quem contatou, registradas pelo navegante e inseridas em suas escritas destinadas à rainha Isabel, incluem-se as destacadas²⁹ a seguir:

‘Yo’, dize él, ‘porque nos tuviesen mucha amistad, porque cognoçí que era gente que mejor se libraría y convertiría a nuestra santa fe con amor que no por fuerça, les di a algunos d’ellos unos bonetes colorados y unas cuentas de vidrio que se ponían al pescueço, [...], con que ovieron mucho plazer y quedaron tanto nuestros que era maravilla. [...]. Ellos andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mujeres [...], y todos los que yo vi eran todos mançebos, que ninguno vide edad de más de XXX años, muy bien hechos, de muy fermosos cuerpos y muy buenas caras’³⁰ (Varela, 1986, p. 62).

Nesse excerto, observa-se como Colombo afirma que os nativos – com os quais havia feito contato naquele mesmo dia do registro (12 de outubro de 1492) – facilmente poderiam, por serem muito dóceis e receptivos, converterem-se ao catolicismo, pois esse contingente “*mejor se libraría y convertiría a nuestra santa fe*”

²⁹ Utilizamos, para nosso estudo, a edição dos documentos completos de Cristóvão Colombo, organizados por Consuelo Varela, In: COLÓN, Cristóbal. *Los cuatro viajes. Testamento*. Edición de Consuelo Varela. Madrid: Alianza Editorial, 1986. Com relação aos fragmentos do *Diário de bordo* (1492-1493), de Cristóvão Colombo, citadas neste estudo, adotamos a versão elaborada pela estudiosa espanhola, cuja data de edição é de 1984. O *Diário* original, escrito por Colombo, foi entregue à rainha Isabel na ocasião de sua primeira travessia ao Atlântico, em março de 1493. Esse original perdeu-se entre as tantas mudanças da corte de Fernando e Isabel que, à época, era itinerante. Décadas mais tarde, o frei dominicano Bartolomé de las Casas, em seu intuito de frear o extermínio dos nativos no processo de colonização espanhola na América, encontra, em Salamanca, uma cópia do *Diário* – já em muito mal estado de conservação. Frei Bartolomé, assim, recopila o documento, renarrando, em terceira pessoa, em grande parte, aquilo que, supostamente, Colombo havia escrito, para empregar esse documento em seu projeto de arguição em favor dos nativos da América. Em algumas passagens, ele, pretensamente, transcreve, assinalando entre aspas – como na citação feita neste estudo – aquelas que seriam as palavras originárias do navegante; em outras, renarrativiza o conteúdo por meio de uma voz heterodigética; e, ainda, algumas vezes, ele mesmo – como recopilador –, interfere na tessitura do texto, fazendo comentários sobre a sua disposição. É essa versão recopilada, reescrita e reordenada por Frei Bartolomé de Las Casas que hoje temos como fonte primária dos registros de Colombo sobre as terras e gentes que encontrou no seu intento de chegar ao Japão (Cipango) e à China (Cathay), via oeste, em outubro de 1492.

³⁰ Nossa tradução: “‘Eu’, disse ele, ‘porque tiverem conosco muita amizade, porque conheci que era gente que melhor se liberaria e se converteria à nossa santa fé com amor e não por força. Dei a alguns deles uns bonés vermelhos e miçangas de vidro que se penduravam no pescoço [...], que receberam tudo com muito prazer e se tornaram tão nossos que era maravilha. [...] Eles andam todos nus como sua mãe os pariu, e também as mulheres [...] e todos os que eu vi eram todos mancebos, que nenhum vi de idade superior a XXX anos, muito bem-feitos, de corpos muito formosos e de caras muito bonitas [...]’”.

por livre e espontânea vontade – “*con amor que no por fuerça*” –, ao contrário do que se passava com os muçulmanos e os judeus na recém-unificada Espanha de 1492. O navegador coloca em destaque a nudez dos habitantes nativos da ilha de *Guanahaní* e seu porte físico bem formado, sua idade bastante jovem e a cordialidade no tratamento por eles recebido. Algumas dessas observações primeiras do europeu recém-chegado calcaram-se profundamente nas mentalidades europeias, a ponto de se converterem em estereótipos, vigentes até hoje, sobre os povos latino-americanos.

Já no segundo dia de contato com os nativos da ilha de *Guanahaní* – batizada por ele de *La Española* –, que hoje constitui o território do Haiti e da República Dominicana, o marinheiro registra:

*Y vino uno viejo en el batel dentro, y otros a voces grandes llamaban todos hombres y mujeres: ‘Venid a ver los hombres que vinieron del cielo; traedles de comer y de beber’. Vinieron muchos y muchas mujeres, cada uno con algo, dando gracias a Dios, echándose al suelo, y levantaban las manos al cielo, y después a voces nos llamaban que fuésemos a tierra*³¹ (Varela, 1986, p. 65).

No fragmento destacado de seu registro, Colombo assevera que os nativos consideraram os europeus como deuses, “*los hombres que vinieron del cielo*”, e foram os nativos, movidos por essa crença, que os convidaram para que descessem às ilhas, pois esses “*a voces nos llamaban que fuésemos a tierra.*” O relato dos gestos dos nativos, descritos por Colombo nesse fragmento acima citado, dá a entender que esses praticavam ações – gestos como “*levantaban las manos al cielo*” – que evidenciavam já o seu inclinado culto à divindade cristã. Colombo, com esses seus registros escriturais – que marcam a entrada das gentes e terras americanas ao universo conhecido pelo ocidente da época –, incute no imaginário europeu coletivo do final do século XVI, primeiramente, a pretensa ideia da dócil e livre aceitação da religião cristã pelos nativos; em seguida, o registro transmite a ideia de que os nativos entenderam que os europeus eram superiores, confundidos com deuses; e, ainda, que os europeus foram alegre e festivamente recebidos pelos autóctones, habitantes originários que andam nus e que são de beleza admirável.

³¹ Nossa tradução: “E veio um velho dentro do batel, e outros que, aos gritos, chamaram a todos, homens e mulheres: ‘Venham ver os homens que vieram do céu; trazei-lhes comida e bebida’. Vieram muitos e muitas mulheres, cada uma com alguma coisa, e davam graças a Deus, jogavam-se ao chão e elevavam as mãos ao céu, e depois aos gritos chamavam-nos para que fôssemos à terra”.

Por outro lado, Camilla Townsend, no seu artigo “*Burying the White Gods: new perspectives on the Conquest of Mexico*”³² (2003), estuda a tradicionalmente compartilhada referência de que os povos originários da América teriam acreditado que os europeus eram deuses. Nesse intento, entretanto, ela comprova que essa convicção teria nascido com cronistas hispânicos que nunca estiveram, de fato, no “Novo Mundo”, como é o caso de Francisco López de Gómara³³ (1511-1566?), que publicou um relato sobre a subjugação do México, a partir dos registros de outros cronistas. Esse tipo de publicação foi entusiasticamente aceito na Europa, de acordo com a autora. Desse modo, verificamos como o registro escrito foi um fator importante como ferramenta europeia de propalação de crenças e não-verdades que alimentou o ideário europeu daquela época, e que chegou a estabelecer uma posição tão consolidada que, na atualidade, ainda muitos acreditam nela e continuam a difundi-la.

³² Camilla Townsend, no artigo “Burying the White Gods: new perspectives on the Conquest of Mexico” (2003, p. 659), assevera: “there is little evidence that the indigenous people ever seriously believed the newcomers were gods, and there is no meaningful evidence that any story about Quetzalcoatl’s returning from the east ever existed before the conquest” – [Nossa tradução: existe pouca evidência de que os nativos, alguma vez, realmente acreditaram que os recém-chegados eram deuses, e não há evidência significativa de que tenha existido, antes da subjugação do território americano para o império espanhol, qualquer relato sobre o retorno de Quetzalcoatl desde o leste]. A estudiosa afirma, ainda, que um dos primeiros a propalar essa convicção sobre a crença dos nativos na volta de Quetzacoatl foi Francisco López de Gómara (1511-1566?), mas que “López de Gómara himself had never been to the New World” – [Nossa tradução: o próprio López de Gómara nunca esteve no Novo Mundo]. Por outro lado, Quetzalcoatl é o deus da aprendizagem, ciência, agricultura, artesanato e as artes; essa deidade forma parte dos mitos de criação da humanidade mesoamericanos. Estudos recentes mostram que a personagem histórica, o primeiro governante dos Toltecas em Tollan, Ce Acatl Topiltzin, tomou para si o nome Quetzalcoatl. A partir daí, sua história pessoal é misturada aos relatos da divindade. No entanto, foi Topiltzin Quetzalcoatl que, vencido pelos seus inimigos, foi obrigado a fugir para o Leste e, ao chegar à borda do oceano, falece. A lenda afirma que essa personagem foi embora numa embarcação de serpentes, prometendo voltar para governar novamente seus reinos. Ao verificarmos os registros de Colombo em seu Diário de bordo (1492-1493 – entrada de 13 de outubro) – onde essa falsa impressão de que os povos originários confundiram os espanhóis com deuses foi primeiramente efetuada –, podemos inferir que, talvez, toda essa narrativa tenha tido seu início nesses registros. Para mais informações sobre o artigo de Townsend, visitar: <https://academic.oup.com/ahr/article-abstract/108/3/659/22429?redirectedFrom=PDF>. Acesso em: 30 jan. 2021. Mais informações sobre a biografia de López de Gómara em: https://www.persee.fr/docAsPDF/carav_1147-6753_1989_num_53_1_2404.pdf. Acesso em: 18 fev. 2021. Sobre Quetzalcoatl, utilizamos os sitios web: <https://www.ancient.eu/trans/es/1-12086/quetzalcoatl/> e <https://www.noticonquista.unam.mx/amoxtli/1248/1213>. Ambos com acesso em: 18 fev. 2021.

³³ Este clérigo, que trabalhou como capelão pessoal do soldado espanhol que com um pequeno pelotão conseguiu submeter o território americano onde hoje está alocado o México, encontrou-se, pela primeira vez, com Hernán Cortés em 1541 (Valcárcel Martínez, 1989).

Já o português Pero Vaz de Caminha, em sua escrita originária sobre as terras e as gentes do Brasil, na *Carta ao Rei Dom Manuel*³⁴, de 21 de abril de 1500, registra ao monarca português:

[...] Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles não têm, nem entendem em nenhuma crença, segundo parece. [...] esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á com ligeireza neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar [...] (Caminha, 2001, p. 61)³⁵.

Constatamos, pela leitura do excerto da *Carta*, que o escrivão Caminha (1500) faz uma interpretação da nova realidade semelhante àquela de Colombo (1492-1493) frente aos sujeitos com quem contata já no primeiro momento: os nativos, de acordo com o emissor português, seriam “tábulas rasas” à disposição de quem viesse a essas terras para incutir neles alguma doutrina que desejasse, pois eram propensos a “qualquer cunho, que lhes quiserem dar”. Essa é a interpretação colonizadora europeia sob a qual se abriu o caminho para a territorialização – pela doutrinação religiosa e linguística – do espaço intelectual, cultural e imaginário dos povos originários da América. Na concepção dos europeus colonizadores, língua, hábitos, costumes, crenças e modos de produção eram espaços de conquista assim como era o chão que pisavam. Essa foi uma ação colonizadora tão eficiente, se não mais, do que a tomada da posse do território geográfico, com ações sem limites que impediram grande parte dos povos de preservar a sua cultura, milenarmente acumulada e transmitida de geração em geração pelas vias da oralidade.

A tradição da Espanha e de Portugal recorreram aos favores dos papas, pactos pelos quais as coroas comprometiam-se a salvar almas em troca do direito a se

³⁴ Escrita em 1500, apenas foi achada no século XVIII por José de Seabra da Silva (1732-1813). Publicado no Brasil pela primeira vez em 1817. O texto de Caminha detalha, de forma etnocêntrica, para o rei Dom Manuel I, o que foi achado nessa primeira expedição às novas terras: os nativos, os poucos costumes que observou neles, comentários sobre a possível presença de metais preciosos e outros condicionantes que possibilitariam aproveitar o novo território.

³⁵ Para nosso estudo, utilizamos o texto da *Carta ao Rei Dom Manuel*, de Pero Vaz de Caminha, editado e atualizado por Maria Angela Villela. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. Trata-se de uma versão elaborada com base na Carta encontrada na Fundação Biblioteca Nacional. A carta foi escrita pelo escrivão de Pedro Álvares Cabral e permaneceu inédita por mais de dois séculos (1500-1773) no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Foi descoberta por José de Seabra da Silva, e publicada pelo historiador Manuel Aires de Casal.

apossar de territórios estabelecido por meio de bulas³⁶ vem à tona no apelo do escrivão quando afirma a possibilidade fácil e imediata dos nativos para a conversão ao cristianismo. Assim, no sentido de alertar ao rei português, o registro do escrivão mostra a necessidade de se apressar em trazer os doutrinadores católicos ao território, pelo pacto feito com o Papa Alexandre VI (1492-1503) – celebrado entre Espanha e Portugal –, pois, outras nações, de outras religiões, poderiam tirar proveito “desse fato” e se aventurarem na subjugação dessas terras e suas gentes. Assim, eles demonstravam que estavam cumprindo com o acordo estipulado com a igreja de “salvar almas infiéis pela conversão ao catolicismo”.

Anos depois desses registros primeiros de Colombo (1492-1493) e de Caminha (1500), é a vez do soldado espanhol Hernán Cortés (1519, 1520, 1522, 1524, 1526) relatar a seu soberano – o imperador Carlos V (1500-1558) – um dos episódios mais relevantes da Subjugação do México: a entrada da comitiva espanhola na capital

³⁶ De acordo com os estudos de Bejarano Almada (2016), após a vitória de Salado (1340), o rei português, Alfonso IV, pede ao papa Bento XII que lhe conceda os privilégios da “santa cruzada”, empresa que lhe resultou um sucesso, como demonstra a promulgação da bula *Gaudeamus et exaltamus* (1341). A partir desse momento, inicia-se a luta entre Espanha e Portugal pelos privilégios sobre territórios recuperados dos árabes e outras regiões. Assim, as coroas espanhola e portuguesa recorreram, frequentemente, aos papas para obterem seu apoio e consentimento na anexação de territórios. Como exemplo do resultado dessas ações, verificamos, por exemplo, o tratado de Alcáçovas (1479), no qual Portugal recebe o controle sobre “África, Guiné, Madeira, Açores e Cabo Verde, entre outras, e são concedidas as Ilhas Canárias para Castela” (Bejarano Almada, 2016, p. 230, nossa tradução). Anos depois, o Papa Martinho V, com a bula *Super gregem dominicum* (1421), concede para João I, entre outras coisas, o direito de comércio com os islâmicos, graças à desculpa do português de desejar estabelecer relações comerciais com os mulçumanos para praticar a conversão dos infiéis. Desse momento em diante, são concedidos direitos e privilégios sobre territórios uma vez que se demonstre o “celo religioso de converter infiéis”. Esse é o motivo de espanhóis e portugueses afirmarem, nas cartas aos seus monarcas, esse ‘piedoso’ trabalho religioso. Após o conhecimento sobre o resultado da empresa de Colombo, os reis espanhóis acodem ao Papa Alexandre VI, quem lhes concede a bula *Inter caetera* (1493), na qual: “faz-se doação aos reis católicos espanhóis das terras e ilhas descobertas ao navegar para o ocidente – para as Índias – sempre e quando não pertençam a outro príncipe cristão, sob os mesmos direitos e privilégios com que os reis de Portugal tinham nas suas [...]” (Bejarano Almada, 2016, p. 238, nossa tradução). Portugal tinha, nesse contexto, o direito de usufruir das costas atlânticas africanas e era proibida, nesse contexto, a circulação das embarcações espanholas, desde os cabos Bojador e Num. No requerimento feito pelos reis católicos ao Papa Alexandre VI, em 1493, consta que “no desejo de procurar terras remotas onde catequizar [...] eles acharam terras distantes habitadas por gentes nuas que não comem carne e que acreditam na existência ‘nos céus de um só Deus criador’ e parecem adequados para o conhecimento de Jesus Cristo” (Bejarano Almada, 2016, p. 237, nossa tradução). Ao pedido, o Papa ordena: “que nessas regiões seja introduzido o nome do Senhor pela recepção do sagrado batismo [...] e que sejam persuadidos a abraçar a profissão cristã” (Bejarano Almada, 2016, p. 237, nossa tradução).

asteca – após batalhar com os nativos de Cozumel³⁷. Em sua primeira *Carta de relaciones* ao imperador europeu, escrita em 10 de julho de 1519, o soldado relata:

*[...] reprendióseles el mal que hacían en adorar a los ídolos y dioses que ellos tienen, y hizoseles entender como habían de venir en conocimiento de nuestra muy santa fé, y quedóles una cruz de madera grande puesta en un alto, y quedaron muy contentos, y dijeron que la tendrían en mucha veneracion y la adorarian, quedando los dichos índios en esta manera por nuestros amigos y por vassalos de VV. RR. AA. [...]*³⁸ (Cortés, 1866, p. 18)³⁹.

Do recorte dessa primeira *Carta de relación*, de Hernán Cortés, ao soberano espanhol à época do domínio da América, verificamos a intenção do escrevente de registrar, também, a sua “preocupação” com a doutrinação dos nativos. Ele chega a afirmar que eles receberam os ensinamentos com alegria e que se submeteram, sem problemas, aos preceitos religiosos oriundos da fé dos reis espanhóis, de maneira a silenciar os acontecimentos que resultaram na imposição de “um só deus, um só rei, uma só língua” (Santiago, 2000).

Desse modo, fazem sentido as reflexões de Santiago (2000, p.14), ao expressar que na “[...] álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta”. Frente a essa questão chave da conquista do território americano, não existiu outra possibilidade de tratamento para com os povos nativos de nossas terras. Portanto, essa álgebra, como se pode constatar nas citações, está presente nos textos de Colombo (1492-1493), de Caminha (1500), de Cortés (1519, 1520, 1522, 1524, 1526) e de vários outros europeus aptos a registrarem, pela escrita, as suas visões e entendimentos sobre as ações dominadoras do contingente europeu na América ao longo dos séculos.

Os três emissários/representantes europeus mostram a seus superiores, em diferentes documentos, o interesse em expressar como se desenvolveu seu processo

³⁷ À chegada dos espanhóis, no século XVI, Cozumel era um importante santuário maia, dedicado à deusa da fertilidade, Ixchel. Mais informações em: <https://cozumel.costasur.com/es/historia.html>. Acesso em: 26 jan. 2021.

³⁸ Nossa tradução: “Eles foram severamente censurados pelo mal que fizeram ao adorarem os ídolos e deuses que eles têm, nós os fizemos entender como deveriam vir a conhecer nossa santíssima fé, e deixamos com eles uma cruz de madeira grande disposta num lugar alto, e eles ficaram muito felizes, e disseram que a teriam em grande veneração e a adorariam, e ficaram ditos índios desta maneira como nossos amigos e vassalos de Vossa Real Alteza”.

³⁹ A grafia do original foi mantida nesta e nas demais citações destes documentos.

de apropriação do território e do contingente – cultura e imaginário – que nele habita: doutrinando-os na fé cristã católica, na língua castelhana ou portuguesa e na submissão ao poder político europeu. Para tal, a ideia segundo a qual os habitantes originários são inferiores e de fácil submissão é enunciada em seus registros, sendo exemplar, nesse sentido, o mencionado por Colombo, na entrada de seu *Diário* do dia 14 de outubro de 1492:

*Porque esta gente es muy símplice en armas, como verán Vuestras Altezas de siete que yo hice tomar para les llevar y deprender nuestra fabla y bolvellos, salvo que Vuestras Altezas quando mandaren puédenlos todos llevar a Castilla o tenellos en la misma isla captivos, porque con cincuenta hombres los tern<án> todos sojuzgados, les har<án> hacer todo lo que quisieren*⁴⁰ (Varela, 1986, p. 644-65).

Ao longo desse processo de aculturação e dominação, a resistência dos povos americanos foi, em muitos casos, silenciada nesses registros e os métodos de extermínio da população autóctone deixaram, em grande parte, de ser feitos pelas plumas dos cronistas e invasores, personagens conhecidos pela historiografia como os “conquistadores”. Escrever, nesse contexto da colonização, sobre a identidade cultural dos nativos e suas diversas manifestações também foi uma questão dispensada na maioria dos relatos. Os poucos escritos em que o assombro diante da realidade impressiona de tal forma que o invasor não consegue ocultar seu espanto, revelam a brutalidade da destruição e a imensa perda que os meios e métodos utilizados por esses agentes europeus causaram à humanidade. Um dos casos específicos desses registros é encontrado, justamente, nas *Cartas de relación*⁴¹ (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), de Hernán Cortés.

⁴⁰ Nossa tradução: “Porque esta gente é muito simples em armas, como verão Vossas Altezas com os sete que eu fiz com que fossem capturados para levar-lhes e, assim aprendam a nossa língua e devolvê-los aqui, salvo que Vossas Altezas, quando mandarem, podem levá-los todos para Castela ou os ter, na mesma ilha, cativos, porque com cinquenta homens pode-se tê-los todos subjugados e eles, assim, farão tudo o que esses lhes pedirem que seja feito” (Varela, 1986, p. 644-65).

⁴¹ Os trechos pertencem à *segunda carta-relación*, relativos à missiva de 30 de outubro de 1520. Os excertos são basicamente descrições da cidade de Tenochtitlán. Tomamos como base o texto organizado e ilustrado por Pascual de Gayangos, em 1866. Observamos que essa edição não está atualizada em relação às normas atuais que regem o uso padrão da língua castelhana. Portanto, em várias ocasiões do texto, regras como as de acentuação e de pontuação contemporâneas não são seguidas, além de notarmos a abundância de arcaísmos mantidos nessa versão. Optamos em citar a fonte na sua estilística própria.

A esses documentos sobre a submissão do México daremos, aqui, certo destaque por se tratar dos primeiros registros escriturais europeus sobre o espaço no qual, séculos depois, iria escrever-se o primeiro romance na América Latina. Nos registros epistolares feitos por Hernán Cortés ao Imperador Carlos V, ele deixa anotada, entre outros aspectos que o impressionaram, a seguinte descrição:

[...] otro día después que á esta ciudad llegué me partí, y á media légua andada entré por una calzada que va por medio desta dicha laguna dos leguas, fasta llegar á la gran ciudad de Tenuxtitan [Tenochtitlán], que está fundada en medio de la dicha laguna; la cual calzada es tan ancha como dos lanzas, y muy bien obrada, que pueden ir por toda ella ocho de caballo á la par, y en estas dos léguas de la una parte y de la otra de la dicha calzada están três ciudades, y la una dellas, que se dice Mesicalsingo [Mexicaltzingo], está fundada la mayor parte dela dentro de la dicha laguna, y las otras dos, que se llaman la una Niciaca y la outra Huchilohuchico [Churubusco], están en la costa della, y muchas casas delas dentro en el agua⁴² (Cortés, 1866, p. 83).

A esplêndida engenharia, a exuberante arquitetura e a organização urbana da capital do Império Asteca deixaram o agente espanhol tão admirado que ele não conseguiu evitar de relatar a seu soberano a “maravilha” com a qual se deparou. Contudo, na sequência do relato, observamos que não há, por parte dele, interesse em conhecer quem e como se fez essa projeção e execução, pois só lhe interessa o valor daquilo que já lhe parecia posse sua, como evidenciamos no fragmento a seguir:

Es tan grande la ciudad [Tenochtitlán] como Sevilla y Córdoba. [...] Tiene esta ciudad muchas plazas, donde contínuos mercados y trato de comprar y vender. Tiene otra plaza tan grande como dos veces la de la ciudad de Salamanca, toda cercada de portales al rededor, donde hay cotidianamente arriba de setenta mil ánimas comprando y vendiendo; donde hay todos los géneros de mercadurías que en todas las tierras hallan, así de mantenimientos como de vituallas, joyas de

⁴² Nossa tradução: “Outro dia, depois que cheguei nesta cidade, andei meia légua até chegar a uma calçada que vai por meio da lagoa que mencionei, andei por mais duas léguas até chegar à grande cidade de Techochtitlán, que está construída no meio de tal lagoa. A calçada é tão larga como o comprimento de duas lanças juntas e é muito bem elaborada, tanto que podem passar por ela oito cavalos juntos, lado a lado. Ao longo das beiradas da calçada há três cidades. Uma delas, chamada de Mexicaltzingo. A metade da sua fundação foi feita dentro da lagoa. As outras duas cidades são Niciaca e Churubusco, na costa da lagoa, e com muitas de suas casas dentro da água”.

*oro y de plata, de plomo, de laton, de cobre, de estaño [...] véndese cal, piedra labrada y por labrar*⁴³ (Cortés, 1866, p. 103).

Nessa passagem da *Carta* de Cortés ao Imperador Carlos V, fica evidente que o universo dos povos originários da América em nada deixava a desejar quando comparado às cidades espanholas mais destacadas da época de dominação, as quais o soldado faz questão de mencionar “*como Sevilla y Córdoba*” – ao aludir ao tamanho da urbe – e “*la ciudad de Salamanca*” – para destacar a superioridade do traçado urbano de Tenochtitlán, com suas amplas praças e outros espaços públicos bastante maiores que os da cidade referencial da Espanha à época. Nesse atrativo conjunto arquitetônico, não passam despercebidos, aos olhos desse espanhol, os espaços religiosos, embora, desde o princípio da colonização, vinha-se afirmando que esses povos originários pareceriam não ter nenhuma “religião”, quer dizer, não eram protestantes, judaicos ou islâmicos:

*Hay en esta gran ciudad muchas mezquitas [...] de muy hermosos edificios [...] y entre estas mesquitas hay una, que es la principal, que no hay lengua humana que sepa explicar la grandeza y particularidades della; porque es tan grande, que dentro del círculo della, que es todo cercado de muro muy alto, se podía muy bien hacer una villa de quinientos vecinos*⁴⁴ (Cortés, 1866, p. 105-106).

Ao desconhecer a denominação originária desses espaços reservados aos cultos dos povos astecas, o soldado espanhol os denomina “mesquita”, já que esse termo remete ao que, na Espanha da época, abominava-se como sendo um espaço anticristão, pertencente aos “inimigos” da fé católica: os muçulmanos. Esses e outros vestígios da escrita de Cortés revelam a essência do sujeito espanhol oriundo do processo bélico da recuperação do território ibérico, façanha apenas finalizada quando do início do processo de posseção espanhola do território americano.

⁴³ Nossa tradução: “Tenochtitlán é tão grande como Sevilla e Córdoba. [...] A cidade tem muitas praças, com feiras permanentes. Há outra praça duas vezes maior do que a que tem a cidade de Salamanca, toda cercada de portais ao redor, por onde cerca de setenta mil almas compram e vendem, onde existe todo tipo de gêneros de mercadorias de todas as terras, tanto de mantimentos como de víveres, jóias de ouro e de prata, de chumbo, de latão, de cobre, de estanho [...] eles vendem cal, pedra lavrada, e sem lavar [...]”.

⁴⁴ Nossa tradução: “Há nessa grande cidade muitas mesquitas [...] de edificios muito belos [...] e dentre essas mesquitas, há uma que é a principal, que não há língua humana que saiba explicar a grandeza e particularidades dela, porque é tão grande que dentro do seu circuito, que é todo cercado de muros muito altos, poderia muito bem ser construída uma vila de quinhentos moradores”.

A imponente capital asteca, Tenochtitlán, é retratada na escrita do soldado espanhol em muitos detalhes, como podemos observar em mais esse fragmento destacado a seguir:

Hay en esta gran ciudad muchas casas muy buenas y muy grandes, y la causa de haber tantas casas principales es que todos los señores de la tierra vasallos del dicho Mutezcuma tienen sus casas en la dicha ciudad [...] é demás desto, hay en ella muchos ciudadanos ricos, que tienen asimismo muy buenas casas. [...] tienen muy gentiles verjeles de flores diversas maneras [...] Por la calzada que á esta gran ciudad entre, vienen dos caños de argamasa, tan anchos como dos pasos cada uno, y tan altos casi como un estado, y por el uno dellos viene un golpe de agua dulce muy buena, del gordor de un cuerpo de hombre, que vá a dar al cuerpo de la ciudad, de que se sirven y beben todos⁴⁵ (Cortés, 1866, p. 108).

A famosa cidade de Segóvia, como referência espanhola para a engenharia romana dos aquedutos, é, nessa descrição da capital asteca, apenas um paralelo na memória de quem já teve a oportunidade de conhecer essa ainda remanescente maravilha romana em território espanhol. O discurso do subjugador evidencia ao seu soberano a grandeza, a riqueza, a dimensão e o potencial de sua ação bélica frente aos resistentes povos nativos que se opuseram às suas manobras políticas, para a anexação desse território à coroa espanhola.

Embora considere já os astecas como povo submetido – apontando-os como novos súditos do Imperador espanhol –, Cortés não deixa de mencionar, nesse documento, um paralelo que nos parece interessante destacar:

[...] no quiero decir mas sino que en su servicio y trato de la gente dela hay la manera casi de vivir que en España, y con tanto concierto y orden como allá, y que considerando esta gente ser bárbara y tan apartada del conocimiento de Dios y de la comunicación de otras

⁴⁵ Nossa tradução: “Há nessa grande cidade muitas casas que são muito boas e grandes. A causa de ter nela tantas casas principais é que todos os senhores da terra, vassallos de Moctezuma, moram na cidade [...], além disso, moram nela muitos cidadãos ricos que têm, igualmente, casas muito boas. [...] há pomares e hortas de flores diversas [...]. Ao longo da calçada da cidade, correm canais de argamassa, tão largos como dois passos cada um, e de sete pés de altura, e por eles corre água doce muito boa, da grossura do corpo de um homem, que chega até o centro da cidade. Todos se servem e bebem dela”.

*naciones de razon, es cosa admirable ver la que tienen en todas las cosas*⁴⁶ (Cortés, 1866, p. 109).

Nessas descrições de Hernán Cortés sobre o ambiente em que vivem os povos originários da América, normalmente não efetuadas nos registros dos demais cronistas, evidencia-se um pouco da imensa riqueza e das habilidades que possuíam os nativos astecas subjugados pelas artimanhas do soldado espanhol. Nos documentos fontes dessas ações, não se registra a falta de empatia, e até mesmo, podíamos dizer, de reconhecimento, com relação a essas habilidades dos povos autóctones, em muitos sentidos, superiores, como o próprio agente da dominação menciona, àquelas empregadas pelos europeus no seu contexto de desenvolvimento.

O conhecimento e o desenvolvimento em diferentes áreas e artes dos subjugados não recebeu o devido acolhimento por parte dos invasores, pois o que prevaleceu foi o inegável fato de sobrepor a todo esse universo autóctone as premissas da colonização: imposição da unidade política, religiosa e linguística e a pureza de raça que, à época, ligava-se muito mais às questões da crença católica do que às diferentes etnias que geravam as distintas cores de pele. Com respeito aos europeus vindos naquele contexto, Coutinho (2003, p. 43) comenta:

Calcados em duas figuras aparentemente dissímeis, mas marcadas no fundo por uma mesma atitude etnocêntrica, os atores desse período encararam os habitantes da nova terra, ou como idênticos a eles mesmos, projetando nos primeiros seus próprios valores, ou como diferentes, e consequentemente inferiores, justificando com isso, de uma maneira ou de outra, a sua subordinação.

Os nativos, e consequentemente depois os mestiços, carregaram consigo essa “mácula” de inferioridade nascida dessas descrições elaboradas nos primeiros registros europeus sobre as gentes americanas. Assim, essas imagens resultaram em marcas estereotipadoras dos habitantes originários da América no imaginário europeu. Essa construção será estendida aos sujeitos híbridos e mestiços, cujos

⁴⁶ Nossa tradução: “O que eu quero dizer é que, nos serviços oferecidos e no tratamento das pessoas, é quase idêntico ao modo de viver na Espanha, e com tanta harmonia e ordem como costuma ser lá. E, se considerarmos que eles são bárbaros e tão limitados no conhecimento de Deus e da comunicação entre outras nações de juízo, é admirável ver do que dispõem em todas as coisas”.

traços oriundos dessas impressões primeiras se fixaram no imaginário europeu sobre o próprio sujeito latino-americano contemporâneo.

É possível detectar essas características na nossa produção literária. Partindo dessa ideia, somos um produto da imposição do signo estrangeiro. Nessa lógica, Octavio Paz (1981), em conferência pronunciada na Universidade de Yale (1976), reflete sobre a nossa condição aculturada, e afirma: “[...] *La lengua que hablamos es una lengua desterrada de su lugar de origen, que llegó al continente ya desarrollada*⁴⁷ [...]” (Paz, 1981, p. 28).

Ao longo do processo de imposição das línguas europeias na América, todas as línguas nativas, na América, sofreram um processo de submissão. Anos depois, em seu discurso na ocasião do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, em 1990, ele reitera: “*las lenguas son realidades más vastas que las entidades políticas e históricas que llamamos naciones*⁴⁸” (Paz, 1994, p. 432). Assim, quando somos obrigados a deixar de usar a própria língua, também somos condicionados a deixar de lado toda a nossa concepção de mundo, pois a língua contém signos culturais específicos que nos permitem conceber o mundo por sua abstrata forma de linguagem.

Essa consciência com relação à dominação exercida pela imposição das línguas europeias entre os habitantes das terras americanas constituiu-se, na contemporaneidade, inclusive, em material discursivo da tessitura romanesca, como ocorre, por exemplo, na obra *Vigilia del Almirante* (1992, p. 333), do paraguaio Augusto Roa Bastos, na qual o narrador expressa:

*El primer paso de una conquista – dice Melià – es la ocupación de un territorio. Su último paso, el definitivo, se da cuando la lengua de un pueblo ha sido también ocupada. No es extraño, pues, que uno de los últimos refugios de la resistencia de los pueblos haya estado siempre en su lengua*⁴⁹.

⁴⁷ Nossa tradução: “A língua que falamos é uma língua desterrada do seu lugar de origem, que chegou ao continente já desenvolvida”.

⁴⁸ Nossa tradução: “As línguas são realidades mais amplas do que as entidades políticas e históricas que chamamos de nações”.

⁴⁹ Tradução de Josely Vianna Baptista: “O primeiro passo de uma conquista – diz Melià – é a ocupação de um território. Seu último passo, o definitivo, dá-se quando a língua de um povo também foi ocupada. Não é estranho, pois, que um dos últimos refúgios da resistência dos povos tenha estado sempre na língua” (Roa Bastos, 2003, p. 260).

Portanto, ao utilizar os signos linguísticos do outro, somos coagidos a adotar uma manifestação cultural e histórica alheia a toda realidade identitária que uma língua carrega em seu sistema de representação. Consequentemente, foi-nos inculcado o sentimento de que, por sermos usuários de línguas transplantadas, a nossa produção literária não passava de mero remedo, pobre “*copia imperfecta del modelo instituído por la cultura central*”⁵⁰ [...]” (Coutinho, 2004, p. 247) e, assim, segundo expressa Santiago (2000, p. 14), “[...] a América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas em sua origem apagada completamente pelos conquistadores”.

Coutinho (1995, p. 624) comenta, ainda, que, para os povos colonizados na América, ao longo dos tempos, “o elemento forâneo se revestia de um caráter de exemplaridade e a produção literária do continente, relegada a um plano secundário, não passava de ser um reflexo opaco dos modelos forjados no além-mar”. Desse modo, pelos séculos coloniais, e mesmo após os períodos independentistas na América Latina⁵¹, as raízes da colonialidade seguiram mantendo-se vigorosas e frutíferas no espaço cultural e imaginário territorializado pelas premissas colonizadoras, cujos princípios eram vistos como inquestionáveis a muitos sujeitos latino-americanos, vários deles mestiços que buscavam ocultar sua hibridez. De acordo com o romancista e crítico venezuelano Arturo Uslar Pietri (1969, p. 9):

*Sucesiva y hasta simultáneamente muchos hombres representativos de la América de lengua castellana y portuguesa creyeron ingenuamente, o pretendieron, ser lo que obviamente no eran ni podían ser [...]. Culturalmente no eran europeos, ni mucho menos podían ser indios o africanos*⁵².

Esse processo enraizado de colonialidade fazia-se perceptível não apenas nas tentativas de branqueamento das populações ao longo de vários períodos históricos

⁵⁰ Nossa tradução: “Cópia imperfeita do modelo instituído pela cultura central”.

⁵¹ O período de lutas pela independência na América Latina acontece no século XIX, iniciando com a concretização da independência do Haiti em 1804 e finalizando com a independência de Cuba em 1898.

⁵² Nossa tradução: “Sucessiva e até simultaneamente muitos homens representativos da América de língua castelhana e portuguesa acreditaram ingenuamente, ou pretenderam, ser aquilo que obviamente não eram nem poderiam ser [...]. Culturalmente não eram europeus, nem muito menos poderiam ser índios ou africanos”.

na América Latina, mas também é retratado e criticado ao ser levado ao universo romanesco – como é evidente em *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro – e ao de outras expressões de arte. Assim,

*[...] por un absurdo y antihistórico concepto de pureza, los hispanoamericanos han tendido a mirar como una marca de inferioridad la condición de su mestizaje. Han llegado a creer que no hay otro mestizaje que el de la sangre y se han inhibido en buena parte para mirar y comprender lo más valioso y original de su propia condición*⁵³ (Uslar Pietri, 1969, p. 13).

Desse modo, não poderíamos alcançar a “perfeição”, a “originalidade” inerente à “fonte” mencionada por Coutinho (1995; 2004) e Santiago (2000) ao se referirem ao período em que prevaleceu em nossas letras o processo de adequação das literaturas latino-americanas às premissas do cânone europeu. Por outro lado, Octavio Paz (1981), em suas reflexões acerca das “línguas transplantadas” e sua nova vitalidade adquirida com as produções de nosso continente, em especial, após o Modernismo, agrega a esse contexto que as línguas nas quais está produzida a nossa literatura são, também, aquelas

*[...] que nosotros, con nuestras obras, hemos replantado en el suelo americano. La lengua nos une a otra literatura y a otra historia; la tierra en que vivimos nos pide que la nombremos y así las palabras desterradas se entierran en este suelo y echan raíces. El destierro se volvió transplante*⁵⁴ (Paz, 1981, p. 28).

Paz (1994, p. 432) sugere que a territorialização linguística na América Latina, com a imposição do signo do subjugador, não deveria ser considerada um fato concluído, porque existe, por parte dos escritores pós-colonialistas, todo um trabalho de reutilização do signo estrangeiro para aplicá-lo aos conceitos e às realidades americanas agora vistas pelo prisma descolonizador dos próprios sujeitos latino-

⁵³ Nossa tradução: “Por um absurdo e anti-histórico conceito de pureza, os hispano-americanos foram levados a olhar como uma marca de inferioridade a condição de sua mestiçagem. Chegaram a crer que não há outra mestiçagem que aquela sanguínea e se inibiram, em boa parte, para vislumbrar e compreender o que há de mais valioso e original em sua própria condição”.

⁵⁴ Nossa tradução: “[...] que nós, com nossas obras, replantamos no solo americano. A língua nos une a outra literatura e a outra história, a terra em que vivemos nos pede para ser nomeada e assim as palavras desterradas são enterradas neste solo e criam/lançam suas raízes. O desterro se converteu em transplante”.

americanos. Dessa forma, a língua realmente é transplantada, pois aqui também funciona, está viva e dá frutos no território americano. Para o crítico e poeta mexicano – ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1990 –, as línguas, como as raízes das plantas, ao serem plantadas em outro solo, desenvolvem-se ao influxo de outro substrato – outra história, tradição e cultura – que lhe dão novas características. A planta, bem adubada, cresce sadia e se diferencia, logo, daquela que cresce no solo natal.

Assim, as “línguas transplantadas” na América cresceram e se desenvolveram nas sociedades americanas e se transformaram em uma “planta distinta” que, por sua vez, impregna nossa literatura com a peculiaridade⁵⁵ que esse novo espaço sócio-histórico e cultural outorgou a essa expressão humana. Nesse sentido, é importante destacar o que, em algum momento, comentou o crítico francês Pierre Grimal (1978, p. 43-44):

*La latinidad es, en el sentido en que se la entiende generalmente, el conjunto de las naciones que han conservado en su lengua, su cultura y su pensamiento la huella de Roma. Esta latinidad, se sabe, desborda los límites de Europa, puesto que existe una América Latina, un poco l'enfant terrible de esta latinidad, sobre un continente donde las plantas que allí se aclimatan reciben de la tierra y del cielo una exuberancia muy particular*⁵⁶.

Essa “exuberância” das “plantas” latinas transpostas ao nosso continente – entre elas, sem dúvida, as línguas neolatinas – adquiriu, ao longo dos tempos, certa

⁵⁵ Com respeito à variação do castelhano do México, a língua originária Náhuatl contribuiu com cerca de 4.000 vocábulos os quais foram incorporados ao castelhano ao longo do tempo. Essas lexias podem ser classificadas dentro dos Marcadores Culturais. Utilizamos as palavras da reportagem e as classificamos nas categorias definidas por Aubert (2006): a) do domínio da cultura material como a da gastronomia (*chile, aguacate, jitomate, chocolate*), dos objetos (*metate, petate*) e de lugares geográficos como os utilizados nos nomes das entidades federativas ou capitales (*Xochimilco, Oaxaca*); b) do domínio ecológico como a da flora (*jalapa*) e da fauna (*ajolote*). Essas lexias têm importância cultural e social, pois o Náhuatl é falado em mais de 16 estados mexicanos. Existe mais de um milhão e meio de falantes do Náhuatl atualmente. Portanto, ela é uma língua nativa muito presente e importante no México de nossos dias. Igualmente, as outras línguas nativas (que são cerca de 67 línguas originárias) deram valiosas contribuições ao castelhano da variante mexicana. Conteúdo retirado da vídeo-reportagem em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJsD9vqp06I>. Acesso em: 29 mar. 2021.

⁵⁶ Nossa tradução: “A latinidade é, no sentido do entendimento geral, o conjunto das nações que conservaram na sua língua, na sua cultura e no seu pensamento as marcas/os traços de Roma. Sabe-se que essa latinidade desborda os limites da Europa, devido a que existe uma América Latina, um tanto *l'enfant terrible* dessa latinidade, sobre um continente onde as plantas que ali aclimatam-se recebem da terra e do céu uma exuberância muito particular”.

vitalidade que procurou deixar para trás imagens de dependência e de submissão. Tais singularidades das línguas transplantadas, na atualidade, colocam a literatura latino-americana entre as mais prestigiadas do contexto ocidental.

Em confluência com o discurso de Octavio Paz (1994), o romancista e crítico brasileiro Silviano Santiago (2000, p. 21) observa que a literatura latino-americana contemporânea já não é mais uma “obra parasita”. Aliás, segundo Santiago, o escritor latino-americano de nossos dias propõe-se a “brincar” com o signo imposto, e torna essa atividade uma “experiência sensual”. Em suas palavras:

Como o signo se apresenta muitas vezes numa língua estrangeira, o trabalho do escritor em lugar de ser comparado ao de uma tradução literal, propõe-se antes como uma espécie de tradução global, de pastiche, de paródia, de digressão. O signo estrangeiro se reflete no espelho do dicionário e na imaginação criadora do escritor latino-americano e se dissemina sobre a página branca com a graça e o dengue do movimento da mão que traça linhas e curvas (Santiago, 2000, p. 21).

Não se trata mais de uma “simples cópia”. Nossa literatura expressa, hoje, todo um processo cultural antropofágico⁵⁷ de traduzir nosso mundo por meio do signo inovado, do outro, transplantado, revitalizado. Existe todo um procedimento, nada pacífico, para se chegar a esse produto naturalmente híbrido, transcultural, antropofágico⁵⁸.

Os escritores latino-americanos, ao fazerem uso do signo estrangeiro, apropriam-se dessa língua transplantada, recebem-na, sem negar as heranças, e a enriquecem com nossa história, nossas distintas acepções vocabulares oriundas das línguas nativas, contagiando a “unidade e a pureza” das línguas europeias com o prisma mestiço, com traços peculiares de nossa cultura ancestral, de maneira que é possível observar os frutos dessa hibridez nas expressões literárias latino-americanas, ora de forma mais tímida e ora vigorosamente. Exemplo disso é a obra

⁵⁷ A prática antropofágica nasce enquanto práxis epistemológica com um dos manifestos do Modernismo Brasileiro, o Manifesto Antropófago, depois da Semana de Artes Modernas (1922), em 1928, com Oswald de Andrade.

⁵⁸ Para mais informações sobre essa discussão, sugerimos a leitura de *Escritas antropofágicas na América latina: releituras da história pela ficção* (2017), de Antonio Bernardo Gasparotto, sob a orientação do Professor Gilmei Francisco Fleck para a obtenção do título de Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel. A tese faz a leitura da literatura latino-americana sob o signo do antropofagismo. O referido estudo está disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2501> Acesso em: 14 set. 2022.

*Mar paraguayo*⁵⁹ (1992), de Wilson Bueno (1949 – 2010), da literatura brasileira.

Esse romance é uma excelente amostra de obra na qual prevalece o experimentalismo linguístico, com um acentuado enfrentamento das línguas transplantadas frente à noção de “unidade e pureza” das matrizes europeias. Isso se dá na tessitura do romance ao nele se imbricarem, naturalmente, o português, o guarani, o portunhol, o jopará e todas as misturas – típicas dos falares das fronteiras – possíveis entre as diversas línguas e variantes linguísticas comumente em uso em espaços transculturais.

Paz (1994, p. 432), pela análise que faz de nossa produção literária ao longo dos anos, expressa que

*[...] nuestras literaturas no vivieron pasivamente las vicisitudes de las lenguas transplantadas: participaron en el proceso y lo apresuraron. Muy pronto dejaron de ser meros reflejos transatlánticos; a veces han sido la negación de las literaturas europeas y otras, con más frecuencia, su réplica*⁶⁰.

Esse processo pode ser observado já nas produções do século XVI, com a obra do Inca Garcilaso de la Vega (1539-1616)⁶¹ que, no texto dirigido ao leitor, incluído no livro *Comentarios reales de los Incas* (1609), escreveu, diante dos registros oficiais da dominação do Peru, a seguinte justificativa na sua própria versão desse passado:

⁵⁹ A tese *Entre gêneros e fronteiras – uma leitura de Mar paraguayo, de Wilson Bueno*, apresentada à UNESP/Assis-SP, por Nadia Nelziza Lovera de Florentino, em 2016, revela, por meio de uma análise crítica, o quanto a linguagem, nessa obra de Wilson Bueno, é manipulada, híbrida, desafiadora da unidade e pureza requerida pelas normas linguísticas instituídas pela linguagem culta padrão. O referido estudo desse romance encontra-se disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/142008/florentino_nnl_dr_assis.pdf?sequence=5 Acesso em: 28 mai. 2021.

⁶⁰ Tradução de Eduardo Jardim: “Nossas literaturas não viveram passivamente as vicissitudes das línguas transplantadas: participaram do processo e o apressaram. Logo, deixaram de ser meros reflexos transatlânticos; algumas vezes, foram a negação das literaturas europeias e outras, com mais frequência, sua réplica” (Paz, 2017, p. 70-71).

⁶¹ De acordo com Bellini (1997), o Inca Garcilaso de la Vega é o primeiro grande prosista hispano-americano, representante do período nativista da literatura hispano-americana da época colonial. É um mestiço, filho do capitão espanhol Sebastián Garcilaso de la Vega Vargas e da princesa incaica Isabel Chimu Ocllo, prima de Atahualpa. Ele foi educado nas duas culturas e viu com desapontamento o casamento legal do seu pai com a espanhola Luisa Martel. De acordo com Bellini (1997, p. 89), o “grande afeto” que tinha pelo pai não apagou a mágoa causada pela “humilhação da mãe”. Esse evento marcou Garcilaso no seu “caráter de escritor”. Para Bellini (1997), Garcilaso apresenta, ao longo de sua vida, uma crise espiritual, a qual transpõe ao seu estilo de escrita trágico. Henríquez Ureña (1980, p. 105, nossa tradução) reconhece que a prosa do inca Garcilaso destaca-se “naquela idade [1600-1800] de excelentes escritores”. Por outro lado, o estudioso pondera que o modo de tratar a história na escrita do inca “ao modo dos escritores atuais [...] foi uma inovação” (Henríquez Ureña, 1980, p. 106, nossa tradução).

[...] *que mi intención no es contradecirles, sino servirles de comento y glosa y de intérprete en muchos vocablos indios, que, como extranjeros en aquella lengua, interpretaron fuera de la propiedad de ella, según que largamente se verá en el discurso de la historia, la cual ofrezco a la piedad del que la leyere, no con pretensión de otro interés más que de servir a la república cristiana*⁶² (Garcilaso, 1976, p. 6).

Dessa forma, o primeiro “*gran prosista*”⁶³ (Bellini, 1997, p. 88), “*el primero de nuestros clásicos*”⁶⁴ (Henríquez Ureña, 1980 p. 96), o mestiço hispano-americano, o inca Garcilaso de la Vega, registra que a contribuição da sua obra está em mostrar o significado, o sentido daquilo que o europeu não soube entender, e o faz, utilizando-se da “língua transplantada”. Aliás, ele discute a escrita dos registros feitos pelos europeus e renarrativiza a história dos Incas desde a perspectiva híbrida e mestiça que a sua condição lhe outorga.

Esse escritor do século XVII “*experimentó el contraste surgido entre dos mundos diferentes, el español y el indígena, que trató en vano de resolver durante toda su vida*”⁶⁵ (Bellini, 1997, p. 88). Garcilaso, com sua escrita peculiar, híbrida e impregnada de ambas as culturas pelas quais transitou desde pequeno, dá início ao embrião da escrita literária feita em “língua transplantada” (Paz, 1981; 1994) na América Latina.

Posteriormente, mas ainda no século XVII, esse mesmo ímpeto se manifesta nas escritas de quem se considera “*el máximo poeta mexicano del siglo XVII*”⁶⁶ (Bellini, 1997, p. 134). Embora não fosse isso muito comum, observamos que “*el primer gran poeta americano es una mujer*”⁶⁷ (Paz, [1991] s.d., p. 181), Sór Juana Inés

⁶² Nossa tradução: “[...] que minha intenção não é a de lhes contradizer [aos espanhóis que escreveram antes dele], mas de lhes servir de comentarista, de glossário e de intérprete em muitos vocábulos indígenas que, como estrangeiros naquela língua [os espanhóis que escreveram antes dele], interpretaram impropriamente, segundo longamente se verá no discurso da história, a qual eu ofereço com piedade a quem a for ler, não com a pretensão de outro interesse mais do que o de servir à república cristã”.

⁶³ Nossa tradução: “[...] maior prosista”.

⁶⁴ Nossa tradução: “[...] o primeiro dos nossos clássicos”.

⁶⁵ Nossa tradução: “[...] experimentou o embate surgido entre dois mundos diferentes, o espanhol e o indígena, ao qual ele tentou, sem resultado, resolver ao longo da sua vida toda”.

⁶⁶ Nossa tradução: “[...] o maior poeta mexicano do século XVII”.

⁶⁷ Nossa tradução: “[...] o primeiro grande poeta americano é uma mulher”.

de la Cruz⁶⁸ (1651-1695). Ela, já desde pequena, escreve consciente do sujeito americano⁶⁹ que é, tal como observamos no seguinte excerto:

*[Cen]ca huel nipinauhtíhuitz Apenadísima vengo
Con sobrada desvergüenza con sobrada desvergüenza
Sobre aqueste cuauhtlapectli sobre aqueste escenario
Donde zan n[ol]ixtlapachteca, donde apenas quepo extensa,
Am[o] ixpa[n]tzinco pidiendo de vuestra parte pidiendo
Huel tetepitzin licencia muy pequeñita licencia
Para decir dos palabras para decir dos palabras
lpan [pa]tica comedia a favor de la comedia
Que en esta fiesta del Corpus que en esta fiesta del Corpus,
Es cierto titlamacehua, es cierto, representamos,
Y porque amo ammitalhuizque y porque no digáis
Ca zazan tilh[il]s[tl]riones, néhuatl que sólo somos histriones, yo
Onicchiuh inin disculpa presento disculpa
lpanpatica tofiesta, a favor de la fiesta,
Porque huel techxixicoa porque nos hacen burla
Mochipa inin caxtilteca. siempre estos españoles⁷⁰.*

⁶⁸ Bellini (1997) afirma que Sór Juana é a personalidade mais destacada da lírica do período Barroco, junto com o Inca Garcilaso, Ercilla, Oña, Balbuena e seu contemporâneo Juan del Valle y Caviedes. A jovem Juana de Asbaje y Ramírez de Santillana pode ser considerada uma criança superdotada, pois, aos treze anos, defendeu, com admirável sucesso, uma prova de “científica lid” na qual foi submetida a perguntas de eruditos e professores universitários em todas as disciplinas, na corte do vice-rei Marqués de Mancera. De acordo com a biografia disponibilizada na internet pelo governo mexicano, a mãe de Juana Inés, Isabel Ramírez, foi uma *criolla*, espanhola nascida na América, iletrada, de pais andaluzes, que conhece o capitão Pedro Manuel de Asbaje y Vargas Machuca, de origem vasca. Eles têm três filhas, a caçula é Juana Inés. Algum tempo depois do nascimento da menina, o capitão abandona Isabel. Ela, posteriormente, conhece outro capitão espanhol, Diego Ruiz Lozano, com quem tem mais três filhos. Bellini (1997) relata que Juana Inés, depois de sofrer uma crise ao descobrir que era filha ilegítima, aos dezesseis anos, decide se tornar freira para continuar com seus estudos e sua formação literária. Por outro lado, observamos, na biografia da poeta, que o caráter de Juana Inés foi influenciado pela sua criação e convivência nas fazendas de Nepantla e Panoayán e a biblioteca do avô materno, cercada de belos lugares nas proximidades dos vulcões Popocatepetl e Ixtaccíhuatl, onde realizou seus primeiros anos de aprendizado no âmbito das letras. A escritora mexicana Rosario Castellanos (1924-1974) escreveu a farsa *El eterno femenino* (1975), reunindo várias personagens femininas importantes, dentre elas Malinche e Sor Juana, entre outras personagens latino-americanas de destaque. Mais informações sobre a biografia oficial de Sór Juana em: <https://www.gob.mx/segob/articulos/conoce-mas-acerca-de-sor-juana-ines-de-la-cruz?idiom=es>. Acesso em: 30 jan. 2021.

⁶⁹ De acordo com Paz ([1991], p. 179): “El americanismo de sor Juana es, como el de Borges, un cosmopolitismo; a su vez ese cosmopolitismo expresa una manera de ser mexicana y argentina. Si a sor Juana se le ocurre hablar de pirámides, citará a las de Egipto, no a las de Teotihuacán; si escribe una loa para un auto sacramental (El divino Narciso), el mundo pagano no aparece personificado por una divinidad griega o latina, sino por el precolombino dios de las semillas” – [Nossa tradução: O americanismo de Sór Juana é, como o de Borges, um cosmopolitismo; por sua vez esse cosmopolitismo expressa uma maneira de ser mexicana e argentina. Se a Sór Juana ocorrer-lhe falar das pirâmides, ela citará as do Egito, não as de Teotihuacán; se ela escrever uma ode para um auto sacramental (O divino Narciso), o mundo pagão não aparece personificado aí por uma divindade grega ou latina, mas, sim, pelo deus das sementes, uma deidade pré-colombiana].

⁷⁰ Díaz Cíntora (2001) analisa uma fotocópia de um manuscrito atribuído à menina Juana Inés Ramírez de Azbaje, futura Sór Juana Inés de la Cruz. O nome do texto completo se intitula: *Loa satírica mixta*

(De la Cruz, séc. XVII).

O recorte evidencia a liberdade poética da futura décima Musa do México. O desejo de Sór Juana de querer expressar-se a partir de sua cultura híbrida propicia esse tipo de encontro entre as duas línguas – náuatle e castelhano – no texto. Assim, esses personagens nascidos nas colônias do império espanhol, Garcilaso e Sór Juana, seres inferiorizados diante dos *chapetones*⁷¹, foram os sujeitos escritores que produziram as primeiras obras literárias “*con un cuño eminentemente americano*”⁷² (Choza; Ponce-Ortiz, 2010, p. 153).

Observamos, desse modo, nas obras desses escritores hispano-americanos, a sua clara intenção de trasladar o universo próprio do existir americano à escrita literária efetuada na língua imposta pela colonização, a língua transplantada. Isso evidencia que

[...] *la situación peculiar de nuestras literaturas frente a las de Inglaterra, España, Portugal y Francia depende precisamente de este hecho básico son literaturas escritas en lenguas trasplantadas. Las lenguas nacen y crecen en un suelo; las alimenta una historia común. Arrancadas de su suelo natal y de su tradición propia, transplantadas en un mundo desconocido y por nombrar, las lenguas europeas*

de una comedia representada en el atrio de la iglesia del convento dominico de Nuestra Señora de la Asunción de Amecameca en la festividad de Corpus Christi” – [Nossa tradução: Loa satírica mixta de uma comédia representada no átrio da igreja do convento dominico da Nossa Senhora da Assunção de Amecameca na festividade do Corpus Christi]. Disponível em: <https://www.letraslibres.com/mexico/la-loa-juana-ines>. Acesso em: 10 nov. 2020. Henríquez Ureña (1980) comenta que essa mistura de línguas é típica de obras da colônia e que era comum no teatro dos jesuítas, com a presença do latim, espanhol e náhuatl ou otomí. Esse estilo combinatório aparece “*como motivo ornamental, hasta en los villancicos escritos para cantarse en grandes catedrales por Sor Juana Inés de la Cruz, a fines del siglo XVII*” – [Nossa tradução: como motivo ornamental, até nos vilancetes, cantos natalinos, escritos para serem cantados nas grandes catedrais pela Sór Juana Inés de la Cruz, a fines do século XVII] – (Henríquez Ureña, 1980, p. 97). Paz, por outro lado, afirma que “*la tensión entre cosmopolitismo y americanismos, lenguaje culto y coloquial, es constante en la poesía hispanoamericana desde la época de sor Juana Inés de la Cruz*” – [Nossa tradução: a tensão entre cosmopolitismo e americanismos, linguagem culta e coloquial, é constante na poesia hispano-americana desde a época de Sór Juana Inés de la Cruz] – (Paz, [1991], p. 181).

⁷¹ Nome com que se designava aos espanhóis nascidos na Península Ibérica. De acordo com Esquivel (2012), “*durante la colonia, los españoles o “chapetones” eran los que mandaban y ocupaban todos los cargos administrativos. Ni sus hijos, nacidos en América de padres españoles, tenían tantos derechos, pues eran solo ‘criollos’*. Los mestizos, hijos de españoles en indígenas, estaban como los africanos en el sótano. Así nos tienen hasta ahora” – [Nossa tradução: Durante a colônia, os espanhóis ou ‘chapetones’ eram os que mandavam e ocupavam todos os cargos administrativos. Nem sequer seus filhos, nascidos na América, de pais espanhóis, detinham tantos direitos, pois eram apenas ‘crioulos’. Os mestiços, filhos dos espanhóis com indígenas, estavam como os africanos, no porão. Desse modo é como nos concebem até agora.]. Disponível em: <https://www.alainet.org/es/active/57182>. Acesso em: 24 abr. 2021.

⁷² Nossa tradução: “Com um teor eminentemente americano”.

*arraigaron en las tierras nuevas, crecieron con las sociedades americanas y se transformaron. Son la misma planta y son una planta distinta*⁷³ (Paz, 1994, p. 432).

As obras do inca Garcilaso e de Sór Juana, inseridas na realidade do século XVII, evidenciam a dualidade do sujeito latino-americano já nessa época. Essa peculiaridade de suas escritas torna-os, portanto, representantes daquilo que, hoje, poderíamos considerar como uma consciência do ser latino-americano, mesmo que eles não tenham tido, à época, compreensão do sentido desse termo, pois o contexto, talvez, não lhes tenha permitido chegar a essa abstração⁷⁴.

Os seus legados são amostras que carregam a prova da luta interior entre duas culturas, a absorção orgânica de duas fontes que inicia seu desenvolvimento híbrido peculiar na escrita de nosso continente. Ambos – o prosista e a poeta –, mesmo ao se identificarem como súditos do império espanhol e da religião que esse processa e que foi aqui, também, transplantada, não abandonam seu sentimento pelas culturas nativas, pois é destas que eles também se alimentam para produzir os frutos de “uma planta distinta”.

Essa característica, eminentemente latino-americana, de escrever na “língua transplantada”, está presente, do mesmo modo, na produção literária hispano-americana do século XIX. Isso se revela no primeiro romance latino-americano – *El Periquillo Sarniento* (1816), de Fernández de Lizardi –, ao se agregar ao texto literário romanesco, da mesma forma como se deu na escrita dos dois autores citados

⁷³ Tradução de Eduardo Jardim: “[...] a situação peculiar de nossas literaturas frente às da Inglaterra, Espanha, Portugal e França, depende, precisamente, desse fato básico: são literaturas escritas em línguas transplantadas. As línguas nascem e crescem em um solo natal e de sua tradição própria, plantadas em um mundo desconhecido e ainda por ser nominado, as línguas europeias enraizaram-se nas novas terras, cresceram junto com as sociedades americanas e se transformaram. São a mesma planta e são, também, uma planta distinta” (Paz, 2017, p. 70).

⁷⁴ Nesse sentido, cabe destacar o que Paz (1998) menciona: “En ese mundo cerrado la generación de Sor Juana se hace ciertas preguntas – más insinuadas que formuladas, más presentidas que pensadas – para las que su tradición espiritual no ofrecía respuesta. (Las respuestas ya habían sido dadas afuera, en el aire libre de la cultura europea.) Esto explica, acaso, que a pesar de su osadía, nadie entre ellos emprenda la crítica de los principios que fundaban la sociedad colonial, ni proponga otros” – [Nossa tradução: Nesse mundo fechado, a geração de Sór Juana formula certas perguntas – que são mais insinuadas do que formuladas, mais pressentidas do que pensadas – para as quais sua tradição espiritual não oferecia resposta. (As respostas já tinham sido dadas desde fora, no ar livre da cultura europeia.) Isto explica, talvez, que, mesmo com sua ousadia, ninguém dentre eles empreendeu uma crítica aos princípios que eram a base da sociedade colonial, nem mesmo de propor outros] (Paz, 1998, p. 46).

anteriormente, peculiaridades escriturais que evidenciam parte do contexto de assimilação das diretrizes linguísticas europeias na América.

Desse modo, à continuação, refletimos sobre esse fazer escritural do século XIX para o surgimento, no nosso espaço de expressão latino-americano, do gênero literário que, mais adiante, levaria a nossa América a ser conhecida pelo mundo.

1.2 IMPORTÂNCIA DO *PERIQUILLO SARNIENTO* (1816) À ÉPOCA DE SUA PUBLICAÇÃO

Nesta subseção, discutimos algumas questões relevantes a respeito da recepção do primeiro romance latino-americano, à época de sua publicação, em 1816, no México e na América Latina. Iniciamos, assim, por um resumo da sua diegese, com o intuito de verificarmos algumas características essenciais da obra e como nela – mesmo sendo o primeiro romance escrito na América Latina – já se enuncia o “desvio” da norma comentado por Santiago (2000).

Nosso foco não é, desse modo, proceder a um estudo crítico/analítico aprofundado da obra, mas, sim, aproximar os leitores dos aspectos mais gerais da diegese planejada por Fernández de Lizardi. Passamos, na sequência, a apresentar, assim, um brevíssimo resumo dessa diegese e alguns outros elementos de destaque presentes no romance, com o objetivo de introduzirmos alguns dos aspectos essenciais da estrutura do romance de Fernández de Lizardi aos leitores da tradução da obra que, à continuação, disponibilizamos.

Para isso, utilizamos a terminologia concebida por Gerárd Genette, exposta na obra *Discurso da Narrativa* ([1972] 1979). A partir desse marco teórico, entendemos que, na obra analisada, exibem-se características específicas, como o modo narrativo de focalização interna, o que quer dizer que o leitor empírico vai conhecendo sobre as aventuras, em grande medida, através da voz⁷⁵ do narrador-personagem. Temos, então, no romance de Fernández de Lizardi (1816), um protagonista-narrador que

⁷⁵ Para Genette, a voz no discurso narrativo apenas pode ser feita por meio da voz do narrador. Assim, a enunciação tem como sujeito o narrador. No parágrafo anterior afirma-se que o narrador na obra é um protagonista-narrador. Portanto, nesse estudo, ao nos referirmos a essa ‘pessoa’ que relata a história do *Periquillo*, utilizaremos indistintamente protagonista-narrador, voz enunciativa do discurso, voz, instância narrativa, narrador autodiegético.

enuncia por meio de uma voz autodiegética. Essa condição de protagonista-narrador permite à voz enunciativa do discurso – entidade ficcional mais ampla que domina a totalidade da enunciação – manipular e filtrar o relato para seu narratário, também denominado como o destinatário do relato. Esse narratário, na obra de Lizardi, é explícito: os destinatários do relato são os filhos do protagonista-narrador.

Com base nessa perspectiva teórica, podemos afirmar que o foco narrativo de *El Periquillo Sarniento* (1816) concentra-se na perspectiva do narrador autodiegético Pedro Sarmiento. É dessa personagem a voz que relata para seus filhos, na idade adulta, como foi sua vida desde criança. Contudo, uma leitura atenta da obra de Fernández de Lizardi (1816) revela que essa não é a única voz que gera o discurso crítico e moralizante que emana do romance.

Outras vozes também integram esse projeto estético e, entre elas, podemos mencionar a do autor-implícito, a voz de outras personagens secundárias que se manifestam pelo discurso direto/diálogos, as vozes audíveis pelas intertextualidades estabelecidas na tessitura romanesca, etc. Frente a essa “sinfonia de vozes” – que constituem a dialogia e a polifonia de muitos romances – aplicamos, no âmbito dos estudos do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos da história e ficção – vias para a descolonização”, a taxionomia “voz enunciativa do discurso”, por considerarmos a existência de uma entidade ficcional enunciativa que congrega todas as vozes, congruentes ou dissonantes, de uma narrativa e estabelece o discurso resultante do amálgama que essa “sinfonia” propõe em uma determinada obra.

Na diegese de *El Periquillo Sarniento* (1816), o narrador-protagonista, ao enunciar a seus filhos a sua versão sobre o seu passado, pretende não esconder nada: suas travessuras, como quando relata o episódio em que Pedro recebe seu apelido pelos colegas mais desordeiros da escola e como ele também participou colocando, também, nomes nos outros. O protagonista refere a seus narratários – filhos seus a quem pretende dar um exemplo – as suas aventuras ao longo dos anos, e, entre elas, está aquela de quando naufragou numa ilha de nome Saucheofú e como se faz passar ali por um jovem nobre rico.

Essa enunciação, que se manifesta em nível intradiegético e em voz autodiegética, narra também, nesse intento de “educar os filhos”, seus “pecados”, como quando tentou estuprar a personagem Luísa, acreditando que ela estava

sozinha na vida, e é esfaqueado pelo marido dela. Relata, ainda, os seus “maus passos”, como quando, morto seu pai, gastou todo o dinheiro que dele ficou e deixou na miséria a sua mãe.

Esse relato do pai aos filhos, contudo, não deixa de apresentar momentos hilariantes como quando o protagonista-narrador conta que, ao se fazer passar por sacristão/coroinha, roubou os mortos, mas levou um susto, juntamente com o seu comparsa, quando uma morta rica pareceu-lhes ter ressuscitado. A intenção do protagonista-narrador de relatar tudo a seus filhos, de acordo com a voz enunciativa do discurso, presente já na introdução do romance, é para evitar que eles sigam os seus maus passos, por não saberem das questões essenciais da vida⁷⁶.

Para dar conta do seu intento, o narrador-protagonista, em voz autodiegética, no tomo I, descreve os acontecimentos ocorridos desde seu nascimento até a morte do seu pai. No primeiro capítulo, do primeiro tomo, além de dedicar a leitura a seus filhos – com a justificativa de que deseja deixar-lhes o livro como herança para que eles aprendam com as lições que nele apresenta –, o protagonista-narrador também conta como foi crescer em uma família na qual a mãe era movida pelos seus próprios anseios e desejos e que se deixava levar pelas superstições das velhas tias.

Do outro lado, nesse cenário familiar relatado, esse narrador-protagonista posiciona o seu pai. Esse é retratado como um homem amoroso, culto, sensato, mas que, por amor à esposa, deixava-a tomar decisões cruciais na hora de educar o filho. Conta, assim, como, nesse contexto, ele mesmo foi prejudicado pelos mimos recebidos e foi malcriado pelas superstições populares e religiosas que lhe incutiram, cujos resultados tornaram-no um menino fraco de saúde parco em ética.

No primeiro tomo, de forma geral, narra-se como o pai do protagonista-narrador consegue matriculá-lo na escola, contrariando a vontade de sua esposa. Nesse sentido, a personagem-narrador conta a seus filhos sobre o que aprendeu na instituição escolar: a ser um jogador, um sujeito briguento, sem-vergonha, mais mal-educado do que quando saiu da sua casa. Ele relata, também, como foram seus três

⁷⁶ De acordo com Wayne C. Booth (1978), em geral, os narradores de narrativas de cunho picaresco são enganadores, indignos de confiança. No entanto, a nossa leitura do *Periquitinho*, do fato da personagem assumir uma postura didática diferente daquela do pícaro clássico, é, igualmente, referendada por autores como García de Paredes (1972), Lazo (1976), Noriega Elío (1979), Vogeley (2004), Bobadilla Encinas (2008), Ruiz Barrionuevo (2008), Rosetti (2011), Palazón Mayoral (2016), entre outros, cujos aportes ao estudo da obra de Fernández de Lizardi serão discutidos nas próximas páginas deste texto.

primeiros professores. Comenta como, depois de se formar, o pai manifestou que gostaria que ele fosse aprendiz de quaisquer ofícios, mas que a mãe se opunha a isso.

A voz enunciativa do discurso expressa que, ao término dos estudos do ensino secundário superior⁷⁷, Periquillo, doravante Periquitinho, havia aprendido na escola assuntos que não lhe serviam para a vida. Nessa etapa do relato, mostra-se que as más amizades continuavam a ser uma forte influência na vida da personagem-protagonista. Ele, assim, pretende ser sacerdote porque entende que, nesse âmbito, não precisaria estudar ou trabalhar. Conta ainda a seus filhos que, nessa época, seu pai faleceu.

No tomo II, cria-se a imagem de um Periquitinho libertino e, dessa maneira, ele consegue gastar o pouco dinheiro que tem, deixando a sua mãe na miséria. Na sequência das ações narradas, ela falece e ele vende tudo o que restou das pertencas maternas e vira apostador. Aliado a Juan Largo, João Dotado, na nossa tradução, entra numa armadilha provocada pelo suposto amigo e é hospitalizado. Em seguida, na cadeia, conhece Antonio Sánchez. Nesse contexto, a voz narrativa conta como se iniciou a sua história com o Aguilucho, Gavião, na nossa tradução, e o escrivão. O protagonista consegue deixar a cadeia para servir ao escrivão Chanfaina, Tabajara, na nossa tradução, pelos seus conhecimentos de caligrafia e pelo pouco latim que aprendera.

Muito melhor instalado na casa do escrivão, Periquitinho torna-se aprendiz de escrivão corrupto. Conhece Luísa, amante de Tabajara, e com ela tem um caso. Depois, o protagonista é pego pelo patrão traído e foge. Nessa situação, um conhecido do falecido pai acolhe-o. Então, Periquitinho inicia-se no ofício de barbeiro. Conhece, em seguida, a personagem Andrés, o aprendiz. Pela sua conduta, mais uma vez foge e, dessa vez, atua como aprendiz do Dr. Purgante. Rouba o seu mestre e viaja ao interior do país onde se faz passar por médico. Encontra Andrés que, por sua vez,

⁷⁷ Periquitinho termina o grau de Ensino Médio. Ao terminar os cinco anos do ensino secundário superior, *la segunda enseñanza*, os alunos obtinham o grau de bacharel. Ver Hernández Díaz, J. M. *Los alumnos de segunda enseñanza en el siglo XIX*, página 260. Disponível em: https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/79418/Los_alumnos_de_segunda_ensenanza_en_el_s.pdf?isAllowed=y&sequence=1. Acesso em: 01 abr. 2024.

torna-se o seu Lazarillo⁷⁸. Depois de passar algum tempo relatando as suas andanças como falso médico, o protagonista, outra vez, foge do lugar.

Periquitinho, nessa desordenada vida, acaba ganhando na loteria e reinicia toda a sua existência. Volta, então, a se encontrar com a personagem Luísa e a faz sua amante. Mas a expulsa para realizar um casamento de aparências com Mariana. Reencontra Luísa já casada, e tenta estuprá-la. O marido dela, porém, defende sua honra e ataca o jovem com uma faca e, ferido gravemente, Periquitinho vai parar no hospital. Após essas aventuras, o protagonista vira sacristão, mas não é bem-sucedido.

No tomo IV, a personagem principal continua com o mau comportamento. Alia-se a um delegado corrupto, é pego pela justiça e, de castigo, é enviado a servir no exército em Manila. Ao longo de sua viagem, conhece lugares nunca almejados por ele. Mesmo assim, continua a se comportar mal e se faz passar por um nobre. Recebe a proteção de um coronel e aprende com ele a ser honesto, mas não por muito tempo, pois, novamente, entrega-se ao hábito de enganar pessoas.

No tomo V, relata-se o pior dos momentos para o protagonista, pois Periquitinho tenta se suicidar, mas é salvo por alguém que ele não esperava. Logo, conhece de perto os perigos de continuar a ser ladrão, ao testemunhar o fato de as personagens Gavião e João Dotado, seus ex-companheiros, serem mortos pela polícia. Depois disto, começa a trabalhar e é acolhido por um bom homem. O protagonista consegue, por fim, transformar-se em um homem honesto e trabalhador. Perdoa e ajuda os seus semelhantes, desfaz mal-entendidos e se casa com a filha de um antigo amigo. Tem dois filhos com sua esposa. Finalmente, morre e deixa seus escritos aos cuidados do *Pensador Mexicano*, *alter ego* do autor, que consegue publicar a obra.

Com essa prerrogativa, o autor escreve o que muitos chamam de uma escrita “com teor moralizante” (Silva; Dantas, 2017, p. 1), não no sentido de enunciar uma moral da diegese no final do relato, como é comum, por exemplo, nas fábulas ou

⁷⁸ O termo *lazarillo* vem do romance *Lazarillo de Tormes*, obra anônima que surge em torno de 1554, como um novo gênero que traz consigo o tema central da individualidade e a invenção do leitor moderno (González, 2010). O protagonista, sem nome, é referendado como o *lazarillo*, uma personagem que, desde criança, serve de guia a um cego. No entanto, o sentido dado a partir da publicação do romance, do gênero picaresca, é a de um jovem que serve muitos amos, que, para sobreviver e evitar a fome, vale-se de muitas traquinagens e malandragens. Para mais informações, sugerimos a leitura do artigo das autoras Del Pozo González, L. S.; Matheus, A. M. E.; Winkert, D. J. O ensino de literatura nas aulas de ELE: proposta de aplicação da literatura comparada e das TIC. *Palimpsesto*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p. 48-63, maio-ago. 2020.

contos de fada. O teor instrutivo da obra de Fernández de Lizardi (1816) encontra-se na crítica que o narrador faz ao sistema colonial, ao deflagar, por meio das aventuras do Periquitinho, entre outros aspectos, a corrupção, a hipocrisia, os maus profissionais, a devassidão da sociedade mexicana colonial. Com o intuito de exemplificar melhor essa afirmação, observamos o seguinte trecho:

*–¿Según eso, dije yo, los escribanos tienen facilidad de engañar a los jueces cuando quieren?
– Y ya se ve que la tienen, me respondió mi amigo, y que toda la responsabilidad que cargaría sobre los magistrados o jueces, carga sobre ellos por el abuso que hacen de la confianza que los dichos jueces les depositan. No piense usted que es avanzada la proposición. Si me fuera lícito, contaría a usted casos modernos y originales, de que soy buen testigo, y en algunos también parte; pero ahí se irá usted comunicando con otros presos que son menos escrupulosos que yo, y ellos informarán a usted por menor de cuanto le digo⁷⁹ (Fernández de Lizardi, 2008, p. 411).*

O recorte acima destacado aponta, claramente, para a corrupção no campo jurídico colonial. O autor, portanto, não deixa subentendido para o leitor as cenas que criticam aquilo que considera o pior do *status quo* da Nova Espanha. Nesse sentido, entendemos que a escrita romanesca de Fernández de Lizardi (1816) educa e instrui a sociedade colonial por meio das denúncias expostas na diegese.

Fernández Árias (1995), Palazón Mayoral (2001) e Vogeley (2004) comentam que o autor do primeiro romance latino-americano, para poder escrever sua obra, observou a realidade do público mexicano. Segundo Vogeley (2004), Fernández de Lizardi escolheu, propositalmente, seu modo de escrita para se aproximar, diretamente, do povo mexicano analfabeto, pois acreditava que era necessário levar os menos favorecidos a se aventurarem no mundo da leitura, da qual tinham sido excluídos⁸⁰. Para tanto, o autor cria uma diegese na qual, muitas vezes, estão

⁷⁹ Nossa tradução: “– De acordo com isso – eu disse – é fácil para os escrivãos enganarem os juízes quando eles querem?/ – Eles claramente podem fazer isso – respondeu meu amigo – e que toda a responsabilidade que cairia sobre os magistrados ou juízes, pesa sobre eles pelo abuso que fazem da confiança que tais juízes depositam neles. Não pense que minha proposição é muito atrevida. Se me fosse lícito, eu lhe contaria casos atuais e originais, pois fui deles testemunha, e de alguns fui parte; mas o senhor vai se comunicar com outros presos, que são menos escrupulosos do que eu, e eles lhe darão informes, em detalhes, de quanto eu lhe digo”.

⁸⁰ Palazón Mayoral (2001) evoca ao início da República foi proibido o “voceo” – [Nossa tradução: conclamação], que na prática impedia a livre circulação e consumo por parte de quem não sabia ler.

inseridas leituras de liberais e cristãos (Fernández Árias, 1995)⁸¹, aspecto que revela o seu desejo pela difusão e defesa das ideias reformistas.

Assim, nossa leitura verifica que a entidade narrativa, na seção *Advertencias generales a los lectores*, declara que “[...] *la idea de nuestro autor no sólo fue contar su vida, sino instruir cuando pudiera a sus hijos*”⁸² (Fernández de Lizardi, 2008, p. 99). Tal discurso, segundo entendemos, não se dirige unicamente para os leitores imediatos – ou seja, na ficção, para seus filhos –, mas, também, aos seus futuros leitores no contexto da Nova Espanha. A eles, da mesma forma como o protagonista almeja com os seus filhos, o autor deseja ensinar o que ele acredita ser o comportamento de um bom cidadão para a época, sob os modelos majoritariamente iluministas⁸³ (Noriega Elío, [1979] 2019).

Ao nos defrontarmos com o texto de Fernández de Lizardi (1816), concordamos com Rosetti (2011), que, em confluência com Bobadilla Encinas (2008), ressalta a existência de uma perspectiva didática desde o início do relato, quando o protagonista, que escreve sua vida a modo de testamento, busca relatar a transformação “*de Periquillo en Pedro: de un pícaro descentrado en un letrado enmendado*”⁸⁴. Palazón Mayoral, em artigo publicado em 2001, que volta a comentar em palestra proferida na ocasião do Bicentenário da publicação de *El Periquillo Sarniento*⁸⁵, em 2016, auxilia-

⁸¹ A citação completa registra: “En la época de nuestro autor, un gran porcentaje del pueblo era analfabeto, y él, El Pensador Mexicano, quería que una clase social tan oprimida fuera dignificada por escritores liberales y cristianos como él” – [Nossa tradução: à época do nosso autor, uma grande porcentagem do povo era analfabeto e, ele, O Pensador Mexicano, queria que uma classe social tão oprimida pudesse ser dignificada [com a leitura] dos escritores liberais e cristãos como ele] (Fernández Árias, 1995, p. 179).

⁸² Nossa tradução: “[...] a ideia do nosso autor não somente foi de contar a sua vida, mas, também, de instruir o melhor possível seus filhos”.

⁸³ Cecília Noriega Elío ([1979] 2019) escreve, no artigo “*Hacia una alegoría criolla: el proyecto de sociedad de Fernández de Lizardi*” – [Nossa tradução: Rumo a uma alegoria *criolla*: o projeto de sociedade de Fernández de Lizardi], uma reflexão sobre o que Fernández de Lizardi entende como projeto de sociedade e a quem estaria dirigido esse projeto, com bases iluministas. De acordo com a estudiosa, o projeto de comportamento que pretende estabelecer o autor é para o “bom cidadão”, quer dizer, dirige-se ao grupo dos *criollos*, e aos espanhóis que também ainda se encontravam no território e faziam parte desse contingente de pessoas com acesso ao poder. Vale a pena ler o estudo, sobretudo a observação em que a autora propõe uma divisão entre o que seria a ideologia do jornalista escritor e autor da obra e o que suas ideias representam na prática, pois, Noriega Elío aponta que o escritor exime aos mestiços, nativos e negros. Devido ao objetivo do nosso estudo, apenas indicamos sua leitura. Disponível em: <https://moderna.historicas.unam.mx/index.php/ehm/article/view/69036/60864>. Acesso em: 14 jun. 2021.

⁸⁴ Nossa tradução: “[...] de Periquillo a Pedro: de um pícaro marginal em um letrado reformado”.

⁸⁵ Palestra organizada pelas instituições mexicanas do “Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México – INEHRM” e da Secretaría de Cultura do México, acontecida em 7 de dezembro de 2016, por ocasião da celebração do Bicentenário da publicação do romance *El Periquillo*

nos na compreensão de como acontecia a transmissão de conhecimentos pela leitura dos livros nesse contexto. A pesquisadora afirma que, na época, a grande maioria da sociedade mexicana era analfabeta⁸⁶ e, no entanto, muito mais culta do que é hoje.

As publicações de Fernández de Lizardi foram muito bem acolhidas na sua época, ainda que isso tenha acontecido em meio a controvérsias. Suas obras, em geral, foram lidas com profusão, como sugerem Lacayo⁸⁷ ([1930] 2015) e Palazón Mayoral (2001). Vogeley (2004, p. XIX) acrescenta que *“the novel, which was published in installments on Tuesdays and Fridays beginning in February 1816, was immediately popular. [...] Mexicans eagerly bought the chapters as they came out and discussed Lizardi’s characters, as if they were real people”*⁸⁸ [...]. Além disso, Palazón Mayoral (2001) comenta a importância dos folhetins elaborados por Fernández de Lizardi para o povo iletrado, pelo conteúdo jornalístico, as argumentações nos textos,

Sarniento, de José Joaquín Fernández de Lizardi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BFKHM4uNemQ>. Acesso em: 31 jan. 2021.

⁸⁶ Estrada [2002], no seu artigo sobre *“La educación indígena en el siglo XVIII”* – [Nossa tradução: A educação indígena no século XVIII], discute sobre como acontecia o ensino na época, comentando-o nos seguintes termos: *“¿Qué pasaba dentro de la escuela? La enseñanza impartida a los indígenas era bastante parecida a la de las escuelas en las ciudades y villas de españoles. Había pocos útiles y textos escolares; de cuatro a seis niños compartían la cartilla y el catecismo. Se dividía a los alumnos en dos grupos: los principiantes en la clase de leer y los más avanzados, de mayor edad, en la clase de escribir. Como en todos los países de Europa y América en el siglo XVIII, el niño aprendía a leer durante dos o tres años y solamente después, cuando tenía alrededor de nueve años, aprendía a escribir. No se enseñaba a leer y a escribir simultáneamente. Como resultado de esta práctica, en el mundo occidental durante el siglo XVIII y en buena parte del siglo XIX, debido a que muchos alumnos abandonaban la escuela al haber aprendido a leer, más personas sabían leer que escribir”* – [Nossa tradução: O que se passava dentro da escola? O ensino dado aos indígenas era bastante similar ao ofertado nas escolas nas cidades e vilas espanholas. Existiam poucos materiais e textos escolares; a cartilha e o catecismo eram compartilhados entre quatro a seis crianças. Os alunos eram divididos em dois grupos: os principiantes na aula de leitura e os avançados, com mais idade, na aula de escrita. Assim como em todos os países da Europa e da América no século XVIII, a criança aprendia a ler ao longo de dois a três anos e, somente depois, aos nove anos, aprendia a escrever. Não era ensinada a leitura e a escrita simultaneamente. Como resultado dessa prática no mundo ocidental, ao longo do século XVIII e boa parte do XIX, devido ao abandono escolar que sucedia ao fato de aprender a ler, mais pessoas sabiam ler do que escrever. O que chama a nossa atenção nesse recorte é a existência das muitas pessoas que sabiam ler, mas não escreviam]. Retirado de: Galván, Luz Elena (coord.) (2002). *Diccionario de historia de la educación en México*, CD, México: CONACyT/CIESAS/DGSCAUNAM. Disponível em: <http://biblioweb.tic.unam.mx/diccionario/htm/indice.htm>. Acesso em: 17 dez. 2020.

⁸⁷ Afirmamos isso com base na seguinte citação: *“Los datos de su vida apenas se conocen, y solo sus obras, leídas siempre con profusión en aquel país, y centro de grandes polémicas en la época de su publicación, llegan bastante completas a nosotros”* – [Nossa tradução: os dados da sua vida são pouco conhecidos, e unicamente suas obras – lidas sempre profusamente naquele país, foi centro de grandes polêmicas no momento da publicação – chegaram até nós de forma bastante completa] (Lacayo, [1930] 2015, p. IV).

⁸⁸ Nossa tradução: *“[...] o romance, publicado em episódios nas terças e sextas-feiras, a partir de fevereiro de 1816, tornou-se rapidamente popular. [...] Os mexicanos compravam os capítulos avidamente à medida que eram publicados e discutiam sobre as personagens de Fernández de Lizardi, como se elas se tratassem de personagens reais”*.

passíveis de serem encenados já que o autor possibilita a leitura por um terceiro, recurso teatral longamente utilizado pela catequização da igreja católica, e, assim proporcionou uma fonte de diversão, tudo em poucas folhas vendidas a baixo custo. A partir das afirmações de Palazón Mayoral (2001), Vogeley (2004) e Lacayo (2015), é possível confirmar o impacto positivo que teve *El Periquillo Sarniento* (1816) no público leitor daquele momento.

De fato, como comenta Vogeley (2004), a publicação continuou a ser bastante vendida ao longo do século XIX, fato atestado pelas várias edições⁸⁹ depois da primeira, de 1816. A crítica da época, no entanto, como aponta a pesquisadora⁹⁰, não foi favorável à obra. Como está exposto nas publicações veiculadas pelo jornal mexicano da época, *Noticioso General* (Ortiz Sánchez, 2018)⁹¹, muitos críticos atacaram⁹² a obra de Fernández de Lizardi, baseando-se na falta de educação formal do escritor (Vogeley, 2004; Ortiz Sánchez, 2018; 2020). Palazón Mayoral (2001), do

⁸⁹ Vogeley (2004, p. XXII) menciona as várias edições da obra desde a sua aparição, em 1816, e, em seguida, “1825, 1830-1831, 1842 (two printings), 1865, 1884 (two printings), 1896, 1897, 1903, 1908, and 1909” – [Nossa tradução: 1825, 1830-1831, 1842 (duas impressões), 1865, 1884 (duas impressões), 1896, 1897, 1903, 1908, e 1909]. A autora menciona, ainda, que “these many editions attest to the wide circulation of the story” – [Nossa tradução: essas muitas edições comprovam a ampla circulação do relato]. Isto, além de calendários, e similares, que apresentavam trechos dessa obra e outras de Fernández de Lizardi. Do mesmo modo, a pesquisadora menciona que, entre 1895 e 1896, sob a autoria de um autor anônimo de pseudônimo “Un Devoto del Pensador Mexicano” – [Nossa tradução: Um devoto do Pensador Mexicano] –, escreve a obra: *Perucho, nieto de Periquillo*. Esse romance, seguindo a linha do primeiro de Fernández de Lizardi, contém críticas ao governo despótico de Maximiliano e Porfirio Díaz. Desse modo, entre os anos de “1819, la obra era ya popular y leída por todas partes; había sido llevada a España, a Cuba, y a Portugal, y parece que también fue traducida al inglés” – [Nossa tradução: 1819, a obra já era popular e lida por todas as partes; tinha sido levada à Espanha, a Cuba e a Portugal, e, aparentemente, também havia sido traduzida ao inglês] – (Lacayo, 2015, p. VII).

⁹⁰ A citação completa de Vogeley comenta sobre a falta de educação formal que o próprio autor assumiu: “Thus in anticipating the criticism of professional writers, he revealed his own insecurities as a self-educated writer who was daring to enter the Mexican print world, formerly controlled by Spanish professional and loyalists” – [Nossa tradução: Além disso, o autor, prevendo a crítica dos escritores de profissão, revela a própria hesitação por ser um escritor autodidata que se atrevia a entrar no mundo mexicano da imprensa que, anteriormente, fora controlado por profissionais espanhóis e partidários da monarquia] (Vogeley, 2004, p. XIV).

⁹¹ Sugerimos para mais informações a leitura do artigo que publica a pesquisadora María de Lourdes Ortiz Sánchez, *La obra literaria de Fernández de Lizardi ante sus críticos contemporáneos: entre amigos y enemigos* (2018). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6811458.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

⁹² Vogeley (2004) não menciona os jornais em que foram publicadas as críticas. Sabemos, por Ortiz Sánchez (2020, p. 288), que o grupo de intelectuais contemporâneos de Fernández de Lizardi concentrados na *Arcadia Mexicana* não o reconheceram “como intelectual con la capacidad de aportar ideas valiosas en sus textos” – [Nossa tradução: como intelectual com a capacidade de aportar com ideias valiosas nos seus textos]. Citação retirada do artigo *Los embates de la crítica contra la obra literaria de José Joaquín Fernández de Lizardi*. O texto de Ortiz Sánchez se encontra disponível em: <https://dieciocho-xviii.com/43.2/3.Ortiz.43.2.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

mesmo modo, comenta⁹³ sobre o papel dos detratores diante do sucesso de Fernández de Lizardi e menciona a Juan María Lacunza⁹⁴ (? - 1820) como figura principal.

Com respeito ao que acontecia do outro lado do continente americano, Ferreira (2000) indica que, no caso brasileiro, o número de leitores, nessa época, não era expressivo⁹⁵ se comparado a outras localidades. No entanto, depois da chegada da corte portuguesa à colônia, em 1808, os leitores portugueses da corte contribuíram para o crescimento desse número no território lusitano da América da época.

Lajolo e Zilberman (1998, p. 266) registram um momento de evocação testemunhal pelo escritor José de Alencar, que se assemelha ao panorama descrito por Palazón Mayoral (2016) sobre a sociedade leitora no México: “José de Alencar, por exemplo, recorda sua função de *lector*, que, embora criança, arrancava lágrimas do auditório [...]”. A esse dado, as pesquisadoras comentam que, por outro lado, Alencar não deixa claro se as ouvintes poderiam ler sozinhas e preferiam reuniões como a tertúlia, ou que, tecnicamente, não tinham sido educadas para ler⁹⁶. Desse

⁹³ Palazón Mayoral utiliza como apoio o texto: Juan María Lacunza [*Críticas a la poesía de Lizardi*], *Diario de México*, t. XV, n. 2270, 20 dic. 1811, p. 695. Disponível em: <https://www.iifilologicas.unam.mx/obralizardi/index.php?page=diario-de-mexico-del-viernes-20-de-diciembre-de-1811-a>. Acesso em: 31 jul. 2023.

⁹⁴ Juan María Lacunza foi um poeta membro da *Arcadia mexicana*. Utilizou vários pseudônimos nas suas publicações. Retirado de: ORTIZ SÁNCHEZ, Ma. de L. *Los embates de la crítica contra la obra literaria de José Joaquín Fernández de Lizardi*. University of Virginia. *Dieciocho*, v. 43, n. 2. p. 271-290. Disponível em: <https://dieciocho.uvcreate.virginia.edu/43.2/3.Ortiz.43.2.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2021.

⁹⁵ As pesquisadoras Lajolo e Zilberman (1998, p. 156), no capítulo “Uma república ainda sem livros nem leitores”, da obra *A formação da leitura no Brasil* (1998), mencionam que Olavo Bilac expõe o seguinte: “As últimas estatísticas, dando ao Brasil uma população total de vinte milhões e duzentas e quinze mil almas, demonstram que, em toda a extensão do país, todos os estabelecimentos de ensino [...] tinham, em 1907, [...] a matrícula de 624.064 alunos; e isto quer dizer que a pouco mais de dois e meio por cento da população é ministrado o favor do ensino [...]”. Por outro lado, Wyler (2003, p. 56) aponta: “Da transferência da Corte, em 1808, à Independência, em 1822, havia no Brasil uma ‘notável indisponibilidade de livros e uns 20 mil letrados’, ou seja, 0,5% em uma população total de 4 milhões”. Fleck (2018, p. 16) registra: “A educação foi um privilégio de poucos”. Seu estudo informa os dados da pesquisa de Lagôa (1990, p. 11), “que aponta uma população livre de 8 milhões de pessoas, das quais 1.200.000 eram crianças em idade escolar (primária). Efetivamente iam à escola apenas 110.000, menos de 10% do total. [...] A professora Ana Lagôa (1990, p. 11) fornece-nos, em sua pesquisa, outro dado estatístico esclarecedor: em 1876, 78% dos brasileiros eram analfabetos. Isso não é de assustar, já que até a proclamação da República, em 1889, índios, negros e mulheres estavam excluídos do sistema educacional. Até o Período Republicano apenas uma minoria do povo teve acesso à educação formal” (Fleck, 2018, p. 16).

⁹⁶ O estudo apresentado por Lajolo e Zilberman (1998) mostra que a mulher brasileira, desde inícios da colonização, teve uma educação controlada. As pesquisadoras comentam sobre o registro de Alencar, citado acima, questionando se “[...] a experiência coletiva e o modo participativo de recepção das histórias eram decorrentes do analfabetismo ou era praxe?” (Lajolo; Zilberman, 1998, p. 270).

modo, concluímos que o número de leitores no Brasil era composto por um círculo restrito.

Voltando ao contexto do México, graças ao auxílio dos estudos mencionados sobre o público alvo de Fernández de Lizardi, mencionados nos parágrafos anteriores, é-nos possível deduzir que, na época da publicação do primeiro romance latino-americano, existia, no México, um público consumidor de leituras e que esse era conformado por analfabetos cultos (Palazón Mayoral, 2012, 2016), pois, como era comum, os jornais, folhetins, entre outros tipos de textos, eram lidos em voz alta por quem tinha tais conhecimentos. Isso acontecia em tertúlias, em grupos, ocasiões em que não somente se ouvia o conteúdo enunciado, mas, também, eram discutidos os assuntos da atualidade.

Vogeley (2004) menciona que Fernández de Lizardi estava ciente do seu auditório/futuros leitores e as condições mínimas com respeito às limitações que apresentavam à interpretação textual. Assim, o *Pensador Mexicano* “*needed shocking language to wake them up from their lethargic acceptance of convention, moralizing restatements of the plot to help them understand Lizardi’s message, and humor to soften the devastating criticism*”⁹⁷ [...]”. Portanto, Fernández de Lizardi, como bom ilustrado, além de manter seu objetivo educativo de esclarecer seus leitores sobre as mazelas da sociedade colonial, utilizou, na redação de sua obra, uma linguagem corrente em sua época, muito divertida, cheia de causos cômicos para, desse modo, atrair o seu público leitor. Esse estilo possui, portanto, dispositivos para manter seu leitor cativado. Por outro lado, a pesquisadora Vogeley⁹⁸ (2004) indica, também, que Fernández de Lizardi cuidou do aspecto de que seu relato fosse direto o suficiente apenas para levá-lo ao ponto de ser engraçado para seus leitores, de modo que, da

⁹⁷ Nossa tradução: “[...] precisou utilizar uma linguagem de impacto para os despertar da letárgica aceitação do convencionalismo, e de reformulações moralizantes na diegese a fim de os ajudar a entender a mensagem do autor, além do seu humor, para, desse modo, aliviar a devastadora crítica”.

⁹⁸ Vogeley (2004, p. XIII-XIV) comenta sobre o cuidado que Fernández de Lizardi teve em dosar a quantidade de crítica no *Periquillo*: “*Thus his humorous criticism of persons and conditions, although direct enough to be recognizable, is usually not cruel; instead, the reader’s smile or laughter often results from Lizardi’s penetration and revelation of society’s deception, from his clever turn of phrase*” – [Nossa tradução: Embora a sua crítica jocosa, a respeito das pessoas e suas condições, seja direta o suficiente para que possa ser reconhecida, ela não chega a ser cruel; ao contrário, o riso do leitor é, muitas vezes, o resultado obtido das inserções e revelações da hipocrisia da sociedade, da sua habilidosa construção frasal].

mesma forma, ele possibilitasse revelar o lado sombrio e censurável da sociedade colonial mexicana.

Remetemo-nos, do mesmo modo, aos mecanismos apontados por Lajolo e Zilberman (1998, p. 19) sobre a configuração do narrador nas produções literárias do século XIX no contexto brasileiro, pois bem cabem ao caso da escrita de Fernández de Lizardi, em *El Periquillo Sarniento*. Segundo as autoras, tais produções, ao chamarem

[...] a atenção do destinatário para a continuidade do relato ou para a introdução nele de novos elementos, configuram um narrador que tutela seu leitor de modo paternalista, receoso de que a leitura, à menor dificuldade, seja posta de lado. Leitor principiante, narrador permissivo e tolerante. Recursos de retomada de eventos apresentados em capítulos anteriores, estratégia escolhida para manter o leitor atento [...]. Com tal objetivo, o narrador invoca o leitor na abertura no parágrafo, recapitula de modo sintético o lido e promete a continuação da história. Ou então explica o aparecimento de novas personagens (Lajolo; Zilberman, 1998, p. 270).

Dessa forma, por exemplo, Fernández de Lizardi sempre escreve, no início dos capítulos, um resumo, ao modo dos recursos mencionados por Lajolo e Zilberman (1998): “Capítulo VII. Cuenta Periquillo lo que le pasó con el escribano, y don Antonio continúa contándole su historia⁹⁹” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 406); “Capítulo X. En el que Periquillo da razón del robo que le hicieron en la cárcel, de la despedida de don Antonio, de los trabajos que pasó, y de otras cosas que tal vez no desagradarán a los lectores¹⁰⁰” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 457).

De acordo com o exposto, observamos a presença dos “procedimentos de sedução” do leitor na tessitura de *El Periquillo Sarniento* (1816). Essas estratégias escriturais servem para melhor vender o texto em formato de folhetim e, portanto, o discurso utilizado pelo narrador mostra-se permissivo e tolerante com o intuito de agradar e de convencer, inclusive, aos leitores iniciantes. Essa estrutura lembra-nos, muito, do uso que dessas estratégias fez Cervantes (1547-1616) no início dos capítulos do seu *Don Quijote* (1605/1614), aspecto também mencionado nos estudos

⁹⁹ Nossa tradução: “Capítulo VII. Periquinho conta o que aconteceu com o escrivão e Don Antônio continua a narrar sua história”.

¹⁰⁰ Nossa tradução: “Capítulo X. No qual Periquinho relata que lhe roubaram na prisão. Conta sobre a despedida de Don Antônio, dos trabalhos que passou e de outras coisas que, talvez, agradem os leitores”.

de Palazón Mayoral (2001, 2012, 2013, 2016). Do mesmo modo, essa particularidade pode ser, ainda, verificada na literatura de cordel brasileira, voltada às expressões populares da oralidade.

Algumas dessas características que estão presentes no texto de *El Periquillo Sarniento* (1816) são: a ação “permissiva” e “tolerante” do narrador; o uso da linguagem simples, coloquial; a valorização dos traços de oralidade na escrita e a inclusão, proposital, da variante linguística mexicana – de língua transplantada – na diegese, como já foi antes mencionado pelas pesquisadoras Vogeley (2004), Ruiz Barrionuevo (2008) e Palazón Mayoral (2001, 2012; 2016). Desse modo, Fernández de Lizardi explora uma variedade de recursos não somente para entreter o público-alvo, mas, também, para apresentar críticas à sociedade colonial da Nova Espanha, à época. Todos esses fatores fazem com que o primeiro romance escrito na América Latina seja considerado como um texto altamente analítico e crítico do *status quo* da cotidianidade colonial no México de 1816.

Em seguida, discorreremos sobre como alguns dos últimos estudos realizados no âmbito da literatura comparada tratam o gênero ao qual pertence a obra *El Periquillo Sarniento* (1816).

1.3 EL PERIQUILLO SARNIENTO (1816): POSSÍVEIS VINCULAÇÕES COM A PICARESCA

Neste tópico, apresentamos reflexões sobre alguns estudos atualizados com respeito à tradição picaresca e discutimos se a obra inaugural do gênero romanesco na América Latina apresenta traços e vínculos com as características formais que estabeleceram essa tradição na prosa literária hispânica no século XVI na metrópole europeia. A seguir, no desenvolvimento desta subseção, buscamos reunir algumas das vozes que, ao longo dos tempos, manifestaram-se a esse respeito.

Tanto o pesquisador cubano Raimundo Lazo (1976) quanto a estudiosa brasileira Bella Jozef (2005) sugerem que a produção literária considerada dentro do período de transição revolucionária da Colônia para a República, no âmbito hispano-americano, deve de ser designada como Neoclássica ou Pré-romântica. Nesse contexto, seguindo a linha de raciocínio desses autores, podemos verificar que as

produções neoclássicas hispano-americanas ainda apresentavam formas literárias de períodos¹⁰¹ anteriores, como a poesia pastoril, filosófica e moralizante. Segundo os estudos de Lazo¹⁰² (1976, p. 76), nessa época, na América Hispânica

*[...] hay la mezcla de corrientes literarias de diversas épocas, característica de toda Hispanoamérica: remanentes culteranos y conceptistas y elementos prosaístas del siglo XVIII, neoclásicos y prerrománticos. [...] Efecto también de la crisis social y de los cambios políticos violentamente fraguados, es la abundancia de la prosa satírica, generalmente de carácter costumbrista, y la aparición y desarrollo de la prosa política y del periodismo, constituido en órgano, el más asequible, de la literatura. La novela, con la excepción de Fernández de Lizardi, languidece lamentablemente, y suerte análoga padece el teatro, reducido a representaciones y burdas imitaciones de obras europeas antiguas y contemporáneas*¹⁰³.

No entanto, como aponta o estudioso, tal estagnação pode ter sido provocada pelo contexto colonial em ebulição, pois eram aqueles tempos de luta, de mudança política e social. Por outro lado, como assinala Lazo (1976), também brotaram, naquele espaço temporal turbulento, o jornalismo, a prosa satírica de caráter costumbrista e a prosa política (Lazo, 1976). Essas duas últimas modalidades de escrita estão presentes na constituição do relato em *El Periquillo Sarniento*¹⁰⁴ (1816), apontado pela crítica como sendo o primeiro romance latino-americano.

¹⁰¹ Estamos cientes de que a periodização e a divisão dos momentos em que afloraram tendências e formas novas na literatura, seguindo os ditames da cultura europeia, é uma abordagem técnica da qual nos valem apenas para facilitar a leitura e o estudo da história da literatura.

¹⁰² Nossa tradução: “[...] existe uma mistura de correntes literárias de diversas épocas, característica da Hispano-américa toda: remanescentes culteranistas e conceptistas e elementos prosaicos do século XVIII, neoclássicos e pré-românticos. [...] Efeito também da crise social e das mudanças políticas violentamente consolidadas, é a abundante prosa satírica, geralmente de caráter costumbrista, e a aparição e desenvolvimento da prosa política e do jornalismo, constituído no órgão mais acessível da literatura. O romance, com exceção da obra de Fernández de Lizardi, definha lamentavelmente, e sorte similar padece o teatro, reduzido a representações e grosseiras imitações das obras europeias antigas e contemporâneas” (Lazo, 1976, p. 36).

¹⁰³ Nossa tradução: “[...] existe a mistura de correntes literárias de diferentes períodos, características de toda a América Hispânica: remanescentes culteranos e conceptuais e elementos prosaicos do século XVIII, neoclássicos e pré-românticos. [...] Outro efeito da crise social e das mudanças políticas que tinham sido violentamente forjadas foi a abundância da prosa satírica, geralmente de natureza costumbrista, e o aparecimento e desenvolvimento da prosa política e do jornalismo, que se tornou o instrumento, o mais acessível, da literatura. O romance, com exceção de Fernández de Lizardi, definiu lamentavelmente, e o teatro sofreu um destino semelhante, reduzido a representações e imitações rudes de peças europeias antigas e contemporâneas”.

¹⁰⁴ Por outro lado, o pesquisador argentino Julio A. Leguizamón (1976) comenta que a vida cronológica de Fernández de Lizardi encontra-se dividida entre duas épocas – colônia e revolução (ou lutas pela independência) –, no entanto, o teor e a data de publicação de *El Periquillo Sarniento* está situada

Mariana Rosetti (2011), no seu artigo “*El “leperaje letrado” como crítica del sistema colonial de la Nueva España en El Periquillo Sarniento*”, aponta para duas abordagens feitas pelos críticos literários com respeito a essa obra de Fernández de Lizardi. A primeira, de acordo com a autora, apresenta um viés eurocentrista que deseja evidenciar a filiação desse romance à picaresca espanhola. Já no segundo viés, encontramos a leitura de corte histórico-cultural, que, contudo, não nega as influências, e cujo interesse concentra-se em evidenciar “*las relaciones de poder que dialogan y se entrecrocán en el espacio ficcional como representantes de un sistema colonial en crisis a punto de ser desmantelado*”¹⁰⁵ (Rosetti, 2011).

O destaque promovido pelos estudos de viés histórico-cultural de Rosetti (2011) parece-nos ser a aproximação mais adequada que neste estudo propomos à obra de Fernández de Lizardi. Assim, como brevemente discutimos na sequência, constatamos que não apenas se apresenta a tradição da picaresca no romance de Fernández de Lizardi, mas, também, a sátira, entre outras formas, que não serão abordadas neste estudo por não se constituírem como propósito de nossa atual proposição. Contudo, há claras evidências, também pelos estudos já mencionados, de que o primeiro romance latino-americano, caso seja vinculado às prerrogativas da picaresca espanhola do século XVI e XVII, opera aquilo que defende Coutinho (2008, p. 32): “[...] o texto segundo não é mais o ‘devedor’, mas também o responsável pela revitalização do primeiro, e a relação entre ambos, em vez de unidirecional, adquire de reciprocidade, tornando-se, em consequência, mais rica e dinâmica”.

Em torno da sátira, em confluência com Lazo (1976), Bobadilla Encinas¹⁰⁶ (2008) afirma que, a inícios do século XIX, tiveram um papel importante junto com a

dentro da segunda. Desse modo, considera-se, dentro dos estudos de literatura hispano-americana, que o período colonial não possui nenhuma obra romanesca. No entanto, o autor adverte: “*No enerva la conclusión el hecho de que se advierta cierto espíritu novelesco en historias como las del Inca Garcilaso [...] o en crónicas como las de Barrenechea y Albis, Núñez de Pineda y Bascuñan [...]*” – [Nossa tradução: Não deixa de ser importante a conclusão de que existe certo espírito romanesco nos relatos do Inca Garcilaso de la Vega [...] ou em crônicas como as de [do religioso mercedário chileno Juan] Barrenechea y Albis [(? - ?)], [ou] Núñez de Pineda y Bascuñan [(1607-1682), do século XVII, entre outros] (Leguizamón, 1976, p. 203).

¹⁰⁵ Nossa tradução: “[...] as relações de poder que dialogam e se enfrenta entre si no espaço ficcional como representantes do sistema colonial em crise a ponto de ser desmontado” (Rosetti, 2011). Texto disponível em: <http://ilh.institutos.filo.uba.ar/sites/ilh.institutos.filo.uba.ar/files/Rosetti%2C%20Mariana.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

¹⁰⁶ A citação completa sobre as formas literárias que influíram na produção literária mexicana, segundo aponta Bobadilla Encinas (2008, p. 121), menciona: “[...] *en la dinámica dialéctica de apropiación del*

sátira, o romance gótico e o romance histórico. A respeito da sátira, de acordo com esse autor, existem traços específicos dessa forma literária em *El Periquillo Sarniento* (1816). No entanto, por outro lado, o uso que Fernández de Lizardi fez da sátira não diminui sua originalidade. O autor não chega a ser um simples imitador, porque consegue iniciar um modelo de sátira peculiarmente mexicano¹⁰⁷ (Vogeley, 2004).

Segundo Vogeley (2004) e Bobadilla Encinas (2008), ao longo da subjugação do território e sua gente e a consequente colonização, a sátira¹⁰⁸ foi a fórmula anti-*status quo* mais efetiva dentro do discurso artístico de representação. Por outro lado, no contexto de produção de *El Periquillo Sarniento* (1816), já no século XIX, o riso renascentista, componente do realismo grotesco, aquele riso regenerador que é parte integradora do sistema organicamente unido das imagens populares e carnavalescas, é desprezado pelos iluministas, e, por conseguinte, também o é por Fernández de Lizardi. Os pensadores iluministas consideraram que o riso carnavalesco rabeliano era extravagante, ininteligível, bizarro, digno de desprezo. Portanto,

[...] as formas, motivos e símbolos do carnaval foram transformados em *procedimientos* literários (essencialmente no plano do tema e da composição), postos ao serviço de finalidades artísticas variadas.

género novelesco que se dio en México a principios del siglo XIX [...] tuvieron un papel muy importante las formas de la novela histórica, de la novela gótica y la sátira” – [Nossa tradução: Na dinâmica dialética da apropriação do gênero romanesco que ocorreu no México de inícios do século XIX [...] tiveram um papel muito importante as formas do romance histórico, o romance gótico e a sátira] (Bobadilla Encinas, 2008, p. 121).

¹⁰⁷ Vogeley (2004, p. XIV) aponta que a sátira de Fernández de Lizardi consegue ser totalmente mexicana, renovando a literatura desse espaço histórico-geográfico daquela época. Em suas palavras: “*Although, in his definition of satire, Lizardi invoked European traditions as protection against those who might take offense at seeing themselves portrayed in his depictions, the specific Mexican circumstances of the novel and his other work give the lie to the pretense that he belongs to the Spanish (or any other European) tradition, and tacitly establish his Mexican identity and the beginnings of a new Mexican literature*” – [Nossa tradução: Embora, em sua definição de sátira, Lizardi tenha invocado as tradições europeias como proteção contra aqueles que se ofendessem ao se verem retratados em suas representações, as circunstâncias mexicanas específicas do romance e de suas outras obras dão a aparência de que ele pertence à tradição espanhola (ou qualquer outra tradição europeia), e, desse modo, tacitamente, estabelece sua identidade mexicana e os primórdios de uma nova literatura mexicana] (Vogeley, 2004, p. XIV).

¹⁰⁸ Bobadilla Encinas (2008, p.122), sobre a sátira, afirma que: “*Dichas manifestaciones satíricas, que concientemente rompen con los elementos, valores y procesos establecidos por la cultura o el imaginario oficial, encuentran un mecanismo de subversión del orden colonial en la incorporación y otorgamiento de representatividad de imágenes, relaciones y procesos populares y folclóricos, que, por tal carácter, subsisten con una existencia marginal dentro de la realidad novohispana*” – [Nossa tradução: Tais manifestações satíricas, que conscientemente rompem com os elementos, valores e processos estabelecidos pela cultura ou o imaginário oficial, encontram um mecanismo de subversão da ordem colonial na incorporação e outorgamento da representatividade a imagens, relações e processos populares e folclóricos, que, pelo caráter, subsistem com uma exigência marginal dentro da realidade do novo âmbito hispânico] (Bobadilla Encinas, 2008, p.122).

Assim, Voltaire utiliza-os em benefício da sátira que conserva ainda seu universalismo, seu valor de concepção do mundo; o riso, ao contrário, reduz-se ao mínimo, até a ironia nua, é o famoso ‘riso voltairano’ [...] (Bakhtin, 1999, p.101, grifo do autor).

Desse modo, de acordo com Bakhtin (1999), o riso renascentista foi reciclado pelos iluministas com fins de produção da sátira, ou melhor, o riso foi reduzido ao riso “voltairano”, estabelecendo-se o humor, o sarcasmo, a ironia como estéticas da sátira iluminista. Por conseguinte, o riso que encontramos no primeiro romance latino-americano não pode ser compreendido como um riso regenerador, mas como um riso consciente, satírico, resultado do racional. Logo, o riso que aparece na narrativa do *Periquillo* foi incluído no relato porque se deseja apontar, satiricamente, para alguma questão a ser criticada. Por esse motivo, na obra, todas as cenas que despertam o riso merecem atenção especial, pois não é por acaso que foram incluídas na diegese. Tais cenas, por outro lado, foram muito bem aceitas pelo auditório¹⁰⁹ da obra.

Fernández de Lizardi acolheu a escrita da sátira como crítica ao *status quo* colonial; no entanto, ele não pretendia elaborar um tratado completo (Lacayo, 2015). O escritor elege¹¹⁰ esse modo de escrita literária, de acordo com Vogeley (2004, p. XII), pois considera que “*only satire told the truth*¹¹¹”. Assim, o autor do primeiro romance latino-americano concebe essa escrita como única alternativa às composições laudatórias do seu contexto. Vogeley (2004, p. XII) menciona, também, que o autor evidencia, desse modo, sua preferência pela escrita de literatura popular, mencionadas na seção anterior. Essa sua opção, por sua vez, reflete o clima de luta pela independência das colônias espanholas. Seu auditório concordou com o que foi escrito por ele e isso está comprovado pela boa acolhida que teve sua obra entre o público leitor¹¹² (Lacayo, 2015).

¹⁰⁹ Aqui tomamos em conta que o leitor final e o leitor ideal da obra *El Periquillo Sarniento* (1816) foi, de fato, um auditório, já que as obras foram lidas em voz alta para o povo que não era letrado, tal como relata Palazón Mayoral (2016).

¹¹⁰ Segundo afirma Vogeley (2004, p. XIII), “For him, satire’s agreeableness was a function of its rational appeal to honesty (by ‘honesty’, one understands exposure of the lies told by the other kind of poetry, subject matter that reveals previously ignored realities, and explicit language)” – [Nossa tradução: Para ele, a eleição da sátira era um apelo racional à honestidade (por ‘honestidade’, entende-se a exposição das mentiras contadas pelo outro tipo de poesia, assunto que revela realidades previamente ignoradas, e linguagem explícita)] – (Vogeley, 2004, p. XIII).

¹¹¹ Nossa tradução: “[...] apenas a sátira relatou a verdade” (Vogeley, 2004, p. XII).

¹¹² As reflexões contidas nessa citação expressam que “[...] la obra del Pensador era solamente una sátira a las malas costumbres y no un tratado completo de crítica. No obstante, una reforma

Por outro lado, Leguizamón (1976) e Bellini (1997) relacionam *El Periquillo Sarniento* (1816), de Fernández de Lizardi, com o gênero picaresco¹¹³. Esse último autor acredita que seriam do mesmo gênero as outras duas obras, *Don Catrín de la Fachenda* (1819) e *La Quijotita y su prima* (1818-1819), todavia, em qualidade de ressuscitação de um estilo de narrativa “*bien muerta en España*”¹¹⁴ (Bellini, 1997, p. 195). Ambos, Bellini (1997) e Leguizamón (1976), apontam que a fonte de inspiração do escritor mexicano para seu primeiro romance, pelo teor “*moralizante y crepuscular*”¹¹⁵ (Bellini, 1997, p. 196), foi a obra do espanhol Francisco Santos (1617-1697), *El Periquillo, el de las gallineras* (1668).

Nós, no entanto, neste estudo, seguimos a linha teórica da leitura de corte histórico-cultural da obra de Fernández de Lizardi, proposta por Rosetti (2011), com respeito à obra de Francisco Santos. Assim, depreendemos que, se Fernández de Lizardi utiliza-se da obra de Francisco Santos, seria por tê-lo tido como um modelo natural para a prática antropofágica (Santiago, 2000), quando o autor decide utilizar o que tem à mão, dentro do repositório cultural a que tem acesso, ou mesmo como prática transcultural (Rama, 2008), já que é contaminado pelos referentes novos e contamina com sua produção inédita, aportando possibilidades inovadoras de criação. Desse modo, portanto, acreditamos que, embora essa produção tenha sido estudada, inicialmente, como uma narrativa picaresca na América, contudo, também, observamos nela, tal como Ruiz Barrionuevo (2008, p. 39): “*una evolución de la picaresca que a comienzos del siglo XIX no podía presentarse con los mismos planteamientos y preocupaciones que en las épocas precedentes*”¹¹⁶, pelas suas várias características, entre as quais aquelas que o autor toma da sátira iluminista.

No que diz respeito aos romances de aventura, podemos comentar, brevemente, que a personagem Periquinho não fica estancada em uma só região,

fundamental era necesaria, y la buena acogida que en el público tuvo el Periquillo no prueba que el sentimiento general estaba de esta parte” – [Nossa tradução: a obra do Pensador era apenas uma sátira dos maus costumes e não um tratado completo de crítica. Entretanto, uma reforma fundamental se fazia necessária, e a boa acolhida que recebeu do público o Periquinho não comprovam que o sentimento geral estava dessa parte] (Lacayo, 1930, p. 71).

¹¹³ O estudioso Mario González também filia o romance de Lizardi à picaresca. Confira: *A saga do anti-herói* (1994), p. 273-277. Ver as referências.

¹¹⁴ Nossa tradução: “[...] bem morta na Espanha” (Bellini, 1997, p. 195).

¹¹⁵ Nossa tradução: “[...] moralizante e crepuscular” (Bellini, 1997, p. 196).

¹¹⁶ Nossa tradução: “[...] uma evolução da picaresca que, no início do século XIX, não se poderia apresentar com a mesma abordagem e preocupação que nas épocas precedentes” (Ruiz Barrionuevo, 2008, p. 39).

mas viaja pelo mundo, se ele for comparado com outras personagens pícaras que apenas ficam na região da Espanha¹¹⁷. Periquitinho viaja para as regiões de Manila e China, quer dizer, fora do continente americano. Essas viagens complementam a sua formação pessoal e servem como argumento para explicar como ele, finalmente, tornou-se, novamente, o Pedro Sarmiento e reforça a construção da personagem como alguém de índole que pode aconselhar seus filhos pela experiência de vida que possui.

Assim, entendemos que a maior diferença aportada pelo primeiro romance de Fernández de Lizardi é que a picaresca espanhola tradicional nunca teria o objetivo de deflagrar a corrupção das autoridades e organismos coloniais por meio do riso voltariano e de instruir de modo ostensivo ao povo sobre esses assuntos. Outra diferença está em que os pícaros espanhóis desejam justificar a vida desordenada que levaram, pois, a temática da honra é vital para essas personagens, o que não acontece com Periquitinho, esse assunto é secundário (Sánchez Zapatero, 2006). A personagem objetiva ensinar seus filhos e, por extensão seu público leitor do século XIX.

A seguir, revisitamos os estudos de vários teóricos sobre a picaresca espanhola, com o intuito de explicitar alguns aspectos tradicionais dela para, assim, compará-los, brevemente, com as características presentes em *El Periquillo Sarmiento* (1816). A esse respeito, tanto Taléns (1975) quanto Parker (1975), Rico (1982), González (2010) e Botoso (2016), localizam três obras como sendo o “tripé fundacional do gênero” (González, 2010, p. 453): *O Lazarillo de Tormes* (1552-1553?),

¹¹⁷ Os pícaros espanhóis viajam, porém não acontece com Lázaro *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, ANÓNIMO, 1554) que apenas ficam na região da Espanha. De acordo com Francisco Carrillo, na sua obra *Semiolingüística de la novela picaresca*, da editoria Cátedra (1982, p. 82): “El espacio del Lazarillo, Guzmán y Buscón es real. [...] Lazarillo sale del río Tormes y su carrera itinerante de pícaro pasa por Salamanca, Maqueda, Toledo y termina en Toledo. Guzmán fue engendrado en San Juan de Alfaroche, se cria en Sevilla y de allí sale. Su itinerario es muy extenso y basta señalar Madrid, Toledo, Almagro, Génova, Roma, Florencia, Milán, Génova, Barcelona, Zaragoza, Alcalá de Henares, Madrid y Sevilla, volviendo así al lugar de origen, pero saliendo de él a galeras, aunque su deseo era ir a Indias. Pablos es de Segovia y de aquí sale para Alcalá, Segovia, Madrid, Toledo, Sevilla y las Indias”. No entanto, Génova, Roma, Florencia e Milán eram considerados territórios da Espanha, parte da região chamada Itália espanhola. Assim, esse aspecto das viagens acontece com Guzmán (Guzmán de Alfaroche, ALEMÁN, 1599, 1604) e Pablos (*La vida del Buscón*, QUEVEDO, 1626). Para mais informações, visitar: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=106630>. Acesso em: 19 jan. 2022.

anônimo; *Guzmán de Alfarache*¹¹⁸ (1559 -1604), de Mateo Alemán; e *La vida del Buscón* (1626), de Quevedo.

González (1994) faz uma síntese do que Gili Gaya (1955) distingue como as características comuns do gênero (na mesma estrutura):

[...] a narração autobiográfica de uma vida vulgar, sem direcionamento definido, cuja preocupação é sobreviver de qualquer maneira no meio de um mundo pouco estimável. [...] a unidade está dada pela presença constante do protagonista. Este não chega a ser, nas obras iniciais, um delinquente profissional. Vale-se de enganos e trapanças e tem como armas a resignação e a astúcia. O pícaro é de origem desonrosa; fica sozinho, aprende, é criado de muitos amos, torna-se pessimista e ressentido e seu relato se carrega de sátira social. Carece de vida afetiva. Esse pícaro não tem olhos para o que é elevado e, dessa maneira, dá-nos uma visão fragmentária da realidade. O picaresco é uma atitude perante a vida e o romance picaresco, a expressão desse posicionamento vital – ressentimento e pessimismo – que poderá aparecer em outras obras e gêneros. O resultado dessa atitude será o *desengaño* do século XVII (González, 1994, p. 221).

Como complemento ao conjunto de características dadas por González (1994), no recorte, acreditamos que seja necessário ressaltar o que foi observado por Botoso (2016, p. 205), quando afirma que a personagem do pícaro, em geral, é uma: “personagem de baixa condição social, que procura ascender socialmente, por todos os meios possíveis: a trapança, o engano, o roubo, o rufianismo”. Observamos o contrário na personagem Periquinho, que nasce em um berço, não de ouro, mas de pais *criollos*, dentro do que se poderia considerar hoje como a classe média (Palazón Mayoral, 2016), ele é um “mocinho” de família que não busca ascensão social, ao contrário, ele, despreocupadamente, parece gostar de ver a si mesmo afundando-se no pior da escória social, até a chegada da sua epifania, depois de uma longa aventura de vida, para voltar ao seu estado social inicial. Em outras palavras, enquanto o pícaro busca “integrar-se à sociedade, narrando ele próprio as suas aventuras e desventuras de forma autobiográfica” (Botoso, 2016, p. 206), a personagem principal de Fernández de Lizardi (1816) aventura-se e se deixa levar, paira sem rumo, alegremente, pela corrente, até ver a necessidade de retornar ao seu papel social e se dar ao luxo de

118 Obra escrita em duas partes: a primeira, publicada em 1559, e a segunda, em 1604.

legar, por escrito, a sua vida como exemplo do que seus filhos não devem fazer para se tornarem cidadãos de bem.

Podemos constatar que, no relato, estão presentes, em alguns momentos, as características picarescas do esquema mestre/aprendiz, e, de forma constante, o relato autobiográfico. Apesar disso, a personagem Periquinho não é um “pícaro autêntico” tal qual assevera García de Paredes (1972, p. 43). Corroboramos que, além disso, já no início da narrativa, a personagem protagonista apresenta consciência de todo o bom e ruim que aconteceu na sua vida e que pode legar esse conhecimento no momento em que expressa seu desejo de servir de exemplo para seus filhos, mesmo quando passa a relatar, em detalhe, seus tropeços. À nossa leitura, existe um interesse manifesto do narrador de educar e instruir. Por outro lado, é necessário entender que o interesse moralizante, presente na picaresca tradicional, só se efetua, de fato, como resultado do processo de leitura que pode levar o leitor instruído a essa compreensão (Ruiz Barrionuevo, 2008).

Estévez Molinero (1995 apud Ruiz Barrionuevo, 2008, p. 40) explica que inclusive *El Periquillo Sarniento* (1816) pode até apresentar a personagem do pícaro, “[...] *pero su discurso no es picaresco porque no le conviene a las ideas reformistas de Lizardi que sea picaresco el discurso: para el aprovechamiento ético es necesario que Periquillo deje de ser pícaro*”¹¹⁹. Nesse sentido, também entendemos que o autor, José Joaquín Fernández de Lizardi, pela tessitura mesma do seu romance – devido às muitas intertextualidades estabelecidas, mencionadas por Lazo (1976) – manipulou diversos textos canônicos e populares (do povo), no seu contexto de produção da obra *El Periquillo Sarniento* (1816).

Dentro desse conjunto de obras que estabelecem as muitas intertextualidades na obra de Fernández de Lizardi, Lazo (1976) menciona o *Dom Quixote* (1605; 1614), e não especificamente o *Lazarillo de Tormes* (1510-1554?), além de obras de satíricos e moralistas espanhóis e franceses – “*como Villarroel, Fénelon, Feijóo [...] así como citas y datos tomados en tratados [...] científicos, jurídicos, filosóficos y en enciclopedias y obras de divulgación*”¹²⁰ (Lazo, 1976, p. 42). Contudo, o teórico aponta

¹¹⁹ Nossa tradução: “[...] mas seu discurso não é picaresco, porque não é conveniente para as ideias reformistas de Lizardi que o discurso seja picaresco: para o aproveitamento ético é necessário que o Periquinho deixe de ser pícaro” (Molinero (1995) apud Ruiz Barrionuevo, 2008, p. 40).

¹²⁰ Nossa tradução: “[...] como Villarroel, Fénelon, Feijóo [...] assim como citações e dados tirados de tratados [...] científicos, jurídicos, filosóficos e enciclopédias e obras de divulgação” (Lazo, 1976, p. 42).

que, como modelo maior à criação romanesca, valeu-se da picaresca espanhola. No entanto, o autor destaca que o mérito maior da obra é a “*su condición de gran cuadro representativo del pueblo mexicano en su hasta entonces desconocida o soslayada realidad*”¹²¹ (Lazo, 1976, p. 42).

Lazo (1976) entende que *El Periquillo Sarniento* (1816) é uma narrativa construída com base no uso de materiais culturais, à disposição naquela época, como a picaresca, a sátira social e o romance de aventuras, além dos elementos escolásticos do iluminismo. Todo esse contexto de produção à época reflete-se nessa obra que claramente deseja ser satírica e educadora/instruidora. Essa é a motivação, concordamos com Lazo (1976, p. 41), pela qual o romance de Fernández de Lizardi “*social y literariamente es una obra revolucionaria*”¹²². Além desse aspecto, devemos atentar-nos a outra consideração apontada pelo pesquisador sobre o método de Fernández de Lizardi:

[...] *la técnica conocida de la picaresca española le sirve para este fin, y, de acuerdo con esos modelos, compone una extensa autobiografía de muy hispánico naturalismo. El protagonista cuenta su vida con dos fines que se entrelazan: entretener y moralizar con el relato*¹²³ [...] (Lazo, 1976, p. 42).

Em confluência com o apontado por Lazo (1976), Vogeley (2004, p. XX) afirma, ademais, que Fernández de Lizardi aproveita sua obra “*to explore the complexity of his moment in history, and to gather his own response to the dilemma Mexico’s Independence war posed to him and his generation of Americans*”¹²⁴. Assim, consideramos que o primeiro romance latino-americano é uma produção literária resultante do contexto das várias revoluções do momento histórico e social colonial no qual ele veio à luz.

¹²¹ Nossa tradução: “[...] sua condição de grande quadro representativo do povo mexicano na sua, até então, desconhecida e periférica realidade” (Lazo, 1976, p. 42).

¹²² Nossa tradução: “[...] social e literariamente é uma obra revolucionária” (Lazo, 1976, p. 41).

¹²³ Nossa tradução: “[...] a técnica conhecida da picaresca espanhola serve para essa finalidade, e, de acordo com esses modelos, é composta por uma extensa autobiografia de naturalismo bem hispânico. O protagonista narra sua vida com duas finalidades entretidas: entreter e moralizar com o relato [...]” (Lazo, 1976, p. 42).

¹²⁴ Nossa tradução: “[...] para explorar a complexidade do seu momento histórico, e para reunir suas próprias réplicas para o dilema da guerra da Independência do México impostos a ele e à sua geração de americanos” (Vogeley, 2004, p. XX).

Pérez Firmat (1990) propõe o uso da nomenclatura “sujeito metafórico” para o artista americano. Esse sujeito metafórico, de acordo com o autor, é comparado com a figura de um Caliban devorador, consumidor de todo material cultural universal ao seu alcance, sem importar o teor das informações. Ao longo desse processo, ele efetiva uma assimilação criativa, ou intervenção interpretativa, que é o resultado da manipulação, do jogo livre com a tradição cultural e literária do outro, que, no entanto, não o transforma em um ser dominado/aculturado pelo material consumido. Ele devora para fazer mais palatável a sua realidade, transformando a natureza em paisagem, sente-se na obrigação de fabricar/devolver a natureza perdida, pois não a concebe como algo já determinado.

A conjunção das diferentes formas expressivas da época, reunidas com precisão por Fernández de Lizardi em *El Periquillo Sarniento* (1816), revela, já nessa época, a assimilação criativa exercida, por exemplo, por Lezama Lima ([1957] 1993) no século XX. Esse processo conflui com o “movimento de desvio da norma ativo e destruidor que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportaram para o Novo Mundo”, assinalado por Santiago (2000, p. 16). Nessa assimilação criativa, o sujeito metafórico opera, combinando itens de diversos textos de várias culturas, criando encruzilhadas ou “entre-lugares”, assim como já ocorre nesse primeiro romance latino-americano.

Entendemos, e concordamos, com as proposições de Lezama Lima ([1957] 1993) quando afirma que o escritor latino-americano não deveria sofrer a angústia da influência (Bloom, 1991) porque ele é um sujeito metafórico que destrói o pessimismo oculto na teoria das constantes artísticas (Pérez Firmat, 1990). Com isso, distinguimos, no escritor latino-americano contemporâneo, um sujeito metafórico antropófago (Santiago, 2000) – que é, também, o Caliban de Lezama Lima (1993) – que está na busca de todo o material que lhe possa servir para seus propósitos estéticos. Nesse sentido, o que se observa no *Periquillo Sarniento* é essa “evolução”, comentada por Ruiz Barrionuevo (2008, p. 39), que revela as alterações no gênero picaresco ao longo dos tempos e que tem, no romance de Fernández de Lizardi, uma expressão do século XIX com amplas transformações.

Compreendemos, assim, que a obra inaugural do gênero romance na América Latina já se mostra como o resultado da assimilação criativa, ou intervenção interpretativa que constituiria, no futuro, as bases do processo antropofágico cultural,

pois vemos na obra de Fernández de Lizardi (1816) um processo escritural resultante do jogo que o escritor latino-americano faz com a tradição cultural e literária do outro. Esse artista comporta-se como um “canibal”, que devora tudo que está ao seu alcance para, depois, interagir, jogar, brincar com os signos do outro (Santiago, 2000). Existe, pois, todo um processo de assimilação criativa (Lezama Lima [1957] 1993) dos traços elementares da tradição picaresca no primeiro romance latino-americano – e não uma assimilação passiva do modelo europeu –, no qual se evidencia a configuração de mais do que um pícaro evoluído, uma personagem que se transveste de pícaro para satirizar, pois segue os requerimentos estabelecidos pelo autor de educar e instruir, de forma muito mais consciente, a sociedade colonial que é observada na obra de Fernández de Lizardi.

Na sequência deste estudo, dedicamo-nos a apontar alguns aspectos referentes aos impactos causados na sociedade da época, pela publicação do primeiro romance latino-americano.

1.4 O IMPACTO DE *EL PERIQUILLO SARNIENTO* (1816) COMO O PRIMEIRO ROMANCE LATINO-AMERICANO: REVERBERAÇÕES NA AMÉRICA LATINA

Nesta subseção, após havermos discutido os possíveis vínculos de *Periquillo Sarniento* (1816) com a picaresca espanhola, apontamos, especificamente, alguns dos aspectos relevantes dos estudos já realizados sobre o romance de Fernández de Lizardi (1816), que demonstram o impacto dessa produção. Nesse sentido, buscamos, também, evidenciar qual foi a repercussão dessa obra no Brasil.

A revisão bibliográfica realizada em nosso estudo demonstra que as bases formadoras da Literatura Hispano-americana são diferentes daquelas da Literatura Brasileira, no sentido das motivações que teriam impulsionado a produção da narrativa romanesca em ambos os sistemas literários. Os estudos que versam sobre a história da tradução na América Hispânica, de modo similar ao caso do Brasil, afirmam que as traduções de obras literárias cumpriram um papel importante como ação na constituição do repositório universal do qual os escritores latino-americanos lançaram mão para interagir com o signo do estrangeiro.

Devido ao fato de nossa proposta de estudo estar voltada para a recepção das traduções no Brasil, não abordamos, em nossa pesquisa, a extensão da história da tradução na Hispano-américa. No entanto, podemos sugerir, nesse contexto específico, a revisão dos estudos de Pagni¹²⁵ (2015), que aborda essa temática por meio de uma ampla visão histórico-social e com menções a uma série de outros estudos da área.

Já sobre a história da formação da Literatura no nosso continente, observamos que, na sua obra *Transculturación narrativa en América Latina*, Rama comenta (2008, p 15-16) que: “[...] desde el discurso crítico de la segunda mitad del siglo XVIII hasta nuestros días, esa fue la consigna principal: independizarse¹²⁶”. Isso quer dizer que, na América Latina, na segunda metade do século XVIII, os escritores já desejam a ruptura com os modelos literários da metrópole. Tal ímpeto manifesta-se enquanto desejo de ser independentes das diretrizes e valorizações específicas oriundas da literatura metropolitana (seja a portuguesa, a espanhola ou outra europeia qualquer). Desse modo, verificamos uma mudança de centro gerador de modelos, os quais Rama (2008) aponta serem: Paris, Londres e, depois, Estados Unidos.

No século XIX, portanto, junto com as lutas pela independência¹²⁷ política, o projeto literário separatista intensifica-se. A literatura hispano-americana

¹²⁵ Para mais informações sobre o tema, indicamos visitar o seguinte estudo: PAGNI, A. Hacia una historia de la traducción en América Latina. *Iberoamericana*. América Latina – España – Portugal, v. 14, n. 56, 2015, p. 205-224. Disponível em: <https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/view/1152/815>. Acesso em: 06 maio 2021.

¹²⁶ Nossa tradução: “A partir do discurso crítico da segunda metade do século XVIII até nossos dias, essa foi a consigna principal: independizar-se” (Rama, 2008, p 15-16).

¹²⁷ Lembramos aos nossos leitores brasileiros que, de fato, depois dessas lutas pela independência do Império Espanhol, nas ex-colônias americanas de colonização castelhana, a monarquia deixou de ser o sistema de governo e, nas recém-fundadas nações hispano-americanas, passou-se o poder às mãos da burguesia. Assim, seguiu-se o sistema de repúblicas. O período de lutas pela independência da América Hispânica foi de 1806 (com o levante de Miranda para liberar a Venezuela) até 1836, ano em que as Cortes Gerais do Império Espanhol iniciam o processo de assinar o reconhecimento mediante ‘Tratados de Paz e amizade’, desistindo dos direitos e da soberania sobre os territórios que haviam sido colônias nas terras americanas e reconhecendo-as como novos países americanos. Porém, os territórios de Cuba, Guam e Filipinas somente conseguem sua independência no ano de 1898. No entanto, o território de Porto Rico passa a ser anexado aos Estados Unidos da América a partir do mesmo ano, 1898. Do outro lado, verificamos que um processo bem distinto aconteceu no Brasil, já que o poder foi passado de pai – D. João VI – (Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves – 1815-1822) para o filho – D. Pedro I e, logo ao filho deste, Pedro II – (Brasil Império, no Primeiro Reinado, Período regencial e Segundo Reinado – 1822 a 1831 (D. Pedro I) – de 1840 – 1889 (D. Pedro II). Para mais informações e datas exatas acerca dos processos de independência e construção dos estados e nacionalidades na América Hispânica, sugerimos buscar: *História da América Latina* (2014), das historiadoras Maria Lígia Prado e Gabriela Pellegrino, e *História da América Latina: da Independência até 1870* (2001), organizado por Leslie Bethell. Quanto ao estudo da independência do Brasil, ver:

acompanhou, assim, a emancipação política dos povos e, posteriormente, os projetos de nação foram veiculados nela. No **Quadro 1**, a seguir exposto, podemos observar a progressão cronológica na qual se efetuaram as independências dos territórios da América, antes colonizados pelas metrópoles europeias.

Quadro 1 - Cronologia dos processos de independência dos territórios colonizados na América

Data de independência	Nome do território independente	Antiga metrópole colonizadora europeia
04/07/1776	Estados Unidos da América	Reino Unido
01/01/1804	Haiti	França
20/07/1810	Colômbia	Espanha
16/09/1810	México	Espanha
14 e 15/05/1811	Paraguai	Espanha
05/07/1811	Venezuela	Espanha
09/07/1816	Argentina	Espanha
12/02/1818	Chile	Espanha
15/07/1821	Costa Rica	Espanha
15/07/1821	El Salvador	Espanha
28/07/1821	Peru	Espanha
15/09/1821	Guatemala	Espanha
15/09/1821	Honduras	Espanha
15/09/1821	Nicarágua	Espanha
28/11/1821	Panamá	Espanha
01/12/1821	República Dominicana	Espanha
24/05/1822	Equador	Espanha
07/09/1822	Brasil	Portugal
06/08/1825	Bolívia	Espanha
27/08/1828	Uruguai	Argentina
25/05/1902	Cuba	Espanha
06/08/1962	Jamaica	Reino Unido
26/05/1966	Guiana	Reino Unido
30/11/1966	Barbados	Reino Unido
01/07/1867	Canadá	Reino Unido
31/08/1972	Trinidad y Tobago	Reino Unido
10/07/1973	Bahamas	Reino Unido
07/02/1974	Granada	Reino Unido
25/11/1975	Suriname	Países Baixos
03/11/1978	Dominica	Reino Unido
22/02/1979	Santa Lúcia	Reino Unido
27/10/1979	São Vicente e Granadinas	Reino Unido
21/09/1981	Belize	Reino Unido
01/11/1981	Antigua e Barbuda	Reino Unido
19/09/1983	São Cristóvão e Neves	Reino Unido

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021

História do Brasil Império (2017), de Miriam Dolhnikoff, que trata das rupturas e continuidades no Brasil do século XIX, e *História do Brasil* (2015), de Boris Fausto, que contempla desde a colonização às recentes décadas.

A independência dos Estados Unidos da América, em 1776, dá início ao processo das independências dos territórios dominados pela Inglaterra no nosso continente, sendo que a colonialidade territorial exercida pela metrópole só se conclui em 1983, com a independência de São Cristóvão e Neves. Isso significa que foram necessários mais dois séculos de lutas – desde o primeiro território a alcançar sua soberania até o último que ficou sob o domínio dessa metrópole europeia – para que esse imperialismo colonial específico se extinguisse no nosso continente.

Com relação às colônias espanholas, os processos de independências tiveram início em 1810¹²⁸, com a separação da Colômbia, e se estenderam, daí em diante, até o ano de 1902, com a independência de Cuba. Esse foi um processo que, do seu início até a finalização, levou 92 anos.

O caso particular do Brasil – cuja data de independência está marcada em 1822 – introduz a mais longa história de poder monárquico no nosso continente, com o governo centrado em dois imperadores, descendentes diretos da coroa imperial europeia. Nesse território, a república só se instalou em 1889, após mais de meio século de monarquia¹²⁹.

No contexto específico da América Latina, e os desdobramentos políticos e sociais implementados pelas independências, não podemos deixar de reconhecer a importância que tiveram as expressões literárias, antes, durante e depois desse processo de separação das metrópoles. Nesse processo de formação de uma identidade nacional vinculada às literaturas nacionais nascentes na América, cabe lembrarmos do que menciona Palermo (2011, p. 127):

En esa construcción la literatura juega un papel fundamental, desde el momento en que da forma a imaginarios que convalidan y consolidan los proyectos que sostienen tales formaciones. Así, las 'literaturas

¹²⁸ No caso argentino, embora tenha existido uma irrupção coletiva também em 1810 (La Revolución de Mayo), esta ocorre de maneira pontual, concentrando-se no campo intelectual e político portenho. Para mais informações, consultar o texto de Felipe Pigna, *Los mitos de la historia argentina*, vol. 1, Buenos Aires: Planeta, 2016. pp. 391-402. O fragmento adaptado encontra-se em: <https://www.elhistoriador.com.ar/el-congreso-de-tucuman-y-la-declaracion-de-la-independencia-por-felipe-pigna/>. Acesso em: 11 set. de 2022.

¹²⁹ No que diz respeito à independência de Haiti, ela ocorre depois da dos Estados Unidos da América, em 1804. Jean Jackes Dessalines, torna-se o primeiro imperador desse território pós-independência da França. Dois anos depois, Henry Christophe assume o trono. Em 1820, o governo de Henry termina e se inicia o período republicano. Haiti teve, assim, a primeira monarquia da América Latina. Mais informações em: <https://www.ramhg.es/images/stories/pdf/historia-general-articulos/monarquia-y-republica-en-america-latina.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.

*nacionales' han diseñado modelos de identificación [...] inseparables de los proyectos políticos con los que acuerdan, dando forma a un cierto tipo de 'soberanía' sostenida en el poder absoluto sobre uno/s territorio/s a través de las lenguas nacionales, lenguas 'maternas' (aunque éstas no sean efectivamente tales), lenguas oficiales. [...] Las escrituras producidas fuera de ese cuerpo así regionalizado, no encontraron reconocimiento*¹³⁰.

A obra de Fernández de Lizardi (1816) contribuiu nesse processo de conscientização da realidade colonial, ao expor o lado corrupto e hipócrita da sociedade mexicana, ao longo do processo de lutas pela independência. Assim, enquanto no Romantismo hispano-americano, especificamente, podemos verificar que a busca pela independência escritural apresenta tons críticos contra o poder imperial espanhol – já com a primeira escrita romanesca mexicana, latino-americana/hispano-americana, *El Periquillo Sarniento* (1816) –, por outro lado, no território que viria a ser chamado de Brasil, pertencente aos domínios da coroa portuguesa, identificamos outros encaminhamentos. Algumas especificidades desse processo são analisadas nesta tese na subseção “1.5.2. O impulso da tradução ao início da escrita romanesca no Brasil: projetos nacionais e discursivos”.

Rama (2008) aponta que, posteriormente, na literatura hispano-americana, o Modernismo Hispano-americano¹³¹ desenvolveu-se de 1870 a 1910. Isso quer dizer

¹³⁰ Nossa tradução: “[...] Nessa construção, a literatura joga um papel fundamental, desde o momento em que dá forma a imaginários que convalidam e consolidam os projetos que fundamentam tais formações. Assim, as ‘literaturas nacionais’ desenharam modelos de identificação [...] inseparáveis dos projetos políticos com os que acordam, oferecendo um certo tipo de ‘soberania’ com base no poder absoluto sobre um/uns território/s por meio das línguas nacionais, línguas ‘maternas’ (ainda que elas não sejam efetivamente tais), línguas oficiais. [...] As escrituras produzidas fora desse corpo assim regionalizado, não tiveram reconhecimento” (Palermo, 2011, p. 127).

¹³¹ A importância do Modernismo Hispano-americano radica em que “foram assentadas as reações mais acirradas e as mudanças mais significativas na história de nossa literatura desde a sua fundação nos moldes europeus. Estabeleceram-se importantes rupturas com os ditames eurocêntricos dominantes na América até então e deu-se à lírica hispano-americana, assim como à sua ensaística, um lugar de destaque nas letras da época. [...] Vai contar, inclusive, com repercussão na Europa, em especial a partir do IV centenário do “descobrimento” da América, quando Darío é emissário da nova prática escritural entre os congregados na Espanha para as comemorações da efeméride. A produção lírica inovadora e a ensaística crítica e reflexiva, com maior destaque, alimentam a independência cultural da América hispânica do período de trânsito entre o final do século XIX e início do XX consolidam o Modernismo como a primeira escola literária cuja origem é o espaço latino-americano.” (Klock, 2021, p. 32). A fase inicial do movimento literário gestado na Latino-américa, entre 1882 e 1896, tem como representante o cubano José Martí (1853-1895). A fase da maturidade (1888) conta com seu ápice com a publicação de *Azul* (1888), de Rubén Darío. A fase da culminação, que entra em crise por volta de 1905, tem como representantes a Leopoldo Lugones, Amado Nervo, Julio Herrera y Reissig. Pouco é comentado sobre as escritoras modernistas latino-americanas. Bela Jozef dedicou um espaço a elas na sua *História da literatura hispano-americana* (2005). Mencionamos nomes importantes citados

que, no território hispano-americano, tais transformações no contexto literário deram-se cinquenta e dois anos antes que, no Brasil, a “Semana da Arte Moderna” viesse a se manifestar, em 1922.

Na trajetória latino-americana em busca de sua expressividade literária própria, Sommer (2004, p. 17) comenta que os quatro grandes representantes do *Boom* da literatura latino-americana das décadas de 1960 e 1970 – Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa e Julio Cortázar –, “*recalaron que sólo en ese entonces el continente empezaba a cobrar independencia cultural, ‘canibalizando’ toda la gama de tradiciones europeas, materia prima amasada y vuelta a moldear en las manos intencionadamente ingenuas de los americanos*”¹³². Podemos inferir, a partir do que observa Sommer (2004), que a produção de romances na América Hispânica – desde a sua inauguração com *El Periquillo Sarniento* (1816) – preparou-se para seu amadurecimento (1870-1910) no que tange ao estilo crítico canibalizador e renovador da literatura ocidental. Tal processo, como mostra a história da literatura na América Latina, toma corpo no espaço hispano-americano antes dos esforços dos modernistas brasileiros do século XX para, posteriormente, florescer, inicialmente no contexto hispano-falante, pela intensa movimentação em torno da consolidação da “nova narrativa latino-americana”¹³³, projeto renovador da prosa empreendido a partir de 1940, cuja culminação ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, com o *Boom* da literatura Latino-americana.

Sommer (2004) e Vogeley (2004) relatam que os críticos, estudiosos da história da literatura no nosso continente, questionam o aspecto da demora na produção do

pela pesquisadora: Delmira Agustini (Uruguai, 1886-1914), Juana de Ibarbourou (Uruguai, 1895-1979), María Eugenia Vaz Ferreira (Uruguai, 1875-1924), Alfonsina Storni (Argentina, 1892-1938), a ganhadora do Prêmio Nobel de literatura, Gabriela Mistral, (1888-1957). Enquanto que na Hispano-américa acontecia o movimento modernista, no Brasil floresceram produções fielmente seguidoras do Parnasianismo (1868-1893) e Simbolismo (1893-1922) europeus (Klock, 2021).

¹³² Nossa tradução: “[...] salientaram que apenas naquele momento o continente começava a dar passos à sua plena independência cultural, ‘canibalizando’ toda a gama de tradições europeias, matéria prima amassada e outra vez posta para ser modelada nas mãos, intencionadamente, ingênuas dos americanos” (Sommer, 2004, p. 17).

¹³³ Para um amplo conhecimento sobre esse período da “nova narrativa latino-americana” da década de 1940 e seu auge com o *Boom*, recomendamos a leitura da tese “*O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*”, de Ana Maria Klock, defendida em 2021, no contexto do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL – da Unioeste-Cascavel/PR, inserida nos estudos do Grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. Tese disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/5661>. Acesso em: 19 jan. 2022.

primeiro romance na América Latina. A resposta está, lembram-se as duas pesquisadoras, nas disposições coloniais espanholas de 1532, 1541 e 1543, cujo teor é semelhante ao que aconteceu no Brasil, nas quais era proibida a publicação e importação do gênero romanesco.

Isso se dava, à época, devido às contradições contidas nessas publicações ficcionais sobre a religião católica ou, também, por questões de segurança política, no sentido de evitar o ingresso no território colonizado de ideologias pró-independentistas. No entanto: *“la repetición de edictos y documentos sobrevivientes que registran la existencia de una animada circulación de novelas prohibidas, demuestra la frustrada censura de la Corona*¹³⁴” (Sommer, 2004, p. 27).

De acordo com ambas as pesquisadoras, houve, sim, produção paraliterária dos gêneros de relato de viagens, autobiografia, biografia e história. No entanto, a liberdade de imprensa foi muito importante para dar início à produção romanesca na literatura hispano-americana. Como sugerido por Sommer¹³⁵ (2004), corroboramos a ideia de que *El Periquillo Sarniento* (1816) foi o resultado da resposta dos hispano-americanos diante dos acontecimentos da invasão napoleônica da Europa: a assunção da responsabilidade sobre a sua própria soberania, a qual foi muito bem-vinda.

Com relação à recepção e ao impacto da publicação do *Periquillo Sarniento* (1816) nesse contexto, Palazón Mayoral (2013, p. 20) declara:

El advenimiento literario o la génesis de su novela tuvo una bienvenida calurosa: se pagaron por los tres primeros tomos de El Periquillo Sarniento desde dos pesos y cuatro reales (en origen, cada entrega costaba cuatro pesos, y cuatro pesos más cuatro reales en las provincias) hasta veinticinco y sesenta pesos, cantidad exorbitante en

¹³⁴ Nossa tradução: “[...] a repetição de editais e documentos sobreviventes, que registram a existência de uma animada circulação de romances proibidos, demonstra a frustração da censura da Coroa” (Sommer, 2004, p. 27).

¹³⁵ Segue a citação completa de Sommer (2004, p. 28): “Y gracias a la conveniente armonización de la tradición española y la filosofía republicana de los ingleses y franceses, la usurpación napoleónica en España hizo a los americanos responsables, o al menos eso alegaban, de asumir la soberanía popular. La que ha sido con frecuencia considerada como la primera novela latinoamericana fue un ejemplo de esta amalgama cultural y política” – [Nossa tradução: E, graças à conveniente harmonização da tradição espanhola e à filosofia republicana inglesa e francesa, a invasão napoleônica da Espanha fez os americanos responsáveis, ou ao menos é isso o que eles alegaram, de assumir a soberania popular. O romance que, frequentemente, tem sido considerado como o primeiro escrito no âmbito latino-americano foi um exemplo dessa amálgama cultural e política] (Sommer, 2004, p. 28).

*aquellos días [...] Posiblemente este sonado éxito se dio gracias al periódico El Pensador Mexicano, que leyeron tirios y troyanos*¹³⁶.

Vemos, assim, que Palazón Mayoral (2013) destaca a recepção positiva que obteve o romance de Fernández de Lizardi e deixa entrever o quanto foi esperada a publicação dessa obra em sua sequência de episódios. O *Pensador Mexicano* criou uma escritura envolvente, entramada com elementos dirigidos ao povo, um esforço iniciado por volta de 1811, cuja ação estava “*volcada hacia la preocupación social, política y satírica*”¹³⁷ (Ruiz Barrionuevo, 2008, p. 11), demonstrando, também, a sintonia entre o interesse da comunidade leitora mexicana na Nova Espanha, em 1816, e a escrita socialmente engajada de Fernández de Lizardi.

No que diz respeito à recepção do primeiro romance de Fernández de Lizardi, no entanto, interessa-nos, também, nesse momento, conhecer como se deu a produção literária romanesca em cada um dos novos países independentes das metrópoles colonizadoras europeias na América. Em seguida, preparamos o **Quadro 2**, com o intuito de apresentar as primeiras produções romanescas em cada país independente no nosso continente:

Quadro 2: Primeiras produções romanescas em cada país do continente americano.

Ano	País	Título e autor	Data de proclamação de independência
1769	Canadá	<i>History of Emily Montague</i> , romance epistolar, de Frances Brooke (1724-1789).	1 de julho de 1867
1798	Estados Unidos	<i>Wieland</i> , primeiro romance gótico estadunidense, de Charles Brockden Brown (1771-1810).	4 de julho de 1776
1816	México	<i>El Periquillo Sarniento</i> , de Joaquín Fernández de Lizardi	27 de setembro de 1821
1841	Cuba	<i>Sab</i> , de Gertrudis Gómez de Avellaneda (1814-1873).	10 de dezembro de 1898
1842	Venezuela	<i>Los mártires</i> , de Fermín Toro (1809-1865)	5 de julho de 1811
1843	Brasil	<i>O filho do pescador</i> , de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-1861)	7 de setembro de 1822

¹³⁶ Nossa tradução: “A chegada literária ou a gênese do seu romance teve um bem-vindo caloroso: foram pagos os três primeiros tomos de *El Periquillo Sarniento* desde a quantidade de dois pesos e quatro reais (originalmente, cada entrega tinha o custo de quatro pesos, e quatro pesos mais quatro reais no interior) até vinte e cinco e sessenta pesos, quantidade exorbitante naqueles dias [...]. Possivelmente, esse rotundo sucesso foi graças ao jornal *El Pensador Mexicano*, que foi lido por gregos e troianos”.

¹³⁷ Nossa tradução: “[...] voltada para a preocupação social, política e satírica” (Ruiz Barrionuevo, 2008, p. 11).

1843	Chile	<i>El mendigo*</i> , de José Victorino Lastarria (1817-1888).	12 de fevereiro de 1818
1843	Peru	<i>Lima de aquí a cien años</i> , de Juan Miguel del Portillo (1818-1862)	28 de julho de 1821
1844	Colômbia	<i>Ingermina*</i> , de Juan José Nieto (1805-1866).	20 de julho de 1810
1846	Equador	<i>La emancipada</i> , de Miguel Riofrio (1822-1881).	10 de agosto de 1809
1848	Uruguai	<i>Caramurú*</i> , de Alejandro Magariños Cervantes (1825-1893).	25 de agosto de 1825
1849	Panamá	<i>La virtud triunfante</i> , de Gil Colunje (1831-1899).	28 de novembro de 1821
1851	Argentina	<i>Amalia</i> , de José Mármol (1817-1871).	9 de julho de 1816
1861	Bolívia	<i>Los misterios de Sucre</i> , de Sebastián Dalence (1815-1892).	6 de agosto de 1825
1866	Guatemala	<i>La hija del adelantado*</i> , de José Milla y Vidaurre (1822-1882).	15 de setembro de 1821
1880	El Salvador	<i>Las ruinas*</i> , de F. Alfredo Alvarado (?-?).	15 de setembro de 1821
1886	Nicaragua	<i>El viajero: de Granada a París</i> , de Gustavo Guzmán (1845-1911).	15 de setembro de 1821
1888	Costa Rica	<i>Risas y llantos</i> , de Manuel Argüello Mora (1834-1902).	15 de setembro de 1821
1893	Porto Rico	<i>Luz y sombra</i> , romance precursor da escrita feminista, de Ana Roque de Duprey (1853-1933).	Depois de 1898, Porto Rico passa a ser território dos Estados Unidos.
1895	Honduras	<i>Mariposas</i> , de Froylán Turcios (1875-1943).	15 de setembro de 1821
1905	Paraguai	<i>Ignacia: hija del suburbio</i> , de José Rodríguez Alcalá (1883-1959).	14 e 15 de maio de 1811
1938	Guiana	<i>Corentyne Thunder</i> , de Edgar Austin Mittelholzer (1909-1965)	23 de fevereiro de 1970
1943	Haiti	<i>Gouverneurs de la Rosée</i> , de Jacques Roumain (1907-1944).	1 de janeiro de 1804
1976	Haiti	<i>Dézafi</i> , de Franketienne (1936 – hoje) (primeiro romance escrito em creolo haitiano)	1 de janeiro de 1804

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021

*Primeiros romances americanos que seguiram, também, as especificidades do gênero romance histórico.

O **Quadro 2**, acima exposto, embora não represente a totalidade, evidencia uma linha temporal que destaca como se deu a produção romanesca na América. Nesse sentido, Varela Jácome (1982) observa uma descontinuidade na produção de romances (românticos) na América Latina, fato que, nosso **Quadro 2**, de forma despretensiosa, parece confirmar. Esse autor, de nacionalidade espanhola, afirma que 1846 é o ano em que, finalmente, consolida-se a produção romanesca hispano-americana. O estudioso explica que, depois das publicações de Fernández de Lizardi, os autores desse lado do continente não escrevem devido à falta de “*modelos culturales idóneos*” (Varela Jácome, 1982, p. 4). Discordamos, em parte, dessa afirmação, pois nesse período, depois das lutas pela independência, as nações recém-formadas passaram por uma série de reorganizações, de conflitos internos e

externos na procura da estabilização política e, como afirma Palermo (2011), a literatura foi essencial nessa construção identitária nacional.

Com sistemas literários muito jovens e não consolidados, as nações recém-independentes na América, no início do século XIX, não chegaram a atuar sobre a cultura das outras nações em formação como haviam feito as metrópoles colonizadoras europeias durante todo o período colonial. Assim, embora houvesse uma produção romanesca em ebulição, ela não chegava, nesse contexto, a exercer influência sobre outros sistemas literários da mesma forma em plena construção.

De acordo com Bellini (1997, p. 199), naquele espaço temporal com menor produção romanesca, não faltaram, na América, prosistas que exaltaram a paisagem americana e, do mesmo modo, autores que estavam mais interessados em escrever literatura de conteúdo político, pró-independentista, tais como Andrés Bello (1781-1865) e Simón Bolívar (1783-1830). Como já mencionamos, a tendência escritural naquela época levou os autores hispano-americanos a ler, a admirar e, inclusive, a imitar autores europeus de renome, tais como Gray e Young, Goethe e Schiller e, em especial, os franceses Chateaubriand, Lamartine e Hugo.

No entanto, devemos fazer a seguinte ressalva: a hispanofobia generalizada daquele momento permitiu à produção literária hispano-americana a se abrir a outros modelos literários, a partir de nuances e intensidades diferentes, expectativas distintas, para manifestar os seus próprios projetos poéticos. Cada sistema literário hispano-americano, optou, naquele momento, por seguir, desse modo, o melhor paradigma para si, de acordo com seu próprio entendimento.

Varela Jácome (1982, p. 4) observa que *“la traducción y difusión de autores extranjeros configura distintos metagéneros novelísticos, en parámetros cortados por una variabilidad fluctuante¹³⁸”*. Assim, dá-se início, na América Latina, à tradução de obras europeias nesse período, introduzindo novas formas literárias que possibilitaram modalidades singulares de escrita na literatura hispano-americana. Por fim, o romantismo na América Hispânica consolida-se entre 1840 e 1890 (Bellini, 1997).

¹³⁸ Nossa tradução: “[...] a tradução e difusão de autores estrangeiros configura diferentes metagéneros romanescos, nos parâmetros cortados por uma variabilidade flutuante” (Varela Jácome, 1982, p. 4).

No entanto, a produção de romances românticos também é influenciada pelas ideologias¹³⁹ do momento, como demonstrado por Sommer (2004), pois os escritores preenchem suas obras com temáticas que lhes interessa apresentar aos seus leitores, tais como a dicotomia civilização e barbárie (*Facundo*, de Sarmiento, 1868), a suposta impossibilidade de mistura entre diferentes grupos étnicos (*Sab*, de Gómez de Avellaneda, 1841), entre distintas religiões (*María*, de Isaacs, 1867), entre outros. O Romantismo “foi produto da sociedade burguesa” (Jozef, 2005, p. 44), em consequência, nas obras desse movimento literário estão plasmados os anseios burgueses com projetos ideológicos, como observamos nesse parágrafo.

Com relação ao que sucedeu no Brasil, podemos afirmar que os “*modelos culturais idóneos*” de romances para os escritores das novas nações americanas, apontados por Varela Jácome (1982), não incluíram o primeiro romance escrito na América Latina – *El Periquillo Sarniento* (1816) –, pois esta obra, até este momento, careceu de uma tradução à linha portuguesa.

Nesse sentido, na sequência, concentramos os nossos estudos na área da tradução, relacionando-a à formação da literatura latino-americana.

1.5 A IMPORTÂNCIA DA TRADUÇÃO À HISTÓRIA DA LITERATURA LATINO-AMERICANA

Após a compreensão que nos possibilitou a revisão de alguns dos aspectos de recepção da obra *El Periquillo Sarniento* (1816) à sua época e no seu espaço de produção, realizado na subseção anterior, compreender como se desenvolve o processo de formação das literaturas e, especificamente, qual é o papel que a tradução de obras estrangeiras cumpre no estabelecimento de um sistema literário ainda jovens e em formação faz-se necessário nesta subseção. Isso nos possibilita dimensionar como o sistema literário brasileiro – considerado jovem, assim como os demais latino-americanos, frente à tradição europeia – teve, e ainda segue tendo, a tradução de obras estrangeiras como parte relevante de seu contexto de formação.

¹³⁹ Optamos, aqui, pelo conceito de ideologia como o conjunto de ideias ou princípios que seguem uma sociedade.

Os sistemas em formação, ou aqueles ainda bastante jovens, têm, nas obras traduzidas, uma de suas fontes a partir da qual se estabelecem os diálogos nutridores dos quais se servem os escritores latino-americanos. Isso ocorre no sentido que Venuti (2002) emprega o termo, quando afirma que a tradução, em países como o nosso – que possui um sistema ainda não totalmente consolidado – gera tanto capital cultural quanto econômico. No caso brasileiro, em específico, uma das áreas claramente “nutridas” pelas obras traduzidas segue sendo a da literatura juvenil, cuja expressividade nacional não satisfaz totalmente as expectativas dos leitores dessa faixa etária e as traduções de várias séries juvenis, de autores estrangeiros, domina o mercado editorial e, desse modo, controla, também, o conteúdo de leitura desse público.

A teoria dos polissistemas, de Even-Zohar (1990), ajuda-nos a entender como as literaturas centrais, as jovens e as periféricas comportam-se numa relação entre si. Nesse sentido, chama-nos a atenção o caso das literaturas jovens, pois, desse modo, podemos aventurar-nos a postular uma hipótese sobre o que teria acontecido, no início do século XIX, na produção literária brasileira, no caso da escrita romanescas, e, a partir dessas reflexões, responder à pergunta sobre qual a importância da tradução para a história da literatura brasileira. Para tanto, tomamos como referências, no campo das produções literárias romanescas primeiras na América Latina, a questão da tradução e a publicação, no México, de *El Periquillo Sarniento*, em 1816; no Brasil, em 1838, a publicação da tradução do romance francês *Le capitaine Paul* (O capitão Paulo), de Alexandre Dumas; bem como as posteriores publicações romanescas brasileiras *O filho do pescador* (1843), de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, e *A moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo.

Na amplitude dessa temática, nosso estudo restringe-se, por uma questão de viabilidade de execução, a esse universo literário acima mencionado. Embora fique claro que há inúmeras outras possibilidades de pesquisa e de delimitação de *corpus* de estudo nessa área, optamos por nos mover, especificamente, nesse campo já definido para conseguirmos, desse modo, alcançar os resultados buscados e não nos estender a uma visão generalizada sem possibilidade de aprofundamento. Os resultados desse estudo comparativo proposto e os dados dele obtidos, os quais destacamos na sequência, são as bases de reflexão que nos auxiliam na condução

da prática tradutora do romance *El Periquillo Sarniento* (1816) à língua portuguesa do Brasil, objetivo maior de nossa tese.

A literatura traduzida, de acordo com Even-Zohar (1990), forma, *per se*, um sistema próprio dentro do polissistema literário de uma nação. De acordo com o pesquisador, o comportamento desse polissistema específico – formado pelas obras traduzidas a certo idioma – é muito ativo e o lugar que ele pode ocupar dentro do polissistema meta (aquele de uma certa nacionalidade, por exemplo – de acordo com a sua relevância nesse âmbito maior –), será o centro dele ou, também, pode vir a se manter na sua periferia.

Conforme menciona o pesquisador, se a *“translated literature maintains a central position in the literary polysystem means that it participates actively in shaping the center of the polysystem¹⁴⁰”* (Even-Zohar, 1990, p. 46). Em outras palavras, a literatura traduzida, quando alocada no centro de um polissistema em formação, contribui, mais incisivamente, para modelar as expressões literárias nacionais ao lhe proporcionar novos modelos, repertórios, recursos e características expressivas, técnicas e recursos escriturais, ideologias, estruturas modulares ou padrões composicionais, entre outros aspectos da produção literária.

Nesse caso, os nominados *“modelos culturales idóneos”* disponíveis como repositório cultural aos escritores de um determinado polissistema literário nacional, mencionados por Varela Jácome (1982, p. 4), não se restringem às produções nacionais, mas, sim, ampliam seu escopo para as formas estrangeiras, alocadas no centro do polissistema de uma expressão literária nascente, em formação, jovem ou ainda não consolidada. Tal fato revela-nos a força geradora e modeladora que as traduções podem exercer com amplitude em um polissistema literário irrestritamente aberto a essas produções.

No caso das literaturas jovens, segundo Even-Zohar (1990), está claro que tais sistemas ainda não tiveram o tempo adequado para gerar toda a variedade de expressões literárias possíveis no seu próprio repertório. Essas literaturas são consideradas como sistemas não cristalizados, por não estarem, ainda, totalmente estabelecidas.

¹⁴⁰ Nossa tradução: “[a] literatura traduzida mantém uma posição central dentro do polissistema literário, isso significa que esta participa ativamente dele, modelando o centro do polissistema” (Even-Zohar, 1990, p. 46).

A literatura traduzida, dentro de um sistema literário nacional ainda jovem, permite que esse se beneficie das novas aquisições. Esse movimento é perceptível pela observação da assimilação e pelo destaque dado às novas formas que, gradativamente, vão sendo incorporadas às produções nacionais a partir dos modelos traduzidos.

Não se trata, nesse caso, de apontar, nessa etapa do desenvolvimento do polissistema, para as fontes e influências, mas de estar consciente de que trocas acontecem o tempo todo ao longo da formação das literaturas nacionais, estabelecendo o diálogo entre os modelos traduzidos e aqueles desenvolvidos a partir da experiência identitária dos escritores que constroem a sua própria história literária. O equilíbrio entre esses diálogos é salutar a um polissistema literário em formação, mas a ausência de vozes próprias nesse contexto implica na soberania dos modelos forâneos e na disseminação, sem limites, das ideologias estrangeiras entre os leitores.

A teoria de Even-Zohar (1990) aborda as literaturas nacionais como polissistemas complexos. O pesquisador analisa como as literaturas jovens, e as periféricas, com frequência, servem-se, por meio da tradução, de literaturas centrais para se desenvolver. A título de exemplo, lembramo-nos do caso dos romances históricos clássicos de Walter Scott, produzidos no início do século XIX:

A escrita híbrida de história e ficção inaugurada por Walter Scott teve, assim, desde tradutores, imitadores e admiradores até romancistas de renome que se inspiraram nele para introduzir ou desenvolver tal modalidade romanesca em praticamente todos os territórios europeus do século XIX (Fleck, 2017, p 41).

Esse processo é, da mesma forma, mencionado por Mata Induráin (1995, p. 24) que comenta: “*Scott tuvo, en efecto, infinidad de imitadores entre los escritores del Romanticismo. [...] la imaginación romántica hizo ser historiadores a los novelistas y novelistas a los historiadores*¹⁴¹” (Mata Induráin, 1995, p. 24). Como lembrado por Fleck (2017), a tradução dos romances históricos scottianos permitiu que a nova escrita híbrida de história e ficção – que veio a constituir a modalidade de romance histórico clássico – fosse difundida amplamente, da Inglaterra para a Europa e, em

¹⁴¹ Nossa tradução: “Scott teve, efetivamente, uma infinidade de imitadores dentre os escritores do Romantismo. [...] a imaginação romântica fez com que os historiadores se tornassem romancistas e que os romancistas se fizessem historiadores” (Mata Induráin, 1995, p. 24).

seguida, para o mundo. Isso fez com que outras literaturas pudessem apropriar-se dos paradigmas primeiros da literatura escocesa de Scott e desenvolveram, dessa maneira, a modalidade híbrida de história e ficção nos seus próprios polissistemas. Essa prática aprimorou, desse modo, a expressividade de muitas outras literaturas nacionais pela inserção, no seu polissistema peculiar, de uma vertente de escrita romanesca híbrida de história e ficção advinda do universo britânico.

Por outro lado, na prática tradutória de obras literárias, existe um movimento de trocas culturais contínuas, devido ao fato de que, na literatura, incorporam-se “fatores culturais, linguísticos, ideológicos e econômicos” (Amorim, 2005, p. 27), entre outros aspectos inerentes à produção artístico-literária. Nesse processo, é essencial que se conceba que “a tradução recontextualiza a obra literária original, gerando outras imagens – reinscrevendo-a numa outra realidade na qual é percebida” (Amorim, 2005, p. 29).

Lefevere (1994, p. 11) depreende, a partir dos estudos de Even-Zohar¹⁴² (1978; 1981), que a tradução é um “*process of negotiation between two cultures*”¹⁴³ [...]” Entendemos que essa negociação está presente durante toda a práxis tradutória que se exerça, pois, essa ação é, talvez, a tarefa concreta na qual duas culturas se inter-relacionam ininterruptamente. Devido à questão inegável de que existe um poder que se sobrepõe nesse processo, o estudioso da tradução complementa sua afirmação, em seguida, apontando que “[...] *translation is indeed acculturation*”¹⁴⁴ (Lefevere, 1994, p. 12). Uma ponderação com a qual é difícil discordar, já que, na grande maioria das traduções comerciais, prevalecem as ideologias do poder central e, na maioria das vezes, os(as) tradutores(as) colaboram para dar continuidade a esse poder, ou são por ele controlados. Na prática tradutória, isso se faz abertamente e em acordo com o sistema ou, ao contrário disso, é estabelecido, por parte do(a) tradutor(a), um posicionamento claramente contra tal prática. Tanto uma quanto outra ação levam ao exercício desse “poder” mencionado pelo estudioso.

¹⁴² Os estudos utilizados por Lefevere são: Even-Zohar, I. *Papers in historical poetics*. Tel Aviv: Porter Inst. for Poetics and Semiotics, 1978; Even-Zohar, I. *Translation theory today: a call for transfer theory*. In Even-Zohar, I.; Toury, G. (Ed.). *Translation theory and intercultural relations*. Special issue of *Poetics Today*. v. 2, n. 4, Tel Aviv University, 1981. pp. v-xi, 1-239.

¹⁴³ Nossa tradução: “[...] processo de negociação entre duas culturas”.

¹⁴⁴ Nossa tradução: “[...] tradução é, de fato, aculturação” (Lefevere, 1994, p. 12).

Há, nesse sentido, uma série de fatores que levam o(a) tradutor(a) a uma dessas opções. Entre eles está, sem dúvidas, o centro gerador da tradução com a ideologia e o propósito de financiar essa atividade, que varia muito sendo esse centro uma universidade, uma grande editora, um grupo de estudos, um autor interessado em propagar sua literatura em outra cultura etc. No sentido de que a tradução envolve o posicionamento¹⁴⁵ crítico de quem a exerce – oportunizando-lhe a possibilidade de enunciar desde uma ou outra margem do poder –, Spivak¹⁴⁶ (2002) discorre sobre o caso das mulheres, devido à sua posição de subalternas, e a importância de não poder se posicionar politicamente, pois, todas as vozes – a autoridade e o subalterno – pronunciam-se, porém, “*de lo que carece en realidad la subalterna es de la capacidad para hablar politicamente, y ahí lo importante es reconocer hasta qué punto quienes están/estamos en posiciones más favorecidas son/somos cómplices del silenciamiento*”¹⁴⁷ (Sales Salvador, 2006, p. 23).

Essa enunciação de Spivak (2002) e Sales Salvador (2006) – teóricas que estudam os processos de tradução, gênero e pós-colonialismo – constitui-se em diretriz para o nosso fazer tradutório, que se encontra inserido em um ambiente universitário – Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL/Unioeste-Cascavel/PR – e, da mesma forma, constitui parte de um projeto descolonizador, efetivado por um Grupo de Pesquisa acadêmico – “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção, vias para a descolonização”. Assim, seguindo a lógica apontada por Sales Salvador (2006), o(a) tradutor(a) precisa estar ciente do seu lugar de enunciação e de saber que, nele, possui o poder de se posicionar e de se fazer ouvir.

¹⁴⁵ Reflexões sobre o posicionamento e ética dos tradutores serão apontados, neste estudo, na subseção: 1.5.1. “Noções de “marcadores culturais” na prática tradutória”.

¹⁴⁶ A citação original afirma: “*de lo que se trata en el fondo es de la capacidad de hablar políticamente*” - [Nossa tradução: do que se trata, no fundo, é da capacidade de poder falar politicamente] (Spivak, 2002, p. 213). Spivak na obra *A critique of post-colonial reason: toward a history of the vanishing present* - [Nossa tradução: Uma crítica de fundo pós-colonial: ao encontro da história do efêmero presente]. Cambridge, Massachussets: Harvard UP, 1999, reescreve seu texto *Can the subaltern speak?* - [Nossa tradução: Pode o subalterno falar?] - (1988), disponível em: ASHCROFT, B. GRIFFITHS, G. TIFFIN, H. *The post-colonial studies reader* - [Nossa tradução: Leituras dos estudos pós-coloniais]. New York: Routledge, 1995. Nessa tese, fazemos referência especificamente à tradução oficial para a língua espanhola, por M. Rosario Martín Ruano, do trecho intitulado: *¿Puede hablar la subalterna?* - [Nossa tradução: Pode a subalterna falar?] -, publicado em 2002, na revista Asparkia. Para mais informações ver as referências.

¹⁴⁷ Nossa tradução: “[...] do que carece realmente a subalterna é da capacidade de se pronunciar politicamente, e aí o importante é reconhecer até que ponto quem está/estão/estamos em posições mais favorecidas é/são/somos cúmplices do silenciamento”.

Outra importante diretriz para nossa prática tradutória consiste no emprego, ao longo do exercício transcultural no qual a tradução se configura, do conceito de “*affidamento*”, proposto por Sales Salvador (2006). Entendemos que o conceito e prática do *affidamento* está relacionado com o fato de o(a) tradutor(a) estar ciente da existência da alteridade. Assim, no caso da tradução, aplicar esse conceito implica ao(à) tradutor(a) identificar-se com o texto do outro, compreender o que expressa ou sente o outro; nesse sentido, de ter ciência de nosso papel como tradutores de ter como princípio representar a fala do outro. Para tanto, uma obra a ser traduzida, deve ser uma obra a ser estudada, discutida e analisada, se possível, por um conjunto de sujeitos que estejam teoricamente embasados e, da mesma forma, abertos às contribuições de outros olhares lançados sobre o objeto de estudo. Processo que vivenciamos desde o início deste estudo.

Quando o(a) tradutor(a) está em consonância com a prática do “*affidamento*”, de acordo com Sales Salvador (2006, p. 28), efetua-se um processo tradutório no qual se considera a possibilidade de “[...] *revalorizar las posibilidades éticas de la subjetividad de un sujeto traductor consciente de la responsabilidad de su mediación*”¹⁴⁸. O resultado dessa prática distingue-se pelo fato dela dar valor à responsabilidade ética do(a) tradutor(a) pela sua mediação cultural e linguística no texto meta (de agora em diante, TM).

Esse pensamento é, da mesma forma, corroborado por Baker (2011, p. 274), que se manifesta com relação a esse posicionamento crítico do(a) tradutor(a) diante da tarefa de efetivar o trânsito cultural-linguístico da tradução e complementa essa ideia, expressando que, frente aos desafios que isso implica, é necessário que se considere, também, a hipótese de “*it is your responsibility to question the code in order to avoid causing harm to others or perpetuating potential forms of injustices*”¹⁴⁹, ou, como expressa Sales Salvador (2006, p. 28), “*así como quien traduce puede negarse a hacerlo por motivos éticos*”¹⁵⁰. Portanto, entendemos, desde o espaço social de nosso *lócus* enunciativo, que é necessário ao(à) tradutor(a), na América Latina, em

¹⁴⁸ Nossa tradução: “[...] trata-se de revalorizar as possibilidades éticas da subjetividade de um sujeito tradutor ciente da responsabilidade da sua mediação” (Sales Salvador, 2006, p. 28).

¹⁴⁹ Nossa tradução: “[...] questionar o código é tua responsabilidade de modo a evitar causar danos a outros ou de perpetuar formas potenciais de injustiça”.

¹⁵⁰ Nossa tradução: “do mesmo modo, quem traduz pode negar-se a fazê-lo por motivações éticas”.

especial, atuar com base em uma abordagem decolonial da tradução¹⁵¹, quer dizer, considerar aquilo que não é discutido pelas abordagens pós-coloniais, ciente de sua mediação nessas práticas sociais, que ultrapassam fronteiras, sejam elas linguísticas, culturais, históricas e muitas outras.

Assim, acreditamos que sempre é salutar discutir e mediar as ideologias presentes no texto fonte (daqui em diante, TF), antes mesmo de iniciar uma prática tradutória. O conhecimento do objeto a ser traduzido – oriundo da pesquisa sobre ele em estudos de diferentes áreas e abordagens – sejam elas da sociologia, da filosofia, da teoria literária, das artes plásticas etc. – é fundamental para uma prática tradutória descolonizadora, ainda mais se esse objeto for uma obra literária significativa na trajetória da história da literatura, como é o caso de *El Periquillo Sarniento* (1816), de Fernández de Lizardi. Diante disso, entendemos como válida a decisão de apresentar um breve estudo da obra, não a tradução *per se* do texto unicamente, porém, assegurando que nosso leitor tenha acesso às discussões apresentadas a nível teórico da obra. Ademais, a tradução que aqui efetivamos apresenta todas as vias possíveis para que nossas vozes de tradutores sejam expostas, ao nos utilizarmos da teoria sobre os marcadores culturais (Aubert, 2006) para facilitar ao leitor acesso àquilo que possa ficar esquecido/ofuscado pelo termo escolhido na prática tradutória.

Entre os estudiosos de tradução – com destaque para Sales Salvador (2006); Spivak (2002); e Godayol¹⁵² (2000) – comenta-se a necessidade de se criar, no TM, intervenções críticas e paratextos, por parte do(a) tradutor(a), com o intuito de

[...] *complementar la traducción con documentación alternativa para facilitar el intercambio cultural entre el público lector y la diferencialidad del original, para ‘intentar dejar hablar al otro’ a través del aparato traductológico (eg. comentario, introducción, nota, glosario, o anexo que acompañe a la traducción)*¹⁵³ (Sales Salvador, 2006, p. 27).

¹⁵¹ Sugerimos a leitura do artigo de FLECK, G. F.; JAVIER LOPEZ, C.; BARREIROS, P. N. Ressignificações do passado da América: vias para a descolonização e o pensamento decolonial na literatura e na tradução literária. *A Cor das Letras*, [s. l.], v. 24, n. Especial, p. 1-7, 2023. DOI: 10.13102/cl.v24iEspecial.10055. Disponível em: <https://www.periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/10055>. Acesso em: 31 jul. 2023.

¹⁵² Entre as citações mais frequentes dos textos de Pilar Godayol – mencionados, inclusive, nos estudos de Sales Salvador (2006) –, está a sua obra *Espais de frontera: Gènere i traducció* (2000), publicada pela Vic: Eumo Editorial. Disponível em: <https://archive.org/details/espaisdefrontera0000goda>. Acesso em: 05 jun. 2024

¹⁵³ Nossa tradução: “[...] complementar a tradução com documentação alternativa para facilitar a troca cultural entre o público leitor e as diferenças do original, para ‘deixar o outro falar’ por meio do aparato

Entendemos que essa prática interventiva, proposta por Sales Salvador (2006), e que é possível ao(à) tradutor(a) na atualidade, é, de fato, necessária, em muitos casos, para, no TM, não somente repetir o movimento laudatório ou depreciativo do texto do outro, o TF, sem mostrar, criticamente, para o leitor contemporâneo, o que se passa, discursivamente, nas camadas mais profundas do texto em processo de tradução. Nas traduções de caráter comercial, observa-se, geralmente, de acordo com Frota (2000), uma superestimação da escrita autoral, ocasionando uma espécie de angústia no(a) tradutor(a). Nesses casos, o(a) tradutor(a) posiciona-se num lugar de constante impotência e frustração, enquanto lhe é cobrado que eleve o texto estrangeiro ao nível do belo, rico e inatingível. Nessa situação específica, o(a) tradutor(a), ciente de seu papel e de sua posição de poder, não se pode valer, nessa realidade que não lhe outorga autonomia, dos diferentes procedimentos tradutórios conhecidos como “domestificação¹⁵⁴” e “estrangeirização” (Venuti, 2002).

De modo bastante geral, podemos conceber o processo de “domestificação”, na prática tradutória, como um movimento que faz o(a) tradutor(a) para aproximar o autor do leitor, ou seja, fazem-se, no TM, todas as “adequações” necessárias para não causar no leitor da língua à qual se está traduzindo a obra nenhum estranhamento com relação a termos e expressões correntes em seu próprio idioma e cultura. A tradução, assim, passa a ter o mesmo efeito no leitor que qualquer texto original de

tradutológico (por exemplo: comentário, introdução, nota, glossário, o anexo que acompanha a tradução)”.

¹⁵⁴ De acordo com o dicionário *Aulete Digital*: “(do.mes.ti.car). v. 1. Tornar ou ficar doméstico (animal); amansar; domar [td.: domesticar um cavalo] [int.: Era um pônei xucro e selvagem, mas domesticou-se aos poucos]. [...] 3. Fig. Tornar(-se) cortês, apto ao convívio social; civilizar [...]. 4. Submeter (ger. força da natureza) ao controle do homem [td. : domesticar o mar]. [...]”. A tradução domesticadora apaga os vestígios das outras vozes no texto para apresentar “aos leitores domésticos uma representação realista conjugada com seus próprios códigos e ideologias como se fosse um encontro imediato com um texto e uma cultura estrangeiros” (Venuti, 2002, p. 29). Desse modo, a tradução domesticadora assimila um texto estrangeiro, padroniza-o e o submete para que fique esteticamente “aceitável” desde o ponto de vista etnocêntrico da cultura que recebe o texto. Venuti (2002) chama essa abordagem tradutória de tradução fluente assimilativa, porque nela se retira tudo o que estiver fora do dialeto-padrão, para obter uma estética “popular”. No entanto, Sousa e Branco (2015, p. 74-75) apontam que, entretanto [...] a domesticação é necessária na tradução, pois há situações e contextos que são ininteligíveis para outras culturas e precisam da reflexão do tradutor sobre como comunicar determinada situação para o contexto do texto traduzido. Porém, é importante prezar para que não se perca a identidade da cultura fonte, [...]. Há uma ética que precisa ser respeitada para que a tradução e o contexto retratado na obra não se percam nas mudanças que o tradutor precisa fazer. As definições do dicionário estão disponíveis em: <https://www.aulete.com.br/domesticar>. Acesso em: 25 abr. 2021.

sua própria cultura teria, deixando-o numa situação “confortável” de leitura, sem lhe causar quaisquer questionamentos frente às expressões do “Outro”.

Tal ação tradutória – exercida com base no procedimento da “domestificação” – implica, sem dúvidas, em um processo de apagamento de grande parte das especificidades culturais do TF. A tradução domesticadora apaga os vestígios das outras vozes no texto para apresentar “aos leitores domésticos uma representação realista conjugada com seus próprios códigos e ideologias como se fosse um encontro imediato com um texto e uma cultura estrangeiros¹⁵⁵” (Venuti, 2002, p. 29).

Desse modo, a tradução realizada com foco no procedimento de “domestificação” assimila um texto estrangeiro, padroniza-o e o submete aos preceitos da língua e da cultura meta para ficar esteticamente “aceitável” desde o ponto de vista etnocêntrico da cultura que recebe o texto. Venuti (2002) chama essa abordagem tradutória de tradução fluente assimilativa, porque se retira do TF tudo o que estiver fora do dialeto-padrão da cultura meta, para obter uma estética “popular”, de fácil assimilação para o leitor do TM. Tal ação está vinculada à questão discutida acima por Venuti (2002). Frota (2000) elucida que aquele(a) tradutor(a)-autor(a), ou tradutor(a) domesticador(a), no ato de admitir a diferença com o texto do outro, sente-se superior, logo, submete-o – o texto, a língua e os valores estrangeiros – à sua vontade, ao seu talento, ao gênio da sua língua e à hegemonia da sua cultura.

Já a opção por aplicar a “estrangeirização” como procedimento de tradução requer do(a) tradutor(a) o uso do aparato tradutológico para estabelecer o movimento de aproximação do leitor ao autor, ou seja, prevalecem no TM, as características peculiares do TF. Isso faz com que a tradução confronte o leitor com o novo, com o diferente, com o peculiar da existência do “Outro”, com os traços originários que estabelecem as fronteiras entre as culturas em diálogo. Isso exige do leitor um movimento em direção ao “Outro”, ao desconhecido e ao inusitado, proporcionando-lhe possibilidade de ampliação de horizontes.

Nesse caso, o(a) tradutor(a) vale-se, para proporcionar o diálogo entre as culturas, da premissa de “*intentar dejar hablar al otro*” (Sales Salvador, 2006, p. 27), observado também por Spivak (2002). Isso ocorre ao se dispensar aos “marcadores

¹⁵⁵ Utilizamos como fonte o texto de Lawrence Venuti, *Escândalos da tradução* (2002), traduzido por Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo, com a revisão técnica de Stella Tagnin. Para mais informações, ver referências.

culturais” presentes no TF – lexias ou expressões fraseológicas peculiares dos domínios ecológico, material, sociais e ideológicos (Aubert, 2006), bastante exclusivos da língua e cultura fonte – um tratamento diferenciado que, na maioria das vezes, consiste em não alterar – ou alterar minimamente, por questões fonéticas – o emprego das lexias ou expressões fraseológicas da língua fonte (de agora em diante LF) no TM.

Para tanto, o(a) tradutor(a) emprega, nessa prática tradutora, recursos como aqueles apontados por Sales Salvador (2006, p. 27): “*comentario, introducción, nota, glosario, o anexo que acompañe a la traducción*”, para efetivar uma modalidade de tradução que priorize o procedimento do “espelhamento” (efetuado pelos desdobramentos do empréstimo ou do decalque) daqueles termos considerados marcadores culturais (a partir desse momento, MC). Essa opção garante a manutenção, em grande parte, das peculiaridades culturais e ideológicas da LF no TM, evitando, em grande medida, o apagamento da cultura do “Outro” no TM.

Desse modo, consideramos importante esse posicionamento do(a) tradutor(a) diante de sua tarefa de mediar diferentes culturas. Muitos tradutores podem escolher, então, o que traduzir, já outros não têm essa autonomia. Cientes de que um texto traduzido tem um perfil aculturador, nós, em práticas como as que se efetivam neste estudo – vinculadas a uma equipe de pesquisa que busca vias à descolonização da América Latina –, escolhemos quais ideologias transmitir na nossa tradução, sem ocultar as outras, mas torná-las evidentes, apresentando discussões sobre elas, seja por estudos introdutórios, notas de rodapé, artigos publicados sobre a trajetória do processo tradutório, ou outras vias que se mostrarem, ainda, viáveis à nossa prática.

Esperamos que se consiga, em algum momento, por meio dos nossos estudos em tradução, contribuir para que aqueles tradutores, em palavras de Venuti (2002, p. 15), “cúmplices na exploração institucional de textos e culturas estrangeiros”, possam conscientizar-se da importância da sua reflexão frente ao “poder” estabelecido dentro do texto a ser traduzido. Nesse sentido, assumimos um compromisso tradutológico para desafiar o legado colonialista/aculturador que se impôs em nosso território durante séculos e cujos resquícios, ainda hoje, são bem visíveis em vários setores das sociedades latino-americanas.

Consequentemente, nós assumimos a tradução de literatura menor, marginalizados pelo centro/esfera do poder para gerar um espaço de enunciação às

vozes esquecidas e silenciadas pelo processo colonizador e suas múltiplas estratégias de subjugação. Optamos, assim, por trazer de volta à luz alguns textos relevantes da literatura hispânica na América. Esses são textos que marcaram a história da literatura no espaço antes colonizado pelas metrópoles europeias na América Latina e, pela mediação da tradução, buscamos disponibilizá-los ao público leitor de língua portuguesa no século XXI.

Nosso compromisso é o de assumir e de pôr em prática o “*affidamento*”, como compreendido por Sales Salvador (2006), na nossa práxis tradutória. Para isso, elegemos traduzir textos relevantes e críticos que compõem as fases significativas da história da literatura latino-americana, ainda não disponíveis, ou não considerados em suas peculiaridades, ao público leitor de língua portuguesa.

Outros textos, consagrados ou mesmo ignorados em outras épocas, constituem já o *corpus* de estudo e análise da atual agenda dos pesquisadores vinculados a essa linha de pesquisa do mencionado Grupo de profissionais e estudiosos que compõem a equipe “Ressignificações do Passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos da história e ficção – vias para a descolonização”. Essa é uma das formas que encontramos para agregar conhecimento ao público brasileiro em geral, ao revelar como esses textos críticos já eram produzidos na América Latina, no contexto da literatura hispano-americana, no início do século XIX. Isso nos auxilia a melhor entender o nosso próprio sistema literário e a influência que nele a tradução teve, ou poderia ter tido, e ainda tem.

Com o intuito de verificar alguns aspectos da trajetória da tradução no Brasil, para visualizar melhor a razão pela qual obras tais como *El Periquillo Sarniento* (1816) – inauguradora da prosa romanesca na história literária latino-americana – não sejam, ainda, de amplo conhecimento do público em geral, devido a não existir uma versão deles ao português, discutimos brevemente, a seguir, como a tradução, no Brasil do século XIX, contribuiu para o início da escrita de romances no período histórico do Império do Brasil (1822-1889). Nesse contexto, dois aspectos são relevantes: os MC presentes nas obras a serem traduzidas – portadores da carga cultural e ideológica que a obra insere – e o início da escrita romanesca no Brasil – influenciada pela tradução dos modelos europeus, franceses em especial, no território brasileiro à época do Império. São, pois, a esses desdobramentos a que nos dedicamos na sequência deste estudo.

1.5.1. Noções de “marcadores culturais” na prática tradutória: dinâmicas para o trânsito cultural na tradução

Além dos aspectos éticos votados à tarefa tradutória – como a observação do *Affidamento* (Sales Salvador, 2006) e às tendências à *domestificação* ou à *estrangeirização* (Venuti, 2002) das marcas do Outro no ato tradutório –, discutidos no tópico anterior, dentre os aspectos que orientam nossa proposta estão os estudos da teoria da tradução cultural contemporânea. Sendo assim, procuramos entendê-la como aquilo que

*[...] deals with the relationship between the conditions of knowledge production in one given culture, and the way knowledge from a different cultural setting is relocated and reinterpreted according to the conditions in which knowledge is produced. They are deeply inscribed within the politics, the strategies of power, and the mythology of stereotyping and representation of other cultures*¹⁵⁶ (Carbonell, 1996, p. 80).

A partir daí, verificamos que a temática das relações de poder dentro do texto, dos estereótipos, das representações das outras culturas e da abordagem do(a) tradutor(a) desse material na sua práxis, têm sido tratadas, sobretudo, com relação aos aspectos por nós evidenciados na seção anterior deste estudo. No entanto, ainda não tínhamos deixado claro o que entendemos por tradução cultural.

Carbonell (1996, p. 81) afirma que toda aproximação a uma determinada cultura envolve processos tradutórios e que a “*cultural translation [...] takes place whenever an alien experience is internalized and rewritten in the culture where that experience is received*”¹⁵⁷. Essa experiência acontece não apenas na tradução literária, mas, também, no campo dos estudos da antropologia e da etnografia.

¹⁵⁶ Nossa tradução: “[...] trata da relação entre as condições de produção do conhecimento numa dada cultura, e a forma como o conhecimento de um cenário cultural diferente é realocado e reinterpretado de acordo com as condições em que o conhecimento é produzido. Essas condições estão profundamente inscritas na política, nas estratégias de poder e na mitologia dos estereótipos e da representação de outras culturas”.

¹⁵⁷ Nossa tradução: “[...] a tradução cultural [...] acontece quando uma experiência é internalizada e reescrita na cultura onde essa experiência alheia/forânea é recebida”.

Ao levarmos em conta o anterior, adotamos como referência o ponto de vista de Godfrey Lienhardt, estudioso da antropologia social, que considera a tradução como a ação de traduzir modos de pensamento e não apenas um simples intercâmbio linguístico (Lienhardt, 1954). As palavras de Paz (1981a, p. 8) reforçam o expressado por Lienhardt (1954) quando afirma que “*cada lengua es una visión del mundo, cada civilización es un mundo*¹⁵⁸” (Paz, 1981a, p. 8). Como pode ser inferido, um(a) tradutor(a) que conhece e trabalha a partir das bases da tradução cultural é sensível aos elementos culturais da LF, está ciente que cada texto possui uma base cultural específica e que as convenções para a produção e recepção textual variam de cultura para cultura (Shuttleworth; Cowie, 1999). Desse modo, ele(a) sabe das implicações de recriar, na língua meta (de agora em diante LM), aquele discurso cultural, incluindo todos seus aspectos, tais como os MC, da melhor forma possível. Esse(a) profissional entende, claramente, que, nessa atividade, requer-se a negociação dos juízos de valor como prática tradutória, como entende Lienhardt (1954), e que deve estar orientado(a) pela ideia de que todas as formas de conhecimento possuem seu valor legítimo.

Neste estudo, entendemos que a língua é uma das expressões mais complexas de um sistema cultural, pois ela deixa marcas tanto no sujeito que dela se vale para expressar o seu modo de conceber o mundo quanto nos objetos gerados pelos representantes de uma cultura específica. O(a) tradutor(a), ao intermediar diferentes culturas – que se valem de línguas distintas para a sua expressão oral e escrita –, deve estar ciente da presença de diferentes traços identitários no TF. Isso lhe ajuda a apreender melhor a estrutura profunda dessa língua e, desse modo, poder incluir esses traços distintivos, da melhor forma possível, no seu universo representacional. Tais traços, em grande medida, representam os MC que

[...] correspondem a vocábulos ou expressões que representam elementos inseridos em uma determinada cultura, e que revelam realidades específicas do ponto de vista ecológico, material, social e ideológico (Aubert, 1981, p. 2).

Estabelecer um possível trânsito desses domínios culturais – ecológico, material, social e ideológico –, apontados por Aubert (1981), pelas próprias vias que a linguagem nos possibilita, é o grande desafio de um(a) tradutor(a). Afinal, a língua e

¹⁵⁸ Nossa tradução: “[...] cada língua é uma visão do mundo, cada civilização é um mundo”.

a linguagem são construtos culturais, sociais e históricos. Portanto, o processo tradutório é marcado por distintas complexidades que são administradas pelo(a) tradutor(a) em sua prática laboral.

Essa mesma problemática é explicada por Tymoczko (2013), que, por meio de termos linguísticos, lembra-nos da teoria dos atos de fala, amplamente discutida por Austin¹⁵⁹ (1975) e Searle¹⁶⁰ (1969), entre outros estudiosos da linguagem. A pesquisadora observa que os aspectos locutórios, ilocutórios e perlocutórios do TF não são os únicos a serem tomados em conta no ato dos trânsitos culturais, pois o(a) tradutor(a) cria, com base nesses aspectos, a sua versão pessoal dos atos locutórios, ilocutórios e perlocutórios e os adiciona no TM. Outros autores já deram um nome¹⁶¹ a essa sobreposição de camadas. Nesse sentido, entendemos que é válido, também, mencionar que o TM é um conjunto de refrações transferidas (Lefevere, 1985) que formam um novo palimpsesto (Arrojo, 2007).

O(a) tradutor(a) deve estar consciente sobre as implicações na manipulação de textos estrangeiros, pois, infelizmente, nesse contato, o(a) tradutor(a) ingênuo ou desavisado, em termos de Rodrigues (1994, p. 53), “tem o poder de trivializar e mesmo de excluir características culturais, na medida em que um texto pode ser apresentado seguindo as normas, os valores e as representações de uma língua considerada culturalmente dominante [...]”. Daí advém a necessidade do compromisso ético do(a) tradutor(a), pois está sob sua responsabilidade manejar a carga ideológica contida no TF para explicitá-la ou expô-la, adequadamente, no TM, ou, como sugere Baker (2011), negar-se, por questões próprias, a fazê-lo.

Consideramos interessante, por outro lado, o que Venuti (2002) postula sobre a “tradução minorizante¹⁶²”, ação cujo objetivo pretende promover uma inovação cultural que consiga mostrar um entendimento entre as diferenças culturais no texto da LM. Esta atitude é, também, um modo de resistência à assimilação deletadora das vozes das minorias provocada pelo(a) tradutor(a) que, por razões nem sempre

¹⁵⁹ Consultar: AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

¹⁶⁰ Consultar: SEARLE, J. R. *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

¹⁶¹ Maria Tymoczko (2013, p. 116) menciona o termo “meta-enunciado” para explicar a sobreposição de textos durante a tradução e menciona os estudos de Holmes (1994) e Lefevere (1985) para fundamentar a sua reflexão.

¹⁶² Os tradutores da obra, Pelegrini *et al.*, em nota de rodapé ** da página 25, apontam para os termos usados no inglês por Venuti (2002), traduzindo “*minoritizing translation*” por “tradução minorizante”.

conhecidas, pratica aquela, nada democrática, tradução padronizada, “domesticada”, que aparenta ser transparente e popular, mas que, em essência, dispõe todo o conteúdo do TF no dialeto-padrão da cultura receptora, excluindo do TM todos os traços culturais¹⁶³ que sejam diferentes do cânone reconhecido pela cultura meta.

Nos estudos de Tymoczko (2013, p. 118) evidencia-se que “a ideologia de uma tradução não reside simplesmente no texto traduzido, mas no modo de expressão e na postura do(a) tradutor(a), bem como na relevância dessa tradução para seu público”. Nesse aspecto, o(a) tradutor(a) torna-se um mediador responsável pela obra traduzida, pois não existe a possibilidade de uma tradução neutra. Isso ocorre porque, no ato de traduzir, existe a possibilidade de plasmar agendas ideológicas, sejam elas as do autor, da empresa que publicará o texto, das organizações que financiam a divulgação do texto – instâncias “literárias, comerciais, pedagógicas e técnicas, propagandistas e diplomáticas” (Venuti, 2002, p. 14) – e outras condições da sua produção, além daquela do próprio ser humano tradutor etc.). Esse é um contexto no qual fica evidente, pois, que a língua não é transparente e a tradução, certamente, também não o será.

Nesse sentido, pretendemos, no nosso estudo, conseguir produzir uma “tradução minorizante”, atravessada por várias culturas, épocas e leitores, uma tradução transcultural. Aderimos, assim, ao postulado de Venuti (2002) sobre a “boa tradução” ser uma “minorização libertadora” que deixa exposto o marginal, o estrangeiro, o subpadrão, permitindo a sua intromissão no cânone literário. Para tal, utilizamos o conceito de “marcadores culturais” apresentado por Aubert (2006) e exposto no início desta subseção.

Os MC podem ser evidentes ou não e podem encontrar-se na dimensão dos valores, dos padrões comportamentais, linguísticos e extralinguísticos, nos traços fonológicos, gramaticais e semânticos; todos eles, de acordo com Aubert (2006, p. 24), determinam um “complexo língua/cultura em relação a outras línguas/culturas, próximas ou distantes”. Inclusive, de acordo com o autor, a dimensão gramatical também contém MC, já que, na comparação das diferenças interlinguais, podem ser verificados usos diferentes na marcação de gênero, número, aspecto verbal etc.

¹⁶³ Entenda-se como “traço cultural”, não apenas aquelas manifestações presentes entre expressões de diferentes países que empregam línguas distintas como via majoritária de comunicação, mas, também, aqueles que designam o considerado “periférico” em oposição ao “central”.

Tomemos, por exemplo, a formação das palavras na língua alemã e a forma dos numerais na língua francesa¹⁶⁴.

Ainda no plano discursivo, Aubert (2006) explica que os MC também ocorrem quando, no caso de línguas latinas próximas, por exemplo, uma mesma estrutura gramatical não apresentar o mesmo valor discursivo na outra língua. Observamos esses valores diferentes no uso do imperativo entre a língua espanhola e a portuguesa. Ao compará-las, verificamos que elas não apresentam o mesmo uso pragmático do modo imperativo, pois a língua espanhola utiliza o imperativo dentro das fórmulas de cortesia, uso que não é padrão na língua portuguesa, tal como discorrem Duarte e Campos¹⁶⁵ (1999).

Nesta tese, não pretendemos nos aprofundar nos estudos dos MC, pois nosso objetivo é propor a tradução do romance *El Periquillo Sarniento* (1816). Assim, esse espaço visa a propor um pequeno recorte sobre os MC para mostrar como estamos cientes da importância desse aspecto no momento da prática tradutória. Portanto, lançamos mão da sistematização elaborada por Aubert (2006a), fundamentado nos estudos de Vinay e Dalbérnet (1958), sobre as modalidades de tradução. Por meio dessa ferramenta de Aubert (1998, 2006a), pretendemos localizar, na estrutura da superfície do texto de *El Periquillo Sarniento* (1816), os MC para obter, como resultado, uma melhor abordagem no momento de efetuar a sua tradução.

De igual modo, passamos a utilizar o quadro referencial que Aline Kercia Sampaio Oliveira Bento (2020) expõe na sua dissertação, *Os marcadores culturais da gastronomia afro-baiana na tradução para o espanhol em Dona Flor e seus dois maridos*. Tal estudo foi desenvolvido sob a orientação do professor Patrício Nunes Barreiros, defendida na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – em

¹⁶⁴ O sistema vigesimal dos numerais em francês é devido à herança das línguas celtas. Forma-se, por exemplo, assim: *soixante-dix* [60+10] (setenta, 70), *soixante-dix-cinq* [60+10+5] (setenta e cinco, 75), *quatre-vingts* [4*20] (oitenta, 80), *quatre-vingt-dix* [4*20+10] (noventa, 90). Para mais informações visitar: <https://www.languagesandnumbers.com/como-contar-em-frances/pt/fra/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

¹⁶⁵ As autoras escrevem o artigo “Pídeme lo que quieras, pero... dime ¡por favor! Las dificultades pragmáticas de los aprendices brasileños al usar el imperativo en español” – [Nossa tradução: Peça para mim qualquer coisa, mas... use a fórmula ‘por gentileza!’] - (1999). Nesse texto, Duarte e Campos descrevem como, na língua espanhola, é possível usar o imperativo como fórmula de cortesia, enquanto, na língua portuguesa, o imperativo não apresenta essa possibilidade de uso. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=766109>. Acesso em: 25 abr. 2021.

2021, elaborada a partir das proposições de Aubert (2006a), como mostramos no **Quadro 3**, exposto abaixo:

Quadro 3: Modalidades da tradução

Modalidades de tradução	Desdobramentos
Omissão	Nesse caso, não há desdobramentos nessa modalidade.
Ocorre quando algum dado textual do TF ou informação não pode ser recuperado no TM.	
Espelhamento	Empréstimo: quando se trata de um seguimento textual do TF reproduzido no TM com ou sem marcadores específicos de empréstimos (aspas, itálico, negrito etc.) Decalque: é uma palavra ou expressão emprestada da LF, mas que foi submetida a certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para se conformar às convenções da LF.
É quando um determinado segmento do texto original recorre no texto traduzido, sem alterações ou com pequenas alterações gráficas e/ou morfosintáticas.	
Literalidade	Transcrição: Inclui segmentos de textos que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas (por exemplo, algarismos, fórmulas algébricas e similares) ou que pertençam a uma terceira língua (como frases e aforismos latinos — <i>Alea jacta est</i>). Tradução palavra por palavra: Na comparação entre textos fonte e meta, se observem: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as mesmas categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas como sinônimos interlinguais. Transposição: Ocorre sempre que um ou mais dos critérios acima deixa de ser satisfeito. Explicitação: Representa uma tentativa de assegurar a literalidade semântica, mediante o recurso das construções parafrásticas (aposto explicativo, nota de rodapé, ou de fim, glossário final).
Manifesta-se como um conjunto de soluções tradutórias aparentemente desprovidas de “ruído”, ou seja, em que a passagem do texto original para o texto traduzido faz-se, no seguimento textual observado, de forma direta, valendo-se de soluções configuradoras de uma certa sinonímia interlinguística e intercultural no contexto dado.	
Equivalência	Implicação: Informações explícitas, contidas no TF, identificáveis como determinado segmento textual tornam-se referências implícitas. Resulta, por vezes, em simples compensações, ou eliminação de aparentes redundâncias. Modulação: Registra-se como a solução tradutora que resulta em uma alteração perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenham fundamentalmente o mesmo efeito geral de sentido denotativo, no contexto em questão, expressa-se a “cultura linguística”, o modo de dizer peculiar a determinada complexo língua-cultura.
As modalidades (ou procedimentos técnicos) de equivalência são aquelas em que a atuação, interferência e a coautoria do(a) tradutor(a) tornam-se mais visíveis. Manifestam-se em diversas formas de deslocamento ou refração semântico pragmática, e, no limite, levam o texto traduzido — ou segmentos desse — à reescrita interpretativa na ótica da cultura de recepção.	

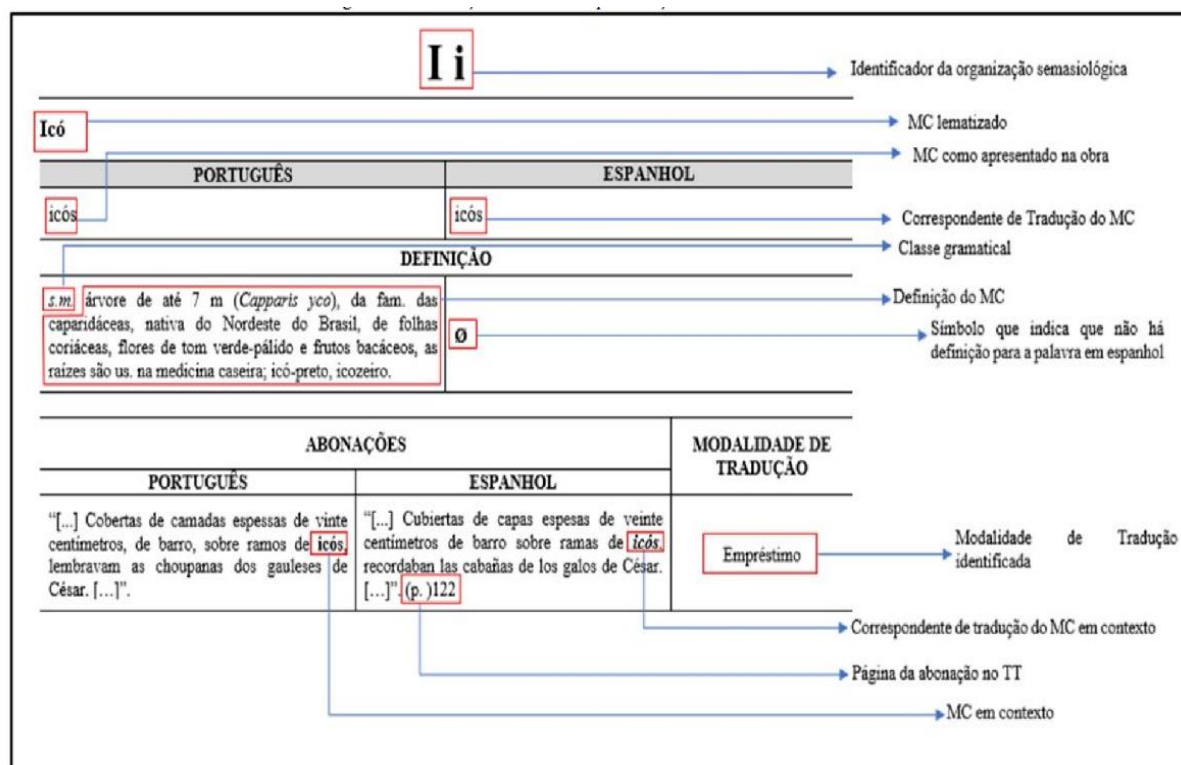
	Adaptação: É uma intercessão de sentidos, mesmo denotativos, abandonando a busca da equivalência plena. Corresponde a alguns resultados do embate entre as duas realidades extralinguísticas que se confrontam no ato tradutório. [...] Intersecção de realidades entre a cultura fonte a cultura meta.
Tradução intersemiótica	Não há desdobramentos nessa modalidade.
Ocorre nas ilustrações ou vinhetas introduzidas no texto traduzido ou mesmo na capa.	
Erro	Não há desdobramentos nessa modalidade.
Incluem-se tão somente os casos que ultrapassam os limites da adaptação, resultando em troca injustificada de sentidos.	

Fonte: Tabela elaborada por Bento (2021, p. 43-45), com base nas proposições de Aubert (2006a)

Essas modalidades de tradução, assim como os domínios – ecológico, material, sociais e ideológicos – nos quais se inserem os MC, estabelecidos por Aubert (2006), constituem-se no cerne das atividades do projeto de pesquisa “Estudo de Marcadores Culturais em obras literárias brasileiras traduzidas: banco de dados e construção de um dicionário online bilíngue”, liderado pelo professor Patrício Nunes Barreiros, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Estadual de Feira de Santana/Feira de Santana-BA/UEFS, quando se procedem às análises de traduções literárias, em especial das obras de Jorge Amado, da língua portuguesa à espanhola e à inglesa.

No contexto dessas pesquisas, a partir da sistematização das modalidades de tradução de Aubert (2006a), Geovanio Silva do Nascimento (2018), sob orientação do professor Patrício Nunes Barreiros, elaborou – como o fazem todos os acadêmicos-pesquisadores desse projeto – um modelo de ficha lexicográfica para registrar os MC presentes nas obras em estudo, com suas respectivas traduções. No **Quadro 4**, abaixo exposto, apresentamos esse modelo de ficha lexicográfica.

Quadro 4 - Modelo de ficha lexicográfica para o estudo de MC em obras traduzidas



Fonte: Dissertação *O sertão traduzido: estudo dos marcadores culturais do domínio ecológico, na tradução de Os Sertões para a língua espanhola*, de Nascimento (2018, p. 112).

Tanto o **Quadro 3** – com as modalidades de tradução propostas por Aubert (2006) – quanto o **Quadro 4** – com o modelo de ficha lexicográfica para o estudo dos MC, proposto por Nascimento (2018) – serviram-nos como base e apoio para um estudo mais detalhado a respeito dos MC presentes no nosso *corpus* de tradução, ou seja, o primeiro romance latino-americano – *El Periquillo Sarniento* (1816) – de Fernández de Lizardi.

No intuito de conhecermos com profundidade a obra de Fernández de Lizardi, a qual nos propusemos a traduzir à língua portuguesa do Brasil, realizamos um quadro de correspondência de MC e marcadores culturais fraseológicos (MCF) retirados do TF e do TM proposto pela nossa tradução.

Embora não seja essa a matriz geradora e nem o enfoque central de nosso estudo, a prática da confecção de quadros de correspondência, como o abaixo exposto, contribuiu, significativamente, para o conhecimento mais amplo da escrita romanesca de Fernández de Lizardi (1816), que se tornou, segundo ampla crítica, o primeiro romance produzido na América Latina.

Quadro 5: Quadro de correspondência de alguns marcadores culturais no original e na tradução da obra *El Periquillo Sarniento* (1816/2024)

Emprego do marcador cultural na versão ([1816] 2008)	Domínio	A versão do marcador cultural na obra traduzida	Opção eleita para a tradução
“ <i>me vestían y envolvían como un tamal</i> ” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 112)	Domínio da Cultura Material	“já me vestiam e me embrulhavam como uma pamonha ” (Fernández de Lizardi, 2024, p. 169)	Modalidade: Equivalência / explicitação Estratégia: Domesticação (com nota de rodapé)
“ <i>ni he tenido cabeza de tepeguaje</i> ” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 180)	Domínio da Cultura Social	“nunca fui cabeça dura – ou de cabeça de tepeguaje ” (Fernández de Lizardi, 2024, p. 236)	Modalidade: Espelhamento por empréstimo Estratégia: Estrangeirização
“ <i>correspondí más esponjado que un guajolote</i> ” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 165)	Domínio da Cultura Ecológico	Correspondi a todos eles com o mesmo entusiasmo que um peru fazendo a corte (Fernández de Lizardi, 2024, p. 222)	Modalidade: Equivalência por adaptação Estratégia: Domesticação (com nota de rodapé)
“ <i>cara coles comes; pastor cito come ad oves [...]</i> ” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 159)	Ecológico / Ideológico	“ Cara mujos comes; pastor zinho come ad obes [...]” (Fernández de Lizardi, 2024, p. 216)	Modalidade: Decalque Estratégia: Estrangeirização
“ <i>cotita</i> ” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 204)	Ideológica	“ peralvilho ” (Fernández de Lizardi, 2024, p. 258)	Modalidade: Equivalência por modulação Estratégia: Domesticação (com nota de rodapé)
“ <i>gurupié</i> ” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 141)	Social/ ideológica	“ gurupiê ” (Fernández de Lizardi, 2024, p. 403)	Modalidade: Espelhamento por decalque Estratégia: Estrangeirização
“ <i>dialéticas leperunas</i> ” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 354)	social	“ dialética dos velhacos ” (Fernández de Lizardi, 2024, p. 419)	Modalidade: Equivalência por adaptação Estratégia: Domesticação (com nota de rodapé)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os MC e MCF destacados no quadro são formas representativas da linguagem peculiar empregada por Fernández de Lizardi na escrita do primeiro romance latino-americano. Elas não representam, de forma alguma, a totalidade dessas

singularidades da linguagem romanesca do escritor mexicano, mas são ilustrativas da nossa *práxis* tradutória.

Embora essa prática esteja vinculada a uma área distinta daquela em que se insere nossa pesquisa, o exercício da tradução crítica, com ênfase nos estudos decoloniais e com fins descolonizadores na América Latina, é, também, via privilegiada de práticas transdisciplinares. Essa riqueza contida na ação tradutora possibilita trânsitos e trocas entre áreas e culturas, a fim de possibilitar ao leitor do TM um encontro significativo com a cultura do “Outro”.

Para tornar esse diálogo ainda mais frutífero, na sequência, dedicamo-nos a refletir sobre o surgimento do gênero romanesco no Brasil e a importância que teve a tradução para que isso ocorresse.

1.5.2. O impulso da tradução ao início da escrita romanesca no Brasil: projetos nacionais discursivos

Cientes da importância e da relevância dos MC na tessitura de uma obra, a fim de imprimir nela as especificidades da cultura de origem, e da necessidade do tradutor em se familiarizar com tais léxicos ou expressões lexicais no ato tradutório – para a manutenção das distintas vozes que o TF incorpora a fim de levá-las ao TM – como vimos no tópico anterior, esta subseção tem como objetivo contextualizar como se deu a primeira escrita romanesca no Brasil. De acordo com os estudos que apresentamos, a tradução de romances franceses no nosso país foi uma importante promotora da escrita desse gênero no cenário nacional.

Desse modo, apresentamos um breve panorama sobre como foram estabelecidas as políticas para o ensino geral e de línguas e a venda/produção e impressão de livros no contexto brasileiro. Faremos isso numa sintética trajetória desde o anúncio de Pero Vaz de Caminha, em 1500, sobre o “achamento” das terras além do Atlântico, posteriormente anexadas à coroa portuguesa, com a instituição da sua colônia lusófona na América, até a escrita dos primeiros romances brasileiros, em 1843 e 1844, por Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa e Joaquim Manuel de Macedo, respectivamente.

Elaboramos um breve estudo contrastivo entre os fatos que circunstanciaram essa escrita ficcional no Brasil com o que ocorria, à época, na América Latina de fala hispânica. Essas discussões visam a responder, em parte, a pergunta da subseção como um todo, na qual nos dedicamos, entre outros aspectos, a refletir sobre a importância da tradução para a história da literatura no nosso continente.

Segundo aponta Wyler (2003), em sua argumentação sobre a história da tradução no Brasil, ao voltarmos, em uma linha do tempo, à Colônia, para a época das primeiras décadas que se seguiram ao “achamento oficial” das Terras de Santa Cruz, mais tarde denominadas de Brasil, veremos que: “El-rei [João III¹⁶⁶] lançou [...] as bases de dois fenômenos que influíram de maneira determinante no desenvolvimento do Brasil e da tradução: o analfabetismo de massa e a elitização e estrangeiramento do ensino” (Wyler, 2003, p. 54). Tais bases possibilitaram a execução eficiente da des-educação na colônia, especialmente quando a coroa portuguesa eximiu os jesuítas de ensinar a todos indiscriminadamente porque, no entendimento d’El-rei, segundo Wyler (2003), a missão religiosa apenas devia formar sacerdotes para doutrinar. Mais uma vez, a “álgebra do conquistador/invasor¹⁶⁷”, que Santiago (2000) elucida, evidencia a sua atuação no contexto colonial da América Latina.

Os estudos de Ferreira Jr. (2010) verificam duas fases no ensino das escolas jesuíticas: a fase primeira, doutrinadora dos nativos; e a segunda fase, educadora da elite colonial na qual os jesuítas oferecem uma educação especializada. Nesse sentido, já na segunda fase, a elitização escolar instaura-se pelo fato de se oferecer educação para preparar apenas a elite.

Como confirma Ferreira Jr. (2010, p. 26-27): “[...] ao começar a segunda metade do século XVII, [...] os colégios da Companhia de Jesus transformaram-se em verdadeiros redutos educacionais frequentados apenas pelas elites econômicas coloniais”. Essas aulas estavam arquitetadas com base no ensino de matérias que preparariam os filhos da alta sociedade para seu ingresso às universidades europeias.

¹⁶⁶ O reinado de Dom João III iniciou-se em 13 de dezembro de 1521 e se finalizou em 11 de junho de 1557.

¹⁶⁷ Nesse contexto, o crítico e romancista brasileiro menciona que “evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua” (Santiago, 2000, p. 14).

Os colégios jesuíticos eram famosos, chegando a serem considerados “os melhores do mundo de então (séculos XVI, XVII e XVIII) no processo de formação de intelectuais (quadros dirigentes da sociedade) com sólida base nas ciências humanas” (Ferreira Jr., 2010, p. 25-26). No entanto, de acordo com o pesquisador, em relação ao ensino das ciências, como a física, entre outras, o ensino jesuítico, baseado na filosofia tomista, já estava desatualizado comparado à Europa.

Paralelamente, o ensino prático, formador de técnicos, foi descartado desde 1589, com a promoção do *Ratio Studiorum* no curriculum escolar, como aponta Wyler (2003), evitando a formação de mão-de-obra especializada relacionada às diversas ocupações como tecelagem, agricultura, engenharias etc., “e que poderiam atrair alunos sem recursos à escola” (Wyler, 2003, p. 54-55). Dois séculos após o empreendimento da tomada de posse das terras anunciadas na *Carta* de Pero Vaz de Caminha (1500), anexadas à coroa portuguesa, ou seja, já no século XVIII, observamos, como Wyler (2003) revela, a disposição do Alvará de 20 de março de 1720¹⁶⁸ e a Provisão de 6 de julho de 1747¹⁶⁹, que proibia a livre imprensa, a venda de livros e de papéis avulsos.

Depois da corte portuguesa fugir, às pressas, das tropas napoleônicas, em 1808 – quando estas tropas estavam prestes a invadir o território português –, dirigindo-se para os territórios coloniais americanos, o rei Dom João VI, uma vez já instalado no Brasil, reformula essas disposições para habilitar algumas concessões para os territórios nesse continente, dado que a própria corte usufruiria das mudanças. Assim, observamos que a proibição mencionada continuará até a chegada da corte portuguesa à colônia americana, em 1808, com a instalação da Imprensa Régia (Lajolo; Zilberman, 1998). Wyler (2003) entende que tais disposições tinham como objetivo impedir que os trabalhadores do contexto colonial pudessem ser independentes dos especialistas portugueses, ao mesmo tempo em que reforçava a

¹⁶⁸ Wyler (2003) comenta sobre a existência de tal proibição no Alvará de 20 de março de 1720, porém, foi-nos difícil localizá-lo até o momento. O Alvará e a Provisão mencionadas ocorrem no reinado de João V (1706-1750).

¹⁶⁹ O documento completo da proibição, sob o título “Proibição do uso da imprensa no Brasil nos tempos coloniais” pode ser lido em sua íntegra na *Revista Trimestral*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 47, Parte I, p. 167-168, 1884. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSsOE43UIRMLWJSTHc/view. Acesso em: 06 fev. 2021. Somente com a “Carta Régia”, de 13 de maio de 1808, data em que se cria a Imprensa Régia, encerra-se o ciclo da proibição de imprensa no Brasil (Wyler, 2003).

censura e se punia quem tivesse alguma forma de imprimir/difundir textos elaborados nesta parte do mundo.

Constatamos que essa política extremamente controladora da metrópole colonizadora portuguesa reverberou no atraso da educação na colônia, como observa Villalta (1997), devido à implantação da estratégia de educar para a sobrevivência¹⁷⁰ apenas, quer dizer, somente oferecer o preparo mínimo, visando à obediência das massas sob o lema F, L, R [fé católica, língua portuguesa e rei português]. Para tanto, a Universidade de Coimbra passou a ser a instituição máxima de estudos oferecida pelo Império português¹⁷¹ (Villalta, 1997; Wyler, 2003). Isso, consequentemente, também teve eco no desenvolvimento da produção literária das suas colônias com respeito a outros territórios vizinhos hispano-americanos¹⁷², pois a América espanhola teve o privilégio, já desde a colônia, de ter, entre 1538 e 1824, trinta e três universidades além de colégios e institutos.

No entanto, Wyler (2003), em confluência com Villalta (1997), comenta como os colégios jesuítas foram diligentes no modo de lidar com os empecilhos, pois, para oferecer material educativo, elaboraram cartilhas à mão e formaram, aos poucos, bibliotecas com livros doados ou adquiridos, de conteúdo legal ou não, de países como Portugal, Itália e França. Segundo a pesquisadora, “é que, apesar das repetidas proibições, os livros não deixaram de circular clandestinamente durante todo o período colonial” (Wyler, 2003, p. 55).

Isso foi possível, segundo o entendimento de Ferreira Jr. (2010), graças a que os jesuítas não seguiram ao pé da letra os preceitos da própria Companhia de Jesus

¹⁷⁰ Villalta (1997) comenta a ação repressiva da coroa portuguesa, já que “os princípios educacionais implantados na colônia, moviam-se paradoxalmente entre o progresso e a subordinação aos limites impostos pelos colonizadores, considerando-se que estes priorizaram, de um lado, uma não-pedagogia, acionando no cotidiano o aparato repressivo para inculcar a obediência F, L, R [fé católica, língua portuguesa e rei português] e, de outro, cultivaram uma educação para a mera sobrevivência, atribuindo à iniciativa privada tarefas educacionais cujo sentido restringia-se à reprodução da ordem social” (Villalta, 1997, p. 351).

¹⁷¹ Villalta (2007, 347-348), em concordância com Wyler (2003), comenta sobre como a coroa portuguesa impediu o desenvolvimento da educação no Brasil: “Embora nos colégios houvesse curso de nível superior, el-rei procurou manter a dependência em relação à Universidade de Coimbra, considerada um aspecto nevrálgico do pacto colonial. Assim, impediu a criação de universidades na América portuguesa; recusou-se, até 1689, a conceder todos os graus e privilégios universitários aos alunos dos colégios jesuítas; rejeitou, em 1768, um pedido da Câmara de Sabará para que se criasse uma aula de cirurgia”.

¹⁷² Para mais informações sobre a história da Educação no contexto da América Latina, recomendamos visitar o seguinte site: <http://atlaslatinoamericano.unla.edu.ar/assets/pdf/tomo1/fuentes/13-33-universidades-en-hispanoamerica.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2020.

que regulamentava tudo desde a Europa para o mundo. Assim, as bibliotecas desses colégios integraram os poucos centros culturais aos que a juventude e a intelectualidade tinham acesso na colônia.

Mais tarde, para rematar a arquitetura do desmonte da educação iniciada por Dom João III: “no século XVIII, [Dom João VI (1816-1822)] expulsou os jesuítas, os maiores responsáveis pela parca educação existente no Brasil” (Lobo, 2008, p. 17). Ademais, também as bibliotecas que estes criaram seriam desmanteladas (Wylér, 2003), deixando um panorama precário no campo da educação que continuaria, também, depois da Independência¹⁷³.

Já sobre o panorama do século XIX, Lajolo e Zilberman (1998) mostram como o rei Dom João VI precisou executar algumas mudanças – estando a corte portuguesa a salvo das ações de Napoleão Bonaparte (1803-1815) na Europa, inserida na tranquila realidade da colônia portuguesa na América – e, assim, permitiu o ensino superior no contexto do Brasil, com a inauguração da Real Academia Militar¹⁷⁴ (1810), a transferência para o Rio de Janeiro da Real Academia dos Guardas-Marinhas [Academia Naval] (1808) e a fundação de uma escola de medicina¹⁷⁵ (1808). Todas essas ações do monarca português – assentado em terras brasileiras –, favoreceram a já existente promoção de uma educação pública voltada, quase exclusivamente, para a elite da qual, nesse período colonial, a própria corte portuguesa fazia parte. Entretanto, nas palavras do historiador oficial da corte de Dom João VI, Pereira da

¹⁷³ Uma vez negociada a independência do Brasil entre o futuro Imperador do Brasil, Dom Pedro I, com seu pai, rei de Portugal, Dom João VI, em 1822, e a promulgação da Primeira Constituição, em 1824, ainda se observa a precariedade da educação das massas no Brasil. Lajolo e Zilberman (1998, p. 137) registram um exemplo: “sentindo-se tão-somente responsável pela formação das elites, o governo transforma, em 1837, o antigo Seminário de São Joaquim no Imperial Colégio de Pedro II [...]”.

¹⁷⁴ Lajolo e Zilberman (1998, p. 131), na obra *A formação da leitura no Brasil*, mostram um recorte da “Carta Régia”, de 4 de dezembro de 1810, que cria a mencionada academia militar: “nessas escolas militares não deve ser admitido aluno algum de duas outras cores; porque eles não devem passar além de saberem bem obedecer e bem executar o que lhes for ordenado pelos homens brancos seus oficiais”.

¹⁷⁵ De acordo com o testemunho do historiador do Império, Pereira da Silva (1862), o sistema “tratou [...] de criar uma escola anatômica, cirúrgica e médica porque, achando-se a universidade de Coimbra e as escolas do reino, receou para os mancebos, que pretendessem seguir estes tão necessários estudos, se passassem aos países estrangeiros, e aí se imbuíssem de ideias subversivas e contrárias à ordem de coisas que o governo desejava conservar tanto mais quanto convindo nomear cirurgiões e médicos para o exército e armada, os desejava educados nos bons princípios políticos. Publicou, portanto os estatutos, e nomeou professores que regessem as cadeiras que se fundaram, recomendando-lhes que formassem os compêndios por que devera ser dado o ensino” (Silva, 1877, *apud* Lajolo; Zilberman, 1998, p. 130).

Silva (1877), já se observavam, à época, restrições às medidas tomadas, pois elas poderiam ocasionar alterações não desejadas pelo poder vigente:

[o rei] receou para os mancebos, que pretendessem seguir estes tão necessários estudos, se passassem aos países estrangeiros, e aí se imbuíssem de ideias subversivas e contrárias à ordem de coisas que o governo desejava conservar [...] (Silva, 1877 *apud* Lajolo; Zilberman, 1998, p. 130).

As palavras do historiador Pereira da Silva (1877) permitem-nos elucidar alguns aspectos do teor das mudanças na educação proposta naquele contexto dos primeiros anos da instalação da corte portuguesa no Brasil. Sempre à sombra de uma estrita vigilância para prevenir a criticidade na formação de jovens cérebros oitocentistas, a censura esteve presente sob o pretexto de suprir as necessidades da corte portuguesa no Brasil.

Com respeito à estrangeirização do ensino, Wyler (2003) menciona a exposição cultural dos educandos não somente à cultura portuguesa, mas, também, à francesa e à inglesa. Assim, Oliveira e Oliveira (2014) lembram que o ensino da língua francesa no Brasil foi oficialmente institucionalizado a partir das reformas do Marquês de Pombal¹⁷⁶. Aliás, o ensino obrigatório da língua francesa instituiu-se com a formação do Colégio Pedro II (Santiago, 2009, p. 18), no Brasil Imperial.

Wyler (2003) menciona que a língua francesa foi a língua da elite colonial¹⁷⁷ e essa aproximação já vinha desde os prelúdios da fundação do reino de Portugal, com Henrique de Borgonha¹⁷⁸. Por conseguinte, houve, para a elite, desde a formação de

¹⁷⁶ O Marquês de Pombal (1699-1782) foi ministro da Fazenda durante o segundo reinado de Dom José I, entre 1756 e 1777. Essa personagem histórica empreendeu a tarefa de impor reformas em todas as áreas da sociedade portuguesa, atingindo as colônias, inclusive com a expulsão dos Jesuítas (1759) e a imposição da língua portuguesa como única via reconhecida de expressão na Colônia. Para mais informações, visitar: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300003. Acesso em: 07 fev. 2021.

¹⁷⁷ É preciso ponderar que não foi somente o francês a língua estrangeira europeia presente no sistema de ensino na colônia do Brasil, pois, de acordo com Wyler (2003, p. 32), além do latim, utilizado pelos portugueses cultos, do mesmo modo, “par a par com o latim, ‘e ainda mais importante que este como fonte de cultura e de espiritualidade, foi durante três séculos o conhecimento generalizado do castelhano’ e o mais restrito do francês, que teve grande relevância para a nossa tradução escrita” [Wyler cita, entre aspas simples, a Gonçalves Rodrigues, da obra *A tradução em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, p. 27].

¹⁷⁸ Henrique de Borgonha (1507-1114). 1º Conde de Portugal. Fundador da monarquia portuguesa, membro da família nobre dos duques de Borgonha, bisneto de Roberto, rei da França. Pai de D. Afonso Henriques (2º Conde de Portucale, 1º rei de Portugal). Para mais informações visitar: <https://bit.ly/3pi5tC8>. Acesso em: 11 fev. 2021.

Portugal como país, “uma dupla exposição cultural, a portuguesa e, por seu intermédio, a francesa [...]” (Wyler, 2003, p. 57), questão cultural que foi herdada pela colônia brasileira. Se pensarmos na importância da língua francesa no contexto do Império do Brasil (1822-1889), um dado significativo, e curioso, é comentado na página da Assembleia Legislativa de São Paulo, sobre a entrada da Imperatriz Amélia de Leuchtemberg – segunda Imperatriz do Brasil – no cenário do Império regido por Dom Pedro I referente à sua relação com a língua francesa: “Ao instalar-se no palácio de São Cristóvão, percebendo a falta de protocolo que reinava, Amélia impôs à corte como língua oficial o francês e o cerimonial de uma corte europeia¹⁷⁹” (Massarani, 2012).

Contudo, na biografia *Imperatriz Dona Amélia* (1947), de Lygia Lemos Torres¹⁸⁰, afirma-se que Amélia de Leuchtemberg (1812-1873) teria imposto o francês como língua corrente no palácio pela sua inabilidade em aprender o português. Esse viés da figura histórica é recriado pela literatura por meio de narrativas híbridas de história e ficção¹⁸¹, como, por exemplo, o romance *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg* (1992), de Ivanir Calado, estudado por Gomes e Fleck¹⁸² (2018).

Portanto, a cultura francesa, ligada aos estratos sociais superiores, esteve presente pela dependência cultural que Portugal tinha da França e esta foi reforçada,

¹⁷⁹ Biografia disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=329406>. Acesso em: 07 fev. 2021.

¹⁸⁰ TORRES, L. L. *Imperatriz Dona Amélia*. São Paulo: Typ, Elvino Pocaí, 1947.

¹⁸¹ No contexto dos estudos de romances históricos, em especial, realizados pelos membros do Grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, utilizamos os termos “narrativas híbridas de história e ficção” ou “narrativas ficcionais que ressignificam fatos históricos” enquanto outros estudiosos dessas produções valem-se de termos como “romance pós-moderno”, Hutcheon, (1991); “narrativa de extração histórica”, Trouche (2006); “ficção histórica”, Weinhardt (2011); “narrativa histórica”, Cunha (2004); “*ficción de fuente histórica – narrativa neo-histórica, nueva narrativa histórica o narrativa histórica post-moderna*”, de Tacconi (2013), entre outros.

¹⁸² GOMES, G.; FLECK, G. F. Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg (1992), de e Ivanir Calado. *Juçara*. v. 2, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/19833>; e GOMES, G.; FLECK, G. F. Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg (1992), de Ivanir Calado – a mediação entre o tradicionalismo e o desconstrucionismo num romance histórico contemporâneo de mediação. *Policromias: revista de estudos do discurso, imagem e som*. v. 3., n. 2, 2018. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/1769>. Ambos os artigos foram acessados em: 10 fev. 2021. Recomendamos, nesse sentido, também a leitura da dissertação: GOMES, Gislaine. *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg (1992): um romance histórico contemporâneo de mediação*. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4264>. Acesso em: 23 jul. 2023.

no Brasil, desde o tempo dos colégios jesuítas. Inclusive, de acordo com Wyler (2003), cogitou-se, na Constituinte de 1823¹⁸³, a possibilidade, ao lado do próprio português e do tupi, de que a língua francesa pudesse ser escolhida como língua nacional¹⁸⁴.

Em vista disso, verificamos que essa deferência para com a língua francesa recebe maior ênfase ao longo do reinado de Dom João VI e se intensifica, inclusive, no reinado de seu filho, Dom Pedro I (1826-1831), especialmente após seu segundo casamento, dessa vez com a alemã Amelia de Leuchtemberg – segunda imperatriz do Brasil – que tinha parentesco com Napoleão Bonaparte¹⁸⁵. Isso se dá, no campo educacional, com a finalidade de instrumentalizar os estudantes para o acesso ao conhecimento científico no ensino superior, nos centros formadores da sociedade civil¹⁸⁶, como verificamos no seguinte excerto:

¹⁸³ Link para o texto da Constituinte de 1823 disponível em: https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1823/1823%20Livro%201.pdf. Acesso em: 11 fev. 2021.

¹⁸⁴ Um dos motivos do desenvolvimento da cultura francesa, já na era colonial no Brasil, é explicitado nos estudos de Wyler (2003), que menciona: “A cultura francesa desenvolveu-se no Brasil com o ensino dos jesuítas e fortaleceu-se com as proibições de fundar universidades e de imprimir livros e papéis avulsos em solo brasileiro. Ampliou-se de tal forma que, na Constituinte de 1823, o francês competiu com o português e o tupi pelo privilégio de ser escolhido língua nacional” (Wyler, 2003, p. 57-58).

¹⁸⁵ Ao se casar Josephine com Napoleão Bonaparte, Eugênio de Beauharnais, futuro pai de Amélia de Leuchtemberg, é adotado como filho do *le petit caporal* e recebe o título de vice-rei da Itália. “Assim, o pai da protagonista torna-se enteado e braço direito do Imperador francês, já introduzindo o percurso que garantiu à Amélia – futura imperatriz do Brasil – a posição social agradável às condições impostas anos mais tarde por D. Pedro I em sua busca por uma segunda esposa. Daí se faz um recorrido por toda a existência da jovem europeia até sua morte e, também, bastante além dela.” (Gomes, 2019, p. 62). Massarani (2012, n.p.) acrescenta informações sobre a situação familiar de Amélia. A sua mãe “era filha do rei Maximiliano I José da Baviera e de sua primeira consorte, a princesa Augusta Guilhermina de Hesse-Darmstadt. Entre os irmãos de Amélia estavam Josefina de Leuchtenberg, rainha consorte de Óscar I, da Suécia, e Augusto de Beauharnais, príncipe consorte de D. Maria II, de Portugal (enteada de Amélia), sendo que Napoleão III era seu primo-irmão”. Desse modo, depreendemos a estreita relação de Amélia com a língua francesa. Mais informações em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=329406>. Acesso em: 07 fev. 2021.

¹⁸⁶ Oliveira e Oliveira (2014), no artigo “A institucionalização do ensino de francês no Brasil (1808-1837)”, apresentam, em vários momentos, trechos em que se demonstra que o ensino no Brasil não foi planejado para as grandes massas. Para o ingresso no Colégio Real dos Nobres, o antigo Colégio das Artes, jesuíta, em 1761, ainda no reinado de D. Maria I, rainha de Portugal e do rei Dom Pedro III, foi instituído como requisito a isso que “alunos, estes deveriam ser qualificados com o foro de ‘moço fidalgo’, além de saber ler e escrever, tendo no mínimo sete e no máximo treze anos de idade, e pagar anualmente uma pensão de 120.000 réis, em duas parcelas. O ingresso dos colegiais dava-se mediante petição ao rei, com indicação da filiação, nacionalidade e idade. Com o propósito de formar estadistas para o trabalho do governo do soberano, os alunos que concluíssem os estudos seriam admitidos às matrículas dos cursos superiores sem dependência de exames e com preferência nos empregos e lugares públicos” (Oliveira; Oliveira, 2014). Desse modo, entenda-se ‘sociedade civil’ como aquela que faz parte do pequeno círculo de favorecidos: nobreza e burguesia, no governo de Dom João VI e seu filho, D. Pedro I: “Academias Militares, nos Cursos Médico-Cirúrgicos, nas Aulas de Comércio e Agricultura e depois nos Cursos Jurídicos, centros formadores da Sociedade Civil, ou da elite local, que excluía todos os que não fossem ‘cidadãos’: escravos e os homens livres e despossuídos” (Oliveira; Oliveira, 2014).

O bom treinamento dos oficiais militares e a construção de fortes em suas possessões ultramarinas foram medidas da ação de Pombal para inibir as ações dos povos inimigos. Para a instrução desses oficiais, foi feita uma primeira tentativa de criação de uma Aula de Fortificações no Brasil datada do ano de 1699, mas que em 1710 ainda não havia sido iniciada, pois tinha como principal obstáculo para sua realização a falta de livros escritos em língua portuguesa, sendo a maioria deles escritos em idiomas estrangeiros, especialmente Francês. Em 19 de agosto de 1738, uma Ordem Régia tornou a instrução militar obrigatória a todos os oficiais, os quais não poderiam mais ser nomeados ou promovidos sem que tivessem aprovação na Aula de Artilharia e Fortificações. Houve, então, a necessidade do ensino da Língua Francesa na instrução militar da Colônia (Oliveira; Oliveira, 2014).

A sequência da história do nosso país evidencia que o ensino oferecido à elite brasileira, do período colonial até o século XIX, favoreceu a língua francesa e, por conseguinte, avalizou o arquétipo literário francês como modelo a ser seguido pela produção que, anos depois, até o período do romantismo literário, a tentativa de romper com o cânone literário da metrópole, no sentido de construir uma literatura nacional, evidentemente, voltou-se, novamente, ao modelo francês¹⁸⁷. Portanto, observamos que seguir o cânone francês foi um passo natural adotado pelo sistema literário brasileiro em formação.

À época do processo da formação de uma literatura nacional, as elites brasileiras estavam instruídas de modo a seguir o “modelo milenar de dominação em que a cultura do colonizador se sobrepõe à do colonizado” (Wyler, 2003, p. 57). Isso afetou, de acordo com Wyler (2003), a formação da visão de mundo dos brasileiros elitizados.

Dentro desse contexto, da tentativa pela construção de um modelo de literatura nacional, efetivou-se a primeira publicação de um romance traduzido no Brasil. O estudo sobre o papel da tradução como divulgador de novos paradigmas literários, no artigo “Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional” (2019), de Bezerra e Giménez, aponta que *Le capitaine Paul* (O capitão Paulo), de Alexandre Dumas, foi o primeiro romance-folhetim a ser traduzido e publicado no país, em 1838.

¹⁸⁷ O modelo francês foi seguido, igualmente, nesse período, pela maioria das composições literárias das nações hispano-americanas recém-independentes da Espanha.

De acordo com as pesquisadoras, a tradução do romance de Dumas

[...] instalou o gênero no jornal brasileiro e chegou às páginas do *Jornal do Commercio* revestido de capital cultural e simbólico das práticas culturais e redacionais da mídia impressa desenvolvida nos prelos franceses. Introduzido e aclimatado na imprensa brasileira, marcas desse estilo de escrita da ficção, como temáticas, linguagem, formatação e estratégias redacionais da intriga, instauraram-se igualmente, contribuindo para a constituição da jovem literatura brasileira em formação (Bezerra; Giménez, 2019, p. 236).

Essa primeira tradução de um romance francês à língua portuguesa foi promovida pelo “Jornal do Commercio”, da cidade do Rio de Janeiro. Traduzido por Pierre Plancher, francês expatriado no Brasil, dono do *Jornal do Commercio*: “traduziu e publicou [no seu jornal] [...] apenas alguns meses depois da publicação do folhetim no Jornal francês *Le Siècle* [na França, 1838]” (Meyer *apud* Granja, 2010, p. 114). A tradução desse romance de Alexandre Dumas deixou evidências na constituição da literatura brasileira, pois essa se “consistiu no primeiro de muitos romances em folhetim europeus cujas traduções foram acolhidas com ênfase pelo público brasileiro” (Silva, 2009, p. 8).

Por outro lado, o público leitor brasileiro já vinha tendo contato com a literatura em outras línguas, uma vez que “o início de produção de romance no país se deu num momento em que as narrativas europeias já eram velhas conhecidas dos leitores brasileiros, que vinham acolhendo com entusiasmo o folhetim francês publicado nos rodapés dos jornais” (Silva, 2009, p. 26). É possível que essa ampla aceitação da prosa romanesca pelo público brasileiro tenha possibilitado que autores nacionais se iniciassem na escrita de romances.

A introdução do gênero romanesco em Portugal e nos territórios sob seu domínio não tem data exata, porém, calcula-se que seu ingresso tenha acontecido em meados do século XVIII¹⁸⁸ (Abreu, 2008), “mais precisamente desde 1769” (Silva,

¹⁸⁸ Márcia Abreu, no seu artigo “*Censure et critique les réactions des premiers lecteurs de romans*” (2018), oferece dados de como aconteceu o ingresso de textos estrangeiros em Portugal e colônias no século XVIII: “*Lorsqu’ils évaluent les romans en circulation au Portugal et sur les territoires sous sa domination, à partir du milieu du XVIII^e siècle, les censeurs plongent à fond dans le débat sur le roman, discourant à travers des milliers de pages sur la validité et la valeur du genre. Ainsi, les rapports des censeurs peuvent être considérés comme des témoignages précieux de la façon dont la classe intellectuelle luso-brésilienne a réagi aux premiers romans en circulation. Encore que leur diffusion fût restreinte aux organismes de censure, les rapports des censeurs, leurs débats (en cas de divergence*

2009, p. 5). Desse modo, segundo os estudos de Silva (2009), a elite brasileira do século XVIII já lia obras romanescas em suas produções originais – não traduzidas. Isso se dava não somente com romances escritos em francês – cuja leitura foi em quantidade maior –, mas, também, da ficção inglesa, em inglês, e espanhola – como a *Celestina*, por exemplo –, em língua castelhana. Portanto, acreditamos na possibilidade de que a tradução do romance *Le capitaine Paul* (Dumas, 1838) tenha permitido a leitura do gênero também às classes menos instruídas nas outras línguas em nosso país.

Silva (2009) comenta que, a partir da tradução dessa obra de Dumas, circularam outras obras de várias nacionalidades traduzidas sem indicar o autor; paralelamente a essas traduções, segundo a pesquisadora, encontram-se inícios de produção narrativa brasileira já a partir de 1820 e com intensa produção entre as décadas de 1830 e 1840¹⁸⁹. No entanto, de acordo com Silva (2009), como já mencionado, os primeiros romances brasileiros foram publicações muito populares na sua época e, no entanto, elas não obtiveram aceitação geral entre os críticos do século XX, devido a purismos tradicionalistas estéticos que não eram os mesmos que foram valorizados no século XIX, colocando o romance de Teixeira e Sousa (1943) como obra menor e se aceitando a de Macedo (1944) como iniciadora do romance brasileiro, mesmo apontando para certas fragilidades nela existentes.

d'opinion) et les discussions entre censeurs, auteurs et éditeurs (en raison du droit de réponse accordé aux écrivains et à leurs éditeurs, ainsi que du droit de réplique réciproque du censeur), tout cela peut être considéré comme une préhistoire de la critique littéraire de langue portugaise” – [Nossa tradução: Ao avaliar os romances em circulação em Portugal e nos territórios sob seu domínio, a partir de meados do século XVIII, os censores mergulharam profundamente no debate sobre o romance, discursando através de milhares de páginas sobre a validade e o valor do gênero. Assim, os relatórios dos censores podem ser considerados como valiosos testemunhos de como a classe intelectual luso-brasileira reagiu aos primeiros romances em circulação. Embora sua divulgação tenha sido restrita aos órgãos de censura, os relatórios dos censores, seus debates (em caso de diferenças de opinião) e discussões entre censores, autores e editores (devido ao direito de resposta concedido aos escritores e seus editores, assim como o direito recíproco de resposta do censor), tudo isso pode ser considerado como uma pré-história da crítica literária em língua portuguesa] (Abreu, 2008, p. 16). Retirado de: Abreu, Márcia. *Censure et critique les réactions des premiers lecteurs de romans*. 2008. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/05-ABREU.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

¹⁸⁹ Os dados sobre quando exatamente iniciou a produção da prosa de ficção no Brasil indicam que foi a partir da segunda década do século XIX: “Pesquisas recentes permitem situar o início da produção de prosa de ficção na década de 1820: na Antologia do Romance-Folhetim, de Tânia Costa Serra, podemos encontrar parte da obra *Statira e Zoroastes*, narrativa que Lucas José de Alvarenga publicou pela primeira vez em 1826. A autora menciona, também, *Olaya e Júlio, ou a periquita*, ‘primeiro conto/romance publicado em revista brasileira, no ano de 1830’ (Serra (1997) apud Silva, 2009, p. 24). Ao longo das décadas de 1830 e 1840, houve um aumento na produção de narrativas por parte dos escritores brasileiros” (Silva, 2009, p. 24).

Entretanto, entre 1843 e 1850, a produção de romances brasileiros é pouca, se comparada com as produções a partir de *El Periquillo Sarniento* (1816) na comunidade literária da América Hispânica. De acordo com Leitão (1861), contemporâneo de Teixeira e Souza – mencionado nos estudos de Silva (2009) –, existiu pouca produção literária no intervalo de 1843 a 1861. A causa disso, segundo se manifesta o crítico,

[...] não é por certo porque falte intelligencias no nosso torrão [...] porém o pouco apreço que se dispensa ás nossa tentativas litterarias, circumstancia devida á falta da conveniente instrucção e do decidido apoio publico, nada menos importa que a estagnação das bellas letras entre nós! Podemos dizer que não possuímos romances nacionaes! Á excepção das limitadas producções que nesse genero devemos aos senhores Dr. Macedo, Teixeira e Sousa e Alencar, não é desarrazoado declarar-se, que nada mais temos, e comquanto a *Moreninnha*, o *Moço Loiro*, a *Vicentina*, as *Fatalidades*, a *Providência*, o *Guarany* [...] sejam as provas indestructíveis de que nesse terreno muito lucro poder-se-hia colher em honra das letras patrias: não se deve comtudo deixar de lamentar o atrazo em que ellas se acham¹⁹⁰?! (Leitão 1861 *apud* Silva, 2009, p. 148-149).

Observamos, assim, que, já no século XIX, críticos literários, como Leitão (1861), apontavam à carência da escrita romanesca em nossa cultura, pois esse crítico “mostrou-se incomodado com o fato de que, a seu ver, o romance era uma ‘especialidade literária’ que não vinha sendo devidamente explorada no Brasil” (Silva, 2009). Assim, Leitão (1861) lamenta que não se tenham produzido mais obras narrativas romanescas no país à sua época e expressa que isso se devia ao pouco incentivo do governo e dos próprios cidadãos comuns (Silva, 2009). Inclusive, como aponta Silva (2009), diferente do que fizeram os críticos do século XX, no comentário de Leitão, os romancistas Teixeira e Sousa, Macedo e Alencar são colocados no mesmo nível, sem qualquer objeção.

Esse olhar favorável da crítica literária brasileira do século XIX feita aos dois primeiros romances brasileiros modifica-se¹⁹¹ no século XX. Vejamos o que opina

¹⁹⁰ O uso da linguagem, tanto em termos de morfologia quanto de sintaxe, foi mantido segundo aparece na fonte da referência.

¹⁹¹ Silva (2009), do mesmo modo que nós, notifica o trato diferente dado ao romance de Teixeira e Sousa (1843) e Macedo (1844) pela crítica do século XX. Assim, ela aponta que: “O tom pouco elogioso utilizado, por Antonio Candido para tratar das produções em prosa do escritor esteve presente em muitas histórias literárias publicadas ao longo do século XX no Brasil. Alfredo Bosi, por exemplo, não

Ferdinand Wolf¹⁹² (1955) – crítico literário, escritor da obra *O Brasil literário*, em 1863, publicada em 1864, sob o patrocínio do imperador Dom Pedro II – também mencionado nos estudos de Silva, (2009) – ao expor resultados de sua proposta de um estudo comparativo entre *O filho do pescador* (1843), de Antônio Gonçalves de Teixeira, e *A moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo:

A força de Teixeira e Sousa reside principalmente na invenção de intrigas complicadas, de imbróglios interessantes, de soluções surpreendentes, assim como na verdade de suas descrições, suas tendências morais e suas vistas serias. Ultrapassa ainda Macedo por seu amor do misterioso, e cremos que ele seja mais original e nacional do que ele. Mas é-lhe inferior na descrição dos caracteres, na vivacidade do diálogo e do espírito. Ele não sabe como Macedo faz alternar agradavelmente o comico e o humorístico com o sentimental e sério; a ironia e os bons ditos deste romancista lhe são desconhecidos. Tudo isto torna Teixeira e Souza (sic) muito mais monótono, tanto mais que as suas inclinações o arrastam para a pintura do sombrio e do terrível, para as catastrofes trágicas. Enquanto que em Macedo não se pode desconhecer a influencia dos modelos franceses, como a imitação de um autor especial como Pigault-Lebrun, poder-se-ia frequentemente comparar as obras de nosso escritor às dos romancistas ingleses, principalmente James¹⁹³ (Wolf, 1955 *apud* Silva, 2009, p. 150).

Os estudos realizados por Silva (2009) mostram que Ferdinand Wolf (1955) reconheceu o valor estético do romance de Teixeira e Sousa e de Macedo e, ainda, que o crítico aponte para as diferenças de composição e expresse que o primeiro romance, *O filho do pescador* (1843), parece-lhe superior em alguns aspectos ao macediano, *A Moreninha* (1844). De acordo com a análise que efetua Silva (2009) sobre o estudo do crítico anterior, Wolf (1955), devemos considerar que “chama atenção, no texto, o fato de o crítico [Wolf] ter tomado as diferenças existentes entre as narrativas desses autores como fruto do fato de que, a seu ver, este sofrera influência dos modelos franceses e aquele escrevia à moda dos romancistas ingleses” (Silva, 2009, p. 151). Esse comentário, talvez, seja um indicador da preferência dos

incluiu Teixeira e Sousa no capítulo dedicado aos romancistas de vulto do período, como Macedo, Alencar e Bernardo Guimarães, apontando como um dos motivos a ‘inegável distância, em termos de valor, que o separa[va] de todos’” (Silva, 2009, p. 1).

¹⁹² A referência da obra mencionada por Silva (2009) é: WOLF, Ferdinand. Introdução do Romance na Literatura Brasileira. In: *O Brasil Literário* – história da literatura brasileira. Trad., prefácio e notas de Jamil Almansur Hadad. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, p. 348-349.

¹⁹³ O uso da linguagem, tanto em termos de morfologia quanto de sintaxe, foi mantido segundo aparece na fonte da referência.

críticos do século XX, pois, aparentemente, a estética francesa seria mais aceita que a inglesa, sinalizando, mais uma vez, para o modelo literário francês como um dos preferidos pela crítica brasileira.

O tom sombrio e voltado ao catastrófico, presente na tessitura discursiva de *O filho do pescador* (1843), talvez tenha sido menosprezado pela nossa crítica do século XX e se tenha preferido, nessa época, a exuberante e alegre descrição, farta e precisa, da elite fluminense no romance *A Moreninha*. No entanto, valendo-nos das palavras de Silva (2009, p. 4), acreditamos que ambos os autores, Teixeira e Sousa e Macedo, efetuaram narrativas que evidenciam “soluções encontradas no momento em que se deram as primeiras tentativas de produção do ‘novo gênero’”. Portanto, a apreciação diferente das obras, em distintas épocas, trata-se de questões subjetivas sobre a estética a ser utilizada pelos autores como parâmetro do que se considera bem ou mal escrito. Essas questões passam a ter mais vigor na crítica do século XX.

A preferência pelo modelo francês, por parte dos críticos do século XX, está tão arraigada no gosto popular que, se interrogarmos o público brasileiro em geral sobre qual foi o primeiro romance brasileiro, o romance de Teixeira e Sousa (1843), estamos quase certos de que essa produção primeira não será lembrada, e, sim, o que se obterá como possível resposta será qualquer uma das obras de José de Alencar – um “romancista brasileiro oitocentista de vulto” (Silva, 2009) – um autor que deixou claramente registrado que foi influenciado pelo modelo dos romances de folhetim franceses. Observamos, portanto, que a tradição romanesca se inicia no Brasil apenas em 1843, com *O filho do pescador*, de Teixeira e Sousa, e *A moreninha* em 1844, de Joaquim Manuel de Macedo. A escrita de romances brasileiros, no entanto, consolida-se somente mais tarde, a partir da década de 1850, sob a influência da tradução de obras da literatura europeia.

No Brasil, a tradução de literatura estrangeira foi amplamente promovida, porém, obras que representam marcos importantes na história literária latino-americana, produzidas em nosso próprio continente, em língua castelhana, foram deixadas de lado nesse sistema. É de nosso interesse indagar por que a preferência em traduzir, especificamente, obras europeias no Brasil, devido a que essa informação pode ser uma chave para melhor entendermos o motivo que levou o primeiro romance a ser publicado no espaço geo-histórico e cultural da América Latina – *El Periquillo Sarniento* (1816) – carecer, até o presente momento, de uma tradução

conhecida no nosso país. Atualmente, observamos, em nossas práticas educacionais, que é clara a deficiência do público em geral – especialmente dos acadêmicos que chegam ao final da graduação em Letras –, no Brasil, sobre o conhecimento básico da história da produção literária latino-americana.

Enquanto no México, Fernández de Lizardi agia ininterruptamente sob o pseudônimo de “*El Pensador Mexicano*” a favor da luta pela independência da Nova Espanha, desde o prisma reformista, no Brasil, a partir de 1808, o rei Dom João VI viu-se forçado a permitir a imprensa, pois precisava “de um instrumento para publicar seus atos e proclamações” (Lajolo; Zilberman, 1998, p. 123). Contudo, a imprensa real não foi o suficiente para suprir a demanda e livros foram importados oficialmente, resultando na abolição, em 1819, da “taxa de importação sobre os livros impressos” (Lajolo; Zilberman, 1998, p. 132).

Lajolo e Zilberman (1998) trazem evidências de que esse fato poderia ser considerado como positivo e que, no entanto, a informação oculta registros da época que contradizem a possibilidade da existência, na prática, de uma imprensa livre. Isso, devido a que a Imprensa Real, além de fornecer os serviços para a coroa, mencionados acima, edita, apenas¹⁹⁴, o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* que saía três vezes por semana, composto por reproduções já censuradas dos jornais franceses e o *Morning Chronicle*.

Portanto, a liberdade de imprensa em terras da colônia americana dá-se pela falta de estrutura governamental no Brasil à chegada da corte portuguesa para aqui se instaurar. Candido (1975, p. 70) comenta que esse fato permite ao território colonial português: “sua Época das Luzes, como entrosamento da iniciativa governamental, do pragmatismo intelectual, da literatura aplicada, que finalmente convergiram na promoção e consolidação da Independência”. Longe de ter sido entendido como uma necessidade tardiamente suprida, na época, os súditos assimilaram o acontecimento como uma generosidade da sua majestade e, em troca, são escritos e publicados

¹⁹⁴ As pesquisadoras citam estrangeiros que dão testemunho daquele contexto. Mencionam a T. von Leithold, retirado de LEITHOLD, T. von.; RANGO, L. von. *O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819*. Tradução e anotações de Joaquim de Sousa Leão Filho. São Paulo: Nacional, 1966, excerto retirado pelas autoras da página 48. (Lajolo; Zilberman, 1998, p. 132). Elas, também, contrapõem esse registro com a contestação que faz Joaquim de Sousa Leão Filho, o tradutor, no entanto, o que mais chama a atenção é o registro de 1820, do viajante Alexander Calcclough “[...] e ser o negócio [acreditamos que aqui, Calcclough refere-se a ter a imprensa como negócio] mau e fraco, mas refere à existência de quatro lojas de livros” (Leão Filho *apud* Lajolo; Zilberman, 1998, p. 337).

poemas épicos¹⁹⁵ que exaltaram a chegada da corte, encobrindo aquilo “que houvesse de menos viril na migração da Corte” (Candido, 1975, p. 227), com exaltações e louvores¹⁹⁶ ao fato.

Candido (1975) também observa que os textos literários produzidos no Brasil, a inícios do século XIX, ainda possuíam influência da retórica classicista, e que, somente a partir do período da independência, o romantismo torna-se importante. Esse servirá de base para a escrita de romances e de dramas brasileiros, a modo de se consolidar uma literatura nacional.

De acordo com Coutinho (2003, p. 45),

[...] à primeira metade do século XIX, o imaginário cultural se constrói em contraponto: de um lado, há uma consciência crescente da necessidade de se desenvolver um discurso próprio, que dê conta dos problemas específicos do continente, e, de outro, a dificuldade de afastar-se dos modelos europeus, presentes em todas as instâncias da vida social, econômica e cultural.

Observamos que a busca do discurso próprio, comentado por Coutinho (2003), tem sido uma característica constante dos latino-americanos. Essa problemática da procura pela própria identidade está já presente no escritor mestiço Inca Garcilaso de la Vega e da *criolla* Sór Juana Inés de la Cruz, mencionados na introdução deste estudo.

No panorama da busca pelo modelo literário nacional brasileiro, Sérgio Luiz Prado Bellei (2000, p. 151) comenta que

[...] os centros culturais brasileiros, de formas diversas, migraram historicamente da Lisboa dos tempos coloniais para Paris e Londres no século XIX e possivelmente para New York no século XX. Esse

¹⁹⁵ Candido (1975) faz menção a muitos autores que escrevem laudatoriamente sobre a chegada da corte imperial portuguesa à colônia do Brasil. Nós apresentamos apenas um recorte: “Literariamente, a máxima expressão desse disfarce aparece em dois longos, incríveis poemas épicos: a *Basíliada*, de Tomás Antônio dos Santos e Silva, (doze cantos em verso branco), e a *Alfonsiada*, de Antônio José Osório de Pina Leitão (dez cantos em oitava rima). O primeiro celebra a fuga para o Brasil como feito comparável aos celebrados por Camões; o segundo, dedicado à fundação da monarquia, compara Afonso Henriques, fundador, a D. João VI, salvador [...]” (Candido, 1975, p. 228).

¹⁹⁶ Segue um extrato do texto laudatório do sacerdote Pereira: “[...] Graças, e mil graças sejam dadas ao pai da pátria, ao piedoso, e magnânimo Príncipe Regente Nosso Senhor, que com tanto desvelo, e prontidão, ocorreu a este mal, criando nesta Corte, tão sábia como providentemente a primeira Escola Médico-Cirúrgica do Brasil em benefício dos seus vassallos” (Pereira *apud* Lajolo; Zilberman, 1998, p. 129). As pesquisadoras utilizaram como fonte da referência a seguinte obra: SANTOS, Luiz Gonçalves dos. *Memórias para servir à história do Reino do Brasil*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1943.

deslocamento do centro de dentro para fora e a resultante necessidade problemática (porque acompanhada da desvalorização do próprio e da valorização do outro) de admirar e imitar o que está fora tem um preço a ser pago: o desconforto que têm as culturas na fronteira¹⁹⁷ ao perceberem que o olhar descentralizante pode bem ser uma forma de não-existência.

Como relata Bellei (2000), em confluência com Coutinho (2003), nossos escritores, ao se depararem com a necessidade de produzirem uma literatura nacional, ao mesmo tempo em que se dá a formação da sua consciência latino-americana, são submetidos a um processo de “angústia da influência” (Bloom, 1991). Essa angústia se agudiza no romantismo, já que, nesse momento histórico das nossas letras,

[...] a fonte se torna a estrela intangível e pura que, sem deixar-se contaminar, contamina, brilha para os artistas dos países da América Latina, quando estes dependem de sua luz para seu trabalho de expressão. Ela ilumina os movimentos das mãos, mas ao mesmo tempo torna os artistas súditos de seu magnetismo superior (Santiago, 2000, p. 21).

Uslar Pietri (1969, p. 9), no seu ensaio “*El mestizaje y el nuevo mundo*”, discorre sobre a “*angustia ontológica del criollo*”¹⁹⁸, que consiste no fato, como já apontamos na introdução deste estudo, do indivíduo latino-americano negar as próprias potencialidades diante da impossibilidade de expressar a sua natureza híbrida.

Por muitos séculos, de acordo com Uslar Pietri (1969), os hispano-americanos – nós, por semelhanças históricas, estendemos esse termo ao conjunto dos sujeitos latino-americanos –, ao mesmo tempo em que ocultaram suas outras linhagens, insistiram em afirmar serem descendentes de europeus, de fidalgos de alguma

¹⁹⁷ De acordo com Bellei (2000, p. 150): “Característica da cultura de fronteira é a sua vocação para práticas cartográficas: desenham mapas que definem a parte de dentro e os que habitam como mais significativos do que tudo o que se encontra do lado de fora e em situação de desconforto. É uma função de tal mapeamento que as culturas de fronteira olham para si mesmas em auto-contemplação. As culturas *na* fronteira, por outro lado, contemplam o que está fora mais do que está dentro porque, não tendo o poder de exercitar práticas cartográficas centralizantes e tendo as suas fronteiras definidas pelas culturas centrais, devem necessariamente desejar o centro que está fora”.

¹⁹⁸ Nossa tradução: “[...] angústia ontológica do crioulo”. Esse último termo traz as seguintes acepções no *DRAE*: filho de espanhóis/europeus nascido nos territórios coloniais da Espanha na América; pessoa nascida em um país da hispano-américa, além do significado pessoa de raça negra nascida nos antigos territórios espanhóis da América, em contraposição a quem tinha sido levado da África como escravo. Disponível em: <https://dle.rae.es/criollo?m=form>. Acesso em: 11 fev. 2021.

linhagem distante das nossas terras. Também houve, nesse contexto, quem afirmasse ser legítimo herdeiro dos incas, maias, astecas, guaranis e africanos, para reivindicar a si a plenitude do “bom selvagem” e as proezas dessas civilizações. Contudo, como Uslar Pietri (1969, p. 9) aponta, por mais retórica que se empregasse, nada faria desses sujeitos híbridos cidadãos europeus, autóctones dos povos originários da América ou africanos.

Em confluência com essa conclusão, Santiago (2000) observa que, na sociedade de mestiços, o elemento híbrido impera. A América Latina, em sua contemporaneidade, ao não poder impedir ou negar as imposições do colonizador, busca, em troca, mostrar “uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação de falsa obediência [...]. Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra” (Santiago, 2000, p. 16-17).

Das questões abordadas por Uslar Pietri (1969) e Santiago (2000), depreendemos que nossa literatura sofreu um processo violento de vigilância e controle por parte do poder colonial, além de uma série de “estigmas” oriundos da crítica literária eurocêntrica ao longo dos séculos, mas não vivenciou o processo inibidor em silêncio e, como resultante, passou a valer-se do processo antropofágico cultural para obter a sua própria expressão, a expressão americana (Lezama Lima, [1957] 1993). Assim, é a partir do século XIX que a produção literária latino-americana deseja desvencilhar-se das amarras com a literatura peninsular e se dedica a absorver, especialmente no Brasil, os modelos franceses. Consequentemente, dá-se um movimento de troca de centro.

Na leitura do relato em prosa de *El Periquillo Sarniento* (1816), fica evidente que, nesse primeiro romance latino-americano, não se aprecia a negação das influências, porém, já se verifica o confronto com elas, quer dizer, já é possível constatar, nessa obra romanesca, o que Santiago (2000, p. 18) observa na resposta das produções literárias latino-americanas mais contemporâneas: “o movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo”. Essa vertente identitária será amplamente explorada pelos romances latino-americanos, até que seja incorporada à própria matéria discursiva das diegeses narrativas do século XX, tal como acontece em *Vigilia del Almirante* (1992), de Augusto Roa Bastos. Na obra do escritor paraguaio, o narrador expressa a necessidade de que o artista latino-americano

“imponga el orden de su espíritu a la materia informe de las repeticiones, imparta a la voz extraña su propia entonación y la impregne con la sustancia de su sangre, rescatando lo propio en lo ajeno¹⁹⁹” (Roa Bastos, 1992, p. 123).

Nas primeiras produções romanescas brasileiras – *O filho do pescador* (Teixeira e Sousa, 1843) e *A moreninha* (Macedo, 1844) –, no entanto, não é possível observar a presença de qualquer tipo de crítica semelhante ao que vemos presente no primeiro romance latino-americano, publicado no México, *El Periquillo Sarniento* (1816). Enquanto uma é rejeitada por completo pela crítica contemporânea – por não revelar a absorção da essência francesa da escrita corrente no gênero naquele tempo –, e a outra investe no doce mundo dos amores fluminenses da elite da época – o que revela a parceria do romance com o sistema elitizado e estratificado de uma sociedade que segue revelando muitos dos princípios do colonialismo –, verificamos que não se chega a produzir um romance de escrita crítica.

Posto em outras palavras, a narrativa romanesca inaugural latino-americana, de José Joaquín Fernández de Lizardi – *El Periquillo Sarniento* (1816) –, já apresenta algumas das características daquilo que Santiago (2002) chamou de “maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental”, exposto no seu ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, produzido em 1971. Nesse texto, o crítico expressa que essa contribuição

[...] vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e *pureza*: esses dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem o seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo (Santiago, 2000, p. 16, grifos do autor).

Nesse sentido, *El Periquillo Sarniento* (1816) constitui-se em um exemplo de produção romanesca do século XIX representativa desse “desvio da norma”, pois a sua tessitura discursiva ajuda a desvelar a questão da angústia da influência do autor

¹⁹⁹ Tradução de Josely Vianna Baptista (2003, p. 118): “[...] imponha a ordem de seu espírito à matéria informe das repetições, imprima à voz estranha sua própria entonação e a impregne com a substância de seu sangue, resgatando o próprio no alheio”.

latino-americano, já que, dentro da narrativa, o narrador está produzindo uma resposta àquela angústia. Nele, as contundentes críticas sociais ao sistema de corrupção existente em tantas áreas da sociedade colonial latino-americana que, já naquela época, são correntes e implacáveis ao longo do relato.

A existência da preocupação em se produzir, de uma forma diferente, a construção de uma literatura própria, autêntica e inovadora é expresso por Harold Bloom, em sua obra *A angústia da influência* (1991), na qual o teórico menciona: “[...] o desvirtuamento do passado é o mais valioso instrumento de sobrevivência poética, já a carga de anterioridade, enquanto ameaça de mera repetição, é o maior impedimento à formação do poeta” (Bloom, 1991, p. 17). Nesse sentido, sempre haverá relações hierárquicas entre textos e autores. Porém, a escrita de Fernández de Lizardi, como já destacamos, não nega a herança recebida das literaturas europeias, pois não está preocupada com isso, já que, na discursividade de sua obra, vemos a incorporação cultural antropofágica dessa “carga de anterioridade”, enquanto o seu ato escritural vai deglutindo, criticamente, o teor dos textos anteriores e dando-lhe uma nova vitalidade.

O “Pensador Mexicano” é, como já discutido na seção “*El Periquillo Sarniento* (1816): possíveis vinculações com a picaresca”, muito prático nesse sentido da absorção e deglutição da “angústia da influência”, pois, por meio do uso das premissas do modelo da narrativa picaresca espanhola do século XVI e XVII, une a sátira iluminista, utilizando-se desses paradigmas para seus próprios propósitos didáticos instrutivos. Dessa forma, no primeiro romance latino-americano há a intenção clara de gerar o riso, a sátira, ao mesmo tempo em que se apresentam as falhas da idiossincrasia da Nova Espanha, com direito a críticas diretas, relatos exagerados e hiperbólicos da corrupção da sociedade colonial e, igualmente, mostram-se na prosa romanesca as contradições do sistema, como é possível observar no trecho a seguir:

– Señor, quién fuera como usted. – ¿Por qué, Andrés?, le pregunté. – Porque ya usted es hombre grande, dueño de su voluntad y no tiene quien lo mande; y no yo, que tengo tantos que me regañen y no sé lo que es tener medio en la bolsa. – Pero así que acabes de aprender el oficio, le dije, tendrás dinero y serás dueño de tu voluntad. – ¡Qué verde está eso!, decía Andrés; ya llevo aquí dos años de aprendiz y no sé nada. – ¿Como nada, hombre?, le pregunté muy admirado. – Así, nada, me contestó; ahora que está usted en casa he aprendido algo. – ¿Y qué has aprendido?, le pregunté. – He aprendido, respondió

*el gran bellaco, a afeitar perros, desollar indios y desquijarar viejas, que no es poco. Dios se lo pague a usted que me lo ha enseñado. – ¿Pues y qué, tu maestro no te ha enseñado nada en dos años? Qué me ha de enseñar, decía Andrés*²⁰⁰ (Fernández de Lizardi, 2008, p. 505).

No contexto do relato de Fernández de Lizardi, mencionado no recorte acima, Periquinho – a personagem protagonista –, depois de se fazer passar por barbeiro, tosquiar pessimamente um cachorro, ferir o rosto de um índio enquanto simulava fazer-lhe a barba, e, por último, na tentativa de extrair um dente, cortar pedaços da gengiva de uma anciã, conversa com a personagem Andrés – o aprendiz de barbeiro – que lhe responde de forma inocente. Porém, o leitor sagaz está ciente do deboche presente na réplica do aprendiz.

O episódio serve para denunciar, de forma divertida, como os aprendizes/estagiários, em geral, eram explorados pelos seus mestres ao serem submetidos a trabalhos que não condiziam com sua condição de aprendiz. Criticar diretamente o sistema político, cultural e econômico da colônia é ação frequente na escrita de Fernández de Lizardi, portanto, seu romance, de 1816, é um relato que foi concebido para promover o riso frente às premissas das autoridades coloniais.

Enquanto, no México, Fernández de Lizardi escrevia a prosa romanesca inaugural, sob a premissa de criticar o sistema colonial imposto em busca de reformá-lo, mas em pleno período de lutas pela independência da Nova Espanha do Império espanhol, as duas primeiras décadas do século XIX, no Brasil, correspondem a um período de muitas revoltas. Resolvemos fazer um breve²⁰¹ comentário sobre o período histórico de 1808 a 1826 no território que viria a ser o nosso país.

²⁰⁰ Nossa tradução: “– *Señor*, quem dera fosse eu como Vossa Mercê! / – Por que, Andrés? – perguntei-lhe. / – Porque o *señor* já é homem, dono de si, dono da sua vontade e não tem quem fique lhe mandando; e eu não, pois tenho tantos que me repreendem e não sei o que é ter meio tostão no bolso. / – Mas assim que terminares de aprender o ofício – eu lhe disse –, terás dinheiro e serás dono da tua vontade. / – Que longe está isso de acontecer! – lamentou Andrés. – Já faz dois anos que sou aprendiz e não sei fazer nada./– Como assim nada, homem? – perguntei-lhe admirado. /– Assim, nada, respondeu-me; agora que Vossa Mercê está em casa, aprendi alguma coisa./– E o que tens aprendido? – perguntei-lhe. / – Aprendi – respondeu o patife – como barbear cachorros, esfolar índios e deslocar o queixo e as mandíbulas das velhas, o que não é pouco, não. Deus pague ao *señor* pelo que aprendi! /– E então, teu mestre não te ensinou nada nesses dois anos? /– E o que ele iria ensinar-me? – disse-me Andrés.[...]” (Fernández de Lizardi, 2024, p. 588-589).

²⁰¹ Para fazer uma breve recontagem de fatos históricos, recorremos ao texto de Mariana de Carvalho Dolci: *Revoltas, motins e revoluções no Brasil novecentista*. Projeto História, São Paulo, n. 47, pp. 449-458, Ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15548>.

Desde a instalação da Família Real e da corte portuguesa no Brasil, em 1808, o clima político interno e externo revela-se instável. Em 1810, a coroa alia-se aos ingleses, e os deixa na regência do território de Portugal, enquanto se prolongava a estadia da Família Real no Brasil, com a vantagem da redução de impostos para as mercadorias vendidas pelos ingleses nos territórios além-mar. Essa providência também visa a controlar qualquer levante que possa acontecer, já que, a partir desse ano, lembremo-nos, iniciam-se os movimentos independentistas pela América espanhola toda.

Os problemas enfrentados por Dom João VI com os outros países da Europa – devido ao fato deles não mais reconhecerem a coroa lusa por ela haver abandonado o continente para governar desde a colônia – obrigam-no a fazer uma mudança drástica e, em 1816, o Brasil é elevado à categoria de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Essa medida, na prática, retira dos comerciantes portugueses o monopólio do comércio com as colônias.

As consequências dessa manobra política podem ser notadas a partir de 1817, quando, descontentes, um grupo de maçons e oficiais do exército insurrecionam-se (Movimento Liberal do Porto). Isso, uma vez superada a rebelião, acarreta o fato de que seja exigida pelas cortes portuguesas a volta do rei e dos súditos palacianos à Europa, como, também, o pedido de retorno dos direitos monopolistas para os comerciantes portugueses. Dom João VI e a corte, desse modo, são, praticamente, obrigados a retornar para a Europa, deixando aqui seu representante, Dom Pedro I, como príncipe regente.

No território do Brasil, no mesmo ano, surge o movimento emancipacionista chamado “Revolução Pernambucana” (1817), conhecido por ser um levante antilusitano que teve ampla participação popular. Três anos depois, em 1820, acontece o “Massacre da Pedra do Rodeador”, episódio no qual um grupo de milicianos assassina uma comunidade de extrema pobreza, que ali acampava no aguardo do retorno do Rei D. Sebastião.

Em 1822, depois do dia do “fico”, o Brasil começa o período de independência de Portugal, porém, algumas províncias mantiveram-se, ainda, leais à metrópole, cumprindo o período de 1822 a 1824 para se organizar como nação independente, enquanto eram derrotadas as revoltas nas províncias desleais ao novo sistema imperial implantado no Brasil. Oficialmente, inicia-se o Primeiro Reinado entre 1822 e 1831, com Dom Pedro I como regente do Império do Brasil.

Em 1824, dá-se a tentativa de organizar uma República independente entre os territórios que vão de Alagoas ao Pará, com a participação ativa de escravos, ex-escravos, soldados mestiços e da gente pobre do Recife e arredores, além do Frei Caneca²⁰², sob o nome de “Confederação do Equador”. Portanto, em um contexto de colônia, reino e, posteriormente, império, no Brasil de 1816 a 1826, seria uma missão arriscada traduzir a obra *El Periquillo Sarniento* (1816), já que seu conteúdo poderia ter sido considerado como subversivo pela coroa portuguesa e, também, pelo alto comitê que exercia o poder no recém-fundado Império do Brasil. O interesse voltava-se para a tradução de obras europeias, da França, em especial.

O risco de traduzir obras críticas, como *El Periquillo Sarniento* (1816), no entorno latino-americano do período independentista, permite-nos conjecturar que essas obras passaram “escamoteadas” pelos interesses dos(as) tradutores(a) – propositalmente ou impelidos pelos censores. Assim, permaneceram esquecidas até os dias de hoje, não contribuindo, desse modo, à formação cultural da população em geral do Brasil.

Nesse sentido, no contexto de 1816 a 1826 vivenciado no Brasil, era melhor traduzir textos que não oferecessem qualquer ameaça ao poder vigente, como os modelos romanescos franceses e ingleses. Consequentemente, mais tarde, já no contexto de eleição de um estilo romanesco para os iniciantes romancistas brasileiros, prevaleceu o europeu como modelo de escrita. Dessa maneira, convinha-lhes, pois, escrever romances, no Brasil da primeira metade do século XIX, sobre as festas, os bailes e os amores da alta sociedade fluminense da época imperial, como é recorrente no relato de *A Moreninha* (1843), imitando os antecedentes da prosa francesa, ou

²⁰² Frei Caneca atuou na Revolução Pernambucana de 1817. Os planos de levantamento foram descobertos pelo então governador de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Frei Caneca é aprisionado e é utilizado para servir de exemplo diante daqueles que planejavam desafiar a coroa. Disponível em: https://www.ebiografia.com/frei_caneca/. Acesso em: 21 mai. 2021.

inglesa – no caso de *O Filho do pescador* (1842) –, ao invés de se enfrentar com o sistema imperial e construir uma prosa crítica.

Observamos, portanto, duas questões importantes nas considerações sobre o que foi traduzido e publicado na América Hispânica e na Lusófona: depois da invasão napoleônica da Península Ibérica²⁰³, duas medidas diferentes foram tomadas nessas partes do mundo e essas, por sua vez, estão todas relacionadas à liberdade de prensa. Por um lado, enquanto nas Cortes de Cádiz²⁰⁴, com o decreto IX²⁰⁵, é permitido às colônias espanholas a liberdade de imprensa, elas se apresentaram também como medida para lutar contra a França napoleônica – que invadira a Espanha em 1808, e que colocara no trono a José Bonaparte – assim, as colônias poderiam, com publicações, lutar a favor da volta do rei espanhol – Carlos IV (1788-1808), sequestrado junto com toda a família real – ao governo. Esse período de lutas

²⁰³ Esse fato ocorre entre os anos de 1803 a 1815, quando grande parte de Europa é anexada ao domínio francês pelas ações invasivas e bélicas de Napoleão Bonaparte.

²⁰⁴ As Cortes de Cádiz funcionaram entre 1810-1814. Escudero (2013, p. 169) aponta que o ato de formar as Cortes significava seguir um costume antigo, no qual elas se constituíam durante situações de emergência para o reino. Esse foi o caso das “Cortes de Cádiz”, já que “[...] *con España invadida, era lógico e imprescindible hacerlo entonces.*” – [Nossa tradução: com a Espanha invadida [por Napoleão], era lógico e imprescindível se reunir]. Desse modo, “*Los antecedentes inmediatos de las Cortes de Cádiz, como de casi todo lo que sucedió en el primer tercio del siglo XIX, fue la invasión francesa. Tras ella, al no poder ser ejercida la soberanía por el rey, el pueblo la reasume y organiza en cada ciudad o provincia unas Juntas que se autocalifican de supremas y soberanas. A fin de aunar criterios, y para una política más coordinada y eficaz, el 25 de septiembre de 1808 se constituye en Aranjuez la llamada Junta Central suprema y gubernativa de España e Indias, que adopta el tratamiento de Majestad*” – [Nossa tradução: Os antecedentes imediatos das Cortes de Cádiz, como quase tudo o que acontecera no primeiro terço do século XIX, foi a invasão francesa. Depois dela, devido a que a soberania do rei não podia ser exercida, o povo reassume o poder e reorganiza em cada cidade ou província umas Juntas que se auto-qualificam como supremas e soberanas. A fim de juntar critérios, e para uma política mais coordenada e eficiente, na data de 25 de setembro de 1808, em Aranjuez, é constituída a chamada Junta Central suprema e governativa da Espanha e Índias, que adota o tratamento de Majestade] (Escudero, 2012, p. 162). In ESCUDERO, J. A. Las Cortes de Cádiz: génesis y reformas. *Anuario de Estudios Atlánticos*. n. 59, ene-dic, 2013, pp. 161-199. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274430139011>. Acesso em: 11 fev. 2021.

²⁰⁵ Registramos um extrato do Decreto IX, de 10 de novembro de 1810: “Así, su artículo 1 señala: ‘Todos los cuerpos y personas particulares, de cualquiera condición y estado que sean, tienen libertad de escribir, imprimir y publicar sus ideas políticas sin necesidad de licencia, revisión o aprobación alguna anteriores a la publicación, bajo las restricciones y responsabilidades que se expresarán en el presente Decreto’, que se complementa con lo establecido en el art.6 que aclara que ‘Todos los escritos sobre materia de religión quedan sujetos a la previa censura de los Ordinarios eclesiásticos, según lo establecido en el Concilio de Trento. [...]’” – [Nossa tradução: Assim, seu artigo 1 assinala: ‘Todos os corpos e pessoas particulares, de qualquer condição e estado que sejam, têm liberdade de escrever, imprimir e publicar suas ideias políticas sem necessidade de permissão, revisão ou aprovação alguma anteriores à publicação, sob as restrições e responsabilidades que serão expressas no presente Decreto’, que complementa-se com o estabelecido no artigo 6 que esclarece que ‘Todos os escritos sobre a matéria de religião ficam submetidos à prévia censura dos Ordinários eclesiásticos, segundo o estabelecido pelo Concílio de Trento] (Navarro Marchante, p.11). Retirado de: NAVARRO MARCHANTE, V. J. El decreto IX de las Cortes de Cádiz de 1810 sobre la libertad de imprenta. [s. l.]. Disponível em: http://www.revistalatinacs.org/12_causas/imprenta.pdf. Acesso em: 11 fev. 2021.

é conhecido na Espanha como “A guerra da Independência espanhola²⁰⁶”. Tal acontecimento bélico e a formação das Cortes de Cádiz permitiram, simultaneamente, que os territórios coloniais tomassem a decisão de preferir a sua independência a se submeter ao poder francês.

Assim, indiretamente, esse decreto permitiu ajudar aos projetos pró-independentistas, que já formulavam suas gestas de separação definitiva das metrópoles europeias. Desse modo, as lutas pela independência fortalecem-se mais ao longo dos países de fala hispânica nas Américas, do que ocorreu na realidade brasileira, cuja transição, da colônia a um novo estado político, não se deu da mesma forma, pois, no contexto da colônia portuguesa na América, passou-se da condição de uma Colônia à de um Império. Isso, na prática, significou passar do comando do rei português, Dom João VI – o pai – aos propósitos de Dom Pedro I – o filho – cujos princípios, segundo várias fontes históricas, e também recriações literárias, foram bastante questionados já em sua época.

Nesse período histórico do Brasil Império do século XIX, o Imperador Dom Pedro I abdica do trono brasileiro em favor de seu Filho – D. Pedro II (1840-1889) – em 7 de abril de 1831 e, junto a sua segunda esposa, Dona Amélia de Leuchtenberg, exilou-se na França, onde falece em 1834. Nesse contexto, como mencionado na introdução deste estudo, José Joaquín Fernández de Lizardi, como jornalista mexicano, aproveita a liberdade de imprensa nas colônias, liberada pelo decreto IX das Cortes de Cádiz – efetuado na Espanha invadida por Napoleão –, cuja abrangência alcança as colônias espanholas americanas em 1812, para iniciar seus trabalhos de divulgação do ideário iluminista no México.

Por outro lado, a corte portuguesa, como medida anti-invasão napoleônica, resolve fugir da Europa ao seu território de ultramar e se instalar no Brasil. Ao contrário do que acontece na vizinhança hispano-americana da época, o Brasil – com a instalação da corte em seu território – fecha-se em si mesmo, por meio de medidas que, supostamente, seriam favoráveis, como a liberdade de imprensa, pois, na prática, tudo permaneceu sob o estrito controle do governo monárquico aqui instalado,

²⁰⁶ Para mais informações, visitar: <https://economipedia.com/historia/guerra-de-la-independencia.html>. Acesso em: 12 fev. 2021.

atendendo-se, por esse meio, quase que exclusivamente às necessidades da própria governança.

Cerqueira (2011, p. 135), ao analisar essa situação histórica, comenta que “[...] não é segredo para ninguém, que a emancipação política do Brasil nunca foi um desejo dos patriarcas da nossa independência. [...] Indesejada, é verdade, mas necessária frente ao risco de recolonização, como era o desejo das Cortes de Lisboa”. As políticas de Portugal com relação ao Brasil, enquanto Colônia (1500-1822), são bem claras já pelas disposições legais dadas por El-rei Dom João III, no século XVI, e continuaram, no mesmo sentido, ao longo do Império (1822-1889) regido por Dom Pedro I (1822-1831) e Dom Pedro II (1840-1889), arrastando-se, inclusive, ao período da República (1889-hoje), no qual o poder foi assumido por uma elite brasileira, em grande parte, descendente direta dos colonizadores.

Outro fator que contribuiu para o controle das publicações no Brasil imperial encontra-se no poder “do empresário sobre o tradutor dentro desse sistema de patronagem” (Ferreira, 2004, p. 14) que os donos de jornais tinham com a corte na América e, do mesmo modo, ao longo da República. Eram eles que decidiam o que publicar e o que não, por questões de ganho econômico.

Existe, portanto, outra vantagem no México do início do século XIX e, por extensão, na América Hispânica à mesma época, com respeito aos possíveis entusiastas liberais brasileiros que podem ter existido e que poderiam ter demonstrado um real interesse em imprimir textos críticos: Fernández de Lizardi funda seus próprios jornais²⁰⁷ e sempre contou com quem publicasse seus escritos contestatórios. Esse fato é confirmado pela quantidade de vezes que ele teve a liberdade de abrir jornais e de publicar seus manifestos, livros etc., mesmo estando preso por causa do teor das suas obras. Nesse sentido, verificamos que Fernández de Lizardi teve mais poder de decisão com relação ao que publicar do que se poderia haver tido, à época, no nosso país. O “Pensador Mexicano” publicou o primeiro romance latino-americano sem as

²⁰⁷ Como afirma Paul Radin [In: *A annotated bibliography of the poems and pamphlets of J. J. Fernández de Lizardi: the first period (1808-1819)* – [Nossa tradução: Bibliografia registrada dos poemas e folhetins de J. J. Fernández de Lizardi: primeira etapa (1808-1819)]. San Francisco: California State Library, 1940.], em palavras de Vogetley (2004, p. XIX): “in 1810, [Fernández de] Lizardi had his own printing press and earned his living as a maverick Publisher, cut off conventional publishing” – [Nossa tradução: [...] em 1810, Fernández de Lizardi detinha sua própria imprensa e ganhava a vida como editor separatista, que trucidava a publicação tradicional.].

restrições à livre imprensa e às manifestações críticas ao sistema vistas no caso do Brasil na mesma época.

Estamos cientes de que, no passado colonial e imperial do Brasil, não era conveniente traduzir obras descolonizadoras, como consideramos que são *El Periquillo Sarniento* (1816) e o romance anônimo *Xicoténcatl* (1826). Portanto, essas traduções nunca ocorreram no nosso país. É necessário, pois, que reflitamos sobre as razões disso ter acontecido e, também, sobre qual o sentido de traduzirmos essas obras do passado para o público brasileiro dos dias de hoje.

Wyller (2003, p. 19) comenta que, hoje em dia, ainda coexistem dúvidas com relação ao antigo ditado “*traduttori, tradittori*”²⁰⁸. Nesse contexto, ela aponta que, em contrapartida, existe uma questão mais interessante dentro da academia com respeito à tradução “que hoje ocupa os teóricos da área [...] a que são fiéis a tradução e o tradutor”. A autora complementa suas reflexões ao apontar que “do nascimento à morte, todo indivíduo acumula dentro de si uma carga ideológica, que determina suas atitudes e preferências nas esferas social e profissional, e permeia mesmo inconscientemente a sua escolha de palavras” (Wyller, 2003, p. 19-20).

Nesse sentido, cientes de sermos seres humanos que são afetados pelas prerrogativas mencionadas por Wyller (2003), é necessário que se tome uma posição e se promova a tradução de textos contestatórios do passado, já que, dessa forma, com nossas traduções hodiernas, podemos contribuir para estimular o desenvolvimento da crítica literária brasileira e de promover a ampliação do conhecimento histórico-cultural dos cidadãos brasileiros em relação às escritas e aos enfrentamentos que os países hispano-americanos realizaram ao longo de seu processo de independência – bastante distinto daquele que se viveu na colônia portuguesa da América. Desde essa perspectiva, com respeito às traduções literárias que auxiliaram na formação dos sistemas literários na América Latina, a atividade tradutória, como observamos nesta parte da subseção, influenciou a escrita romanesca no Brasil ao longo de seus poucos anos de formação.

²⁰⁸ Trata-se, segundo Monteiro (2016), de um provérbio italiano que, literalmente, significa que o tradutor é traidor. Contudo, na realidade, isso quer dizer que toda a tradução não corresponde, exatamente, ao sentido original da frase no seu contexto primeiro (Monteiro, 2016). Disponível em: https://expresso.pt/blogues/blogue_chamem_me_o_que_quiserem/2016-06-30-Tradutor-traidor--Traduttore-traditore-. Acesso em: 12 fev. 2021.

Faz-se necessário, ainda nos dias de hoje, como sugerido por Fleck e Del Pozo González (2020), conceber uma reflexão crítica que justifique que o(a) tradutor(a) latino-americano(a) seja um(a) colaborador(a) consciente de, também, ocupar o “entre-lugar”, de acordo com a definição de Santiago (2000), para que possa exercitar seu ofício tradutório de forma reflexiva, a fim de agir em favor da descolonização dos sujeitos das sociedades latino-americanas que preservam muitos resquícios de colonialidade em vários setores de sua organização social, política, econômica e cultural. Nessa lógica, a tradução na América Latina torna-se indispensável, pois o(a) tradutor(a) latino-americano(a) de hoje continua a ser esse leitor especializado, o canibal que devora o texto original, aquele que (re)cria um palimpsesto que possa ser lido pela sua comunidade de leitores-alvo.

As relações do poder estão presentes no processo tradutório, tal qual menciona Bassnett (2003). Daí que nós precisamos entender que “nosso papel como tradutores latino-americanos é o de estarmos cientes das desigualdades que marcaram a história das nossas produções literárias e, no processo de tradução, estabelecer a mediação entre estes polos” (Fleck; Del Pozo González, 2020, p. 23).

Conforme Pagano (2000), a tradução é uma ferramenta que auxilia na descolonização desafiadora do poder, habilitando a voz da cultura oprimida. Rodrigues (1999) lembra-nos que a tradução pode ser utilizada para confrontar as relações de poder nos textos traduzidos. Porque “*the study and practice of translation is inevitably an exploration of power relationships within textual practice that reflects power structures within the wider cultural context*²⁰⁹” (Álvarez; Vidal, 1996, p. 1). Portanto, podemos fazer do nosso ato tradutório um ato político, ao nele fazermos evidentes os poderes que estão implícitos no texto e mostrarmos como a cultura oprimida é nele representada.

Consideramos importante que o(a) tradutor(a) faça os seguintes questionamentos diante da tarefa de mediar culturas:

Traduzir para aculturar ou para o desenvolvimento? Qual a postura que deverá ser tomada diante da visível estratégia utilizada pelos sistemas do poder? É necessário que o tradutor esteja consciente do

²⁰⁹ Nossa tradução: “[...] o estudo e a prática de tradução é inevitavelmente uma exploração das relações de poder dentro da prática textual que refletem as estruturas do poder dentro de um contexto cultural maior” (Álvarez; Vidal, 1996, p. 1).

seu papel na manipulação dos textos a serem traduzidos (Del Pozo González, 2017, p. 99).

Esses questionamentos auxiliam-nos a refletir sobre uma das premissas da ação tradutória: *“it is a question of making clear that the subject who speaks and translates is not as responsible for what he or she say as for what s/he does not say and how s/he says it”*²¹⁰ (Álvarez; Vidal, 1996, p. 8). Isso significa, em outras palavras, que se faz necessário que o(a) tradutor(a) tome ciência do seu papel na manipulação dos textos a serem traduzidos. Tal proposição faz-nos lembrar do que mencionou Bassnett (2003) ao expressar que o processo tradutório é um ato dialógico de trocas linguísticas que se desenrola em um espaço que não é o ponto de partida nem o da chegada.

Em consequência, como tradutores, devemos estar cientes do nosso lugar, o “entre-lugar [...] latino-americano” (Santiago, 2000), a partir do qual estamos inteirados e sabemos o que traduzir, por que e para que fazê-lo, e, assim, assumir esse poder com muita responsabilidade, valendo-nos das possibilidades múltiplas de, nesse ato, estabelecer a “mediação tradutória” – estratégias de elucidação das camadas mais profundas do TF ao leitor da LM. Desse modo, torna-se imperativo formar parte de projetos que tenham como tarefa principal visibilizar obras tais como *El Periquillo Sarniento* (1816) e *Xicoténcatl* (1826), já que esses são textos literários hispano-americanos fundamentais para entender os enfrentamentos entre o cânone europeu prevaiente nas colônias à época de suas publicações e as propostas emancipatórias inaugurais da literatura latino-americana ao longo dos últimos séculos. São *lócus* enunciativos como esses – de Programas de Pós-graduação e de Grupos acadêmicos institucionalizados de pesquisa, os quais reúnem pesquisadores sob as mesmas inquietudes, que possibilitam a formulação de tais projetos e estudos como este que desenvolvemos.

Obras como as que integram o interesse tradutório de pesquisadores da linha “A tradução no espaço latino-americano: práticas tradutórias e sua importância”, de nosso Grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América...”, são, sem dúvida, vias de descolonização pela leitura crítica que oferecem aos leitores de todos

²¹⁰ Nossa tradução: “É questão de deixar claro que o sujeito que fala e traduz não é responsável pelo que diz, mas pela forma como o diz” (Álvarez; Vidal, 1996, p. 8).

os tempos e podem ressignificar muito do que sabemos sobre o passado colonial e imperial de lutas e resistências dos povos híbridos da América Latina frente ao expansionismo colonialista europeu. Essas obras, além de evidenciarem as estratégias de enfrentamento dos colonizados frente ao poder da metrópole, são, geralmente, rupturas com os modelos canônicos validados pelo poder da crítica enunciada desde o *lócus* das metrópoles colonizadoras. Nesse conjunto de obras, os romances *Xicoténcatl* (1826), anônimo – traduzido por Fleck (2020); *El Periquillo sarniento* (1816), de Fernández de Lizardi, em processo de tradução neste nosso estudo (2021); entre outras obras relevantes do contexto americano, são bastante representativos.

Para que tal intento se solidifique como prática descolonizadora, na seguinte parte deste estudo, consta a tradução da obra inaugural da prosa romanesca na América Latina – *El Periquillo Sarniento* (1816), de José Joaquín Fernández de Lizardi –, propósito maior desta pesquisa frente ao desafio de oportunizar leituras descolonizadoras, produzidas no contexto latino-americano do princípio do século XIX, aos leitores brasileiros e de todos os falantes de língua portuguesa em todo o mundo na atualidade.

**II PARTE: TRADUÇÃO DE *EL PERIQUILLO SARNIENTO* (1816) AO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

II TRADUÇÃO DO ROMANCE *EL PERIQUILLO SARNIENTO* (1816), DE JOSÉ JOAQUÍN FERNÁNDEZ DE LIZARDI PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Leila Shaí Del Pozo González
(Tradução)

O Periquinho Sarnento
do *Pensador Mexicano*, José Joaquín Fernández de Lizardi

NOTA DA TRADUTORA

Para a realização desta primeira tradução ao português brasileiro daquela que foi a obra inaugural do romance no contexto latino-americano, decidimos – diante das diversas edições hoje disponíveis da obra de Joaquín Fernández de Lizardi, *El Periquillo Sarniento* (1816) – utilizar, como base de consulta à prática tradutória, a edição de Carmen Ruiz Barrionuevo, publicada pela Editora Cátedra – Letras Hispánicas, em sua segunda edição, realizada em 2008. Entre os motivos que nos levaram a essa escolha, consideramos apresentar ao público leitor brasileiro o texto revisado pelo próprio autor (terceira edição de Fernández de Lizardi, a qual Carmen Ruiz Barrionuevo utiliza em sua edição), pois acreditamos que suas revisitações ao próprio texto sejam mais válidas do que as realizadas pelos muitos editores que publicaram a obra, que, com o tempo, foram “corrigindo” e, inclusive, modificaram a escrita do romance (Palazón Mayoral, 2013).

O texto de Fernández de Lizardi (1816) apresenta uma escrita de registro formal, pois, como todo texto da época, em qualquer língua, tentava-se consolidar uma escrita para a língua nacional, seja qual fosse ela. No entanto, o “Pensador mexicano” conseguiu refletir, também, em sua narrativa, a variação linguística do castelhano da Nova Espanha utilizada naquele contexto histórico e social. Nesse sentido, fazemos o possível, no texto traduzido, para passar ao leitor contemporâneo o tom brincalhão da enunciação do narrador-protagonista.

Buscamos, portanto, conservar o estilo do autor, tanto no que se refere à formalidade quanto no tom jocoso com que conduz sua narração. No que tange à formalidade, procuramos reproduzir a variedade brasileira do português utilizada no contexto temporal da produção da obra, de modo que a sintaxe e os usos pronominais mantêm uma fidelidade ao estilo utilizado na época. Assim, o leitor poderá ver o constante uso da ênclise, da ordem sintática não canônica, das formas de tratamento “tu” e “vós”, entre outros aspectos que não são mais recorrentes no português brasileiro contemporâneo. Com relação à obra inaugural do gênero romanesco na América Latina, inicialmente, o romance de Fernández de Lizardi (1816) foi dividido em quatro livros. Porém, a terceira edição da obra (1830-1831), corrigida e com acréscimos do próprio autor, publicada três anos depois de sua morte pela *Imprenta*

*de Galván*²¹¹, sob direção de Mariano Arévalo (Ruiz Barrionuevo, 2008), é composta de cinco livros. Ruiz Barrionuevo, ao realizar a edição do romance, expressa ter utilizado essa terceira edição, de 1830-1831. A ela, agregou algumas notas de rodapé presentes na quarta edição (1842)²¹², também de quatro livros. Assim, nós – da mesma forma –, nesta primeira tradução do romance de Fernández de Lizardi ao português do Brasil, seguimos a disposição da obra corrigida pelo autor, composta de cinco livros.

Com relação às notas de rodapé contidas nesta tradução – com conteúdos informativos de diferentes naturezas, entre as quais esclarecimentos ou informações sobre personagens históricas ou literárias mencionadas pelo autor, aspectos linguísticos/semânticos de certos vocábulos ou expressões empregadas pelo autor à época da escrita do romance e as opções tradutórias, ou MC específicos do contexto geopolítico e cultural de produção da obra –, parece-nos necessário incluir, além daquelas que nos são relevantes da edição adotada como base para a tarefa tradutória, também, algumas – que serão devidamente identificadas – presentes na tradução de *El Periquillo Sarniento* (1816) realizada por David Frye (2004) ao inglês. Essa tradução ao inglês do romance mexicano de 1816 constitui material de leitura e análise para nosso exercício de estabelecer pontes entre diferentes culturas, línguas e tempos históricos. As notas originais do autor ficarão marcadas em negrito em nossa tradução.

Decidimos, também, manter em destaque, por meio do uso do itálico, algumas expressões linguísticas ou referências adotadas pelo autor, da mesma forma como essas se encontram na edição base que utilizamos para a tradução. Caso o emprego do itálico seja feito por nós, a ocorrência será devidamente mencionada.

Outra notação que importa informar ao leitor é a referente à reprodução de diálogos. As falas mais curtas são delimitadas com travessão, como de praxe. Porém, quando o autor reproduz falas mais longas, que se estendem por diversos parágrafos, cada parágrafo novo se inicia com aspas duplas, que não se fecham ao final. Assim,

²¹¹ Nota da Tradutora: “Imprensa de Galván” (Nossa tradução).

²¹² Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) comenta que a quarta edição do romance de Fernández de Lizardi tem sido a preferida pela maior parte dos críticos. Contudo, essa edição, de acordo com seus estudos, contém muitas adições feitas pelo editor, as quais, em seu entender, chegam a descaracterizar a obra de Fernández de Lizardi.

o leitor fica ciente de que ainda se trata de fala reportada de uma personagem, e não da narração em si.

Para facilitar a compreensão das distintas naturezas das notas de rodapé incluídas neste texto, estabelecemos a seguinte organização: as notas precedidas de * serão referentes às explicações sobre alguns MC; as notas precedidas de ** serão referentes aos elementos históricos inseridos na diegese do romance; as notas precedidas de *** serão referentes às questões linguísticas. Notas de outra natureza – como a identificação da transcrição ou comentário sobre uma nota anterior, seja ela da edição de 2004, ao inglês, de David Frye, ou a de 2008, de Ruiz Barrionuevo, utilizada como texto-base à ação tradutória – serão devidamente anunciadas. Do mesmo modo, foram adotadas atualizações na pontuação e na paragrafação do texto traduzido, para uma melhor fluidez ao leitor contemporâneo.

Trata-se de um texto de 1816 que carrega em sua tessitura o modo de dizer do século XIX. Entendemos estarmos diante de estratégias decoloniais, utilizadas para descortinar as problemáticas da época, com o intuito de abrir os olhos da população novecentista frente a atitudes preconceituosas e discriminatórias na Nova Espanha.

(p. 85)

TOMO I

... Ninguém supunha que fosse seu o retrato, pois existem muitos diabos parecidos uns com os outros. Quem se sentir atingido, procure a autopurificação, pois isso importa mais do que criticar e examinar meu próprio pensamento, locução, ideia, ou os outros defeitos da obra.

Torres Villarroel, no seu prólogo
de *La Barca de Aqueronte*²¹³.

²¹³ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) comenta que o fragmento corresponde à introdução de *Sueños Morales. Visiones y visitas con don Francisco de Quevedo por Madrid. Arca de Aqueronte y residencia infernal de Plutón* – [Nossa tradução: *Arca de Aqueronte e residência infernal do Plutão*]. Reproduzimos, ao final da epígrafe, o nome do autor e o nome incompleto do título, tal qual Fernández de Lizardi escreve e permanece na edição de 2008. Madrid: Imprenta Viuda de Ibarra – [Nossa tradução: Imprenta *Viuda de Ibarra*], 1794. p. 214. Ruiz Barrionuevo (2008) observa, e nós constatamos, que a epígrafe é a mesma em cada um dos cinco tomos.

(página 86 em branco, p. 87)

Advertência pontual

É fundamental levar em consideração que esta obra foi escrita e impressa no ano de 1816, ainda sob a dominação espanhola, sendo que seu autor era malvisto pelo governo por ser patriota, não existindo a liberdade de imprensa, sob a censura dos ouvidores, dos canônicos e frades; e, além do mais, com a perseguição da néscia e déspota Inquisição que importunava. Ainda que nas advertências gerais sejam perdoadas as longas digressões, tomamos tanto a licença de delimitá-las, bem como de omitir anotações e incorporar outras, com algumas variantes que, caso deseje e possa, o leitor curioso reconhecerá²¹⁴.

²¹⁴ Nota da Tradutora: Na nota 2 (2008, p. 87), Ruiz Barrionuevo afirma que a “Advertência pontual” [título original: *Advertencia precisa*] foi incluída, pela primeira vez, na segunda edição; portanto, acredita-se que seja do próprio Fernández de Lizardi.

(página 88 em branco, p. 89) Prólogo, dedicatória e advertências aos leitores

Meus señores, uma das coisas que me dificultaram dar luz à *Vida do Periquitinho Sarnento* foi eleger uma pessoa a quem dedicar essa criação, porque eu li uma infinidade de obras, de pouco e muito mérito, adornadas, ao início, com suas dedicatórias.

Esse procedimento, ou esse costume reiterado, fez-me acreditar que algo de bom ele tivesse em si, já que todos os autores procuravam escolher mecenas ou patronos a quem pudessem dedicar suas tarefas, e acreditei que, ao também fazê-lo, eu poderia, desse modo, pelo menos, obter algum proveito.

Essa ideia confirmou-se, ainda mais, quando li, num livrinho velho, que houve quem compactuara com a ideia de dedicar uma obra para um sujeito se dele recebesse dinheiro; outro, que dedicou seu trabalho a um potentado e, depois, consagrou-o a outro com nome diferente; Tomás Fuller²¹⁵, famoso historiador inglês, dividia suas obras em vários tomos, e a cada tomo, solicitava auxílio a um (p. 90) magnata; outros, que dedicaram a si mesmos suas produções, e outros, em síntese, que consentiram que o impressor de suas obras fizesse as dedicatórias neles.

Em vista disso, eu disse a um amigo:

– Não, minha obra não pode ficar sem uma dedicatória. Isso nunca, enquanto viva Carlos²¹⁶. O que diria de mim o mundo ao ver que meu calhamaço²¹⁷ não tem, no princípio, um ilustríssimo, ou pelo menos um V. Exma., que a tivesse acolhido sob sua

²¹⁵ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) comenta que o narrador cita ao autor John Burkhard Mencke (1674-1732), autor do livro *De charlatanería eruditorum declamationes duae* – [Nossa tradução: *Declamações contra o charlatanismo dos eruditos*] (1715). A pesquisadora aponta que a citação feita por Fernández de Lizardi do livro de Mencke (1715, p. 33) é sobre Tomás Fuller [Thomas Fuller (1608-1661)], na qual se lê: “à semelhança do bom Fuller, há quem jogue as redes por muitos lugares para não ficar desapontado ou para que se multipliquem os rendimentos” (Nossa tradução).

²¹⁶ **Nota da Tradutora: Palazón Mayoral (2012) informa que Fernández de Lizardi escreve o romance no período que compreende desde os anos finais do Vice-Reinado da Nova Espanha até o México livre. No entanto, segundo a estudiosa, o relato simula que a personagem Periquitinho escreve para seus filhos em 1813, com o intuito de continuar a falar a verdade nua e crua sobre o *status quo* colonial e assegurar a verossimilhança. Com esta informação, confirmamos que o narrador, no recorte, fala do próprio Rei Carlos IV (1748-1819), que, naquele contexto, ainda estava vivo.

²¹⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *obrota* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 90). As partículas aumentativas que formam adjetivos na língua castelhana, *-ote* e *-ota*, induzem a uma carga depreciativa, pois “*generalmente se utiliza este sufijo desde un punto de vista despectivo, es decir, negativo*” – [Nossa tradução: geralmente são utilizados para dar um ponto de vista depreciativo, quer dizer, negativo]. (Municio). Disponível em: <https://www.practicaespanol.com/los-aumentativos-en-espanol/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

(p. 90) proteção? Além de que não se poderia deixar de considerar a dedicatória de um livro a algum *señor* importante ou rico; porque quem seria tão sem vergonha de deixar que lhe seja dedicada uma obra; que se tire o pó dos ossos de seus avôs, que se levantem depoimentos de seus ascendentes; que se rastreiem genealogias; que se relacionem essas com Pelayos²¹⁸ e Guzmanes²¹⁹; que seu sangue se misture com o dos reis do Oriente; que se pondere sua ciência, mesmo sem que saiba ler; que se

²¹⁸ *Nota da Tradutora: Consideramos possível indicar, ao público leitor de língua portuguesa, o nome de D. Sebastião (1554-1578) como um paralelo para D. Pelayo (718-737), para, assim, estabelecermos um possível vínculo com a cultura luso-brasileira como conhecimento de mundo de nosso leitor empírico na construção do entendimento dessa referência irônica do autor. De acordo com Gabeira (2017), ao pé da estátua da personagem histórica de D. Sebastião, no evento da “Exposição do mundo português”, realizado em (1940), encontrava-se a insígnia “A El-Rei D. Sebastião, símbolo da temeridade e do cavalheirismo portugueses”. Ainda hoje, quando queremos chamar alguém ao bom caminho da honra, dizemos: “sê homem como D. Sebastião”. Disponível em: <https://silos.tips/download/universidade-de-coimbra>. Acesso em: 02 dez. 2020. Assim, o vocábulo “Pelayos”, citado no original de *El Periquillo Sarniento*, faz referência à personagem histórica Dom Pelayo, que foi um herói medieval espanhol. Esse senhor teria sido um caudilho a quem se atribuem façanhas na Batalha de Covadonga, suposta primeira vitória dos cristãos contra os muçulmanos. Essa batalha principiou a fundação do reino independente de Astúrias. “Em 711, os árabes muçulmanos invadem a Península Ibérica. Enfrentando-os, perde a vida o rei visigodo, Dom Rodrigo, no campo de Guadalete. Reagirá contra o domínio infiel o nobre Dom Pelayo, colocando-se à frente de um grupo de valorosos asturianos. Preparando-se os árabes, já na Espanha, para invadir a Gália gótica, tiveram notícia da revolta de Astúrias e enviaram contra esses revoltosos um exército bem preparado sob o comando do general Alcamar. Dom Pelayo preparou a resistência no monte Alzeba, onde os desfiladeiros tornavam possível uma reação por parte dos cristãos, em número realmente inferior aos atacantes [...]. A batalha foi ganha e Pelayo proclamado rei das Astúrias” [Texto atribuído a Plínio Corrêa de Oliveira, dezembro de 1965] (Dufaur, 2016). Disponível em: <https://heroismedievais.blogspot.com/2016/12/don-pelayo-e-confianca-nas-vitorias.html>. Acesso em: 02 dez. 2020. Desse modo, o leitor brasileiro poderia imaginar a possibilidade de, no lugar de “Pelayos”, ler “Sebastiões”, por exemplo.

²¹⁹ *Nota da Tradutora: Consideramos como uma possível referência paralela aos leitores de português para Alonso Pérez de Guzmán (1256-1309) o nome de D. Fuas Roupinho (?-1184), Fernão Gonçalves Churrichão, o Farroupim, corsário português, nobre cavaleiro do reinado de D. Afonso Henriques. Essa personagem poderia causar no leitor da língua lusitana uma referência semelhante àquela que causa ao leitor da língua hispânica o vocábulo “Guzmanes”, empregado por Fernández de Lizardi em seu romance. Segundo menciona Silva (2012, p. 92), “Fuas Roupinho, apresentado como senhor de Porto de Mós e almirante de uma frota portuguesa que cumpriu um papel importante nos combates marítimos e acções de pirataria contra os muçulmanos, nos inícios da década de 80 do século XII. [citado na Crónica de 1419]”. Assim, o vocábulo “Guzmanes”, citado no original de Fernández de Lizardi, faz referência – de acordo com o DRAE, [Guzmán] – à personagem histórica “Alonso Pérez de Guzmán, llamado el Bueno, 1256-1309, caballero castellano a quien la tradición atribuye todas las virtudes caballerescas. 1. m. Noble que servía en la Armada real y en el Ejército de España con plaza de soldado, pero con distinción” – [Nossa tradução: Alonso Pérez de Guzmán, conhecido como o Bom, 1256-1309, cavaleiro castelhano a quem a tradição atribui todas as virtudes cavaleirescas. 1.m. Nobre que serviu na Armada real e no Exército da Espanha como soldado, porém com distinções]. Disponível em: <https://dle.rae.es/guzm%C3%A1n?m=form>. Acesso em: 12 abr. 2020. Desse modo, para o leitor de língua portuguesa, seria, nesse caso, possível imaginar uma leitura que evocasse, no lugar de “Guzmanes”, a expressão “Roupinhos”. Para mais informações sobre D. Fuas Roupinho, consultar: <https://historiasdeportugalemarrocos.com/2014/08/16/corsarios-portugueses/>. Acesso em: 02 dez. 2020]. Para consultar Silva (2012), visitar: https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/28048/3/RPH43_artigo3.pdf?ln=pt-pt. Acesso em: 02 dez. 2020.

preconizem suas virtudes, mesmo sem conhecê-las; ou que se separe (p. 90) ele da massa comum dos homens; e que seja endeusado em um abrir e fechar de olhos?

“E, por último, quem seria – reiterava eu a meu amigo – tão negligente que, ao se ver totalmente lisonjeado²²⁰ *diante do mundo*²²¹, e não menos que em letra cursiva, seja tomado pela mesquinha de modo a não querer financiar a impressão; que não me consiga um bom destino, ou tudo quanto assaz nebuloso aconteça; que não manifeste sua gratidão com uma pequena dúzia de onças de ouro para uma capa; pois não merece menos o ímprobo trabalho de se imortalizar o nome de um mecenas?

– E a quem pensas dedicar tua obrazinha²²²? – perguntou-me meu amigo.

– Ao *señor* que eu considerar que irá atrever-se a custear a impressão.

– E a quanto chegaria a estimativa de custos? – ele me indagou.

– Em torno de quatro mil e cento e tantos pesos²²³, (p. 91) por aí... por aí.

²²⁰ Transcrição da nota 4, da edição de 2008 (p. 90): “[Ruiz Barrionuevo comenta que, na quarta edição, a expressão ‘*arros y aberros*’ aparece corrigida para: ‘*a roso y avelloso*’]. Esta última forma aparece no DRAE com o significado de totalmente, sem exceção, sem nenhuma consideração. No dicionário de Covarrubias, *Tesoro de la Lengua Castellana o Española* (edição preparada por Martín de Riquer, Barcelona, Horta 1974), sugere-se o exemplo do pêssego e do marmelo, porque antes de amadurecerem estão cobertos de uma espécie de pelo ou penugem, de onde nasce a expressão popular castelhana: ‘*No dejar roso ni velloso*’ [Nossa tradução: não deixar pelo nem penugem], que significa pegar aquilo que já está maduro e o que ainda está por amadurecer” (Nossa tradução).

²²¹ Nota da Tradutora: Lê-se, *ante faciem populi* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 90). Na nota 5 da edição de 2008 (p. 90), Ruiz Barrionuevo informa que o editor da quarta edição, de 1842, traduz do latim ao espanhol da seguinte forma: *A la faz del mundo* [Nossa tradução: Diante do mundo].

²²² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *obrita* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 90), diminutivo de “obra”. María Antonia Martín Zorraquino (2012), em seu artigo “*Sobre los diminutivos en español y su función en una teoría de la cortesía verbal (con referencia especial a un cuento de Antonio de Trueba)*” – [Nossa tradução: Sobre os diminutivos no espanhol e sua função na teoria da cortesia verbal (com ênfase especial de um conto de Antonio de Trueba)] –, comenta que o falante da língua castelhana utiliza o diminutivo de quase qualquer palavra sempre que deseja adicionar um sentido de afetividade à expressão. Em outro momento, no entanto, fala-se no uso do diminutivo como reforço da imagem positiva do interlocutor, como quando, por exemplo, tenta-se compensar um ato que ameaça a imagem do falante, como, por exemplo, para atenuar uma ordem: “*Tráeme una botellita de limonada*” – [Nossa tradução: Traga-me uma garrafinha de limonada] (Martín Zorraquino, 2012, p. 561). Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/12235>. Acesso em: 19 jan. 2021. No caso do trecho assinalado, “*obrita*” está dentro do contexto de uma conversa entre amigos; assim, entendemos que, nesse caso, o interlocutor deseja adicionar o sentido de afetividade à palavra “obra”.

²²³ **Nota da Tradutora: À diferença do que aconteceu no Brasil, desde cedo as colônias espanholas na América receberam instituições necessárias para seu desenvolvimento. Uma dessas foi a instalação da Casa da Moeda na Nova Espanha, em 1536. Nessa instituição, adotaram-se os métodos de fabricação e as denominações recebidas na metrópole. Basicamente, era reproduzido o sistema monetário espanhol. No entanto, devido à abundância do metal da prata no território americano, deu-se preferência a fabricar moedas desse metal. A designação Peso é o outro nome da moeda de oito *reales*, acunhada a partir do reinado de Felipe II. Aquele Peso é o antecessor do *peso* mexicano atual. Para mais informações, visitar: <http://www.economia.unam.mx/amhe/memoria/simposio10/Jose%20Antonio%20BATIZ.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

(p. 91) – Santa Bárbara! – Exclamou meu amigo, todo espantado. – Uma obrazinha de quatro minivolumes *in quarto*²²⁴ custa tudo isso?

– Sim, meu amigo – eu lhe respondi –, e esse é um dos maiores entraves que tiveram e que ainda terão os talentos americanos para que possam revelar seu esplendor no campo literário. Os altos custos que devem suprir a impressão de certas obras volumosas no Reino fazem com que muitos recuem na decisão de assumi-las, ao considerarem o fato de que estão expostos não somente a não conseguirem o prêmio de suas fadigas, mas, talvez, até mesmo a perderem seu dinheiro, ficando inéditas nas estantes muitas pérolas que seriam proveitosas para o público e que dariam honra a seus autores.

“Essa desgraça faz com que não exista exportação de nenhuma obra impressa aqui; porque imagine que minha obrazinha, já impressa e encadernada, gerasse o custo de, pelo menos, oito ou dez pesos; pois, mesmo se fosse uma obra de mérito, como faria eu para enviar à Espanha uma caixa com exemplares dela, frente ao fato de que, se aqui já é dispendiosa, lá seria excessivamente cara? Porque, se à despesa de dez pesos somam-se dois ou três fretes, os direitos e a comissão, o livro, então, deveria custar mais de treze pesos. Para ganhar alguma coisa nesse negócio, seria necessário vender os exemplares a quinze ou dezesseis pesos, e, depois, quem a compraria lá?

²²⁴ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cuarto* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 91). O termo é utilizado na formatação de livros. Assim, Grau (2013, nossa tradução) comenta: “Ainda que entre livreiros tenha-se tornado irreversivelmente corriqueiro medir o formato [...] em centímetros, ainda é normal achar muitas bibliografias, catálogos e publicações especializadas a denominação dos formatos baseados no antigo papel de cuba, que era feito à mão, em moldes ou formas, e cujo tamanho era geralmente 32 x 44 cm. Desse modo, dependendo do número de vezes que a folha era dobrada para formar um folheto, ela correspondia a determinado formato, que, por outro lado, tinha a ver com o assunto do livro. Assim, livros de referência, destinados à leitura ou consulta em uma carteira, foram impressos em formato grande (fólio), enquanto para obras literárias, tratados, obras controversas e edições dos clássicos gregos e latinos utilizava-se o quarto e o oitavo, porque eram de fácil manuseio. Em 1797, Nicolas-Louis Robert inventou, na França, em colaboração com Saint-Léger Didot, a máquina de fabricação de papel contínuo ou bobina, que proporcionava uma grande diversidade de tamanhos, de modo que foi impossível manter as antigas denominações dos formatos baseados em papel de cuba. Isso, em relação à definição de formatos de livros, complicou as coisas. De fato, se até o momento, de acordo com cada país, e inclusive o autor que tratava do assunto, já se apresentavam ambiguidades na hora de especificar, por exemplo, quantos centímetros correspondiam ao formato oitavo (na Alemanha é até 25 cm, na Itália, entre 20 e 28 cm, no Reino Unido, 23 cm, na Espanha, 16 cm), a partir da máquina contínua, caiu-se na mais absoluta oscilação para as denominações e medidas” (Nossa tradução). Para mais informações, visitar: <https://megustalapapeleria.com/2013/06/03/el-formato-de-los-libros/>. Acesso em: 19 jan. 2021. Na língua portuguesa, utiliza-se a frase: *in quarto*. Para mais informações, visitar: <http://tipografos.net/glossario/formatos.html>. Acesso em: 08 mai. 2021.

(p. 91) – Valha-me Deus! – exclamou meu amigo.

– Isso é verdade; mas é isso mesmo o que te deveria dissuadir de solicitar um mecenas. Quem quieria arriscar seu dinheiro para que possas imprimir tua obrzinha? Faça-me o favor, guarde-a ou a queimes, e nem penses em encontrar essa proteção, porque podes perder o juízo. Já me parece até que te vejo gastando o dinheiro que não tens a fim de que organizem as anotações de teus cadernos; que tu já estudas fazer a dedicatória ao conde H, porque acreditas que porque ele é conde e é rico, é liberal, que gasta quatro mil pesos numa carruagem, quinhentos num cavalo, mil num baile, o quanto ele quiser num jogo, crês que ele, indulgente, admitirá tua homenagem, que te dará as graças, que te oferecerá sua proteção, que te facilitará a impressão, ou que te obsequiará com, pelo menos, uma boa gorjeta²²⁵, como tu dizes.

“Ao confiar nisso, tu vais para casa, localizas seus parentes, investigas sua origem, (p. 92) procuras no dicionário Moreri²²⁶ alguma grande linhagem que faça referência a seu sobrenome, aí tu o encaixas nessa linguagem à força, fabricas mil testemunhas para seus pais, fazes com que ele seja descendente dos godos e lhe fazes pensar que é de sangue real e parente muito próximo dos *Sigericos*²²⁷, *Turismundos*²²⁸, *Teudiselos*²²⁹ e *Atanagildos*²³⁰; embora ele nem os conheça, nem ninguém se dará ao trabalho de verificar nada disso.

²²⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *galita* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 91), a qual representa um mexicanismo: Gala. “f. Americanismo. Presente dado em moedas de pequeno valor para uma pessoa por ter se sobressaído em alguma habilidade” (Nossa tradução). Mais informações estão disponíveis na página: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/vocabulario-de-mexicanismos-comprobado-con-ejemplos-y-comparado-con-los-de-otros-paises-hispanoamericanos--0/html/03b9b7a8-f6cc-4cca-9e5d-1358d09b2197_9.html. Acesso em: 02 abr. 2020.

²²⁶ **Nota da Tradutora: Na edição de 2008, informa-se que Luis Moreri (1643-1680) foi um polígrafo francês de extensa obra, sendo a que lhe deu maior fama o *Grand dictionnaire historique o Mélange curieux de l’histoire sacrée et profane* – [Nossa tradução: Grande dicionário histórico ou Coleção de curiosidades da história sagrada e profana] – (Lyon, 1674). Nela, pode ser pesquisada uma relação genealógica das famílias ilustres e das ordens religiosas e militares da Espanha e Portugal. Publicado na Espanha no ano de 1752, com dez volumes.

²²⁷ **Nota da Tradutora: Sigerico foi um rei visigótico, cujo poder durou sete dias, no ano de 415 d.C., devido a seus seguidores terem se rebelado por sua crueldade. Mais informações em: <http://dbe.rah.es/biografias/8228/sigerico>. Acesso em: 05 dez. 2020.

²²⁸ **Nota da Tradutora: Turismundo, filho de Teodorico I, sucede ao trono depois da morte do pai na batalha dos campos Cataláunicos, no ano de 451 d.C. Mais informações em: <http://dbe.rah.es/biografias/4200/turismundo>. Acesso em: 05 dez. 2020.

²²⁹ **Nota da Tradutora: Teudiselo foi rei visigótico entre os anos 548 e 549 d.C. Mais informações em: <http://dbe.rah.es/biografias/8659/teudiselo>. Acesso em: 05 dez. 2020.

²³⁰ **Nota da Tradutora: Atanagildo foi rei visigótico entre 555 e 567 d.C. Mais informações em: <http://dbe.rah.es/biografias/7029/atanagildo>. Acesso em: 05 dez. 2020. Ruiz Barrionuevo (2008) comenta, por outro lado, que Fernández de Lizardi destaca, ao mencionar os reis godos, com ironia, a

(p. 92) “Por fim, para te dizer de uma vez por todas e de forma bem clara, tu trabalhas o quanto podes para fazer *bajulações*²³¹ de primeira classe; e, já concluída a dedicatória, tu vais, muito sério, e a depositas a seus pés. Então, esse *señor*, diante daquele alqueire de papel escrito, para não ter que lê-lo, se assim o ordenassem que fizesse, daria qualquer dinheiro, punha-se a rir de tua ingenuidade. Caso ele esteja de mau humor, ou não permitirá que o vejas ou fará com que sejas expulso assim que souber de tuas intenções.

“Mas se ele estiver bem, vai lhe agradecer e dirá que faças o que bem entenderes com a dedicatória, mas que os insurgentes... que as guerras e as atuais circunstâncias críticas não lhe permitem ajudar-te em nada por enquanto. Daí, tu saís de lá todo desolado; mas não desesperado. Logo, acometes, com as mesmas diligências, o marquês de K, e o mesmo volta a acontecer contigo. Aí, recorres ao rico G, e tudo dá no mesmo. Procuras o cônego T, idem. Até que te cansas de andar (p. 93) pelo alfabeto inteiro e de trabalhar de maneira inútil em mil dedicatórias, e então ficas entediado e te desesperas, e levas teu desafortunado trabalho para uma vendinha qualquer. Isso é cisma, meu caro. Nós, os pobres, não devemos ser escritores, nem devemos empreender qualquer tarefa que custe dinheiro.

Cabisbaixo ouvi, com muita tristeza e perplexidade, o que disse meu amigo. Logo depois de ele ter me dito o que tinha de dizer, eu, arrancando um suspiro do fundo de meu peito, disse-lhe:

– Ah, irmão de minha alma! Tu me fizeste acordar do delírio, mas, ao mesmo tempo, causas-me um grande desgosto. Sim, abriste meus olhos ao me jogar na cara uma porção de verdades que, infelizmente, são incontestáveis. E, o que é pior, tudo isso termina, de fato, na perda de meu trabalho; pois, ainda que seja eu limitado, e que de minhas tarefas não se possa esperar nada sublime, contudo, muito humilde e trivial, peço-te que acredites que essa obrzinha me deu algum trabalho, ainda mais sendo eu pouco habilidoso e tendo trabalhado sem ferramenta.

questão da nobreza de sangue, com expressões ligadas ao mecenato e às dedicatórias das obras literárias. Ele optará, de forma característica, como já o havia feito Cervantes, por dedicar a obra aos leitores, “porque eles custeiam a impressão”.

²³¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *para hacerle una barba* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 92). De acordo com o DRAE (2020), a locução verbal coloquial “*hacer la barba*”, na segunda acepção, significa: “bajular, conceder favores com propósitos calculistas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/barba?m=form>. Acesso em: 05 dez. 2020.

(p. 93) – Isso dizes pela falta de livros.

– Por isso mesmo que o digo, e verás que isso multiplicou meus esforços; e que isso me causa uma dor grande, já que, depois de não dormir, de andar procurando um livro emprestado aqui e acolá; de ter que consultar isso, indagar sobre aquilo, de escrever, de ter que apagar alguma coisa etc., quando tudo o que eu esperava era remediar, de alguma forma, minhas misérias com essa obrzinha, ver que ela ficará no prelo por falta de patrocínio... Aos diabos com tudo isso! Seria melhor ter recebido trinta purgas e vinte lavagens...

– Cala-te! – disse meu amigo. – Vou lhe propor uns mecenas que, com certeza, custearão a impressão.

– Ai, homem! Quem são eles? – disse-lhe eu, muito satisfeito.

– Os leitores – respondeu meu amigo. – Então, com mais justiça ainda, a quem tu deves dedicar tuas tarefas, se não a quem as lê à custa de seu dinheiro, pois eles são quem pagam a impressão e, pelo mesmo, são teus mecenas mais seguros? Assim sendo, anima-te, não sejas bobo, dedica a eles teu trabalho e sairás dessa preocupação.

Agradei a meu amigo. Ele foi embora. Aceitei sua sugestão e me propus, desde aquele momento, a vos dedicar, *señores* leitores, a *Vida* do dito *Periquitinho Sarnento*, como agora o faço.

(p. 94) No entanto, à moda das dedicatórias e a modo de agradecimento ou lisonja, devo dedicar-vos os mais dignos elogios, garantindo, com isso, que minha obra não ofereça ofensa a vossa modéstia.

E, ao entrarmos no amplo campo de vossos feitos²³² e virtudes, o que direi de vosso ilustríssimo berço, se não que é o mais antigo e cheio de felicidades já desde sua origem, uma vez que vós descendeis, nem mais nem menos, que do primeiro Monarca do universo? O que direi sobre vossas gloriosas façanhas, além de que são elas imponderáveis e inconcebíveis?

²³² *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *timbre* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 94). De acordo com o *DRAE* (2020), na sétima acepção: “Ação gloriosa e qualidade pessoal que eleva e enobrece” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/timbre?m=form>. Acesso em: 06 dez. 2018. No dicionário *Aulete Digital*, para *timbre*, na terceira acepção, verificamos: “Insígnia aposta a um escudo de armas para indicar a nobreza de seu proprietário”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/timbre>. Acesso em: 06 dez. 2018.

(p. 94) O que de vossos títulos e alcunhas direi, ademais de que vós sois e podeis ser invocados não somente por tu ou por vós, mas por Vossas Excelências, ilustríssimos, reverendíssimos, excelentíssimos, e sei lá pelo que mais além de seus eminentíssimos, sereníssimos, altezas e majestades? Em virtude disso, quem está à altura para ponderar vossa grandeza e dignidade? Quem elogiará dignamente vossos méritos? Quem poderá fazer, pelo menos, um esboço de vossa virtude e vossa ciência? Por último, será que existe quem possa enumerar os rotundos sobrenomes de vossas ilustres casas, as águias, os tigres, leões, cachorros e gatos que ocupam os quarteis de vossos brasões?

Muito bem sei eu que descendeis de um ingrato e que vós tendes relações de parentesco com Cains fraticidas, com os Nabucos idólatras, com as Dalilas prostitutas, com os Baltasares sacrílegos, com os Canaanitas²³³ malditos, com os Judas traidores, com os Sinones²³⁴ pérfidos, com os Cacos²³⁵ ladrões, com os Arianos²³⁶ hereges, e com uma multidão de pícaros e pícaras que viveram, e ainda vivem, no mesmo mundo que vós.

Eu bem sei que sois, alguns, porventura, plebeus, índios, mulatos, negros, viciosos, tolos e insensatos. No entanto, não me cabe lembrar-vos de nada disso

²³³ *Nota da Tradutora: Tanto Frye (2004, p. 6) quanto Foster (2013, p. 229) [*In*: Foster, David William. *Literatura Hispanoamericana: una antología* – [Nossa tradução: *Literatura Hispano-americana: uma antologia*] – New York: Routledge, 2013] comentam que o trecho todo menciona personagens ou bíblicos ou gregos, personagens conhecidas na cultura ocidental por serem “malditos”. Enquanto na edição de 2008 é empregado *Canes*, Frye traduz como *Hams*. É por meio dessa correspondência em inglês que chegamos ao termo Cam, Cã ou Cão, nome do filho de Noé, de quem descendem as tribos canaanitas. O nome hebraico seria *Ham*, que significa quente ou queimado, em alusão à cor da pele. A partir da menção dessa personagem bíblica, foi construída a tese teológica que respaldava a escravidão. Para mais informações, visitar: https://archive.org/details/literaturahispan0000unse_v1o6/page/228/mode/2up. Acesso: 20 jul. 2023.

²³⁴ *Nota da Tradutora: Na *Ilíada*, de Homero, a personagem Sinon é o primo de Odisseu, que se deixa capturar e induz os troianos a levarem o gigante cavalo de madeira para dentro da cidade, o “Cavalo de Troia”. Aqui, a personagem é mencionada, entendemos, por seu sentido de astucioso, enganador. O presente do grego.

²³⁵ *Nota da Tradutora: De *Kakós* e *Cacus*, o gigante, filho de Hefesto, deus do fogo. Na *Eneida*, de Virgílio, ele rouba parte do gado de Hércules, enquanto este cochilava, fazendo os bois caminharem para trás e pisar nas próprias pegadas. Mais informações em: <https://www.muyhistoria.es/h-antigua/preguntas-respuestas/por-que-se-llama-caco-y-chorizo-a-un-ladron-261496391592>. Acesso em: 05 abr. 2020.

²³⁶ **Nota da Tradutora: Aqui, trata-se da figura histórica de “Arius”, teólogo grego, sacerdote católico que nasceu no ano de 250 e faleceu entre 256 e 336 D.C. Considerado um herege por pregar que Jesus não era Deus (negação da consubstanciação, ou seja, Jesus e Deus Pai não seriam a mesma pessoa). A partir dele, nasce o “arianismo”. São considerados herdeiros dessa filosofia a comunidade de Testemunhas de Jeová e o Islamismo. As informações foram retiradas de: <https://www.infoescola.com/religiao/arianismo/> e <https://catholicherald.co.uk/heretic-of-the-week/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

quando (p. 94) busco captar vossa benevolência e afeição à obra que vos dedico; nem procuro separar-me, um centímetro sequer, do caminho já trilhado por meus mestres, os *dedicadores*, aos que vejo desconsiderando os vícios e os defeitos de seus mecenas, e (p. 95) que se lembram apenas de suas virtudes e de seus brilhos para, assim, repeti-los e exagerá-los.

Isso é, oh leitores sereníssimos, o que eu faço ao vos dedicar esta obrzinha, a qual vos ofereço como homenagem devido a vossos *reais*²³⁷... méritos. Dignai-vos, pois, e a acolhei favoravelmente, e cada um de vós trate de comprar seis ou sete capítulos cada dia²³⁸, e de fazer vossa subscrição de, pelo menos, cinco ou seis exemplares, mesmo que depois vós os deis para Barrabás, por ter empregado vosso dinheiro em algo tão frio e enfadonho. Mesmo que me critiqueis de cima abaixo, e que façais cornetos²³⁹ ou guardanapos com os livros cuja impressão custeastes com algumas pitadas extras, eu jamais me arrependerei de ter seguido o conselho de meu amigo. Antes, e a partir de agora, eu vos escolho e elejo como os únicos mecenas e protetores de quantos textos de mau gosto eu vier a escrever. Encho-vos de louvores, como agora, e, ao mesmo tempo, peço a Deus que vos guarde por muitos anos, que vos dê dinheiro e vos permita empregar esse montante em benefício dos autores, impressores, comerciantes, encadernadores e outros dependentes de vosso gosto.

*Señores... etc. Vosso etc. O Pensador*²⁴⁰.

²³⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *reales* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 95). Frye (2004, p. 6) traduz o vocábulo para “*money*”, pois interpreta, no discurso do narrador, que a dedicatória vai para o “dinheiro” que o leitor investe na compra da obra. Nós concordamos com esse entendimento e acreditamos que o narrador deseja colocar o significado duplo: dinheiro/realidade.

²³⁸ Nota do Autor: “Na primeira edição a obra era vendida por capítulos separados” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 95, nota de rodapé a) (Nossa tradução). **Nota da Tradutora: Frye (2004, p. 6, nota 5), por outro lado, informa, ademais, que o romance de Fernández de Lizardi publicava-se duas vezes por semana.

²³⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cartuchos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 95). De acordo com as quatro primeiras entradas no dicionário *Aulete Digital*: “(car.tu.cho). sm. 1. Invólucro de papel ou cartão; 2. Pequena embalagem comprida, cônica ou cilíndrica: cartucho de amendoim; [...] 4. Anat. Corneto”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/cartucho>. Acesso em: 15 abr. 2020.

²⁴⁰ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) menciona que a segunda edição apresentava, em seguida, uma dedicatória para Guadalupe Vitória, então presidente do México.

(p. 95) O PRÓLOGO DO *PERIQUITINHO SARNENTO*

Quando eu escrevo sobre minha vida, faço-o somente com a sadia intenção de instruir meus filhos em relação aos assuntos sobre os quais eu lhes falo.

Eu não quisera que esses cadernos saíssem de suas mãos. E, desse modo, deixo-os a seus cuidados. Contudo, como não sei se serei obedecido nessa questão, nem se será seu desejo emprestá-los para uns e para outros, vejo-me obrigado (para que ninguém fique roendo meus ossos podres, (p. 96) nem levante falso testemunho contra mim) a fazer eu mesmo, e sem confiar em mais ninguém, uma espécie de *prólogo*. Isso porque os prólogos são tapa-bocas para os insensatos e maldosos, e, ao mesmo tempo, são, como disse alguém de quem não me lembro, uns remédios antecipados dos livros. Em virtude disso, eu lhes digo que esta obrzinha não é para os sábios, porque esses não necessitam de minhas pobres lições; mas, sim, que ela pode ser útil para alguns rapazes que carecem, talvez, de melhores obras de onde aprender. Ou, também, para alguns jovens que sejam amigos da leitura de pequenos romances e de comédias, e, como essas podem fazer-lhes falta ou não as ter à mão algum dia, não deixarão de se entreter e de passar o tempo com a leitura de minha desordeira vida.

Nessa leitura, apresento a meus filhos muitas das dificuldades pelas quais a juventude estraçalha-se quando não sabe governar-se ou quando despreza os avisos dos pilotos mais experientes.

Se eu deixo registrados meus vícios, não é para me lisonjear de tê-los contraído, mas para lhes ensinar algo, para que fujam deles. Quando retrato a deformidade desses atos e, do mesmo modo, quando me refiro a eles como boas ações que pratiquei, não é para obter seus aplausos, mas para que se apaixonem pela virtude.

Pelas mesmas razões, exponho-lhes, e lhes deixo para considerações, vícios e virtudes de diferentes pessoas com as quais tenho tratado. Devem convencer-se, pois, de que quase todas as passagens às quais me refiro são verdadeiras e nada têm de dissimulação ou fingimento a não ser os nomes, que procurei disfarçar por respeito às famílias que ainda hoje vivem.

Contudo, que não se julgue, por isso, alguém que eu aqui retrate, e se faça de conta, em boa hora, que não aconteceu nada daquilo que digo e que tudo isso não

passa (p. 96) de ficção de minha fantasia. De boa vontade perdoarei aos que duvidarem de minha verdade, com a condição de que eu não seja caluniado por satírico mordaz. Se em minha obrzinha encontra-se alguma sátira picante, não é minha intenção destratar, por meio dela, mais do que o vício, ao deixar imunes as pessoas, segundo o amigo Marcial:

*Nossos livrinhos sabem manter esta regra,
Poupar as pessoas, falar sobre os vícios*²⁴¹

(p. 97) Assim, pois, não há por que pensar que, quando me refiro a algum vício, esteja eu descrevendo a alguma pessoa, nem mesmo em pensamento. Isso porque o único pensamento que tenho é o de que a pessoa que tenha o dito vício deteste-o, seja ele qual for. Até aqui, nada vejo nessa prática e nesse desejo que lhes seja repreensível. Menos ainda pelo fato de que não escrevo para todos, mas somente para meus filhos, que são os que mais me interessam e a quem tenho a obrigação de ensinar.

Entretanto, ainda que todo o mundo leia minha obra, ninguém precisa vestir a carapuça ao ver retratado nela o vício que comete, nem atribuir, então, a minha malícia aquilo que, na verdade, é perversidade sua.

Esse modo de criticar, ou, melhor dizendo, de murmurar sobre os autores, é já muito antigo e sempre foi exercitado pelos maus sujeitos. O padre São Jerônimo²⁴² queixava-se desse costume pelas imposições de Onaso Segesgano²⁴³, a quem lhe

²⁴¹ **Nota da Tradutora: Lê-se, *Hunc servare modum nostri novere libelli: Parcere personis dicere de vitiis*. De acordo com a tradução na dissertação de Leite (2019, p. 29): “Nossos livrinhos sabem manter esta regra, poupar as pessoas, falar sobre os vícios”. Trata-se dos versos 9-10 do epigrama 10.33 de Marcus Valerius Martialis (38-41 AD – 101-102 AD), epigramatista romano nascido na Hispania. Para mais informações, visitar: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-16072019-184607/publico/2019_DiogoMoraesLeite_VCorr.pdf. Acesso em: 21 jan. 2021.

²⁴² **Nota da Tradutora: São Jerônimo (342-420 d. C.), a pedido do papa Dâmaso I, traduz o Velho Testamento dos textos em hebreu e aramaico e não da tradução grega, ou Septuaginta. Ruiz Barrionuevo (2008) afirma que sua versão, conhecida como “Vulgata”, encontrou, ao início, grande oposição, mas foi proclamada, no Concílio de Trento, como texto canônico da igreja católica.

²⁴³ **Nota da Tradutora: De acordo com Soto (2014), Onaso Segesgano foi um dos detratores de São Jerônimo. Na época, ele costumava fazer críticas ao clero e seu modo de vida. São Jerônimo menciona Onaso no texto “40. A Marcela a propósito de Onaso, *Epistolario*”. Para mais informações, acessar: <http://www.iifilologicas.unam.mx/obralizardi/index.php?page=incitativa-del-padre-soto-a-el-pensador-mexicano> e <https://txemadas.com/2020/02/>. Acesso em: 07 abr. 2020.

(p. 97) disse certa vez: *Se eu comentar sobre quem tem o nariz podre e é fanho, por que logo reclamais e dizeis que eu disse isso para vos atingir?*²⁴⁴

Do mesmo modo, eu lhes digo: se, nesta minha obrzinha, menciono apenas os *maus* juízes, os *escrivães criminalistas*, os *advogados enrolões*, os *médicos inaplicados*, os *pais de família indolentes* etc. etc., por que, na mesma hora, pulariam em meu pescoço os juízes, *escrivães*, *letrados*, *médicos* e todos os demais, para me acusar de falar mal deles ou de suas faculdades? Isso seria uma injustiça e uma besteira, pois quem se queixa é porque a carapuça lhe serviu, e, nesse caso, melhor seria dar-se por desentendido do que se acusar, sem que exista quem lhe pergunte por sua debilidade.

Comecei a misturar, inicialmente, em minha pequena obra, algumas sentenças e versos latinos. Estes, contudo, expus já traduzidos a nossa língua e procurei economizar seu uso no restante de minha mencionada obra. Isso fiz porque perguntei sobre tal emprego (p. 98) para o *señor* Muratori²⁴⁵, que me disse que *as palavras em latim são tropeços nos livros* para quem não as entendem.

O método e o estilo que sigo em meu texto faz parte de minha natureza e é o que me custou menos trabalho, satisfeito de que a melhor eloquência é aquela que melhor persuade e a que se adapta mais naturalmente ao tipo de obra em que se trabalha²⁴⁶.

Não tenho dúvidas de que, devido a meu escasso talento, e também por ter escrito quase *ao correr da pena*²⁴⁷, a presente obrzinha abundará em mil defeitos, que darão material para o exercício da crítica menos escrupulosa. Se for assim, eu prometo ouvir os sábios com resignação, e lhes agradecerei por suas lições, apesar de meu amor próprio, já que não gostaria de oferecer alguma obra que não seja merecedora dos maiores louvores; embora esse desgosto torne-se doce quando se

²⁴⁴ Nota da Tradutora: O fragmento citado faz parte da epístola “40”, mencionada na nota 239. O fragmento encontra-se em itálico, de acordo com a edição de 2018.

²⁴⁵ **Nota da Tradutora: A edição de 2008 menciona que Ludovico Antonio Muratori (1672-1750) foi um historiador e arqueólogo italiano. Ele teria discorrido sobre a estética e a poesia, postulando a existência de uma regra para o gosto e a beleza universal, em sua obra *Della perfetta poesia italiana* (1706).

²⁴⁶ Nota da Tradutora: Na nota 13 (2018, p. 98), Ruiz Barrionuevo afirma que o estilo de Fernández de Lizardi advém de sua convicção didática e que, desse modo, a passagem seria muito significativa em si.

²⁴⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, *corrente cálam*. De acordo com o dicionário *on-line Priberam*: “ao correr da pena” é “escrever rapidamente sem curar do estilo”. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/corrente%20calamo>. Acesso em: 20 abr. 2020.

sabe que (p. 98) há poucas obras no orbe literário que careçam de máculas no meio de suas mais resplandecentes belezas. Até no astro mais luminoso que nos vivifica, os astrônomos encontram imperfeições.

Por fim, sinto-me reconfortado, e isso se deve, precisamente, ao fato de que meus escritos serão do agrado de meus filhos, para quem os fiz em primeiro lugar. Se aos demais não lhes tiverem aceitação, eu sentirei que a obra não corresponde a meus desejos. Desse modo, poderei dizer a cada um de meus leitores, e mostro em latim em seguida, o que Ovídio disse a seu amigo Pisón²⁴⁸: “Se meus escritos não merecem teus²⁴⁹ louvores, pelo menos eu quisera (p. 99) que deles fosses dignos. É dessa boa intenção que posso me orgulhar, e não de minha obra.”

*Quod si digna tua minus est mea pagina laude,
As voluisse sat est: animum non carmina jacto.*

²⁴⁸ **Nota da Tradutora: De acordo com a nota 14 (2008, p. 98), Ruiz Barrionuevo menciona que a citação não pertence a Ovídio e se trata dos versos 214-215 do “*Laus Pisonis*”, panegírico de autor desconhecido, provavelmente dedicado ao conjurado do mesmo nome do ano de 65 d.C. De acordo com a editora, essas citações foram atribuídas, sem fundamento, também a Virgílio e a Lucano.

²⁴⁹ Nota da Tradutora: O narrador utiliza a segunda pessoa tú: *Si mis escritos no merecen tu alabanza [...]*.

(p. 99)

ADVERTÊNCIAS GERAIS AOS LEITORES²⁵⁰

Estamos de acordo de que não é usual embelezar esta classe de obras romanescas com notas ou textos, pois nelas se devem apresentar mais ação do que moralismos estendidos, e, além disso, elas não são suscetíveis de uma erudição frequente; contudo, como a ideia de nosso autor não foi apenas a de contar sua vida, mas, também, a de instruir, ao máximo, seus filhos, daí que não sejam nela raras as divagações que lhe parecem oportunas ao discurso de sua obra; mesmo que (a meu ver), elas não sejam muito frequentes, desconexas ou mesmo enfadonhas.

Eu, coincidindo com seu modo de pensar e devido à amizade que lhe professei, tenho procurado ilustrar a obra com alguns pensamentos que, parece-me, confluem na mesma intenção. Ao mesmo tempo, para poupar os leitores menos instruídos dos tropeços no latim, como ele bem nos lembrou, deixo a tradução ao português²⁵¹ em seu lugar, e, às vezes, deixo o texto original nas notas de rodapé; outras, apenas as citações, e às vezes, faço, ainda, omissões completas. Assim, o leitor do romance não precisa interromper a sequência da leitura, e o leitor latino até, talvez, sinta-se regozijado ao ler o mesmo em sua língua original.

Periquitinho, no entanto, na economia que oferece, não deixa de corroborar suas opiniões com a doutrina dos poetas e filósofos pagãos.

No exercício dos poderes que ele me concedeu para corrigir, tirar ou acrescentar aquilo que eu bem entendesse em sua obrzinha, eu poderia ter suprimido todos os textos e ditas autoridades; mas, enquanto duvidava sobre o que deveria ser feito, li um parágrafo do sábio Jamin²⁵² que veio complementar meu propósito, e ele disse assim: “Tirei minhas reflexões dos filósofos profanos, sem

²⁵⁰ Nota da Tradutora: O texto da seção encontra-se em itálico, de acordo com a edição de 2018, e, conforme anunciamos, nós, nesta tradução à língua portuguesa, reproduzimos essa forma.

²⁵¹ Nota da Tradutora: No texto original, essa ação se refere “*al castellano*” – [Nossa tradução: ao castelhano].

²⁵² **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo, na nota 15 (2008, p. 100), informa ao leitor que Nicolás Jamin (1732-1782) foi um escritor ascético francês, beneditino da congregação de São Mauro. Fernández de Lizardi aqui cita um fragmento do prólogo de sua obra mais famosa de 1775, p. XXII, *Le fruit de mes lectures ou Pensées extraites des Anciens Profanes*, relatives aus différents Ordres de la Société, accompagnées de quelques réflexions de l’auteur – [Nossa tradução: *O fruto de minhas leituras ou Pensamentos extraídos dos antigos profanos*, relativos às diferentes ordens da sociedade, junto com algumas reflexões do autor], Paris, Jean-François Bastien Libraire 1775.

omitir também o testemunho dos poetas, persuadido de que o testemunho destes, embora (p. 99) geralmente voluptuosos, estabeleceu a severidade dos costumes de forma mais imperiosa e triunfante do que o dos filósofos, dos quais há (p. 100) razões para suspeitar de que foi só a vaidade que os moveu a estabelecer a austeridade de suas máximas no seio de uma religião supersticiosa que, ao mesmo tempo, também lisonjeava todas as paixões. Efetivamente, quando se ouve de um escritor voluptuoso elogios sobre a pureza dos costumes, o que ficará evidente será, unicamente, que a força da verdade pode arrancar de sua boca tão brilhante testemunha.”

Até aqui chega o célebre autor mencionado, no parágrafo XX do prefácio de seu livro intitulado O fruto de minhas leituras. Agora eu vos digo: se um jovem voluptuoso, ou um velho casca grossa pelos vícios, visse tais repreensões e as virtudes contrárias sendo elogiadas, não na boca dos anacoretas e padres eremitas, mas na dos homens sem religião perfeita, sem virtude sólida e sem a luz do Evangelho, não deveria ele formar um conceito muito vantajoso das virtudes morais? Não é de se crer que ele sinta vergonha de ver seus vícios repreendidos e ridicularizados, não pelos Paulos, Crisóstomos, Agostinhos, nem pelos outros padres ou doutores da Igreja, mas pelos Horácios, Juvenais, Sênecas, Plutarcos e outros cegos similares do paganismo? E não deveria o amor à boa moral, ou o horror ao vício produzido pelo testemunho dos autores gentis, ser de louvável interesse, tanto para os leitores quanto para a própria sociedade? Parece-me, pelo menos a mim, que assim seja, e, portanto, não quis omitir aqui as autoridades das quais estamos falando.

(p. 101)

**VIDA E PERIPÉCIAS
DO PERIQUITINHO SARNENTO,
ESCRITA POR ELE
PARA SEUS FILHOS**

(p. 102 em branco, p. 103) **Capítulo I**

Para dar início, Periquinho expõe o motivo pelo qual deixa estes cadernos para os filhos. Relata sobre seus pais, sua pátria, seu nascimento e demais acontecimentos ocorridos em sua infância

Prostrado na cama, já há muitos meses, batalhando contra médicos e doenças e aguardando com resignação o dia no qual, para cumprir a lei da Divina Providência, devam fechar-se meus olhos, meus queridos filhos, pensei em deixar-vos escritos os nada incomuns eventos de minha vida, para que saibais guardar-vos e vos precaver de muitos dos perigos que ameaçam e, ainda, lastimam o homem ao longo de seus dias.

Meu desejo é que, com essa leitura, aprendais a descartar muitos erros que notareis que foram cometidos por mim e por outros, e que, prevenidos por meus ensinamentos, não fiquéis expostos a sofrer os maus tratos que eu sofri por minha própria culpa, satisfeitos em saber que é melhor se aproveitar dos desenganos nas cabeças dos outros que na própria.

Suplico-vos, encarecidamente, que não fiquéis escandalizados com os extravios de minha mocidade. Eu vos contarei, sem nada encobrir e em detalhes, as estripulias, pois meu desejo é de vos instruir e vos afastar dos empecilhos contra os quais muitas vezes se estraçalhou minha juventude²⁵³ e a cujos mesmos perigos ficais expostos.

Não deveis presumir que a leitura de minha vida será para vós desmedidamente enfadonha. Sei muito bem que a variedade deleita o entendimento; por isso, procurarei evitar aquela monotonia ou similaridade de estilos que, com frequência, entedia os leitores. Assim, perceberéis que, em alguns momentos, sou grave e sentencioso como (p. 104) um Catão, e em outros, tão trivial e fanfarrão como um Bertoldo²⁵⁴.

²⁵³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *se estrelló mi juventud* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 103). De acordo com López y López (1931, p. 465), a expressão *estrellarse la juventud* significa corromper-se, malograr-se. Retirado de: LÓPEZ Y LÓPEZ. *Modismos y refranes del “Periquillo Sarniento”*. Disponível nas referências.

²⁵⁴ **Nota da Tradutora: Na nota 16 (2008, p. 104), Ruiz Barrionuevo comenta que, aqui, o autor contrapõe as personalidades de Marcio Porcio Catón (234-194 a. C.), orador romano, conhecido por sua severidade e moralismo, em contraposição a Bertoldo, personagem de um relato popular italiano,

p. 104 Já lereis em meus discursos retalhos de erudição e rasgos de eloquência, e já vereis, com frequência, um estilo popular misturado com os refrões e as basbaquices²⁵⁵ do vulgo.

Igualmente, prometo-vos que tudo isso será feito sem afetação nem pedantismo, mas de acordo com o que me venha à memória, de onde passará ao papel, cujo método parece-me ser o mais análogo a nossa veleidade natural.

Por último, eu vos envio e rogo que estes cadernos não saiam de vossas mãos, para que não venham a virar objeto de maledicência dos tolos ou dos imorais. Mas, se tendeis a debilidade de emprestá-los alguma vez, eu vos suplico que não o façais a essa classe de *señores*, nem às velhas hipócritas, nem aos curas²⁵⁶ interesseiros que bem sabem negociar com seus paroquianos vivos e mortos, nem aos médicos e advogados inabilidosos, nem aos escrivães, agentes, relatores e procuradores ladrões, nem aos comerciantes usureiros, nem aos testamenteiros que se passam por herdeiros, nem aos pais e mães indolentes na educação de sua família, nem às beatas insensatas e supersticiosas, nem aos juízes vendidos, nem aos agentes da justiça pícaros, nem aos prefeitos tiranos, nem aos poetas e escritores pobretões como eu, nem aos oficiais de guerra e soldados fanfarrões e vangloriosos, nem aos ricos avaros, néscios, soberbos e tiranos com os homens, nem aos pobres que assim o são por preguiça, inutilidade ou p. 105 má conduta, nem aos mendigos fingidores;

presente nos poemas heroico-humorísticos do século XVIII. As aventuras de Bertoldo, Bertoldino e Cacaseno já eram conhecidas no século anterior como parte da prosa bufonesca de Giulio Cesare Croce (1550-1609), da Bolonha.

²⁵⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *paparruchadas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 104). Segundo o *DRAE* (2008): notícia falsa e desatinada de um sucesso, espalhado entre o vulgo. O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 801) inclui o mexicanismo *fruslería* [bugiganga, quinquilharia], bagatela, e acrescenta: Diz-se, em geral, de qualquer coisa insubstancial e *huera* desatinada [bafienta, sem sentido]. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/800/mode/2up?q=paparruchada>. Acesso em: 20 jul. 2023.

²⁵⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *curas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 104). Doris (2018, p. 92) comenta que “o item lexical *cura* pode ser compreendido, nas obras consultadas, como aquele religioso encarregado do cuidado, da instrução e da cura espiritual dos fiéis de uma determinada comunidade. Essa ideia é presente quando analisamos os itens lexicais afins”. O mesmo sentido consta do *DRAE* (2017) em sua primeira acepção, além de acrescentar, na segunda, que se trata de um termo coloquial exclusivo para sacerdotes católicos. De acordo com a Academia Mexicana de la lengua (2022), o *cura* tem uma hierarquia menor à do pároco. Para mais informações, visitar: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/download/13709/1125611727>, <https://dle.rae.es/cura?m=form> e <https://academia.org.mx/consultas/consultas-frecuentes/item/cura-y-parroco>. Acesso em: 21 maio 2023.

também (p. 105) não emprestai os cadernos às prostitutas, nem às moças fugitivas, nem às velhas que se adornam, nem..., essa lista já está longa, não é mesmo?

Basta, então, que vos diga para não os emprestar, nem por um minuto, a qualquer um dos sujeitos que possam ter suas consciências afetadas²⁵⁷ ao longo da leitura por aquilo que deixo dito em meu prólogo. Esses, no momento em que constatem suas interioridades retratadas por minha pluma e, no instante em que leiam alguma opinião nova para eles ou que não esteja em conformidade com suas perdas ou depravadas ideias, naquele mesmo instante serei, por eles, qualificado como um néscio. Farão eles, então, escândalo de meus discursos, e, ainda, talvez, pretendam afirmar que eu seja um herege, e, daí, tentarão me denunciar, mesmo que eu já tenha virado pó. Tamanha é, pois, a força da maledicência, da preocupação ou da ignorância!

Portanto, lede meus cadernos para vós, a sós, ou no caso de os emprestar, que seja unicamente para os verdadeiros homens de bem, pois esses, mesmo que, pela fragilidade, possam errar ou já tenham errado, conhecerão o peso da verdade, sem que se sintam agravados. Esses verificarão que não falo de ninguém em específico, mas, de modo geral, daqueles que transpassaram os limites da justiça. Mas aos primeiros (se finalmente chegarem a ler minha obra) – quando ficarem incomodados ou façam burlas sobre ela –, podereis indagar com satisfação, para que sejam advertidos: Por que ficais enraivecidos? Do que zombais se, com nome diferente, fala de vós a vida deste homem desregrado²⁵⁸?

Meus filhos, depois de minha morte, lereis, pela primeira vez, estes meus escritos. Dirigi, então, vossos votos por mim ao trono das misericórdias, aprendei de minhas loucuras, não os deixeis seduzir pelas falsidades dos homens, aprendei as máximas que vos ensino, lembrando-vos de que eu as aprendi a custas de doloridas

²⁵⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *les tocan las generales* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 105). De acordo com López y López (1931, p. 476), a expressão contém o sentido de “ser sensível àquilo que foi dito”.

²⁵⁸ Nota do Autor: “... *Quid rides? / mutato nomine de te fabella narratur*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 105, nota de rodapé a). Nota da Tradutora: A edição de 2008 indica que essa frase em latim integra a *Sátiras I*, de Horácio. A tradução dessa frase, achada na internet, expressa: “[...] do que ris? Mudado um nome, a história fala de você, [...] [significando] que seu leitor/ouvinte não se exclui de todo do discurso invectivo na qualidade de alvo” (Carmo, 2014, p. 96, nota de rodapé 110) (Nossa tradução). Para mais informações sobre a tradução de Carmo (2014), visitar: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3277/1/tese_7422_Rafael%20Cavalcanti%20do%20Carmo.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

experiências, (p. 105) jamais louveis minha obra, pois nela se há almejado o desejo de que seja por vós aproveitada e, embebidos nessas considerações, começai a ler.

p. 106 MINHA PÁTRIA, PAIS, NASCENÇA
E PRIMEIRA EDUCAÇÃO

Nasci no México, capital da América Setentrional na Nova Espanha. Quaisquer elogios, vindos de minha boca, não seriam o suficiente para dedicá-los a minha querida pátria, mas, por ser dessa forma, quaisquer deles seriam bastante suspeitos. Aqueles que a habitam, e os estrangeiros que a viram, podem fazer panegíricos mais credíveis, pois a eles não se apresenta o obstáculo da parcialidade, cuja lente de aumento pode, às vezes, disfarçar os defeitos ou pôr em grande evidência as vantagens da pátria, mesmo para seus naturais, e, assim, deixando minha descrição do México para os curiosos imparciais, digo: eu nasci nessa rica e populosa cidade pelos anos de 1775²⁵⁹, de pais não abastados, tampouco, constituídos na miséria, mas, ao mesmo tempo, eram eles de sangue limpo – do que se orgulhavam – e exibiam essa virtude para todos²⁶⁰. Oh, se os filhos seguissem, constantemente, os bons exemplos dos pais!

Logo que nasci, após as lavadas e demais diligências daquela hora, minhas tias, minhas avós e outras velhas antiquadas queriam atar-me as mãos e deixar-me enfaixado ou enrolado como um foguete, alegando que, se as deixavam soltas, eu ia ficar propenso a me assustar e, ao crescer, a ser larápio²⁶¹. Por último – como razão

²⁵⁹ **Nota da Tradutora: Na nota 20 (2008, p. 106), Ruiz Barrionuevo comenta que todas as quatro primeiras edições planejaram a data de nascimento do Periquinho para imprimir maior proximidade e verossimilhança ao relato. A primeira edição utiliza 1755, a segunda e a terceira, 1775, e a quarta assume o período entre 1771 e 1773.

²⁶⁰ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*nací [...] de unos padres no opulentos [...] al mismo tempo que eran de una limpia sangre, la hacían lucir y conocer por su virtud*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p.106). Segundo López y López (1931, p. 473), a expressão *limpia sangre* significa: “*de honrados ascendientes*” – [Nossa tradução: de ascendências honradas]. Ponderamos, portanto, que essa seja uma referência aos acontecimentos pós-reconquista espanhola da Península Ibérica. A limpeza de sangue estava relacionada a ser cristão sem parentesco de origem moura ou judia.

²⁶¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *manilargo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 106). A edição de 2008 aponta para o significado utilizado pelo editor da quarta edição: “*atrevido; dispuesto a dar golpes por motivos ligeros*” – [Nossa tradução: atrevido; com disposição para bater em alguém por motivos ligeiros]. No entanto, o DRAE (2021) apresenta, para *manilargo* ou *largo/ga de manos*: “*atrevido que ofende com as mãos; predisposto para o furto ou roubo*” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/mano#MJiVpGa>. Acesso em: 25 mar. 2021.

de maior peso (p. 106) e como argumento mais irrefutável –, elas disseram que esse tinha sido o modo como elas haviam sido criadas e, também, criado seus filhos. Portanto, esse era o melhor meio e que se devia acatar isso como sendo a maneira mais segura de se educar, sem questionar nada disso, porque os velhos eram mais sábios em todos os assuntos do que os jovens da atualidade. Então, porque eles (p. 107) amarravam as mãos de seus filhos, era dever seguir seu exemplo de olhos fechados.

Em seguida, elas tiraram de um cestinho uma tira de fita de seda – que chamavam de *faixa de berloques* –, ataviada com *mãozinhas de figa de azeviche*, o *olho de veado*, o *dente de jacaré*²⁶² e outras bugigangas dessa classe. Alegaram que era para me enfeitar com essas relíquias do supersticioso paganismo, no mesmo dia em que se havia apontado, como saíra da boca de meus padrinhos, que eu fosse professar a fé e a santa religião de Jesus Cristo.

Valha-me, Deus! Quanto teve meu pai que batalhar contra as preocupações das benditas velhas. Quanta saliva ele não gastou para fazê-las ver que era uma quimera, um absurdo pernicioso tentar enrolar e prender as mãos das criancinhas! E quanto trabalho não lhe custou persuadir essas inocentes anciãs de que nem o azeviche, nem o osso, nem a pedra, nem outros tipos quaisquer de amuletos têm alguma virtude contra o ar, a raiva, o mau olhado e semelhantes embustes.

Assim foi como vossa mercê, meu pai, contou-me isso muitas vezes, como também me contou sobre o triunfo que consegui frente a todas elas, que, à força ou de bom grado, acabaram concordando em não me aprisionar, em não me enfeitar a

²⁶² *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano (o texto da seção encontra-se em itálico, de acordo com a edição de 2018), “*faja de dijes, guarnecida con manitas de azabache, el ojo de venado* [Mucuna uriens], *colmillo de caimán y otras baratijas de esta clase*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p, 107). Esses materiais são utilizados para fazer simpatias contra o mau-olhado dos bebês no mundo hispânico, quer dizer, não apenas na América Latina, mas na Espanha e em Portugal. Guerrero Mosquera (2020) apresenta, no artigo “*Bolsas mandingas más allá del contexto atlántico portugués*”, um estudo sobre alguns amuletos na Espanha e em Portugal que são de origem africana. Podemos destacar, nesse artigo, a pintura de Juan Pantoja de la Cruz, “*La infanta Ana María Mauricia*” – [Nossa tradução: A princesa Ana María Mauricia], 1602, Óleo sobre *lienzo*, 85 x 75 cm. Madrid, Monasterio de las Descalzas Reales. Nº. Inv. 00612229. A bebê retratada está enfeitada por toda classe de amuletos. Disponível em: <https://losreinosdelasindias.hypotheses.org/tag/amuletos>. A imagem está disponível, também, no artigo de Cobo Delgado, “*Retratos infantiles en el reinado de Felipe III y Margarita de Austria: entre el afecto y la política*” – [Nossa tradução: Retratos infantis do reinado de Felipe III e Margarita de Áustria: entre o afeto e a política] (2016, p. 26), disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/662763/ADHTA_25_2.pdf?sequence=1. Ambos com acesso em: 08 jun. 2021. A referência a essa tradição no romance, no México do início do século XIX, leva-nos a considerar aspectos importantes do sincretismo religioso instaurado nos povos híbridos e mestiços da América Latina.

não ser (p. 107) com um rosário, com a santa cruz, com um relicário e os quatro Evangelhos, e, logo, tentaram me batizar.

Meus pais já tinham convidado os padrinhos – e não eram pobres –, os quais foram simplesmente persuadidos de que, no caso de orfandade, somente me serviriam de apoio.

Esses velhos, coitados, tinham menos conhecimento de mundo do que aquele que eu cheguei a adquirir, pois tenho experiências mais profundas do que aquelas da maioria dos padrinhos que não sabem das obrigações que contraem com seus afilhados. E, assim, eles acreditam que é mais do que suficiente o fato de dar uma moeda de meio real²⁶³ aos afilhados quando os veem, e, se seus pais morrem, eles lembram-se deles como se nunca os tivessem visto. Bem, na verdade, há padrinhos que cumprem exatamente com sua obrigação, e ainda se antecipam (p. 108) aos próprios pais em proteger e educar seus afilhados. Glória eterna seja dada a semelhantes padrinhos!

Efetivamente, meus padrinhos ricos serviram-me tanto como se jamais me tivessem visto. Isso já é motivo o suficiente para que eu não venha a me lembrar deles. Sem dúvida, eles foram tão mesquinhos, indolentes e tolos que, pelo concernente ao quanto lhes devia – pouco ou nada, nem de pequeno, nem de grande –, aparentemente meus pais os escolheram dentre os mais miseráveis do Hospício de Pobres²⁶⁴. Renego tais padrinhos e, mais ainda, renego os pais que, ao *comercializarem o sacramento do batismo*, não convocam padrinhos virtuosos e honestos, mas declinam desses em favor dos compadres ricos ou de *status* social elevado. Isso acontece, já seja pelo mesquinho interesse em receber alguma grande

²⁶³ *Nota da Tradutora: O contexto do relato remete ao tempo em que a Nova Espanha fazia parte dos territórios coloniais da Espanha no continente americano. Pela narrativa, observamos que a moeda utilizada ainda era o *Real* espanhol. Miguel Muñoz, em seu artigo *La moneda llamada un peso* – [Nossa tradução: A moeda denominada de *Peso*], de 1984, esclarece que o sistema monetário no México seguiu a mesma denominação do padrão espanhol, porém, a denominação preferida pelo público da Nova Espanha, desde o início, para a moeda de 8 *reales*, ou também chamado “duro espanhol”, foi *Peso*. As moedas fraccionárias existentes tinham de valor de $\frac{1}{2}$ *real*, 1 *real*, 2 *reales* e 4 *reales* e continuavam levando a denominação de *Real*. Mais informações em: <https://revistas-colaboracion.juridicas.unam.mx/index.php/juridica/article/view/11004/10062>. Acesso em: 26 jul. 2023. De acordo com o artigo publicado em 2015, na página “Arriendas.com”, o *real* mencionado na narrativa era uma moeda de prata de três gramas que circulava desde o século XIV e que se tornaria a base monetária espanhola até meados do século XIX, mesmo sem ser de prata, como inicialmente foi. Mais informações em: <http://www.arriendas.com/2015/01/del-maravedi-al-euro/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

²⁶⁴ **Nota da Tradutora: A edição de 2008 informa que o *Hospício de Pobres* foi criado em 1774. Ele constava de vários departamentos para atender órfãos e pobres em necessidade.

soma de (p. 108) dinheiro na hora do batismo, ou, então, confiando, tolamente, em que, talvez, por alguma contingência ou extravagância da ordem ou desordem comum, esses lhes serão de utilidade aos filhos, depois de findos seus próprios dias. Perdoai-me, pimpolhos meus, essas digressões que transbordam, naturalmente, de minha pluma, elas não serão de todo usuais no discurso de minha obra.

Finalmente me batizaram, puseram-me por nome *Pedro*, e, acrescentado a esse, como é de costume, o sobrenome de meu pai, que era *Sarmiento*.

Minha mãe era bela, e meu pai amava-a extremamente. Com isso, e com a persuasão de minhas discretas tias, foi determinado, sem discrepâncias, ou seja, *nemine discrepante*²⁶⁵, que me dariam uma ama de leite, ou *chichigua*²⁶⁶, como aqui costumamos dizer.

Ah, meus filhos! Se algum dia vos casardes e tiverdes herdeiros, não os encomendeis a pessoas mercenárias dessa classe. Isso ocorre, primeiro, porque, com frequência, elas abandonam as crianças e, ao mínimo descuido, deixam-nas adoecerem, já que não as amam e somente lhes dão alimento para saciar interesse seu (p. 109: ilustração) (p. 110) mercenário. As amas não têm por hábito coibirem sua raiva, nem evitam comer mil coisas que fazem mal à saúde, e, por conseguinte, também, à dos párvulos²⁶⁷ que a elas foram confiados, nem de cometer outros excessos prejudiciais, que não menciono aqui para não ofender vossa modéstia. E, por segundo, porque é uma coisa que escandalize a natureza o fato de que uma mãe, provida de razão, deixe de fazer aquilo que faz uma burra, uma gata, uma cachorra, ou outra fêmea animal totalmente despojada de razão.

²⁶⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *nemine discrepante*. Ruiz Barrionuevo (2008) comenta que, na quarta edição do romance de Fernández de Lizardi, explica-se que essa fórmula seria utilizada na Universidade e significa: sem oposição, unanimemente.

²⁶⁶ *Nota da Tradutora: *Chichigua* é uma derivação do vocábulo nahuatl *chiche* ou *chichi*, *teta* [mama], de acordo com o *Diccionario mejicanismos* (1974, p. 377). O vocábulo *nodriza* [ama de leite] seria utilizado pela “boa sociedade”. Também mostra o verbo *achichiguar* (1974, p. 27), trabalhar como ama de leite. O conceito *chichigua* não descarta que a ama de leite seja uma mulher branca, diferente do conceito de mulher negra escravizada criada exclusivamente para amamentar os filhos do branco, do vocabulário do português brasileiro. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/376/mode/2up?q=chichigua>. Acesso em: 20 jul. 2023.

²⁶⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *criaturas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 110). De acordo com o *Aulete Digital*: “s.m. criança, menino, diminutivo de parvo, pequenino. F. lat. *Parvulus*.” Disponível em: <https://www.aulete.com.br/p%C3%A1rvulo>. Acesso em: 21 jul. 2023.

Qual desses seres confiaria o cuidado de seus filhotes para outro ser mais torpe, ou para o homem mesmo? E o homem, dotado de razão, deve, pois, atropelar as leis da (p. 110) natureza e abandonar seus filhos nos braços alugados de qualquer índia, negra ou branca, sadia ou doente, de bons ou depravados costumes, uma vez que tendo leite, de mais nada se informam os pais, sendo isso motivo de escândalo até mesmo para a cachorra, a gata, a burra e todas as mães irracionais?

Ah! Se essas pobres criaturas das quais vos falo tivessem consciência instantaneamente, ao ver os inocentes humanos abandonados por suas mães, diriam-lhes, tomadas de dor e entusiasmo: “Mulheres cruéis, por que tendes o descaro e a insolência de vos chamar de mães? Conheceis, acaso, a alta dignidade de uma mãe? Sabeis as características que a distinguem? Alguma vez prestastes atenção aos penosos afãs pelas quais passa a galinha para conservar seus pintinhos? Mas, não! Vós nos concebestes pelo apetite, vós nos paristes pela necessidade, vós nos chamais de filhos por hábito, vós nos destes carícias só para cumprir com a obrigação, e nos abandoastes por ter muito amor próprio, ou devido a uma execrável luxúria. Sim, estamos envergonhados de dizê-lo; porém, atinem com a verdade, se acaso vos atreveis a dizer o motivo pelo qual nós, filhos, somos-vos tão incômodos. Exceto em um caso gravíssimo – no qual esteja comprometida a saúde, e cuja certeza carece ser autorizada por um médico sábio, virtuoso e não forjado a seu capricho –, dizei-nos: existem outras razões que não sejam ‘as de não vos adoecer’ ou ‘para não acabar com vossa beleza’ que sejam mais atenuantes pelas quais nos abandonais? “Com certeza não são outros vossos criminosos pretextos, mães cruéis, indignas de tão amável nome. Já conhecemos o amor que por nós nutris; já sabemos que sofrestes nossa presença em vosso ventre à força; e já nos julgamos desobrigados (p. 111) do preceito da gratidão, já que, apenas possais, atirais-nos para os braços de uma estranha, ato que não comete nem a maior e a mais cruel alimária.” Essa seria a forma e o conteúdo com o qual se pronunciariam esses seres irracionais, se tivessem os usos da razão e da língua inculcados em si.

Fiquei, pois, sob os cuidados, ou descasos, de minha *chichigua* que, com certeza, carecia de boa natureza, isto é, de um espírito bem formado. Porque, se é certo que os primeiros alimentos que nos nutrem tornam-nos, também, propensos a adquirir algum traço de quem a nós o administra, é bastante plausível que o garoto amamentado por uma cabra venha a ser muito traquina e espoleta, como tem se

observado. Se isso for verdade, eu vos digo que minha primeira ama de leite tinha um gênio maldito. Devido a isso, saí eu mal-intencionado, e, pior ainda, porque não foi só uma que (p. 111) me deu seus peitos, mas, hoje era uma, amanhã era outra e, depois de amanhã, já era outra. Todas elas eram das piores espécies, porque aquela que não era bêbada, era comilona; aquela que não era comilona, tinha sífilis; aquela que não tinha essa doença, tinha outra, e aquela sadia, repentinamente, ficava grávida. E isso era relacionado ao que toca às doenças do corpo, pois, no que tange ao espírito, raro seria que alguma delas não estivesse afetada. Se as mães advertissem, pelo menos, essas consequências de seu abandono, talvez não fossem tão indolentes com seus filhos.

Meus pais, com seu abandono, não só conseguiram tornar-me um sujeito de mau gênio, mas, também, um ser doentio por seu cuidado. Minhas amas de leite começaram a debilitar minha saúde, e tornar-me, com seus desarranjos e suas negligências, um tipo sabichão, soberbo e impertinente. E meus pais acabaram por destruir meu caráter com seu prolixo e mal-entendido cuidado e sua afeição, porque, logo depois de tirar-me do peito – algo que não foi nada fácil –, tentaram educar-me a modo de um *bon vivant*²⁶⁸ e delicado, mas sempre sem rumo e sem tino.

É necessário que saibais, meus filhos (se por acaso eu ainda não o tiver dito), que meu pai era muito ajuizado, nada vulgar, e por esse mesmo motivo, opunha-se a todas as tolices de minha mãe. Mas, algumas vezes, por não lhe dizer coisas demais, ele fraquejava ao vê-la aflita ou demasiado incomodada. Essa foi a causa de eu ter sido criado entre o bem e o mal, fato que acarretou não somente prejuízos a minha educação moral, mas, também, a minha constituição física.

(p. 112) Bastava que eu manifestasse desejo por alguma coisa para que minha mãe tudo fizesse para colocá-la em minhas mãos, ainda que injustamente. Vamos supor que eu quisesse seu rosário, o dedal com que ela costurava, ou um docinho que outra criança da casa tivesse em sua mão, ou algo semelhante, ela dava um jeito para que eu o tivesse naquele instante, pois, como ela conta, se não o faziam, eu

²⁶⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *regalón* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 111). De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, o termo vindo do francês, traduzido como “bonvivã”, traz o seguinte significado: “Pessoa bem-humorada que sabe aproveitar os prazeres da vida”. O termo *regalón*, de acordo com o *DRAE* (2021), é um adjetivo coloquial que significa: “quem é criado na abundância e na comodidade” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.aulete.com.br/bon%20vivant> e <https://dle.rae.es/regal%C3%B3n?m=form>. Acesso em: 25 mar. 2021.

aturdia a gritos a toda a vizinhança. E, como me ensinaram que eu poderia ter tudo o que quisesse (p. 112) com gritos, tudo faziam para evitar meus berros. Eu, assim, berrava por quanto me dava vontade e, assim, recebia tudo prontamente.

Se alguma empregada me incomodava, eu fazia com que minha mãe a castigasse, só para me satisfazer. Isso não era outra coisa que me ensinar a ser soberbo e vingativo. Davam-me de comer quando eu queria, sem distinção, a qualquer hora, sem ordem nem regra na quantidade e na qualidade dos alimentos. Com tão lindo método, conseguiram ver-me, em poucos meses, com diarreia, barrigudo e descorado.

Eu, além disso, dormia até me refestelar²⁶⁹, e quando me acordavam, já me vestiam e me embrulhavam como uma pamonha²⁷⁰, da cabeça aos pés, rodeado de cuidados e atenções. Dessa maneira, segundo me contaram, eu jamais saía da cama sem sapatos, nem deixava o *jonuco*²⁷¹, ou seja, o depósito embaixo da escada, sem que minha cabeça estivesse devidamente penteada.

Além disso, embora meus pais fossem pobres, não o eram a ponto de carecerem de condições para não ter suas pequenas cristaleiras; e eles a tinham, de fato, E não me era permitido sair ao corredor ou na sacada, o que se dava apenas por

²⁶⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dormia hasta las quinientas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 112), o que, de acordo com López y López (1931, p. 464), significa dormir até satisfazer o sono.

²⁷⁰ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me vestían y envolvían como un tamal* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 112), trata-se de uma expressão figurada. De acordo com López y López (1931, p. 481, nossa tradução), a expressão é um mexicanismo, cujo o significado seria: “encontrar-se rodeado de cuidados e atenções”. O vocábulo usado na obra original é *Tamal*. Ruiz Barrionuevo (2008) explica que provém do termo asteca *tamalli* e que a preparação consta da massa de milho com banha e com certa consistência, envolvida na folha da bananeira ou do mesmo milho, com pedaços ou fibras de carne como recheio. Por outro lado, a origem do *tamal* ainda não foi confirmada; contudo, na região do México, existe maior diversidade no preparo do *tamal*. Esse prato também é tradicional nos seguintes países: Chile, Peru, Argentina, Bolívia, Guatemala, Honduras e Colômbia. Na antiguidade, antes do intercâmbio de ingredientes com a Europa, os *mexicas* faziam o preparo com carne de peru, flamingo, rã, *ajolote* (anfíbio mesoamericano), coelho, peixes, ovos de peru, carne de roedores da família *Geomyidae*, mel, frutas, abóbora e feijão. No Brasil, temos um prato típico semelhante, a pamonha (doce e salgada); porém, o preparo e os ingredientes podem diferir daquele do *tamal*. Trata-se, pois, de um “marcador cultural” da culinária que remete aos costumes alimentícios dos povos originários da América. Para mais informações, visitar: <https://www.tamales.com.mx/pages/el-tamal-y-sus-origenes> e <https://www.panoramacultural.com.co/gastronomia/7610/el-tamal-historia-y-origen-de-un-plato-americano>. Ambas as páginas com acesso em: 01 mar. 2021.

²⁷¹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *jonuco* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 112). O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 644) indica que *jonuco* seria o espaço ou aposento obscuro e pequeno que existe embaixo das escadas das casas. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/644/mode/2up?q=jonuco>. Acesso em: 20 jul. 2023.

um raro acaso, e isso já bem adiantado o dia. Economizavam terrivelmente meus banhos, e (p. 112) quando isso excepcionalmente acontecia, era num quarto muito abrigado e com água bem quentinha.

E foi assim que se deu minha primeira educação. O que mais poderia (p. 113) resultar da observância de tantas preocupações juntas senão, obviamente, o resultado de me terem criado muito fraco e enfermiço? Como jamais, ou poucas vezes, deixavam que a corrente de ar me atingisse, nem sequer estava meu corpo acostumado a receber suas saudáveis influências, era natural que, ao menor descuido, minha natureza estranhava o ar. Assim, já aos dois ou três anos, padecia eu, com frequência, de catarro e constipação, o que fez de mim uma criança meio raquítica.

Ah! Não sabem as mães o dano que causam a seus filhos, oferecendo-lhes semelhante método de vida! Deve-se acostumar as crianças a comer somente a quantidade necessária e a ingerir alimentos de fácil digestão, adequados à tenra elasticidade de seus estômagos. Os filhotes devem ser expostos ao ar e a outras intempéries; devem ser acordados, regularmente, num certo horário. As crias devem andar descalças, sem lenços na cabeça, nem com muito agasalho, sem que se vista nelas faixas, para que seus fluídos possam correr sem obstáculos. As crianças devem ser livres para traquinar o quanto quiserem e, sempre que possível, que o façam ao ar livre e fresco, para crescerem ágeis e, assim, robustecerem seus ligamentos. E, finalmente, devem tomar banho com frequência e, se possível, com água fria, ou quando não, morna ou, como se diz, temperada²⁷². Seria incrível o resultado que se poderia proporcionar às crianças com esse plano de vida. Todos os médicos sábios recomendam esse método, e, no México, já está sendo aplicado por muitos dos grandes cavalheiros – aqueles remediados e de bom talante –, e já se notam nas ruas uma multidão de crianças, de ambos os sexos, vestidas de forma muito simples, com suas cabecinhas descobertas e sem mais agasalho nas pernas que uma túnica ou uma calça larga. Queira Deus que essa moda se faça geral, para que os rebentos consigam, desse modo, ser homens robustos e úteis à sociedade!

²⁷² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *agua quebrantada* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 113), de acordo com López y López (1931, p. 462): “*agua entibiada*” – [Nossa tradução: água amornada, ou temperada].

(p. 113) Outra ingenuidade da coitada de minha mãe foi a de me encher a fantasia de bichos papões, velhos do saco e outros monstros²⁷³, cujos nomes extravagantes intimidavam-me, e ela os empregava quando estava com raiva ou quando eu não queria calar, dormir ou alguma coisa semelhante. Essa corruptela formou meu espírito covarde e efeminado²⁷⁴. Dessa maneira, já de oito ou dez anos, eu não podia ouvir um barulhinho no meio da noite sem ficar espantado, nem ver uma sombra que não reconhecesse, nem assistir a um enterro, nem entrar num quarto obscuro, porque ficava apavorado com tudo. E, mesmo que eu já não acreditasse mais naquele tal bicho-papão, eu estava convencido de que os mortos podiam aparecer diante dos vivos a todo momento, e de que os diabos saíam para nos arranhar e esganar o pescoço com o rabo toda vez que (p. 114) tivessem vontade disso, de que existiam sombras que poderiam, sem mais, pular acima de nós, de que as almas penadas andavam mendigando nossos votos. Também acreditava em outras asneiras dessa classe mais do que nos assuntos da fé, tudo isso graças a um punhado de velhas tolas que, sendo empregadas, ou visitas, procuravam entreter a criança com historinhas de terror, visões e aparições intoleráveis! Ah! Que estrago me fizeram essas velhas! De quantas superstições encheram minha cabeça! Que conceito tão injurioso eu formei, naquele então, da Divindade, e quão vantajoso e respeitoso se viam para mim os demônios e os mortos!

²⁷³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cocos viejos y macacos* – [Nossa tradução: monstros velhos e outros monstros] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 113). De acordo com Cillan Cillan (2008), trata-se de recursos para inspirar medo às crianças, em várias culturas, na hora de embalá-las no sono. O *coco*, ou *cuco*, é a personagem que aparece com maior frequência nas cantigas de ninar. No Brasil, temos, nesse âmbito do folclore, por exemplo, o bicho-papão, o velho do saco e o boi da cara preta. O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 671), em uma das entradas, explica que o termo ‘macaco’ é adjetivo sinônimo de “feio e deforme, de aspecto repugnante, derivado do nome dado ao mamífero da ordem dos primatas, do gênero Áteles, chamado também de mico” (Nossa tradução). Na página 81, o dicionário mostra uma canção de ninar, usando o termo *macaco*. Sobre ‘*macaco*’, visitar: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/88/mode/2up?view=theater&q=macaco>. Sobre ‘*cuco*’, visitar: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-coco-y-el-miedo-en-el-nino/html/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

²⁷⁴ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *afeminado* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 113). De acordo com o *DRAE* (2021): “Do participio de efeminar; cf. efeminado. 1. Adj. Diz-se de um homem: que em sua pessoa, modo de falar, ações ou enfeites, parece-se com as mulheres. U. t. c. s. m (Utiliza-se também como substantivo masculino). 2. Adjetivo. Que parece com mulher. Rosto, voz efeminada. 3. Adjetivo. Disse-se de um homem homossexual. U.t.c.s.m. 4. Adjetivo pouco usado. Dissoluto. Utilizado também como substantivo” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/afeminado#GdQioc1>. Acesso em: 21 jun. 2021. Entendemos que o significado pretendido para essa lexia utilizada pelo autor está relacionado com a intenção de diminuição do caráter de “hombridade” da personagem.

(p. 114) Se casardes, meus filhos, não permitais a vossos pequenos que se familiarizem com essas velhas supersticiosas, a quem eu desejo ver queimadas, com todas suas fábulas e futilidades, antes que me morra.

Não lhes permitais que conversem ou que estabeleçam sociedades com pessoas idiotas, pois, longe de lhes ensinar alguma coisa proveitosa, farão com que fiquem imbuídos de mil erros e tolices que se apegam a nossa imaginação mais do que carrapatos, pois, nessa idade pueril, aprendem as crianças o bom e o mau com a maior tenacidade, e na adulta, talvez não sejam suficientes nem os livros, nem os sábios para lhes tirar as impressões daqueles primeiros erros com que seu espírito foi nutrido.

É daí que resulta, pois, o fato de vermos, todos os dias, homens – em quem respeitamos alguma autoridade ou caráter e em quem reconhecemos muito talento e estudo – que, teimosamente, no entanto, aderem a certas vulgaridades ridículas. O pior, nesses casos, é que eles estão mais agarrados a elas do que o ganancioso Creso²⁷⁵ a seus tesouros. Desse modo, eles costumam morrer abraçados a suas envelhecidas ignorâncias, acreditando que elas são coisas naturais, pois, como disse Horácio: *o vasilhame guarda, por muito tempo, o cheiro do primeiro aroma no qual foi infundido quando novo*²⁷⁶.

Meu pai, como eu já disse, era um homem de muito juízo e (p. 115) de muita prudência. Ele sempre ficava incomodado com essas besteiras, era totalmente oposto a elas. No entanto, ele amava, extremadamente, minha mãe, e esse excessivo amor foi a causa de, por não lhe proporcionar pesares, ter sofrido e tolerado, contra sua vontade, quase todas as suas extravagantes ideias. Assim, permitiu, sem más intenções, que minha mãe e minhas tias conspirassem para malefício. Valha-me Deus! E quão mimado e malcriado me educaram! Negar-me o que pedia, mesmo que fosse um objeto ilícito para minha idade ou pernicioso para minha saúde? Impossível. Receber reprimendas por minhas grosserias? De modo algum. Frear os primeiros impulsos de minhas paixões? Nunca. Tudo o contrário. Minhas vinganças, minhas

²⁷⁵ *Nota da Tradutora: A edição de 2008 informa que se trata de Cresos, rei da Lídia (561-546 antes de nossa era). Essa personagem histórica teve lendária riqueza; ao longo de seu reinado, desfrutou de extraordinário esplendor.

²⁷⁶ Nota do Autor: “das *Epistolas*, de Horácio, livro I, epístola 2, Lolium, 69-70: *Quo semel est imbuta recens, servabit odorem testa diu...*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 114, nota de rodapé [b](#)) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A tradução foi realizada pelo autor e se encontra no corpo do texto, em itálico do autor.

glutonarias, (p. 115) minhas tolices e todas minhas bobearias passavam por graças próprias de minha idade, como se a primeira idade não fosse a mais apropriada para deixar gravado em nós as ideias da virtude e da honra.

Todos desculpavam meus extravios e santificavam meus toscos erros com o antigo e repetido refrão:

– *Deixe disso, ele é uma criança. É próprio da idade, é a fase. Ele não sabe o que está fazendo. Como irá iniciar por onde nós terminamos?*

Cresci com essas e com outras coisas bobas desse tipo, com cujas indulgências minha mãe se pervertia mais ainda, e meu pai tinha de ceder a seu afeto impertinente. Quanto mal os homens dominados por suas mulheres fazem, em especial com respeito à criação ou educação de seus filhos!

Finalmente, foi assim que passei, em minha casa, os seis primeiros anos em que vi o mundo. Quer dizer, vivi como um mero animal, sem conhecer o que era importante saber e não ignorando muito daquilo que deveria ser ignorado.

Chegou, finalmente, a ocasião de me distanciar, em certos momentos, de casa. Quero dizer-vos: puseram-me na escola e, nela, não consegui aprender o que se deveria, e cheguei a aprender, como sempre, o que nunca se deveria ter sabido, e tudo isso ocorria pela irreflexiva disposição de minha querida mãe. Mas, escreverei sobre os acontecimentos dessa época no capítulo que segue.

(p. 116) **Capítulo II**

No qual o Periquitinho dá a razão de seu ingresso na escola, os progressos que fez nela, e outras particularidades que saberá quem as ler, ouvi-las ou perguntar sobre elas

Ficou aborrecido meu pai, fez beicinho minha mãe e eu produzi um monte de alaridos e fiz birra²⁷⁷, tudo misturado a lágrimas e gritaria; porém, de nada valeu isso, e meu pai não revogou seu decreto. Matricularam-me na escola contra minha vontade.

O mestre era um homem de bem, mas não tinha os requisitos necessários para exercer sua profissão. Primeiramente, era pobre, e iniciou o exercício da profissão por mera necessidade e sem ter consultado nem suas inclinações nem suas habilidades. Não que isso fosse o caso de ele estar chateado com sua situação e mesmo envergonhado com seu destino.

Eu não sei por que os homens mais velhos acreditam que os rapazes, só por serem ainda muito jovens, ficam entediados com a conversa dos adultos, e assim eles pensam que os mais novos não os entendem. É sob essa errada suposição que os adultos não se absterem de falar diante das crianças muitas coisas que lhes saem da boca sem serem pensadas e, então, só depois de soltar umas boas pérolas é que se dão conta de que as crianças pescam as coisas no ar, são enxeridas²⁷⁸ e muito observadoras.

Eu era um dos tantos, e cumpria exatamente com meus deveres. Meu mestre fazia eu me sentar perto de si, já por especial recomendação de meu pai ou já porque era eu o mais arrumadinho dentre seus alunos. Não sei o que é que uma boa aparência tem que ela desperta o respeito até nos rapazotes.

Com essa proximidade a sua pessoa, eu não perdia nenhuma palavra de quantas ele proferia entre seus amigos. Certa vez, eu o ouvi dizer, enquanto conversava (p. 117) com um deles:

²⁷⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *berrinches* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 116). De acordo com o DRAE (2021): “estado de grande irritação manifestada ostensivamente, sobretudo, nas crianças” (Nossa tradução). Retirado de: <https://dle.rae.es/berrinche?m=form>. Acesso em: 26 mar. 2021.

²⁷⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *fisgones* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 116). Segundo o DRAE (2021), “indagar alguma coisa com astúcia e dissimulação” (Nossa tradução). Retirado de: <https://dle.rae.es/fisg%C3%B3n?m=form>. E <https://dle.rae.es/husmear>. Ambos os links com acesso em: 26 mar. 2021.

(p. 117) – Unicamente a maldita pobreza foi capaz de me meter dentro de uma escola para trabalhar. Já não tenho mais vida com tanto moleque endiabrado. Como são travessos e parvos! Por mais que eu faça, não vejo um que se salve. Mas que desgraçado ofício que é esse!²⁷⁹ Ser mestre-escola é o último embuste²⁸⁰ que se pode fazer ao próprio diabo!...

Assim se exprimia meu bom mestre, e, por suas palavras, conhecereis a candura de seu coração, seu pouco talento e o conceito tão vil que tinha formado a respeito de um ofício tão nobre e recomendável por si mesmo, pois ensinar e orientar a juventude é um cargo da mais alta dignidade. Foi por isso que os reis e os governos presentearam²⁸¹ com honras e privilégios os sábios professores²⁸². Todavia, meu pobre mestre ignorava tudo isso e, assim, não tinha passado muito tempo para formar tão vil conceito de tão honrosa profissão.

Em segundo lugar, ele carecia, como já disse, de disposição para a carreira, ou de “gênio”, como se costuma dizer. Tinha um coração muito sensível. Repugnava-lhe deixar aflito a qualquer um. Esse caráter suave tornava-o demasiado indulgente com seus discípulos. Rara era a vez que os repreendia com aspereza, e castigá-los era mais raro ainda. A palmatória e a fêrula²⁸³ tinham pouco o que fazer, segundo sua

²⁷⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Ah, fucha* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 117). A expressão, de acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 538), é uma interjeição de detestação. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/538/mode/2up?q=fucha>. Acesso em: 20 jul. 2023.

²⁸⁰ **Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *es la última droga que se le puede hacer al diablo!* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 117). De acordo com o *DRAE* (2021), na quinta e na sétima entrada, *droga* traz os seguintes sentidos: “Dívida, às vezes a que não pensas em pagar” e [em desuso] “Embuste, ardil, engano” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/droga?m=form>. Acesso em: 20 jul. 2023.

²⁸¹ **Nota da Tradutora: Na nota 34 (2008, p. 117), Ruiz Barrionuevo indica que, nessa frase, observa-se a mudança de mentalidade propiciada pela independência, já que, na primeira edição, registra-se: “*por eso los reyes católicos han colmado*” – [Nossa tradução: por isso que os reis católicos presentearam]; enquanto a frase na edição de 2008, com base na edição que o próprio autor assinou, marca: “*los reyes y los gobiernos han colmado*” – [Nossa tradução: os reis e os governos presentearam].

²⁸² *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, nessa enunciação, o termo *profesores*. *Maestro* [mestre] é o termo utilizado para aquele docente que tem como formação mínima o magistério e que se encarrega de dar aulas para a educação básica. Por outro lado, o termo *professor* remete àquele docente que recebeu a formação básica além de uma especialização como biologia, física, filosofia. O professor atua no ensino fundamental II, no ensino médio e na educação superior. Para mais informações, visitar: <https://www.lavanguardia.com/vida/20191127/471913203637/dia-del-maestro-diferencias-profesor-maestro.html>. Acesso em: 21 jun. 2021.

²⁸³ **Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *disciplina*. O termo em si é de interesse, pois, de acordo com Aragão e Freitas (2012, p. 19), “a disciplina constava de um bastão de 8 a 9 polegadas, na ponta

opinião. (p. 117) Com isso, os rapazes estavam em suas glórias – e eu entre eles –, porque fazíamos o que nos vinha à cabeça, impunemente.

Filhos meus, já vereis que esse homem, mesmo que bom por natureza, era péssimo como mestre e aos pais de famílias, já que, assim como não se deve andar o dia todo com um chicote na mão atrás das crianças como um carrasco de cadeia, também não se deve perdoá-los por tudo que façam. Bom é que o castigo seja medido, que seja moderado, que não pareça vingança, que seja proporcional ao delito e se aplique sempre depois de se haver tentado todos os meios da suavidade e doçura para a emenda. Contudo, se eles não valem, é muito bom fazer uso do rigor, segundo a idade, a malícia e (p. 118) a condição da criança. Não digo que os pais e mestres sejam uns tiranos, mas, também, que não sejam apoiadores ou consentidores de seus filhos ou de quem estiver sob seus cuidados. Platô diz *que nem sempre as paixões das crianças devem ser reprimidas com severidade, nem sempre devem ser acostumados a mimos e carícias*²⁸⁴. A prudência consiste em colocar um meio nos extremos.

Por outro lado, meu mestre carecia de toda habilidade requerida para desempenhar sua função. Sabia, no máximo, ler e escrever para entender e se fazer entender, mas não para nos ensinar. Nem todos os que leem sabem ler. Existem muitos modos de ler, de acordo com os estilos de escrita dos textos. Não podem ser lidos os ditados de Cícero como o são os *Anais de Tácito*, nem o panegírico de Plínio²⁸⁵ como as comédias de Moreto²⁸⁶. Com isso, quero dizer-vos que quem lê deve saber distinguir os estilos nos quais se escreve, para animar, com seu próprio tom, a leitura. É assim que manifestará que entende o que lê e que sabe ler.

Muitos acreditam que saber ler bem consiste em ler rápido e, com base em tal método, falam milhões de disparates. Outros pensam, ainda (e esses são a maioria),

do qual estão fixadas 4 ou 5 cordas e cada uma delas terá na ponta três nós”. Assim, não conseguimos deixar de pensar na questão da dor ao “ser disciplinado” nesse contexto e as implicações de dizer: aquela é uma pessoa disciplinada.

²⁸⁴ Nota do Autor: [texto em itálico no corpo do texto, de acordo com a edição de 2008] “retirado do Livro VII *de legibus*, de Platão” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 118, nota de rodapé a) (Nossa tradução).

²⁸⁵ **Transcrição da nota 35, da edição de 2008 (p. 118): “Plínio Cecílio Segundo, ou Plínio, o Jovem (61-113 d. C.), foi um político e orador romano que pronunciou o *Panegírico de Trajano* em ato de agradecimento por sua nomeação como cônsul ao redor do ano 100 d. C.” (Nossa tradução).

²⁸⁶ **Nota da Tradutora: Agustín Moreto (1618-1669) foi um destacado dramaturgo da segunda metade do período do Barroco, no século de ouro espanhol. Mais informações em: <http://www.moretianos.com/proyectoComediasMoreto.php>. Acesso em: 01 mar. 2021.

que, ao (p. 118) se estar lendo conforme a ortografia com que se escreve, tudo fica perfeitamente resolvido. Outros já leem desse jeito – escutando-se –, mas, ao se ouvi-los com tanta lentidão, acabam sendo entediantes para seu público. Outros, finalmente, leem todo gênero de escritos com muita afetação, porém, com certa monotonia ou com o mesmo tom que incomoda. Esses são, em sua maioria, os modos comuns de ler. Ireis, com o tempo, experimentando a verdade de minhas palavras e vereis que os bons leitores não são tão comuns como parece.

Quando ouvirdes alguém que lê um sermão como quem o predica, uma história como quem a refere, uma comédia como quem a representa etc., de tal modo que, se fechardes os olhos, parecer-vos que ouvis um orador no púlpito, um indivíduo no pódio, um cômico no teatro etc. dizer: (p. 119) “Esse aí, sim, que lê bem”; mas, se ouvirdes alguém lendo de forma entediante, ou com palavras mastigadas, ou com atropelos às linhas, ou com uma mesma modulação de voz, de modo que resulta o mesmo ler *As noites*²⁸⁷, de Young, que o “Todo cristão fiel”, do *Catecismo*²⁸⁸, dizeti, sem o menor escrúpulo: “Fulano não sabe ler!” Do mesmo modo como me refiro ao meu primeiro professor. Veja, ele era daqueles que soletram c, a, ca; c, e, *que*; c, i, *qui*; etc. O que se poderia esperar de um leitor assim?

Isso era no tocante à leitura, mas, com respeito à escrita, como seria? Um pouquinho pior, e nem poderia ser de outro modo, porque, sobre cimento falso, nunca serão levantados empreendimentos sólidos.

²⁸⁷ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) comenta que se trata do poema de Edward Young (1681-1765), “*The Complaint, or Night Thoughts*” – [Nossa tradução: O lamento, ou pensamentos noturnos] (1742) [Ele foi traduzido para a língua portuguesa sob o título “As noites de Young” (1782)], e foi a obra que serviu de inspiração para “*Noches lúgubres*” – [Nossa tradução: Noites lúgubres], de José Cadalso (1741-1782), e que, por sua vez, serviu para “*Noches tristes*” – [Noites tristes], de Fernández de Lizardi. É um conjunto de nove poemas que não têm relação entre si. O nome completo em inglês é *The complaint: or night thoughts on life, death and immortality* – [Nossa tradução: O lamento: ou pensamentos noturnos sobre a vida, morte e imortalidade]. Poema completo disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/e/evans/N12442.0001.001?view=toc>. Acesso em: 05 jul. 2021.

²⁸⁸ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) cita Jefferson Rea Spell (1971, p. 153), especialista nos escritos de Fernández de Lizardi, que afirma que o *Catecismo y exposición breve de la doctrina cristiana* – [Nossa tradução: *Catecismo e exposição breve da doutrina cristã*], do jesuíta Jerónimo Martínez de Ripalda (1536-1618), é uma referência para o pensamento de Fernández de Lizardi, pois o escritor discordou, publicamente, desse discurso no texto: “*Dudas de El Pensador consultadas a doña Tecla, acerca del incomparable catecismo de Ripalda*” – [Nossa tradução: *Dúvidas do Pensador consultadas à dona Tecla, a respeito do incomparável catecismo de Ripalda*] (1827). Para maiores informações, verificar SPELL, J. R. *Bridging the gap. Articles on Mexican literature*. México: Libros de México, 1971.

(p. 119) É bem verdade que tinha lá seu realce²⁸⁹ na parte da escrita que se chama *Caligrafia*, porque sabia o que são traços, finais, perfis, distâncias, proporções etc. Em poucas palavras, ele pintava letras muito bonitas, porém, nelas, de *Ortografia* não havia nada. Ele enfeitava seus escritos com pontos, vírgulas, interrogações e os demais signos dessa categoria, mas fazia-o sem ordem, nem método ou instrução. Com isso, originavam-se, de sua escrita, algumas coisas tão ridículas que melhor tivessem ficado sem vírgula alguma. Aquele que se mete no que não sabe ou no que não entende poderá até acertar alguma vez, como aquele burro que tocou a flauta *por acaso*²⁹⁰. Porém, na maioria das vezes, arruinará tudo o que for feito, como acontecia com meu mestre nesse quesito, que onde tinha de colocar dois pontos, colocava vírgula; e onde ela tinha lugar, era omitida, e onde deveria usar dois pontos, ele costumava pôr ponto final. Isso era uma clara razão para saber (p. 120) o óbvio: ele errava quando escrevia. Isso não seria o pior de tudo se apenas disparates ridículos tivessem resultado de sua maldita pontuação. A questão é que, às vezes, ele produzia profanidades ultrajantes.

Ele tinha uma bela imagem da Santa Imaculada Conceição e, ao pé desta, colocou uma redondilha que, evidentemente, deveria se ler assim:

*Era do pai celestial,
Maria a filha querida.
Não seria, pois, concebida
Sem pecado original?*²⁹¹

Porém, o infeliz errou, mais do que certamente, a colocação dos caracteres ortográficos, como era seu costume, e escreveu um desatino endemoniado e digno

²⁸⁹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tintura* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 119). De acordo com López y López (1931, p. 475), a expressão original é “*tener su tintura*”, que significa “*tener su habilidad, su chiste*” – [Nossa tradução: ter suas habilidades, sua graça].

²⁹⁰ *Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) traz a referência à conhecida fábula de Tomás de Iriarte (1750-1791), músico, escritor e tradutor espanhol: “*El burro flautista*” – [Nossa tradução: “O burro flautista”]: “*Sin reglas de arte / borriquitos hay / que uma vez aciertan / por casualidad*” [Nossa tradução: Sem regras de arte / existem burrinhos que / por causalidade / conseguem agir com acerto]. *Fábulas literarias* – [Nossa tradução: fábulas literárias], Madri, Espasa-Calpe, 1972, 4. ed. p. 25-26). Essa fábula é muito popular e aparece, ainda hoje, em livros didáticos.

²⁹¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, em itálicos, “*Pues del padre celestial / fue María la hija querida, / ¿no había de ser concebida / sin pecado original?*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 120).

de uma (p. 120) mordança, se o tivesse feito com a mínima advertência, porque ele anotou:

*Era do pai celestial
Maria a filha querida?
Não; seria, pois, concebida
Sem pecado original*²⁹².

Já podeis ver o quanto se expõe quem, por carecer de instrução na ortografia, escreve mil desatinos, e quão necessário é que não descuidais de vossos filhos neste ponto.

É lamentável a pouca dedicação que se faz notar nesse ramo em nosso reino. Não vemos mais do que milhares de barbaridades todos os dias escritos publicamente nas velarias, nas chocolatarias, nas vendas, nos papéis escritos das esquinas e, ainda, no cartaz do Coliseu²⁹³: é frequente ver uma maiúscula entremetida na metade de um nome ou um verbo, umas letras trocadas por outras, etc., como, por exemplo: *ChocolaTeria famosa, Rial venda de sharutos e cigaros, O Barveiro de Cebilha, A Horgulhosa, O (p. 121) Sebero Di tador*²⁹⁴ e outras impropriedades desse porte, que não somente manifestam a ignorância no uso da língua pelos escreventes, mas, também, o abandono por parte da polícia da capital nesses assuntos.

Que opinião tão mesquinha formará um estrangeiro de nossa ilustração ao ver – diante dos narizes²⁹⁵ – semelhantes desperdícios escritos e autorizados publicamente não apenas no interior, mas, nem mais nem menos do que no México – a capital das Índias Setentrionais –, havendo nela tanta autoridade respeitável e um número de sábios tão reconhecidos em todas as faculdades? O que o estrangeiro

²⁹² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, em itálicos, “¿Pues del Padre celestial / fue María la hija querida? / No, había de ser concebida / sin pecado original.” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 120).

²⁹³ **Nota da Tradutora: Na nota 39 (2008, p. 120), Ruiz Barrionuevo comenta que o *Coliseo* foi o principal teatro do México nos tempos de Fernández de Lizardi, e que desapareceu em um incêndio, em 1931, já sob o nome de Teatro Principal.

²⁹⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, em itálicos, “*ChocolaTería famosa, Rial estanquiyo de puros y cigaros, El Barbero de Cebilla, La Horgullosa, El Sebero Dictador*”. Ruiz Barrionuevo (2008) comenta que Fernández de Lizardi transcreve ao romance exemplos reais de uso da linguagem escrita à época.

²⁹⁵ Nota da Tradutora: López y López (1931, p. 462) explicam que a expressão “a vista y paciencia” significa “*consintiendo delante de*” – [Nossa tradução: consentimento perante].

dirá, ou (p. 121) qual concepção se formará, senão que o povo comum (e isso se pensa de forma equânime) é formado por pessoas muito vulgares e ignorantes, e que foi abandonado completamente por aqueles a quem se confiou sua ilustração?

Seria desejável que não fosse permitido que se escrevessem esses barbarismos públicos que contribuem, em muito, para nosso descrédito²⁹⁶. No entanto, isso não é, ainda, todo o mal desse caso, porque é uma pena ver que os defeitos na ortografia (p. 122) estendem-se a muitas pessoas de esmerada educação, de talentos não vulgares, e que, talvez, tenham passado sua juventude nos colégios e universidades. Desse modo, não é muito difícil ouvir um belo discurso de um orador, e se dar conta – nesse mesmo discurso escrito por sua mão – de sessenta mil defeitos ortográficos. Eu creio que essa falta deve-se atribuir aos mestres das primeiras letras. Esses, ou consideram esse ponto tão principal da escrita como pura curiosidade, ou como requisito não necessário – e, por isso, eles descuidam de muitos aspectos ao ensiná-lo para seus discípulos –, ou ignoram, por completo, o assunto – como foi o caso de meu mestre – e, assim, simplesmente não podem ensiná-lo. Já nos dias de hoje, vai-se remediando esse caso com a aplicação de nossos professores.

Vedes, pois, o que eu poderia ter aprendido com um mestre tão habilidoso. Nada, com certeza. Um ano estive em sua companhia e, nesse tempo, aprendi a ler *sem soletrar, de forma corrida*, segundo valorizava meu cândido preceptor. E eu ainda lia aos saltos. Isso porque, como meu professor não reparava em infantilidades – como o fato de nos ensinar a ler respeitando a pontuação –, nós pulávamos, mais ligeiro que um gato, os pontos, os parênteses, as exclamações e demais

²⁹⁶ Nota do Autor: “Em todas as partes, o bom gosto se tem queixado dos insultos que a barbárie lhe tem feito. Antonio Ponz [(1725-1792)], em sua obra *Viajes fuera de España*, discute ‘desvios’ semelhantes, publicamente escritos, em sua pátria. Ele exalta a polícia de muitas cidades da Europa nas quais viu escritos cartazes públicos com a maior exatidão ortográfica e preciosidade caligráfica. Nesse sentido, a polícia propõe a seus conterrâneos esses modelos de ilustração, com o desejo de que eles sejam adotados. Tal intuito é o mesmo que nos anima hoje fazer esses comentários. Esse mau costume é corrigido aos poucos no novo sistema de governo; porém, falta, ainda, suprimir todos os casos dos lugares públicos. É também observado no cartaz do Coliseu” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 121, nota de rodapé b) (Nossa tradução). **Nota da Tradutora: Fernández de Lizardi, nessa nota de rodapé, expressa sua opinião sobre a falha de ortografia na escrita em lugares públicos e o faz utilizando as palavras “*barbárie*”, “*barbarismos*” e “*abuso*” para se referir aos desvios da norma-padrão da língua. Para isso, recorre a Antonio Ponz, que, segundo Ruiz Barrionuevo (2008, p. 121, nota 41), percorreu a Espanha ao mesmo tempo em que estudara sua riqueza artística, fruto do qual resultou seu livro *Viaje de España* – [Nossa tradução: Viagem à Espanha] – em 18 volumes (1772-1774), aos quais sucederam dois mais sob o título: *Viaje fuera de España* [Nossa tradução: Viagens fora da Espanha]. Fernández de Lizardi, em sua nota de rodapé, refere-se a estes últimos.

insignificâncias (p. 122) dessa classe de coisas. Tal fato era exaltado por meu professor e outros iguais a ele.

Esqueci-me, também, em poucos dias, daquelas ditas máximas de boa criação que meu pai tinha-me ensinado sob a anuência de minha mãe; porém, em troca do pouco que esqueci, aprendi muitas outras coisinhas, como, por exemplo, a ser desavergonhado, malcriado, briguento, vigarista, tagarela e a ser um apostadorzinho.

A dita escola era, além de pobre, mal dirigida. Por causa disso, somente a frequentavam os rapazes comuns. Na companhia e exemplo deles, auxiliado pelo descaso de meu mestre e por minha boa disposição para o mal, eu aprendi, com muita destreza, as finezas que vos mencionei acima. Uma dessas sutilezas que aprendi foi a de colocar apelidos grosseiros não somente nos rapazes que eram meus condiscípulos, mas também em todos os conhecidos que eu tinha em meu bairro, sem exceção aos velhos mais veneráveis. Costume ou corruptela indigna de toda pessoa bem-nascida! Esse vício era, no entanto, introduzido, quase que geralmente, nas más escolas, nos colégios, quartéis e outras casas da comunidade. Era um vício tão comum nos povos que ninguém ficava livre de levar seu mau nome na retaguarda. Em minha escola, todos nos esquecemos (p. 123) de nossos próprios nomes e éramos chamados pelos apelidos injuriosos com que fomos batizados. Um era conhecido por Caolho, outro, por Corcunda, esse, por Remelento, aquele, por Xucro. Quem era muito bem entendido, por Louco, quem não o era, por Burro, e também, outro, por Zonzo. Assim, todos eram apelidados.

No meio de tantos padrinhos, é lógico que eu não poderia ficar sem meu apelido. Eu tinha, quando ia à escola, uma jaquetinha verde e calças amarelas. Essas cores – e o modo como meu professor me chamava algumas vezes, carinhosamente, de *Pedriquinho* – facilitaram a tarefa de meus amigos de criarem meu mau nome: *Periquitinho*. Mas, estava faltando um adjetivo que me distinguisse do outro *Pedro* (quer dizer, *Perico*²⁹⁷), que já havia entre nós. Esse complemento a meu apelido não tardou em chegar. Eu contraí, em certa ocasião, a doença da sarna, apenas percebida

²⁹⁷ Nota da Tradutora: No relato, nosso Periquitinho revela a presença de outro coleguinha com o nome Pedro. Esse menino já era conhecido por *Perico*; portanto, a personagem principal recebe o nome Periquitinho. Lê-se no original a palavra *Perico* no lugar de nossa tradução: Pedro. Entendemos o termo *Perico* como o diminutivo familiar para Pedro. A palavra em si está presente na língua portuguesa e apresenta a definição, na segunda acepção, no dicionário *Aulete Digital*: “perico; espécie de papagaio. F. cast. Perico”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/perico>. Acesso em: 29 ago. 2021. Nós usaremos, quando necessário, Quitinho para nos referirmos ao outro apelido do Periquitinho.

pelos comparsas (p. 123), que se lembraram de meu sobrenome legítimo e encaixaram-me o estrepitoso título de *Sarnento*. Então, eis-me aqui, conhecido – não somente na escola, quando rapaz, mas, também, já homem feito, e em todas as partes – por *Periquitinho Sarnento*.

Naquele momento, não me preocupei com o assunto e me contentei em corresponder a quem me tinha apelidado com tantos apelidos que eu fosse capaz de lhes atribuir. No entanto, ao se passarem os anos de minha vida, concebi que era uma questão odiosa e muito malvista o fato de possuir um apelido feio. Senti-me desesperado como Barrabás²⁹⁸; com isso, reprovei esse vício e enchi de maldições aos rapazes, mas... já era tarde demais.

No entanto, essas lições devem ser de vosso proveito, para que jamais permitais a vossos filhos que coloquem apelidos nos outros, e os advertais de que essa mania vulgar, no mínimo, denuncia um nascimento ordinário e uma educação muito grosseira. E digo “no mínimo” porque, se isso não acontecer apenas por mera corruptela e aleivosia, mas porque tais apelidos são, já por si mesmos, injuriosos – mais ainda quando são pronunciados com o intuito de injuriar –, então esse mau hábito comprova, em quem o pratica, uma alma baixa ou corrompida. E será pecaminosa a tal de corruptela, de mais ou de menos gravidade, segundo o espírito com que seja utilizada.

Entre os romanos, era costume nomear a outros com apelidos que denotassem os defeitos corporais de quem os possuía. Assim, identificaram-se os *Ganchos*²⁹⁹, os *Mãos-largas*, os *Cicerones*, os *Narigudos*, entre outros.

Contudo, o que naquela época era costume adotado para imortalizar a memória de um herói, hoje é uma grosseria entre nós. As leis de Castela³⁰⁰ (p. 124) impõem

²⁹⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me daba a Barrabás* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 123). Segundo López y López (1931, p. 464), a frase no original expressa o significado de desesperar-se.

²⁹⁹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, em itálico, *Cocles*, e significa gancho. De acordo com a obra *Los galicismos en español de los siglos XVI y XVII*, de Elena Varela Merino (2009, p. 932-934), o termo não é mais utilizado com essa grafia desde 1884, substituído pela grafia “cloque” no *DRAE*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=w8Ha4y7AthkC&lpg=PA933&ots=cDMhVYDPfG&dq=qu%C3%A9%20significa%20'cocale'%3F&hl=es&pg=PA932#v=onepage&q=qu%C3%A9%20significa%20'cocale'&f=false>. Acesso em: 22 jun. 2020.

³⁰⁰ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) sugere revisar a *Novísima Recopilación de las Leyes de España* – [Nossa tradução: Nova Recopilação das Leis da Espanha]. Segue o link para acessar aos documentos: https://www.boe.es/biblioteca_juridica/publicacion.php?id=PUB-LH-1993-63&tipo=L&modo=2. Acesso em: 06 jun. 2021.

graves penalidades (p. 124) para quem injuria a outros com palavra, e o mesmo Cristo disse que *será réu do fogo eterno quem disser para seu irmão tolo ou fátuo*³⁰¹.

E se ainda com nossos iguais devemos de nos abster deste vício, o que dizer com respeito a nossos anciãos, com maior saber e governo? E mesmo assim, qual é o superior – qualquer que seja sua classe ou o caráter – que não tenha seu apelido na comunidade ou no povoado que governa? Esse é, pois, um audacioso atrevimento, porque devemos respeitá-los tanto no público quanto no privado.

A velhice em si já é um motivo para exercitarmos nosso respeito. Os cabelos brancos dão a quem já os adquiriu certa autoridade sobre os mais moços. Tão conhecida tem sido essa verdade e tão antiga que já no Levítico se lê: *Diante de cabelos grisalhos te levantarás, e honrarás a face do ancião*³⁰². Mesmo entre os próprios pagãos, não lhes era desconhecida a justiça dessa homenagem. Juvenal³⁰³ nos disse que *houve um tempo no qual se tinha por crime digno de morte o fato de um jovem que não se levantasse na presença de um velho ou de uma criança na presença de um homem barbudo*³⁰⁴. Dentre os habitantes da Lacônia, *as crianças eram instadas a reverenciar publicamente os anciãos e lhes ceder o lugar em todas as ocasiões*³⁰⁵.

(p. 125) O que diriam esses dignos antepassados se pudessem ver, hoje, como os rapazes zombarem dos pobres velhos à mercê de sua cansada idade? Quarenta e dois rapazes morreram nos braços e dentes de dois ursos. E, por quê? Porque eles

³⁰¹ Nota da Tradutora: Trata-se da referência a *São Mateus*, 5, 22: “Mas eu digo a vocês que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno”. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus_5_22/. Acesso em: 06 jun. 2021.

³⁰² Nota da Tradutora: Trata-se da referência a *Levítico*, 19, 32: “Levantem-se na presença dos idosos, honrem os anciãos, temam o seu Deus. Eu sou o Senhor”. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/levitico_19_32/. Acesso em: 06 jun. 2021

³⁰³ **Nota da Tradutora: Poeta romano que viveu entre os séculos I e II. C. Para mais informações, sugerimos visitar: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Juvenal%20-%20O%20Sat%C3%ADrico%20Indignado.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

³⁰⁴ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo indica que o autor retirou o trecho da obra de Juvenal, *Sátira XIII*, vv. 53-57 (*Improbis illo fuit admirabilis aevo / credebant quo grande negas et morte piandum, / si iuvenis vetulo non adsurrexerat et si / barbato cuicumque puer, licet ipse videret / plura domi graga et maiores glandis acervos*). O próprio Fernández de Lizardi realizou a tradução da citação e a inseriu no texto acima.

³⁰⁵ Nota da Tradutora: Citação de Jenofonte feita por Nicolas Jamin (1775, p. 27-28): “Jeunes gens, apprenez à respecter les Anciens comme vos pères [...]. L’antiquité profane même regardoit comme coupable d’un grand crime, le jeune homme qui ne se levoit pas à la arrivée d’un vieillard”. A tradução feita pelo próprio autor encontra-se inserida no corpo do texto. Para mais informações sobre a obra de Jamin, ver nota 252 de nossa tradução.

escarneceram (p. 125) do profeta Eliseu quando lhe gritaram *careca*³⁰⁶. Oh, que bom seria que sempre se tivesse um par de ursos à disposição para castigar a insolência de tantos rapazes atrevidos e malcriados que crescem entre nós!

Não somente falo dos velhos, mas, também, refiro-me ao fato de que nem sequer os dementes – em suas singelezas – deveriam ser, em qualquer caso, tomados como objeto de chacota. O defeito espiritual desses infelizes deve servir para dar graças ao Criador por nos ter livrado de igual fatalidade. Deveríamos controlar nossa soberba e nos pôr a refletir sobre a possibilidade de, amanhã, ou outro dia, podermos vir a padecer igual transtorno, já que somos todos da mesma massa. E, por último, deveríamos exercitar nossa compaixão por eles, porque o miserável traz em sua própria miséria uma carta de recomendação de Deus para seus semelhantes. Vede, pois, quanta crueldade não será zombar de qualquer um desses coitados, em lugar de nos compadecermos deles e os socorrer, como deveria ser.

Voltando a meus avanços na escola, afirmo que foram nulos. Assim teria sido para sempre se um impensado acidente não me tivesse livrado de meu mestre. Aconteceu que, certo dia, entrou um padre clérigo com um menino, porque queria encomendá-lo a sua orientação. Depois da conversa, ao se despedir, observou o pequeno verso do qual já vos comentei, mirou-o atentamente, tirou do bolso uma luneta, voltou a ler o verso, procurou limpar as interrogações e a vírgula que tinha o *não*, acreditando que poderiam ser fezes de moscas. E, ao se dar por satisfeito de que eram caracteres muito bem pintados, perguntou:

– Quem escreveu isso? – e meu bom professor respondeu que fora ele mesmo que tinha escrito o verso e que essa era sua letra. O eclesiástico ficou indignado e lhe indagou:

– E o *Señor*, o que quis dizer com o que está escrito aí?

– Eu, padre, – respondeu meu professor gaguejante – o que (p. 126) eu quis dizer é que Maria Santíssima foi concebida na graça original, porque foi a filha querida de Deus Pai.

³⁰⁶ Nota da Tradutora: Referência ao *Livro II dos Reis*, 2: 23, 24: “Então subiu dali a Betel; e, subindo ele pelo caminho, uns meninos saíram da cidade, e zombavam dele, e diziam-lhe: Sobe, calvo; sobe, calvo! E, virando-se ele para trás, os viu, e os amaldiçoou no nome do Senhor; então duas ursos saíram do bosque, e despedaçaram quarenta e dois daqueles meninos”. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/2rs/2/23,24>. Acesso em: 06 jun. 2021.

(p. 126) – Pois, meu amigo – falou o clérigo –, isso foi o que quieria ter dito, mas só é possível ler um disparate escandaloso. Porém, pelo que vejo, isso é só o efeito de sua má ortografia. Apague isso agora mesmo, pegue a pluma e o tinteiro e, com todos seus algodões juntos, apague já isso, antes que eu vá embora, porque esse verso está perversamente escrito. E se não sabe usar os sinais de pontuação, então não os pinte jamais. É preferível deixar suas cartas, e tudo o que escreve, à discrição dos leitores, sem gota de pontuação, porque, por fazer o que não sabe, acaba por escrever injúrias ou blasfêmias como essa aqui. O pobre de meu mestre, atordoado e cheio de vergonha, apagou o verso fatal na presença do padre e da nossa. Logo que concluiu sua implícita retratação, prosseguiu o eclesiástico:

– Eu levo embora daqui meu sobrinho, porque ele é cego, por sua pouca idade, e o *Señor* é outro cego, por sua ignorância. E se um cego é o lazarilho de outro, já terá ouvido dizer que os dois irão cair no precipício³⁰⁷. O *señor* tem coração e boa conduta, mas essas qualidades, por si mesmas, não são o bastante para sermos bons pais, bons pajens, nem bons mestres para a juventude. São necessários requisitos para desempenhar esses títulos: *ciência, prudência, virtude e disposição*. O *señor* não tem mais do que virtude, e isso somente lhe fará bom para ser o garoto leva-e-traz das freiras ou, então, o coroinha. Não é candidato para professor de crianças. Portanto, procure solicitar outro destino, já que, se eu volto a ver essa escola aberta, avisarei o mestre maior para que lhe retire a licença, se acaso a tiver. Adeus.

Imaginem como meu mestre ficou com semelhante panegírico. Logo após o padre ter ido embora, ele se sentou e reclinou a cabeça entre seus braços, muito confuso e num profundo silêncio. Aquele dia não fizemos caligrafia, nem tivemos aula, nem rezamos, nem tivemos doutrinação, ou outra coisa. Nós também participamos de sua tristeza da forma que nos foi possível, porque deixamos de lado a caligrafia, os livros e não nos atrevemos a levantar a voz para nada. Ainda que, para não perder o costume, brincamos e tagarelamos em segredo até que deram as doze. Quando meu

³⁰⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *si un ciego es lazarillo de otro ciego* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 126). López y López (1931, p. 477) complementam a expressão: *los dos van a dar al precipicio*. Ela tem o sentido de colocar em uma situação difícil a quem pede auxílio para alguém sem experiência e/ou senso. Desse modo, supõe-se a explicação de que o professor, por falta dos conhecimentos necessários para sê-lo, levaria o sobrinho do padre não à instrução, mas a seu contrário.

mestre (p. 126) ouviu a primeira badalada, voltou (p. 127) a si. Rezou conosco e, depois, deu-nos sua benção. Ele nos disse com ternura:

– Meus filhos, não prosseguirei num destino que, longe de me dar de comer, dá-me desgostos. Já presenciaram o incidente que acabou de acontecer com o padre. Que Deus o perdoe pelo mau momento que ele me fez passar. Mas, eu não quero me expor novamente a outra dessas situações. Então, não venham à tarde à escola. Avisem a vossos pais que estou doente e não voltarei a abrir a escola. Portanto, meus filhos, vão em paz e rezem por mim.

Não deixamos de nos sentir um tanto aflitos, nem nossos olhos deixaram de manifestar nosso pesar, porque, efetivamente, nós sentimos pelo que tinha passado com nosso mestre. Mesmo que atordoados, estávamos cientes de que não íamos achar um mestre tão afetuoso, feito pão de ló. Mas, enfim, fomos embora.

Cada um dos rapazes encarregou-se, em casa, de fazer o que eu fiz: contar, ao pé da letra, toda a cena presenciada e a resolução de meu mestre de não abrir novamente a escola. Com essa notícia, teve meu pai que encontrar um novo mestre para mim, e o achou ao cabo de cinco dias. Levou-me à escola dele e me entregou a sua autoridade.

Quão instável é a sorte nessa vida! Mal nos mostra seu rosto favorável um dia para olhar-nos com cara feia por muitos meses. Valha-me Deus! E como conheci essa verdade ao trocar de escola! Num instante, vi-me passar do paraíso para o inferno, e do poder de um anjo para o diabo atormentador. Meu mundo virou-se de ponta-cabeça.

Esse meu novo mestre era alto, seco, já com alguns cabelos brancos, muito mal-humorado e hipocondríaco. Ele era homem de bem a toda prova, arrogante leitor, famoso pendolista³⁰⁸, destro aritmético e estudante regular. Porém, todas essas suas qualidades eram ofuscadas por seu gênio severo e duro.

Era muito eficaz e escrupuloso. Tinha poucos discípulos, e a cada um deles considerava como o único objeto de seu instituto. Belo pensamento, se ele tivesse sabido aplicá-lo prudentemente! Mas, enquanto alguns pecam por demasiada

³⁰⁸ Nota da Tradutora: De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, “s. m. || (des.) o que maneja a pêndola ou pena; plumitivo, escritor: De um pendolista bodefe é o outro governado. (De uns versos do séc. XVII eit , por Camilo em Noites de Insônia , VII, p. 75, ed. 1874.) F. cf. cast. Pendolista”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/pendolista>. Acesso em: 01 abr. 2024.

candura, (p. 127) outros o fazem por serem duros ao extremo, porque lhes falta a virtude. Meu primeiro mestre era, minimamente, compassivo e condescendente. O segundo era, minimamente, severo e escrupuloso. O primeiro era (p. 128) muito indulgente conosco, o outro não nos permitia nem o mínimo. Aquele nos acariciava sem recato, e este nos martirizava sem compaixão.

Tal era meu novo preceptor, de cuja boca o riso tinha sido desterrado para sempre, e em cujo amarelado semblante era possível ler toda a gravidade de um Areópago. Era daqueles sujeitos que consideravam como infalível a máxima cruel e vulgar de que *a letra entra com sangue*, e, sob esse sistema, era muito difícil que houvesse um dia em que não fôssemos atormentados por ele. A disciplina, a palmatória, as orelhas de burro e todos os instrumentos punitivos eram continuamente utilizados conosco. Eu, que já estava cheio de vícios, sofria mais do que qualquer outro de meus condiscípulos os rigores do castigo.

Se meu primeiro mestre não era o adequado, por ser indulgente, este era menos, por ser tirano. Se aquele era bom para ajudante de freiras, este era melhor para cocheiro ou para capataz.

É um erro muito grosseiro pensar que o temor pode produzir progressos na infância se for aplicado em excesso. Com muita razão, já dizia Plínio que *o medo é um mestre muito infiel*³⁰⁹. Por milagre, conseguirá acertar alguma coisa quem empreenda algo prevenido pelo medo e pelo terror. O ânimo conturbado, dizia Cícero, não está em estado adequado para desempenhar suas funções³¹⁰. Isso acontecia comigo, porque quando ia, ou me levavam para a escola, já entrava nela possuindo de um temor imponderável. Com isso, minha mão tremia e minha língua balbuciava, de modo que não conseguia compor uma linha que fosse boa, nem articular uma palavra adequada. Eu errava tudo, não por falta de explicação, mas porque sobrava medo em mim. A meus erros, seguiam os açoites, aos açoites, mais medo, e ao medo, mais (p.

³⁰⁹ Transcrição da nota 49, da edição de 2008 (p. 128, em itálicos): “[o autor traz a citação de] Plínio, o jovem, feita por Jamin (1775), em *Panegírico de Trajano*: ‘*Infidelis recti Magister est metus*’ – [tradução feita pelo autor inserida no corpo do texto]. Jamin (1775, p.12) comenta: ‘*La crainte est un méchant Maître pour donner des leçons de vertu*’ – [Nossa tradução: O medo é um mestre mau para dar lições de virtude]” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para mais informações sobre a obra de Jamin, ver nota 252 de nossa tradução.

³¹⁰ Nota do Autor: “[citação de Cícero em: *Tusculanae Disputationis*, livro III, VII, 15]. *Conturbatus animus non est aptus ad exequendum munus suum*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 128, nota de rodapé d) (Nossa tradução).

128) inépcia de minha mão e de minha língua: era ela a que mais me trazia castigos.

(p. 129: ilustração)

(p. 130) Nesse círculo horroroso de erros e castigos, vivi dois meses sob o domínio daquele déspota infernal. Nesse tempo, quantas diligências não fez minha mãe – obrigada por minhas queixas – para me mudar de escola! Quanto desgosto teve de aguentar e quantas lágrimas isso lhe custou! Mas, meu pai mostrava-se inexorável, convencido de que tudo era efeito dos tantos mimos que eu havia recebido, e não queria nisso condescender frente a ela. Isso seguiu até que, por sorte, foi, certo dia, de visita a nossa casa, um religioso que tinha notícias do pão que amassava o tal do *señor* meu mestre. Ao se oferecer para falar das crueldades desse mestre, implorou minha mãe com tanta dedicação – e com a sólida testemunha do religioso a meu favor – que meu pai foi convencido. Então, ele resolveu levar-me a outro lugar, como podereis ver no capítulo seguinte.

(p. 131) **Capítulo III**

No qual o Periquitinho descreve sua terceira escola, e da luta de seus pais para o levar a exercer um ofício

Chegou o adiado dia no qual meu pai, em companhia do bom religioso, determinou levar-me para a terceira escola. Eu ia cabisbaixo, choroso e cheio de temor – acreditando que iria deparar-me com um exemplar similar ao velho cruel de cujo poder acabaram de me livrar –, embora meu pai e o reverendo empenhassem-se em fortalecer-me o ânimo.

Entramos, finalmente, na nova escola, mas, que surpresa a minha ao ver o que não esperava nem estava acostumado a ver! Era uma sala muito espaçosa e limpa, cheia de luz e ventilação, que não atrapalhava seus belos vitrais. As pautas e amostras espaçadamente colocadas eram seguradas por figuras de gênios graciosos que, na mão direita, tinham uma grinalda de rosas da mais alegre e finíssima composição. Aparentemente, meu mestre leu o sábio Blanchard em sua *L'École des mœurs*³¹¹ e pretendeu (p. 132) realizar os projetos que aponta o dito sábio nessa parte, porque a sala de ensino transbordava em luz, limpeza, curiosidade e alegria.

A primeira impressão que tive, ao olhar o agradável exterior da escola, fez diminuir em mim, notavelmente, o sentimento de pavor com o qual eu ali havia chegado. Fiquei ainda mais tranquilo quando vi a alegria desenhada nos semblantes das outras crianças de quem iria tornar-me colega.

Meu novo mestre não era um velho adusto e taciturno, segundo eu o tinha imaginado. Ele era todo o contrário disso. Estava na casa de seus trinta e dois anos, de corpo esbelto e de estatura regular. Vestia-se de forma decente, mas à moda, e muito alinhado. Seu rosto manifestava a doçura de seu coração. Sua boca era o depósito de um sorriso prudente. Seus olhos, vivos e penetrantes, inspiravam confiança e respeito. Numa palavra, esse homem amável parece que tinha nascido para orientar a juventude em seus primeiros anos.

³¹¹ **Nota da Tradutora: Jean-Baptiste Blanchard (1731-1797) foi um jesuíta francês, autor de *L'École des mœurs* – [Nossa tradução: Escola dos costumes] – (1775). Nessa obra, Blanchard adapta para a educação cristã os princípios do *Emile*, de Rousseau. De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 131, nota 51), alguns capítulos da obra servem para o autor como base para esses momentos iniciais da educação do Periquitinho.

(p. 132) Logo depois que meu pai e o religioso retiraram-se, meu mestre levou-me ao corredor; começou a me mostrar os vasos e me perguntou pelas flores que conhecia, para me levar a refletir sobre a variedade da beleza de suas cores, a suavidade de seus aromas e o artificioso mecanismo com que a natureza repartia as substâncias da terra pelas ramificações das plantas.

Depois, fez-me ouvir o doce canto de vários passarinhos pintados que estavam pendurados em suas jaulas como os da sala de aula, e me disse:

– Vês, filho, que primores encerra a natureza, ainda que em quatro pequenas ervas e alguns pequenos animais que aqui temos? Pois essa natureza é a ministra do Deus no qual cremos e ao qual adoramos. A maior maravilha da natureza que te deixa surpreso foi feita pelo Criador com um ato simples de sua vontade. Esse balão de fogo que está sobre nossas cabeças, que arde, sem se consumir, por muitos milhares de anos, que mantém suas chamas sem saber-se (p. 133) com que combustível, que não só alegra, mas também dá vida ao homem, ao animal, à planta e à pedra. Esse sol, meu filho, essa tocha do dia, esse olho nos céus, essa alma da natureza, que, com seus benéficos resplendores, tem deslumbrado a muitos povos, conquistando louvores de deidade, não é nada mais – para que tu me entendas bem – do que um brinquedo da Soberana Onipotência.

“Agora, considere qual será o poder, a sabedoria e o amor deste teu grande Deus, pois esse sol que te admira, esses céus que te alegram, esses passarinhos que te divertem, essas flores que te adulam, esse homem que te ensina, e tudo quanto tiveres em volta na natureza, saiu de suas divinas mãos sem o menor trabalho, com toda a perfeição, e tudo isso destinado a te servir. E, então, será que és tão insignificante que não conheces Nosso *Señor*? Ou se já O conheces, és tão indigno que não és grato ao Deus que te fez tantos favores sem merecê-los? Não consigo acreditar que sejas assim. Pois bem, a melhor maneira para uma pessoa demonstrar gratidão a seu benfeitor é servi-lo em tudo que lhe seja possível, não lhe dar nenhum desgosto e fazer aquilo que ele te disser que seja feito.

“Tu deves praticar isso com relação a teu Deus, por Ele ser tão bom. O *Señor* ordena-te que O ames e que observes Seus mandamentos. No quarto mandamento, ele ordena que tu obedeças e respeites teus pais e, depois deles, teus superiores, entre os quais teus mestres têm um lugar muito distinto. Agora é minha vez de ser teu mestre, e é tua vez de me obedecer como um bom discípulo. Devo amá-lo como filho

(p. 133) e ensiná-lo com gentileza, e tu deves me amar, respeitar e obedecer como a teu pai.

“Não tenhas medo de mim, pois não sou teu carrasco. Trata-me com respeito, mas, ao mesmo tempo, com confiança, e considera-me como um pai e um amigo. Aqui há férulas, e de arame, que arrancam pedaços. Temos palmatórias, orelhas de burro, cepos, grilhões e mil coisas feias; mas tu não vais vê-los muito facilmente, porque eles estão trancados numa despensa. Esses horríveis instrumentos, que anunciam dor e infâmia, não foram feitos para ti ou para as crianças que tu viste aqui, pois fostes criados em berços de boas famílias; tendes pais muito bons, que vos deram uma bela educação e que inspiraram em vós os melhores sentimentos de virtude, honra e vergonha, e não acredito, nem espero jamais que (p. 134) vós me ponhais na difícil situação de ter de usar punições tão repugnantes.

“O açoite, meu filho, foi inventado para castigar, causando humilhação a quem é racional, e para avivar a preguiça das bestas animálias que carecem da razão. Ele não foi feito para a criança decente e recatada que sabe o que é importante fazer e aquilo que nunca deve executar. Isso deve acontecer, não pelo medo ao rigor do castigo, mas pela obrigação da persuasão da doutrina e pelo convencimento de seu próprio interesse. Mesmo os irracionais tornam-se dóceis e aprendem somente com a continuidade do ensino, sem necessidade do castigo. Quantos açoites tu crês que eu dei nesses inocentes passarinhos para eles trinarem tal qual tu os ouves? Vejo que supões que nenhum, porque nem sou capaz de usar tal tirania, nem os pequenos animais poderiam resisti-la.

“Meu empenho em ensiná-los e sua aplicação para aprender foi o que fez com que se acostumassem a gorjear do jeito que tu os ouves. Por conseguinte, se aquelas pequenas aves não precisam de açoite para aprender, uma criança como tu, como poderia precisar disso?... Jesus! ... Nem pensar. O que achas? Estou enganado? Será que me amarás? Farás o que eu mandar?

– Sim, *señor* – eu disse-lhe com ternura, beijei-lhe a mão, apaixonado pelo doce gênio. Ele, então, deu-me um abraço e me levou para seu quarto, deu-me uns biscoitos, sentou-me em sua cama e me disse para eu ficar ali. É incrível o que domina o coração humano, um caráter doce e afável, e mais ainda num superior. O coração de meu mestre me docilizou tanto com sua primeira lição, que sempre o quis e venerei profundamente, e por esse motivo eu lhe obedecia com gosto.

(p. 134) Deram as doze. Chamou-me meu mestre para rezar com as crianças na escola. Acabamos, e logo ele nos permitiu brincar, envolvendo todos em boa companhia, mas sob sua supervisão, com todo respeito a ele. Nossas brincadeiras eram inocentes. Enquanto isso, foram chegando criados e criadas por suas respectivas crianças, até que chegou a de minha casa e me levou.

Contudo, notei que meu mestre mostrou-lhe o livro que eu tinha de ler e, também, deu-lhe um pequeno bilhete para meu pai, no qual, em resumo, informava que eu levaria, primeiramente, os compêndios (p. 135) de Fleury³¹² ou Pintón³¹³ e, quando eu já estivesse bem instruído naqueles princípios, seria de utilidade colocar em minhas mãos *O feliz independente*³¹⁴, *Los niños célebres*³¹⁵, *Recreações do homem sensível*³¹⁶ ou outras obras semelhantes; mas que nunca seria conveniente que eu lesse *Soledades de la vida*³¹⁷, os *Romances* de (p. 136) Zayas³¹⁸ e *Guerras*

³¹² **Nota da Tradutora: Claude Fleury (1640-1723) foi um sacerdote e pedagogo francês. Luís XIV confiou-lhe a educação de seu filho natural, o conde de Vermandois.

³¹³ **Nota da Tradutora: José Pintón (?-?) teve um grande número de edições. Ruiz Barrionuevo (2008, p. 135, nota 53) menciona o *Compendio histórico de la religión desde la creación del mundo hasta el estado presente de la Iglesia* – [Nossa tradução: Compêndio histórico da religião: da criação do mundo até o estado presente da Igreja] –, publicado no ano de 1800.

³¹⁴ **Nota da Tradutora: O nome completo da obra é *O feliz independente do mundo e da fortuna* (1779), de dom Teodoro de Almeida (1722-1803). O clérigo oratoriano foi uma figura proeminente da Ilustração católica portuguesa/ibérica e da Filosofia Moral. Sua obra mais conhecida foi *Recreação filosófica* (1751-1752). Viveu exilado na França devido a ser um dos antagonistas da política aplicada pelo governo do Marquês de Pombal. Para mais informações, visitar: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/46789/3/Os%20dia%CC%81logos%20filoso%CC%81ficos%20do%20%20padre%20teodoro%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2021.

³¹⁵ **Nota da Tradutora: Trata-se de uma antologia de leituras adaptadas para crianças em francês, sob o título *Vie des enfants célèbres*, ou *Les modèles du jeune âge; suivis de plus beaux traits de piété filiale: pour servir de lecture et d'instruction à la jeunesse* – [Nossa tradução: A vida de crianças famosas, ou Modelos para a juventude; seguidos pelos exemplos mais belos da piedade filial: para servir de leitura e instrução para a juventude] – (1797-1798), escrita por Anne-François-Joaquim Fréville (1750?-18.). Obra original disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k49059m.image#>. Acesso em: 01 jul. 2021.

³¹⁶ **Nota da Tradutora: Francisco Tomás Baculard d'Arnaud (1718-1805) foi um autor francês de extensa produção. A obra citada no romance de Fernández de Lizardi (1816) foi traduzida ao português por Antonio de Moraes Silva e publicada entre 1820 e 1821 sob o título *Recreações do homem sensível, ou coleção de exemplos verdadeiros e patéticos, nos quais se dá um curso de moral prática conforme 'as máximas da sã filosofia', e da religião, para as pessoas de todos os Estados*. Mais informações em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/traducao.htm>. Acesso em: 15 jul. 2020.

³¹⁷ **Nota da Tradutora: Na nota 57 (2008, p. 135), Ruiz Barrionuevo aponta que a obra de Cristóbal Lozano (1609-1667) contém narrações de caráter histórico, religioso e lendário.

³¹⁸ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) comenta que María de Zayas Sotomayor (1590-1661) é a escritora mais representativa do século XVII espanhol. *Novelas amorosas y ejemplares* – [Nossa tradução: Romances amorosos e exemplares] – (1637), *Novelas y sarao* [Nossa tradução: Romances e sarau] – (1647) são algumas de suas obras. Foi muitas vezes censurada pela imoralidade de sua obra, cujos assuntos provêm de temas italianos e espanhóis. No entanto, de acordo com Catelli (2004, p. 67), “por um lado, parece correto concordar com a ideia de que, num certo nível, os textos de Zayas

civiles de (p. 136) Granada³¹⁹, *La historia de Carlo Magno y doce pares*³²⁰, nem outras bobagens dessa estirpe, já que, longe de formar, elas cooperam para corromper o espírito das crianças, ou para dispor seu coração à lubricidade, ou encher suas cabeças de fábulas, valentias e patranhas ridículas.

Meu pai fez tudo segundo queria meu mestre, e com mais gosto ainda porque sabia que isso não era nada vulgar. Durante dois anos, estive na companhia desse homem amável e, ao término deles, tinha, medianamente, adquirido os rudimentos de leitura, escrita e matemáticas. Meu pai proporcionou-me vestes decentes para o dia de meu exame público. Ele esforçou-se para dar um bom presente³²¹ a meu mestre, que, efetivamente, merecia-o muito. Agradeceu-lhe devidamente, e eu também o fiz com muitos abraços. Assim nós nos despedimos.

mostram uma constante preocupação com o matrimônio, a violência doméstica e a educação das mulheres, a qual facilita leituras diretamente feministas”. Segundo a pesquisadora, “a posição exata de Zayas continua difícil de precisar. Por isso, é necessário nos perguntarmos se é apropriado utilizar o rótulo ‘feminista’ ou ‘protofeminista’ para nos referirmos a Zayas. Na minha opinião, este tipo de definição é possível apenas como resultado de uma contextualização que dê conta, ao mesmo tempo, da sua condição de sujeito feminino letrado e do seu contexto social e cultural particular. Em lugar de rotular a Zayas e sua obra, entretanto, parece mais adequado apreciar sua sofisticação como leitora e observadora do tecido sociocultural Contra-reformista e a agudez crítica da sua obra literária” (Catelli, 2004, p. 68). A pesquisadora anota, ainda: “Zayas criticava um dos fundamentos conceituais da violência sobre o corpo feminino e, portanto, criticava os valores estéticos e socioculturais da Contra-reforma em relação ao sexo feminino” (Catelli, 2004, p. 69). Nesse seu texto, de 2004, a autora opina que “é evidente que Zayas discordava de qualquer noção que sugerisse que a constituição física das mulheres poderia ser usada como motivo para privá-las da educação. [...] Parece muito claro também que, para Zayas, duas questões convergiam no corpo da mulher, e ambas estariam relacionadas com a dualidade ‘corpo/alma’, que se menciona na passagem recém citada. As duas questões que convergem no corpo da mulher são a da educação e do controle (violento) do corpo como meio de controle da alma. Por essa razão, os motivos para defender a ideia de que as mulheres não deveriam receber instrução nas letras seriam os mesmos usados para promover o castigo corporal” (Catelli, 2004, p. 71). Para mais informações sobre a pesquisa de Catelli (2004), visitar: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1133>. Acesso em: 26 jul. 2023.

³¹⁹ **Nota da Tradutora: *Guerras civiles de Granada* – [Nossa tradução: *Guerras civis da Granada*] – é uma obra de Ginés Pérez de Hita (1537-1600). Suas escritas eram, fundamentalmente, de cunho histórico e com a introdução de elementos fantásticos, ou com abundantes elementos romanescos. Portanto, devido a essa mistura do romanesco com o fantástico, afirma Ruiz Barrionuevo (2008), a voz narrativa do discurso não considera a obra como recomendável. Para mais informações, visitar: <https://dbe.rah.es/biografias/5426/gines-perez-de-hita>. Acesso em: 26 jul. 2023.

³²⁰ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) comenta que se trata do livro de cavalarias pertencente ao ciclo carolíngio e atribuído a Nicolás de Piamonte. O título que a obra recebe em português é: *História do Imperador Carlos Magno, e dos doze pares de França, augmentada com a notícia circunstancial das estaturas, e fisionomias do Imperador Carlos Magno, e dos doze pares de França*. Dividida em três partes. Traduzida do castelhano ao português. Lisboa: Typ. de Mathias Joze Marques da Silva, 1864. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0045/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

³²¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*Se esforzó para darle una buena gala a mi maestro*”. De acordo com López y López (1931, p. 469), *dar galas* tem o sentido de presentear.

(p. 136) Talvez, meus filhos, eu tenha sido naturalmente tão ruim por causa de minha educação física e moral, não por culpa própria, mas, talvez, por conta do amor excessivo de minha mãe. E, tendo sido ainda mais corrompido pelo exemplo perverso dos meninos de minha primeira escola, eu consegui me transformar, (p. 137) imediatamente, de um tipo mau em um regular, isso sob a direção de meu verdadeiro mestre, porque eu nunca fui bom. E não desconfiai disso, pois a boa educação pode ser regulada pelo talento superior e a prudência vigilante e, mais ainda, pelo bom exemplo, que é a diretriz sobre a qual as crianças, quase sempre, governam suas ações.

Desse modo, quando tiverdes filhos, cuidai não somente de instruí-los com conselhos, mas, também, de os animar com bons exemplos. As crianças são como macaquinhos para os mais velhos, e muito vivíssimos, pois tudo o que eles veem ser feito pelos adultos, eles tentam, automaticamente, imitar. Por desgraça, elas imitam melhor e mais rapidamente o mau do que o bom. Se a criança os vê rezar, ela também rezará; mas, na maioria das vezes, fará isso entediada ou a ponto de cair no sono. Porém, se os ouve falar palavras torpes e injuriosas; se os percebe iracundos, vingativos, lascivos, bêbados ou apostadores – porque é isso o que ela, mais vivamente, aprenderá –, enxergará nessas coisas certa complacência. Assim, pelo desejo de satisfazer plenamente suas paixões, a criança imitará, com maior destreza, vossos desarranjos. Desse modo, não tereis cara para os reprender, pois eles poderão dizer-vos: vós nos ensinastes isso; vós fostes nossos mestres, e nós não fazemos nada que não tenhamos aprendido de vós mesmos.

Os caranguejos são uns bichinhos que caminham de lado; ao advertirem essa deformidade, alguns caranguejos civilizados tentaram corrigir esse defeito, mas foi então que um caranguejo velho e experiente disse-lhes:

– *Señores*, é estupidez fingir que podemos corrigir um vício que piora com a idade. O mais seguro é instruir vossa juventude no modo de andar direito, para que, ao corrigir-se neles esse erro, eles o ensinem, depois, para seus filhos e, assim, possa-se eliminar para sempre de nosso futuro esse maldito modo de andar. Todos os caranguejos, *nemine discrepante*³²² – ou seja, sem qualquer exceção – celebraram

322 Nossa tradução: “Ninguém discrepou”. Fórmula em latim já utilizada no texto. Ver nota 265 de nossa tradução.

a decisão. (p. 137) Os pais foram encarregados e incentivados a executar o plano. Estes, com muito boas razões, persuadiram seus filhos a andar (p. 138) direito; mas os caranguejinhos indagavam:

– Ah, como é o certo mesmo, pai?

Imaginem a bagunça! Os caranguejos ficaram andando e, claro, andavam de lado, contra todos os preceitos que eles mesmos tinham, de suas próprias bocas, acabado de passar para os filhos. Os caranguejinhos, como é tão natural, faziam o que viam e não o que ouviam. Desse modo, todos continuaram a andar como sempre o fizeram. Essa é uma fábula sobre os caranguejos³²³, mas, com respeito aos homens, é uma verdade evidente, porque, como disse Sêneca, *os progressos obtidos por meio do ensino são lentos; já os obtidos por meio de exemplos são mais imediatos e eficazes*³²⁴.

Assim, meus filhos, deveis comportar-vos diante de vossos pequenos com a máxima circunspecção, de modo que jamais vejam o mal, mesmo que, alguma vez, venhais a cometê-lo por vossa miséria. Se chegais a ser maus (que Deus não o permita), eu, na verdade, nesse caso, preferiria que fôsseis hipócritas a escandalosos diante de meus netos, pois menos dano eles receberão de ver virtudes fingidas do que de aprender vícios descarados. Não digo que a hipocrisia seja boa ou perdoável, mas, dos males, o menor.

Não apenas os cristãos sabem que é obrigação dar aos filhos esse bom exemplo. Os próprios pagãos conheceram essa verdade. Entre outros, vale a pena destacar Juvenal, quando esse menciona o que vos traduzo ao português³²⁵, do seguinte modo:

³²³ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo aponta para a fábula VII do livro Quinto das *Fábulas* de Samaniego (Madrid: Castalia, 1969, p. 139). Trata sobre as mães que querem ensinar seus filhos a andar para frente, sendo que elas mesmas andavam para trás.

³²⁴ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) afirma que essa frase de Sêneca foi tomada do capítulo I de Jamim (1975, p. 6): *Longum est ac difficile iter ad virtutem per praecepta, breve et efficax per exempla*. A tradução feita pelo próprio autor se encontra inserida no corpo do texto.

³²⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em espanhol, *al castellano* – [Nossa tradução: para o castelhano]. O poema traduzido pelo próprio autor está no corpo do texto e, em nota de rodapé (ver página 139), o autor expõe a citação original em latim, de Juvenal, Sátira XIV, vv. 44-57: “*Nil dictu foedum, visuque, haec limina tangat, / intra quae puer est: procul hinc, procul inde puellae / lenonum, et cantus pernoctantis parasiti. / Maxima debetur puero reverentia: si quid / turpe paras; nec tu pueri contempseris anos, / sec peccaturo obsistat tibi filius infans. / Nam, si quid dignum censoris fecerit ira, / (quandoquidem similem tibi se non corpore tantum, / nec vultu dederit, morum quoque filius) et cum / omnia deterius tua per vestigia peccet, / corripies nimirum, et catigabilis acerbo / clamore ac post haec tabulas mutare parabis. / Unde tibi frontem, libertatemque parentis, / cum facias pejora senex?*”

(p. 138)

Q'nada indigno do ouvido ou da vista
 A criança observe em vossa própria casa.
 Q'da donzela tenra esteja mui afastada
 A sedução que a torne não mais casta,
 E q'não escute jamais a voz melosa
 Daquele que se desvela por arruiná-la.
 Grande reverência à criança se deve prestar,
 E se a fazer um delito te preparas,
 (p. 139) Não deprecies seus anos por serem poucos,
 Que a malícia em muitos se adianta;
 Antes se queres delinquir, teu rebento
 Deve-te conter ainda quando não fala,
 Pois tu és seu censor e seus enfados
 Por teus exemplos mover-se-á amanhã.
 (E advertirás que em seus costumes
 Igual a ti, assim como também no rosto, será.)
 Quando cometa crimes horríveis,
 Sem perder de vista tuas pegadas,
 Tu a quererás corrigir e castigar,
 E encherás o bairro de estardalhaços.
 Ainda mais farás, se tens faculdades:
 Deserdarás a ela, cheio de sanha;
 Mas, com qual justiça nesse caso,
 A liberdade de um pai alegarás,
 Quando tu és velho, a sua presença
 Tuas maiores maldades não ocultas³²⁶?

Depois que se passaram vários dias – que me deram folga em casa –, como presente, buscaram conceder-me um destino. Meu pai, que, como já disse, era um

³²⁶ Nota da Tradutora: A nota do autor (Fernández de Lizardi, 2008, p. 139, nota de rodapé a) menciona o texto da *Sátira* XIV, vv. 44-57. Ruiz Barrionuevo (2008) aponta que, da primeira edição, constava: “Assim explicou-se um pagão que não conheceu a lei de Jesus Cristo. Portanto, meus filhos, não se esqueçam destas pequenas lições quando forem pais” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 139). (Nossa tradução). O termo utilizado para “pagão”, em castelhano, é “*gentil*”, com o sentido que explica o *DRAE* (2020) na primeira acepção: “Entre os judeus, diz-se da pessoa ou comunidade: que professa outra religião” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/gentil?m=form>. Acesso em: 09 dez. 2020.

homem (p. 139) prudente e olhava para além das aparências exteriores, considerando que já era velho e pobre, queria dar-me um ofício, porque dizia que, em todo caso, mais valia que eu fosse um mau oficial (p. 140) do que um bom vagabundo. Contudo, assim que comunicou sua intenção para minha mãe, ela se alarmou... Jesus de minha alma! Que algazaras e que exagerações não fez a santa *señora*! É verdade que ela me amava muito, mas esse seu bem-querer estava muito mal administrado. Ela era muito boa e sempre bem arrumada, mas estava cheia de vulgaridades. Ela disse a meu pai:

– Um ofício, a meu filho? Que Deus não permita tal coisa. Que dirão nossos conhecidos ao ver o filho de *Don* Manuel Sarmiento como aprendiz de alfaiate, pintor, ourives ou outra coisa?

– E o hão de dizer? – respondia meu pai – Que *Don* Manuel é um homem decente, porém pobre, e homem de bem; e, ao não ser abastado, para deixar alguma coisa a seu filho, quer lhe proporcionar alguma competência útil e honrada para que procure sua subsistência sem sobrecarregar a república com um desocupado a mais. Essa competência não é outra do que um ofício. É isso que podem dizer, e não outra coisa.

– Não, *señor*, – retrucava minha mãe toda eufórica – se tu queres dar a Pedro algum ofício mecânico que atrole seu nascimento, pois eu não, porque, mesmo sendo pobre, lembro-me de que em minhas veias, e nas de meu filho, corre o ilustre sangue dos Ponces, Tlagles, Pintos, Velascos, Zumalacárreguis e Bundiburis.

– Mas, querida, – dizia-lhe meu pai – o que tem a ver o sangue ilustre dos Ponces, Tlagles, Pintos, ou de quantas cores e linhagens existem no mundo, com o fato de que teu filho venha a aprender um ofício para se sustentar honradamente, já que não há nenhum vínculo que garanta sua subsistência?

– Então – minha mãe insistia –, tu crês que é bom um menino nobre ser alfaiate, pintor, ourives, tecelão ou coisa semelhante?

– Sim, minha alma, – respondeu meu pai com muita tranquilidade – parece-me bom, e muito bom, que um menino nobre, se é pobre e não tem proteção, aprenda qualquer ofício, por mecânico que seja, para não ficar mendigando seu alimento. O que eu creio ser ruim é que o menino nobre ande sem um tostão, quebrado ou morto de fome por não ter ofício nem onde cair morto. O que me parece ruim é que, para buscar o que comer, ele tenha que andar de jogo em jogo, de olho nos coringas que

algun (p. 140) distraído possa não ver para, assim, levar vantagem na partida³²⁷, buscando, a cada hora, uma oportunidade de apostar ou (p. 141) conseguir, através de favores, fazer uma dessas *gurupiadas*³²⁸.

“Parece-me muito pior que o menino nobre ande, ao meio-dia, espionando para garantir onde comer e, depois, fugir sem pagar, o que é conhecido como “agir como os apóstolos faziam”. Eu, porém, digo-vos: esses sujeitos são uns aproveitadores ou uns sem-vergonhas, porque os apóstolos costumavam ir comer nas casas alheias quando convidados e requisitados, e esses vagabundos³²⁹ aparecem sem serem convidados nem desejados. Antes, em troca de encher o estômago, são alvos de chacota de todos, sofrem mil humilhações e, depois de tudo isso, mantêm-se mais colados na gente do que sanguessugas, de modo que, algumas vezes, é necessário expulsá-los em má hora, com toda a clareza do ato. Isso, sim, parece-me ruim para um jovem nobre.

“Parece-me, contudo, pior ainda do que tudo o que eu já lhe disse – e em termos de maldade extrema imaginável –, que o jovem desocupado, vicioso e pobre, passe seu tempo estafando a um, engabelando a outro e fazendo trapaças com todos os que ele consegue enganar, até que caia sua máscara e seja pego, em público,

³²⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *mirando donde se arrastra un muerto* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 140). Em nota do autor (Fernández de Lizardi, 2008, p. 140, nota b), Fernández de Lizardi explica o mexicanismo da seguinte forma: “*Así se llama en los juegos hurtarse una parada a sombra del descuido de su legítimo dueño*” – [Nossa tradução: É desse modo que se denomina, nos jogos de baralho, roubar uma boa jogada do descuidado jogador, dono do ponto] (Fernández de Lizardi, 2008, p. 140, rodapé b) (Nossa tradução).

³²⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *logra por favor una gurrupia* – [Nossa tradução: consegue, por meio de favores, um movimento vantajoso do crupiê] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 141). Na nota de rodapé 66 (2008, p. 141), Ruiz Barrionuevo explica que a quarta edição do romance de Fernández de Lizardi (1816) esclarece o seguinte: Os jogadores chamam de *gurupiê* [observar a similaridade com pronúncia da palavra *crupiê*] aquele sujeito que ajuda à banca [ou *crupiê/dealer*], etc. na hora de embaralhar as cartas, pagar as apostas ganhas, recolher o dinheiro dos que perdem etc. No vocabulário elaborado por Ruiz Barrionuevo (Fernández de Lizardi, 2008, p. 944), lê-se a seguinte definição: “*Gurrupia: paga que se da al gurrupié que es el que baraja y ayuda al banquero*” – [Nossa tradução: *Crupiada*: pagamento que se dá ao crupiê que é quem embaralha as cartas e ajuda o banqueiro].

³²⁹ Nota da Tradutora: lê-se, em castelhano, *tunos* que deriva da palavra *tuna* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi 2008, p. 140). De acordo com o dicionário *Aulete Digital*: “que ou o que anda à tuna; vadio, vagabundo; trampolineiro; embusteiro: Em moço, tunante; em velho, pior. (Castilho.) Numa tasca, bebericamos, pois seria imperdoável que tunantes não prestassem seu preito a Baco. (Aq. Ribeiro, Luz ao Longe, c. 9, p. 180, ed. 1925.); (Hlp.) Animal ou cavalo de má índole; Estudante que faz parte de uma tungal; (Taur.) Diz-se do touro, que já conhece a arena ou a lide e que por isso revela má intenção. F. Tuna. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/tunante>. Para a definição de *tuna*, acessar: 2. Mús. Grupo musical constituído de estudantes que tocam por prazer ou por dinheiro, nas ruas, em turnês etc. Para mais informações sobre *tuna*, acessar: <https://alemtunas.blogspot.com/2016/07/ser-tuno-considerandos-de-2007.html>. Todas com acesso em: 05 fev. 2022.

como ladrão (p. 141) e, assim, ir parar em um suplício ignominioso ou em uma cadeia. Tu já ouviste falar dessas pilhagens e até já viste alguns cadáveres desses nobres, mortos por verdugos, na praça pública no México.

“Tu conhecestes a outro *señorito*, e muito nobre, filho de uma casa importante, sobrinho de nada menos que um Primeiro-Ministro e Secretário de Estado; mas ele era um homem que caiu no vício, abandonado e sem destino (por libertino); consumou suas iniquidades, matando um pobre saltimbanco na encosta do *Planaltillo*, caminho de *Acapulco*, por lhe furtar uns trocados³³⁰ que o pobre havia adquirido ao custo de muito trabalho. Caiu em mãos da *Acordada*³³¹, foi sentenciado à morte; esteve na capela; foi tirado daí por um Vice-Rei, em respeito a seu tio; permaneceu preso naquela cadeia uma porção de anos até que o conde de Revilla expulsou-o para sempre para as Ilhas Marianas.

“Aqui temos o triste quadro que (p. 142) apresenta um homem nobre, cheio de vícios e sem destino. Em nada perdeu o brilho sua linhagem ancestral³³² por conta do vil proceder de um pícaro na família. Se ele tivesse sido enforcado, seu tio teria continuado a ficar na ribalta – como efetivamente ficou. Isso porque ninguém se torna sábio pelo que soube seu pai e nem corajoso pelas façanhas que este fez, de modo que, também, ninguém se torna infame ou desprestigiado por causa dos péssimos procederes de seus filhos. Trouxe-te à memória esse caso horroroso, que tomara não tivesse existido, para que possas ver ao que está exposto o nobre que, baseado em sua linhagem privilegiada, não quer trabalhar, mesmo sendo pobre.

³³⁰ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *por robarle una friolera* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 141). No *DRAE* (2020), na segunda acepção: “[feminino. Irônico] Grande quantidade de alguma coisa, em especial, de dinheiro” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/friolero>. Acesso em: 10 dez. 2020.

³³¹ **Nota da Tradutora: A *Acordada* foi um tribunal especial estabelecido no México como medida legal para sentenciar rapidamente assaltantes dos caminhos no México do século XVIII. Estabelecida inicialmente em 1715 por Miguel Velázquez de Lorea (1670-1732), alcaide da *Santa Hermandad*, organização que tinha funções que hoje realiza a polícia civil. Em 1719, o vice-rei, Baltasar de Zúñiga y Guzmán (1658-1727), criou a instância oficial, sob o mesmo nome, que condenava malfeitores em juízos sumários sem precisar de revisão de sentenças. Foi aprovada pelo *Real Acuerdo*, em 1722. Em 1812, segundo Ruiz Barrionuevo (2008), com a *Constitución de Cádiz*, a instância foi anulada, e o prédio que ocupava passou a ser uma cadeia até 1862.

³³² *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *el lustre de su casa* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 142). Frye (Fernández de Lizardi, 2004, p. 31) traduz como: “*ancestral house* – [Nossa tradução: casa ancestral]”.

(p. 142) – Mas é necessário que se chegue a esse ponto? – indagava-lhe minha mãe – Supões, acaso, que meu Pedrinho tornar-se-á tão abominável e perverso como D. N. R.³³³?

– Sim, querida – respondia-lhe meu pai. Estando-se na mesma situação, o mesmo pode acontecer tanto para João quanto para Pedro, pois isso é algo muito natural. Seria um milagre que não acontecesse o mesmo, uma vez que iguais são as circunstâncias. De que privilégios goza Pedro para que, na suposta pobreza e inutilidade, não se torne, também ele, um vicioso e um ladrão como João, e como os tantos outros Joãos que há no mundo? Qual comprovante assinado temos do Pai Eterno que nos assegure que nosso filho não se encharcará nos vícios, nem correrá a desgraçada sorte de outros iguais? – na maioria das vezes, quando se veem oprimidos pela necessidade. Essa circunstância, quase sempre, cega os homens e os leva a prostituírem-se aos crimes mais vergonhosos.

– Tudo isso está muito bem – dizia-lhe minha mãe –, mas, o que lhe dirão seus parentes ao vê-lo num ofício?

– Nada, o que lhe vão dizer? – respondeu meu pai. – O máximo que dirão é: meu primo é alfaiate, meu sobrinho é ourives ou o que seja. Ou, talvez, eles digam: não temos parentes alfaiates etc. E até podem chegar a não lhe dirigir mais a palavra. Mas, agora, diga-me tu: o que lhe darão seus parentes no dia em que o vejam sem um ofício, morto de fome e feito (p. 143) pedaços? Bom, eu já disse o que eles diriam caso acontecesse o que falei... Eu já te disse o que eles diriam nesse caso; agora, diga-me tu, o que eles farão em caso contrário?

– Pode – dizia-lhe minha boa mãe –, pode ser que eles o socorram, mesmo que seja só para não perder seu *status*.

– Ria-te disso, querida – respondia-lhe meu pai –; caso ele não os empobreça, pouco lhe importará que os faça perder o brilho. Os parentes ricos, geralmente, têm um esquema bem ensaiado para se livrarem rapidamente da vergonha que lhes causam os andrajos de seus parentes pobres. Isso o fazem simplesmente pelo fato de, absolutamente, não os reconhecerem como tais. Não te iluda! Se Pedro chegar a

³³³ **Transcrição da nota 71 da edição de 2008, p. 142: “J. R. Spell (1971, p. 176) descobriu que D. N. R. foi Pedro Antonio Fernández Bazán, nascido em 22 de janeiro de 1747, em Fuenmayor, *Rioja*, Espanha, de família nobre, e o vice-rei mencionado na citação é o segundo conde de Revillagigedo, que governou a Nova Espanha de 1789 a 1794” (Nossa tradução).

ter (p. 143) alguma boa sorte ou alguma vez chegar a prosperar nesse mundo, não somente seus verdadeiros parentes o conhecerão, mas, também, mil novos aparecerão diante dele, como acontece com o grão-turco³³⁴. Nesse caso, ele teria continuamente a seu lado um enxame de amigos que não deixariam que ele se movesse.

“Mas, se for pobre, como é normal, ele não contará mais que com os reais que ele adquirir. Esta é uma verdade, uma que é muito antiga e longamente comprovada nesse mundo. É por isso que nossos anciãos, sabiamente, já diziam: *não há outro amigo senão Deus, nem melhor parente do que1 real*. Vês, agora, que nos visitam teu tio – o capitão –, meu sobrinho – o cura –, as primas Delgado, a tia Rivera, mamãe Manuela e outros mais e que nos dão mil mostras de afeição? Isso é porque eles veem que, embora sejamos pobres, graças a Deus não nos falta nada para comer, e porque eu sempre tento lhes ser-lhes útil naquilo que posso. É por isso, e nada mais, acredite nisso, que eles nos visitam.

“Alguns vêm para me pedir dinheiro emprestado, outros para tirá-los desta ou daquela dívida, outros para passar o tempo. Há, também, quem venha para julgar os centros de minha casa, e outros para almoçar ou beber chocolate; mas, se eu chegar a morrer, e tu fiques pobre, verás, verás como os amigos e os enlutados desaparecem, assim como os mosquitos com o desconforto da fumaça.

“É por saber disso que eu gostaria que meu Pedro aprendesse um ofício, porque ele é pobre. Desse modo, ele não precisará nem de seus parentes, nem dos estranhos quandomeus dias terminarem. E já te digo que, muitas vezes, os homens costumam achar mais abrigo entre os segundos do que entre os primeiros. Mas, (p. 144) mesmo assim, é bom ater-se ao próprio sustento pelo trabalho e a seus próprios arbítrios, e nunca ser um peso para os outros.

– Tu me deixas meio confusa com tantas coisas – dizia-lhe minha mãe –, mas o que eu vejo é que um fidalgo sem ofício é melhor recebido e tratado com mais

³³⁴ **Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *gran turco* [Nossa tradução está no corpo do texto]. Como exemplo de grão-turco sugerimos o nome de Solimão I, o Magnífico (1494-1566), também conhecido como *Kanuni* [O Legislador], governou o Império Otomano de 1520 a 1566. Seus territórios correspondem hoje de Argel até o Cáucaso, de Budapeste a Bagdá, com sua capital em Istambul. Para mais informações, visitar: <http://archivodeinalbis.blogspot.com/2010/12/el-codigo-de-el-gran-turco.html>. Acesso em: 22 jun. 2021.

distinção, (p. 144) em qualquer parte do mundo, do que algum outro fidalgo que seja alfaiate, apostador, pintor, e assim por diante.

– Pois aí estão a preocupação e a vulgaridade – respondia-lhe meu pai. Sem um ofício, até pode ser, mas não sem destino ou sem arbítrio honesto. A um funcionário de um escritório, a um militar ou semelhante, dá-se um tratamento melhor do que aquele dispensado a um alfaiate ou qualquer outro oficial mecânico, e tal fato ocorre com toda a razão. Isso se dá porque as pessoas se distinguem, mas o alfaiate, e até mesmo o sapateiro, serão mais valorizados em qualquer lugar do que um fidalgo vagabundo, preguiçoso, maltrapilho e vigarista.

“E é isso que eu não quero que meu filho seja. Além disso, quem te disse que os ofícios rebaixam alguém? São as más ações, a má conduta e a má educação que tornam as pessoas vis. Será que existe um destino mais vil do que ser cuidador de porcos? Pois o desempenho desse ofício não impediu a um Sisto V³³⁵ de se tornar o pontífice da Igreja Católica...

Essa discussão, contudo, somente terminou no que lereis no capítulo quatro.

³³⁵ **Nota da Tradutora: Sisto V foi um papa (1521-1590) conhecido por sua origem humilde. Nos cinco curtos anos de seu papado, realizou reformas importantes na cúria romana e na Cidade do Vaticano. Defensor ferrenho da Igreja Católica, enfrentou a Igreja Anglicana, criada por Henrique VIII. Inquisidor, intolerante, severo, perseguiu as outras práticas religiosas. Fernández de Lizardi faz uma nota de rodapé no tomo II sobre essa personagem histórica. Ver nota do autor 645 de nossa tradução. Para mais informações, visitar: <https://www.infoescola.com/biografias/papa-sisto-v/>. Acesso em: 13 maio 2022.

(p. 145) Capítulo IV

No qual o Periquitinho conta como terminou a conversa de seus pais, do resultado que ela teve, e que o puseram a estudar, e como ele progrediu nisso

Minha mãe, no entanto, manteve-se firme contra o fato de que eu fosse enviado a aprender um ofício, insistindo para que meu pai me colocasse na escola, ao que Vossa Mercê lhe disse:

– Não sejas tola! Pedro não se dá bem com os estudos, ou não tem disposição para isso. Não seria, então, uma crueldade encaminhá-lo para o que não gosta? É muito fácil para muitos pais fingirem que têm um filho advogado, ou eclesiástico, mesmo que essas profissões não sejam sua vocação, nem ele tenha talento para as letras; motivos fatais, cujos efeitos perniciosos são, diariamente, lamentados pelos tantos advogados que vendem sua assinatura, médicos assassinos e eclesiásticos relapsos e sem instrução, como temos observado.

“Todavia, para dar ofício às crianças, é necessário consultar seu gênio e sua constituição física; porque quem é bom para ser alfaiate ou pintor, não o será para ferreiro ou carpinteiro, ofícios que pedem, além de aptidão, disposição de corpo e uma força robusta. Nem todos os homens nasceram aptos para tudo. Alguns são bons para as letras, e nem sempre em todas elas, pois quem (p. 146) é bom para a teologia não o será para a medicina; e quem será um excelente físico, talvez seja um advogado de meia tigela se não examinar seu gênio. Isso acontece com todos os homens das letras. Outros são bons para as armas e sem vocação para o comércio. Outros são bons para o comércio e toupeiras para as letras. Outros, por último, são realmente aptos para as artes liberais e inadequados para as mecânicas; e assim por diante com todos os homens que existem. Efetivamente, homens comuns, no que respeita a todas as ciências e artes, são considerados como fenômenos da natureza, ou como testemunhos da Onipotência divina, que pode fazer quanto quiser.

“Creio, firmemente, porém, que esses sujeitos oniscientes, que o mundo já celebrou uma que outra vez, têm sido apenas – se assim podemos dizer – monstros do entendimento, da aplicação e da memória. Eles deixaram admiradas as gerações na medida em que adquiriram o conhecimento de muitas mais ciências do que o comum de seus contemporâneos sábios, e as dominaram, talvez, em maior grau; mas, em minha opinião, eles não foram mais do que fenômenos excepcionais do talento,

inusitados, (p. 146) mas, mesmo assim, limitados infinitamente, e não mereceram, nem jamais merecerão, a reputação sagrada de oniscientes, já que – se onisciente significa aquele que tudo sabe – eu te digo que só há um onisciente dentro e fora da natureza, que é Deus.

“Essa Entidade Suprema é, de fato, a única verdadeiramente onisciente, pois é a única que, só e verdadeiramente, conhece tudo o que pode ser conhecido. Nesse sentido, dar-se um homem por onisciente seria conceder-nos outro Deus. Esse absurdo está muito longe daqueles que honraram o profundo Leinibz³³⁶ com um título tão pomposo. Quiçá esse grande homem não teria a capacidade de colocar o solado de um sapato, de bordar uma patente, ou de fazer mil outras coisas que todos nós vemos como meras bagatelas e resultados de atos puramente mecânicos; e, sem talvez esse célebre engenho, se fosse ressuscitado, ele mesmo teria que abjurar de muitos de seus preceitos e axiomas, desiludido com as novas descobertas que foram feitas.

(p. 147) “Eu te digo tudo isso, querida, para que tu reflitas sobre o fato de que todos os homens somos finitos e limitados; que apenas podemos acertar uma ou outra coisa; que os engenhos mais famosos não passaram de grandes, não chegaram a ser, nem remotamente, universais, pois essa é uma prerrogativa do Criador, e que, de acordo com isso, devemos examinar a inclinação e talento de nossos filhos para liderá-los.

“Não me lembro de onde li que os lacedemônios, para dar, sabiamente, destino aos seus, usaram essa estratégia. Em uma grande sala, com vários instrumentos pertencentes às ciências e artes que conheciam, imaginemos que eles, por exemplo, colocaram lá instrumentos musicais, de pintura, de escultura, de arquitetura, de astronomia, de geografia etc., sem nos esquecermos das armas e dos livros. Uma vez feito isso, dissimuladamente, juntaram vários meninos e os deixaram sozinhos para brincar, à vontade, com os instrumentos que eles queriam. Enquanto isso, seus pais permaneceram escondidos, observando as ações dos filhos e percebendo a que se inclinava cada um individualmente. Quando percebiam que um menino preferia, constantemente, as armas, os livros, ou qualquer ciência ou arte daqueles

³³⁶ Transcrição da nota 76 da edição de 2008 (p. 146): “[sobrenome escrito incorretamente em castelhano: Leinibz] por Leibniz (1646-1716), filósofo e matemático alemão” (Nossa tradução).

instrumentos (p.147) que tinham a sua frente, não hesitaram em levar os filhos para a prática daquilo que ele próprio havia escolhido, e o sucesso, quase que sempre, correspondeu a esse exame prudente.

“Sempre gostei desta bela dinâmica para averiguar a inclinação natural das crianças, assim como sempre desaprovei a corrupção geral de muitos pais que, imprudentemente, encaixam seus filhos nos colégios, sem pesquisar, nem sequer um pouco, se eles apresentam alguma disposição para as letras. Minha querida, esse é um erro tão arraigado quanto grosseiro. O menino que tem um entendimento superficial e lento nunca fará progressos em ciência alguma, por mais que ele frequente aulas e manuseie os livros.

“Nem estes nem os colégios dão talento aos que nascem sem ele. Os burrinhos ingressam todos os dias nos colégios e nas universidades carregados de carvão ou pedra, e saem dali tão ignorantes quanto entraram; porque, assim como as ciências não estão isoladas nos recintos universitários ou nos ginásios, assim também as instituições não são capazes de comunicar uma porção de ciência a qualquer um que carece de talento para aprendê-la.

(p. 148) “Fora isso, existe outra razão poderosa para que eu não envie meu filho ao colégio, mesmo que eu soubesse que ele tem uma bela disposição para ser estudante. Essa razão é minha pobreza. Mal posso comer com minha pobre sina, de onde vou tirar dez pesos para pagar a mensalidade, e toda aquela roupa decente de que precisa um colegial? E tu já vês aqui um obstáculo insuperável.

– Não! – disse-lhe minha mãe, que até então tinha somente escutado tudo, sem abrir a boca para nada. – Não! Esse não é um motivo nem muito menos um problema, porque com só inscrevê-lo como *capense*³³⁷ já se resolve tudo isso.

– Muito bem! – disse-lhe meu pai. – Tu ganhaste essa rodada, mas vamos ver qual saída me dás para essa outra dificuldade. Eu já estou velho, sou pobre, não tenho herança para te legar. Amanhã, posso morrer, e tu estarás viúva, sozinha, sem amparo, sem ter o que comer, com um marmanjo a teu lado que, na melhor das

³³⁷ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 207), *capense* é o estudante que não mora no colégio e apenas assiste às aulas. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/206/mode/2up?q=capense>. Acesso em: 20 jul. 2023.

hipóteses, saberá falar um latim ruim e macarrônico para atordoar o mundo inteiro com quatro *ergos* e outros pedantismos que ele mesmo falará, mas não os entenderá.

(p. 148) “No entanto, na realidade, nada disso vale a pena, porque o moleque, sem ter alguém que o sustente, ficará travado na metade da formação, sem poder ser nem clérigo, nem advogado, nem médico, nem qualquer coisa que lhe facilite sua própria subsistência, nem terá como te auxiliar com seu conhecimento das letras.

“E o pior, nesse caso, é que ele nem mesmo será útil para as artes, pois não aprenderá um ofício por três razões muito fortes: a primeira, por certas vaidades que se aderem aos moleques no colégio, de modo que qualquer um deles – somente pelo fato de ter ingressado no colégio (e mais ainda se vestiu a beca) e com saber apenas mastigar Cícero e o Breviário – já acredita que se rebaixaria se fosse trabalhar atrás de um balcão ou se tivesse de trabalhar em uma oficina. Isso acontece ainda sendo ele um gramático mais que medíocre, e, imagines tu, como isso será no dia em que consiga o bombástico (p. 149) título de bacharel, expedido em vermelho? Ah! E nessa ocasião, ele mesmo se persuadirá de que a própria terra não o merece. Pobre juventude! Esta é a primeira razão que o torna imprestável para as artes.

“A segunda é que, como eles já são adultos, o trabalho manual torna-se pesado para eles, ao mesmo tempo em que lhes parece embaraçoso ter que principiar como aprendizes, na mesma idade em que outros já se tornaram oficiais. E, ainda, tornar-se-ia bastante difícil encontrar um mestre que deseje assumir o ensino e o sustento de tais marmanjos.

“A terceira razão é que, como, nesse caso, os moleques são ossos duros de roer – porque já experimentaram o sabor da liberdade³³⁸ –, não consentiriam em se tornarem subalternos, algo que seria bem mais fácil se fossem ainda crianças. Imagina só o estado de teu Pedrinho se nós o colocarmos para estudar e, nesse entremeio, eu chegue a morrer, deixando-o – como pode acontecer de fato – no meio de seus estudos. Ele ficaria sem chão, impedido de avançar ou de recuar. E, no momento em que te darás conta de que – em lugar de contar com um apoio em tua velhice – apenas tens um mandrião inútil, que em nada te serve (porque, nas vendas,

³³⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ya los muchachos tienen el colmillo duro* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – Fernández de Lizardi (2008, p. 149) faz alusão a que as crianças ainda podem ter seu caráter moldado. López y López (1931, p. 475) explicam o modismo como: “*Costarle la sujeción después de probada la libertad*” – [Nossa tradução: Custar-lhe ser submetido depois de ter provado a liberdade].

não dão de graça em troca de silogismos ou latinismos), então, tu darás a Judas os estudos e bacharelados de teu filho.

(p. 149) “Então, querida, façamos agora aquilo de que gostarias de fazer depois de se haverem cumprido meus dias. Encaminhemos, pois, nosso Pedrinho a trabalhar, aprendendo uma profissão. O que me dizes?

– E o que deveria dizer-te – respondeu minha mãe – se tu muito te empenhas em me mortificar e a tornar infeliz nossa pobre criatura? Tentas rebaixá-lo a ponto de querer fazer dele um artesão. É por isso que tanto falas e ponderas. Por acaso, tu já sabes que ele é um tolo? Já sabes que morrerás no meio de seus estudos? Já sabes, por fim, que, se chegares a morrer, estarão, de fato, todas as portas fechadas para ele? Tudo pode passar, mas Deus não passa: meu filho tem parentes e padrinhos que o socorrerão.

“No México há ricos muito piedosos que irão protegê-lo. Eu, que sou sua mãe, mendigarei para mantê-lo até que ele se forme. Não, tu não amas o pobre menino; nem sequer amas a mim mesma. Por isso, tratas de me dar esse desgosto. O que farei? Sou infeliz e também o é meu filho... – E, nesse momento, minha mãe começou a chorar com toda sua alma e, com suas quatro lágrimas, conseguiu fazer com que viessem abaixo todos os constantes e sólidos argumentos de meu bom pai; pois ele, depois de vê-la chorar, abraçou-a, já que a amava ternamente. Então, ele lhe disse:

(p. 150) – Não chores, querida, não é para tanto. O que eu te disse é o que a razão e a experiência me ensinaram; mas, se tu desejas que Pedro estude, então que estude e pronto! Não me oponho mais, e, talvez, Deus queira conceder-me mais tempo de vida para que veja nosso filho bem-sucedido. Se não for assim, Sua Majestade haverá de te abrir caminho, por conhecer tuas boas intenções.

Assim, minha mãe consolou-se com essa saída. A partir de então, foi só questão de me fazer estudar. Proporcionaram-me as roupas pretas de costume e me equiparam com um exemplar da obra *Arte*³³⁹ e outras bagatelas necessárias.

³³⁹ *Nota da Tradutora: De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008), a obra à qual se refere o narrador é *Arte de la lengua latina* – [Nossa tradução: A arte da língua latina]. Uma pesquisa rápida pela internet nos leva a saber que essa obra foi publicada em 1805, por José Miguel Guridi y Alcocer, com a impressão de Mariano de Zúñiga y Ontiveros, feita no México. A obra encontra-se disponível em: <http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080022222/1080022222.html>. Acesso em: 05 jul. 2021.

(p. 150) Parece que meu pai falava profeticamente, já que tudo aconteceu tal qual ele havia dito. De fato, ele tinha muito conhecimento de mundo e um senso agudo de julgamento; mas todas essas qualidades perdiam-se, na maioria das vezes, porque ele concedia a minha mãe todos os seus caprichos.

É muito bom e muito justo que os homens amem suas mulheres e as deleitem em tudo o que não se opõe à razão. Mas não é bom atendê-las tanto que, para não as desagradar, cheguem até a atropelar a justiça, de modo a se expor a si mesmos e a seus filhos para colher os frutos de seu carinho imprudente, como aconteceu comigo. Por isso, eu os previno a viver com cautela, de modo que amem vossas esposas ternamente, segundo Deus manda e a natureza disponha, mas não a ponto de serem fracos como aquele corajoso Hércules que, depois de ter conquistado leões, javalis, hidras e tudo o que veio a sua frente, deixou-se dominar pelo amor de Ônfale. Essa o despiu da pele do leão de Nemeia e o vestiu de mulher, fez com que fiasse, e até o repreendia e punia quando quebrava um fuso ou não cumpria alguma tarefa que lhe havia sido dada por ela. Como é vergonhosa tal efeminação, mesmo em fábulas! As mulheres sabem muito bem como tirar proveito dessa paixão louca, e tentam dominar os maridos de coração de manteiga derretida.

(p. 151) Algo que dá raiva é ver a muitos desses que, não sabendo manter seu caráter e superioridade, desabam a tal ponto, até virarem servos submissos de suas mulheres. Eles não têm segredos, por mais importantes que eles sejam, e não deixam de os revelar para elas; não fazem nada sem consultá-las, nem dão um passo sem sua permissão. As mulheres não precisam de tanto para poder sair de sua esfera, e se chegam a compreender que a capitulação do homem foi conquistada por sua beleza, logo desenvolvem, em sua completude, de um golpe, seu espírito dominante, e já cada uma delas se torna uma Ônfale, e cada homem abatido um Hércules frouxo³⁴⁰, sem vergonha. Nesse caso, quando as mulheres fazem o que bem

³⁴⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *marica* – [Nossa tradução: bicha] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 151). Nesse ponto do relato, pela voz da personagem-protagonista, o romance de Fernández de Lizardi (1816) expõe o quanto era machista, patriarcal e preconceituosa a sociedade colonial. A enunciação da personagem impele seus filhos a seguirem os passos da crença na superioridade masculina, no direito do homem em dominar a mulher e a não lhe dever qualquer satisfação de sua vida. Em 1792, a filósofa e escritora inglesa Mary Wallstonecraft (1759-1797) já tinha publicado seu livro *Reivindicação dos direitos da mulher*. E em 1843, a socialista utópica franco-peruana Flora Tristán (1803-1844) publicou seu livro *União operária*, com sua famosa frase: “a mulher é a proletária do proletário”. Quer dizer, já desde finais do século XVIII, começavam os movimentos que reivindicavam

entendem, seguindo sua vontade, quando tiram o chão dos homens, quando lhes põem chifres, quando os manipulam, ou os injuriam e até batem neles – como já vi muitas (p. 151) vezes –, não fazem mais do que cumprir com sua inclinação natural e punir a vileza de seus maridos ou amantes desprevenidos.

Deus nos livre do tipo de homem que tem medo de sua mulher, daquele que tem que pedir sua opinião para fazer isso ou aquilo, do que sabe que deverá prestar-lhe contas de onde foi e de onde vem. Esse tipo de homem sabe que, se sua mulher gritar e ficar zangada, não terá outra saída a não ser apelar para os mimos e carícias para satisfazê-la. Esses homens, indignos dessa denominação tão superior, estão sempre dispostos a ser descendentes do bode chifrudo e uns pais de família muito incompetentes; porque não são eles que dirigem seus filhos, mas, sim, elas. Até os próprios filhos se dão conta, bem cedo, da superioridade das mães, e não têm a menor consideração para com os pais. Isso é ainda mais evidente quando os filhos constatarem que os pais querem castigá-los pelas falhas que cometeram ou por alguma estripulia que fizeram e esses correm a buscar, então, o refúgio e a proteção da mãe, porque esta sempre os defende, se necessário, armando uma briga com seu marido para defender o filho. Assim, consuma-se a culpa e fica isenta a penalidade.

Estava certo o antepassado que, uma vez, disse que as mães ajudam seus filhos em suas iniquidades e impedem que sejam (p. 152) corrigidos pelos pais³⁴¹. Vou colocar isso numa pequena estrofe, para que possais lembrar-vos disso.

Costumam ajudar as mães
A maldade dos filhos,
Impedindo os pais
De lhes dar justo castigo.

os direitos para a mulher. No entanto, quase na metade de do século XIX, ainda não se tinha consolidado o reconhecimento desses direitos pela sociedade patriarcal. *El Periquillo Sarniento* (1816) certamente é uma amostra de que a luta difícil desses movimentos em prol dos direitos da mulher ainda estava em seu início.

³⁴¹ Nota do Autor: “[Citação completa em latim] *Matres omnes in peccato adjutrices, et auxilio in paterna injuria esse solent. Terent*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 152, nota de rodapé a) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: [A tradução completa pelo próprio autor encontra-se inserida no corpo do texto]. Ruiz Barrionuevo (2008) menciona que se trata da obra de Terencio, *Heauton Timorumenos*, ato V, cena II, vv. 991-993: “*Nunc aliud spectat: matres omnes filiis / in peccato adiutrices auxilio in paterna iniuria / solent esse: id non fit*”. Obra disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/ter.heauton.html>. Acesso em: 06 jul. 2021.

(p. 152) É bem verdade que nem meu pai era desses homens frouxos, nem minha mãe era como essas mulheres altivas. Meu pai, às vezes, mas minha mãe nunca se irritava ou armava confusão, como dizem, jogando ao ar santo e esmola³⁴². O que acontecia era que ela, quando percebia que de nada adiantavam suas insinuações e apelos para fazer meu pai desistir de seu intento, recorria às lágrimas, e, depois, era um milagre ela não conseguir fazer prevalecer sua vontade; porque as lágrimas de uma mulher bela e amada são armas muito eficazes para derrotar até o homem mais circunspecto. No entanto, em algumas ocasiões, ele se portava com maior vigor. Teria sido bom se ele tivesse sempre mantido o mesmo caráter, mas nós, homens, não somos donos de nossos corações o tempo todo, embora devêssemos sê-lo sempre.

Finalmente, chegou o dia em que comecei a estudar. Isso se deu sob os cuidados de *Don Manuel Enríquez*³⁴³, uma pessoa bem conhecida no México, tanto por sua boa conduta quanto por sua disposição e habilidade comprovada para o ensino da gramática latina, pois, em seus tempos, ninguém contestou a (p. 153) primazia dele, dentre os muitos preceptores particulares desta cidade. No entanto, por causa de uma preocupação persistente e geral que até agora domina, ele nos ensinou muita gramática e pouco latim. Ordinariamente, os professores ficam satisfeitos ao, meramente, ensinar a seus discípulos um sem-número de regras – que eles chamam de “palitos”. Assim, é suficiente que saibam escrever algumas orações e traduzir o *Breviário*, o *Concílio*³⁴⁴, o *Catecismo*, de São Pio V, e, se tiverem boa sorte, alguns pedaços da *Eneida* e de Cícero. *Com tal método, os meninos terminam tagarelas e*

³⁴² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *alzarse con el santo y la limosna* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 152). De acordo com o *Diccionario de autoridades* (1726, tomo I), equivale a se apropriar da fazenda que foi deixada para administrar, ou como depósito ou aos cuidados. De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 152, nota 85), “com aquilo são descritos os métodos dissimulados da mãe do Periquitinho.” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 20 jul. 2023.

³⁴³ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) aponta que, a partir dessas palavras, depreende-se que Fernández de Lizardi estudou nessa escola. Isso é comprovado no texto: *Respuesta del Pensador al defensor del Payo del Rosario* (1825). O texto está disponível em: <https://www.iifilologicas.unam.mx/obralizardi/index.php?page=respuesta-de-el-pensador-al-defensor-de-el-payo-del-rosario>. Acesso em: 22 jun. 2021.

³⁴⁴ Transcrição da nota de rodapé 87 da edição de 2008 (p. 153): “Refere-se ao Concílio de Trento em edições bilíngues, que foram publicadas a partir da edição romana de 1564. Spell [*Bridging The Gap: Articles on Mexican Literature*. México: Libros de México, 1971, p. 154-155.] cita expressamente *El Sacrosanto y Ecuménico Concilio de Trento* – [Nossa tradução: O Sacrossanto e Ecumênico Concílio de Trento] –, traduzido ao castelhano por Don Ignacio López de Ayala, publicado em Madri, 1785, 2. ed. Com respeito ao Catecismo de São Pio V, ele é o Catecismo tridentino que inicialmente foi escrito em latim, e estava destinado/orientado a sacerdotes.” (Nossa tradução).

não latinos, como disse o padre Calasanz³⁴⁵. Bem assim saí eu, e não poderia ter saído melhor. (p. 153) Enchi a cabeça de regras, de adivinhas, frases e erros comuns em latim; mas, no que toca à inteligência com relação à pureza e à propriedade da língua, nada de coisa alguma. Traduzia, não muito mal e com alguma facilidade, as homilias do *Breviário* e os parágrafos do *Catecismo* dos párocos. Mas Virgílio, Horácio, Juvenal, Pérsio, Lucano, Tácito e outros semelhantes teriam saído puros virgens de minha inteligência se acaso eu tivesse tido a sorte de conhecê-los, com exceção do primeiro poeta que mencionei, pois dele sabia eu alguma coisinha, que ouvi traduzida de meu sábio mestre. Eu também aprendi a metrificar meus versos, o que era hexâmetro, pentâmetro etc., mas nunca soube fazer um dístico.

Mesmo assim, e passados três anos, terminei, de modo satisfatório, meus primeiros estudos, porquanto todos me asseguraram que eu era um bom gramático, e eu acreditei nisso, mais do que, efetivamente, pudesse vê-lo. Abençoado! Como é fácil cair no engano pelo amor-próprio, mesmo de olhos abertos!

Quando chegou a ocasião de fazer minha defesa, que envolveu toda a gramática, estava eu nas nuvens com a aprovação. Meu professor e os convidados ficaram muito felizes, e meus amados pais mais inebriados do que se (p. 154) eu tivesse feito o concurso para a magistratura do México e nele tivesse sido aprovado. A isso, seguiram-se as festas comemorativas, os abraços, os agradecimentos a meu professor e a minha saída dos estudos.

No entanto, eu não deveria passar pelo relato dessa fase de minha vida sem vos contar outras pequenas coisinhas que aprendi e revisei ao longo desses três anos. Nesse colégio, não havia um número pequeno de alunos como era em minha boa escola, mas, sim, uma infinidade de meninos, entre alunos internos e externos, ou *capenses*, como se costuma dizer, todos filhos de suas boas mães e de bem diferentes gênio e educação. Eu sempre fui uma mala sem alça de primeira classe, pois tive o maldito tino de escolher, como amizades, os piores entre todos. Esses me

³⁴⁵ Nota do Autor: “Em sua obra intitulada: *Discernimiento de ingenios* ([1795], p. 162)” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 152, nota a) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: De Ignacio Rodriguez de San Joseph Calasanz, nós conseguimos a citação: “*Todo lo que muchos Maestros y Preceptores enseñan, se reduce a innumerables reglas y a lo que vulgarmente llaman palillos, que a los discípulos los hace habladores, y no latinos*” – [Nossa tradução: “Tudo o que muitos Mestres e Preceptores ensinam, resume-se a inúmeras regras sem muita utilidade, o que torna aos alunos repetidores e que não falam apropriadamente o latim”] – (Calasanz, 1795, p. 162). Disponível em: http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080026196/1080026196_10.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

correspondiam (p. 154) fielmente e com a maior facilidade. Como podeis observar, seja onde for, cada macaco em seu galho, e isso é normal: o jumento não se associa ao lobo, nem a pomba ao corvo; cada um busca seu semelhante. Assim, eu não me associei às crianças sensatas, ponderadas e ajuizadas, mas com as maliciosas e perdidas, com cujas amizades e companhias eu me afundei mais ainda, como acontecerá também a vós com vossos filhos se, ao menosprezardes minhas lições, não buscais fazer com que eles tenham bons amigos, ou nenhum, pois a máxima divina é infalível, e ela diz: *com o santo serás santo, e pervertido com o perverso*. Foi exatamente isso que me aconteceu. Bem, na verdade, eu já era um pervertido, mas, com a companhia dos péssimos alunos, acabei piorando por completo.

Já parece que vos vejo lendo estas linhas e exclamando, horrorizados: como foi que nosso pai mudou tão rapidamente? Não havia ele já perdido, em sua última escola, as más lições que aprendera na primeira delas? Como foi que aconteceu essa metamorfose tão violenta? Filhos meus, os bons ou os maus hábitos que se imprimem na infância produzem raízes muito profundas, daí a importância de orientar bem as crianças em seus primeiros anos de vida. Os vícios que adquiri em meus primeiros anos de vida, seja pelos mimos excessivos de minha mãe, ou pelas adulações de minhas velhas parentes, ou pelo método indolente de meu professor, ou pelo péssimo exemplo e companhia de tanto moleque desregrado, e, (p. 155) sobretudo, por minha natural inclinação perversa e má, arraigaram-se muito em meu espírito. Causou-me muito trabalho livrar-me desses vícios à custa de não poucas reprimendas e carícias de meu bom professor e, também, do bom exemplo contínuo que as outras crianças me deram. Parece que, se nunca me tivessem faltado tais preceptores e condiscípulos, eu não teria me desviado novamente, e teria firmado uma conduta ajuizada e religiosa. Mas, ah!!! Não devemos confiar em propósitos de emenda forçados ou passageiros, porque, ao faltarem o respeito e o fervor, o diabo carrega esse tipo de emendas e, assim, acabamos tornando-nos aquilo que já éramos, ou, talvez, ainda piores.

Foi bem assim que eu o experimentei, e foi bem a meu próprio custo. Minhas paixões tinham sido sufocadas, não mortas; minha perversa inclinação estava adormecida, mas ainda permanecia em meu coração, como sempre. Meu mau gênio não tinha sido extinguido; estava apenas escondido como as brasas debaixo das cinzas que as cobrem. Em poucas palavras: eu não agia tão mal e nem com o

atreuimento (p. 155) de antes por amor e respeito que tinha por meu prudente professor e pela vergonha que as outras crianças me impunham com suas boas ações, mas isso não queria dizer que me faltavam vontade e disposição.

De fato, logo que me separei desses comparsas, a quem eu respeitava, e me uni, novamente, a outros colegas – tão dissipados quanto eu –, dei rédeas soltas a minhas paixões, e essas galoparam ao passo da desenfreada idade, e se saíram do círculo da razão, assim como o rio transborda de seu curso quando lhe faltam os diques que o contêm.

Eu era, sem dúvida, o rapaz mais maldito dentre os estudantes mais relapsos, porque eu era o *non plus*³⁴⁶ dos fanfarrões e zombeteiros. Só essa qualidade já comprova que eu não era um dos de bom caráter, mas, de acordo com o sábio Pascal, *homem chistoso, índole ruim*. Nos colégios, como já sabeis, (p. 156) as expressões são dúbias: *parar a bola, pandorguear, repisar*, entre outras, na verdade, significam *zombar, insultar, provocar, ferir, injuriar, incomodar e ofender* de todas as maneiras possíveis a outro pobre colega. O mais injusto e oposto às leis da virtude, da boa criação e da hospitalidade é que esses engraçadinhos exibem sua habilidade infame com as coitadas das crianças novas que ingressam no colégio. Essas são ocasiões nas quais seria recomendável que se amarrassem a um pilar do colégio a esses malandros néscios, para que recebessem cem chicotadas por cada trote realizado, ou *pandorga*³⁴⁷, como se costuma dizer. Contudo, o mais triste nessa situação é que os *catedráticos, estagiários, coadjutores*³⁴⁸ e demais pessoas de certa autoridade em tais comunidades atuam, nesses casos, como desentendidas de que se refere a qualquer classe de delito. Fato sem dúvida grave, mas o ocorrido é apenas considerado uma travessura, mesmo que os prejudicados apresentem suas queixas. Desse modo, eles

³⁴⁶ **Transcrição da nota 91 da edição de 2008 (p. 155): “De acordo com a quarta edição [1842], trata-se da alusão à transcrição das colunas de Hércules em Cádiz, que, depois do descobrimento da América foi acrescentado pela Espanha *Plus Ultra* nas duas colunas, entra as quais colocou o brasão da coroa espanhola” (Nossa tradução).

³⁴⁷ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 795), “pandorga, diabrura, travessura (das grossas), espécie de trote entre estudantes, chança, pegadinha” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/794/mode/2up?q=pandorga>. Acesso em: 20 jul. 2023.

³⁴⁸ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *sotaministros* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 156). Segundo o *DRAE* (2020): “*sotoministro*. De soto- e ministro. Coadjutor superior dos que, na Companhia de Jesus, têm sob seu cuidado cozinhar, cuidar da despensa e demais dependências desta, e que segue as ordens imediatas do padre ministro]. Disponível em: <https://dle.rae.es/sotoministro#En4Wffh>. Acesso em: 19 dez. 2020.

cooperam (p. 156) sem perceber que essa condescendência autoriza a corrupção depravada e auxilia na formação dos espíritos cruéis dos danificadores³⁴⁹. Isso aconteceu comigo porque – quando via chorar um menino desses em desgraça, a quem eu afligia tremendamente com meus insultos e zombarias – o choro de alguém, que deveria refrear com sua ternura, pois era o fruto dos sentimentos de uma criatura inocente, servia-me, ao contrário, de aperitivo e de motivo de risos. Eu, então, redobrava minhas zombarias com mais empenho.

Considerai, pois, qual seria minha bela índole, quando eu tinha a fama de ser o melhor trotista, ou *pandorguista* de todo o colégio, e meus colegas diziam que eu era capaz de humilhar a qualquer um. Isso equivalia a dizer que eu era o mais indigno de todos eles, e que nenhuma pessoa, boa ou má, deixaria de se incomodar ao saber de meus impropérios lançados contra si. Meus filhos, parece-vos, de alguma maneira, favorável essa circunstância? Com ela não será o suficiente para que possais inferir o estado de meu espírito e sua condição depravada? Porque o homem que tem prazer em afligir seu semelhante não deixa de ter uma alma perversa e um coração malvado. Torna-se desnecessário dizer que alguns (p. 157) meninos fazem isso, pois, o que se comprova com tal menção é o fato de que, se, já desde cedo, são maus, quando crescerem, serão ainda piores, caso Deus e a razão não os moderem muito bem, uma ocorrência que é pouco comum. Na multidão de colegas que tive na escola, pude observar que é bem raro sair desses gênios excessivamente zombadores alguém de boa índole. O pior disso tudo é que há muitos desses sujeitos em nossos colégios.

Desses preceitos, creio, entenderéis que eu fui perverso em tudo. Enfim, comecei a estudar filosofia.

³⁴⁹ Transcrição da nota 94 da edição de 2008 (p. 156): “[Lê-se, em castelhano, ‘*estragatistas*’ – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 156)]. De acordo com Reyes Palacios [autor do prólogo, In *Obras VIII. Novelas de J. J. Fernández de Lizardi*, editado na cidade de México: Unam, 1982], Fernández de Lizardi faz a derivação do substantivo de ‘*estragata*’, que utiliza em outras partes como sinônimo de ‘*burla y pitorreo de alguien*’ [Nossa tradução: burlar e zombar alguém]” (Nossa tradução).

(p. 158) **Capítulo V**

Escreve Periquitinho sobre seu ingresso no curso de artes, o que nele aprendeu, sobre seu ato geral, sua graduação e outras curiosidades que saberá quem queira sabê-las

Terminei meus estudos de gramática, como já vos contei, e entrei no melhor e mais antigo colégio de San Ildefonso, para estudar filosofia, sob a orientação do doutor *Don Manuel Sánchez y Gómez*, que vive, hoje, para ser o exemplo de seus discípulos. Ainda não era costume, naquele ilustre colégio, seminário de doutos³⁵⁰, e ornamento às ciências de sua metrópole, ainda não era costume, digo eu, ensinar a filosofia moderna em todas as suas especificidades; os erros de Aristóteles, até então, ressoavam em suas aulas. Ainda se ouvia discutir sobre o *ente da razão*, as *qualidades ocultas* e a *matéria prima*, sendo isso tudo definido pela explicação baseada no nada: nem é o que é³⁵¹ etc. A física experimental não se gestava ainda naquele ambiente, e não eram mencionados, nos referidos recintos, os grandes nomes de *Cartesio*³⁵², *Newton*, *Para*³⁵³, *Muschembroek*³⁵⁴ e outros, (p. 159) que eram pouco conhecidos dentro daquelas ilustres paredes que formaram tantas famosas e únicas inteligências, como, por exemplo, a de *Portillo*³⁵⁵. Em resumo, ainda não

³⁵⁰ Transcrição da nota 96 da edição de 2008 (p. 158): “[Lê-se, em castelhano, *doctos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 158)]. A primeira edição adicionava: ‘testemunha de utilidade dos jesuítas no Reino’” (Nossa tradução).

³⁵¹ Nota da Tradutora: Frase latina: *nec est quid* [Nossa tradução está no corpo do texto].

³⁵² **Nota da Tradutora: Refere-se a René Descartes. Observamos que é utilizado o sobrenome em italiano. O nome completo nessa língua é: Renato Cartesio. Do mesmo modo, a latinização do nome era usada: *Renatus Cartesius*.

³⁵³ **Transcrição da nota 97 da edição de 2008 (p. 158): “François Para du Phanjas (1724-1797), jesuíta francês, filósofo e matemático. Como científico, escreveu: *Principes du calcul et de la géometrie ou Cours complet de Mathématiques* – [Nossa tradução: *Princípios do cálculo e da geometria ou Curso completo de Matemáticas*] – (1773), *Elements de physique ou abrégé du Cours Complet de Physique et de Chimie* – [Nossa tradução: *Elementos da física ou versão resumida do Curso completo de Física e Química*] – (1781), *Théorie de nouvelles decouvertes en genre de Physique et de Chimie* – [Nossa tradução: *Teoría de novas descobertas no gênero da Física e da Química*] – (1786). Algumas de suas obras foram traduzidas ao latim e foram publicadas em Veneza” (Nossa tradução).

³⁵⁴ **Transcrição da nota 98 da edição de 2008 (p. 158): “Pieter von Muschembroek (1692-1761); estudou física, medicina e matemáticas em Leyden. Foi professor de física em várias universidades centro-europeias. Fez-se famoso em sua época e contribuiu para a difusão das teorias de Newton na Holanda, seu país natal. Tem trabalhos na física experimental, sobre atrações magnéticas e refração da luz. Sua obra, como a de Para du Phanjas, era amplamente difundida pelas universidades ocidentais [já à época de Fernández de Lizardi]” (Nossa tradução).

³⁵⁵ **Transcrição da nota 99 da edição de 2008 (p. 159): “Antonio Lorenzo López Portillo (1730-1780), famoso orador, filósofo e matemático mexicano. Aos quatorze anos tinha concluído seus estudos de latinidade e filosofia. Ganhou uma bolsa de estudos, concedida pela coroa, no Colégio de San

tinham, (p. 159) ali, abandonado totalmente o sistema peripatético que dominou os mais sublimes entendimentos da Europa, quando meu sábio professor ousou ser o primeiro a nos querer mostrar o caminho da verdade, sem nisso enfatizar algum caminho em particular, já que ele escolheu o melhor da lógica de Aristóteles e aquilo que lhe parecia o mais provável dos autores modernos, por meio dos quais nos ensinou os rudimentos da física. Assim, tornamo-nos verdadeiramente ecléticos, porque não aderimos, teimosamente, a nenhuma opinião, e tampouco deferimos qualquer sistema, apenas por termos inclinação pelo autor.

Apesar desse método prudente, também aprendemos muitos absurdos, daqueles que sempre se ensinam por força do costume, aqueles que eram convenientes excluir, de acordo com a razão e com Feijoo, nos discursos X, XI e XII, do volume 7, de seu *Teatro crítico*³⁵⁶.

Assim como se havia dado com meu estudo da gramática, aprendi, também, nessa nova fase, várias incorreções impertinentes, como já vos relatei, tais como, *ou, verbi gratia: Cara mujos comes; pastor zinho come ad obes; non est peccatum mortale occidere patrem suum*³⁵⁷, e outras grosserias desse mesmo calão. Desse modo, também no estudo das sùmulas, aprendi, em seguida, mil sofismas ridículos, dos quais me vangloriei muito com os colegas mais ingênuos, como, por exemplo: *beijar*

Ildefonso, onde estudou jurisprudência civil e canônica. Obteve, gratuitamente, as quatro *borlas* [distinção] de mestre em artes e, mais tarde, o grau de doutor em teologia, cânones e leis” (Nossa tradução).

³⁵⁶ Transcrição da nota 100 da edição de 2008 (p. 159): “O discurso X intitula-se “*Verdadera y falsa urbanidad*” [Nossa tradução: Verdadeira e falsa urbanidade], o XI, “*De lo que conviene quitar en las Sùmulas*” – [Nossa tradução: Do que é conveniente retirar das Sùmulas] e o XII, “*De lo que conviene quitar y poner en la Lógica y Metafísica*” – [Nossa tradução: Do que é conveniente retirar e adicionar na Lógica e Metafísica] (*Obras escolhidas* de F. Benito Jerónimo Feijoo. Edição de A. Millares Carlo, Bae, v. 141-143, Madri, Atlas, 1961. E, Bae, v. 56, Madri, Rivadeneyra 1863)” (Nossa tradução).

³⁵⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*cara coles comes; pastor cito come ad oves; non est peccatum mortale occidere patrem suum*” – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 159) [Nossa tradução está no corpo do texto]. Decidimos tentar reproduzir o texto em castelhano usado pelo autor. Interpretamos que se trata de arremedo de latinismo formado pelas palavras *caracoles* [caramujos]; *pastorcito* [pastorzinho]; *adobes* [o *adobe* seria um tipo de tijolo de barro, ou como afirma o dicionário *Michaelis*: “Tijolo grande de argila, secado ao sol, geralmente misturado com palha ou capim para se tornar mais resistente”. A intenção do narrador é de fazer piada, pois, a partir desse ponto, deseja mostrar um faz de conta em latim com sentido duplo no momento da leitura do leitor cuidadoso. No caso, a tradução, lida com a entonação do latim, estaria próxima de: ‘cara mujos comes’ e ‘cara couves comes’, pelo som e sentido no castelhano; ‘pastorinho come adobes’ [lembrar que, na língua espanhola, o som do v e b nessa posição é a mesma]. A primeira frase não tem significado específico no latim. Sua tradução seria um *nonsense*: ‘cara coles vem’. A segunda frase, *pastor cito come ad oves*, traduzida do latim ao português, fica: ‘pastor rapidamente vem para as ovelhas’. Nossa tradução ‘*pastor inhor com ed ad oves*’ fica do latim ao português: ‘pastor e ovelha milho severo’. Na frase terceira, inteira em latim, apresenta uma contradição moral, pois a tradução fica: ‘não há pecado mortal em matar ao próprio pai’. Daí as observações do narrador.

a terra (p. 159) é um ato de humildade; a mulher é terra, logo etc.; todos os apóstolos são doze; são Pedro é apóstolo, logo etc. Se não houvesse cuidado, eu lançava um ergo com mais galhardia do que o pudesse fazer o melhor doutor da Academia de Paris. Além disso, acrescentava-lhe uma negação da verdade mais rotunda; (p. 160) isto é, eu argumentava e disputava, incansavelmente, até mesmo em relação a assuntos que não conseguia entender, mas eu confiava plenamente em minha razão, guiada pela força de meus pulmões, como ficou já evidente em palavras do padre Isla³⁵⁸, de tal forma que, não importava quantas vezes era incomodado por meus colegas, eu nunca cedia. Eu poderia ter dito: podeis vencer-me na extensão de teus conhecimentos, mas não na gritaria. Desse modo, frequentemente, aplicava-se a meu respeito o refrão: *quem não puder ganhar pela razão, ganha pelo grito*.

Quão tolo e tenaz eu me tornei depois de ter aprendido as reduções, reduplicações, equipolências e outras banalidades dessa estirpe, especialmente com certos versos desatinados, que escreverei para que vejais a que ponto podem chegar os homens com as letras! Leiais e admirais.

Barbara, Celarent, Darii, Ferio, Baralipon.

Celantes, Dabitis, Fapesmo, Frisesomorum.

Cesare, Camestris, Festino, Baroco, Darapti

Felapton, Disamis, Datisi, Bocardo, Ferison.

E aí? Esses versos não são ótimos? Não são mais adequados para decorar frascos de boticário do que para ensinar regras sólidas e lucrativas? Pois bem, meus filhos, eu me dei conta, imediatamente, do fruto de sua invenção, porque eu errava, com a mesma liberdade, ao empregar tanto *Barbara* como *Ferison*, porque eu produzia nada mais do que absurdos a cada palavra exposta. Primeiro, aprendi a fazer sofismas e, antes de reconhecê-los e desvanecê-los, eu melhor do que ninguém sabia

³⁵⁸ **Transcrição da nota 101 da edição de 2008 (p. 160): “[retirado de] Padre Isla, *Historia del famoso predicador fray Gerundio de Campazas*, ed. de L. Fernández Martín, Madrid, Ed. Nacional, 1978, p. 223: ‘Era um leitor religioso, moço, como de apenas trinta anos, de engenhosidade mediana, de bastante compreensão, de memória feliz, muito estudioso e ferrenho, furiosamente aristotélico porque não chegou a ler outra filosofia, nem podia tolerar que alguém falasse dela; eterno contendador, para o qual se auxiliava de sua volúvel língua, de uma voz clara, grossa e encorpada, de uma admirável consistência de peito e de uma maravilhosa força nos pulmões: em resumo, um escolástico”’ (Nossa tradução).

obscurecê-los (p. 160) de toda verdade, isso bem antes de indagá-la, efeito natural das obsessões das escolas e do pedantismo dos moleques.

Em meio a tanta algazarra de vozes e terminologias exóticas, eu soube o que eram silogismos, entimemas, sorites e dilemas. (p. 161) Esse último é um argumento terrível para muitos homens casados porque dói com a pujança de dois chifres. Por isso, é chamado de bicorno; e por isso, eles não podem refutá-lo se chegas a lhes dizer: Ou queres que tua mulher te dê um par de cornos? Ou não? Se quiseres, serás um chifrudo; se não o quiseres, ela igual saberá como te trair e fará que tu o queiras. Então, querendo ou não, serás atingido pelo argumento, e acabarás experimentando em tua cabeça a semelhante galhada. Essa era, pois, minha maneira de argumentar. E, como podeis observar, ela era conclusiva.

Para não vos cansar muito, conto-vos que passei por meu curso de lógica com a mesma velocidade que passa um raio pela atmosfera, sem nos deixar rastros de sua carreira. Assim, depois de argumentar, farta e seguidamente, sobre as operações do entendimento, sobre a lógica natural, artificial e utilitária e sobre seu objeto formal e material; sobre se Adão perdeu ou não a ciência com o pecado (coisa que não se tem disputado com o diabo); sobre se a lógica é ciência ou arte; e sobre mais uma quantidade exorbitantes de coisas como essas, eu me tornei tão lógico como me tornei alfaiate.

Mas, mesmo assim, fiquei muito contente e satisfeito de que eu seria capaz de finalizar o *ergo*, ou a argumentação silogística, frente ao mesmo Estagirita³⁵⁹. Eu ignorava o fato de que, pela fruta, conhece-se a árvore, e que, segundo essa mesma disposição, algo semelhante passaria se eu me metesse em disputas em qualquer matéria, já que isso evidenciaria, para todo o mundo, minha total insuficiência de conhecimentos.

Com tudo isso, eu estava mais vazio que uma cuia; porém, dizia, de boca cheia, que eu era *lógico*, como o faziam quase todos os meus condiscípulos. Não tive sorte melhor com a física. Pouco me dispus a diferenciar a regra particular da universal, em saber se esta tratava de todas as propriedades dos corpos e se aquela se limitava a certas espécies determinadas. Tampouco fui averiguar que coisa era essa de física

³⁵⁹ **Nota da Tradutora: Sujeito natural de Estagira, antiga cidade da Macedônia, pátria de Aristóteles. Desse modo, a personagem se refere ao fato de conseguir argumentar com, e vencer nessa disputa, o próprio Aristóteles.

experimental, (p. 161) ou teórica, ou distinguir a experiência constante de um fenômeno raro, cuja causa é incógnita; nem sequer me detive em saber que coisa era a *mecânica*, quais eram as leis do movimento e da inércia, o que significavam os termos *força* e *virtude* e como se compunham ou descompunham essas coisas; menos ainda soube eu o que era *força centrípeta*, *centrífuga*, *tangente*, *atração*, *gravidade*, *peso*, *potência*, *resistência* e (p. 162) outras pequenas frivolidades dessa categoria. Desse modo, já podeis supor que, se tudo isso eu ignorava, muito menos cheguei a saber o que era *estática*, *hidrostática*, *hidráulica*, *aerometria*, *ótica* e mais trezentas parafernalias dessa ordem. Entretanto, por outro lado, disputei, fervorosamente, sobre a questão de se a essência da matéria já era conhecida ou não; se essa era a trina dimensão determinada, ou era a água; sobre repugnar o vazio na natureza; a divisibilidade pelo infinito; e sobre outros assuntos estapafúrdios dessa grandeza, de cuja ciência ou ignorância maldito é o dano ou o proveito que deles nos resulta. É bem certo que nosso preceptor nos ensinou alguns princípios de geometria, de cálculo e física moderna, mas, seja pelo pouco tempo dedicado a esses assuntos, seja pelas superficialidades das poucas regras que nesse espaço de tempo cabiam, ou por minha pouca aplicação – motivo que parece ser o mais justo –, eu não entendi uma só palavra disso tudo. No entanto, dizia eu, ao concluir o curso, que era *físico*, mas não era mais que um ignorante de meia pataca. Após passar em uma provinha³⁶⁰ de física, cuja matéria foi inteiramente decorada, comecei a falar dessa grande ciência com tanta satisfação, em meio a qualquer audiência, que eu duvido que me ousassem a cercear se eu soubesse explicar por que o chocolate faz espuma ao movimento do *molinillo*³⁶¹, por que a chama faz uma figura cônica – e não uma que tenha qualquer outra forma –, por que se esfria uma xícara de caldo ou de qualquer outro licor ao se assoprá-la, nem outras coisinhas dessas que são parte de nosso cotidiano. O mesmo dizia eu, e não de forma mais adequada, sobre saber metafísica e ética – chegando quase ao ponto de afirmar que eu era um novo Salomão – depois que concluí o curso de artes, ou melhor, quando o curso de artes acabou comigo. Nisso se passaram dois

³⁶⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *sustenté un actillo de física* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 162). Ruiz Barrionuevo (2008) explica que se trata da defesa de um exercício literário com o objetivo de demonstrar suficiência de conhecimento, nas universidades. No entanto, o Periquinho mal terminou o colégio.

³⁶¹ *Nota da Tradutora: O *molinillo* é um utensílio doméstico mexicano, feito de madeira, usado para mexer o chocolate quente. Também pode ser chamado de “*batiro*” ou “*batidor*”. Disponível em: <https://elsouvenir.com/molinillo-artesania-oaxaca/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

anos, (p. 162) tempo que, de fato, teria sido melhor aproveitado com menos regrinhas de somatória, algum exercício útil em questões de lógica, no ensino básico mesmo dos princípios da metafísica e quanto fosse possível de física teórica e experimental.

(p. 163: ilustração)

(p. 164) Creio que meu mestre assim o teria feito, se não tivesse temido singularizar-se e, talvez, tornar-se objeto da crítica de alguns *Zoilos*³⁶² (400 a. C – 320 a. C) caso se apartasse inteiramente da antiga rotina. É verdade, e isso seja em honra a meu mestre, é verdade que, como já dito, não disputávamos sobre *o ente da razão, qualidades ocultas, formalidades, ecciedades, quididades, intenções* e todo aquele enxame de vozes insignificantes com as quais os aristotélicos pretendiam explicar tudo aquilo que lhes escapava de seu entendimento. “É verdade, diremos com base em Johan Buchard Mencke³⁶³ (1674-1732), que não se ouvem mais em nossas escolas essas questões com a frequência que era comum em tempos passados, mas terão elas se aniquilado totalmente? Temo que ainda perdurem em algumas delas a tenacidade das antigas preocupações, senão de todo, talvez arraigadas em algumas coisas que já bastam para deter os progressos da verdadeira sabedoria³⁶⁴.” As declarações desse crítico têm, certamente, muita cabida em nosso México.

Chegou, finalmente, o dia de receber o grau de bacharel em artes. Fiz minha defesa e dela me sai grandemente bem, assim como já havia sido em minha defesa de toda a gramática, porque as réplicas não intencionavam dar brilho ao arguidor, mas, sim, fazer brilhar o candidato. Assim, eles não se empenhavam em seus argumentos, mas, de mais a mais, davam-se por satisfeitos com a solução menos nervosa que se apresentava. Desse modo, ficávamos mais entupidos que onze horas nativas nos jardins dos índios, acreditando que eles não tinham cabedal para se oporem a nós. Que cego é o amor próprio!

³⁶² **Nota da Tradutora: (Nosso itálico). Refere-se ao gramático grego Zoilo, natural de Anfípolis, na Macedônia Oriental. Filósofo conhecido por suas duras críticas a Homero. Assim, o termo “Zoilo” é empregado para designar um crítico cujas observações revelam inveja, incompetência ou aversão pessoal injustificada.

³⁶³ **Nota da Tradutora: Juan Buchardo Mecknio [Johann Burkhard Mencke] (1674- 1732) foi um professor alemão de história e historiografia, autor de *Declamaciones contra la charlataneria de los eruditos* – [Nossa tradução: Discursos contra o charlatanismo dos eruditos] – (1715), citado várias vezes. Na página Cervantes Virtual, aparece com o título original: *De charlataneria eruditorum declamationes duae*. Mais informações em: <http://www.cervantesvirtual.com/obras/autor/mencke-johann-burkhard-60923>. Acesso em: 02 jul. 2021.

³⁶⁴ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) informa que essa citação se encontra na página 131 do livro de 1715, mencionado na nota anterior, de autoria de Mencke.

(p. 164) E assim se deram os fatos, e com eles fiquei muito bem-posto, ou ao menos assim me persuadi. Deram-me, assim, o grande, sonoro e retumbante título de *baccalauro*, e fui aprovado *ad omnia*³⁶⁵. Santo Deus! Que dia tão aprazível foi aquele para mim e que maravilhosa a hora daquela feliz cerimônia! Quando eu fiz (p. 165) o juramento de instituto³⁶⁶, quando fui colocado diante da cátedra, em meio aos *señores* bedéis com pomposas ombreiras e ouvi-me sendo chamado bacharel em pleno curso, dentro daquele âmbito soberbo em geral, e isso foi nada menos que por um *Señor* Doutor com seu capelo e borla³⁶⁷ de limpa e vistosa seda na cabeça, pensei que *iria morrer* ou, ao menos, ficar louco de contentamento.

Tão em alta estima eu tinha o conceito de estar formado como bacharel que vos asseguro: naquele momento, eu não teria trocado esse título por um de brigadeiro ou marechal de campanha. E não credes que é hiperbólica essa proposição, pois, quando me deram meu título em latim e formalmente autorizado, cresceu tanto meu entusiasmo que, se não fosse por respeito a meu pai e aos convidados dele – que fizeram com que eu me contivesse –, eu teria corrido pelas ruas, naquele momento, como correu Ariosto quando foi coroado poeta por Maximiliano I³⁶⁸. É isso que pode

³⁶⁵ **Transcrição da nota 106, da edição de 2008 (p. 164, retirado da quarta edição, [1842]): “Para tudo: ‘com essa frase, designa-se com o título a quem pode continuar a estudar nas faculdades maiores; se essa distinção indica que não é de aprovação geral, significa que o candidato não pode cursar as faculdades maiores indicadas no título’” (Nossa tradução).

³⁶⁶ **Transcrição da nota 107 da edição de 2008 (p. 165): “O ‘juramento de instituto’ consistia em fazer declaração pública de seguir a fé católica conforme o disposto no Concílio de Trento. Nele, prestava-se o juramento de obediência ao rei, aos vice-reis e ao reitor da Universidade. Além disso, jurava-se defender as Constituições da Real Pontifícia Universidad de México e o dogma da Imaculada Conceição (Ver *Constituciones de la Real Pontifícia Universidad de México*, 1975, 2. ed., citado por Spell (1971, p. 174). As constituições regulamentavam como as cerimônias deveriam acontecer, seguindo o protocolo de bedéis [pessoal administrativo da faculdade: reitor, diretores etc.] com maças [báculos específicos para a cerimônia] que deveriam assistir em todos os atos solenes, incluindo os exames de grau” (Nossa tradução).

³⁶⁷ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *capelo y borla* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 165). O *capelo* (chapéu) com borla faz parte da vestimenta formal que os doutores vestem em atos solenes, no México, até o dia de hoje. Nós, no Brasil, temos um modelo diferente, que se compõe apenas de uma capa. No México, os *capelos*, diferente dos aqui utilizados nas cerimônias de formatura pelos graduandos, são arredondados, e a borla não tem cordão que fique sujeito ao capelo, mas já está costurado diretamente nele, à semelhança dos que utilizam as autoridades eclesiásticas nas cerimônias. Mais informações sobre o nome das vestes em: <https://www.dicio.com.br/capelo/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

³⁶⁸ **Transcrição da nota 108 da edição de 2008 (p. 165): “Do livro de Mencke (1775, p. 126): ‘Quando Ariosto recebeu a coroa de mão de Carlos V – Carlos I da Espanha e V do Sacro Império Romano Germânico (1500-1558)] –, foi tanta a alegria que o preencheu [...] [que] percorreu toda a cidade e dava mostras de estar mais furioso do que o próprio Orlando [a personagem mitológica no poema épico de cavalaria Orlando furioso escrito pelo próprio Ariosto]. Não foi menos ridícula a vaidade de Heinrich Glarean (1488-1563) [também chamado de Henricus Glanearus, Heinrich Loriti, Loritis, Loritti, Loretti,

fazer (p. 165) em nós a violenta e excessiva hesitação das paixões, sejam elas da natureza que forem, pois nos enganam e nos fazem perder a razão, como se estivéssemos febris ou fôssemos dementes!

Chegamos, por fim, a nossa casa, que já estava cheia de velhas e moças, parentes e serventes dos convidados, os quais, assim que entrei, prestaram-me mil dedicações e cumprimentos. Correspondi a todos eles com o mesmo entusiasmo que um peru fazendo a corte³⁶⁹, o que bem revela o grau de minha vaidade. A inocente de minha mãe estava por demais extasiada de alegria: o regozijo brotava-lhe dos olhos.

(p. 166) Despi-me de minhas vestes clericais e entramos na sala onde se serviria o almoço, que era, de fato, o centro de atenção daqueles comedidos convidados. Podeis crer-me, filhos meus, que os casamentos, os batismos, as ordenações sacerdotais e todo o tipo de festa nas quais se possa ver aglomerações não têm outro atrativo maior que a comilança. É a bandeja farta a que se torna o sino que convoca todas as visitas e a bandeira que recruta a tantos amigos nesses momentos. Se essas festas fossem à seca, nunca se veriam tão concorridas. Não penseis que isso é coisa do México apenas, pois festanças assim são feitas em todas as partes, e prova disso é que, na Espanha, elas são tão costumeiras que o povo até conhece um versinho que as aludem:

À raspa viemos,
Virgem de Illescas³⁷⁰,
À raspa viemos,
E não só às festas.

Assim, meus filhos, é pela raspa do tacho que todos vão à festa, não por parabenizar ou para festejar a ocasião do ato, mas pela raspa. O que mais se pode

ou Glareano], coroado pelo Imperador Maximiliano (1459-1519) – Maximiliano I de Habsburgo” (Nossa tradução).

³⁶⁹ ***Nota da Tradutora: A edição de 2008 apenas informa que “*guajolote*” é definido como peru das Índias. Já López y López (1931, p. 469) trazem o significado da expressão: ‘*más esponjado que um guajolote*’, que corresponde à frase utilizada por Fernández de Lizardi: ‘*muy orgulloso, muy ancho*’ [Nossa tradução: que se sente com muito orgulho, inchado, ufano, inflamado]” (Nossa tradução).

³⁷⁰ *Nota da Tradutora: A *Virgen de Illescas* [Nossa tradução: Virgem de Illescas] é também chamada de *Virgen de la caridad* – [Nossa tradução: Nossa Senhora da Caridade] – tem seu santuário em Toledo, Espanha. Para mais informações, visitar: <https://illescas.es/santuario-nuestra-senora-de-la-caridad/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

esperar? (p. 166) Até em velórios, eu já tinha a ânsia pela raspa. Antes, tudo começa com os pêsames, os choros e lamentos, e acaba, em seguida, em comilança de bolos, queijo, aguardente, chocolate ou almoço, dependendo da hora. Já, seguramente, ouvistes dizer que o luto com pão é bom e que barriga cheia é coração contente.

Não vos desgosteis com essas minhas digressões, pois, no mais, elas lhes podem ser úteis se sabeis delas tirar o necessário proveito; além disso, eu vos disse, a princípio, que elas seriam constantes no discurso de minha obra, a qual é fruto da inércia (p. 167) na qual me encontro nessa cama, e não resultado de um estudo sério e meditado. Assim, vou escrevendo o relato de minha vida, segundo dela me vou lembrando, e vou adornando-o com os conselhos, a crítica e a erudição possível nesse meu triste estado. No entanto, eu vos asseguro que não pretendo posar de sábio para vós. Assim, desejo ser-vos útil como pai e que a leitura do relato de minha vida seja-vos proveitosa e agradável. Desse modo, bebereis o saudável amargor da verdade na taça da piada e da erudição. Se assim for, então, estarei contente e terei, cabalmente, cumprido com os deveres de um sólido escritor, segundo defende Horácio³⁷¹ e de acordo com minha livre tradução:

De escritor o ofício desempenha
Quem diverte ao leitor e quem o ensina.

Mas, enfim, eu faço o que posso, ainda que não seja assim como o desejo.

Sentamo-nos à mesa e começamos a almoçar alegremente. Como era eu o santo da festa, todos dirigiam suas conversações a mim. Não se falava em outra coisa que não fosse do menino bacharel, e, sabendo o quanto estavam alegres meus pais e envaidecido eu mesmo com o título, todos acudiam não ao que nos doía, mas ao que nos dava plena satisfação. Com isso, eu não ouvia mais que:

– Isso é para o *señor* Bacharel.... sirva-se, *señor* Bacharel.... beba, *señor* Bacharel.... Veja isso, *señor* Bacharel... e Bacharel vem e Bacharel vai a cada instante.

³⁷¹ Nota do Autor: “*Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci, / Lectorem delectando pariterque monendo*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 167, nota de rodapé a). Nota da Tradutora: A tradução, pelo autor, encontra-se inserida no corpo do texto. Ruiz Barrionuevo (2008, p. 167) indica que a citação é da *Arte Poética* (ao redor do ano 18 a. C.), de Horácio, v. 343-344.

(p. 167) Acabou-se o almoço; em seguida, veio o jantar e, à noite, o bailinho. Todo esse tempo, foi um contínuo bacharelamento. Santo Deus, o quanto me bacharelaram esse dia! Até as velhas e as empregadas de casa davam-me as bachareladas de vez em quando. Finalmente, quis a Majestade Divina que se terminasse a farra e com ela tanta (p. 168) bacharelice. Assim, todos se foram a suas casas, e meu pai ficou com sessenta ou setenta reais a menos, pois isso lhe custou a função. Eu, desse modo, fiquei com mais uma presunção, e, então, retiramo-nos para dormir, pois era isso que ainda faltava.

No outro dia, levantamo-nos em boa hora, e eu que, pouco antes, havia estado tão ufanado com meu título e tão satisfeito com o fato de que me alegravam os ouvidos com a repetição desse fato, já não encontrava gosto algum nisso. Como é certo o fato de que o coração do homem é infinito em seus desejos e que é unicamente a sólida virtude que pode satisfazê-lo³⁷²!

Não entendeis que, agora, poso-me de santinho e vos escrevo essas coisas para vos fazer crer que fui bonzinho. Não; longe de mim a vil hipocrisia. Eu sempre fui perverso, isso já vos disse, e, mesmo prostrado nessa cama, não sou o que deveria ter sido. Essa confissão, no entanto, há de vos assegurar minha melhor verdade, porque ela não sai expelida pela virtude que existe em mim, senão pelo conhecimento que dela tenho, um conhecimento que não pode esconder o próprio vício. Se, por sorte, eu chegar a me levantar dessa enfermidade e alguma vez voltar a minhas antigas estripulias (o que Deus não permita), não me desdirei a respeito do que agora vos escrevo; antes, eu vos confessarei que pratico o mal, embora conheça o bem³⁷³.

³⁷² Transcrição da nota de rodapé 116 da edição de 2008 (p. 168): “Omite-se um trecho longo [do original] que inicia do seguinte modo: ‘*Sin ésta, hijos míos [...]*’ – [Nossa tradução: sem isto, meus filhos [...]]. [O texto completo] encontra-se disponível em *Obras [...]*, edição feita pela Editora da UNAM, 1982, p. 104-106” (Nossa tradução).

³⁷³ Nota do Autor: “*Video meliora, provoquo deteriora sequor*. – [Nossa tradução: Vejo o melhor, e concordo, porém, opto pelo pior], Ovidio” – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 168, nota de rodapé b) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: De acordo com o Dicionário *on-line Priberam* (2021), esse trecho refere-se a: “Palavras que Ovídio atribui a Medeia e pintam o homem cuja inteligência lhe aponta o caminho do dever e da verdade, mas cuja fraqueza e apetite dos prazeres o arrastam para o mal.”. O trecho de Ovídio pertence a sua obra *Metamorfoses* (8 d. C.), VII, 20. Por outro lado, Ruiz Barrionuevo (2008) aponta que Fernández de Lizardi toma a citação feita do livro de Nicolás Jamin (1775, p. 42) , em francês: “*La vertu n'est donc point une chimère: elle a partout son prix; nous la repectons même au milieu de nos désordres*” – [Nossa tradução: A virtude não é, portanto, uma quimera: tudo tem seu preço; respeitamo-la, mesmo no meio de nossa desordem.]. Para mais informações sobre a obra de Jamin, ver nota 252 de nossa tradução. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/video%20meliora%20proboque,%20deteriora%20sequor>. Acesso em: 24 jun. 2021.

(p. 168) Voltando a meu relato: após dois ou três dias de minha graduação, meus pais determinaram enviar-me a uma fazenda de uns amigos seus, próxima a esta cidade, para que me divertisse, com os afazeres que ali passavam com a marcação a ferro quente dos animais. Assim, de fato, fui...

(p. 169) **Capítulo VI**

No qual nosso bacharel narra sobre o que lhe passou na fazenda, que é algo curioso e divertido

Cheguei à fazenda na companhia do amigo de meu pai, que era nada mais, nada menos que o amo ou dono dela. Ao descermos das cavalgadas, todos me acolheram gentilmente. Com a diversão que havia devido à marcação do gado, a casa estava cheia de gente importante da Cidade do México³⁷⁴ e de outras redondezas.

Entramos na sala, e eu me sentei em um bom lugar do *estrado*³⁷⁵, porque nunca gostei de estar demasiadamente afastado das saias. Depois que falaram de muitas coisas dos campos – das quais eu nada entendia –, a dama principal, que era a esposa do dono da fazenda, travou conversa comigo e me disse:

– E então, *señorito*, que lhe pareceram esses campos pelos quais passaram? Seguramente causaram-lhe algo de novidade, porque, segundo as informações que temos, é a primeira vez que saís da capital.

– Assim é, minha *señora* – disse-lhe –, e gosto bastante dos campos.

– Mas não como da cidade, não é verdade? – Inquiriu-me ela. Eu, por educação, disse-lhe:

– Sim, *señora*. Gostei muito dos campos, embora a cidade também não me desagrade. Tudo me parece muito bem em suas especificidades. Assim, estou muito contente no (p. 170) campo, como no campo se deve estar, e, da mesma forma, divirto-me na cidade, como na cidade deve ser.

³⁷⁴ *Nota da Tradutora: No capítulo 6 do tomo I, Fernández de Lizardi utiliza a palavra *México* para se referir à hoje chamada Cidade do México. Também é chamada de Distrito Federal, pelo que muitas vezes, nas informações, vemos Cidade do México D. F. Também, de modo informal, atualmente podemos ouvir os falantes referirem-se a essa cidade como “dê êfe”, pronúncia da sigla D. F. O modo certo de escrever o nome é com maiúscula em Cidade, por ser nome próprio de cidade que inclui em sua denominação um substantivo genérico de caráter geográfico. Para mais informações sobre o uso da inicial maiúscula, visitar: <https://www.fundeu.es/recomendacion/ciudad-de-mexico-con-mayusculas-equivale-a-mexico-d-f/>. Acesso em: 12 set. 2022.

³⁷⁵ *Nota da Tradutora: A definição de “*estrado*”, de acordo com o *DRAE* (2021), é a seguinte: “5. m. Conjunto de mobília que serve para enfeitar o lugar ou espaço onde as senhoras recebiam as visitas; consistia em tapete ou carpete, almofadas e banquinhos ou cadeiras. 6. m. Lugar ou sala com piso acarpetado, onde sentavam as mulheres e recebiam visitas” (Nossa tradução). Além disso, na edição de 2008, aponta-se que Reyes Palacios, em *Obras*, v. VIII (1982, p. 108), apresenta testemunho gráfico, na primeira edição de *El Periquillo*, dessas instalações, onde mulheres sentam-se num sofá de madeira, ou canapé, e a área está separada dos outros ambientes por uma mesa de canto.

(p. 170) Pareceu-lhes estupenda minha resposta, como se eu tivesse dito algo circunspecto. A *señora* seguiu o elogio, dizendo-me:

– Sim, sim, o colegial tem talento, embora pudesse brilhar mais e melhor se não fosse tão travesso, segundo contou-nos Januário. Esse Januário era um rapaz de seus 18 ou 19 anos, sobrinho dessa *señora*, sempre condiscípulo e grande amigo meu. Saí igual a ele, porque era zombeteiro e muito velhaco. Eu não lhe perdia os passos e nunca deixei de me aproveitar de suas lições. Ele se tornou meu amigo íntimo desde os tempos de minha primeira escola e minha eterna ave de mau agouro, meu algoz³⁷⁶ e minha inseparável sombra em todas as partes, porque ele foi atrás de mim na segunda e na terceira escola nas quais me puseram meus pais. Nelas, entrou comigo, e comigo delas saiu; e, também, estudou gramática na casa de meu mestre Henríquez; quando eu saí dali, ele saiu também; entrei no colégio San Ildefonso, ele ali entrou também; graduei-me, e ele, no mesmo dia, também se graduou. Tinha um corpo aprazível, alto e bem formado, mas, como em minha conhecida escola era de lei que ninguém ficava sem seu apelido, emplacávamos um em qualquer (p. 171) aluno que fosse, mesmo se esse parecesse um Narciso ou um Adonis. Segundo essa regra, foi-lhe atribuído a *Don* Januário o apelido de *João Dotado*, combinando, assim, a sonoridade de seu nome e a perfeição que mais se distinguia em seu corpo. Apesar de tudo, ele foi meu mestre e o mais constante de meus amigos. Ao cumprir com esses deveres tão sagrados, não se esqueceu de duas coisas que me interessavam por demais e que me proporcionaram bons proveitos no transcurso de minha vida. Essas coisas foram: inspirar-me em suas más manhas e divulgar minhas qualidades e meu apelido de *Periquinho Sarnento* por todas as partes, de tal maneira que, por

³⁷⁶ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *agüizote* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 170). Ruiz Barrionuevo (2008, p. 170) traz uma anedota interessante que explica o uso dessa lexia – ou *ahuizote*, termo utilizado em Honduras, Nicarágua e México. De acordo com a quarta edição da obra, a frase teve origem nos tempos dos grandes impérios do México. Trata-se de uma personagem histórica que governou desde o ano de 1482 até o ano de 1502, o imperador *Ahuizotl*, cujo nome significa “agouro”. Ele foi muito cruel e sanguinário. Esse governante sacrificou 64 mil vítimas como oferenda no templo principal do México. Outra informação é aportada pelo frei Torquemada, que afirma que o evento constou de quatro dias de festividades e que terminou com 72.344 prisioneiros. De acordo com essa referência, a partir daí, os súditos mexicanos, perturbados, chamaram de *ahuizotl* ao perseguidor, ou a quem causa danos de qualquer gênero. De acordo com o *DRAE* (2021), no México, existe também a seguinte acepção: “3. M. Méx. Pessoa que incomoda, irrita e importuna continuamente” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/ahuizote>. Acesso em: 24 jun. 2021. O glossário de Ruiz Barrionuevo (2008, p. 941) define “*agüizote* ou *ahuizote*” como: “ave de mau agouro, no sentido figurado, pessoa que incomoda/irrita ou hostiliza alguém” (Nossa tradução).

sua amorosa (p. 171) e ativa diligência, eu o conservei em gramática, em filosofia e em público, quando isso era possível. Vede, pois, meus filhos, se eu não seria um ingrato se deixasse de mencionar no relato de minha vida, com a melhor das efusões de gratidão, a um amigo tão útil, a um mestre tão eficaz e ao eficiente difusor de minhas glórias, pois todos esses cargos desempenhou com méritos louváveis o grande e benemérito João Dotado.

No entanto, eu não sabia de quão extensa seria a informação que aquelas *señoras* tinham de minha pessoa e nem se conheciam meu retumbante apelido. Eu estava todo orgulhoso e traquinava³⁷⁷ no *estrado*, como se costuma dizer, com a *señora* e uma porção de garotas, entre as quais não era a mais vivaz nem a mais faladeira a filha da *señora* que me elogiava. Essa garota não era de se jogar fora. Não tendo ainda feito seus 15 anos, era demasiadamente bonita e interessante sua figura. Esse era um poderoso motivo para eu me manejar com certa afabilidade e circunspeção, da melhor maneira para agradá-la. Já havia notado que, quando eu contava alguma piada colegial meio sem graça, ela era a primeira a se rir e a festejar minha genialidade com muita boa vontade.

Estava, pois, saindo-me muito bem e a deixando muito à vontade, quando, de repente, escutei um barulho de cavalos no pátio da fazenda, e, antes de que pudesse perguntar quem era, foi-se apresentando na sala, com seu vistoso capote³⁷⁸, (p. 172) echarpe, botas de campanha e todos os demais adereços de um campista³⁷⁹

³⁷⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dando taba* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 171). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 990): “*dar taba* significa dar guerra, fazer maldades, traquinagens” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/990/mode/2up?q=taba>. Acesso em: 20 jul. 2023.

³⁷⁸ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *manga* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 171). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 690), “*‘manga’* capa de borracha, a modo de capote para as montanhas. Essa veste é abotoada pela frente e utiliza-se como proteção da chuva quando montado a cavalo. É comumente chamado de *‘manga de hule’*” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/690/mode/2up?q=manga>. Acesso em: 20 jul. 2023.

³⁷⁹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *campista* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 172). O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 195) apresenta a seguinte definição para “*campista, campirano*”: “homem que entende dos trabalhos do campo, que é destro na equitação e nas atividades de laço, na domesticação de animais e montar animais” (Nossa tradução). Um termo específico chama a atenção: “colear”. De acordo com o *DRAE* (2021): “Nas touradas, segurar o touro pelo rabo, geralmente quando ele investe sobre o picador caído. 3. Tradicional da Colômbia, México e Venezuela. Puxar, a pé ou a cavalo, do rabo do boi para derrubá-lo” (Nossa tradução). Disponível em:

decente... (p. 172) Quem pensais que poderia ser? Quem mais poderia ser, por meus mais negros pecados, senão o diabo mesmo do João Dotado, meu caro amigo e favorecedor! No instante em que entrou, viu-me e, cumprimentando a todos os presentes conhecidos seus, no ímpeto, dirigiu-se a mim, de braços abertos e alegrou-me os ouvidos desta maneira:

– Oh! Meu querido Periquitinho Sarnento! Tanta coisa boa por aqui? Como vai, meu irmão? Que andas fazendo? Senta-te...

Não posso ponderar agora o quão fastidioso me foi o fato de esse desgraçado expor a tão decentes convivas minha sarna e minha periquitice, e o que mais sentia era que o fato se divulgou, também, diante de tantas velhas e garotas zombeteiras. Essas, logo após ouvirem os atributos a mim auferidos, puseram-se a gargalhar sem a menor impudência e sem a menor consideração sobre minha pessoinha. Não sei se me pus amarelo, verde, azul ou vermelho. Do que me lembro bem, é de que a sala se escureceu a minha vista, de tanta cólera que senti, e que minhas bochechas e orelhas ardiam mais do que se eu as tivesse esfregado com pimenta picante.

Olhei para o João Dotado e lhe respondi não sei o quê, com desdém e gravidade, crendo que, com esse tom, eu corrigiria a zombaria das garotas e a insolência de meu amigo. Mas nada disso eu consegui, pois, por mais sério que eu me punha, mais gargalhavam as garotas, de tal modo que parecia que lhes estavam fazendo as mais brutas cócegas. O pícaro do João Dotado, a tudo isso, acrescentava mais algumas atribuições que faziam redobrar suas gargalhadas. Ao ver-me em tal apuro, não me restou outra saída a não ser ceder à violência de minha estrela maior e baixar a bola diante do mestre, rindo-me, eu mesmo, junto a todos os demais. Embora, se a verdade fosse dita, preciso confessar que minha risada não era algo natural, mas bem sádica.

Enfim, depois de muito me periquitearem e dissecarem o hediondo cadáver da sarnosa etimologia de meu apelido, já que não tinham mais motivo para maiores gargalhadas, nem tinha aquele canalha mais alguma zoeira (p. 173: ilustração) (p. 174) para me insultar, cessou a cena e, graças a Deus, acalmou-se a tempestade.

(p. 174) Aquela foi a primeira ocasião na qual senti o quanto era odioso ter um maldito apelido e o quanto é maldoso o caráter dos rufiões e engraçadinhos. Eles não têm lealdade nem mesmo à própria camisa, porque são capazes de perder até o melhor amigo, mas não perder a piada ou a zombaria que lhes venha à boca na melhor das ocasiões. Eles detêm a arte de ferir e envergonhar a qualquer um com suas besteiradas. Essas sempre são lançadas nas piores horas para quem é o atingido por elas. Isso foi o que me passou com meu bom condiscípulo, que me fez o pior dos males, justo quando eu estava querendo me sair bem com sua prima. Detestai, filhos meus, a amizade com essa classe de sujeitos.

Chegou a hora de comermos, e puseram a mesa. Sentamo-nos todos segundo a classe e o caráter de cada um. Correspondeu-me sentar-me de frente a um sacerdote, vigário de Tlalnepantla³⁸⁰, a cujo lado estava o cura de Cuautitlán – lugar distante sete léguas da Cidade do México –, que era um velho gordo e demasiado sério.

Todos comeram alegremente, e eu também, pois, como rapazinho, não era do tipo rancoroso, ainda mais em ocasiões em que me compraziam com bons e deliciosos pratos e saborosos doces, porque seu Martim, que assim se chamava o dono da fazenda, era bastante liberal e rico.

Durante a comida, falaram de muitas coisas de que não entendi, mas, depois que já se havia tirado as toalhas da mesa, uma *señora* nos perguntou se havíamos visto a cometa.

– O cometa, seguramente, quer a *señorita* dizer, não é? – disse-lhe o padre vigário.

– Isso mesmo, assim é – respondeu-lhe a madame.

– Sim, temos o visto por estas noites do terraço da paróquia e temos nos divertido bastante com isso.

– Ai!! Que diversão mais feia – disse-lhe a madame.

– Por quê, *señorita*?

³⁸⁰ *Nota da Tradutora: Cidade capital de Tlalnepantla Baz, situada ao norte do estado do México. Desse modo, o Periquitinho foi passear, não longe, ao interior. Mais informações em: <https://web.archive.org/web/20140310141846/http://www.e-local.gob.mx/work/templates/enciclo/EMM15mexico/municipios/15104a.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

(p. 174) – Por quê? Porque esse cometa é um sinal de algum dano muito grande que quererá suceder-se por aqui.

– Ria-se a *señora* muito disso – comentou-lhe o clérigo. – Os cometas são uns astros como todos os outros. Acontece que eles são vistos só de quando em quando porque têm muito o que andar e, assim, são meio atrasadinhos, mas não são maliciosos. Se não está claro isso, aí está *Don* Januário, que muito bem sabe que coisa são os cometas, e por que se fazem esperar tanto até que os possamos ver. Ele nos fará o favor de explicá-lo, com clareza, para que fiquem todos bem satisfeitos.

– Sim, Januário, anda, diga-nos como é essa história (p. 175) – disse-lhe sua prima.

Mas o demônio do João Dotado tanto sabia de cometas como sabia de pirotecnia, mas não era tonto o moço, e, assim, sem perder tempo, respondeu à prima:

– Prima, esse favor podes pedir a meu amigo Periquitinho, e isso por duas razões: a primeira, porque ele é um rapaz muito hábil, e a segunda, porque essa sua súplica é uma boa oportunidade para que se exiba uma explicação cometal muito boa. Pela regra da boa hospitalidade, devemos ceder essas oportunidades a nossos hóspedes. Desse modo, suplique-lhe ao Sarnentinho que o explique a ti, e poderão ver que espetáculo de garoto ele é. Uma vez que ele já não esteja mais entre nós, eu lhe explicarei não o que são os cometas, como já disse o padrezinho, mas, sim, dir-te-ei quantos são todos os astros, como se chama cada um deles, por onde andam, o que fazem, com o que eles se entretêm, com todos os detalhezinhos que tu queiras saber, pois contente estarei em satisfazer tua curiosidade, por mais prolixa que ela seja, sem que tenha eu medo de que não venhas a ver no que lhe contarei, pois, como disse o tio Quevedo:

O mentir das estrelas
É um seguro mentir,
Porque ninguém há de ir
Confirmar isso com elas³⁸¹.

³⁸¹ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) afirma que foi José Cadalso y Vázquez de Andrade (1741-1782), em sua obra *Los eruditos a la violeta* (1772), desacertadamente atribuíram essa redondilha a Quevedo. A pesquisadora esclarece que aquele poema procede da obra de Agustín de Salazar y Torres (1636-1675), *La segunda Celestina* [1675- ?].

(p. 175) “Assim, estamos combinados, Poncianita³⁸², que sobre o cometa lhe explicará, do direito ao avesso, nosso amigo Quitinho, enquanto eu, com a devida licença dos *señores* presentes, encilharei meu cavalo.

Dizendo-o, e fazendo isso, largou-se da sala às pressas, nem prestando atenção ao que dizia eu com relação a que, estando ali presentes os *señores* padres, eles, com certeza, melhor satisfariam a curiosidade da *señorita* do que eu o poderia fazer. De nada adiantou minha escusa: o vigário de Tlalnepantla havia entendido minha jogada, e, assim, insistia que essa honra seria toda minha. Eu lhes dizia:

– Não, *señores*, seria uma grosseria de minha parte querer brilhar onde (p. 176) estão justamente os mais ilustrados.

O cura, que era tão astuto quanto sério, ao ouvir essa minha exibição de modéstia, sorriu-se, como um coelho, e disse:

– Devem saber os *señores* que, em idos tempos, em minha paróquia, havia um sacerdote muito tonto e vaidoso, o mais néscio entre todos os tontos, e, certo dia, ao estar predicando, cheio de satisfação, quantas tonteiras seja possível que ocorram a alguém, a um grupo de pobres índios, os únicos que possuíam a paciência de escutá-lo, estava ele no mais fervoroso de seu sermão, quando foi entrando na igreja o Arcebispo – meu *Señor* – para a visita santa. No instante em que entrou no recinto, alvoroçou-se o auditório e turvou-se a mente do predicator, sendo que sua surpresa foi maior do que se tivesse visto o próprio diabo. Calou-se a boca, tirou-se o barrete e, ao ouvir Sua Ilustríssima dizendo-lhe que seguira a predicação, ele falou:

– Como seria eu capaz, *Señor* Ilustríssimo, ao estar presente meu superior, de ser tão grosseiro e seguir meu sermão? Isso nunca! Suba-se aqui Vossa Ilustríssima para concluí-lo, enquanto eu dou por acabada a missa *pro populo*.

O *Señor* Arcebispo não pôde conter o sorriso ao ver a grande exibição de modéstia desse cura ignorante e o tirou do púlpito e, também, do curato. Apliquem-se todos.

Então, ao dizer isso, calou-se o padre gordo. Riram-se o vigário e as mulheres. Eu não deixei de me sentir envergonhado, embora tenha ficado com certa dúvida se ele acabara de dizer isso com relação a minha estratégia ou à de João Dotado. Mas

³⁸² Nota da Tradutora: A árvore da Ponciana, *Delonix regia* é conhecida no Brasil como Flamboyant, originária da região de Madagascar, na África. Mais informações em: <https://www.jardineiro.net/plantas/flamboyant-delonix-regia.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

não fiquei (p. 176) suspenso nessa indecisão por muito tempo, pois o astuto padre vigário provou, de uma vez, todo seu arbítrio, dizendo à Poncianita:

– A *niña* que escolha, por favor, quem lhe explicará o que é o cometa, o colegial ou eu, e se acaso sua escolha recair sobre mim, eu o farei com muito gosto, porque não me agrada o fato de ficarem me rogando por algo, e tampouco sei fazer desdém às *señoras*.

Sem dúvidas, ele deu uma boa piscada para a *señorita* Poncianita e, no mesmo instante, a prima do Dotado disse-me:

– Que sejais vós, *señor*, por gentileza, que me façais esse favor.

Não houve escapatória. Decidi agradá-la, mas não sabia nem por onde começar, pois maldito de mim se soubesse qualquer coisa sobre cometas ou cometos. Sem dúvida, com algum orgulho (prenda essencialíssima de todo ignorante), disse:

– Pois *señores*, os cometas ou as cometas – como alguns dizem (p. 177) – são umas estrelas maiores que todas as demais, e, como são tão grandes, elas têm um rabo muito longuíssimo...

– Muito longuíssimo? – indagou o vigário. E eu, que não sabia que ele se admirava de que nem castelhano eu soubesse falar, respondi-lhe, cheio de vaidade:

– Sim, padre, muito longuíssimo... não o viu, por acaso, o *señor*?

– Salve-nos, Deus Pai! – exclamou ele.

Eu, então, prossegui:

– Esses rabos são de todas as cores, ou brancas ou vermelhas. Se são brancas, anunciam a paz ou alguma felicidade para o povo, e se são vermelhas, como tingidas de sangue, anunciam guerras ou desastres. Por isso, a cometa que viram os Reis Magos tinha seu rabo branco, porque anunciou o nascimento do *Señor* e a paz geral do mundo, que a decretou, então, o rei Octaviano. Isso não se pode negar, pois não há nenhum nascimento na noite de Natal que não tenha seu próprio cometinha de rabinho branco.

“E o fato de que não os vemos seguidamente é porque Deus os tem lá longe, retirados de muitas vistas, e só podem aproximar-se de nossas vistas quando devem anunciar a morte de algum rei, o nascimento de algum santo, ou a paz ou a guerra em alguma cidade. É por isso que não os vemos todos os dias, porque Deus não faz milagres sem necessidade. O cometa que vemos nesses dias tem o rabo branco e,

seguramente, (p. 177) anuncia a paz da Espanha com o inglês³⁸³. E isso é – disse eu muito satisfeito –, isso é o que temos sobre os cometas. Está a *señorita* satisfeita?

– Muito. Obrigada! – disse ela.

– Não, não muito – disse o vigário. – Porque o mocinho, o *señor* vai me desculpar, não disse coisa com coisa, a não ser um monte de disparates endiabrados. Vê-se que não estudou uma só palavra de astronomia sequer e, por esse motivo, ignora o que sejam estrelas fixas, planetas, cometas, constelações, dígitos, eclipses etc. etc. Eu, tampouco, sou astrônomo, amiguinho, mas tenho algo de conhecimento a respeito de algumas dessas coisinhas e, embora seja bastante superficial essa minha base, basta-me (p. 178) para saber que o mocinho sabe menos ainda e, assim, fala tantas barbaridades. E o pior é que as fala com vaidade, crendo que entende o que ele mesmo diz, e que o fato seja assim como ele o entende. Digo-lhe isso para que, da próxima vez, não seja tão cândido.

“Desse modo, saiba o mocinho que os cometas não são estrelas e que não os vemos por qualquer milagre; tampouco, eles anunciam guerras ou pazes, e nem a estrela que viram os Reis do Oriente, quando nasceu o Salvador, era cometa, nem Octaviano foi rei, mas sim César, o imperador de Roma, nem esse celebrou a paz mundial naquele Natal, porém deu-se o fato de que o *Señor* Jesus Cristo quis nascer numa época em que reinava a paz geral, que foi em tempos de Augusto César Octaviano. Não creia a *señorita* Poncianita, finalmente, em nenhuma das demais vulgaridades que se dizem dos cometas.

“E, para que não penses que isso tudo eu lhes digo simplesmente para gabarolar, explicarei tudo, de modo geral³⁸⁴, de própria boca aos *señores*, o que é um cometa. Prestai bem atenção, *señor*. Os cometas são planetas como todos os demais,

³⁸³ **Transcrição da nota 130 da edição de 2008 (p. 177): “A ‘paz da Espanha com o Inglês’ a que se refere o trecho relaciona-se ao reinado de Carlos III. Dada a flutuação de datas de nascimento do Periquitinho, pode ser uma destas duas referências: a primeira seria o Tratado de Paris, de 1763, e a segunda seria o tratado assinado com os Estados Unidos Americanos, em 1783, depois de recuperar Minorca – a segunda maior ilha do arquipélago das Ilhas Baleares, entre o leste da Espanha e oeste da Sardenha –, ocupar a Flórida e apoiar a independência daquele território” (Nossa tradução).

³⁸⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*a tintín de boca*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 178). O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1050) descreve que a expressão está relacionada com o tinir dos sinos ou mesmo com o barulho ao tocar as taças, ou objetos similares, para fazer um brinde: “*Es decir, a tontas y a locas, o simplemente por hablar*” [Nossa tradução: Sem planejamento prévio, ou falar sem pensar]. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1050/mode/2up?view=theater&q=tint%C3%A> Dn. Acesso em: 20 jul. 2023.

isso é, (p. 178) o mesmo que a *Lua*, *Mercúrio*, *Vênus*, a *Terra*, *Marte*, *Júpiter*, *Saturno*, e *Herschel*³⁸⁵, os quais são corpos esféricos (isso é, perfeitamente redondos, ou como, vulgarmente, costuma-se dizer: umas bolas), são opacos, não têm nenhuma luz própria – assim como não a tem a *Terra* –, pois a luz que refletem, ou que nos enviam, é proveniente do *Sol*. A causa de que os vejamos de tempos em tempos é porque seu curso é irregular em relação ao dos demais planetas. Quero dizer com isso que aqueles fazem sua rota ao redor do *Sol* de forma esférica, e estes o fazem elipticamente, pois uns dão sua volta redonda, e outros (os cometas), comprida. Essa é a causa – o fato de terem mais caminho que percorrer – pela qual demoramos para os ver, assim como antes se verá quem vier ou for daqui à Cidade do México do que aquele que for ou vier da Guatemala, porque o primeiro tem muito menos trajeto que andar que o segundo. Esses rabos, ou caudas, que neles vemos não são outra coisa, segundo os que entendem desse assunto, (p. 179) senão alguns vapores que o *Sol* extrai-lhes e os ilumina, assim como ilumina a explosão de átomos quando entra por uma janela. E esse mesmo *Sol*, conforme a disposição na qual comunica sua luz a esse vapor, faz com que essas caudas nos apresentem cores de branco e vermelho, para cuja persuasão não necessitamos atormentar o entendimento, pois todos os dias vemos as nuvens iluminadas com uma luz branca ou vermelha, de acordo com suas posições em relação ao *Sol*³⁸⁶. Em virtude disso, nada temos de esperar de favorável em relação à cor branca das caudas dos cometas, nem nos sentirmos advertidos de alguma desgraça por sua cor vermelha. Isso é o mais fundamentado e provável, de acordo com os físicos, em relação a essa matéria. Tudo o mais já são consideradas vulgaridades desprezadas por todos. Caso queiram informar-se a fundo sobre esse

³⁸⁵ **Nota da Tradutora: De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008), aqui, faz-se referência a Frederick William Herschel (1738-1822), chamado de “pai da astronomia sideral”, fundador da astronomia moderna por seus estudos sobre a Via Láctea e pelo descobrimento do planeta Urano.

³⁸⁶ Transcrição da nota 133 da edição de 2008 (p. 179, retirado da quarta edição, [1842]): “Essas explicações indicam que aquele vigário não tinha, igualmente, muito conhecimento sobre o assunto” (Nossa tradução).

assunto, leiam as (p. 179) obras do Padre Almeida³⁸⁷ e de Brisson³⁸⁸, entre outros autores traduzidos ao castelhano que tratam da matéria *pro famatiori*, isso é, com extensão. A base que eu tive para explicar esse assunto foi demasiada e, com certeza, tem ainda vícios de pedantismos, pois essas matérias são alheias e, talvez, ininteligíveis às pessoas que nos escutam, com exceção do *señor* cura, é claro. Mas vossa ignorância e vaidade, mocinho, fizeram-me tocar em semelhante assunto entre semelhantes sujeitos e, assim, pelo que eu mesmo sei, quebrei as regras da boa educação, mas a prudência desses mesmos *señores* me dispensará dessa lástima, e o mocinho mesmo me agradecerá, ou não, as boas intenções. Essas se reduzem a fazer-lhe ver que não deves jamais se meter a falar de coisas das quais não entendes.

(p. 180) Imaginai-vos como ficaria eu diante de tal responsório. No mesmo instante, dei-me conta de que aquele padre falava muito bem e, por mais que eu compreendesse sua clareza de expressão, eu me via ignorante, mas eu não era tonto, e nunca fui cabeça dura – ou de cabeça de *tepeguaje*³⁸⁹, como aqui se diz –, de maneira que, facilmente, docilizei-me³⁹⁰ com a razão, porque, na verdade, há verdades tão evidentes e penetrantes que nos entram até pelos olhos, apesar de nosso orgulho próprio. Infelizes daqueles homens cujo entendimento é tão obtuso que não conseguem admitir até as verdades mais evidentes e mais infelizes e ainda os sujeitos cuja obstinação é tanta que faz com que fechem seus olhos para não verem

³⁸⁷ **Nota da Tradutora: O clérigo oratoriano Teodoro de Almeida (1722-1804) é uma figura proeminente da Ilustração católica portuguesa/ibérica e da Filosofia Moral. Sua obra mais conhecida é *Recreação filosófica* (1751-1752). Viveu na França depois de ser deportado pelo Marquês de Pombal. Para mais informações, visitar:

<https://eg.uc.pt/bitstream/10316/46789/3/Os%20dia%CC%81logos%20filoso%CC%81ficos%20do%20%20padre%20teodoro%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2021.

³⁸⁸ **Nota da Tradutora: Trata-se de Mathurine-Jacques Brisson (1723-1806), filósofo e naturalista francês. Ruiz Barrionuevo (2008) observa que, no prefácio da obra, *Tratado elemental ou princípios de física* (1803), o filósofo afirma que seu objetivo é levar a física para a juventude, tanto de um como do outro sexo.

³⁸⁹ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1032), “*tepeguaje*, árvore leguminosa [árvore nativa do México, provavelmente a *Leucaena leucocephala*] de crosta adstringente, cujo látex é um substituto da goma arábica, possui madeira dura, é resistente, elástica. É utilizada em construções rurais. [...] Ter cabeça de *tepeguaje* significa ser muito burro” (Nossa tradução). Disponível em:

<https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1050/mode/2up?view=theater&q=tepeguaje>. Acesso em: 20 jul. 2023.

³⁹⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *docilitado* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 180). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 462), “*docilitar*” significa “amansar alguém que não era dócil” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1032/mode/2up?view=theater&q=docilitar>. Acesso em: 20 jul. 2023.

a luz. Que pouca (p. 180) esperança dão uns e outros de que se façam dóceis frente à razão, em algum momento! Fiquei confuso, como vos estava dizendo, e creio que minha vergonha estava tão aparente que sobrepesava a própria roupa, porque não me atrevi a dizer uma só palavra que fosse e nem teria por que fazê-lo. As *señoras*, o cura e os demais sujeitos da mesa só se olhavam entre si e, de quando em quando, olhavam para mim, e isso me deixava mais e mais aterrado.

Mas o próprio padre vigário, que era um homem muito prudente, tirou-me daquela enrascada³⁹¹, com o melhor dissimulo, dizendo:

– *Señores*, já conversamos muito, vou agora rezar as vésperas, e é hábito que as *señoritas* queiram descansar um pouco para, nesta tarde, podermos nos divertir com os tourinhos.

Em seguida, levantou-se da mesa, e os demais também assim o fizeram. As *señoras* se retiraram ao interior da casa e, quanto aos homens, uns se deitaram sobre os canapés, outros pegaram um livro, outros foram divertir-se com os jogos de carta, e ainda outros, por fim, pegaram suas escopetas e foram passar tempo no campo ao redor, em busca de alguma caça.

(p. 181) Só eu fiquei ali parado, mas muitos dos *señores* presentes brindaram-me com sua companhia. Eu lhes agradei e, com a desculpa de que estava cansado do caminho que havíamos feito e que costumava *dormir a siesta*³⁹² após o almoço, retirei-me dali.

Quando vi que já todos estavam ou dormindo ou se divertindo de alguma forma, saí ao corredor, sentei-me num banco e comecei a fazer as mais sérias reflexões sobre o fiasco que me havia acabado de ocorrer.

Certamente, dizia-me, certamente esse padre me faz passar uma grande vergonha, mas, afinal de contas, a culpa é minha por ter me metido a dar opiniões

³⁹¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *media naranja* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 180). De acordo com López y López (1931, p. 472), significa recompor(se) de alguma [situação] vergonhosa.

³⁹² *Nota da Tradutora: *Siesta*, ou descanso da hora sexta (hora canônica), é o costume de dormir para repor as energias, logo depois de almoçar. Mesmo que se conheça popularmente como sendo exclusivamente um costume espanhol, ainda existe em muitos lugares da Hispano-América e praticou-se, igualmente, em Portugal e na Itália. Quem instituiu esse uso foi São Bento, no século VI, como parte das chamadas Regras Beneditinas. Para mais informações, visitar: <https://www.telemadrid.es/programas/esto-es-otra-historia/Sabes-origen-siesta-2-2008919141--20180503102135.html> e <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/regra-sao-bento.htm>. Ambas com acesso em: 03 jul. 2021. Quem deseja saber sobre as horas canônicas, sugerimos visitar: <https://liturgiashoras.online/a-sete-horas-canonicas/>. Acesso em: 02 set. 2021.

sobre o (p. 181) que nada sei. Não há dúvidas, eu sou um néscio, um bárbaro e um presunçoso. O que foi que eu li sobre planetas, astros, cometas, eclipses ou de qualquer coisa das que falou o padre? Quando cheguei a ver, nem que tivesse sido na lombada dos livros, os nomes dos autores dos quais ele comentou e nem sequer ouvi-os sendo mencionados antes do que agora? Pois, que diabos me meteram na cabeça que eu possa ser explicador de coisas que não sei e, ainda por cima, um explicador tão metido e orgulhoso! Em que estaria eu pensando? Já se vê, sou bacharel em Filosofia, sou físico. Renego de minha física e quantos físicos existam no mundo se todos são tão estúpidos como eu. Admito meus pecados! O que dirá de mim esse padre vigário? E o cura? E o que dirão todos? Que mais poderão dizer além de que sou um burro. Mais esperto foi o maldito do João Dotado, que não se atreveu a manifestar sua ignorância. Não há remédio, saber fechar a boca é um princípio para aprender, e o silêncio funciona como uma boa tampa para a pouca instrução. João Dotado, ao não dizer palavra, deixou todos em dúvida sobre se sabe ou não o que são os cometas. Eu, com tanto que falei, não fiz mais do que revelar minhas ignorâncias e expor-me a uma vergonha pública. Mas isso já aconteceu, e agora já não há remédio. Para que não se ponha, nesse instante, tudo a perder, há que se satisfazer o próprio padre, que é quem entende minha tonteira mais do que qualquer outro, e suplicar-lhe que me dê os apontamentos dos autores físicos que eu possa estudar, porque, certamente, a física é uma ciência utilíssima, divertida, e dela desejo saber alguma coisa.

Tomada essa decisão, levantei-me do banco e fui à procura do vigário, que já havia terminado de rezar. Abertamente (p. 182), reconheci meu erro³⁹³:

– Padrezinho – disse-lhe eu –, o que o *señor* teria dito sobre a nova explicação do cometa que ouviu de mim? Imagino que o *señor* não havia intuído tal assunto de sobremesa. Mas a verdade é que sou um palerma e sei disso. Como aprendi no colégio algumas noções preliminares de física e algumas propriedades dos corpos em geral, acostumei-me a dizer que eu era físico, acreditei firmissimamente nisso e pensei que já não havia mais nada a aprender nessa área. A essa situação, sucedeu-se o fato de que me sai bem nos exames, tanto que fui elogiado pelos convidados, e fui horado com os títulos. Não faz mais de oito dias que me graduei bacharel em Filosofia

³⁹³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *palinodia* – [Nossa tradução está no corpo do texto].

e me disseram que eu estava aprovado *para tudo*. Pensei que fosse um filósofo de verdade, que o tal título era prova (p. 182) de minha sabedoria e que aquele passaporte que me deram *para tudo* me autorizava a disputar tudo o que fosse, mesmo que com o próprio Salomão. Entretanto, o *señor* deu-me agora uma lição da qual eu gostaria de tirar o máximo proveito, porque eu gosto da física e gostaria de saber quais são os livros nos quais eu poderia aprender algo sobre ela, mas que o ensinem com a mesma clareza com a qual o *señor* sabe fazê-lo.

– Esse é um bom sinal de que você possui um talento que não é vulgar – disse-me o padre. – Porque, quando um homem reconhece seu erro, confessa-o e deseja livrar-se dele, dá as melhores esperanças, pois isso não é comum de entendimentos arrastados, que erram e bem o sabem, mas sua soberba não lhes permite que os confessem. Assim, esses sujeitos, por suas próprias ações, privam-se da luz do ensinamento, e semelhantes são ao enfermo imprudente que, por não querer mostrar sua ferida ao médico, priva-se do medicamento e só piora seu estado. Mas, onde foi que você aprendeu tanta vulgaridade que nos contou sobre os cometas? Porque, no colégio, seguramente, não foi onde as ensinaram a ti.

– Já se vê que não foi no colégio – respondi-lhe. – Esse simulacro de ilustríssima erudição eu devo às velhas e às cozinheiras de minha casa.

– Não é o mocinho o primeiro – disse o padre – que, junto ao primeiro leite, mama semelhantes absurdos. É bem verdade que todos esses absurdos são patranhas e contos de velhas. O que deve o mocinho fazer é aplicar-se, pois ainda é bem jovem e pode aproveitar bem os conhecimentos. Eu lhe farei a notinha que me pedes com as referências dos autores nos quais podes, com gosto (p. 183), ler essas matérias, e, além disso, também lhe darei umas liçõezinhas enquanto estivermos aqui.

Agradei-lhe muito e fiquei encantado com seu belo caráter. Ia, também, pedir-lhe um favor desses de garotos, quando já nos chamaram para que fôssemos nos divertir no curral onde se estava dando as ações de ferradura e marcação do gado.

(p. 183: espaço em branco)

(p. 184) **Capítulo VII**

Prossegue nosso autor contando os fatos que lhe sucederam na fazenda

Embora nos tivessem chamado, o padre vigário continuou dizendo-me:

– No tocante ao que me pede o mocinho sobre instruí-lo a respeito dos melhores autores de física, não são necessárias notinhas de referências, porque serão muito poucos os que lhe recomendarei para leitura e, facilmente, pode-se guardá-los na memória. Procure ler a *Física experimental*, dos abades Para e Nollet³⁹⁴, as *Recriações filosóficas*, do padre Don Teodoro de Almeida³⁹⁵, o *Dicionário* (p. 185) de Física e o *Tratado de Física*, de Brisson³⁹⁶. Com essas leituras, feitas com cuidado, já terá o mocinho bastante para falar, acertadamente, dessa ciência nas ocasiões que lhe sejam oferecidas. Caso lhe interesse acrescentar a esse estudo também o da história natural, sendo análoga à anterior, poderá ler, com bom proveito, o *Espectáculo da natureza*, de Pluche³⁹⁷, e, com mais desfrute ainda, a *História natural*, do célebre conde de Buffon³⁹⁸, chamado, por antonomásia, o Plínio da França.

“Esses estudos, meu amiguinho, são úteis, amenos e divertidos, porque o entendimento não encontra neles a abstração da teologia, a incerteza da medicina, o intrincado jogo das leis e nem o escabroso comum à matemática. Tudo completa, tudo deleita, tudo embeleza e tudo ensina, tanto na física quanto na história natural. É um estudo que não fatiga e uma ocupação que não cansa. A doutrina que ministra é doce, e o cálice no qual é ofertada é de ouro.

³⁹⁴ **Nota da Tradutora: Refere-se ao mesmo François Para du Phanjas da nota 347 de nossa tradução. Ruiz Barrionuevo (2008) aponta que o segundo abade citado é Jean Antoine Nollet (1700-1770), filósofo francês conhecido por seus estudos em física experimental. A exposição de seus experimentos em eletricidade ajudou na difusão/divulgação da física na França e Europa. Para mais informações, visitar: https://www.researchgate.net/publication/253242179_Jean-Antoine_Nollet_y_la_difusion_del_estudio_de_la_electricidad_un_nuevo_lexico_para_una_nueva_ciencia. Acesso em: 29 mar. 2024.

³⁹⁵ Nota da Tradutora: Para Teodoro de Almeida, ver notas 314 e 387 de nossa tradução.

³⁹⁶ Nota da Tradutora: Trata-se novamente de Mathurine-Jacques Brisson (1723-1806). Ver nota 388 de nossa tradução.

³⁹⁷ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) informa que se trata de Noël-Antoine Pluche (1688-1761), escritor jansenista francês. Sua obra mais conhecida é *Spectacle de la nature ou entretiens sur l'histoire naturelle et les sciences* – [Nossa tradução: Exibição da natureza ou discussões sobre história natural e ciência] – (1733).

³⁹⁸ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) afirma que se trata do famoso naturalista francês Georges Louis Leclerc de Buffon (1707-1788).

(p. 185) “Os que olham para o universo desde fora surpreendem-se com sua primorosa perspectiva, mas não fazem mais do que as crianças, que se surpreendem quando veem, pela primeira vez, algo muito bonito que as diverte. O filósofo, como vê o universo com outros olhos, vai bem além da simples surpresa: conhece, observa, esquadrinha e admira tudo o que há na natureza.

(p. 186) “Se ele eleva seu entendimento ao céu, perde-se nessa imensidão desses espaços cheios da Majestade mais soberana; se detém suas considerações no Sol, olha para a massa imensa de um fogo vivíssimo, penetrante e inextinguível, sendo, ao mesmo tempo, benéfico e interessante para toda a natureza; se observa a Lua, sabe que ela é um globo que tem montanhas, mares, vales, rios, como o globo em que pisa e que é um especial recipiente da brilhante luz do Sol para comunicá-la a nós com suas influências; se ele se voltar aos planetas, como Vênus, Mercúrio e Marte e a restante multidão de astros, sejam fixos ou errantes, contempla, pois, uma prodigiosa infinidade de mundos sejam luminosos ou iluminados, sejam sois ou luas que observam, constantemente, os movimentos e giros que a sábia Onipotência proscreeu-lhes desde o princípio; se sua consideração descende a este mesmo planeta que habitamos, admira a economia de sua feitura, olha para a água pendente sobre a terra, contida apenas com o frágil pó da areia, as montanhas elevadas, as cascatas estrepitosas, as fontes risonhas, os arroios mansos, os caudalosos rios, as árvores, as plantas, as flores, as frutas, as selvas, os vales, as colinas, as aves, as feras, os peixes, os homens e até mesmo os desprestigiados insetinhos que se arrastam e tudo, tudo isso se apresenta a ele com impulsos de curiosidade e de investigação. A atmosfera, as nuvens, as chuvas, o sereno, o granizo, o fogo fátuo, as auroras boreais, os trovões, os relâmpagos, os raios e quantos meteoros a natureza possua apresentam um vastíssimo campo a seu prolixo e estudioso exame.

“Depois que admira, contempla, examina, discorre, pondera e ordena seu entendimento sobre um caos tão prodigioso de entes heterogêneos tão admiráveis – assim como incompreensíveis –, reflete sobre o conhecimento ou a ignorância que tem sobre esses mesmos seres, fato que o leva, como guiado pela mão, até o pódio do trono do Criador.

(p. 186) “Desse modo, o filósofo verdadeiro³⁹⁹ não pode fazer nada menos do que se maravilhar e se prostrar diante do trono da Deidade Suprema, confessar seu poder, exaltar sua providência, reconhecer, em silêncio, sua sublime sabedoria e lhe agradecer, infinitamente, pelo dilúvio de benefícios que derramou (p. 187) sobre suas criaturas. Entre essas, a mais nobre, a mais excelsa, a mais privilegiada e a mais ingrata é o homem, debaixo dos pés de quem, como nos diria a voz da verdade, sujeitou toda a criação: Foi colocado tudo sob os pés dele⁴⁰⁰. A mesma possibilidade terá o filósofo de chegar a entender esses sublimes e necessários conhecimentos do que poderia o teólogo contemplativo, pois, assim como todos os raios de uma roda de carroça colidem sobre a massa que é seu centro, assim também todas as criaturas reconhecem seu ponto cêntrico no Criador, de modo que os ímpios ateístas que negam a existência de um Deus criador e conservador do universo procedem contra o testemunho comum das nações, pois os mais bárbaros e selvagens reconheceram esse soberano princípio, porque os céus mesmos proclamam a glória de Deus, o firmamento anuncia suas obras maravilhosas e todas as criaturas que se manifestam sob nossa vista são as condutoras que nos levam a adorar as maravilhas que não chegamos a ver. Mas já se vê que os ateístas são uns brutos que parecem homens ou são alguns homens que, voluntariamente, querem ser menos que os brutos. Isso é evidente...

Ao ver que nos atrasávamos, vieram nos chamar novamente as moças e os *señores* da fazenda para que fôssemos ver as travessuras dos aldeões e capatazes e, assim, tivemos de interromper, ou melhor dizendo, cortar de uma vez uma conversa tão doce para mim, porque, de fato, eu estava me entretendo mais do que todos os marcadores de gado que estavam ali.

Admiraram-se todos ao nos ver tão unidos, o padre e eu, em tão entretida conversa, acreditando que eu conservava algum ressentimento pela vergonhosa situação que me fizera passar o padre à mesa e, ainda, entre zombarias, revelaram-nos seus pensamentos. Mas eu, mesmo em meio a todos os meus disparates, devo

³⁹⁹ Transcrição da nota 144 da edição de 2008 (p. 186): “Na primeira edição, lê-se ‘filósofo católico’” (Nossa tradução).

⁴⁰⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, *Omnia subiecisti sub pedibus ejus* [Nossa tradução está no corpo do texto]. Citação direta do *Salmos*, 8,7: “Destes-lhe poder sobre as obras de vossas mãos, vós lhe submetestes todo o universo”. Retirado de: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/salmos/8/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

a Deus duas qualidades, das quais não sou merecedor: uma delas é meu dócil entendimento (p. 187) frente à razão, e a outra, ter um coração nobre e sensível, que nunca me deixou que me prostituísse facilmente a minhas paixões. Digo isso porque, quando cometi alguns excessos, custou-me muito sujeitar o espírito à carne. Isto é, cometi o mal (p. 188) conhecendo que o fazia e atropelando os gritos de minha consciência e com plena advertência da justiça, o que passa com todo o homem que se desliza para o crime. Por essas boas qualidades que digo ter visto brilhar em minha alma, jamais fui rancoroso, nem mesmo com meus inimigos, muito menos com quem conheci e que me aconselhou muito bem, talvez com certa aspereza – o que não é comum –, porque nosso amor-próprio ressentia-se ordinariamente da mais carinhosa correção sempre que haja sinais de repreensão. Por isso, o pessoal da fazenda se admirava da amistosa harmonia que observavam entre mim e o padre.

Fomo-nos, por fim, ao circo da diversão, que era um grande curral no qual se havia armado uns cômodos tabladinhos. Sentamo-nos juntos, o padre vigário e eu, e passamos a tarde vendo o povo marcar os bezerros e ferrar o gado equino e muar que havia na fazenda. Mas eu adverti que as pessoas não se mostravam tão complacentes ao ver o gado sendo marcado a ferro quente do que quando os bezerros eram toureados ou durante as gineteadas com os potros, ou, mais ainda, quando um dos tourinhos derrubava um daqueles garotos peões ou uma mula lançava a um deles de cima de seu lombo, pois, nessas ocasiões, eram desmedidas as risadas, por mais que o peão derrubado inspirasse compaixão pela aflição que se desenhava em seu semblante. Eu, como até então nunca havia presenciado semelhante cena, não podia menos do que me comover ao ver a um daqueles pobres peões que se levantava mancando entre as patas de uma mula ou as guampas de um novinho. Naquele momento, eu só considerava a dor que sentiria aquele infeliz, e essa autêntica compaixão não permitia que eu risse quando todos os outros explodiam em gargalhadas. O ajuizado vigário – que oxalá houvesse sido meu mentor a vida toda – advertiu minha serenidade e silêncio e, lendo-me o coração, disse-me:

– O mocinho já viu alguma tourada na Cidade do México?

– Não, *señor!* – respondi-lhe. – Esta é a primeira vez que vejo esse tipo de diversão, que consiste em causar dano aos pobres animais e expor os homens para que recebam os golpes de vingança das pobres bestas, o que julgo bem merecido, por sua maldita inclinação e barbárie.

(p. 188) – Assim é, meu amiguinho! – disse-me o vigário. – E se percebe que não viste ainda coisas piores. Que diria o mocinho se visse as (p. 189) touradas que são celebradas nas capitais, especialmente nas festas que chamam de *Reais*⁴⁰¹? Tudo o que se pode ver nestas aqui é fruta e pão pintado⁴⁰². O mais relevante que aqui sucede é que os tourinhos acabam derrubando a alguns desses rapazotes, e os potrinhos e as mulas lançam-nos ao chão, lances nos quais ficam moídos e estropeados os ginetes, mas não feridos ou mortos, como costuma acontecer naquelas festas públicas que lhe mencionei das capitais. Ali, como lhe disse, como toureiam os touros escolhidos por sua feracidade e por serem pontais⁴⁰³, é muito frequente que se vejam os intestinos dos cavalos enredados em seus chifres e homens gravemente feridos ou mortos.

– Padre – disse-lhe eu –, é assim que os cidadãos expõem suas vidas, para sacrificá-las nas armas enraivecidas de uma fera? Assim se juntam todos num tropel para divertir-se ao se ver derramar o sangue dessas bestas e, talvez, a de seus próprios semelhantes?

⁴⁰¹ *Nota da Tradutora: São denominadas ‘festas reais’ aquelas atividades para celebrar algum acontecimento ligado à Coroa espanhola. Elas incluem a comemoração de nascimentos, casamentos reais, retorno, nomeação de vice-reis, visitas de altos funcionários, entre outros eventos. A origem dessas festividades de cunho político e religioso é o profano-religioso. Dentro dessas celebrações, as touradas eram frequentes. Para mais informações, visitar: <https://www.dimensionantropologica.inah.gob.mx/wp-content/uploads/01Dimen39.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

⁴⁰² Transcrição da nota 146 da edição de 2008 (p. 189): “‘Fruta e pão pintado’ é uma variação da frase ‘bolo e pão pintado’. O *Dicionário de Autoridades* afirma que se trata do modo de falar, com o que subentende que o que a pessoa padece no momento deve considerar-se como desejável, diante da possível desgraça” (Nossa tradução). **Nota da Tradutora: aquilo que parece ruim não é nada comparado com outras situações que poderiam ser consideradas piores. O uso de “pão pintado” na expressão idiomática remete ao costume que existia para diferenciar os pães das diferentes famílias, pois eram assados em fornos públicos. Antes desse uso da pintura, eram feitas marcas no pão com cortes na massa, mas o pão podia deformar e dar início a disputas entre os vizinhos. O pão pintado é parte da celebração de grandes festividades, como a Páscoa. Para mais informações visitar: <https://xdoc.mx/documents/notas-sobre-el-pan-pintado-5f35a2576d3aa>. Acesso em: 08 jul. 2021.

⁴⁰³ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *están puntales* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 189). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 896), diz-se do “bovino cujos chifres conservam a ponta naturalmente pontiaguda, sem ter sido [nunca] cortados, especialmente o gado bovino” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/896/mode/2up?view=theater&q=puntal>. Acesso em: 20 jul. 2023.

(p. 189) – É assim que se sucede, e sucederá sempre nos domínios da Espanha, até que não se esqueça desse costume tão repugnante à natureza e à ilustração do século no qual vivemos⁴⁰⁴.

Conversamos por um bom tempo sobre o assunto, pois essa é uma matéria muito fértil, e quando meu amigo vigário concluiu sua reflexão eu lhe disse:

– Padre, estou pensando que esse demônio do Januário – ou João Dotado, meu condiscípulo –, logo que saiba dos disparates que eu disse sobre os cometas e da justa repreensão que o *señor* me brindou, fará muita chacota de mim à mesa, diante de todos, porque é muito zombeteiro e seu gosto é debochar, como se costuma dizer, de qualquer um diante do melhor (p. 190) auditório. Eu não gostaria de passar por mais um vexame como o do meio-dia. Já que ele é tão mau amigo e imprudente, eu gostaria que ele passasse pela mesma situação, com uma perguntinha de física que o *señor* poderia lhe fazer, pois estou certo de que ele entende tanto de física como de fazer um par de sapatos. Assim, eu lhe peço que me faça esse favorzinho, para deixar enrubescido a esse fanfarrão.

– Veja só! – disse-me o padre. – Não me é difícil atendê-lo, mas isso é uma vingança, cuja vil paixão deve o mocinho refrear por toda a vida. A vingança revela uma alma baixa que não sabe e nem é capaz de dissimular o mais mínimo agravo. O ato de perdoar não é só sinal característico de um bom cristão, mas, também, de uma alma nobre e grande. Qualquer um, por pobre, por fraco ou por covarde que seja, é capaz de vingar-se de uma ofensa, pois, para isso, não se necessita de uma religião, nem de talento, nem de prudência, nem nobreza, berço, educação e nada de bom. Basta, para isso, ter uma alma vil e deixar rédea solta para que a ira corra por onde ela desejar, para subscrever, facilmente, os sanguinários sentimentos que ela inspira. Entretanto, para se esquecer de um agravo, para perdoar àquele que nos infligiu esse dano e para remunerar a maldade com ações benéficas, é mister não só conhecer os Evangelhos – embora isso já devesse ser o suficiente –, mas também ter uma alma heroica, um coração sensível, e isso não é comum. Tampouco é comum vermos

⁴⁰⁴ Transcrição da nota 147 da edição de 2008 (p. 189): “A questão de Lizardi ter uma opinião negativa sobre as touradas pode ser comprovada em alguns dos números II, III e IV da *Alacena de friolera* – [Nossa tradução: Armário de pouca monta, jornal de Lizardi] (1815) e *El conductor eléctrico* – [Nossa tradução: O condutor elétrico, jornal de Lizardi], número 22 (Ver *Obras*, volume IV, ed. UNAM)” (Nossa tradução).

heróis como Trajano⁴⁰⁵, de quem se conta que, ao estar dando audiência pública, chegou até o trono (p. 190) um sapateiro, fingindo que ia pedir por justiça, aproximou-se do Imperador e, aproveitando-se do descuido, deu-lhe uma bofetada. Alvorçou-se o público, e os sentinelas quiseram matá-lo no ato, mas Trajano impediu isso, para castigá-lo por si mesmo. Uma vez sujeitado, pediu-lhe:

– Que injúria eu lhe fiz ou que motivos tens para insultar-me?

O sapateiro, tão néscio como vaidoso, respondeu-lhe:

– *Señor*, o povo bendiz seu amável caráter, e eu nada tenho do que me ressentir do *Señor*, mas cometi esse sacrílego delito sabendo que vou ser morto, somente para que as gerações (p. 191) futuras possam dizer que um sapateiro teve a coragem de dar um bofetão no Imperador Trajano.

– Pois bem – disse-lhe o Imperador –, se esse foi seu motivo, tu não me excederás em coragem. Eu também quero que a posteridade diga que, se um sapateiro teve a coragem de esbofetear o Imperador Trajano, que Trajano teve a coragem de perdoar a esse sapateiro. Anda, estás livre!

“Essa ação não necessita de ponderações, pois ela vale por si mesma. O mocinho pode, assim, deduzir dela e de mais mil outras dessa linha que, para se vingar, é mister ser vil e covarde, e para não se vingar, é preciso ser nobre e valente, porque saber vencer-se e se sujeitar às paixões é o mais difícil dos vencimentos, razão pela qual ela é a vitória mais recomendável e a prova mais inequívoca de um coração magnânimo e generoso. Por tudo isso, parece-me que seja bom que o mocinho esqueça e desprestige a injúria do *señor* Januário.

– Pois, Padrezinho – eu lhe disse, – se de mais coragem se precisa para perdoar uma injúria do que para fazê-la, então eu, daqui para frente, proclamo não me vingar nem de João Dotado nem de qualquer outro que me tenha ofendido nessa vida.

– Oh, *Don* Pedrito! – respondeu-me o vigário. – Quão apreciáveis são essas proclamas no mundo! Mas, não se pode proclamar com tanta arrogância nessa vida, porque somos muito fracos e frágeis e não podemos confiar demais em nossa própria virtude e nem nos asseguramos em nossa própria palavra somente. Na hora da

⁴⁰⁵ **Nota da Tradutora: O Imperador Trajano (53-117 d. C.) nasceu em Itálica, território romano que hoje faz parte da Espanha. Depois de uma brilhante carreira militar, foi imperador entre os anos 98 e 117 d. C. Reorganizou e expandiu o império. Para mais informações, visitar: <https://www.ebiografia.com/trajano/>. Acesso em: 03 jul. 2021.

tempestade, os marinheiros (p. 191) fazem mil promessas, mas, ao chegarem seguros ao porto, esquecem-se delas como se nunca as tivessem feito. Quando a terra treme, tudo o que se ouvem são preces e súplicas, atos de contrição e promessas de regeneração, mas, assim que tudo se acalma, o ébrio vai a seu copo, o lascivo a sua dama, o apostador ao baralho, o usureiro a seus atos, e, assim, todos voltam a seus vícios.

“Uma das coisas mais prejudiciais ao homem é a confiança que tem em si mesmo. Essa confiança em si mesmo gera a ocasião que leva a se prostituírem os jovens, que extravia as almas experientes, que leva ao abandono os que promovem a justiça, e à delinquência os mais sábios e santos. Salomão prevaricou, e São Pedro – que acreditava ser o mais valente de todos os apóstolos – foi o primeiro e o único que negou a seu Divino Mestre. Assim, não há que confiar tanto em nossas próprias forças, tampouco (p. 192) alardear sobre nossa palavra, porque, enquanto não chegar a ocasião, todos nós somos rochas, mas expostos à tormenta, nada mais somos que umas palhas que se inclinam ao primeiro vento que nos atinge.

Um pouco mais se estendeu nossa conversa, quando chegou o fim da tarde e, assim, terminou-se aquela diversão, sendo preciso que nos trasladássemos à sala da casa da fazenda.

Como nessa época não se fazia outra coisa que passar o tempo, todos trataram de entreter-se com aquilo que mais lhes dava gosto, e assim foram pegando os baralhos, bandolões⁴⁰⁶, e começaram a se divertir uns com os outros. Eu, nessa ocasião, ainda não sabia jogar (ou não tinha de jogar, o que seria o mais certo), nem

⁴⁰⁶ *Nota da Tradutora: Instrumento musical de cordas [*bandolón*], da família de instrumentos do bandolim, que representou uma constante no México popular do século XIX. Com frequência, são utilizados os nomes bandola, bandurria e mandolina como sinônimos, no entanto, trata-se de instrumentos totalmente diferentes. O termo utilizado no Brasil é: “bandolão”, plural bandolões. Considera-se um instrumento puramente do México e Centro-américa, de 18 cordas. A partir de 1884, formaram-se orquestras, com integrantes *bandolonistas*, de música típica mexicana que participaram em exposições mundiais. Para mais informações da história do *bandolón*, sugerimos visitar: <http://www.arteseed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=126>. Do mesmo modo, outras informações podem ser retiradas de: [https://escholarship.org/content/qt39f0q7ww/qt39f0q7ww_noSplash_cab3ba58b28aa584d9d7b9acbad435fe.pdf?t=ql4azc#:~:text=%C2%BFQu%C3%A9%20es%20el%20bandol%C3%B3n%3F&text=\(Randel%201984%2C%2054\)%20Y,del%20tama%C3%B1o%20de%20la%20guitarra](https://escholarship.org/content/qt39f0q7ww/qt39f0q7ww_noSplash_cab3ba58b28aa584d9d7b9acbad435fe.pdf?t=ql4azc#:~:text=%C2%BFQu%C3%A9%20es%20el%20bandol%C3%B3n%3F&text=(Randel%201984%2C%2054)%20Y,del%20tama%C3%B1o%20de%20la%20guitarra). Como exemplo do uso do termo *bandolón* em português, segue o link de uma reportagem do Correio Braziliense (2017). Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/08/23/interna_cidadesdf,619913/instrumentistas-de-brasilia-criam-manual-para-apreciadores-de-chorinho.shtml. Ambas páginas com acesso em: 19 ago. 2021.

tocar qualquer instrumento, (p. 192) e, assim, sentei-me num canto do estrado para escutar as mocinhas cantarem, aquelas que acabaram massacrando minha paciência, pois, ao se aproximarem de mim duas ou três delas, uma disse à amiga:

– Menina, conte-me um conto, mas que não seja o do Periquitinho Sarnento – E outra, por sua vez, arremetia:

– O moço que estudou, conte-nos por que falam os periquitos como os homens? – Já a outra emendava:

– Menina, estou com uma comichão no braço... Será que peguei sarna? E assim ficaram tirando sarro de mim essas madames toda a noite, até chegar a hora do jantar.

Puseram a mesa e nos sentamos todos, e com todos também meu amiguíssimo João Dotado que, até então, havia estado jogando *malilla*⁴⁰⁷, ou sei eu lá que jogo era.

Durante o jantar, falou-se de diversos assuntos. Eu, em alguns deles, meti a colher, mas sempre depois de haver sido provocado, e sempre com as ressalvas: *segundo me parece, eu não tenho inteligência para..., dizem, escutei assegurar-se...* etc., mas já não falei mais com a arrogância anterior. Já se via o quanto o sermão que o padre vigário me pregou, bem diante de meus bigodes, estava fazendo efeito. Oh! Que bom proveito pode-se ter de uma lição a seu tempo!

Ao finalizar o jantar e se retirar da mesa, meu bom amigo João Dotado, dirigindo-se (p. 193) a mim, começou a transbordar seu gênio zombeteiro, bem como eu havia imaginado.

– Assim que, Periquitinho – disse-me, – as cometas são umas coisas a modo de trombetas? Vamos, meu amigo, sei que ficastes retumbante ao meio-dia! Sim, já sei de sua graça! Não sabia que tinha como condiscípulo um tão bom físico como tu, e, além de físico, astrônomo. Seguramente, com o passar do tempo, tu te tornarás o maior almanaqueiro do reino.

⁴⁰⁷ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de autoridades* (1734), trata-se de um jogo de cartas de que participam apenas quatro pessoas, formando duas duplas. O objetivo consiste em alcançar a quantidade de pontos estabelecida. A ordem e o valor das cartas é como segue: nove ou *malilla* (cinco pontos), ás (quatro pontos), rei (três pontos), cavalo (dois pontos), valete (um ponto), oito (zero pontos), sete (zero pontos), seis (zero pontos), cinco (zero pontos), quatro (zero pontos), três (zero pontos) e dois (zero pontos). O jogo de cartas utilizado é conhecido como jogo de cartas catalã. Para mais informações, visitar: https://apps.rae.es/DA_DATOS/TOMO_IV_HTML/MALILLA_008321.html e <https://www.nhfournier.es/como-jugar/manilla/>. Ambas páginas com acesso em: 03 jul. 2021.

(p. 193) A um homem que tanto sabe sobre os cometas, o que se poderá dele ocultar sobre todos os demais astros existentes e por existir? As mulheres, como quase sempre agem de acordo com o que percebem primeiro, e, nesse infortúnio, não viam outra coisa a não ser mais uma zombaria, começaram a rir-se e a me olhar mais do que eu gostaria. Mas, o padre vigário, que já me amava e conhecia toda minha vergonha diante dessas zombarias, procurou livrar-me daquela enrascada, dizendo a *Don Martim* (que eu já vos disse que era o dono da fazenda):

- É verdade que, depois de amanhã, terá o *señor* um eclipse do sol?
- Sim, *señor*, seu vigário, e já estou todo *tamañito*⁴⁰⁸, ou receoso, como queira...
- E por quê? – perguntou-lhe o vigário.
- Como por quê? – contestou-lhe o dono da fazenda. Os *eclises*⁴⁰⁹ são o diabo!

Faz dois anos, agora me lembro, que já estava vindo meu trigo, e por conta desse maldito eclis, saiu todo chocho, ruiníssimo. E não só isso: toda cria de gado que nasceu naqueles dias se arruinou... a maioria morreu. Pois, veja o *señor* se não é com razão que tenho tanto medo dos eclises...

– Meu amigo *Don Martim* – disse o vigário –, eu creio que não seja tão mau o leão como o pintam; quero dizer que os pobres eclipses não são tão perversos como o *señor* os supõe.

– Como não, padre! – respondeu-lhe *Don Martim*. – O *señor* sabe muito, mas eu tenho muito experiência, e já se vê que a experiência é mãe da *cência*⁴¹⁰. Não há dúvida, os *eclises* são muito daninhos às plantações, ao gado, à saúde e até pras mulher prenhada. Faz cinco ano, agora me lembro, estava prenhada minha mulher, e não me vais crer, pois (p. 194) teve *eclis* e nasceu *tencuache*⁴¹¹ meu filho Polinário.

- Mas por que lhe passou essa desgraça? – perguntou-lhe o vigário.

⁴⁰⁸ *Nota da Tradutora: De acordo com López y López (1931, p. 465), a frase *estar tamañito* significa “estar com medo ou sentir-se humilhado” (Nossa tradução).

⁴⁰⁹ ***Nota da Tradutora: Observar que o autor escreve de acordo como a pronúncia popular da palavra eclipse: *eclises*, *eclis*. Seja dito de passagem, o discurso de seu Martim segue o modo popular de falar. Fizemos o esforço de aproximar esse detalhe na fala criada por Fernández de Lizardi para essa personagem.

⁴¹⁰ ***Nota da Tradutora: Observar que o autor escreve de acordo como a pronúncia popular da palavra ciência: *cência*.

⁴¹¹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Tencuitas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 194). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1027): “que tem o lábio leporino. Diz-se, também, *Tencuache*” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1026/mode/2up?view=theater&q=tencuache>. Acesso em: 20 jul. 2023.

(p. 194) – Como por que passô, *Don Vigário*? Por que o *eclis* comeu o lábio dele.

– Não se engane o *señor*, seu Martim – comentou o *señor* vigário. – O eclipse é homem de bem; ele não come nada e nem prejudica a ninguém. E se não for assim, que nos esclareça o *señor* Januário. O que nos diz disso, o *señor*, seu bacharel?

– Não há remédio – apontou esse todo satisfeito porque lhe haviam pedido sua opinião – Não, não há remédio – dizia ele. – O eclipse não pode comer a carne dos bebês quando ainda enclausurados no ventre de suas mães, mas podem fazer-lhe muito dano com sua maligna influência e fazer com que nasçam *tencuaches* ou corcundas e, muito pior ainda, podem matar as crias do gado ou chupar os gérmenes do trigo, segundo testemunhou meu tio com sua experiência. E, assim, já veja o *señor*, padre, que não se necessita de comprovar aquilo que a experiência já tenha manifestado⁴¹².

– Não me admiro – disse o padre – que seu tio pense dessa maneira, porque não tem ele motivo para outra coisa; mas me custa muita força ouvir a reprodução tal qual de um *señor* bacharel. Segundo o dito, diga-me o *señor*, o que lhe parecem ser os eclipses?

– Eu creio – disse Januário –, que são aqueles choques que têm o Sol e a Lua, nos quais ou um ou outro sempre sai perdendo, segundo seja a força daquele que vence. Se vence o Sol, o eclipse é da Lua. Se vencer a luta a Lua, o eclipse é do Sol. Até aqui, não nos resta dúvidas, porque, ao olharmos o eclipse numa bandeja de água, materialmente, vê-se como briga o Sol com a Lua e se nota como um ao outro se come nessa luta. E se esses dois corpos têm essa virtude de causar danos um ao outro, sendo ambos tão sólidos, imaginem-se o que não podem fazer com as tenras sementes e com as frágeis criaturas do mundo!

– Isso é o que eu digo – completou o bom *señor* seu Martim. – Veja o *señor*, *Don Vigário*, se digo eu bem ou mal essas coisas. Não há o que fazer, meu sobrinho é muito sabido. Ansim como ele explica o eclis, bem ansim também explicava meu defunto irmão, pai dele, que era home de muitas letras. Lá pras (p. 195: ilustração) (p.

⁴¹² Nota da Tradutora: Lê-se, *quod ab experientia patet non indiget probatione* [Nossa tradução está no corpo do texto]. Transcrição da nota 156, da edição de 2008 (p. 194, retirado da quarta edição, [1842]): “Não se necessita de comprovar aquilo que a experiência já tenha manifestado” (Nossa tradução).

196) Huasteca⁴¹³, nossa terra, diziam todos que era um poço de cência. Ah, meu irmão! Ah! Se ele vivesse, que gosto teria ao ver a seu Januário, tão adiantadinho!

(p. 196) – Não muito, embora eu espero que o *señor* possa me perdoar, seu Martim – disse-lhe o vigário. – Porque esse mocinho não entende uma só palavra do que disse; antes, é um blasfemo filosófico. Que pleitos, que choques, que influências fatais ou malditas quer o mocinho que produzam os eclipses? Saiba o *señor*, seu Martim, que o maior dos eclipses não lhe pode fazer, nem ao *señor*, nem a suas plantações ou a seu gado, mais dano do que lhes tirar um pouco de luz por uns instantes. Não existe tal briga entre o Sol e a Lua, ou tais farfalhas. Poderia, o *señor*, seu Martim, brigar a socos com alguém que está lá na Cidade do México?

– Já se vê que não, é claro! – respondeu-lhe seu Martim.

– Pois o mesmo acontece com a Lua em respeito ao Sol – prosseguiu o vigário.

– Porque o Sol e a Lua estão distantes muitas léguas um do outro.

– Pois, em resumidas contas, o que é, então, o eclis?

– Não é outra coisa – respondeu o padre vigário – que a interposição da Lua entre nossa vista e o Sol, e a isso se diz eclipse do Sol; ou a interposição da Terra entre a Lua e o Sol, e a isso se diz eclipse da Lua.

– Já vê o *señor* tudo isso? – Disse-lhe o *señor* Martim. – Pois eu não entendo isso.

– Pois eu farei com que o *señor* o perceba, clarissimamente – respondeu-lhe o padre. – Saiba o *señor*, seu Martim, que, sempre que um corpo opaco se interpõe entre nossa vista e um corpo luminoso, o corpo opaco nos embaraça a vista, impedindo-nos de ver aquela porção de luz que fica coberta com seu disco.

– Agora, seu vigário, eu entendo é menos ainda – disse seu Martim.

– Pois o *señor* já me entenderá, seu Martim – replicou-lhe o padre. – Se o *señor* colocar sua mão na frente de seus olhos diante da luz da vela, é claro que não poderá ver a chama que ela produz.

– Isso sim eu entendo, seu vigário.

– Pois, assim, o *señor* já entendeu o princípio do eclipse.

⁴¹³ *Transcrição da nota 157, da edição de 2008 (p. 196): “*Huasteca* ou *Huasteca*, região extensa da *Sierra Madre Oriental* [sistema montanhoso mexicano], ao noroeste do México” (Nossa tradução).

(p. 196) – É possível, seu Vigário – disse seu Martim, muito admirado –, é possível que tão pouco se tem que entender os *eclises*?

– Sim, amigo meu – respondeu-lhe o vigário. – O que acontece é que, como sua mão é maior que a chama da vela, sempre que o *señor* a colocar diante dela, tapará toda a chama e (p. 197) produzirá um eclipse total. Mas se o *señor* colocar sua mão diante de uma luminária a lenha, não a tapará toda, mas apenas um pedaço, porque a luminária é maior que sua mão, e, então, o *señor* poderá dizer que produziu um eclipse parcial, isto é, que se tapou uma parte da chama da luminária. Consegue o *señor* entender isso?

– E muito bem entendo – respondeu-lhe o *señor* Martim –, mas, ansim, é muito fácil se entendê o eclis do Sol e da Lua?

– Sim, *señor*, seu Martim – disse-lhe o padre. – Já lhe disse eu que o Sol está há muitas léguas distante da Lua, e o Sol é muito maior que a Lua, assim como a luminária é muito maior que sua mão. Assim, quando a Lua passa por entre o Sol e nossos olhos, ela tapa um pedaço dele; ou seja, essa é a parte do Sol que, daí, nós não vemos. Isso é o que parece ao mocinho Januário, ao *señor*, seu Martim, e a muitos outros o pedaço comido do sol, mas não é outra coisa como se fosse a mão que passa diante da luminária. Consegue entendê-lo, seu Martim?

– Completamente – disse-lhe o *señor* Martim –, e segundo isso, nunca haverá um eclis total do Sol, porque a Lua é muito menor que ele e, ansim, não pode tapar todo ele.

– Assim deveria de ser – disse o vigário – se a Lua passasse sempre a uma mesma distância em relação ao Sol e a nossa vista, mas, como algumas vezes ela passa muito perto de nós⁴¹⁴, ela o cobre totalmente de nossa visão, assim como, sempre que o *señor* colocar sua mão muito próxima de sua vista, acabará não vendo nada da luminária, embora sua mão seja bem menor que a luminária. Agora sim, creio que o *señor* entendeu-me bem.

– E os eclis da Lua, como são? – perguntou o *señor*, seu Martim.

⁴¹⁴ Transcrição da nota 158, da edição de 2008 (p. 197, retirado da quarta edição, [1842]): “Não é a distância da Lua com respeito de nós o que permite que os eclipses sejam totais, mas sua completa interposição” (Nossa tradução).

(p. 197) – Do mesmo modo – respondeu-lhe o padre. – Assim como a Lua tapa ou escurece um pedaço do Sol⁴¹⁵ quando se põe entre ele e nós, assim a Terra escurece ou tapa uma parte da Lua ou toda ela quando se põe entre ela e o Sol.

– Ansim deve de ser – concordou seu Martim –, e agora penso sobre o caso de ter vistos alguns eclipses de Sol e Lua totais, como o *señor* os chama, ou seja, que se taparam tudo, de modo que ficamos na (p. 198) totalíssima escuridão. E isso não faz com que a luminária seja mais grande que a mão. E é possível que não sejam outras coisas os eclipses?

– Sim, *señor*, seu Martim – disse o padre –, não são outra coisa os eclipses, e, tendo o ano 365 ou 366 dias, se for ano bissexto, temos nós outros tantos eclipses de Sol e totais, que é mais divertido.

– Como, padre?! – disse seu Martim.

– Já se vê que sim – disse-lhe o vigário. – O *señor* vê o sol durante a noite?

– Não, *señor*, nem um piscar sequer – respondeu-lhe seu Martim.

– Pois aí vê o *señor* como se eclipsa o Sol, todo por inteiro. Para que o *señor* não me veja, tanto faz se eu me vou ao quarto ou o *señor* feche os olhos.

– É verdade! – dizia seu Martim. – Segundo o que o *señor* me disse antes e o que me está dizendo agora, creio que o mundo é muito mais grandíssimo que o Sol, que não pode ser menor, pois estamos olhando para ele.

– Pois, sim, que pode ser menor, meu amigo – disse-lhe o vigário –, pois, de fato, o mundo é tão menor que o Sol como o é uma avelã em relação a um coco.

– Mas, então – replicou seu Martim –, como fica o que o *señor* me disse, pois, ainda que minha mão seja menor que a luminária, ela pode tapar-me toda a luminária estando muito próxima de meus olhos.

– Assim é – disse o vigário –, pode ou não pode tapá-la toda, de acordo com a distância que o *señor* a puser com relação a seus olhos. Se a puser longe deles, ela não tapará toda a luminária, pois algo dela o *señor* verá. Mas, se o *señor* a puser diante do nariz, não verá nada.

– Já se vê que ansim há de ser – dizia seu Martim –, e não apenas não verei a luminária como não verei a porta da fazenda, que é ainda mais grande, nem coisa

⁴¹⁵ Nota do Autor: “Bem sabia o padre que o que se escurece não é o Sol, mas, sim, a Terra que recebe a sombra, mas o explicou assim para que melhor o entendesse *Don Martim*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 197, nota de rodapé a) (Nossa tradução).

alguma. (p. 198) E isso será pelo fato de que quase me tapo a vista toda de tão perto que me ponho a mão na frente dos olhos.

– Pois veja o *señor* a razão – dizia-lhe o padre – por que chegamos a ver alguns eclipses totais do Sol causados pela Lua, porque esta, ainda que bem menor que ele, passa bastante perto de nós, como na realidade acontece algumas vezes, fazendo-se o efeito da mão diante da luminária. O mesmo faz a Terra, que, mesmo com toda sua pequenez, eclipsa-nos o sol todas as noites, por estar muitíssimo próxima de nós.

(p. 199) – Perfeitamente entendi todo o assunto dos eclises, padre vigário – disse seu Martim –, e creio que qualquer um pode entender isso, por mais inútil que seja. Entendeu isso, minha filha? Meninas, as *señoritas* entenderam isso?

Todas, em coro, responderam que sim, que o haviam entendido muito bem, e que já sabiam que podiam fazer eclipses de Sol, de Lua e de Luminária quando bem quisessem. Mas o bom *señor* seu Martim voltou a perguntar:

– Diga-me, o *señor*, padre, já que os eclises não são nada mais do que isso, por que são eles tão daninhos que nos fazem perder as colheitas e as crias dos animais?

– Essa é a vulgaridade, seu Martim – respondeu-lhe o vigário –, os eclipses em nada se metem, nem têm a culpa dessas desgraças. As colheitas se perdem porque lhes faltou cultivo no tempo certo, ou se escassearam as águas, ou a semente já estava danificada, ou era ruim, ou a terra carece de adubos, ou já está cansada, etc. O gado dá cria malformada ou enfermiça porque se feriram as fêmeas, ou porque sofrem de alguma enfermidade particular que não conhecemos, ou porque comeram algum pasto que lhes é prejudicial. Ultimamente, nós adoecemos ou pelo trabalho excessivo ou por alguma desordem na comida ou bebida, ou por nos expormos ao ar frio, estando nosso corpo muito aquecido, e por tantos outros mil achaques que não nos faltam, e as crianças nascem *tencuas* ou raquíticas, defeituosas ou mortas pela imprudência de suas mães em comer coisas nocivas, por serem travessas, por correrem por aí, por levantarem coisas muito pesadas, por trabalharem muito, por terem cóleras veementes ou por receberem golpes no ventre. Assim, veja o *señor*, que os pobres eclipses não têm nenhuma culpa nisso.

– Muito bem! – disse o *señor* Martim. – Mas, como ocorrem, pontualmente, essas coisas quando tem eclis?

(p. 199) – A desgraça dos eclipses – disse o vigário –, é que algumas dessas coisas possam vir a ocorrer justo em seu tempo, porque os pobres, que não entendem de nada, logo, logo jogam a culpa nos eclipses por todas as desordens que há no mundo. Assim como, quando alguém adoece, busca achaque a sua doença, e assim, pode crer que a tenha causado a mais inocente das criaturas. Assim que, meu amigo, não devemos ser vulgares, e não há que se quitar o crédito dos pobres dos eclipses, que isso é pecado de restituição.

(p. 200) Com isso, todos celebraram ao padre vigário e deram uma boa dose de vergonha ao amigo João Dotado, que saiu dali de orelhas zumbindo. Dali a pouco, todos fomos dormir.

(p. 200: espaço em branco)

p. 201 Capítulo VIII

No qual o Periquitinho escreve algumas aventuras que teve na fazenda e sua volta para casa

No dia seguinte, acordamos muito felizes. O padre-cura mandou preparar sua carruagem e o vigário mandou selar seu cavalo para ir a seus respectivos destinos. O vigário despediu-se de mim com grande afeto e eu lhe retribuí igualmente, porque ele era um homem bondoso e benéfico; não era nem arrogante nem tolo.

Finalmente, eles partiram e eu fiquei sem boas companhias. Meu comparsa, João Dotado, tão tolo e sem vergonha como sempre (pois é próprio de um tolo não se preocupar com nada nesta vida), na hora do almoço, começou a me provocar com o cometa; mas eu rebati e me defendi, mencionando os disparates que ele tinha dito sobre o eclipse. Assim o deixei sem jeito. Ele deveria ter percebido que é tolice apedrejar o telhado do vizinho se seu próprio telhado é de vidro.

Seja porque eu era novo na casa, ou porque tinha um temperamento mais prudente e jovial, as *señoras*, as meninas e todos gostavam mais de mim do que de João Dotado, que era, por natureza, grosseiro e convencido. Assim, toda vez que eu dizia alguma **(p. 202)** coisa sem muita graça, isso era celebrado infinitamente, e meu rival Januário ficava ressentido e tentava vingar-se sempre que encontrava uma oportunidade, sem que eu pudesse me livrar de suas más ações, porque ele as conspirava sob a fachada da amizade. Abominável caráter de almas vis, que fabricam traição à sombra da própria virtude! Como eu, por um lado, amava-o, e ele, por outro, tinha um temperamento ardiloso, ele escondeu de mim suas más intenções e eu me entreguei, sem receio, a seus ditames.

Saíamos de passeio a cavalo todas as tardes. Já se pode imaginar como eu era bom cavaleiro, pois nunca tinha montado nada além dos cavalos baratos de aluguel do México. Quer dizer, eu estava habituado a montar animais magros, explorados, com falta de graça e vivacidade e de uma imensurável mansidão. Os da fazenda, pelo contrário, eram quase todos saudáveis e briosos, motivo o bastante para que eu já tivesse muito medo deles. Devido a isso, encilhavam, para mim, os cavalos da *señora* e os de sua filha. E, como eu disse, saíamos todas as tardes para cavalgar, Januário, eu e dois dos filhos do administrador da fazenda, que eram uns imprestáveis.

(p. 202) De todos os quatro, eu era o cavaleiro menos experiente, ou, como eles dizem, o principiante. Assim, eles costumavam me pregar mil peças nos campos, como provocar meus cavalos, puxar seus rabos, assustá-los e fazer tudo o que podiam para afugentá-los, mesmo que fossem mansos, para que, perturbados, conseguissem me derrubar, como, de fato, conseguiam fazer, toda vez, sem muita dificuldade. De modo que, embora os golpes que tenha levado fossem leves e de pouco risco, seja na grama ou na areia, eles foram tantos que não sei como não foram suficientes para me atemorizar. Meus bons amigos, depois de terem rido muito a minhas custas, consolavam-me, falando das quedas que tomei para aprender. Eles complementavam seus argumentos:

– Não fique aflito, homem. Isso não é nada. Mesmo que, em cada queda, quebres uma perna ou afundes uma costela, deverias (p. 203) ficar muito satisfeito ao perceber o quanto essas lições são boas para que saibas manter-te bem na garupa dos cavalos. De fato, meu amigo, não há remédio. Os golpes são o que fazem um bom cavaleiro. Tu mesmo verás que já não és mais tão lerdo como eras antes. Não, tu já te seguras melhor e te sentas melhor. E, se aguentas mais um pouco na fazenda, tirarás boa vantagem dessas nossas lições e ganharás de todos.

Quem acreditaria que essas lisonjas frívolas eram os emplastros que esses malandros aplicavam em minhas pancadas e hematomas e que eu achava que estava sendo muito bem servido por eles a ponto de me esquecer de tudo o que eles me faziam quando eu caía do cavalo, e dos gemidos de dor, e que, às vezes, era muito difícil voltar a ficar em pé? Mas quem poderia acreditar nisso? Apenas aquele que sabe que a bajulação ocupa tal lugar no coração humano, que ela nos agrada mesmo proveniente de nossos próprios inimigos, é capaz de crer nisso.

O patife do Januário não conseguia ficar satisfeito ao me machucar por qualquer meio, e sempre fingia ser meu amigo sincero. Um domingo de tourada, à tarde, quando entraram na rodada alguns bezerros, ele meteu-me na cabeça que eu deveria entrar no curral com ele para lutar com os animais. Falou-me que eles eram bezerros pequenos, que tiveram as pontas dos chifres aparadas, que ele me ensinaria a lidar com eles. Disse-me que isso era uma coisa muito divertida de fazer, que os homens deveriam saber de tudo, especialmente sobre coisas do campo. Acrescentou, então, que ter medo era coisa das mulheres, e não sei mais que tantas outras bobagens relatou-me que todo aquele escândalo que eu havia expressado ao vigário

na primeira (p. 203) vez que vira tal festival de homens e brutos acabou desaparecendo. O horror que esses jogos inspiraram em mim, a princípio, dissipou-se, perdi minha circunspecção anterior sobre esse assunto e, atropelando tudo, entrei no curral⁴¹⁶ a pé, porque me julgava mais seguro.

(p. 204) No início, eu chamava o bezerro à distância de dez ou doze varas. Com aquela vantagem, eu escapava facilmente de sua raiva, subindo nas cercas dos currais. Mas como não há nada nesta vida que não faça perder o medo ao executar atos repetidos, pouco a pouco, eu o perdi para os bezerros, vendo que me livrava deles sem dificuldade. Assim, fui ajudado pelo encorajamento de meus bons amigos e camaradas, que, a cada momento, gritavam: “Vá mais perto, colegial! Anime-se, homem! Não seja um frouxo⁴¹⁷! Vamos lá, peralvilho!⁴¹⁸”, e outras incitações desse tipo.

Desse modo, eu fui me aproximando, cada vez mais, das respeitáveis testas, até que, em uma dessas ocasiões, João Dotado veio, na ponta dos pés, atrás de mim, e, quando eu quis fugir do bezerro, não consegui porque ele bloqueou minha passagem, fazendo-me tropeçar. Com aquela ajuda, o bezerro pegou-me a tempo e lançou-me no ar com sua moleira e fez-me cair no chão como um sapoti⁴¹⁹, para minha desgraça, a uma distância de quatro ou cinco varas. Eu fiquei todo abalado com a pancada e com o susto. Mas com tudo isso, como o medo é muito rapidíssimo e eu temia a repetição do golpe – porque o bezerro ainda estava esperando para concluir seu triunfo –, levantei-me, imediatamente, sem perceber que o golpe havia rebentado os botões e fitas de minhas calças. Assim, quando esses caíram até meus calcanhares, fiquei como algemado, incapaz de dar um passo e todo embaraçado, pois, como meus pais eram pobres, minha camisa era curta demais, o pano usado era

⁴¹⁶ Transcrição da nota 167, da edição de 2008 (p. 203): “Um extenso texto foi suprimido. Nele, havia uma ampla reflexão moral. Ver a edição da UNAM, 1982, vol. VIII, p. 137-138” (Nossa tradução).

⁴¹⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *collón* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 204). A etimologia da palavra que apresenta o *DRAE* (2023) mostra: “Do italiano *coglione*, e este do latim vulgar *coleo*, *-ōnis* ‘testículo’”. (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/coll%C3%B3n?m=form>. Acesso em: 26 jul. 2023.

⁴¹⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*cotita*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 204). De acordo com a nota 204, da edição de 2008 (p. 204, retirado da quarta edição, [1842]): “*Cotita*, o mesmo que marica.” (Nossa tradução).

⁴¹⁹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*zapote*”, fruto do sapotizeiro. De acordo com o dicionário *Aulete Digital*: “sapotizeiro. sm. 1. Bot. Árvore da fam. das sapotáceas (*Manilkara zapota*), nativa da América Central, de fruto comestível, o sapoti, e de cujo látex se fabrica goma de mascar; sapota.” Disponível em: <https://www.aulete.com.br/sapotizeiro>. Acesso em: 11 jul. 2021.

pouco, para economizar⁴²⁰. O maldito novilho, aproveitando minha incapacidade para (p. 204) correr, veio sobre mim novamente e me desferiu um segundo golpe, dado com tanta fúria que me pareceu que minhas costelas haviam sido quebradas por uma das torres da catedral, e que eu tinha voado para além da órbita da lua. Mas, quando bati no chão, com tão furioso baque, não soube mais nada sobre esta vida.

Fiquei desacordado. Tiraram-me do lugar coberto por capotes. Acabou-se, assim, a diversão com o susto, porque as *señoras* (p. 205) acreditavam que eu tinha recebido um golpe mortal na cabeça.

Deus quis que tudo não passasse de uma ligeira suspensão do uso de meus sentidos, pois, com a ajuda da lã escura quase preta⁴²¹, do álcali, das ligaduras e outras coisas, recuperei minha consciência depois de meia hora, sem outra novidade do que um pouco de dor no cóccix, que continuava me incomodando mais do que eu queria. Mas quando acordei e me vi cercado por todos os *señores* que estavam na fazenda, deitado em uma cama, muito quente, e todos eles chocados com o acontecido, alguns deles me perguntaram:

– Como se sente o mocinho? – outros:

– O que tem o mocinho? – e todos eles:

– Qual parte do corpo lhe dói? – e, no meio daquela multidão, notei meus suspensórios rasgados, minhas calças soltas, e lembrei-me do pano curto da confecção de minha camisa e da desgraça que acabara de me acontecer. Eu estava muito envergonhado (sentimento que nunca me faltou por completo) e gostaria, honestamente, de ter caído morto, como César quando Brutus o apunhalou.

Agradei-lhes pelo cuidado recebido e respondi que eu não tinha nenhum mal maior. Além disso, a *señora* da fazenda fez-me beber um copo de vinagre diluído em

⁴²⁰ **Nota da Tradutora: Ao fazer uma pesquisa básica sobre a indumentária masculina do século XIX, verificamos que as camisas, naquela época, eram também parte da roupa de baixo. Assim, esse traje costumava ser longo o suficiente para fazer as vezes de camisa de noite, pois ainda não era comum, como hoje em dia, o uso da cueca. Daí a importância de utilizar a quantidade de pano o suficiente para cobrir as pernas e o lamento do Periquinho por não ter uma camisa nesse comprimento. Para mais informações sobre a camisa, visitar: <https://galicia1809.wordpress.com/category/4-uniformologia-uniformology-artwork/infanteria-uniformologiauniformology/infanteria-de-linea/tropa/uniforme-tropa/casaca-chaleco-chupa-camisa/page/2/>. Para verificar o uso de fitas nas calças, sugerimos visitar “*pantalón de infantería*” – [Nossa tradução: calça de infantaria]: <https://galicia1809.wordpress.com/category/4-uniformologia-uniformology-artwork/infanteria-uniformologiauniformology/infanteria-de-linea/tropa/uniforme-tropa/page/5/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

⁴²¹ *Transcrição da nota 170 da edição de 2008 (p. 205, retirado da quarta edição, [1842]): “O autor faz alusão à crença popular que afirma que essa lã, e não a branca, contém as propriedades para fazer voltar em si quem ficou desacordado” (Nossa tradução).

água e, pouco tempo depois, uma porção de *calaguala*⁴²², de modo que, no dia seguinte, (p. 205) eu estava totalmente recuperado.

Meu bom amigo Januário, no primeiro momento de minha doença, e quando todos temiam que fosse algo sério, mostrou-se muito triste com toda a hipocrisia que sabia usar. Porém, no dia seguinte, quando me viu fora de perigo, tomou conta de mim e começou a desabafar toda sua bufonaria, fazendo-me corar a cada momento diante das meninas com a vergonhosa lembrança de minha aventura passada, insistindo em minha nudez, em minha camisa reduzida e na forma indecente como eu havia caído. Ele provocava o riso das meninas com suas patifarias, e – não podia negá-lo – eu estava terrivelmente envergonhado⁴²³. (p. 206) Assim, não encontrei outro recurso senão lhe implorar que não me fizesse corar nesses termos; mas meu pedido só serviu de estímulo a sua maldita verbosidade, e isso só fez crescer minha vergonha e raiva.

Para me acalmar, disse-me:

– Não sejas tolo, meu irmão. Isso é apenas uma brincadeira. Esta tarde, vamos dar uma volta a Cuamatla⁴²⁴. Tu verás como essa é uma bela fazenda. Qual cavalo queres que preparem para ti, o baio ruano ou o lubuno⁴²⁵ da tia?

Respondi-lhe na primeira vez que ele me disse:

⁴²² *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 183), “*calaguala*, do quíchua *kalla-hualla*. Americanismo de uso geral. É uma espécie de samambaia medicinal, originária do Peru” (Nossa tradução). Por outro lado, possivelmente refere-se à planta *Polypodium leucotomos*. A definição do *Diccionario de mejicanismos* está disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/182/mode/2up?view=theater&q=calaguala>. Para mais informações sobre as propriedades medicinais dessa erva, visitar: <https://botplusweb.portalfarma.com/Documentos/2014/12/23/80924.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

⁴²³ ***Transcrição da nota 172, da edição de 2008 (p. 205): “Lê-se, na primeira edição, *me ciscaba* [Nossa tradução: [eu] me cagava/eu me fazia nas calças]. O termo foi corrigido por sua vulgaridade” (Nossa tradução).

⁴²⁴ *Nota da Tradutora: Na municipalidade de Cuautitlán Izcalli, estado do México, existem vários monumentos históricos importantes cujas construções foram datadas entre os séculos XVII e XIX. Em particular, há a fazenda *San Pedro Cuamatla*, do século XIX. Para mais informações, visitar: <https://perfilurbano.com.mx/inscrito-izcalli-patrimonio-cultural-en-el-instituto-nacional-de-etnologia-e-historia/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

⁴²⁵ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *almendrillo y grullo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 206). Ruiz Barrionuevo (2008) reproduz o significado do *Diccionario de mejicanismos*: “*el primero bayo y blanco; y el grullo color que tira a ceniciento más o menos oscuro*” – [Nossa tradução: o primeiro baio e branco; o grullo, cor que puxa para cinza mais ou menos escuro.]. Para mais informações sobre a cor da pelagem dos cavalos, visitar: <https://cavalus.com.br/geral/pelagens-de-cavalos-voce-conhece-todas-que-existem/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

(p. 206) – Amigo, agradeço-lhe por teu carinho, mas não precisarei de qualquer cavalo preparado para mim, pois nunca mais pretendo montar lubunos ou lubunas em minha vida, nem ficar diante de uma vaca, muito menos diante de touros ou bezerros.

– Vamos lá, homem – disse-me ele –, não sejas tão covarde! Um cavaleiro não é aquele que não cai, e o bom toureiro morre nos chifres do touro.

– Bem – disse-lhe eu –, então morre, tanto faz para mim – respondi-lhe –, e podes cair quantas vezes quiseres, mas eu não quero dissipar minha vida. Que necessidade tenho de voltar para casa com uma costela a menos ou uma perna quebrada? Não, João Dotado, eu não nasci para ser capataz ou vaqueiro. Em poucas palavras: nunca mais montarei um cavalo em tua presença, nem mesmo participarei de touradas.

A partir daquele dia, comecei a desconfiar um pouco de meu amigo. Feliz aquele que aprende com os primeiros perigos, e mais feliz ainda é aquele que aprende com os perigos dos outros, pois, como disse um dos antigos⁴²⁶, isso se chama saber tirar partido da própria adversidade.

Três dias após esse evento, o entretenimento tinha terminado e todos os convidados foram para casa. O perverso Januário tinha notado que eu gostava de sua prima e que ela não se incomodava com isso. Então, ele tentou me dar outro desgosto pior do que o do bezerro.

Um dia, quando o *señor* Martim não estava em casa, porque tinha ido para outra fazenda próxima, Januário disse-me:

– Eu percebi que gostas de Ponciana e que ela gosta de ti. (p. 207) Vamos, diz-me a verdade, tu sabes que sou teu amigo e nunca escondeste nenhum segredo de mim. Ela é bonita, tu tens bom gosto. E eu faço essa pergunta porque sei que posso atender a teus desejos. A menina é minha prima, e eu não posso casar-me com ela.

⁴²⁶ *Nota do Autor: “*Felix quem faciunt aliena pericula cautum* – [Nossa tradução: Feliz é aquele a quem os perigos de outras pessoas tornaram cauteloso]” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 206, nota de rodapé a). Nota da Tradutora: Trata-se de um provérbio antigo latino anônimo. Uma busca rápida pela internet traz vários exemplos do uso por vários personagens, entre os quais Benjamim Franklin (1706-1790), que utiliza a frase em um de seus discursos. Igualmente, já foi utilizado em publicação jornalística alemã (1616) e em sátira jornalística anônima britânica (1762). Para mais informações, visitar: <https://quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/pageviewer-idx?cc=evans;c=evans;idno=n08316.0001.001;node=N08316.0001.001:2;seq=10;page=root;view=text>, https://collections.thulb.uni-jena.de/receive/HisBest_cbu_00091206 e https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_J-1-52. Acesso às páginas em: 13 jul. 2021.

E, por isso, (p. 207) eu gostaria de que ela pudesse desfrutar o amor com um amigo a quem eu amo tanto quanto amo a ti.

Quem teria pensado que esta era a rede que esse desgraçado tinha colocado para rir de mim à custa de minha honra? Bem, foi assim, pois eu, mais facilmente do que nunca, acreditei em suas palavras e disse-lhe:

– Que sua prima é de mérito é evidente, e que eu a amo, não posso negar. Mas também não posso saber se ela me ama ou não, pois não tenho como saber disso.

– Como não podes? – disse Januário. – Então tu nunca lhe disseste como te sentes?

– Nunca falei com ela sobre isso – respondi-lhe.

– E por quê? – ele insistiu.

– Por quê? –disse-lhe eu. – Porque tenho vergonha. Ela dirá que sou um desavergonhado. Ela o dirá à mãe ou me expulsará em mau momento. Além disso, tua tia é muito ciumenta e nunca nos dá espaço para conversarmos. Não a deixa sozinha por um momento. Então, como queres que eu tenha espaço para lidar com esse tipo de conversas com aquela garota?

Januário riu alto, zombou de meu medo e modéstia, e disse-me:

– És um medroso. Não achei que fosses tão sonso e sem coragem. Mas quão grandes são as dificuldades que precisas vencer! Sai, frouxo! Todas as mulheres almejam ser amadas, e mesmo que não retribuam, elas são gratas a quem lhes confessar serem seus admiradores e pretendentes. Agora, nunca ouviste dizer que quem tem boca vai a Roma⁴²⁷? Bem, fala com ela, sua besta, e verás como consegues. Se temes a velha de minha tia, dou um jeito nisso; providenciarei para que fales com a prima, a sós, com espaço e para tua satisfação. O que me dizes? Queres isso? Fala e verás que sou apenas teu verdadeiro amigo.

Com tal conselho, percebendo que a ocasião proporcionava-me exatamente o que eu desejava, não demorei a admitir sua oferta obsequiosa e lhe agradei mais do que se ele tivesse me feito um verdadeiro favor.

O malandro separou-se de mim por pouco tempo. Depois disso, ele voltou muito feliz e disse-me:

⁴²⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *¿no has oído decir que al que no habla nadie lo oye?* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 207).

(p. 207) – Tudo está feito. Dei um jeito com a Poncianita e ela me revelou tudo: ela caiu em minha conversa e me confessou que gosta de ti. Eu lhe disse que tu morres por ela e que desejas (p. 208) falar com ela a sós. Ela deseja o mesmo, mas mencionou o empecilho de tua mãe, que é um grude⁴²⁸. A dificuldade parece ser grande, mas eu escolhi o melhor caminho para que realizes vossos desejos sem ansiedade. É o seguinte: o tio não virá até amanhã, e tu conheces o quarto onde ela dorme com sua mãe. Sabes que sua cama fica à direita, na entrada. E, assim, nesta mesma noite, poderás conversar com ela o quanto quiseres, entre as onze e as doze horas, no entendimento de que a velha está no sono mais profundo àquela hora. Poncianita está ciente de tudo. Apenas me encarregou de dizer-te que deverias entrar com cuidado e em silêncio, e, se ela não estiver acordada, debes tocar seu travesseiro, pois tem o sono muito leve. Então, mocinho Periquitinho, superaste prontamente todas as dificuldades que receavas. Por isso, não sejas tolo, melhor garantires a chance antes de ela sumir. De minha parte, já fiz tudo o que pude por ti.

Agradei mais uma vez a meu grande amigo por sua dedicação e depois refleti sobre minha situação, pensando no que diria à moça (pois, para dizer a verdade, minha malícia não se estendia a mais do que falar), e desejando que as horas passassem antes que eu pudesse realizar minha visita noturna.

Enquanto isso, o traiçoeiro João Dotado, que não havia dito uma só palavra à prima sobre minha secreta paixão, foi ver sua tia e disse-lhe para cuidar de sua filha, porque eu era um completo malandro. Disse-lhe que ele já havia notado que eu lhe havia feito mil sinais à mesa e que ela os tinha retribuído. Falou-lhe que algumas noites ele tinha me procurado na cama e que eu não estava lá. Aconselhou-a, assim, que deveria mudar Poncianita para outro quarto, na companhia de uma empregada, e que ela deveria deitar-se na cama da filha naquela noite e, com cuidado, ver se ela conseguia pegar o malandro.

A tia concordou com o plano que lhe pareceu muito bom. Ela acreditou no que lhe fora dito como se o tivesse visto com os próprios olhos. Agradeceu a Januário pelo zelo por ele demonstrado pela honra de sua casa. Prometeu seguir o conselho que

⁴²⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *la trae todo el día como un llavero* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 208). López y López (1931, p. 476) informam que a expressão *traerla como un llavero* significa: “não se separar nem por um momento” (Nossa tradução).

ele acabara (p. 208) de lhe dar e, sem mais perguntas, trancou-se em um quarto com a inocente garota e lhe aplicou um castigo infernal, como me foi dito, dois meses depois, por uma empregada dela que passou a trabalhar em minha casa, e que tinha ouvido (p. 209) a fofoca do primo desonesto e que soube do castigo injusto de Ponciana.

Duas lições oferecem esse episódio, meus filhos, das quais deveis tirar proveito no curso de vossas vidas. A primeira é não revelar facilmente vossos segredos a qualquer um que se apresente como amigo. Primeiro, porque ele pode não ser um amigo, mas um traidor, como Januário, que pode tentar usar vossa simplicidade para malograr vossas vidas. E depois, porque, mesmo que ele seja um amigo, pode acontecer que ele não o seja de fato, e, então, se ele for um vilão como muitos, exporá vossas falhas, compartilhadas em segredo a ele, para se vingar. *Se queres que teu segredo fique escondido*, disse Sêneca⁴²⁹, *não o comunique a ninguém, pois se tu mesmo não o manténs em segredo, como podes querer que outros o façam*⁴³⁰?

A outra lição que esse episódio dá é a de não se deixar levar pelas primeiras ideias que alguém sugerir. Acreditar na primeira coisa que nos dizem sem examinar as possibilidades, ou sem verificar se o mensageiro traz uma notícia verdadeira ou não, é uma imprudência imperdoável que deve ser classificada como loucura. Essa loucura pode ser, e tem sido, muitas vezes, a causa de danos irreparáveis. Por causa de uma fofoca do perverso Haman, todos os judeus pereceram no poder do enganado Ahasuerus. Outra fofoca e calúnia do amaldiçoado João Dotado trouxe a sua própria prima uma punição injusta e um descrédito não merecido.

No decurso daquele dia, a tia mostrou-me uma boa dose de carranca ou de destratos, mas como eu era apenas um rapaz, não presumi que eu mesmo fosse a causa disso. Então, atribui-o a alguma doença ou indisposição com os serviçais. Estranhei porque a jovem moça não estava à mesa. Mas apenas senti sua ausência.

(p. 210) A noite chegou. Jantamos. Eu fui para a cama e adormeci sem me lembrar do encontro. Quando, à hora marcada, o cachorro do Januário, que não havia

⁴²⁹ Transcrição da nota 175 da edição de 2008 (p. 209): “O autor transcreve aqui a tradução de Jamin, *Le fruit de mes lectures*, a frase de Sêneca em *De Moribus: Quos tacitum esse velis, nemini dixeris; si tibi non imperasti, quomodo ab allis silentium speras?* [A tradução da citação pelo próprio autor está no corpo de texto]” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para mais informações sobre Jamin e a obra citada, ver nota 252 de nossa tradução.

⁴³⁰ Transcrição da nota 176, da edição de 2008 (p. 209): “Omite-se um parágrafo que apresenta uma digressão bíblica. Ver a edição da UNAM, 1982, p. 114” (Nossa tradução).

dormido aquela (p. 210) noite para danificar minha honra, vendo que eu ronquejava feliz, levantou-se e acordou-me, dizendo-me:

– Seu molenga! O que estás fazendo? Acorda, que já são onze horas e Poncianita estará a tua espera.

Meu sonho era maior do que minha malícia, e assim, mais por força do que por desejo, levantei-me apenas com as roupas de baixo, descalço, e tremendo de frio e medo, fui para o quarto de minha amada, desconhecendo a conspiração que meu grande e generoso amigo tinha preparado para mim. Entrei muito silenciosamente, aproximei-me da cama onde pensava que a inocente estava a dormir, toquei na almofada. E, quando menos esperava, a velha mãe plantou um sapato tão furioso em minha cara que vi o sol no meio da noite. O susto de não saber quem me tinha atingido disse-me para ficar calado, mas a dor do golpe fez-me gritar mais alto do que o próprio golpe. Então, a boa e velha mulher agarrou-me pela camisa, e sentando-me a seu lado, disse-me:

– Cala-te, seu pirralho atrevido, por que viestes aqui? O que buscas? Conheço tuas graças. É esta a maneira de honrar teus pais? É esta a forma de retribuir os favores que te fizemos? É assim que uma criança bem-nascida e bem-criada deve comportar-se? Que exemplo dás aos camponeses⁴³¹, comuns e sem instrução? Patife, indecente, desavergonhado! Como te atreves a te meter na cama de uma jovem donzela! Ela é filha de senhorios que te acolheram e favoreceram! Agradece que, por respeito a teus bons pais, não mandei espancar-te até a morte por meus criados. Mas, amanhã, meu marido virá e eu mandarei levar-te para o México nesse dia, pois não quero velhacos em minha casa.

Eu, cheio de medo e confusão, ajoelhei-me diante dela, chorei e lhe implorei tanto para que não dissesse nada disso a seu Martim que, finalmente, prometeu-me isso. Fui para minha cama e vi que o desprezível do Januário ria-se muito embaixo do lençol, mas fingi não perceber nada.

No dia seguinte, seu Martim veio, e a *señora*, sob o pretexto de alguma questão particular de urgência na capital, mandou preparar a carruagem, e eu, sem voltar a

⁴³¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *payo*, com o significado de camponês. No entanto, a segunda acepção do *DRAE* (2021) sugere também o sentido de pessoa ignorante e rude. Para mais informações, visitar: <https://dle.rae.es/payo?m=form>. Acesso em: 19 jul. 2021.

ver a (p. 210) pobre garota, fui levado de volta para a casa de meus pais, sem que a *señora* contasse ao marido sobre o acontecido, tal como o tinha prometido a mim.

(p. 211) Capítulo IX

Periquitinho chega em casa e tem uma longa conversa com seu pai sobre assuntos de destaque e interesse

Chegamos a minha casa, onde fui muito bem recebido por meus pais, especialmente por minha mãe, que não cansava de me abraçar, como se eu tivesse acabado de chegar de uma terra muito distante ou de alguma expedição muito perigosa. Seu Martim ficou em casa durante dois ou três dias enquanto terminava seus assuntos de negócio, no final dos quais voltou para sua propriedade. Isso me deixou muito feliz, porque minha façanha ficou silenciada.

Um dia, meu pai me chamou e, estando nós a sós, disse-me:

– Pedro, já entraste na juventude sem saberes onde deixaste a infância. Amanhã, encontrar-te-ás na virilidade ou idade consistente sem saberes como acabou tua juventude. Isto significa que hoje és um rapaz e amanhã serás um homem. Tens em teu pai alguém para te orientar, aconselhar e cuidar de tua subsistência, mas, amanhã, quando eu estiver morto, terás de te orientar e sustentar à custa de teu próprio suor ou de tua própria vontade, sob pena de pereceres se não o fizeres. Isso, em razão de eu ser um homem pobre e não ter outra herança para te dar senão a boa educação que tenho te dado, embora não tenhas aproveitado isso ao máximo, como sempre desejei que o fizesse.

“Em virtude disto, planejemos, hoje, o que serás amanhã. Já estudaste gramática e filosofia. Estás em condições de continuar a carreira das letras, quer estudando teologia ou cânones, quer direito ou medicina. As duas primeiras faculdades dignificam e asseguram um meio de subsistência àqueles que se (p. 212) dedicam a esses estudos com talento e aplicação, mas devem ser parte do clero para verem o fruto de seu trabalho e serem úteis em sua carreira. Se for secularista⁴³², por bom teólogo ou canonista que seja, não poderá rezar num púlpito, nem resolver um caso de consciência num confessionário. Por isso, não compensa para os seculares

⁴³² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *secular* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 212). O termo é utilizado com o sentido das entradas 6, 7 e 8 do dicionário *Aulete Digital*: “6. Que não é próprio da Igreja; que não pertence à Igreja; leigo, profano (educação secular). 7. Diz-se daquele que participa do século, da vida civil, que não pertence a uma ordem religiosa (freira secular). 8. Aquele que vive no século, no mundo, que não fez votos religiosos: Foram ordenados muitos seculares”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/secular>. Acesso em: 20 jul. 2023.

cursar essas faculdades, (p. 212) pois apenas estudam-nas para sua iluminação se não precisarem do dinheiro para comer.

“A medicina e o direito são faculdades úteis para as pessoas seculares. Ambas são boas em si, e rentáveis, quando quem as pratica for bom nelas, ou seja, se aproveitaram seus estudos. E, por isso, seria muito insensato que o teólogo medíocre, o médico ignorante, o advogado chicaneiro ou o rábula acusassem essas ciências do pouco crédito que eles têm adquirido em sua prática, ou culpassem seus estudos pelo fato de ninguém os chamar para trabalhar, porque ninguém os julga úteis e nem querem confiar sua alma, sua saúde ou seus bens a mãos imprestáveis e mal treinadas.

“Com isso, quero dizer, meu filho, que são quatro as maneiras que te oferecem à entrada às ciências mais adequadas para subsistires em nosso país, pois, embora haja outras, não as aconselho, porque são infrutíferas neste reino. Podem talvez servir para tua ilustração, mas não te serão de utilidade. Tais são a física, a astronomia, a química, a botânica etc. Elas fazem parte da primeira ciência de que vos falei.

“Também, não te aconselho a que te dediques aos estudos chamados de *belles lettres*, porque são mais agradáveis ao entendimento do que úteis a teu bolso. Suponhamos que sejas um grande retórico e mais eloquente do que Demóstenes: qual a utilidade disso se não puderes exhibir tua oratória numa cadeira ou numa plataforma, quer dizer, se não fores um sacerdote ou um advogado? Suponhamos, também, que te dediques ao estudo das línguas, vivas ou mortas, e que conheças muito bem as línguas grega, hebraica, francesa, inglesa, italiana e outras. Isso, acredito, não proverá, por si só, um meio de subsistência.

“Mas eu faço questão que te afastes da poesia, se for o caso de que, arbitrariamente, decidas por te dedicar a ela, pois lidar com as musas é tão encantador quanto infrutífero. Observe que, na língua popular, usa-se dizer que, quando alguém é muito pobre, ele *está a fazer versos*. Até parece que as palavras *poeta* e *pobre* são sinônimas. (p. 213) Inclusive, entende-se que ter a capacidade de poetizar é um anátema de perecer. Alguns dos parentes do Pindo⁴³³ conseguiram esculpir sua fortuna por seu gênio, mas foram poucos, de fato.

⁴³³ *Nota da Tradutora: A narração faz referência a uma cordilheira que percorre o centro da Grécia, conhecida também como coluna vertebral da Grécia.

(p. 213) “Virgílio⁴³⁴ era um deles, que era um protegido de Augusto⁴³⁵. No entanto, nem Augusto nem Mecenas⁴³⁶ são facilmente encontrados para apadrinhar virgilianos. Muitos outros, que tiveram as duas circunstâncias que Horácio exige para a poesia, ou seja, *gênio* e *arte*⁴³⁷, pediram esmolas ao se valerem dessa habilidade. Outros, mais prudentes, encaram-na como um comércio pernicioso para melhorar sua posição. Assim aconteceu com *Don Esteban Manuel Villegas*, cujo texto *Eróticas* conhecemos. É por isso que te aconselho, nessa parte, com as mesmas palavras de Bocángel⁴³⁸:

Se escreveres versos, escreve poucos,
Por muito que teu gênio possa-te ajudar,
Pois, mesmo que o prazer te aplauda,
O talento deve repreender-te.

“O que é o mesmo que dizer: ainda que gostes de escrever versos, mesmo sendo bons e festejados, escreva poucos deles. Não fiques extasiado ou distraído com esse exercício, para que não sejas impedido de fazer outras coisas. Porque, se não fores rico, o talento, então, será teu inimigo. Porque teu bolso irá sentir isso, e o dinheiro estará em conflito contigo, como acontece com quase todos os poetas. O pai do grande Ovídio disse-lhe para que não se dedicasse às musas, dando-lhe, como

⁴³⁴ **Nota da Tradutora: Poeta romano (70 a.C – 19 d. C.), autor da *Eneida*.

⁴³⁵ **Nota da Tradutora: Primeiro Imperador romano (63 a. C. – 14 d. C.).

⁴³⁶ **Nota da Tradutora: Caius Mecenas, ou Caio Cílnio Mecenas (70 a. C. – 8 d. C.), financiou a produção artística e literária a pedido do Imperador Augusto. Mais informações em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/o-mecenato.htm>. Acesso em: 21 jul. 2021.

⁴³⁷ Transcrição da nota 179 da edição de 2008 (p. 213): “Natura fieret laudabile carmen an arte / quaesitum est: ego nec studium sine divite vena, / nec rude quid prosit video ingenium: alterius sic / altera poscit opem res et coniurat amice – [Tradução de Mauri Furlan (1998): “Louvável seria um poema feito pela natureza ou pela arte, buscou-se saber. Eu não vejo a que serve nem o esforço sem um rico talento, nem o engenho sem arte: assim, uma coisa requer o auxílio da outra e conspira amigavelmente.] Arte Poética, vv. 408-411” (Nossa tradução). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/77364/148230.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 jul. 2021.].

⁴³⁸ **Nota da Tradutora: Gabriel Bocángel y Unzueta (1603-1658), poeta e dramaturgo. Ruiz Barrionuevo (2008, p. 213), na nota 180, p. 213, afirma que sua obra *El cortesano y discreto político y moral, príncipe de los romances* (1655) foi reeditada várias vezes no México. O fragmento do poema acima em castelhano é como segue: *Si hicieres versos haz pocos por más que te assista el genio que aunque te lo aplauda el gusto, há de reñirlo el talento* (Nossa tradução encontra-se no corpo do texto). Para mais informações sobre o poeta, visitar: <https://dbe.rah.es/biografias/8734/gabriel-bocangel-y-unzueta>. Acesso em: 21 jul. 2021.

razão, (p. 213) a pobreza que se podia esperar delas, pois lhes lembrou que Homero, sendo um poeta tão célebre, morreu pobre. *Nullas reliquit opes*⁴³⁹.

“Isso não significa que a poesia e as outras (p. 214) ciências de que te falei não tenham utilidade. Pelo contrário, muitas delas não apenas são úteis, mas são essenciais para certos professores. Por exemplo, a dialética, a retórica e a história eclesiástica são mais necessárias para o teólogo. A química, a botânica e toda a física são também fundamentais para o médico. A lógica, a oratória e a erudição na história secular não são apenas ornamentos, mas, também, primordiais para aquele que deseje ser bom advogado.

“O estudo das línguas, recentemente, fornece aos literatos erudição requintada e abundante em suas respectivas áreas de estudo, que só pode ser alcançada bebendo das fontes originais. A doce poesia serve-lhes como uma espécie de petisco ou refeição ligeira que adoça e alegra seus espíritos cansados da entediante atenção com que se dedicam a assuntos sérios e incômodos. Todavia, eles, se considerados separadamente das principais áreas de estudo (se é que devem ser separadas), serão apenas um mero ornamento. Até haverá ocasião em que esses conhecimentos ajudarão a prover o sustento, mas nem sempre, pelo menos não na América, onde carecemos de recursos, estímulos e prêmios para investir na dedicação às ciências.

“De tudo isso, podemos concluir, então, que um homem pobre como tu, que segue o ofício das letras para sobreviver, depara-se com a necessidade de ser sacerdote teólogo ou canonista, ou, sendo secular, de ser médico ou advogado. E, assim, podes escolher o tipo de estudo que te agrada, sabendo de antemão que acertar na escolha te trará um bom porvir, que te fará feliz no decorrer de tua vida.

“Não exijo de ti uma resposta precipitada ou insensata. Não, meu filho. Não se trata de apunhalar-te pelas costas. Dou-te oito dias para pensares no assunto. Se tens alguns amigos sábios e virtuosos, pergunta-lhes sobre as dúvidas que te ocorrem, aconselha-te com eles, aproveita as lições recebidas e, sobretudo, pergunta-te a ti mesmo, examina teu talento e inclinação e, depois de teres feito estas diligências, escolherás prudentemente a carreira literária que pensas abraçar.

⁴³⁹ Nota da Tradutora: “Não deixou fortuna” (Nossa tradução). Frye (2004) aponta tratar-se de um trecho de *Tristia*, de Ovídio, livro 4, poema 10. O recorte faz alusão a que Homero não acumulou dinheiro com seu talento e obra. O texto está disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0492%3Abook%3D4%3Apoem%3D10>. Acesso em: 21 jul. 2021.

(p. 214) “Se souberes, com inteligência, deduzir, a partir dessas indagações, que não serás um bom advogado, nem sacerdote, nem secular, não precisas te apressar ou ter vergonha de me dizer isso, porque, pela graça de Deus, não sou um pai ridículo que ficará desconfortável porque partilhas comigo a decepção que retiras do fruto de tuas reflexões. Não, meu Pedro, diz-me, diz-me, francamente, (p. 215) a que te levou tua nova forma de pensar. Coloquei a *Arte de Nebrija*⁴⁴⁰ em tua mão para me acomodar ao gosto de tua mãe, mas, agora que és adulto, quero entender-me contigo, porque és a personagem principal desta peça, és tu quem mais importa neste momento de tua vida. És tu quem deve estar mais interessado em tua própria realização. Por isso, quem deverão ser consultadas são tua inclinação e tua aptidão, não as de tua mãe ou as minhas.

“Não sou daqueles pais que querem que seus filhos sejam clérigos, frades, médicos ou licenciados, principalmente quando eles não são aptos para tal ou repugnam tal profissão. Não. Estou bem ciente de que o que importa é que os filhos não devem tornar-se preguiçosos e vadios, que devem dedicar-se a ser úteis para si mesmos e para o Estado, sem sobrecarregarem a sociedade, para não serem considerados uma carga para ela. Isso não é apenas possível dedicando-se às ciências; também há as artes liberais e os exercícios mecânicos com os quais se pode ganhar o pão honestamente.

“E assim, meu filho, se não gostas das artes, se achas o caminho para elas demasiado áspero, ou se sentes que, por muito que te esforces, pouco progresso irás fazer, e que o trabalho que colocas em tua educação será infrutífero, não te preocupes, repito, não é necessário angustiar-se. Nesse caso, podes tentar com a pintura, ou a música, ou outro ofício mais conveniente. No mundo, há muitos alfaiates, ourives, tecelões, ferreiros, carpinteiros, funileiros, construtores de carruagens, pedreiros, e até mesmo curtidores de peles e sapateiros que se sustentam com o trabalho de suas mãos.

⁴⁴⁰ **Nota da Tradutora: Obra do autor Elio Antonio de Nebrija (1444-1522). Ruiz Barrionuevo (2008) afirma que foi conhecida também como *Arte de Antonio*, e o título completo foi *Institutiones in latinan grammaticam* – [Nossa tradução: Normas da gramática latina] – (1481), publicado em Salamanca. De acordo com a pesquisadora, os reis [católicos – Fernando e Isabel] decretaram a obra como único texto para os cursos de latim no reino espanhol]. Para mais informações, visitar: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/28012/1/Humanitas58_artigo13.pdf?ln=pt-pt. Acesso em: 27 ago. 2021.

(p. 215) “Diga-me, então, o que queres ser, a que profissão estás inclinado e em que linha de trabalho pensas que vais ganhar a vida honestamente. E, acredite que, com muito prazer, possibilitarei que a aprendas. Apoiar-te-ei enquanto Deus me der vida. Sabemos que não há ofício vil nas mãos de um homem bom, nem uma arte inferior, comércio ou exercício mais (p. 216) abominável do que não ter arte, ocupação ou serviço no mundo.

“Sim, Pedro, tornar-se um preguiçoso e inútil é o pior destino que o homem pode ter, porque a necessidade da subsistência, e o não saber como, ou do quê sobreviver, coloca-o no caminho dos vícios mais vergonhosos. É por isso que vemos tantos trapaceiros, tantos rufiões de suas próprias filhas e esposas, e tantos ladrões por aí. Também por essa razão é que as prisões, os presídios, as cadeias, as galeras⁴⁴¹ têm estado e estão tão abarrotadas, além das forças.

“Portanto, meu filho, examine teu gênio e tua inclinação com paciência para abraçar esse ou aquele caminho que julgues prudente para subsistir os dias que o céu ainda te concederá, sem te tornares odioso ou oneroso para outros homens, teus irmãos, aos quais deves ser benéfico tanto quanto te seja possível, pois essa é uma exigência que a sociedade em que vivemos nos impõe.

“Mas também deves observar que, embora tu mesmo sejas o juiz que te examina, por essa mesma razão tens que ser muito íntegro sem que te deixes governar pela bajulação, porque, do contrário, perderás teu tempo, tuas especulações serão vãs, e te enganarás, se não testares tua capacidade e analisares teu gênio como se fosse o de um estranho, e sem te fazeres o mínimo favor. O grande Horácio aconselha aos escritores *a escolherem aquela temática que esteja mais de acordo com o nível de suas possibilidades, e de sua capacidade de suportar e resistir ao seu peso nos seus ombros*⁴⁴². Porque é verdade que, se a força exceder a carga, ela será

⁴⁴¹ **Nota da Tradutora: O narrador refere-se especificamente à pena das galeras. Presidiários eram obrigados a trabalhar nas galeras. Aplicava-se a pena a ciganos e seus apoiadores, aos detidos por furto e aos desertores. Para mais informações, sugerimos visitar: https://publicaciones.defensa.gob.es/media/downloadable/files/links/r/h/rhn_110.pdf. Acesso em: 28 ago. 2021.

⁴⁴² Nota do Autor: “*Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam / viribus; et versate diu quid ferre recusent, / quid valeant umeri*. In: Arte Poética, vv. 38-40” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 216, nota de rodapé a). Nota da Tradutora: Aires Couto (2002, p. 157) traduz os versos destacados pelo autor: “que todo aquele que escreve deve escolher uma matéria à altura das suas forças e nunca superior”. A tradução do trecho está disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23679/1/mathesis11_artigo7.pdf?ln=pt-pt. Acesso em: 27 jul. 2021.

suportada; (p. 216) de outro modo, se a carga for maior do que a força, ela renderá o homem, que cairá vergonhosamente sob o seu peso.

“É uma verdade que adentra em nossos corações sem violência a de que *nem todo mundo pode fazer tudo*; mas é uma pena que, embora conheçamos as provas disso, conhecemo-las em relação aos outros, mas não em relação a nós mesmos. Quando alguém se compromete a fazer isto ou aquilo, e isto corre mal, então dizemos: “Ah! Então ele se intrometeu no que não entende, não deveria errar?” Mas, quando nós (p. 217) empreendemos algo, acreditamos que podemos nos safar. E se errarmos? Oh! Então temos mil desculpas a nosso favor para nos cobrir das marcas do imperioso ou do insensato.

“Por conseguinte, nunca me cansarei de te repetir, meu filho, que antes de abraçares esta ou aquela faculdade literária, esta ou aquela profissão mecânica etc., pense bem. Vê se és ou não apto para isso, pois, mesmo que desejes muito aquilo, se não tiveres talento, errarás em tudo o que empreendas e estarás exposto às críticas mais severas.

“Cícero, o repositório da eloquência romana, tinha uma inclinação para a poesia, mas não tinha aquele talento intrínseco chamado de *estro*⁴⁴³. Devido a isso, ele cometeu uma cacofonia ridícula, ou confusão de palavras, no versículo que Quintiliano⁴⁴⁴ censurou com outros:

*O fortunatam natam, me consule, Romam*⁴⁴⁵.

⁴⁴³ Nota da Tradutora: (itálico original) Lê-se, em castelhano, *estro* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 217). A segunda acepção do dicionário *Aulete Digital*, do termo grego *oistros* e do latim *oestrus*, define como: “Qualidade de quem tem gênio criativo, artístico: O *estro* dos grandes poetas”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/estro>. Acesso em: 27 ago. 2021.

⁴⁴⁴ **Nota da Tradutora: Marco Fabio Quintiliano (35 d. C.–95 d. C.) foi um escritor e retórico latino do atual território espanhol. Para mais informações, visitar: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/q/quintiliano.htm>. Acesso em: 28 jul. 2021.

⁴⁴⁵ **Transcrição da nota 183, da edição de 2008 (p. 217): “Quintiliano censurou a cacofonia de Cícero em seu *Institutio Oratoria*, livro IX, capítulo IV, 41-42: *quod ne quis praecipere miretur, Ciceroni in epistolis excidit, Res mihi invisae visae sunt, Brute, et in carmine, O Fortunatam natam me Consule Romam* [Nossa tradução: Não surpreende a ninguém, Cícero registrar em carta, que parecia ter visto Bruto, e em sangue, Oh, Roma resplandecente, enquanto eu era cônsul romano]” (Nossa tradução). ***Nota da Tradutora: Oferecemos a ampliação da nota com a explicação do Prof. Márcio Amieiro Nunes (UEMS), cedida pelo professor Altamir Botoso: “A crítica de Quintiliano pode estar relacionada ao fato de Cícero ter forçado um certo ritmo com o uso do acusativo, em que, normalmente, se usaria o vocativo. Em se tratando de Cícero, é claro que esse recurso de troca dos casos latinos seria possível e foi utilizado para criar uma sequência de rima com a desinência -AM de *fotrunatAM* com *RomAM* no fechamento do verso, mas ao que nos parece esta combinação de mesmo som não pareceu muito agradável aos

(p. 217) “E Juvenal afirma que, se as *Filípicas*, que irritaram o estado de ânimo de Antônio, não tivessem sido feitas com poesia tão ruim quanto foi aquela, ele nunca teria sido decapitado⁴⁴⁶.”

“O célebre Cervantes foi um grande gênio, mas foi um poeta miserável. Seus escritos em prosa renderam-lhe fama imortal, embora, pela quantidade de pesetas, tenha morrido (p. 218) na miséria e na esmola; afinal, foi um de nossos escritores. No entanto, de seus versos, em especial de suas comédias, não há ninguém que deles se lembre. Sua grande obra, *Don Quixote*, não o ajudou a evitar a acusação de ser um mau poeta, pelo menos, isso diz Villegas, em sua sétima elegia, falando com seu amigo:

ouvidos de Quintiliano, sobretudo nas duas primeiras combinações. Daí surge a segunda hipótese, a mais próxima da crítica, talvez pelo fato de colocar *NATAM* (particípio feminino) logo após *fortuNATAM*, causando aí a cacofonia ‘ridícula’ com a repetição de som (*fortuNÁtam NÁtam*), uma vez que as duas palavras possuem a mesma tonicidade na pronúncia; e *fortuNATAM* termina justamente com as duas sílabas da palavra seguinte *NATAM*. Com isso, houve duplicidade sonora, parecendo que foi dito duas vezes, como se fosse um eco. Construções desse tipo eram consideradas cacofonia e deveriam ser evitadas. Cícero poderia ter colocado *RomAM* após *fortunatAM* já que estas duas palavras mantêm a mesma relação no verso, i.e., ambas são possíveis vocativos, pelo menos no sentido. Todavia, se o uso de *O* antes de *fortunatam* foi apenas para criar um hexâmetro, a hipótese do vocativo poderia ser questionada. Mesmo assim, se colocássemos *fortunam* e *Romam* no vocativo, seguindo a mesma ordem da frase original, então ficaria: *O fortuNÁTA NÁTA me consule Roma* (Ó afortunada Roma, nascida em meu consulado). Ainda assim, continuaria a cacofonia entre *fortuNATA NATA*, mas, no fechamento do verso, Roma perderia a mesma terminação (rima) em relação a essas duas palavras. A ordem para se evitar a cacofonia poderia ser *O fortunata Roma me consule nata*; *O fortunata me consule Roma nata* (mantendo o acusativo: *O fortunatam Romam me consule natam*; *O fortunatam me consule Romam natam*) ou poderia encaixar outra palavra entre *fortunatam* e *natam* para evitar a cacofonia tão criticada. Parece-me, no entanto, que não era esse o objetivo do ‘suposto poeta’. Mas isso também poderia ter sido por influência dos poetas gregos”.

⁴⁴⁶ Transcrição da nota 184 da edição de 2008 (p. 217): “Juvenal, Sátira X, vv. 120-126: *Ingeni manus est et ceruix caesa, nec umquam / sanguine causadici maduerunt rostra pusili* / “O fortunatam natam me consule Romam” / *Antoni gládios potuit contemnere, si sic / omnia dixisset. Ridenda poemata malo / quam te, conspicuae divina Philippica famae, / volueris a prima quae proxima* [Nossa tradução: Mas foi por causa de sua eloquência que os dois oradores morreram. Foi o jorro abundante e transbordante de talento que levou os dois à morte. Foi o talento que teve suas mãos e pescoço decepados. A tribuna nunca foi encharcada com o sangue de um débil advogado. ‘Ó Roma, você tem sorte, nasceu em meu consulado.’ Poderia ter rido das espadas de Antônio se tudo o que ele disse tivesse sido assim. Eu classifico seus versículos ridículos sobre você, as imortais *Filípicas*, ao lado do primeiro da lista, com sua reputação distinta]” (Nossa tradução). **Nota da Tradutora: Marcus Tullius Cicero escreveu ataques incisivos contra Marco Antonio para evitar que ele subisse ao poder depois do assassinato de César por Brutus, em sua obra *Filípicas*. As Sátiras de Juvenal estão disponíveis em inglês em: https://www.loebclassics.com/view/juvenal-satires/2004/pb_LCL091.377.xml. Para mais informações sobre Cícero e a obra mencionada, visitar: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-956L4E/1/exemplar_definitivo.pdf. Acesso em: 29 jul. 2021.

(p. 218) *Irás do Hélicon*⁴⁴⁷ à conquista

Melhor do que o mau poeta Cervantes,

Onde não lhe servirá de nada ser autor do Quixote.

“Esse par de exemplos confirmarão as verdades que te disse. Então, filho, pense bem e resolva o que farás no mundo, porque o objetivo é que não permaneças preguiçoso e sem poder.

Meu pai foi embora e eu fiquei atordoado, sem entender nada do assunto abordado, porque não entendi a solidez de sua doutrina. No entanto, entendi que ele gostaria que eu decidisse por um ofício ou profissão que me desse o sustento pelo resto da vida. Mas, não dei importância à conversa.

Dos sete dias, dos oito que recebi como prazo para resolver meu futuro, não fiz mais do que visitar meus amigos e passear, como sempre fiz, sob o consentimento de minha mãe. Mas, no oitavo dia, meu pai deu-me um lembrete, desse modo:

– Pedrinho, já sabes o que me dirás essa noite sobre o assunto que conversamos faz oito dias? – Na hora, lembrei-me do combinado e fui conversar com meu amigo a quem queria pedir conselho.

Efetivamente, achei ele em casa! Mas, olhe o tipo de amigo que elegi! Igual aos outros que eu tinha, como eu mesmo era, do tipo garotos malcriados. Seu nome era MartínPelayo. Ele era um bicho, um ponto menos pior do que João Dotado. Tinha entre 19 e 27 anos. Era mais jogador do que o famoso Birján⁴⁴⁸, mais namorador do que Cupido, (p. 219) mais dançarino do que Batilo⁴⁴⁹... e mais tolo do que eu, porém, o maior zangão da melhor colmeia.

Mesmo com essas incompetências, ele estudava para ser *padre*, como costumava dizer, com tanta vocação, naquele tempo, para ser sacerdote, quanto eu tinha para verdugo. No entanto, já tinha sido tonsurado e usava as vestes clericais,

⁴⁴⁷ *Nota da Tradutora: Monte onde musas das artes habitam. É desse lugar que a inspiração humana provém. Para mais informações, visitar: <https://jeocaz.livejournal.com/54353.html>. Acesso em: 29 jul. 2021.

⁴⁴⁸ **Nota da Tradutora: A nota 187 da edição de 2008 (p. 218) explica que *Birján* é a pronúncia corrompida de Vilhán, personagem que, acredita-se, inventou e difundiu o jogo de baralho. Para mais informações, visitar: <http://www.villadeorgaz.es/orgaz-textos-literarios-fajardo.html>. Acesso em: 01 ago. 2021.

⁴⁴⁹ Transcrição da nota 188 da edição de 2008 (p. 219): “Batilo, de acordo com Moreri, em seu *Dicionário*: ‘Mas Pylades, natural da Sicília, e Bathylo de Alexandria, passaram por Roma nos tempos de Augusto. Inventaram a dança chamada de Italica [...] Pylades destacou-se nos temas trágicos e Bathylo nas comédias ou satíricas’” (Nossa tradução).

porque (p. 219) seus pais tinham-no forçado a entrar na clerezia, da mesma forma que um prego é encaixado na parede, a marteladas. E isso fizeram para não perder o rendimento de dois terrenos para benefícios eclesiásticos, ou capelanias⁴⁵⁰, de alto valor, que receberam como herança. Sempre estarei contra os morgados e capelanias recebidos como herança! Mesmo assim, esse foi o exímio doutor, o homem entrado em idade e sábio virtuoso que elegi para consultar sobre o assunto de minha futura profissão. E já vereis quão bem eu cumpriria as boas intenções de meu pai. E aconteceu assim como vos conto em seguida.

Logo após lhe informar sobre minhas dúvidas, eu contei parte do que meu pai predicara a mim. Ele se riu e me disse:

– Não precisa perguntar-me sobre isso. Estuda para clérigo como eu, que é a melhor opção, e fecha os olhos. Olha, um clérigo é bem-visto em todas as partes. Todos o veneram e respeitam, mesmo que seja um tolo. Até seus defeitos são-lhe dissimulados. Ninguém se atreve a chamá-los com zombarias nem a contradizê-los em nada. Reservam para eles o melhor lugar no baile, no melhor jogo. Ele não sofre desprezos, inclusive, no estrado das *señoras*. Jamais te faltará dinheiro, mesmo que seja oriundo de uma missa mal proferida em sua carreira. Portanto, estuda para ser clérigo e não sejas tolo.

“Para que tu vejas, no outro dia, em um estabelecimento de apostas, decidi ganhar uma jogada. Mesmo que com uma carta desfavorável na mão, apostei com firmeza, quer dizer, com meu dinheiro e com o dos outros. O dono insistiu e reclamou, e com razão, pois o jogo era dele, mas eu gritei, fiquei encolerizado, jurei, peguei o dinheiro e sai para a rua... Ninguém disse (p. 220) nada para me contrariar, pois todos acharam que, no mínimo, eu fosse diácono. Então, tu podes imaginar que, se isso tivesse acontecido ao me fingir de médico ou advogado secular, teria saído dali pelado

⁴⁵⁰ *Nota da Tradutora: A segunda acepção do *Diccionario panhispánico del español jurídico* (2020) traz a definição do direito canônico: “Destino perpétuo de uma massa de bens e rendas outorgadas ao fundador com a finalidade de fazer cumprir com esses fundos alguns encargos piedosos, em geral, celebrar missas em um altar ou capela. Daí provém o nome *capellanía* [Nossa tradução: capelania]. Essa figura foi suprimida no direito atual. As *capellanías* podiam ser erigidas sob a base dos bens eclesiásticos por um bispo, e, nesse caso, eram similares a um benefício. Se o dote era de propriedade privada (*capellanías* laicas), a competência do ordinário (pessoa que não forma parte da igreja) reduzia-se ao dever de vigiar o cumprimento dos encargos” (Nossa tradução). Desta última informação, entendemos o interesse dos pais de Martín Pelayo, de continuar usufruindo, por meio do filho que assumiria a *capellanía*, as rendas que herdaram. A definição do *Diccionario panhispánico del español jurídico* encontra-se em: <https://dpej.rae.es/lema/capellan%C3%ADa>. Acesso em: 01 ago. 2021.

ou teria (p. 220) se armado um grande escândalo, do qual não sairia livre. Por isso, digo que estudes para ser clérigo e não penses em outra coisa.

Eu lhe respondi:

– Gostei de tudo isso e fiquei bem convencido, mas meu pai disse que, para ser sacerdote, preciso estudar teologia, cânones, leis e medicina. E eu, para dizer a verdade, não acho ter os talentos suficientes para isso.

– Ora! Não sejas néscio – respondeu-me Pelayo. – Não é necessário tanto estudo nem trabalho para ser clérigo. Tens capelania?

– Não tenho – disse-lhe eu.

– Mas isso não faz falta – continuou ele. – Escolha ordenar-te, pelo menos, como especialista em línguas⁴⁵¹. É uma pena, porque os coitados dos vigários acabam como criados dos curas. Eles até, inclusive, devem preparar-lhes a cama. Mas tudo isso é pouco com respeito às vantagens que podes receber. E, no que toca ao mencionado por teu pai, sobre a necessidade de estudar teologia ou cânones para ser clérigo, não precisas acreditar nisso. É suficiente saber umas quantas definições do Ferrer⁴⁵² ou do Lárraga⁴⁵³.

“E se estudas alguma coisa de Cliquet⁴⁵⁴ ou do *Curso salmanticense*⁴⁵⁵, (p. 221), então até serás um teólogo moralista consumado, serás um Sêneca para o

⁴⁵¹ **Nota da Tradutora: Para entrar para as ordens menores do sacerdócio, os candidatos deviam passar por uma prova escrita. Essa prova era necessária, inclusive, para ser nomeado como apto a receber os rendimentos da capelania. Passar para uma ordem, a título de línguas, significa que o candidato a clérigo das ordens menores deveria comprovar fluidez em um idioma indígena, o qual lhe serviria, no futuro, de sustento. Para mais informações, visitar: <https://www.redalyc.org/pdf/833/83301107.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁴⁵² **Transcrição da nota 190, da edição de 2008 (p. 220): “Vicente Ferrer (1675-1738), dominicano espanhol conhecido amplamente por suas obras. Além de *Opusculum teologicum* [Nossa tradução: Pequeno tratado teológico] (1725) e *Epitome cursus Theologici al mentem divi Thomae Doctoris Angelici* [Nossa tradução: Curso de Teologia resumido à mente do doutor Angelico] (1720-1730), sua obra principal é *Summa moral para examen de curas y confesores* [Nossa tradução: Suma moral para exame de curas e confesores], editado por José Tomás Lucas. (1736)” (Nossa tradução).

⁴⁵³ **Transcrição da nota 191, da edição de 2008 (p. 220): “Frade domínico que deu aulas na Universidad de Pamplona a inícios do século XVIII. Seu *Promptuario de la Theología Moral* foi um texto amplamente utilizado para a formação de sacerdotes desde 1700. [...] Spell [1971] chama a atenção para a opinião de Fernández de Lizardi com respeito a essa obra, pois o sistema proposto de perguntas e respostas não lhe parece adequado. [...]” (Nossa tradução).

⁴⁵⁴ **Transcrição da nota 192, da edição de 2008 (p. 220): “José Faustino Cliquet [1673-1760], sacerdote espanhol da ordem dos agostinhos, cuja obra mais conhecida e difundida foi *La flor del moral, esto es lo más florido y selecto que se halla en el jardín ameno y dilatado campo de la Theología moral* [Nossa tradução: A flor da moral, isto é o mais florido e seletto que se encontra no jardim ameno e dilatado campo da teologia moral]” (Nossa tradução).

⁴⁵⁵ *Transcrição da nota 193, da edição de 2008 (p. 221): “*Cursus Salmanticensis*: com esse nome, era conhecido o curso de teologia ditado na Universidad de Salamanca. Dele, fizeram-se múltiplas edições

confessionário (p. 221) e um Cícero para o púlpito, já que poderás resolver os casos coincidentemente mais difíceis que venham a acontecer. Predicarás com mais séquito do que os Masillones e Burdalúes⁴⁵⁶, que foram grandes oradores, segundo disse meu professor catedrático... porque eu nem os conheço.

– Mas, companheiro, a verdade é – comentei-lhe – que eu acredito que não seja bom para sacerdote porque gosto muito das mulheres. E, de acordo com essa profissão, eu acho que me daria melhor estando casado.

– Periquito, tu és um tolo! – respondeu-me Pelayo. – Não vês que essas são tentações do demônio para te afastar de um estado tão santo? Consideras que apenas ao ser clérigo poderás pecar pelos caminhos da vida? Não, meu amigo, também os seculares, e mesmo os casados, pecam nesse sentido. Além do mais, pouco interessa isso. Mas, quero que abras os olhos para esse assunto. Faz-te padre, homem, recebe-te na ordem e não te crie problemas desnecessários. Depois tu me agradecerás pelo bom conselho.

Despedi-me de meu amigo, e fui direto para casa com a resolução de ser clérigo, acontecesse o que acontecesse, porque o que Martim Pelayo pintou-me pareceu-me promissor.

Chegou a noite, e meu bom pai, que estava com o assunto pendente, com o intuito de me dar o melhor, chamou-me para seu escritório e disse-me:

– Hoje, cumpriu-se o prazo para tua consulta e para que escolhas a carreira das ciências ou das artes que (p. 222) seja melhor para nela investirmos, meu filho. Eu não gostaria de ver-te perdendo teu tempo. Diga-me, pois: o que decidiste, o que planejas fazer?

– Pai – respondi-lhe –, resolvi ser clérigo.

entre os séculos XVII e XVIII: *Collegii Salmanticensis Ff. Dicalceatorum B. Mariae de Monte Carmeli. Primitivae Observantiae, Cursus Theologicus Tribus tractatibus...* Lugduni, Sumpt. Joannis Antonii Huguetam et Soc., 1979. 14 volumes” (Nossa tradução).

⁴⁵⁶ **Transcrição da nota 194, da edição de 2008 (p. 221): “Jean-Baptiste Massillon (1663-1742) e Louis Bourdaloue (1632-1704) foram grandes oradores franceses dos séculos XVII e XVIII. Masillon fez fama por seus sermões na igreja de Saint Honoré, em Paris. Também foi comparado com Bossuet (1627-1704). Quanto a Bourdaloue, ele chegou a ser considerado o ‘rei da oratória’ por sua força de convicção e pensamento sólido. Seus sermões foram coletados em 12 tomos” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Acreditamos que seja Jacques-Bénigne Lignel Bossuet, bispo e teólogo francês, uma das principais figuras do absolutismo de sua época. Foi considerado o maior de todos os oradores sacros. Para mais informações sobre Bossuet, visitar: https://www.ebiografia.com/jacques_bossuet/. Acesso em: 02 ago. 2021].

(p. 222) – Muito bem – disse-me meu pai –, mas não tens capelania. Nesse caso, é necessário estudar uma língua indígena, como *mexica*, *otomi*, *tarasco*, *matzagua* ou outra, para, assim, ser vigário e para que possas administrar para aqueles pobres os santos Sacramentos nas comunidades. Entendes a magnitude da tarefa?

– Sim, pai – respondi-lhe desse modo porque me era mais fácil dizer que sim, e não porque sabia dos deveres que correspondiam aos vigários.

– Pois, então, agora é fundamental, também, que saibas – acrescentou ele – que deverás ir, sem protestos, para onde teu superior te enviar. Isso mesmo que o lugar seja o pior povoado de terras quentes, mesmo não gostando ou porque seja prejudicial a tua saúde, porque se passas por mais trabalhos em tua carreira de vigário, maiores serão os méritos obtidos para que chegues, algum dia, a ser cura.

“Nos povoados de que falo, faz muito calor e há pouca ou nenhuma possibilidade de trato com pessoas de nossa sociedade que não sejam indígenas chucros. Lá, terás de sofrer, a cavalo e a toda hora, durante as confissões, ardentes sóis, fortes chuvas e contínuas noites sem dormir. Lutarás sem parar contra escorpiões, carrapatos, ácaros, piolhos, mutucas, pernilongos e outros insetos venenosos desse tipo, que sugarão teu sangue em pouco tempo. Será um milagre que não passes febres (p. 223) ou sezões, seguidas de uma icterícia consumidora. No meio desses trabalhos, se te encontras com um cura tético, tolo e rabugento, terás um vasto campo onde exercitar tua paciência; e se te deparas com um preguiçoso e *bon vivant*, carregará sobre ti todo o trabalho, enquanto ele ficará com os avultados salários. Então, isso é ser sacerdote e se ordenar a título de língua ou administração. Tens certeza de que gostas disso?

– Sim, pai – respondi-lhe para cumprir com a obrigação, pois, na verdade, o que ele disse esfriou minha vontade. Ele falou muitas verdades sobre os trabalhos e a vida desfavorável que os vigários passam. Mas, eu dizia a mim mesmo: será que já de cara irei parar num lugar como esses, quente e ruim? Agora, essa coisa de já ter escorpiões, moscas e outras alimárias selvagens, como afirma meu pai; que já terei febres e sezões; que logo todos os curas a quem servirei serão preguiçosos e rabugentos... Acho que não dará em nada disso. Talvez não seja assim, mas que acharei um bom povoado e um bom cura, ficarei passeando, com dinheiro e, em apenas dois anos, conseguirei um curato opulento, descansarei, deixando o trabalho

para meus (p. 223) vigários, enquanto eu poderei descansar e viver uma vida com todas as comodidades.

Eu, solitariamente, calculava minha fortuna, enquanto meu pai foi para a porta chamar uma criada para que lhe trouxesse tabaco. Logo, voltou e se sentou para continuar a conversa comigo, assim como segue:

– De modo que, Pedrinho, supondo que já resolveste ser clérigo, o que queres estudar, cânones ou teologia?

Fiquei surpreso, porque, assim como eu adorava ter dinheiro sem fazer nada, como todo preguiçoso, repugnava-me estudar e ter de fazer toda forma e todo gênero de trabalho. Fiquei calado um tempinho, e meu pai, percebendo minha preocupação, disse-me:

– Quando decidiste te dedicar à Igreja, já pensaste no tipo de estudos que deverás abraçar? Por tua reação, ainda não tens essa resposta. Diga-me, então, o que estudarás? Cânones ou teologia?

Eu, muito sério, respondi-lhe:

– Pai, (p. 224) na verdade, não gosto de nenhuma delas, porque acredito não conseguir aprendê-las, pois são muito difíceis. O que eu quero fazer é estudar moral, porque fiquei sabendo que, para ser vigário, ou pelo menos um triste cura, isso é suficiente.

Meu pai pôs-se de pé ao ouvir isso, apreensivo, caminhou pensativo pela sala e disse-me:

– Olha! Essas opiniões erradas são as que corrompem os jovens. É assim que perdem o amor aos estudos. Assim é que eles se extraviam e se jogam no abandono. Daí é que retiram ideias, das mais mesquinhas, e abraçam a carreira eclesiástica porque acreditaram que esse ofício é fácil de aprender, e que ele é o que recebe mais auxílio e que necessita de menos estudos. De fato, apenas estudam quatro definições e quatro casos, dos mais simples, da moral, assistem a um sínodo, e, se nele, por acaso, conseguem acertar a resposta a alguma questão estudada de caráter religioso, em um instante viram presbíteros e passam a fazer parte do número de idiotas, trazendo descrédito ao Estado.

E, olhando para mim, disse-me:

– Efetivamente, filho, conheço vários vigários cheios dessa detestável máxima que te incutiram, que afirma não ser necessário ser estudioso para exercer o

sacerdócio, e observo (p. 224) que alguns, infelizmente, deixaram de ser camponeses⁴⁵⁷ para tomar o cálice, ou tiraram suas vestes de tropeiros para usar a casula. Esses arremeteram-se⁴⁵⁸ e se meteram naquilo a que não foram, de fato, chamados. Mas, Pedro, não penses que uma mal mastigada gramática e uma moral mal digerida sejam suficientes, como pensas, para ser um bom sacerdote e exercer, com dignidade, o terrível cargo que cura as almas. Sei muito bem que houve tempos em que (como se refere o abade Andrés⁴⁵⁹ em sua história da literatura) (p. 225) os estudos na Europa decaíram tanto que quem apenas soubesse ler e escrever já se considerava possuidor do que se precisava para ser sacerdote. E se, por fortuna, o candidato soubesse um pouco do cantochão⁴⁶⁰, passava a ter a posição de doutor. Mas, quem duvida de que a Santa Igreja não ficaria com essa ignorância geral, e que ela mesma condescenderia com a inépcia desses ministros pela obscuridade da época, pela falta de sujeitos adequados, e porque não deveria faltar o alimento espiritual ao povo? E, desse modo, em troca de que seus filhos não perecessem de fome, pela graça de Jesus Cristo, o pão tão abundante teve de ser confiado a mãos

⁴⁵⁷ *Nota da Tradutora: O texto em castelhano menciona o ofício que usa as cabaças de *acocote*, utilizadas tradicionalmente para extrair o doce líquido do agave, que é a base da bebida alcoólica tradicional *pulque*. Trata-se de uma cabaça oca alongada por cujo extremo mais estreito é inserido a ponta do chifre do boi. É feito outro buraco na base, que servirá para a pessoa sugar com a boca o ar de maneira a encher a cabaça. Para mais informações, visitar: <https://xdoc.mx/documents/acocote-calabazo-hueco-con-el-que-se-extrae-el-aguamiel-del-5f53f6394ce86>. No seguinte *link*, o leitor poderá observar uma ilustração do momento em que é utilizado esse instrumento artesanal: <https://lh3.googleusercontent.com/KNg988k9l4v07PGNK2ZIOyzK4rk-oyk3Lp5DmrNU3OsE2bf1dgOzPjQP1T30WrfVyn3B5oo78K6Rew5Z=w1080-h608-p-no-v0>. Ambos com acesso em: 03 ago. 2021.

⁴⁵⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *echarse con las petacas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 224). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 468), a expressão coloquial significa: “afrouxar, arredar, desmaiar. Também se diz do animal cansado ou da pessoa preguiçosa que resiste a trabalhar” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/468/mode/2up?view=theater&q=petacas>. Acesso em: 22 jul. 2021.

⁴⁵⁹ **Transcrição da nota 203 da edição de 2008 (p. 224): “Juan Andrés (1740-1817), além de obras religiosas e filosóficas, organizou um quadro sintético da história literária em *Origen, progreso y estado actual de toda la literatura* – [Nossa tradução: Origem, progresso e estado atual de toda a literatura] – (1806), obra escrita em italiano pelo abade D. Juan Andrés, e traduzida ao castelhano pelo padre D. Carlos Andrés em Madri, por D. Antonio de Sancha 1784, 10 volumes. A essa edição, refere-se Lizardi. A obra gozou de grande fama no século XIX. Na página 185 dela, afirma-se: ‘A escassez de livros, a falta de mestres, a universal barbárie, a corrupção dos costumes, e até a própria paz da Igreja, inabalada pelas tempestades das heresias, tudo contribuiu para manter o Ocidente numa profunda letargia e numa ignorância cega’” (Nossa tradução).

⁴⁶⁰ *Nota da Tradutora: De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, o cantochão, ou *canto llano*, em castelhano, na primeira acepção, define-se como: “1. Litu. Mús. Canto litúrgico católico, entoado por homens, a uma só voz, sem ritmo fixo e com melodia calcada na recitação das orações e outros textos; canto gregoriano”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/cantoch%C3%A3o>. Acesso em: 05 ago. 2021.

grosseiras, (p. 225) e teve de se encomendar, impreterivelmente, a administração da Vinha do *Señor* a uns operários incapazes.

“Contudo, assim como naquele tempo foi um erro grosseiro dizer que era suficiente saber ler para ser digno das sagradas ordens, mesmo que assim tenha acontecido, do mesmo modo ocorre hoje ao se afirmar que, para obter tão alta dignidade, *basta* um pouco de gramática e outro pouco de moral, por mais que muitos não tenham nada além desses poucos conhecimentos. Quando tais sujeitos se ordenam, então, temos a evidência clara de que a Igreja ainda tolera isso, porém não deseja que isso assim seja.

“Pelo contrário, a Igreja sempre almejou que os ministros do altar fossem plenamente dotados de conhecimento e virtude. O Sagrado Concílio de Trento determina “que aqueles que são ordenados conheçam a língua latina, que tenham sido instruídos em letras. Deseja que o mérito e a instrução cresçam neles conforme passe a idade; designa que sejam idôneos para o ensino dos Sacramentos e para ensinar ao povo. E, por último, ordenou estabelecer os seminários, onde sempre um número de jovens seja instruído na disciplina eclesiástica. A igreja deseja que eles aprendam gramática, canto, cômputo eclesiástico⁴⁶¹ e outras competências úteis e honradas. Ela quer que memorizem as Sagradas Escrituras, os livros eclesiásticos, as homílias dos santos e as fórmulas para ensinar os Sacramentos, (p. 226) especialmente no que toca a ouvir as confissões e os outros ritos e cerimônias. De tal modo que esses colégios possam ser estabelecimentos de formação perene para os ministros de Deus⁴⁶²” (Sessão 23, capítulos 11, 13, 14 y 18).

“Assim vês, meu filho, como a santa Igreja quer, e sempre quis, que seus ministros fossem dotados da maior sabedoria, e isso é justo, por que sabes o que é e o que deve ser um sacerdote? Tenho certeza que não. Bem, escute-me, então: um sacerdote é um sábio da lei, um doutor da fé, o sal da terra e a luz do mundo. Analise agora se quem se limita a saber gramática e um pouco de moral desempenhará essa função e sequer se será merecedor desses títulos. E pondere se, para obter

⁴⁶¹ Nota da Tradutora: O cômputo eclesiástico, de acordo à *Enciclopédia Católica Popular*, é o “Conjunto dos cálculos que permitem determinar, em cada ano, a data da Páscoa e das outras festas móveis do calendário litúrgico”. Disponível em: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=380. Acesso em: 07 ago. 2021.

⁴⁶² Nota da Tradutora: A citação foi retirada do texto *El sacrosanto y ecuménico Concilio de Trento* (1785). Para mais informações, rever o capítulo IV, nota 344 de nossa tradução.

dignamente (p. 226) um cargo que exige tanto conhecimento, com tão pouco será o suficiente ou se sobrar, e isso se supondo que o domine bem. O que será dele se for ordenado com uma gramática mal mastigada e um código moral mal aprendido?

“Por outro lado, vemos tantos sacerdotes sábios e virtuosos que, velhos, doentes e cansados, com as cabeças trêmulas e brancas pela idade e pelo estudo, ainda não soltam os livros das mãos; ainda não compreendem suficientemente os arcanos da teologia; ainda sentem que muitos lugares da Bíblia Sagrada são obscuros quando tentam decifrá-los; ainda confessam ser sempre discípulos dos Santos Padres e dos homens eruditos da Igreja e se reconhecem indignos do carácter sagrado que os condecora. Como devemos avaliar a alta dignidade do sacerdócio? E como nos convenceremos do grande fundo de santidade e sabedoria que um estado tão sublime exige daqueles que são seus súditos?

“E se, depois dessas sérias considerações, olharmos para a direção oposta, e virmos como muitos jovens entram, calma e alegremente, no *Sancta Sanctorum* com quatro olhadas à obra do Nebrija e outras tantas à do Padre Lárraga, se virmos que alguns tão logo sejam ordenados presbíteros⁴⁶³ não consultam novamente esses dois pobres livros e, pior, nem sequer o Breviário.

(p. 227) “E, por último, se sairmos da capital e das cidades onde se localizam as dioceses e os conselhos, e virmos nessas cidades de Deus atos escandalosos e mesmo inacreditáveis de ignorância⁴⁶⁴, se ouvirmos nesses púlpitos disparates que não estão nas Santas Escrituras, que julgamento devemos formar desses ministros? Qual é sua virtude? E no que respeita à retidão na administração espiritual das

⁴⁶³ Nota da Tradutora: A palavra *presbítero*, para a Igreja Católica, tem o significado de “ancião” ou “senhor”, quer dizer, um líder encarregado de supervisionar uma comunidade cristã local, ou congregação. Para mais informações, visitar: <https://religiao.culturamix.com/curiosidades/o-que-e-presbitero-na-igreja-catolica/>. Acesso em: 07 ago. 2021.

⁴⁶⁴ Nota do Autor: “Aconteceu como segue. Em um lugar da Espanha, o exímio Dom Suárez foi fazer a confissão antes de celebrar a missa, e o miserável vigário era tão ignorante em assuntos de penitência que não conhecia a fórmula para a absolvição. O próprio penitente [Dom Suárez] teve de escrever para ele, como se faz com alguém que deve recitar uma informação que não conhece. Enfim, com essa ajuda, nosso vigário absolveu o referido padre, que, depois de ter terminado sua missa, foi ver o cura, muito escandalizado, e com razão, e deu-lhe um relato completo do que tinha acontecido. Mas, para surpresa desse teólogo, ouviu o cura dizer-lhe com muita calma: – Padre, esse vigário é um tolo, já lhe disse várias vezes para não participar na absolvição, mas para ouvir as confissões e encaminhar os penitentes para mim, porque eu os absolverei. Reconheço que este caso parecerá incrível, mas, assim, para aqueles que não deixaram o México ou outras cidades. Mas, aqueles de nós que caminharam pelos povoados distantes das mitras [refere-se ao corpo eclesiástico da Igreja], acreditamos nele como se o tivéssemos testemunhado pessoalmente, porque já tivemos outros casos mais miseráveis nessa linha. Eu poderia citar alguns, se não fossem tão recentes” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 227, nota de rodapé b) (Nossa tradução).

peçoas (p. 227) infelizes confiadas a sua responsabilidade? Ah! Se fôssemos calcular o mal causado, seria necessário dizer o que Enéas disse a Dido ao lhe contar os infortúnios de Tróia. Quem reprimirá as lágrimas ao contar tais desastres?

Nesse momento, meu pai pegou em seu relógio e disse-me:

– Nesta noite, tivemos uma longa conversa, mas ainda não lhe disse tudo o que precisava dizer-te sobre tão interessante assunto. No entanto, vamos deixá-lo para amanhã, pois são agora dez horas, e tua mãe nos aguarda para jantarmos juntos. Vamos.

(p. 228) Capítulo X

O pai do Periquitinho termina de lhe dar sua lição. Este resolve estudar teologia. Negligencia os estudos. Seu pai deseja inseri-lo, então, em um ofício. Ele resiste a essa decisão. Referem-se a outras coisas menos importantes

Naquela noite, depois da conversa, jantamos com muita alegria, como sempre, e fomos nos deitar, como todas as noites. Eu fiquei pensando no que meu pai acabara de me dizer, e não podia deixar de reconhecer que ele tinha falado verdades, porque existem realidades que entram pelos olhos, embora não as queiramos reconhecer. Ainda assim, eu, mesmo convencido pelas razões ouvidas, não consegui decidir-me entre estudar cânones ou teologia, como meu bom pai tentou me orientar, porque, do mesmo modo como eu gostava da vida livre e indolente, também o trabalho era para mim um incômodo. Finalmente dormi, calculando como conseguiria virar clérigo para ganhar dinheiro sem trabalhar, e, desse modo, evadir-me das boas intenções de meu pai. Esses assuntos tiram o sono dos jovens e eles não reconhecem que planejam, assim, sua própria ruína.

No dia seguinte, depois que meu pai voltou da missa, pediu-me para que conversássemos em seu quarto. Ele me disse:

– Não quero que nos esqueçamos de nossa conversa de ontem à noite. Como eu disse, Pedro, os povos padecem muito quando curas e vigários são ignorantes e imorais, porque jamais as ovelhas estarão em segurança ou bem cuidadas sob o poder desses pastores insensatos ou negligentes. Tudo isso que eu disse para ti é para te comprovar que a sabedoria nunca sobra em um sacerdote, e, mais ainda, se ele estiver a cargo do cuidado dos povos. Escute-me para teres clareza do que é minha doutrina.

(p. 229) Nos povoados, pode haver, e certamente em muitos há, algumas almas místicas que aspirem à perfeição pelo caminho mais usual, que é o da oração mental. Qual é a orientação que um padre vigário, semileigo, poderia dar a uma dessas almas quando, por negligência ou inaptidão, não apenas não estudou a respectiva teologia, mas, também, nem sequer viu a capa de alguma das obras de Santa Teresa, da

Lucerna (p. 229) *mística*, do padre Ezquerria⁴⁶⁵, dos *Desengaños místicos*, do (p. 229) padre Arbiol⁴⁶⁶, e, talvez, nem mesmo tenha lido Kempis⁴⁶⁷, nem sequer Villacastin⁴⁶⁸?

“Como poderia, aquele que ignora os caminhos, orientar uma alma virtuosa e abstrata? Como poderia sondar seu espírito e distinguir se ela é uma alma iludida, ou verdadeiramente favorecida, quando não sabe quais são as vias purgativas, iluminativas, contemplativas e unitivas⁴⁶⁹, se ele ignora a diferença entre as revelações, os êxtases, o arrebatamento e os raptos espirituais? Como auxiliar, quando é surpreendido, novamente, sem saber o que são consolações e sequelas? Como atuar quando for surpreendido ao ouvir as vozes do ósculo santo, abraço divino e o desposório espiritual⁴⁷⁰? Como agir (para que não te seja demais cansativo o (p. 230) que não entendes) quando se ignora, totalmente, os primores com que opera a graça divina nas almas espirituais e devotas, não é mesmo?

⁴⁶⁵ **Transcrição da nota 206, da edição de 2008 (p. 229): “Josephi López Ezquerria, *La lucerna mystica prope directoribus animarum*, editada por Caesar Augusta, Paschasius Bueno, Regni Aragonum, 1691. Foram feitas várias edições dessa obra no século XVIII, dentre elas, duas em Veneza, em 1733 e 1750. Ver Spell ([1971], p. 155)” (Nossa tradução).

⁴⁶⁶ **Nota da Tradutora: Padre Antonio Araviol (1651-1726), examinador do Sínodo de Saragoça, escreve os *Desengaños místicos* – [Nossa tradução: *Desilusões místicas*], cuja terceira edição é publicada em Zaragoza, em 1713. A ela se refere Ruiz Barrionuevo (2008), comentando que, pelas várias edições da obra, ela foi muito difundida. Ruiz Barrionuevo cita Spell ([1971], p. 155), que informa que Fernández de Lizardi utiliza essa obra como base para as questões místicas discutidas a partir deste ponto do romance.

⁴⁶⁷ **Transcrição da nota 208, da edição de 2008 (p. 229): “*Kempis o Imitación de Cristo* – [Nossa tradução: *Kempis ou Imitação de Cristo*] – é um livro de devoção ascética para instruir a alma na perfeição cristã. Ele foi publicado, anonimamente, em 1418, mas é atribuído a Tomas de Kempis [também conhecido pelos nomes Tomás de Kempen, Thomas Hemerken, Thomas à Kempis ou Thomas von Kempen]. Na Espanha, a obra foi amplamente conhecida por meio de suas traduções feitas pelo frade Luis de Granada (1538) e pelo Padre Nieremberg (1656)” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Em língua portuguesa, houve várias edições dessa obra. Para mais informações, visitar: <https://historiadaigreja-com.webnode.com/p/tomas-de-kempis-1379-1471-/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

⁴⁶⁸ Transcrição da nota 209, da edição de 2008 (p. 229): “Refere-se ao *Manual de consideraciones y ejercicios espirituales para saber tener oración mental* – [Nossa tradução: *Manual de considerações e exercícios espirituais para saber como alcançar a oração mental*], de Tomás Villacastín (1570-1649), jesuíta. A segunda edição da obra, impressa em Valladolid, em 1612, melhorada e ampliada pelo próprio autor, foi reimpressa várias vezes. Spell ([1971], p. 156) aponta que os registros sobre a divulgação do livro, no México, encontram-se em *Jaculatorias perpetuas para el uso de los discípulos de la santa Escuela de Christo Señor Nuestro...* proveniente das meditações do sacerdote Tomás de Villacastín, México, 1787” (Nossa tradução).

⁴⁶⁹ Nota da Tradutora: Segundo Frye (2004), trata-se das vias místicas para a união com Deus, de acordo com os ensinamentos de Santa Teresa de Ávila (1515-1582), em seu *O castelo interior* ou *As moradas* (1577). Para mais informações sobre as vias da vida cristã, visitar: <http://ictys.blogspot.com/2017/07/pe-reginald-garrigou-lagrange-sobre-as.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.

⁴⁷⁰ Nota da Tradutora: Chama-se ‘desposório espiritual’ ao compromisso feito entre Jesus e uma alma, aceitando-a como esposa. Para mais informações, visitar: <https://formacao.cancaonova.com/series/caminho-espiritual-e-as-moradas/reflita-sobre-sextas-moradas-e-uniao-extatica/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

(p. 230) “Não sabes tu que, se te pusesses a levar um navio para Cádiz⁴⁷¹, para Cavite⁴⁷² ou a outro porto qualquer, orientando-te apenas pelos faróis que se tem para pilotar (que são quase nenhum), com certeza levarias a infeliz embarcação que a ti confiaram direto a um banco de areia, a um arrecife ou a um golfo, sem chegar jamais ao porto do destino?”

“Esse exemplo debes compreender, porque a comparação é muito simples. O mesmo acontece aos infelizes vigários, chamados sem piedade de *Lárragos*⁴⁷³, pois apenas sabem absolver pecadores comuns, como os indígenas que não sabem mais do que andar de canoa pelo Iztacalco⁴⁷⁴. Tais vigários, os coitados, são cegos, e as almas que aspiram a entrar pela via da perfeição – os indígenas – também, por sua vez, são cegas e necessitam de um bom guia que as oriente. Não acharão esse guia nos diretores modorrentos, e acontece que ou essas almas abandonam o interesse ou, simplesmente, extraviam-se (a menos que um favor especial da graça ocorra). Esses guias ou ficam confusos ou se precipitam nos erros da ilusão que lhes são confiados pelas almas cegas.

“Essa é uma verdade terrível, mas é, também, uma verdade que um sacerdote sábio não nega. O que eu vejo (e que é confirmado por minha opinião particular) é que os sacerdotes virtuosos, santos, doutos são muito escrupulosos para tomarem a confissão e orientarem as freiras e a outras almas espirituais. Quando o fazem, são eficazes em sua orientação, sem deixar que elas se afastem da senda da doutrina e da prudência. Além disso, consultam-se, nesses casos, com o teólogo por essência, quer dizer, a Deus, durante todos os seus momentos de oração. Ao saberem que devem fazer todos os esforços humanos que estejam a seu alcance para que o façam

⁴⁷¹ **Nota da Tradutora: Cádiz foi um porto importante durante muito tempo. Inclusive, nesse lugar, instalaram-se as Cortes de Cádiz, que promulgaram a Constituição de 1812. Para mais informações, visitar: <https://www.lavanguardia.com/historiayvida/edad-moderna/20200105/472672125345/cadiz-siglo-xviii-comercio-indias.html>. Acesso em: 12 ago. 2021.

⁴⁷² **Nota da Tradutora: Cavite é um porto na baía de Manila, Filipinas.

⁴⁷³ **Nota da Tradutora: Graças à biografia de Benito Juárez (Sánchez Vázquez, [2010], p. 129), entendemos que ser chamado pelo apelativo *Lárrago* não é positivo, pois: “Tinha-se um conceito ruim dos sacerdotes que apenas estudavam gramática e teologia moral. Por esse motivo, eram ridicularizados, recebendo os apelidos de *Padres de misa y olla* [Padres de missa e panela] ou *Lárragos*. O primeiro nome, por sua ignorância e porque recitavam a missa para subsistir e não lhes era permitido pregar ou exercer funções que requeriam alguma instrução ou aptidão. Eram chamados de *Lárragos* porque apenas estudavam a teologia moral do Padre Lárraga [*Prontuario de la Teologia Moral* – [Nossa tradução: Prontuário da Teologia Moral] – (1801)]” (Nossa tradução). Disponível em: http://sistemabibliotecario.scjn.gob.mx/sisbib/po_2010/65950/65950_2.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.

⁴⁷⁴ Transcrição da nota 210, da edição de 2008 (p. 230): “O canal da Viga, que passa pelo povoado, era uma via comercial pela qual atravessavam canoas cheias de produtos hortícolas” (Nossa tradução).

bem, consultam, (p. 230) também, a outros homens sábios e espirituais sobre as dúvidas que têm. Isso vejo e é o que me faz crer na importância que tem a necessidade de ter sucesso na direção espiritual dessas almas místicas, confiadas a alguns coitados clérigos, quase que leigos, que mal sabem o que é necessário para recitar a missa e para absolver o penitente em virtude da promessa de Jesus Cristo.

“Desse modo, meu filho, estou muito convencido de que, se a Santa Igreja pudesse fazer com que todos os seus ministros (p. 231) fossem teólogos e santos, não omitiria sacrifício algum para consegui-lo. Mas a carência de homens e de talentos, tais como os que são para isso necessários, faz com que sejam ordenados e disponibilizados aos fiéis aqueles homens que se encontram à disposição, ainda que sejam somente úteis para a simples administração dos Sacramentos.

“E ainda tem mais. Eu já te havia dito que os sacerdotes são os mestres da lei. A eles cabe, privativamente, a explicação do dogma e a interpretação das Sagradas Escrituras. Eles devem ser muito bem instruídos na revelação e na tradição em que se embasa nossa fé. São eles que, finalmente, devem saber sustentar, diante da face do mundo/na frente de todo mundo⁴⁷⁵, a solidez e a incontestável força de nossa santa religião e crença.

“Então, agora, vamos supor um caso distante, mas não impossível. Suponhamos, digo, que um vigário, um desses coitados de quem falávamos, ou um religioso hebdomadário⁴⁷⁶, dos que se chamam de *missa e panela*⁴⁷⁷, venha a ter uma querela acerca da certeza de nossa religião, da justiça de seu dogma, do divino de seus mistérios, da realidade do cumprimento das profecias, do evidente da vinda do Messias, do cômputo das semanas de Daniel ou coisa similar (observemos que os hereges promovem ou entram nessas disputas mesmo que cegos para a fé, mas não são assim com relação às ciências. Vivi no porto marítimo, onde conheci e tratei com alguns deles). Como conseguiriam tais vigários defender seus sofismas? Como eludiriam seus argumentos? Como poderiam distinguir sua malícia da força intrínseca

⁴⁷⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, *ante faciem mundi* [Nossa tradução está no corpo do texto].

⁴⁷⁶ ***Nota da Tradutora: O termo em castelhano é similar: *hebdomadario*. De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, na terceira acepção, *hebdomadário* significa: “3. Ant. Rel. Sacerdote que nos conventos ou colegiados preside as celebrações durante uma semana; domário”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/hebdomad%C3%A1rio>. Acesso em: 19 ago. 2021.

⁴⁷⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *missa y olla*. Ver explicação da nota 465.

da razão? E como poderiam sair de seus lábios a verdade triunfante e com o brilho que lhes é natural?

(p. 231) “É certo que se apenas o *Ferrer*, o *Cliquet*, o *Lárraga* ou outro sumista de moral equivalente fossem o suficiente para contra-argumentar e neutralizar os hereges, não sei como Santo Agostinho teria se saído na disputa com os maniqueístas, São Gerônimo com os donatistas, e nem outros tantos santos padres com outras gentilhas da heresia a quem combateram e confundiram com tanto brilho e solidez de argumentos.

“Disso tudo, debes concluir, meu Pedro, que, para ser um digno sacerdote, não basta apreender apenas o necessário, mas é fundamental imbuir-se e mergulhar na sólida teologia e nas regras ou leis eclesiásticas, que são os cânones da Igreja.

(p. 232) “A tudo o que foi dito, temos que acrescentar que é uma característica do sacerdote sua afeição à literatura, tanto que, por volta do século XIII, se eles não demonstrassem conhecimento nessa arte, não eram promovidos ao clericalato, pois a ele só alcançavam os entendidos na literatura, segundo o *Novellae*⁴⁷⁸ de Justiniano 6, capítulo 4 e 123, capítulo 12. Assim, por exemplo, Juliano, o Antecessor, escreveu: quem não é literato não pode ser clérigo⁴⁷⁹. O que aconteceu foi que, para se outorgar o título de douto e literato, começou-se a utilizar o nome de *clérigo*, em oposição a *leigo*, para, assim, diferenciar-se o ignorante que não sabia das letras. Daí começou-se com o costume de chamar os leigos doutos com o título de *clérigos*, e, pelo contrário, os eclesiásticos, não literatos, foram chamados também de *leigos*. Chama-se clérigo (estas são palavras de Oderico Vital no livro 3) porque está imerso nos conhecimentos das letras e demais artes⁴⁸⁰. Na Córnica Andrense, lemos, também, as seguintes palavras: Coma anuência de alguns romanos, foi outorgado a certo

⁴⁷⁸ Nota da Tradutora: *Novellae*, ou *Novelas*, constitui a obra compilada, *pós-mortem*, de Justiniano (482 d. C.–548 d. C.) sobre as Constituições Imperiais promulgadas por ele. Os temas tratados na obra são: Direito Público e Privado, com reformas e alterações, além do Direito de Família e Sucessões. Para mais informações, visitar: <https://jus.com.br/artigos/52740/a-vida-de-justiniano-e-a-sua-contribuicao-para-o-direito-romano>. Acesso em: 14 ago. 2021.

⁴⁷⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, *Qui enim literas nescit, clericus esse non potest* [Nossa tradução está no corpo do texto e foi elaborada com base na tradução da quarta edição reproduzida na edição de 2008, nota 211: *el que no es literato no es crérigo [...] porque está imbuido en el conocimiento de las letras y de las demás artes. Con la anuencia de algunos romanos, hizo que se le subordinase cierto español muy clérigo llamado Burdino; este obispo Juan fue gran clérigo em el derecho canónico*].

⁴⁸⁰ Nota da Tradutora: “*Clericus [...] cognominatus est, quia peritia litterarum, aliarumque artium apprime imbutus est*” [Nossa tradução está no corpo do texto].

espanhol, (p. 232) muito clérigo, de nome Burdino, a honraria de súdito⁴⁸¹. Na *História dos Bispos de Eistet*, encontramos: Esse bispo Juan foi um grande clérigo no direito canônico⁴⁸². Isto é, grande letrado. Observa-se, de igual modo, que o mesmo significado impregnou-se na antiga língua francesa, pois *clerc* significava o mesmo que *douto*, como também *clergie* o mesmo que *ciência* e *doutrina*...

“Toda essa erudição, e mais algumas outras, foram registradas por Muratori, em seu opúsculo intitulado *Reflexões sobre o bom gosto*, capítulo 7, p. 70-72. Nesse texto, poderás ver isso confirmando-se, assim, que, para merecer o título de clérigo, é necessário ser literato. Em caso contrário, quem não é literato, não será um padre *clérigo*, mas um padre *leigo*.

“Já cansei de te dizer isso. Assim, se tu queres ser um eclesiástico, diz-me o que resolveste estudar.

Vi-me atacado, não tinha remédio, tive de responder a meu pai que estudaria teologia. Então, dali a dois dias, já era eu um cursante de teologia e vestia as vestes clericais.

(p. 233) Não demorei muito em encontrar, na Universidade⁴⁸³, meu amigo Pelayo, a quem contei tudo o que me tinha acontecido com meu pai e como eu, sem escapatória a suas indiretas, tive de escolher a teologia.

– Perderás tempo, supondo que tu não gostas de estudar – disse-me meu amigo –, mas, se não tens outro remédio, o que podemos fazer? Às vezes, é necessário transigir às normas dos velhos esdrúxulos, mesmo que não o queiramos, mesmo que seja para enganá-los, enquanto colocamos em prática nossos projetos. Meu pai está na mesma: resolveu que eu estudaria cânones com mais empenho⁴⁸⁴.

⁴⁸¹ Nota da Tradutora: “Aliquibus romanis annuentibus, hispanum quemdam, Burinum nomine, satis clericum, ei fecit subordinari” [Nossa tradução está no corpo do texto].

⁴⁸² Nota da Tradutora: “*Iste Joannes Episcopus... magnus clericus in Jare Canonico fuit*” [Nossa tradução está no corpo do texto].

⁴⁸³ **Transcrição da nota 212, da edição de 2008 (p. 233): “a Universidade do México foi fundada em 1551, começando a funcionar, de fato, em 1553. Em 1584, situou-se ao sul do *Palacio de los Virreyes* [Nossa tradução: Paço dos Vice-Reis]. Sobre seu solar, construíram-se dois prédios, em um dos quais se ensinava teologia, medicina, filosofia e leis. Esses prédios foram demolidos nos primeiros anos do século XXI” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para mais informações com respeito a esse edifício governamental mexicano, visitar: <http://ceres.mcu.es/pages/ResultSearch?Museo=MAM&txtSimpleSearch=Palacio%20de%20los%20virreyes%20de%20M%C3%A9xico&simpleSearch=0&hipertextSearch=1&search=simple&MuseumsSearch=MAM%7C&MuseumsRolSearch=11&listaMuseos=%5BMuseo%20de%20Am%C3%A9rica%5D>. Acesso em: 15 ago. 2021.

⁴⁸⁴ Nota da Tradutora: A frase em latim *a fortiori* é, geralmente, traduzida do seguinte modo: “com mais motivo.” No entanto, acreditamos que, nesse contexto, cabe a tradução: com mais empenho/dedicação.

Ele fala, (p. 233) ainda, em licenciaturas e borlas. Mas eu não sou vaidoso e não penso nisso. O que eu quero é acabar meus cânones, bem ou mal, acabar meus estudos, ordenar-me e me afastar dos livros ou parar de forçar minha cabeça com estudos difíceis. Tu podes fazer o mesmo. Aguenta tuas matérias da universidade com a paciência que teria um supliciado. E, quando menos pensas, estarás formado bacharel teólogo, que, para o caso de que digam que o eres, com isso basta. Nem é mister que, para isso, tenhas vida ruim, nem que queimes teus miolos por causa dos livros. Estude o que te apontar teu catedrático. Ensina-te utilizar o *ergo*, por imitação, e frequente a universidade, porque as matérias importam, filho.

“As matérias são mais precisas que a própria ciência, para que consigas o grau desejado. Bem sabem, e sabemos nós também, que, para o que mais vão à universidade os estudantes, não é para aprender qualquer coisa, mas para passar o tempo com os outros um pouco. Mas é verdade, também, que quem não recebe seu diploma por ter cursado o grau em um tempo pré-definido, não se graduará, mesmo que seja mais teólogo do que São Tomás. Se, por acaso, consiga-o, será como bacharel, mesmo que não saiba quem é Deus, de acordo com o padre Ripalda. Mas isso é assim mesmo, e vamos passando – e passaremos, tu e eu – com bastante tranquilidade.

(p. 234) “Eu compareço à universidade quase sem faltar, mas gazeio⁴⁸⁵ as aulas com frequência. Domingos, quintas e festas de santos não temos aula no colégio e, além disso, eu que não apareço⁴⁸⁶ um ou dois dias da semana por aqui. Já verás o pouco que a gente sofre.

“Isso debes fazer se não desejas que te seja laborioso estudar teologia. Fique em minha companhia, tire os dinheirinhos de teu pai e confie no que eu te disse, pois, assim, não só terás boa vida, mas serás civilizado, porque vejo que és um mexicano muito rústico e eu quero te apresentar à sociedade⁴⁸⁷. Sim, eu te levarei para várias casas de *señoritas* finas que conheço, que oferecem tertúlias: aprenderás a dançar,

⁴⁸⁵ Nota da Tradutora: De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, na segunda acepção para *gazeio*: “1. Ação ou resultado de gazear, de faltar às aulas sem motivo; gazeta; vadiação”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/gazeio>. Acesso em: 05 fev. 2022.

⁴⁸⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *y yo que salo* – [Nossa tradução: e eu que me ausento]. A nota 215 da edição de 2008 (p. 234) traz a definição dada pela quarta edição [1842]: “Os estudantes entendem por *salar* [salgar] faltar às aulas da faculdade, não assistir a elas” (Nossa tradução).

⁴⁸⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *sacar a barreras* – [Nossa tradução: tirar da clausura]. A nota 216, da edição de 2008 (p. 234) traz a seguinte definição: “levar para o público” (Nossa tradução).

bailar, conversar (p. 234) com as pessoas decentes. Fora isso, sentar-te-ei nos estrados e conversarás com as damas, porque o trato com as *señoras* ilustra demasiadamente bem. Por último, ensinar-te-ei a jogar sinuca, *malilla de campo*⁴⁸⁸, *tresillo*⁴⁸⁹, *báciga*⁴⁹⁰ e *albures*⁴⁹¹, porque todas essas habilidades são parte da instrução do moço fino e ilustrado. Assim, passaremos muito bem o tempo. Após um ano, já não te reconhecerás e me agradecerás pelos bons serviços de minha amizade.

Vi como se abriu o céu quando ouvi o plano de vida que Pelayo me propôs, porque eu não aspirava a outra coisa mais do que folgar e me divertir. Assim, agradecei-lhe pelo interesse que demonstrava por minha formação e, desde aquele dia, coloquei-me sob sua direção e tutela.

Ele, prontamente, tentou cumprir com seus deveres, levando-me para várias tertúlias que frequentava em algumas casas, medianamente decentes, e nas quais viviam *señoritas* como a *Carochinha*, a *Arrasta-Pé-Bonitinho*, a *Quebra-Ossos* e outras de semelhante estirpe. Entende-se que os participantes das tertúlias, sob seus

⁴⁸⁸ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de autoridades* (1734, t. IV), trata-se de um jogo de cartas introduzido [não foi inventado na Espanha] que demanda duas duplas. Para mais detalhes sobre essa modalidade de jogo, visitar: https://apps.rae.es/DA_DATOS/TOMO_IV_HTML/MALILLA_008321.html. Acesso em: 16 ago. 2021.

⁴⁸⁹ *Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2001), *tresillo* é um jogo de cartas jogado entre três pessoas, em que cada uma das quais recebe nove cartas. Ganha quem, em cada lance, faz maior número de mãos. [Seguimos, nesse contexto, o sentido proposto no dicionário *Aulete Digital* para *mão*, nas entradas 12 e 13: 12. Em jogo de cartas, cada rodada que se joga de cada vez. 13. O valor das cartas recebidas em uma rodada de jogo de cartas.]. A definição de *tresillo* está disponível em: <https://www.rae.es/drae2001/tresillo>. Acesso em: 16 ago. 2021. A definição de *mão*, disponível em: <https://www.aulete.com.br/m%C3%A3o>. Acesso em: 19 ago. 2021.

⁴⁹⁰ *Nota da Tradutora: Do francês *bésigue*, e esse, talvez, do italiano *bazzica*. Jogo de cartas entre duas ou mais pessoas, cada uma com três cartas. Ganha quem faz um ponto não maior do que nove. Disponível em: <https://www.rae.es/drae2001/b%C3%A1ciga>. Acesso em: 16 ago. 2021.

⁴⁹¹ *Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2001), na quinta entrada, “jogo de palavras de duplo sentido”. No entanto, Morales (2009) esclarece que o *albur* é um jogo de palavras, ou luta verbal, emitido com a intenção de irritar ou vencer o oponente e “detoná-lo”, na alusão do duplo sentido, da forma mais discreta. Quanto menos é notada a rudeza ou a conotação sexual da palavra, melhor. O *albur* requer grande habilidade mental. O *albur* vitorioso é aquele que não é detectado e passa despercebido pela outra pessoa, e da forma mais discreta, pela simplicidade das palavras usadas. Esse *albur*, com seu jogo de palavras, tem como efeito o fato de que a outra pessoa não consiga responder, ou que responda mal, perdendo a argumentação caso não responda em poucos segundos. Diz-se que os *albures* nasceram no tempo dos mexicas e eram usados em canções, com o objetivo de repreender e criticar os espanhóis quando chegavam. Atualmente, existe até mesmo um Concurso Nacional de *Albur*. O jogo *monte* também utiliza o termo *albur*, mas com o sentido de aposta. Verificar significado na nota 4, de Frye (2004, p. 150), que traduzimos na nota 695, de nossa tradução. As informações de Morales (2009) podem ser acessadas em: <https://teayudoacomprar.com/albures-humor-con-doble-sentido/>. A informação do *DRAE* está disponível em: <https://dle.rae.es/albur?m=form>. Acesso em: 29 jun. 2021.

fraques, (p. 234) casacos e túnicas, eram garotas e jovens (p. 235) da ralé, quer dizer, moços e moças corrompidos, libertinos e vagabundos de profissão.

Com tão boa companhia, e sob a orientação de meu sapientíssimo mentor, em poucos meses, formei-me um bom *bandolonista*⁴⁹², dançarino incansável, dominei a contradança, fiz-me declamador⁴⁹³, refraneiro⁴⁹⁴, audacioso e *lépero* ou velhaco⁴⁹⁵, um patife a toda prova.

Como meu mestre propôs-se a me civilizar e me ilustrar em todas as atividades intrínsecas a um cavalheiro à moda, ensinou-me a jogar sinuca, *tresillo*, *tuti*⁴⁹⁶ e outros mais jogos de cartas. Não se esqueceu de instruir-me nas cabalas⁴⁹⁷ do *bisbís*⁴⁹⁸, nem as tretas para jogar *albures* com maestria, e não a meias, nem para aguardar o que vier, nem esperar a sorte chegar, porque ele me disse que *quem joga limpo, limpo para casa retorna*. Todo o contrário passava-lhe, pois voltava sempre com sua parte, resultados de sua diligência.

Gastei um ano em apreender todas essas espertezas. Isso, sim, valeu a pena, pois saí mestre e capaz de dar aulas de ardis e velhacarias⁴⁹⁹ decentes. Isso porque

⁴⁹² *Nota da Tradutora: Alguém que toca o instrumento bandolão, termo utilizado no Brasil. Para ter mais informações sobre o instrumento, ver nota 406 de nossa tradução.

⁴⁹³ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*decidor*”. Utilizamos o significado proposto pelo dicionário *Aulete Digital* para “*dizedor*”; porém, nesta tradução, optamos por “*declamador*”. Segue a definição da primeira opção: “que ou o que anda com ditinhos, gracejador, motejador; Que diz ou profere muitas vezes alguma coisa: Passava por dizedor de chistes. (Pera da Cunha.); Que diz ou recita bem: Margarida Lopes de Almeida, célebre dizedora brasileira. [No Bras. usa-se mais o t. declamador.] F. Dizer”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/dizedor>. Acesso em: 16 ago. 2021.

⁴⁹⁴ Nota da Tradutora: Utilizamos o significado proposto pelo dicionário *Aulete Digital*: “aquele que faz refrãos; Coletânea de refrãos; adagiário. Cf. Rev. Lusitana, I, p. 69. F. Refrão”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/refraneiro>. Acesso em: 16 ago. 2021.

⁴⁹⁵ ***Transcrição da nota 218, da edição de 2008 (p. 235): “*Lépero*, maroto, velhaco. Dessa mesma voz, derivam-se, também, as palavras usadas pelo autor em diferentes momentos da obra, como *leperaje* [Nossa tradução: ações do *lépero*], *leperuzca* [Nossa tradução: a versão feminina do *lépero*, velhaca] etc. [Retirado da quarta edição]” (Nossa tradução).

⁴⁹⁶ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*tuti*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 235). Trata-se de outro tipo de jogo de cartas. Para mais informações, visitar: <http://www.sabelotodo.org/juegos/tute.html>. Acesso em: 16 ago. 2021.

⁴⁹⁷ *Transcrição da nota 219, da edição de 2008 (p. 235) [retirado da quarta edição]: [termo original em castelhano: *cábula*]: “Provavelmente, corrupção da palavra *cábala*, cuja última acepção significa: negociação secreta e artificiosa” (Nossa tradução).

⁴⁹⁸ *Nota da Tradutora: Segundo o *DRAE* (2021): “Jogo semelhante à roleta que utilizava um tabuleiro ou lenço dividido em quadros numerados e ilustrados com figuras. Em cada um desses espaços, os jogadores colocaram suas apostas” (Nossa tradução). Depois de uma busca rápida pela internet, é possível obter ilustrações do tabuleiro. A definição pelo *DRAE* está disponível em: <https://dle.rae.es/bisb%C3%ADs>. Uma ilustração do tabuleiro está disponível em: <https://alcalaturismoymas.com/wp-content/uploads/2020/05/logo-biribis2.jpg>. Para mais informações dos detalhes do jogo, visitar: <https://alcalaturismoymas.com/juegos-de-suerte-y-azar-en-las-ferias-de-alcala-de-henares-de-1816/>. As três páginas com acesso em: 19 ago. 2021.

⁴⁹⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*leperaje*”.

há duas classes (p. 235) de *tunantismo*⁵⁰⁰: uma grosseira e arrastada, como a dos plebeus e bêbados que jogam amarelinha ou *taba*⁵⁰¹ em uma esquina; e outra daqueles que brigam na rua, ou que proferem obscenidades escandalosas; que andam com garotas como eles, velhacas, patifes, descalças e destroçadas, que se embriagam publicamente nas *pulquerías*⁵⁰² e tavernas. É a esses que se chama de danosos e velhacos, vagabundos, ordinários.

O tunantismo decente é aquele que está composto por moços decentes e corrompidos que, com suas jaquetas, (p. 236) casaquinhos e até mesmo perfumes, são uns preguiçosos de toda a vida, confrades perpétuos de todas as tertúlias, que cortejam a qualquer coquete que se apresentar a eles, sedutores de quanta mulher casada que se oferecer, jogadores, velhacos; são espertalhões sempre que podem assim agir, uns *cócoras*⁵⁰³ de primeira linha, ou boçais dos bailes, o terror dos convidados, trapaceiros intrusos, patifes sem vergonha, tolos de nascença⁵⁰⁴, bandidos persistentes e máquinas vestidas, escandalosas e prejudiciais à sociedade miserável em que moram. Assim são os ditos *léperos* decentes. E é desse tipo de malandragem que eu afirmo que poderia ter dado aulas em cátedra pública, de acordo com o que aproveitei das lições de meu mestre e do exemplo de meus colegas no curto espaço de um ano.

⁵⁰⁰ Nota da Tradutora: Criamos o termo a partir de *tunante*, ação de atuar do jeito *tuno*. Ver nota 329 de nossa tradução.

⁵⁰¹ *Nota da Tradutora: De acordo com o site *Educalingo* (2021): “Um *taba* é um osso encontrado no tarso cujo nome científico é astrágalo. Uma vez que a antiguidade usava as tabas de alguns animais, particularmente as das pernas traseiras do cordeiro, para a prática de diferentes jogos, até inclusive jogos infantis, mas a maioria são jogos de azar. Todos são baseados no lançamento do *taba* como um dado no chão ou em uma mesa, com a peculiaridade que, ao contrário do dado, as diferentes faces do *taba* têm diferentes formas e, portanto, diferentes probabilidades de resultado. Em alguns desses jogos, apostava-se qual lado mostraria a *taba* ao cair. O jogo mais simples consiste em lançar o *taba*, ganhando uma ou quatro unidades apostadas se as peças deixam o osso para cima, ou perdendo a mesma quantidade se as peças estiverem afundadas na face superior. O jogo de *taba* foi introduzido pelos espanhóis em toda a América e é muito popular nas áreas rurais e de criação de gado. Às vezes, os *tabas* foram modificados, polindo alguns de seus lados e adicionando uma folha para tornar o lado/a face mais suave e plano”. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-es/ta-ba>. Acesso em: 16 ago. 2021.

⁵⁰² *Nota da Tradutora: Referem-se a estabelecimentos onde vendem a bebida tradicional alcoólica *pulque*. Retirado de: <https://dle.rae.es/pulquer%C3%ADa?m=form>. Acesso em: 24 abr. 2023.

⁵⁰³ *Transcrição da nota 222, da edição de 2008 (p. 236) [retirada da quarta edição]: “*Cócoras*, aqueles que, com grosserias, incomodam imprudentemente os assistentes em um evento ou qualquer outro acontecimento público ou privado” (Nossa tradução).

⁵⁰⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, *necios a nativitate* – [Nossa tradução está no corpo do texto]. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/la/pt/nativitate>. Acesso em: 30 mar. 2024.

(p. 236) O desditoso de meu pai era alheio a todos os meus progressos indignos, admirava muito a Martim Pelayo, que, frequentemente, visitava minha casa, pois já vos disse que vosso avô era tão bom de conhecimentos como o era de coração. De fato, ele era um homem de bem e virtuoso. E, como tais pessoas são facilmente enganadas pelas artimanhas dos malvados, eu e meu amigo iludimos meu bom pai, porque eu era um grande malandro, e Pelayo era outro pior do que eu. Assim, nós dois – juntos feitos unha e carne⁵⁰⁵ – fazíamos e desfazíamos para meu pai acreditar em qualquer coisa, pois ele julgava o vagabundo Martim como um moço muito fino, arrumado e um bom aluno.

Assim, Martim, para minha vantagem, elogiou muito meu talento e minha aplicação perante meus pais. Com isso, nós os apunhalávamos pelas costas⁵⁰⁶, isto é, a meu pai, em espacial, porque, com minha mãe, nem havia necessidade disso. Ela me amava sem prudências e indulgenciava minhas maiores atrocidades, que sempre desculpava por minha idade. Minhas maldades menores, ela as considerava como graças e travessuras.

Mas, assim como a moeda falsa não fica rodando por muito tempo sem que sua adulteração seja descoberta no material ou no cunho, também o mal não pode passar muitos dias oculto pela hipocrisia sem manifestar sua sordidez. Dessa maneira, com o passar do tempo, aconteceu o mesmo comigo, pois meu pai, num dia que eu nem imaginava, (p. 237) perguntou-me se a cerimônia de minha formatura estava já marcada ou se estava próxima a ser marcada. Certamente, se ele me tivesse perguntado sobre se eu estava já apto a dançar uma contradança, a perverter uma jovem, ou firmar um caso amoroso, não ia demorar muito a responder a meu *señor* pai afirmativamente. Mas, fez-me ele uma pergunta difícil, porque eu, com meus quefazeres, não pude dedicar-me a qualquer outro estudo, por isso, meu *Biluart*⁵⁰⁷

⁵⁰⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *entre los dos hacíamos cera y pabilo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 236). López y López (1931, p. 467) afirmam que *hacer cera y pabilo* significa “fazer a mesma coisa, estar muito unidos” (Nossa tradução).

⁵⁰⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *les clavaba más la espina* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 236). López y López (1931, p. 463) afirmam que *clavar la espina* significa “enganar alguém, prejudicando-o” (Nossa tradução).

⁵⁰⁷ **Transcrição da nota 224 da edição de 2008 (p. 237, retirado de Spell, [1971], p. 154): “A obra à qual se refere é *Summa Summae S. Thomae sive Compendium Theologiae P. Patris Caroli Reneti Billuart Ordinis Fratrum Praedicatorum, S. Theologiae Doctoris ac Provincialis; juxta mentem et in quantum licuit juxta ordinem et litteram S. Thomae in sua Summa*, Lieja, 1746-1751, 19 volumes. Foram impressas 13 edições. Em 1754, foi publicado em Lieja um resumo em 6 volumes: *Summa Summae S. Thomae sive Compendium Theologiae*” (Nossa tradução).

estava (p. 237) limpo e quase intato. No entanto, era preciso que eu lhe respondesse. Assim, eu lhe disse que meu professor não me havia dito nada ainda, que eu já lhe ia perguntar a respeito disso.

– Não – disse meu pai –, não lhe pergunte nada, pois eu mesmo o farei.

Foi um péssimo momento para que meu pai decidisse encarregar-se de semelhante missão, porque, dois dias depois dessa conversa, ele foi ao colégio e perguntou diretamente a meu mestre em qual estágio eu estava em meus estudos e se ele achava que eu seria capaz de me formar em uma defesa pública. Meu pai pediu-lhe, por gentileza, que lhe repassasse essas informações para que pudesse pagar as despesas.

Meu mestre, tão sincero quanto sério, respondeu-lhe:

– Amigo, desejei que tivesse vindo falar comigo antes, para eu lhe dizer que vosso filho não apresenta a mínima esperança de sucesso, não porque lhe falte talento, mas porque lhe falta aplicação. Ele é muito relapso. Raramente comparece um ou dois dias à classe, e quando vem, é para mexer com outros alunos e fazê-los perder o tempo. Em virtude disso, vereis qual será sua aptidão e quais serão seus progressos.

“Além do mais, eu o alertei sobre certas amizades e inclinações malignas que me fazem temer a ruína próxima desse moço. Assim, como bom pai, velai pela conduta dele e vede com o que vão ocupar, com rigor, o tempo dele, porque, do contrário, o rapaz estará perdido e tereis de prestar contas dele a Deus.”

Meu pai despediu-se de meu mestre, bastante envergonhado (como me disse depois) e cheio de justa raiva contra (p. 238) mim. Pobres pais! Que momentos difíceis os filhos maus lhes dão! Chegou em casa ao meio-dia. Saudou-me com grande consternação. Foi para o quarto com minha mãe, e ela, após aproximadamente duas horas, saiu do quarto com os olhos cheios de lágrimas e ordenou para que arrumassem a mesa.

Meu pai apenas provou a comida, e minha mãe fez o mesmo. Eu, sendo um desavergonhado, e como ignorava que eu era o pivô responsável daquele desgosto, não deixei de comer até esgotar todos os pratos, pois, afinal de contas, não há patife que não seja um guloso. Durante a refeição, meu pai não disse uma palavra, e, assim

que acabamos (p. 238) a refeição, as toalhas de mesa foram retiradas e demos graças a Deus⁵⁰⁸. Retirou-se meu pai para fazer a *siesta* e disse-me, muito sério:

– Esta tarde, não vás à escola, pois precisarei de ti.

Como a culpa acusa sempre, tive muito medo, receei que meu pai soubesse de algumas de minhas extraordinárias graças, e que ele quisesse dar-me umas bordoadas como recompensa bem-merecida. Depois, imaginei que eu tinha sido a causa da raiva, do silêncio quando estivemos sentados à mesa e das lágrimas de minha mãe. Mas, como tinha certeza por ela não apenas me amar, mas, adorar-me, não hesitei em dizer-lhe:

– A *señora* sabe o porquê de estar assim meu pai? – ao que a pobrezinha respondeu-me com suas lágrimas, e contou-me tudo o que tinha acontecido, da conversa de meu pai com meu mestre, e como ele estava decidido a me pôr a trabalhar...

– Trabalhar? – disse eu. – Para trabalhar? Deus não o permita, mãe. O que vai parecer um bacharel em artes e aprendiz de teólogo convertido, de um dia para o outro, num alfaiate ou carpinteiro? Como meus colegas discípulos gozarão de minha cara? O que meus parentes dirão? O que se comentará?

– Bem, filho, – minha mãe respondeu – o que queres que eu faça? Eu já implorei muito a teu pai. Eu já lhe disse todo o possível. Já chorei diante dele, mas ele está relutante. Não há maneira de o convencer. Ele diz que não quer que o diabo o leve juntamente contigo por me dar ouvidos. Não sei o que fazer...

– Não chore, (p. 239) mãe – disse eu – eu sei o que preciso fazer. Certamente, meu pai não ficará satisfeito em me ver como um latoeiro ou um alfaiate. Pois bem, já fechou o recrutamento? Acabaram-se os casacos e o pão de munições?

– O que queres dizer com isso, Pedrito? – disse-me minha mãe.

– Nada, mãe – respondi-lhe –, mas é que, em lugar de aprender uma profissão, vou tornar-me um soldado. Pelo menos, tenho um bom corpo, e eles me acolherão, de braços abertos, em qualquer lugar.

Aqui, minha mãe redobrou seu pranto, e disse-me:

⁵⁰⁸ Transcrição da nota 225, da edição de 2008 (p. 238): “A primeira edição inclui, entre parênteses: ‘Costume cristão que sempre observei na casa de meus pais e do qual tive, depois, saudades e mais ainda de meus pais’” (Nossa tradução).

(p. 239) – Oh, filho de minha alma! O que dizes? Soldado? Soldado? Deus nos livre. Não sejas precipitado ou te desesperes. Essa tarde, implorarei novamente a teu pai, e como ele diz que não estás apto para estudos, e que é pela força que temos que te atribuir um destino, veremos se ele te colocará de atendente numa loja...

– Fique quieta, mãe – disse-lhe. – Isso é bem pior. O que acharão de um bacharel manchado e cheio de banha, e de um teólogo que dá *tlaco*⁵⁰⁹ como troco da venda de *chilitos* com vinagre⁵¹⁰! Não, não. Soldado e só, porque uma vez que meu pai não consiga mais me sustentar, o rei, que é o pai de todos, tem muito dinheiro para me vestir e me alimentar. Esta tarde, vou me alistar na bandeira da China⁵¹¹, e amanhã, venho ver-vos vestido de recruta.

Toda vez que me lembro deste e de outros desgostos que dei a minha pobre mãe, e das lágrimas que ela derramou por mim, gostaria de arrancar meu coração aos pedaços pela dor. Mas, é demasiado tarde para me arrepender, e essas lições só servem, meus filhos, para vos encarregar de cuidar de vossa mãe sempre, com amor e verdadeiro respeito, sem imitar aos maus filhos como eu. Antes disso, rezai a Deus para não vos castigar pelos (p. 240) erros de minha juventude, como é merecido. Lembrai-vos de que o sábio diz: *honrai vosso pai e não esquecei dos lamentos de vossa mãe. Lembrai-vos que a eles vós deveis vossa vida e pagai-lhes pelo que vos deram*⁵¹².

Finalmente, esta cena toda parou quando minha mãe me implorou, exortou-me, chorou para não ser um soldado, e jurou-me que voltaria com empenho a falar com meu pai para que ele desistisse de sua tentativa e não me pusesse a trabalhar. Com essa promessa, eu fiquei mais tranquilo, pois era isso que eu queria e pelo qual

⁵⁰⁹ *Transcrição da nota 226 da edição de 2008 (p. 239): “*Tlaco*, vocábulo asteca que significa meio, metade, oitava parte do real, ou metade da antiga quartilha. Moeda que foi utilizada no México na época colonial e um período depois” (Nossa tradução).

⁵¹⁰ *Nota da Tradutora (o itálico no corpo do texto é nosso): *Chilitos* é o diminutivo de *chiles*, que, em português, significa “pimenta”. Sobre *chilitos con carne*, entendemos que se trata da preparação da pimenta (geralmente os jalapenos) conservada em vinagre. Para mais informações, oferecemos uma das tantas páginas com a receita. Disponível em: <https://www.piloncilloyvainilla.com/chiles-en-vinagre/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

⁵¹¹ **Transcrição da nota 227 da edição de 2008 (p. 239): “A *bandeira da China* era o nome pelo qual era conhecido o serviço militar nas Filipinas. Spell [1971, p. 177] cita a obra de José Antonio Pichardo, *Vida y martírio del protomártir mexicano San Felipe de Jesús de las Casas*, religioso da ordem de San Francisco de Manila (Guadalajara, México, 1934): ‘É comum, no México, nomear as Ilhas Filipinas sob o nome de China... Não é um erro culpável dar tal nome para as Filipinas, pois, desde seu achamento, foi introduzido esse modo de falar... e até hoje, em toda a Nova Espanha, não se lhe dá outro nome.’ Pichardo foi contemporâneo de [Fernández] de Lizardi” (Nossa tradução).

⁵¹² Nota da Tradutora: Frye (2004, p. 89) comenta que se trata do livro Eclesiástico, 7:29-30.

fiz sofrer (p. 240) tanto minha mãe, não porque gostasse da carreira militar, e ainda menos servir na classe de soldado, pois olhava com horror para todo tipo de trabalho.

Como teria sido bom se minha mãe tivesse partido todas as cadeiras da sala em minha cabeça! E me tivesse amarrado e mandado para o primeiro quartel para ser enquadrado como recruta! Isso teria posto um fim a todas as minhas frescuras sobre bacharelagem e as preocupações que eu dava a ela! Mas ela não o fez e, depois, teve de sofrer o que só Deus sabe.

Pouco depois, meu pai saiu de chapéu e bengala, e disse-me:

– Pega tua capa e vamos embora.

Peguei a capa e saí com ele com temor, e minha mãe ficou, prudentemente. Um pouco mais adiante, meu pai parou no saguão e disse-me:

– Amigo, já estou decepcionado por seres um grande desregrado, e não quero que te percas por completo. Teu mestre disse-me que és preguiçoso, vadio e vicioso, e que não estás apto para os estudos. Diante disso, também não quero que teu futuro te leve para o cadafalso ou à forca. Agora mesmo, ou escolhes um ofício para aprender, ou te levo daqui para alistamento ao rei na bandeira chinesa.

Todas as desculpas que usei com minha mãe tornaram-se submissões frente a meu pai, pois sabia que ele não tinha o hábito de mentir e era resoluto. Assim, não tive outra escolha que me humilhar e pedir-lhe que sua graça desse-me um tempo para me informar sobre o melhor ofício para mim.

Meu pai concedeu-me três dias. Eu estava como o condenado ao patíbulo. Voltamos (p. 241) para casa, onde achamos a coitadinha de minha mãe doente, com um grande fluxo de sangue, que lhe tinha chegado por causa da mortificação e do susto que eu lhe tinha causado.

Já vos foi dito que meu pai a amava muito, em demasia, e, por isso, movido pela comoção, foi chamar o médico. Efetivamente, no segundo dia, ela estava melhor, mas não deixou de chorar de vez em quando, porque eu já lhe tinha comentado da resolução de meu pai. Ela, ainda doente, não tinha se esquecido de lhe implorar para não me pôr a trabalhar. Meu pai respondeu-lhe que ela deveria recuperar primeiro sua saúde e que depois iria ver, finalmente, o que seria feito.

Essa resposta deixou minha mãe desconsolada. Isso tudo ocorreu como consequência de eu não ter as coisas a meu favor, porque nunca tinha visto meu pai tão decidido em seu propósito, e tão esquivo a minha mãe. Desse modo, ele me fez

compreender (p. 241) que, dessa vez, eu não escaparia de qualquer instrução que fosse.

Sem saber o que fazer para me libertar da férula dos mestres mecânicos, que me ameaçava a todo o momento, inventei o plano mais diabólico que pude com muita pressa, e fui ver meu caridoso preceptor e sábio amigo, o ilustre Martim Pelayo. Com a confiança que tinha, fui entrando em seu quarto e o achei balançando de um laço pendurado do teto, cantando algumas músicas de moda e dando saltos no chão. Estava tão absorto em sua prática que não senti quando entrei, e continuou a pular, como um veado, até que eu lhe disse:

– O que é isso, Martim? Enlouqueceste ou estás aprendendo a ser um trapezista? – Depois disso, viu-me e respondeu-me:

– Não fiquei louco, nem quero ser um acrobata. É que esse é um modo de aprender a fazer a oitava que exigem essas *boleras*⁵¹³. – E dizendo isso, continuou com suas piruetas.

Eu, olhando para o espaço em que se encontrava, disse-lhe:

– Suspende um pouco tuas lições porque preciso te comunicar um assunto de grande importância, e acredito que só tua amizade pode fazer sair-me bem.

Depois, muito atencioso, retirou-se do (p. 242) laço, sentou-se comigo em sua cama, e disse-me:

– Não sabia que tinhas algum assunto para discutir. Mas, então, diga-me o que precisas, pois sabes o quanto te estimo.

Relatei-lhe, ponto por ponto, todos os meus problemas. No final, eu lhe disse que, para me libertar da desonra que me esperava na aprendizagem de um ofício, tinha considerado tornar-me um frade. Ele ouviu-me com seriedade, e disse-me:

– Quitinho, lamento as desgraças que te ameaçam por causa do temperamento ridículo e escrupuloso de teu pai. Mas, supondo que não há como eleger entre ser um oficial mecânico e um soldado, e que a única maneira de escapar delas é tornar-se um frade, *sou da mesma opinião, pois é melhor uma caolha do que uma cega. É pior o alfaiate Quitinho, ou o soldado Quitinho, do que o frade Pedro*. É verdade que a vida

⁵¹³ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 142), “*boleras* [...] foi [uma dança] bem conhecida [da moda daquela época] e [inclusive] lia-se com frequência [propaganda] cartazes no teatro quando eram [organizados] bailes” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/142/mode/2up?view=theater&q=bolera>. Acesso em: 21 jul. 2023.

de um frade (p. 242) tenha seus insuportáveis desconfortos, tais como o estudo, a assistência comunitária, a observância às regras, a subordinação aos prelados e a sujeição ou privação da liberdade, que tanto tu como eu apreciamos. Mas tudo é questão de se habituar.

“Além disso, em troca desses inconvenientes, existem vantagens consideráveis, tais como a honra da religião, que se estende a todos os seus indivíduos, mesmo que sejam leigos, o respeito que o santo hábito instiga, e, sobretudo, filho, a segurança de melhorar o torto para sempre. Verás que essas conveniências não as encontra um artesão ou um soldado, e, por isso, parece-me que deves levar a efeito teu pensamento.

– Bem, eu vim – disse eu – para solicitar aconselhamento sobre minhas decisões e pedir-te que intercedas junto a teu pai, para que ele me dê uma carta de recomendação para que teu tio, o provincial de San Diego, possa admitir-me sob suas responsabilidades, porque isso é urgente, e o perigo reside em qualquer atraso. Se eu conseguir ser admitido, meu pai deixará de estar zangado e me verá de uma forma diferente.

– Bem, isso é o mínimo – disse-me Pelayo. – Vou pedir a meu pai para redigir o obituário hoje à noite. Hoje à noite mesmo.

Com esse consolo, despedi-me de meu amigo muito alegremente e voltei para minha casa. Entrei na casa e encontrei seu Martim, o homem que dirige a fazenda onde passei uns dias, sua esposa, aquela que me deu com o sapato na cara, sua filha e o famoso João Dotado, ou Januário. A família (p. 243) inteira tinha vindo à Cidade do México a passeio. Por que ninguém está contente neste mundo? Aqueles que vivem nas cidades procuram seu divertimento no campo e aqueles que vivem no campo anseiam pela cidade para sua diversão. E nem um nem o outro conseguem, por muito tempo, satisfazer seus desejos, pois, como a tristeza não está no campo, nem está na cidade, mas no coração, somos seguidos pelos problemas e preocupações para onde quer que levemos nosso coração.

Depois de ter cumprimentado os visitantes e quando os elogios de costume cessaram, afastei-me e saí para o corredor com Januário. Conversamos longamente sobre vários assuntos. O assunto principal da conversa, contudo, foram minhas aventuras e minha última resolução de tornar-me frade. A isso, João Dotado respondeu-me muito rapidamente:

(p. 243) – Sim, Periquinho, isso mesmo, vira frade, filho. Torna-te frade já. Não decidirás coisa melhor. Nem todos os homens fazem o que deveriam, mas o que lhes é mais adequado para seus próprios fins particulares ; há quem se ordena é porque é inútil para qualquer outra coisa, ou para não perder uma capelania; há quem se casa com a primeira mulher que conhece, mas não tem amor por ela, nem dinheiro para mantê-la, apenas para fugir do recrutamento militar; há quem se filia como soldado para fugir da justiça comum por trapacear ou por algum delito que cometeu; e há quem, em suma, faz mil coisas contra sua vontade, só para evitar esta ou aquela outra questão que considera ser pior para ele. Portanto, o que há de novidade ou de estranho no fato de tu te tornares um frade, para não aprenderes um ofício ou seres um (p. 243) soldado? Sim, Quitinho, fazes muito bem. Elogio tua determinação, mas, irmão, acelere isso, acelere o negócio todo, fica esperto⁵¹⁴.

Concluiu-se, assim, o discurso motivacional desse grande homem. Ele, é claro, disse-me muitas verdades, mas todas pela metade. Se tivesse também me dito, depois disso tudo, que, embora assim o façam muito sujeitos, tais ações não fazem justiça nem dão dignidade para um homem de bem; que, normalmente, esses truques e artifícios utilizam-se para fugir do castigo, para se livrar do trabalho, para enganar seus superiores, ou para evitar, pela via mais curta, a desgraça iminente, ou que, ao menos, assim pareça ser; que essas ações e atitudes não passam de remédios paliativos ou simuladores que, depois de serem tomados, tornam-se venenos terríveis, (p. 244) cujos resultados desastrosos são lamentados durante toda a vida; se ele tivesse me dito isso, repito, talvez, apenas talvez, tivesse aberto meus olhos e tentado me fazer desistir de ser religioso, já que eu não tinha vocação alguma para isso; mas, para minha desgraça, os primeiros amigos que tive foram maus, e seus conselhos foram, conseqüentemente, também maus.

No dia seguinte, fui para a casa de Pelayo, que me deu uma carta de recomendação de seu pai, que, não contente em dá-la, achando que eu era um jovem muito virtuoso, prometeu ir interceder por mim junto a seu irmão, o provincial, para que ele me dispensasse de todas aquelas provações e atrasos a que estão sujeitos aqueles que procuram o hábito em religiões tão austeras. Parece que fui ajudado em

⁵¹⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *al mal paso darle prisa* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 243). De acordo com López y López (1931, p. 480), significa: “Precisamos tomar todas as providências para sair do apuro” (Nossa tradução).

tudo por aquela (p. 244) sina a que chamam de velhacaria, pois tudo me foi facilitado, bem de acordo com meus desejos.

Recebi minha carta com grande prazer, agradei a meu amigo por seus esforços, e voltei para casa.

(p. 245) **Capítulo XI**

Periquitinho toma o hábito religioso e arrepende-se no mesmo dia. Alguns interlúdios relacionados com isso são relatados

Naquele dia todo, fiquei muito feliz à espera do dia seguinte para poder visitar o provincial. Não quis ir naquela mesma tarde para dar ao pai de Pelayo a oportunidade de prestar a mim o compromisso, para cuja incumbência ele se tinha oferecido.

Nada de particular aconteceu nesse dia. No dia seguinte, no prazo previsto, fui ao convento de San Diego⁵¹⁵ e, ao passar pela Alameda⁵¹⁶, que estava vazia, fiquei diante de uma árvore, fazendo dela, em minha imaginação, a praça do provincial. Ali, comecei a ensaiar como falar com ele com voz submissa, a cabeça curvada, os olhos abaixados e ambas as mãos enfiadas dentro da coroa de meu chapéu. Com essas e todas as amostras externas possíveis de humildade que minha hipocrisia me sugeriu, parti para o convento.

Cheguei ao convento, andei pelos claustros e perguntei pela cela do prelado. Alguém me mostrou onde ela ficava. Bati, entrei e encontrei o pai provincial sentado a sua mesa, com um livro aberto, que ele lia, sem dúvida, a minha espera. (p. 246) Depois, beijei-lhe a mão com todas aquelas cerimônias que eu próprio tinha ensaiado pouco tempo antes. Entreguei-lhe, então, a carta de recomendação de seu irmão. Ele a leu e, olhando-me de cima a baixo, perguntou-me se eu queria ser um religioso naquele convento.

– Sim, padre – respondi-lhe.

⁵¹⁵ **Transcrição da nota 230, da edição de 2008 (p. 245, retirado de Spell, [1971], p. 177): “Periquitinho escolhe a ordem dos dieguinos, ramo dos franciscanos, cujo convento, no México, era conhecido por San Diego [São Diogo de Alcalá (1400?-1463)]. Os frades eram descalços da mais estrita observância. A ordem de San Diego estabeleceu-se na Espanha no século XVI, a pedido de San Pedro de Alcântara. Os frades eram chamados de ‘observantes’ pela austeridade de sua regra se comparados com os frades conventuais. A igreja de San Diego, no México, foi iniciada em 1591 e foi consagrada em 1621” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Os *dieguinos* chegaram à Nova Espanha por volta de 1576 com o intuito de seguir sua viagem para o território do Japão e das Filipinas. No entanto, decidiram, também, realizar tarefas de catequização nas Américas, dando início a seus trabalhos em nosso continente. Para mais informações, visitar: <https://intervenciones.inah.gob.mx/breviariodetalle/237/las-C3%B3rdenes-religiosas-en-la-nueva-espaa-C3%B1a>. Para ter acesso a uma biografia de São Diogo, visitar: <http://www.arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/sao-diogo-diego-de-alcala>. Ambas as páginas com acesso em: 20 ago. 2021.

⁵¹⁶ *Transcrição da nota 231, da edição de 2008 (p. 245): “A Alameda é o parque público mais tradicional da Cidade do México” (Nossa tradução).

(p. 246) – E sabeis – continuou ele – o que é ser religioso, e da estrita observância de nosso Reverendo Padre São Francisco? Já pensastes bem nisso?

– Sim, padre – respondi-lhe.

– E o que é que vos move a resguardar-vos nestes claustros e a privar-vos do mundo, na flor de vossa idade?

– Padre – respondi-lhe –, meu desejo é servir a Deus.

– Muito bom esse desejo – disse-me o provincial –, mas, então, será que não é possível servir ao Todo-Poderoso⁵¹⁷ no mundo secular? Nem todos os justos, nem todos os santos serviram a Deus nos mosteiros. As mansões do pai celestial são muitas, e muitos são os caminhos pelos quais seus escolhidos são chamados. Para corresponder à ajuda da graça, todos os estados e todos os lugares na terra estão preparados para o serviço de Deus.

“Houve santos casados, santos celibatários, santos viúvos, santos anacoretas, santos palacianos, santos idiotas, santos eruditos, santos médicos, advogados, artesãos, mendigos, soldados, homens ricos, e, em suma, existiram santos provenientes de todas as classes do estado. Isso nos ensina que, para servir a Deus, não é necessária a condição de frade, mas, sim, manter sua santa lei. Ela pode ser guardada nos palácios, nos escritórios, nas ruas, nas oficinas, nas lojas, nos campos, nas cidades, nos quartéis, nos navios, e, inclusive, ainda, no meio das sinagogas dos judeus e das mesquitas dos mouros.

“A profissão da vida religiosa é a mais perfeita, mas, se ela não for abraçada com vocação verdadeira, não é a vida mais garantida. Muitos condenaram-se nos claustros, podendo, talvez, ter sido salvos se tivessem seguido a vida secular. A questão não é começar bem, mas, sim, a necessária constância. O único a ganhar a coroa de louros é aquele que luta com determinação até ao fim. Em vossa idade, é necessário desconfiar muito daqueles impulsos ou fervores espirituais que, normalmente, não vão além de fogo de palha... que se iniciam tão rapidamente (p. 247) quanto se extinguem.

⁵¹⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *¿no se puede servir a su Majestad en el mundo?* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 246). Tomamos como referência o terceiro significado no *DRAE* (2021): “3. f. Título o tratamiento que se da a Dios, y también a emperadores y reyes” – [3. Feminino. Título ou tratamento dado a Deus, e também a imperadores e reis]. Esse sentido não está presente na língua portuguesa. A definição encontra-se disponível em: <https://dle.rae.es/majestad?m=form>. Acesso em: 23 ago. 2021.

(p. 247) “Desse modo, acontece que muitos ou não professam ou o fazem para evitar a vergonha provocada pela *opinião das pessoas*. Devido a que não professam com vontade, são maus religiosos, desobedientes e libertinos que, por seus vícios e apostasias, dão trabalho a seus superiores, escandalizam os seculares, e, além disso, tiram o crédito às religiões; porque, como diz Santa Teresa, e essa é uma constante: o mundo quer que aqueles que seguem a virtude sejam perfeitos, nada lhes é perdoado, tudo neles se observa, tudo lhes é admoestado e censurado com o maior escrúpulo.

“Por esse motivo, os mundanos desculpam, facilmente, os vícios mais grosseiros de outros mundanos, mas ficam muito escandalizados se observarem as mesmas coisas naquele religioso ou naquela alma dedicada à virtude. Eles são capazes de levantar o grito ao céu e de falar não só contra aquele frade, por exemplo, mas, também, contra a honra de toda a religião. Assim, eles não pesam na balança da justiça os tantos homens justos e íntegros que enxergam na mesma religião e até no mesmo convento.

“Para evitar que os jovens se percam, abraçando sem vocação um estado que, certamente, não é fácil, mas de trabalho contínuo, para cumprir nosso dever como prelados com nossa obrigação, e para não dar origem a que as religiões sejam desacreditadas por seus maus filhos, temos de examinar, com muita prudência e eficácia, o espírito dos pretendentes, mesmo antes de entrarem como noviços, pois o noviciado é para eles experimentarem a religião, mas o prelado deve examinar seu espírito mesmo antes de serem noviços.

“Em virtude disso, vós, que desejais servir a Deus na religião, já sabeis que, aqui, a primeira coisa a que tendes de renunciar é a vossa vontade, porque não deveis ter outra vontade senão (p. 248) a de vossos superiores, a quem deveis obedecer cegamente?

– Sim, padre – disse-lhe.

– Sabeis que deveis renunciar ao mundo, a suas pompas e vaidades para sempre, como foi prometido no batismo?

– Sim, padre.

– Sabeis que, aqui, não deveis relaxar e nem se divertir, mas trabalhar e manter-se ocupado o dia todo?

(p. 248) – Sim, padre – uma vez. – Sim, padre – outra vez. – Sim, padre – enfim, respondi-lhe desse modo a setenta coisas que ele me perguntou. Eu pensava que minha hora tinha chegado, e que estava sendo sacramentado. Todo esse exame parou quando ele me deu, ali mesmo, minha patente e, depois, avisou-me que ele, o reverendo, desejava conversar com meu pai.

Minhas palavras estudadas e minhas hipocrisias foram tais que o bom prelado, sem perceber, tinha sido enganado por mim e, ainda, formou uma opinião vantajosa a meu respeito. Veem, ele era bom, e eu era um patife. Já vos disse antes o quão fácil é para os patifes enganarem os bons homens, especialmente se os apanharem desprevenidos.

O bendito do provincial, ao se despedir de mim, abraçou-me e disse-me:

– Bem, meu filho, vá com Deus e pede ao Altíssimo⁵¹⁸ que vos proteja em vossas boas intenções se é para sua maior glória e o bem de vossa alma. Expressai-lhe em vossas orações todos os dias com o maior fervor: Oh, Deus! Confirmai o que obrastes em mim⁵¹⁹, e que disponde vosso coração cada dia mais e mais, para que a graça do Espírito Santo seja fecunda nele e produza os melhores frutos da virtude. – Com isso, beijei-lhe a mão e fui para casa.

Quem acreditaria que, quando deixei o convento, senti algo tão bom em mim que me pareceu que realmente tinha vocação para ser religioso? Não consegui esquecer aquele aspecto venerável do ancião prelado, aquelas palavras tão cheias de bençãos e tão penetrantes que ecoaram em meu coração, aquela prudência, seu carácter bondoso e todo o encanto da verdadeira virtude, capaz de fazer com que o próprio vício se convertesse.

(p. 249) Efetivamente, eu disse a mim mesmo: quem diria que eu tivesse mesmo nascido para ser um frade, e não tivesse percebido isso até então, e Deus tivesse querido usar esse acidente para me transformar e me colocar no caminho que me convém? Não há dúvida, deve ser isso mesmo. Lembro-me de ter ouvido dizer que Deus escreve certo por linhas tortas, e esta deve ser uma delas, sem dúvida.

⁵¹⁸ Nota da Tradutora: Na frase em castelhano, também foi utilizado o termo Majestade para se referir a Deus. Ver nota 517 de nossa tradução.

⁵¹⁹ Nota da Tradutora: Lê-se “*Confirma hoc, Deus, quod operatus es in nobis*” [Nossa tradução está no corpo do texto]. A tradução foi elaborada com base na nota 236 da edição de 2008, p. 248, retirado da quarta edição, [1842]): “*¡Oh Dios! Confirma lo que has obrado en mí*”.

Esses e (p. 249) outros discursos semelhantes ocuparam minha imaginação no caminho de regresso do convento para minha casa.

Assim que lá cheguei, fui ver minha mãe e contei-lhe o que me tinha acontecido, mostrando-lhe o comprovante de admissão no convento de San Diego. Quando minha mãe o viu, não sei como não ficou louca de tanto gosto que a notícia causou-lhe, acreditando que eu era um jovem muito bom, e que, pelo menos, eu seria outro São Felipe de Jesus⁵²⁰. Não há como duvidar ou se admirar da surpresa de minha mãe, pois se minhas maldades lhe pareciam graças, minha virtude, tão escancarada, o que lhe pareceria?

Meu pai voltou da rua, e minha mãe, encantada pelo acontecido comigo, relatou-lhe todas as minhas intenções, mostrando-lhe, ao mesmo tempo, o comprovante de admissão do padre provincial.

– Vês, querido – disse ela –, vês como não era tão ruim quanto o pintavas? Vês como Pedrinho não era tão mau como disseste que ele era? Ele, como todo rapaz, foi muito travesso, mas que rapaz não o é? Querias que ele fosse um santo desde criança, querias bem; mas, querido, isso é um absurdo. Como podem as crianças começar onde nós terminamos? É necessário dar tempo ao tempo. Observa, pois, que súbita mutação. Não o esperavas, não é? Ontem, disseste que Pedro era um patife e, hoje, já o vês, é um santo. Ontem, pensaste que ele ia ser a toupeira de nossa casta, a desonra de nossa estirpe, e, hoje, vês que ele vai ser o exemplo de nossa família, porque a família que tem um parente frade não pode ser de dignidade inferior.

“Pelo menos, compreendo-o dessa forma. É nessa fé e convicção que eu viverei, embora me digam, como já me disseram, que essa é uma preocupação daqueles que criaram mais raízes na América do que em outras partes do mundo. Mas não acredito nisso. Ao contrário, considero que, se uma família tem um parente frade, já pode reiterar sua nobreza com o Preste Juan⁵²¹ das Índias, sem precisar de

⁵²⁰ **Nota da Tradutora: São Felipe de Jesus (1572-1597), primeiro mártir mexicano. Para informações sobre a vida dele, visitar: <http://hagiosdatrindade.blogspot.com/2011/02/sao-felipe-de-jesus-religioso-martir.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

⁵²¹ **Transcrição da nota 237, da edição de 2008 (p. 250): “*Preste Juan*, no *Diccionario* de Moreri (para lembrar de Moreri, ver nota 226 de nossa tradução), afirma-se: ‘Prete Juan, corrompido para Preste Juan, antigo rei das Índias, ou da Tartária [...] que retirou sua origem de um tal de Joannes-Presbyter.’ Continua uma longa explicação” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Preste Juan é um mito cristão de um rei sacerdote cristão-nestoriano que teria, com seus atos, tentado salvar os cristãos de Edessa, antes do ataque iminente dos turcos. Disse-se dele que era descendente dos Magos do Oriente que

executórios, genealogias, (p. 249) ou qualquer outra coisa de que nós, nobres, tanto nos orgulhamos, porque (p. 250) essas coisas só são conhecidas pelos familiares e amigos das casas, mas os estranhos que não as veem não podem saber se são nobres ou não. Isso não acontece se na família houver um frade, porque todos o veem, e ninguém pode duvidar que ele, seus pais, seus avôs, seus bisavôs, seus tataravôs são nobres. E, se for o caso do referido frade casar-se, seus filhos, netos, bisnetos, tataranetos e os filhos dos tataranetos seriam muito nobres, porque um frade é um título de nobre ambulante. Portanto, veja se não tenho razões para estar feliz. Tu também deverias estar feliz com a nova resolução do Pedrinho.

Através de um pequeno buraco na porta, ouvi e espreitei toda a cena, e vi que meu pai leu, releu e, novamente, olhou o comprovante de admissão, não uma, mas, duas e três vezes. Até reparei que, mais de uma vez, ele limpou os olhos, mesmo não tendo neles qualquer remela. Tamanha era a dúvida que ele tinha sobre minha verdade, que ele mal podia acreditar no que lia! Mas, mesmo surpreso, ouviu muito bem toda a ladainha de minha mãe. Quando ela terminou, ele lhe disse:

– Céus, querida, como és ingênua! Disseste-me tantos disparates num instante! Se alguém nos tivesse escutado, eu teria sentido vergonha, porque as famílias que são realmente nobres, como a tua, nem aspiram a parecê-lo por meio de um filho religioso, nem fazem dele uma de suas vaidades, quando o chegam a ter. Bem ao contrário, esse esforço e essa vaidade são uma prova clara de uma nobreza que não existe de fato, ou, pelo menos, que não pode ser manifestada de outra forma, a qual, certamente, é muito arriscada, pois pode estar sujeita a mil trapaças. Mas isso não é o que importa para o presente, exceto que a verdadeira nobreza consiste na virtude. Esta é sua pedra de toque e sua comprovação legítima, e não as posições brilhantes, eclesiásticas (p. 251) ou seculares, pois elas podem, muitas vezes, ser encontradas em pessoas indignas de tê-las, por causa de sua má moral etc.

“O que importa, por agora, é esse comprovante de admissão. Eu faço o sinal da cruz e não compreendo bem do que se trata. Ontem, Pedro era tão libertino e devasso que, constantemente, fugia da escola para andar à toa com seus amigos.

visitaram Jesus, como referido pelo evangelho de São Mateus. A personagem volta a ser mencionada como instrumento de propaganda em momentos de confronto das cruzadas. Esse mito pode ter bases na personagem histórica Ye Liu Dashi, príncipe proto-mongol da etnia Kitan. Para mais informações, visitar: <http://intushistoria.uai.cl/index.php/intushistoria/article/view/259/229> e <https://www.alandalusylahistoria.com/?p=1944>. Ambos com acesso em: 24 ago. 2021.

Como ele é, (p. 251) hoje, tão contido e virtuoso que finge ser religioso, e de uma religião estrita e observadora? Ontem, tão preguiçoso que até para estudar teologia colocou mil obstáculos, e, hoje, tão determinado para trabalhar em uma comunidade? Ontem, tão displicente, e, hoje, tão austero? Ontem era um e hoje é outro? Não sei como acabará isso.

“Não ignoro que Deus é poderoso e pode ter manifestado Seus planos. Sei muito bem que de uma Madalena Ele fez uma santa, de um Dimas, um confessor, de um Saulo, um Paulo, de um Aurélio, um Agostinho, e de outros pecadores fez tantos outros servos Seus que construíram Sua Igreja. Mas aqueles casos não são comuns, porque não é comum que o pecador corresponda à ajuda da graça. O comum é que eles a desprezem em todo momento. Por isso, o mundo está tão perdido. Não sei o porquê, mas me parece que esse é apenas mais um truque do Pedro...

– Cala-te! – disse minha mãe. – Ainda que faça milagres, sempre o acharás errado porque não o amas. Ah, sim, em seus defeitos, acreditas, embora não os vejas, mas duvidas de sua virtude, mesmo olhando-a com teus próprios olhos. Bem que dizem que quem quer matar o cão, acusa-o de ter raiva⁵²².

– O que dizes, querida? – disse-lhe meu pai. – Para qual virtude devo olhar que nunca vi em Pedro?

– Que mais prova de virtude do que esse comprovante de admissão? – disse-lhe minha mãe.

– Não. Esta patente não é prova de virtude – respondeu-lhe meu pai. – O que prova é que ele foi capaz de enganar o provincial para seus próprios fins.

– Dizes e fazes tudo isso para evitar não perder o costume. Mas, para isso, precisas atirar pedras⁵²³ em meu filho? Ele ainda tem tios, e quando não, pedirei (p. 252) esmola para suas despesas.

Essa foi a réplica de minha mãe, à qual meu pai respondeu muito prudentemente:

⁵²² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “[...] *en dando en que su perro tiene rabia, hasta que lo mata*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 251). De acordo com López y López (1931, p. 480), a frase em castelhano adverte o “risco que há no fato de alguém cair em um vício porque as pessoas lhe atribuem um erro com muita frequência” (Nossa tradução).

⁵²³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Quitar de las piedras para poner en mi hijo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 251). Transcrição da nota 239, da edição de 2008 (p. 251): “[...] aparentemente, o sentido mais adequado é caluniar de acordo com o indicado por Reyes Palacios [1982, p. 186] por sua relação com a expressão que aparece na obra *La Quijotita y su prima*” (Nossa tradução).

(p. 252) – Não sejas tola, mulher. Não são as despesas, mas a experiência que tenho, que me faz desconfiar de Pedro. Conheço seu temperamento e examinei seu caráter; por isso, duvido que sua vocação seja verdadeira. Ele é meu filho, eu o amo, e o amo muito, mas esse amor não cega o que sei sobre ele. Sei que ele não gosta de trabalhar, que gosta demasiado de ter liberdade, amigos e luxo, e que é muito volúvel em sua maneira de pensar. Além disso, ele é muito jovem, tem um longo caminho a percorrer para saber distinguir bem as coisas, e tudo isso me leva a crer que ele apenas permanecerá no convento durante dois ou três meses, que verá o trabalho da religião e irá embora. É isso que pretendo eximir, não as despesas, pois sempre tive o prazer de gastar tanto quanto considere necessário para seu bem. No entanto, de boa vontade e tão voluntariamente como em outros momentos, assumirei os gastos nessa ocasião, pagarei o quanto for necessário e sentirei prazer ao ver que foi tudo para o proveito dele.

Aqui, a conversa acabou, e meus bons velhos, pai e mãe, saíram para comer.

À noite, meu pai chamou-me para conversarmos a sós, para me fazer mil perguntas, às quais respondi *amém, amém*, com a mesma hipocrisia que eu usei com o padre provincial. Meu pai deu-me um bom sermão e me explicou qual era a vida de um religioso, qual era a perfeição de seu estado, quais eram seus deveres, quão terríveis são os resultados que devem ser prometidos por aqueles que abraçam tal estado sem vocação, e não sei mais que outras coisas, todas verdadeiras, justas, muito bem ditas e para meu bem. Mas isso é o que os rapazes ouvem com menos atenção. Por isso mesmo, embora não seja muito, eles logo se esquecem de tudo. É por isso que eu estava, durante o sermão, olhando para baixo e com tanta modéstia que parecia um noviço. Desempenhei o papel tão bem que meu pai pensou que era verdade e se ofereceu para ir ver o provincial pela manhã; ele me deu sua bênção, beijei-lhe a mão e fomos descansar. Dormi muito feliz e satisfeito, porque tinha enganado a todos e tinha escapado de ser um aprendiz ou um soldado.

No dia seguinte, quando me levantei, meu pai já tinha saído (p. 253) de casa, e quando voltou, ao meio-dia, disse-me, diante de minha mãe:

– *Señor Pedrinho*, já conversei com o padre provincial. Tudo está em ordem. Dentro de oito dias, se Deus quiser, tomarás o hábito.

(p. 253) Minha mãe estava feliz e eu fingi estar ainda mais feliz com as notícias. Almoçamos e, pela tarde, fui ver Pelayo e lhe contei como estavam avançados meus negócios. Ele me felicitou assim:

– Fico contente, irmão, por tudo ter sido facilitado. Agora, é necessário aguentar as peculiaridades dos frades, sobretudo no ano do noviciado, porque eu te asseguro que eles as têm, e da mais alta ordem. Devido a isso, deverás levantar-te no meio da noite, rezar o dia todo, andar olhando o chão, falar pouco, jejuar muito, ser chicoteado, varrer os claustros, estudar e sofrer por toda a vida de tantos frades sérios. É uma tarefa sem fim, um subsídio eterno, uma escravidão constante e uma série ininterrupta de trabalhos, dos quais só a morte poder-te-ia libertar.

“Enfim, já o fizeste e precisas continuar⁵²⁴, caso contrário, o que dirá teu pai? O que dirá tua mãe e teus parentes? O que dirá o padre provincial? O que dirão os conhecidos de tua casa? O que dirá meu pai? E o que dirão todos? Se te arrependesses agora, seria um escândalo público, uma desonra para ti e uma vergonha terrível para teus pobres pais. Desse modo, não há remédio, irmão; o que está feito, está feito⁵²⁵, diz o provérbio. Agora, forçosamente, deves ser um frade, queiras ou não.

Há homens cujo caráter é tão venenoso que fazem o mal mesmo quando pensam que fazem o bem. São como o gato que arranha quando se lhe dá carinho. Tal era o caráter de Pelayo que, depois de ter dito que me estimava, parecia inclinado a me afligir ou me enredar para eu tomar os hábitos, pois, primeiro, pintou-me que a religião era uma festa, que ia ser meu oásis, um sonhado jardim das delícias, a própria “Jauja”⁵²⁶, e, uma vez que eu estava comprometido, representou-a como um calabouço, desacreditando-a desde todos os pontos de vista.

⁵²⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *morderte un brazo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 253). Ruiz Barrionuevo, na nota 240 (p. 253) traz a definição extraída do *Diccionario de autoridades* (1969): “Ação ou sentimento grave que alguém tem de ter perdido, por omissão ou descuido, alguma coisa que desejava conseguir” (Nossa tradução).

⁵²⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *a lo hecho, pecho* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 253). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 592), “responder de qualquer modo e resolutamente ao passo dado, quaisquer que possam ser as consequências” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/592/mode/2up?view=theater&q=pecho>. Acesso em: 21 jul. 2023.

⁵²⁶ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me pintó que la religión era una Jauja* [Nossa tradução: pintou a religião como uma Jauja]. Jauja é um lugar no centro do Peru, conhecido como um lugar paradisíaco de prosperidade, de abundâncias. Aparentemente, a descrição do lugar pode ter servido

(p. 254) Despedi-me dele, muito pesaroso, e estava a ponto de retratar minhas intenções, mas a vergonha e o pensamento “*o que dirão?*”, essa noção de “*o que vão dizer?*”, tão mundana, que é a causa, quase sempre, de atropelarmos as leis divinas, fez-me forçar minha predisposição. Assim, pus de lado meus medos, e levei adiante minha sandice.

Naqueles oito dias, foram preparadas todas as coisas necessárias para minha admissão. Foram avisados todos os meus amigos, parentes, conhecidos, bons e malfeitores. De todos eles, meu pai recebeu mil elogios, e minha mãe, mil felicitações. Juntos, esses comentários resultaram em dois mil falatórios, que chamam políticas, cerimônias e realizações, mas que são tão inúteis, por muito que sejam multiplicadas em número.

Meus pais, durante esses oito dias, receberam visitantes ao mesmo tempo que organizaram o necessário para minha admissão. Eu, por outro lado, estava ocupado com Pelayo, pois tinha de me despedir de minhas tertúlias, com muita dor no coração, porque sentia uma desmedida violência por ter de me separar de minhas distrações pecaminosas.

Meu grande Pelayo fez questão de propalar por todo lugar que visitamos meus novos projetos e o quão perto estava de meu noviciado. Implorei-lhe que os mantivesse em segredo, mas ele tinha escrúpulos e consciência pesada para os guardar para si mesmo. Assim, como todas as casas que visitamos pertenciam àqueles homens e mulheres que são chamados de licenciosos, eles se encarregaram de zombar de mim, especialmente as mulheres. Uma delas disse-me:

– Oh, que pena, tão jovem e ter que ficar trancafiado!

Outra delas complementou:

– Que gracinha! E tão novo!

E outra agregou:

– Não vai se lembrar de mim, então?

Outra mais comentou:

– Aposto que nem sequer és praticante?

como uma sugestão inspiradora para a segunda expedição à América. Inclusive, Lope de Rueda (1510-1565) escreveu um livro com esse nome: *Tierra de Jauja* (1547). Para mais informações, visitar: <https://blogdeespanol.com/2017/03/esto-es-jauja/>, <http://www.jaujamiperu.com/provincia-de-jauja/jauja/historia-de-jauja.html>. Ambas com acesso em: 24 ago. 2022.

(p. 254) Ao que a anterior retrucou:

– Acho que não és bom para ser um frade, sendo tão jovem, nada feio e com tantas graças.

Ainda uma delas declarou:

– Bailarino de contradança e frade? Vá lá, não acredito não. – E assim por diante se davam os comentários.

(p. 255) Quando era o momento de proferir alguns contos e palavras obscenas (que eram pronunciadas em cada possível ocasião), alguma rapariga zombeteira saltava, com frieza, o comentário: – “*Quem foi que disse isso, menina? Cala-te, não devemos perturbar o servo de Deus*”.

Mesmo com todas essas bufonarias, diverti-me o mais que pude, a título de despedida. Fiz ouvidos de mercador⁵²⁷ e dancei, toquei o bandolão⁵²⁸, conversei, seduzi e fiz coisas que é melhor não dizer. Tais foram os exercícios preparatórios em que me entretive nos oito dias que antecederam a meu enclausuramento no convento. Foi assim que isso aconteceu.

Não satisfeito com a liberdade que eu tinha na rua até às oito horas da noite, pois até essa hora os religiosos tinham sua licença prolongada *in fieri*⁵²⁹, e não satisfeito com a facilidade que meu mestre Pelayo, meu gênio festivo e a facilidade que as *señoras* que visitamos me deram, eu ainda aspirava a seduzir Poncianita, a filha de seu Martim da fazenda, que frequentava, diariamente, minha casa.

Mas a jovem era virtuosa, discreta e brincalhona. Ela conhecia bem meu carácter e me tomou pelo que eu era, ou seja, por um jovem devasso e malicioso, mas tolo. Assim, a todos os carinhos e gestos fingidos⁵³⁰ que lhe fiz, ela me respondeu com muito prazer, mas, também, com muita inconstância, e sempre me fez ver que gostava de mim. Com isso, eu, mais tolo e malandro do que ela, pensei que, em algum momento, eu a ganharia. Mas ela, mais honesta e inteligente do que eu, pensou que,

⁵²⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Hacía orejas de mercader* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 255). López y López (1931, p. 467) explicam que a frase significa “fazer-se de desentendido” (Nossa tradução).

⁵²⁸ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *bandolón*, instrumento de cordas típico mexicano. Ver nota 406 de nossa tradução.

⁵²⁹ *Nota da Tradutora: O dicionário *Aulete Digital* registra o seguinte significado: “loc. adv. 1. Prestes a se tornar”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/in%20fieri>. Acesso em: 24 ago. 2021.

⁵³⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *zorroclocos*. O *DRAE* (2021), apresenta, em sua segunda acepção, o registro “coloquial. Gesto exagerado e fingido de afeição” (Nossa tradução) para essa lexia. Disponível em: <https://dle.rae.es/zorrocloco?m=form>. Acesso em: 21 jul. 2023.

desta vez, (p. 255) eu nunca conseguiria, como, de fato, nunca aconteceu algo entre nós.

Um dia, eu próprio dei-lhe um pequeno bilhete, que dizia muitas tolices e expressões de amor e finalizava assegurando-lhe minha boa vontade, e que, se eu não me tornasse religioso, não me casaria com ninguém a não ser com ela. A partir disso, podeis entender muito bem o que eu era, e, também, como muita ignorância e muita malícia são compatíveis.

O que é mais digno de celebração, porém, é sua resposta indecente a minha nota, que dizia: *Mocinho, agradeço vossa boa vontade, e, se pudesse, retribui-la-ia, mas quero bem a outro cavalheiro, e se não fosse assim, não me casaria com ninguém melhor do que vós, mesmo que recebesse uma dispensa. Que Deus vos faça um bom religioso e vos dê boa sorte em todas as coisas. Aquela que conheceis.*

(p. 256) Não posso avaliar bem as agitações que senti com essa devolutiva. Ela me deixou enciumado, flertou comigo e me enfureceu a tal ponto que, naquela noite, que era a véspera de minha entrada no convento, eu mal consegui dormir. Qual seria o teor do alvoroço de minhas paixões? Mas, finalmente, amanheceu, e, com a visão de outros assuntos, foi-se acalmando em mim, aos poucos, aquela agitação com que ela me deixou.

A tarde chegou. Despedi-me de minha mãe, tias e conhecidas, que abracei muito desolado. Não deixei de realizar a mesma cerimônia com a esperta Poncianita, que retribuiu meu abraço com considerável desdém, como se sua mãe estivesse presente e não gostasse de mim como afirmou. Depois do rodízio de abraços, lágrimas e gestos infantis, partimos para o convento meu pai, eu, meus tios e vários convidados que iam testemunhar minha hipocrisia.

Então, o destino (contra minha pessoa) prefigurou, a meu ver, minha desgraça, porque o silêncio com que partimos e a longa série de carruagens que se seguiram à nossa representavam, muito bem, um luto. Todos aqueles que nos olhavam na rua não pensavam que seria outra coisa. De fato, eu e meus pais poderíamos ter recebido os pêsames, com toda justiça.

Chegamos a San Diego. O padre provincial foi notificado e recebeu-nos com seu bom carácter habitual, arranjou tudo, e fomos ao coro, onde o serviço foi realizado. Tomei o hábito, mas não me despojei de minhas más qualidades. Vi-me vestido de religioso e estive misturado entre eles, mas não senti dentro de mim a mínima

mutação. Permaneci (p. 256) tão mau como sempre e, depois, experimentei, por mim mesmo, que o *hábito não faz o monge*.

Meu pai despediu-se de mim e daquela venerável comunidade. Os outros fizeram o mesmo, e João Dotado deu-me um grande abraço, a quem, nesse momento, eu disse:

– Não deixes de vir me visitar.

Ele prometeu. Todos foram embora e eu fiquei sozinho e lá entre os frades, como dizem, com o rabo entre as pernas e como um cão perdido em bairro alheio⁵³¹.

Comecei, imediatamente, a sentir falta da aspereza do pano de minhas roupas. Chegou a hora do refeitório e eu não gostei da escassez do jantar. Quando fui para a cama, não consegui encontrar um lugar confortável nela. A cama de tábuas machucou-me por todos os lados, (p. 257) e, como nunca havia sequer praticado, nem de brincadeira, qualquer dessas mortificações, elas me afetaram demasiadamente.

Virei-me e revirei-me, e não consegui dormir, pensando na Poncianita, na Raposa, na Carochinha e outras do gênero. Arrependi-me, sinceramente, de minha determinação. Reneguei o apoio que tinha encontrado em Pelayo e me entreguei ao diabo, juntamente com a carta de recomendação que facilitou, tão rapidamente, minha prisão, nome que dei a meu novo estado. Não tinha sido culpa de meu amigo, mas minha, porque eu não nasci para o claustro.

Por acaso não sou eu um selvagem e um néscio – questionava a mim mesmo – por me ter condenado, por vontade própria, a esta prisão terrível e a esta vida miserável? Que riqueza roubei? Que moeda falsa fiz? Que heresias falei? Que casa queime? Que crime hediondo cometi para sofrer o que sofro? Que diabo meteu em minha cabeça a ideia de que eu fosse um frade somente para me livrar de ser um aprendiz ou um soldado? Em qualquer dessas duas atividades, eu passaria certamente melhor, porque comeria quando pudesse, e tanto quanto quisesse; vestiria uma camisa, mesmo que fosse feita de um pano simples; dormiria num colchão, se tivesse um, até cansar nos dias de folga, e, finalmente, desfrutaria de minha liberdade, caminhando entre meus amigos e minhas conhecidas nos bailes e pândegas. Não,

⁵³¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *quedar rabo entre piernas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 256). De acordo com López y López (1931, p. 472), a expressão significa ficar derrotado, expulso. A segunda frase *quedar como perro en barrio ajeno* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 256) – significa “andar às cegas”, “ficar assustado”, “com medo”.

não aqui, com (p. 257) essa vestimenta de pano grosseiro e tosco colado a minha pele, descalço, comendo mal, dormindo pior em tábuas duras, trancafiado, trabalhando, e sem poder ver uma mulher ou qualquer coisa parecida por isso tudo aqui. Ah! Eu mesmo me repudio! Maldita seja a hora em que pensei em ser um frade.

Assim falei comigo mesmo e é desse modo que falam todos aqueles jovens de ambos os sexos, especialmente as garotas miseráveis, que, sem uma inspiração em Deus e sem ter uma vocação perfeita, abraçam o estado religioso; um estado santo, um estado calmo, doce e celestial para aqueles que são chamados pela graça; mas um estado duro, difícil e infernal para aqueles que entram nele sem vocação. Quantos, quantos o experimentam em si próprios em momento, talvez, demasiado tarde e sem remédio! Atenção, meus filhos, tendes cuidado com vossa vocação, seja ela qual for; tendes cautela ao entrar em uma situação sem consultar (p. 258) vosso amor-próprio. Finalmente, tendes cuidado em colocar sobre vós mesmos fardos que não podeis suportar, pois perecereis abaixo deles.

Amaldiçoei e resmunguei, como vos digo, até adormecer, por volta das onze e meia da noite. Mal tinha fechado as pálpebras quando o noviço despertador entrou em minha cela e disse-me:

– Irmão, irmão, levantai, vossa caridade, vamos à matina⁵³².

Abri os olhos, percebi que tinha de obedecer e me levantei⁵³³, amaldiçoando a tudo e a todos. Fui ao coro, e, meio adormecido, resmunguei o que compreendi da missa, terminei minha tarefa e retornei a minha cela, com vontade de beber uma tigela de chocolate, mesmo àquela hora, porque, com certeza, estava com fome. Mas não havia ninguém a quem pedir qualquer coisa.

Havia um profundo silêncio naqueles aposentos apertados e, no meio do pavor que isso me causava, para distrair minha fome, minha vigília e meu desespero, entreguei-me, novamente, a minhas ideias licenciosas e melancólicas. Fiquei tão absorvido nelas que até verti lágrimas de raiva e arrependimento, porém, o sono venceu-me quando deram as quatro da manhã, e adormeci. Para minha desgraça de

⁵³² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *maitines* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 90). Segundo o dicionário *Aulete Digital*: “3. Litu. Cada um dos cânticos da primeira parte do ofício divino realizados ger. entre a meia-noite e o nascer do dia [Mais us. no pl.]”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/matina>. Acesso em: 26 ago. 2021.

⁵³³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *echando sapos y culebras* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 258). De acordo com López y López (1931, p. 465): “jogar mil pragas, irromper com invectivas e diatribes” (Nossa tradução).

preguiçoso, (p. 258) mal comecei a roncar, quando o noviço despertador veio, novamente, acordar-me para ir à *hora prima*.

Levantei-me novamente com raiva, amaldiçoando-me muito. Contudo, lá em meu coração, sem dizer uma palavra, disse a mim mesmo: – Não é essa uma vida muito pesada? Onde já se viu a determinação como a daquele frade fajuto que se empenha para me manter acordado! Ele é meu algoz, sem dúvida. É meu Pedro Recio⁵³⁴ no México, porque, se o primeiro tirou os pratos de Sancho assim que começou a comer, o segundo tirou-me o sono assim que comecei a dormir.

Pensando nesses absurdos, fui ao coro⁵³⁵, rezei mais do que um cego e, quando cantava, abria bem a boca, mas de fome, pois não tinha comido desde a ceia da noite anterior, que mal degustei. Assim, meu estômago estava num fio, e desejava que a *hora prima* acabasse já para poder encher-me com o chocolate, (p. 259) que prometia ser muito bom, pois tinha ouvido dizer que, naqueles tempos, os frades bebiam muito bom *caracas*⁵³⁶. Tanto que, quando havia uma caneca muito grande em casa, dizia-se: “Este canecão é para frades”. Com isso, eu costumava dizer a mim mesmo: pelo menos, se o jantar é ruim, o café da manhã deve ser famoso. Tenho certeza de que agora vou encher a pança com uma boa tigela⁵³⁷ de bom chocolate com os biscoitos correspondentes e, quando não, pelo menos com 25 centavos⁵³⁸ de pão amanteigado.

⁵³⁴ *Nota da Tradutora: Doutor Pedro Recio é uma personagem no *Don Quijote*, de Cervantes, representante do imaginário coletivo sobre o médico charlatão. Para mais informações, visitar: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0213-91112005000500017. Acesso em: 27 ago. 2021.

⁵³⁵ *Nota da Tradutora: lê-se, em castelhano, *coro* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 258). O coro é um espaço físico nas construções das igrejas: “Coro: parte elevada, geralmente nos fundos da igreja, onde ficam se colocam os corais e órgão”. Disponível em: <https://sanctuararia.art/menu/glossario-e-imagens-explicativas/>. Acesso em: 02 set. 2021.

⁵³⁶ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 211): “*Caracas* é o nome comum com que se conhece o chocolate, em atenção a que o chocolate ‘Caracas’ era um dos principais ingredientes para a fabricação daquele alimento” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/210/mode/2up?view=theater&q=caracas>. Acesso em: 21 jul. 2023.

⁵³⁷ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *pozuelón* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 259). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 886), “*Pozuelón, pozuelo*, vasilhame cilíndrico, pelo geral de peltre com cabo ou alça que serve para beber” (Nossa tradução). O peltre é, de acordo com o dicionário *Aulete Digital*: “liga de zinco, chumbo e estanho. F. ingl. Spelter (zinco)”. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/886/mode/2up?view=theater&q=pozuelo> e <https://www.aulete.com.br/peltre>. Acesso em: 21 jul. 2023.

⁵³⁸ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cuartilla* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 259). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 320),

(p. 259) Nessa santa contemplação, a oração terminou e saímos do coro. Podeis imaginar quanta foram minha tristeza e minha raiva quando deram as seis, as seis e meia, as sete horas, e não aparecia o chocolate, nem veio durante toda a manhã, porque me disseram que era dia de jejum! Naquele momento, desesperado, encomendei-me a Barrabás⁵³⁹. Repudiei com mais força e fervor minha maldita decisão de me tornar frade, e, ainda mais, quando outros dois noviços vieram e me presentearam com dois baldes de couro e disseram-me:

– Irmão! Vinde, vossa caridade! Pegai esses baldes e vamos varrer o convento, até o tempo de ir ao coro.

Isso só fica pior – disse a mim mesmo – porque não durmo, não como e trabalho como um burro de carga! É isso que é ser um noviço? É isso que é ser um frade? Ah, arrependo-me de minha maldita ligeireza e de ter seguido os conselhos infames de Pelayo e de João Dotado! Não há como eu ficar aqui, não sou um frade. Vou-me embora, porque, se permanecer aqui mais oito dias, vou acabar me dando mal⁵⁴⁰ por causa do sono, da fome e do cansaço. Vou-me embora, sim, vou-me embora...

Mas por tão pouco tempo? Ainda nem tinha terminado de aquecer o assento e já quero partir? Não pode ser. O que dirão? É melhor que eu suporte dois ou três meses, como alguém que bebe água de fumo⁵⁴¹. Depois, disfarçarei minha partida, fingindo estar doente, embora não haja necessidade de fingir, uma vez que minha

“moeda de prata, cujo valor era a quarta parte de um *real fuerte*, ou seja, três centavos e um oitavo de peso” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/320/mode/2up?view=theater&q=cuartilla>. Acesso em: 21 jul. 2023.

⁵³⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me acabé de dar a Barrabás* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 259) –, cujo significado, de acordo como López y López (1931, p. 464), é “desesperar-se” (Nossa tradução).

⁵⁴⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me acaba de llevar el diablo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 259). De acordo com o DRAE (2021): “levar-se o diabo algo/alguma coisa: 1. loc. verb. coloq. Acontecer algo de ruim, ou tudo o contrário do que era esperado” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/diablo?m=form>. Acesso em: 27 ago. 2021.

⁵⁴¹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *agua de tabaco* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 259). Periquitinho refere-se ao costume de beber água de folhas de tabaco, como um ato de purificação do corpo; porém, ao mesmo tempo, monta o plano de simular estar doente pelo uso contínuo de tal bebida. O tabaco, ou fumo, é uma planta cultivada por antigos moradores dos atuais territórios do Equador e do Peru e cujo uso estendeu-se por todo o continente. Estudiosos da genética vegetal informam que os primeiros cultivos achados datam entre 5000 a.C. e 3000 a. C. Seu uso foi amplamente difundido entre as culturas americanas pré-colombianas e tinha diferentes aplicações cerimoniais e usos medicinais, dentre os quais destacamos o chá de folhas de fumo, que era servido como vomitivo devido aos componentes eméticos da planta. Para mais informações, visitar: [http://vip.ucaldas.edu.co/culturaydroga/downloads/culturaydroga13\(15\)_4.pdf](http://vip.ucaldas.edu.co/culturaydroga/downloads/culturaydroga13(15)_4.pdf). Acesso em: 27 ago. 2021.

doença (p. 259) será real e verdadeira, com semelhante vida que levo. Rezo a Deus para que, daqui até lá, (p. 260) eu não bata as botas⁵⁴² dentro desses santos paredões. Mas daí... fazer o quê?!

Desse modo discursava eu enquanto levava água para regar os corredores com a *pichancha*⁵⁴³. Eu estava sempre triste e abatido, mas admirado de ver como os outros dois frades, meus colegas, varriam com alegria. Eles tinham, mais ou menos, minha idade ou eram um pouco mais novos do que eu. Podia-se ver que eles eram virtuosos e tinham entrado ali com verdadeira vocação, e não para se desculparem de trabalhar, para folgar, como eu.

Um deles, o mais novo, era muito alegre. Tinha a pele branca, seu cabelo ruivo, seus olhinhos azuis e muito vivazes. Sua boca se enchia de um sorriso modesto e, como estava cansado pelo trabalho feito, tinha o rosto avermelhado e bonito que parecia um Santo Antônio. Ele reparou em meu rosto sombrio e triste, e, acreditando, pobre homem inocente, que eu tinha como característica a extrema austeridade, e devido aos escrúpulos que, supostamente, agitavam-me, veio ter comigo e disse com grande prazer:

– Caro irmão, está tudo bem convosco? Por que estais tão triste? Animai-vos! A alegria não se opõe ao serviço de Deus. Esse *Señor* é todo feito de bondade. Somos seus filhos, não seus escravos. Ele quer que o amemos como um pai e o adoremos como o *Señor* supremo, não que o temamos com medo servil. Não. Ele não é nosso tirano. Ele é um Deus cheio de doçura, não um Deus filicida como o Saturno dos pagãos. Sua visão alegra os santos e faz toda a felicidade do céu. Seu serviço deve inspirar os seus com a maior confiança e alegria.

“O santo rei David disse expressamente: *Servi ao Señor com alegria*; e Eclesiásticos: *Não entregues tua alma à tristeza, não atormentes a ti mesmo em teus*

⁵⁴² ***Transcrição da nota 246, da edição de 2008 (p. 260, retirado da quarta edição, [1842]): “[Lê-se, em castelhano: *que [...] no haya estacado la zalea [...]* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 260). *Estacar la zalea*: morrer, em alusão aos cordeiros que, depois de mortos e esfolados, têm seus couros cravados com estacas no chão ou em paredes para deixar secá-los antes de curti-los. O mesmo significa a outra frase vulgar, *pelar su indigna rata* – [Nossa tradução: esfolar seu indigno rato]” (Nossa Tradução).

⁵⁴³ *Transcrição da nota 247, da edição de 2008 (p. 260, retirado da quarta edição, [1842]): “*Pichancha*, balde de couro ou de madeira utilizado pelos toucinheiros para jogar água sanitária ou água nas enormes vasilhas metálicas onde era elaborado o sabão. Reyes Palacios (1982, p. 194) sugere que se trata de um regador, já que o gravado no romance assim o confirma” (Nossa Tradução).

*pensamentos*⁵⁴⁴, (p. 260) *pois a tristeza matou a muitos, e não há nela utilidade alguma*⁵⁴⁵. (p. 261) O que mais posso dizer? O próprio Jesus Cristo ordena-nos que não nos entristeçamos como os hipócritas⁵⁴⁶. Assim, caro irmão, regozijai-vos, alegrai-vos, e rejeitai escrúpulos e ideias sombrias que não honram a Divindade, e que não sejam de proveito para as almas.

Agradei ao bom religioso por seus conselhos e lhe invejei a virtude, a serenidade e a alegria. Não sei o que tem a virtude sólida que a torna bondosa, mesmo vinda dos próprios ímpios.

Chegou o horário da missa conventual e fomos ao coro. Só então reparei que alguns dos padres que eu tinha visto no convento não estavam presentes. Perguntei o motivo e disseram-me que eram padres sérios e reformados, ou isentos da assistência comunitária. Com isso, consolei-me um pouco, porque disse: no caso de professar, o que duvido, uma vez que eu seja já um padre sério, já estarei livre dessas coisas. Fomos ao coro.

⁵⁴⁴ Nota da Tradutora: Trata-se do capítulo 30, versículo 22, do livro Eclesiásticos. Disponível em: <https://clube.cancaonova.com/outras-materias/eclesiastico-3022-27/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

⁵⁴⁵ Nota do Autor: “*Tristitiam longe repele a te, multos, enim, occidit tristitia et non est utilitas in ea* – [A tradução foi feita pelo autor e está inserida no texto]” – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 261, nota de rodapé a). Nota da Tradutora: Trata-se do capítulo 30, versículo 24, do livro Eclesiásticos. Tradução encontrada na página da Canção Nova: “Afasta a tristeza para longe de ti, pois a tristeza matou a muitos, e não há nela utilidade alguma”. Disponível em: <https://clube.cancaonova.com/outras-materias/eclesiastico-3022-27/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

⁵⁴⁶ Nota do Autor: “*Nolite fieri sicut hypocritae tristes* [São Mateus, 6, 16]” – [A tradução foi feita pelo autor e está inserida no texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 261, nota de rodapé b). Nota da Tradutora: Trata-se do capítulo 30, versículo 25, do livro Eclesiásticos. Disponível em: <https://clube.cancaonova.com/outras-materias/eclesiastico-3022-27/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

(p. 262) **Capítulo XII**

Trata sobre os maus e bons conselhos, do falecimento do pai do Periquitinho e de sua saída do convento

Estive no coro no decorrer da hora terça⁵⁴⁷ e da missa, mas com a mesma atenção que o facistol⁵⁴⁸, quer dizer, tão concentrado e inerte como a mobília. Tudo o que fiz foi brigar com o sono, esticar as pálpebras e bocejar como alguém que não tinha comido nem dormido.

O padre que presidia a missa reparou nisso, e assim que saímos, disse-me:

– Irmão, parece que vossa caridade é muito preguiçosa. Entenda. Aqui não é lugar para dormir.

A chamada de atenção fez-me sentir desconfortável, pois não estava habituado a ser muito repreendido; mas não me atrevi a dizer uma palavra em resposta. Passei pela capela e fui continuar a limpeza de meu quartel sagrado.

A hora abençoada do refeitório chegou e, embora a refeição fosse comunitária, pareceu-me descida do céu, pois não há pão ruim para uma boa fome⁵⁴⁹.

Enfim, habituei-me, aos poucos, a suportar as atividades de frade e o confinamento do noviciado, mantendo meu estômago fraco, confortando meus olhos adormecidos, movimentando meus membros cansados pelo trabalho e tolerando as outras dificuldades da religião, na esperança de que, dentro de seis meses, fingisse uma doença e regressasse à vida desregrada⁵⁵⁰ que eu tinha deixado na rua. (p. 263)

⁵⁴⁷ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *la terciá* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 262). Sobre as horas canônicas, visitar: <https://liturgiadas horas.online/a-sete-horas-canonicas/>. Acesso em: 02 set. 2021.

⁵⁴⁸ **Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *facistol* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 262). “O facistol é uma grande estante giratória, criada no século XV para permitir a leitura coletiva dos livros de cantochão pelos capelães em catedrais ou pelos(as) religiosos(as) em mosteiros e conventos. Até inícios do século XX, os livros destinados ao cantochão nesses templos eram elaborados em tamanho grande, para leitura coletiva, e por isso o facistol era assim tão grande e posicionado de modo que todos os cantores pudessem ler o livro”. Retirado de: <https://www.facebook.com/MuseuDaMusicaDeMariana/posts/1080700768654945/>. Acesso em: 02 set. 2021.

⁵⁴⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *A buen hambre no hay mal pan* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 262). De acordo com López y López (1931, p. 481), significa: “quando há bom apetite não existem frescuras. Se formos auxiliados quando com necessidade, aceita-se tudo sem pôr defeito” (Nossa tradução).

⁵⁵⁰ ***Transcrição da nota 249, da edição de 2008 (p. 262, retirada do *Diccionario de autoridades*, [1969]): “*bueno anda el ajo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – é utilizado quando existe alguma coisa muito conturbada e tumultuada; e, também, para dar a entender que há inquietação, confusão, desordem em algum negócio” (Nossa tradução).

Essa expectativa esperançosa era reforçada com as visitas de meu pai, que vinha de tempos em tempos; porém, o verdadeiro reforço vinha dos conselhos sempre cristãos, prudentes e caridosos de meus dois mentores: Januário e Pelayo.

Um deles disse-me:

– Sim, Quitinho, não farás nada melhor do que te mudar daqui. Olha como, em dois dias, já estás transfigurado, magro, triste, amarelo e com a morte seguindo teus passos. Só te falta ser enterrado, o que esses frades abençoados não demorarão a fazer, pois, com toda sua santidade, são muito chatos e muito imprudentes. Logo, logo⁵⁵¹, gostariam que um pobre noviço fosse canonizado. Reparam tudo nele, castigam-no por tudo; nada lhe dissimulam nem perdoam. Como podes ver, nenhum padre-mestre lembra-se de ter sido alguma vez noviço.

Era isso que me dizia o menos ruim de meus amigos, Pelayo, porque o maldito do João Dotado, esse era ainda pior. Blasfemava sobre os frades, sobre todos os religiosos do mundo, e imaginai em que termos o faria, já que, sendo eu algo pior do que Barrabás, ficava escandalizado?

Certamente, as coisas que me disse não são dignas de serem escritas, sobretudo, e especialmente, no tocante àquela venerável religião, que não teve culpa de que um patife como eu – que, sem vocação e sem virtude, apenas para fugir aos desígnios muito justos de meu pai – fosse acolhido por ela mesma. E, no entanto, por seus conselhos, concluireis a profundidade da maldade que estava em seu coração.

– Não sejas tolo – disse ele. – Sai, vem para a rua. Não fiques convencido e queiras professar, pois isso será enterrar-se vivo. És um rapaz selvagem, que gosta das coisas mundanas.

“As raparigas que conheces perguntam-me sempre por ti. Minha prima chorou muito. Ela sente tua falta e diz que tomara que não sejas um frade, que casaria contigo. Por isso, sai daí, Periquitinho estimado! Vem embora e te cases com Poncianita, que é a única filha de seu Martim e que tem seu bom dinheiro. Agora, agora que ela te ama, conseguirás ter a desejada oportunidade. Se ela perder a esperança de tua volta e se apaixonar por outro, tu perdes tudo.

⁵⁵¹ ***Nota da Tradutora: A estrutura: *luego luego* coincide com a do português *logo, logo*, com o significado de “em seguida”. Para mais informações, visitar <https://dle.rae.es/luego?m=form> e <https://www.dicionarioinformal.com.br/logo+logo/>. Ambas com acesso em: 03 set. 2021.

(p. 263) “Quem dera eu não fosse primo dela! Certamente, se pudesse, eu mesmo tomaria esses conselhos para mim. Mas eu não posso me casar com ela. Depois de tudo, ela se casará com qualquer um, e esse qualquer um não deve ser outro senão tu, que és meu amigo. Já que eu não posso tirar proveito disso, é (p. 264) melhor que um amigo o aproveite⁵⁵². O que me dizes? O que te digo? Quando saís daí⁵⁵³?

Eu era um palerma⁵⁵⁴ e, depois das visitas e das persuasões desse vagabundo, fui me corrompendo cada vez mais e mais, até alcançar um tal grau de desídia que não fiz corretamente o que a obediência ordenava-me. Se eu saía para servir de acólito, não permanecia muito quieto no altar; minha cabeça era como o catavento, e meus olhos insistiam em conferir cada mulher na igreja. Se varria o convento, fazia-o muito mal. Se ajudava a servir no refeitório, quebrava os pratos e as tigelas. Se era designado para algum cargo no coral, adormecia. Finalmente, fiz tudo mal, porque fiz tudo de má vontade.

Por isso, raro foi o dia em que não entrei no refeitório com meu travesseiro, minha vassoura, ou recipientes de cerâmica pendurados, com uma máscara tapa-olhos, ou com algum outro sinal de meus maus hábitos e das ridiculices dos frades, como eu costumava dizer.

Nos primeiros dias, assentaram um pouco a sela⁵⁵⁵ em mim, ou seja, considerei desagradáveis tais zombarias, chacotas, como lhes chamei, sendo que seu nome certo é *penitências*. Mas, depois, fui, cada vez mais, acostumando-me com elas. Assim, já era normal que eu entrasse no coro ou refeitório com um cordão de seixos pendurado no pescoço, como se estivesse a carregar um rosário de Jerusalém.

⁵⁵² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *lo que se ha de llevar el moro mejor será que se lo lleve el cristiano* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 263-264). Para López y López (1931, p. 479), o significado da frase é: “o que não posso aproveitar, é preferível que um amigo o aproveite” (Nossa tradução).

⁵⁵³ Transcrição da nota 250, da edição de 2008 (p. 264, retirado da quarta edição, [1842]): “Há uma longa omissão com respeito à primeira edição, de tom didático moral que constava das páginas 198-204” (Nossa tradução).

⁵⁵⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se em castelhano, *yo era maleta* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 264). No *DRAE* (2021), na terceira acepção, *mala* significa “pessoa que pratica com incompetência ou desacerto a profissão que pratica”. Disponível em: <https://dle.rae.es/maleta?m=form>. Acesso em: 03 set 2021.

⁵⁵⁵ Transcrição da nota 251, da edição de 2008 (p. 264, retirado da quarta edição, [1842]): “Periquitinho poderia dificilmente escapar dessa comparação com os cavalos, se não fosse porque ele fala de si mesmo” (Nossa tradução).

(p. 264) Desse modo, caindo e me levantando e fazendo com que os abençoados religiosos acordassem, cheguei ao final de meus seis meses como noviço, tempo que tinha fixado desde o primeiro dia para sair dali e ir embora à rua e regressar a minhas andanças no mundo secular.

Planejava a respeito de qual doença seria bom que eu adoecesse, ou fingisse adoecer, para persuadir minha inconstância. Quando, finalmente, elegi a epilepsia e estava prestes a desferir no coração sensível de meu pai o golpe fatal e lhe escrever sobre minha resolução de abandonar o convento, chegou o Januário e deu-me a triste notícia de que meu dito pai estava gravemente doente e tinha sido declarado incurável pelos médicos.

(p. 265) Tais notícias deixaram-me aflito. Tentei apressar minha partida; porém, Januário conteve-me, dizendo-me que havia tempo para isso; que, por enquanto, devia suspender minha resolução, pois ela de nada adiantaria. Poderia acontecer que meu pai, com o desgosto, fosse piorar da saúde, e que seus dias seriam encurtados por minha atitude intempestiva. Disse-me que devia ficar calmo, que, pela morte ou pela vida de meu pai, o abandono poderia ser feito mais tarde, com mais sucesso e menos pressa. Fi-lo desse modo. Confesso que ele me convenceu, pois, embora fosse tão mau, dessa vez, aconselhou-me como um homem de bem.

Os homens, meus filhos, são como os livros. Sabeis que não há livro tão ruim que não tenha algo bom; de modo que, entre os homens, não há nenhum tão mau que, talvez, não tenha alguns bons sentimentos. Portanto, seguindo esse entendimento, o maior pecador, o mais relaxado e devasso, pode dar-nos conselhos saudáveis e edificantes.

Passaram-se cinco dias depois de Januário ter me contado sobre o estado de meu pai, quando seu Martim veio ver-me e, prevenindo meu espírito com consolos ditados por sua caridade, deu-me uma carta fechada de meu pai e, com ela, a notícia de seu falecimento.

A natureza apertou meu coração e minhas lágrimas manifestaram meus sentimentos em abundância. Seu Martim consolou-me novamente e foi dar algumas esmolas ao padre provincial para a oferta da alma do falecido. O padre vigário, os coristas e meus colegas noviços entraram em minha cela e me deram todos aqueles consolos que são apoiados pela religião. Depois de meu pesar ter acalmado um pouco, deixaram-me sozinho e se retiraram para seus afazeres.

(p. 265) Dois dias se passaram sem eu ter a ousadia de abrir a carta, pois, cada vez que a queria abrir, lia o envelope, que dizia: *A meu querido filho Pedro Sarmiento, Deus o guarde em sua santa glória durante muitos anos*. Então, meu coração tremia muito, e eu não fazia mais nada senão beijá-la e umedecê-la com minhas lágrimas, pois aquelas palavras lembravam-me do amor que ele sempre teve por mim, e de sua virtude constante, que tinha inspirado em mim.

Oh, meus filhos! É bem verdade que o bom pai, a boa esposa (p. 266) e o bom amigo só são conhecidos quando a morte lhes fecha os olhos! Eu sabia que meu pai era bom, mas não tinha bem ciência disso até ouvir a notícia de sua morte. Depois, num relance, compreendi sua prudência, seu amor, seu julgamento, sua bondade e todas suas virtudes, e, ao mesmo tempo, vi o mestre, o irmão, o amigo e o pai que eu tinha perdido.

Ao fim de três dias, abri a carta, cujo conteúdo li tantas vezes que ele ficou em minha memória e, como seus documentos são uma herança digna de vosso avô, quero deixá-la aqui escrita para vós:

“Amado filho, à beira da sepultura, escrevo-te isto, que, segundo minha ordem, ser-te-á entregue assim que meu cadáver for enterrado.

Não tenho mais bens para deixar a tua pobre mãe do que quatro reais e os poucos móveis da casa, para que ela possa passar alguns dias de sua triste viuvez sem ansiedade. E para ti, meu filho, o que posso deixar, senão escritas, por minha mão trêmula e moribunda, essas máximas que tentei inspirar-te durante toda minha vida? Abre espaço para elas em teu coração e tente recordá-las com frequência. Segue-as, e nunca te arrependerás de tua observância.

Ame a Deus, tema-o e reconheça-o como teu Pai, teu Señor e teu Benfeitor.

Sê fiel aos governantes e respeita as autoridades que governam em seu nome.

Sê para todos como tu gostarias que fossem contigo.

Não magoes ninguém, e nunca omitas nenhum bem que se possa fazer.

Não aflijas tua mãe ou a faças chorar, porque as lágrimas que as mães derramam pelos filhos malvados clamam a Deus por vingança.

Nunca desprezes os gritos dos pobres e deixes que suas misérias encontrem um depósito em seu coração.

Não julgues o mérito dos homens por sua aparência exterior, pois essa é, muitas vezes, enganosa.

(p. 266) *Nunca te esforces por ser excêntrico ou por se destacar demais em nada.*

Se professas nesta santa religião, não esqueças, em momento algum, dos votos pelos quais te consagrastes a Deus.

(p. 267) *Não te esforces por alcançar as honrosas posições da religião, nem fiques triste se não as alcançar, pois isto não é próprio do verdadeiro religioso, que abandonou o mundo e as pompas da aparência.*

Se chegas a ser um padre-mestre ou prelado, não esqueças a observância de tua regra. Antes, deves ser mais modesto no hábito, mais pontual no coro, e mais edificante em tudo, pois não é certo que exijas de teus súditos o cumprimento estrito de seu dever se tu lhes ensinares o contrário através do exemplo.

Não te intrometas nos negócios e assembleias dos seculares, para que tua descontração não os escandalize, pois parece tão bem um religioso estar no coro, claustro, altar, púlpito ou confessionário enquanto não é bom para ele estar no passeio, na tertúlia, no jogo, dançando, no coliseu e visitando estrados.

Não uses topetes em tua cabeça como um faisão ou peru, pois meramente esse distintivo manifesta quão pouco espírito religioso tens, e declara quão ligado estás ao mundo e a suas modas.

Finalmente, se não professas, guarda os preceitos do Decálogo, qualquer que seja o estado de tua vida. São poucos, fáceis, úteis, necessários e rentáveis. São fundados no direito natural e divino. O que eles nos mandam é justo; o que nos proíbem é para nosso benefício e para o de nossos semelhantes; eles não são violentos, exceto para os desidiosos e licenciosos. Finalmente, sem tua observância, é impossível alcançar ou a paz interior nesta vida ou a felicidade eterna na próxima⁵⁵⁶.

Lembre-se, então, disto, e que, dentro de alguns dias, seguirás o caminho em que teu pai está prestes a entrar, cuja bênção, junto com a de Deus, alcançar-te-á para sempre. Fica com Deus, filho amado. Desde as margens da eternidade, teu pai amoroso, Manuel.”

⁵⁵⁶ Transcrição da nota 253, da edição de 2008 (p. 267, retirado da edição da UNAM, 1982, p. 207-208): “Existe uma nova omissão de dois parágrafos contendo conselhos religiosos” (Nossa tradução).

(p. 267) Essa carta não teve outro efeito senão o de me entristecer por alguns momentos, mas sem aprofundar suas verdades em meu coração, porque faltava-me a disposição de receber uma semente tão salutar.

Passaram-se quinze dias, nos quais, em pouco tempo, os sentimentos que tive pela morte de meu pai e suas advertências na carta (ou seja, o primeiro espírito de compunção com que a li) foram, em grande parte, esquecidos, e eu só me lembrei de minha ansiada liberdade.

(p. 268) Transcorridos esses dias, Januário veio visitar-me e trouxe-me uma mensagem de minha mãe, na qual dizia que estava muito arrependida e triste em sua solidão, e que era tempo de eu levar a cabo meus projetos, pois, desde que meu pai tinha falecido, não havia nada que impedisse minha saída do convento; ao contrário, isso poderia ser um consolo para minha mãe, e outras coisas do gênero. Assim, tomei uma decisão.

Mostrei a carta de meu pai a Januário e, assim que ele a leu, riu-se e disse-me:

– É um bom sermão, sem dúvida. Teu pai, irmão, errou de vocação completamente. Ele era mais adequado para ser um missionário do que um homem casado; mas dizem que já não se usam conselhos e bigodes. A herança é muito boa, embora eu não daria uma peseta⁵⁵⁷ por ela. Se teu pai tivesse deixado moedas em lugar de sermões, agradecer-lhe-ias mais, pois, meu amigo, um peso duro vale mais do que dez colossais conselhos. Guarda essa carta, e abandona o convento para ver o que fazes com o que resta do que teu pai deixou, porque o que é que fará tua mãe? Em quatro dias, ela gasta tudo e desaparece o dinheiro, e nem você nem ela irão desfrutar dele.

Agradei-lhe pelo que me pareceu um bom conselho, e disse-lhe para propor minha partida a minha mãe, sob o pretexto de minha doença e de como eu poderia ser-lhe útil. Januário ofereceu-se para tratar do assunto e voltar no dia seguinte com a resposta.

⁵⁵⁷ *Nota da Tradutora: Lembre-se que um real foi, por muitos anos, no México, na Espanha e em outros países do mundo hispânico, a moeda de dois reais, também chamada de peseta. No entanto, nunca foi gravada a palavra *peseta* na fabricação das moedas. Ver as notas 263 e 538 de nossa tradução, relacionada a *cuartilla*. Mais informações em: <https://drive.google.com/viewerng/viewer?url=https://revistas-colaboracion.juridicas.unam.mx/index.php/juridica/article/download/11004/10062>. Acesso em: 07 ago. 2022.

(p. 268) Estava muito ansioso por esperar pela decisão de minha mãe, não porque quisesse obter sua permissão, pois achava que não era necessário, mas para unir sua vontade com essa hipocrisia, para que ela me desse sem reservas todos os poucos meios que meu pai me tinha deixado e confiasse em mim como se eu fosse um bom filho. Tudo correu como eu havia planejado, pois, no dia seguinte, Januário voltou e disse-me que tudo estava bem, que ele tinha piorado minha falsa doença a minha mãe.

Ele dissera para ela que eu chorava muito por ela, tanto por causa de minha saúde como porque eu queria servi-la e acompanhá-la. Informou-lhe que eu queria partir, mas que esperava sua opinião, pois era um filho tão bom que, sem sua licença, não daria um passo. Ao que minha mãe respondeu que eu devia sair a tempo, pois minha saúde valia mais do que qualquer outra coisa, e Deus podia ser servido em todo o lado.

(p. 269) – Não acredito em meus ouvidos⁵⁵⁸ – disse-lhe eu. – Amanhã, comemos juntos, Januário.

– E, imediatamente, visitaremos Poncianita – disse-me ele –, que cada dia está mais linda, o diacho da menina.

Em conversas tão edificantes como essas, passamos o tempo que o toque do sino me permitiu. Ao toque do sino, Januário despediu-se. Fiquei ansioso, aguardando pela chegada da noite para informar o padre-mestre dos novíços de minha determinação.

Efetivamente, chegou a hora, e, em minha opinião, ela demorou mais do que o normal. Assim que tive tempo, fui à cela do vigário e lhe disse que eu estava doente e, além disso, que minha mãe tinha ficado viúva, pobre e sem mais filhos do que eu; que eu pensei em retornar para a vida secular; e lhe pedi se faria o favor de me fornecer minhas roupas.

O bom religioso ouviu-me com santa paciência e disse-me para pensar no que eu estava fazendo, pois essas eram tentações do diabo; que, se eu estivesse doente, o convento tinha médicos e um boticário e que ali me curariam com os mesmos

⁵⁵⁸ ***Transcrição da nota 254, da edição de 2008 (p. 269, retirado da quarta edição, [1842]): “[Lê-se, em castelhano, ‘*Oídos que tales orejas*’ – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 269). [Também conhecido por:] *Oídos que tal oyen* é uma expressão familiar castelhana; mas, por causa do disparate de um estudante, tornou-se comum dizer-se desse modo” (Nossa tradução).

cuidados que (p. 269) em casa; que, se minha mãe ficou viúva e pobre, ela não ficou sem Deus, porque Ele é um Pai universal que não abandona suas criaturas. Finalmente, ele me disse que eu deveria pensar bem no assunto.

– Já pensei nisso muito bem, padre – disse eu –; não há remédio. Vou-me embora, porque a religião não é para mim, nem eu sou para a religião.

O padre ficou zangado com essas razões e disse-me:

– A religião é para todos aqueles que são para ela, mas vossa caridade diz bem que não é para a religião. Concordo, por vezes pareceu-me assim também. Vá com Deus. Esta noite, enviarei uma mensagem a nosso padre provincial, e amanhã, ireis para casa ou para onde vos apetecer.

Retirei-me de sua vista, e nessa noite não quis ir ao coro nem ao refeitório (nem me obrigaram a fazê-lo). No dia seguinte, entre as nove e as dez da manhã, o vigário chamou-me, despojou-me solenemente de meus hábitos, deu-me minhas roupas e parti para a rua.

(p. 270) Eu estava envolto em minha capa, com meu lenço amarrado na cabeça e muito confuso, pensando que estava como excomungado e separado daqueles servos de Deus. Não sei que pavor tomava conta de meu coração toda vez que virava o rosto e via aquelas paredes sagradas, repositórios de virtude e quietude, das quais me tinha retirado.

Sem dúvida, disse a mim mesmo, acabo de deixar o asilo da inocência. Deixei a única tábua que me poderia proteger do naufrágio dessa vida mortal. Deus me verá como ingrato, e os homens me desprezarão como inconstante... Ah! Se eu pudesse voltar atrás!

Fiquei absorvido nessas meditações sérias quando um de meus antigos parceiros de tertúlia, que me reconheceu e que estava acompanhado de duas coquetes raparigas, mais descaradas do que aquelas com as quais eu tinha flertado antes de entrar no convento, puxou-me pela capa. Depois de nos termos saudado e reconhecido mutuamente, ele perguntou-me quando eu tinha partido e o porquê. Respondi que fora nesse mesmo dia, por causa da morte de meu pai e de minha doença. Tiveram a amabilidade de me levar a almoçar numa taberna, onde comi como louco e bebi um pouco menos, o que ajudou a dissipar minha tristeza.

Eles se despediram de mim, e fui para casa. Assim que minha mãe viu-me, começou a abraçar-me e a chorar amargamente, mas disse-me como estava feliz por

ter-me (p. 270) novamente em sua companhia. Quem diria que seus problemas começariam naquele dia, e que minha pessoa, longe de lhe dar o consolo e alívio que prometia, ia ser um grande fardo para ela? Mas assim foi, como vereis no próximo capítulo.

(p. 271) **Capítulo XIII**

Trata o Periquitinho de se livrar do luto e se discute sobre os abusos dos funerais, pêsames, enterros, lutos etc.

Entramos na época mais desregrada de minha vida. Todos os meus disparates, já referidos até aqui, são fruta e pão pintado⁵⁵⁹ frente aos delitos que se seguem. Certamente, horrorizo-me e a pluma cai-me da mão ao escrever-vos sobre meus escandalosos procederes e ao lembrar-me dos riscos e lances terríveis que, a cada momento, ameaçavam minha honra, minha vida e minha alma; porque é evidente que o homem, quanto mais vicioso é, mais exposto está aos maiores perigos.

Já se sabe que nossa vida é um tecido contínuo de sustos, misérias, riscos e incertezas que, por todas as partes, espreitam-nos. Contudo, o homem de bem, com sua conduta ajustada, livra-se de muitos deles e se faz feliz enquanto lhe cabe estar nessa vida miserável. No entanto, pelo contrário, o homem vicioso e abandonado, não somente não se livra dos males que, naturalmente, acometem-nos, mas, com sua mesma displicência, mete-se em novos empenhos e atrai para si uma espantosa multidão de perigos e estripulias, que nem remotamente os experimentaria se vivesse como devia viver. A partir desse fácil princípio, compreende-se porque os mais viciosos são os mais cheios de aventuras e, acaso, os que passam pelas piores situações nessa vida. Eu fui um deles.

Seis meses estive em minha casa, levando uma vida bem hipócrita; porque rezava o rosário todas as noites, segundo o costume de meu defunto pai, saía muito pouco à rua, não participava de nenhuma diversão, falava da virtude e de coisas (p. 272) de Deus com frequência e, em uma palavra, fiz tão bem o papel de homem de bem que a pobre de minha mãe acreditou nisso e estava louca de contente comigo. Que beleza! Até o Januário engoliu essa, sendo tão veterano em picardias, e tanto acreditou nessa história que um dia me disse:

– Periquitinho, tu me tens deixado admirado. Tu, certamente, nasceste para ser frade, pois, quando eu esperava que saíesses a colher as primícias de tua liberdade absoluta, e que daríamos nossas escapadas para ir à farra⁵⁶⁰, merecidamente, vejo-

⁵⁵⁹ ***Nota da Tradutora: Para pão pintado, ver nota 402 de nossa tradução.

⁵⁶⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *nos daríamos los dos nuestros verdes* – [Nossa

te trancafiado (p. 272) e feito um eremita metido dentro de casa.

Pobre do Januário! Pobre de minha mãe! E pobres todos aqueles que se persuadiram de que era virtude o que somente era em mim uma malícia muito refinada! Eu tratava era de bem me conceituar perante minha mãe para que, confiando ela totalmente em mim, não me escasseassem os poucos meios que meu pai lhe havia deixado, algo que não me foi difícil conseguir com meus estratagemas maliciosos.

De fato, minha mãe descobriu quem eu era e ainda assim me fez administrador dos escassos bens que tinham ficado. Esses consistiam em mil e seiscentos reais; cerca de quinhentos em dívidas cobráveis e cerca de outros mil em pequenas joias e móveis de casa. Parcos pertences para um rico, mas um começo bastante razoável para que se sustentasse qualquer pobre trabalhador e homem de bem. Contudo, somente isso era o que me faltava, e, assim, estraguei tudo⁵⁶¹, acabei com nossa herança em pouco tempo, como o vereis.

Qualquer capitalzinho razoável floresce nas mãos de um homem de conduta e aplicado ao trabalho; mas nenhum é suficiente para se expandir nas mãos de um jovem como eu, que não somente era dissipado, mas, também, dissipador. O dinheiro em poder de um moço imoral e relaxado é uma espada nas mãos de um louco furioso. Como não sabe fazer dele o uso devido, serve-lhe, constantemente, somente como meio para prejudicar a si mesmo e a outros, abrindo, sem reserva, a porta a todas as paixões, facilitando-lhe a execução de (p. 273) todos os vícios e, desse modo, acarretando-lhe, em necessária consequência, inúmeras enfermidades, misérias, perigos e desgraças.

Para prevenir, assim, a dilapidação dos morgados⁵⁶² como a total ruína desses

tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 272). Segundo López y López (1931, p. 464): “Dar-se algumas escapadas, tomar-se algumas liberdades” (Nossa tradução).

⁵⁶¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *al trasto* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 272). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1085), “[...] talvez o termo seja “traste”. [...] Deixar estragar, descompor ou acabar com alguma coisa” (Nossa tradução).

Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1084/mode/2up?view=theater&q=traste>. Acesso em: 21 jul. 2023.

⁵⁶² Nota da Tradutora: Morgado, ou *mayorazgo* em castelhano, é definido pelo *DRAE* (2021), na terceira acepção, do seguinte modo: “Instituição de direito civil que, pelas leis desvinculadoras do século XIX, ficou circunscrita na Espanha aos títulos nobiliários, e que tem por objetivo perpetuar na família da propriedade de certos bens ou direitos de acordo às condições ditadas ao serem estabelecidas ou, na falta delas, às prescritas pela lei” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/mayorazgo?m=form>. Acesso em: 06 set. 2021.

pródigos viciosos, (p. 273) metem a mão os governos, e, ao lhes tirar a administração e o manejo do capital, designam-lhes tutores para que os cuidem e adietem como a uns rapazotes ou dementes, porque, caso contrário, em dois por três, tirariam-lhe tudo os bancos de Londres se os tivessem às mãos.

É uma vergonha que, a alguns homens regularmente bem-nascidos, e sem a desgraça da demência, seja necessário que as leis os sujeitem à tutela e que eles sejam reduzidos ao estado de pupilos, como se fossem loucos ou moleques! Mas é assim que acontece, e eu conheci alguns desses morgados sem cabeça. Se eu tivesse sido morgado, não me teria sido difícil acabar com todo o caudal em duas semanas, pois eu era *frouxo, vicioso e esbanjador*: três requisitos que, só com eles, já bastava para não restar caudal à vida, por mais opulenta e rica que ela fosse.

Atando o fio de minha história, digo-vos: já me estava cansando de dissimular a virtude que não tinha, e, desejando romper esse jogo e tirar-me a máscara de uma vez, disse, um dia, a minha mãe:

– *Señora*, já não demora nada para chegar o dia de São Pedro.

– E o que me queres dizer com isso? – perguntou-me ela.

– O que lhe quero dizer – respondi-lhe –, é que esse dia é o dia de meu santo, e muito próprio para nos livrarmos do luto.

– Ai! Não o permita Deus – dizia minha mãe. – Eu me livrar do luto tão rápido? Nem sequer o penso. Amei muito a teu pai e seria um agravo a sua memória se eu me livrasse do luto tão cedo.

– Como tão cedo, *señora*? – dizia eu. – Pois já não se passaram seis meses?

– E que? – dizia ela toda escandalizada. – Seis meses de luto te parecem muito para sentir a um pai e a um esposo? Não, filho, um ano deve-se guardar o luto rigoroso por semelhantes pessoas.

Já vedes que minha mãe era daquelas *señoras* antigas que se persuadem de que o luto prova o sentimento pelo defunto, e graduam este pela duração daquele; mas essa é uma dessas inumeráveis vulgaridades que mamamos com o primeiro leite de nossas mães.

(p. 274) É certo que se deve sentir a partida dos defuntos que amamos tanto mais quanto mais estreitas forem as relações de amizade ou parentesco que nos uniam com eles. Esse sentimento é natural e tão antigo que sabemos que as repúblicas mais civilizadas que existiram no mundo, Grécia e Roma, não somente

usavam luto, (p. 274) mas, também, faziam ainda demonstrações mais ternas que nós por seus mortos. Talvez não vos dê desgosto saber algo sobre elas.

Na Grécia, na hora de expirar um enfermo, seus devotos e amigos, que lhe assistiam nessa hora, cobriam a cabeça em sinal de sua dor para não o ver. Cortavam-lhe a extremidade dos cabelos e lhe davam a mão em sinal da pena que lhes causava sua separação. Depois de morto, cercavam o cadáver com velas⁵⁶³, punham-no na porta da rua e, perto dele, punham um copo com água benta, com a qual salpicavam aos que assistiam aos funerais. Aqueles que iam ao enterro e os deudos levavam posto o luto. Os funerais duravam nove dias. Durante sete dias, conservava-se o cadáver em casa; no oitavo, ele era queimado, e no nono, enterravam-se suas cinzas.

Com pouca diferença, faziam o mesmo os romanos. Logo que o enfermo expirava, davam três ou quatro alaridos para manifestar seu sentimento. Punham o cadáver no chão, lavavam-no com água quente e o ungiam com azeite. Depois, vestiam-no e lhe punham as insígnias do maior emprego que havia tido.

Como aqueles gentis acreditavam que todas as almas deviam passar por um rio do inferno, a que chamavam *Aqueronte*, para chegar aos Elíseos, e que, nesse rio, havia só uma barca, cujo amo era um tal *Charon* – barqueiro interesseiro que não passava à outra margem ninguém que não lhe pagasse o frete –, os romanos punham uma moeda na boca de seus mortos para esse caso. Seguido a isso, expunham o cadáver ao público entre (p. 275) velas acesas sobre uma cama na porta da casa.

Quando chegava a hora de fazer o enterro, levava-se o cadáver ao sepulcro ou nos ombros das gentes ou em liteiras (como nós antes de hoje os levávamos em carros). Acompanhavam o cadáver a música lúgubre e umas mulheres alugadas, a que chamavam, por essa razão, de *praeficae*, que eram umas carpideiras⁵⁶⁴ que, com

⁵⁶³ **Transcrição da nota 257, da edição de 2008 (p. 274, retirado da quarta edição, [1969]): “Nos primeiros dias do cristianismo, usavam-se círios e velas de cera, grandes e grossas [com formato de prisma quadrangular]. Porém, antes dessa época, elas não eram conhecidas, não havendo registros delas em gravados ou medalhas que possam atestar seu uso. [A palavra em castelhano] *candela* propriamente significa luz” (Nossa tradução).

⁵⁶⁴ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *lloronas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 275). As *lloronas*, ou *plañideras*, são mulheres chamadas para chorar nos enterros. Esse costume é uma prática funerária muito antiga relacionada aos ritos antigos mágicos e está registrada em múltiplas representações artísticas, desde a epopeia do *Gilgamesh*, nos escritos cuneiformes, nas artes egípcias, entre outras, até o presente. A palavra *plañir* significa lamentar, gemer ou chorar. O *DRAE* não registra a palavra *llorona* com esse significado, pois apresenta a palavra *plañidera*. Na língua portuguesa, utiliza-se a palavra *carpideira*. Para mais informações, sugerimos visitar:

seus prantos forçados, regulavam o tom da música e o ponto em que tinham de seguir nessa sua ação os acompanhantes.

(p. 275) Os escravos a que o defunto havia dado liberdade em seu testamento iam com chapéus postos e velas de base quadrada acendidas; os filhos e parentes, com os rostos cobertos e o cabelo preso; as filhas, com as cabeças descobertas, e todos os demais amigos com o cabelo solto e vestidos de luto.

Se o defunto era ilustre, conduzia-se o cadáver, primeiramente, à praça e, desde uma coluna a que chamavam de *arengas*, pois era o local onde se proferiam discursos longos e fastidiosos, um filho ou parente pronunciava uma oração fúnebre em elogio às virtudes do morto (tão antigos assim são os sermões de honras).

Depois disso, conduzia-se o cadáver ao sepulcro, sobre cujo lugar houve variação. Algum tempo se conservavam os cadáveres nas casas dos filhos. Depois, vendo o quão prejudicial era esse uso, estabeleceu-se, por um bom governo, que se sepultassem em lugares despovoados. Desde então, cada um já procurava produzir sepulcros de pedra para si e sua família⁵⁶⁵. Os gregos observaram o mesmo, com exceção dos lacedemônios. Os pobres, que não podiam custear esse luxo, eram enterrados, como em todas as partes, numa vala de terra.

Depois, aos heróis defuntos, deram-lhes outro gênero de sepultura, que era o de cremá-los. Para isso, punham o cadáver sobre a *pira*⁵⁶⁶, que era um montão bem elevado de lenha seca, (p. 276) salpicavam-na com licores e aromas odoríficos, e os parentes prendiam-lhe fogo com as tochas que levavam acendidas, voltando-se, nesse ato, seus rostos à parte oposta. Enquanto o cadáver ardia, os parentes jogavam no fogo os adornos e as armas do defunto, e alguns jogavam seus próprios cabelos, em prova de sua dor⁵⁶⁷. Consumido o cadáver, apagava-se o fogo com água e vinho,

Pla%C3%B1ideras.%20iconograf%C3%ADa%20de%20las%20profesionales%20del%20lanto%20funerario.pdf. Acesso em: 06 set. 2021.

⁵⁶⁵ Nota do Autor: “Bela providência que temos visto ser imitada no México desde a peste do ano de 813, abolindo-se o envelhecido abuso de sepultar os cadáveres nas igrejas, e dando-lhes sepulcros nos campos santos, subúrbios, conforme as determinações dos concílios! Esperemos, pois, que isso não se esqueça, nem que haja infrações toleradas ou impunes!” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 275, nota de rodapé a) (Nossa tradução).

⁵⁶⁶ Nota do Autor: “Esse costume imita nossas piras. Por esse motivo, são elevadas, enfeitadas com muitas luzes e jarras que exalam aromas cheirosos, colocam-se nas cúpulas as representações dos defuntos ou bustos e seus mais altos distintivos de honra alcançados” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 275, nota de rodapé b) (Nossa tradução).

⁵⁶⁷ **Transcrição da nota 258, da edição de 2008 (p. 276, retirado de Spell [1971, p. 151]): “Essa longa explicação sobre os usos funerários romanos [o autor] a tinha lido no *Gran diccionario histórico*, de

e os parentes recolhiam (p. 276) as cinzas e colocavam-nas em uma urna, entre flores e aromas. Depois, o sacerdote salpicava a todos com água para purificá-los, e, ao se retirarem, diziam todos em alta voz: *Aeternum vale*, cujo bom desejo imita melhor nosso “descanse em paz!” Feito isso, colocava-se a urna no sepulcro e gravavam-se nela o epitáfio e estas quatro letras: S. T. T. L., que queriam dizer: *Sit tibi terra levis* [que a terra te seja leve], para que os passageiros desejassem seu descanso. Essa era uma espécie de sufrágio ou convite para lhe desejar o bom descanso, como ocorre entre nós quando se vê uma cruz em um caminho ou um retábulo de algum morto em uma rua. Concluída a função, fechava-se a casa do defunto e não se abria ela em nove dias, ao fim dos quais se fazia a novena.

Os gregos, perto da fogueira ou pira, punham flores, mel, pão, armas e viandas... Ai, oferendas, oferendas dos índios, que antiga e supersticiosa é vossa origem⁵⁶⁸! Toda a função concluía-se com uma comida que se oferecia na casa de algum parente. Até isso nós imitamos, lembrando-nos de que os *lutos com pão são menos pesados*.

Acaso somente os gregos e romanos demonstravam esses extremos (p. 277) de sentimentos na morte de seus entes queridos e amigos? Não, filhos meus. Todas as nações, e em todos os tempos, têm expressado sua dor por essa causa. Os hebreus, os sírios, os caldeus e os homens mais remotos da antiguidade manifestavam sua sensibilidade com seus finados, já de um ou de outro modo. As nações bárbaras sentem e expressam seu sentimento como as civilizadas.

Justo é sentir pesar pelos defuntos e, nos livros sagrados, lemos essas palavras: “Chora sobre um morto, porque ele perdeu a luz; chora sobre um tolo, porque é falho de juízo.” *Supra mortum plora, defecit enim lux ejus* (Eclesiásticos, 22,10). Jesus Cristo chorou pela morte de seu querido Lázaro. Assim, seria um absurdo horroroso levar a mal sentimentos que inspiram a mesma natureza e blasfemar contra as demonstrações exteriores que os expressam.

Moreri, já citado, fonte de grande quantidade de informação em múltiplos aspectos (ler tomo IV, *Funerales*). Como bem aponta Spell, aparenta ser uma fonte clara. A respeito dos usos gregos, [a informação] pode ter sido retirada pelo autor do *Voyage du jeune Anarcharsis en Grèce* [Nossa tradução: Viagem de um jovem anarquista na Grécia], de Barthelemy” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para informações sobre Moreri, ver nota 226 de nossa tradução.

⁵⁶⁸ Nota do Autor: “Ainda existem povoados onde os nativos colocam em seus mortos uma provisão de comida e alguns reais. Em outros, além disso, escondem um papel cheio de disparates para o Pai eterno e suas oferendas são com igual superstição. Em outro lugar, apontaremos para quem comete esses abusos” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 276, nota de rodapé c) (Nossa tradução).

(p. 277) Desse modo, estou muito longe de criticar seja o sentimento, sejam seus sinais. Mas, também estou longe de qualificar como justos os abusos que notamos nessas cerimônias, e creio que todo homem sensato pensará da mesma maneira; pois quem há de julgar como razoáveis as *carpideiras* alugadas dos romanos, ou os fretes que punham na boca de seus mortos? Quem não se rirá da tonteira dos coptos⁵⁶⁹ que, nos enterros, correm pelas ruas, dando alaridos na companhia das *carpideiras*, sujam-se de lodo a cara, dando-se golpes, aranhando-se, com os cabelos soltos e representando todo o excesso de uns furiosos dementes? Quem não se horrorizará daquela crueldade com que, em outras terras bárbaras, enterravam-se vivas as viúvas principais dos reis ou dos mandarins, etc.?

Todos, de verdade, criticamos, enfeiamos e ridiculizamos os abusos das nações estrangeiras, ao mesmo tempo em que não conhecemos os nossos, ou se os conhecemos, não nos atrevemos a nos desprendermos deles, venerando-os e conservando-os, por respeito a nossos anciãos, que assim os deixaram estabelecidos. Tais são os abusos que até hoje se notam em relação aos pêsames, funerais e lutos.

Logo que morre um enfermo entre nós, dão-se os alaridos, regularmente, para manifestar o sentimento de pesar. Se a casa é rica, o mais usual é despachar o morto à funerária; mas, se é pobre, não se escapa do *velório* em casa. Esse se reduz a (p. 278) estender o cadáver, já amortalhado, no chão, em meio a quatro velas; a rezar algumas estações e rosários; a beber os chocolates, e (para não adormecer) a contar contos e a entreter o sono com bobearias e, quiçá, com criminalidades. Eu mesmo já vi pagar dívidas, e até namorarem, na presença dos defuntos. São essas coisas feitas a modo de oferendas?

Acalmam-se, um tanto, os gritos, prantos e suspiros no intervalo que há entre a morte do prezado até o ato de levá-lo à sepultura. Então – como se um cadáver servisse-nos de algum proveito, como se não nos fizessem um grande favor com o ato de tirar de dentro da casa aquela imundície, e como se ao mesmo morto fossem esquartejar vivo – redobra-se a dor de seus familiares enlutados, esforçam-se os gritos, levantam-se até os céus os ais, deixam-se correr com ímpeto as lágrimas, e, algumas vezes, são indispensáveis os chilikues e os desmaios, especialmente entre

⁵⁶⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *coptos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 277). De acordo com o *DRAE* (2021), refere-se a cristãos do Egito. Disponível em: <https://dle.rae.es/copto?m=form>. Acesso em: 07 set. 2021.

as belas (p. 278) enlutadas⁵⁷⁰, algumas vezes originados de sua sensibilidade, e outras, de seus achaques. E, cuidado, há mocinhas tão refinadas em fingir um acesso epiléptico que o ataque parece a mera verdade! De modo bem comum, são remédios eficazes, para fazer voltar à razão algumas delas, os consolos e os mimos das pessoas que elas querem bem.

Deixaremos os familiares enlutados em sua lamúria⁵⁷¹, com seus gritos e desmaios, enquanto observamos o enterro.

Se o morto é rico, já se sabe que o fausto e a vaidade acompanham-no até o sepulcro. Convidam-se para o enterro os pobres do Hospício, aqueles que, com velas de base quadrada nas mãos, acompanham – e muitas vezes! – os cadáveres dos que, quando vivos, aborreceram sua companhia.

Não me parece mal que os pobres acompanhem os ricos quando mortos, mas seria melhor, sem dúvida, que os ricos (p. 279) acompanhassem os pobres quando vivos, isto é, nos cárceres, nos hospitais e em suas choças miseráveis, e já que, por suas ocupações, não puderam acompanhá-los nem os confortar pessoalmente, pelo menos que os acompanhasse seu dinheiro, aliviando-lhes suas misérias; aquele dinheiro, digo, que mil vezes se dissipa no luxo e na imoderação. Então, sim, participarão de seus funerais não os pobres alugados, mas, sim, os socorridos. Esses iriam ao enterro sem que fosse necessário convocá-los e chorariam detrás do cadáver de seu benfeitor. Eles, em meio de sua aflição, diriam: morreu nosso pai, nosso irmão, nosso amigo, nosso tutor e nosso tudo. Quem nos consolará? Quem substituirá o lugar desse gênio benéfico?

Essa sim seria uma assistência honrosa e os maiores elogios que poderiam lisonjear o coração de seus parentes, porque as lágrimas dos pobres na morte dos ricos honram suas cinzas, perpetuam a memória de seus nomes, certificam sua caridade e beneficência e asseguram, com muito fundamento, a felicidade de sua sorte futura com mais solidez, verdade e energia que toda a pompa, vaidade e

⁵⁷⁰ Nota do Autor: “eu já observei que tais achaques quase nunca acometem as velhas nem as feias. Os médicos acaso saberão a causa desse fenômeno, e saberão, também, porque a uma mocinha que eu conheci não se dava seu mal quando tinha ela as meias sujas” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 278, nota de rodapé d) (Nossa tradução).

⁵⁷¹ Transcrição da nota 259, da edição de 2008 (p. 278, retirado do *Diccionario de autoridades*, [1969]): “[O vocábulo utilizado em castelhano é *zambra*] *Zambra*, festa que celebravam os mouros com barulho, regozijo e danças; significa também algazarra, barulho e barulho de muitos [muitas pessoas juntas]” (Nossa tradução).

exibição do enterro. (p. 279) Infelizes dos ricos cuja morte não é precedida, nem seguida, das lágrimas dos pobres!

Voltemos ao enterro. Seguem o cortejo, metidos dentro de uns sacos vermelhos, uns quantos velhos, que chamam de trinitários; depois, vão alguns eclesiásticos e, com eles, outros muitos fantoches⁵⁷² ao modo de clérigos; a essa comitiva, segue o cadáver e, atrás dele, uma porção de carroças.

A igreja onde se fazem as exéquias está cheia de escudos com círios, e a tumba é magnífica e galante. A música é igualmente solene, embora fúnebre. Durante a vigília e a missa, que, para alguns herdeiros, não é de réquiem, mas, sim, de graças, não cessam os sinos de nos aturdir com seu cansado clamor, repetindo-nos:

Que esse sino a dobrar
Não seja por aquele que morreu,
Mas, sim, para que saiba eu
Que amanhã minha hora há de chegar.

Apesar desse tipo de recordações devem aproveitar-se especialmente os ricos, pois essas badaladas de sinos se dão especialmente por eles (p. 280), e os fazem lembrar-se de que também são mortais como os pobres, pelos quais não se dobram os sinos, ou se acaso isso ocorre, é pouco e de má vontade. Assim, os pobres são, na realidade, *os mortos que não fazem ruído*⁵⁷³.

Conclui-se o enterro com todo o fausto que se pode ou que se quer, cuidando-

⁵⁷² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *y con ellos otros muchos monigotes* – [Nossa tradução: está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 279). O *Diccionario del español de México* (2021) traz duas acepções, a seguir: “1 Figura, geralmente humana, porém também pode ser de animal, mal feita e feia: ‘Ahí, los de la Universidad de Chapingo armaban una enorme fogata con un monigote de cartón con la efigie de Vicente Fox’ – [Nossa tradução: Ali, os da Universidade de Chapingo faziam uma enorme fogueira com um fantoche de cartão com a efigie do [ex-presidente mexicano] Vicente Fox]; 2 (Ofensivo) Pessoa desprezível por sua falsidade e impostura: ‘¡Si me hubieras dado un hijo varón, tendríamos respeto en la casa, no que eres un monigote, una nulidad, una caricatura de hombre!’ – [Nossa tradução: Se tivesses me dado um filho homem, teríamos respeito dentro da casa, não que você seja considerado um fantoche, uma nulidade, uma caricatura de homem]” Disponível em: <https://dem.colmex.mx/ver/monigote>. Acesso em: 07 set. 2021.

⁵⁷³ Transcrição da nota 260, da edição de 2008 (p. 280, retirado de RUBIO, Darío. *Refranes, proverbios y dichos y dicharachos mexicanos*. 2. ed. México: A. P. Márquez, 1940): “[De acordo com Darío (1940)], ‘existem mortos que não fazem barulho e suas penas são maiores.’ Diz-se de quem, por hipocrisia, por conveniência, por reserva, ocultam o que são, o que fazem, o que têm e, apenas pelo fato de algum ato imprevisto, inesperado, manifesta-se a verdade no modo de ser ou de obrar de tais pessoas” (Nossa tradução).

se do fato (p. 280) de que o cadáver seja guardado em um caixão bem pregado, forrado e ainda dourado (como eu já o vi), e, talvez, que seja depositado em uma abóbada particular, já que os mausoléus são privativos aos príncipes, como se a morte não nos fizesse a todos iguais, verdade que reconheceu um gentio⁵⁷⁴.

Toda essa parafernália custa um dinheirão, e, às vezes, nesses gastos tão vãos como inúteis, tem-se notado abusos tão repreensíveis que obrigaram os governantes a contê-los por meio das leis, mandando essas que, sendo os gastos dos funerais excessivos, atendidas as posses e qualidades do defunto, modifique-os o juiz do respectivo domicílio⁵⁷⁵.

Entra aqui a grave dificuldade de saber quando não há excesso nesses gastos. Confesso que será muito rara a vez que o juiz possa decidir nesse caso, porque, quase sempre, não lhe faltar os conhecimentos interiores do estado das coisas do finado; e, assim, somente poderá determinar o excesso com atenção a sua qualidade. Suponhamos: quando um plebeu conhecido queira sepultar-se com a pompa de um conde, e, ainda então, se ele tem o dinheiro com que pagá-la, não sei se ele se burlará das leis; mas Horácio de fato o sabia quando disse que tudo, a virtude – entendam-se os elogios que a ela são devidos –, (p. 281) a fama e o esplendor obedecem às formosas riquezas, e aquele que as saiba reunir será ilustre, valente, justo, sábio e tudo o que queira ser.

Mas falando em cristão, não me deterei em fixar a regra pela qual se deva conhecer o quanto há de excesso nos funerais. Já sei que parecerá insignificamente escrupulosa minha regra para isso, mas vos asseguro que é infalível e muito simples: ela se reduz a que o que se gaste de luxo nos funerais não faça falta aos credores nem aos pobres.

Se os credores forem pagos e aos pobres deu-se já alguma esmola, não poderá o finado dispor a sua vontade do quinto de seus bens? Sim, poderá, responde-se em seguida; mas, logo eu pergunto: o que se gasta em luxo não estaria mais bem

⁵⁷⁴ Nota do Autor: “*Aequat omnes amis*, disse Sêneca na epístola 102. Quem distinguirá as cinzas do Cesar ou Pompeu das dos pobres moradores de seu tempo?” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 280, rodapé e) (Nossa tradução).

⁵⁷⁵ Nota do Autor: “A [lei] 12, tít. [título] 13, pág. 1; e a [lei] 30, do tít. [título] 13, pág. 5” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 280, nota de rodapé f). (Nossa tradução). Transcrição da nota 261, da edição de 2008 (p. 280) [Retirado da edição da UNAM, v. VIII, p. 236, comenta a nota f do autor]: “Reyes Palacios pensa que seja necessário interpretar *pág* como errata de *partida*, termo utilizado naquelas leis” (Nossa tradução).

empregado nos (p. 281) pobres que sempre abundam? É inconclusa essa discussão, pois, nesse caso, qual é o luxo que se deverá usar licitamente entre cristãos? Nenhum, na verdade. Digo isso quando falo com cristãos, pois, se falasse com pagãos que fingem professar o cristianismo, seria menos escrupuloso em minhas opiniões. Vamos, pois, a outra coisa.

A proporção dos abusos que se notam nos enterros dos ricos resultam ser quase os mesmos daqueles vistos nos dos pobres; porque, como esses são vaidosos, querem remedar os ricos em tudo o que possam. Não convidam aos do Hospício, nem aos trinitários, nem a muitos fantoches, nem se enterram em conventos, nem em caras urnas para cinzas⁵⁷⁶. Os pobres não fazem tudo o que os ricos fazem nos funerais não porque lhes falte vontade, mas, sim, porque lhes faltam reais. Entretanto, fazem, de sua parte, tudo o que podem. São chamados mais outros velhos contrafeitos e estapafúrdios, que se dizem *irmãos do Santíssimo*, pagam-lhes por seus sete membros componentes, a cruz alta, seu caixãozinho ordinário etc., e isso tudo à custa do dinheiro que, antes dos nove dias após o funeral, costuma fazer falta para alimentar a própria família do defunto.

É costume amortilhar-se os defuntos com o humilde vestido de São Francisco; mas, se, em sua origem, foi pessoa piedosa, no dia, veio a degenerar-se em corrupção. Estou muito longe de murmurar sobre a verdadeira piedade e devoção, e o objeto de minha presente crítica recai, unicamente, sobre o simoníaco comércio que se faz com as mortalhas (p. 282) e as discriminações que ressentem os povos vulgares por terem a seus mortos vestidos de azul a tanto custo.

As mortalhas são vendidas a um preço excessivamente caro, que chega ao valor de doze pesos e meio, se for para homens, e aproximadamente seis pesos e dois reais para mulheres. Os pobres, recém-mortos ou enfermos, tratam de já lhe solicitar a mortalha. E o que acontece se não têm o dinheiro para isso? Empenham-

⁵⁷⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ni en cajón compuesto* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 281). Depois de uma pesquisa rápida pela internet, apenas no *Google images* faz-se alusão a esse dispositivo. De acordo com isso, um caixão composto seria uma fuma de cremação. Como exemplo, deixamos um *link* de um servidor de vendas *on-line* oferecendo o produto. Disponível em: <https://www.amazon.es/Marfil-compuesto-Funeral-cremaci%C3%B3n-cenizas/dp/B00TROE6KA>. Acesso em: 07 set. 2021.

se em consegui-lo (p. 282) emprestado, endividam-se⁵⁷⁷ e, ainda, pedem esmola para isso, fazendo falta para o pão das crianças o que gastam em um trapo inútil e asqueroso, pois não passa disso a melhor mortalha quando se põe em um morto, que já está no caso de não poder ganhar nenhuma indulgência. E como, para gozar essas graças espirituais, é preciso estar no estado de merecedor, tem-se que, ao não se vestir a mortalha no enfermo em vida, depois de morto, isso lhe valerá tanto como a vestimenta do Grande Imperador da China.

Vós, se tiverdes, no decorrer de vossas vidas, família, e seus falecimentos ocorram em meio de vossa indigência, não os aflijais pelo enterro nem pela mortalha. O enterro, facilita-se com três pesos e quatro reais, que distribuireis desta forma: doze reais a um caixão, um peso para os carregadores e outro para o coveiro que lhes ajeite a casa no cemitério.

A mortalha será mais barata se vos conformais com vossa pobreza. Os judeus costumavam enrolar seus mortos com umas ataduras a que chamavam de sudários e, depois, envolviam-nos em um lençol limpo. Assim podereis fazê-lo também, e ficarão vossos mortos tão bem amortalhados como os melhores deles. Por certo, não foi outra a mortalha de Jesus Cristo.

Acabados os enterros, seguem-se os pêsames. Para recebê-los, fecham-se as portas, colocam-se as *señoras* mulheres nos estrados e os *señores* homens nas cadeiras, todos enlutados e guardando um profundo silêncio durante essa cerimônia ou, quando muito, falando em voz baixa, para não causar desmaios nos afetados pelo luto, cuja moderação e respeito acaso não se tenha observado de forma tão escrupulosa na enfermidade do finado.

Também tenho notado como abuso, nessas ocasiões, que as conversas que se têm com os enlutados dirigem-se a exaltar e a ponderar as virtudes do defunto, a trazer à memória (p. 283) as causas que produziram sua enfermidade, o que ele padeceu com ela, os remédios que se ministraram a ele, o quanto tardou sua agonia,

⁵⁷⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *se endrogan* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 282). O *Diccionario del español de México* (2021) traz duas acepções, a seguir: “v (conjugase como amar). 1 tr Fazer com que alguém ou algo como um país ou uma instituição adquira uma dívida grande: ‘El presidente endrogó al país’ – [Nossa tradução: O presidente endividou o país]; 2 Endrogarse pronominal. Contrair dívidas; pedir dinheiro emprestado com compromisso de devolver [o empréstimo]: ‘Mi cuñado se endroga con todo el mundo’ – [Nossa tradução: meu cunhado se endivida com todo mundo]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dem.colmex.mx/Ver/endrogar>. Acesso em: 07 set. 2021.

e outros (p. 283) estapafúrdios⁵⁷⁸ semelhantes, cuja menção atormenta, mais ainda, os afligidos espíritos de seus parentes.

Esse costume de dar os pêsames se vincula a duas coisas: a primeira é manifestar que tomamos parte no sentimento daquelas pessoas a quem damos as condolências, seja em razão de um parentesco ou pela amizade que tínhamos com o defunto. A segunda é consolar, no que seja possível, aos enlutados, oferecendo-lhes nossos arbítrios temporais e lhes assegurando de que uniremos nossos votos aos seus para que se acrescentem orações, ou sufrágios, para sua alma necessitada. Já se vê que todo esse cerimonial é, quase sempre, uma farsa solene, um cumprimento de rotina e um dos costumes mais bem recebidos.

Não lhes parecerá muito avançada essa proposição aos que advirtam que – não me refiro aos parentes remotos e aos amigos, mas aos mais próximos e, ainda, aos mais favorecidos do defunto –, passado pouco tempo, não se voltem a lembrar dele; porque, com o transcorrer dos dias, o coração serena-se, as lágrimas enxugam-se, a falta é suprida, os benefícios se esquecem e tudo se apaga, apesar dos muitos gritos, alvoroços, lágrimas, abraços e farsas que se tenham anunciado na cena triste de sua morte.

Se esse esquecimento se nota no filho, na esposa e no irmão, que esperança poderão ter os pobres mortos em relação aos sufrágios tão prometidos pelos que somente vão ao velório para beber chocolate, e para dar os pêsames porque lhes convidaram, por mais que, ao se despedir, digam *que não os esquecerão em suas orações, ainda que sejam maus?*

Esse assunto é muito sério. Suspendaremos, contudo, esse tópico, enquanto acabamos de refutar o abuso de falar dos defuntos na hora de dar os pêsames; porque se, como temos dito, um dos objetivos desses pesamenteiros é aliviar o sentimento dos enlutados (p. 284), parece-me que é um erro que se possa qualificar de impolítico o fato de renovar os motivos da dor aos enlutados ao mesmo tempo que pretendemos consolá-los. Não pode menos que atormentar-se o coração da mulher ou do filho do defunto ao ouvirem dizer-lhes:

⁵⁷⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *maturrangas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 282). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 706), “*maturrangas*, tretas, argúcias, batotas, trapaças em geral” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/706/mode/2up?view=theater&q=maturrangas>. Acesso em: 21 jul. 2023.

(p. 284) – *Que bom era o Don Fulano! Que atencioso! Que afável!*

— *Ai, minha alma querida – diz-lhe outra –, tem a senhora mil razões para chorar, pois não encontrará outro marido como esse que acaba de perder!*

Outras sandices dessas também se dizem. Esses são outros tantos parafusos com que estão apertando o coração de quem querem consolar, de modo que essas políticas lisonjeiras são, de fato, indiscretos desvirtuadores dos espíritos afligidos.

Quanto melhor seria substituir-se essa fórmula imprudente de dar os pêsames por outra, oposta a ela, na qual se tratassem de assuntos festivos e indiferentes ou, melhor ainda, que essa etiqueta fosse reduzida a, tão somente, oferecer, com sinceridade, seus pertences e propriedades à vontade dos enlutados, em caso de que esses lhes façam falta. Que se faça isso sinceramente, e não com holofotes; e quando os enlutados estiverem satisfeitos com essa verdade, seguramente, ficarão mais consolados do que com todos os falsos elogios que hoje dedicam os pesamenteiros a seus mortos.

Mas, voltando aos mortos, pobre daquele que morra sem que tenha procurado, em vida, facilitar-se o caminho de sua salvação, aferrando-se aos filhos, aos amigos e aos testamenteiros. Vemos (e muito frequentemente) que muitos que talvez tenham propriedades, enquanto vivem, nem dão esmolas, nem encomendam uma missa, nem pagam suas dívidas, nem restituem o que não lhes pertence, nem praticam qualquer uma das obrigações que nos impõe a religião e nosso próprio interesse. Mas, chega a hora em que, a nossos ouvidos, não fica outra alternativa a não ser escutar a verdade. Dá-lhes o médico a sentença de sua morte, conhecem o fato de que eles podem não errar no prognóstico porque sua natureza se debilita por instantes mais e mais. Apodera-se de seus corações o temor da eternidade que os espera. Chama-se o confessor e o escrivão. Os dois chegam quase juntos. Faz-se uma confissão às pressas, e só Deus o sabe como. Seguem-se as disposições do testamento. Dispõe-se tudo: declaram-se as dívidas, manda-se que essas sejam pagas, nomeiam-se os testamenteiros para o efeito, ordena-se que se dê esmolas, as quais chamam de “ordens forçadas”; (p. 285) algumas delas são destinadas aos pobres; rezam-se algumas missas por sua alma. Feito tudo isso, recebe-se o sagrado Viático, os santos Óleos e, então, morre-se o enfermo muito consolado. Mas... epa! Espera lá!... Quanto há que se desconfiar dessas boas disposições no mundo quando essas se fazem às margens mesmo do sepulcro!

(p. 285) Dão-se esmolas e mandam-se fazer restituições (isso quando se mandam fazer) naquela hora, porque não se pode levar os bens acumulados à sepultura. Morrem-se confiando em que os testamenteiros farão com que se cumpra o testamento. Mas, quantas vezes se enganam os que deixam o testamento? Quantas vezes se transformam os testamenteiros em herdeiros, e os curadores *ad bona*⁵⁷⁹ em mantenedores de bens? Inumeráveis são essas vezes. Não, não são raras as queixas que se ouvem todos os dias dos pobres menores aos que se têm deixado com uma mão na frente e outra atrás⁵⁸⁰ pela má fé ou má administração desses sujeitos.

Tudo o que foi dito vos ensina a não esperar, como dizem, pela hora dos gestos para, então, dispor de vossas coisas; porque, nessa ocasião, o susto e a precipitação podem diminuir muito a porcentagem do acerto.

Chegamos aos lutos, aos que, como viste com minha mãe, cabem também os abusos. O luto não é nada mais do que um costume de se vestir de negro para manifestar nosso sentimento pela morte dos parentes ou amigos. Contudo, essa cor, por conta desse costume, é somente um sinal, mas não prova, do sentimento. Quantos infelizes não se vestem de luto pela morte das pessoas que mais amam porque não possuem vestimentas dessa cor, e sua dor é inegável? Por outro lado, ao contrário disso, quantas viuvinhas jovens, quantos filhos e sobrinhos maus e interesseiros – que desejaram a morte do defunto para possuírem seus bens – não se vestirão de um luto muito rigoroso, desses para seguir o costume, como meio de nos persuadirem de que estão penetrados do sentimento que nem conhecem?

A cor, dizem os físicos, é um acidente que não altera (p. 286) a substância das coisas. Assim, o bom filho sentirá a perda de seu pai, a boa esposa, a de seu marido, e os bons amigos, a de seus amigos, ora se vistam de negro, ora de azul, ora de verde encarnado ou qualquer que seja a cor. Ao contrário, o parente que não amava a seu consanguíneo, ou que, quiçá, desejava que esse expirasse para herdar seus bens, não sentirá a perda, por mais que se cubra com quantos trajes de luto se possa conseguir no mundo.

⁵⁷⁹ Transcrição da nota 263, da edição de 2008 (p. 285, retirado do *Diccionario de autoridades*, [1969]): “*Curadores ad bona*, no glossário forense é a pessoa que tem a seu cargo, por mandato do juiz, a administração dos bens e a defesa das causas e pleitos de alguém que, por ser menor de idade ou por ser considerado incapaz, ou falta de juízo, não pode se defender por si só” (Nossa tradução).

⁵⁸⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dejar por puertas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 285). De acordo com López y López (1931, p. 464), significa: “deixar sem nada, deixar na rua” (Nossa tradução).

(p. 286) Em algumas províncias da Ásia, a cor branca é a que se adotou para o luto. Entre nós, que nos temos acostumado a nos vestir de negro na Sexta-Feira Santa e no Dia de Finados, observa-se que não o fazemos pelo sentimento, mas, sim, pelo luxo.

Depois de tudo isso, digo-vos que não vejo como abuso vestir negro em semelhantes casos; mas, sim, qualifico-o como tal aquele determinado número de dias que as pessoas precisam vestir-se de luto para denotar um maior ou menor sentimento, segundo as graduações de parentesco que se tem com os defuntos. Já pudestes ver que, na época de minha mãe, o tempo estabelecido para manter-se o luto pelos pais, filhos e consortes⁵⁸¹ era de um ano. O tempo de seis meses era prefixado para o luto pelos irmãos, de três, pelos sobrinhos, etc. Essa fixação não pode ser menos que uma bobeira; porque, se o amor ao defunto era verdadeiro, e o luto constituísse a prova desse sentimento, em nenhum momento o luto deveria ser abandonado, porque, em tempo algum se deveria findar seu motivo. Caso o defunto não fosse amado, seria indiferente poucos ou muitos meses de luto por ele, pois não é prova de sentimento vestir negro nessas ocasiões.

Algumas dessas reflexões eu tentei fazer junto a minha mãe, até que a desentusiasmei de seu capricho e ela me ofereceu a possibilidade de que nos livrássemos do luto para o dia de São Pedro. Isso era tudo o que eu desejava para livrar-me, também, da máscara da virtude que havia fingido ter, e assim, dar renda solta a toda a carreira dos vícios, desfrutando de minha liberdade inteiramente e, desse modo, tirando, com meus amigos, os poucos meiozinhos que meu pai havia economizado para a subsistência de minha pobre mãe.

Segundo essa determinação, foi feito para mim um traje excessivamente espalhafatoso para esse dia. Dispôs-se, também, a celebração de um almoço, um jantar e um bailezinho à noite.

(p. 287) Chegou o tão desejado, para mim, 29 de junho. Livrei-me dos trapos negros, que até então tinham sido como uniforme escolar para mim, e me vesti de gala ao estilo secular. Parece que chamaram, a badaladas de sino, a todos os parentes e conhecidos nesse dia. Muitos deles não tinham voltado a nossa casa desde

⁵⁸¹ Nota do Autor: “Na capital do México, já não é muito visto [esse costume]. Mas, nos povoados, nas vilas e em outras cidades do Reino, ainda são observados religiosamente esses abusos.” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 286, nota g). (Nossa tradução).

o enterro de (p. 287) meu pai, e outros que ainda nem sequer tinham ido dar os pêsames a minha mãe, mas apareceram nessa ocasião com a maior intimidade e pouca vergonha.

Já se pode entender, também, que, em primeiro lugar, foram meus íntimos amigos Januário, Pelayo e outros como eles, que, também, levaram ao baile suas madames bem-conceituadas⁵⁸², que eram, também, minhas camaradas. Em resumo, o cheiro do *guajolote*⁵⁸³, do *pulque*⁵⁸⁴ e do abacaxi levou, nesse dia, a minha casa, uma porção de amigos meus, parentes e conhecidos de minha mãe que foram cumprimentar-me. Deus que os pague.

Lamberam-se no almoço, consumiram o jantar e, a seu tempo, alegraram grandemente o baile; porque cantaram, dançaram, esfregaram-se, embriagaram-se, sujaram toda a casa e, por fim, no final, saíram uns murmurando sobre o almoço, outros sobre o jantar, outros sobre o baile, e todos sobre alguma coisa daquilo mesmo que haviam desfrutado.

Que necessidade é essa de se ter uma diversão pública! Gasta-se o dinheiro, sofrem-se mil incomodidades, perdem-se algumas coisas e sempre se acaba mal com as mesmas pessoas que se procurou obsequiar. Recebe-se em forma de murmuração e falatórios o que se pretendeu receber em agradecimento.

No entanto, de tudo isso – como, à época, eu não pensava assim –, nada me importava, nem pensei em nada disso, a não ser em me divertir e em aproveitar de tudo às custas do dinheiro; embora seja verdade que, naquela hora, adularam-me bastante, especialmente as coquetes, com cujos elogios dei por bem empregados o dinheiro que se gastou nos festejos e as incomodidades que sofreu minha mãe.

⁵⁸² Transcrição da nota 265, da edição de 2008 (p. 287): “[Lê-se, em castelhano:] *Madamas tituladas*, por sua má reputação” (Nossa tradução).

⁵⁸³ Nota da Tradutora: Para *guajolote*, ver nota 369 de nossa tradução.

⁵⁸⁴ *Nota da Tradutora: O *pulque* é a bebida tradicional mexicana feita a base da *Agave salmiana*. Para mais informações, visitar: <https://mexicana.cultura.gob.mx/es/repositorio/x2b9fmtebc-3>. Acesso em: 08 abr. 2022. Sobre o *acocote*, ver nota 457 de nossa tradução. Sobre as *pulquerías*, ver nota 502 de nossa tradução.

(página 288 em branco, p. 289)

TOMO II

... Ninguém supunha que fosse seu o retrato, pois existem muitos diabos parecidos uns com os outros. Quem se sentir atingido, procure a autopurificação, pois isso importa mais do que criticar e examinar meu próprio pensamento, locução, ideia, ou os outros defeitos da obra.

Torres Villarroel, em seu prólogo
de *La barca de Aqueronte*

Leila Shaí Del Pozo González

(Tradução)

(p. 290) *O Periquitinho Sarnento*

do *Pensador Mexicano*, José Joaquín Fernández de Lizardi.

Terceira edição, corrigida e ampliada por seu autor.

Volume II.

México: Imprensa Galván, 1830⁵⁸⁵

⁵⁸⁵ Nota da Tradutora: As seguintes informações também aparecem na publicação de 1830, de acordo com a edição de Ruiz Barrionuevo (2008): a impressão esteve a cargo de Mariano Arévalo, localizado na rua Cadena, n. 9. É possível obter um exemplar no armazém do livro na esquina do Portal, entre as ruas Mercaderes e Agustinos.

(p. 291) Prólogo travestido de conto⁵⁸⁶

É bom que o respeitado leitor saiba – e é bom que saiba para contar depois o acontecido – que, quando estava eu sozinho em casa na outra noite, com a pena em mãos, escrevendo nos cadernos desta obrazinha, entrou meu amigo – um daqueles poucos que são dignos desse título – chamado *Conhecimento*⁵⁸⁷, um homem de boa idade e profunda experiência. Ao vê-lo, levantei-me de meu assento para lhe oferecer os habituais prazeres da civilidade. Ele os retribuiu e, sentado a minha direita, disse-me:

– Continue com o que estava fazendo, se for urgente. Eu só vim fazer-lhe uma visita amigável.

– Não é urgente, senhor! – disse-lhe eu. – E, mesmo que fosse, eu o interromperia de bom grado para abrir espaço a sua agradável conversa, já que tenho a honra de receber sua visita de tempos em tempos. Ainda mais porque, desta vez, estimo muito sua vinda, pois tenho a oportunidade de lhe pedir para que me revele o que comentam sobre o *Periquitinho Sarnento*. Sei que o senhor frequenta muitos sábios, e até mesmo os mais rudes deles, às vezes, honram-no com sua visita, tal qual o senhor o faz agora comigo.

– É sobre aquela obrazinha, cujo primeiro volume recentemente deu à luz?

– Exatamente! – respondi-lhe. – E tenho interesse em saber o que o público pensa sobre ela para poder dar continuidade a meu trabalho, se for bom, ou abandoná-lo, se não o for.

– Bem, escute-me, amigo – disse-me o *Conhecimento* –, é preciso compreender que o público é todos e ninguém. Ele é composto de sábios e ignorantes, e cada qual abunda em opiniões. É preciso advertir que é moralmente impossível satisfazer o público, ou seja, a todos em geral, e que a obra celebrada pelo tolo (p. 292) receberá, apenas por acidente, a aprovação do sábio. Do mesmo modo, a obra aplaudida pelo sábio será celebrada pelo tolo só se for um milagre.

⁵⁸⁶ Nota da Tradutora: De acordo com Frye (2004, p. 109), na nota de rodapé 1, o prólogo foi escrito para o segundo volume da edição de 1816 e foi reproduzido, ou não, de acordo com as vontades de cada editor.

⁵⁸⁷ Nota da Tradutora: Frye (2004) utiliza *Understanding* [Nossa tradução: entendedor das coisas] como tradução para *Conocimiento*.

(p. 292) “O que acabo de dizer não são mais do que afirmações óbvias, ao estilo Pedro Grullo⁵⁸⁸. Saiba que sua obrzinha está sendo julgada pelo público quase da mesma forma que outras semelhantes, quer dizer, as de sua classe. Uns a celebram mais do que o merecido, outros não a leem, outros não a compreendem, outros a leem e a interpretam, e outros, finalmente, comparam-na aos *Anais* de Volusius⁵⁸⁹ ou ao cardo espinhoso, que só pode agradar ao paladar áspero do jumento.

“O amigo deve conhecer bem esse assunto, e não ignora, também, o fato de ser mais fácil para um favo de mel se livrar do apetite de um garoto do que a obra mais sublime se livrar das palavras azedas do crítico⁵⁹⁰.

– É verdade, senhor. Eu sei disso e sei que minhas obrinhas não têm nada para merecer o menor aplauso. Isso eu digo sem uma gota de hipocrisia, mas com a sinceridade que sinto. Admiro a gentileza do público quando lê com prazer meus toscos rabiscos à custa de seu dinheiro, dissimulando, com benevolência, a banalidade dos pensamentos comuns, o desleixo do estilo e, talvez, alguns erros grosseiros. Não posso deixar, então, de considerá-los todos mais prudentes do que Horácio, pois ele disse, em sua *Arte poética*, que perdoaria alguns defeitos se a obra fosse boa: *Não fico ofendido por pouca coisa questões*. Disse, também, que há falhas que merecem perdão: *Ainda há ofensas às quais gostaríamos de perdoar*⁵⁹¹. No

⁵⁸⁸ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *siendo éstas unas verdades de Pedro Grullo* [Nossa tradução: sendo estas umas verdades de Pedro Grullo]. Conhecido também pelos nomes Pedro Grillo, Pero Grullo, Perogullo e Petro Grillo, trata-se de uma personagem ficcional da literatura oral e cultura popular, conhecida por fazer afirmações óbvias, de certeza evidente, simples demais, portanto, tolas. Tais afirmações são conhecidas como *perogulladas* ou *perogrulladas*. Um exemplo seria a afirmação do parágrafo anterior à menção de Pedro Grullo, no romance. Outra pode ser: “o time que fizer mais pontos será o vencedor”, ou “Se chover, o solo do jardim ficará molhado” etc. De autor desconhecido, a tradição do Perogullo nasce ao redor do século XIII, na Europa. Informações retiradas de: <https://definicion.de/perogrullo/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

⁵⁸⁹ **Transcrição da nota 267, da edição de 2008 (p. 292): “Catulo disse, em sua obra *Poesias*, 36, 1-20: *At vos intererea venite in ignem/Pleni ruris et inficetiarum/Annales Volusi, cacata carta*. [Fernández de Lizardi] pode ter lido a citação na obra de Mencke (1715, p. 25): “tantos Atlas e Teatros históricos, aos quais sem injustiça pode ser aplicado aquele verso de Catullus, *Anais de Volúcio, papel de porco!*” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Lúcio Volúcio Meciano (110-175 d. C.) foi um jurista romano e autor de várias obras sobre direito e leis relativas a assuntos marítimos. Para lembrar das obras de Mencke, ver notas 215 e 363 de nossa tradução.

⁵⁹⁰ Nota da Tradutora: O autor novamente menciona Zoilo, censurador de obras alheias. Para mais informações, ver nota 362 de nossa tradução.

⁵⁹¹ Nota da Tradutora: Lê-se, *non ego paucis offendar maculis* – [Nossa tradução está no corpo do texto e a seguinte, *sunt delicta tamen quibus ignovisse velimus* – [Nossa tradução está no corpo do texto]. De acordo com a nota 269, da edição de 2008 (p. 292): “A citação corresponde aos versos 351-352 e 347 [nessa ordem] da *Arte Poética*, de Horácio” (Nossa tradução).

entanto, meus leitores, em troca de tal e qual coisa de que gostam em minhas obrazilhas, tenham paciência para perdoar as inúmeras falhas nas quais meus textos abundam. Que Deus lhes pague e preserve sua docilidade de caráter.

“Igualmente, não sou daqueles que aspiram a ter inúmeros leitores, nem anseio pelos vícios dos plebeus ignorantes e adoradores de romances. Fico feliz com poucos leitores que, sendo sábios, com sua aprovação, não me prejudicam. Para não cansar o senhor, quando lhe falo disso, lembro-me dos sentimentos dos senhores Horácio, John Owen⁵⁹² e Iriarte⁵⁹³, e lhe digo, junto com o último deles, como em sua fábula do urso dançarino:

*Se o sábio não aprovar, péssimo;
E se o tolo aplaudir, pior.
(Fábula III)⁵⁹⁴.*

“É verdade que eu gostaria de não ter muitos leitores, mas muitos compradores, pelo menos tantos quantos fossem necessários para pagar pela impressão e para me compensar pelo tempo gasto para escrever. Se não faltar isso, eu já me darei por satisfeito, mesmo que não tivesse um elogiador, lembrando do que o célebre Owen diz sobre eles e sobre os autores em um de seus epigramas:

*Poucos⁵⁹⁵ são suficientes, ou apenas um
De quem aplausos quero,
E se nenhum me lê,*

⁵⁹² **Nota da Tradutora: John Owen (1560-1622), epigramático galês, também conhecido como o Marcial britânico, é referenciado pelo autor, de acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 293), por escrever, em sua obra *Epigrammata* (1606), versos mordazes e agressivos.

⁵⁹³ **Nota da Tradutora: Precisamente nesse momento, o autor faz referência à obra de Iriarte (1750-1791), *Fábulas literarias* – [Nossa: *Fábulas literárias*] –; dessa vez, utiliza uma edição diferente, de Sebastián de la Nuez, Madri, Ed. Nacional, 1976, p. 72. Sobre Iriarte e seu livro, ver nota 290 de nossa tradução. O trecho citado desta edição encontra-se na nota a seguir.

⁵⁹⁴ **Transcrição da nota 270, da edição de 2008 (p. 293): “Fábula III, *El oso, la mona y el cerdo* – [Nossa tradução: O urso, a macaca e o porco] – (‘Nunca uma obra foi considerada tão ruim como quando aplaudida pelos tolos’). Termina: ‘*Cuando me desaprobaba /La mona, llegué a dudar; /Mas ya que el cerdo me alaba, /Muy mal debo bailar*’ – [Nossa tradução: Quando a macaca me desaprovou, até cheguei a duvidar, mas ao ver o porco me louvar, dei-me conta de que muito mal devo dançar]” (Nossa tradução)

⁵⁹⁵ Nota do Autor: “[refere-se aos] elogiadores” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 292, nota a) (Nossa tradução).

(p. 293) *Nenhum suficiente para mim é.*

“Mesmo assim, apesar dessas advertências, gostaria de saber o que se pensa de minha obrzinha, para poder fazer as contas com meu bolso, e não pense o senhor que é por qualquer outro motivo.

(p. 294) – Bem, amigo – disse-me o senhor *Conhecimento* –, pode ter certeza de que, até o momento, ouvi mais coisas boas dela do que ruins.

– Então, há, também, aqueles que falem mal dela? – perguntei.

– Bem, e não teria? – disse-me ele. – Houve e há quem fale mal das melhores obras. O *Periquitinho* deve ter ficado rindo desses tagarelas!

– Mas o que eles dizem sobre *Quitinho*? – perguntei-lhe.

Ele me respondeu:

– Dizem que esse *Quitinho* fala mais do que o necessário; que ele tem a aparência de não deixar pedra sobre pedra quando critica; que, com o pretexto de ser crítico, murmura eternamente sobre todas as classes e corporações do Estado, o que é uma patifaria muito grande; indagam quem foi que fez dele o pedagogo do público para, sob o tom de se pronunciar contra os abusos, satisfazer seu caráter mordaz e maldizente?; dizem que se seu objetivo era o de ensinar seus filhos, por que ele não o fez como o censor Catão⁵⁹⁶,

Que doutrinou seu filho

Com um bom coração,

e não com sátiras, críticas e piadas mal-educadas? Se acaso ele publica tais escritos para se credenciar como editor, desacredita-se a si mesmo, pois coloca sua ignorância nas manchetes; e se acaso for pelo lucro que espera obter dos leitores, trata-se de uma arbitragem odiosa e ilegal, pois ninguém deve procurar sua subsistência às custas da reputação de seus irmãos; e, finalmente, que se o autor é tão zeloso, tão moderado e opositor dos abusos, por que ele não começa por reformar os seus, pois será que esses não lhe faltam?

⁵⁹⁶ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo, na nota 272 (2008, p. 294), informa que, nessa ocasião, trata-se do título de uma de suas obras: *Preceptos a su hijo* [Nossa tradução: *Preceitos para seu filho*].

(p. 294) – Ai de mim, senhor Conhecimento! – exclamei amedrontado. – Será possível? Eles dizem tudo isso?

– Sim, meu amigo, eles dizem tudo isso.

– Mas quem é que diz isso, irmão de meu coração?

– Quem poderia dizer isso – respondeu-me o senhor Conhecimento – a não ser aqueles amargurados pelas verdades que beberam do cálice de sua fábula?

(p. 295) “Quer que fale bem do *Periquitinho* um mau pai de família, uma mãe demasiado condescendente com os filhos, um preceptor inepto, um clérigo relapso, uma coquete, um preguiçoso, um ladrão, um trapaceiro, um hipócrita, ou qualquer outra pessoa malvada que se vê retratada em sua obra? Não, meu amigo, eles não falarão bem da obra ou de seu autor em sua vida. Mas, entenda que, desse tipo de rivais, obterá uma grande vantagem, pois eles mesmos, sem pensar nisso, dão crédito a seu trabalho, e mostram que não há mentiras em tudo o que escreve. Assim, continue com sua obrzinha, desprezando este tipo de murmurações (porque essas não são e não podem ser chamadas de críticas). Repita a si mesmo, de tempos em tempos, as tantas reivindicações e representações já postas, isto é, o fato de que nunca se retratou, em seus escritos, a nenhuma pessoa em particular, pois neles só se ridiculariza o vício com o mesmo objetivo louvável que tantos e tão corajosos espertos de dentro e de fora de nossa Espanha já o ridicularizaram. E, para que seja ainda mais verídico, repita-lhes isso com as palavras do canário divino (Iriarte⁵⁹⁷):

A todos e a nenhum

Minhas advertências tocam;

Aquele que se sente atingido, culpa-se a si mesmo,

Aquele que não, que as ouça.

E como essas não caluniam

Pessoas determinadas,

Quem se apossar dessas supostas alusões,

⁵⁹⁷ **Nota da Tradutora: Iriarte já foi mencionado na nota 289 de nossa tradução. Nessa oportunidade, Fernández de Lizardi refere-se à fábula “O elefante e os outros animais”. Ruiz Barrionuevo (2008, p. 295) acrescenta um comentário, na nota 273 (2008, p. 295), entre parênteses: “Particulares não devem se ofender devido ao dito comumente” (Nossa tradução).

Isso faz por conta e risco.

(p. 295) (Fábula I).

Dizendo isso, o senhor *Conhecimento* (porque era Conhecimento Universal) foi-se embora, acrescentando que, na obra, faltavam ainda algumas partes. Eu, então, peguei na pena e registrei nossa conversa para vós, meu amigo leitor, para se preparar e, depois, continuar lendo a história do famoso *Periquitinho*.

(p. 296 em branco) (p. 297) **Capítulo I**

Periquitinho critica os bailes e faz uma longa e útil digressão sobre a má educação que muitos pais dão a seus filhos e sobre os filhos maus que deixam tristes a seus pais

Cansados de dançar e de beber, o baile acabou-se, como todos se acabam. Pouco depois da meia-noite, os mais prudentes, ou menos tolos – que não desejavam perder as horas normais de sono –, partiram. Os remanescentes, ou porque desejavam ouvir novamente o barulho daqueles que já se haviam partido, ou porque já estavam cansados, mal se levantavam para dançar. As velas estavam muito consumidas e pediam para ser substituídas, e os músicos (que não esqueciam de beber em tais ocasiões) não conseguiram mais tocar acertadamente a melodia que lhes era pedida. Havia até mesmo um deles que já arranhava seu *bandolão*⁵⁹⁸ embaixo da ponte.

Januário, habilidoso nesses assuntos, disse-me:

- Homem, o baile perdeu toda a graça e tão cedo!
- E o que devemos fazer? – disse-lhe.
- O quê? Animá-lo – ele respondeu.
- E com o que se anima isso? – perguntei-lhe.
- Com o que for preciso. Temos aguardente?
- Sim – disse-lhe.
- E açúcar e limões?
- Sim, também.
- Então, peça para colocarem tudo isso em um dos quartos.

Fiz isso, como me pediu Januário. Em poucos minutos, fez ele uma mistura de aguardente, açúcar e limão, muito conhecida por todos⁵⁹⁹. Logo, mandou colocar novas velas nas lamparinas e começou a dar aos músicos e aos (p. 297) assistentes

⁵⁹⁸ Nota da Tradutora: *Bandolón*, bandolão, em português, instrumento musical de cordas tradicional mexicano. Ver nota 406 de nossa tradução.

⁵⁹⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *que llaman ponche* [Nossa tradução está no corpo do texto].

daquela manguaçada marvada⁶⁰⁰, em abundância⁶⁰¹ e (p. 298) sem limites. Com tal diligência, o lugar virou um inferno.

No início, todo mundo dançava com alguma organização; alguns sabiam o que tocavam, e outros, o que pulavam. Porém, assim que o licor adocicado começou a fazer seu efeito, suas mentes ficaram transtornadas. Foi-se embora o pouco respeito e a parca moderação que existia. As mulheres recolheram suas vergonhas, e os homens, o respeito. Depois que a segunda e a terceira rodada de ponche entraram em ação, não se podia mais considerar aquelas pessoas como gente⁶⁰², pois não era mais um baile, mas, sim, uma apalpação e um escândalo delituoso.

Aqueles que promovem os bailes, e mais ainda se forem do tipo de gente como essa (e poucos há que não o são), costumam ser os alcoviteiros e encobridores de mil indecências escandalosas. Pode ser que, talvez, eles não prevejam isso, que não o queiram e, até mesmo, que lhes seja desagradável; mas tudo isso não os salva de serem os abonadores e os principais impulsionadores dessas impudências lúbricas, pois, em boa filosofia, é sabido que *o que é a causa da causa é a causa do que é causado*. Assim, aqueles que organizam um baile devem levar muitas coisas em consideração para evitar essas licenças escandalosas, pois, se não o fizerem, passarão a ocupar a vaga oficial de alcoviteiros aos olhos do mundo e, aos olhos de Deus, serão réus por quaisquer pecados cometidos em suas casas.

As principais considerações a serem levadas em conta por aqueles que oferecem um baile podem, penso eu, ser reduzidas às que descrevo a seguir.

Primeiro, que as mulheres frequentadoras sejam honestas, de boa vida, e nunca solteiras ou livres, mas filhas de família ou casadas; e que compareçam com seus pais (p. 298) ou maridos, para que o respeito a eles possa refrear os jovens libertinos.

⁶⁰⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *bervaje condenado* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 297). De acordo com Ruiz Barrionuevo, por *bervaje*, entenda-se a palavra *brevaje*. Segundo o *DRAE* (2023), *brebaje*, do francês, *breuvage*, [na primeira acepção:] bebida, e especialmente aquela composta por ingredientes desagradáveis ao paladar. [Na segunda acepção:] em navios, vinho, cerveja ou sidra que os marinheiros bebiam. (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/brebaje>. Acesso em: 29 jul. 2023.

⁶⁰¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se em castelhano, *a pasto* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 297).

⁶⁰² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ya no había gente con gente* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 298).

Em segundo lugar, que, deliberadamente, nenhum desses (libertinos) jamais seja convidado, por mais requintadas que sejam suas habilidades na dança, pois será menos ruim dançar mal do que ser bem seduzido. Normalmente, esses bailarinos, ou inúteis, (p. 299) como são chamados, são malandros formidáveis. Eles têm apenas duas finalidades para o baile: divertir-se e passar o tempo *regozijando-se*⁶⁰³ (essa é a diretriz deles). Esse *desfrute* consiste em nada além de suas sedução ou ligeirizas. Se possível, pervertem a donzela e prevaricam contra a fidelidade da mulher casada, e tudo isso sem amor, mas por um mero vício ou passatempo.

Às vezes (se não fossem tantas!), são bem-sucedidos em suas tentativas e, tão logo satisfaçam sua luxúria, abandonam, por um novo alvo, aquelas infelizes loucas, com suas honras e virtudes prostituídas à verbosidade e à astúcia de um imoral, lascivo, estúpido e apenas bom dançarino.

Mesmo quando eles encontram uma pedra no caminho, quero dizer, quando, felizmente, as garotas de um baile são todas sensatas e recatadas; que sabem como se safar dessas tentativas e preservar sua honra ilesa no meio do incêndio como a sarça que Moisés viu ardente sem queimar, o que certamente é um milagre, mesmo neste caso improvável, esses imprestáveis fazem seu negócio.

Eles, fazendo de tudo quando os ouvidos dessas jovens mulheres se fecham para eles, não desistem ou se afligem. Como suas lisonjas e dileções em qualquer sedução não são para o amor, mas para o vício, não se dão por inteirados das desfeitas, nem afrouxam seus intentos por não encontrarem correspondência. Nada disso. Eles continuam brincando e pulando muito serenamente, contentes com o que eles chamam de *caldo*.

Esse *caldo*... – alerta aos homens casados e pais de família que sabem o significado da decência e querem preservá-la adequadamente –, esse *caldo* é a possibilidade, que eles têm, de (p. 299) apalpar suas filhas e suas esposas, facilitada

⁶⁰³ ***Nota da Tradutora: Lê-se em castelhano, *chonguear* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 299). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 417): gozar para passar o tempo, embromar. (Nossa tradução). Por conseguinte: *chongueo* poderia ser traduzido como o ato de passar o tempo burlando-se dos outros. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/416/mode/2up?view=theater&q=chonguear>. Acesso em: 29 jul. 2023.

pelas contradanças e *valsas*⁶⁰⁴, em que as licenças passam milhares de vezes das mãos às bocas, tornando-se beijos furtivos que aquelas menos (p. 300) escrupulosas não consideram como atos impróprios, e aquelas que se dizem prudentes e decentes dissimulam e sofrem caladas para evitar problemas. De modo tal que o marido ou o pai decente – que, em casa, sentir-se-ia horrorizado se sua esposa ou sua filha desse a mão para um homem –, no decurso desses bailes, tolera ver, em sua presença, elas sendo abraçadas, tentadas, espremidas e apalpadas mais do que as coxas de um cavalo gordo.

O pior é que essas apalpadas e tentações, acompanhadas de risos e dizeres costumeiros, são, para muitas mulheres, como o pecado venial para as almas, com a diferença de que o pecado venial *aquece* e prepara as almas para o pecado mortal, e as apalpadas – ou os caldos de que falamos – acendem e pré-dispõem algumas jovens para destruir sua honra, a de seus pais e a de seus maridos. Nenhum escrúpulo é demais para evitar esses excessos.

A terceira consideração que aqueles que organizam ou oferecem um baile poderiam levar em conta é que não deveriam oferecer, no evento, nenhuma bebida espirituosa⁶⁰⁵. Se for necessário, por costume ou por afeto, que se ofereça alguma coisa aos convidados para celebrar, seria menos ruim fazê-lo com sorvete, casquinhas de beiju e neve de leite⁶⁰⁶, limão, tamarindo etc., e coisas desse (p. 300)

⁶⁰⁴ Nota do Autor: “Esses bailes não são outra coisa que o antigamente chamado de *Allemande* [dança barroca do século XVIII]. A diferença está em que, naquela, dançava-se devagar, e na valsa, os deleites são rápidos e, por detrás de muita poeira, escondem ou dissimulam melhor as palavras, os encontros, os beliscos, os abraços, os beijos e coisas piores que melhor me calo para não ofender a decência” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 300, nota de rodapé a) (Nossa tradução).

⁶⁰⁵ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *licor espirituoso* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 300). Trata-se das bebidas destiladas como, entre outros, o rum, a cachaça e o whisky. Para mais informações, visitar: <https://blog.cachacacanela-de-ema.com.br/o-que-e-bebida-espirituosa/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

⁶⁰⁶ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *soletas y nieve de leche* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 300). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 981), “o biscoito de beiju alongado tinha como ingredientes principais ovo e farinha. Esses biscoitos acompanham os sorvetes. Não é doce” (Nossa tradução). A consistência é a daquele biscoito ou da casquinha que nós conhecemos como cones para sorvete. Já a “*nieve*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 300) seria, de acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 758), um “sorvete, gelado que é preparado com suco de frutas simplesmente, água e açúcar” (Nossa tradução). A isto, adicionamos a definição do DRAE (2023), que “é consumido congelado” (Nossa tradução). O dicionário *Aulete Digital*, na sua sétima acepção, define como: “doce feito de açúcar e leite ou suco de certas frutas, sorvete”. No caso, pelo nome, supomos que se trata de uma “neve” que leva apenas leite e açúcar na sua composição. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/980/mode/2up?view=theater&q=soletas>, <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/758/mode/2up?view=theater&q=nieve>, <https://dle.rae.es/nieve?m=form> e <https://www.aulete.com.br/neve>. Acesso em: 29 mar. 2022.

gênero, do que com petiscos e vinho, aguardente, ponche e outros licores similares. Isso porque, ao ofuscar o cérebro, eles facilitam o transtorno da razão e alteram a constituição física de ambos os sexos, cujos resultados não escapam, pelo menos, de se tornarem desejos, pensamentos consensuais e deleções morosas⁶⁰⁷ e, dependendo de cada pessoa, algo mais e mais pecaminoso.

Muito disso seria evitado pela breve norma que aqui aponte, pois o velho ditado é que afirma que *Sine Cerere et Baccho friget Venus*⁶⁰⁸, que é equivalente a esta curta copla:

(p. 301)

*Pouca iguaria e sem
Bebida espirituosa,
Se a luxúria não dissipa,
Pelo menos é mitigada*⁶⁰⁹.

A quarta e última consideração a se tomar em conta é que os bailes deveriam se estender, em uma duração máxima, até às doze horas da noite. Essa é uma hora mais do que regular para todos irem para casa depois de se divertirem muito, se forem sensatos, porque o que vai além dessa hora não deve mais ser chamado de diversão, mas, sim, de vício, desconforto e tolice.

Apenas essas quatro normas mínimas eu gostaria que aqueles que organizam um baile respeitassem, e me parece (embora eu não lhes assegure) que eles não se arrependeriam dessa observância.

(p. 301) Por último, eu não me pronuncio contra os bailes, mas contra os escândalos nos bailes. Se tirarmos deles tudo aquilo que os torna lugares de pecado e de perigo, transformam-se em uma espécie de diversão neutra. Eles serão maus

⁶⁰⁷ ***Transcrição da nota 279, da edição de 2008 (p. 300, retirado do *Diccionario de autoridades* ([1969]): [Lê-se, em castelhano:] “*delectaciones morosas* – [Nossa tradução está no corpo do texto], indulgência deliberada em algum objeto e pensamento indecoroso, sem a intenção de agir, mas apenas de se deter sobre ele” (Nossa tradução).

⁶⁰⁸ **Transcrição da nota 279, da edição de 2008 (p. 300): “[Públio] Terêncio em *Eunuchus* (ato IV, cena V, 732) disse: *verbum hercle hoc verum erit sine Cerere et Libero friget Venus* [Nossa Tradução: por Hércules, esta palavra será verdadeira sem Ceres e Vênus congelar]. Jamin [1775, p. 98] comenta na sua obra: *Venus, disoit um ancient ne fait que languir sans Cères et Bacchus* [Nossa Tradução: um antigo ditado disse que não há doença sem Ceres e Baco]” (Nossa tradução).

⁶⁰⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Poco manjar y ninguna/ espirituosa bebida,/ si la lujuria no apagan,/ a lo menos la mitigan* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 301).

para aqueles que neles queiram ser maus, e serão decentes para os decentes. Enquanto isso não ocorrer, o baile – seja por suas sem-vergonhices, seja pelas circunstâncias que oferece – não poderá fugir daquela definição feita por um Padre da Igreja, que afirma que ser ele *um círculo cujo centro é o diabo*⁶¹⁰.

Dançar não é ruim; o que é ruim é a maneira como se dança e o propósito com o qual se dança. David dançou diante da arca do Senhor⁶¹¹, e os israelitas, diante do bezerro de Belial⁶¹². Todos eles dançaram, mas de um modo diferente e com um propósito diferente! É por isso que as recompensas foram distintas.

Há moralistas tão severos que julgam os bailes como ocasiões voluntárias de pecado imediato⁶¹³ e, desde esse ponto de vista, nenhum deles seria lícito. (p. 302) Eu, contudo, respeito sua opinião, mas discordo. Sou mais indulgente e afirmo que podem existir, e de fato haverá alguns, não como os que descrevo, nos quais não tenham lugar essas oportunidades, esses escândalos, esses cânticos lascivos, sem o apalpar, a embriaguez e os outros excessos constatados na maioria deles. E quais seriam esses? Aqueles que deveriam ser frequentados pelas pessoas de boa consciência.

Se todos os frequentadores forem de boa consciência, o baile será um divertimento decente. A dificuldade está em organizar um baile sob essas condições. Assim, eu deixo cada um fazer o que quiser em sua própria casa e, voltando à minha, continuo a relatar que, depois de estarem fartos de pular, beber e conversar, todos começaram a ficar mais quietos, porque a maioria deles não conseguia ficar em pé.

⁶¹⁰ **Transcrição da nota 280, da edição de 2008 (p. 301, retirado de Spell, 1971, p. 156): “J. R. Spell acredita que, mesmo que essas ideias sobre o baile fossem muito difundidas na época, [o autor] teria lido a obra de Ignacio Erbolada, *Fantasmas de Madrid y Estafermos de la Corte* [Nossa Tradução: Fantasmas de Madri e Estafermos da Corte] [publicado, segundo a nota, em Salamanca entre os anos de 1761 e 1763], que mostra ao público os erros e as falácias do trato humano e se encontra nela argumentações contra o baile por incitar a renunciar à virtude. Além disso, conclui, igualmente, que ‘o baile é um círculo cujo centro é o diabo e a circunferência os que dançam’” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) menciona o autor Ignacio Erbolada. No entanto, depois de uma busca rápida na internet, achamos o nome de Ignacio de la Erbada como autor das obras mencionadas. Não foram encontrados mais dados do autor. Para mais informações, visitar: <https://data.cervantesvirtual.com/person/81720>. Acesso em: 04 jan. 2023.

⁶¹¹ Transcrição da nota 281, da edição de 2008 (p. 301): “*Livro dos Reis*, II, 6” (Nossa Tradução).

⁶¹² Transcrição da nota 282, da edição de 2008 (p. 301): “*Êxodo*, 32” (Nossa Tradução).

⁶¹³ Nota da Tradutora: De acordo com Frye, na nota 4 da edição de 2004 (p. 127), “uma ocasião voluntária de pecado imediato é aquela que é evitada facilmente (de forma voluntária) e que provavelmente levará ao pecado (imediato). A doutrina católica exige que tais situações sejam evitadas” (Nossa tradução).

(p. 302) Os músicos deixaram seus instrumentos junto às cadeiras e se deitaram do melhor modo que puderam; as mulheres se amontoaram no estrado e os homens começaram a contar histórias e com uma conversa mole para se manterem acordados, pois não demoraria muito em despontar o sol, como desejavam, para, então, irem tomar um café.

Essa estratégica disposição não era ruim; mas nem eles, nem elas eram mais donos de si, e a aguardente os narcotizava cada vez mais e a cada minuto que passava. Com isso, uns falando e outros ouvindo bobagens, todos foram adormecendo, uns de um lado e outros do outro, sendo Januário um dos primeiros a fazê-lo.

Minha mãe já tinha ido para a cama desde muito cedo e me disse para cuidar da casa, assim como eu fiz, pois, embora eu estivesse tão sonolento quanto o mais fatigado dos presentes, não ousava dormir, por temor de que alguém pudesse levar embora alguma coisa. O interesse é maligno. Além da saúde, poucas são as situações que tiram o sono dos homens.

Eu estava vigilante e os ouvia roncar e esvaziar o estômago, alguns mais, outros menos. Não me era muito agradável, nem aquela música, nem aqueles odores; e, além disso, não conseguia mais conter o sono.

É verdade que o saguão estava trancado e eu tinha a chave, então, eu poderia muito bem ter ido dormir; mas fui detido pelo pensamento de que, agora, apenas éramos minha mãe, (p. 303) eu mesmo e uma empregada, boa, mas velha e dorminhoca, que não se levantaria cedo mesmo se o mundo virasse de ponta-cabeça. Não era justo deixar minha mãe se levantar para abrir a porta para aqueles malandros na hora em que cada um estivesse sóbrio e quisesse sair para a rua. Assim, não havia ali outra sentinela além de mim. Para não adormecer, diverti-me, à vontade, com os dormentes, porque eu sabia que eles estavam letárgicos, a maioria deles, com dois sonhos, o natural e o da aguardente.

Um dos preconceitos que a embriaguez traz sobre aqueles que estão intoxicados é expô-los à zombaria de qualquer um, como aconteceu a eles comigo, pois eu pintei o rosto de alguns, escondi várias coisas dos outros, costurei juntos a outros e fiz mil coisas perversas a todos eles.

Amanheceu o dia, o ar estava fresco. Abri a varanda, e à vista da luz e do som dos sinos e do barulho das pessoas andando pelas ruas, começaram a acordar; e,

olhando o (p. 303) rosto um do outro, obviamente manchado e adereçado, não conseguiam conter suas risadas, especialmente as mulheres, que tinham de se levantar e ouvir, com dor no coração, rasgar suas vestes e até vê-las esfarrapadas.

Algumas delas dissimulavam seu pesar, mas outras amaldiçoavam o velhaco ocioso que lhes tinha dado tanto prejuízo, e isso era verdade. Mas velhacos como eu não se importam com isso. A questão é divertir-se às custas dos outros, e, quando isso acontece, eles não se importam em fazer um ato perverso que prejudique o interesse e até mesmo a saúde dos outros.

Passada a primeira onda de raiva, limpas umas, outras de vestido consertado, e todos mais calmos, saíram para a cafeteria⁶¹⁴ ou para suas casas, exceto Januário e três ou quatro amigos dele e meus que, como os mais sacanas e sem-vergonha, ficaram até terem almoçado com as últimas relíquias do dia anterior; mas, ao finalmente almoçarem e verem que não havia mais nada para se tirar proveito da festa, saíram para a rua, e eu fui para minha cama.

Dormi como um cão até o meio-dia. Quando me levantei, encontrei a pobre velha cozinheira tal qual um (p. 304) Bernardo⁶¹⁵ contra os convidados.

– *Señora* – disse ela a minha mãe –, não é uma irracionalidade audaciosa que esses convivas atrevidos, depois de terem tragado e se divertido o dia todo, tenham deixado a casa nessas condições? Veja, *Señora*, passei o dia todo limpando essa sujeirada deles. Por quê, Jesus? O estado em que deixaram tudo aqui! Uma imundície. Um vomitório no corredor, uma porcaria de cacas nas escadas, outra do outro lado, até na sala de estar. *Señora*, até a sala parecia mais um chiqueiro. Ah, porcalhões! Mas que pessoal tão sujo e grosseiro! Mas, pelo que eu mais sinto, *Señora*, são os vasos de flores. Veja o que fizeram com eles! Todos destroçados. Mas

⁶¹⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *para el café* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 303). Nesse caso, trata-se da cafeteria: “Lugar, estabelecimento em que se vendem, preparam e servem café, outras bebidas e refeições ligeiras” (*Aulete Digital*, nossa tradução). Disponível em: <https://www.aulete.com.br/cafeteria>. Acesso em: 12 abr. 2022.

⁶¹⁵ **Nota da Tradutora: Fernández de Lizardi evoca o nome do herói mítico Bernardo del Carpio, personagem utilizado pelo seu tio Afonso X, o Sábio, para derrotar as forças de Carlo Magno, conseguindo uma façanha impossível. Desse modo, o narrador enfatiza a heroicidade da cozinheira, que defende a casa do Periquitinho dos dançarinos que ainda teimavam em ficar. Para mais informações sobre Bernardo, visitar: <http://www.bernardodelcarpio.org/bernardo/historiapt.htm>. Acesso em: 08 abr. 2022.

que pessoas (p. 304) vão dançar com instenção⁶¹⁶ tal que, não contentes com a comilança, em cair na gandaia, em ficar de porre e emporcalhar a casa, ainda fazem mil coisas perversas como estas!

Minha mãe consolou a idosa senhora, dizendo-lhe:

– Está certa, *doña* Felipa, aqueles que fazem tanto mal nas próprias casas onde se divertem são uns malcriados, indecentes, rudes e mal-educados, mas não há remédio, por enquanto. Sabes que meu marido não era amigo de tais farras⁶¹⁷, e por isso eu não tinha experimentado ainda semelhante grosseria; mas eu lhe dou minha palavra de que esta foi a primeira e a última.

Não gostei muito dessa deliberação, porque, além de nem ter gastado meu dinheiro, nem ter mexido um dedo para fazer a festa acontecer, eu gostaria de continuar a oferecer bailes em minha casa, no mínimo três vezes por semana. Entretanto, não me envolvi, por enquanto, em mais nada além de rir da velha. À tarde, peguei meu chapéu e saí para a rua.

Pela primeira vez, voltei às nove horas da noite e achei minha mãe bastante séria, pois ela perguntou-me onde eu tinha estado; disse que estranhava em mim tantas liberdades, que eu era seu filho e que eu não deveria pensar que, porque meu pai tinha falecido, eu era agora o dono absoluto de minha liberdade, e outras coisas desse tipo, às quais respondi que aquele tempo tinha acabado, que eu não era mais um menino, que já fazia a barba, e que, se eu saía e (p. 305) ficava na rua, era para ver do que nós íamos viver. Tais respostas grosseiras deixaram muito triste minha mãe. Ela soube, é claro, o que ia acontecer: que eu iria tirar minha máscara e perder todo o respeito por ela, como, de fato, aconteceu.

Gostaria de passar esses breves momentos de canalhice em silêncio, e que vós fôsseis deles sempre ignorantes, meus filhos! Vede só até que ponto pode chegar o atrevimento de um filho insolente e malcriado. Mas, como minha tentativa é de lhes apresentar um espelho fiel no qual vós possais ver a virtude e o vício tal como eles são, não devo dissimular nada diante de vós.

⁶¹⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *insistión* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 304). Ruiz Barrionuevo pergunta-se, a respeito da palavra, se é uma má pronúncia de *intención* [intenção].

⁶¹⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *jarana* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 304). De acordo com o *DRAE* (2023): “coloquial. Diversão barulhenta e alvoroçada” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/jarana?m=form>. Acesso em: 29 jul. 2023.

(p. 305) Hoje, vós sois, meus filhos, apenas crianças brincalhonas, mas amanhã sereis homens e pais de família, e, então, a leitura de minha vida vos ensinará como deveis administrar vossos filhos para não terem de sofrer com eles o que minha pobre mãe sofreu por minha causa. Minha mãe sobreviveu dois anos depois da morte de meu querido pai, e isso foi muito pelas tristezas que eu lhe dei naquela época, e das quais me arrependo toda vez que disso me lembro.

Constantemente eu, feito um libertino, um preguiçoso e um completo desocupado, não pensava em nada além de dançar e jogar, em mulheres e em tudo mais que tendia, diretamente, para viciar, cada vez mais, meus hábitos. O pouco dinheiro que tinha em casa não foi o suficiente para satisfazer meus desejos. Logo gastei tudo. Vimo-nos reduzidos a ter de mudar para uma pequena casa de bairro. Mas, como nem isso podíamos pagar, alguns dias depois, coloquei minha mãe em um quarto ordinário e indecente, o que a afetou muito, pois não estava acostumada a semelhante tratamento.

A coitada de minha mãe repreendeu minhas andanças e me fez ver que elas eram a causa do triste estado ao qual estávamos reduzidos. Ela me deu mil conselhos para me dedicar a alguma coisa útil, para ir à confissão e para abandonar aqueles amigos que tinham sido tão prejudiciais para mim e que, talvez, levassem-me ao limiar de (p. 306) minha última perdição. Em resumo, a infeliz senhora fez tudo o que pôde para me fazer refletir sobre mim mesmo, mas era tarde demais.

Já o vício tinha crescido caloso em meu coração. Suas raízes eram profundas, e nem conselhos sólidos, nem repreensões suaves ou severas podiam fazer efeito nele. Ouvi tudo com violência e o desprezei teimosamente. Se ela me exortava à virtude, eu ria; e se ela me repreendia por meus vícios, eu ficava exasperado. E, não contente com isso, eu lhe faltava ao respeito com respostas indignas de um filho cristão e bem-nascido. Fiz minha pobre mãe chorar desconsoladamente nessas ocasiões.

Ah, lágrimas de minha mãe, derramadas pela culpa dela e minha! Se, no início, em minha infância, quando eu não era o dono absoluto dos vícios de minhas paixões, ela tivesse corrigido os primeiros impulsos, e não tivesse me lisonjeado com seus mimos, tolerâncias e carícias, certamente eu me teria acostumado a obedecê-la e a respeitá-la. Mas tudo se deu ao contrário: ela celebrou meus primeiros deslizes e até os desculpou por minha idade, sem se lembrar de que o vício também tem sua

infância, sua (p. 306) consistência e sua senescência na vida moral, assim como o homem o tem na vida física. O vício trivial começa como criança, cresce com o hábito e morre com o homem, ou atinge sua decrepitude quando o próprio homem, por força dos anos, é amortecido pelas paixões.

Que bem teria feito minha mãe e eu, se ela não se tivesse oposto tantas vezes aos desígnios de meu pai, se não o tivesse impedido de me castigar e se não tivesse me mimado tanto com seu amor imprudente? Ah, eu deveria estar acostumado a respeitá-la! Eu deveria ter sido educado timorato e bem ajustado, e sob esse sistema, eu não deveria ter passado tantas dificuldades no mundo, nem minha mãe teria sido vítima de minhas desobediências e vilipêndios.

Disso, o mais lamentável é que esse caso funesto não carece de exemplos. Os filhos de viúvas tolerantes são quase sempre crianças perdidas e mimadas. E as mães de tais crianças, o que podem ser senão mulheres desgraçadas?

Normalmente acontece que o pai é um homem normal, que tenta inspirar a criança com sentimentos cristãos, (p. 307) morais e políticos e, segundo eles, tentam desviá-la de todas aquelas baixezas para as quais o homem está naturalmente inclinado. Isso faz a criança chorar, e a mãe fica angustiada e impede o pai de agir. A criança faz travessuras, mas ela é celebrada; quando faz alguma malcriadez, é desculpada; profere algumas palavras indecentes, seja porque as ouviu dos criados ou na rua, e isso é celebrado. O pai faz vista grossa⁶¹⁸ e tem medo de reprovar e punir o filho, porque, quando o faz, sabe que a mãe pula sobre ele como uma leoa. Então, seja porque a ama demais, ou porque não quer que o casamento se torne um inferno, ele concorda com ela. O crime do menino não é punido, ele ri e, satisfeito com a impunidade que sua mãe lhe assegura, dá rédeas soltas a seus vícios, que, então, como dissemos, são vícios infantis, puerilidades, frivolidades, mas, na idade adulta, tornam-se crimes escandalosos e contravenções.

A presença do pai raramente falha em agir como um freio. Mas, se ele morre, tudo está perdido. Mesmo que fraca, uma vez quebrada a única represa que tinha, o rio das paixões irrompe de suas margens, passando por cima de tudo em seu caminho.

⁶¹⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *el padre se tuesta de estas cosas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 307). López y López (1931, p. 475): desculpar-se; fazer vista grossa.

(p. 307) Só aí que a viúva conhece a ferocidade de um coração dado à liberdade. Então, ela quer se opor ao primeiro ato, mas é tarde demais: a torrente é impetuosa, e suas forças são incapazes de contê-la. A mãe tenta conselhos, usa carícias, compila repreensões, tenta ameaças, esgota lágrimas, pede castigos e, talvez, em desespero, explode em maldições contra seu filho⁶¹⁹, mas nada é suficiente. O jovem, endurecido, obstinado e acostumado a não obedecer nem respeitar sua mãe, despreza conselhos, escarnece de carícias, zomba de repreensões, ri de ameaças, diverte-se com lágrimas, foge de castigos e retruca imprecações com (p. 308) outras. Se não se atentar, como já se viu, põe suas mãos vis à pessoa de sua mãe⁶²⁰.

Toda essa lamentável catástrofe seria evitada educando bem e escrupulosamente as crianças. A quantos pontos podem ser reduzidas as principais obrigações dos pais com respeito à boa educação de seus filhos? A três, na opinião de um homem apostólico⁶²¹ que floresceu no México. Nomeadamente: **1** a lhes ensinar o que devem fazer, a lhes corrigir o que fazem de errado e a lhes dar um bom exemplo. Três coisas muito fáceis de dizer, mas muito difíceis de praticar, considerando a multidão de crianças malcriadas e cheias de vícios que notamos; porém, não porque sejam difíceis de observar, porque o jugo do Senhor é suave, mas, sim, porque tais pais e mães não se aplicam, nem remotamente, à prática dos três preceitos mencionados; ao contrário, parece que eles se desviam deles o máximo que podem.

Se nos referirmos à instrução, esses genitores se contentam em dar-lhes uma educação muito superficial, por meio de professores ou preceptores mercenários⁶²²

⁶¹⁹ Nota do Autor: “Muitas vezes, essas maldições foram cumpridas. As crianças devem ter cuidado de merecê-las e os pais devem ter cuidado de proferi-las. Tudo é ruim” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 307, nota b) (Nossa tradução).

⁶²⁰ Nota do Autor: “Crime atroz, mas não faltam exemplos” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 308, nota c) (Nossa tradução).

⁶²¹ Nota do Autor: “O sacerdote Juan Martínez de la Parra [(1653-1701)], da Companhia de Jesus” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 308, nota d) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para mais informações sobre a personagem histórica, visitar: <https://dbe.rah.es/biografias/20642/juan-martinez-de-la-parra#:~:text=1701.,inicio%20de%20la%20carrera%20docente>. Acesso em: 18 abr. 2022.

⁶²² Nota do Autor: “Falamos, aqui, de pais decentes e bem-nascidos, que agem dessa forma, não de pessoas vulgares que não nutrem sentimentos regulares; pois esses não são corrigidos por críticas, nem por persuasão. Esses são os bárbaros que levam seus filhos para cuidar deles, quando a bebida os joga nas ruas; outros que os levam para jogar, e até brincam com eles; outros em cujas pocilgas nunca se ouve nada além de maldições, juramentos, brigas e obscenidades, e assim por diante. Esses não só não podem dar a seus filhos uma boa educação e um bom exemplo, porque são brutos racionais, mas, por isso mesmo, imbuem-nos sempre de seus erros e preocupações, e por seus exemplos

que, talvez, vendo p. 308 os paparicos dos pais, apenas (p. 308) tentam (p. 309) lisonjear o aluno, para grande prejuízo dele mesmo e de suas consciências. Com respeito aos corretivos, já mencionamos o abandono desses pais e, especialmente, o das mães.

Por fim, se nos voltarmos à questão do exemplo, o que é, comumente, que as crianças veem em seus lares? Luxo nas pessoas, excessos na mesa, destrato dos criados, arrogância e desprezo pelos pobres. Isso é, no mínimo, o que as crianças veem e ouvem em muitos lares. E como o exemplo é o incentivo mais poderoso para formar bem ou mal o coração de uma criança nessa idade, como será a criança com tais exemplos? Os resultados nos dizem: criança mimada, muito soberba; criança consentida, muito insensata; criança negligenciada, muito perdida, e assim por diante.

Tudo isso poderia ser remediado por uma boa educação, desde uma idade precoce. O Espírito Santo aconselha: *se tiverdes filhos, educai-os e lhes exija obediência desde crianças (Eclesiástico, 30,12)*⁶²³. É de pequenino que se torce o pepino.

Os médicos declaram que os remédios devem ser aplicados quando se iniciam as doenças, antes de elas ganharem forma, antes de todo o sangue ficar viciado e os humores, corrompidos. Cirurgiões habilidosos colocam o osso assim que ele é deslocado, assim que veem a fratura; caso contrário, ele forma pus, e a cura é impossível. Assim, desse jeito, deveria ser a educação das crianças; desde sua infância, antes de serem troncos já formados. Seus deslizes devem ser corrigidos assim que são percebidos, ou então eles se fossilizarão.

Essas verdades são mais claras que a água, mais repetidas que os dias. Não há quem diga que as ignora e, mesmo assim, não vemos nada além de meninos

perversos, formam neles um coração de demônios. Essa é uma triste verdade, mas uma verdade que, se eu quisesse refutá-la, seria dita a seu favor pelas tabernas, bilhares, prisões e ruas desta cidade, que não estão cheias de nenhuma outra traça a não ser esses vícios e vícios. Que grande coisa seria torná-los úteis para o Estado e para si mesmos! Que disposição mais propícia para isso do que tomar conta de seus filhos, proporcionando-lhes, por amor e pela força, uma boa educação, e que meio mais fácil, em minha opinião, do que o projeto de escolas gratuitas que propus no terceiro volume de meu *Pensador mexicano*, números 7, 8 e 9? Asseguro-lhes que, praticado isso em todas as suas partes, em dez anos, nossa plebe não seria tão insensata, viciosa e inútil como é hoje. Isso seria fazer filhos de Abraão a partir de pedras” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 308, nota e) (Nossa tradução).

⁶²³ *Nota da Tradutora: Lê-se, no livro *Eclesiástico* 30: 12: “obriga-o a curvar a cabeça enquanto jovem, castiga-o com varas enquanto ainda é menino, para que não suceda endurecer-se e não queira mais acreditar em ti, e venha a ser um sofrimento para a tua alma”. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/30/>. Acesso em: 08 abr. 2024.

malcriados e (p. 309) insensatos que, mais tarde, tornam-se homens preguiçosos, viciados e perdidos.

Isso nada mais faz do que confirmar que agimos contra o que sabemos. Estragamos os filhos porque eles são crianças e porque os amamos demais, e quando se tornam jovens, eles nos encham de tristezas e problemas, e, então, viram nossas aspirações e arrependimentos, mas sem fruto.

Não é mais fácil domar um cavalo quando ele é um potro (p. 310) do que quando é animal já velho? Os pais têm um freio e um esporão que são muito apropriados ao caso e que, se souberem utilizá-lo com sabedoria, é quase impossível não produzirem bons efeitos nos filhos. O freio é a lei evangélica bem inspirada, e o estímulo é o bom exemplo praticado constantemente.

Os camponeses de nossa terra dizem que o melhor cavalo precisa de esporas. Desse modo, podemos dizer que a criança mais dócil e mais natural precisa observar bons exemplos para formar seu coração em boa moral e não se tornar corrupta. Esse é o esporão mais eficaz para não se deixar perder as crianças.

Um bom exemplo inspira mais do que conselhos, insinuações, sermões e livros. Tudo isso é bom, mas, ao final, as palavras são quase sempre levadas pelo vento. A doutrina que entra pelos olhos deixa melhores impressões do que aquela que entra pelos ouvidos. Os brutos não falam, e, ainda assim, ensinam seus filhos, mesmo os racionais, pelo exemplo. Tal é sua força.

Não é de surpreender que o filho do jogador seja um jogador, o filho do arrogante seja um homem arrogante etc. etc., pois, se foi isso que ele aprendeu com seus pais, não é de se admirar que ele faça o que ele viu os outros fazerem. Filho de peixe, peixinho é, como diz o ditado.

O que é maravilhoso, ou melhor, motivo de riso, é que, como assinalei há pouco, quando o filho ou a filha são adultos, e grandes malandros, quando cometem grandes crimes e causam grandes desgostos, então, os pais e as mães ficam sabendo das notícias e exclamam:

– Quem teria pensado isso de meu filho? Quem teria acreditado nisso de fulana?

Néscios! Quem teria pensado nisso? O mundo inteiro, pois o mundo inteiro viu como vós os educastes. Seria um milagre se, educando-os bem e dando-lhes bons exemplos, eles saíssem rebeldes e perversos; mas, para saírem malcriados quando

a doutrina (p. 310) que lhes foi ensinada não foi nenhuma e os exemplos que tiveram foram péssimos, é uma coisa muito natural que isso ocorra, porque todas as consequências correspondem a suas causas. Quem hoje fica se perguntando se, ao atear fogo no algodão, ele queima? Ou se uma folha de papel mancha se for colocada em um pote de tinta? Ninguém, pois cada um sabe que é da natureza do fogo queimar (p. 311) o que for combustível, e que a tinta vai tingir o que for suscetível de coloração. É igualmente natural para as crianças queimarem pela má educação e ficarem contaminadas pelo mau exemplo. O importante é não lhes oportunizar nem a má educação, nem o mau exemplo.

Por essa razão, entre os Lacedemônios, era costume⁶²⁴ punir os pais pelas ofensas de seus filhos, desculpando neles a falta de aviso, e acusando naqueles a malícia ou a indolência.

Venceslau e Boleslau, príncipes da Boêmia⁶²⁵, eram irmãos, filhos da mesma mãe: o primeiro é um santo a quem veneramos nos altares, e o segundo, um tirano cruel que tirou a vida de seu próprio irmão. Diferentes naturezas, diferentes destinos; mas a que podem ser atribuídos senão a diferentes educações? O primeiro foi criado por sua avó Ludmila, uma mulher muito piedosa e santa; e o segundo, por sua mãe Draomira, uma mulher louca, infame e desajeitada. Tal é o poder da boa ou má educação nos primeiros anos.

Quando ponderamos o mal que os pais fazem quando não cumprem suas obrigações com seus filhos, não desculpamos as crianças de seu desrespeito e sua desobediência. Uns e outros fazem mal, uns e outros perturbam a ordem natural, violam a lei e prejudicam as sociedades em que vivem, e ao não fazer reparações,

⁶²⁴ Transcrição da nota 289, da edição de 2008 (p. 311): “A fonte é de Juan Martínez de la Parra (1655-1701), jesuíta mexicano. Depois de ter ensinado filosofia e teologia na Guatemala, foi pregador no México. Sua obra principal é *Luz de verdades católicas y explicación de la Doctrina Cristiana* [Nossa tradução: Luz das verdades católicas e explicação da doutrina cristã], três volumes, publicados no México, entre 1691 e 1695. Eles contêm debates catequéticos pregados ao povo toda quinta-feira do ano na igreja jesuítica do México. A referência feita por Fernández de Lizardi aos costumes dos Lacedemônios aparenta provir daqui: “Ainda entre os lacedemônios, refere Plutarco, se algum filho caía no delito, ele não era castigado, mas seu pai, desculpando o filho pela desatenção, e agravando o pai pelo descuido”, retirado da “*Plática XXXII*” [palestra XXXII], p. 186 da obra *Luz de verdades católicas y explicación de la Doctrina Cristiana*, Barcelona, pela imprensa de Juan Solís, 1700. Existem múltiplas edições dessa obra ao longo do século XVIII” (Nossa tradução).

⁶²⁵ Nota da Tradutora: Para mais informações, visitar: <https://www.paulus.com.br/portal/santo/sao-venceslau-martir/#.YeXCZf7MJPY>. Acesso em: 17 jan. 2022.

uns e outros (p. 311) condenam-se a si mesmos, pois, como lemos nos Livros Sagrados⁶²⁶, os filhos juntam lenha, e os pais acendem o fogo.

(p. 312) É verdade que Deus diz que *o filho malcriado será o opróbrio e o constrangimento de seus pais*⁶²⁷; mas as Cartas Divinas também estão cheias de anátemas contra aqueles filhos. Ouvi alguns que estão registrados em Provérbios e Eclesiastes: *a vida daquele que amaldiçoa seu pai será extinta, e ele logo estará na escuridão da sepultura. Quem despreza sua mãe terá má fama ou ver-se-á desonrado. Aquele que aflige seu pai ou foge de sua mãe será ignominioso e infeliz, sua maldição destrói até mesmo os alicerces da casa das crianças más*. E, por fim: *os corvos carniceiros devorarão o cadáver e arrancarão os olhos daquele que ousa zombar de seu pai*⁶²⁸.

Essas maldições são horríveis; mas, será que existem filhos tão malvados, ingratos e desalmados a ponto de serem merecedores delas? Disso mesmo Sólon⁶²⁹ duvidou e, portanto, quando ele estabeleceu leis aos atenienses e indicou punição para todos os delitos, não o fez para o filho ingrato e parricida⁶³⁰, afirmando que não tinha convencimento de que pudessem existir tais filhos. Ah! Não é possível fingirmos essa dúvida, pois vemos mil filhos desmerecedores dessa denominação, por serem perversos e ingratos com seus pais.

Pelo contrário, Deus derrama bênçãos sobre os filhos bons, amorosos e obedientes a seus genitores. Ele diz *que estes viverão muito tempo sobre a terra; que*

⁶²⁶ Nota do Autor: “Tomado de *Jeremias*, 7, v. 18” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 311, nota f) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Segue o versículo completo: “Os filhos juntam lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres sovam a massa para fazer tortas destinadas à rainha do céu, depois fazem libações a deuses estranhos, o que provoca minha ira”. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/jeremias/7/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

⁶²⁷ Transcrição da nota de rodapé 290, da edição de 2008 (p. 312): “[Fernández de Lizardi] aproveita a máxima sétima (tomo I de Blanchard, [1775, não menciona a página]): ‘Bom Pai, Esposo e bom amo tendes de ser sem fraqueza;/ Honrai ao Pai, e se ele for idoso, ainda com maior reverência fazei-o’. Algumas das citações, especialmente as do *Eclesiastes*, provêm também de Blanchard; porém, como indica Reyes Palacios [na edição de 1982 de *Obras*, de Fernández de Lizardi, publicada pela UNAM, 1982], muitas dessas citações [o autor do Periquitinho] tomou-as, também, diretamente das fontes” (Nossa tradução).

⁶²⁸ Transcrição da nota de rodapé 10, da edição de 2004 (p. 133): “Essas citações bíblicas e as que aparecem nos dois parágrafos seguintes são paráfrases toscas dos livros *Provérbios* 20,20, 19,26, 30,17 e *Eclesiastes* 3,2.15” (Nossa tradução).

⁶²⁹ **Nota da Tradutora: Solón viveu entre 638 a. C. a 558 a. C. É considerado um dos setes sábios da Grécia Antiga. Para mais informações, visitar: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/solon.htm>. Acesso em: 28 abr. 2022.

⁶³⁰ Nota do Autor: “Para o caso, dá no mesmo matar por desgosto que com veneno ou com uma adaga. Tudo isso tira-lhes a vida.” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 312, nota g) (Nossa tradução).

a bênção do (p. 312) Pai afirma as casas dos filhos, isto é, sua felicidade temporal; que, da honra que eles retribuem ao pai resultará a glória do filho ou seu bom nome; que o Senhor se lembrará do bom filho no dia de sua tribulação; que atenderá a suas orações; que perdoará seus pecados, e, finalmente, que a bênção de Deus os acompanhará eternamente.

Tão justo, devido e natural são o amor, o respeito e a gratidão que os filhos devem a seus pais que os próprios pagãos, (p. 313) que não conheciam o verdadeiro Deus, nem impuseram suas bênçãos e ameaças, o deixaram recomendado não só por suas canetas, mas por suas obras.

Que amor era aquele da jovem romana que, quando seu pai foi preso e condenado a morrer de fome, tomou a liberdade de alimentá-lo através da rachadura na porta da prisão? E com o quê? Com o leite de seus peitos. Uma ação tão carinhosa que, como os juízes sabiam, valeu ao velho homem feliz um perdão.

Que respeito foi demonstrado por aqueles dois nobres filhos, Cleobis e Bitão⁶³¹, que, sem cavalos, puxaram a carruagem e levaram sua mãe, a sacerdotisa, aos portões do templo! Essa ação foi elogiada por Cícero, e tão aplaudida pelos romanos que estes passaram a venerar aqueles dois reverentes filhos como é feito com os deuses.

Que piedade foi a de Eneias que, quando a cidade de Tróia estava queimando na noite fatal de seu extermínio, quando tudo era terror e confusão, e todos tentavam apenas se salvar da morte, correu para seu velho pai Anquises, colocou-o sobre seus ombros, voou com ele através das chamas, e lhe assegurou sua vida, dizendo-lhe estas palavras:

Vamos, paizinho! Segura-te em meu pescoço e não caias.

Vou carregar-te nos ombros; brinquedo de criança é teu peso;

Venha o que vier, correremos perigos iguais,

⁶³¹ Nota da Tradutora: a edição de 2008 (p. 313), na nota 291, informa que o autor retirou a passagem da obra anteriormente citada de Martínez de la Parra, da “Plática XXIX”, p. 178 e deixa-nos a citação do texto em latim: *Deorum immortalium iudicia solent in scholis / proferre de morte, nec vero ea fingere ipsi, sed Herodoto / auctore aliisque pluribus. primum Argiae sacerdotis Cleobis / et Bito filii praedicantur*. Tradução de Bruno Fregni Basseto (2014, p. 135): “Os julgamentos dos deuses imortais, nas doutrinas, costumam referir-se à morte; porém, eles mesmos não os fazem, mas através do autor Heródoto e muitos outros. Primeiramente, são proclamados os julgamentos da sacerdotisa (Cídi)pe Argiva e dos filhos Cléobes e Bitão”. Para a tradução de Basseto, visitar: <https://books.scielo.org/id/72kk4/pdf/cicero-9786558240280.pdf>. Acesso em: 01 maio 2022.

(p. 313) *Pois para ambos a salvação será a mesma.*

(Virgílio, 1983, vv. 706-709)⁶³²

(p. 314) Esses exemplos heroicos não fascinam, encantam e tocam os corações das boas crianças e não envergonham e confundem os ímpios? Esses atos brilhantes não foram feitos por santos cristãos, nem por anacoretas do deserto, mas por gentios, por pagãos que não gozaram da luz do Evangelho, nem ouviram falar de suas promessas infalíveis, e ainda amaram, veneraram e ajudaram seus pais na medida em que os viram, sem outro guia além da natureza, e sem outro interesse além da complacência interior, que é um dos frutos da virtude.

Mas as crianças malvadas não só não adoram seus pais como também os insultam e, longe de ajudá-los e alimentá-los, dissipam tudo o que têm, abandonam-nos e os deixam perecer na miséria. Ai de tais crianças! E ai de mim! Pois eu era uma delas, e por causa de problemas e problemas, fui enterrado com minha pobre mãe, como vocês verão no próximo capítulo.

⁶³² Nota da Tradutora: Lê-se, em latim, *Ergo age, care pater, cervici imponere nostrae; / ipse subibo umeris nec me labor iste gravabit; / quo res cumque cadent, unum et commune periculum / una salus ambobus erit*. No corpo do texto, deixamos a tradução de Carlos Alberto Nunes (1983. p. 17), vv. 706-709. Os versos do original em latim são os 707-711. Disponível em: https://www.academia.edu/36604302/ENEIDA_Virg%C3%ADlio_trad_de_NUNES_Carlos_Alberto_. Acesso em: 01 maio 2022.

página 315 Capítulo II

Periquitinho escreve sobre a morte de sua mãe e outras coisas não totalmente desagradáveis

Há de se ver a constância com que a galinha machuca o próprio peito durante vinte dias sobre os ovos! Quando ela sente a vida se movimentar neles, há de se ver como ela quebra, cuidadosamente, as cascas para ajudar os filhotes a eclodir! Uma vez chocados, há de se ver com que eficiência ela cuida deles, o amor com que os alimenta, o zelo com que os defende, o cuidado com que os tolera, e a prudência com que os abriga!

E, de forma análoga, a gata, a cadela, a égua, a vaca, a leoa, e todas as outras mães irracionais fazem o mesmo com suas crias. Mas, quando seus filhotes estão já crescidos, quando já saíram (vamos denominá-lo assim) da idade infantil e são capazes de procurar alimento para si mesmos, então, o amor e os cuidados cessam, e com bico, dentes e testas, são afastados de seus genitores para sempre.

Isso não acontece com as mães racionais. Quantas doenças não sofrem na gestação! A que dores e riscos não se expõem durante o parto! Que mal-estares, que cuidados e noites mal dormidas não toleram ao longo da criação! E depois de criadas as crianças, isto é, quando o infante deixa já de sê-lo, quando é jovem e pode sustentar-se, os cuidados da mãe nunca cessam, seu amor nunca acaba, nem seus cuidados alguma vez diminuem. Ela é sempre uma mãe e sempre ama seus filhos com a mesma constância e entusiasmo.

Se elas agissem conosco como as galinhas o fazem, e seu amor permanecesse apenas enquanto durasse nossa infância, ainda não poderíamos (p. 316) retribuir-lhes o bem que nos fizeram, nem lhes agradecer pelo cansaço que lhes produzimos, pois lhes devemos nossa existência física e todo o cuidado a sua preservação.

Certamente, não há outras razões pelas quais o Eclesiastes exorta-nos a dar-lhes nosso respeito e a ter gratidão a nossos pais. “Honra teu pai – diz no capítulo 7 – “Honra teu pai de todo o coração, não esqueças os gemidos de tua mãe; lembra-te

*de que sem eles não terias nascido, e fazes por eles o que fizeram por ti*⁶³³. (p. 316) E Santo Tobias, o Ancião, diz para seu filho: *“Quando Deus tiver recebido minha alma, darás sepultura a meu corpo. Honrarás tua mãe todos os dias de tua vida, porque te deves lembrar de quantos perigos ela passou por tua causa (quando te trazia em seu seio)”* (Jó 4)⁶³⁴.

Em vista disso, quem se atreveria a duvidar de que, pela natureza e religião, somos obrigados não apenas a honrá-los em todos os momentos, mas a socorrer nossos pais em suas necessidades e sob grave culpa? Falo sempre, porque algumas pessoas abusam, porque pensam que, ao se casarem, estão isentos das obrigações filiais, e que não são obrigados a obedecer e a respeitar seus pais como antes, nem têm mais a mínima obrigação de ajudá-los. Eu mesmo vi muitos desses homens e mulheres que, após o casamento, tratam seus pais com certa indiferença e desapego que é de causar indignação.

– Não! – dizem eles. – Já estou emancipado, não estou mais sob a autoridade dos pais; é uma fase diferente, saí dessa etapa.

A primeira ação por meio da qual eles tomam posse dessa liberdade é pitar ou fumar tabaco na frente dos pais⁶³⁵. Depois disso, eles falam com eles com certo (p. 317) tom e, por fim, mesmo ao vê-los passando por necessidades, não os ajudam.

Quanto ao primeiro, isto é, no que se refere ao respeito e à veneração, os filhos nunca ficam isentos disso, seja qual for o estado em que se encontrem ou seu *status* social. Sempre, os pais são pais e os filhos são filhos, e os últimos, longe de serem injuriados, serão elogiados pelo respeito que demonstram a seus progenitores. Salomão era casado e rei, e desceu de seu trono para receber sua mãe Betsabá com a maior submissão. Assim também fez Bonifácio VIII com sua mãe, e assim faz todo

⁶³³ Nota da Tradutora: Trata-se do livro *Eclesiástico* 7,29-30. Frye (2004, p. 135) lembra-nos que Periquitinho utiliza o mesmo verso citado pelo seu pai cinco capítulos atrás. A tradução do trecho da Bíblia, utilizada no corpo do texto, está disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/ecclesiastico/7/>. Acesso em: 06 maio 2022.

⁶³⁴ Nota da Tradutora: Comprovamos o livro, e a citação não se encontra no livro de Jó, mas em *Tobias* 4, 3-4, corroborado também por Frye (2004) e Ruiz Barrionuevo (2008).

⁶³⁵ Nota do Autor: “Fumar não é mau, é um vício tolerável. E, embora seja por si só, muitas vezes, prejudicial à saúde e oneroso para o bolso, já é favorecido pelo hábito. Mas, fumar [o autor usa pitar] na frente dos pais? Também não é ruim, é tão lícito como na presença daqueles que não o consideram assim. Nenhum pai ficará escandalizado ao ver seu filho aspirar rapé em sua presença. Contudo, o mesmo costume que tolera aspirar o tabaco pelo nariz na igreja não considera tolerável consumir o tabaco fumando-o, nem diante dos pais ou dos superiores. Isso é uma preocupação, mas temporária, e com a qual comprovamos que temos respeito por algumas pessoas e alguns lugares.” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 316, nota a) (Nossa tradução).

bom filho, e essas (p. 317) demonstrações de respeito não lhes trouxeram nada além de glória, bênçãos e louvores.

No que tange ao auxílio com que os filhos devem amparar os pais em suas necessidades, a obrigação torna-se ainda mais forte. A mulher não será eximida dessa obrigação quando se desculpa ao dizer: “Meu marido não me fornece esse dinheiro”. Ela precisa pedir-lhe o necessário, pois, se o cônjuge for um bom filho, ele o dará para ela. E se ele não o fizer, ela deverá economizar um montante das despesas e do luxo para tal fim. Todavia, é escandaloso se ela tiver o suficiente para as finezas, os bailes e as outras extravagâncias e não possuir o suficiente para ajudar a mãe. É por isso que não cabe no bom senso a existência de tais filhas.

Isso se vê com mais frequência nos homens, que já dizem: “Oh! Eu ajudaria meus pais, mas sou pobre, tenho mulher e filhos para sustentar e não tenho condições.” Pois, ouçam! Essa também não é uma desculpa justa! Consultai os teólogos e vereis como os filhos têm a obrigação de partilhar o pão que têm com seus pais, e há até mesmo aqueles estudiosos que dizem⁶³⁶ que, em caso de necessidade igual, sob grave culpa, deve-se primeiro auxiliar os pais, e depois, os filhos.

Não amparar os pais em casos extremos é como matá-los. Esse é um delito tão cruel que, espantados com sua desproporção, os antigos aplicavam pena condigna ao culpado: enrolavam-no com o couro de um touro (p. 318) para deixá-lo morrer sufocado, e, em seguida, ele era lançado ao mar, para seu cadáver não encontrar sequer descanso no túmulo⁶³⁷.

Quantas peles foram necessárias para enfardar tantos filhos ingratos que escandalizam o mundo com sua vileza e maldade? Naquele tempo, eu também teria recebido o castigo, pois não só não ajudei minha mãe como dissipei o pouco que meu pai me deixou para a socorrer.

⁶³⁶ Nota do Autor: “*Santo Tomás*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 317, nota b) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Frye (2004, p. 136), na nota de rodapé 5, comenta: “a citação possivelmente é referente ao quarto mandamento, no *Catecismo* de São Tomás de Aquino” (Nossa Tradução). Acreditamos tratar-se da *Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino em forma de catecismo*. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/indexbonorvm/a-suma-teologica-de-santo-toms-de-aquino-em-forma-de-catecismo>. Acesso em: 06 maio 2022.

⁶³⁷ Nota da Tradutora: A edição de 2008 (p. 318), na nota 296, afirma que Fernández de Lizardi utiliza, aqui, o texto de Martínez de la Parra, “*Plática XXX*”, “*Del socorro con que deben acudir los hijos a sus padres necesitados*” [Nossa Tradução: Sobre a ajuda com a qual os filhos devem prover seus pais nas necessidades.], na qual cita *Pro Sexto Roscio Amerino* [Nossa Tradução: Para Sexto Roscio Amerino], 25, 70, de Cícero.

(p. 318) Que situação! Das cinco regras que me ensinaram na escola, algumas delas esqueci-me completamente com a morte de meu pai, e pratiquei outras totalmente opostas. Assim que os poucos meios de minha mãe se acabaram e suas joias foram vendidas, esqueci como *adicionar*, porque não tive; nunca soube como *multiplicar*; mas, *dividir no meio* e *dividir tudo* com meus amigos, amigas e amigos de meus amigos, tudo de que pude lançar mão, aprendi perfeitamente. Devido a isso, acabei logo com meus poucos haveres. E, como se isso não fosse suficiente, *subtraí* de meus credores, e efetuava a conta na cabeça: quem deve para um, quatro, para outro, seis, para outro, três, e assim por diante, e não os paga, deve para todo mundo. Era isso que eu sabia muito bem: dever, destruir, aniquilar, contrair dívidas⁶³⁸ e não pagar a ninguém nesta vida. Esse é o tipo de contas que os imorais conhecem muito bem. Eles não sabem como adicionar, porque nunca têm o que agregar. Multiplicar, menos ainda, porque dilapidam tudo. Mas são ótimos em subtrair de quem se descuida, e dividir o pouco que conseguem com outros vagabundos golpistas a quem chamam de amigos. Isso sabem melhor fazer e sem precisar sequer das regras da aritmética. Assim foi como eu o fiz.

Entre essas e outras façanhas, não sobrou um centavo em casa, nem um objeto sequer que valesse um centavo. Hoje, vendia-se um talher, amanhã, outro, depois de amanhã, um nicho, no dia seguinte, um guarda-roupa, até terminarmos com todos os móveis e acessórios domésticos. Depois, seguiram as roupas da infeliz de minha mãe, que foram brevemente comercializadas (p. 319) no Montepío⁶³⁹ e nas lojas, pois, como não havia dinheiro para resgatá-las, todas as peças de vestuário perderam-se por uma bagatela.

É verdade que nem tudo eu gastei; uma parte foi consumida entre minha mãe e *doña* Felipa. Éramos como aquele louco que se achava a Santíssima Trindade, a quem o Padre Almeida⁶⁴⁰ faz referência. Um dia, alguém lhe perguntou como podia

⁶³⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *endrogar* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 318). De acordo com o *DRAE* (2022), [na região do México e das Canárias significa] “contrair dívidas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/endrogarse?m=form>. Acesso em: 08 jun. 2022.

⁶³⁹ Nota da Tradutora: Frye, na nota de rodapé 6 (2004, p. 137), comenta que Montepío era um estabelecimento de penhora fundado em 1775 para disponibilizar empréstimos aos pobres, localizado ao lado da catedral da Cidade do México.

⁶⁴⁰ Nota do Autor: “*Recreação filosófica*, tomo IV, tarde 19.” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 319, nota c) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: para Teodoro de Almeida, ver as notas 314 e 387 de nossa tradução.

ele ser a (p. 319) Santíssima Trindade e andar por aí tão maltrapilho e cheio de farrapos? Ao que o louco respondeu: – *E como não poderia ser, se somos três bocas?* Era assim em nossa casa: éramos três comensais e nenhum de nós provia para a comida. Bem, enquanto houve dinheiro, eu gastei e dilapidei por uns trinta, e é por isso que apenas eu deveria ser responsabilizado pela ruína total de minha casa.

Minha pobre mãe cansou de tentar persuadir-me para procurar algum tipo de ganha-pão para nos ajudar, mas eu nem sequer cogitei isso. Primeiro, porque eu gostava mais da liberdade do que do trabalho, assim como todo bom homem devasso, se é que há homens devassos bons; e, segundo, porque que destino eu poderia encontrar que fosse compatível com minha inutilidade e vaidade baseadas em minha nobreza e em meu bombástico título oco de bacharel em artes, que, para mim, equivalia ao de um conde ou ao de um marquês?

As predições paternas efetivaram-se à risca, e minha mãe, então, mesmo com seu afeto, que nunca me faltou, soube o quanto ela tinha errado em se opor a meu aprendizado de qualquer ofício.

De modo algum deve ser criticado alguém que sabe fazer qualquer coisa útil com as mãos, ou seja, que conhece algum tipo de habilidade manual, seja mecânica ou liberal, porque esse saber não é oposto aos princípios nobres, nem aos estudos e nem às carreiras ilustres. Ao contrário, há momentos em que nem a nobreza mais ilustre, nem a posse de muitas riquezas tem qualquer valor para um homem e, então, as habilidades que ele sabe exercer por si mesmo são-lhe de infinita vantagem.

(p. 320) A desonra, diz um autor que escreveu quase no final do século passado⁶⁴¹, a desonra nasce da ociosidade ou dos delitos, não das profissões. Todos os indivíduos da classe política deveriam, nesse quesito, considerar a si mesmos como filhos de uma grande família.

O que teria sido de Dionísio, rei da Sicília, quando, ao perder seu reino, e ter de fugir incógnito por suas tiranias, se ele não tivesse alguma habilidade para se sustentar? Ele, certamente, teria perecido nas garras da mendicância, se não nas

⁶⁴¹ Nota do Autor: “O licenciado D. Francisco Javier Peñaranda, em seu *Sistema económico y político más conveniente a España* [Nossa tradução: sistema econômico e político mais apropriado para a Espanha]” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 320, nota d) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) afirma que se trata da obra *Resolución universal sobre el sistema económico y político más conveniente a España* [Nossa tradução: Resolução universal sobre o sistema econômico e político mais apropriado para a Espanha], publicado em Madri, por Benito Cano, em 1789.

mãos de seus (p. 320) inimigos. No entanto, ele sabia ler e escrever, sem dúvida, pois atuou como mestre de escola, e, nesse exercício, sustentou-se por algum tempo.

Qual teria sido o destino de Aristipo⁶⁴² se, quando alcançou as costas da ilha de Rodes, tendo perdido toda sua riqueza num naufrágio, não tivesse tido outro meio de se sustentar? Ele teria perecido. Todavia, era um excelente geômetra, e uma vez que sua habilidade foi conhecida, foi tão bem recebido pelos ilhéus que não sentiu falta de sua pátria nem de suas riquezas. Como prova disso, escreveu a seus compatriotas estas razões memoráveis: “*Dai a vossos filhos riquezas tais que não percam mesmo quando saírem nus de um naufrágio*”⁶⁴³.” Quão bem esse conselho tocou muitas mãos e muitos dos tais nobres!

Se um de nossos advogados, teólogos e canonistas naufragasse em Pequim ou Constantinopla, obteria alimento com sua profissão? Não, porque, nessas capitais, nem reina nossa religião, nem regem nossas leis. Assim, se ele não pudesse costurar uma camisa, tecer um gibão, fazer sapatos ou algo (p. 321) similar com suas mãos, suas conclusões, seus argumentos, seus sistemas e sua erudição servir-lhes-iam para subsistir tanto quanto seriam úteis para o doutor seus aforismos em uma ilha deserta e inabitável.

Esta é uma verdade, mas, infelizmente, atentar contra ela é *quase* regra geral entre os ricos e entre aqueles que se consideram de sangue azul. Eu falei *quase*, e agora vou falar um absurdo: podemos excluir o quase. Esse excesso está difundido de forma geral, tanto que é patrocinado pela velha e grosseira preocupação de *que os ofícios se rebaixam àquele que os exerce*. E, desse erro, segue outro mais detestável, que é o desprezo com que são olhados os desafortunados oficiais mecânicos: fulano é um homem de bem, mas é um alfaiate. Beltrano é de bom nascimento, mas é um barbeiro. Sicrano é virtuoso, mas é um sapateiro. Oh! Quem

⁶⁴² **Nota da Tradutora: Aristipo de Cirene (435 a. C – 356 a. C.), filósofo discípulo de Sócrates. Mais informações em: <https://filosofiadoinicio.com/2021/12/aristipo-de-cirene.html>. Acesso em: 11 maio 2022.

⁶⁴³ Transcrição da nota 300 da edição de 2008 (p. 320, retirado de MURILLO VELARDE, Pedro. *Catecismo o instrucción Christiana en que se explican los misterios de nuestra Santa Fe* [Nossa tradução: Catecismo ou instrução cristã na qual se explicam os mistérios de nossa Santa Fé]: “Escrito por P. Pedro Murillo Velarde, da Companhia de Jesus, Procurador Geral da Província das Filipinas [...]. [Publicada] em Madri, *a Imprenta de los herederos de Francisco del Hierro*, em 1752. (A referência a Aristipo aparece na p. 291, cap. IX, livro III). Murillo Velarde também é autor da *Historia de la provincia de Filipinas de la Compañía de Jesús – De 1616 a 1716* [Nossa tradução: História da província das Filipinas da Companhia de Jesus – De 1616 a 1716], publicado em Manila, em 1794” (Nossa tradução).

deve ceder-lhe (p. 321) o lugar⁶⁴⁴, quem deve sentá-lo a sua mesa? Quem deve tratá-lo com distinção e estima? Suas qualidades pessoais são elogiáveis, mas seu ofício transforma-o em um ser abominável.

Muitos se explicam desse modo. Eu diria a eles: – Senhores, se não tivésseis nem riquezas e nem outro meio de subsistência a não ser saber fazer sapatos, costurar jaquetas, remendar chapéus, etecetera, não é verdade que então renegaríeis dos ricos que os trataram com a vaidade tola com que agora vós tratais os artesãos e os subordinados? Sem dúvida, é isso mesmo.

E se, por um acaso impossível, mesmo que fôsseis ricos, um dia houvesse uma conspiração de todos contra vós, e ninguém quisesse servir-vos nem mesmo por vosso dinheiro, não é verdade que teríeis de andar descalços? Sim, porque não sabeis como fazer sapatos. Não é verdade que estaríeis nus e famintos? Sim, porque não sabeis fazer nada para vos vestir, nem cultivar a terra para vos alimentar com seus frutos.

Conclui-se, então, que, na realidade, sois inúteis. Mesmo se ocupardes no mundo os papéis principais daquela comédia chamada *Os filhos da fortuna*⁶⁴⁵, qual seria a razão de tanta (p. 322) altivez, tanto pedantismo e desdenho com aqueles de quem vós precisais e de quem depende vossa brilhante sorte⁶⁴⁶? Se a razão disso é porque aqueles que trabalham nesses ofícios para sobreviver são pobres, vós sois tiranos, pois só porque eles são pobres é que olhais arrogantemente para aqueles que vos servem, e, talvez, para aqueles que vos fazem o de comer⁶⁴⁷, e se apenas o fazeis

⁶⁴⁴ Transcrição da nota 301, da edição de 2008 (p. 321, retirado do *Diccionario de autoridades*, [1969]): “*dar el lado* significa ceder o próprio lugar para outro. É um ato de submissão, de reconhecimento ao superior que chega” (Nossa tradução).

⁶⁴⁵ **Transcrição da nota 302, da edição de 2008 (p. 321): “*Los hijos de la fortuna, Teágenes y Cariclea (ou Clariquea)* [Nossa tradução: *Os filhos da fortuna, Teágenes e Caricleia*], de Pérez de Montalbán [(1602-1638)] e Lope de Vega [(1562-1635)], baseadas no romance de Heliodoro (século III d. C.), na qual dois amantes enfrentam obstáculos de todo gênero até que, quase ao ponto de serem sacrificados na Etiópia, descobre-se que a mulher é filha do rei” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Juan Pérez de Montalbán foi dramaturgo, discípulo favorito de Lope de Vega. A obra mencionada é considerada da sua autoria, de acordo com a página oficial do Cervantes Virtual. Para mais informações sobre o autor, recomendamos visitar: <https://www.cervantesvirtual.com/portales/montalban/>. A obra encontra-se disponível em: Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/comedia-famosa-los-hijos-de-la-fortuna/>. Ambas as páginas com acesso em: 12 maio 2022.

⁶⁴⁶ Nota do Autor: “É frequente que o pobre seja feudatário dos ricos e que seja responsável pelo incremento da riqueza destes” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 322, nota e) (Nossa tradução).

⁶⁴⁷ Nota do Autor: “Os miseráveis jornaleiros que cultivam as fazendas, os operários que trabalham nas minas, os artesãos que tecem os panos, etecetera, dão de comer e sustentam o luxo dos ricos” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 322, nota f) (Nossa tradução). ***Nota da Tradutora: Nesse contexto,

dessa maneira (p. 322) ou tratais a eles desse modo orgulhoso porque vivem de seu trabalho, além de tiranos, também sois tolos. Do contrário, eu pergunto: do que vives tu? Tu, dono de minas, tu, dono de terras, tu, comerciante: tu morrerias de fome e de miséria se João não trabalhasse em tua mina, se Pedro não cultivasse tuas terras, e se Antônio não comprasse teus artigos, à custa do suor de seus rostos; enquanto tu, um vadio, talvez, talvez não passes de ser um escândalo e um fardo para a república.

Assim eu falaria para os ricos soberbos e tolos⁶⁴⁸, e a vós, oh, honrados pobres!⁶⁴⁹ Eu vos encorajaria a sofrer seus insultos e afrontas, a se resignarem à Divina Providência e a continuarem em vossos esforços honestamente, satisfeitos em saber que não há ocupação vil a não ser que assim não o seja o próprio homem, que não há nenhuma riqueza ou distinção que exima das marcas da necessidade ou do vício aqueles que já as têm.

Quantas vezes um homem estará repleto de ignorância ou de delitos dentro da carruagem dourada que faz estremecer vossas humildes oficinas? E quantas vezes o molho que tempera as codornas e perdizes na mesa dos ricos será a intriga, o crime e a usura, enquanto vós comeis com vossos filhos e com doce tranquilidade talvez uma simples tortilha⁶⁵⁰, abençoada com o suor de vossa testa?

Meus filhos, os ofícios não rebaixam o homem (p. 323) (não me cansarei de repetir essa verdade). O homem torna-se vil com suas más ações. Nem seu pobre berço é, de forma alguma, um obstáculo, nem as artes mecânicas prejudicam-no para alcançar, entre os apreciadores do mérito, o lugar merecido por sua virtude, habilidade e ciência. Boas testemunhas dessa verdade dão diversos poetas engenhosos, pintores excepcionais, músicos excelentes, escultores ilustres e outros mestres das artes altamente habilidosos, já sejam eles das artes liberais ou mistas, que o mundo viu serem visitados, enriquecidos e honrados pelos pontífices, imperadores e reis da

entende-se o vocábulo “jornal” pela acepção do Aulete Digital: “Pagamento por um dia de trabalho; diária, fêria” e jornaleiro: “Trabalhador que é pago por jornada”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/jornal> e <https://www.aulete.com.br/jornaleiro>. Acesso em: 18 maio. 2023

⁶⁴⁸ Nota do Autor: “Esta fala é para eles” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 322, nota g) (Nossa tradução).

⁶⁴⁹ Nota do Autor: “É para eles o apóstrofo e não para os pobres viciados, pois estes, se são ultrajados pela sua má conduta, é porque merecem. Ser vadio, além de pobre, é uma desgraça muito grande” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 322, nota h) (Nossa tradução).

⁶⁵⁰ *Nota da Tradutora: A *tortilla* mexicana, como em outros países da América Central, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Porto Rico e República Dominicana, tem como ingrediente principal a farinha de milho. Mais informações em: <https://dle.rae.es/tortilla?m=form>. Acesso em: 13 jun. 2022.

Europa. Essa é a (p. 323) prova clara de que o mérito distinto e a habilidade excepcional não são barreiras que tornam as honras impossíveis; muito pelo contrário, muitas vezes são o ímã que atrai o reconhecimento para seus praticantes. Já foi afirmado nesta mesma obra que Sisto V⁶⁵¹, antes de governar a Igreja Católica como pontífice, tomava conta de uma vara de porcos como pastor, um exemplo que vale a pena (p. 324) ser lembrado dentre as histórias eclesiásticas e profanas. É verdade que a vaidade conseguiu que, em nossos dias, esses exemplos não sejam muito comuns.

Tudo, porém, deve ser dito. Não sei se é admirável ver um homem subir do lixo para uma posição elevada, ou ver outros que, quando colocados em posição superior, não esquecem da humildade de seus princípios. Acredito que isso, por ser o mais justo, é o mais difícil, em vista da soberba do ser humano. Sendo essa a coisa mais difícil de acontecer, deve ser ela a mais admirável.

Que um homem passe de pobre para rico, de plebeu para nobre e de pastor para rei, como vimos, pode acontecer por efeito do acaso, em situações nas quais o próprio homem não tem participação. Mas, quando ele, ao se ver exaltado acima dos demais, longe de se tornar orgulhoso ou de se elevar ao patamar de um deus, mostra-se humano, afável e cortês com seus inferiores, lembrando-se do que foi, isso, sim, que é admirável, pois prova uma grande alma capaz de manter suas paixões sob

⁶⁵¹ Nota do Autor: “Este pontífice nasceu em um povoado fronteiriço de Ancona, no dia 13 de dezembro de 1521. Seu pai foi agricultor, como afirma Moreri, ou vinicultor, como afirma o autor do *Diccionario de hombres ilustres* [Nossa tradução: *Dicionário de homens ilustres*]. O nome de seu pai foi Peretti, e de sua mãe, Mariana. Cuidava de porcos ou leitões. Uma vez, passou por ele um religioso franciscano. Precisando de um guia, serviu-se dele. O sacerdote apaixonou-se por sua agudeza nas respostas e levou-o para seu convento. Pouco tempo depois, o jovem tomou os hábitos da ordem seráfica [franciscana], e por suas ascensões corresponderem a seu talento e sua dedicação, conseguiu sentar-se na cadeira de São Pedro. Restabeleceu a pureza original da edição da Vulgata (Bíblia). Canonizou a São Diogo, religioso franciscano espanhol, adicionou aos Doutos da Igreja a Boaventura de Bagnoregio. Mandou celebrar a festa da Apresentação da Virgem Santíssima e fez muitas outras coisas excelentes. Em tempos de muita fome padecida em Roma, causa pela qual houve um levante, construiu vários edifícios, abriu alguns caminhos e promoveu o famoso templo ou cúpula de São Pedro, que se acreditava inacabável, mantendo nos trabalhos 600 operários diariamente. Por último, ergueu um obelisco de 72 pés de altura na praça de São Pedro, na qual colocou-se uma estátua com uma inscrição em obséquio a sua memória. Esse pontífice não foi o único de humilde e pobre ascendência. Sem contar a São Pedro, São Dionísio, Juan XVIII, Dámaso II, Nicolas I e outros, contam-se outros de obscura linhagem. Adriano IV e Alexandre V, quando crianças, alimentaram-se de esmolas. Urbano IV foi filho de um criador de porcos. Bento XI foi filho de uma lavadeira de roupas de cama. Bento XII, filho de um moleiro etc. (Vide *Historiam Pontífice*). Isso comprova muito bem que nem um obscuro nascimento, nem a miséria são obstáculos para se conseguir as ocupações de maior distinção quando a ciência e a virtude fazem os homens dignos delas” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 322, nota h) (Nossa tradução).

controle em qualquer (p. 324) situação da vida. Essa façanha não é fácil de ser posta em prática por um homem.

É comum ver inúmeros sujeitos nascerem ricos e grandes, orgulhosos e altivos por natureza, ou seja, assim eles viram como era administrada sua casa desde seus primeiros dias, onde a bajulação balançou seu berço e eles respiraram a vaidade como seu primeiro meio ambiente. Herdaram, por assim dizer, a nobreza, o dinheiro, os títulos e, com isso, a soberba e a dominação que exercem sobre os que estão sob seu mando.

Isso é ruim, muito ruim, porque nenhum homem rico deve esquecer-se de que é um homem, nem de que é semelhante ao pobre e ao plebeu. No entanto, se os vícios podem ser desculpados, parece que o orgulho do homem rico merece alguma indulgência se se considerar que nunca viu a face da miséria, nem lhe faltaram bajuladores que, de joelhos, enchessem-no de adulações a toda hora. É fundamental ser um Alexandre para não cair na tentação de se permitir ser idolatrado como um Nabuco.

Mas os pobres que nasceram entre os torrões de uma aldeia ou em um lugarejo miserável, cujos pais foram uns infelizes e que tiveram como suas primeiras vestes nada mais do que os cobertores, que assim foram criados e assim cresceram, lutando contra a infelicidade e a mendicidade, não apenas desconhecendo os ecos da bajulação, mas se familiarizando com o desdém, é a eles a quem me refiro. Com respeito a esses sujeitos, pergunto-me, por que, se a Providência (p. 325) sente-se comprazida em elevá-los a uma posição brilhante, eles desaparecem, imediatamente, e se tornam estranhos a ponto não apenas de não socorrer seus parentes, mas – algo ainda mais execrável! – de negar sua própria linhagem? Essa soberba é imperdoável.

Essas não são criações fictícias de minha pena, pois o mundo é testemunha dessas verdades. Quantos, no momento de lerem estas linhas, dirão: meu irmão, o médico, não fala comigo. Outros: minha irmã, a mulher casada, não me cumprimenta. Outros: meu tio, o prebendado, finge que não me conhece, e assim por diante? Serão vários? Não gostaria de ter de dizer isso, mas, talvez, seja por causa desse vício e dessa ingratidão que o ditado banal foi inventado: se quiser conhecer a verdadeira natureza de um homem, dê-lhe poder.

Recusar o próprio sangue e deixar os parentes perecerem na miséria apenas porque são pobres e, ao mesmo tempo, facilmente, favorecer a quem ocupa⁶⁵² uma alta posição é uma (p. 325) vileza do espírito⁶⁵³. Todavia, mesmo que seja soberba, vilania, ou como quer que se queira nominá-lo, nós observamos que isso acontece na prática. E se esse tipo de gente é tão arrogante com seu próprio sangue, o que não serão capazes de fazer com seus dependentes, súditos e outras pessoas pobres, consideradas por elas mais indignas de sua afabilidade e cortesia? Vê-se, e não excepcionalmente, que muitos desses que eram atenciosos, afetuosos, bem educados com todos na esfera dos pobres, depois de verem mudada sua sorte, levantam-se das cinzas, tornam-se arrogantes, altivos, rabugentos e detestáveis.

O famoso padre Murillo, em seu *Catecismo*⁶⁵⁴, citando Plínio⁶⁵⁵ e Estrabão⁶⁵⁶, afirma que Bucéfalo, o cavalo de Alexandre, o Grande, quando estava sem a montaria, permitia ser manuseado e tratado por qualquer um. No entanto, assim que ele era selado e enfeitado ricamente, tornava-se indomável, e apenas assujeitava-se ao jovem (p. 326) macedônio. O referido sacerdote reflete sobre este breve e muito pertinente relato, que cito, seguidamente, ao pé da letra: “*Têm alguns – diz ele – que são dóceis quando estão sem a cavalgadura, mas, ao se verem adornados com uma capa, uma borla, uma dignidade, e, ainda ia dizer, com uma mortalha religiosa, não há ninguém que possa com eles*”⁶⁵⁷.

⁶⁵² Nota do Autor: “Entenda-se [aqui], sem irmos contra a justiça, pois tal favorecimento terá como consequência não o benefício de alguma virtude, mas um agravo” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 325, nota k) (Nossa tradução).

⁶⁵³ Nota do Autor: “Assim como um plebeu pode ter uma alma nobre, assim um nobre pode ter uma alma ruim. A essa última, chamamos de alma vil ou de vileza do espírito” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 325, nota j) (Nossa tradução).

⁶⁵⁴ Transcrição da nota de rodapé 303, da edição de 2008 (p. 325): “[Fernández de Lizardi] pode ter retirado a referência a Bucéfalo do livro *Catecismo* [1752], de Pedro Murillo Velarde, [provavelmente retirado do] Cap. XIX, p. 322-323” (Nossa tradução).

⁶⁵⁵ **Nota da Tradutora: Plínio, [o velho] (23/24-79 a. C.), não foi propriamente um geógrafo. No entanto, sua obra *Naturalis historia* [Nossa tradução: *História natural*] consiste em vários volumes que tratam sobre a forma da terra, dos continentes e outras questões relacionadas com a geologia, botânica ou astronomia. Considera-se o inaugurador do gênero enciclopédico. Para mais informações, visitar: <https://revistas.um.es/ayc/article/view/387721/267551> e <https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2020-%20artigo%2023.pdf>. Acesso em: 24 maio 2022.

⁶⁵⁶ **Nota da Tradutora: Estrabão (c. 64 ou 63 a. C.-c. 19 ou 24 d. C.) é considerado historiador e geógrafo, em especial por sua obra publicada mais famosa, *Geográfica*. A obra de Estrabão, em vários tomos, é uma autêntica enciclopédia do mundo conhecido pelos romanos, até então, após a expansão de seus territórios. Para mais informações, visitar: <https://revistas.um.es/ayc/article/view/387721/267551>. Acesso em: 24 de maio 2022.

⁶⁵⁷ Nota da Tradutora: Frye, na nota de rodapé número 17 (2004, p. 142), afirma que a citação foi retirada do *Catecismo* [1752], de Murillo Velarde.

(p. 326) Não, filhos meus, pelo amor de Deus, não vos agregueis ao número daqueles soberbos ingratos. Se amanhã a sorte colocar-vos em alguma posição brilhante – que é o que se pode chamar de ‘ser o centro das atenções’⁶⁵⁸ – ou se tivéreis riquezas e valores, dispensai vossos favores a tantos quantos puder sem ofensa à justiça, pois isso, sim, será verdadeiramente grandioso. Quanto maior for vossa elevação, maior será vosso benefício. Cícero comentou: “*nada assemelha os homens mais com Deus do que nesta virtude*”⁶⁵⁹. O mundo sempre respeitará os augustos nomes de Tito e Marco Aurélio. O último encheu Roma de glória e felicidade, e o primeiro estava tão inclinado a fazer o bem que, no dia em que não fazia nada disso, declarava que este havia sido um dia perdido, *diem perdimus*⁶⁶⁰.

Por outro lado: jamais vos desvanecéis com as riquezas nem com os postos mais distintos, porque essas serão as provas mais certas de que vós ou não as mereceis, ou nunca as haveis tido. Se virmos alguém que, ao entrar em uma carruagem ou ao embarcar em um navio, desmaia e sofre, frequentemente, de vertigens, sabemos, facilmente, mesmo sem que ele diga nada, que essa é a primeira vez que ele anda em tais meios de locomoção. Não é à toa que nosso ditado corrente, nesses casos, é “quem muito ostenta, pouco tem”⁶⁶¹.

⁶⁵⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *estar en candelero* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 326). De acordo com López y López (1931, p. 465), isso significa “estar à vista dos outros” (Nossa tradução).

⁶⁵⁹ Nota do Autor: “Pro Ligario” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 326, nota 1) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Trata-se do discurso de defesa do Quinto Ligario, ou Quintus Ligarius, (aproximadamente século I-?), militar acusado de traição a Júlio César durante a campanha da África. Por volta do ano 50 a. C., Ligario foi eficientemente defendido pelo discurso de Marco Túlio Cícero. A diferença da edição de Ruiz Barrionuevo, a versão da obra, publicada *on-line* pela UNAM, informa que, “na quarta edição da obra (1842), o editor retirou o rodapé e incorporou o comentário de Fernández de Lizardi ao corpo do texto, ficando da seguinte maneira: ‘Cícero em defesa de Q. Ligario [...]’ [Igualmente, informa que] A citação faz parte da recopilação de N. Jamin (ano, p. 63)” (Nossa tradução). Frye (2004, p. 142) escolheu, nesse momento da narrativa, também adicionar a nota ao texto tal qual está na quarta edição: “*Cicero said, in his defense of Q. Ligario that [...]*” [Nossa tradução: Cicero disse, em defesa de Q. Ligario que [...]]. Para mais informações sobre o discurso de Cícero, visitar: https://www.academia.edu/67079405/MARCO_T%C3%9ALIO_C%C3%8DCERO_A_DEFESA_DE_LIGARIO. Para verificar a nota destacada pela versão *on-line* da UNAM, procurar pela nota *n*, em: <https://www.iifilologicas.unam.mx/lizardi/index.php/novelas/74-el-periquillo-sarniento-t-ii/274-capitulo-iii.html>. Acesso de ambas em: 14 jun. 2022.

⁶⁶⁰ Transcrição da nota 304, da edição de 2008 (p. 326): “Suetonio, [autor de] *Vida dos doze césares* (121 d. C.), no volume VIII, sobre Tito, [lê-se], 1: *atque etiam recordatus quondam super cenam, quod nihil cuiquam toto die praestitisset, memorabilem illam meritoque laudatam vocem edidit: ‘Amici, diem peridi’* [Nossa Tradução: e também lembrou uma vez durante a janta que não tinha feito nada com ninguém ao longo do dia, e proferiu aquela memorável e merecida frase: “Amigos, perdi meu dia!”].” (Nossa tradução).

⁶⁶¹ Nota da Tradutora: De acordo com López y López (1931, p. 479), a frase “*a herradura que chapalea, clavo le falta*” faz referência a “quem se gaba de seus dotes naturais, mesmo tendo algum defeito notável” (Nossa tradução).

(p. 327) Que julgamento diferente faz ao mundo aqueles que têm origens pobres ou obscuras e, de repente, veem-se com riquezas ou trabalhos notáveis, e que não se perdem com a dimensão destes, nem ficam deslumbrados com o brilho daqueles, mas que, inalienáveis no mesmo grau de simplicidade e beleza natural que tinham antes, conquistam todos os corações que tocam! Não é preciso, pois, confessar que o coração desses homens é magnânimo e que não fica atordoado ou inflamado pelo ouro, e que, se eles nasceram sem colocações e sem honra, pelo menos, sempre foram dignos deles?

Se esses mesmos homens, ao invés de abusar de seu poder ou de seu dinheiro para oprimir os indefesos, ou atropelar os pobres, reconhecerem um semelhante seu em cada um desses infelizes, lisonjearem-no com seu doce trato, encorajarem-no com suas esperanças e o favorecem quando puderem, não é verdade que, ao invés de murmuradores, invejosos e praguejadores, eles não teriam incontáveis amigos e devotos que os inundariam de bênçãos, que lhes desejariam crescimento e que glorificariam sua memória para além do final de seus dias? Quem duvida disso?

Nem deixa de ser uma das qualidades mais desejáveis em um homem rico, como desses dos quais vos falo, uma ingenuidade sincera e sem afetações. Saber confessar nossos defeitos por iniciativa própria é uma virtude que tem a vantagem de nos poupar o constrangimento de tê-los esfregados em nossa cara por outros. E, se nascer pobre ou sem títulos nobiliários é um defeito⁶⁶², confessando-o, damos um forte tapa-boca a nossos inimigos e aos invejosos.

O fato de um homem não negar a humildade de suas origens ao atingir o mais alto posto não lhe quita mérito algum, mas, ao contrário, exalta-o na estimativa dos virtuosos e sábios, que são aqueles entre os quais devemos aspirar a receber um bom conceito, porque, entre os tolos e viciosos, pouco importa não os receber.

Essa verdade era bem conhecida de um certo Wigillis, que, tendo sido um pobre condutor de carroça, por sua virtude e estudos, tornou-se (p. 328) arcebispo de Mogúncia, na Alexandria⁶⁶³. Assim, para não se vangloriar com sua alta dignidade,

⁶⁶² Nota do Autor: “Não são defeitos. O mundo enxerga com desprezo os pobres e os que não brilham com a nobreza. Mas, esta é uma das loucuras de que o mundo está cheio. Os defeitos que independem do arbítrio do homem não são vituperáveis, nem devem ser proferidos. Fazer isto é tolice” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 327, nota II) (Nossa tradução).

⁶⁶³ Transcrição da nota 19, da versão de Frye de 2004 (p. 143): “Fernández de Lizardi recolheu essa passagem e os dois exemplos seguintes de Juan Martínez de la Parra, *Luz de verdades católicas*. O

ou, como dissemos, para não dar algo a fazer a seus emuladores, ele tomou como brasão e colocou em seu escudo uma roda de carroça com este lema: *Memineris quid sis et quid fueris*, ou seja, lembra-te do que tu és e do que tu fostes.

(p. 328) Longe de ser um estorvo, esse ato de humildade não diminuiu, até o momento, seu bom nome, mas, antes, exaltou-o em tal grau que, após sua morte, o Imperador Henrique II⁶⁶⁴ ordenou que a roda fosse perpetuada como brasão de armas do arcebispado de Mogúncia.

Agátocles⁶⁶⁵, como rei, e rei rico, tinha ouro e prata para se servir à mesa, e mesmo assim comia em vasilhame de barro para se lembrar de que era filho de um oleiro.

E, por último, Bonifácio VIII era filho de pais muito pobres. Quando já era pontífice romano, sua mãe foi visitá-lo. Ela entrou muito bem vestida, e o santo papa nem sequer falou com ela, mas perguntou:

- *Quem é esta senhora?*
- Ela é a mãe de sua santidade.
- *Não pode ser!* – disse ele. – *Minha mãe é muito pobre.*

Então, a senhora teve de se despojar de suas vestes e voltou para vê-lo trajada humildemente. Nessa ocasião, o papa saiu para recebê-la e lhe fez todas as honras que um bom filho faz para uma mãe⁶⁶⁶.

terceiro exemplo refere-se ao incidente na vida de Bonifácio IX, não Bonifácio VIII, como Martínez de la Parra escreve erroneamente. Ver Spell, p. 157.” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Frye (2004) traduz Alejandría por Germany [Alemanha]. Para lembrar de Martínez de la Parra, ver nota 615 de nossa tradução.

⁶⁶⁴ **Nota da Tradutora: Acreditamos que se trata de Henrique II (973-1024) do Sacro Império Romano-Germânico. Para mais informações sobre a vida da personagem histórica, visitar: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/07/13/s--henrique-ii--imperador.html>. Acesso em: 28 maio 2022.

⁶⁶⁵ **Nota da Tradutora: Trata-se de Agátocles de Siracusa (317-289 a.C). Para mais informações, visitar: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/agatocles-siracusa.htm>. Acesso em: 28 maio 2022.

⁶⁶⁶ Nota do Autor: “De Bento XI, sabe-se que foi um filho de lavadeira de panos que, elevado ao pontificado, também fingiu não a conhecer por estar vestida de seda. Assim que ela tornou a visitá-lo com suas vestes humildes de lã, ele a conheceu e a obsequiou. De Bento XII, a história afirma que, por ser filho de moleiro, não quis reconhecer o pai, apenas quando usava as vestes de seu ofício de moleiro. Esses heroicos exemplos de humildade ficaram escritos para evidenciar mais o mérito e a virtude das personagens. Ver *Onomasticon*, de Guillermo Burio, sect. X, p. 358” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 328, nota m) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: De acordo com a edição de 2008, divulgada pela UNAM, o livro seria de Guillaume Bury, clérigo belga (1618-1700), autor da obra *Romanorum pontificum. Brevis notitia. Ritus Ecclesiasticos a singulis institutos praecipue declarans. Accedit onomasticon. Vocum obscuriorum [...]*. Publicado por Joannem Manfré. Patavii, Italia: Ex Typographia Seminarii, 1753, p. 223-225, 360. Estas informações foram retiradas de: <https://www.iifilologicas.unam.mx/lizardi/index.php/novelas/74-el-periquillo-sarniento-t-ii/274-capitulo-iii.html>. Acesso em: 28 maio 2022.

(p. 328) Portanto, meus caros, podeis ver como nem os ofícios e nem a pobreza rebaixam um homem, nem o impedem de obter (p. 329) as mais brilhantes posições e dignidades, quando ele sabe merecê-las por sua virtude ou por seus estudos? Nessas verdades, vós deveis mergulhar, e esses são os exemplos que deveis seguir constantemente, e não os de vosso mau pai, que, já entregue à ociosidade e à liberdade, não quis se dedicar a aprender um ofício, nem a procurar um mestre para servir, porque eu era nobre – como se a nobreza fosse o pilar da ociosidade e da licenciosidade.

A coitada de minha pobre mãe cansou-se de tanto me aconselhar; porém, tudo foi em vão. Eu piorava a cada dia e, a cada momento, dava-lhe novos problemas e desgostos, até que, assediada pela miséria e oprimida pelo peso de minhas maldades, a infeliz ficou acamada pela doença que a levou a falecer.

Naqueles momentos, os trabalhos para levá-la ao médico, as angústias na farmácia e as aflições para preparar o alimento custaram, não a mim, mas à boa *doña* Felipa. Porque eu, vagabundo como sempre, só voltava para casa ao meio-dia e à noite para engolir o que podia, e perguntar como minha mãe estava se sentindo.

Já se passaram muitos anos, já chorei muitas lágrimas e mandei rezar muitas missas pela alma dela, e ainda não posso calar os espantosos gritos de minha consciência que me dizem incessantemente: mataste tua mãe com aflições. Não lhe deste socorro em vida depois de afundá-la na miséria, e, por último, não fechaste os olhos dela em seu leito de morte. Ah, meus filhos! Deus não permita que experimenteis esses medos. Amai, respeitai e socorrei vossa mãe sempre, pois é isso que o Criador e a natureza mandam.

Por sorte, a febre que a atacou foi tão violenta que ela recebeu atendimento médico no mesmo dia; porém, no dia seguinte, perdeu completamente a consciência. Eu disse “por sorte” porque, se ela não tivesse ficado doente desse jeito, teria sofrido duplamente, com seus males e com a tristeza que poderia ter sido causada pela conduta vil de um filho tão ingrato e inútil.

Nos seis dias em que ela viveu assim, todo seu delírio reduziu-se a me dar conselhos e a perguntar por mim, como me disseram as vizinhas. E quando eu estava em casa, não a ouvi dizer nada além de: – Pedro voltou? Ele já chegou? Serve o jantar dele, *doña* Felipa. (p. 330) Filho, não saias! Já ficou tarde. Não deixe que te aconteça alguma desgraça na rua – e outras coisas desse tipo, com as quais ela provou seu

amor por mim. Ah! Minha mãe, quanto me amou! E como eu respondi mal a suas carícias!

(p. 330) Finalmente, minha mãe veio a falecer quando eu não estava em casa. Fiquei sabendo disso na rua e, mesmo assim, não voltei para casa até três dias depois disso, com medo do enterro e de todos os dispêndios decorrentes dele, porque eu estava duro⁶⁶⁷, como sempre, e o cura de minha paróquia não gostava muito de celebrar enterros sem receber pagamento.

Três dias depois, aos poucos, dei as caras e fui me inteirando das novidades, e me justifiquei contando como tinha sido preso por conta de uma briga, soltando o coração pela boca⁶⁶⁸, porque desejava saber de minha mãe, e sei lá quantas outras mentiras com as quais, com quatro pequenas lágrimas, eliminei o olhar escandalizado dos vizinhos e a raiva de *doña* Felipa. Fiquei sabendo por ela que, vendo que eu não aparecia, e que o cadáver não aguentava mais, varreu com tudo o que encontrou, até mesmo o colchão e meus poucos trapos, e os vendeu à primeira coisa que lhe ofereceram no Baratillo⁶⁶⁹. Foi assim que ela se livrou daquelas dívidas.

A notícia não deixou de me causar angústia devido ao fato de que atingia minha pessoa, pois, inesperadamente, deixaram-me apenas com as roupas do corpo e sem camisa para trocar, porque, no total, só me restaram duas.

Em seguida, ela me contou que eu devia ao médico não sei por quantas visitas e ao farmacêutico não sei quanto por quais receitas, mas, como nunca tive a intenção de pagá-las, não me senti na obrigação.

Pensando bem, não consigo me lembrar da boa e velha *doña* Felipa sem sentir ternura. Ela foi a empregada, irmã, amiga, filha e mãe de minha nessa ocasião. Seja

⁶⁶⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *estaba sin blanca* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 330). A expressão coloquial, de acordo com López y López (1931, p. 466), significa “estar sem dinheiro” (Nossa tradução).

⁶⁶⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *con el credo en la boca* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 330), expressão coloquial que o DRAE (2022) define como: “ter muito medo do que possa acontecer” (Nossa Tradução). Mais informações em: <https://dle.rae.es/credo?m=form>. Acesso em: 30 maio 2022.

⁶⁶⁹ **Transcrição da nota 21, da edição de Frye (2004, p. 144): “O Baratillo da Cidade do México é um ‘mercado de pulgas’, construído em 1793, na esquina entre [as ruas] Allende e Donceles, lugar atualmente ocupado pela Câmara de deputados.” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: o lugar é ocupado pelo Congresso e não pela Câmara de deputados. O nome ‘mercado de pulgas’ tem sua origem na França, sob o nome *Marché aux puces*. É uma feira de comércio ao ar livre de artigos antigos, usados, mercadorias artesanais, entre outros. Para mais informações, visitar: <https://labedu.org.br/voce-ja-ouviu-falar-no-mercado-de-pulgas/>. Acesso em: 30 maio 2022.

de fiado⁶⁷⁰, de esmola ou do jeito que desse, ela a alimentou, medicou-a, serviu-a, velou-a e a enterrou com o (p. 330) maior cuidado, amor e caridade. Ela desempenhou meu papel, para minha inquietação e para que vós saibais, a propósito, como há criados que são fiéis, amorosos e gratos a seus senhores, muitas vezes mais do que os próprios filhos. E é necessário salientar que, depois de chegar ao último estado de pobreza, minha mãe disse-lhe para que procurasse um destino para si porque (p. 331) ela não podia mais pagar seu salário. A velha, chorando, respondeu-lhe que a acompanharia até a morte, e que até lá a serviria sem querer ganho nenhum. Foi assim que o fez. Em todos os lugares, há servos heróis como o caldeireiro de São Germano⁶⁷¹.

Todavia, eu não tinha conseguido ganhar tão bem o amor de *doña* Felipa, mesmo ela tendo me criado, como dizem. Ela aguentou os nove dias de luto em casa como as mulheres boas, e não foi apenas aguentá-los, mas deu-me alimento ao longo desses dias ao custo de mil fiados e mil vexames, porque ali não tinha mais sobrado nem sequer um prego nas paredes.

Mas, ao perceber minha pouca-vergonha, disse-me:

– Pedrinho, vês que eu não tenho de onde tirar um tostão sequer. Estou praticamente nua⁶⁷² e não servi e acompanhei a alma de minha *Señora*, que Deus a tenha, por conveniência. Mas, agora, filhinho, ela já se foi, e é necessário que eu vá procurar meu sustento, porque tu não tens condição, e eu também não. E ansim⁶⁷³, o que devemos fazer?

⁶⁷⁰ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *fuérase de droga, de limosna o como fuese* [...] – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 330). De acordo com o DRAE (2022), na quinta acepção, droga significa “dívida que, às vezes, não se pensa em pagar.” (Nossa Tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/droga?m=form>. Acesso em: 30 maio 2022.

⁶⁷¹ Nota da Tradutora: Na nota de rodapé 309, Ruiz Barrionuevo (2008, p. 331) menciona que *El calderero de San Germán o el mutuo agradecimiento* [Nossa tradução: *O caldeireiro de São Germano ou o mútuo agradecimento*] narra a história de um criado velho que manteve sem interesses mundanos a sua senhora quando ela se viu reduzida à pobreza. De acordo com a estudiosa, Fernández de Lizardi pode ter lido essa narração da condessa de Genlis, autora do livro *Les veillées du château*, publicado em Paris, em 1784, e, posteriormente, mencionará esse tema na sua obra *Don Catrín de la Fachenda*. No entanto, segundo ela, é possível que o autor tenha conhecido a versão teatral de Gaspar Zabala y Zamora, tal qual menciona Spell (1971, p. 169).

⁶⁷² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *en cueros* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 331). A expressão coloquial, de acordo com López y López (1931, p. 466), significa “estar nu” (Nossa tradução).

⁶⁷³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *asina* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 331). (Nossa tradução). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos*, (1974, p. 90) “*Asina*”, é utilizado no lugar de “*así*” “entre as pessoas rústicas e muito vulgares” (Nossa

(p. 331) Dizendo isso, chorou como uma criança e saiu para a rua, tudo isso em um só ato. E eu não consegui persuadi-la a ficar por qualquer razão. Ela fez muito bem em sair. Sabia exatamente do pão da desgraça amassado por mim⁶⁷⁴ e a vida que dei a minha pobre mãe. Que esperanças ela poderia ter se ficasse com semelhante vagabundo?

Analisei minha situação: eu, sozinho no quarto, onde tinha falecido minha mãe⁶⁷⁵, que custava vinte reais por mês, além de eu não ter pago o aluguel de sete; sem cama, sem lençóis, sem roupas a não ser aquela que eu tinha no corpo; sem nada para comer, e sem ninguém para me dar comida. Em meio a essa (p. 332) consumição, entrou o maldito senhorio, exigindo o pagamento atrasado. Ele ia fazendo as contas, vinte vezes sete dá cento e quarenta, que somam o total de dezessete pesos e quatro reais, e disse que, se eu não lhe pagasse ou lhe desse uma caução ou garantia, ele falaria com um juiz e me colocaria na cadeia.

Eu, temeroso dessa nova desgraça, ofereci pagar-lhe no dia seguinte, implorando-lhe que esperasse enquanto eu recolhia um certo inventário de minha mãe.

O infeliz acreditou nisso e partiu. Não perdi tempo e lhe escrevi um texto no qual eu disse que o bom pagador não se importa em cumprir com o que deve⁶⁷⁶, e que, em virtude disso, eu lhe concedia todos os bens de minha casa, numa lista que foi deixada em cima da mesa.

tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/90/mode/2up?view=theater&q=asina>. Acesso em: 29 jul. 2023.

⁶⁷⁴ ***Transcrição da nota de rodapé 311, da edição de 2008 (p. 311, retirado do *Diccionario de autoridades*, [1969]: [Lê-se em castelhano:] “*Sabía el pan que yo amasaba; amasar* – [Nossa tradução está no corpo do texto] –, metaforicamente, significa dispor e dirigir algum negócio, concordando e juntando várias coisas para que concorram a seu logro e consecução. O *DRAE* adiciona: toma-se normalmente a parte ruim” (Nossa Tradução).

⁶⁷⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *en mi cuarto mortuorio* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 331). O *DRAE* (2022) traz a frase: casa mortuária, casa onde recentemente faleceu uma pessoa. No capítulo anterior, Periquinho colocou sua mãe em um quarto alugado em uma pequena casa de bairro. A definição do *DRAE* está disponível em: <https://dle.rae.es/casa#AhZU6Qw>. Acesso em: 31 maio 2022.

⁶⁷⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *al buen pagador no le dolían prendas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 332). López y López (1931, p. 481) registram o refrão sob o seguinte significado: “quem quer cumprir com suas dívidas, não fica aborrecido em dar qualquer caução ou garantia exigida” (Nossa tradução).

(p. 332) Uma vez a carta feita, lacrada com o selo de cera respectivo e entregue com a chave da senhoria, propus-me a experimentar novas aventuras e a continuar com meus assuntos⁶⁷⁷, como vocês verão no próximo capítulo.

Mas, antes de fechar este, vós sabereis como, no dia seguinte, o senhorio veio cobrar o dinheiro. Perguntou sobre meu paradeiro, e deram-lhe, então, o papel que deixei para ele. Leu-o, pediu a chave, abriu o quarto para ver os trastes e foi conferir a lista de que constavam os bens prometidos, tal como segue:

“Lista dos móveis e joias que concedo a D. Pánfilo Pantoja pelos sete meses de aluguel que devo deste quarto”. A saber:

Dois canapés e quatro cadeiras pequenas de palha, estripadas e cheias de percevejos.

Uma cama velha, que antes era verde, também com percevejos.

Uma mesa pequena de canto, quebrada.

Uma *idem* grande comum, sem um pé.

Uma pequena prateleira sem chave, com duas tábuas faltando.

Um tapete de palmeira trançada⁶⁷⁸ de cinco varas⁶⁷⁹, com cinco milhões de percevejos em cada vara.

Um pequeno nicho de madeira comum, com um pedaço de vidro e, (p. 333) dentro, um santo de cera que não é mais reconhecível devido ao uso e ao tempo.

Duas telas grandes que, pela mesma razão, não revelam mais suas pinturas, mas, sim, a base de cânhamo⁶⁸⁰ em que foram colocadas.

⁶⁷⁷ ***Transcrição da nota de rodapé 312, da edição de 2008 (p. 332, retirado do *Diccionario de autoridades*, [1969]: [Em castelhano, lê-se:] “*Andar mis estaciones*. A frase significa, em forma figurada, ir negociar ou vir de negociar, e fazer a pessoa suas diligências e dar curso aos negócios que tem sob seu cargo.” (Nossa tradução).

⁶⁷⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *petate* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 332), definido no *DRAE* (2022) como: “tapete de palmeira, utilizado nos países cálidos para dormir nela” (Nossa Tradução). A palmeira, por outro lado, é a planta da família *Aracaceae*. Para mais informações sobre *petate*, visitar: <https://dle.rae.es/petate?m=form>. Sobre palmeira, visitar: <https://www.ecured.cu/Aracaceae>. Acesso de ambas as informações em: 01 jun. 2022.

⁶⁷⁹ *Nota da Tradutora: Varas, de acordo com a sexta acepção do *DRAE* (2023): “medida de comprimento utilizada em diferentes regiões da Espanha com valores diferentes, oscilando entre 768 e 912 mm” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/vara#bMH7x5e>. Acesso em: 29 jul. 2023.

⁶⁸⁰ *Nota da Tradutora: O *Diccionario de mejicanismos* (1974 p. 305) explica que “*cotense*, – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 333) [é um] pano tosco feito de cânhamo que serve para guardar pacotes, limpar as casas e outros usos” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/304/mode/2up?view=theater&q=cotense>. Acesso em: 29 jul. 2023.

Dois candeeiros velhos, de madeira, dourados, um com o vidro quebrado e o outro sem nada nele.

(p. 333) Uma lixeira para papel, roída pelas traças.

Uma caixa grande, sem fundo ou chave.

Um baú deteriorado de camurça, muito velho.

Uma poltrona, sem um pé.

Um violão dissonante de tejamanil⁶⁸¹.

Umas tesouras de cortar a mecha de velas e candeias⁶⁸², entortadas.

Uma bacia de água benta de Puebla, lascada.

Um rosário de Jerusalém com sua cruz embutida em uma concha, sem mais defeitos do que três ou quatro contas a menos em cada dez.

Um volume incompleto de *Dom Quixote*, sem imagens.

Um Lavallo⁶⁸³, muito usado e sem tapas.

Um amontoado de antigas novenas.

Um candelabro de cobre.

Um candelabro sem canhão.

Duas colheres de estanho e um garfo, com apenas um dente.

Duas xícaras de Puebla, sem alças.

Duas tigelas *idem* e quatro pratos, quebrados.

Um baralho de cartas, de naipes desiguais⁶⁸⁴.

Cerca de vinte *Diarios*, *Gazetas*⁶⁸⁵ e outros papéis.

⁶⁸¹ *Nota da Tradutora: O “*tejamanil*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 333) é um nome proveniente do vocábulo em língua náhuatl *tlaxamanilli*, que significa quebradiço. O *DRAE* (2022) aponta que se trata de uma “tábua fina e cortada em listras que se coloca a modo de telhas nos tetos das casas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/tejamanil?m=form>. Acesso em: 01 jun. 2022.

⁶⁸² *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *despabiladeras* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 333) De acordo com o *DRAE* (2022), a escrita atual é *despabiladeras*. Trata-se de tesouras utilizadas para tirar o pavio de velas e candeias. Disponível em: <https://dle.rae.es/despabiladeras>. Acesso em: 01 jun. 2022.

⁶⁸³ *Transcrição da nota de rodapé 315, da edição de 2008 (p. 333): “[Lavallo é] autor de livros devocionais que gozaram de muita popularidade nos séculos XVIII e XIX. Dentre eles: *Alma piadosa* [Nossa tradução: *Alma devota*], *La Santa Misa* [Nossa tradução: *A Santa Missa*], *Devocionario que contiene la misa* [Nossa tradução: *Devocionário que contém a missa*] etc.” (Nossa tradução).

⁶⁸⁴ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 473): “*Embijado*. Diz-se do baralho composto de naipes desiguais” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/472/mode/2up?view=theater&q=embijado>. Acesso em: 29 jul. 2023.

⁶⁸⁵ *Transcrição da nota de rodapé 317, da edição de 2008 (p. 333): “[Trata-se dos jornais impressos] *Diario de México* e a *Gaceta de México*” (Nossa tradução).

Doze peças, entre panelas pequenas e caçarolas, boas e quebradas.

(p. 333) Uma caçarola pequena, esburacada.

Um pedaço de *metate*⁶⁸⁶.

(p. 334) Um *molcajete*⁶⁸⁷, sem pilão.

A escova do penico.

A panela da água.

O jarro do poço.

A vara para mexer com o fogo.

A tranca da porta.

Um urinol lascado.

Duas latrinas⁶⁸⁸ úteis, que não estão muito vazias.

Tudo isso fica para o senhorio e lhe deixo dito que, se sobrar algum dinheiro após o pagamento da dívida, ele deve investi-lo para o bem da falecida. México, 15 de novembro de 1786. *Pedro Sarmiento*.

Assim, mandava-me ir para o inferno o azarado senhorio, com tal listagem, enquanto eu, como vos disse, estava ocupado com outros assuntos mais específicos.

⁶⁸⁶ *Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2022), o “*metate*” provém do vocábulo em língua náhuatl *métatl*. Trata-se da pedra sobre a qual são moídos junto com o *metlapil* [rodilho de pedra em náhuatl] manualmente o milho e outros grãos. Na Espanha, o *metate* era empregado para fazer chocolate a braço.” (Nossa tradução). Em outras palavras, o *metate* junto com o *metlapil* tem a mesma função e princípio do moinho. O *metate* pode ter diferentes tamanhos e formatos segundo seu uso final. Para mais informações, visitar: <https://desert.com/mano-metate/>. Sobre a definição dada pelo *DRAE*, visitar: <https://dle.rae.es/metate?m=form>. Acesso em: 01 jun 2022.

⁶⁸⁷ *Nota da Tradutora: O “*molcajete*” é uma palavra que provém dos vocábulos em língua náhuatl “*mollicaxitl*” e “*temolcaxitl*”, com o significado de bacia de pedra para o molho, segundo Ochoa (2022). De acordo com o *DRAE* (2022), trata-se de um moinho grande de pedra ou barro cozido, com três pés curtos e resistentes, utilizado para fazer molhos. Para mais informações, visitar: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/molcajete-herencia-mexicana.html>. Sobre a definição do *DRAE*, visitar: <https://dle.rae.es/molcajete?m=form>. Acesso em: 01 jun. 2022.

⁶⁸⁸ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dos servicios*. Segundo a acepção 14 do *Aulete Digital*, o serviço é um “vaso sanitário, latrina; privada; sentina”. Em castelhano, lê-se o termo “*servicios*”, também com o mesmo sentido dado em português, segundo a décima acepção do *DRAE* (2022). Para mais informações, visitar: <https://www.aulete.com.br/servi%C3%A7o> e <https://dle.rae.es/servicio?m=form>. Acesso em: 01 jun. 2022.

página 335 **Capítulo III**

Sozinho, pobre e desassistido por seus parentes, Periquinho encontra João Dotado e, por sua persuasão, abraça a carreira dos malandros, na categoria de cócora⁶⁸⁹ dos jogos

Ao me ver sozinho, órfão, pobre, sem casa nem pão, sem domicílio nem refúgio, igual aos judeus expulsos, porque não me sentia parte de nenhuma freguesia ou vizinhança, tentei encontrar, como dizem, uma mãe para me agasalhar; e, meio quebrantado, cabisbaixo e pensativo, saí para a rua depois de devolver à senhoria a lista de meus requintados móveis.

O primeiro passo que dei foi tentar a paciência de meus parentes paternos e maternos. Acreditei que ia achar, no meio deles, algum consolo em minhas desgraças, mas estava redondamente enganado⁶⁹⁰. Relatei a morte de minha mãe e minha orfandade e desamparo, finalizando o conto com súplicas para obter sua proteção. Uns disseram que não ficaram sabendo do falecimento de sua irmã, outros simularam que ouviam a notícia pela primeira vez⁶⁹¹. Todos fingiram se condoer de minha sorte, mas ninguém me proporcionou o mínimo socorro.

Magoado, saí de cada uma das casas deles e, considerando que nenhum parente interessou-se por minha situação, apenas sentiram pelo falecimento de minha mãe, por quem senti falta, então, com mais força, ao mesmo tempo, concebi (p. 336) um ódio mortal contra toda a caterva de meus impiedosos tios.

– Será possível – disse a mim mesmo – que assim são os parentes no mundo? Não lhes comove ver perecer um parente seu e tão próximo? São essas as leis respeitadas pela natureza? É assim o modo como o homem respeita os direitos do sangue? Ainda assim há loucos que confiam em seus parentes?

⁶⁸⁹ Nota da Tradutora: “Cócora” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 90), sujeito cujo trabalho é distrair os outros jogadores para favorecer certo jogador. Igualmente, ver as notas 503 e 690 de nossa tradução.

⁶⁹⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me engañé de medio a medio* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 335). De acordo com López y López (1931, p. 465), “*engañar de medio a medio*” denota: “enganar-se por completo” (Nossa tradução).

⁶⁹¹ ***Transcrição da nota de rodapé 321, da edição de 2008 (p. 335): “[Lê-se, em castelhano:] *Hacerse de las nuevas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 335), dar a entender, de forma falsa e dissimulada, que não conheciam a notícia, sendo que a verdade é que dela já se sabia com antecedência” (Nossa tradução).

(p. 336) “Quando meu pai estava vivo, quando ele tinha alguns recursos, eles visitavam nossa casa para ali serem servidos; esses mesmos festejavam minha pessoa, e, ainda, davam-me moedas para eu gastar em frutas. E se tínhamos algum divertimento em casa ou era, como dizem, um dia de festejar de forma magnífica com as visitas⁶⁹², todos, todos, compareciam, de montão, e muitos deles até sem serem convidados. Mas, quando os bons tempos se acabaram, quando a pobreza se apoderou de minha casa e já não houve o que ali dilapidar, eles afastaram-se e nem voltaram ali por nada, nem mesmo para ver minha mãe ou a mim. Já era de se esperar isso, pois agora tenho eu de sair de suas casas com tal experiência ruim. Pelo menos, devo ficar contente porque não me desconsideraram, nem me jogaram pelas escadas.

“Se alguma vez eu tiver filhos, aconselhá-los-ei a não se apegarem, nessa vida, a seus parentes, mas, sim, ao dinheiro⁶⁹³ que eles mesmos saibam adquirir. Este, sim, é o parente mais próximo, o mais liberal, o mais rápido e o mais útil em todas as ocasiões. Porque os outros parentes, afinal de contas, são tão de pele e osso como qualquer outro animal, ingratos, vaidosos, interesseiros e inúteis. Quando um familiar tem o suficiente para servir sua parentela, esta o visita e o bajula sem cessar. Porém, se ele for pobre, como eu sou, os parentes não só não o ajudam, como, também, até se envergonham dele.

Eu estava imerso nessas considerações, e tremendo de raiva contra meus parentes indignos, quando, virando uma esquina, vi, ao longe, vir meu amigo João Dotado. Meu coração deu um pulo de gosto, acreditando que tal encontro não poderia deixar de ser feliz.

Quando nos aproximamos um do outro, ele me disse:

– Oh, Periquitinho! Amigo! O que fazes aqui? Tudo bem contigo? Como vai tua vida?

Contei-lhe meus problemas em um instante, finalizei farto de amaldiçoar meus tios e tias.

– Então, o que essas gentes fizeram contigo – disse-me ele – para ficares de tão mau humor?

⁶⁹² *Nota da Tradutora: lê-se, em castelhano, *día de manteles largos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 335). De acordo com López y López (1931, p. 474), aquela data é um “dia de fazer grande festa e boa comida” (Nossa tradução).

⁶⁹³ Nota da Tradutora: lê-se, em castelhano, *peso*. O “peso” era equivalente a oito reais, predecessor da moeda “peso mexicano”. Ver notas relacionadas 223, 263 e 538 de nossa tradução.

(p. 337) – O que eles fizeram comigo? – respondi-lhe – Além de me desprezarem e não me fazerem nenhum favor, esquecendo-se de que eu tenho o sangue deles e que eles deviam mil favores a meu pai?

– Tens razão – disse-me João Dotado. – Os parentes, hoje em dia, são execráveis e mesquinhos. Aconteceu-me um pouco pior com o velho cão de meu tio Dom Martin. Sabe que, desde que estive longe desta cidade, há quase um ano já, fiquei com ele na fazenda. Então, um vaqueiro maldito deu-me um falso testemunho, há cerca de quinze dias, de que eu tinha vendido dez novilhos. E posso jurar, irmão, que eram apenas sete. Mas há pessoas que, mesmo saindo da missa, mentirão e te desacreditarão.

“O que aconteceu foi que o tio, inesperadamente, acreditou nele e me culpou por tudo o que havia sido perdido na propriedade desde que eu estava lá. Repreendeu-me e ameaçou-me para eu confessar, mas minha língua nunca foi mais prudente ou cuidadosa. Fiquei em silêncio e ficaria assim por toda a eternidade se me obrigassem a confessar. Então, meu tio, zangado, trancou-me em um quarto e, com uma corda dessas usadas pelos cabos do regimento, submeteu-me a uma surra que até hoje não consigo voltar a mim. E ele não parou por aí. Tirou de mim todos os trapos regulares que eu tinha, e meus dois queridos cavalos. Depois, jogou-me na rua, quero dizer, na estrada que era a mais próxima a sua casa, e jurou-me, por todos os céus, que se ele me visse novamente nas proximidades, explodir-me-ia de um balaço. E acrescentou que eu era um velhaco, vagabundo, ladrão e ingrato, que roubei dele depois de consumir de seus bens até quase dizimá-los, e que só me faltou levar seus rins⁶⁹⁴.

“– E assim, em má hora, seu velhaco! – ele me disse. – Em má hora, que tu não és meu sobrinho como pensaste, mas, sim, um encosto miserável e vicioso. Por isso tu és tão indigno, pois eu não tenho sobrinhos ladrões.

“A raiva de meu tio chegou a esse ponto. E eu, vendo-me abandonado, pobre, espancado e no meio da estrada, resolvi vir a esta capital, como fiz. Deve ter-se passado oito ou dez dias desde que cheguei. Depois disso, fui procurar-te em tua casa. (p. 338) Não te encontrei lá, nem ninguém para me dizer onde tu moras.

⁶⁹⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *comerle medio lado* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 337). De acordo com López y López (1931, p. 463), a expressão coloquial significa “dissipar seus bens” (Nossa tradução).

Encontrei-me com (p. 338) o Pelayo, o Sebastião, o Cassiodoro, o morgado⁶⁹⁵ e outros amigos, e todos eles me disseram que já fazia muito tempo que não sabiam nada de ti. Perguntei de ti para a Cacunda-Escroque, para a Anda-nas-Flores, para a Chica Espigada, para a Descarada e para todas as outras meninas, e todas elas me responderam que não sabiam por onde tu moravas. Resumindo, nesses poucos dias, não perdi tempo para saber de ti, e tudo em vão. Diz-me, então, por que não deixaste dito onde moras?

Respondi que, em primeiro lugar, não desejava cobradores a minha porta, e, segundo, porque minha casa era um pequeno quarto miserável, e tão indecente que eu tinha vergonha de ser visitado lá.

Januário aprovou minha decisão, e eu lhe disse:

– E tu, quais teus planos? O que fazes para viver?

– Sou *cócora*⁶⁹⁶ nos jogos – respondeu-me. – E, se não tiveres destino, e desejares fazer o mesmo, podes me acompanhar. E, se Deus⁶⁹⁷ quiser, não vamos morrer de fome, porque quatro olhos enxergam mais do que dois. O ofício é fácil, pouco trabalhoso, divertido e útil. Então, topas?

– Opa! Quero, sim!⁶⁹⁸ – eu lhe disse. – Mas, diz-me, o que é ser um *cócora*, ou quem é que é chamado assim?

– Aqueles que acompanham e participam nos jogos – disse-me Januário – sem um tostão, mas apenas para ganhar com *sua engenhosidade*. Elas são pessoas das

⁶⁹⁵ Nota da Tradutora: Morgado significa literalmente isso, dono de posses, pelo que se infere que a pessoa é endinheirada. O texto em castelhano não esclarece se se trata de Cassiodoro ou não, apenas o coloca dentro da listagem de nomes, sem maiúsculas: “*He encontrado a Pelayo, a Sebastián, a Casiodoro, al mayorazgo y a otros amigos [...]*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 338). Assim, entendemos que se trata de uma quarta personagem citada por Januário. Frye, na nota de rodapé número 1 (2004, p. 149), faz essa inferência, ao indicar consulta ao capítulo VI do tomo III, no qual Fernández de Lizardi faz uma crítica aos morgados.

⁶⁹⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cócora* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 338). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 262): “pessoa irritante e impertinente em demasia. Em especial, a pessoa que, em qualquer reunião ou espetáculo público, exaspera os concorrentes com gritos, assobios, chiados e outras insolências. De qualquer forma, devemos levar em conta o esclarecimento imediato do autor” (Nossa tradução).

⁶⁹⁷ Nota do Autor: “Erro crasso, ainda que frequente em algumas bocas. Nunca se deve esperar de Deus efetuar uma vingança ou satisfazer alguma paixão pecaminosa, porque isso ultrajaria a sua bondade e justiça ao se acreditar que ele seria capaz de coincidir com nossos vícios. Deus permite o pecado, mas não o quer” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 338, nota a) (Nossa tradução).

⁶⁹⁸ ***Transcrição da nota 324, da edição 2008 (p. 338): [Lê-se em castelhano:] “*Tres más*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 338), “locução adverbial utilizada para dar maior ênfase a uma afirmação” (Nossa tradução).

quais os jogadores (p. 338) têm medo, porque os cócoras não têm nada a perder e, com *engenhosidade*, conseguem, muitas vezes, sangrá-los⁶⁹⁹.

– Cada vez – eu lhe disse – gosto mais e mais de teu projeto. Mas, (p. 339) diz-me, que engenhosidade é essa⁷⁰⁰?

– Ser engenhoso – respondeu-me Januário – é ganhar dinheiro sem arriscar um centavo no jogo.

– Isso deve ser muito difícil – disse eu a ele –, pois, como já ouvi dizer, tudo pode ser feito sem dinheiro, exceto o jogo.

– Não acredite nisso, Quitinho. Nós, cócoras, temos a vantagem de jogar e, com engenhosidade, ganhar dinheiro sem colocar um tostão, pois tu não precisas de habilidade, mas de ter sorte e adivinhar qual será o próximo passo⁷⁰¹. A graça está em ganhar sem apostar.

– Bom, se for assim, a partir de agora, sou um cócora. Mas, diz-me, João, como é para se enganhar?

– Olha – ele me respondeu –, o primeiro é pegar um bom lugar (porque é melhor um assento na frente de uma mesa de jogo do que em uma arena de touros), e uma vez sentado ali, é questão de ficar de olho nos *movimentos*⁷⁰² para pegar alguma

⁶⁹⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *les hacen un agujero* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 338). De acordo com López y López (1931, p. 338), a expressão coloquial significa ganhar o dinheiro dos outros. Na gíria do pôquer, utiliza-se o termo “sangrar” para definir quando se perde consistentemente no jogo. É claro que, no contexto da narrativa, isso acontece por meio de trapaças. Mais informações em: <https://onlinecasinorank.com.br/jogos/p%C3%B4quer/lingo-e-g%C3%ADria-de-p%C3%B4quer-populares-e-seus-significados/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

⁷⁰⁰ Nota do Autor: “Ainda que, como já se afirmou, Quitinho já fosse um devasso, até esse momento, ele ainda ignorava muitas coisas e termos da escola dos vagabundos. Com Januário, completa seu adestramento” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 339, nota b) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Fernández de Lizardi utiliza, a partir deste capítulo, às vezes, o apelido carinhoso *Perico*, no lugar de Periquillo. Decidimos utilizar Quitinho para a tradução ao português brasileiro.

⁷⁰¹ *Transcrição da nota número 4, da edição 2004 (p. 150): “Muito do que aparece no capítulo seguinte está relacionado com o jogo do *monte* [Nossa tradução]: [dinheiro apostado pelo encarregado do embaralhar/conjunto de apostas de dinheiro], que era o jogo de aposta da moda na Cidade do México nos anos 1790s (ver Spell, [1971], p. 180). No monte, o crupiê joga contra os outros apostadores. Ele inicia virando para cima duas cartas (esse conjunto [de duas primeiras cartas] é conhecido como *albur*) e logo depois coloca um segundo grupo de duas cartas (o *gallo* [Nossa tradução: o galo]). Os apostadores fazem suas apostas nessas cartas. Em seguida, o crupiê vira as cartas do restante do baralho uma a uma. O primeiro naipe de cada conjunto que combine com uma das cartas inicialmente viradas, por ter igual valor, ganha o apostado no outro grupo de cartas. [Fernández de] Lizardi critica duramente a vida dissoluta dos apostadores, porém, ao mesmo tempo, ele, por seu conhecimento da gíria, parece autoexpor (o editor da quarta edição [1842] apresenta oito longas notas explanatórias para apenas o próximo parágrafo), que eu [Frye] traduzi em rudimentares equivalentes da gíria estadunidense para apostas” (Nossa tradução).

⁷⁰² ***Transcrição da nota 325, da edição 2008 (p. 339, retirado da quarta edição, [1842]): [Lê-se, em castelhano:] “*Vigiando al montero*, vigiando os movimentos do batedor [ou crupiê]” (Nossa tradução).

*treta*⁷⁰³ ou distinguir (p. 339) a primeira carta⁷⁰⁴, e, depois, acotovelar os concorrentes⁷⁰⁵, porque algo embolsará aquele que avisa os outros com essas cutucadas. Ou, então, tu tentas fazer uma *parada*⁷⁰⁶, *marcar* um naipe, *chaçar* de algum desavisado⁷⁰⁷, ou quando não puder fazer nada disso, tu *simulas* uma aposta no momento do pagamento, e, então, é necessário que se diga: sou um homem de bem, não estou aqui para intrujar nada de ninguém. E eu peço ao santo, e juro ao outro, e que o diabo me carregue se esta aposta não for minha. E se a coisa ficar quente, deve-se acrescentar: não é verdade, seu fulano? Dizei-me vós, seu sicrano. Isso é para que, no final, não haja dúvidas a respeito de quem é o dinheiro e de quem tem a aposta ganha. Essa engenhosidade é a (p. 340) mais arriscada, porque é possível deparar-se com algum espertalhão que brigará a pauladas pela aposta, mas isso não é o usual. Por isso, quando se sentir exposto, é necessário arriscar. É por isso que nunca vou sem almoçar ou jantar, pois, se não tiverem sido ganhas outras diligências e o jogo estiver prestes a terminar, levarei seis ou oito reais em minha bolsa, pegando uma parada, inclusive, se for de minha mãe.

“Mas, a partir de agora, precisas tomar cuidado para nunca se atreveres a pegar uns *mortos*, nem umas *paradas* que vão até ou além de um peso, mas agir assim apenas com *mortos* e *paradas* pequenas, de três ou quatro reais. Isso porque pequenas quantias são pagas em dobro, e, como ninguém está interessado nelas, não há quem perceba o que aconteceu e não se pode dizer em qual das duas jogadas está a fraude. Assim, saímos beneficiados. Isso não acontece com as *paradas* grandes porque, como essas, sim, são de interesse, ninguém se descuida. Todo o contrário acontece nesses casos, pois seus donos queimam seus olhos de tanto olhar para seu dinheiro. Essa situação nos deixaria muito expostos.

⁷⁰³ ***Transcrição da nota de rodapé 326, da edição 2008 (p. 339, retirado da quarta edição, [1842]): [Lê-se, em castelhano:] “*cogerle un zapote*, [que significa] advertir uma trapaça” (Nossa tradução).

⁷⁰⁴ ***Transcrição da nota de rodapé 327, da edição 2008 (p. 339, retirado da quarta edição, [1842]): [Lê-se, em castelhano:] “*ver una puerta*, [que significa] observar qual é o primeiro naipe” (Nossa tradução).

⁷⁰⁵ ***Transcrição da nota de rodapé 328, da edição 2008 (p. 339, retirado da quarta edição, [1842]): [Lê-se, em castelhano:] “*da un codazo*, [que significa] avisar os participantes” (Nossa tradução).

⁷⁰⁶ ***Transcrição da nota de rodapé 329, da edição 2008 (p. 339, retirado da quarta edição, [1842]): [Lê-se, em castelhano:] “*dibujar las paradas*, [que significa] dividir as apostas de modo a não ficar com a redução total do saque do crupiê por estar com a carta que ganhou ao ter o primeiro naipe” (Nossa tradução).

⁷⁰⁷ ***Transcrição da nota de rodapé 331, da edição 2008 (p. 339, retirado da quarta edição, [1842]): [Lê-se, em castelhano:] “*arrastrar un muerto*, [que significa] cobrar a aposta de quem está desatento [não viu que era sua vez de embolsar a aposta]” (Nossa tradução).

(p. 340) – Agradeço-te, amigo Januário, por teu intuito de me ajudar para que eu arranje um jeitinho para comer, pois, certamente, necessito disso. Além do mais, agradeço-te – disse-lhe eu – por teus conselhos e advertências. Mas tenho temor de levar uma surra ou coisa pior em uma dessas, porque, para te dizer a verdade, sou um bobo e não um veterano como tu. Acho que, ao primeiro tapa, vou fugir, talvez, já todo machucado, o que me custará caro, e, quando pensar que trarei lã à casa, eu é que serei tosquiado até o pescoço.

Januário ficou meio bravo com esse meu medo, e disse-me:

– Continua, sua besta. Tu és um imprestável. Como assim, ganhar uma surra? Que palhaçada! Assim que tu achas que eles notarão teus movimentos? Não será de espantar que, inicialmente, tua mão trema para tomar dali meio real, mas é questão de prática, e, então, logo tu embolsarás até quinze ou vinte pesos e bem tranquilamente⁷⁰⁸, e eu te direi como. Sabes que o início é (p. 341) sempre difícil, mas, uma vez superado isso, tudo se torna suportável. Entra sem medos ao ofício dos cócoras que, de fato, é muito conveniente. Não precisas temer espancamentos ou golpes de ninguém, pois tu já ouviste dizer que a sorte favorece os ousados e rejeita os covardes⁷⁰⁹. Tu já foste bem rejeitado. Gostarias de passar por uma situação pior ainda? Além do que, vamos supor que montem uma situação contrária a nós depois de três ou quatro meses, de termos comido, bebido e gastado à custa dos apostadores: será que eles nos darão uma sova? Eles também não poderiam receber uma de nossas mãos?

⁷⁰⁸ Nota do Autor: “Essa era a classe de amigos do Quitinho e esse o nível dos aconselhamentos. É bem verdade que o demônio não poderia ter o aconselhado pior do que isso. Talvez, por causa disso, o Padre Gerônimo Dutari disse, e muito bem, que as amizades ruins são os diabos que não nos causam espanto. Esse modo com que, aqui, o suposto amigo induz Periquinho ao roubo e à trapaça é o qual, na prática, utiliza-se e, na realidade, é assim: no início, começa-se com medo, mas, depois, qualquer um se habitua com o vício. Por isso, é melhor não começar.” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 340-341, nota c) (Nossa tradução).

⁷⁰⁹ Transcrição da nota de rodapé 334, da edição de 2008 (p. 341): “*Aos atrevidos, favorece a fortuna, e aos covardes, repele-os* [itálicos do texto em castelhano]. A origem pode ser procurada no adágio latino citado por Jamin [1775, autor citado em nota de rodapé 252 de nossa tradução]. *Audaces fortuna juvat, tímidos que repellit* [Nossa tradução: a sorte favorece os ousados e repele os tímidos]. Na edição francesa que [utiliza Ruiz Barrionuevo, 2008] aparece no capítulo XX: *De la Littérature* [Nossa tradução: Da literatura]. (p. 345-346), onde comenta-se: *La timidité portée trop loin est un obstacle aux progrès des Arts* [Nossa tradução: A timidez, levada longe demais é um obstáculo ao progresso das Artes]” (Nossa tradução).

(p. 341) “E, por último, suponhamos que saíssemos com a cabeça quebrada ou com uma costela deslocada. Quem não arrisca, não petisca⁷¹⁰; nem tudo na vida são flores. E, se for o caso, ainda poderíamos recorrer aos médicos e aos hospitais. Então, Quitinho, vamos ao trabalho! Saí da miséria e da fome, porque, sem se arriscar, não se ganha nada. Além disso, existem, dentre as engenhosidades, outras formas mais lucrativas e, talvez, menos perigosas.

– Diz-me, por tua vida – disse-lhe eu –, que morro de vontade de conhecê-las.

– Uma delas – disse-me Januário – é voluntariar-se a *embaralhar* ou ajudar os outros a fazê-lo. Tomar essa opção, geralmente, significa obter uma boa gratificação ou *gurupiada*⁷¹¹, se o mestre for liberal e se ganhar a partida. E, mesmo que o apostador não seja generoso e nem ganhe, o *gurupiê*⁷¹² nunca perderá seu trabalho, a menos que seja um inepto, pois, se ele souber *ir fundo*⁷¹³, quer dizer, meter a mão no dinheiro, a conta sai-lhe muito bem. Mas, isso deve ser feito com um pouco de graciosidade, ou, então, ele ficará muito exposto.

– O que quer dizer – perguntei-lhe eu – com *ir fundo*, já que não entendo muito bem os termos técnicos da profissão?

– *Ir fundo* – disse meu mestre – é esconder o máximo de dinheiro (p. 342) do monte⁷¹⁴, pouco a pouco. Enquanto teu companheiro embaralha, ele finge estar se coçando, tirando a poeira, tirar um charuto, arrumar seu lenço e fazer todas as diligências que forem oportunas para o caso. Mas isso, como já disse, deve ser feito com muita dissimulação, e, ao fazê-lo, a *gurupiada* mais baixa te valerá cinco ou dez pesos.

⁷¹⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *con algún riesgo se alquila la casa* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 341). De acordo a López y López (1931, p. 468), a expressão coloquial significa “expor a vida para tirar algum proveito dela” (Nossa tradução).

⁷¹¹ ***Nota da Tradutora: Os vocábulos *gurrupiada* e *gurrupié* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 341) derivam do termo francês *croupier*. Portanto, *gurupiada* é o movimento feito pelo crupiê, monteiro, bancário. Ver a nota 328 de nossa tradução.

⁷¹² ***Nota da Tradutora: Da deformação do termo em francês, *croupier*. O termo utilizado por Fernández de Lizardi é *gurrupié*. Adotamos o termo *gurupiê* para esta tradução. Ver nota 328 de nossa tradução.

⁷¹³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: “*irse a profundis seguido*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 341). De acordo com López y López (1931, p. 468), a expressão coloquial significa “meter a mão no jogo para roubar, esconder o dinheiro aos poucos” (Nossa tradução).

⁷¹⁴ Nota da Tradutora: *Monte* é o valor da aposta. Provêm daí o nome do jogo. Ver a nota 695 de nossa tradução.

(p. 342) “Também, outra maneira, é quando tens um amigo de confiança no jogo, como eu, que se sente a teu lado e, toda vez que o dono do dinheiro se descuida, tu dás a teu amigo quatro pesetas⁷¹⁵, fingindo dar-lhe troco para um peso. Esse dinheiro é jogado por teu amigo com audácia. Se ele perder a aposta, tu lhe dás mais pesetas. Quando ele ganhar, tu lhe pagas com dinheiro a mais para engordar a aposta⁷¹⁶, sem medo nenhum, pois, como o dono do monte já considera que tu és um bom homem, tu não te desgrudará dele⁷¹⁷. Se ele ganhar, o dinheiro fará com que ele se deslumbre, e se perder, a própria perda o cegará. Portanto, ele nunca conseguirá refletir sobre teus movimentos, o que mil vezes é excelente, pois já vi, tantas vezes, *desmontes* entre o *gurupiê* e o *palero*⁷¹⁸ (é assim como esses cupinchas são chamados) com o mesmo dinheiro do monte. Nesse caso, os dois não vão embora juntos, mas separadamente, para não causar as menores suspeitas. Logo, no lugar combinado, juntam-se, dividem seu ganho, e aleluia!

“O terceiro modo de jogo, o que compensa mais, o mais rápido, é entregar todo o monte em um *albur*, se o parceiro tiver a grana para pagá-lo. E, se não tiver, deve distribuir o monte em *albures* diferentes, o que, no final, resulta no mesmo efeito, que é o de *desmontar*. Mas, para isso, é necessário que tanto o *gurupiê* quanto o *palero* cupincha sejam muito hábeis. Tudo isso consiste na bagatela de amarrar os *albures*, pôr o (p. 343) baralho em disposição de tal forma que o cupincha fique sabendo onde está a parte ganhadora, para que ele possa distribuí-la, e os *albures* saiam colocados, como combinado de antemão, ou seja, se a aposta será na *judia*, quer dizer naipes

⁷¹⁵ Nota da Tradutora: Quatro pesetas equivale a dois reais. Ver a nota 557 de nossa tradução.

⁷¹⁶ ***Nota da Tradutora: *Polla*, de acordo com o *Diccionario de autoridades* (1737, t. V): “no jogo do homem e outros, chama-se assim àquela porção que é oferecida para a aposta entre os que jogam” (Nossa tradução). A essa informação, o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 876), adiciona, na terceira acepção, “soma de todas as entradas reunidas que se jogam em uma partida” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html> e <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/876/mode/2up?q=polla>. Acesso em: 29 jul. 2023.

⁷¹⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *hacer cera y pabilo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 342). De acordo a López y López (1931, p. 467), a expressão coloquial tem o sentido de “fazer a mesma coisa, estar muito unidos [como unha e carne]” (Nossa tradução).

⁷¹⁸ ***Nota da Tradutora: “*Palero*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 342). De acordo com Gómez de Silva (2001, p. 158), o vocábulo significa “ajudante, pessoa que auxilia com as trapaças” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.tajit.org/resources/Documents/diccionario%20breve%20de%20mexicanismos%20segun%20guido%20gomez%20de%20silva.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

maior, ou na (p. 343) *contra judia*, quer dizer o naipe menor⁷¹⁹, na de fora ou na de dentro, ou em uma e uma, para não cometer um erro e perder o dinheiro de forma tola. Isso é chamado de dar uma de burro, mesmo tendo a bola toda⁷²⁰.

“Para entrar nesta profissão, e poder prosperar nela, é indispensável saber *amarrar*⁷²¹, *baldrocar*⁷²², *dar boca de lobo*⁷²³, *passar a rastelada*⁷²⁴, *fazer buraco*⁷²⁵,

⁷¹⁹ ***Transcrição da nota de rodapé 338, da edição de 2008 (p. 343, retirado da quarta edição, [1842], nota 404): [Lê-se, em castelhano: *apostar a la judía o a la contrajudía*] – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 343). “*Judía* quer dizer a maior entre as figuras e a menor entre as cartas brancas. *Contrajudía*, vice-versa” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Essa nota é ampliada no capítulo IV deste tomo, pois o capítulo III, IV e V estão relacionados ao tema de apostas com naipes.

⁷²⁰ ***Transcrição da nota de rodapé 339, da edição de 2008 (p. 343): [Lê-se, em castelhano:] “*hacer burro con la bola en la mano*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 343). “‘*Hacer burro*’ significa que o jogador iniciante comete idiotices. ‘*Hacer bola*’ consiste em fazer um único recurso de todos aqueles ali reunidos, isto é, perder o dinheiro todo ainda que se tenha a sorte em mãos” (Nossa tradução).

⁷²¹ ***Transcrição da nota de rodapé 340, da edição de 2008 (p. 343, [retirado do *DRAE*]): “amarrar [significa], em vários jogos de naipes, fazer a trapaça de embaralhar o baralho de tal forma que certas cartas fiquem juntas e saiam ou não segundo convenha” (Nossa tradução).

⁷²² ***Transcrição da nota de rodapé 341, da edição de 2008 (p. 343): [Lê-se, em castelhano:] “*zapotear* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 343) embaralhar ao mesmo tempo em que faz trapaças” (Nossa tradução).

⁷²³ ***Transcrição da nota de rodapé 342, da edição de 2008 (p. 343): [Lê-se, em castelhano:] “*Dar boca de lobo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 343). Cervantes, em *Rinconete y Cortadillo*, lembra-nos de que: ‘hoje se utiliza a frase fazer a *viscaína* o que, antigamente, era chamado de fazer a telha, isto é, quando o crupiê dobra o baralho para lhe dar alguma convexidade à metade inferior antes de cortar (separar em dois) o monte de cartas, com o qual obtém, como resultado, o ato condenável de cortar o baralho pelo lado que lhe é mais conveniente. Pois, o buraco sutilmente deixado é chamado de boca de lobo’ (CERVANTES, M. *Rinconete y Cortadillo*. Edição crítica de Francisco Rodríguez Marín. Sevilha: Tipografia de Francisco Díaz, 1905, p. 408)” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: *Rinconete e Cortadillo*, título em português. O texto forma parte das *Novelas ejemplares* (1547-1616), de Miguel de Cervantes.

⁷²⁴ ***Transcrição da nota de rodapé 343, da edição de 2008 (p. 343): [Lê-se, em castelhano:] “*Dar rastrillazo* – [Nossa tradução está no corpo do texto.] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 343); em *Rinconete y Cortadillo* [ver o título oficial traduzido na nota anterior], utiliza-se [a frase]: ‘*dar astillazos*’ [Nossa tradução: dar estilhaços], na edição de 1905 mencionada (p. 408), que pode ser a mesma trapaça como sugere Reyes Palacios na edição da UNAM (1982): ‘introduzir disfarçadamente uma carta no maço do baralho para tirar a sorte que era de direito do apostador concorrente’” (Nossa tradução).

⁷²⁵ ***Transcrição da nota de rodapé 344, da edição de 2008 (p. 343): [Nota da Tradutora: essa nota de rodapé explica o significado das três expressões juntas, a seguir. Lê-se em castelhano:] “‘*hacer la hueca*’, ‘*dar la empalmada*’, ‘*colearse*’ – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 343). Segundo aponta Davis (1961, p. 74-81), em seu estudo lexicográfico, tais expressões podem corresponder ao seguinte: ‘*hacer la hueca*’ deve ter o mesmo sentido de ou dobrar o baralho para dentro de modo a deixar mais evidente certo naipe, ou fazer uma pequena concavidade em certo naipe que dê para sentir com a mão quando se embaralha ou corta. ‘*Dar la empalmada*’ parece significar o ato de ocultar um naipe na palma da mão para cometer trapaça. ‘*Colearse*’ parece significar intrujar, ludibriar, não pagar” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Muitos desses movimentos no jogo de baralho encontram-se explicitados no seguinte endereço: <https://pt.wikihow.com/Roubar-em-Jogos-de-Cartas>. O texto de Davis está disponível em: <https://www.jstor.org/stable/334548?seq=1>. Acesso em: 06 jul. 2022.

dar uma emenda, pegar o rabo do outro, (p. 343) *alumiar*⁷²⁶ e outras finezas tão bem feitas e curiosas como estas, que, embora, por enquanto, tu não as entendas, pouco importa⁷²⁷. (p. 344) Eu as ensinarei para ti em quinze ou vinte dias. E, desde que tu te apliques e não sejas um otário, esse tempo será suficiente para virares um mestre no assunto com minhas lições. Mas é preciso entender que, para obter vantagem, na maioria das vezes, é necessário trabalhar com tuas armas, e, por isso, é indispensável saberes

como fazer o baralho.

– Essa é outra questão – disse-lhe eu, muito admirado –, ou tu não vês que isso é impossível, já que me falta o melhor, que é o dinheiro?

– Mas por que queres dinheiro para isso? – perguntou Januário.

– Como assim, para quê? – disse-lhe. – Para moldes de papel, tintas, pastas, prensas, funcionários, e tudo o que é necessário para fazer cartas de baralho. E fora isso, mesmo que eu tivesse, não arriscaria fazê-los. Não vês que, se formos pegos, seremos enviados para a prisão por contrabando⁷²⁸?

João Dotado riu alto de minha simplicidade, e me disse:

– Tu és um pobre menino inocente que ainda tem leite nos lábios. Pamonha⁷²⁹! Para fazeres cartas como eu disse, não precisas de tantas coisas ou tanto dinheiro quanto pensas. Repare só nessa bolsa, aqui tenho todas as ferramentas dessa arte.

⁷²⁶ ***Transcrição da nota de rodapé 345, da edição de 2008 (p. 343): [Lê-se, em castelhano:] “*espejearse* – [Nossa tradução está no corpo do texto], deixar evidente, de forma intencional, o naipe do baralho, fazendo, em seguida, a troca rápida do naipe, para roubar a pontuação que assoma, resultando em ato falho da tentativa de fazer outro tanto ao apostador, ao levar a carta avistada” (Nossa tradução).

⁷²⁷ Nota do Autor: “Periquitinho bem poderia ter explicado aqui o mecanismo desses movimentos da trapaça, mas, sem dúvida, ele se calou, premeditadamente, com o desejo de evitar que os leitores caíssem nos perigos do jogo, e, assim, evitou ensinar os movimentos maliciosos. É bom saber da existência dos vícios, mas não saber fazê-los” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 344, nota *d*) (Nossa tradução).

⁷²⁸ ***Transcrição da nota de rodapé 346, da edição de 2008 (p. 344): “Periquitinho se vê imerso na possibilidade da falsificação de naipes, monopólio do governo da época” (Nossa tradução).

⁷²⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano *camote*, tubérculo, nossa batata-doce. De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 193), “na linguagem familiar, significa tolo, néscio, simples, palerma” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/192/mode/2up?q=camote>. Acesso em: 30 jul. 2023.

– E, ao dizer isso, (p. 344) mostrou-me umas formas pequenas de flandres, umas tesouras finas, um pouco de *cola de boca*⁷³⁰ e um pouco de tinta nanquim⁷³¹.

Fiquei surpreso ao ver tão poucas ferramentas e não conseguia acreditar que um baralho de cartas pudesse ser feito só com elas. Porém, meu mestre me tirou do atordoamento ao me dizer:

(p. 345) – Tolo, não é necessário ficar espantado. Fazer os baralhos do jeito que eu disse não consiste em colar o papel, abrir os moldes, imprimir-los e tudo o que os fabricantes de cartas fazem: isso é uma profissão à parte. Fazê-los à maneira dos jogadores significa marcá-las⁷³². Isto é feito apenas com aqueles poucos instrumentos que vistes. Com eles, tornamo-as mais largas, ou mais estreitas, ou sem cantos, as que chamamos de *orelhas*. Ou, então, elas são pintadas, ou raspamos (a isto se chama esvaziar), ou as engrossamos com cola⁷³³, ou fazemos nelas quantas habilidades se saiba fazer ou se queira, tudo com o objetivo honesto de deixar sem camisa quem estiver descuidado.

– Para dizer a verdade, irmão – disse-lhe eu –, todos os teus arbítrios⁷³⁴ são muito bons, mas são ladrocínios⁷³⁵ e ainda bem escancarados, e acredito que não há confessor que possa absolvê-los.

⁷³⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cola de boca* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 344). De acordo com o *DRAE* (2022), é a “massa composta de cauda de peixe e pedaço de retalho, açúcarado e aromatizado, empregado em forma de comprimido para colar papel, ao umedecê-la com saliva” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/retal?m=form>. Acesso em: 06 jul. 2022.

⁷³¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *un panecito de tinta de China* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 344). Essa frase lembra que, antigamente, essa tinta vinha em pequenas barras de nanquim sólido que precisavam ser moídas com o movimento manual e misturadas com água. Para mais informações sobre a história do nanquim, visitar: <https://nanquim.com.br/sobre-a-tinta-nanquim/>. Acesso em: 06 jul. 2022.

⁷³² ***Nota da tradutora: Lê-se, em castelhano, *floreadas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 345). De acordo com o *DRAE* (2023), significa “alterar os naipes para trapacear no jogo” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/florear?m=form>. Acesso em: 30 jul. 2023.

⁷³³ ***Transcrição da nota de rodapé 350, da edição de 2008 (p. 345): [Lê-se, em castelhano:] “*pegue* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – parece fazer alusão à camada incolor que se coloca no naipe para torná-lo mais grosso” (Nossa tradução).

⁷³⁴ Nota da Tradutora: Arbítrio, na sexta acepção do *Aulete Digital*: “Ideia ou medida adequada para algo; alvitre; expediente”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/arb%C3%ADtrio>. Acesso em: 06 jul. 2022.

⁷³⁵ ***Transcrição da nota de rodapé 351, da edição de 2008 (p. 345): [Lê-se, em castelhano: *ladronicios*] “A quarta edição faz a correção: latrocínios, porém, a forma *ladronícios* é semipopular com metátese provocada pelo influxo de ladrão. Ver COROMINAS; PASCUAL. *Diccionario crítico etimológico*. Madrid: Gredos, 1980” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: O roubo declarado, o latrocínio, na língua portuguesa, ou é à mão armada, mesmo que a arma seja apenas para intimidação, ou é roubo seguido de homicídio ou com graves lesões corporais, como consta no *Aulete Digital*. Mais informações em: <https://www.aulete.com.br/latrocinio>. Acesso em: 21 jul. 2022.

(p. 345) – Ora, ora, ora! – disse-me Januário, abanando a cabeça. – Mas que frescuras são essas? Então, agora que tu és todo um cordeiro desgarrado, sem casa, sem roupas, sem o que comer e sem nada onde se apoiar, tu não achas que estás sendo muito escrupuloso? Seu grande néscio! Se tu és tão virtuoso, por que deixaste o convento? Não seria melhor para ti estar lá comendo de graça⁷³⁶ e em segurança, para não estar agora aqui e ali, morrendo de fome?

“Faça-me o favor! Eu já senti que gastei em vão minha saliva contigo. Eu tentei te iluminar. Pensei em teu bem e não em tua morte. Seu besta! Se todos pensassem como tu, se todos pensassem que o dinheiro que perderam, o dinheiro que ganharam, que precisam recuperá-lo, e que se não o fazem, o diabo vai levá-los, tu achas que haveria no México tantos desocupados que permanecem no jogo como o fazem? Tu achas que eles jogam apenas à verdade e ao desafio, e assim conseguem se manter? Não, Quitinho, eles jogam com tudo premeditado⁷³⁷, e sempre com sua pitada de diligência. Caso contrário, como poderiam se manter? Eles ganhariam um dia no mês e perderiam nos outros vinte e nove dias, pois, como já ouviste dizer, o jogo tira mais do que dá. E isso é muito verdadeiro quando, nele, tu queres (p. 346) ser muito escrupuloso, porque quem joga limpo vai para casa limpo. Mas é por isso mesmo que esses mocinhos, meus camaradas e companheiros, antes de entrarem no meio da trapaçaria, a primeira coisa que fazem é esconder a consciência por baixo dos panos, fazer-se de desentendidos⁷³⁸ e tornar-se ordinários. Bem, eu nunca conheci alguém sem alguma devoção. Alguns rezam às almas, outros à Santíssima Virgem, outros a

⁷³⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *comiendo de coca* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 345). De acordo com López y López (1931, p. 463), a expressão coloquial significa: “de graça, sem pagar” (Nossa tradução).

⁷³⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *estos juegan con la larga* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 345). De acordo com López y López (1931, p. 468), a expressão coloquial “*jugar con la larga*” significa “jogar com experiência adquirida, arditosamente” (Nossa tradução). De acordo com a nota do editor de 1842, na nota o, essa frase é uma “alusão ao jogo do bilhar no lugar da sinuca que não era jogado amplamente na época” (Nossa tradução). De acordo com Frye (2004, p. 154, nota 11), “a banda larga ou trilho principal, em português, faz referência ao cálculo que o jogador de bilhar projeta como estratégia durante o jogo” (Nossa tradução). Para mais informações, visitar <https://www.iifilologicas.unam.mx/lizardi/index.php/novelas/74-el-periquillo-sarniento-t-ii/275-capitulo-iv.html>, <https://maestrodellbillar.com/2020/05/mastering-sistema-clasico/> e <https://scheidsrechters.eu/pt/bilhar/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

⁷³⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *esconder la conciencia debajo de la almohada, echarse con las petacas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 346). De acordo com López y López (1931, p. 466), a expressão significa: “silenciar a consciência e se dedicar sem medos” (Nossa tradução).

São Cristóvão, (p. 346) outros à Santa Gertrudes, e, finalmente, esperamos no Senhor, que nos dará uma boa morte⁷³⁹.

“Portanto, não sejas tolo, Quitinho, escolhe tua devoção particular, e continue, cara! Continue e não tenhas medo. Será pior se tu resolveres esconder e aguentar tua necessidade⁷⁴⁰, porque, se tu mesmo não te ajudas, com certeza, haverá alguém que te ajudará, oferecendo-te uma corda para que te enforques. Tu viste o que acabou de acontecer com teus tios. Então, se tu não consegues nem mesmo obter um pedaço de pão dos teus, que esperança resta para ti de agora em diante? No momento, estou na Cidade do México, sou teu amigo e posso ensinar-te e treinar-te. Mas, se deixas passar esta ocasião, amanhã irei embora e tu ficarás e pedirás esmola, porque nem todos os habilidosos gostam de ensinar suas habilidades, com medo de não criar corvos que, talvez, amanhã, ou outro dia, arrancarão os olhos de quem lhes deu de comer. De qualquer forma, Quitinho, já te disse o suficiente. Tu sabes o que vais fazer, mas eu o faço por pura caridade⁷⁴¹.

Como, por um lado, eu estava em apuros e, por outro lado, eu não era útil para nada, e, também, em contrapartida, os planos de Januário eram muito agradáveis, já que me facilitavam a ter dinheiro sem ter que trabalhar, coisa à qual eu sempre aspirei, não foi difícil, para mim, tomar uma decisão. E, assim, agradei a meu mestre e o reconheci, desde aquele instante, como meu protetor. Prometi-lhe não me afastar nem um pouco (p. 347) da observância de seus preceitos, arrependido de meus escrúpulos e advertências, como se um homem devesse, alguma vez, arrepender-se de não seguir a parte da iniquidade. Mas, a verdade é que, muitas vezes, assim o fazemos.

Durante esta conversa, Januário notou que eu tinha lábios brancos, e disse-me:

– Tu, parece-me, não almoçaste.

⁷³⁹ Nota do Autor: “Esperança péssima. Não se deve esperar em Deus para ofendê-lo, nem são válidas as devoções dos Santos. Antes, é uma injúria invocá-los, acreditando que eles intercederão a Deus pelos que os ofendem na sua confiança” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 346, nota e) (Nossa tradução).

⁷⁴⁰ Nota do Autor: “Não é pior estar pobre que ser ladrão: mas, na prática, vê-se que muitos, para não serem pobres, são ladrões e perversos” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 346, nota f) (Nossa Tradução).
 ***Transcrição da nota de rodapé 352, da edição de 2008 (p. 346): [Lê-se, em castelhano:] “*pegar uno la boca a la pared*” [Nossa tradução: a pessoa colar a boca à parede]. [De acordo com o *Diccionario de autoridades*, 1969] [a expressão coloquial significa:] equivale a calar a necessidade que padece, por grave que esta seja” (Nossa tradução).

⁷⁴¹ Nota do Autor: “Boa caridade! É assim que são muitas das boas caridades no mundo” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 346, nota g) (Nossa tradução).

(p. 347) – Tampouco tomei café da manhã – respondi-lhe. – E, certamente, já deram as duas e meia da tarde.

– Não é nem uma hora – disse-me Januário –, mas o relógio dos estômagos famintos está sempre correndo à frente, assim como o relógio dos estômagos satisfeitos está sempre correndo atrás. Fica tranquilo por enquanto, vamos comer.

– Santa palavra! – disse-me a mim mesmo, e partimos.

Naquele dia, pela primeira vez, vivi todo o terrível poder da fome, e, talvez, seja por isso que, assim que pus os pés na soleira da pousada e senti o cheiro do guisado em minhas narinas, meu coração ficou tão contente que pensei que estava, pelo menos, entrando no Paraíso terrenal.

Sentamo-nos à mesa e Januário pediu, com muita elegância, duas refeições de quatro reais e um *cuartillo* de vinho⁷⁴². Admirei a generosidade de meu amigo e, temeroso de que ele pudesse vir com algum novo esquema depois de comer, perguntei se ele tinha o suficiente para pagar, porque o que ele tinha pedido equivalia pelo menos a um par de pesos⁷⁴³. Ele sorriu e disse que sim, e acrescentou que eu podia comer sem cuidado. Mostrou-me cerca de seis pesos em moedas grandes e pequenas.

Enquanto isso, foram trazendo um par de pãezinhos, os talheres, duas tigelas de caldo, duas sopas, uma de macarrão e outra de arroz, o *puchero*⁷⁴⁴, dois guisados⁷⁴⁵, vinho, doces e água. A comida, certamente, era simples para um homem

⁷⁴² **Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *un cuartillo de vino* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 347). De acordo com Argumosa (2019), utiliza-se a denominação “*cuartillo*” em referência aos padrões utilizados para armazenar o vinho. Assim, um tonel, barril de vinho continha 900 litros, a pipa de 450, a barrica de 225. Uma barrica contém 14 cântaros, um cântaro, 4 quartas, uma quarta, dois azumbres e a quarta parte de um azumbre é um *cuartillo* [Nossa tradução: quartilho]: 0,50 L. De acordo com o DRAE (2022), “o azumbre é a medida de capacidade para líquidos equivalente a dois litros” (Nossa tradução). Para mais informações, visitar: <https://www.gaudaru.com/2019/09/08/cuartillo-y-medio-o-el-porque-de-las-botellas-de-750cc/> e <https://dle.rae.es/azumbre>. Acesso em: 12 jul. 2022.

⁷⁴³ **Nota da Tradutora: O valor do peso equivalia a oito reais. Ver as notas 223, 263 e 538 de nossa tradução.

⁷⁴⁴ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *puchero* [Nossa tradução: cozido]. De acordo com a página do Sistema de informação cultural de México (2008): nosso popular e cotidiano *puchero* não é mais do que um caldo de carne com legumes (batata, cenoura, feijão verde, abóbora, chuchu, às vezes repolho e qualquer outra coisa); tem uma clara origem espanhola. (Nossa tradução). Disponível em: https://sic.cultura.gob.mx/ficha.php?table=gastronomia&table_id=110. Acesso em: 12 jul. 2022.

⁷⁴⁵ *Nota da Tradutora: De acordo com o DRAE (2022), *guisado* provém de *guisar*. De acordo com a segunda acepção, trata-se de “preparar os alimentos ao submetê-los à ação do fogo, com molho, depois de refogados” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/guisar#JrqC4Gt>. Acesso em: 12 jul. 2022.

rico, mas, (p. 347) para mim, pareceu uma comida digna de um rei ou, pelo menos, de um embaixador, pois a fome é o melhor tempero, mesmo ele sendo ruim; imaginai quando o pão é bom por si só, deve parecer inigualável, pela mesma regra. Por esse motivo, eu não comia, mas engolia, e tão rápido, que Januário me disse:

– Calma, homem, calma! Ninguém vai tirar a comida que temos a nossa frente.

Enquanto comemos, ambos bebemos o vinho, o que nos deixou muito animados, mas ele acabou e, para ajudar a comida a descer, pegamos um pouco de tabaco e continuamos a falar sobre nosso assunto.

(p. 348) Eu, mais pela curiosidade do que pela amizade, perguntei a meu mentor onde ele morava. Ao que ele respondeu que não tinha casa, nem nunca precisou de uma, porque o mundo inteiro era sua casa.

– Bem, onde dormes? – perguntei-lhe.

– Onde a noite me surpreender – respondeu-me –, e estou sem enxoval nem roupas, não tenho nada além da roupa do corpo, de modo que tu e eu estamos nas mesmas condições.

Então, espantado, disse-lhe:

– Como então gastaste tão generosamente?

– Disso – respondeu-me ele – não te admires. É o que todos os cócoras e jogadores fazemos quando *estamos com grana*⁷⁴⁶, quer dizer, quando lucramos; como eu, que ontem à noite, com uma parada que fiz e *apostei*⁷⁴⁷ temerariamente, ganhei doze pesos, porque sou um *arrivista* quando é minha vez, isto é, aposto sem medo, como se nada perdesse, mesmo que me fosse arrancado tudo, e tenho a porta aberta para outra engenhada.

⁷⁴⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *estar de vuelta* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 348). De acordo com Davis (1961, p. 80), a expressão coloquial remete ao fato de ter dinheiro. (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/334548>. Acesso em: 06 jul. 2022.

⁷⁴⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *fleché* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 348). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 526): “Salvá considera esse verbo, como acepção mexicana, de ‘apostar sem medo no jogo’, e acrescenta: ‘Eu não a ouvi antes, mas aparentemente é comprovado pela passagem no Periquitinho que comentamos’” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/526/mode/2up?q=flechar>. Acesso em: 30 jul. 2023.

(p. 348) – Talvez seja por isso – disse-lhe eu – que já ouvi os *monteiros*⁷⁴⁸ dizerem que têm mais medo de um real dado ou arrastado pelas mãos dos cócoras do que, como tu, de cem pesos de um jogador.

– É por isso – disse João Dotado – que nós, como *apenas apostamos, sempre que temos sinal verde*⁷⁴⁹, isto é, nada arriscamos, sentimo-nos numa boa quando, depois de acertar oito *albures*⁷⁵⁰ com quatro reais, dobrando a aposta⁷⁵¹; no nono jogo, se outros ganham de nós cento e vinte pesos, se ganharmos, fazemos duzentos e cinquenta e seis; e, se perdermos, não perdemos nada nosso e, neste caso, já sabemos o caminho para novas diligências.

“Não é assim para aqueles que visam investir no jogo seu dinheiro bem suado e trabalhado, pois eles sabem o quanto custa adquiri-lo. Por conseguinte, amam-no, jogam com *conduta* e estes são sempre covardes para apostar cem pesos, mesmo quando ganham. E, por isso, são chamados de *mofinos*⁷⁵².

“É por causa disso mesmo que nós, quando estamos com alguma grana, somos generosos, e gastamos e triunfamos livres de cuidados e de culpas (p. 349) porque isso não nos custa nada, nem o dinheiro que jogamos fora é o último que esperamos obter por esse caminho. Abre teus olhos! Não existem pessoas mais generosas do que os donos de minas, os funcionários que lidam abertamente com o dinheiro de seus patrões, os fidalgos, os apostadores trambiqueiros, como nós, e

⁷⁴⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *montero* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 348). Nessa língua, o sentido da palavra portuguesa de indivíduo que caça nos montes é a mesma. No entanto, utilizamos, nesta tradução, a palavra “monteiro”, tal qual Fernández de Lizardi o faz, para nos referirmos ao chamado banqueiro dos jogos de naipes monte. Para mais informações sobre a definição dada pelo *DRAE* e pelo *Aulete Digital*, visitar: <https://dle.rae.es/montero?m=form> e <https://www.aulete.com.br/monteiro>. Acesso em: 02 set. 2022.

⁷⁴⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *vamos en la verde* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 348). De acordo com López y López (1931, p. 468), a expressão coloquial significa: “não arriscar nada. Se perder, não se perde o que é próprio” (Nossa Tradução).

⁷⁵⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *albures*, a formação do jogo pela qual se faz a aposta. Ver nota 491, tomo I, de nossa tradução.

⁷⁵¹ ***Transcrição da nota 354, da edição de 2008 (p. 348): “*jugar a la dobla* – [Nossa tradução está no corpo do texto], jogar dobrando a aposta” (Nossa tradução).

⁷⁵² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Pijotero* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 348). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 849): “Miserável, mesquinho” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: de acordo com o *DRAE* (2022), trata-se de um adjetivo despectivo aplicado à pessoa e utilizado, também, como substantivo. Um *pijotero* seria “alguém que causa fastio ou incômodo, frequentemente porque põe obstáculos em tudo” (Nossa tradução). Do mesmo modo, a quarta acepção no *Aulete Digital* mostra ‘mofino’ com o sentido de chato, importuno.

Mais informações em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/848/mode/2up?q=pijotero>, <https://dle.rae.es/pijotero?m=form> e <https://www.aulete.com.br/mofino>. Acesso em: 30 jul. 2023.

todos⁷⁵³ aqueles (p. 349) que obtêm dinheiro sem trabalhar, ou que lidam com as posses dos outros, sendo difícil fazer-lhes cobrança exata sobre as contas administradas.

– Mas, cara – disse-lhe eu –, não duvido do que tu dizes, mas tu sequer já compraste um lençol ou um cobertor para dormir?

– Por nada nesse mundo⁷⁵⁴ cogito entrar nessas enrascadas, por enquanto – Januário respondeu-me. – Não sejas tolo. Se eu não tenho uma casa, para que quero um lençol? Onde devo colocá-lo? Vou ter de carregá-la nas costas? Tu ficas espantado por nada. Olha, jogadores como eu desempenhamos o papel de dissimulados. Às vezes, trajamo-nos decentemente, outras, estamos esfarrapados. Algumas vezes, fingimo-nos de casados, às vezes, somos viúvos. Umas vezes, comemos como marqueses, outras, como mendigos, ou até, talvez, não comemos nada. Por vezes, andamos pela rua, e outras, estamos na cadeia. Em suma, às vezes, divertimo-nos, e, às vezes, passamos um mau bocado. Mas já nos acostumamos com essa vida; tanto faz o que vai quanto o que vem. Nessa profissão, o que importa é deixar de lado a alma e a vergonha, e acredite em mim, meu amigo, acredite em mim que, ao fazer isso, a gente vive uma vidinha que só os anjos têm⁷⁵⁵.

Fiquei um pouco chateado⁷⁵⁶ com a confissão tão ingênua da vida arrastada que eu ia abraçar, e ainda mais considerando que o relato devia ser verdadeiro em todas as suas partes, pois Januário falou inspirado no teor do vinho, que raramente é um oráculo que leve a falar mentiras, mas, sim, quase sempre, entre mil qualidades ruins, tem a boa de não ser lisonjeador ou falso. Mas, embora Januário tenha insinuado a mudar de assunto, como o fiz, eu fingi ter desentendido para não desagradar a meu benfeitor e porque decidi ver, por mim mesmo, se esse tipo de vida

⁷⁵³ Nota do Autor: “Nem todos, mas todos aqueles que procedem mal” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 349, nota h) (Nossa tradução).

⁷⁵⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Ni por um pienso me meteré yo en eso por ahora* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 349). A expressão coloquial, de acordo com López y López (1931, p. 470), tem o sentido de: “por nada nesse mundo” (Nossa tradução).

⁷⁵⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: *así se raspa uno una vida de ángeles* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 349). De acordo com López y López (1931, p. 349), a expressão coloquial tem o sentido de: “viver com todas as comodidades” (Nossa tradução).

⁷⁵⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Algo me mosqueé yo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 349). De acordo com a quarta acepção do DRAE (2022), a expressão, maiormente coloquial, significa: “sentir receio ou ficar chateado” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/mosquear?m=form>. Acesso em: 20 jul. 2022.

era o indicado para mim. Por isso, só me contentei em perguntar, novamente, onde ele dormia. Ao que ele, sem se sentir incomodado, disse-me redondamente:

(p. 350) – Olha, às vezes, sou o convidado derradeiro⁷⁵⁷ nos bailes e passo o resto da noite em um sofá. Outras, fico em uma taberna, e lá bebo até cair⁷⁵⁸, e, às vezes, na maior parte do tempo, passo o resto das noites nos *arrastraderitos*⁷⁵⁹. Foi assim que consegui me manter nos poucos dias em que estive na Cidade do México, e é assim que espero ficar até conseguir juntar quinhentos ou mil pesos no jogo, e então terei que pensar de forma diferente.

– E o que são esses *arrastraderitos*? – perguntei-lhe. – E com o que você se cobre? – ao que ele me respondeu:

– Os *arrastraderitos* são aqueles pequenos bares de jogo⁷⁶⁰ ou bilhares indecentes e imprestáveis que tu podes ter visto em algumas daquelas construções de uma peça só, puxadinhos que têm porta para a rua, os quais chamaremos de *acessórios*⁷⁶¹. Aqueles lugares não são para apostar, porque são tão ruins que, simplesmente, não para é possível jogar, nem mesmo um real, mas são pretextos ou

⁷⁵⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Postema* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 350). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 885), o termo seria um “vulgarismo e barbarismo de pus” (Nossa tradução). O *DRAE* (2023) traz o sentido figurado, na segunda acepção: “pessoa chata e que incomoda” (Nossa tradução). De acordo com López y López (1931, p. 472), a expressão coloquial significa: “sair por último” (Nossa tradução). Para mais informações, visitar:

<https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/884/mode/2up?q=postema> e <https://dle.rae.es/postema?m=form>. Acesso em: 30 jul. 2023.

⁷⁵⁸ ***Nota da Tradução: Lê-se, em castelhano, *me hago de piedra* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 350). De acordo com López y López (1931, p. 467), a expressão coloquial significa: “cair ao chão devido à embriaguez” (Nossa tradução).

⁷⁵⁹ ***Transcrição da nota 15, da versão de Frye 2004 (p. 157): “*arrastraderito*: este termo, que é explicado pelo narrador nas seguintes linhas, foi uma gíria da Cidade do México de finais do século XVIII, e já era amplamente utilizada na época em que o *Periquitinho* foi escrito. Sem dúvida, Fernández de Lizardi desfrutou a forma como foi incorporada à gíria mexicana mais comum: *arrastrado*, *pelintrarias*” (Nossa tradução).

⁷⁶⁰ ***Transcrição da nota 357, da edição de 2008 (p. 350, retirado do *Diccionario de autoridades*): [Lê-se, em castelhano: “*Truquitos o billarcitos*”] – [Nossa tradução está no corpo do texto]: “*Truco o billar* é uma sorte de jogo de destreza e habilidade que é executado em uma mesa disposta para essa finalidade. Posteriormente, o nome teria passado a significar o lugar” (Nossa tradução).

⁷⁶¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *accesoria* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 350). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 18), “habitação baixa, de uma peça só e com a porta para a rua”. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/18/mode/2up?q=accesoria>. Acesso em: 30 jul. 2023.

alcoviterias para apostar neles seus *albures*, e colocar neles os montes de um *tlaco*⁷⁶² e uma *cuartilla*⁷⁶³.

(p. 350) “Nesses *sucutruchos*⁷⁶⁴ jogam os velhacos, os ladrões de talheres⁷⁶⁵ e outra gentilha sem ofício nem benefício⁷⁶⁶. Aqui, quase sempre, aposta-se com drogas. Quando, alguma vez, um inocente entra ali, pelam-no⁷⁶⁷ e até deixam-no sem as calças, se ele as tiver. Esses jogadores inexperientes, quer dizer, que não conhecem os truques da profissão, são chamados de *pombinhos*, e, como tais, eles serão ali depenados em um piscar de olhos. Em suma, em tais *arrastraderitos*, todos os fregueses, todos são pessoas perdidas, sem um pinga de educação, sem criação, sem religião, sabe Deus o que mais. Lá há roubo, bebida, jogo; lá se jura em nome do Altíssimo, amaldiçoa-se, renega-se, entre outras coisas, sem o (p. 351) mínimo respeito, pois nada os refreia, como, assim, acontece nos jogos mais decentes.

“Em uma delas, eu fico a maioria das noites, ao custo de um realzinho que eu dou ao garçom, e se eu tiver duas, ele me empresta uma manta ou um pequeno

⁷⁶² **Nota da Tradutora: O “*tlaco*”, de acordo com o *DRAE* (2022), era uma “moeda que tinha o valor de uma oitava de real colunário, ou moeda acunhada em prata na América no século XVIII, cujo lado oposto tinha a representação de dois mundos coroados timbrados entre duas colunas também coroadas, além de possuir à margem a inscrição *Plus ultra*” (Nossa tradução). Informação disponível em: <https://dle.rae.es/tlaco?m=form> e <https://dle.rae.es/columnario?m=form>. Ambas com acesso em: 20 jul. 2022.

⁷⁶³ **Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2022), na sexta acepção, a *cuartilla* era o nome de uma moeda mexicana de prata, com o valor de três centavos de peso e um oitavo. Ver as notas relacionadas 223 e 263, 538 e 557 de nossa tradução: é outro nome utilizado para a moeda *real*. (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/cuartilla?m=form>. Acesso em: 20 jul. 2022.

⁷⁶⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *socucho* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 350). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 979), “escaninho, valhacouto, toca, canto. Por extensão, casa pequena” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/978/mode/2up?q=socucho>. Acesso em: 30 jul. 2023.

⁷⁶⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cucharero* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 350). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 326), o termo provém do costume de roubar “talheres de prata [...], em especial as colheres por serem as peças de maior valor” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/326/mode/2up?q=cucharero>. Acesso em: 30 jul. 2023.

⁷⁶⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *gente de la última broza* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 350). O *DRAE* (2022) apresenta a frase: “*gente de toda broza*”, expressão coloquial que significa: “pessoas que vivem com liberdade, sem ter ofício nem emprego conhecido” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/?id=J63pTV1>. Acesso em: 16 jul. 2022.

⁷⁶⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *le mondan la picha* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 350). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 844), a “*picha*” é, no jargão das prisões, um cobertor com que se cobrem os que andam sem roupas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/844/mode/2up?q=picha>. Acesso em: 30 jul. 2023.

capote ou cobertor cheio (p. 351) de piolhos daqueles que são penhorados, e assim eu passo a noite. Portanto, já te respondi, e vê logo se tens mais alguma coisa que desejas saber, porque tu fazes mais perguntas do que um catecismo.

Se antes eu já estava alerta com a forma como ele me pintou a *vida cocorina*, depois que ele pôs as luzes sobre as sombras que faltavam esclarecer a respeito dos *arrastraderitos*, eu congelei. Mas, mesmo assim, não lhe mostrei nenhuma má vontade, e decidi ir com ele até ver onde a comédia, da qual eu logo seria ator, iria terminar.

Deixamos a pousada, e passamos a tarde batendo perna nas ruas. À noite, no horário certo, fomos ao jogo. Januário começou a apostar com seus poucos meios remanescentes, e esses lhe foram arrancados em um piscar de olhos, mas ele não recebeu nada. Com frequência, eu o via com dinheiro, quer fosse seu ou de outra pessoa, ele nunca deixava de ter moedas em mãos. Claro, também, reiteradamente, incitava disputas, reconvenções e reclamações; mas sabia como se safar e ficar com a bola na mão.

O jogo terminou por volta das onze horas da noite, e saímos para a rua. Eu estava pensando, naquele momento, que íamos pular a Santa Ceia⁷⁶⁸, mas percebi meu erro quando João Dotado bateu na porta de um *acessório*, e depois que ele deu não sei qual senha, eles abriram a porta para nós. Entramos e jantamos, não tão decentemente como já tínhamos comido, mas o suficiente para evitar ficar com fome.

Quando o jantar terminou, Januário pagou por ele e nós saímos para a rua. Então, eu lhe disse:

– Cara, estou admirado, pois vi que tu tinhas sido depenado logo que entramos no jogo, e, embora tu estivesses lidando com dinheiro, jurei que tinhas saído (p. 352) sem um tostão. Agora mesmo vejo que tu pagaste pelo jantar? Não há remédio, tu és um bruxo.

⁷⁶⁸ *** Transcrição da nota 362, da edição de 2008 (p. 351): “[Lê-se, em castelhano:] *Yo iba pensando que leíamos el Niceno* – [Nossa tradução está no corpo do texto]. O jogo de palavras faz alusão à falta da ceia ou da comida. Já foi utilizada por Calderón de la Barca na voz de Clarín em *A vida é sonho*.” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Frye (2004, p. 158, nota 16) esclarece que se trata de mais uma piada de Fernández de Lizardi: “E as piadas de Fernández de Lizardi vão de mal a pior: ‘deveríamos ler o Concílio Niceno’, onde, em castelhano, Niceno, ou nem ceio, significa: ‘eu nem sequer janto’” (Nossa tradução).

(p. 352) – Não há mais bruxaria do que o que eu te disse. A primeira coisa que faço é afundar e esconder seis ou oito reais para ter alguma coisa na amanhecida⁷⁶⁹, desde a primeira *engenhada* que tenho. Assegurado isso, as outras *engenhadas* eu as jogo com coragem para ver se vão dar certo. Se uma delas é bem-sucedida, então tudo bem. Se não for, o dia já está assegurado, e isso é o que importa.

No meio dessa conversa, chegamos a outro *acessório*, mais indecente do que o anterior no qual jantamos. Meu mentor bateu, disse-lhes a palavra-chave; eles, então, abriram-lhe a porta, e, pela luz de uma mecha que já expirava num canto do muro, percebi que este era o pequeno *arrastraderito* do qual eu já tinha ouvido falar.

Januário falou em voz baixa com o dono daquele lugar infernal, que era um mulato envolto em um capote azul e já estava despido para ir dormir; e ele tirou dois cobertores muito sujos e rasgados e os deu para nós, dizendo-nos:

– Apenas porque tu és meu amigo que me levantei para te abrir a porta, pois estou com uma dor de cabeça tal que parece que o mundo está saindo de mim. – E isso, seguramente, era verdade, pelo estado de embriaguez em que ele estava.

Não fomos os únicos naquela noite que o malandro bêbado hospedou. Quatro ou cinco outros perdedores, todos eles despidos e, em minha opinião, meio bêbados, estavam deitados como porcos no banco, na mesa e no chão da pequena sala de bilhar.

Como a habitação era pequena, e os companheiros eram pessoas que jantam sujo e frio e que costumam beber pulque e chinguirito⁷⁷⁰, roncavam como demônios, além de expelir ecos fétidos. Não tendo para onde saírem, esses gases terminavam por parar em minhas pobres narinas. Em um instante, eu estava com uma dor de cabeça que não conseguia mais suportar, de modo que meu estômago, incapaz de sofrer tal incenso, jogou fora tudo o que eu tinha jantado algumas horas atrás.

Januário notou minha indisposição e, percebendo a causa dela, disse-me:

– Meu amigo, tu estás doente. Tu és muito delicado para ser pobre.

– Não está em meu poder isso – respondi-lhe.

⁷⁶⁹ *** Transcrição da nota 364, da edição de 2008 (p. 352, retirado da quarta edição, [1842]): “Para ter com o que amanhecer” (Nossa tradução).

⁷⁷⁰ *** Transcrição da nota 366, da edição de 2008 (p. 352, retirado da quarta edição, [1842]): “[Lê-se, em castelhano:] *Chinguirito, aguardente de cana*” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Frye (2004, p. 158), na nota de rodapé número 17, informa que se trata de uma bebida barata, de rum elaborado ilegalmente. O *DRAE* (2022) acrescenta: “de qualidade inferior” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/chinguirito>. Acesso em: 21 jul. 2022.

(p. 352) E ele me disse:

(p. 353) – Estou vendo. Mas não te forces, tudo é questão de tempo. Isso sempre acontece ao início, como te disse esta manhã; mas vamos nos deitar e verás que ficarás melhor.

Ao barulhão da evacuação de meu estômago, um desses vagabundos acordou e, assim que nos viu, começou xingar.

– Que bando de me...! – ele disse. – Por que não vais vomitar naquela que vos pariu, já que estais bêbados, e não vindes perturbar nosso sono a esta hora?

Januário fez-me o sinal para que fechasse a boca, e ambos nos deitamos sobre a pequena mesa de bilhar, cujas tábuas duras, a dor de cabeça que eu tinha, o medo incutido em mim por aqueles homens pelados, que eu, piedosamente, julgava serem ladrões, os inúmeros piolhos no cobertor, os ratos que passeavam em cima de mim, o galo que, de quando em quando, batia as asas, o ronco dos que já dormiam, os espirros traseiros disparados e o fedorento incenso que resultava deles, fizeram-me passar uma noite de cão.

página 354 **Capítulo IV**

Periquitinho continua a relatar seus trabalhos e suas bonanças de jogador. Ele faz uma crítica séria ao jogo e, na sequência, relata uma aventura perigosa, da qual quase não sobreviveu

Fiquei acordado a noite toda. Conte as horas e as vezes em que o galo cantou, sem conseguir dormir sequer alguns minutos. Desejei que a aurora viesse para que eu pudesse sair daquele calabouço. Até que enfim, amanheceu, como Deus quis, e aqueles patifes pelados se levantaram.

Suas primeiras palavras foram velhacarias, e a primeira coisa que procuraram foi o costume de *fazer a manhã*⁷⁷¹. Quando os ouvi, pensei que eram uns loucos, e eu disse a Januário:

– Esses homens não têm um pinga de juízo, porque todos eles querem *fazer a manhã*, ou seja, tomar um bom trago de cachaça em jejum. Que doideira mais engraçada! Eles, por acaso, acham que a *manhã* não existe ainda? Ou será que se consideram capazes de uma coisa que é exclusiva de Deus?

Januário riu, folgazão, e me disse:

– Dá para ver que até hoje tu foste um safado a meias, um velhaco decente e um zangão vergonhoso. De fato, tu ainda ignoras muitos dos termos mais comuns e trilhados da dialética dos velhacos⁷⁷²; mas, felizmente, tu me tens a teu lado. Não perderei nenhuma ocasião que eu julgue apropriada para instruí-lo em tudo o que possa levá-lo a fazer de ti um destro veterano, seja entre (p. 355) os malandros decentes ou entre os *chiches peladas*⁷⁷³, como estes. Por enquanto, sabe que “fazer

⁷⁷¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *hacer la mañana* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 354). De acordo com López y López (1931), a expressão coloquial significa tomar o café da manhã ingerindo apenas aguardente. Isto é, beber aguardente em lugar de ingerir os alimentos próprios dessa refeição.

⁷⁷² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dialéticas leperunas* – [Nossa tradução está no corpo do texto]. Ruiz Barrionuevo define “*Leperuno*, próprio dos *léperos*” (Nossa tradução); ela deduz a definição de *lépero* registrada pelo *Diccionario de mejicanismos* (1974) que pode ser revisitada na nota 495 de nossa tradução. Assim ela escreve: “[*leperuno*] diz-se do indivíduo plebeu, especialmente vilão, grosseiro, mal-educado, canalha. Trata-se de um termo insultante” (Nossa tradução).

⁷⁷³ ***Transcrição da nota 368, da edição de 2008 (p. 355, retirado da quarta edição, [1842]): “[Lê-se em castelhano:] ‘*Los de la chiche pelada*’ – [Nossa tradução: os de teta à mostra] –, eles jogam o cobertor ou lençol no ombro esquerdo e, [à moda dos gregos], deixam à vista o mamilo direito, no caso de estarem utilizando uma camisa ou outra prenda. *Chichi*, em castelhano mexicano, quer dizer “teta” ou “peito”; a frase é aplicada a quem tem o peito de fora ou aos que andam sem camisa para não a usar” (Nossa tradução).

a *manhã*” entre essas pessoas significa tomar o café da manhã apenas com aguardente, pois (p. 355) eles renegam chocolate ou café, e preferem gastar um ou dois reais naquelas primeiras horas do dia para beber uma pinga, *chinguirito*⁷⁷⁴ ruim, do que em uma tigela do chocolate mais delicioso.

Eu mal tinha superado essa dúvida quando um desses vigaristas – que fiquei sabendo, era sapateiro – disse para outro de seus companheiros:

– Zé⁷⁷⁵, *fazemos a manhã* e depois vamos trabalhar, porque, no sábado, combinamos com o mestre que íamos hoje, e ele deve estar nos aguardando.

Ao que o Zé lhe respondeu:

– Pode ir sozinho até o mestre, porque não tenho nenhum bocadinho de vontade de trabalhar hoje por duas razões: uma, porque é Santa Segunda, e a outra, porque fiquei bêbado ontem e preciso curar a ressaca hoje.

Eu fiquei na expectativa ouvindo essas coisas, que eram enigmas para mim, quando meu mestre me disse:

– Sabes que, entre a maioria dos oficiais mecânicos, existe uma prática abusiva muito antiga e quase incorrigível de não trabalhar às segundas-feiras, por conta do estrago que deixa a bebedeira do domingo. É por isso que eles a chamam de Santa Segunda, não porque as segundas-feiras sejam dias de guardar, como tu bem sabes, mas porque os oficiais desidiosos se abstêm de trabalhar nelas para curar sua embriaguez, como diz este aqui.

– E como essa embriaguez é curada? – perguntei-lhe.

– Com outra nova – respondeu-me Januário.

– Bem, então – disse-lhe eu –, já que o excesso de licor deve ter o mesmo efeito no domingo e na segunda-feira, logo, é necessário curar uma bebedeira do domingo com outra da segunda-feira, a da segunda precisará da ressaca da terça-feira, a da terça precisará da ressaca da quarta-feira, e, assim, chegamos à conclusão de que o porre continuará (p. 356) um após o outro sem que, realmente, cure-se o primeiro sequer com um remédio tão absurdo. Para dizer a verdade, isso me parece uma loucura pior nessas pessoas do que o costume de “*fazer a manhã*”, pois pensar

⁷⁷⁴ Nota da Tradutora: Espécie de aguardente de cana.

⁷⁷⁵ *Transcrição da nota 369, da edição de 2008 (p. 355, retirado da quarta edição, [1842]): [Lê-se, em castelhano:] “*Chepe*, o mesmo que *Pepe* ou *José*” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: *Pepe* e *Chepe* são apelidos derivados de *José*.

que um pileque é curado por outro é como acreditar que uma queimada é curada (p. 356) por outra queimada, uma ferida por outra, e assim por diante, o que, certamente, é um delírio.

– Dizes muito bem – respondeu-me Januário –, mas essas pessoas não compreendem argumentos. Eles são muito perversos e preguiçosos; trabalham para evitar passar fome e, talvez, para ter algo que sustente seu vício dominante, que é, quase geralmente, a embriaguez. Assim, quando têm de beber, não comem, ou comem qualquer porcaria. É essa a razão pela qual, por muito bons artesãos que sejam, e por muito duro que trabalhem, nunca obtêm qualquer lucro; nada brilha para eles, pois dissipam tudo. É por isso que podes vê-los nus, como esses dois. Eles até podem ser, inclusive, os melhores funcionários que o mestre possa ter em sua oficina.

– É uma pena! – exclamei. – E se forem casados, que tipo de vida será que oferecem a suas pobres esposas, e que mau exemplo não serão para seus filhos?

– Imagina! – disse-me Januário. – Eles mantêm suas mulheres praticamente sem roupas, famintas, além de espancá-las, e seus filhos vivem pelados, sem comer, e são mal-educados.

Enquanto isso, deixamos aquela pocilga e fomos beber um café. Passamos o resto do dia em visitas e a perambular pelas ruas até as doze horas. Andei por aí a bisbilhotar⁷⁷⁶ e a me coçar, tal foi a multidão de piolhos que acabei pegando do maldito cobertor. E o pior foi que tive de sofrer algumas zombarias pesadas de meus amigos, porque os bichinhos que estavam em cima de mim eram tão gordos e tão brancos que era possível vê-los a uma milha de distância. Toda vez que algum deles era obviamente visível, alguém dizia:

– Ah, não! Com meu amigo Quitinho, não, pois eu estou aqui!

Outros disseram:

– Cara, tens isso por namorar com mulheres baratas.

Outros já diziam:

⁷⁷⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me anduve yo cuzqueando*, – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 356). De acordo com o *Vocabulario de mexicanismos, comprobado con ejemplos y comparado con los de otros países hispano-americanos* (1899, p. 138), de Joaquín García Icazbalceta, a expressão coloquial *cuzquear* leva dois sentidos. “[O primeiro está relacionado com a] mulher oferecida que vaga pelas ruas fazendo provocações aos transeuntes. [O segundo sentido tem a ver com] andar bisbilhotando com curiosidade excessiva” (Nossa tradução). Disponível em: https://archive.org/stream/vocabulariodeme00icazgoog/vocabulariodeme00icazgoog_djvu.txt. Acesso em: 03 ago. 2022.

(p. 356) – Homem, tu, com certeza, deves ser forte para conseguir carregar um animal tão grande! – Assim, todos estavam bem à vontade para chacotear de mim, sem (p. 357) deixar de fora meu companheiro, claro, porque também ele estava infestado desses bichinhos.

Finalmente, deram as doze, e Januário disse-me:

– Vamos ao jogo, pois não tenho um tostão para comer algo. E tu, não sejas tolo, aplica-te. Aposto quando puderes e diz que é teu, porque eu jurarei por todos os santos que te vi colocar teu dinheiro no monte. No entanto, já estás avisado de apostar pouca monta, não mais de dois ou três reais, porque, se fizeres uma estupidez, tudo estará perdido⁷⁷⁷.

De fato, entramos no jogo, ocupamos bons lugares, aqueceram as coisas, como dizem, e eu ficava de olho numa aposta, noutra e noutra, e não conseguia decidir-me a pegar nenhuma delas por puro medo. Eu queria estender minha mão, mas pareceu-me que me impediam e me diziam em segredo:

– *O que fazes? Deixa isso aí! Não é teu....* A consciência, certamente, avisa-nos e nos reprova em segredo, todavia, de forma eficaz, quando tentamos fazer o mal. O que acontece é que não queremos ouvir seus gritos.

Januário só me fitava, mas eu sabia, por seu iracundo olhar, que ele queria matar-me. Se ele tivesse veneno nos olhos, como dizem as mentiras sobre o basilisco⁷⁷⁸, eu não teria conseguido levantar-me vivo daquela mesa. Tal era seu olhar feroz para mim. Existem pessoas muito empenhadas em fazer com que os outros se tornem tão maus quanto eles próprios o são. E este homem, meu perverso amigo, era um deles.

Finalmente, eu, com mais medo de sua raiva do que de Deus, para comprazer seu gosto, em detrimento do meu, que é o que acontece usualmente no mundo, resolvi pegar uma peseta⁷⁷⁹ no momento em que estavam sendo repartidos os ganhos. Quando o pobre dono do dinheiro estava prestes a estender a mão para obter seus

⁷⁷⁷ ***Transcrição da nota 372, da edição de 2008 (p. 357, retirado do *Diccionario de autoridades*, [1969]): [Lê-se em castelhano:] “*Codillo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] –: no jogo do homem é conhecido por esse termo o ato de perder uma aposta devido a que os outros jogadores fizeram mais pontos.” (Nossa tradução).

⁷⁷⁸ Nota da Tradutora: O basilisco é uma criatura fantástica. Diz-se que seu olhar matava quem o fitava. Para mais informações, visitar: <https://www.infoescola.com/mitologia/basilisco/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

⁷⁷⁹ Nota da Tradutora: Uma peseta equivale a dois reais. Ver nota 557 de nossa tradução.

quatro reais, (p. 357) eu já os tinha em minha mão. Aí começou aquilo de “*Esse dinheiro é meu*”. “*Não é não, pois é meu*”. “*Eu digo a verdade*”. “*E eu também o digo*”. E também teve muito de “*Está bem, então?*”; “*Já veremos*”; “*Quando e onde quiserem*”, e toda a bravata habitual em tais situações, até que o Januário, com um tom de homem correto, disse ao (p. 358) perdedor:

– Amigo, fique tranquilo! Eu o vi colocar sua peseta no monte, mas aquela que esse cavalheiro pegou, sem dúvidas, é dele, pois fui eu que acabei de lhe emprestá-la. Com essa intervenção, a discussão acalmou-se, e, enquanto isso, o infeliz ficou sem seu dinheirinho, e eu é que acabei com ele em meu bolso.

Senti que as moedas derretiam em minha mão antes mesmo de eu casá-las sob algum *albur*, não porque me faltasse a coragem de apostar quatro reais, pois sabeis vós que eu, embora sem habilidade, sabia jogar, e já tinha jogado muito enquanto minha mãe estava comigo ainda, mas porque tinha medo de perder e de ficar sem comida. Tal era o medo que a fome me tinha incutido no dia anterior!

Januário, lendo meus pensamentos, acenou-me para tocá-los sem moderação, pois ele já se tinha certificado de guardar o suficiente para nosso rango⁷⁸⁰. Com esta informação, coloquei as moedas sob cinco *albures*, para apostar no dobro ou nada, e, quando me vi com dezesseis pesos, achei-me dono de morgado, tal qual se sente aquele que não vê um real há muitos dias.

Meu comparsa fez-me sinal para apostar novamente, como eu fiz, pensando que íamos comer, mas Januário não pensou nada disso, pois ficou ali, como um poste, até o final do grande jogo. A essas alturas, pediu-me o dinheiro, tirou quatro pesos e um de seus baralhos de cartas, e começou a embaralhá-las, dizendo:

– Abertas estão as apostas para o montinho do arremate!⁷⁸¹

Os apostadores fortes, assim que viram as quantidades pequenas, foram-se embora. No entanto, os valdevinos juntaram-se, que é o que se chama de *entrar no fim da linha*.

⁷⁸⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *mamuncia* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 358). De acordo com o *Diccionario de americanismos* (2010), trata-se de uma “expressão popular, em desuso, com o significado de alimento, comida” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.asale.org/damer/mamuncia>. Acesso em: 09 ago. 2022.

⁷⁸¹ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 157): [Lê-se, no corpo do texto: “*burlotito*”]. “*Burlote*, entre os jogadores, é o montante ou a partida menor que algum deles coloca, quando acaba, por qualquer motivo, a partida anterior” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/156/mode/2up?view=theater&q=burlotito>. Acesso em: 01 ago. 2023.

(p. 358) Pouco a pouco, o montinho foi ficando cada vez maior e mais atrativo. Desse modo, às duas horas da tarde, a canalha tinha conseguido juntar quase setenta pesos.

Naquele momento, entraram dois camponeses, muito decentes, bem recheados de pesos. Ficaram dentro das apostas mais gordas, de vinte e vinte e cinco pesos, e começaram a perder, (p. 359) não importava o que eles fizessem. Toda vez que os via colocar a fileira de pesos, meu sangue descia até os calcanhares, pois acreditava que, se eles acertassem dois *albures*, todo nosso trabalho estaria perdido, e sairíamos sem um vintém, com devaneios de que tínhamos tudo, o que, para mim, era intolerável, segundo o axioma dos jogadores, *que se sente mais o que se cria do que aquilo que se pare*.

Mas esses homens, segundo compreendi então, estavam muito errados, porque ganharam o *albur* em que puseram dez ou doze pesos, mas perderam aquele em que apostaram, entre os dois, quarenta ou cinquenta, mesmo tendo jogado com mil precauções.

Dessa forma, seu dinheiro foi-lhes arrancado, quase que imediatamente. Quando um deles perdeu a última carta em que estava interessado, um cavalo contra um ás⁷⁸², inesperadamente, chegou-lhe um ás. Então, pegou os quatro cavalos e comeu-os como quem come casquinha de sorvete, enquanto rasgava as outras cartas. Tendo feito essa importante diligência, saiu com seu companheiro, ambos furibundos e suando profusamente. Tais eram os *vapores* de sua indignação!

Januário, com chacota dissimulada, contou trezentos e poucos pesos, deu uma gratificação ao dono da casa, e o restante, amarrou em seu lenço.

Os outros jogadores já queriam comê-lo. Pediram-lhe molhadela⁷⁸³, mas ele não deu a ninguém, dizendo-lhes:

⁷⁸² *Nota da Tradutora: Precisamos levar em conta que nosso Periquitinho joga com cartas espanholas, evidentemente, pela influência da metrópole no século XIX. Além de possuir diferente número de naipes, entre 40 e 50, as três últimas cartas, reconhecidas pelas figuras Sota (ou valete), Cavalo e Rei, no baralho inglês, mais conhecido e utilizado entre nós, equivalem às figuras da carta J, Q e K, respectivamente. Para mais informações, visitar: https://verne.elpais.com/verne/2020/01/30/articulo/1580391494_442459.html e <https://www.infoplay.info/es/2022-03-31/-160fournier-explica-las-diferencias-entre-la-baraja-espanola-y-la-baraja-francesa/19448/noticia/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

⁷⁸³ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 117): “*Barato* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 359) é a dádiva ou gorjeta que quem teve um ganho significativo deve dar para os concorrentes amigos” (Nossa tradução).

(p. 359) – Quando é arrancado de mim, ninguém me dá nada, e, assim, quando eu ganho, tampouco eu vou dar uma moeda a qualquer um.

Essa dura reação não me pareceu certa, porque, embora eu fosse tão mau, meu coração era sensível.

Sáímos para a rua e fomos para a estalagem mais próxima, onde comemos uma refeição em grande estilo. Terminada a comida, meu protetor disse-me:

– O que achas, Sr. Quitinho? Gostas de corrida de cavalos? Se tu não tivesses decidido pegar aquela aposta, contarias agora com cento e poucos pesos teus? Ora! Pega tua grana e a gastes no que quiseses, pois é tua, e (p. 360) podes dispor dela como quiseses, com a bênção de Deus⁷⁸⁴, embora eu ache que seria melhor se reservássemos cinquenta pesos para nossas apostas.

“Vamos agora mesmo ao Parián⁷⁸⁵ para comprarmos roupas decentes, com a ajuda das quais nos divertiremos melhor, receberemos melhor tratamento por onde formos e as ocasiões de novos rendimentos serão mais fáceis, porque asseguro-te, irmão, que, embora se diga que o hábito não faz o monge, não sei o que no mundo se entende por andar decentemente que, nas ruas, nos passeios, nas visitas, nos jogos, nos bailes, e mesmo nos próprios templos, permite-se que se desfrute de certas atenções e respeitos. Portanto, é melhor ser um velhaco bem vestido do que um bom homem em trapos⁷⁸⁶, e, por isso, vamos.

Ele não falou isso para um surdo; então, levantei-me imediatamente e peguei meu dinheiro, que era menos do que a parte embolsada por ele, mas fingi não o perceber, convencido de que, em assuntos de interesse, o melhor amigo quer tirar seu pequeno proveito.

Fomos ao Parián e compramos camisas, calças, coletes, casacas, sobrecasacas, capas, chapéus, lenços, botas, e até alguns estojos de relógios de bolso, ou conchas de relógios, mas nas quais parecia haver algo. Uma vez munidos de tudo isso, fomos ocupar um quarto numa estalagem, enquanto buscávamos

⁷⁸⁴ Nota do Autor: “Só faltava isso, porque não pode ser abençoado por Deus o que é adquirido de um jeito contrário a sua vontade” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 360, nota a) (Nossa tradução).

⁷⁸⁵ ***Transcrição da nota 377, da edição de 2008 (p. 360, retirado de Spell, 1971, p. 180-181): “Parián, mercado de lojas de luxo que existiu na Plaza Mayor da Cidade do México. Foi demolido em 1843” (Nossa tradução).

⁷⁸⁶ Nota do Autor: “Isso não existe. É verdade que o mundo abunda em pessoas néscias que classificam os outros pelo seu exterior, e por isso, talvez, dignificam o velhaco decente. Mas, ao primeiro tapa deixado pela realidade, a decepção é maior” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 360, nota b) (Nossa tradução).

encontrar (p. 360) uma pequena casa decente. Não havia camas aqui; e embora eu tenha avisado Januário sobre isso, ele me disse:

– Sê paciente. Haverá o suficiente para tudo mais tarde. Por agora, o importante é apresentarmo-nos bem na rua. E, mesmo que comamos mal e durmamos sobre as tábuas, ninguém verá isso. Ou pensas que todas as pessoas bacanas⁷⁸⁷ (p. 361) que vês na audiência têm uma cama ou comem bem? Não, filho, muitos andam como nós. Tudo são aparências, e, por dentro, vivem suas misérias cruéis. Esses são os chamados *duros*.

E, assim, resignei-me com tudo, muito feliz com meus trapos, e com o fato de que não voltaria a passar mais uma noite no maldito *arrastraderito*.

Chegamos à estalagem. Tomamos nosso quarto e nos acomodamos nele, explodindo de alegria. Naquela noite, Januário não quis que fôssemos jogar, porque, como ele disse, tínhamos de descansar nossos ganhos. Fomos assistir a uma peça teatral e, quando voltamos, jantamos muito bem e fomos dormir sobre as tábuas duras da cama, que amortecemos um pouco com os capotes velhos e novos que compramos.

Dormi como uma criança, que é a melhor analogia, e, no dia seguinte, mandamos chamar o barbeiro. Depois de ficarmos alinhados e de nos vestirmos, saímos para a rua, impecáveis.

Conforme nosso objetivo principal de sermos vistos pelos conhecidos, visitamos, por primeiro, a casa do bacharel Martim Pelayo. Mas qual não foi nossa surpresa quando, acreditando encontrarmos o velho Martim, encontramos um Martim novo, bem diferente daquele que conhecíamos, pois o primeiro era um jovem tão libertino como nós, e o segundo era um clérigo já muito formal, virtuoso e estabelecido isso para um surdo, então, levantei-me, imediatamente, peguei meu dinheiro, que era menos do que a parte embolsada por Januário, mas fingi não o perceber, convencido de que, em assuntos de interesse, o melhor amigo quer tirar seu pequeno proveito.

Assim que entramos em seu quarto, levantou-se e nos convidou a que nos sentássemos, com grande cortesia. Contou-nos que já era diácono e estava prestes

⁷⁸⁷ ***Nota da Tradutora: Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 340): [Lê-se, em castelhano:] “*curro*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 360): cavalheiro ou dama bem-alinhados” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/340/mode/2up?view=theater&q=curro>. Acesso em: 01 ago. 2023.

a ser ordenado presbítero⁷⁸⁸ nos próximos meses ou nas próximas *têmporas*⁷⁸⁹. Felicitamo-lo, mas Januário tentou misturar suas habituais chocarrices e piadas sem graça, ao que Pelayo, num tom muito sério, respondeu-lhe:

(p. 361) – Pelo Altíssimo, Senhor Januário! Temos de ser moleques sempre? Não é hora já de se terminar com esse humor infantil? É necessário diferenciar os momentos: naquele tempo passado, as traquinices de criança eram agradáveis; em outros, a alegria da juventude, e, em nosso presente, é necessário assomar-nos à seriedade e à solidez dos homens, porque já até fazemos a barba.

(p. 362) “Eu não sou velho, e mesmo se fosse, não me oporia a um gênio festivo. De fato, gosto de pessoas alegres e joviais, das quais se diz: *onde aquele está, não há tristeza*. Sim, meus amigos, não há nada mais entediante para mim do que um gênio rabugento, tétrico e melancólico. Eu fujo tanto deles como dos misantropos abomináveis. Julgo-os orgulhosos, descontentes, murmuradores, antissociais e dignos de fazer companhia a ursos e tigres.

“Pelo contrário, como já disse, sinto-me nas glórias com uma pessoa atenciosa, afável, instruída e alegre. Fico encantado com a companhia de uma delas. Isso deleita-me, capta minha total atenção e poderia ficar com essa pessoa durante dias e semanas. Bem, mas tem de ser dessa qualidade de gente, pois se este for um tolo, linguarudo, arrogante e presunçoso, quem o aguentaria?

“Esses gênios não são foliões, mas bufões. Seu carácter é mesquinho e seus modos, grosseiros. Quando conversam, atacam. Quando querem ser divertidos, irritam por sua frivolidade. Isto, até porque um homem sem talento e sem educação não pode dar à luz conceitos bons, alegres ou racionais, mas piadas que ofendem a honra e as pessoas. Sua agudeza machuca ou a fama ou o coração do próximo.

“Digo isso, meu amigo, desejando que eviteis sempre esse gênio de chocarreiro. Tudo tem seu tempo. As matracas da Semana Santa parecerão mal aos

⁷⁸⁸ ***Nota da Tradutora: Presbítero, líder de uma comunidade cristã local. Ver nota 463 de nossa tradução.

⁷⁸⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *en las próximas témporas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 361). De acordo com o *DRAE* (2022), o vocábulo “*témpora*” traz o significado de “tempo de jejum no começo de cada uma das quatro estações do ano. É mais usado seu plural: *témporas*” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/t%C3%A9mpora?m=form>. Acesso em: 17 ago. 2022.

rapazes na época natalina⁷⁹⁰, e o musgo da Véspera de Natal não será colocado nos presépios⁷⁹¹. É nisso que a experiência e algumas desfeitas pelas quais vi passarem muitos (p. 362) engraçadinhos têm-me levado a acreditar.

Pouco depois de dizer isso, o padre Pelayo mudou sua conversa dissimuladamente. Mas, meu companheiro, que tinha entendido muito bem o recado, estava a ponto de explodir de raiva⁷⁹². Não aguentou por muito tempo. Despediu-se, pouco depois, e fomos embora.

Na rua, ele me disse:

– O que achas desse arremedo de padre⁷⁹³? Quem o viu, quem o vê! Agora, porque foi ordenado (p. 363) como homem do Evangelho, quer se fazer de formal e certinho. Mas ele não consegue me enganar; todos sabemos que tudo isso é hipocrisia.

Eu mudei essa conversa, porque, por vezes, chegava a sentir nojo ao falar mal das pessoas. Fomos fazer outras visitas, onde nos receberam melhor e até nos serviram almoço. Assim passamos a manhã até chegar ao meio-dia, horário em que retornamos à estalagem. Tiramos vinte e cinco pesos guardados e fomos apostar.

No caminho, eu disse ao Januário:

– Homem, se os caipiras virem, e se acertarem um *albur*, ficaremos em maus lençóis.

– Nada disso acontecerá –disse-me ele. – Espero vê-los lá! Tu achas que depende deles acertar ou errar? Não, meu filho, isso está em minhas mãos. Eu os

⁷⁹⁰ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Las matracas de Semana Santa parecerán mal a los muchachos en la Pascua de Navidad* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 362). Antigamente, usavam-se grandes matracas nas procissões da Semana Santa para substituir os sinos que eram considerados mais festivos. Assim, os sinos não eram utilizados, descansando pelo luto. Mais informações em: <https://desdelafe.mx/noticias/sabias-que/por-que-suenan-matracas-en-los-oficios-semana-santa/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

⁷⁹¹ ***Transcrição da nota 380, da edição de 2008 (p. 362): [Lê-se, em castelhano, *monumentitos*] “os monumentos religiosos montados nas principais igrejas da cidade [do México] na Semana Santa” (Nossa tradução).

⁷⁹² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *como agua para chocolate* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 362). De acordo com López y López (1931, p. 466), essa expressão coloquial significa “estar com muita raiva, enfurecido, fora de si” (Nossa tradução).

⁷⁹³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *¿Qué te parece este mono?* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 362). De acordo com o *DRAE* (2022), na décima quinta acepção: de uso coloquial, “pessoa que faz as coisas para imitar a outra” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/mono?m=form>. Acesso em: 02 ago. 2023.

conheço, e sei que eles apostam apenas em cartas de figura⁷⁹⁴. Assim, eu controlo os *albures* de tal forma que, se eles apostarem pouco, eu deixo a figura vir à tona. Se apostarem muito, disponho os naipes e os coloco bem atrás de todas⁷⁹⁵. É nisso que dá jogar como aficionados ou sob uma regra fixa⁷⁹⁶.

(p. 363) – E então, o jogo tem regras? – perguntei-lhe eu.

E ele me respondeu:

– O que os jogadores (*tahures*) chamam de regras não é mais do que um acidente contínuo (se embaralhar bem), porque, quando vem o quatro contra a sota, é um acidente. Assim que, se depois o sete vem contra o rei, é outro acidente. Se o cinco vem contra o cavalo, é outro, e assim por diante. Mesmo que se façam dez ou vinte naipes menores (*contrajudías*), estes são apenas dez ou vinte acidentes, ou um acidente continuado. Não há regra melhor ou mais segura do que as buchas, as *deslomadas*, *milagrosamente aparecidas*⁷⁹⁷, as *rasteladas*⁷⁹⁸ e outras diligências que faço. E mesmo estas têm sua exceção, que é quando somos pegos no ato e somos abatidos por nosso próprio jogo. Por isso que um de nossos provérbios diz que “*contra bisbilhotada não há regra*”. Todo o restante de naipes maiores (*judías*), naipes menores (*contrajudías*), *pares* e *ímpares*, *lugar* e todas essas coisas, são

⁷⁹⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *sé que juegan la apretada figura* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 363). Frye (2004, p. 156) traduz como “*they always bet on the face cards*” As cartas de figura seriam, no caso do baralho espanhol, o rei, o cavalo ou a sota.

⁷⁹⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *se las subo al lomo del naipe* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 363). A frase tem a ver com a ação de esconder o naipe favorecedor do jogador. Assim, cria-se a expressão “subir ao lombo” do naipe e “deslomar” o naipe, que seria a ação contrária.

⁷⁹⁶ ***Transcrição da nota de rodapé 404, da edição de 2008 (p. 383, [realocada do capítulo V deste tomo II]): “Os apostadores chamam de regra a qualquer ordem de cartas ou combinações que escolhem para jogar. Assim é que grande e pequena é uma regra. E não é necessário explicar que, em duas cartas jogadas na mesa, uma tem tantos superiores, e essa é grande, assim como a que tem tantos menores é pequena. Se uma, por exemplo, é 4 e a outra, 3, a primeira será grande e a segunda, pequena. *Judía* [Nossa tradução: naipe maior] significa a maior entre as figuras e a menor nas cartas brancas; *contrajudía*, vice-versa. Pares e ímpares: [trata-se d]os números pares ou ímpares; porém, a graça está em saber distinguir quando as duas cartas são da mesma classe. Por exemplo: saíram 2 e 4, ambos pares, qual será o par e qual o ímpar? Saíram 7 e 5, qual das duas é o par? Isso é explicado de forma um pouco confusa, mas, uma vez compreendido que a maior conserva seu valor, tudo fica esclarecido. Então, no primeiro caso, o 4 é o par e o 2, o ímpar. No segundo, 7 é o ímpar e o 5, o par. Nas figuras, hoje, a sota representa 8, o cavalo, 9 e o rei, 10, mas, na época [do contexto] da obra, como os baralhos tinham oitos e noves, a sota representa 10, o cavalo, 11 e o rei, 12. Assim é que sempre os pares e os ímpares ficam submetidos à regra geral daquela que for o naipe maior, etc.” (Nossa tradução).

⁷⁹⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *deslomadas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 363). Refere-se ao que foi anotado na nota 788, referindo-se a mostrar, novamente, uma carta favorecedora.

⁷⁹⁸ ***Nota da Tradutora: Para *rastelada*, ver nota 718 de nossa tradução.

entusiasmos, preocupações e baixezas em que vemos incorrer, todos os dias, os homens. Por (p. 364) outro lado, nada vulgares elas são, mas parece que, no jogo, ninguém é dono de seu próprio juízo. Entende, portanto, que não existe mais do que duas regras: *sorte* e *dívidas*⁷⁹⁹. A primeira é mais regular, e a segunda é certeza de que possa acontecer.

Enquanto isso, chegamos ao jogo, e Januário sentou-se como de costume, mas jogou apenas um peso. Pretendia levantar o monte, porque, como ele disse, era assim que nosso dinheiro estaria mais seguro, pois, de janeiro a janeiro, o dinheiro é do monteiro⁸⁰⁰. Assim que o jogo terminou, colocamos nosso montinho do arremate e ganhamos dez ou doze pesos. Não deram as vacas gordas que ele esperava; no entanto, ficamos satisfeitos e fomos embora.

Desse jeito, passamos cerca de seis meses fazendo rodízio, com ganhos quase todos os dias, mesmo que não fosse muito. Durante esse tempo, aprendi todos os truques que Januário me queria ensinar, compramos camas, mais algumas roupas e divertimo-nos como marqueses.

Observei tudo quanto precisava adquirir nesse tempo em matéria de jogos de azar. Aprendi que é verdade que o jogo é o *crisol dos homens*, porque aí eles descobrem suas paixões genuínas e sem impedimentos, ou, pelo menos, é necessário estar sob muito autocontrole para não as descobrir, o que é muito raro, porque o interesse cega, e, no jogo, não se pensa em mais nada senão em ganhar.

Aí se vê quem é malcriado, ora porque senta à mesa sem tirar o chapéu, ou não cede seu lugar mesmo a quem melhor o mereça, ou mesmo atira fumo de charuto à cara de quem estiver a seu lado, por mais que seja uma pessoa de respeito ou caráter, e comete grosserias sem a menor consideração. O que torna as coisas ainda piores é que existe um axioma, tão vulgar quanto falso, que afirma que *no jogo todos*

⁷⁹⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *la suerte y la droga* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 364). A construção conceitual atual do termo *droga*, referente a substâncias psicoativas, sobretudo ilegais, aparece entre finais do século XIX e inícios do século XX. Por outro lado, a quinta acepção para o vocábulo *droga*, no DRAE (2022), tem o sentido de “dívida, aquela para a qual, às vezes, não se cogita efetuar pagamento”. (Nossa tradução). Assim, acreditamos que o sentido do termo *droga*, no Periquitinho do século XIX, é o de “dívida”. Para mais informações sobre o conceito de *droga*, visitar: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=7d757465b17e6b28>. A informação no DRAE está disponível em: <https://dle.rae.es/droga?m=form>. Acesso em: 24 ago. 2022.

⁸⁰⁰ Nota da Tradutora: Fernández de Lizardi utiliza a lexia “monteiro” no sentido de denominar o banqueiro do jogo que cuida do monte/montante da aposta. Ver notas 704, 741 e 800 de nossa tradução.

são iguais. (p. 364) E, com essa concessão em formato de ditado, nem os mal-educados se absterem de sua rudeza, nem muitas pessoas decentes e honradas ousam fazer-se respeitar como deveriam.

Tal como o homem grosseiro mostra, no jogo, sua falta de educação com fanfarronices e vulgaridades, assim, também, o imoral expõe sua má conduta com suas convicções e disparates, o embusteiro, seu mau caráter com suas falsas promessas, o fanfarrão, (p. 365) sua má fé com suas dívidas, o ambicioso, sua ganância com a voracidade com que joga, o pão-duro, sua miséria com sua mesquinhez e sovinice, o gastador, sua negligência com suas apostas imprudentes, o sem vergonha, sua cretinice com a ousadia com que implora esmola para sua própria sombra, o preguiçoso... mas, por que me dar ao trabalho de explicar isso? Todos os vícios podem ser aí identificados, ao se manifestarem sem disfarce. O provocador, o patife, o arrogante, o lisonjeador, o ateu, o pai indulgente, o marido alcoviteiro, o desidioso, a mulher mal casada, e todos, todos confessam, sem culpa, de que pé mancaram. Por mais hipócritas que sejam na rua, eles perdem os estribos no jogo, e deixam de lado toda sua aparência de virtude e se mostram como realmente são.

Amaldiçoadas são as frivolidades do jogo. Uma delas é a decisão torpe que reina nele. Àquele que carrega dinheiro, dá-se lugar, e quando acerta, recebe elogios por ser um jogador hábil. Mas, aquele que não carrega um centavo, ou o retiram à força, ou não lhe dão lugar, ou tiram seu lugar, e, além disso, dizem que é um *bocó*⁸⁰¹, um termo que alguns entendem como referente a uma pessoa que é tola.

Em suma, aprendi e observei tudo o que havia para aprender e observar na corrida. Isso só me serviu para me degenerar ainda mais, e agora serve-me para vos avisar de todos seus resultados funestos, a fim de vos manter afastados dele. Não vos quero apostadores, meus filhos. Mas, se alguma vez jogarem, quer seja um pouco, quer seja apenas vosso dinheiro, quer seja sem dívidas, menos ruim será se pensarem que vós sois tolos do que passar por ladrões, pois isso não é outra coisa que ser fanfarrão.

⁸⁰¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *crestón* – [Nossa tradução está no corpo do texto]. De acordo com o *Diccionario de mejicanismos*, (1974, p. 311), significa “tolo, bobo” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/310/mode/2up?view=theater&q=crest%C3%B3n>. Acesso em: 18 jun. 2023.

(p. 365) Muitos dizem que jogam para *aliviar suas necesidades*. Isso é um erro. De mil que jogam com o mesmo objetivo, novecentos e noventa e nove voltam para casa com a mesma *necesidade*, ou até em pior situação, pois perdem o pouco que têm, talvez até façam novas dívidas e, assim, afundam mais rapidamente suas famílias.

Vós deveis ter ouvido, ou, talvez, ouvireis quando crescerdes, que (p. 366) muitos acham seu sustento nos jogos de azar. Dificilmente posso acreditar que estes sejam diferentes daqueles que jogam apostando no tiro certo, como se costuma dizer, ou seja, diferentes dos batoteiros e ladrões, aqueles que merecem as prisões e a força mais do que os famosos criminosos Maderas e Paredes⁸⁰². Porque os homens podem evitar ladrões conhecidos por serem tais, mas não os trapaceiros comuns.

Semelhantes sujeitos, acredito, podem, sim, ser sustentados, alguma vez, pelo jogo. Mas considero fisicamente impossível que homens bons, homens trabalhadores, e aqueles que jogam, como dizem, à *própria sorte*, consigam sustento, pois o jogo dá hoje dez, hoje, e tira vinte, amanhã. Eu sei de tudo e vos falo por experiência própria.

Outra é a classe de pessoas que tira seu sustento do jogo, especialmente no México.... Será que algum deles está nos ouvindo?... Bem, sabeis que esses são certos cavalheiros que, tendo dinheiro para procurar viver de assuntos mais honestos, e não querendo trabalhar, comercializam e cultivam o jogo, colocando seu dinheiro em diferentes casas para as partidas de montes.

⁸⁰² **Transcrição da nota 386, da edição de 2008 (p. 366, retirado de Spell, 1971, p. 181): “J. R. Spell localizou no *Diario Curioso de México*, de D. José Gómez (In: *Documentos para la historia de México*, série I, VII, 1854), [sobre] a identidade das personagens mencionadas [os criminosos de sobrenome Maderas e Paredes]: ‘Na data de 19 de janeiro de 1791, tiraram da Acordada [tribunal especial, estabelecido em 1715, equivalente à polícia civil de hoje. Para lembrar da Acordada, ver nota 331 de nossa tradução], para ser executado, o famoso capitão dos bandoleiros, Pillo Madera [Nota da Tradutora: *Pillo* é o apelido do delinquente equivalente a “danoso”, “pernicioso”. O último nome é o sobrenome dele. Assim, por exemplo, a personagem histórica seria conhecida, em português, por: Danoso Maderas]: aplicaram-lhe o garrote, e ele foi arrastado e levado para um cubículo [Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2022), impor o castigo do garrote consiste em colocar os réus de certos delitos, como o parricídio, dentro de um tonel junto com um galo, um macaco, um cachorro e uma cobra, e jogá-los na água]. Após isso, na parte da tarde, ele foi introduzido em um caixão e levado para Puebla, lugar onde permaneceu na força por vinte e quatro horas. Em seguida, foi pendurado em um tronco até que, naturalmente, o corpo fosse consumido. Maderas cometeu sete assassinatos. O mais infame deles foi contra a própria mulher, grávida. Ele, sem os comparsas, cometeu 28 assaltos. O dia da execução choveu quase até ao anoitecer, porém, compareceu um público jamais antes visto, formado por todas as classes’ [...] Na data de 15 de outubro de 1789, foram tirados da Acordada, para serem justicados, nove homens, sendo um deles o famoso ladrão Paredes, sobrenome do mau agouro” (Nossa tradução). [Nota da Tradutora: Para mais informações sobre o garrote, visitar: <https://www.theguidesyouneed.com/garrote-vil-la-historia-oscura-espana>. Acesso em: 25 ago. 2022].

(p. 366) Como essa forma de jogo é muito vantajosa para os que têm dinheiro, estes, habitualmente, ganham e, às vezes, é tanto, que sei de alguns deles que até andam em luxuosas carruagens e ganham caudais de dinheiro. Será, então, tão vantajosa a coisa que, para trabalhar dando as cartas, (p. 367) ou de *gurupiê*, com suas senhorias, as pessoas empenham-se mais do que para se tornarem escriturários no melhor escritório? E com muita razão o fazem, porque o luxo que ostenta essa classe de pessoas e a farra⁸⁰³ com que jogam fora um peso não podem ser imitados por um reles empregado ou um coronel. Já se vê, pois, os motivos de alguns cavalheiros – daqueles que têm um salário diário de seis, oito e dez pesos, sem contar seus ganhos⁸⁰⁴ – desejarem esse modo de vida.

Também abundam a penhora e as súplicas para os senhores, donos do jogo do monte⁸⁰⁵, enviarem seu dinheiro às casas de apostas, pelas vantajosas gratificações que receberão como proprietários do local. Esses ganhos seriam, certamente, suficientes para sustentar, normalmente, uma família pobre e decente.

Não negarei que essas pessoas, de fato, sustentem-se através do jogo, mas quão poucas elas são! Se analisarmos melhor, é necessário considerá-los como criminosos, mesmo sendo poucos, e depois de acreditar, de boa-fé, que eles jogam com a maior honestidade. Do contrário, eu pergunto: o jogo deve ser considerado um ramo do comércio e um meio de subsistência honesto? Ou é sim, ou é não. Se a resposta for sim, por que é que as leis o proíbem tão estritamente? E se não, como é que há tantos patrocinadores que o defendem como legítimo com todas suas forças? Eu responderei.

Se os homens não pervertessem a ordem das coisas, o jogo, longe de ser proibido como nocivo, seria tão lícito que faria parte dessa virtude moral que se chama

⁸⁰³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *francachela* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 367). De acordo com o dicionário *Wordreference* (2022), trata-se de um termo coloquial com o sentido de: “reunião de várias pessoas para comer, beber e se divertir, de forma desordeira” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.wordreference.com/definicion/francachela>. Acesso em: 26 ago. 2022.

⁸⁰⁴ ***Nota da Tradutora: O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 158) define “*buscas*” como “proveito que se retira de algum emprego ou cargo, além dos emolumentos anexos a ele. Utilizado, geralmente, na sua forma plural e sempre de forma negativa” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/158/mode/2up?view=theater&q=buscas>. Acesso em: 02 ago. 2023.

⁸⁰⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *señores monteros* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 367).

eutrapelia⁸⁰⁶. Mas, como (p. 367) a ganância humana ultrapassa os limites da diversão, nesses jogos de que falamos, arruínam-se uns aos outros sem a menor consideração ou fraternidade. Foi necessário que governos esclarecidos interviessem e tentassem conter esse abuso pernicioso sob as severas penas prescritas pela lei contra os infratores.

(p. 368) Que existam patrocinadores para defender o jogo, e prosélitos para os seguir, não é a questão. Cada vício tem esse lado, e, no entanto, não podem ser chamados de virtude, e tanto mais quando não são ditados pela razão, mas pelo sórdido interesse próprio e pelo egoísmo declarado.

Quem são as pessoas que apoiam o jogo e o defendem tão fervorosamente? Examinai e observareis que são os batoteiros, os inúteis e os indolentes, quer sejam considerados pobres ou ricos. E sendo daquela classe de advogados, é mister suspeitar da defesa, ainda porque eles formam a parte interessada.

Dizer que o jogo é lícito porque é útil para alguns indivíduos é um disparate. Para algo ser lícito, não basta ser útil; tem de ser honesto e não proibido. No caso oposto, até poderia se afirmar que o roubo, a usura e a prostituição são lícitos porque são úteis ao ladrão, ao monopolista e à meretriz. Isso seria um erro; logo, defender o jogo como lícito, pelos mesmos motivos, seria o mesmo erro.

Mas sem nos aprofundarmos muito nisso, torna-se claro que esse benefício recebido por alguns não é igual ao dano causado a muitos outros. Não é igual? Certamente que não! É enormemente prejudicial para a sociedade.

Contemos os vagabundos, os batoteiros e os ladrões que se sustentam do jogo. Adicionemos a esses os que, sem serem ladrões, ganham dinheiro com o jogo. Acrescentemos seus dependentes. Também, vamos numerar as famílias que se sustentam com as gratificações recebidas por serem donos do ponto de jogo. Não nos esqueçamos do gasto em criados e recrutadores⁸⁰⁷. Vamos anotar o que alguns recebem, o que alguns conseguem poupar, o que mal gastam o que comem e, em

⁸⁰⁶ Nota da Tradutora: De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, o termo refere-se à “virtude que modera o excesso dos divertimentos. Jocosidade delicada e inofensiva”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/eutrapelia>. Acesso em: 08 set. 2022.

⁸⁰⁷ Nota do Autor: “*Armadores* [Nossa tradução: montadores]. Damos esse nome àqueles que recrutam *tahures*, gurupiês, monteiros para os jogos. Eles recebem, também, pagamento por sua diligência” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 368, nota d) (Nossa tradução).

geral, todas as (p. 368) despesas, sem nos esquecermos do luxo com que cada um esbanja, veste-se, come e caminha na proporção de seu rendimento.

Depois de ter sido feita essa conta, calculemos a quantidade diária de dinheiro que esses parasitas sugarão do Estado para sustentarem a si próprios à custa da Receita Pública, e com a liberalidade com que se sustentam, (p. 369) e, então, veremos quantas famílias terão de ser arruinadas para bancar esses aproveitadores.

Para conhecer essa verdade, não é necessário ser um matemático. Basta ir um dia observar isso de jogo em jogo, e se verá que aqueles que mais ganham são os monteiros e os banqueiros das roletas ou *imperiales*⁸⁰⁸. Pergunte-se a cada um dos apostadores, ou pontos, como se saíram. Por quatro ou por seis que afirmem ter ganhado, quarenta responderão que perderam até o último tostão que tinham.

De modo que a seguinte proposição é evidente: *para tantos quantos forem sustentados pelo jogo, são outras tantas as esponjas na população que sugam a substância dos pobres*. Todas essas reflexões, meus filhos, deverão servir-vos para que não vos enredeis no labirinto do jogo, pois, uma vez que tenham entrado nele, arrepender-se-ão pelo resto de vossas vidas, porque, no longo prazo, ser apostador raramente falha em vos dar tais mágoas. E mesmo os prazeres que dele resultam são pagos com uma taxa alta de aborrecimentos e desgostos, tais como as noites sem dormir, o estômago malogrado, as brigas, as inimizades, os compromissos, o receio de parar nos tribunais, as multas, os aprisionamentos, os embaraços e outras situações semelhantes.

Sobre todas essas coisas, e de algo mais, eu aprendi na companhia de Januário porque, ao final, perdemos; arrancaram nosso dinheiro. Tivemos de começar a vender nossas roupas e tudo o que tínhamos. Começamos a *ter má sorte*⁸⁰⁹, como

⁸⁰⁸ **Nota do Autor: “Esse é outro joguinho, pior do que o monte, pois incentiva mais a cobiça pela excessiva quantidade de dinheiro oferecida na premiação. Já vi homens andarem como loucos, com o lápis e o papel na mão, fazendo antecipações e cálculos imaginários. Diacho de jogo, que, depois de deixar-nos sem um tostão, pode despachar o jogador, imperialmente, a procurar por um número no San Hipólito!” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 369, nota e) (Nossa tradução). **Transcrição da nota 390, da edição de 2008 (p. 369, retirado de Spell (1971, p. 181): “O Hospital San Hipólito, junto com a igreja que leva o mesmo nome, foi fundado em 1567 e acolhia, em especial, a dementes”. **Nota da Tradutora: De acordo com o livro *De la suerte, el juego y otros azares*, de F. Dávila et al., *imperiales* é o nome dado, naquela época, ao jogo da roleta. Disponível em: <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/11/5135/8.pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

⁸⁰⁹ ***Nota da Tradutora: O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 681) define “*estar de malas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 369) [como] estar com o santo de costas, quer dizer, com má sorte, sobretudo no jogo” (Nossa tradução). Disponível em:

dizem os filhos de (p. 369) Birján⁸¹⁰, a comer mal, a ficar acordados sem obter fruto, a pagar multas, entre outras coisas, até estarmos como antes, e pior, porque já tínhamos fama de batoteiros, e olhavam para nossas mãos com mais atenção do que para nossos rostos.

(p. 370) No meio dessa triste situação, e para coroar tudo isso, o velhaco do Januário convenceu um camponês a levantar um monte, dizendo-lhe que tinha um amigo muito hábil, um homem de bem, que iria trabalhar bem seu dinheiro por ele. O camponês infeliz mordeu a isca e concordou em apostar assim no dia seguinte. Januário contou-me o que tinha sido combinado, dizendo que seria eu a dar as cartas.

Concordamos que eu iria amarrar os *albures* de fora para Januário elevar a aposta e que outro amigo dele, que tinha vendido um cavalo para entrar no esquema, faria a aposta e ganharia o bolo, mas que, no final da diligência, iríamos dividir o dinheiro como irmãos. Não tive problemas em dizer sim, pois já tinha me tornado tão ladrão quanto ele.

Chegou o dia seguinte. João Dotado foi buscar o camponês, que deu-me seus cem pesos e disse-me:

- Amiguinho, cuide deles que, se ganharmos, eu te dou uma boa gorjeta.
- Ficamos combinados! – respondi-lhe, e comecei a embaralhar as cartas a minha maneira, de acordo com o conselho de meu mestre diabólico.

Em um piscar de olhos⁸¹¹, o monte estava acabado, porque o dinheiro do cavalo vendido era de dez pesos e, assim, em quatro *albures* que eu amarrei e nos quais Januário elevou a aposta, foi tomado por um terceiro em discórdia. Este saiu primeiro do local para fingir não conhecer ninguém, e Januário saiu logo depois, sinalizando-me para que eu ficasse ainda ali. O pobre camponês não conseguia acreditar no que estava acontecendo, considerando que nem viu nem ouviu falar de seu dinheiro. Ele apenas dizia, de vez em quando:

- Veja, senhor, que desgraça! Eu nem sequer me diverti.

<https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/680/mode/2up?view=theater&q=estar+de+mal+as>. Acesso em: 02 ago. 2023.

⁸¹⁰ Nota da Tradutora: Diz-se que Birján inventou e difundiu o jogo do baralho. Ver nota 448 de nossa tradução.

⁸¹¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: “*en dos por tres*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 370).

(p. 370) Entretanto, havia ali alguém da plateia que conhecia bem a mim e ao Januário. Esse sujeito havia reparado nas trapaças que eu tinha feito e contou isso ao camponês, com dissimulação, e lhe expôs minhas intenções. Mostrou-lhe que eu tinha entregado seu dinheiro a meus colegas.

Depois disso, o camponês, com mais vitalidade para a vingança do que para o jogo, levou-me a sua estalagem, sob o pretexto de me alimentar. Resisti, não temendo o que me ia acontecer, mas desejando ir buscar a recompensa por minhas gracinhas. Mas eu não (p. 371) pude escapar: ele me levou para a estalagem, trancou-se no quarto comigo e me deu uma paulada tão soberba que me deslocou o braço, partiu-me a cabeça em três partes e fraturou minhas costelas. Se não fosse o fato de os outros hóspedes, ao ouvirem tamanho barulho, forçarem a porta e me tirarem de suas mãos, com certeza eu não ia poder escrever sobre minha vida, pois quase vi meu fim. Assim, fiquei a seus pés, privado de meus sentidos, e fui acordar onde se verá, no capítulo seguinte.

(p. 372) **Capítulo V**

Quitinho recupera a consciência no hospital. Critica os abusos que acontecem nessa entidade. Januário visita-o. Periquitinho recupera-se. Recebe alta. Sai para a rua. Relata seus trabalhos. Seu mestre o incita a roubar. Ele resiste a isso e ambos discutem sobre o ato de roubar.

Eu vos asseguro que, se o camponês me tivesse matado, ele teria se metido em problemas⁸¹², pois a lei o teria acusado de traição, já que ele pensou e premeditou o feito, e espancou-me, sem chance de defesa, e porque sua vingança, pela crueldade e circunstâncias, foi uma abominável vileza. No entanto, a minha não ficou para trás por entregar seu dinheiro a outros em quatro *albures*.

Malícia calculada e traição indigna houve da parte dele, e da minha, traição e vileza diabólica, mas com a diferença de que ele cometeu seus atos irritado e provocado por minha ação, e eu, o que fiz, não só o fiz sem ter sido ofendido, mas, pior ainda, fiz tudo isso depois de receber uma boa gorjeta. Portanto, vista friamente, a vileza que cometi foi pior e mais vergonhosa que a dele. E então, se ele me tivesse matado naquele dia, morto eu ficaria, e com razão. Se não é certo ferir ou defraudar ninguém, muito menos ainda se deveria fazer isso com aquele que confia em nós.

Quase do mesmo modo, discorri sobre esse assunto comigo mesmo duas horas depois de ter voltado a meus sentidos, ao me achar deitado em uma cama do (p. 373) hospital de São Jacome⁸¹³, para onde fui levado por ordem da justiça.

Pouco tempo depois, chegou um escrívão com seus correspondentes satélites, ou oficiais de justiça, para registrar meu depoimento sobre o incidente. Obviamente, eu estava furo de raiva e gritava, tanto pela dor muito aguda causada pelos ossos deslocados e fraturados quanto pela dor que sofri durante os curativos, que foram um tanto brutos e duros, como todo cuidado recebido em um hospital, afinal de contas.

⁸¹² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *En trapos pardos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 372). Ruiz Barrionuevo deduz (2008), do contexto, que o significado é “estar na cadeia” e menciona Reyes Palacios (1982, p. 316, vol. VIII), interpretação relacionada com a locução adverbial coloquial: “*verse en calzas prietas*” [Nossa tradução: ver-se em calças pretas]. Já o *DRAE* (2022) mostra como significado da frase, “estar em apuros” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/calza#6scC9A1>. Acesso em: 28 set. 2022.

⁸¹³ Nota do Autor: “Não existe hospital com este título no México. Essa dissimulação é de modo que a crítica não possa recair sobre algum hospital determinado. Os abusos que exponho são verdadeiros. Tomara que sejam remediados” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 373, nota a) (Nossa tradução).

(p. 373) Em meu estado, ter o escrivão fazendo-me repreensões e ameaças para obter a confissão de meus pecados, e diante de tantas pessoas ali, foi um novo martírio que atormentou meu espírito, que era o único que me faltava doer.

Finalmente, jurei o quanto ele quis, mas disse-lhe apenas o que era conveniente, ou pelo menos o que não me prejudicou. Referi-me ao fato, omitindo a circunstância da *vigarice*. Eu lhe disse, sinceramente, que não conhecia meu inimigo, nem nunca o tinha visto em toda minha vida. Assim que o registro do depoimento foi concluído, assinei a declaração com mil manobras e o senhor escrivão foi-se embora com sua comitiva.

Como as feridas em minha cabeça eram muitas e bastante ruins, o sangue não podia ser estancado facilmente. Os curativos, toda hora, soltavam-se e, com tanta perda de sangue, fiquei tão fraco que desmaiava com frequência. Foram tantas as vezes que chegaram a acreditar que se tratava de sintomas mortais, ou que eu tinha sofrido alguma contusão que deixou quebrada alguma de minhas entranhas.

Com esse receio, mandaram chamar o capelão e, de fato, ele veio. Confessei-me com muito medo, porque, ao ver tanto preparativo, também cheguei a crer que morreria. Mas, meu medo não fez com que minha confissão melhorasse. Como se pode ver, ela foi às pressas, sem qualquer disposição e com mil dores. De qual outro modo ela seria feita? Sem força alguma eu me encontrava. Foi essa uma confissão (p. 374) tão breve como um piscar de olhos⁸¹⁴. Assim que acabou, o *Viaticum* foi trazido e eu cometi um novo sacrilégio. Assim, conheci como são contingentes as últimas disposições cristãs quando elas são feitas com tanta pressa como foi a minha.

Nisso, passou-se o tempo e já eram onze horas da noite. Até então, eu não quis comer nada, porque estava sem apetite. Nem sequer consegui dormir por causa das dores agudas que sofria, pois não tinha, como dizem, um só osso intacto. Mesmo assim, o sangramento parou e um residente estagiário mediu meu pulso, fez-me morder uma colher e não sei quais outras mutretas, para, finalmente, decretar que eu não morreria durante a noite. Com essa notícia, os enfermeiros foram dormir,

⁸¹⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *confesión de apaga y vámonos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 373-374). De acordo com López y López (1931, p. 465), a expressão coloquial significa “às pressas” (Nossa tradução).

deixando-me (p. 374) uma tigela de mingau aguado⁸¹⁵ e um pequeno jarro com bebida à beira da cama para eu beber quando quisesse.

Fiquei um pouco consolado com o prognóstico favorável do projeto de médico e, de vez em quando, tomei meu próprio pulso para ver se estava muito fraco. De fato, achei-o fraco, mais do que eu queria, e então resolvi, a uma hora da manhã, tomar meu mingau e meu pedaço de pão, embora com repulsa, a fim de me fortalecer um pouco mais.

Com muito esforço, peguei a tigela e me obriguei a tragar o mingau, forçando-o com a colher em meu estômago.

Fiz muitas considerações sobre a causa de meus males, e em todas elas, concordei com o camponês:

– Não há dúvida – disse-me eu –, ele quase me matou. Mas eu fui o culpado disso por ser um malandro traidor. Quantos merecem punição igual para crimes iguais!

Cansado de filosofar de forma funesta e em má hora, pois não havia mais remédio, comecei a adormecer, quando ouvi as lamentações de um moribundo que estava perto de mim. Com uma voz lânguida que mal podia ser ouvida, pediu auxílio o miserável, sozinho ali, dizendo:

– Jesus, Jesus, tenha piedade de mim!

O temor e a lástima que me causou aquele triste espetáculo fizeram-me esforçar minha voz o máximo que pude, para gritar aos enfermeiros:

– Olá, amigos! Acordai, pois este pobre homem aqui está morrendo.

Quatro ou cinco vezes eu gritei, e não me ouviram aqueles (p. 375) malandros, ou fingiam estar dormindo, o que me pareceu o mais acertado. Portanto, eu, assim, zangado com a preguiça deles, mesmo com minhas dores, joguei o jarro de bebida neles com tão boa pontaria que os banhei, coisa de que não gostaram nada.

Eles não conseguiram dissimular, e se levantaram como tigres contra mim e me xingaram de tudo quanto é jeito, mas eu, aproveitando a sacralidade de minha

⁸¹⁵ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *atole* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 374). Trata-se de bebida grossa, quente, de milho. Com certeza, não é um mingau. O *atole* é uma bebida tradicional de origem pré-hispânica. Geralmente consumida em países como México, Costa Rica, Guatemala, Honduras e outros da América Central. Para mais informações, visitar: <https://www.nuevamujer.com/lifestyle/2013/07/26/que-es-y-como-se-prepara-el-atole.html>. Acesso em: 14 out. 2022.

condição de doente, (p. 375) confrontei-os, dizendo, com uma galhardia que eles não esperavam:

– Malandros, indolentes, faltos de caridade, fostes dormir para roncar, enquanto ao menos um de vós deveria ter ficado acordado, vigiando para avisar ao capelão de plantão se, por acaso, um doente viesse a morrer, como aquele pobre infeliz ali que está falecendo. Amanhã, avisarei ao senhor mordomo, e se ele não vos castigar, o escrivão virá aqui novamente e eu o encarregarei de denunciar esses abusos a sua excelência, o vice-rei, e que lhe diga, por mim, que vós estáveis bêbados.

Aqueles preguiçosos espantaram-se com minhas ameaças e minha cavilosidade e me imploraram para não informar ao superior do ocorrido. Eu aceitei o trato, contanto que cuidassem dos pobres doentes.

Enquanto estávamos tendo essa conversa, o infeliz por quem me senti incomodado morreu, de modo que, quando foram vê-lo, ele já estava na condição de espírito.

Assim que aqueles atormentadores ou enfermeiros viram que ele não respirava mais, tiraram-no da cama, ainda quente como se fosse uma pamonha, carregaram-no para o necrotério, quase pelado, e voltaram imediatamente para indagar sobre os pertences que o pobre falecido tinha deixado para trás, e que consistiam apenas de um gibão e um calção velho, branco, sujo e feito de um pano grosso, um pequeno anel, seu rosário e um maço de cigarros que, eu acho, o infeliz nem sequer tinha aberto para fumar.

Velozes como o vento⁸¹⁶, fizeram a relação de herdeiros⁸¹⁷ e a partilha dos (p. 376) bens. Os legatários (que eram dois) receberam, um, o calção e o rosário, e o outro, o gibão e o pequeno anel. Mas, entraram numa briga sobre quem ia pegar o maço de cigarros. Foi tal a querela que quase terminaram com golpes, até que outro doente do quarto aconselhou-os a dividir os cigarros e a jogar fora o papel da envoltura.

⁸¹⁶ ***Transcrição da nota 398, da edição de 2008 (p. 375): [Lê-se, em castelhano:] “*En tanto que el aire* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 375), dá a entender que alguma coisa foi feita ou será feita muito em breve e muito rápido” (Nossa tradução).

⁸¹⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *hijuela* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 375). De acordo com o *DRAE* (2022), nas acepções 8 e 9, esse termo é utilizado como sinônimo de partilha de bens e testamento. Para mais informações, visitar: <https://dle.rae.es/hijuela?m=form>. Acesso em: 15 out. 2022.

(p. 376) Eles aprovaram a sugestão e assim procederam. Todo mundo foi dormir e eu fiquei murmurando sobre a mesquinhez e o interesse em semelhantes bens. No entanto, por volta das três horas da manhã, adormeci e tão bem que foi um sinal evidente de que minhas dores tinham diminuído.

No dia seguinte, os enfermeiros acordaram-me com meu mingau aguado, que tomei ainda com mais apetência do que no dia anterior. Momentos depois, o médico chegou para fazer a visita, acompanhado por seus aprendizes. A gente estava em quase setenta pessoas doentes na sala, e, ao todo, a visita não durou quinze minutos. Toda a equipe passou de cama em cama, e assim que o médico tocava o pulso do paciente, como se tocasse uma brasa ardente, ele imediatamente o soltava, e continuava a fazer a mesma coisa com os outros. Ele prescreveu os medicamentos de acordo com o número da cama. Por exemplo⁸¹⁸, ele diria:

– Número 1, sangramento; número 2, idem; número 3, regime comum; número 4, enemas emolientes; número 5, bebida diaforética⁸¹⁹; número 6, cataplasma analgésica – e, por isso, não foi longa essa visita.

Por um erro na contagem, eles me colocaram na sala de medicina, quando eu deveria ter sido jogado na de cirurgia. E essa casualidade fez-me perceber os abusos que relatarei. Com certeza, em minha cama, a número 60, algum pobre homem tinha falecido com febre no dia anterior. Daí que o médico, sem me ver ou examinar, só viu o livro de prescrições e o número da cama, e acreditando que eu era o febricitante, disse:

– Número 60, cáusticos e líquidos.

– Cáusticos e líquidos! – exclamei. – Pela Santíssima Virgem Maria, não quero ser martirizado nem machucado mais do que já estou! Ontem não fui espancado até a morte pelo camponês (p. 377) para, hoje, os senhores me matarem ou de fome ou de queimadas.

⁸¹⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, *verbigracia* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 376). De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, na língua portuguesa é utilizado *verbigrácia*, aportuguesamento da expressão em latim: *verbi gratia*. Para mais informações, visitar: <https://www.aulete.com.br/verbigracia>. Acesso em: 15 out. 2022.

⁸¹⁹ Nota da Tradutora: De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, diaforético é um termo da farmacêutica para o medicamento que faz suar intensamente. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/diafor%C3%A9tico>. Acesso em: 15 out. 2022.

(p. 377) Depois de ouvir minhas lamentações, advertiu o médico que não era eu quem estava morrendo, mas um homem ferido. Então, cheio de razão, para encobrir sua lerdeza, ele me perguntou:

– Bem, o que está fazendo aqui? Para sua ala deve ir.

Assim, a visita foi concluída, e nós, doentes, fomos entregues ao braço secular dos residentes e curandeiros. Quando vi que, às onze horas, dois homens entraram com um jarro da mesma bebida e serviram dela a todos os doentes, fiquei paralisado.

– Como é possível – eu disse – que a mesma bebida seja adequada para todas as doenças? Só por Deus.

Depois, entrou o cirurgião e seus ajudantes. Eles fizeram meus curativos antes mesmo de que se pudesse terminar de rezar um credo apostólico, mas, com tais prensadas e tão pouca caridade que, na verdade, nem sequer lhes agradeci por isso, porque eles me machucaram mais do que era necessário.

Chegou a hora de comer, e eu comi o que eles me deram, que era... vós já podeis imaginar. À noite, seguiu-se o jantar, de mingau. Para outro pobre infeliz, o do número 36, que estava quase agonizante, colocaram um crucifixo na frente de sua cama com uma vela a seus pés⁸²⁰. Assim, os enfermeiros foram dormir, deixando-o para que morresse quando bem entendesse.

Por dois meses, estive observando coisas que não são fáceis de se acreditar, e para as quais seria bom esperar uma solução.

Eu já estava convalescente quando, um dia, o Januário veio visitar-me, envolto em um *sarape*⁸²¹ e chapéu rasgados, em mangas de camisa⁸²², calças rasgadas e sujas e sapatos feitos de couro de sapateiro e mais velhos que o chapéu. Como eu não tinha deixado ele em tão mau estado, nem o reconheci (p. 378) de tão maltrapilho

⁸²⁰ Nota do Autor: “A esta cerimônia de indolência e pouca caridade, chamam, geralmente, nos hospitais: ‘*poner el tecolote* [Nossa tradução: pôr a coruja]” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 377, nota b) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Davis (1961, p. 80) refere-se ao costume antigo nos hospitais no qual os enfermeiros disponibilizavam, numa mesinha ao lado do paciente moribundo, um pequeno crucifixo alumiado com duas velas, para, em seguida, retirar-se para deixar que o doente morresse quando Deus o dispusesse. Para mais informações, visitar: <https://www.jstor.org/stable/334548>. Acesso em: 16 out. 2022.

⁸²¹ *Nota da Tradutora: O *sarape* é uma manta colorida de lã ou algodão e de cores muito vivas. A manta leva esse nome na Guatemala e no México. É uma peça de vestuário masculina típica desses países. Os motivos dos bordados e cores refletem o *status* social econômico de quem a veste. Para mais informações, visitar: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/el-sarape.html>. Acesso em: 16 out. 2022.

⁸²² Nota do Autor: “Este modo de falar é vulgar. Já é sabido que quer dizer que não tinha nem jaleco nem jaqueta” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 377, nota c) (Nossa tradução).

que andava, fiquei assustado. (p. 378) Pensei que trazia consigo alguma novidade, e que, por isso, meu amigo tinha vindo disfarçado. Mas ele me tirou esse temor todo, ao me dizer que aquela veste era sua e a única que ainda tinha, pois as preocupações o haviam seguido como os paus aos cães.

Contou que, desde o dia de minha desgraça, ele não tinha conseguido levantar a cabeça, porque todos os jogadores ficaram sabendo o que aconteceu naquele dia e, por isso, não lhe davam mais oportunidade de participar de nenhum jogo; que todos o trataram como um delator; que, logo depois, no mesmo dia, ele percebeu que eu ainda não tinha me encontrado com ele e, quando ficou sabendo que eu tinha saído com o camponês, temeu o que de fato aconteceu comigo. Disse-me que, naquela mesma noite, tinha ido perguntar por mim na pousada e lá lhe haviam dito que meu agressor, assim que se tinha recuperado da raiva e ao ter percebido o estrago que me tinha feito, temeroso da justiça, tinha selado seu cavalo e ido embora tão às pressas que, quando os oficiais de justiça foram procurá-lo, ele já estava longe da Cidade do México.

Também me contou que o camarada velhaco que apostou nos *albures* tinha fugido com o dinheiro e não se sabe de seu paradeiro, de modo que Januário não conseguiu um real de toda sua diligência⁸²³. Por isso, foi andando a pé até Chilapa⁸²⁴, onde alguém disse que o homem tinha ido, mas que fez a viagem em vão. Então, ele se juntou a outros homens habilidosos e foi em missão⁸²⁵ a Tixtla⁸²⁶, pensando em fazer alguma coisa, porque começavam as festividades, mas o subdelegado era muito contrário aos jogos, e não pôde fazer nada. Também me relatou que sobreviveu de esmolas e, assim, voltou para a Cidade do México; e que, dois dias antes de chegar,

⁸²³ Nota do Autor: “Muitas vezes, acontece isso mesmo àqueles que ficam expostos e preveem um roubo, e outros são os aproveitados” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 378, nota d) (Nossa tradução).

⁸²⁴ Nota da Tradutora: Após uma busca rápida na internet, encontramos duas cidades que se iniciam com o nome Chilapa: Chilapa Álvarez (a 212 km da Cidade do México) e Chilapa de Díaz (a 265 km da Cidade do México). Para mais informações, visitar: <https://www.los-municipios.mx/municipio-chilapa-de-alvarez.html> e <https://www.los-municipios.mx/municipio-villa-de-chilapa-de-diaz.html>. Acesso em: 23 out. 2022.

⁸²⁵ Nota do Autor: “Os vigaristas chamam *ir a missão* ou *ir de missão* [Nossa tradução está no corpo do texto] a certas viagens curtas que fazem fora das cidades para roubar com o naipe aos infelizes descuidados que caem em suas mãos. Raramente entra cura, subdelegado ou festinha; não existem missioneiros malditos. Esses vagabundos são como a traça, a praga que ataca os povoados. Costumam mil vezes ir lá sem um real, nus e a pé, voltam a cavalo, vestidos e com muitos pesos roubados no bolso. Seria bom se os juízes fizessem o que foi feito em Tixtla; quer dizer, não os deixar permanecer em seus territórios” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 378, nota e) (Nossa tradução).

⁸²⁶ Nota da Tradutora: A cidade de Tixtla está a 217 km da Cidade do México. Para mais informações, visitar: <https://www.los-municipios.mx/municipio-tixtla-de-guerrero.html>. Acesso em: 23 out. 2022.

e depois de ter sido informado que eu ainda estava no hospital, veio ver-me; que ele estava acabado e, ultimamente, desejava que eu saísse dali para que, juntos, pudéssemos ver o que fazer.

Januário me fez todo este longo relato, e não de modo resumido. (p. 379)
Contei-lhe os detalhes de meus infortúnios e ele me respondeu:

– Irmão, fazer o quê? Aquele que está pronto para os tempos bons, também deve estar pronto para os tempos difíceis. Assim como tu estiveste satisfeito e contente com os pesos esbanjados, assim, também, debes fazer com as dores recebidas. É o que acontece em nossa carreira, que assim como temos boas aventuras, temos que sofrer outras más. Teria dito o mesmo se isso tivesse acontecido comigo, mas não fiques abalado. Termina de se curar, pois o mar nem sempre estará calmo. Se tu saíres quando eu não estiver por perto, podes me procurar no *arrastraderito* daquela noite, porque tu e eu não temos outra casa no momento. Tu sabes que somos velhos amigos.

Com isso, Januário partiu, deixando-me no hospital. Tive alta três dias depois, como os soldados.

Eu saí recuperado, segundo o médico, mas, de acordo com o quanto eu mancava, ainda precisava de bem mais chá de calaguala⁸²⁷ e muito mais suturas. Mas o que eu deveria fazer? O médico disse que eu já estava bem, e eu tinha que acreditar nisso, embora minha natureza dissesse o contrário.

Finalmente, saí, todo abalado e atordoado. Mas, para onde eu fui? Para a rua, porque, realmente, não tinha casa. E saí pior do que entrei, porque meus trapos já eram ruins ao entrar, mas, ao sair, bem poderiam considerar-se lixos para serem jogados fora. Não sei como isso aconteceu.

Pobre e farrapento, só, doente e com muita fome, passei o dia todo me queimando no sol à procura de meu protetor, Januário, a cujas migalhas eu estava preso, embora o considerasse um pouco menos miserável do que eu mesmo.

Minhas diligências foram em vão. Já passava de uma hora da tarde e eu não tinha nada no estômago, apenas o pouco de mingau aguado que recebi no hospital

⁸²⁷ Nota da Tradutora: Essa planta medicinal, *calaguala*, *Polypodium leucotomos*, já foi mencionada. Ver nota 422 de nossa tradução.

no café da manhã. (p. 379) A propósito, quando o bebi, lembrei-me daquele pequeno verso que diz:

*Este é o postrimeiro mingau
Que em tua casa deverei beber.*

O fato é que eu não podia mais enxergar por causa da fome, devido a tanto sangue perdido por causa da má passagem pelo hospital. Eu estava muito debilitado.

Não tive outra alternativa: às três horas da tarde, tirei meu casaco (p. 380) em um saguão e o penhorei. Que dificuldade me custou conseguir que eles me emprestassem quatro reais! Não deram mais do que isso porque disseram que não valia nada. Porém, no fim das contas, recebi o empréstimo, peguei meus cigarros e fui comer em uma taberna.

Meu coração ficou contente depois que meu estômago estava satisfeito. Caminhei a tarde toda com a mesma diligência que de manhã e, de meus passos, consegui o mesmo resultado, quer dizer, não achei meu companheiro. Mas, após o anoitecer, já eram oito horas, fiquei com muito medo, pensando que, se ficasse mais tempo na rua, poderia encontrar com uma patrulha e ir parar na cadeia ao amanhecer.

Por causa desses temores, resolvi ir para o *arrastraderito*, que eu achava tão difícil quanto o próprio hospital; mas, a necessidade faz-nos superar tudo.

Cheguei à maldita pocilga com um real e meio (pois antes, no caminho, fui comer meio real de feijão). Entrei sem ninguém falar comigo, e quando vi a pequena mesa de jogo, pareceu-me um quadro de almas, das penadas.

Havia cerca de catorze ou dezesseis pessoas ali, e dentre eles não vi nenhum rosto branco, alguém que estivesse ao menos meio vestido. Todos eles eram *lobos*⁸²⁸

⁸²⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *lobos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 380). Frye (2004, p. 176) define como “pessoas miscigenadas provenientes da mistura entre indígena-africano-europeu” (Nossa tradução). De acordo como o *Diccionario de americanismos* (2010), entre outras acepções, esse termo pejorativo é para se referir àquelas pessoas astutas, hábeis na arte de enganar, ou para evitar o engano ou conseguir artificialmente qualquer finalidade. Disponível em: <https://www.asale.org/damer/lobo>. Acesso em: 28 out. 2022.

e mulatos pelados, (p. 380) que jogavam seus recursos, *tlacos*⁸²⁹ e *cuartillas*⁸³⁰ com um maço de cartas tão pequeno e imundo que só eles reconheciam os valores dos naipes.

Lá, disputavam entre eles os poucos pertences que tinham. Alguns penhoravam, outros jogavam tudo no arremate, assim, ficando apenas com o que suas mães lhes trouxeram ao mundo, com nada mais do que um *mastle*⁸³¹, como eles o chamam, que é um trapo com o qual eles cobrem sua vergonha. E até havia um desses velhacos enrolado em um cobertor, na companhia de outro, a quem chamava de seu *chapa*.

Naquele inferno, abundavam juramentos, obscenidades e blasfêmias. O jogo, a aglutinação das pessoas, a estreiteza e o *chinguirito*⁸³² faziam ferver o lugar, fedendo a suor e feito..., eu já comparei bem, um inferno.

Tão logo eles viram que eu me aproximei da mesa para assistir ao jogo, acharam que eu tinha dinheiro e me deram lugar para me sentar, em um canto, num banco que tinha uma estaca espetada fora dela, e (p. 381) ela ficou presa no lugar errado, deixando-me como um macaco de vidro. Mesmo com meu desconforto, não me levantei, considerando que aquele gesto comigo entre aquelas pessoas era de muita cortesia. Tirei meus poucos meios e comecei a jogar apostando *tlacos* e *cuartillas* como todos os outros.

Não demorei muito para perder e prossegui com outra aposta que teve o mesmo destino em menos minutos. Não quis jogar o terceiro porque estava economizando para pagar a pousada.

Eu estava prestes a me levantar, quando o gurupiê reconheceu-me e disse:

– A quem procuras?

Respondi que procurava a *Don Januário Garpeña* (esse era o sobrenome de meu companheiro). Todos riram animadamente ao ouvir minha resposta e,

⁸²⁹ *Nota da Tradutora: O termo *tlaco* já foi apresentado nas notas 509 e 756 de nossa tradução. Moeda que equivalia a um oitavo de real.

⁸³⁰ *Nota da Tradutora: O termo *cuartilla* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 380) já foi registrado na nota 538 de nossa tradução.

⁸³¹ *Nota da Tradutora: Trata-se de uma espécie de tanga masculina, ou tapa-rabo, como explicado na narração. Transcrevemos o termo tal qual Ruiz Barrionuevo (2008). Frye (2004) a escreve com X: *maxtle*. Para mais informações, visitar: <https://editorialcosmos.com/vocabulario-esencial-mexicano/4399/maxtle/>. Acesso em: 28 out. 2022.

⁸³² *Nota da Tradutora: *Chinguirito* é uma bebida de aguardente de cana. Ver nota 764 de nossa tradução.

percebendo (p. 381) que agi acovardado diante de suas gargalhadas, o gurupiê disse-me:

– Por acaso não está o procurando João Dotado, o proditor, aquele com quem estive junto naquela noite?

Não pude negar. Respondi que era aquele mesmo quem eu procurava, e ele respondeu-me:

– Meu amigo, ele não é um *Don* ou uma *Doña*. Como máximo, ele chega a ser um *Sem-nada* ou um *Don Pelado*, como nós...

Nesse momento, o aludido entrou e, assim que o viram, todos começaram a provocá-lo, dizendo-lhe:

– Oh! *Don* Januário! Oh, *Señor* João Dotado! Entre, sua adoração! Onde estive? – e outros disparates, que se resumiram a zombar dele pelo tratamento que lhe dei.

Ele não percebeu minha presença e, como ignorava tudo o que tinha acontecido, comportou-se como uma barata tonta, até que um dos pelados, para acabar com seus receios, disse-lhe:

– Veio aqui o senhor perguntar pelo cavalheiro *Don* Januário Garrapiña⁸³³ ou Garrapeña – e, ao dizer isso, apontou para mim.

Assim que Januário viu-me, muito contente, expressou sua amizade com as palavras mais finas para me cumprimentar, lançou-se em meus braços e disse-me:

– *É possível, Periquitinho Sarnento, novamente nos reencontrarmos?* – assim que aqueles camaradas ouviram meu apelido, reiniciaram sua tagarelice e começaram a indagar sobre seu significado, cuja explicação Januário não lhes negou.

Aqui, eu fui escarnecido, e todos eles começaram a me chamar de Periquitinho por aqui, Periquitinho por lá, pois, afinal, aquele era um povo grosseiro e rude. Por mais incomodado que eu estivesse com a zombaria, não pude deixar de dissimular (p. 382) e entrar na jogada⁸³⁴, como dizem vulgarmente, porque, se eu tivesse desejado ser tratado por esses canalhas de acordo como meus princípios mereciam,

⁸³³ Nota da Tradutora: Aparentemente, trata-se de um jogo de palavras para conjugar o sobrenome *Garrapeña*. *Rapiña*, ou ‘rapina’, em português, “ação ou resultado de roubar com violência ou astúcia” (*Aulete Digital*), parece considerar o caráter da personagem Januário.

⁸³⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *hacerme a las armas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 382). De acordo com López y López (1931, p. 467), significa: “tomar o mal com paciência, não lhe dar muita atenção” (Nossa tradução).

eu teria lhes (p. 382) dado mais motivos para escarnecerem de mim. Tais são as decepções às quais o homem indolente, vadio e sem vergonha se expõe.

Quando viram que eu agi tão animadamente e que, longe de ficar incomodado, entrava na onda deles, todos, imediatamente, tornaram-se meus amigos e camaradas, reconhecendo-me como um de seus, pois diziam que eu era como todos ali, e, com esta confiança, começamos todos a nos chamar pelos primeiros nomes de uma maneira despreocupada. Trata-se de um costume comum de pessoas sem educação, que começa no afeto e, muitas vezes, termina no vilipêndio, mesmo entre sujeitos decentes⁸³⁵.

Imaginaí, eu, membro de tal comunidade, membro de uma academia de trapaceiros e sócio de um complô de bêbados, apostadores e ladrões de talheres. Foi assim que me tornei um grande sucesso naquela noite e acabei fazendo honrarias à memória de meu bom pai.

O que minha mãe teria dito se tivesse visto o descendente dos Ponces, Tagles, Pintos, Velascos, Zumalacárreguis e Bundiburis entre aquela gentilha do tipo mais indecente? Ela teria morrido mil vezes, e com certeza outras tantas teria preferido me colocar no pior ofício em lugar de me deixar feito um vagabundo. Mas, as mães não acreditam no que acontece, e até pensam que esses exemplos apenas são meras histórias, e que, mesmo que verdadeiras, não são aplicáveis para seus próprios filhos. Enfim, fomos dormir do jeito que deu, aqueles de nós que ficamos lá. E eu passei a noite como Deus quis.

Fiquei com aquela *família* por seis ou oito dias, durante os quais Januário me deixou sem capa, pois um dia ele a pediu emprestado para fazer uma diligência, que não explicou exatamente o que era, e me deixou, em troca, (p. 383) seu *sarape*⁸³⁶. Às quatro horas da tarde, voltou sem minha peça de vestuário. Eu morri de medo quando ele me contou mil mentiras e terminou dizendo que a capa foi penhorada por cinco pesos.

⁸³⁵ Nota do Autor: “O tratamento informal, longe de acrescentar a amizade, tal como acreditam alguns vulgares, torna-a diminuída, porque a confiança em demasia ordinariamente segue ao de menosprezo, a este, o sentimento e ao da chateação, e lá se foi a amizade. Um tratamento político e carinhoso conserva os bons amigos” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 382, nota f) (Nossa tradução).

⁸³⁶ Nota da Tradutora: Para *sarape*, ver nota 815 de nossa tradução.

(p. 383) – Por cinco pesos, homem de Deus! – eu disse. – Como isso é possível, se está tão rasgada e remendada que não vale vinte reais⁸³⁷?

– Aí que está – respondeu-me Januário – meu valor como veterano que sou.

– Bem – disse-lhe eu –, e o dinheiro?

– Oh, que tolo tu és! – respondeu-me. – Se tu tivesses visto os truques que apliquei com os cinco pesos, terias ficado surpreso. Sabes que eu sou um calculista. Eu cheguei a me fazer com... Eu já te conto.... Quinze e sete... são vinte e dois; e... nove? Trinta e um... e doze? Enfim, perto de cinquenta pesos, e por aí, por aí.

– E onde estão eles? – perguntei-lhe.

– Onde é que deveriam estar? – disse-me Januário – Eu estava jogando a naipes menores⁸³⁸ fechados, coloquei todo o dinheiro sob um três contra um valete e...

– Acaba logo isso – eu lhe disse. – Veio o valete e ao diabo com o dinheiro, não é isso?

– Sim, irmão, é isso mesmo. Mas se tu visses que três tão lindo! Pequenino, naipe menor, ímpar, fora de lugar....⁸³⁹ Qual é, se tinha tudo (p. 384) para o maldito três ganhar!

– Maldito sejas tu, e o três, e o quatro, e o cinco, e o seis, e o baralho todo, pois me deixaste sem capa! Ah, desgraça! Era a única coisa de valor que eu tinha, meu colchão, minha cama e tudo mais. Tudo para me deixar agora feito um desgraçado?

– Fica calmo – disse-me Januário –, pois tenho um projeto muito bem estudado e que irá nos dar dinheiro e pode ser levado a cabo esta noite. Mas precisas guardar segredo. Por enquanto, temos o *sarape*, que muito bem pode servir a nós dois.

Perguntei-lhe o que era e ele me levou para um canto da pequena sala e me disse:

– Olha, quando alguém está em nossa situação, é necessário ser mais arrojado e determinado em tudo, porque é pior morrer de fome. Sabe, então, que uma viúva

⁸³⁷ Nota da Tradutora: Lembrar-se de que o peso equivale a 8 reais. Ver notas relacionadas: 223, 263 e 538 de nossa tradução.

⁸³⁸ Nota da Tradutora: Para *contrajudías*, ou naipes menores, ver notas 713 e 790 de nossa tradução.

⁸³⁹ *Nota da Tradutora: A expressão “*lugar de dentro y de fuera*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 383), de acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 383, nota 404), corroborado por Frye (2004, p. 166, nota 7), refere-se aos seguintes lugares na mesa: o lugar de dentro, marcado com o número um, corresponde àquele em que é jogada a primeira carta que sai, enquanto o lugar de fora refere-se ao lugar marcado com o número dois.

rica mora aqui perto, (p. 384) sem outra companhia do que uma empregada simpática, a quem eu dei uma cantada, embora não tenha conseguido nada dela. Essa viúva será aquela que nos acudirá esta noite, mesmo que não queira.

– E como? – perguntei-lhe. Ao que Januário me disse:

– Aqui, na camaradagem, há um sujeito que atende pelo nome de Culás ou Pípilo, que é um mulato muito esperto, muito espirituoso e um grande amigo meu. Ele arranhou para que esta noite, entre dez e onze horas, passemos pela casa, para surpreender as duas mulheres e colocarmos as mãos no dinheiro e nas joias, pois a viúva tem muito disso por lá.

Tudo está arranjado: já combinamos e temos um pé-de-cabra que se encaixa perfeitamente na porta. Tudo o que precisamos é de um companheiro para ficar no saguão enquanto avançamos. Ninguém melhor do que tu para essa finalidade. Então, ânimo, porque eu te darei uma parte considerável de dinheiro em troca do capote que perdi.

Fiquei surpreso com a determinação de Januário, e não consegui me convencer de que ele era capaz de se prostituir (p. 385) ao extremo, de se declarar ladrão. Assim, longe de estar determinado a acompanhá-lo, procurei dissuadi-lo de sua tentativa, sopesando a injustiça do ato, os perigos aos quais ele se expunha e o destino vergonhoso que lhe esperava se, por algum infortúnio, fosse pego.

Januário me escutou com muita atenção e, quando terminei, disse-me:

– Não pensava que tu fosses tão hipócrita, tão tolo a ponto de te atreveres a fingir virtude e a dar conselhos a teu mestre. Olha aqui, sua mula, sei perfeitamente que o roubo é injusto e que esse ofício tem seus riscos. Mas, cá entre nós, qual deles não os tem? Se um homem fizer viagens comerciais distantes, pode ficar perdido; se se concentrar muito em volta do trabalho agrícola, uma tempestade ruim pode arruinar a colheita mais expressiva; se estudar, pode ser um tolo ou nunca receber crédito; se aprender um ofício mecânico, pode estragar o trabalho, pode sofrer trapaças, ou pode resultar em um incompetente; se se voltar para o trabalho de balconista, pode não encontrar proteção e nunca conseguir uma promoção em toda sua vida; se empreender a vida militar, pode ser morto na primeira campanha, e assim pode acontecer com todos eles.

“De maneira que, se todos tivessem medo do que poderia acontecer, ninguém teria um centavo, porque ninguém arriscaria procurá-lo. Se tu me disseses que a

maneira que proponho (p. 385) para obtê-lo, da forma como o pinteí, é justa, e que aquilo que eu te proponho é iníquo, então responderei que roubar nada mais é do que tirar do outro o que é dele sem sua vontade. E, de acordo com esta verdade, o mundo está cheio de ladrões.

“O que acontece é que alguns roubam sob a aparência de justiça, e outros, sem ela. Alguns em público, outros, em privado. Alguns à sombra da lei, outros, declarando serem contra ela. Alguns estão expostos a balas e carrascos, e outros passeiam por aí na segurança de suas casas. Em resumo, irmão, alguns roubam divinamente, e outros, do jeito dos humanos, mas todos⁸⁴⁰ roubam. Portanto, essa não será uma razão poderosa (p. 386) para eu me desviar da intenção que fiz; para o mal de muitos etc.

“O que tem de especial em roubar com caneta-tinteiro, com varas de medir, com básculas de pesagem romanas, com receitas, com óleos, com papéis, e assim por diante, do que roubar com um pé-de-cabra, cordas ou chaves-mestras? Roubar é roubar; afinal, tudo não é mais do que roubar. E ladrão é ladrão. O mesmo se aplica àquele que rouba de carruagem como àquele que rouba a pé, e é tão prejudicial para a sociedade, ou mais, o ladrão nas cidades do que o assaltante da estrada.

“Não adianta franzir o cenho para mim e nem começar a ficar chocado com tuas patacoadas. Isso que te digo não é apenas porque quero ser um ladrão; outros o disseram antes de mim, e não apenas o disseram, mas o deixaram por impresso, inclusive homens de virtude e sabedoria como o padre jesuíta Pedro Murillo Velarde⁸⁴¹ em seu *Catecismo*. Ouvi o que é lido no livro II, capítulo XII, fólho 177:

“Há inúmeros modos, gêneros, espécies e maneiras de roubar (diz este padre). Rouba o homem pequeno, rouba o grande, rouba o oficial, o soldado, o comerciante, o alfaiate, o escrivão, o juiz, o advogado. E embora nem todos roubem, todo gênero

⁸⁴⁰ Nota do Autor: “Só Januário poderia falar com tanta abrangência porque era um caso perdido. As palavras vêm à boca a partir daquilo que abunda no coração. Nem todos roubam, mas são tantos os ladrões, e pode tanto o interesse, que apenas existem poucos em quem se possa confiar. Perdem-se os homens dignos quando ficam rodeados dos que não o são. Se for um assunto de interesse, são inusitados os que agem escrupulosamente, já para defraudar, ou para ficar com o alheio. Esta é uma verdade amarga. Analisemo-la sem paixão” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 385, nota g) (Nossa tradução).

⁸⁴¹ Nota da Tradutora: Para mais referências sobre Murillo Velarde e a obra mencionada na narrativa, ver a nota 637 de nossa tradução.

de pessoa rouba. E o verbo *rapio* é conjugado em todos os modos e tempos⁸⁴². Rouba-se ativa e (p. 386) passivamente, por circunlocução e por participio futuro em *rus*.” Até aqui, está o dito pelo referido autor.

“O que achas, então? E onde há tantos ladrões, que diferença fará mais um, então? Certamente, não será nem notado, porque uma andorinha sozinha não faz verão⁸⁴³. Sabes quem são aqueles que se escandalizam com os ladrões e seus furtos? Os de seu próprio ofício, seu pascácio. Esses são seus piores inimigos; é por isso que o ditado diz *que ficam atirando pedras na casa dos outros, mas esquecem-se de que a deles é de vidro*⁸⁴⁴.

(p. 387) “Não me lembro se em um livro antigo intitulado *Deleite de la discreción*, ou em outro chamado *Floresta española*⁸⁴⁵, mas certamente em um dos dois, eu li aquela história engraçada de um louco muito afiado de Sevilha, chamado Juan Garcia, que, vendo, em certa ocasião, que um ladrão estava sendo levado para a forca, começou a rir em voz alta, e quando lhe perguntaram do que ele estava rindo diante de um espetáculo tão sombrio, ele respondeu: *eu rio ao ver os grandes ladrões levarem o garoto para ser enforcado*. Reflita, Senhor Quitinho, sobre isso.

– Tudo o que concluo – respondi-lhe – é que quando um homem está resolvido, como tu estás, a fazer qualquer coisa, por pior que seja, ele interpretará a seu favor

⁸⁴² Nota do Autor: “Como dizer, no tempo presente: eu roubo, tu roubas, aquele rouba, nós roubamos, vós roubais, aqueles roubam. No tempo pretérito: eu roubei, tu roubaste, aquele roubou, etc. No futuro: eu roubarei, tu roubarás, e assim todos os outros tempos e pessoas. Que desgraça! Muitos não sabem nem ler e conjugam este verbo sem se sentirem perturbados” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 386, nota h) (Nossa tradução).

⁸⁴³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *un garbanzo más no revienta una olla* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 386). De acordo com López y López (1931, p. 478), o refrão é “usado para desprezar o desacordo de uma pessoa com o acordo da maioria” (Nossa tradução).

⁸⁴⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Siente el gato que outro lo arañe* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 386). De acordo com López y López (1931, p. 478-479), é um mexicanismo que discorre sobre “aqueles que se escandalizam pelo delito alheio, no entanto eles mesmo fazem coisas piores” (Nossa tradução).

⁸⁴⁵ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008, p. 408), tal como já comentou sobre outras obras citadas pelo próprio autor na narrativa do livro, declara que as citações não foram encontradas nos livros mencionados por Fernández de Lizardi. O primeiro livro citado é *Deleyte de la discreción, y fácil escuela de la agudeza: que en ramillete texido de ingeniosas promptitudes, y moralidades provechosas*, [...] [Nossa tradução: Deleite da discrição e fácil escola da agudeza: que tecido de engenhosas prontidões e moralidades proveitosas [...]], do autor Bernardino Fernandez de Velasco y Pimentel Frias (1783-1851), poeta e escritor espanhol. A obra foi publicada em Madri, no ano de 1734, e suas reimpressões ocorreram em 1749, 1764 e 1770. Para mais informações, visitar: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/1465594.pdf>. O segundo livro citado é *Floresta espanhola*, escrito por Melchor de Santa Cruz de Dueñas (1500-1510 – ?). O livro foi publicado em Toledo, Espanha, no ano de 1574. Informações retiradas de: <https://dbe.rah.es/biografias/74883/melchor-de-santa-cruz-de-duenas>. Acesso em: 01 nov. 2022.

os mesmos argumentos que mostram o contrário. Tudo o que dizes tem uma boa dose de verdade. (p. 387) Há muitos ladrões, quem pode negar isso se já os vimos? Que o roubo é camuflado com nomes diferentes é evidente, e que, muitas vezes, rouba-se sob o pretexto da justiça, isso também é mais claro do que a luz. Mas tudo isso não comprova que é lícito roubar. Então, porque em guerras justas ou injustas os homens são mortos em milhares, será que alguma vez será provado que o assassinato é legal? A repetição de atos gera hábito, mas não o justifica se não for bom em si mesmo.

“Nem o que o Padre Murillo diz comprova nada, pois ele o disse usando a sátira e não foi para aplaudir o roubo. Mas para não lhe dever nada, retribuirei sua pequena história com outra que também li em um livro jesuíta, e ela tem a recomendação de provar o que você diz e o que eu digo, isto é, que muitos roubam, mas não é por isso que o roubo é lícito. Agora escute o que tenho a dizer:

(p. 388) “Alguém pintou um príncipe no meio de uma tela, e, a seu lado, o ministro, que disse: *eu sirvo apenas ele e dele eu me sirvo*. Depois, um soldado disse: *enquanto eu roubo, estes roubam de mim*. Em seguida, um agricultor disse: *eu sustento e recebo meu sustento destes três*. Ao lado dele, um oficial confessava: *eu engano, e estes quatro me enganam*. Logo, um mercador disse: *eu dispo quando visto estes cinco*. Depois, um advogado: *eu destruo quando amparo estes seis*. Perto, um médico: *eu mato quando curo estes sete*. Logo, um confessor: *eu condeno quando absolvo estes oito*. E, por último, um demônio, enquanto esticava sua garra, disse: *então, eu levo embora todos estes nove*. Assim, um a um, acorrentados, os homens analisam as fraudes contra o sétimo preceito, ao descerem para o inferno, acorrentados.” Até aqui, vemos as palavras do cristão, zeloso e sábio Padre Juan Martínez de la Parra, em sua *Plática Moral* 45, fôlio 239 da edição 24, feita em Madri no ano de 1788.

“Portanto, podes ver, como, embora todos roubem, segundo tu dizes, todos eles fazem o mal, e o diabo levará todos, e eu não tenho vontade de entrar nessa conta.

– Estás muito refochado – disse-me Januário. – E para dizer-te a verdade, isso não é virtude, mas medo. Como, assim, tu não escrupulizas tanto para fazer uma trapaça, para arrastar a teu bolso o *morto* de uma partida, ou para se armar com o dinheiro das apostas alheias, já que tu o fazes melhor do que eu? E onde estava tua

consciência (p. 388) ao entregares para outros os cem pesos do camponês? Bem, tu sabes muito bem que todos esses são roubos com nomes diferentes.

– Isso é verdade! – respondi-lhe. – Mas se eu o fiz, foi por tua instigação, pois eu, sozinho, não tenho coragem de fazer tanto. Reconheço que é roubo, e que fiz mal. Também reconheço ter feito essas vigarices, trapanças e embustes que conduzem nessa direção, ou seja, para serem ladrões diretos. Eu, meu amigo, não gostaria que tu me tomasses por virtuoso. Suponhamos que meu receio seja por puro medo; mas pode acreditar que, infalivelmente, não tenho nenhuma vontade de morrer enforcado.

Assim, conversamos por um longo tempo, até chegarmos ao que vós sabereis, se lerdes o capítulo que segue a este.

(p. 389) Capítulo VI

No qual nosso autor relata sobre seu encarceramento, como conseguiu um bom amigo nesse lugar e a história deste último

Depois de muitas discussões que tivemos sobre o assunto anterior, eu disse a Januário:

– Por último, irmão, acompanho-te para o que tu quiseres, menos se for para roubar, porque, para dizer a verdade, não gosto desse trabalho e prefiro tirar de tua mente tanta tolice.

Januário agradeceu-me por minha consideração, mas disse que se eu não quisesse ir com ele, que ficasse ali; porém, eu deveria manter seu segredo, porque ele estava determinado a sair da miséria naquela noite, sem se importar com o que pudesse encontrar nessa empreitada. Se tudo corresse sem escândalos, segundo planejaram Pípolo e ele, no outro dia, traria para mim um capote melhor do que aquele que apostou, e não passaríamos mais necessidades.

Prometi manter o mais rigoroso silêncio. Agradei-lhe pela oferta e repeti meus conselhos com mil súplicas, mas nada foi suficiente para detê-lo. Ao sair, abraçou-me, colocou um rosário em meu pescoço e disse-me:

– Caso aconteça um imprevisto e não nos vejamos mais, põe-te este rosário para sempre te lembrares de mim.

Com isso ele partiu e eu fiquei aos prantos porque me importava com meu amigo, mesmo sabendo que ele era um patife. Não sei o que é que tem a comunicação adquirida e mantida desde a mocidade que gera nos sujeitos um afeto fraternal.

(p. 390) Meu amigo foi embora e passei o resto da tarde consumido de tristeza, sentindo seu abandono e temendo um infortúnio desastroso. Às nove horas da noite, não consegui me segurar de tanta saudade de meu camarada e, como fazem os amantes, saí à procura dele pela rua, no local onde ele me disse que morava a viúva.

Colado ao marco de uma porta, oculto, à mercê da fraca iluminação da rua, percebi que, por volta de dez e meia, chegaram à casa designada para o roubo dois vultos, que, imediatamente, reconheci como Januário e Pípolo. Silenciosamente, abriram a porta e a deixaram encostada. E fui, dissimuladamente, acender um cigarro no lampião do guarda noturno, que estava sentado na esquina.

Depois que cheguei, cumprimentei-o com muita cortesia e ele retribuiu-me a saudação. Dei-lhe um cigarro, acendi o meu e apenas entabulei uma conversa, aguardando (p. 390) o resultado de meu amigo. Ouvimos as portas de uma varanda se abrirem e, em seguida, os gritos horríveis de uma moça, que, sem dúvida, era a empregada da viúva:

– *Seu guarda! Ladrões! Corra, pelo amor de Deus! Eles vão nos matar!*

Isso foi o que a moça gritou várias vezes, e muito alto. O guarda, então, levantou-se, soprou o apito o melhor que pôde, lançou sinais com sua lanterna no meio da rua para chamar seus companheiros e disse-me:

– Amigo, se puder dar-me um auxílio, pegue minha lanterna e vamos.

Peguei a lanterna. Ele colocou de lado seu capote e ergueu seu cassetete, mas, enquanto fazia essas diligências, os ladrões escaparam. Pípilo, a quem reconheci pelo chapéu branco, passou quase do meu lado. E, por mais que o guarda e eu (que também fingia correr) corrêssemos, não conseguimos alcançá-los porque o fugitivo criou asas nos pés. De nada adiantou o vigia gritar: “*Peguem-no! Peguem-no!*”; porque aquelas ruas não são muito movimentadas à noite e não havia muitos transeuntes que pudessem nos ajudar a prendê-lo.

É por isso que Pípilo escapou e, também, Januário, com menos dificuldades, pois tomou a outra rua lateral, onde não havia nenhum vigia ou ninguém para importuná-lo na fuga.

Enquanto isso, chegaram mais dois guardas, e logo atrás deles, uma patrulha. A moça ainda não tinha desistido e gritava na varanda, pedindo por *um padre*, alegando que sua *señora* tinha sido assassinada. A seus gritos, todos nos dirigimos até ela e entramos na casa.

(p. 391) A primeira coisa que encontramos foi a tal moça, chorando no corredor, e dizendo-nos:

– Ai, cavalheiros! Um padre e um médico, que aqueles desprezíveis já mataram minha *señora*.

O sargento da patrulha, com dois soldados, os guardas e eu, que não soltava a lanterna, entramos no quarto onde a *señora* jazia sobre sua cama, encharcada de sangue, sem sinais de vida.

A visão horripilante daquele espetáculo chocou a todos e me encheu de medo e piedade: de medo, pelo risco que Januário corria caso fosse descoberto; e de

piedade, ao considerar que foi injusto o sacrifício daquela vítima inocente por causa da ganância de meu amigo.

(p. 391) Pouco depois, o médico e o confessor chegaram, quase juntos, já que o sargento tinha dado a ordem para um soldado chamá-los, logo após ter ouvido os gritos da moça na rua.

Enquanto chegaram, o sacerdote aproximou-se da cama e, vendo que ela não reagia nem quando a movia, nem quando falava com ela, deu a absolvição sob condição⁸⁴⁶ e retirou-se para um lado.

Então, o médico aproximou-se dela e, por sua experiência, percebeu que estava apenas desmaiada e que o sangue nela exposto era decorrente da indisposição comum às mulheres. Saímos para a sala, aliviados porque não se tratava de uma tragédia como pensávamos. Enquanto isso, o médico e a moça tratavam a paciente de forma caseira.

Concluída a diligência e visto que a mulher se recuperara do desmaio, a criada chamou o sargento para verificar o que faltava na casa. Ela registrou tudo e lhe disse que nada faltava a não ser uma colher que sua *señora* estava usando enquanto jantava e a cordinha de pérolas que levava no pescoço. Assim que um dos ladrões levou a patroa para a cama, o outro embolsou o talher, não esperando nada mais acontecer. Enquanto isso, aproveitando a distração do bandido, ela saiu para a varanda e começou a gritar para o vigia, e tais gritos fizeram os ladrões fugirem para a rua.

Eu estava com a lanterna na mão, com o *sarape* à mostra e com aquela serenidade que infunde inocência, mas a moça malvada, enquanto dava suas declarações, não tirou os olhos de cima de mim em nenhum momento, perscrutando-me de cima a baixo. Eu notei isso, mas não cogitei nada de ruim, e atribui suas ações ao fato de que, talvez, ela não me achasse muito feio.

O sargento perguntou-lhe se conhecia algum dos ladrões, (p. 392) e ela lhe respondeu:

⁸⁴⁶ Nota da Tradutora: A absolvição sob condição é o sacramento católico que perdoa os pecados da pessoa à beira da morte. Para mais informações, visitar: <https://irmandadedocarmo.org/2017/04/05/sobre-o-sacramento-da-penitencia-parte-2-e-valida-a-absolvicao-coletiva-e-outros-temas-afins/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

– Sim, senhor, conheço um deles, seu Januário, conhecido pelo apelido de João Dotado. Ele não sai desse bar de apostas daqui da esquina. Este senhor deve conhecê-lo melhor do que eu.

(p. 392) Naquele momento, ela apontou para mim e congelei mortalmente, como dizem. O sargento notou minha turbacão e disse-me:

– Sim, meu amigo, a moça está certa, sem dúvida. Vós ficastes bem abalado, e a própria culpa vos está acusando. Talvez vós sejais o vigia desta rua?

– Não, senhor – eu disse. – Antes desta moça sair para a varanda aos gritos, eu estava pitando um cigarro com o guarda e fomos os primeiros a vir ajudá-la. Que o cavalheiro o diga.

Então, o guarda confirmou minha verdade, mas o sargento, ao invés de ficar convencido, continuou:

– Sim, sim, vós deveis ser tão boa peça⁸⁴⁷ quanto o é esse guarda. Guardas?... estou sabendo! Vós sereis todos enforcados por alcoviteiros de ladrões. Se esses maus elementos não tivessem vosso apoio, se vós não vos embebedásseis, não adormecêsseis ou vos afastásseis de vossos postos, seria impossível que houvesse tantos roubos.

O guarda se apressou e jurou, testemunhando comigo, que não estava longe de seu posto, nem dormindo, mas o sargento não lhe deu ouvidos e continuou a perguntar à moça:

– E tu, minha filha, o que te leva a afirmar que este sujeito conhece o ladrão?

– Ai, meu senhor! – disse a moça. – Tenho muita, muita certeza do que lhe afirmo. Olhai, vossa mercê, que aquele *sarape* que o cavalheiro tem é o mesmo de seu João Dotado. Eu o conheço bem, pois, quando eu ia à loja ou à praça, ele me fechava o passo. Pelo jeito, aquele rosário que o cavalheiro leva no pescoço é o meu. Ontem, aquele bandido agarrou-me pelo colarinho da camisa, junto ao rosário, e quis puxar-me para um corredor. Safei-me dele e fugi, e ele até rasgou minha camisa. Veja bem vossa mercê, meu rosário, que ficou na mão dele, até se arrebitou. Ao que tudo indica, deve tê-lo emendado, mas devem estar lhe faltando contas. O cordão é

⁸⁴⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tan de buena maula será usted* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 392). De acordo com o *DRAE* (2022), *maula* é um adjetivo coloquial para expressar que “uma pessoa é trapaceira e má pagadora” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/maula?m=form>. Acesso em: 22 nov. 2022.

novinho, de quatro fios e feito de seda rosa e verde, (p. 392) e aquele escapulário deve conter dois pequenos santinhos: um de meu patrono, Santo André Avelino, e outro da Santa Rosália.

(p. 393) Eu comecei a suar frio com a dita referência da maldita moça, considerando que nada poderia ser mentira, porque o rosário tinha vindo da mão de Januário e ele já tinha me dito o quanto gostava dele.

O sargento obrigou-me tirar o rosário, desfez o escapulário e, dito e feito: tudo estava exatamente como a moça tinha declarado. Não foi necessário investigar mais nada. Imediatamente, fui imobilizado, amarraram-me por trás, cotovelo com cotovelo⁸⁴⁸, e meus juramentos e súplicas não serviram de nada, pois o sargento respondeu a todos eles:

– Bem, amanhã saberemos do acontecido.

Com isso, fizeram-me baixar pela escada. A moça também desceu para trancar a porta, e vendo que não conseguia entrar com a chave, ela percebeu que o problema era a gazua, o pé-de-cabra que tinha sido deixado na fechadura. Retirou-o e entregou-o ao sargento. Depois fechou sua porta e eu fui levado para o bivaque⁸⁴⁹ principal.

Depois que fui entregue àquela guarda, seus soldados perguntaram para minhas escoltas a razão pela qual me haviam levado lá, e eles lhes responderam que era por furto de talheres. Aqueles enxeridos me xingaram à vontade e pareciam se alegrar por minha desgraça, pois isso os fazia se sentir como homens de bem. Anotaram não sei o quê e foram embora. Mas, ao se despedir deles, o sargento disse a seu colega:

– Muito cuidado com este sujeito, pois ele é réu de importância.

Logo que o sargento da guarda ouviu essa recomendação, ordenou que colocassem o cepo em meus pés.

A patrulha partiu, os soldados se recolheram a seus postos. A sentinela foi deixada para inquirir a identidade de todos os que passassem por ali, e eu fiquei a

⁸⁴⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *trincar codo con codo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 393). De acordo com López y López (1931, p. 476), a expressão significa “juntar os braços por detrás das costas” (Nossa tradução).

⁸⁴⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *vivac* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 393). Esse termo equivale a ‘bivaque’, termo militar, de acordo com o dicionário *Michaelis* (2023): “Acampamento provisório de tropas, a céu aberto, protegidas ou não por barracas ou sob algum tipo de abrigo natural, como árvores”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bivaque/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

lutar com a dor (p. 393) infringida pelo cepo, o movimento da viga, uma multidão de percevejos e pulgas que me cercaram, e o pior de tudo, uma multidão de pensamentos tristes que, repentinamente, assaltaram-me.

Entendido está, claro, a classe de noite que eu ali passaria. Não consegui pregar meus olhos a noite toda, considerando o estado terrível e vergonhoso a que fui reduzido sem sequer ter feito parte do fato ocorrido, só porque insisti em manter a amizade com um pilantra⁸⁵⁰.

(p. 394) Finalmente, amanheceu. Ouviu-se o toque da alvorada. Os soldados levantaram-se e fizeram seus votos, como de costume, e quando chegou a hora, deram parte para o general, e eu, que estava amarrado como um foguete entre dois soldados, fui enviado para a prisão da Corte⁸⁵¹.

Assim que entrei no pátio, ao passar pela estreita passagem, tocaram um sininho, que era, segundo explicaram-me depois, o procedimento habitual para todos os detidos, de modo que o diretor e os guardas acima fossem informados de que havia um novo prisioneiro ali.

Efetivamente, pouco tempo depois, ouvi um deles começar a gritar:

– *Esse novo, esse novo, já lá para cima!*

Meus camaradas avisaram-me que eu estava sendo chamado, e o presidente⁸⁵², que era um homem grande e gordo e vestia um chicote de couro a modo de cinto, levou-me para cima e enfiou-me em uma sala longa, onde o diretor estava sentado em frente a uma pequena escrivaninha. Este perguntou-me qual era meu nome, de onde eu era e quem me havia trazido como prisioneiro. Eu, para não manchar minha ascendência, disse que meu nome era Sancho Pérez, nativo de Ixtlahuaca⁸⁵³, e que alguns soldados do diretor haviam me conduzido até aqui.

Tudo isso foi anotado em um livro e mandaram-me embora. Logo que desci, o presidente exigiu-me o pagamento no valor de dois e meio, ou não sei quanto

⁸⁵⁰ Nota do Autor: “Muitos passam pelo mesmo e estes exemplos não corrigem em nada aos jovens. O amigo bom deve ser conservado a todo custo, e do mau deve-se fugir logo que é conhecido. Porque é melhor andar sozinho do que..., etc.” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 393, nota a) (Nossa tradução).

⁸⁵¹ Nota da Tradutora: De acordo com Frye (2004, p. 186, nota 2), “a localização do cárcere mencionado, até o ano de 1835, era dentro do *Ayuntamiento*, ou prédio da prefeitura da cidade, na *Plaza Mayor*, oposta à *Catedral*” (Nossa tradução).

⁸⁵² Transcrição da nota de rodapé 412, da edição de 2008 (p. 394): “*Presidente*, preso de confiança nos cárceres mexicanos” (Nossa tradução).

⁸⁵³ Nota da Tradutora: Para mais informações, visitar: <https://ixtlahuaca.gob.mx/>. Acesso em: 30 nov. 2022.

exatamente, pela *patente*⁸⁵⁴. (p. 394) Eu, que desconhecia aquele jargão – as gírias do cárcere –, disse-lhe que não queria me juntar a nenhuma irmandade naquela área, e por isso não precisava de uma patente. O maldito capataz, que chegou a pensar que eu estava zombando dele, deu-me um tapa no rosto que me fez cuspir sangue, e vociferou:

– Seu babaca! – ele, então, esbofeteou-me mais uma vez. – Ninguém goza de mim, nem mesmo os homens, menos ainda um pirralho! A patente é uma exigência. Se tu não quiseses pagar, farás a limpeza, seu ladrãozinho de talheres.

Ao dizer isso, foi embora e deixou-me, mas deixou-me em um mar de aflições.

Havia um milhão de prisioneiros naquele pátio. Alguns brancos, outros pretos, alguns meio-vestidos, outros decentes; alguns (p. 395) pelados, outros envoltos em farrapos; mas todos pálidos, e pintando suas tristezas e o desespero com as cores fatigantes de seus rostos.

Todavia, aparentemente, ninguém se importava com aquela vida, pois alguns jogavam partidas de *albures*, outros pulavam com os grilhões, outros cantavam, outros tricotavam meias e cachecóis, outros jogavam conversa fora. Cada qual procurava divertir-se de algum modo, exceto alguns bisbilhoteiros que me cercaram para descobrir qual era a razão de minha prisão. Respondi-lhes, ingenuamente, e, assim que me ouviram, separaram-se rindo e, de uma hora para outra, deram-me a alcunha de *cucharero*⁸⁵⁵.

Ninguém me consolou, e todo o interesse que manifestaram pelo motivo de minha prisão não passou de mera curiosidade. Mas, para vos mostrar que no pior lugar do mundo há bons homens, prestai atenção ao que contarei em seguida.

Entre aqueles que ouviram o exame feito pelos prisioneiros bisbilhoteiros, estava um homem de cerca de quarenta anos, branco e de boa aparência, vestido apenas com sua camisa, calções de veludo azul, manga roxa, botas de campo, ou botas de tornozelo, e um chapéu branco de aba larga. Quando fui deixado sozinho,

⁸⁵⁴ Nota da Tradutora: De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 394, retirado do *Diccionario de autoridades* [1969]), o significado inicial de “*Patente*, como cédula ou despacho outorgado pelos superiores aos religiosos, tornou-se pagamento ou contribuição feita para aqueles que ingressam em um emprego ou ocupação e, do mesmo modo, também nas universidades, e assim por diante” (Nossa tradução). Nesse sentido, Periquitinho não entende o porquê do pagamento de patente, pois acredita que está sendo obrigado a entrar para uma confraria.

⁸⁵⁵ Nota da Tradutora: Ver nota 759 de nossa tradução. *Cucharero* é alguém que rouba colheres de prata.

ele veio até mim, (p. 395) e com uma gentileza que, para mim, era novidade naquele lugar, disse-me:

– Meu caro jovem, gostaríeis de um cigarro? – deu-me um e sentou-se a meu lado. Tomei-o, agradecendo-lhe por seu comedimento, e ele me instou a ir até sua cela para comer o que ele tinha para almoçar. Expressei-lhe, novamente, minha gratidão e fui com ele.

Logo que chegamos a seu aposento, despendurou um *tompiate*⁸⁵⁶ que tinha na parede, tirou dele uma peça de queijo e um pudim de pão e os colocou em minhas mãos, dizendo:

– Sei que a pousada poderia ser melhor e que não tenho nada melhor para vos oferecer, mas o que se há de fazer? Comamos o (p. 396) pouco que Deus nos dá. Considerai meu carinho e não a oferta, pois esta é muito parca e grosseira.

Fiquei surpreso ao ouvir tal comedimento de um homem aparentemente ordinário. Assim, entre admirado e enternecido, eu lhe disse:

– Sou-lhe infinitamente grato, cavalheiro, não tanto por vossa gentileza em relação a mim, mas pelo interesse que demonstra por meu infeliz destino. Para dizer a verdade, estou surpreso e não consigo me convencer como um homem de bem como o senhor pode ser encontrado nestes lugares horríveis, depósitos da iniquidade e da maldade.

O bom amigo respondeu-me:

– É verdade que as prisões estão destinadas a encarcerar patifes e criminosos, mas, às vezes, outros, mais malandros e mais poderosos, valem-se delas para oprimir os inocentes, acusando-os de crimes não cometidos. Eles conseguem fazer isso, regularmente, à custa de suas cabalas e artifícios, enganando a integridade dos juízes mais vigilantes. Mas, de acordo com sua opinião, sem dúvida, fraudaram minha acusação.

– Bem, qual é a vossa? – eu perguntei a ele.

– A minha – respondeu-me – é o que acabo de dizer, isto é, que embora o objetivo das prisões seja prender os criminosos, a maldade dos homens sabe como distorcer esta finalidade e como fazer com que elas sirvam para privar os bons homens

⁸⁵⁶ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de americanismos* (2010), *tompiate* é um “recipiente feito de palma trançada que serve para conservar o calor dos alimentos, geralmente *tortillas*” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.asale.org/damer/tompiate>. Acesso em: 02 dez. 2022.

de sua liberdade (p. 396) em muitos casos, dos quais temos uma abundância de exemplos, que nos isentam de apresentar mais provas.

“De acordo com esta minha opinião, e não sei por que simpatia em particular, tive pena quando vi os maus tratos infligidos a vós pelo presidente, e formei a ideia de que vós sois um bom homem, e que talvez tivésseis sido enterrado nestas masmorras por algum inimigo poderoso como aconteceu comigo. Mas agora vós me fizestes mudar de ideia, pois acreditais que nas prisões não pode haver nada além de prisioneiros criminosos e, por isso, estou convencido agora que, como um jovem inexperiente, ofendestes mais pela miséria humana do que pela maldade. Mas se assim for, meu filho, não pense que fiquei espantado, muito menos que deixo de amar e de me compadecer de vós, pois, no homem, deve-se abominar o vício, mas nunca a pessoa.

“Portanto, pedi licença ao presidente (p. 397) para vir a este calabouço, e se vós tiverdes medo dele, eu o farei, e vós colocarás vossa cama, quando ela for trazida até aqui, ao lado da minha, tanto para eu ficar a sua disposição no pouco que for útil, como para se livrar das provocações dos outros prisioneiros, que, como pessoas muito vulgares, sem nenhum princípio ou educação, estão sempre se divertindo, fazendo pouco dos novos infelizes que vêm a ser inquilinos destes estábulos.

Retornei-lhe meus agradecimentos, acrescentando:

– Não posso vos considerar menos do que um homem muito bom e de muita sensibilidade, ou mais propriamente um gênio benfeitor que se digna a conceder-me a graça de ser meu anjo no desamparo em que me encontro. E fico envergonhado por ter me explicado de forma tão tola, que fui capaz de vos persuadir do que vós acreditáveis que todos aqueles que estão nas prisões são malfeitores, quando, certamente, éreis uma das exceções a esta regra. Eu mesmo sou prova contra o mau julgamento que formei das prisões.

– De acordo com isso – interrompeu meu amigo –, vós não vindes aqui por crime nenhum?

– Podeis ver que eu não fiz nada – imediatamente, relatei-lhe, ponto por ponto, minha vida e milagres até o infeliz período de minha prisão.

O camarada tratou-me com muita delicadeza e, quando terminei, disse-me:

– Amigo, a simplicidade com que me contastes sobre vossas aventuras confirma-me a primeira concepção que fiz quando vos vi, ou seja, que éreis um rapaz

bem-nascido e que (p. 397) havíeis vindo por algum infortúnio imprevisto, embora conste que não padeceis sem delito. Não roubastes, nem cooperastes no roubo, mas, infelizmente, meu amigo, tendes em vossas costas as lágrimas que arrancastes de vossa mãe. Talvez, sua morte tenha sido antecipada com vossas andanças perdidas. Os delitos cometidos contra os pais clamam ao céu por vingança. Por ora, nada mais há a fazer senão reconhecerdes essa verdade, arrependerdes-vos e confiardes na Divina Providência, que, mesmo quando castiga, sempre direciona seus decretos para nosso bem. Quanto a mim, já lhe disse, contaí com um amigo e com meus infelizes arbútrios, que, de bom grado, empregarei para vos servir.

Pela terceira vez, agradei-lhe, sabendo que sua oferta (p. 398) não era da boca para fora⁸⁵⁷, como se costuma ver comumente. E, morrendo de curiosidade para saber quem seria aquele homem amável, não pude conter-me; pelo contrário, com algumas circunlocuções, implorei-lhe que me fizesse o favor de me compartilhar seus infortúnios. Ao que ele me respondeu, com grande prazer, dizendo-me:

– *Don Pedro*, mesmo se eu não sentisse a necessidade de retribuir a confiança que depositastes em mim ao me contardes vossas tragédias, eu faria de bom grado o que me pedis, porque é sabido e certo que as tristezas compartilhadas, quando não ficarem curadas, pelo menos serão aliviadas. Nesse sentido, deveis saber que meu nome é Antônio Sánchez. Meus pais eram bem-nascidos e de boa conduta e ambos tinham um capital florescente, que eu teria desfrutado se a Providência não me tivesse destinado a sofrer desde o momento em que vi a primeira luz.

“Bem, não me queixo de minha sorte quando me lembro de minhas desgraças, pois seria blasfemar se falasse com ressentimento de um Deus que me ama infinitamente mais do que eu mesmo e que, infalivelmente, dispõe tudo em meu benefício. Mas, apenas com o intuito de fazer a relação de minha vida, digo-lhe: fui infeliz desde meu nascimento porque minha mãe morreu no momento em que saí de seu ventre. É bem sabido que a orfandade, desde o nascimento, traz uma longa série de fatalidades para aqueles que vivenciaram essa desgraça.

⁸⁵⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *era de boca* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 398). De acordo com o *DRAE* (2022), *de boca* é uma locução adverbial, também usada como locução adjetiva, que significa “gabar-se de uma ação ou qualidade sem motivo” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/boca?m=form>. Acesso em: 05 dez. 2022.

(p. 398) “Meu bom pai não poupou fadiga, despesas ou cuidados para suprir essa falta. Assim, entre amas de leite, babás e criadas, passei minha infância com aquela alegria própria de minha idade, sem deixar de aprender os princípios de religião, urbanidade e primeiras letras, nos quais meu pai amoroso não descuidou de me instruir, com dedicação e com aquele carinho com que bons pais tratam seus primeiros e únicos filhos.

“Eu tinha dez anos quando meu pai me colocou na escola, onde fiquei três anos, muito feliz e cheio de satisfações inocentes. Essa etapa terminou com a morte de meu pai, deixando-me sob a tutela do executor de seu testamento, cujo nome prefiro calar para não expor completamente o autor de minhas desgraças. Vós já sabereis, por essa forma de expressão, que meu testamenteiro, em pouco tempo, terminou com meus bens, deixando-me nas garras da miséria. Quando viu que não tinha mais nada para tirar de mim, fugiu de Orizaba, de onde sou natural, (p. 399) sem sequer me deixar uma carta de recomendações a seu correspondente na cidade do México.

“Ao saber da ausência do testamenteiro e do motivo funesto que ocasionou este fato, o correspondente foi ao colégio, cancelou e pagou o que eu devia de minhas aulas, levou-me para sua casa, pôs-me a par de minha triste situação e concluiu dizendo-me que era um homem pobre, com uma grande família, que simpatizava com minha desgraça, mas que não podia cuidar de mim. Por isso, eu deveria pedir a proteção de meus parentes e esperar pelo andamento das coisas.

“Imaginaí como fiquei ao saber de tais notícias. Eu tinha, então, dezoito anos e era inexperiente, mas, pelo favor especial de Deus, não tinha adquirido nenhum vício vergonhoso e era maduro para minha idade. Assim, disse-lhe que, dentro de oito dias, resolveria o que faria dali para frente e que o avisaria de minha decisão.

“Naquele momento, fui visitar um estudante pobre e homem de bem, a quem, depois de lhe contar meus infortúnios, pedi que vendesse, em meu lugar, minha cama, os livros, a capa, a cama turca, o relógio e tudo mais que eu pensei que pudesse valer alguma coisa.

“Efetivamente, meu amigo fez essa diligência com eficiência e rapidez. No segundo dia, trouxe-me cento e poucos pesos. Dei-lhe sua gorjeta e troquei a maior parte do dinheiro por ouro, comprando, com o restante, um capote e algumas botas seminovas.

(p. 399) “Feito isso, fui às pousadas para procurar por um viajante, alguém que estivesse de partida marcada para minha terra. Por sorte, minha procura não foi em vão. Encontrei um tropeiro que partia para carregar charutos e trazer tabaco e, por dez pesos, combinei minha passagem com ele. Depois disso, informei o correspondente de meu executor sobre minha determinação. Ele a aprovou. Parti, então, da presença dele e da de sua família e fui para a pousada. Dois dias depois, partimos para Orizaba.

“Essa viagem não me pareceu como as anteriores, que eu tinha feito pela mesma rota quando saía de férias, especialmente quando meu pai estava vivo. Mas essa era outra época e tive de me adaptar às circunstâncias.

“Finalmente, cheguei à referida cidade sem incidentes, mas, temendo (p. 400) que algum de meus parentes abastados pudesse me tratar com certo distanciamento, decidi ficar na casa de umas tias idosas que eu sabia que me amavam e que não me negariam pousada. Não me equivoquei nisso, porque, assim que as senhorinhas me viram, começaram a chorar, como se soubessem de minhas desgraças antes de mim mesmo. Abraçaram-me e levaram-me para dentro de sua casinha dizendo que eu poderia considerá-la como se fosse minha.

“Expressei-lhes minha gratidão o melhor que pude e disse-lhes que estava pensando em trabalhar em alguma loja, fazenda, ou algo parecido, para aprender a ganhar o pão com o suor de minha testa, que agora era tudo o que eu podia aspirar. As velhas abençoadas ficaram comovidas por essas coisas, e eu lhes redobrei meus agradecimentos a seus sentimentos expressivos.

“Eu já tinha passado seis dias na casa delas, quando, uma tarde, chegou ali um cavalheiro muito decente, que eu não conhecia e que minhas tias tratavam com confiança, porque lavavam e cosiam suas roupas toda vez que ele passava por ali, e, valendo-se da confiança na comunicação entre eles, elas lhe disseram:

– *Don Francisco*, o senhor reconhece este menino? – apontando para mim. O cavalheiro disse que não, e elas acrescentaram:

– Ele é nosso sobrinho, Tónico, o filho de seu amigo, nosso falecido tio *Don Lorenzo Sánchez*, que Deus o tenha.

– É possível – disse o cavalheiro – que este jovem infeliz seja o filho de meu amigo? E o que ele está fazendo aqui, e vestindo este traje indecente? Ele não estava no colégio?

(p. 400) – Sim, senhor – responderam minhas tias –, mas, como seu executor dilapidou-o de todos os seus bens, o pobrezinho viu-se reduzido a procurar como ganhar a vida com seu trabalho e, por enquanto, veio ficar conosco.

– Eu tive notícias da má ação daquele vigarista – disse-lhes o cavalheiro –, mas não quis acreditar. Meu rapazinho, ele não lhe deixou nada?

– Nada, cavalheiro – respondi –, de modo que, para me mudar para esta cidade, tive de vender meu manto, minha cama, meus livros e outras bagatelas.

– Meu Deus, pobre rapaz! – Continuou *Don Francisco*. – Ah, seus malandros, executores desonestos, que desempenham muito mal os encargos de vossos comitentes, vós enriqueceis com o dinheiro dos outros e ponde na rua aos pupilos infelizes!

(p. 401) – Meu jovem amigo, não desanimai, sede um bom homem, pois nem todos aqueles que têm algo para comer herdaram-no, assim como a força não dependura tantos ladrões como há. Caso contrário, não haveria tantos executores ladrões que andam soltos e se mofando como aquele que contratou seu pai. Vós conseguis escrever razoavelmente?

– Meu senhor – eu disse –, vede minha caligrafia! – e eu escrevi imediatamente em um pedaço de papel alguma coisa de que agora não me lembro.

“Ele gostou muito de minha caligrafia e me testou em fazer contas. E, vendo que eu sabia algo, perguntou se eu queria acompanhá-lo ao interior, onde ele tinha uma fazenda e uma loja. Ele me daria quinze pesos por mês pelo primeiro ano, enquanto eu seria treinado, além de refeições e roupas limpas.

“Com tal destino, vi uma nova oportunidade abrir-se diante de mim, pois, até então, pareceu-me que minha sina seria inalterável, como se eu não tivesse possibilidade de ter alguma fortuna ou esperança. E assim, imediatamente, aceitei a proposta e agradei-lhe muito e, também, a minhas tias.

“Aquele cavalheiro deveria partir no dia seguinte para seu destino. Assim, disse-me que, a partir daquela hora, eu ficava a seu cargo, que deveria me despedir de minhas tias e ir com ele para sua pousada.

“Resolvi aceitar sua proposta. Tirei de minha bolsa quatro onças de ouro que ficaram do total de meus bens, e dei três delas para minhas tias, que recusaram aceitar, por mais que eu insistisse. Eu lhes assegurei que tinha reservado esse montante para lhes retribuir assim que eu estivesse acomodado, o que já era o caso,

e que, conseqüentemente, era hora de lhes mostrar minha gratidão. Minhas tias, no entanto, (p. 401) recusaram-se a aceitá-las, até que meu mestre (pois agora é necessário referir-se a ele por esse nome) pediu para que o aceitassem, pois eu, enquanto estivesse de seu lado, não teria necessidade desse valor.

“Elas aceitaram o valor, finalmente, e nos despedimos entre lágrimas, abraços e resoluções de mantermos nossa comunicação por carta. No dia seguinte, saímos de Orizaba e, após um mês e alguns dias, chegamos a Zacatecas, onde ficava o lugar da residência de meu mestre.

“Antes de me colocar em sua loja, mandou chamar o alfaiate e a costureira e, com a maior prontidão, mandou fazer, para meu uso, roupa branca e colorida, roupas comuns e de gala, cama, baú e tudo o que era necessário. Fiquei contente, mas espantado ao ver sua magnificência, (p. 402) considerando que, de acordo com o que ele gastou comigo, e meu salário miserável de quinze pesos, eu já tinha, com isso, comprometido por pelo menos quatro ou cinco anos de vencimentos. Estando eu provisionado dessa sorte e com as recomendações, sob o título de afilhado, ele me deixou na loja à disposição do caixa principal.

“Eu não conseguiria terminar de vos contar, se vos relatasse, em detalhes, os favores que devo a esse meu novo pai, pois eu o amei e ele me amou como a um filho, porque era viúvo e não tinha sucessão. Basta dizer-vos que, nos doze anos que vivi com ele, dediquei-me muito, trabalhei com muita tenacidade e fidelidade, e ganhei seu afeto de tal forma que passei a ser mais do que o caixa principal e o árbitro de sua confiança. E se ele tinha orgulho em me chamar de filho, eu lhe retribuí, tratando-o como a um pai. Mas, como as coisas boas desta vida não permanecem infinitamente, chegou, finalmente, o momento do término do pouco descanso que eu tinha conseguido.

“Um sujeito de quem meu mestre foi avalista na administração da Real Hacienda⁸⁵⁸ foi à falência e meu mentor teve de cobrir esse débito e a maior parte das taxas de juros. Em seguida, ele foi acometido por uma febre terrível, da qual veio a falecer após quinze dias. Assim, deixou-me cheio de tristeza, sentimento que tentei,

⁸⁵⁸ Nota da Tradutora: A Real Hacienda era uma instituição que funcionava como uma tesouraria real. Elas foram implantadas nos territórios dominados pelo império espanhol, dentro do continente americano, para administrar/vigiar as riquezas nos reinos ultramar. Para ter acesso a mais informações, visitar: <https://realhacienda.colmex.mx/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

em vão, aliviar (p. 402) com minhas lágrimas, as quais não enxuguei por muito tempo, ainda que eu me visse herdeiro de tudo o que restou. Isso, depois de executadas as pendências, reduziu-se a oito mil pesos.

“Tentei me separar daquela terra, para não ter à vista objetos que renovassem em mim, todo dia, o sentimento de sua falta, bem como para cuidar e socorrer a uma de minhas pobres tias que ainda me restava. Com essa determinação, obtive uma ordem de pagamento para Veracruz, e parti com dois ajudantes e minha bagagem para minha terra. Cheguei em poucos dias, aluguei uma casa, deixei ela mobiliada e, em minha primeira visita a minha tia benfeitora, levei-a comigo. Depois, fui para Veracruz, empreguei meus poucos meios e me dediquei ao negócio de venda entre cidades, no qual não me saí mal, pois, em seis anos, meu capital chegou a vinte mil pesos.

(p. 403) “A chamada fortuna logo pareceu se cansar de me ser favorável. Tornei-me amigo íntimo de dois comerciantes ricos de Veracruz. Eles me fizeram a proposta de juntar-me a eles em certa negociação de um contrabando interessante que estava a bordo da fragata Anfitrite. Para esse fim, mostraram-me as faturas originais de Cádiz, em cujos preços o proprietário destinou para si um lucro muito pequeno. Assim que, pelos artigos ingleses – quase todos selecionados e adquiridos, também, a um preço elevado –, deveria ser pago, pelo interessado, apenas quinze por cento de seu real valor. Isso na condição de que, antes do desembarque, esse dinheiro fosse quitado, ficando o desembarque por conta e risco dos compradores.

“Desconfiei um pouco daquela condição, mas meus sócios me encorajaram, assegurando-me que este era o menor dos males, pois os guardas já tinham sido comprados, e que, em uma noite, o desembarque seria feito na costa em dois botes ou lanchas do mesmo porto.

“Como a ganância provocada pelo interesse atravessa tudo, concordei facilmente com meus camaradas, acreditando que, em dois meses, teria uma quantidade respeitável de dinheiro. Com essa resolução, procurei contabilizar o que tinha e coloquei meu dinheiro no poder de meus amigos, que concluíram o negócio com o marinheiro, colocando a sua disposição o valor total pelo carregamento inteiro.

“Deixou-se tudo facilitado para o desembarque, com segurança, do contrabando. Isso teria sido um sucesso se um daqueles guardas comprados não tivesse sido sorrateiro, dando o mais completo e circunstanciado aviso do

desembarque clandestino ao Ministério de Fazenda, cuja diligência tomou precauções e providências (p. 403) contra nós, exigidas pelo caso, de modo que ficamos sabendo disso quando o carregamento estava em terra e apreendido.

“Nenhum trâmite feito permitiu-nos resgatar algo que fosse, e decidimos fugir. Eu era o mais pobre dos três e, sem dúvida, o mais ganancioso, pois investi todo meu capital no negócio, razão pela qual perdi tudo. Imaginai que, da noite para o dia seguinte, eu estava falido e perdi, (p. 404) em uma hora, tudo o que tinha adquirido em dezoito anos de trabalho.

“Não demorou muito para eu ficar desesperado, e ainda mais quando minha pobre tia morreu, incapaz de suportar este último golpe. Mas, no final, tentei fazer meu melhor, como dizem: aceitei os espinhos das roseiras e, ao vender o pouco que me restava e recolher algum dinheiro que me era devido, consegui juntar cerca de dois mil pesos. Com eles, comecei a trabalhar novamente, mas com tão pouco cabedal, o máximo que pude fazer foi me sustentar.

“Nesta época (loucura dos homens!), inventei de me casar, e, de fato, confirmei o compromisso com uma mocinha da vila de Jalapa⁸⁵⁹, que, além de ter um rosto piedoso, de boa índole, tinha um coração simples. Em resumo, era uma daquelas moças que vós, da capital⁸⁶⁰, chamais de caboclas. Os muitos dons que ela possuía, e o conhecimento que eu tinha deles, tornavam-na, cada dia, mais amável para mim. Por isso, eu tentava agradá-la tanto quanto ela o desejava.

“Uma das coisas que ela queria era vir para Cidade do México, para ver o que lhe haviam dito sobre esta localidade, pois nunca havia estado aqui antes. Ela só precisou dar-me essa dica para que eu a trouxesse para cá.... Quem me dera esse pensamento nunca tivesse passado por minha cabeça!

⁸⁵⁹ Nota da Tradutora: Gentílico referido aos nascidos, de acordo com o *DRAE* (2022), na cidade de Jalapa de Enríquez, capital do estado de Veracruz, México. Existem quatro municípios com o nome Xalapa ou Jalapa: nos estados de Veracruz (Xalapa Enríquez, capital do estado), de Tabasco (Jalapa) e de Oaxaca (San Felipe Jalapa de Díaz) e a cidade Santa María Jalapa del Marqués. Para mais informações, visitar: <https://dle.rae.es/jalape%C3%B1o?m=form>. e <https://heraldodemexico.com.mx/nacional/2021/2/11/jalapa-xalapa-como-se-escribe-el-nombre-de-la-capital-de-veracruz-256565.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁸⁶⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *los mexicanos*, referindo-se sempre a quem mora na capital. Para informações sobre o gentílico concedido a quem é da Cidade do México, visitar: <https://academia.org.mx/consultas/consultas-frecuentes/item/gentilicio-de-ciudad-de-mexico>. Acesso em: 12 fev. 2023.

(p. 404) “Com dois mil e trezentos pesos, parti para essa capital, onde cheguei com minha esposa, muito feliz, pensando em gastar os trezentos pesos para levá-la para passear, e gastar os dois mil pesos em algumas bugigangas, retornando a minha cidade em um mês, satisfeito por ter agradado a minha esposa com meu pequeno capital. Mas quão errados são os julgamentos dos homens! A Providência tinha vários planos em mente para punir meus excessos e para purificar a honra da minha consorte.

“Ficamos instalados no *Mesón del Ángel*⁸⁶¹ e, logo, mandei chamar (p. 405) o alfaiate para costurar suas túnicas à moda. Esse não demorou em fazer seu serviço, já que era bem pago, pois as mãos dos artesãos se movem na proporção do pagamento que recebem.

“Dois dias depois, o alfaiate trouxe as túnicas, que caíram em minha esposa muito bem, como se fossem pintadas, pois ela era tão bonita de rosto quanto garbosa de corpo. Além disso, embora fosse cabocla, não era daquelas agrestes, criadas entre as vacas e os porcos das fazendas. Era uma das *jalapeñas* finas e bem-educadas, filha de um cavalheiro que chegou a ser capitão daquelas companhias ou regimentos que chamam de *Tres Villas*⁸⁶². E, daqui, sabereis o pouco que eu tive de aprender daquele garbo, ou o que as cortesãs chamam de *airosidade*⁸⁶³.

“De fato, assim que comecei a apresentá-la nos passeios, bailes, Coliseu e tertúlias, notei, com uma complacência tola, que todos celebraram seu mérito, e muitos o expressavam em demasia. Quem iria acreditar que eu achava, em adoração muda, que não haveria risco na bajulação e na lisonja que eles generosamente lhe ofertavam? Era, pois, desse modo que eu pensava, e lhes retribuí da mesma forma. Fiz ainda pior, para meu próprio mal, pois, levei-a para quantos lugares públicos pude

⁸⁶¹ Transcrição da nota de rodapé 420, da edição de 2008 (p. 404, retirada de Spell, 1971, p. 182-183): “*Mesón del Ángel* – [Nossa tradução está no corpo do texto] –: de acordo com a divisão da cidade do México, efetuada em 1782, em quartéis maiores e menores, essa pousada estava situada perto da *Plaza Mayor* [Nota da Tradutora: praça principal], no quartel menor, de número 11, seção, por sua vez, do quartel número três” (Nossa tradução).

⁸⁶² Transcrição da nota de rodapé 421, da edição de 2008 (p. 405, retirada de Spell, 1971, p. 182): “*Tres Villas* [Nossa tradução: Três Vilas] foi um regimento provincial de defesa organizado em Córdoba e Jalapa, entre 1766 e 1775. Pouco tempo depois, Orizaba foi unida a esses povos e o regimento tomou o nome de Três Vilas, Manuel Rivera” (Nossa tradução).

⁸⁶³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *aire de taco* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 405). De acordo com o *DRAE* (2022), a expressão coloquial está em desuso e significa “desinibição, desenvoltura, desembaraço” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/aire#8HkANYP>. Acesso em: 02 ago. 2023.

fazê-lo. Eu me parabenizei (p. 405) de que eles estavam celebrando seu mérito e invejando minha felicidade.

“Idiota que fui! Ignorei que uma mulher formosa é uma joia que excita a cobiça do homem de forma muito viva, e que, em tais casos, corre-se grande risco ao expô-la, frequentemente, à curiosidade comum, mas....

Até aqui a conversa de meu amigo chegou, quando fomos interrompidos por alguns gritos:

– Esse novo aí! Vá lá, Sancho Perez! Vá lá, *cucharero*, vá lá, seu filho da p...!

Meu amigo avisou-me de que, sem dúvida, era a mim que estavam chamando. Assim era, e eu tive de deixar nossa conversa pendente.

(p. 406) **Capítulo VII**

Periquitinho conta o que aconteceu com o escrivão e Don Antônio continua a narrar sua história

Interrompi a conversa de meu amigo, como já vos disse, para ir ver por que me chamavam. Subi nervoso, pelo tratamento chulo que recebi daquele *meco*⁸⁶⁴, mulato ou demônio gritador (quer dizer, ele era um dos detentos, encarregado de chamar os outros). Ele também já tinha me conduzido para a mesma sala onde o diretor requisitou-me; porém, dessa vez, não me levou para essa mesa, mas para outra, onde estava sentado um grandalhão pretusco e roliço, cujos olhos relampejavam o fogo que seu coração abrigava. Logo que chegamos lá, o patife disse-me:

– Este é o *señor* secretário. Foi ele quem me pediu para lhe chamar.

O escrivão, então, virou seu rosto, deu-me um olhar infernal e disse-me:

– Espera lá!

O gritador foi embora e eu me afastei um pouco da mesa, desanimado, aguardando-o terminar de interrogar um pobre índio que tinha diante dele.

Logo que o mandou embora, chamou-me e me fez fazer o sinal da cruz, perguntando se eu sabia o que era juramentar. Explicou-me que eu não deveria mentir ou quebrar o juramento, mas dizer a verdade sobre o que sabia e sobre o que me fosse perguntado. Mesmo que eu acabasse sendo enforcado por isso, tinha de jurar assim fazê-lo.

(p. 407: ilustração)

⁸⁶⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *meco* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 406). Segundo a primeira acepção do *Diccionario de americanismos* (2010), no México, o termo é utilizado para se referir ao “indígena, em especial aquele que preserva seus costumes e tradições” (Nossa tradução). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 711): “nativo de origem *chichimeca*, índio selvagem”. Também: “sacana, grosseiro, indecente, chulo, indivíduo de condição infame” (Nossa tradução). Ao procurar informações na *Enciclopedia de Historia* (2018-2023), constatamos que os *chichimecas* era um povo nômade e seminômade, proveniente do norte do México. A página registra a hipótese de o termo ter sido usado para significar “proveniente da linhagem do cachorro”. Durante o período de ocupação espanhola, o termo adquire o sentido de povo “bárbaro” por ser nômade, por não praticar a agricultura, por não ter escrita e pela belicosidade. Para mais informações sobre o povo *chichimeca*, visitar: <https://enciclopediadehistoria.com/chichimecas/>. A informação do *Diccionario de americanismos* está disponível em: <https://www.asale.org/damer/meco>. A definição do *Diccionario de mejicanismos* está disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/710/mode/2up?view=theater&q=meco>. Todas com acesso em: 16 jan. 2023.

(p. 408) Respondi afirmativamente, e ele acrescentou, com a gravidade de um varão apostólico:

– Se assim o quiseres fazer, Deus te ajudará. Do contrário, receberás seu castigo.

Terminada essa formalidade, começou a me perguntar quem eu era, qual era meu nome, meu *status*, minha idade, minha ocupação, meu estado civil e de onde eu era. Desse modo, eu já não aguentava mais tantas perguntas, acreditando que ele estava prestes a me indagar sobre qual era a cor de meus primeiros cobertores.

Tantas perguntas e reperguntas pararam quando ele me fez contar tudo quanto ele quis, sobre a maneira como adquiri o rosário da moça, sobre a amizade que eu tinha com o Januário, sobre meus conhecidos do jogo, e outras coisinhas como essas, que, naquele tempo, considerei insignificantes. Logo que terminou de escrever aproximadamente duas páginas, fez-me assiná-las e enviou-me de volta.

Desci muito contente, desejando terminar de ouvir a tragédia de meu amigo, que encontrei reclinado em sua cama, entretido com a leitura de um livro. Quando me viu, fechou-o e, sentando-se na cama, perguntou-me como eu tinha me saído. Respondi-lhe que nem bem nem mal, pois tudo se resumiu ao escrivão fazer-me mil perguntas, com as quais conseguiu preencher duas folhas de papel, que assinei, e já estava pronto para desfrutar novamente de sua amável conversa. Ele me respondeu cortesmente, dizendo-me:

– Essas perguntas que lhe fizeram são chamadas de tomar uma declaração preparatória. É necessário que tenhais em mente o que respondestes para não vos enredar ou vos contradizer quando eles tomarem vossa confissão de acusação, que é o passo mais sério no caso, e do qual depende, na maioria das vezes, o bom ou o mau sucesso dos réus.

– Nossa Senhora Santíssima! Isso é muito ruim – eu lhe disse –, porque hoje eles me fizeram um número infinito de perguntas e coisas e muitas delas me pareceram sem importância. Além disso, quem poderia se lembrar de tudo o que respondi? De aqui a quanto tempo será feita a confissão de acusação?

– Isso demora – disse-me *Don Antônio* –, pois, como o roubo não foi significativo, é usual que não haja nenhuma parte que agite a causa, e, nessa circunstância, o litígio será processado de ofício. Como essas causas normalmente (p. 409) não rendem custos para os escrivães, porque os infratores não têm onde cair

mortos, deixam-nos (p. 409) suspensos o tempo que eles quiserem. Como podeis ver, vossa confissão de acusação pode sair daqui a três meses, mais ou menos por aí.

– Estou muito triste com essa notícia – eu lhe disse –, por duas razões. A primeira, pelo período que me espera nesta casa infame, e a segunda, porque, em tanto tempo, é muito fácil eu esquecer o que hoje respondi ao escrivão.

– Quanto à dilação – respondeu-me meu amigo –, não é muito. Os três meses que mencionei é o prazo que, prudentemente, considero que se passará antes que o segundo passo seja dado em vossa causa, mas....

– Com todo o respeito – interrompi –, o que quereis dizer com um segundo passo? Não era esse o último e com o qual minha inocência seria justificada e eu seria mandado embora?

Meu amigo riu de minha simplicidade e disse-me:

– Dá para perceber como, em vossa vida, só vistes vacas gordas! Sim, dá para perceber que não só nunca estivestes na prisão, como nem mesmo estivestes com alguém que o tenha estado.

– É verdade – disse-lhe eu. – Tenho estado na companhia de bons safados, mas nunca ouvi falar de alguém que já tivesse ido à prisão. É por isso que fico surpreso com essas questões. Mas, então, dentro de três meses, meu assunto ainda estará andando muito devagar?

– Sim, meu querido – respondeu-me meu amigo. – As causas (se não forem muito barulhentas, executivas ou agilizadas pelas partes) caminham com pés de chumbo. Não ouvistes aquele ditado, muito antigo, que diz que, quando se entra na prisão, os réus ficam presos um tempo; se é caso de infração simples, um mês, infração média, um ano, mas, se for grave, só Deus sabe? Pois, a partir disso, saberás que, aqui, os homens se tornam eternos.

– Mas, se forem inocentes? – perguntei-lhe.

– Isso não é importante – respondeu-me o amigo. – Mesmo que sejais inocente, já que não tens dinheiro para defender vossa causa ou provar vossa inocência, enquanto ela não se manifesta e a passos tão lentos, passa-se uma infinidade de tempo.

(p. 410) – Isso é uma injustiça declarada! – exclamei. – E os juízes que consentem isso são os tiranos dissimulados da humanidade, pois as prisões não são

feitas para oprimir, (p. 410) mas para deter os criminosos, muito menos para martirizar os inocentes, privando-os de sua liberdade.

– Vós muito bem o dizeis – respondeu-me meu amigo. – A privação da liberdade é um grande mal. Se a essa privação acrescentarmos a infâmia da prisão, não será apenas um grande mal, mas um mal terrível. Tanto é assim que temos leis que exigem que, em certos casos e para determinadas pessoas, é possível sair sob fiança⁸⁶⁵, pagá-la, entre outros, para não ficarem enterrados nesses lugares horríveis.

“Mas, sabeis que os juízes não são os culpados pela morosidade das causas, nem pelos julgamentos que os miseráveis prisioneiros sofrem por eles. Os escrivães são os responsáveis por este e outros danos experimentados nas prisões, pois cabe a eles agilizar ou engavetar as pendências dos réus. Eu já lhe disse que as ações de ofício⁸⁶⁶ caminham devagar porque não oferecem muito espaço para tirar vantagem dos processos⁸⁶⁷.

– Isso quer dizer – disse-lhe eu – que a maioria dos escrivães são venais e só aceleram, trabalham e dão qualquer curso às coisas se tiverem o que ganhar com isso, mas se esses recursos faltarem, não se pode contar com eles para nenhuma maldita coisa que seja de proveito.

– Pelo menos – respondeu-me meu amigo – eu não perderia tanto tempo com tal proposição se não ouvisse de tantos infelizes que estão aqui em nossa companhia

865 Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *fianza de estar a derecho, pagas, etc.* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 410). De acordo com o *DRAE* (2023), *fianza de estar a derecho* é uma expressão da área de direito e significa: “fiança prestada por um terceiro de que o demandado se apresentará sempre que for ordenado pelo juiz” (Nossa tradução).

866 Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *causas de oficio* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 410). De acordo com o dicionário jurídico *on-line Vademecum Brasil* (2023), a expressão “de ofício” remete à “realização de um ato processual pelo juiz, sem requerimento das partes”. Disponível em: <https://vademecumbrasil.com.br/palavra/de-oficio>. Acesso em: 12 fev. 2023.

867 Nota da Tradutora: A nota oferecida por Ruiz Barrionuevo (2008), que transcrevemos a seguir, explica sobre as informações trazidas no texto do autor sobre a prática dos escrivães. **Transcrição da nota 425, da edição de 2008 (p. 410, retirado de Spell, 1971, p. 162-163): “[Fernández de] Lizardi oferece referências exatas de várias obras de legislação ou relacionadas às leis. As ideias expostas aqui procedem de José Febrero (1733?-1790), escrivão real, em sua obra fundamental, *Librería de escribanos e instrucción jurídica teórico-práctica de principiantes* [Nossa tradução: Livreria de escrivães e instrução jurídica teórico-prática de principiantes], publicada em Madri, pela imprensa de Antonio Pérez de Soto, 1769-1786, em seis volumes, com a adição do *Tratado de los juicios de inventario y participación de bienes* [Nossa tradução: Tratado dos julgamentos de inventário e participação de bens]. A obra é uma verdadeira pedra angular da ciência notarial e foi ampliada por José Marcos Gutiérrez. Citam leis e passagens sobre vários temas: sobre o ofício do escrivão, sobre as leis acerca dos aprendizes, sobre os gastos dos funerais e matrimônios, sobre as transferências de propriedade, etc” (Nossa tradução).

lamentando-se (p. 410) dessas delinquências. Mas, *Don Pedro*, os escrivães têm uma grande influência sobre o destino dos réus. De modo que, se eles quiserem, *adoçam*, mas, do contrário, *azedam* as causas. Essa é uma verdade (p. 411) tão triste quanto bem conhecida. Até mesmo as crianças utilizam a expressão *tudo depende do escrivão*. Quem não é mais criança se conforta quando têm o escrivão do seu lado, especialmente em casos criminais.

– De acordo com isso – eu lhe disse –, é fácil para os escrivães enganarem a atenção dos juízes quando eles quiserem?

– Podeis ver que sim – meu amigo respondeu-me –, e que toda a responsabilidade que recairia sobre os magistrados ou juízes recai sobre eles pelo abuso que fazem da confiança que os referidos juízes depositam neles.

“Não pensai que a proposição que manifesto é ousada demais. Se me fosse lícito, eu poderia vos contar de casos modernos e originais, dos quais sou boa testemunha, e em alguns deles, também tomei parte. Mas vós podereis comunicar com outros prisioneiros que são menos escrupulosos do que eu e eles o informarão, com detalhes, sobre o que vos digo.

“O lamentável é que os escrivães maus, os mais venais e corruptos, são os mais hipócritas. Estes sabem, melhor do que os outros, como ganhar a confiança e a benevolência dos juízes. Em torno deles, cometem suas intrigas e malandragem com maior satisfação ainda, pois têm certeza de que sua má fé será acreditada.

“Volto a dizer que essas são verdades duras para os maus. No entanto, para eles, existem verdades suaves? Os juízes mais íntegros e timoratos, se forem dominados pelo escrivão, como ficarão sabendo do nível de malícia ou inocência que apresenta a causa de um réu, quando apenas o escrivão foi quem tomou seu depoimento? E quando, ao prestar contas, o escrivão acrescenta crimes, ou suprime defesas, de acordo com sua conveniência? Em tal caso, e ao repousar a consciência do juiz sobre a do escrivão, fica claro que o juiz sentenciará o caso de acordo com a aparência do delito do réu, com base naquilo que o escrivão deixou registrado.

“Isso se observa, com muita frequência, nos povoados e, também, nas cidades, sobretudo em relação a crimes comuns que não tenham agravos horrendos, vamos supor, delitos de jogo, furtos, embriaguez, incontinência e outros semelhantes. Diferente são esses daqueles crimes de Estado, assassinatos, roubos consideráveis, sacrilégios e assim por diante, pois já sabemos que, nesses casos, os juízes não

confiam nos (p. 411) escrivães, mas atendem às (p. 412) declarações, confissões, confrontos e outras diligências que tais causas exigem.

– Confesso-vos, *señor* – disse-lhe eu –, que essas notícias me deixam muito aflito, seja porque o delito que supostamente cometi é um daqueles cuja investigação está sujeita à regra dos escrivães, seja porque não tenho dinheiro para agilizar a causa e, por fim, porque não ousou lançar a mínima dúvida sobre o que vós me dizeis.

– Nem deveríeis duvidar disso – respondeu-me –, pois, aqui dentro, há muitas testemunhas de minha verdade. Eu mesmo sou prova disso. Sim, meu amigo, cumpro dois anos de prisão por calúnia injusta, e meu inimigo não teria achado tão fácil me prejudicar se não tivesse contado com um escrivão venal e fraudador.

– Bem, já que tocastes nesse ponto – eu lhe disse –, por favor, continue o relato de vossos infortúnios, pois, se bem me lembro, paramos no ponto em que tivestes grande prazer em exibir vossa *señora* nas melhores reuniões da Cidade do México.

– É verdade! – disse-me *Don Antônio*. – E paguei por esta complacência tola com uma série ininterrupta de trabalhos. Minha esposa sabia dançar, e até mesmo com destreza, porém, não por arte, mas, tal como dizem, como passatempo. Eu, desejando que seu mérito se destacasse em tudo e que não fosse vista nas danças como uma mera amadora, contratei um bom professor, cujas aulas ela aproveitou muito bem. Em pouco tempo, estava tão avançada nessa destreza que podia competir com as melhores dançarinas do teatro.

“E, como seu garbo e beleza natural a favoreciam, despertou as atenções em todos os lugares, e colheu, pelo fruto de sua habilidade, aclamações, bajulação e aplausos. Eu estava encantado com minha notável companheira, acreditando que, embora todos a invejassem, ninguém ousaria seduzi-la; e, mesmo nesse caso, sua honra e virtude constantes superariam as solicitações iníquas de meus rivais.

“Com essa confiança toda, eu a acompanhava para onde quer que fôssemos convidados, ou seja, para quase todos os melhores bailes da Cidade do México. Nesses encontros, que elogios e obséquios nos dispensavam! Que destinos e acomodações (p. 413) esplêndidas não deixavam de nos oferecer! Que proteções não me foram concedidas, e que cortesias e visitas não me foram feitas! E eu, que tinha tão pouco conhecimento do mundo, era tão palerma, que pensava que todas aquelas

adulações eram para mim? (p. 413) Ah, eu poderia ter carregado melhor a albarda do que o burro com a imagem de Ísis⁸⁶⁸.

“Certa noite, uma senhora de respeito, por ocasião do dia de seu aniversário, convidou minha mulher para o baile que ofereceria em sua casa. Eu a levei, muito feliz, como era já meu costume. Minha esposa foi uma das primeiras a ser tirada para dançar, convidada por um distinto cavalheiro, rico e nobre (se é que há verdadeira nobreza onde falta a virtude), que, aqui, identificaremos pelo título de marquês de T. Esse senhor ficou enlouquecido por minha esposa desde aquele momento, mas soube dissimular bem sua louca paixão.

“Quando terminou de dançar, como minha esposa e eu já éramos conhecidos de casa, foi fácil para ele descobrir quem éramos, de qual lugar procedíamos, o estado de nossas fortunas e tudo o que ele desejava e do que poderia se inteirar sobre nós. Já de posse dessas informações, sentou-se a meu lado e, com a maior amabilidade, começou a me arrastar em sua conversa. Conversa vem e conversa vai, veio à tona o tema do comércio e das grandes vantagens que ele oferecia.

“Nessa ocasião, falei-lhe do percalço que tinha sofrido por causa de um contrabando meu que tinha sido confiscado. Ele se mostrou preocupado e condoeu-se de minha desgraça, ainda mais quando ouviu falar do pouco que me restava de capital de investimento. No entanto, finalmente, perguntou-me:

– Qual direção pensais tomar com tão escasso dinheiro? – e eu lhe respondi:

– Pretendo voltar a Jalapa dentro de quinze dias, investir o pouco dinheiro que me resta em aviamentos, deixar minha mulher na casa de sua mãe e continuar na prática do comércio entre cidades.

– Amigo, isso é uma tolice! – disse-me o marquês. – Acredito que, por mais (p. 414) que trabalheis duro, isso não vai funcionar bem; pois um cabedal tão miserável deixará lucros ainda mais miseráveis, que consumireis, precisamente, nas despesas da viagem e na subsistência. Desse modo, nunca conseguireis juntar dez mil pesos próprios, nem podereis prometer a vós mesmos qualquer descanso.

⁸⁶⁸ Transcrição da nota 426, da edição de 2008 (p. 413): “[Fernández de Lizardi:] Parece ter retirado do *Catecismo*, de Murillo Velarde ([1752], p. 323), a imagem: ‘Levava um burrico a imagem de Ísis e, acreditando que a reverência que recebia a deusa era para ele, ficou soberbo, de forma tão insolente (como um burro) que, irritados os que o viam de tamanha soberba, e presunção tão néscia, disseram-lhe aborrecidos para pô-lo em seu juízo: do que ficas soberbo? Tu continuas a ser o mesmo burro que sempre fostes’” (Nossa tradução).

(p. 414) – Já pensei nisso – disse-lhe eu –, mas, é necessário trabalhar para comer. E, quando conseguir apenas isso, já será um avanço.

– Bem – disse-me o marquês –, mas, quando a um homem de bem facilitar-se uma condição vantajosa, este não deveria omiti-la ou desprezá-la.

– A questão é que eu não tenho recebido tais facilidades – respondi-lhe.

– Logo, se vos fossem dadas tais facilidades – disse-me o marquês –, vós as aceitaríeis?

– Precisamente – respondi-lhe. – Eu não seria tão tolo de negá-las.

– Bem, meu amigo – acrescentou ele –, regozijai-vos, regozijai-vos, pois vossa situação e vossos infortúnios sofridos fizeram apiedar-me de vós. Nascestes para a riqueza, mas a fortuna é sempre cruel para o bem. No entanto, minha compaixão por vós não há de permanecer apenas em palavras. Amo-vos por simpatia oculta, sou rico... ultimamente, quero fazer de vós um homem. Onde morais? – Respondi-lhe que estávamos na pousada.

– Bem, então – acrescentou ele –, amanhã esperareis por mim entre as onze e as doze horas. E, acredite, não ireis vos arrepender dessa visita. Já me conheceis?

– Não, senhor – eu lhe disse. – Estou para servi-lo.

– Pois eu sou – continuou ele – seu amigo, marquês de T. Tenho condições favoráveis e desejo empregá-las a vosso favor.

“Agradei-lhe devidamente, acrescentando que, se fosse incômodo sua senhoria vir a minha casa, iria à dele na hora que ordenasse.

– Não, não – respondeu-me ele. – Gosto muito de visitar os pobres e, além disso, dou esses passos, também, para o bem de minha saúde, porque é bom que eu faça algum exercício, andando a pé.

“Assim dizendo, alguns dos convidados começaram a se levantar para a contradança. Chegaram até a convidar o marquês. Ele, porém, levantou-se para dançar com minha mulher, ao mesmo tempo em que outro capitão estava pedindo-lhe a vez. Surgiu, então, uma discussão a respeito de qual dos dois cavalheiros ela escolheria para a dança. Deu-se uma disputa muito renhida, na qual cada um deles alegou as exceções que acharam adequadas. Mas, como nenhum dos dois ficou satisfeito com os argumentos do outro, pois cada um dizia que não podia ser

desprezado, (p. 415) nem permitir que sua honra fosse pisoteada em público⁸⁶⁹, passaram de uma palavra a outra, até correrem insultos das duas partes. Se, nesse ponto, as mulheres não entrassem em alvoroço e não houvesse vários assuntos de respeito sendo comentados, eles iriam se desafiar a bofetadas. No entanto, as senhoras mantiveram os sabres dos contendentes bem guardados.

“Enfim, querendo ou não, ambos acalmaram-se e o assunto foi concluído com minha esposa não dançando com nenhum deles, como deveria ser. Assim, eles ficaram um pouco satisfeitos, embora todos os presentes estivessem aborrecidos, e eu mais do que ninguém, ao ver o ridículo de ambos os desafetos, que pareciam estar discutindo sobre algo que lhes pertencia. O marquês, com um tom ensoberbado em sua voz, disse-me:

– Vamos embora, *Don Antônio*.

E eu, não ousando opor-me a meu suposto protetor, obedeci-lhe e saí com ele e minha esposa, deixando, sem dúvida, muito assunto para exercitar a crítica maliciosa daqueles que ficaram no baile.

“Saímos para a rua. O marquês ofereceu-nos lugar em sua carruagem e ordenou que parássemos em uma hospedaria. Eu e minha esposa resistimos, mas ele insistiu, alegando que minha esposa jantaria alguma coisa e que, se ela quisesse se divertir naquela noite, poder-se-ia procurar por outro baile, e caso não conseguíssemos achar algum, ele o faria em sua casa. Nós agradecemos seu favor e lhe imploramos que não insistisse nisso, pois era tarde demais.

“Nisso, chegamos à hospedaria, onde o marquês fez colocar uma mesa esplêndida, ao modo da casa, quero dizer, mais abundante do que limpa ou surpreendente. No entanto, ao sermos apenas (p. 416) três os comensais, ele teve de

⁸⁶⁹ Nota do Autor: “Estritamente, a *honra* não é senão o esforço de conservar a virtude, quer dizer, qualquer homem pode dizer com razão que ofenderam sua honra quando é caluniado de ladrão, quando seduzem sua mulher ou lhe atribuem algum vício e, nesse caso, sendo ele inocente, é muito lícito defender-se e vindicar sua honra segundo a ordem de justiça. Mas, por desgracia, esta palavra, honra, está corrompida e virou sinônimo de vingança, vaidade e demais caprichos dos homens. Muitos fazem consistir sua honra no luxo, mesmo que, para sustentá-lo, valham-se de meios indecorosos e proibidos; outros, em vingar a menor ofensa, e os duelos sempre foram canonizados pela honra; outros querem que sua honra consista em se sair com seu gosto, como o marquês; outros, em exigir com pontualidade veneração mínima de seus súditos, e outros em tais como estas; na verdade, nada disso é honra” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 415, nota a) (Nossa tradução).

pagar duas onças (p. 416) de ouro para o ajudante de cozinheiro⁸⁷⁰. Assim que saímos da hospedaria, tentei me despedir, mas o marquês não consentiu em partir sem nos levar para a pousada em sua carruagem. Depois disso, voltou para sua casa. Eu tinha um servo muito fiel, chamado Domingos, que desempenhou um papel relevante nessa história. Ele estava encarregado de nos abrir a porta no momento em que chegamos, como o fez naquela noite.

“Nós, que já havíamos jantado, não tínhamos mais nada a fazer senão ir dormir, embora eu nãooubesse em mim de alegria, considerando a fortuna que me esperava com a proteção daquele senhor. Minha esposa notou minha inquietação e perguntou-me a causa. Contei-lhe, então, o que tinha acontecido com o marquês. A pobrezinha ficou muito contente com isso, sem conseguir acreditar, como eu, que os fins de tal proteção fossem contra sua honestidade e minha honra.

“Há, no mundo, muitos protetores como esse, que não sabem como dar meio real de esmola e sacrificam seus respeitos e seu dinheiro para satisfazer uma paixão. Fomos dormir, tranquilamente, o resto daquela noite.

“No dia seguinte, na hora combinada pelo marquês, ele estava em sua casa. Aconteceu que esse dia era o aniversário do rei, ou alguma coisa parecida. A questão é que, por conta disso, meu grande protetor veio nos visitar em uma carruagem e em vestimenta de gala, pois ia para a tal festividade. Cumprimentou-nos com muito afago e cortesia e, depois de ter feito uma pequena crítica ao acontecido na noite anterior, disse-me:

– Amigo, eu vim para cumprir minha palavra, ou melhor, para garantir minha palavra a vós, porque aquilo que o marquês de T. diz uma vez, cumpre, como se o tivesse registrado por escrito. Destinei dez mil pesos para vos abastecer com uma relação de aviamentos⁸⁷¹ bem sortidos para que os leveis à feira de San Juan de los

⁸⁷⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *marmitón* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 416). De acordo com o *DRAE* (2023), na primeira acepção, “pessoa que realiza as tarefas mais humildes na cozinha” (Nossa tradução). Retirado de: <https://dle.rae.es/marmit%C3%B3n?m=form>. Acesso em: 21 jan. 2023.

⁸⁷¹ Transcrição da nota 427, da edição de 2008, (p. 416, retirado do *Diccionario de autoridades*, [1969]): “[Lê-se, em castelhano:] *Memoria*. Chama-se também ao livro, caderno, papel ou outra coisa, na qual se anota alguma coisa, para a ter presente e não esquecer [de nada]” (Nossa tradução).

Lagos⁸⁷², considerando-se o fato de que todos os lucros dessa empresa serão vossos. Então, mãos à obra, vamos trabalhar! O que determinastes?

“Agradei-lhe (p. 417) por sua generosidade, prometendo-lhe que, em doze ou quatorze dias, receberia essa relação de aviamentos e partiria para San Juan.

– Mas por que essa demora? – perguntou-me o marquês. E eu lhe disse que era porque eu queria levar minha esposa à casa de sua mãe, pois, na Cidade do México, eu não tinha nenhuma casa de confiança para deixá-la, nem achava correto que ela ficasse sozinha, confiada apenas aos cuidados de uma empregada.

– O último que me foi dito, está muito bem pensado – disse-me o marquês –, mas, também, não podemos agir do modo que me dissestes primeiro. Estou tentando favorecer-vos, mas não quero perder meu dinheiro, como certamente aconteceria se eu adiasse o envio de meus pertences até quando o quereis. Então, vede bem. São necessários, pelo menos, seis dias para encontrar mulas e tropeiros, para receber a relação de aviamentos e os acondicionar para o transporte. Além disso, são necessários, pelo menos, doze dias para que alcanceis vosso destino. A feira não tarda em chegar e eu quero que, se não tiverdes determinação, que a pessoa que se disponha a esse serviço não perca tempo, mas que se apresse para obter as melhores vantagens por ter conseguido chegar entre os primeiros feirantes. Essa é minha resolução, mas isso não é um golpe de covarde que não lhe dá tempo. Vou, agora, para o beija-mãos⁸⁷³. Daqui a uma hora, volto por aqui. Enquanto isso, vedes o que determinais com calma e me deixais saber para meu governo.

“Dito isso, partiu. Quem teria pensado que, no momento em que o marquês mostrava a maior indiferença com respeito a minha partida breve ou não da cidade, foi quando ele buscava apressar todos seus meios para precipitá-la? Ah, pobreza tirânica! Como oprimes os homens de bem para arriscarem sua honra com o intuito de se libertar de ti!

“Eu e minha esposa estávamos em um mar de dúvidas a respeito do curso que deveríamos tomar. Por um lado, senti que se deixasse passar aquela ocasião

⁸⁷² Nota da Tradutora: *San Juan de los Lagos* está localizado no estado de Jalisco, México. Para mais informações, visitar: <https://www.jalisco.gob.mx/es/jalisco/municipios/san-juan-de-los-lagos>. Acesso em: 31 dez. 2022.

⁸⁷³ Nota da Tradutora: De acordo com o *Dicionário Michaelis* (2022), o beija-mãos é um ato realizado durante determinada solenidade. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/beija-m%C3%A3o/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

favorável, (p. 417) não seria tão fácil esperar por outra do mesmo tipo, especialmente em minha idade. Por outro, não sabia o que fazer com minha esposa, nem onde deixá-la, (p. 418) pois não tinha, na Cidade do México, nenhuma casa em vista que me deixasse satisfeito para esse fim.

“Estávamos fazendo mil cálculos, sem nunca nos decidirmos, e foi nessa situação que o marquês nos encontrou quando voltou de suas atividades. Entrou, sentou-se e disse-me:

– Finalmente, o que vós resolvestes?

“Respondi-lhe de tal forma que ele soube o desejo que eu tinha de aproveitar seu favor e, ao mesmo tempo, o embaraço que sentia ao admitir que não tínhamos onde deixar minha esposa. Ao que ele, com muita dissimulação, respondeu-me:

– É verdade. Esse é um motivo tão poderoso quanto justo para que um homem de vossa honra prescindia das melhores conveniências porque, para se afastar de uma senhora do mérito da vossa, é necessário pensar muito bem. E, caso decidais fazê-lo, é preciso deixá-la em uma casa de grande honra e não menos segura. Isso, não porque a *señora* não saiba preservar-se em qualquer lugar, mas por causa da leveza com que o vulgo malicioso pensa de uma mulher bela e sozinha. Também, por causa das seduções às quais ela fica exposta, não vamos nos estender mais. E, desculpai-me, *señora*, mas o coração de uma dama não é invencível. Ninguém pode ter certeza de que não se vais cair em um mundo semeado de ciladas⁸⁷⁴. O melhor jardim precisa de uma cerca e de um guardião, ainda mais neste México... Neste México onde sobram tantos velhacos e tantas oportunidades. Portanto, aplaudo-vos por vossa justa observação. Certamente, sou o primeiro a tirar de vossa mente todo pensamento contrário. Esta era a única maneira que eu tinha de ajudá-lo, mas Deus me livre, nem de longe quero ser a causa de vosso mal-estar, ou talvez.... Não, meu amigo, não. É melhor perder tudo. A honra vem primeiro.

“Aqui, o marquês interrompeu sua conversa, e eu e minha esposa não conseguimos dissimular a sensação de ver as esperanças que tínhamos concebido,

⁸⁷⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *en un mundo sembrado de lazos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 418). O DRAE (2023), na décima primeira acepção, traz o seguinte significado: “ardil ou artificio enganoso” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/lazo?m=form>. Acesso em: 22 jan. 2023.

de mudar nossa sorte (p. 418) em um curto espaço de tempo, serem frustradas em segundos. Ah, maldito interesse! Ao que tu não expões os miseráveis mortais!

“Meu piedoso protetor era muito astuto e reconheceu facilmente, em nossos semblantes, o bom efeito de sua maquinação depravada, (p. 419) que acabou sendo levada a cabo à mercê da simplicidade de minha esposa.

– Mas, Antônio, se o que te impede de receber o favor deste cavalheiro é não ter um lugar onde me deixar, o remédio é fácil: vou contigo, pois sei como montar um cavalo....

– Não, não! – disse-nos o marquês. – Nada disso! Que absurdo! Como eu poderia querer que vos expusésseis a uma doença por um caminho tão longo? Também não seria honroso para *Don* Antônio permiti-lo. Não vedes que os homens de bem, se trabalham, é para suas mulheres desfrutarem de algum conforto? Como poderia entregar-vos aos sóis, às noites sem dormir, às más refeições e a outras dificuldades de um caminho tão longo? Não, *señora*, nem pensar nisso! Melhor é o meio que vou propor. E se estiverdes satisfeitos com isso, acho que não terão do que se arrepender.

“Com tanta ânsia quanto tolice, pedimos-lhe que nos declarasse seu plano. E o marquês, sem se fazer de rogado, disse:

– Bem, senhores, tenho uma tia que não é apenas honesta, mas uma santa, se me permitem dizê-lo. Ela é uma pobre idosa, beata de São Francisco, uma donzela que ficou para vestir os santos e repreender os moleques. Ela reza muito o rosário e é escrupulosa, do tipo que vai ao confessionário dia sim, dia não. Sua casa é um convento; mas, melhor dizendo, é um pouco pior. Lá, apenas chegam uma ou duas visitas, e isso, só de mulheres idosas, como ela dizia; porque *ceroulas*⁸⁷⁵ não hão de pôr os pés em seu estrado, enquanto o mundo ainda exista. No horário de rezar à noite, a casa já está trancada, e a chave, embaixo de seu travesseiro. Seus maiores passeios são para a igreja e para os hospitais aos domingos, para confortar as doentes. Em uma palavra, sua vida é da mais alta ordem, e sua casa poderia servir de modelo para o mosteiro mais estrito. Mas não pense, *señora*, com isso, que ela é

⁸⁷⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *calzonudo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 354). De acordo com o *DRAE* (2023), *calzonudo*, nos países Costa Rica e México, é um substantivo utilizado para designar o homem, no vocabulário das mulheres. Disponível em: <https://dle.rae.es/calzonudo?m=form>. Acesso em: 23 jan. 2023.

uma mulher (p. 419) velha, monótona e ridícula. Nada disso. Ela é muito aprazível, carinhosa e tem uma conversa tão gentil e divertida, que entretém todos os que a visitam. (p. 420) Em resumo, se fordes capaz de vos submeter a uma vida tão isolada por dois ou três meses, que vosso esposo possa ficar longe de vós no máximo, parece-me que não há nada mais adequado.

“Minha esposa, a quem eu tinha tirado de seu meio ambiente, como dizem, porque tinha sido criada em igual reclusão como a que o marquês tinha acabado de descrever, não hesitou um instante em responder que foi para os bailes e os passeios porque eu a levei; mas que sempre que eu quisesse deixá-la naquela casa, ficaria muito satisfeita, e só sentiria saudades por causa de minha ausência. Fiquei muito feliz com sua docilidade e aceitei o novo favor do marquês, agradecendo-lhe e ficando muito feliz em ver minhas esperanças reavivadas e minha mulher tão bem assegurada.

“O marquês mostrou estar igualmente contente, como ele disse, por ter me servido. Então, despediu-se, combinando em voltar no dia seguinte, tanto para me apresentar no armazém onde eu deveria comparecer e entregar a relação de aviamentos, como para nos levar até a casa da boa senhora, sua tia. O restante daquele dia, passamos eu e minha esposa em grande alegria, fazendo mil contas vantajosas, passeando no jardim dos tolos.

“No dia seguinte, o marquês já estava na pousada muito cedo, pela manhã. Fez-me entrar em sua carruagem e levou-me ao armazém, onde disse que a relação de aviamentos me seria fornecida lá, como ele tinha falado na véspera, e seria de acordo com os ajustes que eu fizesse e como eu quisesse. Também disse que ele era apenas um comissionado para responder por mim e dar-me esse conhecimento.

“O comerciante, ao ouvir isso, acreditando que o que o marquês disse era verdade, fez-me mil elogios e se despediu de mim com mais carinho e cortesia do que havia usado quando entrei em sua casa. Como se pode ver, isso não foi por mim, mas pelos pesos que ele pretendia ganhar comigo. Feito isso, voltamos à pousada e o marquês fez minha esposa vestir-se para sair, e fomos a Chapultepec⁸⁷⁶, onde ele tinha arranjado um famoso almoço e jantar.

⁸⁷⁶ **Nota do Autor:** “Um belo bosque extramuros da Cidade do México, ainda que sem outra coisa mais notável do que o palácio que fabricou nele o senhor Dom Bernardo de Gálvez, vice-rei de Nova

(p. 421) Lá, passamos uma manhã de campo muito alegre naquele bosque, que é lindo por sua própria natureza. À tarde, por volta das quatro horas, voltamos para a cidade e fomos para a casa da *señora* tia dele. Descemos da carruagem. O marquês entrou e tocou a campainha no saguão. Baixou uma velha criada e perguntou quem ele era. O marquês se apresentou.

– Bem, vou dizer à *señora* – disse a empregada –, porque a nenhum cavalheiro deve ser permitida a entrada aqui a menos que minha *señora* o veja através daquela escotilha da sala. Por gentileza, aguarde um pouco.

“De fato, esperamos, ou ficamos angustiados, por cerca de um quarto de hora, até ouvirmos o som de uma pequena janela no próprio telhado do salão do mesmo saguão. Olhamos para cima e vimos a venerável anciã com seus óculos, olhando-nos muito detidamente e perguntando, novamente, quem éramos. O marquês, meio nervoso, disse-lhe:

– Eu, tia, Miguel. Abrem ou não? – Ao que a mulher idosa respondeu:

– Ah, sim, Miguelinho! Já te reconheci, minha alma. Já já abrem. Mas e aquele outro cavalheiro, ele vem contigo, filho?

– Oh, maldição! – disse-lhe o marquês. – Com quem mais viria?

– Bem, não fiques zangado – disse-lhe a velha. – Já abrem.

Com isso, ela fechou a pequena escotilha, e o marquês nos disse:

(p. 421) – O que achais disso? Já vistes o mais estrito dos recintos? Mas não vos preocupeis, *niña*⁸⁷⁷, pois o leão não é tão feroz como o descrevem.

“A essa altura, a criada velha chegou e abriu-nos o postigo. Entramos, subimos as escadas e a senhora tia já nos esperava no portão, vestida com seu hábito azul e sua reverenda toca, usando seus óculos, uma mantilha fina de algodão e seu rosário gordo na mão. Pelo fato de dever tantos favores a esta boa senhora, mantenho sua imagem muito viva em minha memória. Ela nos recebeu com grande afeto, especialmente minha esposa, a quem abraçou com grande expressão. Chamou-a de

Espanha; no entanto, costuma servir de passeio” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 420, nota *b*) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: O ‘bosque de Chapultepec’, ou ‘Chapultepec’, é uma área de preservação vegetal dentro da Cidade do México. Para mais informações, visitar: <https://www.chapultepec.com.mx/visita/117>. Acesso em: 12 fev. 2023.

⁸⁷⁷ Nota da Tradutora: Note-se a personagem do marquês T., no capítulo inteiro, utiliza *señorita* e *niña* para se referir à esposa da personagem Antônio.

minha alma e minha vida, como se a tivesse conhecido há anos. Entramos, e logo nos convidaram para um bom chocolate.

“O marquês relatou-lhe o propósito de sua visita⁸⁷⁸, que era ver se consentiria que a *niña* ficasse alguns dias em sua casa. Ela mostrou que teria o maior prazer em fazê-lo, mas que não tinha (p. 422) outro defeito senão o fato de que não era amiga de caminhadas ou visitas, porque isso colocava em perigo as almas, e, imediatamente, durante cerca de meia hora, falou-nos sobre a virtude, o escândalo, reatos⁸⁷⁹, morte, eternidade etc. Fez isso, animando sua conversa com mil exemplos, com os quais minha mulher estava encantada e se divertia muito, pois ela era de bom coração. Postergado o dia de sua entrada naquele pequeno mosteiro, ela nos disse:

– Sobrinho, senhores, vinde ver minha casinha. Venha, minha *noviça*, ver se gosta do *convento*.

“Condescendemos com a reverenda e minha esposa ficou muito satisfeita com a limpeza e a originalidade da casa, particularmente com os cristais, os passarinhos e os vasos de flores. A tarde se passou nisso e nos despedimos. Minha mulher ficou encantadíssima pela senhora. Ficamos na pousada e o marquês foi para sua casa. Nos seis dias seguintes, recebi a relação de aviamentos, solicitei mulas e deixei tudo pronto para minha viagem. Mas, durante todo esse tempo, meu protetor não descuidou de entreter e passear com minha esposa, pois disse-me que era necessário divertir um pouco a nova freira.

“É verdade que eu, olhando o tratamento exagerado que o marquês destinava a ela, não deixei de ficar um pouco receoso. Mas, como estava muito satisfeito com o amor e bom comportamento de minha esposa, não tive receio de lhe contar meus medos. Ela respondeu-me para deixá-los de lado, primeiro porque me amava muito e não poderia me ofender por todo o ouro do mundo e, segundo, porque o marquês era o homem mais cavalheiro que já havia conhecido, pois, mesmo quando saía com ele,

⁸⁷⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *El marqués la dijo el fin de su visita* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 421). Assim como Cervantes no seu *Dom Quixote*, neste capítulo, o autor dá mostras do uso do *laísmo* [Nossa tradução: uso do pronome direto *la* em lugar do pronome para o complemento indireto *le*, sendo esse mais adequado que aquele, de acordo com a norma-padrão da língua castelhana].

⁸⁷⁹ Nota da Tradutora: Enquanto no *Dicionário Michaelis* (2022) registra: “Obrigação em que se fica de cumprir a penitência imposta pelo confessor”, o *DRAE* (2022) acrescenta o seguinte: “obrigação que fica à pena correspondente ao pecado, mesmo depois de ser perdoado”. Mais informações em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/reato/> e <https://dle.rae.es/reato?m=form>. Acesso em: 01 jan. 2023.

era sempre (p. 422) com minha permissão e com a companhia de uma criada em sua carruagem. Garantiu-me ela que ele nunca havia tirado a mínima vantagem dela; pelo contrário, sempre a havia tratado com decoro. Com essa garantia, fiquei tranquilo e tentei deixar esta capital para seguir a meu próximo destino.

“Eu disse ao marquês que tudo estava pronto. Ele, que não queria mais nada além de estar livre de mim, disse-me que, à tarde, viria para me levar à casa de sua parente e que eu poderia partir na manhã seguinte.

“Minha esposa implorou-me para que eu lhe deixasse ficar com o servo Domingos, para (p. 423) que ela pudesse ter um criado de confiança, caso tivesse alguma necessidade. Concordei prontamente com isso, e o marquês não fez, também, qualquer objeção; pelo contrário, disse-me:

– Melhor assim. Um quarto será dado a Domingos lá embaixo. Ele poderá servir como porteiro e acompanhante.

“Enquanto o marquês foi comer, arrumei o baú de minha esposa. Deixei-lhe mil pesos em ouro e prata, no caso de precisar comprar alguma coisa. Quando o marquês chegou, não tinha nada mais a ser feito, além de levar minha esposa à casa de sua tia. Nossa separação custou-lhe, como de costume, muitas lágrimas. Mas, finalmente, ela ficou ali e eu fui embora, na mesma tarde, para, naquela noite, já dormir do lado de fora dos portões da cidade.

Até aqui chegou *Don Antônio* com seu relato, quando um dos carcereiros da prisão interrompeu novamente sua conversa.

(p. 424) **Capítulo VIII**

Conta Periquitinho sobre o trote pesado que lhe fizeram os presos na cadeia e Don Antônio conclui sua história

A razão pela qual a conversa com *Don Antônio* foi interrompida novamente foi porque, por volta das cinco horas da tarde, o diretor desceu para trancar os prisioneiros em seus respectivos calabouços, acompanhado por outros dois que carregavam um molho de chaves.

Depois de prender os que estavam no primeiro pátio, passou para o segundo. O feroz presidente, ainda irritado contra mim, sem razão, separou-me da companhia de *Don Antônio* e levou-me para a menor, mais suja e mais lotada masmorra. Fui o último a entrar e, ao serem trancados os cadeados, fomos deixados lá como moscas em uma prisão juvenil.

Para minha desgraça, entre tantos filhos da mãe presos naquele porão, não tinha outro homem branco além de mim. Todos eles eram índios, negros, *lobos*⁸⁸⁰, mulatos e castas. Essa foi a motivação suficiente para eu me tornar, na realidade, como fui, o alvo dos *troles pesados* que fizeram comigo.

Por volta das seis horas da tarde, acenderam uma pequena vela, ao redor de cuja triste luz todos aqueles indivíduos reuniram-se em uma roda e, tirando um deles suas cartas imundas, começaram a jogar o que tinham. Fui chamado para juntar-me a eles, mas, como eu não tinha um tostão⁸⁸¹, desculpei-me, confessando simples e claramente a precariedade de meu bolso. (p. 425) Mas eles não quiseram acreditar, pois estavam convencidos de que eu era ou mau ou vaidoso.

Eles jogaram até perto das nove horas, quando a vela tinha apenas quatro dedos de comprimento e não havia outra mais para substituí-la. Sendo assim, decidiram jantar e ir para a cama. A roda foi desfeita e eles começaram a aquecer

⁸⁸⁰ Nota da Tradutora: O termo *lobo*, utilizado no texto em castelhano, pode ser entendido como pessoa miscigenada, espertalhão, ladino. Ver a nota 244 de nossa tradução.

⁸⁸¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ochavo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 424). De acordo com o *DRAE* (2023), o *ochavo* é uma “antiga moeda espanhola de cobre com peso de um oitavo de onça” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/ochavo?m=form>. Acesso em: 02 jan. 2023.

seus potinhos de ervilhas⁸⁸² em um pequeno (p. 425) braseiro que queimava com o carvão vegetal.

Eu esperava que alguém piedoso me convidasse para jantar, como *Don Antônio* o tinha feito, mas minha esperança foi em vão, pois todos aqueles infelizes pareciam ser bons de garfo e estar famintos, enquanto devoravam suas ervilhas quase frias.

Durante o jogo, fiquei em um canto, enrolado em meu *sarape* e rezando o terço com certa devoção, pois já fazia muito tempo que não orava. Como se pode ver, que marinheiro não faz votos durante a tempestade?

As maldições, juramentos e xingamentos indecentes que aquela estirpe misturava com as disputas do jogo eram inúmeras e horríveis. Tanto assim que, embora não fossem novidade para meus ouvidos, não deixaram de scandalizar-me. Eu já era um degradado, mas sentia uma grande repugnância e nojo dessas coisas. Não sei o que é que tem a boa educação na infância que, na trilha mais selvagem dos vícios, ela serve, muitas vezes, como uma poderosa restrição para nos conter. Ai daquele que, em toda ocasião, acostuma-se a dispensar seus princípios!

Assim que jantaram, cada um fez sua própria cama como pôde, e eu, que não tinha nem um *petate* nem nada parecido, como não havia outro modo, dobrei meu *sarape*, fazendo dele um colchão e uma coberta. Meu chapéu foi meu travesseiro.

Logo que meus colegas de cela deitaram-se, começaram a zombar de mim à vontade, dizendo-me:

– Então, meu amigo, também caíste nesta ratoeira por uma colher? Que bom! Mas, então, os *señores* espanhóis também são ladrões? E logo dizem que isso de roubar é apenas para as pessoas ruins.

⁸⁸² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: *alverjones* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 425). O *Diccionario de americanismos* (2010), refere-se ao termo apenas como aquilo que, no Brasil, conhece-se como ervilha (*Pisum sativum*). Ver, sobretudo, a acepção I.3. No *DRAE* (2023), o termo *alverjón/alverjones* refere-se a outro cultivo, também das *Fabaceae*, como sinônimo de *almorta* (*Lathyrus sativus*). Outros sinônimos para *almorta* encontradas nas páginas pesquisadas são: *arveja*, *guisante*, *chícharos*, *tito*, *guija*. Para mais informações sobre *alverjón*, visitar: <https://dle.rae.es/alverj%C3%B3n?m=form> e <https://www.asale.org/damer/alverja>. Sobre a *almorta*, sugerimos visitar: <https://dle.rae.es/almorta#GcisZKd>, <https://bolcereales.com.ar/alimentacion/la-almorta/> e <https://www.historiacocina.com/es/historia-de-la-almorta>. Acesso em: 31 jan. 2023.

(p. 425) – Não vale a pena, Zé⁸⁸³ – disse outro –, eles são todos iguais. Os brancos e os negros: cada um surrupia o quanto (p. 426) pode. Acontece que tu e eu roubamos um xale, um manto ou algo *ansim*, mas quando eles roubam, roubam coisa grande.

– E como é *ansim* – disse outro –, eu aposto que meu camarada pelo menos jurtou⁸⁸⁴ no mínimo duzentos ou quinhentos. Não que é ele é esperto, hein? Não é que ele se vira, hein?⁸⁸⁵

Desse modo, cada um pior do que outro, todos continuaram falando mal de mim. No início, tentei me desculpar, mas, como eles caçoavam mais ainda com minhas desculpas, tive de ficar quieto. Encolhi-me de volta em meu *sarape* até que a vela se apagou. Simulei estar já adormecido, o que fez a diligência dos faladores sossegar por um bom tempo, levando-me a crer que tinham dormido.

Mas, quando eu estava no auge de minha ilusão, eis que começaram a atirar em mim canecas cheias de mijo, mas tantas, tão cheias e com tanta pontaria que, em menos tempo do que eu pude contar, estava ensopado de mijo, desgrenhado, e entregue ao diabo.

Então, aí sim, perdi minha paciência e comecei a enchê-los de palavrões, mas, ao invés de recuarem ou ficarem com raiva, começaram a se divertir de novo, dando-me uma surra com não sei o quê exatamente, porque eu, que senti a chicotada, não vi as chibatas⁸⁸⁶ no dia seguinte.

Finalmente, cansados de rir e maltratar-me, foram dormir. Fiquei agachado à porta, nu e incapaz de me deitar, porque meu *sarape* estava ensopado, e minha camisa também.

Minha Nossa! A angústia sentida por meu espírito ao atinar que eu estava na cadeia, julgado por ladrão, pobre, desamparado entre aquela canalha e sem

⁸⁸³ Nota da Tradutora: Novamente, o texto traz o apelido *Chepe*, diminutivo de José. Ver a nota 767 (p. 432) de nossa tradução.

⁸⁸⁴ Nota da Tradutora: Note-se o uso de [lê-se em castelhano: *ansí*] *ansim*, por ‘assim’, e [lê-se em castelhano: *jurtó*] jurto por furto. O texto em castelhano apresenta, nessa passagem do capítulo, amostras da oralidade dos réus.

⁸⁸⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: “¿a que compone, eh? ¿a que compone?” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 426). O *DRAE* (2023) traz o sentido da locução verbal coloquial *componérselas* com o sentido de ser engenhoso para sair de apuros ou de conseguir algum objetivo. Disponível em: <https://dle.rae.es/componer?m=form>. Acesso em: 25 jan. 2023.

⁸⁸⁶ Nota da Tradutora: O narrador faz referência aos instrumentos de castigo. Ver a nota 278 (p. 183) de nossa tradução.

esperança de descansar, (p. 426) nem mesmo dormindo, pelas razões que mencionei! Mas, finalmente, como dormir é corajoso, o sono ganhou-me e, aos poucos, adormeci, mesmo desassossegado, junto à porta.

Eu mal tinha começado a adormecer quando um rato saltou sobre mim, mas ele era tão grande que, por seu peso, pareceu-me mais um gato de loja. Isso foi o suficiente para acordar-me, para causar-me medo e para fazer meu sono sumir, pois eu ainda acreditava que os demônios e os mortos não tinham nada mais o que fazer à noite (p. 427) do que assombrar os adormecidos.

A verdade da questão é que eu não consegui dormir a noite toda, assediado pelo medo, pelo calor, pelos percevejos que me rodeavam como se fossem exércitos, pelo ronco desenfreado daqueles velhacos e pelos malditos eflúvios exalados de seus corpos grosseiros. E tudo isso junto com outras coisas que não se pode pronunciar. Acontecia, pois aquele porão era como uma sala de estar, um quarto, uma área de serviço, uma cozinha, uma área comum, uma sala de jantar e tudo mais. Quantas vezes não me lembrei das noites ingratas que passei no *arrastraderito* do Januário!

Por fim, Deus quis lançar sua luz sobre o mundo, e eu, que fui o primeiro a vê-la, comecei a inspecionar meus bens, que ainda estavam meio molhados, embora eu os tivesse espremido. Dava para perceber, tal foi a chuva de urina que sofreram. Mas, por último, vesti minha camisa e minhas calças. Tive um pouco de trabalho para vestir minhas calças, porque meus queridos companheiros, acreditando que os botões eram de prata, não descuidaram de retirá-los.

Às seis horas da manhã, vieram abrir a porta, e eu, faminto e sem dormir, fui o primeiro a sair, tanto para reclamar com meu amigo *Don* Antônio quanto para esperar que o sol secasse meus trapos.

De fato, o bom *Don* Antônio condoeu-se de minha desgraça e consolou-me o melhor que pôde, prometendo-me que eu nunca mais passaria uma noite assim entre aqueles malfetores, pois ele imploraria ao presidente que me deixasse ficar em seu calabouço.

– Oh, meu amigo! – eu lhe disse. – Acho que ficareis envergonhado em vão, pois esse capataz é muito duro e incapaz de ser amolecido por qualquer súplica no mundo.

(p. 427) – Não ficai entristecido – respondeu-me ele –, pois conheço a língua com a qual essa gente fala, que é com o dinheiro. Assim, com quatro ou seis reais que lhe demos, vereis como tudo se consegue.

Eu ainda não tinha terminado de agradecer a meu amigo, quando ouvi que gritavam meu nome aos berros, e eu, pensando que era para outra declaração, corri para fora e vi que a chamada era para ajudar na limpeza da masmorra onde eu tinha sido maltratado na noite anterior. A tarefa reduzia-se a pegar o barril da imundice, despejá-lo nas latrinas comuns e deixá-lo limpo.

(p. 428) Não sei como não esvaziei minhas entranhas em tal operação. Não valeram súplicas ou promessas, porque o maldito velho que estava a cargo, vendo minha resistência, já começava a desamarrar o chicote que tinha em torno de sua cintura. Assim, para evitar piores males, querendo ou não, cumpri com aquele ofício nojento. Quando terminei, voltei ao calabouço de meu bom amigo, que era, para mim, como lenço onde secar as lágrimas.

Assim que o vi, as lágrimas brotaram de meus olhos. Eu lhe referi, novamente, sobre minha nova punição. Ele, diligentemente, confortou-me e me aliviou de todas as maneiras que podia.

A primeira coisa que fez foi fazer-me deitar em sua modesta cama e dar-me uma tigela de chocolate e alguns cigarros. Depois, saiu à procura do feroz presidente, de quem obtive tudo quanto quis, pois meu amigo pagou por mim as taxas injustas, que esses malandros chamam de *patente*⁸⁸⁷, além de dar não sei que outra gratificação, com a qual, graças a Deus, deixaram-me em paz.

Eu não tinha palavras para expressar minha gratidão a *Don* Antônio depois de ter compreendido (porque outro prisioneiro contou-me) tudo o que ele havia feito por mim. Ele apenas tinha garantido que eu não ficaria mais mortificado. Este é o verdadeiro caráter de um bom amigo e de uma alma caridosa: não se vangloriar da boa ação que faz. Ao contrário, há de fazê-lo sem aguardar por um mérito e tentar não

⁸⁸⁷ Nota do Autor: “Aparentemente, aquela tal tabela imposta pela cobiça até que era razoável no Reino para se eximir, por uma pequena quantidade, do pesado ofício de fazer a limpeza das celas. Mas, isso deveria ser no caso de não haver réus destinados, por castigo, ao serviço da cadeia. Porém, quando existe essa classe, é claro que eles fazem a atividade. Assim, jamais deveriam obrigar os infelizes a fazer tal tarefa pela justificativa de não ter como pagar a contribuição injusta, que, aliás, sempre vai parar no bolso dos piores criminosos, desde que seja, geralmente, cobrada pelos presos de confiança, quer dizer, os presidentes. Ainda poderá se perceber o tamanho do abuso quando se considera que cobrar tais taxas aos presos está proibido por lei” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 428, nota a) (Nossa tradução).

contar isso para o (p. 428) beneficiário, para que não lhe custe o trabalho de agradecê-lo por isso. Mas, como são poucos esses amigos! E quão poucas caridades são feitas com tal perfeição!

Normalmente, as pessoas fazem a maioria das caridades, ou favores que levam esse nome, mais para aparentar ser generosos e bons cristãos (o que, na verdade, é uma hipocrisia) do que para contribuir com um benefício. Isto é, precisamente contra a própria regra (p. 429) da caridade, pois Jesus Cristo disse que o que a mão direita dá, a mão esquerda não deve saber⁸⁸⁸. Ou seja, que qualquer bem que o homem faça, ele deve fazê-lo por Deus, sem esperar qualquer recompensa do homem. Porque, se o homem paga por ela, logo, Deus não lhe deve nada. Vamos combinar que o benefício de publicar o bem que fizemos ao doar nossas ações, ou obrigar tacitamente o beneficiário a nos reconhecer com sua gratidão, já é recompensa suficiente.

Don Antônio era um homem muito prudente e, como sabia que eu não tinha dormido toda a noite passada, deixou-me descansar e não me acordou até uma hora da tarde para ir com ele almoçar. Levantei-me cansado de dormir, mas com fome. Assim, satisfiz meu estômago às custas do prisioneiro piedoso, que, depois que nossa mesa frugal foi concluída, disse-me:

– Meu amigo, acredito que, embora tenha acabado de passar por sofrimentos, ainda deseja conhecer a origem dos meus.

Eu lhe disse que sim, porque, para dizer a verdade, seu discurso foi um bálsamo suave que curou meu espírito aflito. Então, *Don Antônio* continuou o fio de sua história desta maneira:

– Lembro-me – disse ele – que concordamos em deixar esta cidade com minhas mulas e meus tropeiros, enquanto minha esposa ficaria na casa da tia idosa, sem nenhuma outra companhia além daquela do servo Domingos.

“Não gostaria de lembrar o que se segue, porque, apesar do tempo que já se passou, ainda sinto a dor ao toque das feridas de minhas afrontas, que já estão sarando. Mas, não quero deixar-vos em dúvida sobre o fim de minha história, tanto

⁸⁸⁸ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) aponta que essa passagem foi retirada do *Sermão da Montanha* (São Mateus, 6:3): “Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita”. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-mateus/6/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

para que vos (p. 429) conforteis ver que eu, sem ter culpa, passei por maiores dificuldades, quanto para que aprendais a reconhecer o mundo e suas artimanhas.

“Não tenho nada de particular que me ocorre dizer sobre mim, pois não há nada de particularmente interessante na viagem de um vendedor que faz comércio entre cidades, nem sobre sua residência no local de destino. Pelo menos, posso dizer que alcancei meu destino com segurança, enquanto estava sendo preparada para minha honrada esposa a mais terrível tempestade.

(p. 430) “Depois que o pícaro do marquês... – perdoe-me esse epíteto indecoroso, pois lhe perdoo pelos agravos que me fez –, depois que soube que eu já havia deixado a Cidade do México, ele tentou revelar suas intenções pérfidas. Começou a frequentar a qualquer hora a casa da idosa, que não tinha nem a virtude que parecia ter, nem o parentesco que reivindicava. Não passava de uma refinada alcoviteira. Com tal assistência, considerai como pareceu fácil ao marquês conquistar o coração de minha mulher. Mas ele enganou-se completamente⁸⁸⁹, pois, quando as mulheres são honestas, quando amam verdadeiramente seus maridos e possuem uma sólida virtude, são mais inatingíveis do que uma rocha.

“Tal era essa heroína da fidelidade conjugal. A astúcia do marquês, seus presentes, suas bajulações, seus elogios, suas considerações, suas seduções, suas promessas e até mesmo suas ameaças, juntamente com as repetidas e veementes diligências da velha maldita, de nada valeram. Apesar de todas as artimanhas, o marquês não conseguiu tirar mais suco de minha esposa do que de uma pederneira. Já em desespero, entendeu, pelas experiências tantas vezes repetidas, que aquele coração não era feito para ser conquistado, que, portanto, precisava de armas mais vantajosas. Assim, determinou usá-las e satisfazer seu apetite pela pura força.

“Com essa resolução, uma noite, resolveu ficar em casa para colocar em prática seus projetos iníquos. No entanto, no momento em que minha fiel esposa percebeu o que estava acontecendo, da forma mais dissimulada que pôde e aproveitando um descuido, desceu ao pátio, dirigiu-se ao quarto de Domingos e disse-lhe:

⁸⁸⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *se engañó de medio a medio* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 430), que, de acordo com López y López (1931, p. 465), significa: “enganar-se completamente” (Nossa tradução).

(p. 430) – O marquês corteja-me há dias. Esta noite, ele parece querer ficar aqui, sem dúvida com má intenção. A porta do saguão está trancada, e eu não poderia sair, mesmo que quisesse. Minha honra e a de teu senhor estão em perigo. És o único com quem posso contar; tu podes me livrar do risco que me ameaça. Eu confio em ti, Domingos. Se tu és um bom homem e estimas teus senhores, hoje é o momento de provar isso.

O desditoso Domingos, totalmente perturbado, disse a ela:

– Bem, *señora*, diga-me o que quer que eu faça, pois prometo fazer o que me ordena.

(p. 431) – Então, filho – disse-lhe minha esposa –, o que eu quero é que te escondas em meus aposentos e que, se o marquês agir de forma selvagem, como eu temo, defendas-me, aconteça o que acontecer.

– Bem, vossa mercê não precisa se preocupar. Vai, para que eles não notem sua ausência e não possam entrever nossos planos. Juro que somente se o marquês me matar é que ele conseguirá executar seus maus pensamentos.

“Com essa simples promessa, minha esposa subiu satisfeita e teve a sorte de não terem notado sua ausência.

“Chegou a hora do jantar e Domingos entrou para servir a mesa, como de costume. O marquês tentou fazer minha esposa encher o estômago com vinho, mas, sem ser descortês, ela desculpou-se o máximo que pôde.

“Quando terminaram a refeição, meu rival, na conversa após o jantar, usou toda a eloquência de suas melhores palavras de amor para fazer minha esposa aceitar seus lascivos desejos. Porém, ela, acostumada a resistir a tais ataques, não fez mais do que reproduzir as negativas que lhe havia dado mil vezes, embora em vão, pois o marquês era cego, e cada rejeição o deixava obstinado.

“Essa disputa durou cerca de uma hora, tempo suficiente para a empregada adormecer, e Domingos, sem ser percebido, escondeu-se debaixo da cama da sua *señora*. Ela, vendo que seu admirador apaixonado continuava com as delongas, levantou-se da mesa, dizendo-lhe:

– *Señor* marquês, estou um pouco indisposta. Permiti que eu possa me retirar, pois é muito tarde.

(p. 431) “Com isso, recolheu-se e foi para seu quarto, cuidando de ver se Domingo tinha esquecido seu recado. Mas, assim que entrou, o servo fiel disse-lhe onde estava e para não ter medo.

“Mesmo com as providências tomadas, minha esposa não se despiu nem apagou a vela, como era seu costume, com medo do que poderia acontecer, como de fato acontecera.

“Eram perto das doze horas da noite quando o marquês abriu a porta e, entrando na ponta dos pés, acreditou que minha esposa estava dormindo. No entanto, logo que ela o sentiu, levantou-se, ficando em pé. O cavalheiro ficou um pouco sobressaltado com essa precaução inesperada. Porém, recuperado de sua primeira surpresa, perguntou-lhe:

– *Señorita*, que novidade é essa? Estais em pé e vestida a uma hora da noite como essa? – Ao que minha (p. 432) esposa respondeu-lhe com muito deboche:

– *Señor* marquês, assim que notei que o senhor estava resolvido a ficar hospedado na casa desta santa senhora, presumi que não deixaria de fazer as honras de visitar este quarto na calada da noite, embora eu não tenha procurado tais favores. Por isso, decidi não me despir ou ir dormir, pois não era decente esperar dessa maneira por tal visita.

“Num primeiro momento, pareceu que o marquês desistiria de sua tentativa, vendo as reprimendas e censuras na hora certa. Mas ele estava cego. Era um marquês, estava em sua casa, e lhe parecia não haver testemunhas nem ninguém para impedir sua vileza. Assim, depois de tentar pela última vez, com rogos, promessas e carícias, vendo que tudo era inútil, abraçou minha mulher, que caminhava pelo quarto, e caiu de costas na cama com ela. No entanto, ela ainda não havia terminado de cair no colchão, quando o marquês tombou no chão, porque Domingos, assim que percebeu que o ponto era crítico e que sua pessoa era necessária, saiu de debaixo da cama, e abraçando o marquês pelas pernas, fê-lo medir o estrado com suas costelas.

“Minha esposa escreveu-me dizendo que, se o motivo não fosse tão sério, teria sido difícil para ela conter o riso, pois não podia ser de outra forma. Ela sentou-se, imediatamente, na beira de sua cama, e viu caído a seus pés o inimigo de minha honra, que não ousava levantar-se nem dizer uma palavra, pois o grandalhão Domingos estava ajoelhado sobre suas pernas, segurando-o por seu lenço contra o

chão, ameaçando (p. 432) sua vida com uma adaga e dizendo a minha esposa, cheio de raiva:

– Eu o mato, *señora*? Quais são vossas ordens? Se meu mestre estivesse aqui, ele já o teria feito, então, *ansim*, nada perdemos por poupar-lhe ao trabalho. Quando ele souber, ficará *muinto*⁸⁹⁰ grato.

“Minha esposa não deixou Domingos terminar de falar. Porém, temendo que algum infortúnio acontecesse, jogou-se no braço da adaga. Com súplicas e ordens de (p. 433) patroa, ao custo de mil sustos e empenhos, conseguiu arrancá-la da mão de Domingos e o fez soltar o marquês.

“Esse miserável levantou-se cheio de raiva, vergonha e temor, devido à resolução assaz bárbara imposta pelo jovem. Minha esposa não teve outra satisfação a não ser ordenar a Domingos que se retirasse para o segundo aposento e não saísse de lá. Quando ele a obedeceu, ela disse ao marquês:

– Vedes, *señor*, o risco ao qual vosso agravo vos expôs? Eu presumi, como sugeri há pouco, que estáveis determinado a manchar minha honra e a de meu marido pela força. Assim, para impedi-lo, fiz este criado esconder-se em meu quarto. O temido evento veio e pareceu-lhe a este pobre camponês, que não entende muito de cumprimentos, que a única maneira de atrapalhar vosso projeto era jogar-vos ao chão e assassinar-vos, como ele teria feito se eu não tivesse tomado as justas providências para impedi-lo. Sei que ele foi longe demais, e peço-vos que o desculpeis, mas, também, é forçoso que saibais e confesseis que a culpa foi vossa. Já vos disse mil vezes que sou muito agradecida a vós e continuarei agradecida pelos favores que fizestes a mim e a meu marido. Ainda mais, quando vejo que nenhum de nós os merece. Mas, *señor*, não posso pagar por eles na moeda que quereis. Sou casada, amo meu marido mais do que a mim mesma e, acima de tudo, tenho honra, e muita. Esta, uma vez perdida, nunca conseguirei restaurá-la. Sois discreto, conheceis a justiça que me assiste. Tentai afastar esse pensamento que tanto vos incomoda e me incomoda. Se não for nisso, ofereço-me para servi-vos como a última criada em vossa casa.

890 Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *muncho* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 432). A personagem pronuncia *muncho* por *mucho*. Nós tentamos reproduzir esse registro da oralidade.

(p. 433) “O marquês ficou em profundo silêncio enquanto minha esposa falava, mas, quando ela terminou, ele se levantou, dizendo-lhe:

– *Señorita*, já me impusestes o motivo que vos levou a tentar tirar minha vida de forma traiçoeira. Estou meio convencido de que, se não tivésseis marido, me amaríeis, pois não sou tão desprezível. Tentarei remover esse impedimento, e se não retribuídes, lembrareis de mim, eu vos juro.

“Dizendo isso, sem esperar por uma resposta, saiu do quarto, (p. 434) e olhando para Domingos na porta, disse-lhe:

– Procedeste como um vil vilão. Mas, não é decente para mim tirar satisfação corpo a corpo contigo. No entanto, saberás quem é o marquês de T.

“Minha esposa, que me escreveu essas coisas, tão detalhadas quanto eu as estou relatando a vós, não entendeu que essas ameaças eram dirigidas contra mim e contra a existência de meu servo.

“Ela esperou pela aurora para tentar libertar-se dos riscos aos quais sua honra estava exposta naquela casa prostituída, ainda mais quando o criado contou-lhe o que o marquês lhe havia dito. Domingos também lhe informou que, por esse motivo, pretendia deixar a cidade no dia seguinte, pois temia ser assassinado.

“Minha esposa aprovou sua determinação, mas implorou-lhe que a deixasse a salvo e fora daquela casa. Meu criado prometeu-lhe isso solenemente. Como podeis ver, entre essas pessoas, que chamamos de vulgares, sem razão, há, também, almas nobres e generosas⁸⁹¹.

“O sol rasgou os véus do amanhecer e mostrou seu rosto brilhante aos mortais. Minha esposa, imediatamente, tentou mudar-se da casa. Mas, para onde, se ela não conhecia a Cidade do México? Mas, oh, a lealdade de Domingos! Ele tornou tudo mais fácil para ela. E lhe disse assim:

– O importante é que vossa graça não fique aqui; mais do que isso, que não fique no meio da rua. Vou chamar os carregadores.

⁸⁹¹ Nota do Autor: “É verdade que os criados são chamados de inimigos domésticos, que, geralmente, não possuem bom berço nem boa educação e quase sempre servem mais pelo salário do que por amor. Mas não é menos verdadeiro que essa não é uma regra geral. Existe de tudo, assim como há amos arrogantes e soberbos cujo tratamento duro não merece o amor de seus domésticos. Deve-se tratar os criados com carinho e humanidade. Assim, rara vez, eles deixarão de corresponder a seus senhores com amor, gratidão e respeito” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 434, nota b) (Nossa tradução).

(p. 434) “Dizendo isso, saiu e voltou pouco depois com dois índios, a quem mandou carregar a cama e o baú de minha esposa, que já estava vestida para sair. Embora a velha hipócrita tentasse atrapalhá-lo, dizendo que era necessário esperar pelo marquês, o jovem, cheio de raiva, disse a ela:

– Que marquês, uma ova! Ele é um (p. 435) patife e vós sois uma alcoviteira. Irei agora mesmo denunciar-vos diante do alcaide da corte⁸⁹².

“Nada mais foi necessário para a velha desistir de sua tentativa, pois, em quinze minutos, minha esposa estava na rua com Domingos e os dois carregadores. No entanto, quando superaram uma dificuldade, encontraram outras para vencer.

“Minha esposa estava cansada no meio da rua, com os carregadores ocupados e sem saber para onde ir, quando o fiel Domingos lembrou-se de uma babá, Cassilda, que havia lavado nossas roupas quando estávamos na pousada. Sem pensar em mais nada, mandou os carregadores para lá.

“Efetivamente, eles chegaram. Uma vez descarregados os móveis, Domingos contou à lavadeira o que estava acontecendo, além de avisar que estava deixando minha esposa a seus cuidados, porque sua vida estava em risco nesta capital; que a *señorita*, sua patroa, tinha dinheiro; que ela não tinha necessidade de nada, a não ser de alguém que a libertasse do marquês; e que seu patrão era um homem muito honesto e bom, que não se esqueceria de retribuir o favor feito a sua esposa. A boa velha mulher ofereceu-se para fazer tudo em nosso favor. Minha fiel consorte deu a Domingos cem pesos para voltar a sua cidade e esperar-nos lá. Então ele, com lágrimas nos olhos, partiu para Jalapa, mas, antes, foi advertido para não contar as novidades para a mãe de minha esposa.

“Depois que o jovem partiu, a velhinha foi imediatamente comunicar o assunto para um eclesiástico sábio e virtuoso cujas roupas ela estava lavando. Assim, ele, depois de ter falado com minha esposa, arranjou as coisas de tal maneira que, à noite, minha esposa dormiu em um convento, de onde escreveu-me, relatando toda a tragédia.

⁸⁹² Transcrição da nota 436, da edição de 2008 (p. 435): [Lê-se, em castelhano:] “*Alcalde de corte*, encarregado de fazer cumprir a lei e a ordem em um julgado ordinário ou corte municipal. Spell (1971, p. 183) cita as *Ordenanzas de la división de la nobilísima ciudad en cuarteles* [Nossa tradução: Ordenanças da divisão da nobilíssima cidade em quartéis] (1782): ‘O primeiro dos Quarteis maiores estará sob os cuidados do Senhor Alcaide da Corte mais antigo e por essa ordem os outros até o quinto’” (Nossa tradução).

(p. 435) “Deixemos essa nobre mulher sossegada e segura no claustro e vejamos as armadilhas que o marquês armou para mim, pois tornou-se muito mais vingativo quando não encontrou minha esposa na casa da (p. 436) suposta tia alcoviteira, velha mentirosa, nem pôde sequer suspeitar onde ela estava escondida de sua vista.

“A primeira coisa que fez foi enviar-me um mensageiro⁸⁹³, com a notícia de que estava doente e que eu deveria, depois de ler a missiva, empacotar o estoque e colocar-me novamente a caminho da Cidade do México, porque era assim que ficava mais conveniente a seus interesses.

“Obedeci imediatamente às ordens de meu mestre e acelerei para iniciar minha viagem, sem saber da armação que ele tinha preparado para mim, como explico a seguir.

“Em um dos pontos de venda, onde eu deveria parar, meu mestre manteve a postos dois ou três vigaristas com más intenções, tramando contra mim (tudo se compra com dinheiro). Eles, sem que eu pudesse impedi-los, apresentaram-se a mim como amigos, disseram que traziam saudações em nome do marquês.

“Acreditei neles sinceramente, porque o homem, quanto menos malicioso é, mais fácil de ser enganado torna-se. Assim, comuniquei-me com eles sem reservas. À noite, jantamos juntos e brindamos amigavelmente. Eles, sem perder tempo para suas intrigas, embebedaram meus criados e, na hora propícia, misturaram uma porção considerável de tabaco entre os fardos de suas roupas, e foram para a cama dormir.

“No dia seguinte, acordamos cedo para vir à capital, na qual chegamos no mesmo dia, depois de apressarmos o passo. Minhas cargas passaram pela guarita sem incidentes e sem serem registradas. É verdade que não sei que assunto trataram com os guardas, porque nem todos os guardas são íntegros; muitos deles vendem-se a um preço baixo. Não reparei naquilo. Pensei que aqueles camaradas iriam conversar na guarita porque, talvez, conhecessem alguém de lá. Desse modo, e eu, muito confiado, chegamos à Cidade do México e à própria casa do marquês.

⁸⁹³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *lo primero que hizo fue ponerme un propio avisándome* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 436). De acordo com o *DRAE* (2023), na nona acepção, o termo *propio* significa uma “pessoa enviada de um ponto a outro para levar um recado” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/propio?m=form>. Acesso em: 29 jan. 2023.

(p. 436) “Assim que desci do cavalo, ele ordenou que as mulas fossem descarregadas e os fardos fossem armazenados, ao mesmo tempo que fez mil expressões para mim. Diante disso, embora na estrada eu já tivesse recebido a má notícia de minha esposa, não consegui recusar seus presentes e, embora desejasse ir vê-la no convento, obriguei-me a dissimular e a condescender com os pedidos do marquês.

“Apesar do desconforto e do cansaço que a viagem causou-me, não consegui dormir naquela noite, pensando em minha amada Matilde (esse era o nome de minha esposa). Mas, finalmente, veio o amanhecer e eu me vesti, esperando que o marquês acordasse para sair de casa. Ele não demorou muito tempo para acordar; porém, disse-me que, na mesma manhã, desejava que concluíssemos as contas, pois tinha seu crédito pendente e desejava saber o que ele tinha de imediato para cobri-lo.

“Embora o achasse cansativo, não previ que estava tentando aproveitar aqueles momentos para me arruinar. Além disso, eu também estava ansioso para dar-lhe seus ganhos e quebrar, de uma vez, todas as conexões que sua amizade me havia trazido. Sendo assim, para mim, não foi difícil agradá-lo.

“De fato, no momento em que comecei a mostrar-lhe as contas, dois ou três de seus amigos entraram no gabinete. Essa visita fez com que se suspendesse nossa reunião, para meu pesar, pois eu estava muito empenhado em sair da presença daquele homem pérfido. Mas não foi possível, pois o velhaco, sob pretexto de gentileza e afeição, levou seus amigos para a sala de jantar, sem deixar que eu me separasse deles; pelo contrário, tratou-me com muita familiaridade e afabilidade. Desse modo, sentamos juntos para almoçar.

“Ainda não tínhamos terminado, quando um laçao de libré chegou com uma mensagem do cabo da guarda, que estava esperando no pátio com quatro soldados.

– Soldados em minha casa? – perguntou o marquês, fingindo estar surpreso.

– Sim, senhor! – respondeu o criado. – Soldados e guardas alfandegários.

(p. 437) – Minha Nossa! Que novidades são essas? Vamos resolver isso.

“Dizendo isso, fomos todos para o pátio, onde estavam os guardas e os soldados. Eles saudaram meu mestre com cortesia. Em seguida, o cabo, ou superior da trupe, perguntou-lhe qual de nós era seu vendedor que acabara de chegar do interior. O marquês respondeu que era eu. Ao mesmo tempo que os soldados me cercaram, fui intimado a me entregar imediatamente como prisioneiro.

“Imaginaí como fiquei chocado ao me encontrar preso e não saber o motivo de minha prisão. Senti-me ainda mais (p. 438) sufocado quando o marquês perguntou a razão e lhe disseram que foi por contrabando, e que uma boa parte do tabaco havia passado na noite anterior entre os fardos⁸⁹⁴, que ainda deveriam estar em seu depósito. Afirmaram que a acusação estava certa, pois veio do mesmo tropeiro que embalou o tabaco, sob os sinais de que os fardos mais carregados eram os da marca T. Por último, disseram que, por ordem do senhor diretor, o marquês foi solicitado a responder sobre o assunto e a entregar o confisco.

O marquês, com o mais pérfido fingimento, disse:

– Mas isso não pode ser assim. Este individuo é um homem assaz de bem e confiei-lhe meus interesses sem outra garantia que sua palavra. Como era possível que ele procedesse desse modo na tentativa de me envergonhar e de arruinar a si próprio? Ora! Eu não consigo acreditar em meus olhos!

– Pois então, *señor* – disseram-lhe os guardas –, aqui está o escrivão que atestará o que se encontra nos fardos. Vamos revistá-los e ficaremos fora de dúvida.

– Assim será! – disse-lhe o marquês, e, simulando estar furioso, mandou buscar as chaves.

Quando abriram o depósito, desamarraram os fardos e foram achando quase só tabaco. Nesse momento, o marquês, vestindo a máscara da indignação e jogando-me um olhar de rico zangado, disse-me:

– Seu patife, trapaceiro, vilão ingrato! Este é o pagamento que ele dá por receber meus favores? É assim que me retribui a confiança cega e imprudente que depusitei nele? É esta a recompensa por meus serviços? Eu não merecia isto de forma alguma. E, por último, é assim que ele retorna aquela generosidade com que lhe dei meu dinheiro? Para que só ele pudesse tirar proveito de seus lucros, sem dividir comigo um único centavo? Isto é um ato sem precedentes... Não bastava que o velhaco me roubasse e me defraudasse, mas, além disso, tentou comprometer um

⁸⁹⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: *tercios* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 438). Ruiz Barrionuevo (2008) aponta que esse nome é utilizado para qualquer tipo de fardo: de lenha, carne de sol ou qualquer outra coisa. De acordo com a nona acepção do *DRAE* (2023), o termo *tercio* refere-se ao “fardo de tabaco em rama que pesa aproximadamente um quintal e é a metade de uma carga [que uma mula, um burro transportava]” (Nossa tradução). O dicionário *Aulete Digital* traz a seguinte informação sobre quintal: “Antiga unidade de medida de peso, que equivalia a quatro arrobas (cerca de 60 kg)”. A informação sobre *tercio* está disponível em: <https://dle.rae.es/tercio?m=form>. A respeito do termo quintal, visitar: <https://www.aulete.com.br/quintal>. Acesso em: 30 jan. 2023.

homem de minha honra e de minha classe? Concordo com veemência que ele deva pagar pela fraude que cometeu contra o Tesouro Real, como remador numa galé ou arrastando (p. 439) correntes numa prisão por dez anos. Mas, quem limpará minha reputação pelo que ele me fez incorrer, pelo menos entre aqueles que não sabem sobre a verdade do caso? E quem recuperará meus interesses, pois fica claro que, tanto quanto os fardos têm de tabaco, tanto falta-lhes de mercadoria e estoque? Eu reivindicarei minha honra e a recuperarei até o fim. Mas, como ressarcirei meus interesses? Vamos lá, não fiquéis calado e não queirais fazer-vos de sonso agora! Dizei a verdade diante do escrivão: enviei-vos para comercializar tabaco, ou tenho interesse neste contrabando?

“Eu, que tinha ficado em silêncio diante dessa reprimenda tão iníqua, atordoado, não por culpa própria, pois eu não tinha⁸⁹⁵, mas pela surpresa causada por aquela descoberta e pelos insultos que ouvi da boca do marquês, não pude menos que deixar de quebrar o silêncio diante de suas perguntas e confessar que ele não tinha a menor participação. Mas eu também não, pois Deus sabe que nem em pensamento eu gastaria um real com tabaco. Ao dizer isso, todos riram. Depois de dispensar o marquês para eu responder ao inquérito, levaram os fardos para a alfândega e eu fui trazido para esta prisão, sem ter ao menos o prazer de ver minha querida esposa, a causa inocente de todos meus infortúnios.

(p. 439) “Faz dois anos que habito na mansão do crime, com a fama de ser um dos tantos delinquentes. Faz dois anos que, sem dinheiro, lido com as perfídias do marquês, empenhado em enterrar-me em uma prisão. Sua paixão vingativa não parou por aí: depois de eu comprovar, com muito trabalho, com as declarações dos tropeiros, que eu não sabia do tabaco, ele ainda me acusa, exigindo de mim o resto que diz que falta a seu capital. Há dois anos, minha esposa sofre uma horrenda prisão, e há dois anos que tolero, com resignação, sua ausência e os muitos trabalhos, que não vou mencionar. Mas Deus – que nunca falha (p. 440) com os inocentes que, verdadeiramente, confiam em sua alta Providência – quis dar-se por satisfeito e enviar-me consolações em tempo hábil. Quando os juízes – enganados pela malícia

⁸⁹⁵ **Nota do Autor:** “Nem sempre a turbação comprova delito. Essa é uma prova muito errada. Antes o homem de bem se aturdirá mais rápido do que o velhaco desavergonhado quando se vê acusado de um delito que não cometeu. O fato de se alterar, desfigurar o semblante e gaguejar palavras provará medo ou vergonha, mas nem sempre a verdade do delito” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 439, nota c) (Nossa tradução).

(p. 440) de meu poderoso inimigo e pelos truques do escrivão venal da causa, comprados com dobrões⁸⁹⁶ – tentaram confinar-me a uma prisão, o marquês foi assaltado pela doença da morte. Assim, convencido de sua iniquidade e temendo o terrível salto que iria dar ao outro mundo, deu a seu confessor uma carta escrita e assinada de próprio punho, na qual, depois de pedir meu sincero perdão, confessa minha boa conduta e que tudo o que me havia sido imputado havia sido calúnia e o efeito de uma paixão desordenada e vingativa. Dessa carta, eu tenho uma cópia, que foi entregue aos juízes em particular, para não prejudicar a honra do marquês, de modo que, de um dia para outro, espero minha liberdade e a compensação por meus interesses perdidos.

“Esta, meu amigo, é minha trágica aventura. Conteí minha história para que não fiquéis desconsolado, mas aprendais a vos resignar nos trabalhos, certo de que, se fôreis inocente, Deus voltará por vossa causa.

Foi aqui que *Don* Antônio chegou quando tivemos de nos separar para rezar um bom rosário e irmos descansar. Entretanto, depois do jantar e quando estávamos sozinhos, eu lhe disse o que vem a seguir.

⁸⁹⁶ Nota da Tradutora: Os *dobloones* foram uma moeda oficial do império espanhol até a metade do século XIX. “[...] Essa moeda equivalia a dois escudos (outra moeda espanhola) ou 32 reais e pesava 6,77 gramas [...]. Os últimos *dobloones* espanhóis (que indicavam a denominação de 80 reais) foram produzidos em 1849. As colônias espanholas de México, Peru e Nova Granada continuaram a produzir *dobloones* depois de sua independência” (Nossa tradução). Retirado de: <https://www.hablandodemonedas.com/2012/07/el-doblon-espanol-la-moneda-de-los.html>. Acesso em: 31 jan. 2023.

(p. 441) Capítulo IX

Don Antônio sai da cadeia. Periquitinho entrega-se à amizade de seus companheiros vagabundos. Conta o que aconteceu com o Gavião

Já deitados para dormir, eu disse a *Don Antônio*:

– Não tenha dúvidas, meu querido amigo, saiba que eu acabei de sentir como é ter uma alegria e um arrependimento ao mesmo tempo. Foi uma alegria saber que tanto vossa honra quanto a de vossa fiel consorte permaneceram ilesas, além de ter a retratação pública e solene do marquês, em virtude da qual, em breve, tereis restaurada vossa liberdade e desfrutareis da bondosa companhia de uma esposa tão fiel e digna de ser amada. Contudo, tenho o pesar de perceber o pouco tempo que terei para desfrutar a companhia amável de um homem generoso, benéfico e desinteressado.

– Guardai tais elogios – disse-me *Don Antônio* – para quem os saiba merecer. Não fiz nada além daquilo que eu mesmo gostaria de receber, se estivesse em vossa situação. Por isso, só cumpro, nesta parte, com as obrigações que me foram impostas pela religião e pela natureza. Já vedes que aquele que faz o que deve não é credor nem de louvor, nem de elogios, nem de reconhecimento.

– Oh, meu caro! – disse-lhe eu. – Se todos fizessem o que deveriam, o mundo seria feliz, mas há poucos que cumprem seu dever. Assim, essa escassez faz dos poucos justos pessoas dignas de estimação. Por isso, enquanto minha vida durar, nunca deixarei de vos considerar um homem justo. Gostaria que minha sorte fosse outra para minha gratidão não permanecer em palavras, porque se, de acordo com o que dizeis, aquele que faz o que deve não merece elogios, aquele que se mostra (p. 442) agradecido por um favor recebido faz o que deve fazer com justiça. Diante disso, quem será o indigno que, recebendo um favor, como eu, não o confesse, não o torne público e não o agradeça, a despeito da modéstia de seu benfeitor? Senhor, meu pai foi muito honrado e apreciador de livros, lembro-me de tê-lo ouvido dizer que quem inventou as prisões foi quem fez os primeiros benefícios. Vedes o que isso tem a dizer dos homens agradecidos! Mas, quem poderia ser tão infame que, recebendo um benefício, não retribui com os devidos agradecimentos?

(p. 442) “Na verdade, os ingratos são mais terríveis do que os animais selvagens. Já vistes a gratidão dos cães e vos lembrareis daquele leão de quem um viajante arrancou um espinho que estava preso na pata. Esse homem, depois, foi preso e condenado a ser devorado pelas feras selvagens no circo de Roma. Por acaso, ou como uma lição para os ingratos, foi a vez de ele ser devorado por um leão. Quando a besta saiu, para a admiração dos espectadores, assim que reconheceu seu benfeitor pelo cheiro, ao invés de atacá-lo e despedaçá-lo, como era natural, aproximou-se dele⁸⁹⁷, lambeu-o, e, com sua cauda, boca e corpo, deu-lhe as boas-vindas, respeitando seu benfeitor. Quem, então, seria o homem incapaz de reconhecer um favor? Não admira que as antigas leis não prescrevessem punição para os ingratos, pois o legislador do passado não chegou a pensar que poderia dar-se tal crime algum dia. Com igual razão, Ausônio⁸⁹⁸ afirma que *a terra nada produziu pior do que a planta ingrata*⁸⁹⁹.”

“Portanto, veja, meu amigo, *Don Antônio*, se seria possível eu me eximir de agradecer-vos pelos favores que me fizestes.

– Nunca falo contra o que for ditado pela razão – respondeu-me ele. – Sei que é necessário e justo agradecer por um benefício. Eu o faço, e até de forma pública, porque é mais do que a metade do pagamento divulgar o bem recebido, já que esse não pode ser compensado de outra forma. Contudo, não almejo a recompensa do benefício que faço da pessoa a quem pude ajudar, (p. 443) mas de Deus e do testemunho de minha consciência, pois também li, no autor que citastes, que *aquele que faz um benefício não deve se lembrar de que o fez*.

“Portanto, deixando esse assunto de lado, o que importa é que não desistais, nem desanimeis quando eu estiver ausente, pois tendes a Providência para apoiar-vos nesse caso, assim como agora acontece por intermédio de mim, porque sou apenas um instrumento do qual Ele está se valendo agora.

⁸⁹⁷ Nota do Autor: “Devemos levar em conta que os romanos, antes de jogar as feras aos delinquentes, tiravam-lhes o alimento para deixá-las mais ferozes pela fome” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 442, nota a) (Nossa tradução).

⁸⁹⁸ *Nota da Tradutora: Acreditamos que se trate de Décimo Magno Ausônio (310-395), poeta e político romano. Para mais informações, visitar: <https://classicosliterarios.com/ausonio.html>. Acesso em: 17 fev. 2023.

⁸⁹⁹ Nota da Tradutora: Tradução da frase encontrada na internet. Visitar: <https://www.frasesfamosas.com.br/frases-de/decimo-magno-ausonio/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

(p. 443) Nessas conversas amigáveis, adormecemos. No dia seguinte, não esperava, mas fui chamado lá em cima. Alarmado por não saber para que precisavam de mim, logo superei minha dúvida, quando o escrivão fez-me entender que ele ia tomar a *confissão de acusação*.

Pediram para fazer o sinal da cruz e instaram-me, ao máximo, a confessar a verdade, sob o pretexto do juramento que eu tinha feito. Pensei em nada menos do que em não confessar nenhuma palavra que me fizesse mal, pois tinha ouvido dizer, dos *léperos*⁹⁰⁰ que, em tais casos, *é melhor ser um mártir do que um confesso*⁹⁰¹, mas, mesmo assim, jurei dizer a verdade, pois dizer sim não me faria mal.

Eles perguntaram muito do que já tinha sido interrogado na declaração preparatória e voltei a repetir as mesmas mentiras ditas a muitas das mesmas perguntas que eu suspeitava que não seriam favoráveis a mim. Assim, neguei meu nome, meu lugar de nascimento, meu estado civil etc. Acrescentei, sobre meu ofício, que eu era camponês em minha terra. Porém, já que não era possível negá-lo, confessei que era verdade que Januário era meu amigo e que o (p. 444) *sarape* e o *rosário* eram dele. Mas, não disse como esses objetos tinham passado a minha posse. Disse somente que meu amigo os tinha deixado penhorados comigo.

Em seguida, foram feitas várias acusações contra mim, mas de nada adiantou fazer-me declarar o que desejavam. Assim, em vista de minha resistência, a formalidade foi concluída e fui obrigado a assinar a declaração. Depois, fui enviado para o pátio.

Obedeci prontamente, pois desejava sair de sua presença. Desci a meu calabouço e, ao não encontrar lá *Don* Antônio, fui até o pátio tomar sol. Enquanto estava ocupado fazendo isso, alguns confrades do *Birján*⁹⁰² reuniram-se perto de mim. Eles estenderam um cobertorzinho no chão, sentaram-se para jogar em boa paz e companhia, o que o presidente teria quase desfeito se não lhe tivessem pagado dois ou quatro reais por cada roda de jogo que foi colocada, e talvez mais, de acordo com a quantia que foi jogada.

⁹⁰⁰ Nota da Tradutora: maroto, zaragate. Ver as notas 495 e 766 de nossa tradução.

⁹⁰¹ Transcrição da nota 439, da edição de 2008 (p. 443, retirado do *Diccionario de autoridades*, [1969]): “[Lê-se, em castelhano]: *Primero es ser mártir que confesor* – [Nossa tradução está no corpo do texto], frase familiar com a qual o vulgo explica que os delinquentes preferem padecer muito na tortura do que confessar o delito. Do mesmo modo, amplia-se o significado para a dificuldade que alguns mostram para não responder às perguntas solicitadas” (Nossa tradução).

⁹⁰² Nota da Tradutora: Para *Birján*, ver a nota 448 de nossa tradução.

(p. 444) Fiquei admirado ao ver que, na prisão, o jogo era levado mais livremente e a menor custo do que na rua. Invejei, de passagem, o privilégio dos presidentes, pois, além dos jogadores normais, o presidente de quem falo tinha outros privilégios que não lhe deixavam pouco lucro. Ele vendia licor, mediante uma terceira pessoa, e vendia à vontade; fazia empréstimos sob peças de roupa, com dois reais de lucro por peso, e outras coisas tão “legais” e “honestas” como as que mencionei.

Eu queria me misturar com os apostadores, para ver se conseguia aplicar algum dos truques que João Dotado me ensinou, mas eu não estava determinado naquele momento, pois eu era novo e via o tipo de pessoas que jogava. Observei que cada um deles podia me dar lições na arte da vigarice e, assim, contentei-me em me divertir observando-os.

Após um longo período de ociosidade, como todos os que ocorrem em nossas prisões, repeti minha viagem até a cela. Lá, *Don Antônio* já estava esperando por mim. Contei-lhe tudo o que havia me acontecido com o escrivão e ele demonstrou admiração, ao dizer-me:

– Parece-me difícil aceitar que, em tão breve tempo, tenha sido feita vossa confissão de acusação, já que ontem eu vos disse que essa etapa poderia demorar até três meses, e, de fato, posso citar muitos exemplos desses atrasos. Bem, é verdade (p. 445) que, quando os juízes são ativos, e não há agravo que impeça, ou a conclusão do assunto é muito urgente, essa diligência é logo determinada.

“Mas, vamos a isto: já agendastes muitas menções? Porque, dependendo se as fizestes, a causa fica ou cada vez mais complicada, ou é protelada.

– Não sei o que são menções – respondi-lhe, ao que *Don Antônio* me disse:

– Menções são as referências que o réu faz a outros sujeitos, colocando-os como testemunhas, ou mencionando-os com qualquer ingerência na causa e, então, é necessário tomar uma declaração de todos eles, a fim de examinar a verdade ou a falsidade do que o réu disse. Isso chama-se fazer menções. Verás que esses procedimentos naturalmente levam tempo.

– Pois, então, meu amigo – disse-lhe eu –, entrei numa roubada, porque, para provar que não saí com o Januário na noite do roubo, declarei que tinha estado no barzinho de apostas com todos seus inquilinos, e há muitos deles.

– Verdade! Fizestes mal! – disse-me *Don Antônio*. – Mas, se não houver mais provas favoráveis, não poderíeis omiti-las. Seja como for, se o processo continuar com a pressa com que (p. 445) começou, podeis esperar sair dessa pendência em breve.

Nessas e outras conversas, entretivemo-nos o resto daquele dia, durante o qual meu amigo caridoso alimentou-me. Nos quinze ou vinte dias que ele permaneceu em minha companhia, não só me ajudou o máximo que pôde, mas, também, instruiu-me com seus conselhos. Ah, se ao menos eu os tivesse tomado em conta!

Quando me via juntando-me a alguns prisioneiros cuja amizade não lhe parecia certa, dizia-me:

– Vede, *Don Pedrinho*, o ditado diz que *cada qual com seu igual*⁹⁰³. Não deveríeis vos relacionar com pessoas como N. e Z., não por serem pobres ou de pele escura (porque esses são acidentes pelos quais um homem não deve ser desprezado ou sua companhia dispensada, especialmente se essa cor e esses trapos rasgados cobrem, como muitas vezes acontece, um fundo de virtude), mas porque isso não é o mais frequente. Ao contrário, nascer humilde e ser um desperdício de pessoa são questões que, geral e indubitavelmente, testemunham a falta de educação e de boa conduta. Já vedes, a amizade de tais pessoas não pode trazer-vos nem honra nem lucro. Lembrai-vos de que, como me dissestes, as desgraças (p. 446) e os riscos que sofrestes devem-se, nada mais e nada menos, do que a vossas más amizades, mesmo dentro da classe dos bem-nascidos, como *Januário*.

Esse foi o teor dos conselhos que o bom homem me dera. E, por seus benefícios, assim como pela doçura de seu caráter, ele virou o mestre de minha vontade, de modo que o amei e respeitei como a meu pai.

Isso faz-me lembrar de que devo a Deus um coração nobre, piedoso e obediente à razão. A virtude não me deixou ver os crimes atrozes dos outros. Sentia-me horrorizado por aqueles delitos, o que impediu minha determinação de cometê-los. Por outro lado, a sensibilidade avivava-se em minhas entranhas diante da presença de qualquer cena deplorável.

Mas, qual é a importância de ter essas boas qualidades se elas não são cultivadas? E o que importa o solo fértil, se a semente que é semeada nele for joio?

⁹⁰³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cada oveja con su pareja* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 445).

Isso era exatamente (p. 446) o que estava acontecendo comigo. Minha docilidade serviu-me para seguir o ímpeto de minhas paixões e o mau exemplo de meus amigos. Contudo, quando eu via o bem, raramente falhava em apaixonar-me pela virtude e, se eu não me dispusesse a segui-la constantemente, pelo menos, sentia-me inclinado a ela. Então, contive-me enquanto tinha esse estímulo à vista.

Ocorreu assim comigo, enquanto estive na companhia de *Don* Antônio, pois, longe de aviltar-me ou contaminar-me com o exemplo mais perverso daqueles presos comuns, que conhecemos pelo nome de *gentalha*, como sucedeu no *arrastraderito*⁹⁰⁴, longe disso, digo, eu estava adquirindo não sei que forma honrada de pensar. Não ousei associar-me com aquela escória para não me envergonhar diante de meu amigo e por causa da força originada de suas persuasões gentis e eficazes. Como é verdade que o exemplo de um amigo honrado contém, às vezes, mais do que o preceito de um superior, ainda mais se este último dá apenas preceitos, e não exemplos!

Mas, como eu era apenas um aprendiz iniciante de um homem de bem como meu bom companheiro, assim que me faltaram seus exemplos, toda minha conduta e dignidade foram-se água abaixo, do mesmo modo como um homem coxo cairá no chão assim que lhe faltar sua muleta.

Aconteceu que, uma manhã, quando estava sozinho em meu calabouço, lendo um dos livros de *Don* Antônio, ele desceu, abraçou-me e contou-me com grande alegria:

(p. 447) – Caro *Don* Pedro, finalmente! É a vontade de Deus que a inocência triunfe sobre a calúnia e que eu obtenha o fruto dela no pleno gozo de minha liberdade. O diretor acaba de dar-me a liberação. Vou tentar não perder tempo algum nesta prisão, para que minha boa esposa possa ter o prazer de ver-me livre e a seu lado o mais rápido possível. Por essa razão, resolvi partir imediatamente. Deixo-lhe minha cama e aquela caixa com o que está nela, para usufruídes, até que eu possa tirá-la fora daqui. Mas peço-vos para cuidar bem dela.

Prometi-lhe fazer o que ele me pedia. Dei-lhe meus parabéns por sua liberdade, agradei-lhe pelos benefícios que me proporcionou e implorei-lhe que lembrasse de seu pobre amigo, Quitinho, enquanto ele estivesse na cidade e que não deixasse de

⁹⁰⁴ Nota da Tradutora: Para *arrastraderito*, ver a nota 753 de nossa tradução.

visitá-lo de (p. 447) vez em quando. Ele me ofereceu, assim, dois pesos, colocando-os em minha mão e dando-me novamente um abraço, disse-me:

– Sim, meu amigo..., meu amigo... Pobre rapaz! Bem-nascido e mal sucedido... Ficai com Deus... – este homem, sensível e generoso, não conseguiu conter sua ternura. As lágrimas interromperam suas palavras e, sem me dar espaço para falar qualquer coisa, foi embora, deixando-me submerso num mar de dor e sentimento, não tanto pela falta que ia sentir de *Don Antônio*, mas pela falta que senti de ter companhia. Efetivamente, como eu já disse e nunca me cansarei de repetir, ele foi muito gentil e generoso.

Naquele dia, não comi, e à noite jantei muito pouco, mas como o tempo é o melhor pano para enxugar as lágrimas derramadas pelos mortos e ausentes, no segundo dia, tranquilizei-me, aos poucos. Verdade seja dita, o que se acalmou foi o excesso de minha dor, mas não meu amor ou minha gratidão.

Logo que meus companheiros malandros viram-me sem a proteção de *Don Antônio* e perceberam que eu era o depositário de seus bens, imediatamente, tentaram aproximar-se para ganhar minha amizade. Para tal, com frequência, davam-me charutos o tempo todo, convidavam-me a tomar aguardente, perguntavam-me sobre o estado de meu processo, consolavam-me e faziam o que sua habilidade lhes sugeria para ganhar minha confiança.

(p. 448) Não lhes custou muito trabalho, pois eu, como um bom tolo, disse para mim mesmo que não, que esses pobres não são tão maus quanto me pareciam no início; que as roupas descoloridas e esfarrapadas nem sempre qualificam os homens como perversos. Ao contrário, às vezes, podem esconder algumas almas tão honestas e sensíveis como as de *Don Antônio*. Quem sabe se, entre esses infelizes, não encontraria alguém que suprisse a falta de meu amigo?

Enganado por esses sentimentos hipócritas, resolvi tornar-me camarada dessa ralé. Assim, esqueci dos conselhos de meu amigo ausente e, além disso, do testemunho de minha consciência que me dizia que, se não geralmente, pelo menos é mais comum ver: raramente, um homem sem princípios ou educação deixa de ser vicioso e relaxado.

Três dias após a partida de *Don Antônio*, eu já era companheiro desses vagabundos, e minha familiaridade com eles tornou-se tão próxima como se fosse de anos, pois não só comíamos, mas, também, bebíamos e brincávamos juntos. Além

disso, nosso tratamento era muito informal e brincávamos com as mãos um do outro como crianças.

(p. 448) Mas com quem eu era mais íntimo era um mulatinho gordo, de corpo aplastado, baixinho, cabeçudo, quase nu e muito animado e ousado, conhecido como *Gaviãozinho*. Não fiquei sabendo de nenhum outro nome para ele. O apelido assentava-lhe muito bem, pela rapidez de seu gênio e pela acuidade de sua garra. Era um ladrão astuto e muito ligeiro, daqueles incapazes de fazer um roubo lucrativo, mas capazes de sofrer vinte e cinco chicotadas no pelourinho por um copo de dois reais ou um lenço de um real e meio. Ele era, em resumo, um desses larápios, ou cortadores de bolsas, mas delicado nessas suas capacidades. O lenço mais escondido ou o pano mais seguro preso ao varal não escapava de suas unhas. Até onde chegaria sua fama, se os outros prisioneiros, que também eram professores de sua arte, prestavam-lhe homenagem, confessavam sua primazia (p. 449) e respeitavam-no como se eles fossem os mais lerdos no ofício?

Ele mesmo, gabando-se de seus crimes, contou-me deles com a maior franqueza. Eu, por outro lado, para lhe corresponder, relatei-lhe minhas aventuras ponto por ponto, sem esconder dele que assim como era chamado de *Gaviãozinho*, também eu era chamado de *Periquitinho Sarnento*.

Bastou revelar-lhe esse segredo para que todos o soubessem e, a partir daquele dia, não fui conhecido por nenhum outro nome na prisão.

Este foi, como eu disse, o grande sujeito com quem eu fiz a mais forte amizade. Já dá para entender que exemplos, que conselhos e que benefícios eu receberia de meu novo amigo e de todos seus camaradas.

Passado esse tempo, de três dias, eu já tinha gastado os dois pesos que *Don Antônio* me deixara e não tinha nada para comer e nada para jogar. É verdade que meu amigo Gavião partilhava seu prato comigo, mas sua comida era tal que eu a engolia com a maior repugnância, pois tudo se resumia a um pouco de mingau bem ralo, pela manhã, um pedaço de carne malpassada em caldo de pimenta, ao meio-dia, e algumas ervilhas ou favas⁹⁰⁵ à noite. Os presos devoravam essas refeições muito bem, tanto porque não estavam acostumados a comida melhor quanto porque

⁹⁰⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *habas* – [Nossa tradução se encontra no corpo do texto]. Leguminosa proveniente do sudoeste asiático. Para mais informações, visitar: <https://www.hortasbiologicas.pt/como-cultivar-as-favas-na-sua-horta/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

era isso o (p. 449) que recebiam da caridade, mas eu não conseguia comer nada daquilo. Então, se não tivesse sido por meu saudoso benfeitor, que dignou-se de favorecer-me, teria perecido na prisão por doença ou fome, pois, com certeza, se eu comesse aquelas munições de ervilhas funestas e a vaca ainda berrando, teria ficado gravemente doente e, por outro lado, se eu não comesse isso, não havendo outro alimento, a fraqueza me teria levado à sepultura.

Nada disso aconteceu, porque, a partir do quarto dia da ausência de *Don Antônio*, uma pequena cesta foi-me trazida da rua, regularmente, com comida suficiente, sem que eu pudesse descobrir de onde veio. Sempre que perguntava ao moço de recados, tudo o que recebia como resposta era que de um *amigo* e que, segundo o moço, aquele amigo dizia que eu não precisava saber quem era.

Nesse entendimento, recebi a cesta, agradei a meu benfeitor desconhecido e comi com o melhor dos apetites e quase sempre na companhia do Gavião ou de algum de seus confrades.

(p. 450) Mas como a amizade deles nem era real, nem para meu bem, mas pela vantagem que eles esperavam obter de mim, os colegas nunca deixaram de incitar-me a jogar, e isso eles faziam por meio do Gaviãozinho, que me dizia a cada quarto de hora:

– Amigo Quitinho, vamos jogar, cara. O que fazes tão triste e num canto, com o livro na mão, feito um santo colateral⁹⁰⁶? Olha, na prisão, só podes passar o tempo bebendo ou jogando, porque não há nada a fazer e nada com que se ocupar. Aqui, o ferreiro, o alfaiate, o tecelão, o pintor, o arcabuzeiro, o bate-folha⁹⁰⁷, o latoeiro, o carroceiro e muitos outros artesãos, assim que são privados de sua liberdade, também são privados de seu ofício. Consequentemente, eles e suas famílias são reduzidos à miséria final, por causa da ociosidade a que são submetidos. Aqueles que não têm ofício perecem da mesma maneira. Assim, camarada, já que não há mais nada a fazer, passemos o tempo jogando e bebendo, enquanto somos enviados para a força,

⁹⁰⁶ Transcrição da nota 441, da edição de 2008 (p. 450): “*Santo de colateral*: a comparação é estabelecida figuradamente com os santos colocados nas igrejas ao lado da nave principal” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para mais informações sobre os nomes dos espaços físicos de uma igreja, visitar: https://www.ehow.com.br/quais-partes-chamado-igreja-fatos_69755/. Acesso em: 20 fev. 2023.

⁹⁰⁷ Nota da Tradutora: Ofício que consiste em bater folhas de metais dúcteis e deixá-las muito finas. Para mais informações, visitar: <https://www.aulete.com.br/bate-folha>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ou nos (p. 450) mandam comer peixe fresco em San Juan de Ulúa⁹⁰⁸. Porque, o que nos resta será tirar nossas vidas, antes de que ou o carrasco ou o trabalho forçado encarreguem-se disso.

Meu amigo terminou sua conversa persuasiva, e eu lhe disse:

– Nunca pensei que um homem de tua estofa falasse de forma tão razoável, porque, para dizer a verdade, e sem querer te zangar, os de tua espécie não sabem explicar-se em nenhum assunto dessa forma tão eloquente.

– Embora isso não seja uma regra tão geral como supões – ele respondeu –, reconheço que é assim na maioria das vezes. Mas essa indefinição e idiotice que tu advertes nos índios, mulatos e demais castas, não é por algum defeito em sua compreensão, mas pela falta de cultura e educação. Já debes ter visto que muitas dessas mesmas pessoas que não sabem falar, fazem mil curiosidades com as mãos, como pequenas caixas, *escribanías*⁹⁰⁹, bonecas, matracas e tantos outros (p. 451) cacarecos que atraem o interesse das crianças e, até mesmo, daqueles que não o são. O que chama a atenção sobre eles é o preço pelo qual são vendidos e as ferramentas que são utilizadas para trabalhá-los. O preço é pouco menos da metade de um real ou quartilha, e a ferramenta reduz-se a um pedaço de faca, uma tira de folha de lata e, quase sempre, mais nada.

“Isso prova bem que eles têm mais talento do que tu lhes atribuis, pois, não sendo escultores, carpinteiros, cocheiros, e assim por diante, nem tendo qualquer conhecimento das regras das artes que nomeei, eles fazem uma figura de homem ou de animal, uma mesa, um guarda-roupa, uma carruagem e o que mais lhes agrada, tão bela e agradável aos olhos. Se eles tivessem aprendido esses ofícios, é claro que fariam obras perfeitas em sua linha.

“Da mesma forma, debes considerar que, se eles se dedicassem aos estudos e seu tratamento habitual fosse com pessoas civilizadas, muitos saberiam tanto quanto os melhores e seriam capazes de brilhar entre os instruídos, mesmo com essa

⁹⁰⁸ Transcrição da nota 442, da edição de 2008 (p. 450, tomado de Spell, 1971, p. 184): “*San Juan de Ulúa*, fortaleza situada na entrada de Veracruz. Começou ser construída perto de 1582 e foi concluída em finais do século XVIII. Durante a colônia, funcionou como um presídio. Os condenados foram obrigados a trabalhar em sua construção” (Nossa tradução).

⁹⁰⁹ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), na sexta acepção, trata-se de uma “caixa portátil com alça de fita que utilizavam os escrevões e as crianças em idade escolar. Nele, havia um estojo para as penas e o tinteiro” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/escriban%C3%ADa?m=form>. Acesso em: 20 fev. 2023.

cor de pele⁹¹⁰. Eu, por exemplo, (p. 451) falo castelhano regularmente porque fui educado por um frade culto, que me ensinou a ler, escrever e falar. Se eu tivesse sido criado na casa de minha tia, provavelmente não terias nada do que admirar em mim.

“Mas, deixemos essas filosofias para os estudantes. Aqui, de nada vale falar bem ou mal, ser branco ou preto, trapalhão ou decente. O importante é ver como passar o tempo e como tirar os meios de nossos companheiros. Então, assim, vamos jogar, Periquitinho! Vamos jogar! Não tenhas medo! Dou-me bem no jogo de cartas e entendo (p. 452) mais sobre isso do que outra coisa. Enfim, amarro um *albur* a vinte cartas. Então, vamos lá!

Eu lhe disse que iria de boa vontade se tivesse o dinheiro, mas que estava falido.

– Sem um tostão? – exclamou o Girifalte⁹¹¹. – Isso não pode ser. Bem, quanto queres por esses lençóis e esse cobertor que tens na cama e todas as outras coisas que guardas na caixinha? Aqui, o presidente e outros de tão boa consciência quanto ele emprestam oito-com-dois sobre qualquer objeto, ou ao valor, ou a um apito.

– O sucesso de receber dois reais pelo prêmio de oito que foram emprestados – eu lhe disse –, eu já entendo e sei que se chama de emprestar oito-com-dois, mas não compreendo aquela questão do valor e do apito. Explica-me o que são, no que elas consistem.

– Emprestar ao valor – respondeu-me ele – é emprestar com a obrigação de dar ao prestador meio real ou um real de cada *albur* que o prestamista apostador ganhar. Emprestar a um apito é emprestar com um prazo fixo, sem usura, mas com a

⁹¹⁰ Nota do autor: “Ainda se lembra, nesta cidade [Cidade do México], daquele negrinho leigo, contudo, poeta improvisador muito aguçado, de quem, dentre muitas de suas repentinas genialidades, é celebrada aquela em que o sábio padre Zamudio, jesuíta, com ocasião de perguntar a seu colega se nosso negro, que estava por perto, era o mesmo de quem tanto se falava naquela época. [O poeta] ouviu e respondeu-lhe: ‘Eu sou o Negrinho Poeta/mesmo sem letras nem estudo, / e se não tivesse beijo/outro fosse o Padre Zamudio’” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 451, nota b) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: essa personalidade é bem conhecida na história do México. Seu nome é José Vasconcelos, descendente de escravizados trazidos do Congo. Nasceu no estado de Puebla, no século XVIII. Sua obra, por ser oral, não foi registrada por completo. Utilizava sua habilidade literária para complementar o pagamento de suas contas, pois também fazia trabalhos manuais. Um estudo do poeta foi publicado por Nicolás León: *El Negrino Poeta Mexicano y sus populares versos*. Ediciones Culturales del Estado de Sinaloa. Culiacán, Sin. 1961. Retirado de: <https://harnizo.wordpress.com/2012/10/30/el-negrino-poeta/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

⁹¹¹ Nota da Tradutora: *Girifalte* ou *gerifalte*, de acordo com o dicionário *Aulete Digital* (2023), é uma “ave de rapina, diurna, falconídea (Hierofalco ou *Falco islandicus*), espécie mais corpulenta e valente que o falcão comum. [Era ave destinada à caça]”. Retirado de: <https://www.aulete.com.br/gerifalte>. Acesso em: 22 fev. 2023.

condição de (p. 452) que, após esse prazo, a penhora que não for resgatada não poderá ser devolvida; ela é perdida, sem remédio, no dinheiro que lhe foi emprestado, sem que o proprietário tenha qualquer ação para reclamar pelos excessos.

– Muito bem! – disse-lhe eu. – Agora conheço bem o assunto e, a partir daí, calculo que, seja de uma maneira ou de outra, é muito provável que o prestamista fique sem seu objeto e que os credores fiquem à beira de serem levados pelo diabo.

– Não precisas preocupar-te por isso – disse-me o Gaviãozinho. – Quer o diabo os leve ou não, é de tua conta? Por acaso tu os pariste? O que importa é que eles nos deem moedas para jogar e, para o resto, eles que se virem.

– Está tudo bem, irmão, mas esses objetos não são meus, como posso penhorá-los?

– Com tuas mãos – disse-me meu grande amigo. – E se não quiseses fazê-lo, eu o farei, pois sei muito bem quem empresta e quem não empresta em nossa casa. Sei o que está te incomodando e é o que vais dizer a *Don Antônio* quando ele vier buscá-los, não é? Bem, olha aqui, a resposta é muito fácil, natural e deve ser forçosa, ou seja, que foste roubado. Não penses que *Don Antônio* vai duvidar disso, pois ele mesmo foi roubado por mim e outros não tão simplórios como tu. Assim, é necessário ele lembrar (p. 453) e dizer: se roubaram de mim, o próprio dono, como não podem roubar deste tolo, que é novo e que não tem mais cuidado com as minhas coisas do que eu mesmo tenho com o meu?

“Além disso, ainda que ele não ponderasse assim, mas pensasse que era teu golpe, o que ele ia fazer contigo? Tu já estás na cadeia, filho, nem mais dentro nem mais fora. Mas, não te preocupes que ele saiba disso, mesmo que tu vendas até os bancos publicamente, pois, aqui, todos nós nos acobertamos⁹¹² e não te deixaríamos sem cobertura, mesmo se o diabo nos levasse.

– Acredito no que tu dizes – respondi-lhe –, mas, olha aqui, aquele sujeito é um bom homem. Ele deu-me sua confiança, tomou-me por um amigo e mostrou-me isso quando encheu-me de favores. Como, então, é possível que eu aja com ele dessa maneira?

⁹¹² Nota da Tradutora: De acordo com López y López (1931, p. 117), a expressão coloquial “*taparse todos con una frazada*” [Nossa tradução se encontra no corpo do texto] significa não se delatar ou não se deixar descobrir entre comparsas” (Nossa tradução).

(p. 453) – Mas tu és um animal, só pode ser! – disse-me o Gavião. – Primeiro, que essa amizade do *Don* Antônio era para sua própria conveniência, para ter alguém com quem conversar e porque ele não tinha nenhuma briga conosco por ser um macaco, ridículo e misterioso. Em segundo lugar, que agora, intoxicado com sua liberdade, nunca se lembrará destas tralhas em sua vida, assim como não se lembrou delas nos quatro dias desde que partiu. Em terceiro lugar, caso ele se lembre disso, é necessário que acredite na desculpa sem acusar-te pelo roubo. Quarta e última coisa, que isto não é praticar um agravo ao amigo, pois não lhe fizeste nenhum mal: não levaste sua esposa, nem seu crédito, nem seus interesses, nem o esfaqueaste, nem lhe fizeste nenhum dano intencionalmente. Tu lhe vendes uma ou outra mera bagatela por pura necessidade e sem ele saber, o que é um sinal de grande amizade. Se tu lhe fizesses algum mal, certo de que ele saberia, seria um sinal de que tu querias ofendê-lo. Mas, tirar dele quatro trapos para vender, com a certeza de que ele não ficará sabendo, é a prova mais incontestável de que queres seu bem; assim, podes acalmar teu interior.

Finalmente, fez e disse tanto o mulato ardiloso, que eu, (p. 454) mesmo com pouca necessidade, acabei persuadido e penhorei, por cinco pesos, alguns bons calções de pano azul com botões de prata que estavam na caixa. Daí, sem perder tempo, fomos colocar tudo no pequeno monte.

Como moscas no mel, todos os bandidos vieram envoltos em seus cobertores para apostar. Sentaram-se em volta, meu amigo começou a embaralhar e eu comecei a pagar alegremente.

O Gavião era, sim, trapaceiro, mas não tão hábil quanto disse, porque, em um *albur* que eu ia interessado com pelo menos doze reais, ele fez uma manobra tão malfeita que dava para vê-la, e todos souberam disso, começando pelo dono da aposta, que foi, imediatamente, protegido pelos amigos, e o monteiro, por sua vez, por seus próprios amigos. Assim, a certa altura do jogo, as coisas esquentaram de tal modo que, em um instante, chegamos aos socos. Estávamos em tal barafunda que caímos uns sobre os outros e sobre o tabuleiro do jogo, dando uns aos outros golpes terríveis, e até entre amigos. É que estávamos tão cegos pela raiva e tão próximos uns dos outros que demos pancadas sem pontaria. Era tanta a bagunça que, com frequência, o maior golpe ia parar em nosso melhor amigo. Eu, a propósito, recebi um tão feroz do Gavião que fiquei banhado em sangue. A dor que senti foi tanta que

pensei ter (p. 454) cuspidido meu cérebro pelas narinas. O alvoroço no pátio foi tão grande que nem mesmo o presidente conseguiu conter ninguém com seu chicote, até a chegada do diretor, e, como ele não era um dos piores, acalmamo-nos por respeito a ele.

Depois da calma, eu estava em meu quarto quando meu companheiro, o Gavião, veio procurar-me. Ele, acostumado com essas brigas, na prisão e fora dela, estava mais fresco do que eu. Por isso, com muito deboche usual, perguntou-me como eu tinha me saído na batalha.

– Dos demônios! – respondi-lhe. – Todos meus dentes estão soltos, e minhas narinas, quebradas, e o que mais me magoa é que foste tu que favoreceste isso com um soco bem dado.

– Não sei – disse-me o mulato –, mas não nego que, quando me irrita, não presto atenção a como ou a quem distribuo meu afeto. Tu viste como aqueles malditos companheiros quase colaram meu rosto no chão. Por isso, eu não pude ver para onde estava dirigindo minha mão. Mas peço desculpas, irmão, pois eu não fiz nada de errado. Derramaste muito sangue?

– Não deve ter sido muito – respondi –, mas até sinto que vou (p. 455) desmaiar.

– Isso não importa! – acrescentou ele. – Sabes que há males que vêm para bem⁹¹³. Além disso, um bom murro destes, de vez em quando, é muito bom para a saúde, por serem sangrias copiosas e baratas que aliviam nossas cabeças e nos mantêm longe de uma febre.

– Vai para o inferno tu com teu maldito remédio. – eu lhe disse. – É melhor eu não receber outro soco teu na vida. Mas, diz-me, quanto ganhamos no total? Porque, depois de sangrar e machucar-me, seria uma maçada ter saído sem um tostão.

– Aí não, né? – respondeu meu camarada. – Prefiro perder minhas entranhas a deixar um real nas mãos de meus inimigos. Depois que vi que começamos a ficar furiosos, tentei assegurar o dinheiro, de modo que, quando todos começaram a cobrar, nossos meios já estavam bem assegurados.

⁹¹³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: *no hay mal que por bien no venga* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 455).

(p. 455) – E onde? –perguntei-lhe. – Porque tu não tens nem jaqueta, nem camisa, nem calças, nem qualquer outra coisa que valha a pena. Então, onde tu os escondeste tão bem?

– Entre o cós dos calções brancos – ele me respondeu – e o cinto. Por causa daquela manobra, eles colocaram-me na posição que tu já viste. Se eles me tivessem apanhado com as duas mãos livres, desde o início da briga, teria sido outra história⁹¹⁴ para esses fulanos. Mas, ainda somos jovens e não restam muitos dias no ano.

– Bem, vamos nos livrar desses ressentimentos – eu lhe disse. – Quero ver minha parte, porque já estou faminto e gostaria de mandar trazer o almoço.

– Já fiz o pedido – respondeu-me Gavião –, e, pelo jeito, o tio Zé, o moço das entregas, está chegando com o almoço.

De fato, o velho chegou com uma cesta bem abastecida com pés de porco marinados, charque em *tlemole*⁹¹⁵, pão, tortilhas, feijão e outros alimentos similares. Gavião chamou seus camaradas e reunimo-nos todos para almoçar (p. 456) em boa paz e companhia. Mas, no meio de nossa alegria, lembramo-nos do *pulque*, e sua ausência nos deixou muito tristes; porém, no final, compensamos com aguardente de cana. Brindamos tantas vezes que eu, pouco ou nada acostumado a beber, apaguei, de modo que não soube o que aconteceu depois, nem como levantei-me dali. O que é certo é que, à noite, quando recuperei a consciência, encontrei-me em minha cama, todo sujo e com uma forte dor de cabeça. Assim, despi-me e tentei voltar a dormir, o que me custou pouco trabalho.

⁹¹⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *otro gallo les cantara* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 455).

⁹¹⁵ Nota da Tradutora: De acordo com o site *Más de México* (2023), o *tlemole* é um guisado com base apimentada. Para mais informações, visitar: <https://masdemx.com/2016/07/tlemole-de-flor-de-calabaza-receta/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

(p. 457) Capítulo X

No qual Periquitinho relata que lhe roubaram na prisão. Conta sobre a despedida de Don Antônio, dos trabalhos que passou e de outras coisas que, talvez, agradem os leitores

Assim que amanheceu, acordaram os prisioneiros de minha cela, assim como eu, o último de todos, com muita fome, por não ter jantado na noite anterior. A primeira providência que tomei foi tirar uma barra de chocolate para meu café da manhã. Mas qual não foi minha surpresa quando, procurando em meu bolso a chave da caixinha, não a encontrei, nem debaixo do travesseiro, nem em qualquer outro lugar! Então, fustigado por minha vontade de comer, quebrei a caixinha e encontrei-a vazia, sem o enxoval de *Don Antônio*, a quem eu admirava muito! Confesso que estava prestes a esmagar minha cabeça contra a parede pela raiva e pelo desespero, considerando a realidade do acontecido, ou seja, deduzi que aqueles mesmos companheiros, depois de verem-me bêbado, tiraram a chavinha de meu bolso e surrupiaram tudo quanto cabia nela.

Meu raciocínio estava certo, mas não conseguia nem encontrar o ladrão, nem recuperar o roubado. Isso encheu-me de mais raiva, de modo que não parei para constatar os resultados desastrosos que a embriaguez traz consigo, pois ela abafa as capacidades e atrapalha os sentidos. Ela deixa o bêbado numa espécie de insensibilidade que o torna quase tão sensível como um tronco e, nesse estado miserável, os homens não só são suscetíveis de serem roubados, mas, também, de serem insultados e até assassinados, tal como se tem visto repetidas vezes. Isso era a última coisa que me preocupava, pois o que deveria ter-me (p. 458) preocupado, de fato, era não ter contraído este vício horrível, como aconteceu, embora isso não se desse com muita frequência.

Atordado, triste, abatido e melancólico, sentei-me em minha cama, roendo as unhas, olhando de quando em quando para a pobre caixa, limpa de pó e palha, amaldiçoando os ladrões, culpando este e outro. Assim, não me lembrei mais do chocolate, porque, mesmo se me lembrasse dele naquele momento, de que me teria servido, se não ficou nem sinal de sua existência naquela caixa?

(p. 458) No decurso dessa contemplação, meu camarada Gavião chegou-se a mim com um rosto muito afável, cumprimentou-me e perguntou-me como eu tinha passado a noite, ao que lhe disse:

– A noite não foi ruim, mas a manhã foi do cão.

– E por quê, Periquitinho?

– Como assim, por quê? – perguntei-lhe. – Porque fui roubado. Olha só como deixaram a caixa de *Don Antônio*!

O Gaviãozinho assomou-se para ver o interior da caixa e exclamou, como se tivesse sido ferido por meu infortúnio:

– Realmente, homem, a caixa está mais vazia do que o capacete de Mambrino⁹¹⁶. Que brincadeira de mau gosto! Que malandragem! Que infâmia! Não tenho medo de ser roubado. Vamos lá, eu também pratico essa arte, como poderia ficar chocado com isso? O que me deixa irritado é quando roubam aos próprios amigos, porque, não duvides, Periquitinho, no barco está quem sabe remar⁹¹⁷. Sim, certamente os ladrões são de casa. Inclusive, eu juraria que alguns deles eram dos mesmos malandros que almoçaram conosco ontem. Se eu tivesse farejado suas intenções, nada desse gênero de coisas teria acontecido, porque eu mesmo, desejando descontar-me pelo que tinha gastado, não teria ficado longe de ti e não teria ido jogar o que nos restava. Infelizmente, arrancaram de nós tudo pelas raízes. Mas, não precisas ficar preocupado, pois amanhã será outro dia.

– Então, pelo que acabas de dizer-me – disse-lhe eu –, não restou nada, nem sequer para comprar o café da manhã?

– Qual café? – respondeu-me ele – Se ontem à noite fui dormir sem sequer um cigarro? Mas, diz-me, o que é que eles levaram da caixa?

– Uma bagatela – disse-lhe eu. – Duas camisas, (p. 459) um par de calças, um par de botas, alguns bons sapatos, algumas calças de lã, dois lenços, alguns livros, meu chocolate..., enfim, tudo.

⁹¹⁶ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) comenta sobre a referência, nesse trecho, ao capítulo XXI, do primeiro livro do *Dom Quixote*, *Que trata da aventura e preciosa ganância do elmo de Mambrino, com outras coisas sucedidas a nosso invisível cavaleiro*. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/quixote1.html#21>. Acesso em: 03 mar. 2023.

⁹¹⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *en el monte está quien el monte quema* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 458). De acordo com López y López (1931, p. 480), a expressão coloquial indica que “os danos experimentados usualmente vêm dos domésticos e parciais” (Nossa tradução).

(p. 459) – Que malandragem! – disse-me o mulatinho. – Sinto muito, irmão! Ficarei esperto. Vou percorrer todas as masmorras e de olhos bem abertos para ver se encontro alguma coisa do que disseste. Caso encontremos um fiapo, podes ficar tranquilo, vai aparecer tudo. Mas, por agora, nada de desanimar⁹¹⁸, endireita-te, ergue a cabeça, fica em pé⁹¹⁹, anda, vem cá fora e acalma-te. Não somos feitos de trapos. No Dilúvio, perdeu-se mais, e tudo era alheio, como o que tu perdeste. Por isso, vamos lá, Periquitinho! Vamos lá! Não sejas tolo! Vem, vamos fazer o café da manhã.

Querendo ou não, levantei-me, ansioso pelo café da manhã prometido. Fomos ao calabouço do presidente, com quem Gavião falou como se estivesse escondendo um segredo. O capataz abriu uma caixa e, quando pensei que ele ia tirar uma ou duas barras de chocolate e algum pão branco⁹²⁰, vi que tirou um copo e uma garrafa na qual despejou cerca de meio quartilho de aguardente, que meu camarada pegou e passou de sua mão para a minha, dizendo-me:

– Aqui, Periquitinho, pega isso. Faz tua manhã.

– Homem! – disse-lhe eu. – Não sei tomar café da manhã com nada além de chocolate.

– Bem, aqui está teu chocolate – ele me respondeu. – O caso é que aquele que já bebeste é feito no *metate*, enquanto este é feito no alambique. Mas, filho, pode crer que este é melhor porque fortalece o estômago e anima a cabeça... Vai lá! Bebe, porque o senhor presidente está à espera do copo.

Falando isso e com persuasões semelhantes, convenceu-me, e entre os dois, liquidamos o meio quartilho. Minha parte subiu-me à cabeça muito mais depressa do que o necessário, mas, (p. 460) finalmente, com tão pouco auxílio, depois de duas horas, eu estava muito feliz e não me lembrei mais de que tinha sido roubado.

⁹¹⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, expressão coloquial, *no te achucharres* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 459). Para mais informações, visitar: <https://www.asale.org/damer/achucharar>. Acesso em: 03 mar. 2023.

⁹¹⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, do verbo *pararse*, modo imperativo: *párate* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 459). De acordo com o *DRAE*, trata-se de um americanismo que também é utilizado em Múrcia, Espanha. Para mais informações, acessar a sétima acepção em: <https://dle.rae.es/parar?m=form>. Acesso em: 03 mar. 2023.

⁹²⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *torta de pan* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 459). De acordo com o *Diccionario del español de México* (2023), essa expressão é usada para significar pão branco, do qual, geralmente, retira-se o miolo para encher com feijão, manteiga ou maionese, queijo, presunto ou outros alimentos. Enfim, um sanduíche à mexicana. Para mais informações, visitar: <https://dem.colmex.mx/Ver/torta>. Acesso em: 05 mar. 2023.

(p. 460) Assim, passaram-se cerca de quinze dias, eu dando de comer ao Gavião, e ele dando-me de beber, em correspondência mútua e recíproca, embora, para dizer a verdade, toda hora ele insistia para eu vender ou penhorar os lençóis e a colcha. Mas ele não conseguiu obter nada de mim àquela altura, porque jurei e voltei a jurar que não venderia nada por nada neste mundo. Assim, para melhor cumprir essa minha determinação, levei tudo para o presidente, implorando-lhe que os guardasse para mim até quando seu dono mandasse levar tudo para sua casa.

O presidente fez-me o favor de guardá-los, e eu fiquei sem nenhum outro abrigo senão meu velho *sarape*. Desse modo, o astuto de meu bom amigo perdeu toda a esperança de ter alguma parte neles. Mesmo assim, não ficou chateado comigo, quer porque era um dos que não tinha vergonha na cara, quer porque se preocupava em ser delicado comigo para não perder meu convite para comer o almoço, de graça⁹²¹, pois, para isso, ele sempre apareceu. Isso era porque a comida que meu benfeitor desconhecido enviava-me era boa e valia a pena cortejá-la, tanto por seu tempero quanto por sua abundância, não digo ao paladar grosseiro do Gaviãozinho, mas a outros mais requintados.

Eu até cheguei à conclusão de que esse velhaco tinha sido o agente principal do roubo a minha caixa, como de fato o foi, mas não tinha certeza, porque, afinal, havia mais gente que muito me odiava entre aquelas pessoas e, por último, seria mais fácil salvar um judeu da Inquisição do que tirar um real daquilo que eles já deveriam ter digerido. Com esse fingimento, continuamos a passar os dias, eu retribuindo as bebedeiras de aguardente do Gavião com comida paga por mim.

Um dia, quando eu estava tirando as pulgas de minha camisa suja e esfarrapada, chamaram-me lá para cima. Corri para lá, achando que era para alguma diligência judicial. Contudo, não foi o notário que tinha me chamado, mas meu bom amigo *Don Antônio* e sua esposa, que tiveram a bondade de visitar-me.

Quando ele me viu, abraçou-me calorosamente, e sua esposa cumprimentou-me com grande alegria. Eu, mesmo tendo o prazer de rever aquele verdadeiro e generoso amigo, não deixei de levar um susto, considerando que ele veio procurar

⁹²¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *perder la coca* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 460).

suas coisas e que eu devia delas prestar-lhe contas⁹²². (p. 461) Mas *Don Antônio* logo tirou-me dessa preocupação e, resumindo, perguntou-me por que é que eu estava tão sujo e maltrapilho.

– Porque – respondi-lhe –, como sabeis, não tenho nada mais para vestir.

– Por que não? – disse-me meu amigo. – Bem, o que fizestes com as roupas que deixei na caixa?

Fiquei perturbado ao ouvir essa pergunta. Não pude deixar de mentir sorrateiramente, pois, sem responder diretamente, dei-lhe a entender que não as usava porque não eram minhas. Eu disse isso com medo, mas ele supôs que eu estava envergonhado:

– Porque essas roupas não são minhas, mas vossas...

– Não, senhor! – interrompeu-me *Don Antônio*. – Elas são vossas, e foi por isso que as deixei em vossa posse. Veste-as no momento que precisar. Incumbi-vos que as guardásseis para mim só para vos pôr à prova, mas, como pudestes guardá-las até hoje, usai-as.

Minha alma voltou a meu corpo com essa dádiva; no entanto, interiormente, acabei desesperado⁹²³ ao ficar pensando que, mesmo ele tendo me desobrigado da responsabilidade das roupas, os malditos ladrões já tinham me impedido de usá-las. Perguntei-lhe se precisava levar sua cama, para deixá-la disponível a ele, (p. 461) mas ele respondeu que não, que ele me deixava tudo. Agradei-lhe, como era justo, por seu carinho caridoso.

Contei à *señorita* os favores que devia a seu marido e transbordei no uso dos elogios, mas meu amigo impediu minha apologia, interrompendo-a para contar que, depois de ter saído da prisão, foi ver sua mulher. Ele disse que, naquele momento, ela já estava em posse de uma carta selada que um cavalheiro lhe tinha trazido. Nela, o amigo tinha sido incumbido de ir à casa do remetente logo que chegasse, pois, para aquele cavalheiro, era muito importante conversar com ele.

⁹²² Transcrição da nota 451, da edição de 2008 (p. 460): [Lê-se, em castelhano:] *Las cuentas del Gran Capitán* – [Nossa tradução está no corpo do texto] –, gastos exorbitantes, feitos arbitrariamente e sem a devida justificativa.

⁹²³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *darse a Barrabás* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 461), expressão coloquial que, de acordo com López y López (1931, p. 464), significa 'ficar desesperado' (Nossa tradução).

(p. 461) *Don Antônio* contou que, tendo ido lá, ficou sabendo diretamente daquele indivíduo que ele tinha sido o primeiro executor do marquês. Disse que o próprio marquês lhe implorou encarecidamente que não parasse até conseguir tirar *Don Antônio* da prisão. Inclusive, que o marquês instou o executor para pedir perdão em nome dele a meu amigo *Don Antônio* e a sua esposa por todos seus atentados.

Contou também que o finado ordenou que oito mil pesos deveriam ser dados a *Don Antônio* em dinheiro, tanto para compensá-lo por seu trabalho quanto para ressarcir-lhe, de alguma forma, pelo ferimento que lhe tinha feito. Também, dispôs que a sua esposa fosse dado um anel de diamante rodeado de rubis, que ele tinha destinado como pagamento por sua lascívia, no caso de ela ter acedido a suas seduções ilícitas; mas, que, tendo experimentado a fidelidade conjugal dela, deixava-lhe a joia, de bom grado, como sinal de reconhecimento de sua virtude, implorando-lhes que o perdoassem e orassem a Deus por sua alma.

(p. 462) *Don Antônio* e sua esposa mostraram-me o anel, que era uma joia digna de um marquês rico, mas ambos ficaram comovidos ao acabarem de me contar o que acabei de registrar. Ao dizer isso, a jovem virtuosa acrescentou:

– Quando percebi as más intenções daquele cavalheiro e vi o quanto Antônio teve de sofrer por causa dele, odiei-o e achei que meu ódio seria eterno, mas quando vi sua retratação e todo o esforço que empregou para nos satisfazer, reconheci que ele tinha uma grande alma. Então, perdoei-o e lamento sua morte prematura.

– Fazes muito bem, filha, em pensar assim! – disse-lhe *Don Antônio*. – E deveríamos perdoar-lhe mesmo que não nos tivesse deixado satisfeitos. O marquês era um bom homem. No entanto, que homem, por muito bom que seja, deixa de ter paixões? Se cada um de nós lembrasse da própria miséria, seríamos mais indulgentes com nossos inimigos e perdoaríamos com mais facilidade os agravos que recebemos. Mas, infelizmente, julgamos severamente os outros. Não desculpamos nada, nem uma inadvertência, nem um erro, nem um descuido, enquanto gostaríamos de ser desculpados em todas as ocasiões.

Nessas conversas, passamos grande parte da manhã. Eles perguntaram sobre o estado de meu caso e se eu tinha alguma coisa para comer. Disse-lhe que sim, que todos os dias traziam-me um cesto de comida, um jantar, dois sanduíches de pão e uma carteira de cigarros. Contei que estava grato por receber o que recebia, mas que

lamentava (p. 462) não saber de quem, pois o empregado não me dizia quem era meu benfeitor.

– Isso é o de menos – disse-me *Don Antônio*. – O que importa é que ele continue sua caridade, e eu confio em Deus que ele assim o faça.

Assim dizendo, levantaram-se e despediram-se de mim. *Don Antônio* disse, também, que, no dia seguinte, deixariam a capital para Jalapa, para onde eu lhes poderia escrever o que desejasse, pois ficariam muito contentes em saber de mim, e que, se eu saísse da prisão e quisesse ir para lá, supondo que fosse solteiro, não me faltaria como ganhar a vida honestamente com sua ajuda.

(p. 463) *Don Antônio*, como podeis ver, não era daqueles amigos cuja amizade ficava apenas em palavras⁹²⁴. Ele sempre confirmou com ações o que disse. Assim que terminou o que eu vos disse, ele deu-me dez pesos, e sua jovem esposa, outros dez pesos. Logo, repetiram os abraços e as belas expressões, despediram-se de mim muito emocionados, deixando-me mais triste do que da primeira vez, pois considerei-me, agora, absolutamente sem a ajuda deles.

O Gavião não deixou de observar o que acontecia com a visita. Ele não pestanejou nem uma vez quando meus benfeitores despediram-se e, por isso, viu muito bem quando eles deixaram-me algum dinheiro. Ele, então, deve ter ficado satisfeito, pois considerou-se, junto comigo, como co-herdeiro de *Don Antônio*.

Depois de meu amigo ter partido, desci para minha cela, bastante confuso. E lá já estava meu caro amigo Gaviãozinho aguardando-me, com um copo de aguardente e um par de linguças, que ele, mais cedo, havia mandado buscar não sei onde. Fazendo-se de desentendido, pois tinha estado atento a todos meus movimentos, disse-me ele:

– Vamos lá, Periquitinho, meu filho! Por que me deixaste até agora sem almoçar, por esperar por ti? Puxa, que visita tão longa! Se mal não me lembro, *Don Antônio* veio procurar-te para buscar suas coisas. Como estás? Como é que te saístes? Será que ele acreditou no roubo?

⁹²⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: *su amistad la tiene en el pico* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 462). De acordo com López y López (1931, p. 476), a expressão significa “ter a amizade de palavra” (Nossa tradução). O DRAE (2023) traz a locução adjetiva “de palavra”, cujo significado é “que cumpre o que promete” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/palabra?m=form>. Acesso em: 24 mar. 2023.

(p. 463) – Bem e mal – respondi-lhe. – Bem, porque meu bom amigo não só não me cobrou por nada que deixou a meu cuidado, como também passou tudo para mim, além de dar-me alguns duros para qualquer emergência. Mal, porque penso que esta será a última ajuda que terei dele, pois amanhã parte para sua cidade junto com sua família. Além disso, vou sentir falta de meu amigo e benfeitor.

– Dizes muito bem! Com certeza, sentirás muito sua falta – disse o Gavião ao frangote tolo –, porque tais amigos não se encontram todos os dias. Mas, como deve ser, Deus é grande. Ele não criou ninguém para morrer de fome. Querendo ou não, nada te faltará comigo. Sou um pobre homem moreno, mas, irmão, embora eu diga que minha cor me desprestigia, sou um bom amigo. Eu arranharei o chão para ter a certeza de que nada te faltará. Não sei se me viste lá em cima quando estavas com teu visitante. Não quis dizer nada; por isso, fingi não saber, agora que desceste. Mas é que eu subi assim que soube que era *Don* Antônio que te chamava, para avisar as testemunhas caso (p. 464) ele te acusasse e tu fosses humilhado. Mas, quando ele te abraçou, deixei de preocupar-me e desci para deixar pronto este bocadinho para ti. Se não gostas, mandarei trazer outra coisinha, pois ainda tenho aqui quatro reais que acabei de ganhar no *rentoy*⁹²⁵. Pode ficar com eles, se precisar.

– Não, irmão – disse-lhe eu. – Deus te pague, mas, por agora, posso me responsabilizar por meus gastos, pois tenho o suficiente.

– Não pergunto quantos anos tens – disse-me o pequeno preto –; aliás, se precisares deste dinheiro, gasta-os, e, se não, joga-os fora. Mas, fica sabendo que, para mim, é mais forte o desprezo de um amigo do que uma facada. Se não fosses meu amigo, e eu não te apreciasse como o faço, simplesmente eu não te ofereceria nada.

– Agradeço-te, Gaviãozinho – respondi-lhe –, mas não é desprezo. É que, por agora, estou bem provido.

– Bem, estou infinitamente feliz com seus benefícios, tanto como se fosse eu quem os fosse desfrutar – respondeu-me ele –, mas, ainda assim, olhe para as saborosas linguças. Come...

⁹²⁵ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), o *rentoy* é um jogo de cartas e apostas em uma só jogada, entre dois, quatro, seis ou oito pessoas, em que são distribuídas e sorteadas três cartas, sendo o dois a carta de maior valor em cada naipe, e é permitido fazer sinais entre companheiros. Disponível em: <https://dle.rae.es/rentoy?m=form>. Acesso em 25 mar. 2023.

(p. 464) A bajulação é astuta. Ela consegue entrar no coração até através dos ouvidos mais prudentes e circunspectos. Como, então, não poderia entrar nos meus, incautos e nada habituados a sua malícia? De fato, fiquei muito impressionado com o pequeno negro, ainda mais quando, depois de repetir os brindes muitas vezes, disse-me com a máxima seriedade:

– Meu amigo Periquitinho, sou amigo dos amigos e não de seu dinheiro. Talvez duvides de mim porque me vês coberto nestes trapos, sem camisa. Mas vou dar-te uma prova satisfatória de minha verdade.

“Já bebemos mais do que o normal, particularmente tu, que não estás acostumado à aguardente. Não digo que estejas bêbado, mas um pouco alegrinho⁹²⁶. Desconfio que não consigas mais te controlar e acabe acontecendo o mesmo que no outro dia, ou seja, que fiques jogado por aí, sem dono, e que alguém venha roubar teu dinheiro; porque aqui, meu filho, quando se trata de pilhagem, quem não corre, voa, ao ritmo de uma águia. Há inúmeros Gaviões, Gerifaltes, Falcões e outras aves de rapina.

“Por isso, parece-me (p. 465) de muito bom senso deixar esses meios que tu tens para o presidente guardar, pois, ao lhe dares uma pequena gorjeta, porque ele não se mexe se não der algum sinal para ele⁹²⁷, ele guardará o dinheiro em seu baú, e tu poderás dispor de um peso ou dois quando precisar. Teu dinheiro não ficará para o desfrute dos outros bandidos, que, além de serem mal agradecidos, acharão que és um selvagem, pois não aprendeste com a última vez⁹²⁸ quando eles te agradeceram, não faz muito tempo.

⁹²⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*Sarazoncito*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 464). Na segunda acepção, o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 964) define *sarazón/sarazona* como modo de dizer a quem está “meio bêbado, bebinho. [É utilizado,] também, *sarazo*” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/964/mode/2up?view=theater&q=sarazoncito>. Acesso em: 01 ago. 2023.

⁹²⁷ Transcrição da nota 453, da edição de 2008 (p. 465, [retirado de RUBIO, Darío. *Refranes: proverbios y dichos y dicarachos mexicanos*, Méjico D. F.: Editorial A. P. Márquez, 1937]: “*no dar un passo sin lanterna* [Nossa tradução se encontra no corpo do texto]: ter muito interesse e não fazer nenhuma operação, de qualquer tipo, sem obter em troca alguma retribuição” (Nossa tradução).

⁹²⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: *espumada* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 465). De acordo com o *DRAE* (2023), o verbo *espumar* significa o ato de tirar a espuma que fica na superfície de um caldo ou outro líquido. No entanto, de acordo com Ruiz Barrionuevo (2008), a expressão é utilizada de forma figurada. Para a entrada *espumar* do *DRAE*, visitar: <https://dle.rae.es/espumar?m=form>. Acesso em: 26 mar. 2023.

(p. 465) Agradei-lhe por seus conselhos, não prevendo a finura de seu interesse, e fui com ele buscar o presidente, a quem dei peso a peso os vinte que tinha acabado de receber.

Feito isso, meu grande amigo disse-me para esperar por ele em minha cela, pois não demoraria muito. Obedeci-lhe prontamente e, sentado na cama, disse a mim mesmo: não há o que discutir, este é um negro gentil, embora sua cor o desprestigie, como ele diz. Até hoje, não percebi o quanto ele me ama. Para dizer a verdade, ele é meu amigo e é digno desse título. Sim, amá-lo-ei. Depois de *Don Antônio*, vou preferir-lo a qualquer outro, pois tem a qualidade mais louvável a ser desejada naqueles que são escolhidos para amigos: o altruísmo.

Eu estava nesses solilóquios equivocados quando meu camarada entrou com charutos, linguças e aguardente. Ele disse-me:

– Agora, sim, irmão Quitinho, vamos nos fartar, podemos comer e beber alegremente, com a confiança de que teu dinheirinho está seguro.

Assim, não precisei de muitas súplicas, bebi despreocupado até forçadamente adormecer por conta da quantidade de vezes que entornei o copo. Nessa hora, meu terno amigo pôs-me na cama e, com todo o cuidado, surrupiou a comida que me foi trazida.

À tarde, acordei mais disposto, uma vez que os vapores da aguardente tinham se dissipado. Passou-se, então, que o Gavião, começando a realizar seus planos, obrigou-me a tirar os calções (p. 466) penhorados, dizendo-me que era uma pena que se tivessem perdido por tão pouco dinheiro. Seu objetivo era aproveitar-se pouco a pouco de meus parques meios, utilizando, para o efeito, repetidas lisonjas, com as quais me assegurou de que todos seus conselhos eram para meu bem. Desse modo, para meu bem, aconselhou-me a recuperar os calções, a pedir a roupa de cama que eu tinha dado para guardar e o pouco dinheiro que tinha depositado. E, para meu bem, porque desejava ver meu dinheiro antecipado, como ele disse, provocou-me a fazer apostas, compactuou com outro e, dois dias depois, fiquei sem um tostão. Oito horas depois, estava eu sem colcha nem colchão, lençóis, caixa ou *sarape*.

Quando me viu reduzido à última miséria, deu não sei qual pretexto para discutir comigo e abandonar totalmente minha amizade. Acabado esse negócio, não perdia a oportunidade de tirar sarro de mim sempre que podia. Esse foi o resultado de seu mau caráter, e recebi um castigo justo por minha confiança imprudente.

(p. 466) É verdade que o frio que se infiltrou pelos buracos de meus trapos, os piolhos que se aninharam no cotão, a vergonha que minha indecência causou-me, a ingratidão de meus amigos, especialmente do Gavião, e a dureza com que o chão recebeu-me à noite foram razões suficientes para eu estar cheio de confusão e tristeza. No entanto, algo acalmava essa agonia ao meio-dia, quando o pequeno cesto de comida vinha satisfazer minha fome com algum lanche bem temperado. Mas, depois de um tempo, até isso me faltou, porque o entregador deixou de vir ao meio-dia sem que eu conhecesse a causa. Entreguei-me a Barrabás e a todo o inferno juntos, amaldiçoando minha imprudência e falta de conduta, mas já era tarde.

Sofri mais alguns meses de prisão, nu e faminto, tempo no qual, (p. 467) como dizem, passei por poucas e boas⁹²⁹, enfraquecido, pois minha saúde estava de tal forma arruinada que fiquei demasiado pálido e magro. E havia bom motivo para isso, porque comia mal e pouco, e porque os piolhos faziam muito bem seu trabalho, e havia muitos, como se fossem infinitos.

Depois dessas punições e misérias que tive de aturar durante o dia, seguia-se, como acabo de dizer, o terrível tormento que me esperava à noite, com minha cama muito dura, reduzida a um velho *petate* cheio de percevejos e nada mais, pois não havia mais nada para fazer de travesseiro, lençóis e colcha, a não ser meus indecentes farrapos, que, perceptível e rapidamente, diminuíram diante de minhas vistas, pelo gasto diário que dava a eles.

Tomai em conta, meus filhos, quantas noites e quantos dias amargos vosso pai viveu naquela situação tão desgraçada; mas considerai, também, que os homens estão expostos a estes e piores infortúnios por velhacos e descerebrados. Já vos disse, noutro momento, que o jovem, quanto mais desajustado, mais provável é que caia vítima da miséria e de todas as desgrças da vida, enquanto o homem bom, isto é, o homem de conduta moral e religiosa⁹³⁰, tem um escudo poderoso que o protege

⁹²⁹ Transcrição da nota 456, da edição de 2008 (p. 466, retirado do *Diccionario de autoridades*, [1969]: “[Lê-se, em castelhano] *ponerse en la espina* [Nossa tradução se encontra no corpo do texto]. No *Diccionario de autoridades*, consta: estar nos espinhos ou ter alguém nos espinhos, significando passar por dificuldades e estar, conseqüentemente, muito fraco e esmaecido” (Nossa tradução).

⁹³⁰ Nota do Autor: “Oportuna reflexão do Periquitinho! Alguns confundem o conceito da hombridade do bem com as do luxo e do dinheiro, e em seu entendimento, essa palavra, homem de bem, equivale a rico ou semirrico, assim como a do pobre a julgam esmola de velhaco; de modo que, segundo estes falsos princípios, não é necessário muito para deduzirem disparates como estes: Pedro é rico, tem dinheiro, veste decentemente; logo, é homem de bem. João é pobre, não tem destino, anda farrapento;

de muitas dessas situações, como o que acabo de vos repetir. Mas, vamos deixar que as pessoas façam o que quiserem de sua conduta e voltemos a seguir o fio de meu trabalho.

(p. 468) Não conseguia suportar a fome e a nudez durante o dia, e, à noite, a dura cama e a falta de abrigo. E teria permanecido assim o tempo todo que estive na prisão, se não fosse por uma contingência engraçada, que ocorreu como segue o relato.

Um pobre camponês, que também era um prisioneiro, veio ter comigo uma manhã quando eu estava no pátio esperando que o sol vingasse os ferimentos da noite fria. Ele me disse:

– Vede, senhor, quero vos falar uma coisa, para que me possa tirar de um pobrema. Pago o que mecê quiser. Pois, então, num quero que nem um dos colegas fique sabendo, porque eles são muito caçoístas.

– Muito bem! – respondi-lhe. – Podes dizer-me o que quiseres, que eu o farei de bom grado e em segredo.

– Bom. Devei saber, senhor, que meu nome é Cemitério Coscojales....

– Eleuterio, quererás dizer – eu lhe interrompi –, ou Emetério, porque Cemitério não é nome de santo.

– Ansim mesmo!⁹³¹ – disse-me o camponês. – É ansim que é o meu nome, mas como sou descuidado, nem sequê sei dizê por vez o meu nome. Enfim, de qualquer forma, devei sabê, senhor, devei sabê, vamos continuar com minha história. Sou de *San Pedro Escapozaltongo*⁹³², que fica a dezoito léguas desta cidadi. Então, lá mora uma moça chamada de Lourença, filha do tio Diego Torrões, um araponga, o melhor

logo, é um velhaco. Consequências absurdas e ideias estúpidas que não deveriam jamais ter lugar no pensamento dos homens! Uma conduta regrada aos modos da moral sadia é o testemunho mais seguro que qualifica a verdadeira hombridade do bem. Quem duvida que ela, muitas vezes, é vista nos pobres, assim como costuma faltar naqueles que não o são? É prova evidente de que o brilho ou a opacidade da pessoa não é um termômetro seguro para medir o caráter dos homens. É verdade que o relumbre ou a miséria são, muitas vezes, o prêmio ou castigo por nosso bom ou mau proceder, mas esta observação padece de tantas exceções que não pode ser tomada como regra infalível” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 467, nota a) (Nossa tradução).

⁹³¹ Transcrição da nota 457, da edição de 2008 (p. 468, tomado de CABRERA, Luis. *Diccionario de aztequismos*. 2.ed. México: Ed. Oasis, 1975): “[Lê-se, em castelhano:] *Axcán* [Nossa tradução está no corpo do texto], como *áxcate* e *axca*, exclamações vulgares da língua Nahuatl. Agora! Agora sim! É isso!” (Nossa tradução).

⁹³² Nota da Tradutora: Para mais informações sobre a cidade, visitar: <https://www.entornoturistico.com/san-pedro-azcapotzaltongo-cultura-arte-y-diversion-en-un-mismo-lugar/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

curador (p. 468) de cavalos. Eu, nas minhas idas e voltas, como a sua casa era vizinha, parede a parede com a minha, o diabo, que nunca dorme, fez-me apaixonar marrento por Lourença.

“Eu era um caso perdido, porque, ah, senhor, diacho, que bela moça ela é! Só olhar para ela. Ela é alta, gorda e reta como um *enterolóbio*⁹³³, ou pelo menos como um carvalho⁹³⁴; de cara redonda, muito colorada, de olhos castanhos e um bom nariz grande. Ela carece de defeitu, exceto ser meio vesga e ter dois dentes da frente a menos. Isto último, porque um cavalo deu um coice nela (p. 469) um dia quando ajudava seu pai pôr a ferradura. Foi descuido dela, pois não segurou bem a pata. Mas, fora disso, ela é uma moça bonita por tudo o que faz.

“Bem, sim, fiz com que se apaixonasse por mim, entreguei-lhe presentes e lhe implorei, de tanto insistir destas coisas que, finalmente, ela não quis, depois que sim, quis. Ela amoleceu e me disse que casaria comigo, mas quando, não seja coisa do cão, eu acabasse por engrupi ela só para sacaneá-la no final. Disse-lhe que, capaz, eu não poderia trai-la, porque eu morria por ela; mas que o casamento não poderia acontecer muito em breve, porque eu estava falto, sem dimdim, pior do que Hamã⁹³⁵, e o senhor sacerdote era muito inflexível, não aceitava fiado para fazer um casamento mesmo se o diabo levasse os noivos, nem num enterro, mesmo que o morto estivesse uma catanga, oito dias em sua casa. Ansim, eu disse, se ela me quisesse, deveria

⁹³³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *parota* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 468). Trata-se da espécie ***Enterolobium cyclocarpum***, árvore leguminosa conhecida no Brasil como enterolóbio ou árvore-da-orelha-de-elefante. A distribuição desta planta americana inicia na região tropical da América central até o norte do Brasil (Amazonas, Amapá e Roraima). Mais informações em: <https://revistajardins.pt/planta-historia-arvore-da-orelha-elefante/> e <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/FichaPublicaTaxonUC/FichaPublicaTaxonUC.do?id=FB8315> 5. Acesso em: 01 abr. 2023.

⁹³⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *encino* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 468). É possível que, no texto, faça-se referência à espécie *Quercus xalapensis*, árvore pertencente à família *Fagaceae*. Esta espécie é natural dos países do golfo, nordeste, sudeste e centro do México, além da Guatemala, Honduras, Nicaragua e El Salvador. A azinheira e o carvalho são árvores do gênero *Quercus*, ambos naturais do continente europeu. Para mais informações sobre a espécie americana, visitar: <https://www.inecol.mx/inecol/index.php/es/ct-menu-item-25/planta-del-mes/37-planta-del-mes/961-encino> e <https://powo.science.kew.org/taxon/urn:lsid:ipni.org:names:296926-1>. Para informações sobre o carvalho e a azinheira, visitar: <https://www.medicinanatural.com.br/carvalho-branco-quercus-alba/> e <https://lojahusqvama.com/blog/fichas/azinheira/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

⁹³⁵ Transcrição da nota 460, da edição de 2008 (p. 469): “[Lê-se, em castelhano] *Yo estaba probe más que Amán* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – talvez aluda ao episódio bíblico do Livro de Ester, 6. No entanto, como aponta Felipe Reyes Palacios (ed. UNAM, [1982], vol. VIII, p. 403), pode tratar-se de um dislate do camponês, [mal pronunciando] por Adão” (Nossa tradução).

esperar três ou quatro meses enquanto eu colhia o milho, porque os quatro alqueires que tinha plantado pareciam ter boa pinta.

“Ela concordou com tudim que eu propus para ela. A partir desse dia, entendemo-nos como marido e mulher, já que nos amávamos um ao outro. Bem, pela noite, senhor, eu voltava de minha *milpa*⁹³⁶, ou roça como diz oceis, e ia falar com ela por cima da cerca como de costume, quando vi um vulto a falar com ela, fiquei vareta....

– Envaretado, queres dizer – respondi-lhe eu –, pois as varetas não se zangam.

– Deve de ser isso memo, senhor, eu posso conceber, mas não posso parir – continuou o camponês. – Aconteceu que fui para onde estava o vulto, feito um arranca-rabo⁹³⁷ e, quando lá cheguei, reconheci o violeiro Culás, porque ele tocava um *jarabe*⁹³⁸, (p. 469) arrancando sons do violão que até parecia que o fazia falar.

“Ansim que cheguei, perguntei o que procurava naquela casa e com a Lourença. Ele, muito gabarola⁹³⁹, disse-me o que ele queria, que eu não era o pai dele para eu lhe pedir contas.

(p. 470) “Então eu, como mestre da ação, não consegui me segurar muito, mas, agarrei uma enxada que truxe de um pião, dei-lhe uma pancada tão boa no cangote que ele caiu redondo, pedindo confissão.

⁹³⁶ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *milpa* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 469), termo procedente da língua nahuatl, que significa o terreno dedicado à cultura do milho e outras sementes. Retirado de: <https://dle.rae.es/milpa?m=form>. Acesso em: 02 abr. 2023.

⁹³⁷ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *hecho un Santiago* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 469). De acordo com o *DRAE* (2023), a locução verbal *dar um Santiago* significa atacar os inimigos, sob o grito de guerra Santiago! Disponível em: <https://dle.rae.es/santiago?m=form>. Acesso em: 02 ago. 2023.

⁹³⁸ Nota da Tradutora: O *jarabe* é um estilo musical da cultura mexicana. Para mais informações, visitar: <https://www.musinea.com/el-jarabe-nayarit/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

⁹³⁹ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de Mejicanismos* (1974, p. 488): “*engringolarse* [Nossa tradução está no corpo do texto], na região do norte, diz respeito à inclinação ou tendência das pessoas e certos animais para voltar ao lugar em que foram criados ou têm costume de visitar” (Nossa tradução). No entanto, Reyes Palacios (1982, *apud* Ruiz Barrionuevo, 2008, nota 462) acredita que o significado corresponda a “ficar insolente, atrevido” (Nossa tradução). A definição do *DRAE* está disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/488/mode/2up?view=theater&q=engringolarse>. Acesso em: 02 ago. 2023.

(p. 470) “Nessa hora, passou o tenente dos milico, que estava na sua ronda com os *topiles*⁹⁴⁰; ouviu o Culás gritar. Não adiantou eu correr, porque eles me apanharam e me trouxeram a sua presença.

“Já dei logo minha declaração, e o cerujão disse que não poderia salvar o paciente porque estava muito do ferido e derramando muinto sangue. Com isso, naquela hora, levaram a probe da Lourença para ficar enclaustrada na casa do padre e eu fui levado para a prisão, onde me colocaram no cepo.

“No dia seguinte, Lourença mandou uma mensagem com a velha cozinheira do padre, dizendo-me que a culpa não era dela, que o Culás a tinha chamado para conversar na cerca e ele estava a dar-lhe um recaudo falso em meu nome, dizendo-lhe que eu lhe tinha dito para ela ir à loja com ele uns instantes e outras coisas que eu já esqueci. Mas a velha mulher disse-me que a probe chorava por mim, inconsolável.

“No dia seguinte, o tenente inviô-me para esta prisão numa mula, com um par de grilhões e um maço de documentos que ele deu aos índios que me trouxeram aqui para entregar ao juiz.

“Já estou na prisão faz três meses e não sei o que vão fazer comigo, embora Lourença me tenha escrito que Culás está agora bom e saudável e bem e sempre tocando o violão. Bem, se o senhor me puder fazer um favor. Pago-vos o que for, ajuramento pelo santo do vosso nome e pelos ossinhos da vossa mãe, para mim escrever duas cartas: uma ao meu padrinho, que é o barbeiro da minha terra, para ver se ele arruma para mim essas coisas, e a (p. 471) outra pra minha alma Lourença, dizendo-lhe que já sei que ela deixou o claustro do padre e também sei que Culás ainda a persegue, que tenha cuidado, que não faça tulice, que não seja ansim. Peço que todas as coisas que saiba, senhor, que sejam postas no papel, mas como saem de sua mão, eu pagarei por isso.

Meu cliente terminou seu relatório e pedido cansado. Perguntei-lhe para quando é que ele queria as cartas.

⁹⁴⁰ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1073): “*topile*, *topil*, indígena que desempenha as funções de guarda nas prefeituras e tribunais inferiores das cidades pequenas. Em geral, está encarregado das igrejas, nas povoações e rancharias.” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1072/mode/2up?view=theater&q=topil>. Acesso em: 02 ago. 2023.

(p. 471) – Prá agora – disse-me ele –, prá agora, porque amanhã o correio parte.

– Bem, meu amigo – disse-lhe eu –, dá-me dois reais para o papel.

Ele deu-me o dinheiro imediatamente e eu mandei trazer papel. Comecei a escrever as duas cartas ridículas, que saíram como Deus quis; mas o camponês gostou tanto delas que não só deu-me por elas os doze reais que pedi, mas também deu-me algo pelo qual fiquei ainda mais grato: um pedaço de trapo que, em seus bons tempos, tinha sido um capote, agora rasgado em mil pedaços, com metade da gola em falta, e tão curto que mal chegou a meus joelhos. Qual terá sido seu estado, que seu dono o tinha perdido por quatro reais?

Aquele trapo estava em mau, péssimo estado. No entanto, senti os céus abrirem-se para mim com ele. Com os doze e poucos reais, comi, pitei cigarro, bebi chocolate, comi, e sobrou alguma coisa. Além do que, com o semicapote, dormi como um tudesco.

Pensei que minha sorte estava mudando, mas o malandro do Gaviãozinho tirou-me deste erro com uma caçoada muito pesada que me pregou, e foi como se segue.

No dia seguinte à boa aventura do capotinho, Gaviãozinho entrou em meu calabouço muito cedo, pela manhã, e, sentando-se a meu lado, muito sério e triste, disse-me:

– É muito descuido, Sr. Quitinho. A verdade é que os momentos do tempo são preciosos e não deveria ser permitido passar tão friamente, especialmente quando o perigo que vos ameaça é horrível e muito próximo. Fui vosso amigo e quero que saibais, mesmo dizendo que não tenha qualquer utilidade para mim; mas, enfim, mesmo por caridade, é necessário agitá-lo para que não sejais tão preguiçoso.

Eu, assustado e confuso, perguntei-lhe o que tinha acontecido.

– Como assim? – perguntou-me. – Bem, não sabeis (p. 472) como é que a sentença foi enviada para fora do tribunal desde ontem, para que, passados os próximos dias de festa, deem-lhe as duzentas chicotadas sob a forma de justiça pelas ruas habituais, com o gancho pendurado no pescoço?

– Santa Bárbara! – exclamei, invadido pela mais viva emoção. – O que aconteceu comigo? Dom Pedro Sarmiento receberá duzentas chicotadas? Para um fidalgo pelos quatro lados? Para um descendente dos Tagles, Ponces, Pintos,

Velascos, Zumalacárreguis (p. 472) e Bundiburis? E o mais importante, a um senhor com um Bacharelato em Artes da Universidade Real e Pontifícia, cujos diplomados gozam de tantos privilégios como os de Salamanca?

– Qual é! – disse-me o negrinho. – Agora não é momento para tais exclamações. Tem algum parente de peso?

– Sim, tenho – respondi-lhe.

– Bem, continue – disse-me o Gaviãozinho –, escreva-lhe para ele agitar o processo lá fora com suas amizades sobre o assunto e peça-lhe para enviar-vos duas ou três onças para conter o escrivão. Pode também comprar uma folha de papel timbrado, para apresentar um resumo do crime à câmara, alegando suas exceções e pleiteando a pena enquanto qualifica vossa nobreza. Mas, faça isso o mais breve possível, meu amigo, pois no atraso, reside o perigo.

Dito isso, levantou-se para ir e agradeceu-lhe muito expressivamente.

Tentando seguir seu conselho, procurei ver em minha bolsa quanto tinha para o papel, a apresentação por escrito e a carta para meu tio, o licenciado Maceta. Mas, infeliz de mim! Qual foi minha perturbação quando vi que eu mal tinha três reais e meio, faltando-me cinco!

Em circunstâncias tão apertadas, fui ver meu bom camponês e falei-lhe de meu trabalho. Pedi-lhe ajuda pela corte celestial. O pobre sujeito teve pena de mim e, com a maior generosidade, deu-me quatro reais, e disse-me:

– Lamento, (p. 473) senhor, por vossa necessidade. Não tenho mais do que isso. Ficaí com ele, que já um verdadeiro companheiro vos emprestará ou vos dará de caridade.

Peguei meus quatro reais e, quase em lágrimas, agradeceu-lhe, mas não consegui encontrar outro coração tão bondoso como o seu entre os cerca de trezentos prisioneiros que habitavam aqueles recintos. Desse modo, comprei o papel selado e meio real do comum para a carta, reservando três reais e ainda faltando um real e meio para completar a apresentação e pagar ao moço de recados.

Nesse dia, fiz meu memorial o melhor que pude e escrevi a carta a meu tio, na qual lhe relatava sobre minha desgraça; sobre a inocência que me favorecia, pelo menos em substância; sobre o estado em que me encontrava e a afronta que ameaçava toda a família. Conclui dizendo-lhe que, embora tivesse escondido meu nome, pondo o de Sancho Perez, isso não teria qualquer utilidade se me levassem

para a rua, pois todos (p. 473) me conheceriam, e nossa infâmia se tornaria manifesta. E, assim, em nome da honra de seu tio, senhor meu pai, e de seus próprios filhos e descendentes, se não fosse por mim, ele faria com que eu rendesse tal afronta, enviando-me imediatamente algo para conquistar o notário.

Fechei a carta e confiei-a ao tio Zé, o moço de recados, para que ele a levasse a meu parente. Isso foi durante as orações noturnas. No entanto, ainda faltava-me um real dos quatro que tinha de dar ao porteiro pela apresentação do escrito.

Durante a noite toda, não consegui dormir, tanto com o choque da temida flagelação quanto por calcular *bártolos*⁹⁴¹ para ver de onde eu poderia tirar aquele real tão necessário.

Foi nesses tristes pensamentos que o dia me encontrou. Comecei a fazer um escrutínio rigoroso de meus bens e a examinar minha (p. 474) roupa, peça por peça, para ver se havia alguma que valesse um real e meio. Mas, como? Se minha camisa precisava ser chamada pelos números para caber em meu corpo, meus calções dificilmente poderiam ser tirados da cintura, minhas meias eram inúteis⁹⁴², meus sapatos pareciam duas carapaças de tartaruga, só paravam em meus pés pelo respeito de um par de fitas de foguete, não conhecia o rosário, e tinha o triste retalho de capote, que me faria mais falta do que todo meu enxoval inteiro e completo.

Já estava desesperado por submeter meu escrito naquela manhã porque não tinha nada que valesse um real, quando, afortunadamente, olhei para cima e vi meu chapéu pendurado num prego. E, considerando-o uma peça útil naquela masmorra, além de ser a melhor coisa que me acompanhava, exclamei com prazer:

– Graças a Deus que, pelo menos, tenho um chapéu que me fará bem desta vez! – assim dizendo, tirei-o do gancho e vendi-o ao primeiro homem que veio ter

⁹⁴¹ Transcrição da nota 468, da edição de 2008 (p. 473, *DRAE*): “A quarta edição corrige por *cálculos*, com os quais é evitada a expressão popular “preparar os bártulos”, proveniente de Bártolo [de Sassoferrato (1314-1357)], famoso juriconsulto italiano do século XIV. De ir muito apetrechados com seus livros os estudantes, aplicou-se a voz a outros objetos. Assim, passou a significar dispor os meios para fazer/executar alguma coisa” (Nossa tradução).

⁹⁴² ***Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 205): “*No estaban útiles ni para tapar un caño* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 474), diz-se, familiarmente, de uma pessoa totalmente sem manha e inútil” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/204/mode/2up?view=theater&q=tapar>. Acesso em: 02 ago. 2023.

comigo para (p. 474) uma peseta, com a qual deixei minhas preocupações e tomei um farto café da manhã⁹⁴³.

Eram quase dez horas da manhã quando tio Zé chegou com a resposta de meu tio, que quero escrever-vos para que aprendam, meus filhos, a nunca confiar em (p. 475) amigos e familiares, mas apenas em vossa boa conduta e no pouco ou muito que adquiram por vossa honestidade arbitrária e trabalho árduo. A resposta foi assim:

“*Señor Sancho Perez*: se, na realidade, sois quem dizeis ser, e vos fizerem sair publicamente afrontoso como ladrão, acreditai que não vou me importar, pois é bom que o patife sofra a pena de seu crime. Sua cominação de que minha família será desonrada é muito frívola, pois deveis saber que, pelas leis mais recentes, a afronta só recai sobre o infrator, saindo seus outros parentes incólumes. Portanto, se fostes punido, sofri por vossa própria causa; e se fôreis inocente, como garantis, sofreis por causa de Deus, que Cristo sofreu mais por nós.

“Vossa Majestade vos acuda, como pedis. Licenciado Maceta.”

Ninguém que se considere em meu lugar precisa avaliar a impressão emotiva que essa resposta azeda causaria em mim. Basta dizer que foi tal que me fez cair prostrado, com uma febre violenta. Assim que outros perceberam meu estado, fui levado para a enfermaria para ser prontamente assistido pela caridade.

Uma vez que perceberam que eu estava, novamente, com a mente clara, o médico, que afortunadamente era hábil, tinha notado meu delírio e tinha se informado sobre minha causa. O próprio escrivão e o diretor tiraram-me do engano, pois não existia tal sentença, nem necessidade de temer o flagelamento prometido.

Então, como tirado de um túmulo, voltei à razão. Acalmei-me e comecei a recuperar minha saúde dia após dia.

Quando me recuperei, o escrivão desceu para me interrogar junto com dois cavalheiros da sala, para que eu pudesse dizer quem tinha colocado tal delírio em minha cabeça, pois eles sabiam tudo sobre minha tragédia, tanto porque eu lhes tinha contado por escrito quanto porque eles tinham lido a carta do tio, que lhes mencionei, e tinham formado a opinião de que eu tinha, sem dúvida, nascido bem e, por isso,

⁹⁴³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *de pilón* [Nossa tradução está no corpo do texto]. De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (2023, p. 765), é uma locução adverbial que significa “além disso, por acréscimo” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/764/mode/2up?view=theater&q=pil%C3%B3n>. Acesso em: 02 ago. 2023.

devem ter-se (p. 475) sentido desconfortáveis com o peso do escárnio e desejavam castigar o autor.

Com isso, o escrivão e o diretor tentaram, quando puderam, (p. 476) fazer-me entregá-lo, mas eu, considerando sua intenção, os resultados que minha denúncia poderia trazer ao Gaviãozinho, e que nenhum bem me viria ao prejudicar esse infeliz tolo, que já estava suficientemente atolado por seus próprios crimes, não o quis expor; apenas disse que, como eram tantos, não me lembrava quem ele era.

A comissão que veio não conseguiu mais nada de mim, independentemente do que tentaram. Assim, tendo formado a opinião de que eu era um tolo, foram embora.

Fiquei na enfermaria mais feliz do que na masmorra, ou porque estava melhor assistido, ou, em suma, porque aqueles que lá estavam tinham princípios normais, e cuja conversa divertia-me mais do que a dos patifes do pátio.

Quando o escrivão viu minha caligrafia escrita, gostou dela, justamente no momento em que seu amanuense foi embora. Assim, aproveitando a amizade do diretor, ele propôs-me que, se eu quisesse escrever para ele, receberia quatro reais por dia. Concordei imediatamente, mas avisei-o de minha aparência, pois estava demasiado indecente para trabalhar lá acima. O escrivão disse-me para não me preocupar e, de fato, no dia seguinte, deu-me camisa, colete, casaco, calças, meias e sapatos. Tudo de segunda mão, mas limpo e não demasiado velho.

Eu estava vestido até elegantemente, de modo que todos os prisioneiros estranharam minha nova figura, renovada. Mas, que coisa, nem eu mesmo reconheci-me ao me ver tão diferente de um dia para outro!

Comecei a servir meu primeiro mestre com tanta pontualidade, determinação e eficiência que, em poucos dias, tornei-me o dono de sua vontade. Ele tomou carinho por minha pessoa, e não só ajudou-me na prisão, como também tirou-me dela e levou-me para sua casa com ele, como poderão ver no terceiro tomo.

TOMO III

... Ninguém supunha que fosse seu o retrato, pois existem muitos diabos parecidos uns com os outros. Quem se sentir atingido, procure a autopurificação, pois isso importa mais do que criticar e examinar meu próprio pensamento, locução, ideia, ou os outros defeitos da obra.

Torres Villarroel, em seu prólogo
de *La barca de Aqueronte*.

(p. 478 ilustração) (p. 479) **Capítulo I**

No qual, Periquitinho escreve sobre como foi liberado da prisão, critica os maus escrivães e, para terminar, refere-se à razão pela qual deixou a casa do Tabajara e a seu modo infeliz de sair de lá

Certas ocasiões, para os homens, são de tal abatimento e aperto que os mais vadios não encontram outro recurso senão fingir virtudes que não têm, a fim de conquistar a simpatia daqueles de quem necessitam. Isso fiz eu, pontualmente, com o escrivão, pois, embora eu fosse um inimigo inconciliável do trabalho, vi-me confinado numa prisão, pobre, nu, faminto, sem meios para adquirir um real e temendo, por horas, um resultado fatal, por conta das suspeitas mantidas contra mim. Assim, tentei agradá-lo o máximo que pude, de tal modo que ele me mostrou cada vez mais afeto e, em quinze ou vinte dias, encerrou minhas pendências, demonstrou que não tinha testemunhas ou partes a perguntar contra mim, que a suspeita era ligeira, e quem sabe o que mais. Assim, fui libertado sem pagar quaisquer custos, e fui servi-lo em sua casa.

O nome desse meu primeiro mestre era *Don Cosme Casalla y Torrejalva*⁹⁴⁴. Os prisioneiros o conheciam como escrivão Tabajara, ou por causa da assonância desta palavra com seu apelido, ou porque ele sabia como remexer os casos. Tal foi a audácia desse homem que, numa ocasião, (p. 480) vi-o fazer algo que me deixou chocado, e até hoje estou quando escrevo o que aconteceu, como segue.

Numa noite, um ladrão, muito conhecido por seus crimes, caiu nas mãos da justiça. A elaboração do caso foi confiada para outro escrivão e não para meu mestre. Durante o interrogatório, convenceram o réu de que era necessário confessar, e assim o fez, sem se opor, já que todos seus crimes eram inegáveis. Nessa altura, uma irmã que ele tinha, que era bem-apessoada, foi ver meu amo, muito empenhada em ajudar seu irmão. Trazia para meu amo um pequeno presente, sei lá o que era. Mas meu

⁹⁴⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Don Cosme Casalla* (Fernández de Lizardi, 2008, p. 479). Páginas posteriores trazem o nome completo “*Don Cosme Apolinario Casalla y Torrejalva*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 486). Adotamos o nome “Tabajara” devido aos significados que o *Dicionário Informal* aponta: “Artigo de procedência inferior ao original, cópia, falsificado ou ainda de baixa qualidade [...] Produto falso ou de procedência duvidosa. Referência ao extinto programa humorístico *Casseta & Planeta*, que tinha uma empresa fictícia chamada Organizações Tabajara [...] Pessoa totalmente sem noção, fala muita besteira [...]”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/tabajara/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

amo desculpou-se, dizendo-lhe que não era o escrivão do caso, e que ela deveria procurar o real encarregado. A moça disse-lhe (p. 480) que já tinha ido ter com ele, em vão, porque aquele escrivão era muito escrupuloso e tinha-lhe dito que não podia proceder contra a justiça, e que nem tinha o poder de mover o coração dos juízes a seu favor. Também disse que iria prestar contas do que resultasse do caso e que os juízes pronunciariam a sentença de acordo com o que achassem conveniente; que, portanto, ele não tinha nada a fazer no caso. Ela contou que, desesperada, depois de ser dispensada, tinha ido ter com meu senhor, sabendo o quanto ele era piedoso e valioso no tribunal. Implorou-lhe que a recebesse com caridade, e que, embora fosse uma mulher pobre, ela lhe agradeceria este favor a vida toda e lhe retribuiria da forma que pudesse.

Meu mestre, que não prestava nem para o diabo, ao ouvir essa proposta, olhou com mais atenção para os olhos chorosos da suplicante, e não os achando indignos de sua proteção, ofereceu-se, dizendo:

– Vamos, garota, não chores! Aqui estou eu! Não te preocupes, não teremos derramamento de sangue por causa de teu irmão, mas...

Ao dizer “mas”, ele levantou-se e eu não consegui ouvir o que disse a ela em voz baixa. Mas a garota confirmou “Sim, *señor*”, duas ou três vezes, e foi-se embora muito animada.

Após alguns dias, numa tarde em que eu escrevia com meu amo, a mesma moça entrou, muito desesperada e, entre lágrimas e repreensões, disse-lhe:

– Não esperava isto, *Don Cosme*, nem pensei que vossa idoneidade zombaria dessa forma de uma mulher infeliz. Se eu fiz o que fiz, foi para livrar meu irmão, como vós me prometestes, até porque não falta quem queira que eu acabe apodrecendo por aí (p. 481); pobre como me vedes, não queria cair na vida indecente⁹⁴⁵, pois, se assim fosse, então teria muita gente para me livrar de minha miséria, não faltaria quem pudesse se compadecer de alguém como eu⁹⁴⁶. Amaldiçoo o momento, e a mim

⁹⁴⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *echar por la calle de en medio* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 481). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 468): “prostituir-se” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/468/mode/2up?q=calle>. Acesso em: 03 ago. 2023.

⁹⁴⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *no falta una media rota para una pierna llagada* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 481). De acordo com López y López (1931, p. 480), o refrão aponta que “sempre é possível achar corações compadecidos da indigência e miséria humanas” (Nossa tradução).

mesma, em que (p. 481) vim ter convosco, pensando que éreis um bom homem e que cumpríeis vossa palavra e....

– Segura tua língua, mulher! – disse-lhe meu mestre. – Disseste mais disparates do que palavras. O que aconteceu? O que é que tens? O que tu ficaste sabendo?

– Uma bobagem!⁹⁴⁷ – disse-lhe ela. – Que meu irmão foi condenado por oito anos ao Morro de La Habana⁹⁴⁸.

– O que é que dizes, mulher? – perguntou-lhe meu amo, todo espantado. – Mas isso não pode ser! É uma mentira!

– Que mentira, uma ova! – disse-lhe a mulher, magoada. – Acabo de me despedir dele, pois amanhã ele parte. Oh, meu irmão de minha alma! Quem poderia imaginar que isso iria acontecer depois de eu ter feito tudo o que pude por ti?

– Como assim, amanhã, mulher? Do que é que estás falando?

– Sim, amanhã! É amanhã, porque ele já foi algemado esta tarde e seu nome está na lista dos que serão levados embora.

– Bem, podes ficar tranquila – disse-lhe meu mestre –, que eu seja levado pelos demônios se seu irmão for para a prisão. Oras! Tranquiliza-te, pois teu irmão estará livre ao cair da noite.

Dito isso, a jovem saiu e meu amo encaminhou-se para a prisão. Lá, encontrou o dito prisioneiro algemado a outro para sair acorrentado no dia seguinte, de acordo com o que ela tinha-lhe dito.

O escrivão ficou mesmo desestabilizado ao ver isso, mas, pelo contrário, não descansou e, mais uma vez, executou uma de suas artimanhas. Separou o prisioneiro condenado de seu companheiro e juntou este último com um pobre índio que ali tinha caído preso por bêbado e por espancar sua mulher. (p. 482) Esse foi o infeliz que foi ao Morro de La Habana por oito anos para substituir o irmão ladrão da menina bonita, que, de uma hora para outra, ficou livre e sem custos.

⁹⁴⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *frioleira* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 481). Mesmo tendo o significado de bagatela/insignificância, nesse contexto, é utilizado como uma antífrase. Essa acepção está declarada na segunda acepção do *DRAE* (2003). Visitar: <https://dle.rae.es/friolero#IUuhxcN>. Acesso em: 12 abr. 2023.

⁹⁴⁸ ***Nota da Tradutora: Provavelmente, refere-se ao Castillo de los Tres Reyes del Morro de La Habana, uma fortaleza que foi construída entre os séculos XVI e XVII com o intuito de reforçar a segurança das colônias ultramarinas do Império espanhol. Além de concentrar guarnições militares do Império, também serviu de presídio do Grande Caribe. Para mais informações, visitar: <http://secuencia.mora.edu.mx/index.php/Secuencia/article/view/1731/2035>. Acesso em: 10 jun. 2023.

(p. 482) O irmão foi alertado para não ir à Cidade do México durante o dia, embora ele também não o tenha feito à noite, por temer que a artimanha do escrivão pudesse ser descoberta. Então, o fugitivo partiu da cidade logo que pôde, deixando, assim, o ato ilícito mais solapado.

Se o amigo Tabajara não hesitou ao cometer tal ofensa, imaginai como não seria capaz de executar um ato sem instrumentos⁹⁴⁹; como não poderia deixar de receber, conscientemente, testemunhas falsas; como não poderia atestar nos documentos coisas que ele próprio não tinha visto; como não poderia deixar de atuar como escrivão e advogado da mesma parte; como não se atreveria a convidar-me a tomar um depoimento; como não ousaria omitir colocar seu selo onde bem entendesse e fazer outras ilegalidades semelhantes? Ele fez tudo com a maior sem-vergonhice e passou por cima de todas as leis, decretos e ordens reais que lhe foram colocados em suas mãos, contanto que tivesse alguma malandragem envolvida para tirar algum proveito. Eu digo ladrão, porque ele era um homem tão corrupto que, por uma onça⁹⁵⁰, ou duas, do vil metal, e por vezes, por menos, cometia a maior picaretagem.

Para além disso, Tabajara era muito cruel de coração, um carnicheiro. O desgraçado que caísse em suas mãos por causa criminal ficava desamparado. Se fosse pobre, esse escrivão o mandava passar, pelo menos, uma temporada na prisão. Meu amo vangloriava-se disso. Julgava-se a si mesmo um homem íntegro e justo. Gabava-se de ser responsável por colocar fora de circulação um membro podre da república. Numa palavra, era, sem dúvida, um homem perverso.

Até parece que sou um ingrato repreensível por descobrir os feitos perversos de um homem a quem devi, por algum tempo, minha liberdade e subsistência; ao contrário, minha intenção não é ferir sua memória, nem falar mal de sua conduta, mas apenas refletir nela a de alguns de seus colegas de profissão, e faço isso após o aludido ter deixado de existir entre os vivos, com a consciência de não deixar nenhum

⁹⁴⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *instrumentales* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 482). Nesse contexto, os instrumentos, de acordo com a linguagem jurídica, são aqueles “documentos comprobatórios que constam dos atos processuais” (MICHAELIS, 2023). Retirado de: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/instrumento/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

⁹⁵⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *onza* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 482). De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, na quinta acepção, onça é a “moeda espanhola cujo valor era de 14.672 réis”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/on%C3%A7a>. Acesso em: 04 maio 2023.

parente a (p. 482) ser injustiçado. É normal que os homens pensantes me desculpem por essa nota, ainda mais quando sabem que o favor que ele me prestou não foi para me fazer o bem, mas para tirar proveito de minhas habilidades a baixo custo. Eu o servi por quase um ano. À (p. 483) exceção de ter recebido quatro trapos velhos e um real ou dois para comprar cigarros, posso assegurar-vos de que eu não era diferente daqueles condenados que trabalhavam por comida e sem remuneração. Embora ele tivesse me oferecido quatro reais por dia, tudo ficou apenas em promessas.

No entanto, não devo deixar passar em silêncio que, graças a ele, aprendi todos seus maus truques *pro famatior*⁹⁵¹, como dizem os rapazes estudados; isso quer dizer que os aprendi bem e saí muito bom aluno na arte da cabala⁹⁵² com a caneta.

No pouco tempo que eu vos disse, fiquei versado em como conceder uma procuração, redigir uma escritura, anular⁹⁵³ documentos, incriminar um réu ou defendê-lo, redigir uma sumária, concluir um julgamento e fazer tudo o que um escrivão pode fazer, mas tudo mais ou menos, como a maioria faz, ou seja, por rotina, por formulários e por hábito ou imitação. No entanto, eu não compreendia quase nada do que fazia, exceto quando agia com particular malícia, porque aí estava ciente do mal que fazia e do bem que não fazia; mas, de resto, não era mais do que um *quase-*

⁹⁵¹ Nota da Tradutora: “Os mais famosos” (Nossa tradução).

⁹⁵² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cábala* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 483). Acreditamos que o sentido utilizado, no contexto, corresponde à terceira acepção do *DRAE* (2023), “intriga, maquinação” (Nossa tradução). Na língua portuguesa, cabala, de acordo com o dicionário *Michaelis*, na quarta acepção, significa “Conluio ou pacto secreto entre pessoas ou grupos, com o objetivo comum de prejudicar alguém ou determinar o fracasso de algo; maquinação, trama”. Disponível em: <https://dle.rae.es/c%C3%A1bala?m=form> e <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cabala/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

⁹⁵³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *chancelarla* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 483). Contrário ao significado na língua portuguesa, de “carimbar, referendar, sancionar” (*Michaelis*), o *Tesoro de los diccionarios históricos de la lengua española* (1933-1936, p. 136), mostra que o termo *chancelar* significa *cancelar*. O dicionário *Definiciones-de* confirma esse sentido: “Anular um instrumento público, uma inscrição em registro, uma anotação ou uma obrigação que detém autoridade ou força” (Nossa tradução). Desse modo, o sentido seria de cancelar documentos. No entanto, trata-se de um termo em desuso. Ele não aparece mais no *DRAE*. Disponível em: <https://www.rae.es/tdhle/chancelar>, <https://www.definiciones-de.com/Definicion/de/chancellor.php> e <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/chancelar/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

escrevente *judiciário*⁹⁵⁴ ignorante (p. 483) e um funcionário perverso de escassa competência⁹⁵⁵.

Com todas essas circunstâncias louváveis, meu mestre confiou em mim sem o menor escrúpulo. Vedes, quem melhor para confiar do que um discípulo que tinha bebido de seu princípio vital?

Um dia, quando ele não estava em casa, eu ocupava-me em redigir uma escritura de venda de uma certa propriedade que uma *señora* ia alienar⁹⁵⁶. Estava quase terminando quando *Don Severo*, um homem sábio e hipocondríaco, veio à procura de meu mestre Tabajara. Assim que se sentou, perguntou-me sobre meu amo, e disse-me imediatamente:

– O que é que fazeis?

Eu, que não conhecia seu carácter, nem sua profissão, nem sua erudição⁹⁵⁷, respondi que estava elaborando uma escritura.

– Então – continuou ele –, estais a passá-la para testemunho ou a emitir o original?

– Sim, *señor* – disse-lhe eu –, estou fazendo o último que mencionou, emitindo o original.

– Bom, bom – (p. 484) disse-me ele. – Que tipo de escritura é?

– *Señor* – respondi-lhe –, é para a venda de uma propriedade.

⁹⁵⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *semicurial* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 483). De acordo com o *DRAE* (2023), o *curial* “é um serviço subalterno que trabalha nos tribunais de justiça, que se ocupa em ativar, nos tribunais, a expedição dos assuntos alheios” (Nossa tradução). O *curial*, nesse sentido, trabalhava com o que hoje conhecemos como o que o escrevente técnico judiciário realiza: “O trabalho do escrevente técnico judiciário também consiste em elaborar documentos (cartas, certidões, relatórios, ofícios, etc.) e preservar a integridade dos processos” (Santana, 2020). Retirado de: <https://gabarite.com.br/dica/436-tecnico-judiciario-o-que-faz-quanto-ganha-e-o-que-estudar?> e <https://dle.rae.es/curial?m=form>. Acesso em: 16 abr. 2023.

⁹⁵⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cagatintas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 483). De acordo com o *DRAE* (2023), “*cagatintas*, sinônimo de *chupatintas*; trata-se de um termo coloquial despectivo, e significa funcionário de pouca qualidade ou importância” (Nossa tradução). Ver: <https://dle.rae.es/cagatintas?m=form>, <https://dle.rae.es/chupatintas#5Av2wYc> e <https://dle.rae.es/categor%C3%ADa>. Acesso em: 16 abr. 2023.

⁹⁵⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *enajenar* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 483). De acordo com o *DRAE* (2023), significa “Vender ou ceder a propriedade de algo ou outros direitos”. Retirado de: <https://dle.rae.es/enajenar?m=form>. Acesso em: 16 abr. 2023.

⁹⁵⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *lucos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 483). De acordo com o *DRAE* (2023), na sexta acepção, “modelo, pessoa ou coisa capaz de ilustrar e guiar” (Nossa tradução). O termo é usado no sentido de não conhecer o nível de inteligência/esclarecimento do *Don Severo*. Para mais informações, visitar: <https://dle.rae.es/luz#NkAteAU>. Acesso em: 16 abr. 2023.

(p. 484) – E quem outorga a escritura?

– A *Señora* Damiana Acevedo.

– Ah, sim! – disse-me o advogado. – Conheço-a muito bem. Ela é minha parente, está prestes a se casar, faz tempo que é noiva de meu primo Baltasar Orihuela. A propósito, ela é uma moça que se importa muito com a moda, é bem dissipadora. O quê? Ela já está no estado de vender as propriedades que poderia trazer em dote? Embora, nesse caso, eu não saiba como ela fará para outorgar a escritura. Nesse caso, se puder ler para mim, por gentileza!

Eu, incontido⁹⁵⁸, sem saber com quem falava, li a escritura, que dizia nada mais, nada menos do que o seguinte:

“Na Cidade do México, a 20 de julho de 1776, perante a mim, o escrivão e as testemunhas, Damiana Acevedo, residente da Cidade do México, outorga a escritura: que, por si e em nome de seus herdeiros, sucessores e filhos, se tiver algum, vende para sempre para *Don* Hilario Rocha, natural da Villa del Carbón e residente desta capital, e a sua família, uma casa, localizada na rua do Arco, da mesma cidade, que lhe pertence por herança de seu falecido pai, *Don* José María Acevedo; composta por quatro cômodos superiores, que são sala, quarto, serviço e cozinha; um cômodo inferior, um palheiro e um estábulo; tem quinze pés de fachada e trinta e oito pés de profundidade, todos eles mencionados na respectiva cláusula do testamento de seu falecido pai, cujo título pertence à concedente, que declara e assegura não a ter vendido, alienado e penhorado, e que está livre de tributo, memória, capelania, vínculo hipotecário, patronato, caução, censo, hipoteca e de qualquer outro tipo de ônus; que lhe doa com toda sua fábrica, entradas, saídas, usos, costumes e servidões, sob a forma de direito, em quatro mil pesos em moeda corrente e carimbada com o selo mexicano, que recebeu a seu contento. A partir deste dia e para sempre, abdica, desprende-se, desresponsabiliza-se, desiste, desquita-se e afasta seus herdeiros e sucessores da propriedade, do domínio, do título, da voz, do recurso e qualquer outro direito que corresponda à referida casa, e cede, renuncia e (p. 485) transfere-a integralmente com as ações reais, pessoais, úteis, mistas, diretas, executivas e outras

⁹⁵⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Yo, hecho un salvaje* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 484). Acreditamos que, nesse contexto, o sentido para *salvaje* é adjetivo coloquial para “uma atitude ou situação que não está controlada ou dominada” (DRAE, 2023) (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/salvaje?m=form>. Acesso em: 16 abr. 2023.

que lhe (p. 485) correspondam, ao já citado *Don Hilario Rocha*, a quem confere poder irrevogável com administração livre, franca e geral, e que ele mesmo constitua-se como procurador que atua em seu próprio interesse, para que possa usufruir da propriedade, e, sem dependência ou intervenção da vendedora, o comprador possa trocar, alienar, utilizar e dispor dela como coisa própria adquirida com título legítimo, e tomar e apreender de sua autoridade, ou judicialmente, ocupação e posse verdadeira, que, em virtude deste instrumento, pertence-lhe. E, para que o comprador não precise tomá-la, e para que este possa provar a propriedade ser sempre sua, a vendedora formaliza, a seu favor, esta escritura, da qual lhe entregarei uma cópia autorizada. A vendedora declara também que o preço e o valor justos dos referidos bens são os declarados quatro mil pesos, e que não vale mais do que esse montante, pois não encontrou ninguém que pagasse mais; e, se valesse mais ou que se pudesse valer mais, a vendedora faz uma doação pura, perfeita e irrevogável do excesso, que a lei chama *enquanto vivos*⁹⁵⁹, em favor do mencionado Rocha e seus herdeiros, renunciando, para isso, à lei I, título XI, livro 5 da *Recopilación*⁹⁶⁰, e às leis que tratam desse assunto, elaboradas nos tribunais de Alcalá de Henares⁹⁶¹, bem como a de *dinheiro não contabilizado*⁹⁶², a do *senatusconsulto Veleyano*⁹⁶³, e submete-se à jurisdição dos juízes e pessoal da justiça de Sua Majestade, renunciando às leis *si*

⁹⁵⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, *inter vivos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 484).

⁹⁶⁰ **Nota da Tradutora: O documento jurídico chamado *Recopilación*, dividido em XII livros, apresenta recopilação do documento inicialmente publicado sob o reinado de *Don Felipe II*, em 1567, com incorporações de cédulas, decretos, ordens e resoluções reais elaboradas até 1804, por mandato de Carlos IV. A publicação foi feita em Madri, entre 1805 e 1829, pela imprensa de Julián Viana Razola. Mais detalhes em: <https://archive.org/details/BRes002062/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 17 abr. 2023.

⁹⁶¹ Nota da Tradutora: Alcalá de Henares é uma cidade histórica espanhola com vestígios de ocupação humana que remontam à época pré-histórica. Para mais informações, visitar: https://cvc.cervantes.es/artes/ciudades_patrimonio/alcala_henares/historia_tradicion/historia_01.htm e <https://www.madrid.org/bvirtual/BVCM002451.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

⁹⁶² Nota da Tradutora: Lê-se, *non numerata pecunia* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 485).

⁹⁶³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, tal qual, *senadoconsulto Veleyano*. O *Senatus Consultum Velleianum* é uma resolução aprovada pelo Senado romano a pedido de um cônsul anônimo em meados do século I. Na internet, pode ser achado com as seguintes grafias: *senadoconsulto*, *senátus-consultos*, *senatus consultum*. Retirado de: <https://academia-lab.com/enciclopedia/senadoconsulto-veleyano/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

*qua mulier*⁹⁶⁴, a de *si convenerit* (p. 485) *de jurisdictione omnium judicum*⁹⁶⁵, e tantas outras leis quantas forem encontradas a seu favor, para si e para seus herdeiros, obrigando-se, ainda, a que ninguém perturbe ou mova uma ação com respeito a sua posse ou gozo da referida casa. E, se ainda precisar perturbar ou mover uma ação contra ele, ou caso aparecer qualquer ônus, depois que a vendedora, seus herdeiros e sucessores forem intimados por lei, eles estão legalmente obrigados a defender e continuar o novo processo, assumindo as despesas, em todas as instâncias e em todos os tribunais, até sua execução, e deixar livre o comprador, para quem são concedidos o uso e a pacífica posse. Caso contrário, a vendedora, seus herdeiros e sucessores são obrigados a dar outra propriedade igual em valor, fábrica, lugar, renda e conforto, ou, se não for possível, estarão obrigados a devolver a quantia paga, junto com o adicional pelas melhorias úteis, precisas e voluntárias que possui a propriedade até esta data, o maior valor adquirido com o tempo, todos os custos e despesas pelos danos consequentes, com juros, por tudo aquilo que só poderão executar em virtude desta (p. 486) escritura e juramento tomado da possuidora ou representante a quem seu valor deve ser relegado, aliviando-o de posteriores comprovações. Por conseguinte, e observando todas as disposições acima mencionadas, ela vincula a sua pessoa e bens, presentes e futuros, todos os quais ela submete aos juízes e magistrados de Sua Majestade, de modo que seja compelida a cumprir essas disposições, como se fossem sentenças proferidas, consentidas e não apeladas em nenhuma instância, renunciando a seu próprio foro, domicílio e vizinhança como prescrita pela lei geral. Ela assim declara. Estando presente *Don Hilario Rocha*, que atesto conhecer, tendo sido instruído sobre o conteúdo deste instrumento, suas qualidades e condições, disse: que ele aceitava e aceitou a compra da referida casa tal como descrito neste documento, e que ele se obriga a...”

– Basta! – disse-me o licenciado Severo. – Eu preciso de um copo de água bem grande para ouvir um instrumento tão cansativo, e, mais do que cansativo, ridículo e mal feito. Vós, camarada, compreendeis alguma coisa do que incluístes no texto? Conheceis aquela senhora? Sabeis a que leis ela renuncia e ...?

⁹⁶⁴ Nota da Tradutora: Também, do direito romano, sobre as obrigações do contrato, onde declara-se “nulas em todos os casos as intercessões das mulheres casadas em favor de seus maridos”. Para mais informações, visitar: <https://www.derechoromano.es/2016/11/obligaciones-contrato-verbal.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

⁹⁶⁵ Nota da Tradutora: “Se de acordo com a jurisdição de todos os juízes” (Nossa tradução).

Nesse (p. 486) momento, meu mestre Tabajara entrou, e, diante das perguntas impostas a mim pelo advogado, disse-lhe:

– Este rapaz tem pouco para vos responder porque ele não é mais do que um simples copista aplicado. A escritura que acabastes de ouvir foi feita pelo rascunho que deixei e seguindo o exemplo dos que ele me viu fazer. Além disso, por ter uma memória feliz, ele lembra de tudo facilmente.

É necessário advertir que, até esse momento, nem eu nem meu mestre sabíamos que esse tal de Severo era advogado, acreditando que era um pobre homem que estava lá para nos fazer perder o tempo.

Com esse erro, meu mestre, que, sendo tão ignorante, era ainda pior em arrogância, achou que poderia atordoar o visitante e ganhar alguma fama à custa de soltar desatinos com presunção, como ele costumava fazer; e assim acrescentou:

– O cavalheiro pode tirar dúvidas comigo. Eu vos deixarei completamente satisfeito. Acredito que deveis ter notícia de quem sou, já que viestes a minha procura; mas, se não, sabeis que sou *Don Cosme Apolinário Casalla y Torrejalva*, escrivão real e *receptor*⁹⁶⁶ desta Real Audiência⁹⁶⁷, para servi-lo.

– Já sei de vossa habilidade e talento, meu *señor!* – disse-lhe o advogado. – Eu mesmo felicito a fortuna que me levou à casa de um homem de tantas conquistas, ainda mais (p. 487) porque gosto muito de apreender o que não sei e estou sempre pronto a pedir àqueles que sabem mais para tirar-me de minha ignorância. Em virtude disso, e antes de lidar com o assunto pelo qual estou aqui, gostaria de vos fazer algumas pequenas perguntas que tenho ouvido durante dias e que não compreendi.

– Já vos disse, meu amigo – respondeu-lhe Tabajara, com sua habitual arrogância –, para perguntardes o que quiser. Terei todo o prazer em esclarecer vossas dúvidas.

– Bem, senhor – continuou o advogado –, por gentileza, diga-me: o que significam essas renúncias que se fazem nas escrituras? O que é que significa a lei *si qua mulier*? O que é isso de *sirve a me*? O que significa o *si convenerit de jurisdictione*

⁹⁶⁶ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *receptor* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 486). De acordo com o *DRAE* (2023), o *receptor* era um “escrivão comissionado pelo tribunal para fazer as cobranças e receber provas de outros atos judiciais” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/receptor?m=form>. Acesso em: 19 abr. 2023.

⁹⁶⁷ Transcrição da nota 3 (2004, p. 245): “A Real Audiência funcionava como o corpo judicial e legislativo que governava a província colonial do México. Estava composta por vários *oidores* (juizes) e era presidida pelo vice-rei da Nova Espanha” (Nossa tradução).

omnium judicum? (p. 487) Qual é o benefício *Veleyano senato consulto* a que as mulheres renunciavam? O que significa *non remunerata pecunia*? O que significa *renunciar a minha própria jurisdição, domicílio e vizinhança*? O que é a lei I, título XI do livro 5 da *Recopilación*? E, por fim: quem pode ou não outorgar escrituras? Que leis podem ser renunciadas e quais não o podem? E o que são ou qual é a finalidade das testemunhas chamadas instrumentais?

– Fizestes tantas perguntas – disse-lhe meu mestre –, que não é muito fácil responder a todas elas sem prolixidade. Mas, para vosso sossego, sabei que todas essas leis que são renunciadas são velharias que não têm qualquer utilidade, e que, por isso, nós, escrivães, não esquentamos nossas cabeças para as saber, porque conhecer as leis cabe aos advogados, não a nós.

“O que acontece é que, como agora é habitual colocar essas locuções latinas em atas e outros instrumentos públicos, nós, escrivães, atualmente, colocamo-las. Acredito que, daqui a um século, aqueles escrivães que ainda estarão vivos colocá-las-ão com o mesmo entendimento sobre elas que os primeiros escrivães do mundo; mas, como eu disse, conhecer e ignorar essas picaretagens não tem importância. Concordais?

“Quanto à vossa pergunta, sobre quem pode outorgar escrituras, devo dizer-vos que, exceto para os loucos, todo mundo. Eu, pelo menos, fá-lo-ei a favor daquele (p. 488) que me paga dinheiro, seja a pessoa que for, e se ele tiver algum impedimento, verei como afastá-lo e o deixo qualificado. Deu para entender?

“Ultimamente, as testemunhas instrumentais são testas de ferro⁹⁶⁸, ou melhor, nomes fictícios; pois, se João quer vender e Pedro quer comprar, que lhes interessa se há ou não testemunhas em seu contrato? Então, como vós podeis ver, eu, muitos de meus colegas e quase todos os alcaides-mores, tenentes e juízes das cidades pequenas, estendemos esses instrumentos, sozinhos, em nossas casas e tribunais.

⁹⁶⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *testas de hierro* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 488). Acharmos as variantes históricas “*cabeza de hierro*” e “*testa de ferro*” no *Diccionario de autoridades* (1739, t. VI). Atualmente conhecido como “*testaferro*” (DRAE, 2023), o termo é definido pelo tomo II do *Diccionario de autoridades* (1729) da seguinte forma: “entre os homens de negócios e comerciantes, é chamada a pessoa em cujo nome o negócio é tratado, acordado e ajustado, e que figura como o principal na escritura e no registro; embora na realidade não o seja e não tenha nenhuma participação nele. Parece ter sido tomado do termo toscano ‘*Testa de ferro*’, que tem o mesmo significado. Também é chamado de ‘*Capa rota*’. Em latim: ‘*Fictum alicuius nomen*’” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/testaferro?m=form> e <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 03 ago. 2023.

Assim, (p. 488) quando, no documento, dirigimo-nos às testemunhas, escrevemos que *Don Pascásio*, *Don Nicásio* e *Don Epitácio* presenciaram o ato, embora não existam tais nomes em vinte léguas. A questão é que, no final, as escrituras serão concedidas, as propriedades, vendidas, receberemos nossos direitos na troca e ninguém, exceto aquele que conhece essa frioleira, incumbe-se de nos admoestar por qualquer coisa.

“Isto é tudo o que tenho a dizer sobre o particular, meu amigo. Vede se há mais alguma coisa a perguntar e vos responderemos *em termos*, camarada, *em termos*”⁹⁶⁹.

O advogado levantou-se de sua cadeira, meio que gaguejando, furioso e com o olhar de um cão raivoso, e disse para meu mais ilustre mestre:

– Bem, señor *Don Cosme Torrejalva*, ou *Tabajara*, ou *piracajara*, ou como for vosso nome, saiba que quem vos fala é o advogado *Don Severo Justiniano*, advogado também desta Real Audiência, na qual me vereis empossado em breve, e saberá, se não quiser saber antes, que sou doutor em ambos os direitos, civil e penal⁹⁷⁰, de modo que não vos falei com mera gabolice como vós fazeis. Com certeza, neste quesito, digo e repito, que sois um homem cheio, não de sabedoria, mas de malícia e ignorância. Seu bárbaro! Quem ajuramentou-vos como escrivão? Quem vos examinou? Como soubestes enganar a ordem? Foi, talvez, respondendo (p. 489) a perguntas decoradas, comuns ou previamente avisadas? Ou conseguistes satisfazer hipocritamente os casos difíceis que vos propuseram?

“O vulgo, que não é muito equânime em seus julgamentos, culpa e olha com desinteresse, e até mesmo com ódio, uma profissão tão nobre, porque confunde escrivães eruditos e temerosos das leis com os bandidos criminosos. O povo está cansado da existência gritante de trapaceiros. Tudo graças a pessoas como vós mesmo e outros escrivães ou receptores, tão patetas⁹⁷¹ e maliciosos.

“Precisamente, señor! O ofício de escrivão é honroso, nobre e decente. As leis designam essa função com os adjetivos *pública* e *honrada* e prescrevem que ‘aquele que a exerce deve ter boa reputação, ser um homem livre e cristão’. As leis declaram

⁹⁶⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, *in terminis* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 488).

⁹⁷⁰ Nota da Tradutora: O texto, em castelhano, não informa de quais direitos se trata. A personagem afirma, apenas: “*soy doctor en ambos derechos*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 488). Frye (2004, p. 246), como nós, também adiciona: “*I am a doctor in both civil and criminal law*” [Nossa tradução: sou doutor em ambos os direitos, civil e penal].

⁹⁷¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tan pelotas* – [Nossa tradução se encontra no corpo do texto]. De acordo com López y López (1931, p. 473), *ser pelota* significa “ser pateta” (Nossa tradução).

que a nomeação (p. 489) de escrivães é da atribuição dos Reis, pois, neles, é depositada a tutela e a lealdade das cartas elaboradas na Corte do Rei e nas cidades e nas vilas. Os escrivães atuam como testemunhas públicas nos pleitos e nos convênios (pactos) que os homes combinam entre si. As leis ordenam que, para serem admitidos a exercer o referido cargo, os candidatos *precisam encaminhar, para verificação do Procurador Síndico*,⁹⁷² *diante das Justiças, o comprovante de endereço, limpeza de sangue, legitimidade, fidelidade, habilidade, boa vida e costumes*⁹⁷³.

“Justamente, amigo, trata-se de um ofício honrado, de tal forma que nada impede esses oficiais, como alguns pensam, de serem considerados cavaleiros e de adornarem seus peitorais com a cruz de um hábito, desde que não falem aos outros quesitos necessários para o caso, dos quais temos exemplares. Isso não é nada de particular ou violento se se considerar que um escrivão é *depositário da autoridade do Soberano, da confiança pública, a quem, tanto dentro, como fora do tribunal, deve lhe ser dada plena fé e crédito na medida em que atua como tal*.

“Não é, então, uma tristeza, que uma profissão tão notável na sociedade tenha sido maculada pela desordem, tolice e roubalheira⁹⁷⁴ de quatro vigaristas? Manchada, pelo menos na opinião (p. 490) de muitos, mas poucos sabem bem que, em palavras de um certo autor vigente, *o abuso de um ministério tão decoroso, assim como aos outros da República, não deveria degradar a estimacão e o apreço que lhe é devido*.

⁹⁷² **Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *procurador síndico* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 489). O cargo de síndico nasceu ao redor do século XVIII, com Carlos III de Espanha, como “um cargo municipal espanhol que recebia o nome de *síndico personero del común*” (Egea Hernández, 2021) e tinha o propósito de dar voz ao povo. De acordo com o dicionário *Aulete Digital* (2023), o *procurador síndico* é o “antigo magistrado ou procurador de cortes, comunidades etc”. Disponível em: <https://procuradorlorca.wordpress.com/2021/02/19/que-es-el-procurador-del-sindico/> e <https://www.aulete.com.br/s%C3%ADndico>. Acesso em: 28 abr. 2023.

⁹⁷³ Nota do Autor: Tomado de *Febrero*, prólogo (Fernández de Lizardi, 2008, p. 489, nota a, itálico do autor) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Fernández de Lizardi, de acordo com Ruiz Barrionuevo (2008), cita aqui, amplamente, José Febrero (1733?-1790), a obra *Librería de escribanos e instrucción jurídica teórico-práctica de principiantes* (1825) [Nossa tradução: Manual de escrivães e instrução jurídica teórico-prática de iniciantes]. A obra é conhecida pelo apelido de *Febrero*, assim como acontece com o *Larrouse*. Ruiz Barrionuevo (2008, p. 489), na nota 482, sugere ver a nota 425 [da obra mencionada de Febrero]. Frye (2004, p. 247), na nota 4, afirma que a primeira edição da obra foi publicada em 1786. Por outro lado, é possível acessar a sexta edição, de 1826, publicada em Madri, pela imprensa de Don Fermín Villapando, que está disponível em: <https://archive.org/details/libreradeescrib00febrgoog/page/n28/mode/2up>. Acesso em: 28 abr. 2023.

⁹⁷⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ratería* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 489). De acordo com o *DRAE*, (2023), “furto de coisas de pouco valor, feitos especialmente com manha e cautela; vileza, baixeza ou ruindade nos tratados ou negociações” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/rater%C3%ADa?m=form>. 28 abr. 2023.

(p. 490) “Aquela escrituração que elaborastes, ou mandastes elaborar, é uma bagunça de simplezas que nem vale a pena ser criticada. Nela, está estampada vossa ignorância, tanto como se vós mesmo a estivésseis confessando. De maneira que ainda continuais convencido de que escrivães não precisam conhecer a lei e que isto é apenas para advogados? Lamento informar, mas não é assim, *señor*. Os escrivães devem, também, estudá-las a fim de desempenharem conscienciosamente seu cargo. *É impossível exercer o cargo de escrivão, diz Don Marcos Gutiérrez, sem conhecer muito da jurisprudência; caso contrário, serão cometidas infinidades de absurdos... que, por sua vez, darão origem a litígios dispendiosos e intermináveis, dos quais inúmeros cidadãos são vítimas em seus bens e direitos*⁹⁷⁵.

“Esta é uma afirmação muito evidente; aliás, vede em quantos desperdícios e nulidades incorrestes neste documento ridículo que forjastes. Vós citais e abdicais de leis que não são relevantes ao caso, e nisso manifestais vossa ignorância, ao mesmo tempo que omitis mencionar a idade daquela *señora*, circunstância primordial para que a escritura seja válida, pois ela tem mais de 25 anos, não é casada nem filha de família, tem a livre administração de seus bens e pode outorgar para si própria o mesmo que qualquer homem livre. Por isso, a abdicação que fazeis em nome do *Benefício do Senatu consulto Velejano* é absurda, pois não vem ao caso aqui nem favorece a *señora* em nada. Sabeis que essa lei foi instituída em Roma, pelo cônsul Velejo, a favor das mulheres, de modo que elas não podem ser vinculadas ou sair como fiadoras de qualquer pessoa. Mas, para que possam sê-lo, sendo o caso, é necessário que elas renunciem a essa lei romana, ou melhor, às patriarcais que lhes favorecem, para possibilitar que o contrato seja válido. A partir daí, elas terão a obrigação de cumprir o que assinaram; mas quando, sendo habilitadas por lei, vincularem-se a si próprias e a seus próprios interesses, tal cláusula é desculpada, porque, então, nenhuma lei as isenta da obrigação que lhes foi dada.

(p. 491) “Isso pode-se dizer das outras abdições descabidas que colocastes, tais como as de *si qua mulier, sive a me*, etc. Isso assim o é porque elas são atribuídas para garantir os bens de mulheres casadas ou por causa do dote; para, assim, só a

⁹⁷⁵ Nota do Autor: “[Retirado de] *Febrero ilustrado*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 490, nota b) (Nossa tradução).

elas favorecer. (p. 491) Portanto, só elas podem renunciar a seu direito. Estas leis não servem, assim, para donzelas ou solteiras, como *Doña Damiana Acevedo*.

“Mas, para vós entenderes a extensão de vossa ignorância – e a de todos vossos companheiros que elaboram instrumentos e lhes inserem latinismos macarrônicos⁹⁷⁶, leis e abdições sem compreenderem seus significados, mas apenas por tê-los visto nos protocolos de onde tiraram essas expressões –, prestai atenção: o texto diz que vendeu a casa por quatro mil pesos, que o comprador recebeu a seu contento e logo diz que renuncia à lei dos *non numerata pecunia*. Se vós soubésseis que essa lei fala de dinheiro não contado, e não de dinheiro contado e recebido, não cometeríeis tal erro.

“Por último, colocar como instrumentais qualquer nome que se queira durante a elaboração do instrumento, como acabastes de afirmar, sem explicar às partes as cláusulas e as leis a que renunciavam, tudo isso pode anular a escrituração se continuar a cometer essas insipiências; porque é dever indispensável dos escrivães instruir perfeitamente as partes a respeito do que chamais *antiguidades*; mas se, ‘regularmente, os escrivães⁹⁷⁷ conhecem pouco, ou até menos, o conteúdo das leis abdicadas, do que as próprias partes, como podemos ter certeza de que eles garantem aquilo que acreditamos que ignoram? Teremos de chamar o escrivão a julgamento, para verificar se ele se inteirou bem das partes do conteúdo das referidas leis, para ver se ele responde corretamente, de forma que possamos acreditar que, de fato, participou corretamente das partes; e, do contrário, se ele não se explicar, para que precisemos fazê-lo, porque assim seria melhor?’.

⁹⁷⁶ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *latinajo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 491). O termo aparece no *DRAE* (2023), com duas acepções, sendo que o termo despectivo, coloquial, traz os significados de “latim ruim e macarrônico; voz ou frase latina utilizada no castelhano” (Nossa tradução). Após rápida pesquisa na internet, não encontramos um equivalente no dicionário de língua portuguesa, mas apenas o adjetivo “macarrônico”. Para mais informações, visitar: <https://dle.rae.es/latinajo?m=form> e <https://www.aulete.com.br/macarr%C3%B4nico>. Acesso em: 29 abr. 2023.

⁹⁷⁷ Nota do Autor: “[Retirado de:] ALIAGA, *Espejo de escribanos*. Tomo II, cap. I, cláusula 13, folha 62” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 491, nota c) (Nossa tradução). Transcrição da nota 483, da edição de 2008 (p. 491, retirado de Spell, 1971, p. 163): “Manuel Aliaga Bayol y Salas Guasqui, *El escribano perfecto, Espejo de escribanos*. Tarragona, 1788-1799”. **Nota da Tradutora: Essa obra apresenta as regras que, teórica e metodologicamente, na prática, devem seguir e guardar os escrivães nos autos e nas escriturações que receberem e autorizarem. Disponível em: <https://patrimonioidigital.ucm.es/s/patrimonio/item/652319>. Acesso em: 29 abr. 2023.

(p. 491) “Por isso, *Señor Casalla Torrejalva*, a estudar, a estudar⁹⁷⁸, sede um bom homem, porque é doloroso ver que, por vossas faltas, e por outras como as vossas, os bons escrivães sofrem o vexame dos (p. 492) ignorantes. O assunto pelo qual estou aqui requer um escrivão com mais capacidade e conduta que a vossa. Portanto, estou determinado a não o confiar a vós. Estudai mais e sede mais correto, para não vos faltar comida com mais descanso e paz de espírito. E vós, meu camarada (disse-me ele), estudai também se quiseres seguir essa profissão e não aprendais a roubar com vossa caneta, pois, assim, não sereis mais do que uma ave de rapina. Adeus, *señores*!

Mal se foi o advogado, depois de ter acabado de repreender meu mestre, e este ficou tão atordoado que não sabia se estava no céu ou na terra, como ele me disse depois.

Lembrei-me muito de meu primeiro mestre de escola, quando também passou vergonha similar com o clérigo; porém, meu mestre não era de se afogar em pouca água, ao contrário daquele sem vergonha, que era muito insolente; assim, ele escondeu seu desconforto com muita elegância e, uma vez recuperado, disse-me:

– Sabes, Periquitinho, por que aconteceu essa charlatanice do advogado? Bem, sabes que é pela mesma razão pela qual um gato não gosta de ser arranhado por outro. Esses fulaninhos letrados são muito invejosos; não conseguem ver olhos noutra cara e gostariam de ser eles sozinhos os advogados, juízes, agentes, relatores, procuradores, escrivães, e até mesmo meirinhos⁹⁷⁹ e carrascos, para poderem papar os litigantes de corpo e alma.

“Olha só o espertinho do Severo, a pregação que nos enfiou. O hipócrita se fazendo de erudito. Como se fosse a mesma coisa costurar um escrito com quarenta textos que elaborar um instrumento público. Aqui é que, simplesmente, dá para perceber a diferença do trabalho entre um advogado e um escrivão: a escrita do primeiro é jogada fora, se ele for nos regalar com uma, por inútil, e o instrumento que nós autorizamos é guardado e protocolizado.

978 Nota da Tradutora: O texto em castelhano repete *aplicarse, aplicarse* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 491).

979 Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *corchete* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 492). De acordo com a sexta acepção do *DRAE* (2023), “agente de justiça encarregado de apreender os delinquentes” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/corchete?m=form>. Acesso em: 29 abr. 2023.

(p. 492) “O advogadinho fica chocado com o que não compreende; mas não teme deixar um litigante na miséria. Sim, agora conheço ele! Ah, sim! Acha que pode me enganar⁹⁸⁰! Não falo apenas dele, mas também dos outros de toga. Sabes por que decidi ficar calado? Bem, porque é mais complexo do que parece⁹⁸¹, e, além disso, receio que ele possa vir a ser o conselheiro de Sua Excelência, ou talvez o ouvidor⁹⁸², e não quero expor meu trabalho, porque esses velhacos não deixam um livro sem abrir, nem uma prateleira sem mexer. Se eu não tivesse (p. 493) me comportado assim, teria tido a oportunidade de ver suas malcriações. No entanto, deixe-o voltar outro dia aqui, em minha casa, para me dar dor de cabeça; quem sabe, mais adiante, não estarei disposto a lhe suportar e ele sairá fugindo como um rato que abandona o navio.

Assim que meu mestre desabafou comigo, abriu sua pequena prateleira, refrescou-se com uma boa bebida do *refino*⁹⁸³ de Castela e partiu para apostar nos *albures* enquanto chegava a hora de comer.

Embora eu tivesse ficado muito impressionado com as razões dadas pelo advogado, algo me fez esquecer o sarcasmo e as mentiras do Tabajara. Isto é, o fato de que eu me propus a não sair de seu lado até conseguir um cargo de funcionário escrivão de nível médio; mas nem tudo o que a gente quer, pode-se fazer.

Às duas horas da tarde, meu mestre voltou animado porque não tinha perdido no jogo. Arrumei a mesa e, depois de comer, ele foi fazer a *siesta*. Enquanto isso, fui

⁹⁸⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *¡bonito yo para que me diera atole con el dedo!* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 492). De acordo com López y López (1931, p. 464), a expressão coloquial *dar atole con el dedo* significa “enganar, embaucar” (Nossa tradução).

⁹⁸¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *porque es muy caviloso* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 492). De acordo com o DRAE (2023), *caviloso* significa: “aquele que, por que é extremadamente suspeito, pela desconfiança e apreensão, deixa-se preocupar com alguma ideia, portanto, dá-se ao assunto excessiva importância e se deduz dele consequências imaginárias” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/caviloso?m=form>. Acesso em: 30 abr. 2023.

⁹⁸² **Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *oidor* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 492). De acordo com o dicionário *Aulete Digital* (2023), no português brasileiro, o termo é antigo e histórico, *ouvidor*, pois trata-se de um magistrado com as funções [durante a época colonial] de quem hoje é juiz de direito. Retirado de: <https://www.aulete.com.br/ouvidor>. Acesso em: 30 abr. 2023.

⁹⁸³ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *refino* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 493). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 926), “aguardente de alta graduação, ou licor melhorado na sua preparação como bebida.” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/926/mode/2up?q=refino>. Acesso em: 03 ago. 2023.

comer na cozinha, (p. 493) onde a *governanta*, Clara, que também era a cozinheira, serviu-me muito bem. Depois, desci à esquina para matar o tempo com o lojista e aguardei pelo despertar de meu patrão.

Ele acordou, deixou-me a tarefa de escrever, como de costume, e foi para a rua, de onde retornou às sete da noite com uma nova hóspede, que iria ser nossa companheira.

Assim que a vi, reconheci-a. Seu nome era Luísa, a irmã do ladrão que meu mestre libertou da força com mais facilidade do que Dom Quixote soltou a Ginés de Pasamonte⁹⁸⁴. Já contei que a jovem não era feia e que meu amo gostava dela. Se ao menos eu não tivesse pensado o mesmo!

Assim que ela entrou, meu amo disse-lhe:

– Venha, filha, troca de roupa e vai com a governanta Clara, que te dirá o que deves fazer.

Ela foi embora, obedientemente. Quando ficamos sozinhos, Tabajara disse-me:

– Periquitinho, deves parabenizar-me por esta nova criada que trouxe comigo. Ela trabalhará como doméstica e, assim, tu serás poupado de fazer algumas tarefas domésticas; isto é, já não serás o encarregado de varrer, nem de fazer a cama, nem de servir a mesa, nem de limpar (p. 494) os castiçais, nem outras coisas que são, de agora em diante, o dever dela. Tu farás apenas os recados. A única coisa que te cobro é para que tomes conta dela, avisando-me se ela sai com muita frequência à varanda, e quem aparece para vê-la quando eu não estou em casa. Resumindo, tu cuidas dela e me avisas de qualquer coisa que observar. Bem, é que ela é minha empregada, está sob meus cuidados, tenho de prestar contas dela a Deus, e não tenho uma consciência muito ampla, nem quero condenar-me pelos pecados de outras pessoas. Compreendes?

– Sim, senhor – respondi-lhe, rindo interiormente de suas tolices, pois ele não era capaz de acreditar que eu não conseguiria engolir sua hipocrisia. Como já deveis ter reparado, o muito cara de pau⁹⁸⁵ tinha-me ou por um bom rapaz ou por um tolo.

⁹⁸⁴ Transcrição da nota 485, da edição de 2008, p. 493: “[O] episódio do Quixote, primeira parte, cap XXII” (Nossa tradução).

⁹⁸⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, castelhano, *camote* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 494). Não se trata, aqui, do sentido de batata doce, mas do sentido registrado pelo *Diccionario de americanismos* (2010), na primeira e na terceira acepção: “[expressão popular, no México] homem que tem relações ilícitas com uma mulher; pessoa desavergonhada” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.asale.org/damer/camote>. Acesso em: 01 maio 2023.

Como morei com ele cerca (p. 494) de dois meses e tinha desempenhado o papel verossímil ao de um bom homem – porque não saí nem para passear, nem quando ele mesmo me deu permissão, nem cometi algum deslize com a cozinheira idosa –, o amigo Tabajara achou-me ou muito inocente, ou sabe-se lá o quê. Portanto, confiou-me sua Luísa. Para que foi confiar o pão de ló para um cachorro faminto⁹⁸⁶? Foi assim que acabou acontecendo.

Nessa noite, jantamos e eu fui para a cama sem me meter em mais esquemas. No dia seguinte, a nova criadinha serviu-nos chocolate, fez a cama, varreu a casa e poliu⁹⁸⁷ o cobre, porque não havia vasilhame de prata, e deixou a casa um brinco, como dizem as mulheres.

Durante seis ou oito dias, Luísa fez o papel da empregada, servindo a mesa e tratando Tabajara como amo, diante de mim e da velha cozinheira; mas ele não conseguiu dissimular por muito tempo. Passado esse prazo, fê-la comer de seu prato, embora de pé; depois, fê-la sentar-se algumas vezes, até ele se despir do fingimento e colocá-la a seu lado, de modo senhoril.

Nós três comíamos e jantávamos juntos em boa paz e companhia. A garota era bonita, alegre, animada e faladeira. Eu era jovem, de aparência não muito ruim, podia tocar o bandolão e cantar... bem, não chegava a alcançar notas muito graves; enquanto meu mestre era praticamente um velho, e não tinha os encantos que eu tinha, tirando a parte das vigarices (p. 495) com a pena. Aparte disso, ele era muito tolo; era fanho e borrifava baba a todos quantos o estivessem ouvindo, porque o

⁹⁸⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *fue fiarle un mamón a un perro hambriento* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 494). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 686), o “*mamón*” seria um “biscoito branco de farinha e ovo; espécie de *marquesote* ou *panqué*” (Nossa tradução). De acordo com o *DRAE* (2023), “*marquesote*” é um “bolo em formato de losango, feito de farinha de arroz ou de milho, com ovo, açúcar etc. Ele é cozido ao forno” (Nossa tradução). De acordo com o *Diccionario del español de México* (2023), o “*panqué*” é um “pão de massa macia e fofa, feito de farinha, ovos, manteiga, açúcar, e é colocado no forno em um molde, de papel manteiga; pode ser uma peça grande e retangular. Para ser consumido, é cortado em fatias, ou em pedaços pequenos com formato de cone truncado e invertido” (Nossa tradução). Sobre o *mamón*, visitar: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/686/mode/2up?q=mam%C3%B3n>. Sobre o *panqué*, visitar: <https://dem.colmex.mx/Ver/panqu%c3%a9>. Sobre o *marquesote*, visitar: <https://dle.rae.es/marquesote?m=form>. Acesso em: 02 maio 2023.

⁹⁸⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *atizar* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 494). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 94), “limpar com giz” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/94/mode/2up?q=atizar>. Acesso em: 03 ago. 2023.

gálico⁹⁸⁸ e o mercúrio (p. 495) o tinham deixado sem úvula ou dentes. Ele era conservador, e uma de suas características era a conveniência de ser extremamente ciumento.

Evidentemente que não seria difícil, para mim, conquistar Luísa, tendo um rival tão desprezível. E assim o foi, de fato. Logo, ficamos juntos e combinamos retribuir amigavelmente nossos afetos, um ao outro.

Meu pobre mestre estava encantado com sua criada e plenamente satisfeito com seu copista, pois, diante dele, eu não ousava levantar os olhos para ver sua mulher. Mas ela, que era esperta e brincalhona, abusava da candura de meu amo e colocava-me em apuros na presença dele; de modo que, às vezes, fazia-me rir e me deixava apreensivo com suas manobras.

Em certas ocasiões, dizia-me ela:

– *Señor* Pedrinho, sois tão melancólico! Até parece um noviço recém-professo; nem sequer levanta os olhos para me ver. Será que sou tão feia que assusto? Seu cabeça de vento! Deus me livre de vós! Sois mais malandro do que qualquer outro. Sim, daqueles que não comem mel. Deus salve nossos favos, *Don Cosme*.

Outras vezes, ela perguntava-me se eu estava apaixonado por alguma moça, ou se planejava me casar, e trinta coisas tão singelas como essas, com as quais nossos tratos maliciosos ficavam expostos; mas meu bom mestre, diante dela, agia como um bobo, e uma possível relação entre nós dois era a última coisa que ele poderia imaginar; antes, costumava perguntar-me, por causa dela, se eu observava alguma inquietação vinda da moça. E eu dizia-lhe:

– Não, *señor*, nem eu o permitiria, pois vejo seus interesses como meus, ainda mais nessa parte.

E assim, o pobre homem ficava inteiramente satisfeito com a fidelidade de ambos. Mas, como não há nada escondido que não seja revelado, no final, nossa má ação foi descoberta de uma forma que me poderia ter custado caro.

(p. 496) Uma manhã, Luísa estava na varanda, enquanto eu escrevia na sala de estar. Deu-me vontade de fumar um cigarro e fui acendê-lo na cozinha.

⁹⁸⁸ Transcrição da nota 488, da edição 2008 (p. 495): “Gálico alude à doença sífilis e ao remédio mais comumente utilizado naquela época” (Nossa tradução).

Infelizmente, havia (p. 496) lá uma moça muito simpática⁹⁸⁹, atizando o fogo para cozinhar. Chamava-se Lorenza, era sobrinha da *governanta* e ia visitá-la de vez em quando para acudir a boa e velha mulher nos contratempos que poderia ter. Clara, a essa altura, não estava em casa porque tinha ido à praça comprar cebolas e outros legumes para cozinhar. Então, achei-me sozinho com a jovem e, como ela era de coração alegre, começamos a conversar familiarmente.

Nessa altura, Luísa, sentindo minha falta, foi a minha procura e, encontrando-me engajado na conversa, ficou furiosamente ciumenta e disse-me, com muita dureza:

– Muito bem, *señor* Quitinho! Nisso é no que gastais vosso tempo, em se aprazer com aquela vadia...!

– Não! Vadia, não! – disse-lhe Lorenza, com raiva. – Vadia é tua mãe e toda tua laia!

E, sem mais elogios, elas chicotearam-se e agarraram-se pelas tranças, atacaram-se uma à outra, proferindo venenosas trocas de farpas; mas tudo isto com um escândalo e armando uma confusão tal que era possível ouvir o motivo da briga a duas léguas por volta da casa. Fiz meu melhor para afastá-las, mas era impossível, pois estavam muito determinadas a não se largarem uma da outra.

Naquele momento, a governanta entrou e, olhando para sua sobrinha banhada em sangue, nem perguntou o motivo, e atirando o cesto de legumes, atacou a pobre Luísa, que era uma jovem frágil, ao mesmo tempo em que lhe disse:

– Ah, não! Isso, não, sua grande imunda, aproveitadora, parasita ressuscitada! Minha sobrinha, não! Agora verás teu lugar!

E, no meio dessas ofensas, desferiu-lhe fortes golpes com uma colher.

Não fui capaz de suportar o fato de que, com tal vantagem, elas conseguiriam estragar minha pobre Luísa. Assim, vendo que minhas súplicas para (p. 497) que a deixassem não serviam de nada, recorri à força e bati na velha com meus punhos.

Aquela cozinha transformou-se em uma algazarra. Não creio que a batalha do César, em Farsalos⁹⁹⁰, tenha sido mais terrível. Como não ficávamos parados no

⁹⁸⁹ Notas da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *una muchacha de no malos bigotes* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 496). De acordo com López y López (1931, p. 474), a expressão coloquial *ser de malos bigotes* significa “não simpatizar, ser antissocial” (Nossa tradução).

⁹⁹⁰ Nota da Tradutora: Para mais informações sobre a batalha de Farsalos, visitar: <https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/alea-iata-est-julio-cesar-atravesa-o-rubicao/>. Acesso em: 02 maio 2023.

mesmo lugar, mas (p. 497) caíamos e nos levantávamos, íamos para todo canto, e na cozinha, que era estreita, num instante, quebramos as panelas de barro cozido, derramamos a comida, apagamos o fogo, e as cinzas branquearam nossas cabeças e sujaram nosso rosto.

Só o que se ouvia eram insolências, gritos, pancadas e desordem. Não havia qualquer dos concorrentes que não estivesse sangrando, de acordo com o método do Gavião. E, ainda por cima, desgrenhados e todos quebrados. Eu não fui poupado na operação. O campo de batalha, ou cozinha, estava cheio de objetos quebrados. Num canto, havia uma panela quebrada; noutro, a tina de água; aqui, uma frigideira; ali, um maço de cebolas; ali, o pilão do metate e, por todo lado, o que restava de nossas roupas. O cãozinho revezava seu latido com nossos gritos; o gato, todo assustado, não se atreveu a descer do braseiro.

No meio dessa situação, Tabajara chegou, vestido em seu traje impecável, e vendo que sua Luísa estava banhada em sangue, com as roupas rasgadas e ensanduichada entre a cozinheira e sua sobrinha, não esperou razões: pegou um bastão, bateu nas duas últimas com tanta vontade e coragem que, depois de poucos golpes, a discussão cessou. Elas deixaram a infeliz criada, que suportou o pior da disputa.

Quando todos voltamos a nosso perfeito juízo, não tanto por respeito pelo mestre, mas por medo do bastão, o escrivão começou a tomar nossas declarações sobre o assunto ou a razão de tal disputa desenfreada. A velha governanta não disse nada, porque realmente de nada sabia. Nem Luísa abriu a boca, porque não se importava com o acontecido. Eu, ainda menos, porque era o ator principal naquela cena. Mas, a maldita Lorenza, como era a mais instruída e inocente, num instante, pôs o assunto em dia a meu mestre, dizendo que tudo aquilo não tinha sido mais do que violência e provocação daquela mulher ciumenta que estava em sua casa, que talvez fosse (p. 498) minha amiga, porque, por ciúmes de mim e dela, Luísa tinha feito aquele escândalo....

Até aqui ouvi Lorenza, mas, assim que notei que ela tinha puxado o véu de nossos negócios indignos, mais do que era necessário, e que meu mestre me olhava com os olhos de um louco zangado, senti medo como homem e corri como uma lebre escada abaixo. Assim, confirmei, na hora, tudo quanto Lorenza disse, irritando ainda mais meu mestre, que, não querendo que eu saísse de sua casa sem ele se despedir

de mim ‘apropriadamente’, desceu atrás (p. 498) de mim como um relâmpago, com tanta pressa que não reparou que estava sem chapéu, nem capa, e com camisa fora das calças.

Tabajara correu atrás de mim por dois quarteirões, gritando incessantemente comigo:

– Para! Seu patife! Para! Sem-vergonha!

Mas fiz-me de surdo e não parei até que o perdi de vista e me encontrei afastado e a salvo do bastão.

Esse foi o modo honroso e muito lúcido como saí da casa do escrivão, em pior estado do que tinha entrado, sem ter aprendido nada, pois, em cada uma dessas histórias, eu iniciava novamente a série de minhas aventuras, como vereis no próximo capítulo.

(p. 499) **Capítulo II**

No qual Periquitinho relata a acolhida que lhe fez um barbeiro, o motivo pelo qual saiu de casa, sua hospedagem em uma farmácia e posterior saída do local, assim como outras curiosas aventuras

É incrível o caminho que um covarde avança quando corre. Depois que aconteceu o incidente ao qual acabo de me referir, soaram doze horas em ponto. Meu amo morava na *Calle de las Ratas*⁹⁹¹, mas corri com tanta disposição que, quinze minutos depois, eu já estava na Alameda. Cheguei cheio de susto e todo suado, claro. Mas, até que tudo isso me resultou barato. Considerando que me vi sem chapéu, com a cabeça quebrada, espatifado e faminto, eu estava a salvo do Tabajara, de quem não temia o bastão, mas a pena ardilosa. Bem, se ele me tivesse pego, certamente teria me espancado, tramaria alguma calúnia contra mim e me obrigaria a ir a San Juan de Ulúa⁹⁹², aos canteiros, para obter uma pedra *múcar*⁹⁹³.

Assim, tive de considerar como bem meu próprio mal, ou melhor, escolher o mal menor. Mas isso era bom para o momento, porque, uma vez finalizada essa situação, passei a reconhecer qualquer mal pelo que é, mesmo que nos incomode amargamente.

Aconteceu que, enquanto eu estava sentado à beira de uma vala, apoiando o braço esquerdo sobre um joelho, segurando a cabeça com a mesma mão e arranhando a terra com um palito com a direita, pensei em minha triste situação:

– O que (p. 500) farei agora? – perguntei a mim mesmo. – O estado atual em que me encontro é muito lamentável. Sozinho, quase nu, com a cabeça quebrada, faminto, sem abrigo nem conhecimento, e pior de tudo, com um inimigo poderoso

⁹⁹¹ **Transcrição da nota 1, da edição de 2004 (p. 253): “*Calle de las Ratas* [Nossa tradução: Rua dos Ratos] foi uma rua existente na Cidade do México durante a época colonial. Hoje, constitui a quadra da [rua] Bolívar entre [as ruas] Mesones e República de El Salvador, 1,6 km ao sudeste da Alameda [...]” (Nossa tradução).

⁹⁹² Nota da Tradutora: A frase inteira talvez faça alusão aos trabalhos de reforma do forte em Veracruz, em andamento na época. A construção da fortaleza de San Juan de Ulúa teve a duração de três séculos e no século XIX foram adicionados projetos para melhorar a defesa. Para mais informações, visitar: https://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=975. Acesso em: 10 maio 2024.

⁹⁹³ Nota da Tradutora: *Múcar*, de acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 743), é a “pedra formada por pólipos de madrepérolas, porosa, útil para construções; muito usada e comum em Veracruz” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej0000sant/page/742/mode/2up?q=m%C3%BAcar>. Acesso em: 05 ago. 2023.

como Tabajara, que não descansará até saber de mim para se vingar de minha (p. 500) infidelidade e da de Luísa. Aonde irei? Onde ficarei esta noite? Quem vai ter pena de mim? Quem vai me hospedar se minha aparência for muito suspeita? Ficar aqui, não posso, porque os guardas da Alameda vão me expulsar. Andar a noite toda na rua é uma imprudência, porque fico exposto a que uma patrulha me encontre e me despache mais rapidamente para o poder do Tabajara. Dormir em um cemitério isolado como o São Cosme⁹⁹⁴ talvez seja o mais seguro... mas, e os mortos? Será que vou faltar com o respeito a eles? E os fantasmas? Será que são muito temíveis? Não, nem pensar. O que farei então? E o que comerei esta noite?

Eu estava mergulhado em tais pensamentos melancólicos, não encontrando o fio que me tiraria de tão confuso labirinto, quando Deus, que não desampara aqueles que o ofendem, fez passar por mim um venerável ancião, que se entretinha com um menino retirando sanguessugas com um *chiquihuite*⁹⁹⁵ daquelas pequenas valas; e estando nessa diligência, cumprimentou-me, e eu respondi com cortesia.

O velho, ao ouvir minha voz, olhou-me atentamente, e depois de parar por um momento, pulou a vala, jogou os braços em volta de meu pescoço, muito expressivo, e disse:

– Pedrinho de minha alma! É possível que eu te veja de novo? O que é isso? Que roupas são essas? Isso é sangue? Como está tua mãe? Onde vives?

A tantas perguntas, não respondi uma palavra, surpreendido por ver um homem que eu não conhecia e que me chamava pelo nome com uma confiança inesperada; mas ele, percebendo a causa de minha perturbação, disse-me:

– Não me conheces?

– Não, *señor*, em verdade, não – respondi-lhe –, mas estou para vos servir.

⁹⁹⁴ **Transcrição da nota 2, da edição de 2004 (p. 253): “San Cosme: esse monastério, igreja e cemitério *dieguino* estava localizado a 1,6 km a oeste da Alameda e, na época, ficava na periferia ocidental da cidade” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Seu santo patrono, São Diego, era uma facção dos franciscanos, também chamados franciscanos descalços novo-hispanos. Disponível em: <https://bagn.archivos.gob.mx/index.php/legajos/article/view/306/299>. Acesso em: 05 ago. 2023.

⁹⁹⁵ *Nota da Tradutora: *Chiquihuite*, de acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 404), é um “cesto ou canastra de vime, sem asa” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej0000sant/page/404/mode/2up?q=chiquihuite>. Acesso em: 05 ago. 2023.

(p. 500) – Bem, eu te conheço, conheci teus pais e (p. 501) devo a eles mil favores. Meu nome é Agostinho Rapamentas⁹⁹⁶. Já barbeei o saudoso *señor* Manuel Sarmiento, teu paizinho, por muitos anos. Sim, são muitos desde que te conheci menininho, filho, menininho. Posso dizer que te vi nascer e não duvides disso; eu gostava muito de ti e brincava contigo quando teu pai vinha fazer a barba.

– Pois bem, *señor Don* Agostinho. – disse-lhe eu. – Agora me lembro vagamente e, com certeza, é assim como o *señor* diz.

– Bem, o que tu estás fazendo aqui, filho, e neste estado? – perguntou-me.

– Ah, *señor*! – respondi-lhe, imitando o choro das viúvas. – Minha sorte é a mais infeliz. Minha mãe morreu há dois anos. Os credores de meu pai me expulsaram e confiscaram tudo em minha casa. Tenho me mantido servindo a este e àquele, e hoje, meu último patrão, porque o cozinheiro despejou um caldo frio e eu trouxe assim mesmo para a mesa, jogou-me o caldo e quebrou minha cabeça com o prato, e, não contendo sua raiva, agarrou a faca e correu atrás de mim, e se eu não corresse mais do que ele, não estaria aqui para lhe contar minha desgraça.

– Olha, que patife! – disse-me o cândido barbeiro. – E quem é esse *señor* cruel e vingativo?

– E quem há de ser, *señor*? – disse-lhe eu. – O Marechal de Biron⁹⁹⁷.

– Como? Do que estás falando? – perguntou-me o rapador. – Isso não pode ser! Não existe tal homem no mundo! Deve ser outro.

– Ah, *señor*! É verdade – disse-lhe eu, perturbando-me –, mas é o Conde... o Conde... o Conde... que Deus me livre! Ah, minha memória! O Conde de... de... de Saldaña.

⁹⁹⁶ ***Transcrição da nota 4, da edição de 2004 (p. 254): “Rapamentas: toscamente, ‘barbear’, um nome à la Dickens que sugere que esse personagem é barbeiro. Barbeiros, na época, também realizavam sangrias (daí as sanguessugas [que procuram na cena]), cirurgias e odontologia. Nota da Tradutora: Assim como Frye (2004) aponta, na nota traduzida, ao possível significado da personagem, em castelhano, Agustín Rapamentas, nós também arriscamos pensar nos sons provocados na pronúncia: ‘ha(y)-gustín rapa-mentones’ – [Nossa tradução literal: há-gostinho [por] rapar-queixos] ou talvez ‘rapamientas’ – [Nossa tradução literal: (ferra)mentas de rapar], e, quem sabe, outras possibilidades com que o ouvinte possa brincar.

⁹⁹⁷ Transcrição da nota 494, da edição de 2008 (p. 501): “*El Mariscal del Biron*, baseado na vida do duque de Biron, é obra de Juan Pérez de Montalbán [1601-1638]. *El conde de Saldaña* [Nossa tradução: O conde de Saldaña] é obra de Álvaro Cubillo de Aragón [1596-1661]. Ambas as obras devem ter sido muito conhecidas por causa de suas representações. Não se sabe ao certo quem foi o autor de *El barón de Trenk*” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para mais informações sobre os autores mencionados, visitar: <https://dbe.rah.es/biografias/5428/juan-perez-de-montalban>, <https://dbe.rah.es/biografias/5523/alvaro-cubillo-de-aragon>. Acesso em: 06 ago. 2023.

(p. 501) – Pior ainda! – disse-me *Don Agostinho*. – Enlouqueceste? Do que estás falando, filho? Não vês que esses títulos que mencionaste são de comédia?

– É verdade, *señor*, esqueci-me do título de meu amo, porque estive em sua casa somente por dois dias; mas, nesse caso, não importa que não me lembre do título, ou que lhe aplique um título de comédia, pois, se olharmos com seriedade, que título há no mundo que não seja de comédia? O Marechal de Biron, o Conde de (p. 502) Saldaña, o Barão de Trenk e mil outros foram títulos que existiram, desempenharam seu papel, morreram, e seus nomes foram deixados para servir como títulos de comédia. O mesmo acontecerá com o Conde de Campo Azul, o Marquês de Casa Nova, o Duque de Ricabella e todos os outros títulos que hoje vivem conosco; amanhã eles vão morrer e, *Laus Deo!*⁹⁹⁸, seus nomes e títulos permanecerão para nos lembrar, apenas alguns dias, de que eles existiram entre os vivos, assim como o Marechal de Biron e o grande Conde de Saldaña. Portanto, nada importa, de acordo com isso, se eu me lembro ou me esqueço do título do amo que me espancou. Do que não me esquecerei será seu agir maldito, porque são essas atitudes que ficam na memória dos homens, ou para desaprová-los e queixar-se deles, ou para exaltá-los e aplaudi-los, e não os títulos e ditames que morrem com o tempo e são confundidos com o pó dos túmulos.

Atônito, o inocente barbeiro ouviu-me, considerando-me sábio e virtuoso. Tal era, às vezes, minha malícia e, às vezes, minha ignorância. Eu mesmo agora não consigo definir meu caráter daqueles tempos, nem acho que alguém poderia ter entendido; porque, algumas vezes, eu dizia o que sentia, e outras, agia contra o que dizia; ora me tornava hipócrita, ora falava por convicção de minha consciência. Mas o pior é que, quando fingia virtude, eu o fazia com advertência, e quando falava apaixonado dela, fazia mil intenções interiores de me emendar, mas eu não estava determinado a cumpri-las.

Desta vez, eu tinha de falar o que estava em meu coração, mas não aproveitei tais verdades; no entanto, isso teve um bom efeito temporário em mim, e foi por isso que o barbeiro, com pena de mim, levou-me para sua casa, e sua família, que era composta por uma boa velhinha chamada tia Cassilda e pelo menino aprendiz, e recebeu-me com a mais doce hospitalidade.

⁹⁹⁸ Nota da Tradutora: “Louva a Deus” (Nossa tradução).

(p. 502) Naquela noite, jantei melhor do que havia imaginado, e, no dia seguinte, o mestre disse-me:

– Filho, embora tu não tenhas mais idade para ser aprendiz (eu teria 19 ou 20 anos; ele disse bem), se quiseres, podes aprender meu ofício. Se este não é um dos ofícios mais favorecidos, pelo menos nos dá o que comer. Assim, aplica-te que te darei a casa e o lanche, que é o que posso oferecer.

Eu aceitei a oferta porque, na época, parecia-me o mais conveniente; (p. 503) e, de acordo com isso, voluntariei-me a limpar os panos, a responsabilizar-me pela bacia⁹⁹⁹ e a fazer um pouco do que observava do aprendiz.

Certa ocasião, quando o mestre não estava em casa, para saber se estava aprendendo o ofício, peguei um cachorro – o aprendiz ajudou-me com essa tarefa – e, atando seus pés, mãos e focinho, sentamos o bicho na cadeira e o amarramos, colocamos um pano para limpar as navalhas e comecei a operação de barbear. O cachorro, lastimoso, lançou seus gemidos¹⁰⁰⁰ aos céus, tais eram os cortes que ele recebia de mim, de vez em quando.

Quando, finalmente, terminou a operação, o pobre animal ficou digno de ser retratado¹⁰⁰¹. Ele, depois de se perceber solto, saiu em disparada para a rua¹⁰⁰², e eu, envaidecido com esse primeiro teste, resolvi fazer outra tentativa com um pobre índio que veio se barbear por meio real. Com muita elegância, coloquei-lhe os panos, fiz o aprendiz trazer a bacia com a água quente, arrumei as navalhas e dei a meu cliente uma tamanha surra de arranhões e cortes que o infeliz, não suportando minha mão áspera, levantou-se dizendo:

⁹⁹⁹ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), na segunda acepção, *bacía*, “vasilha côncava, geralmente com um recorte semicircular na borda, usada pelos barbeiros para ensaboar a barba” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/bac%C3%ADa?m=form>. Acesso em: 06 ago. 2023.

¹⁰⁰⁰ Nota do Autor: “Não conseguia latir e, assim, apenas gemia” (Fernández de Lizardi, 2008, nota a) (Nossa tradução).

¹⁰⁰¹ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española* (1825, p. 537), o sentido dado ao termo *retratable* é “que pode ou deve ser retratado [seja no sentido artístico ou no sentido de representar ou descrever algo com precisão em palavras ou imagens]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtlle?cmd=Lema&sec=1.0.0.0.0..> Acesso em: 06 ago. 2023.

¹⁰⁰² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *salió* [...] como *alma que se llevan los demonios* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 503).

(p. 503) – *Amoquale, quistiano, amoquale*¹⁰⁰³ – que, em castelhano, equivalia a dizer: “Não gostei de teu jeito, *señor*, não gostei”¹⁰⁰⁴. E, levando em conta o resultado, deu-me apenas meio real e saiu também com apenas metade da barba raspada.

Ainda não contente com meus resultados ruins, ousei arrancar um dente de uma velha que entrou no estabelecimento padecendo de muita dor e procurando por meu mestre. Como eu era decidido, fiz com que ela se sentasse e desse a cabeça ao aprendiz para que ele a segurasse.

Ele fez muito bem seu papel. A velha, aflita, abriu a boca deserta. Depois de me mostrar o dente molar que doía, peguei o descarnador¹⁰⁰⁵ e comecei a cortar alegremente pedaços de gengiva.

(p. 504) A infeliz, vendo tantos retalhos e tanto sangue dela na bacia de porcelana a sua frente, perguntou-me:

– Mestre¹⁰⁰⁶, pelo amor de Deus, quando acabas de descarnar?

– Não precisa se preocupar, *señora* – eu lhe disse –, tende paciência! Falta pouco da mandíbula. Enfim, cortei a carne que foi a quantidade suficiente para o gato da casa almoçar, reforcei o osso com o respectivo instrumento, e dei um puxão tão forte e ruim que quebrei o dente, machucando terrivelmente a mandíbula.

¹⁰⁰³ *Transcrição da nota 496, da edição de 2008 (p. 503): “*Amoquale*, na língua náhuatl, significa ‘não está bem’, ‘não é bom’. *Amo* equivale ao advérbio *não*, *qualli*, a cosa buena, bien, bueno. Ver frei Alonso de Molina, *Vocabulário en lengua castellana y mexicana y mexicana y castellana* [Nossa tradução: Vocabulário em língua castelhana e mexicana e mexicana e castelhana], ed. Facsímil, México: Porrúa, 1977” (Nossa tradução).

¹⁰⁰⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *no me cuadra tu modo, señor, no me cuadra* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 503). O *Diccionario actual* apresenta a seguinte descrição do verbo *cuadrar*, entre outras acepções: “É usado de forma coloquial com o sentido de algo agradável ou benéfico. Igualmente, significa ser adequado. Neste caso, costuma-se construir com o regime preposicional ‘a’” (Nossa tradução). Disponível em: <https://diccionarioactual.com/cuadrar/>. Acesso em: 06 ago. 2023.

¹⁰⁰⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *descarnador* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 503). O utensílio tem a mesma grafia em português, como o mostra o *Aulete Digital*, que assim define o termo: “Lâmina de aço usada para descarnar ossos e dentes” (Nossa tradução). No entanto, ao leitor leigo, salta à vista a ironia do nome do instrumento no contexto de uso.

¹⁰⁰⁶ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *maestrito* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 504). É difícil transpor esse diminutivo para o português brasileiro. O significado tem duas possibilidades: jovem mestre (mestre pequeno) ou a denotação carinhosa ‘mestrinho’. Frye (2004, p. 256) traduz como “*young maestro*”, utilizando uma mistura entre o inglês e o castelhano para ‘jovem mestre’.

(p. 504) – Ah, Jesus! – exclamou a triste velha. – Arrancaste-me as *malíbulas*¹⁰⁰⁷, mestre do diabo!

– Não faleis, *señora* – eu disse a ela –, pois o ar vai entrar em vós e vai apodrecer vosso queixo.

– Que *malíbula* ou que diabos! – vociferou a pobre, – Ai, meu Jesus! Ai! Ai! Ai!

...

– Já está acabando, *señora* – disse-lhe eu. – Abri vossa boca, acabaremos de arrancar a raiz. Não vedes que o dente está assentado¹⁰⁰⁸?

– Vós é que estais assentado na lista do inferno! Seu incapaz, indigno, maldito! – disse-me a pobre.

Eu, sem dar atenção a seus insultos, disse-lhe:

– Vamos, avozinha, sentai e abri a boca. Vamos acabar de tirar esse maldito osso. Vede que uma dor tira muitas. Vamos continuar, mesmo que não pagueis.

– Ide vós, desgraça¹⁰⁰⁹! – disse a velha. – Ide arrancar outro dente ou quantos tenha a grandíssima bêbada que vos pariu! Esses raspadores imundos não têm culpa; culpado é quem os colocou em vossas mãos...

Continuando com esses louvores, saiu para a rua sem querer ver de novo o lugar do sacrifício. Eu fiquei com um pouco de pena da dor dela, e o rapaz, o aprendiz, não parou de me repreender por minha determinação temerária, porque constantemente soltava:

– Pobre *señora*, que dor ela passou! E o pior, se eu contasse ao mestre, o que ele diria?

– Pode dizer o que quiser – respondi-lhe. – Faço o que faço para ajudá-lo a encontrar o pão de cada dia; além disso, é assim que se aprende: fazendo testes e ensaiando.

¹⁰⁰⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *malíbula* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 504). Novamente, observamos o registro oral no contexto. A personagem pronuncia *malíbula*, e não *mandíbula*. Outra possibilidade é a dor e falta de dentes não deixarem a personagem pronunciar *mandíbula*.

¹⁰⁰⁸ Transcrição da nota 9, da edição de 2004 (p. 256): “Fernández de Lizardi usa ‘*muela matriculada*’, ‘dente molar matriculado’. É difícil estabelecer se esse foi um erro (e se for assim, do Periquitinho ou do próprio Fernández de Lizardi), ou se trata de um termo antiquado ou regional utilizado na odontologia. Em qualquer caso, o sentido é claro” (Nossa tradução).

¹⁰⁰⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *noramala* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 504). De acordo com o *DRAE* (2023), trata-se de “expressão adverbial usada para denotar desgosto, irritação ou desaprovação em relação ao que é enunciado” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/hora#SXkGgtr>. Acesso em: 06 ago. 2023.

(p. 504) À mestra, a tia de meu mestre, eu disse que tinha sido besteira da velha, que o dente dela estava assentado, e que não consegui arrancar na primeira puxada, o que acontece com qualquer um.

Com isso, todos ficaram satisfeitos e continuei fazendo minhas travessuras. Os que me pagavam, faziam-no ou com dinheiro, ou com xingamentos.

(p. 505) Fiquei com *Don Agostinho* quatro meses e meio, e foi muito tempo, se levarmos em conta a inconstância de meu temperamento. É verdade que o medo que tinha do Tabajara contribuiu para essa demora, além do fato de não ter encontrado melhor asilo, pois, naquela casa, comia, bebia e era tratado com respeitosa estima pelo mestre. Eu nem mesmo realizava mandados ou algo mais útil, apenas cuidava da barbearia e cometia meus delitos sempre que convinha; porque fui um aprendiz de honra, e tão mimado e relaxado¹⁰¹⁰ que, embora sem camisa, não faltava quem invejasse minha fortuna.

Era o caso de Andrés, o aprendiz, que, um dia em que estávamos conversando, esperando um comerciante que se arriscava tornar-se mártir, disse-me:

– *Señor*, quem dera fosse eu como Vossa Mercê!

– Por que, Andrés? – perguntei-lhe.

– Porque o *señor* já é homem, dono de si, dono de sua vontade e não há quem fique lhe dando ordens; e eu não, pois tenho tantos que me repreendem e não sei o que é ter meio tostão no bolso.

– Mas, assim que terminares de aprender o ofício – eu lhe disse –, terás dinheiro e serás dono de tua vontade.

– Que longe está isso de acontecer! – lamentou Andrés. – Já faz dois anos que sou aprendiz e não sei fazer nada.

– O que queres dizer com “nada”, homem? – perguntei-lhe, admirado.

– Assim, nada, respondeu-me; agora que Vossa Mercê está em casa, aprendi alguma coisa.

– E o que tens aprendido? – perguntei-lhe.

¹⁰¹⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ovachón* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 505). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 778), significa “a pessoa de muita carne [sobrepeso], que transpira muito e é preguiçosa para o trabalho.” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/778/mode/2up?q=ovach%C3%B3n>. Acesso em: 06 ago. 2023.

(p. 505) – Aprendi – respondeu o patife – como barbear cachorros, esfolar índios e deslocar o queixo e as mandíbulas das velhas, o que não é pouco, não. Deus pague ao *señor* pelo que aprendi!

– E então, teu mestre não te ensinou nada nesses dois anos?

– E o que ele iria ensinar-me? – disse-me Andrés. – Passo o dia todo levando recados aqui e na casa de *Doña Tulitas*, filha de meu mestre. E lá é pior, porque eles me obrigam a carregar a criança, lavar as fraldas, ir à *pulquería*, lavar a louça toda e aguentar tudo o que eles quiserem. Com tudo isso, o que eu conseguiria aprender sobre o ofício? Mal sei carregar a bacia e o escalfador¹⁰¹¹ quando me leva consigo meu mestre, quer dizer, meu amo – confundi-me. Acredito que *Don Plácido*, o latoeiro (p. 506) que mora ao lado da casa de minha vó, seja mesmo um mestre de excelente¹⁰¹² qualidade, pois, além de não ser muito resmungão, nem bater nos aprendizes, ensina-os com muito carinho, e os paga muito bem quando o substituem; mas, sobre realizar mandados, quando? Nem pensar! No pior dos casos¹⁰¹³, manda trazer meio real de cigarro, nunca pede para buscar manteiga, nem pimenta, nem *pulque*, nem carvão, nem nada parecido com o que aqui acontece. Com isso, já, já¹⁰¹⁴, os rapazes aprendem o ofício.

¹⁰¹¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *escalfador* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 505). O *DRAE* (2023) traz o sentido de: “Jarra de estanho, cobre ou outro metal, feita à maneira de chocolatière, com sua tampa furada como um ralo, na qual os barbeiros aqueciam e mantinham a água para fazer a barba” (Nossa tradução). O *Aulete Digital* define como: “vaso em que se conserva a água quente (para o chá, ponche etc.)” Disponível em: <https://dle.rae.es/escalfador?m=form> e <https://www.aulete.com.br/escalfador>. Acesso em: 06 ago. 2023.

¹⁰¹² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *maestro de cajeta* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 506). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 181), significa “*de cajeta*, excelente na sua linha: de primeira qualidade” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/180/mode/2up?q=cajeta>. Acesso em: 07 ago. 2023.

¹⁰¹³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *contimás* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 506). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 290 e 318): “Forma popular generalizada, que quase ninguém utiliza ou conhece a forma purista. ‘*Cuantimas*’, diz o povo da cidade do México e locais do interior do país [(1974, p. 290)], [...] [como em] Andaluzia (Alcalá) – Espanha [(1974, p. 318)]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/290/mode/2up?q=contim%C3%A1s> e <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/318/mode/2up?q=contim%C3%A1s>. Acesso em: 07 ago. 2023.

¹⁰¹⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *horita horita* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 506). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 598): “Diminutivo muito comum do advérbio *hora*, ou agora; neste momento” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/598/mode/2up?q=horita>. Acesso em: 07 ago. 2023.

(p. 506) – Tu falas mal – eu lhe disse –, mas estás certo. Nem os mestres devem ser amos, mas instrutores dos rapazes; nem estes devem ser seus servos ou *pilhuanejos*¹⁰¹⁵, mas aprendizes legítimos, embora, tanto para o ensino como para o alimento que recebem, possam enviá-los e usá-los nas horas em que estiverem fora do trabalho e nas coisas proporcionais a suas forças, à educação e aos princípios de cada um. Foi assim que ouvia dizer várias vezes meu falecido pai, que descansa em paz.

– Mas, diz-me, o que fazes aqui, é por contrato?

– Sim, *señor* – respondeu-me Andrés –, e eu já trabalho há dois anos como aprendiz, e estamos quase completando três, e não há meio nem forma de o mestre me ensinar nada.

– Pois bem – disse-lhe eu –, se o contrato for para quatro anos, como é que vais aprender no último, se este for como os três que tiveste?

– É isso mesmo o que digo – dizia-me Andrés. – O que aconteceu a meu irmão Policarpo com o mestre Marianinho¹⁰¹⁶, o alfaiate, vai acontecer comigo.

– O que aconteceu com ele?

– O que aconteceu? Aconteceu que ele passou três anos como aprendiz realizando mandados como eu agora, e, no quarto ano, dizque¹⁰¹⁷ que o seu mestre queria ensinar tudo de uma vez só¹⁰¹⁸, e meu irmão não conseguia aprender. O mestre

¹⁰¹⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *pilguanejo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 506). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 850), “do asteca *pilhuan*, plural de *pilli*, *hio* e o sufixo pejorativo *ejo*. Historicamente, refere-se ao criado que estava a serviço dos clérigos ou das beatas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/598/mode/2up?q=pilguanejo>. Acesso em: 07 ago. 2023.

¹⁰¹⁶ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Marianito* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 506).

¹⁰¹⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *izque* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 506). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 6), trata-se de um “vulgarismo, por dizque [disse que]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/622/mode/2up?q=izque>. Acesso em: 07 ago. 2023.

¹⁰¹⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *de a tiro* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 506). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1051), “*de a tiro*; *del tiro*; *de altiro*; *dialtiro*, completamente, de uma vez só, também usado na Espanha” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1050/mode/2up?q=tiro>. Acesso em: 07 ago. 2023.

dele (p. 506) ficou furioso, e no seu trabalho era só chlap chlap¹⁰¹⁹ no probe¹⁰²⁰ (p. 507) do meu irmão, toda hora¹⁰²¹, até que o probe cansou e, por isso, deu o fora¹⁰²². E depois disso, a gente não ouviu falar mais deli¹⁰²³. Era gente boa, o probe. Mas, como é que ele ia virar alfaiate em um ano? E isso ainda realizando mandados e com a quantidade de feriados que tem no ano, *señor*? E ansim¹⁰²⁴, eu acho que o meu mestre aqui tá com planos de fazer o mesmo comigo¹⁰²⁵.

– Mas por que não foste aprender para alfaiate? – perguntei a Andrés, que me disse:

– Ah, *señor*, alfaiate? Eles contraem doenças pulmonares.

– E para funileiro?

– Não, *señor*, porque não quero ver como a gente se corta com a folha de estanho e se queima com os ferros.

– E por que não um carpinteiro?

¹⁰¹⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *le echaba la cuarta* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 506). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 319), a “*cuarta*” seria um chicote e “*echar cuarta*” significa “chicotear” (Nossa tradução). Disponível em: <https://chat.openai.com/c/b4764de0-0e8e-4b99-a88c-0b505a427eba>. Acesso em: 07 ago. 2023.

¹⁰²⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *probe* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 506), vulgarismo de pobre. Já utilizamos *probe* como equivalente na tradução ao português no capítulo X do tomo II.

¹⁰²¹ ***Transcrição da nota 504, da edição de 2008 (p. 507): [Lê-se, em castelhano:] “*a manta de Dios*”, fazer ou produzir uma coisa com abundância. [Tomado de] J. M. Sbarbi, *Gran diccionario de refranes de la lengua española*, organizado e corrigido por Manuel J. García. Buenos Aires: Joaquín Gil Eds., 1943” (Nossa tradução).

¹⁰²² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *se julló* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 507). Observamos o verbo *huir* corrompido na conjugação da terceira pessoa *huyó*.

¹⁰²³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dél* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 507). Observamos a junção da preposição *de* mais o artigo definido masculino singular *él*.

¹⁰²⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *asina* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 507).

¹⁰²⁵ Nota do Autor: “Durante o dia, com grande dor, observamos o quão pouco é utilizada esta prática louvável de receber aprendizes por contrato; porém, quando estava em uso, os aprendizes eram admitidos sob as seguintes obrigações e condições: o mestre se comprometia a ensinar ao aprendiz seu ofício, sem esconder nada, dentro de um período de tempo determinado, geralmente quatro anos, podendo, para esse fim, puni-lo com prudência e moderação, sem causar-lhe ferimentos ou graves danos; a fornecer-lhe alimentação, roupas limpas e cama; se o aprendiz não se mostrasse habilidoso no referido período, o mestre se comprometia a pagar a outro mestre da mesma profissão ou arte para ensiná-lo; e, caso isso não fosse aceitável, a mantê-lo em sua casa como oficial, pagando-lhe salário como tal todos os dias. O outorgante, pai, parente etc., do aprendiz se comprometia a que este serviria pelo tempo determinado, não apenas no que diz respeito ao ofício, mas também em outras tarefas que fossem solicitadas pelo mestre, desde que fossem decentes e não impedissem o tempo de aprendizado. Essas e outras condições igualmente justas podem ser vistas no *Febrero ilustrado* pelo senhor Marcos Gutiérrez, parte I, tomo II, capítulo 26” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 507, nota b) (Nossa tradução).

(p. 507) – Ah, não, porque eles machucam muito o peito.

– E que tal um carroceiro ou ferreiro?

– Deus me livre! Eles parecem demônios quando estão ao lado da forja batendo o ferro.

– Bem, filho de minha alma, para mim, Pedro Sarmiento, tu és meu irmão do coração – disse-lhe a Andrés, levantando-me da cadeira –, tu és meu irmãozinho, sim, *tatita*¹⁰²⁶, tu és meu mano. Somos gêmeos ou parças, *cuates*¹⁰²⁷. Dá-me um abraço. A partir de hoje, devo amar-te e te amo mais do que antes, porque vejo em ti o retrato de meu modo de pensar; mas tão parecido que se confunde com o original, se é que já não nos identificamos, tu e eu.

(p. 508) – Por que tantos abraços, seu Pedrinho? – perguntou Andrés, muito constrangido. – Por que me dizeis tantas coisas que não entendo?

– Irmão Andrés – respondi-lhe –, porque pensas como eu e és preguiçoso como o filho de minha mãe. Os trabalhos não te chamam a atenção por causa das penalidades que trazem, nem gostas de servir porque os *amos* repreendem; mas tu gostas de comer, beber, passear e ter dinheiro, com pouco ou nenhum trabalho. Bem, *tatita*, a mesma coisa acontece comigo. Então, como diz o ditado: Deus os cria e o diabo os junta¹⁰²⁸. Tu verás que tenho muita razão em te amar.

– Quer dizer – respondeu Andrés – que sois preguiçoso, e eu também?

¹⁰²⁶ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tatita* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 507). *Tatita*, diminutivo do termo *tata*. Frye (2004, p. 259, nota 12) lembra-nos de que “é comum na América Latina chamar uma criança de *papito* ou *tatita*” (Nossa tradução). Por outro lado, longe de ter o significado único de ‘irmão’, também significa ‘pai’. De acordo com o *Diccionario de americanismos* (2010), *tata* possui uma etimologia ainda controversa. O que fica claro é que o termo ‘pai’ possui várias acepções – pai de filhos; pai pelo conhecimento que tem, como um ancião que guarda os conhecimentos ancestrais; pai, como tratamento respeitoso a um ancião; inclusive ligado a pai como identidade divina (deus: *tata Dios*). A controvérsia é que o termo aparece em várias línguas indígenas americanas (náuatle, quéchua, guarani, entre outros), mas os registros incluem o grego e o russo. Para mais informações, visitar: <https://www.asale.org/damer/tata> e <https://etimologias.dechile.net/?tata>. Acesso em: 09 jun. 2023.

¹⁰²⁷ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cuate* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 507). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 24), o termo “*acuache* é um hibridismo formado pela protética ‘a’ do castelhano e o radical asteca ‘*coatl*’, gêmeo, *cuate*, *cuache*. Na linguagem vulgar, significa parceiro de aventuras e, quando usado de maneira negativa, camarada ou comparsa [...]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/24/mode/2up?q=acuache>. Acesso em: 08 ago. 2023.

¹⁰²⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Dios los cria y ellos se juntan* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 508).

(p. 508) – Adivinhaste, garoto – respondi-lhe –, adivinhaste!¹⁰²⁹. Vês como em tudo mereces que te ame e te reconheça como meu irmão?

– Pois bem, se é só por isso – disse-me Andrezinho –, deveis ter muitos irmãos no mundo, porque há muitos preguiçosos com nossos mesmos gostos. Mas sabeis que o que me faz assim não é o trabalho, mas duas coisas: a primeira, que não me ensinam; e a outra, o gênio que a maldita velha da mestra tem. Se não fosse assim, eu estaria feliz em casa, porque não poderia ser melhor o mestre que tenho.

– Isso mesmo – eu disse-lhe. – A velha é o próprio diabo, e seu gênio é completamente oposto ao de *Don Agostinho*, pois este é prudente, generoso e atento; e a maldita velha é impicante¹⁰³⁰, rabugenta e mesquinha, como Judas. E que coisa boa ela há de fazer com seu rosto de lençol enrugado e boca de chinelo¹⁰³¹?

Devemos advertir ao leitor que a casa era um *acessório* com um *altito*¹⁰³², que aqui chamam de *acessório* de prato e xícara¹⁰³³, e nós não (p. 509) tínhamos prestado atenção ao fato de a referida mestra estar ouvindo, como nos ouviu ao longo da conversa, até mesmo quando comecei a elogiá-la nos termos referidos. Irritada contra

¹⁰²⁹ Nota da Tradutora: Repetição do texto em castelhano.

¹⁰³⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *majadera* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 508).

¹⁰³¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *boca de chancleta* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 508). De acordo com a nota 506 (2008, p. 508): “*chancleta*, em espanhol, é sinônimo de *chinela*, mas, entre nós, significa o sapato que, por ser velho ou de propósito, tem o calcanhar dobrado para dentro, o que faz um ruído desagradável quando se anda com ele” (Nossa tradução).

¹⁰³² *Nota da Tradutora: *Altito* é o diminutivo de *alto*. De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 57), “no México, existem casas entressoladas, que são as de um único andar ao nível do solo ou ligeiramente elevado: se houver outro andar acima, este é chamado de *os altos*, e então, o andar inferior é chamado de *bajos*, seja como habitação ou ocupado por estabelecimentos comerciais. [...] A maioria das casas ainda consiste apenas nesses dois andares; mas, hoje em dia, estão sendo construídas com outros: então, o andar imediatamente acima do solo mantém o nome de *bajos*: o que segue é o *entresuelo*, e o último é o *principal*. Raramente há outros” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/56/mode/2up?q=alto>. Acesso em: 08 ago. 2023.

¹⁰³³ *Transcrição da nota 507, da edição de 2008 (p. 508-509): “[Segundo o *Diccionario de mejicanismos*] *accesoria* é uma habitação baixa, composta em geral de uma só peça, com porta para a rua e sem nenhuma no interior da casa; *de taza y plato* é uma *accesoria* que tem outro andar na parte de cima, ao qual se chega por uma escada de madeira, geralmente bastante íngreme. A quarta edição acrescenta em nota: ‘esta locução teve origem no fato de que, ao se pedir um pouco de água no quarto ou acessório de pessoas muito pobres, ela era servida em um jarro de barro comum; mas aqueles que, sendo um pouco mais acomodados, moravam nesses acessórios com seu *altito*, serviam a água em uma xícara poblana [de Puebla] sobre um prato, porque o alto preço dos copos de cristal, naquela época distante, estava ao alcance apenas dos ricos e das pessoas bem acomodadas” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Puebla é uma cidade localizada nos territórios que foram dominados pelos povos Tlaxcala, Cholula e Cuauhtinchan, no vale Cuertlaxcoapan, ao pé do vulcão Popocatepetl. É famosa pela sua arte cerâmica. Para mais informações, visitar: <https://whc.unesco.org/en/list/416>. Acesso em: 01 maio 2024.

mim, ela, baixinho, (p. 509) pegou uma panela de água fervendo que tinha no braseiro e despejou em minha cabeça, gritando:

– Ora, maldito, ingrato, saia de minha casa, não quero gente próxima falando mal de mim.

Não sei se ela falou mais, porque eu estava surdo e cego de dor e raiva. Andrés, temendo banho pior que o meu e vendo o castigo em minha cabeça, fugiu para a rua. Eu, furioso e todo queimado, subi a escada de madeira com a intenção de esfiapar os cabelos da velha, acontecesse o que acontecesse, e depois ir embora com Andrés. Mas essa condenada era viril e resoluta, e assim que me viu lá em cima, pegou a faca do braseiro, atacou-me com a maior coragem e, proferindo palavras mal pronunciadas, de raiva, dizia-me:

– Ah, canalha! Que ousadia! Agora vou ensinar-te... – não consegui ouvir o que ela queria ensinar-me, nem quis ficar para aprender a lição. Virei as costas com a maior agilidade, e foi tamanho o azar que, tropeçando num cachorrinho, desci a escada mais rápido do que subi e da maneira mais estranha e inesperada, porque bati a cabeça e machuquei as costelas.

A velha estava uma fera comigo¹⁰³⁴. Ela não teve pena nem interrompeu meu infortúnio, mas desceu atrás de mim como um raio, com a faca na mão, e tão determinada que, agora mesmo, penso que, se me pegasse, certamente me mataria. Mas Deus quis dar-me coragem para (p. 510) correr, e em quatro saltos, distanciei-me quatro quarteirões de sua fúria. Isso porque eu tinha asas nos pés quando algum perigo me ameaçava e eles me favoreciam a escapada.

Avaliando intempestivamente, essa minha saída assemelhava-se à da casa do Tabajara, mas, no fim das contas, foi algo pior, porque daqui saí correndo, sem chapéu, banhado e chamuscado.

Foi assim que me encontrei, por volta das onze da manhã, no passeio, chamado de Tlaxpana¹⁰³⁵. Deitei-me ao sol, esperando que minhas pobres roupas

¹⁰³⁴ ***Transcrição da nota 508, da edição de 2008 (p. 509): Lê-se, em castelhano, *la vieja estaba un chile* – [Nossa tradução está no corpo do texto] “*estaba hecha un chile*, o *chile* é a pimenta. Em sentido figurado, ela estava furiosa” (Nossa tradução).

¹⁰³⁵ **Transcrição da nota 509, da edição de 2008 (p. 510): “*Paseo de la Tlaxpana*, continuação da avenida de San Cosme, constituía parte do caminho para Tacuba (Ver Spell, *Bridging...*, p. 185)” (Nossa tradução).

secassem. Tudo ia de mal a pior, dia a dia, pois não tinha sequer uma muda de roupa para trocar.

(p. 510) Às três da tarde, a roupa já estava completamente seca, enxuta, e eu, indisposto, porque a fome me afligia com todas as suas forças; algumas bolhas surgiram em decorrência da travessura da velha; os sapatos, como estavam muito gastos pelo tempo, e ficavam em meus pés por mero cumprimento, abandonaram-me na corrida; e eu, que, com essa aparência, mostrava-me qual figura diabólica sem eles, porque as meias revelavam toda a sujeira e franjas das solas, tirei-as e, não tendo onde guardá-las, joguei-as fora, deixando os pés e as pernas descalços; e, para piorar minha desgraça, sentia muito medo ao pensar sobre onde passaria a noite, sem ousar decidir se ficava no campo ou voltava para a cidade, pois, por toda parte, encontrava embaraços intransponíveis. No campo, temia a fome, o mau tempo e a escuridão da noite; na cidade, temia a prisão e um mau encontro com Tabajara ou com o mestre barbeiro; mas, finalmente, nas orações noturnas, venci o medo da noite e voltei para a cidade.

Às oito horas, eu estava no Portal de las Flores¹⁰³⁶, morrendo de fome, que aumentava com o exercício que fazia ao caminhar tanto. Não tinha nada no corpo que valesse mais do que uma medalha de prata que havia comprado por cinco (p. 511) reais quando estava na barbearia; tive dificuldade para vendê-la naquela hora, mas, finalmente, encontrei alguém que me daria dois e meio por ela, dos quais gastei um real no jantar e meio em cigarros.

Uma vez encorajado meu estômago, faltava apenas determinar onde ficar. Caminhava por ruas e mais ruas sem saber onde me abrigar, até que, passando pelo Mesón del Ángel¹⁰³⁷, ouvi o som das bolas de bilhar e, lembrando-me do *arrastraderito* do João Dotado, disse a mim mesmo:

– Não há remédio, tenho um realzinho na bolsa para o *gurupiê*. Ficarei aqui esta noite. E, fazendo jus às palavras, entrei no lugar de apostas.

Todos me olhavam com a maior atenção, não porque eu estava feito um maltrapilho, pois havia outros piores do que eu, mas porque eu era ridículo, já que

¹⁰³⁶ **Transcrição da nota 510, da edição de 2008 (p. 510): “*Portal de las Flores* estava localizado em um edifício da esquina sudeste da *Plaza Mayor*. Seu nome deve-se ao [tipo de] comércio que lá acontecia (Ver Spell, *Bridgning...*, p. 185)” (Nossa tradução).

¹⁰³⁷ Nota da Tradutora: Já mencionamos este estabelecimento. Ver nota 854 de nossa tradução.

estava completamente (p. 511) descalço, desprovido de calções brancos, com calças pretas, remendadas e furadas. Minha camisa rasgada ficou quase preta de sujeira, meu casaco de *angaripola*¹⁰³⁸ com grandes florezinhas vermelhas rasgou-se também, o chapéu ficou em casa, e além de tantas lindezas, tinha no rosto algo muito chamativo: eram as bolhas e meus olhos meio escondidos dentro das bexigas causadas pela água fervente.

Não seria surpresa se todos notassem uma figura tão estranha, mas nenhuma de suas atenções me importava, e eu teria sofrido qualquer humilhação em troca de não ficar na rua.

Bateram nove horas, todos terminaram de jogar e saíram, menos eu. Apaguei as velas depressa e o *gurupiê* não achou ruim. Ele me disse:

– Meu amigo, Deus vos pague, mas já é tarde e eu vou fechar. Ide embora!

– *Señor* – eu lhe disse –, não tenho onde ficar. Deixe-me, por favor, passar a noite aqui em um banco! Dou-lhe um real que tenho, e mais lhe daria, se eu tivesse.

Já dissemos que, em todos os lugares, em todos os exercícios e destinos, veem-se homens bons e maus e, assim, não é novidade afirmar que, em um *arrastraderito* e na qualidade de *gurupiê*, este de quem falo revelou-se um homem bom e sensível. Foi o que experienciei ali, pois ele me disse:

– Ficai com vosso real, amigo. E tende (p. 512) uma boa noite. Já jantastes?

– Sim, *señor* – respondi-lhe.

– Pois eu também. Vamos dormir!

Pegou um *sarape*, emprestou-me e, enquanto nos despíamos, quis saber quem eu era e por que tinha chegado ali tão derrotado. Contei-lhe, num instante, mil lamúrias e três mil mentiras; então ele teve pena de mim, e prometeu-me que iria falar com um amigo boticário que não tinha criado, para verificar se eu poderia me instalar em sua casa. Aceitei o favor, agradei e dormimos.

Na manhã seguinte, apesar da preguiça, levantei-me antes do *gurupiê*, varri, espanei e fiz de tudo para conquistá-lo. Ele percebeu isso e me disse:

¹⁰³⁸ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023): “1. Tecido comum, estampado em listras de várias cores, que as mulheres do século XVII usavam para fazer protetores para os pés. 2. [Termo coloquial]. Enfeites de mau gosto e cores chamativas que são colocados nas roupas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/angaripola?m=form>. Acesso em: 08 ago. 2023.

(p. 512) – Vou ver o boticário; mas o que faremos para que tenhas um chapéu? Bem, com essa pinta, vós despertais muitas suspeitas.

– Não sei o que farei – disse-lhe –, porque só tenho um real e, com tão pouco, não dá para comprar nada; mas, enquanto me fazeis o favor de ver aquele nobre boticário, já volto.

Depois disso, saí, tomei o café da manhã e, num corredor, tirei o casaco e troquei-o no Baratillo pelo primeiro chapéu que me deram, privado do escrúpulo de ter enganado seu dono. É verdade que o dito chapéu não passava de um *chilaquil*¹⁰³⁹ temperado, de tão velho que estava. E como me parecia vantajosa a troca, pergunto-me em que estado estaria o casaco. É que na hora da troca, lembrei-me daquele velho verso:

Casou-se Montalvo em Segóvia
Sendo coxo, caolho e calvo,
E enganaram Montalvo:
Como seria a noiva?

Muito feliz com meu chapéu e me vendo disfarçado com meus próprios cacarecos¹⁰⁴⁰, transformado de filho de *Don Pedro Sarmiento* em criado de aluguel, fui procurar meu protetor, o *gurupiê*, que me disse que estava tudo pronto. Mas alertou que (p. 513) aquela camisa parecia um bacheiro, que eu deveria limpá-la na vala, e, às doze, ele me levaria para o lugar planejado, porque uma coisa é ser pobre e outra bem diferente é ser sujo; a pobreza provoca pena, e a sujeira, o desprezo e o desgosto da pessoa. Finalmente, pediu para que eu me lembrasse do ditado que diz: como eu te vejo, eu te julgo.

¹⁰³⁹ Nota da Tradutora: *Chilaquil*, de acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 384), é um “ensopado de tortilhas de milho despedaçadas, fritas em banha com molho ou caldo de pimenta, com cebola e queijo” (Nossa tradução). Ruiz Barrionuevo (2008, p. 512), na nota 512, adiciona: “era, portanto, um chapéu velho” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/384/mode/2up?q=chilaquil>. Acesso em: 08 ago. 2023.

¹⁰⁴⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tiliches* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 512). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1046), “bugiganga, tralha, bagatela” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1046/mode/2up?q=tiliche>. Acesso em: 09 ago. 2023.

(p. 513) O conselho não me pareceu ruim, e por isso o coloquei em prática naquele momento. Gastei uma *cuartilla* em sabão e outra em tortilhas com pimenta, que comi para ter forças para lavar. Em seguida, fui ao Pipis¹⁰⁴¹, tirei minha camisa e a lavei.

Ela não demorou muito para secar porque era muito fina e o sol estava do jeito que as lavadeiras desejam aos sábados. Assim que a vi seca, sacudi e vesti, voltando a toda pressa para o *mesón*, pois não via a hora de me estabelecer; não porque gostasse de trabalhar, mas porque a necessidade tem cara de herege, diz o ditado, e, para mim, ser pobre, de modo geral, é pior do que ser herege.

Então, o *gurupiê* ficou feliz quando me viu limpo, e disse-me:

– Olhai como estais diferente agora! Vamos!

Chegamos à drogaria, que ficava nas proximidades. Ele me apresentou ao patrão, que me fez vinte perguntas, às quais respondi satisfatoriamente, e fiquei na casa com um salário fixo de quatro pesos mensais e um prato.

Fiquei dois meses sob a categoria de criado, moendo gravetos, esfolando cobras, atizando o fogo, realizando mandados e ajudando como eu podia e ordenavam, para satisfação do amo e do oficial.

Depois de juntar oito pesos, comprei meias, sapatos, um colete, uma jaqueta e um lenço; tudo no Baratillo, mas que ainda prestava. Trouxe para casa escondido e, no outro dia, que era domingo, arrumei-me tão chique como um vereador¹⁰⁴².

(p. 514) Meu amo não me reconheceu e, alegrando-se com minha metamorfose, disse ao oficial:

– Vede! Sabe-se que este pobre menino é filho de bons pais e que não cresceu criado de drogaria. Assim se faz, filho! A pessoa sempre manifesta seus bons princípios, mesmo que seja pobre, e das coisas que se sabe que um homem deve ter, destacam-se: os bons princípios e não gostar de andar quebrado ou sujo. Sabes escrever?

– Sim, *señor* – respondi-lhe.

¹⁰⁴¹ Transcrição da nota 514, da edição de 2008 (p. 513, retirada da quarta edição): “*Pipis*, um recanto que, ao lado de uma ponte, forma o canal principal pelo bairro de San Pablo, onde os muito pobres se lavam sem pagar” (Nossa tradução).

¹⁰⁴² Transcrição da nota 516, da edição de 2008, (p. 513): [Lê-se, em castelhano, *me puse hecho un veinticuatro* – [Nossa tradução está no corpo do texto] “*veinticuatro*, membro vereador municipal em algumas cidades da Andaluzia [– Espanha]” (Nossa tradução).

(p. 514) – Vamos ver tua caligrafia. Escreva aqui – pediu-me.

Para ser um pouco exibido e confirmar a boa opinião do mestre sobre mim, escrevi o seguinte.

Qui scribere nesciunt nullum putant esse laborem.

Tres digiti scribunt, cætera membra dolent..

– Nossa! – disse-me meu amo, todo admirado. – O menino escreve bem, e em latim. Bem, tu entendes o que escreveste?

– Sim, *señor* – disse-lhe eu. – Quem não sabe escrever pensa que não é trabalho. Mas, enquanto três dedos escrevem, todo o corpo fica desconfortável.

– Muito bem! – disse-me meu amo. – Com base nisso, tu saberás o que significa o rótulo desse frasco. Diga-me.

Eu li *Oleum vitellorum ovorum* e disse-lhe:

– Óleo de gema de ovo.

– Isso mesmo! – disse-me *Don* Nicolás, e colocando potes e potes, frascos e caixas para mim, ficava me perguntando:

– E o que diz aqui?

À medida que ele me perguntava, eu respondia:

– *Oleum scorpionum*. Óleo de escorpião... *Aqua menthae*. Água de erva-doce... *Aqua petrocelini*... Água de salsa... *Sirupus pomorum*... Xarope de maçã. *Unguentum cucurbitae*. Pomada de abóbora... *Elixir*...

– Chega! – disse-me o amo, e voltando-se para o oficial, disse:

– O que me diz, *Don* José, não é uma pena que este pobre menino trabalhe de criado, podendo ser aprendiz com tanto quanto tem de adiantado?

– Sim, *señor* – respondeu-lhe o oficial.

O mestre continuou falando comigo:

– Bem, filho, a partir de hoje, tu és um aprendiz. Ficarás aqui com *Don* José e entrarás com ele no laboratório para aprender a trabalhar, embora já saibas algo, pelo

que vi. (p. 514) Aqui está a Farmacopeia de Palacios¹⁰⁴³, (p. 515) a de Fuller¹⁰⁴⁴ e a *Matritense*¹⁰⁴⁵; há também o curso de Botânica do Lineu¹⁰⁴⁶ e a Química de Lavoisier¹⁰⁴⁷. Estude tudo isso e aplique-se, pois será muito bom para ti.

Agradei-lhe a promoção que me dera, de criado a aprendiz de boticário, e o tratamento diferenciado que o oficial dispensou-me, porque, a partir daquele momento, ele não me chamava só de Pedro, mas de *Don Pedro*; até então, não havia parado para pensar no que uma aparência decente pode fazer neste mundo bêbado. Quando eu estava vestido como um serviçal ou criado comum, ninguém tentava perguntar sobre meu nascimento ou minhas habilidades; mas, assim que me coloquei em vestes razoáveis, tudo foi examinado, e meu tratamento tornou-se mais distinto. Ah, vaidade! Como fazes para os mortais transgredirem os bons costumes! Algumas aventuras me aconteceram, umas boas, outras más, diferenciando-se pelo figurino da ocasião, sendo eu a mesma pessoa. Com quantos acontece a mesma coisa neste mundo? Se trajam decentemente, se brilham, se aproveitam as oportunidades, julgam-nos, ou pelo menos bajulam-nos, como sábios, nobres e honestos, mesmo quando falta tudo; mas se estão estagnados, se são pobres, são considerados e desprezados como plebeus, travessos e ignorantes, ainda (p. 516) quando essa

¹⁰⁴³ **Transcrição da nota 517, da edição de 2008 (p. 514): “Félix Palacios foi autor da obra *Palestra pharmacéutica, chymico-galénica*, da qual foram publicadas sete edições entre 1706 e 1792. Palacios promoveu o estudo da química na Espanha, pois a considerava aliada da farmácia” (Nossa tradução).

¹⁰⁴⁴ **Transcrição da nota 518, da edição de 2008 (p. 515): “Thomas Fuller (1654-1734), médico e escritor inglês que exerceu o ofício em Sevenoack, adquirindo boa fama. Entre as diversas obras de Fuller, destacam-se suas *Pharmacopeas*: *Pharmacopoea extemporanea* (1701), a mais conhecida, com duas edições europeias, em 1753 e 1761; *Pharmacopoea Bateana* (1718); *Pharmacopoea domestica* (1723)” (Nossa tradução).

¹⁰⁴⁵ **Transcrição da nota 519, da edição de 2008 (p. 515): “*Pharmacopoeia Matritensis regis ac supremi hispaniarum promedicatus. Auctoritate jussu atque auspiciis elaborata*, Matriti, Typographia Regia D. Michaelis Rodríguez, 1739. Existem outras edições de 1751 e 1762 (Matriti, Typis Antonii Pérez de Soto). A obra apareceu devido a uma Real Pragmática na qual se ordenava que fosse feita uma Farmacopeia Geral, ‘pela qual, e não por outra particular, os boticários seriam visitados, com o objetivo de remediar os danos experimentados’” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario panhispánico de dudas* (2023), a Real Pragmática era uma “medida adotada pelo rei no exercício de seu poder legislativo. Em Castela, promulgavam-se Pragmáticas sobre assuntos diversos com a fórmula ‘como se tivessem sido dadas nas Cortes’, no sentido de serem consideradas com um *status* superior. Era a forma habitual de legislar, fora das Cortes, a partir do século XIV ou início do século XV. Na Coroa de Aragão, tanto o rei quanto seu representante ou governador podiam promulgar essas medidas, que tratavam de assuntos não reservados às Cortes. Às vezes, eram chamadas de ‘reais provisões’ ou ‘cartas de provisão’” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dpej.rae.es/lema/pragm%C3%A1tica-o-pragm%C3%A1tica-real>. Acesso em: 09 ago. 2023.

¹⁰⁴⁶ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) acredita que Fernández de Lizardi pode estar se referindo às obras de Linneo: *Bibliotheca botanica*, e *Parte práctica de botánica*.

¹⁰⁴⁷ **Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) acredita que possa ser a obra *Traité élémentaire de chimie* (Paris, 1789).

miséria seja, talvez, efeito da mesma (p. 516) nobreza, sabedoria e bondade daquela gente. O que devemos fazer para que os homens não fixem sua opinião no exterior ou graduem o mérito de seus semelhantes por suas fortunas?

Mas, essas reflexões sérias eu faço agora; naquela época, gabava-me da mudança de minha sorte, e contentei-me demais com o pomposo título de aprendiz de boticário, sem conhecer o refrão comum que diz: *estudiante esbanjador, sacristão ou boticário*¹⁰⁴⁸.

No entanto, não pensei em nada menos que me dedicar ao estudo da Química e da Botânica. Meu estudo resumia-se a fazer algumas misturas, aprender alguns termos técnicos e ganhar agilidade no escritório; mas, como era um hipócrita habilidoso, ganhei a confiança e o carinho do oficial (porque meu amo não ficava muito na drogaria), de modo que, ao longo do ano, ajudei tão bem a *Don* José que ele podia ir passear e até dormir na rua.

Desde então, ou talvez três meses antes, não me lembro bem disso, comecei receber oito pesos por mês e teria me tornado um funcionário como muitos outros se um acidente não tivesse me tirado de casa. Mas, antes de me referir a essa aventura, é preciso relatar algumas circunstâncias.

Naquela época, nesta capital, havia um velho médico a quem chamavam de Doutor Purgante¹⁰⁴⁹, porque dizia a todos os doentes que um purgativo facilitava-lhes a cura. Esse pobre velho era um bom cristão, embora fosse médico ruim e sistemático que não seguia os ensinamentos de Hipócrates, Avicena, Galeno e Averróis, mas a seus próprios caprichos. Ele acreditava que todas as doenças só poderiam surgir de uma abundância do *humor pecante*¹⁰⁵⁰ e, portanto, pensava que, ao eliminar esse humor, a causa da doença seria removida. Ele poderia ter percebido seu erro às

¹⁰⁴⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *estudiante perdulario, sacristán o boticario* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 516). De acordo com López y López (1931, p. 478), o refrão é utilizado para “censurar a quem se contenta com pouco” (Nossa tradução).

¹⁰⁴⁹ Transcrição da nota 21, da edição de 2004 (p. 265): “Dr. Purgante: o apelido do bom doutor possivelmente faz alusão a Monsieur Purgon – outro doutor que acreditava que os purgativos poderiam curar todas as doenças – na peça de Molière *Le malade imaginaire* (1673)” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A obra foi publicada na língua portuguesa sob o título *O doente imaginário* ou *O doente de cisma*.

¹⁰⁵⁰ Nota da Tradutora: De acordo com a teoria de Hipócrates de Cós (460-377 a. C.), existem quatro humores no corpo e o desequilíbrio ou combinação incorreta deles (o humor pecante) pode causar as doenças. Disponível em: https://patologia.medicina.ufrj.br/images/_dep-patologia/historia_da_patologia/historia_da_autopsia/Humores/Teoria-dos-quatro-humores.pdf e <https://www.biodic.net/palabra/humor-pecante/>. Acesso em: 09 ago. 2023.

custas (p. 516) de algumas vítimas que sacrificou no altar de sua ignorância, mas nunca pensou que fosse um mero humano; julgava-se incapaz de cometer erros e, por isso, mais do que agir mal, agia com a consciência errônea. (p. 517) Deixemos para os moralistas pensar se esse erro era intransponível ou não; embora, para mim, o médico que erra por não pedir ou consultar médicos sábios, por vaidade ou capricho, peca mortalmente, porque, sem essa vaidade ou capricho, ele poderia escapar de mil erros e, conseqüentemente, livrar-se de um milhão de responsabilidades.

Seja como for, em questões de consciência, esse médico tinha um acordo estabelecido com meu mestre. Ou seja, meu mestre, *Don Nicolás*, enviava tantos pacientes quanto podia ao Doutor Purgante, e este, por sua vez, encaminhava todos seus pacientes a nosso boticário. O primeiro dizia que não havia médico melhor do que aquele velho, e o segundo dizia que não havia boticário melhor do que o nosso, e assim fazíamos muito bem nosso negócio. O problema é que este não é um caso inventado, mas, sim, um que possui inúmeros originais.

O referido médico conhecia-me muito bem, pois ia à drogaria todas as noites; apaixonara-se por minha caligrafia e genialidade (porque, quando eu queria, era capaz de enganar o diabo) e ocasião não faltava. Uma noite, disse-me:

– Filho, quando sair daqui, avise-me, que em casa não vai faltar o que comer nem o que vestir.

O velho pretendia montar uma drogaria e achou que teria em mim um oficial instruído e barato. Agradei-lhe o favor, prometendo aceitar a oferta caso saísse, algum dia, da casa de meu patrão, pois, naquela época, não tinha motivos para deixá-lo.

Na verdade, eu estava vivendo uma vida memorável, exatamente como todo preguiçoso gosta. Minha obrigação era mandar o criado varrer a drogaria, pela manhã, encher os frascos com a água que faltava e cuidar para que houvesse suficiente destilada ou infundida; mas eu não me preocupava muito com isso, porque a água do poço resolvia todos os meus problemas, de tal modo que eu dizia:

– Conquanto que as etiquetas sejam diferentes, não importa que a água seja a mesma, quem vai ficar sabendo disso¹⁰⁵¹? Talvez nem o médico que prescreve saiba

¹⁰⁵¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *quién lo ha de echar de ver?* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 517). De acordo com o DRAE (2023), “expressão

distingui-las (p. 517) apenas pelo nome escrito; o paciente que as toma conhece ainda menos, pois, quase sempre, não sente mais o gosto. Portanto, esse medicamento é seguro. Além disso, quem imaginaria que, por ignorância do médico, ou pela má qualidade das ervas, a bebida fosse nociva mais do que se fosse água natural? (p. 518) Então, o que importa que todas as bebidas sejam feitas com ela? Antes o ditado nos diz: para quem é da vida, água é remédio¹⁰⁵².

Eu não deixei de fazer o mesmo com os óleos, principalmente quando tinham a mesma coloração, como com os xaropes. Esse tipo de *quid pro quo*¹⁰⁵³, ao dispensar uma coisa no lugar de outra, se eu julgasse que eram equivalentes, desempenhou um grande papel em minha consciência e em minha prática.

Esses eram meus muitos afazeres, além de fazer pomadas, pós e outros remédios, segundo as ordens de *Don* José, que muito me amava por minha eficiência.

Não demorei muito para ficar moderadamente instruído no escritório, porque entendia as receitas, sabia onde estavam as substâncias e tinha os valores na ponta da língua, como todo boticário. Se dizem: esta receita vale tanto, quem é que vai verificar quanto custa, ou se pedem ajuda ou não da justiça? Não há outro recurso para os pobres do que implorar que façam algum desconto; se não conseguem, vão a outra drogaria, e outra, e outra; e se todos pedirem a mesma coisa, basta comprar os remédios e se sacrificar, porque seus parentes adoecidos são importantes e estão convencidos de que, com aquele remédio, eles se curarão. Os maus boticários sabem disso e se fazem de difíceis, quer dizer, até se fazem implorar, isso se não se recusarem absolutamente a dar um desconto.

Existia outro abuso muito pernicioso na drogaria onde eu estava, e é muito comum em todas as outras. Assim que se sabia que alguma medicina escasseava em outras drogarias, *Don* José encarecia-a ao extremo, a ponto de não vendê-la por

verbal que significa notar, reparar, advertir” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/echar?m=form>. Acesso em: 09 ago. 2023.

¹⁰⁵² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *al que es de vida el agua le es medicina* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 518). De acordo com o *Diccionario de autoridades* (1726, tomo I): “Refrão que indica que, quando as coisas devem acontecer com sucesso e os objetivos devem ser alcançados, por mais obstáculos e dificuldades que surjam, eles têm pouca ou nenhuma importância para sua realização. E também que, para aquele que é afortunado e feliz, até as mesmas contradições e oposições costumam servir como degraus para suas felicidades” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 09 ago. 2023.

¹⁰⁵³ Nota da Tradutora: A expressão significa ‘uma coisa pela outra’, ou ‘quiproquó’. Para mais informações visitar: <https://www.significados.com/quid-pro-quo/> e <https://michaelis.uol.com.br/palavra/nekQM/quiproqu%C3%B3/>. Acesso em: 12 maio 2024.

cuartillas ou (p. 518) meio real, senão mais caro; como consequência desse abuso (que podemos chamar de ganância, sem o menor pudor), o miserável que não tinha mais do que meio real e precisava se curar com um pedacinho daquela droga – digamos cânfora –, não a conseguia com *Don José*, nem por Deus, nem por seus santos, pois não se podia pagar a metade ou a quarta parte do que se vende por um real, por menor que seja. O pior é que existem muitos boticários (p. 519) que pensam como *Don José*. Tudo graças à indolência dos *señores* do Protomedicato¹⁰⁵⁴ que os tolera!

Enfim, essa era minha tarefa diária. À noite, tinha mais folga, porque o amo vinha um pouco pela manhã, pegava a venda do dia anterior e não voltava mais. O oficial, nesta confiança, depois de me ver apto para o cargo, às sete da noite, pegava sua capa e ia se encontrar com sua esposa, embora tivesse o cuidado de chegar muito cedo à drogaria.

Com essa liberdade, eu alcançava minha glória, porque me visitavam algumas pessoas que, de repente, passaram a ser meus amigos. Comíamos alegres e, às vezes, apostávamos nossos *albures* com dois, três e até quatro reais, tudo à custa da gaveta de moedas, à qual eu tinha acesso.

Passei alguns meses assim e, ao final deles, o patrão decidiu fazer o balanço e constatou perda. Como poucos boticários se perdem ao fazer as contas, ele percebeu que, embora não fosse um rombo considerável, os ganhos eram quase imperceptíveis.

Don Nicolás não deixou de se assustar ao perceber o demérito e, repreendendo a *Don José* por isso, este respondeu dizendo que o ano havia sido muito sadio e que anos semelhantes já foram desastrosos ou pelo menos de pouco proveito para médicos, boticários e curas.

O amo não se contentou com esta resposta, e com uma expressão muito séria, disse-lhe:

– O demérito de minha casa deve consistir em outra coisa que não as temporadas do ano, porque nem nas melhores faltam doenças nem mortes.

¹⁰⁵⁴ **Transcrição da nota 525, da edição de 2008 (p. 519): “*Protomedicato* era o nome do tribunal especial cujos membros eram doutores em medicina, que conheciam os assuntos da sua faculdade. (Retirado da quarta edição)” (Nossa tradução).

(p. 519) A partir desse dia, o boticário começou a nos ver com desconfiança e deixava de ir embora para casa, ficando por muitas horas e, em pouco tempo, recuperou seu crédito, pois agia com mais eficiência no escritório, o caixa sofria menos saques e ele não saía até à noite, momento em que as vendas eram finalizadas. Quando um amigo o convidava para um passeio, desculpava-se dizendo que estava grato pelo convite, mas que não (p. 520) podia abandonar as responsabilidades de sua casa, e que quem tinha loja era obrigado a atendê-la.

Com esse método, ficávamos um pouco entediados, porque o oficial não conseguia andar, nem o aprendiz comer, brincar ou relaxar à noite.

Nessa época, por causa de não sei que reviravolta, meu patrão se irritou com o médico e desfez por completo os combinados e a amizade. Como é verdade que a maioria das amizades está ligada a interesses! É por isso que existem tão poucas que são verdadeiras.

Já estava eu pensando em sair dessa casa, porque me incomodava com a sujeição e com o pouco manuseio que tinha no caixa, uma vez que eu não conseguia mais a confiança de antes do patrão; no entanto, não ter um lugar para me instalar ou o que comer me impedia de sair.

Em um daqueles dias de minha indeterminação, aconteceu que preparei uma receita que pedia uma pequena dose de magnésia. Coloquei a água e o xarope na garrafa, e ao invés de pegar o pote onde estava a magnésia, peguei o pote de arsênico e misturei uma dose adequada. O triste enfermo, como soube mais tarde, bebeu-a com a maior confiança, e as mulheres de sua casa mexiam o fundo de seu copo com a ponta da colher, incentivando-lhe a beber, que o remédio era muito saudável.

Os tais pós começaram a agir, e o infeliz paciente se debateu, atormentado por dores infernais que lhe dilaceravam as entranhas. A casa entrou em alvoroço. Chamaram o médico, que chegou rapidamente; disseram-lhe que o doente, ao beber o remédio que ele havia receitado, começou com aqueles enjoos e dores. Então, o médico pediu a receita, guardou-a, mandou trazer o frasco e o vidro que ainda tinha o restante de pó assentado. Depois de vê-lo e prová-lo, gritou assustado:

– O paciente foi envenenado. Isso não é magnésia, mas arsênico. Tragam óleo e leite morno, rápido.

Tudo foi trazido imediatamente, e com essa e outras ajudas, o paciente foi salvo. Quando o viu fora de perigo, o médico perguntou de qual drogaria ele tinha

trazido a (p. 520) bebida; disseram-lhe, e ele comunicou ao Protomedicato, apresentando a receita, o empregado que foi à farmácia, assim como a garrafa e o copo como testemunhas fidedignas de minha imprudência. (p. 521) Os juízes comissionaram outro médico e, acompanhados do escrivão, foram todos à casa de meu amo, que ficou surpreso com tais visitas.

O médico comissionado e o escrivão fundamentaram breve e sumariamente o processo, afirmando que eu era confesso e convicto. Queriam me levar para a cadeia, mas informaram que eu não era um oficial, mas um aprendiz bisonho; deixaram-me em paz, acusando meu patrão de toda a culpa, o qual recebeu, na hora, uma multa de duzentos pesos, seguida de um aviso. Em caso de atraso, o comissário notificou-lhe, em nome do tribunal e sob pena de fechar a drogaria, que não deveria voltar a ter aprendizes no escritório, pois o que acabava de acontecer não era a primeira nem seria a última desgraça a ser chorada pelo amorismo de tais despachantes.

Não houve outra solução: meu pobre amo entrou na carruagem com aqueles *señores*, fazendo cara de ferreiro mal pago e olhando para mim com bastante indignação, e mandou o cocheiro ir até sua casa, onde deveria entregar a multa, pois ainda não a tinha pagado.

Assim que o carro avançou um pouco, entrei na loja, tirei minha capa e meu chapéu e disse ao oficial:

– *Don* José, vou-me embora, porque, se o amo me encontrar aqui, vai me matar. Agradeça-lhe o bem que me fez e diga-lhe que perdoe esta travessura, que foi um mero acidente.

Nenhuma persuasão do oficial foi suficiente para me parar. Fui acelerando o passo, sentindo minha desgraça e consolando-me com o fato de, ao menos, ter saído melhor do que da casa de Tabajara e de *Don* Agustín.

Em suma, ficando hoje em um *arrastradero* e amanhã em outro, passaram-se vinte dias, até que fiquei sem capa nem paletó; e para não me ver de novo descalço e em pior estado, resolvi servir ao Doutor Purgante, que me recebeu muito bem, como se dirá no capítulo que segue.

(p. 522) Capítulo III

No qual, Periquitinho relata como se estabeleceu com o Doutor Purgante, o que aprendeu a seu lado, o roubo que cometeu, sua fuga e as aventuras que viveu em Tula, onde fingiu ser médico

Ninguém fale quem ele é, pois suas obras falarão por ele. Essa afirmação é tão antiga quanto verdadeira, e todos estão convencidos de sua infalibilidade. Por conseguinte, para que examinar meus maus comportamentos quando é mais simples apenas contá-los para serem avaliados por si mesmos? O que eu desejo, meus filhos, é que vós não leiais minha vida como quem lê um romance, mas que pareis para refletir e ver além da superfície dos fatos. Vós deveríeis advertir os tristes resultados da ociosidade, da inutilidade, da inconstância e de outros vícios que me afetaram. Fazei análise dos acontecimentos devassos de minha vida, indagai suas causas, temei suas consequências, descartai os erros vulgares que vedes adotados por mim e por outros, embebedai-vos nas máximas sólidas da sadia moral cristã que minhas reflexões vos apresentam. Em uma palavra, adentrai na substância da obra em todas as suas partes. Desejo que vos divirtais com o ridículo, que conheçais o erro e o abuso para não imitar um nem abraçar o outro, que onde fôreis achar alguma ação virtuosa que vos apaixoneis por sua doce força e que tenteis imitá-la. Isso significa, meus filhos, que desejo que tireis três frutos da leitura de minha vida, dois principais e um secundário: amor à virtude, aversão ao vício e diversão. Esse é meu desejo e, por isso, mais do que qualquer outra coisa, dou-me ao trabalho de escrever-vos e desvelar, diante de vós, meus crimes e defeitos mais ocultos; se não (p. 523) consegui-lo, pelo menos morrerei com o consolo de que minhas intenções são louváveis. Chega de divagações, que o papel é caro.

Interrompemos o relato em que fui ver o doutor Purgante e, de fato, encontrei-o numa tarde, após a hora da *siesta*, em seu escritório, sentado em uma poltrona com um livro diante dele e a caixa de rapé a seu lado. Ele era um sujeito alto, magrinho de rosto e pernas e com a barriga protuberante; de pele morena e sobrancelhas carregadas, olhos verdes, nariz de cavalete, boca grande, sem dentes e careca, motivo pelo qual usava peruca com cachos para sair na rua. Vestia, quando fui vê-lo, um robe até os pés, daqueles a que chamam quimono, cheio de flores e folhagem, e

um grande barrete muito firme e brilhante porque tinha sido engomado. Assim que entrei, reconheceu-me e disse-me:

(p. 523) – Oh, Periquitinho! Filho! Por que razões extraordinárias viestes me visitar nesta espelunca?

Seu estilo não me surpreendeu porque eu já sabia como era presunçoso. Eu tinha a intenção de mentir ao contar a ele sobre minhas peripécias, mas o médico interrompeu-me, dizendo:

– Eu já sei da turbulenta catástrofe que ocorreu contigo e com teu mestre farmacêutico. Na verdade, Quitinho, tu ias despachar o paciente da cama para o caixão, em um instante, trocando arsênico por magnésio. É verdade que tua mão trêmula e imprudente teve grande parte da culpa, mas teu tutor, o farmacêutico, também é culpado. Tudo por causa de um capricho dele. Eu já lhe tinha advertido sobre todas essas drogas nocivas e venenosas; insisti para que as escondesse, que as deixasse trancadas a chave em lugar muito seguro, que só o oficial mais habilidoso tivesse acesso a elas, pois, com essa providência assídua, seriam evitados esses erros mortais. Mas, mesmo sendo válido o que eu lhe sugeri, ele não me deu ouvidos, apenas disse que isso iria contra o protocolo dos remédios, sem perceber que *sapientis est mutare consilium*¹⁰⁵⁵ e que, *consuetudo est altera natura*¹⁰⁵⁶. Então, problema dele. Mas, diz-me: o que fizeste nesse tempo todo? Porque, se não forem falsas as notícias que minhas (p. 524) aurículas receberam da auréola da fama, faz dias que fugiste dos gabinetes do Esculápio¹⁰⁵⁷.

– É verdade, *señor!* – disse-lhe eu. – É que eu estava com vergonha, mas arrependi-me depois, porque, nesses dias, para comer, vendi minha capa, o casaco e o lenço.

– Que estultícia! – exclamou o médico. – A vergonha é *optime bona*¹⁰⁵⁸ quando é causada por um crime de *cogitato*¹⁰⁵⁹; mas não quando se comete do modo

¹⁰⁵⁵ Nota da Tradutora: “É sábio mudar de opinião” (Nossa tradução).

¹⁰⁵⁶ Nota da Tradutora: “Os costumes arraigados tornam-se uma segunda natureza” (Nossa tradução).

¹⁰⁵⁷ **Nota da Tradutora: Esculápio, ou Asclépio, é o principal deus da medicina na mitologia grega. Filho de Apolo e da mortal Coronis, ensinou medicina aos humanos e salvou muitos da morte. Para mais informações, visitar: <https://historiaybiografias.com/esculapio/> e <https://culturaesaude.med.br/quem-foi-asclepio/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

¹⁰⁵⁸ Nota da Tradutora: “Muito boa” (Nossa tradução).

¹⁰⁵⁹ Nota da Tradutora: “Ideação criminosa” (Nossa tradução).

*involuntarie*¹⁰⁶⁰, porque, se *hic et nunc*¹⁰⁶¹, o indivíduo soubesse que estava fazendo algo errado, (p. 524) *absque dubio*¹⁰⁶², abster-se-ia de cometê-lo. Em suma, meu caro, queres ficar a meu serviço e ser meu *consodal in perpetuum*¹⁰⁶³?

– Sim, *señor!* – respondi-lhe eu.

– Pois bem. Nesta *domo*¹⁰⁶⁴, tu terás, *im primis*¹⁰⁶⁵, o *panem nostrum quotidianum*¹⁰⁶⁶; *aliunde*¹⁰⁶⁷, a bebida necessária; *tertio*¹⁰⁶⁸, a cama *sic vel sic*¹⁰⁶⁹, conforme fornecido; *quarto*, os tegumentos externos heterogêneos de tua matéria física; *quinto*, fica garantida a parte da higiene que tu possas desejar, visto que aqui se toma muito cuidado com a alimentação e com a observância das seis coisas naturais e das seis não naturais prescritas pelos homens mais iluminados da faculdade de medicina; *sexto*, tu beberás da ciência de Apolo *ex ore meo, ex visu tuo e ex bibliotheca nostra*¹⁰⁷⁰. *Postremo*¹⁰⁷¹, contarás, cada mês, para teus cigarros ou *quodcumque vellis*¹⁰⁷², quinhentos e quarenta e quatro maravedis¹⁰⁷³, sem tirar nem pôr. A única obrigação que terás é a de apenas cumprir os mandados da senhora minha irmã, de observar *modo naturalistarum*¹⁰⁷⁴ quando as galinhas estiverem prontas para oviparar¹⁰⁷⁵ e coletar os (p. 525) ovos alvos, ou melhor dizendo, os frangos *in fieri*¹⁰⁷⁶, servir a comida à mesa e, finalmente, o que mais confio a ti é cuidar da alimentação e da pureza de minha mula, a quem tu deverás atender e servir com mais cuidado do que a minha pessoa.

¹⁰⁶⁰ Nota da Tradutora: “Involuntário” (Nossa tradução).

¹⁰⁶¹ Nota da Tradutora: “Aqui e agora” (Nossa tradução).

¹⁰⁶² Nota da Tradutora: “Sem dúvida” (Nossa tradução).

¹⁰⁶³ Nota da Tradutora: “Companheiro para sempre” (Nossa tradução).

¹⁰⁶⁴ Nota da Tradutora: “Casa” (Nossa tradução).

¹⁰⁶⁵ Nota da Tradutora: “Em primeiro lugar” (Nossa tradução).

¹⁰⁶⁶ Nota da Tradutora: “O pão nosso de cada dia” (Nossa tradução).

¹⁰⁶⁷ Nota da Tradutora: “Além disso” (Nossa tradução).

¹⁰⁶⁸ Nota da Tradutora: “Em terceiro lugar” (Nossa tradução).

¹⁰⁶⁹ Nota da Tradutora: “Assim-assim” (Nossa tradução).

¹⁰⁷⁰ Nota da Tradutora: “De minha boca, de tua vista e desta livraria” (Nossa tradução).

¹⁰⁷¹ Nota da Tradutora: “Por último” (Nossa tradução).

¹⁰⁷² Nota da Tradutora: “Para o que te apetecer” (Nossa tradução).

¹⁰⁷³ Nota da Tradutora: A moeda *maravedí* foi, originalmente, uma moeda de ouro na época de Alfonso VIII, da Espanha (séc. XII-XIII), e continuou sendo utilizada como unidade de conta até o século XIX nas colônias ultramarinas. Um real era a moeda de prata (de 3 gramas), também chamada de meia peseta, e era equivalente a 68 *maravedís*. Para mais informações, visitar: <https://www.arriondas.com/2015/01/del-maravedi-al-euro/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

¹⁰⁷⁴ Nota da Tradutora: “Ao modo naturalista” (Nossa tradução).

¹⁰⁷⁵ Nota da Tradutora: “Pôr ovos” (Nossa tradução).

¹⁰⁷⁶ Nota da Tradutora: “Porvindouros” (Nossa tradução).

(p. 525) “Essas são, caro Quitinho, todas tuas obrigações e confortos em *sinopsim*¹⁰⁷⁷. Eu, quando te convidei para meu pobre casebre e consórcio, tinha a intenção deliberada de montar um laboratório de química e botânica; mas os contínuos desembolsos que tenho sofrido me reduziram à *pobreza*¹⁰⁷⁸, e meus desígnios primordiais me frustraram; porém, mantenho minha palavra de admissão e recompensarei teus serviços com justiça, porque *dignus est operarius mercede sua*¹⁰⁷⁹.

Embora eu não tenha conseguido entender muitos desses termos afetados, compreendi que ele me queria como serviçal para as tarefas mais humildes¹⁰⁸⁰ e como criado, para outras situações. Analisando por essa perspectiva, percebi que não teria de trabalhar muito, e que, naquelas circunstâncias, não encontraria algo melhor; mas não consegui captar quanto seria meu salário. Então, perguntei-lhe quanto eu ganharia todo mês, ao que o grande doutor, meio zangado, respondeu:

– Eu já não te disse *claris verbis*¹⁰⁸¹, que desfrutarás de quinhentos e quarenta e quatro maravedis?

– Mas, *señor* – eu lhe insisti –, quanto é quinhentos e quarenta e quatro maravedis em dinheiro? Porque me parece que meu trabalho não vale tanto dinheiro.

– Merece, sim, *stultissime famule*¹⁰⁸², porque essas centenas não valem mais do que dois pesos.

– Pois bem, *señor* doutor – disse-lhe eu –, não há necessidade de se aborrecer; agora sei que tenho dois pesos de salário e me considero muito feliz por estar na companhia de um *señor* tão sábio quanto vós, de quem tirarei mais proveito com vossas lições do que com os pós e manteigas de *Don Nicolás*.

– Naturalmente que sim – disse-me o *señor* Purgante –, pois eu te abrirei os palácios de Minerva, conforme tua dedicação, e isso será uma recompensa

¹⁰⁷⁷ Nota da Tradutora: “Resumo” (Nossa tradução).

¹⁰⁷⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, *ad inopiam* – [Nossa tradução está no corpo do texto].

¹⁰⁷⁹ Nota da Tradutora: “Quem trabalha é digno do salário” (Nossa tradução).

¹⁰⁸⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *de escalera abajo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 525). De acordo com o *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española* (1803, p. 366), são os “criados que são de baixa esfera e servidão, tais como cozinheiros, cocheiros etc” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtile?cmd=Lema&sec=1.0.0.0.0>. Acesso em: 03 jun. 2023.

¹⁰⁸¹ Nota da Tradutora: “Com clareza” (Nossa tradução).

¹⁰⁸² Nota da Tradutora: “Jovem atordoado” (Nossa tradução).

superabundante por teus serviços. Somente com minha (p. 526) doutrina, preservarás tua saúde por longos anos, e talvez, talvez recolherás alguns juro e estimativas.

Chegamos a um acordo a partir desse momento. Comecei a bajulá-lo, assim como a sua *señora* irmã, que era uma idosa, beata da confraria Santa Rosa, tão ridícula como meu amo; e, embora quisesse bajular Manuelita, que era uma menina de catorze anos, sobrinha dos dois e bonita como uma prata, não podia, porque a maldita velha cuidava muito bem dela, mais do que se fosse de ouro.

Fiquei sete ou oito meses com meu velho, cumprindo perfeitamente minhas obrigações, ou seja, servindo a mesa, cuidando da postura das galinhas, cuidando da mula e fazendo mandados. A velha e seu irmão me consideravam um santo, pois, nas horas em que eu não tinha o que fazer, estava no estúdio, como de costume¹⁰⁸³, olhando as gravuras anatômicas de Porras¹⁰⁸⁴, Willis¹⁰⁸⁵ e outras, ou me entretendo, de tempos em tempos, com a leitura dos *Aforismos*¹⁰⁸⁶ de Hipócrates, (p. 526) com

¹⁰⁸³ Transcrição da nota 530, da edição 2008 (p. 526): [Lê-se, em castelhano] “*sólitis concedidas*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 526): “segundo o de costume, segundo prática habitual” (Nossa tradução).

¹⁰⁸⁴ **Transcrição da nota 531, da edição 2008 (p. 526, tomado da edição da UNAM, 1982, vol. IX, p. 30): “J. R. Spell (1971, p. 165) acredita que o nome Porras se refere a Matías de Porras, médico e escritor espanhol do século XVII, a quem Lope [de Vega, o autor do século de ouro espanhol] fez grandes elogios [na sua obra] *El laurel de Apolo* [Nossa tradução: o louro de Apolo]. No entanto, Reyes Palacios opina que se trata de Manuel de Porras, autor da obra *Anatomía galénico-moderna* [Nossa tradução: anatomia galênico-moderna] (1716), impressa em Madri, pela Imprenta de la Música, por Bernardo Peralta, a qual incluía vinte gravuras” (Nossa tradução)

¹⁰⁸⁵ **Transcrição da nota 532, da edição 2008 (p. 526): “Thomas Willis (1621-1675), professor de ciências físicas em Oxford, um dos fundadores da Real Sociedade de Londres. Estudou sobre tudo que seja relacionado com a fisiologia do cérebro e descobriu o sistema de artérias relacionadas com a base do crânio, que leva seu nome: *Cerebri anatome cui accesit nervorum descriptio et usus* [Nossa tradução: Uma anatomia do cérebro, a quem foi acrescentada a descrição e uso dos nervos] (1664)” (Nossa tradução).

¹⁰⁸⁶ **Nota da Tradutora: De acordo com Infoescola (2023), na obra *Aforismos*, Hipócrates escreve “uma coleção de definições, nas quais o autor se esforçou para ser o mais conciso e objetivo possível. As doenças seriam resultado do desequilíbrio entre os denominados humores: o sangue, a fleuma (estado de espírito), a bília (amarela) e a atrabile (bília negra).” Disponível em: <https://www.infoescola.com/livros/aforismos/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

algo de Boherave¹⁰⁸⁷ (p. 527) e de Wansvieten¹⁰⁸⁸; acrescentam-se o Etmulero¹⁰⁸⁹, o Tissot¹⁰⁹⁰, o Buchan¹⁰⁹¹, o tratado para curar tabardilhos, por Amar¹⁰⁹², o *Compendio*

¹⁰⁸⁷ **Nota da Tradutora: De acordo com a edição 2008, trata-se de Hermann Boerhaave (1668-1738), um médico holandês de fama europeia. Também é conhecido por seus estudos em botânica, química, anatomia, fisiologia, patologia e treinamento clínico. Ele foi o primeiro a utilizar métodos exatos e quantitativos na química ao medir a temperatura utilizando as melhores balanças disponíveis feitas por Fahrenheit. Ele pode ser considerado o fundador da química física assim como contribuidor para a química pneumática e a bioquímica. Informações retiradas de: <https://www.encyclopedia.com/people/medicine/medicine-biographies/herman-boerhaave>. Acesso em: 03 jun. 2023.

¹⁰⁸⁸ **Transcrição da nota 3, da edição de 1982 (retirado do *Cuarto dialogo crítico*, de Fernández de Lizardi, 2014): “Wansvieten, Van Swieten Gerard (1700-1772). De origem holandesa, exerceu sua carreira como médico na Áustria. Em 1745, trabalhou como médico pessoal da imperatriz Maria Teresa (1717-1780). Sob esse título, trabalhou na organização dos serviços de saúde e da universidade da Áustria, introduziu o ensino de medicina clínica e compôs o licor que leva seu nome para o tratamento da sífilis. Autor de *Comentarii in Boerhaavii aphorismos de cognos cendis et curandis morbis* [Nossa tradução: Comentários sobre os aforismos de Boerhaavi sobre o conhecimento das doenças e curas]. Criou um jardim botânico e um laboratório de química. Seus estudos se concentraram nas áreas de anatomia e patologia. Além disso, contribuiu para a melhoria dos tratamentos de doenças venéreas. Reorganizou as faculdades de medicina das universidades de Praga e Friburgo. Além de suas atividades como médico, também se dedicou a realizar certas reformas. Transformou o regime de censura e se esforçou para encontrar métodos científicos e racionais para julgar os livros, inclusive os religiosos” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.iifilologicas.unam.mx/obralizardi/index.php?page=cuarto-dialogo-critico>. Acesso em: 04 jun. 2023.

¹⁰⁸⁹ **Transcrição da nota 536, da edição de 2008 (p. 527, retirado de Spell, 1971, p. 166): “Etmulero; Michael Ernest Ettmüller (1644-1683), professor de cirurgia e anatomia na Universidade de Leipzig. Suas aulas influenciaram muito em sua época. Feijóo o cita em várias ocasiões no seu *Teatro crítico* [Nossa tradução: teatro crítico]” (Nossa tradução).

¹⁰⁹⁰ **Nota da Tradutora: Samuel-Auguste-André-David Tissot (1728-1797), médico e físico suíço que colaborou com um distinto grupo de físicos interessados em reformas sociais e médicas. Tissot e seus colegas tentaram aplicar seus conhecimentos médicos para melhorar as práticas de saúde privadas e públicas, o treinamento profissional e a sociedade em geral. A obra de Tissot inclui um importante estudo sobre inoculação, intitulado *Inoculation vindicated* (1754), bem como *Conselhos ao povo sobre sua saúde* (1761). No entanto, seu tratado sobre masturbação, intitulado *Onanisme* (1760), tornou-se a obra pela qual ele é mais conhecido atualmente. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/science/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/samuel-auguste-andre-david-tissot>. Acesso em: 04 jun. 2023.

¹⁰⁹¹ **Nota da Tradutora: William Buchan (1729-1805), médico escocês. Escreveu o manual de medicina geral mais popular de finais do século XVIII e inícios do século XIX. Sua obra *Domestic medicine, or the family physician* [Nossa tradução: medicina doméstica, ou o médico de família], dirigido para o público leigo, foi publicado pela primeira vez em Edinburgh, 1769. Nos 80 anos seguintes a sua publicação, esse manual de remédios caseiros apareceu em mais de 100 edições britânicas e estadunidenses com mais de uma dúzia de subtítulos. Foi o segundo livro mais vendido de todos os tempos, depois de *Baby and child care*, de Benjamin Spock. (Nossa tradução). Retirado de: <https://www.encyclopedia.com/science/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/william-buchan>. Acesso em: 04 jun. 2023.

¹⁰⁹² **Transcrição da nota 539, da edição de 2008 (p. 527): “José Amar (1715-1779), professor da Universidad de Zaragoza no século XVIII. A obra mencionada é *Instrucción curativa de las calenturas vulgarmente conocidas con el nombre de tabardillos* [Nossa tradução: Instrução curativa das febres vulgarmente conhecida sob o nome de tabardilhos]” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Trata-se de um manual que discorre sobre a doença do tifo, muito antiga, cujos registros remontam à antiga Grécia. Para mais informações sobre a história da doença, visitar: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16793/3/171_9_FMP_TD_I_01_P.pdf. Acesso em: 04 jun. 2023.

anatômico, (p. 527) de Juan de Dios López¹⁰⁹³, a *Cirurgía de La Faye*¹⁰⁹⁴, o Lázaro Riverio¹⁰⁹⁵ e outros livros antigos e modernos, que tive vontade de tirar das prateleiras.

Minhas leituras, as observações que fazia dos remédios que meu patrão prescrevia aos pobres doentes que iam visitá-lo em sua casa – que não eram muitos, pois ele seguia a regra banal do ‘será atendido dependendo do grosso do pagamento recebido’¹⁰⁹⁶ – e (p. 528) as lições verbais que ele me deu, fizeram-me acreditar que eu já sabia medicina. Assim, um dia em que ele me repreendeu duramente e até quis me bater porque esqueci-me de alimentar a mula, prometi me vingar e mudar minha fortuna de uma vez por todas.

Com essa resolução, naquela mesma noite, dei à *doña* mula uma ração dobrada de milho e cevada e, quando toda a casa estava no sono mais profundo, selei-a com todos seus arreios, sem esquecer a *guarlapa*¹⁰⁹⁷. Fiz trouxas nas quais escondi quatorze livros, alguns truncados, outros em latim e outros em castelhano, porque pensei que médicos e advogados, geralmente, são credenciados pela quantidade de livros possuía, mesmo que sejam inúteis ou incompreensíveis. Guardei na referida trouxa a capa de golilha e a própria golilha¹⁰⁹⁸ de meu amo, juntamente com uma velha peruca de pita¹⁰⁹⁹, um formulário para emitir receitas e, o mais importante, seus diplomas de bacharel em medicina e a carta de exame. Fiz

¹⁰⁹³ **Nota da Tradutora: Juan de Dios López (1711-1773), médico espanhol, publicou o *Compendio Anatómico* [Nossa tradução: Compêndio Anatómico] entre 1750 e 1752. O livro foi utilizado como texto base nos colégios de cirurgia de Madri e Barcelona durante a segunda metade do século XVIII. Retirado de: <https://dbe.rah.es/biografias/19560/juan-de-dios-lopez>. Acesso em: 04 jun. 2023.

¹⁰⁹⁴ Transcrição da nota 541, da edição de 2008 (p. 527): “*Cirurgía de La Faye*; Georges de Lafaye (1701-1781) foi um famoso cirurgião francês conhecido, principalmente, pelo seu *Principes de chirurgie* (1739), traduzido a várias línguas, inclusive ao espanhol” (Nossa tradução).

¹⁰⁹⁵ Transcrição da nota 542, da edição de 2008 (p. 257): “Lázaro Riveiro, Lazare Rivière (1589-1655), professor da Universidade de Montpellier que conseguiu grande fama. Entre suas obras, estão: *Praxis medica cum teoria* [Nossa tradução: Prática médica com teoria] (1640) e *Methodus curandurum februm* [Nossa tradução: Método para curar a febre] (1641)” (Nossa tradução).

¹⁰⁹⁶ Nota da Tradutora: De acordo com López y López (1931, p. 481), a expressão coloquial “*como te pagan vas*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 527) refere-se ao “empenho ou dedicação em um ofício, dependendo do benefício ou proveito que dele seja possível extrair” (Nossa tradução).

¹⁰⁹⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*guarlapa*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 528). O termo foi mencionado no capítulo III do tomo III. O termo não está dicionarizado; porém, existe o termo *gualdrapa*, que é, de acordo com o DRAE (2023), “capa comprida, de seda ou lã, que cobre e enfeita as ancas da mula ou cavalo” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/gualdrapa?m=form>. Acesso em: 08 maio 2023

¹⁰⁹⁸ Nota da Tradutora: O dicionário *Aulete Digital* também define o termo equivalente, em português, a golilha, na segunda acepção, desta maneira: “grande gola engomada que se usava com a capa de golilha ou beca”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/golilha>. Acesso em: 07 maio 2023.

¹⁰⁹⁹ Nota da Tradutora: Fibra extraída da *pita*, ou agave. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/pita>. Acesso em: 05 jun. 2023.

desses documentos (p. 528) meus, usando uma navalha e um pouco de limão, com o qual raspei e apaguei o suficiente para mudar os nomes e as datas.

Não me esqueci de munir-me de moedas, porque, embora em todo o tempo que estive em casa não me tivessem pago, eu sabia onde a *señora* irmã tinha um cofrinho no qual enfiava tudo o que cortava dos gastos; e lembrando que ladrão que rouba ladrão *etecetera*, afanei habilmente o cofrinho, abri-o e vi, com a maior satisfação, que havia quase quarenta duros¹¹⁰⁰, embora ela tenha tido que amolecê-los para fazê-los passar pela fenda estreita do cofrinho. Com esse viático oportuno, sai de casa às quatro e meia da manhã, fechando o saguão e deixando a chave embaixo da porta.

Às cinco ou seis da tarde, entrei em uma pousada, dizendo (p. 529) que havia brigado na noite anterior e que queria trocar de hospedaria. Como paguei bem, fui atendido na hora. Mandeï trazer o café e colocar a mula no estábulo para que ela pudesse almoçar muito bem.

Durante o dia todo, não saí do quarto, imaginando para qual cidadezinha dirigiria minha marcha e com quem o faria, visto que não conhecia estradas nem povoados, nem era decente aparecer como médico sem bagagem nem empregado.

Com essas dúvidas na cabeça, o relógio soou uma hora da tarde, momento em que me trouxeram a comida. Eu estava nessa diligência, quando um rapaz se aproximou da porta para pedir, pela misericórdia de Deus, um pouco de comida.

Assim que o vi e ouvi, descobri que era Andrés, o aprendiz da casa de *Don Agustín*, um rapaz, não sei se já disse, de uns catorze anos que, pela altura, parecia ter dezoito. Eu o fiz entrar imediatamente e, depois de jogar conversa fora, ele reconheceu-me. Eu lhe disse que era médico e estava tentando encontrar uma cidade pequena em busca de fortuna, porque, na Cidade do México, havia mais médicos do que pacientes; mas, que a falta de um jovem fiel que me acompanhasse e que soubesse de uma cidade onde não houvesse médico impediu-me, até então, de fazê-lo.

¹¹⁰⁰ Nota da Tradutora: O nome *duro* é um dos tantos nomes que o *peso mexicano*, moeda de prata também conhecida como oito reais, recebeu ao longo dos tempos, junto com *peso columnario*, *peso duro*, *peso fuerte*, entre outros. Para mais informações, visitar: <https://drive.google.com/viewerng/viewer?url=https://revistas-colaboracion.juridicas.unam.mx/index.php/juridica/article/download/11004/10062>. Acesso em: 05 jun. 2023.

(p. 529) O pobre rapaz se ofereceu e até me implorou para levá-lo comigo, pois ele sabia que na cidade Tepeji del Río¹¹⁰¹ não havia médico, e não era uma cidade pequena, e que se as coisas dessem errado lá, iríamos para Tula¹¹⁰², que era uma cidade maior.

Fiquei muito contente com o desembaraço de Andrés, que, tendo ele me pedido comida, comeu com muito apetite e contou-me que estava escondido num saguão quando me viu sair correndo da barbearia e a velha atrás de mim com a faca; que eu passei pelo mesmo saguão onde ele estava e que a velha quase entrou em sua casa, quando corria para me alcançar, mas não conseguiu. Eu não duvido. Eu corria muito mesmo, instigado pelo medo!

(p. 530) Andrés também me disse que foi para sua casa e que contou todo o acontecido para seu padrasto, mas que foi muito repreendido e que apanhou muito, e que depois foi levado em grilhetas para a casa de *Don Agustín*; que a maldita velha, ao ver que eu não aparecia, descontou nele, levantando tantos testemunhos que o mestre se irritou demais e resolveu fazer-lhe uma novena¹¹⁰³ de chicotadas, conforme constatou, colocando-o, nesse tempo, em um estado lamentável, tanto pelas muitas e cruéis chicotadas que recebeu, quanto pelos jejuns forçados¹¹⁰⁴. Foi assim que a velha iníqua, para satisfação própria, vingou-se e, após isso, libertou-o, removendo a grilheta, dando-lhe um bom sermão, e concluiu exortando-o a *cuidar para não acontecer novamente*. Mas Andrés, assim que teve oportunidade, fugiu de casa com a intenção de sair da Cidade do México. Por conta disso, passava pelas pousadas pedindo comida e esperando a oportunidade de sair com a primeira pessoa que encontrasse.

¹¹⁰¹ Nota da Tradutora: Um dos 84 municípios do Estado de Hidalgo, México. De acordo com a edição de 2008, a cidade de Tepeji del Río está a 72 km da Cidade do México. Para mais informações, visitar: https://www.ecured.cu/Tepeji_del_R%C3%ADO. Acesso em: 05 jun. 2023.

¹¹⁰² Nota da Tradutora: Trata-se de outro município do Estado de Hidalgo, México. De acordo com a edição de 2008, a cidade de Tula está a 95 km ao noroeste da Cidade do México. Para mais informações, visitar: [https://www.ecured.cu/Tula_de_Allende_\(M%C3%A9xico\)](https://www.ecured.cu/Tula_de_Allende_(M%C3%A9xico)). Acesso em: 05 jun. 2023.

¹¹⁰³ Nota da Tradutora: Tal como define o dicionário *Michaelis* (2023), na quinta acepção, uma novena se refere a açoites com que se castigavam os escravizados, durante nove dias seguidos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/novena/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

¹¹⁰⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*los ayunos que le hicieron sufrir al traspaso*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 530). A expressão, em desuso, *ayunar al traspaso*, de acordo com o *DRAE* (2023), significa jejuar a partir da quinta-feira até o sábado da semana santa. Disponível em: <https://dle.rae.es/traspaso?m=form>. Acesso em: 05 jun. 2023.

(p. 530) Quando acabou de me contar tudo isso enquanto comia, mascarei minhas aventuras, fazendo-o acreditar que eu acabara de me formar em medicina. Eu já havia insinuado a ele que queria sair desta cidade; por isso, deixei claro que o levaria comigo de bom grado, alimentando-o e fazendo-o passar por barbeiro, caso não houvesse um na cidade onde iríamos nos instalar.

– Mas, *señor* – disse-me Andrés –, tudo está muito bem, mas eu mal sei tosar um cachorro, como, então, vou arriscar entrar no que não entendo?

– Cala-te! – disse-lhe eu. – Não sejas covarde! Sabe que *audaces fortuna juvat, timidosque repellit*.

– Que dizeis, *señor*, que eu não compreendo?

– Que a sorte – respondi-lhe – favorece os ousados e repele os covardes. E, assim, não deves acovardar-te. Tu, se estiveres em minha companhia, serás tão barbeiro em um mês quanto fui médico no pouco tempo em que estive com meu professor, a quem devo muito nesta hora.

(p. 531) Andrés me escutava com admiração, e mais ainda quando me ouvia disparar palavras latinas com frequência, pois ele não sabia que o melhor que eu aprendi com o Doutor Purgante foi seu pedantismo e sua forma de curar, método *medendi*, nome com que batizou seu método.

Enfim, às três da tarde, saí com Andrés para o Baratillo, onde comprei um colchão, uma capa para envolvê-lo, um baú, uma jaqueta preta e calções verdes com as respectivas meias pretas, sapatos, chapéu, colete vermelho, cachecol e uma capinha para meu criado e futuro barbeiro. Também comprei para ele seis navalhas, uma bacia, um espelho, quatro ventosas, duas lancetas, um trapo, pois ele ia precisar de panos para o rosto, umas tesouras, uma seringa grande e não sei quantas outras bugigangas. O mais estranho foi que, na compra de todo esse enxoval, mal gastei 27 ou 28 pesos. Dá para entender que tudo foi comprado no Baratillo, pois foi tudo muito barato. Mesmo assim, Andrés voltou para a pousada muito feliz.

Depois que chegamos, paguei o homem que carregou nossas compras e colocamos nossos bens no baú. Nessa operação, Andrés viu que meu saldo efetivo de prata mal chegava a oito ou dez pesos. Então, muito assustado, disse-me:

– Ah, não, *señor*! Temos apenas esse dinheiro para ir embora?

– Sim, Andrés! – eu lhe respondi. – O quê? Não é suficiente?

(p. 531) – Como será suficiente, *señor*? Quem carregará o baú e o colchão daqui para Tepeji ou para Tula? O que comeremos no caminho? E, finalmente, como faremos para nos sustentar enquanto recebemos crédito? Esse dinheiro já, já acaba, e noto que não tendes roupas ou joias, ou qualquer coisa que valha a pena penhorar.

As reflexões de Andrés não deixaram de me preocupar; mas, não quis amedrontá-lo mais, mesmo porque eu já tardava em sair do México, pois sabia muito bem que o médico estaria fazendo de tudo para me encontrar (percebi isso quando fui ao Baratillo, onde comprei a maioria das tralhas que mencionei, num saguão) e tive medo de que, se ele me encontrasse, eu acabaria na cadeia e, conseqüentemente, nas mãos do Tabajara. Por isso, com toda dissimulação e pedantismo, eu disse a Andrés:

– Não te preocupes, filho, *Deus providebit*¹¹⁰⁵.

– Não sei (p. 532) o que estais me dizendo – respondeu-me Andrés. – O que sei é que, com esse dinheiro, não dá nem para começar.

Estávamos conversando sobre essas coisas quando, por volta das sete da noite, no quarto ao lado, ouvi o barulho de vozes e pesos. Mandeí Andrés espiar o que era. Ele foi e voltou muito feliz, dizendo-me:

– *Señor, señor*, o jogo está muito bom!

– Ah, é? O que eles estão jogando?

– Sim, *señor!* – disse-me. – Há dez ou doze caboclos na sala jogando *albures*, mas eles apostam cartuchos cheios de moedas¹¹⁰⁶.

¹¹⁰⁵ Nota da Tradutora: “Deus proverá” (Nossa tradução).

¹¹⁰⁶ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*chorizos de pesos*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 532). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 420), a expressão significa rolo de moedas. Outro nome para esse tipo de moedeiro é o *cartucho*. Para tal vocábulo, o *DRAE* (2023), na segunda acepção, traz a seguinte definição: “estojo cilíndrico de moedas da mesma classe” (Nossa tradução). Depois de uma busca rápida na internet, com as palavras-chave “*cartucho de monedas, siglo XIX*”, obtivemos imagens esclarecedoras, para colecionadores, dos *cartuchos de pesos*. Na língua portuguesa, na segunda acepção do *Aulete Digital*, registra-se: pequena embalagem comprida, cônica ou cilíndrica: cartucho de amendoim. A definição do *Diccionario de mejicanismos* está disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/420/mode/2up?view=theater&q=chorizos>. A definição do *DRAE* está disponível em: <https://dle.rae.es/cartucho?m=form>. A definição no *Aulete Digital* pode ser acedida em: <https://www.aulete.com.br/cartucho>. As imagens podem ser acedidas em: <https://duckduckgo.com/?q=cartuchos+de+monedas+siglo+xix&atb=v366-1&iax=images&ia=images&pn=3>. Todas com acesso em: 06 jun. 2023.

(p. 532) Caí na tentação¹¹⁰⁷, abri o baú, tirei seis pesos dos dez que tinha e dei a chave a Andrés, ordenando-lhe para ficar com ela, e que mesmo que eu pedisse e afirmasse que me mataria, ele não a daria para mim, porque só ia arriscar aqueles seis pesos, e se os quatro que sobravam se perdessem, não teríamos com que comer nem com que pagar a manjedoura da mula no dia seguinte. Andrés, meio triste e desconfiado, pegou a chave, e eu fui me meter na roda dos apostadores.

Os caipiras não eram tão tolos quanto eu precisava que fossem; eram mais do que moderadamente instruídos na arte do baralho e, portanto, era necessário ir com cuidado. No entanto, tive a sorte de ganhar deles cerca de vinte e cinco pesos, o que me fez sair do jogo muito feliz, e encontrei Andrés sentado dormindo.

Acordei-o e mostrei-lhe o lucro, que ele guardou muito satisfeito, contando-me que já tinha marcado a viagem e tudo estava pronto, porque lá embaixo havia uns jovens de Tula que trouxeram um estudante e estavam voltando vazios; que eles combinaram a viagem, e decidiram cobrar quatro pesos, e apenas esperavam que eu confirmasse o acordo.

– Bom, como não iria confirmar, filho? – disse eu a Andrés. – Chame aqueles rapazes agora mesmo.

Andrés desceu como um raio e depois subiu com os rapazes, com quem combinei que me dariam uma mula para meu uso pessoal e uma besta selada para o Andrés, assim como outras coisas que (p. 533) me ofereceram. Além disso, avisaram que sairíamos cedo, antes do amanhecer. Dito isso, foram se recolher.

Imediatamente, mandei meu criado comprar uma garrafa de aguardente, queijo, biscoitos e linguiças para o outro dia. Enquanto ele voltava, mandei trazer o jantar.

Vendo como tudo deu certo, não cansei de me alegrar com minha determinação de ser médico; ao mesmo tempo, agradei a Deus por ter me dado um servo tão fiel, vivo e prestativo como o Andrezinho, que, no meio dessas contemplações, estava entrando carregado dos suprimentos.

Nós dois tivemos um jantar amigável, tomamos uma boa bebida e fomos dormir cedo, para acordar em uma boa hora pela manhã.

¹¹⁰⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *picóme la culebra* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 532). De acordo com López y López (1931, p. 471), a expressão coloquial significa “cair em tentação” (Nossa tradução).

(p. 533) Às quatro da madrugada, os moços já batiam a nossa porta. Levantamo-nos e tomamos o café da manhã enquanto os arrieiros carregavam. Concluído esse procedimento, paguei a despesa que eu e minha mula havíamos feito e partimos.

Eu não estava acostumado a caminhar, de modo que logo me cansei e não queria ir além de Cuautitlán¹¹⁰⁸, embora os jovens insistissem para que fôssemos dormir em Tula.

No segundo dia, chegamos à referida povoação e fiquei em casa de um dos arrieiros, que era um velho pobre, simples e bom, chamado tio Barnabé, com quem combinei que pagaria por meu prato, pelo de Andrés e pelo da mula, com meus serviços, a título de gratificação, como médico da casa para toda sua família, que eram duas velhas, uma esposa e outra sua irmã, dois filhos adultos e uma filhinha de cerca de doze anos de idade.

O pobre homem aceitou muito feliz, e foi assim que me instalei em Tula, tendo de sustentar o mestre barbeiro – que é como, doravante, chamaremos Andrés –, eu e minha mula¹¹⁰⁹. Embora ela não fosse minha, nomeei-a como tal; se bem que, sempre que olhava para ela, parecia ver o Doutor Purgante em minha frente, com sua grande capa de golilha e barrete erguido, que, lançando fogo dos olhos, dizia-me:

– Patife, devolva-me minha mula, (p. 534) meu alforje, meu rufo, minha peruca, meus livros, minha capa e meu dinheiro, que nada é seu.

Isso é tanto verdade, meus filhos, como aquele princípio da lei natural que nos diz que onde quer que uma coisa esteja, ela clama por seu dono, *Ubicumque res est, pro domino suo clamat*. Ou seja, o que importa se o testamenteiro fica com a herança dos menores quando eles não são capazes de reivindicá-la? E o que importa se o agiota retém os lucros? O que faz o comerciante engrandecer com os lucros ilícitos? E se muitos outros, valendo-se de seu poder ou da ignorância dos outros, gozarem lascivamente dos bens que usurpam? Jamais os desfrutarão sem ansiedade, nem, por mais que se escondam, poderão silenciar sua consciência, que lhes gritará

¹¹⁰⁸ Nota da Tradutora: É uma das 125 cidades que compõem o estado do México. De acordo com a edição de 2008, Cuatitlán está a 39 km da Cidade do México. Para mais informações, visitar: <https://estadodemexico.com.mx/municipio/cuatitlan/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

¹¹⁰⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *mi macha* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 533). De acordo com o *Glosário testimonio zapatista*, o termo *macho* se refere ao mulo; portanto, seu homólogo feminino é conhecido por *macha*. Mais informações em: <https://voceszapatistas.inah.gob.mx/glosario/M>. Acesso em: 06 jun. 2023.

incessantemente: (p. 534) isto não é seu, isto é desonesto; restaure-o, ou você perecerá eternamente.

Foi o que aconteceu comigo em relação ao que roubei de meu pobre amo; mas, como o remorso interno raramente se vê no rosto, tentei estabelecer minha conduta de bom médico naquela cidade, prometendo, internamente, devolver ao doutor todos seus bens assim que eu conseguisse ganhar alguma coisa. Bem, com isso, nada fiz além de seguir o fluxo.

Como não havia me esquecido daqueles princípios de civilidade que meus pais me ensinaram, depois de descansar por dois dias, pedi informações sobre quem eram os principais da cidade, como o padre e seus vigários, o subdelegado¹¹¹⁰ e seu diretor, o provedor-mor, o agente do correio, assim como um lojista e outros cavalheiros decentes; e mandei uma mensagem a todos eles com meu bom senhorio e Andrés, oferecendo-lhes minha pessoa e inutilidade.

Todos receberam a notícia com a maior satisfação, correspondendo cortesmente a minha complacência, e fazendo-me as visitas costumeiras, que também eu lhes fazia à noite, vestido de cerimônia, quer dizer, com minha capa de golilha, a própria golilha e minha peruca enfiada, porque não tinha melhor veste, nem pior. O mais ridículo disso era que minhas meias eram brancas, meu vestido todo colorido e meus sapatos, umas botinas, com o que eu mais parecia um oficial de justiça do que um médico. E para realçar ainda mais meu ridículo, fiz Andrés andar comigo com a roupa que comprei para ele, que vós deveis lembrar (p. 535) – casaco e meias pretas, calça verde, colete vermelho, chapéu branco e capa azul, com cauda remendada.

Os *señores* principais já me tinham feito visita, como eu disse, e formaram de mim o conceito que desejavam; mas as pessoas comuns da cidade não tinham me visto vestido a rigor nem acompanhado de meu escudeiro. Desse modo, no domingo, fui à igreja vestido a meu estilo, algo entre um médico e um oficial de justiça, e Andrés,

¹¹¹⁰ Transcrição da nota 8, da edição de Frye (2004, p. 276): “O subdelegado era o oficial de maior patente do distrito provincial sob o sistema, adotado [na Nova Espanha] de intendência administrativa nos anos 1780. Aproximadamente, o mesmo acontece com o *corregidor* ou *alcalde mayor* (governador do distrito) daquele sistema antigo” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008, p. 542) menciona informações retiradas de Spell (1971), nas quais afirma que “o subdelegado dependia do intendente, cujo cargo era, ao mesmo tempo, judicial e financeiro, correspondendo mais ou menos à do alcaide no antigo sistema. A Nova Espanha dividia-se em doze intendências” (Nossa tradução).

entre um chupim¹¹¹¹ e (p. 535) um periquito. O espetáculo que demos à cidade foi incrível. Acho que ninguém ouviu missa porque estavam olhando para nós, alguns zombando de nossas figuras extravagantes e outros maravilhados com tais trajes. A verdade é que, quando voltei para minha hospedaria, fui acompanhado por uma multidão de crianças, mulheres, índios, índias e agricultores pobres, que não paravam de perguntar a Andrés quem éramos, e ele, muito comedido, dizia:

– Este *señor* é meu mestre, seu nome é o *señor* doutor *Don* Pedro Sarmiento. Outro médico como ele não nasceu no reino da Nova Espanha. E eu sou seu ajudante, meu nome é Andrés Cascajo. Sou um mestre barbeiro, capaz de raspar um capão, de tirar sangue de um morto e de estripar um leão, caso seja preciso arrancar-lhe um dente.

Essas conversas eram feitas pelas minhas costas, porque, como mestre, eu não ia lado a lado com Andrés, mas na frente e muito pomposo e presunçoso, ouvindo os elogios. Porém, quase caí na gargalhada quando ouvi os absurdos ditos por Andrés, e notei seriedade com que ele os dizia e a simplicidade dos rapazes e da gente pobre que nos seguiam, pendurados na língua de meu laçao.

Chegamos à casa, para a admiração de nossa comitiva, que tio Barnabé dispensou gentilmente, dizendo-lhes que já sabiam onde morava o médico para quando precisassem dele. Com isso, todos voltaram para suas casas e deixaram-nos em paz.

Com o pouco dinheiro que me sobrou, comprei, por intermédio de meu senhorio, uma vara¹¹¹² de *pontivi*¹¹¹³ e mandei fazer (p. 536) uma camisa para mim e outra para Andrés, dando quase o restante à velha para que nos alimentasse por alguns dias, mesmo tendo combinado outra coisa no início.

1111 Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tordo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 535). De acordo com o *site Naturalista*, essa ave é do gênero *Molothrus*, cuja população se estende da América do Norte até o Sul. Do *Molothrus ater*, existem seis espécies, dentre as quais está o chupim brasileiro, *Molothrus bonariensis*. Informações retiradas de: <https://www.passaro.org/chupim/> e <https://www.passaro.org/chupim/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

1112 Nota da Tradutora: A vara é uma medida de longitude empregada em diferentes regiões da Espanha, com valores diferentes, que oscilavam entre 768 e 912 mm. Disponível em: <https://dle.rae.es/vara?m=form>. Acesso em: 08 jun. 2023.

1113 Transcrição da nota 554, da edição de 2008 (p. 535): “*Pontivi*, espécie de linho silesiano” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Silesiano significa natural da região da Silésia, hoje Alemanha.

(p. 536) As fofocas existem tanto nas vilas como nas cidades; portanto, logo se espalhou por aquela região a notícia de que havia um médico e um barbeiro à frente, e vinham de todos os lugares me consultar sobre suas doenças.

Por sorte, os primeiros que me consultaram foram aqueles doentes que saram mesmo não estando curados, já que, para curá-los, basta apenas a ajuda da natureza sábia; também outros que estavam mal porque ou não quiseram ou não souberam aderir à dieta adequada para seus casos. Seja como for, consegui curá-los com o que lhes sugeri. Assim, a cada curado, ganhava um toque de clarim para minha fama.

Depois de quinze ou vinte dias, eu já sabia como lidar com meus pacientes, principalmente índios, que nunca vinham de mãos vazias, mas carregando galinhas, frutas, ovos, verduras, queijos e o que os pobres pudessem encontrar. Então, tio Barnabé e suas velhinhas ficaram muito felizes com o hóspede. Eu e Andrés não ficamos tristes, mas gostaríamos de mais moedas, apesar de Andrés estar melhor do que eu, pois, aos domingos, esfolava índios por meio real, o que era uma glória. Sua ousadia chegou a tal ponto que, uma vez, arriscou sangrar alguém e, por acidente, deu tudo certo. É que, com o pouco que viu e com a prática que teve, sua mão ficou ágil, de tal modo que um dia me disse:

– Agora, sim, *señor*, não tenho mais medo e sou capaz de raspar o *sursum corda*¹¹¹⁴.

Minha fama crescia dia após dia, mas o que realmente me levou a ser digno de louvor¹¹¹⁵ foi um atendimento que fiz (também, por acaso, como Andrés) ao provedor-mor, quando me chamaram, uma noite, às pressas. Corri, confiando-me a Deus que me tirasse daquele momento crítico, do qual, não sem razão, pensei que dependia minha felicidade.

Levei Andrés comigo com todos seus instrumentos, incumbindo-o, em voz baixa para que o servo não ouvisse, de não ter medo, porque eu não tinha; que, no caso de matar um doente, era o mesmo se fosse índio ou espanhol, e que ninguém lutava com mais segurança do que nós. (p. 537) Sendo assim, se o provedor-mor

¹¹¹⁴ Transcrição da nota 9, da edição de 2004 (Frye, p. 278): “*Rejubilai-vos*, versículo utilizado nas missas” (Nossa tradução).

¹¹¹⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *lo que me encumbró a los cuernos de la luna* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 536). De acordo com López y López (1931, p. 466), a expressão *encumbrarse a los cuernos de la luna* significa “louvar-se, elogiar-se, dar-se importância” (Nossa tradução).

fosse curado, (p. 537) eles nos pagariam bem e nossa fama estaria garantida; e se ele morresse, como era de esperar devido a nossa incapacidade, diríamos que, quando chegamos, já estava entregue a Deus e que sua hora havia chegado. Estaríamos do outro lado, sem ninguém para nos acusar do homicídio.

Com tais conversas, chegamos à casa, que achamos assemelhar-se a uma Babilônia, porque alguns entravam, outros saíam, outros choravam e todos estavam atônitos.

Nessa hora, chegaram o *señor* cura e o padre vigário com os santos óleos.

– Que péssimo! – disse a Andrés. – Isso aqui ficou complicado. Não há meio termo: ou ficamos bem, ou ficamos mal. Vamos ver como essa aposta acaba.

Entramos todos juntos no quarto e vimos o doente deitado de bruços na cama, privado de sentidos, os olhos fechados, a boca aberta, o rosto escurecido e com todos os sintomas de uma convulsão.

Depois que a *señora* sua esposa e suas filhas me viram ao lado da cama, cercaram-me e perguntaram-me, em meio a um mar de lágrimas:

– Ah, *señor*! O que você diz, meu pai está morrendo?

Eu, fingindo muita serenidade de espírito e com a confiança de um profeta, respondi-lhes:

– Silêncio, meninas! Ele não morrerá! São efervescências do humor sanguíneo que oprimem os ventrículos do coração, apoderam-se do cérebro porque carregam com o *pondus*, o peso do sangue, sobre a espinha medular e a artéria traqueal; mas tudo isso será removido em um instante, porque *si evaquatio fit, rececetur pletora*¹¹¹⁶.

As *señoras* ouviam-me com espanto, e o padre não se cansava de me olhar fixamente, sem dúvida, zombando de meus desatinos, aos quais interrompeu, dizendo:

– *Señoras*, os remédios espirituais nunca prejudicam ou se opõem aos que são temporários. Será melhor primeiro absolver meu amigo usando a bula e colocar nele o óleo santo, e esperemos a obra de Deus.

¹¹¹⁶ Nota da Tradutora: A *pletora*, de acordo com o DRAE (2023), é um termo médico que significa: “excesso de sangue ou de outros líquidos orgânicos no corpo ou em uma parte dele” (Nossa tradução). Portanto, traduzimos a frase da seguinte forma: se a evacuação ocorrer, a acumulação será diminuída. A definição do DRAE está disponível em: <https://dle.rae.es/pl%C3%A9tora>. Acesso em: 08 jun. 2023.

(p. 537) – *Señor cura* – disse-lhe eu com todo o pedantismo que me era peculiar, tal como se tivesse aprendido por escrito –, *señor cura*¹¹¹⁷, bem o dizeis, eu não sou capaz de enfiar minha foice na seara de outro. Contudo, (p. 538) *venia tanti*¹¹¹⁸, eu diria que esses remédios espirituais não são apenas bons, mas necessários, *necesitate medii e necesitate praecepti in articulo mortis; sed sic est*¹¹¹⁹ que não estamos nesse caso; *ergo*¹¹²⁰ etc.

O padre, que era muito prudente e educado, não quis interromper minha tagarelice, e assim me respondeu:

– *Señor* doutor, o caso do qual estamos tratando não dá margem a discussões, porque o tempo é urgente. Eu sei de minha obrigação, e isso é o que importa.

Dizendo isso, começou a absolver o paciente, e o vigário aplicou-lhe o santo sacramento da extrema unção, tudo ao mesmo tempo. Os enlutados, como se aquelas ajudas espirituais fossem a decisão certa da morte de seu parente, começaram a atordoar a casa com gritos, e depois que os senhores eclesiásticos concluíram suas funções, retiraram-se para outro quarto, cedendo-me o campo e o doente.

Fui imediatamente para a cama, senti o pulso dele, olhei longamente as vigas do teto, depois tomei o outro pulso fazendo mil macaquices, tais como: arquear as sobancelhas, franzir o nariz, olhar para o chão, morder os lábios, mover a cabeça para um lado e para o outro, e isso fazendo tantas transformações pantomímicas quantas fossem necessárias para atordoar aquelas pobres pessoas que, fixando os olhos em mim, guardavam um silêncio profundo, sem dúvida considerando-me um segundo Hipócrates. Pelo menos, era essa minha intenção, além de ponderar sobre o risco gravíssimo do paciente e a dificuldade da cura, lamentando ter dito a eles que não era uma questão de cuidado.

Terminado o toque do pulso, olhei seu rosto com atenção, fiz com que abrisse a boca com uma colher para ver sua língua, levantei suas pálpebras, toquei sua

¹¹¹⁷ Nota da Tradutora: O texto repete “*Señor cura, señor cura*”.

¹¹¹⁸ Nota da Tradutora: De acordo com o contexto, o latinismo utilizado não proporciona significado claro ou relevante à frase usada pela personagem; assim, o narrador mostra como o Periquitinho erra ao utilizar *venia tanti*. Nossa tradução literal seria: “permissão de tanto” ou “perdão de tanto”.

¹¹¹⁹ Transcrição da nota 556, da edição de 2008 (p. 538, retirado da quarta edição, [1842]): “como meio necessário para a salvação e pelo dever de cumprir o preceito no momento da morte. Mas é assim.” (Nossa tradução).

¹¹²⁰ Nota da Tradutora: “portanto” (Nossa tradução).

barriga e pés e fiz duas mil perguntas aos ajudantes sem chegar a pedir qualquer coisa, até que a senhora, que não aguentava mais minha lentidão, perguntou-me:

– Enfim, *señor*, o que diz de meu marido? É de vida ou morte?

(p. 538) – *Señora* – eu disse a ela –, não sei do que se trata; só Deus (p. 539) pode dizer que é de vida e ressurreição como foi *Lazarum quem resuscitavit a monumento foetidum*¹¹²¹. Assim, se Ele disser, viverá, mesmo que esteja morto. *Ego sum resurrectio et vita, qui creidit in me, etiam si mortuus fuerit, vivet*¹¹²².

– Oh, Jesus! – gritou uma das meninas. – Meu paizinho já morreu!

Como ela estava ao lado do paciente, seu choro foi tão insólito e doloroso, e ela caindo da cadeira, desmaiada, que todos pensamos que o homem realmente havia expirado e nos acercamos da cama.

O *señor* cura e o vigário, ao ouvirem o barulho, entraram correndo e não sabiam a quem atender, se ao apoplético ou à histérica, pois ambos estavam desmaiados. A *señora*, já meio zangada, disse-me:

– Parai de falar latim e vede se cura ou não meu marido. Por que dissestes, quando entrastes, que não era algo para se preocupar e me garantistes que ele não estava morrendo?

– Eu fiz isso, *señora*, para não aborrecê-la – eu lhe disse. – Porém, eu ainda não tinha examinado o paciente *methodice vel juxta artis nostrae praecepta*¹¹²³, mas confiai-vos a Deus e vejamos. Primeiro, alguém coloque uma panela grande com água para esquentar.

– Isso temos muito! – disse-me a cozinheira.

– Ótimo. Mestre Andrés – continuei a dizer –, vós, como bom especialista em flebotomia, aplicai-lhe, imediatamente, duas sangrias de veia cava.

Andrés, embora com medo, e sabendo tanto sobre a veia cava quanto eu, amarrou-lhe os braços e deu-lhe duas picadas que pareciam facadas, que ajudaram a encher duas tigelas de sangue, e cuja profusão chocou os espectadores. Os olhos do paciente se abriram e ele começou a conhecer as pessoas ao redor e a conversar com elas.

¹¹²¹ Nota da Tradutora: “o corpo corrompido de Lázaro ressuscitou” (Nossa tradução).

¹¹²² Nota da Tradutora: “Eu sou a vida e a ressurreição; quem crê em mim, viverá, mesmo que já esteja morto” (Nossa tradução).

¹¹²³ Nota da Tradutora: “de acordo com os métodos ou as regras de nossa arte” (Nossa tradução).

Imediatamente, mandei Andrés afrouxar as ataduras e fechar as feridas, o que não foi nada fácil. Demorou muito!

(p. 539) Depois, mandei que lhe untasse vinho branco no cérebro e nos pulsos, e que o estômago fosse reconfortado por dentro com mingau de ovo e por fora com omelete, (p. 540) temperado com óleo rosa, vinho, coentro e quantas porcarias vieram a minha cabeça, pedindo muito para não ressupinar o paciente.

– Que ressupinação é essa, *señor* doutor? – perguntou-me a *señora*; e o padre, sorrindo, disse-lhe:

– Que não o deixe de rosto para cima.

– Então, seu doutor *tatita*, pelo amor de Deus – continuou a matrona –, falai conosco numa língua que entendamos como pessoas que somos.

Nesse momento, a garota voltou de seu desmaio e estava atenta ao que todos comentavam. Assim que ela ouviu sua mãe, disse-me:

– Sim, *señor*, minha mãe disse muito bem; sabeis que é por isso que desmaiei indagorinha, porque, quando começastes a rezar o que os padres cantam para os mortos quando os enterram, pensei que meu paizinho já havia morrido e que estáveis cantando a vigília para ele.

O cura riu muito da simplicidade da menina, e os outros o acompanharam, pois todos já estavam felizes em ver o *señor* provedor-mor fora de perigo, bebendo seu *atole* e conversando muito serenamente como qualquer um.

Prescrevi seu regime para os dias seguintes, oferecendo-me para continuar sua cura até que ele estivesse totalmente bom.

Todos me agradeceram e, ao despedir-me, a *señora* pôs-me na mão uma onça de ouro, que, naquele momento, julguei ser um peso. Fiquei muito bravo ao ver meu sucesso tão mal pago. Desse modo contava minha frustração ao Andrés quando ele me disse:

– Não, *señor*, não deve ser moeda de prata, porque eu recebi quatro pesos.

– Na verdade, tu dizes bem – respondi. E, acelerando o passo, chegamos à casa, onde vi que era uma onça, moeda de ouro amarelo como um açafrão refinado.

É impossível descrever o prazer que sentia com minha moeda de ouro, não tanto por seu valor, mas porque foi o primeiro prêmio significativo por minha habilidade médica, e esse sucesso recém-acontecido me traria muitos créditos futuros, como aconteceu. Andrés também ficou muito satisfeito com seus quatro duros, ainda mais

do que com (p. 540) sua habilidade. No entanto, eu, mais oco que uma cabaça, disse-lhe:

– O que achas, Andrezinho? Existe alguma faculdade mais fácil de exercitar do que a medicina? Não em vão, diz o ditado que de médico, poeta e louco, todos temos um pouco. Pois, se a esse pouco se acrescenta um tanto de estudo (p. 541) e aplicação, já temos um médico consumado. Já viste isso no famoso atendimento que fiz ao provedor-mor, que, se não fosse por mim, a essa altura, teria batido as botas¹¹²⁴.

De fato, sou capaz de dar aulas de medicina ao mesmo Galeno junto com Hipócrates e Avicena¹¹²⁵. Tu também podes dá-las em tua faculdade ao protossangrador do universo.

Andrés escutou-me com atenção e, depois que parei de falar, disse-me:

– *Señor*, se tudo o que vós e eu fizemos não for de pura chiripa¹¹²⁶, então, não estamos muito ruins.

– O que tu chamas de chiripa? – perguntei-lhe. E ele, muito sarcasticamente, respondeu-me:

– Bem, chamo de chiripa uma coisa como essa, contanto que nunca mais façais outro atendimento desse tipo ou eu faça outra sangria melhor. Pelo menos, no que respeita a meus atos, tenho certeza de que me saí bem de chiripa; quanto a vós, não será assim, mas sabereis de vossa obrigação.

– Mas, claro que sei de minhas obrigações – eu lhe disse. – Ou achas que esta é a primeira raposa que esfolei? Que joguem para mim milhares de apopléticos para

¹¹²⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ya habría estacado la zalea* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 541). De acordo com López y López (1931, p. 465), essa expressão coloquial significa “falecer”.

¹¹²⁵ Nota da Tradutora: De acordo com o site *Infoescola* (2023), “Abū ‘Alī al-Ḥusayn ibn ‘Abd Allāh ibn Sīnā, geralmente abreviado para *ibn Sīnā* (proveniente de *Sīnā* (Irã)), latinizado como Avicena (Afshana, atual Uzbequistão c. 980 – Hamadan, Irã, junho de 1037), foi um polímata persa, provavelmente o filósofo mais importante na tradição islâmica e o filósofo mais influente da era pré-moderna. Destacou-se, entre outras áreas, no campo da medicina, e seu principal trabalho, o *Cânone da medicina* (*al-Qanun fi’l-Tibb*) continuou a ser utilizado como manual de medicina nas universidades da Europa e no mundo islâmico até o início do período moderno. Como filósofo, sua principal obra é *A cura* (*al-Shifa*), que teve um impacto decisivo sobre a escolástica europeia, especialmente sobre Tomás de Aquino”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/avicena/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

¹¹²⁶ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *de chiripa*. Apenas *chiripa* significa casualidade favorável, em que um resultado duplo é alcançado com apenas uma ação (nos jogos de sinuca ou bilhar), mas a expressão toda, de acordo com o registo do *DRAE* (2023), significa “por pouco.” Já na língua portuguesa, de acordo com o dicionário *Aulete Digital* (2023), significa: “1. sorte no jogo, bambúrrio; 2. sorte no jogo de bilhar; 3. (expressão popular) circunstância favorável.” Disponível em: <https://dle.rae.es/chiripa?m=form> e <https://www.aulete.com.br/chiripa>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ver se não (p. 541) os reanimos, *ipso facto*¹¹²⁷. Atenderia não apenas apopléticos, mas leprosos, tinosos, gálicos, gotosos, parturientes, tifosos, raivosos e quantos doentes existam no mundo. Também fazes isso com esmero, mas é necessário que não passes tanto os dedos ou afundes a lanceta; não seja o caso de atravessar alguém. E, do resto, não te preocupes. Sairás comigo, não digo barbeiro, mas médico, cirurgião, químico, botânico, alquimista e, se tu me comprazes e me serves bem, até sairás como astrólogo e necromante¹¹²⁸.

– Que Deus assim o faça – disse-me Andrés –, para que eu tenha o suficiente para comer a vida toda e sustentar minha família. Estou morrendo de vontade de casar-me.

Ficamos conversando até adormecermos. No dia seguinte, fui visitar meu paciente, que já estava se sentindo tão aliviado (p. 542) que me pagou um peso e me disse para não me incomodar mais, pois, precisando, mandaria me buscar; porque essa é a forma de despedir médicos pegajosos, ou colados nas casas pelas pesetas.

Aconteceu tal como pensei. Depois que se tornou conhecido entre os pobres o feliz sucesso do provedor-mor em minhas mãos, o vulgo começou a celebrar-me e recomendar-me de boca em boca, porque diziam: já que os *señores* principais o chamam, sem dúvida ele é um médico inigualável. O melhor foi que os ilustres súditos também apareceram e não deixaram de me fazer elogios.

Só o cura não me engoliu. Ao contrário, dizia ao subdelegado, ao chefe do correio e a outros que eu até poderia ser um bom médico, mas que ele não acreditava, pois eu era muito pedante e charlatão, e quem tinha essas particularidades ou era muito néscio, ou muito vigarista, e de forma alguma era possível confiar em um tipo desse, fosse ele médico, teólogo, advogado ou o que quer que fosse. O subdelegado insistiu em me defender, dizendo que era natural que cada um se explicasse nos termos de sua faculdade, e isso não deveria ser chamado de pedantismo.

¹¹²⁷ Nota da Tradutora: “No ato” (Nossa tradução). Enquanto, na língua portuguesa, a expressão latina se traduz como “uma consequência lógica do fato; por isso mesmo” (*Aulete Digital*, 2023), na língua castelhana, adiciona-se à tradução: “no ato, no momento” (*DRAE*, 2023, nossa tradução). Disponível em: <https://www.aulete.com.br/ipso%20facto> e <https://dle.rae.es/ipso%20facto?m=form>. Acesso em: 10 jun. 2023.

¹¹²⁸ Nota da Tradutora: Aquele que pratica a necromancia, que, por sua vez, significa: “1. Arte de evocar os mortos ou predição do futuro mediante esse contato; 2. Feitiçaria, magia negra.” Disponível em: <https://www.aulete.com.br/necromancia>. Acesso em: 10 jun. 2023.

(p. 542) – Nisso concordo – disse-lhe o cura –, mas sempre e quando se faça uma distinção entre os lugares e as pessoas com quem se fala; porque se eu, ao pregar sobre a observância do sétimo preceito, por exemplo, repito sem explicar as palavras enfiteuse¹¹²⁹, hipotecas, constituições¹¹³⁰, precário¹¹³¹, usura paliativa, pactos, abatimentos e assim por diante, certamente serei um pedante, porque devo saber que, nesta cidade, apenas existem (p. 543) dois que me entendem. Por isso, devo explicar-me, como faço, em termos claros, que todos compreendam. Além disso, *señor* subdelegado, se quer ver como esse médico é ignorante, convide-o aqui uma noite, a pretexto de uma reunião social. Prometo que o ouvirá dizer disparates alegremente.

– Faremos isso! – disse-lhe o subdelegado. – Mas, o que diremos do atendimento que ele fez na outra noite?

– Direi sem escrúpulos – respondeu-lhe o cura –, que aquilo foi pura coincidência, nada mais que um ovo de Colombo¹¹³².

– Será possível?

– Sim, *señor* subdelegado. Não percebestes a gordura e robustez do paciente, a dureza de seu pulso, seu semblante enegrecido, o entorpecimento de seus sentidos, a respiração agitada? Todos os sintomas, visivelmente, indicavam o sangramento. Bem, esse remédio teria sido aplicado pela velha mais idiota de minha paróquia.

¹¹²⁹ Nota da Tradutora: De acordo com o dicionário *Aulete Digital* (2023), “Taxa, foro ou pensão anual, invariável e perpétua, paga ao proprietário para que atribua a outrem o domínio útil do imóvel; aforamento”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/enfiteuse>. Acesso em: 10 jun. 2023.

¹¹³⁰ Nota da Tradutora: De acordo com a edição de 2008, trata-se do constituto possessório, isto é, “uma técnica de aquisição derivada da posse, na qual o alienante conserva a coisa em seu poder e, por força de cláusula contratual (*cláusula constituti*) presente no negócio jurídico de alienação, unge-se na condição de possuidor em nome da outra pessoa, alterando, assim, a sua situação para a de possuidor convencional (Instituições de Direito Civil, volume IV, 1974)”. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/480/edicao-1/constituto-possessorio-%28clausula-constituti%29>. Acesso em: 10 jun. 2023.

¹¹³¹ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), o termo jurídico *precário* significa que a pessoa possui [um bem] sem ter uma escritura, por tolerância ou por inadvertência do dono. Disponível em: <https://dle.rae.es/precario?m=form>. Acesso em: 10 jun. 2023.

¹¹³² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*huevo de Juanelo*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 543). Essa expressão também é conhecida como o ovo de Colombo; em outras palavras, “algo muito fácil de ser realizado, mas depois que alguém já o tenha feito”. Como curiosidade, alguns historiadores ainda afirmam que a proeza do ovo, que relacionam à história de Colombo, já tinha sido feita pelo “arquiteto italiano Fillipo Brunelleschi [1377-1446]. [...] Outros, porém, atribuem a artimanha feita com o ovo ao construtor Juanelo Turriano [1500-1585]”. Disponível em: <https://virusdaarte.net/o-ovo-de-colombo/>. Para mais informações sobre Fillipo Brunelleschi, visitar: <https://www.todamateria.com.br/filippo-brunelleschi/>. Para mais informações sobre Juanelo Turriano, visitar: <http://www.iesjuaneloturriano.es/biografia-juanelo-turriano/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

(p. 543) – Bem – disse-lhe o subdelegado –, quero ouvir uma conversa sobre medicina entre vós e ele. Vamos adiar para o dia 25 deste mês.

O cura respondeu afirmativamente, e falaram de outra coisa. Essa conversa, ou pelo menos seu conteúdo, foi-me confidenciado por um criado do subdelegado, a quem curei de uma indigestão sem lhe cobrar nada. Ele conquistava minha confiança contando-me o que ouvia falar de mim na casa de seu amo.

Agradei-lhe pela informação e me dediquei a estudar meus livrecos para não ser pego desprevenido.

Nesse intervalo, chamaram-me, uma noite, à casa do *Don* Ciríaco Redondo, o comerciante mais rico da cidade, que estava morrendo de cólica.

– Pegue a seringa! – disse eu a Andrés. – Aconteça o que acontecer, esta é outra aventura como a da outra noite. Deus nos abençoe!

Andrés pegou sua seringa e fomos até a casa do comerciante, que achamos similar, em se tratando de alvoroço, ao cenário da casa do provedor-mor; mas a vantagem era que o paciente falava.

(p. 544) Fiz mil perguntas pedantes ao paciente. Não parei de perguntar, até que descobri que ele era guloso e tinha sofrido um empanturramento do capeta.

Ordenei que cozessem malvas com sabão e mel e, feita essa diligência, fiz-lhe tomar uma boa porção pela boca, ao que o miserável e seus parentes resistiram, dizendo-me que não era emético, mas enema.

– Precisaís tomar tudo – disse-lhe com muita raiva –. Não vedes que se é enema, como vós dizeis, toma-se pela boca e por todas as partes? Então, meu *señor*, tomai o remédio ou morrerá.

O triste enfermo bebeu a nojenta poção, com tanto nojo, que vomitou metade de suas entranhas com ela, mas ficou muito exausto e, como a obstrução era nos intestinos, não sentiu a dor aliviada.

Então, fiz o Andrés encher a seringa e mandei aplicar o enema pelo traseiro.

– Em minha vida – disse-me o paciente –, em minha¹¹³³ vida, sempre recebi por aí.

– Pois, então, amigo – respondi-lhe –, em vossa vida, já vos vistes neste apuro? Eu nunca vi, nesses anos todos em que sou médico, cólicas mais relutantes, porque,

¹¹³³ Nota da Tradutora: Repetição presente no texto em castelhano.

sem dúvida, (p. 544) o humor é muito denso e glutinoso. Mas, meu irmão, o clister é importante; o clister nada mais é que a única solução para os vencidos, e caso contrário, não há mais o que esperar, porque uma *salus victis nullam sperare salutem*¹¹³⁴; e assim, se com o remédio que prescrevo não sarar, passaremos à lanceta, abrindo os intestinos e depois cauterizando-os com ferro quente; e se esses procedimentos não adiantarem, não restará mais nada a fazer, a não ser pagar os direitos funerários ao cura, porque a doença é incurável, segundo Hipócrates: *ubi medicamentum non sanat, ferrum sanat; ubi ferrum non sanat, ignis sanat; ubi ignis non sanat, morbus*¹¹³⁵.

– Bem, *señor* – disse-me o paciente, em voz baixa para seus parentes não ouvirem –, vou aceitar o enema, se é disso que depende minha saúde.

– *Amém; dico vobis*¹¹³⁶ – respondi-lhe, e, imediatamente, mandei que todos saíssem do quarto pelo pudor do paciente, exceto sua esposa. Andrés encheu sua seringa e começou a operação. Mas que tolo que é o Andrés para (p. 545) ajudar! Já se via que, dele, não podia vir algo de bom. Ele derramou tudo na cama, ferindo o paciente, e nada de eficiente foi feito, até que eu, irritado com sua falta de jeito, decidi aplicar o remédio eu mesmo, embora nunca tivesse realizado tal operação.

Porém, esquecendo-me de minha inaptidão, peguei a seringa, enchi-a com o cozimento de ervas, e com a maior decência, introduzi o pequeno bico alongado em seu ânus; mas, por algum talento a mais que eu tinha, ao contrário do Andrés, ou por causa da apreensão do paciente, tudo funcionou a meu favor. Ele ia recebendo mais líquido do enema, e eu o encorajava, dizendo:

– Prenda a respiração, irmão, e receba-o assim o mais quente que puder, que disso depende sua saúde.

O paciente aflito fez o que pôde (o que, geralmente, faz o sucesso dos melhores médicos), e depois de um quarto de hora ou menos, teve uma evacuação muito copiosa, como quem não esvaziava o estômago por três dias. Ele ficou imediatamente aliviado, como disse; mas a verdade era que se curou perfeitamente, pois, uma vez que a causa é removida, o efeito cessa.

¹¹³⁴ Nota da Tradutora: “é uma salvação para as vítimas, que não esperavam a salvação” (Nossa tradução).

¹¹³⁵ Nota da Tradutora: “onde o remédio não cura, o ferro cura; onde o ferro não cura, o fogo cura; onde o fogo não cura, a doença” (Nossa tradução).

¹¹³⁶ Nota da Tradutora: “Amém, eu vos digo” (Nossa tradução).

(p. 545) Cobriram-me de agradecimentos, deram-me doze pesos, e fui para minha hospedaria com Andrés, a quem, no caminho, disse:

– Já viste? Deram-me doze pesos na casa dos mais ricos da cidade, e na casa do provedor-mor, deram-me uma onça. Será que o mais rico e generoso é o provedor-mor?

Andrés, que era sarcástico, respondeu-me:

– Não me meto com rico, mas sobre ser generoso, sem dúvida, *Don* Ciríaco Redondo é o mais dadivoso.

– E o que isso significa, Andrés? – perguntei-lhe. – Porque os mais ricos deveriam ser os mais generosos.

– Não sei, não – disse-me Andrés. – A não ser que seja porque os provedores-mores, quando querem, são mais ricos do que qualquer um dos povoados, porque administram os bens do rei e fazem as contas como querem. Não vistes que o que chamam de imposto do vento¹¹³⁷ fornece uma contabilidade que não é possível averiguar? Vamos supor que cobrais um real ou dois por cada uma das cabeças de gado que são mortas na cidade, sejam touros ou vacas, sejam carneiros ou porcos, quem fiscaliza isso? (p. 546) Vamos supor o que acontece com a introdução de artigos sem guia, mas apenas apresenta-se um simples passe devido a seu baixo custo: o que é feito dos contrabandos que acontecem, os quais estão implicados com o arrieiro? Finalmente, sobre a quantidade de roubo de grãos que aumenta muito no final do ano, porque, se um real tem doze grãos, e o arrieiro deve, pela fatura de compra, sete grãos, cobra-se dele um real, isso quer dizer que, se entrarem mil arrieiros, são recebidos mil reais em taxas? Isso foi-me dito por meu tio, que foi provedor-mor por muitos anos, e disse que os impostos do vento valiam mais que os ajustes.

Nisso, chegamos à pousada. Andrés e eu jantamos felizes, pagamos aos donos da casa e fomos dormir.

¹¹³⁷ ***Nota da Tradutora: O imposto chamado em castelhano de *alcabala del viento* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 545) era um “imposto indireto pago pelos mercadores estrangeiros pelas vendas realizadas nos mercados do lugar. Desse modo, a taxa era cobrada aos vizinhos e estrangeiros do lugar onde era celebrada a feira” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dpej.rae.es/lema/alcabala-del-viento>. Acesso em: 10 jun. 2023.

(p. 546) Continuamos na bonança por cerca de um mês, e, durante esse tempo, o subdelegado providenciou a sessão que o cura queria que eu tivesse com ele. Mas, se quiserdes saber o que aconteceu, lede o próximo capítulo.

(p. 547) **Capítulo IV**

Periquitinho relata vários acontecimentos que ocorreram em Tula e o que sofreu nas mãos do cura

Minha fama crescia dia a dia com esses dois tratamentos extraordinários, conquistando, para mim, uma boa reputação, até mesmo entre aqueles que não se consideravam plebeus. Faltava tempo para eu organizar medicamentos em casa, tanto que era difícil aceitar sair para visitas fora da cidade, e eu ia somente quando me pagavam bem.

Minha credibilidade aumentou com um armário de remédios¹¹³⁸ e uma maleta completa de barbeiro que mandei trazer da capital, que se somava a uma aparência exterior mais decente, pois já tinha conseguido algum luxo e uma casa que aluguei, com uma cozinheira e uma criada, o que fazia parecer que eu era um homem muito circunspecto e estudioso.

Ao mesmo tempo, eu visitava poucas casas, e em nenhuma delas me aproximava muito, pois tinha ouvido meu professor, o doutor Purgante, dizer que não convém a um médico ser muito cordial, porque, em nome da amizade, pediriam que curasse de graça.

Com esses e outros preceitos semelhantes relacionados ao dinheiro¹¹³⁹, consegui boas quantias em pouco tempo, como mencionei. Eu, Andrés e a macha comíamos muito bem. Chegamos a ter um bom conforto e consegui juntar cerca de duzentos pesos, líquidos¹¹⁴⁰.

¹¹³⁸ Transcrição da nota 568, da edição de 2008 (p. 547): “*Boticoncillo* – [Nossa tradução está no corpo do texto], botequim, lugar onde se guardam os medicamentos. A palavra está registrada no *Diccionario de autoridades*, no século XVII, como neologismo. (Retirado de Colominas; Pascual)” (Nossa tradução).

¹¹³⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tomines* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 547). De acordo com o *Blog numismático* (2014), singular *tomín*, plural *tomines*: “Na Europa medieval, o padrão base para a medida de peso era a marca. [...] Em Castela, o peso da marca de ouro coincidia com os 230 gramas que pesava o de prata, mas não seus divisores. Tinha-se que 1 marca de castelhanos (assim se chamava a marca de ouro) = 50 castelhanos ou *doblas* = 400 *tomines* = 4.800 grãos. Como se vê, os *tomines* de prata pesavam 0,598 gramas, enquanto os de ouro pesavam 0,575 gramas. Isso é uma verdadeira confusão, mas é importante ter em mente ao ler os textos, já que todos os escritos da Idade Média e da Antiguidade que se referem a moedas são redigidos de acordo com esse cálculo” (Nossa tradução). Disponível em: <https://blognumismatico.com/2014/01/24/pesos-y-leyes-en-las-monedas-de-la-edad-media-y-la-edad-moderna/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

¹¹⁴⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *llegué a tener juntos como doscientos pesos libres de polvo y paja* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 547).

(p. 548) A gravidade e a petulância com que me manifestava em público, as palavras exóticas e pedantes que utilizava, o preço elevado cobrado por minhas medicinas, o mistério que mantinha para esconder seus nomes, o quanto bajulei as pessoas abastadas, o alto valor pelo qual vendi minhas orientações aos pobres e a propaganda que Andrés fazia em minha ausência¹¹⁴¹, tudo isso contribuiu para aumentar minha reputação entre os demais.

À medida que meu crédito crescia, minhas moedas aumentavam, e, na proporção em que aumentavam, crescia meu orgulho, meu interesse e minha arrogância. Aos pobres que, por não terem com que me pagar, iam a minha casa, eu os maltratava, ralhava e os mandava embora desconsolados. Tratei quase da mesma forma quem me pagava dois reais de visita, porque um foguete queimando durava mais do que eu em suas casas. É verdade que, mesmo eu ficando mais tempo, eles não receberiam melhor tratamento, pois eu não passava de um charlatão com aparência de médico; mas, como o infeliz paciente não sabe o quão competente é o médico, ou aquele que o julga como tal, ele se consola quando observa que tal figura demora a perguntar-lhe a causa de sua doença e a também indagar sobre seus ouvidos, seus olhos, sua idade, seu estado, seu exercício, sua constituição e outras coisas que, para os médicos como eu, parecem de pouca importância, e são notícias muito interessantes para que se exerça de verdade a profissão.

Eu não fazia assim com os súditos ricos e ilustres, porque eles até se irritavam com minha procrastinação e com a macaquice que eu procurava fingir para demonstrar que estava muito interessado na saúde deles; mas o que mais havia para fazer, uma vez que não aprendi nada além disso com meu famoso professor, o doutor Purgante?

Apesar de minha ignorância, alguns pacientes se curavam por acidente, embora não se pudesse comparar com aqueles que morriam por causa de meus remédios mortais. Com tudo isso, minha credibilidade não diminuía por três razões: primeiro, porque (p. 549) a maioria dos que morriam eram pobres, e nem suas vidas nem suas mortes são importantes; a segunda, porque eu já tinha feito fama e, assim,

¹¹⁴¹ ***Transcrição da nota 569, da edição de 2008 (p. 548): “[Lê-se, em castelhano:] *buenas ausencias* – [Nossa tradução está no corpo do texto], elogio feito a uma pessoa ausente ou boas notícias que são dadas sobre ela” (Nossa tradução).

deitei na cama¹¹⁴², sem (p. 549) preocupações, embora eu tenha matado mais *tultecas*¹¹⁴³ do que o Cid sarraceno; e a terceira, a que mais favorece os médicos, era porque os que se curavam elogiavam minha habilidade, e os que morriam, não podiam queixar-se de minha ignorância. Com isso, consegui tornar públicos meus sucessos, e meus erros foram encobertos pela terra. Bem, se o que aconteceu com Andrés acontecer comigo, minha bonança certamente terminará antes do tempo.

Aconteceu que, antes de chegarmos a Tula, o cura, o subdelegado e outras pessoas do alto escalão já tinham encomendado a seus amigos o envio de um barbeiro da capital. Depois de terem experimentado a mão áspera de Andrés, insistiram em agilizar a vinda desse novo barbeiro, com tanta determinação, que não demorou a chegar o mestre Apolinário, que tinha sido, de fato, examinado e instruído em sua faculdade.

Andrés, assim que o conheceu e o viu trabalhar, teve medo dele e, com mais sabedoria e vivacidade do que eu, foi vê-lo, certo dia, e contou-lhe sua aventura de forma clara e simples, dizendo-lhe que era apenas um aprendiz de barbeiro, que não sabia de nada, que o que fazia naquela cidade era por necessidade, que queria aprender bem o ofício, e que se ele se dispusesse a ensiná-lo, agradeceria e o serviria da melhor maneira possível.

Esse pedido vinha acompanhado da maleta que eu havia comprado para ele, com a qual o mestre Apolinário foi seduzido e, claro, ofereceu a Andrés para tê-lo em sua casa, mantê-lo e ensinar-lhe o ofício com eficiência e o mais rápido possível.

Então, perguntou que tipo de médico eu era. Ao que Andrés respondeu que achava muito bom e que tinha visto algumas curas prodigiosas.

Com isso, despediu-se do barbeiro para ir fazer o mesmo comigo, aproveitando para me contar tudo o que havia acontecido e sua resolução de aprender bem o ofício:

– Porque, afinal, *señor* – disse-me –, eu sei que sou um inepto. Esse outro é um mestre mesmo¹¹⁴⁴. Sendo assim, ou as pessoas me tiram do ofício de barbeiro por

¹¹⁴² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ya había yo criado fama, y así me echaba a dormir* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 549). O refrão em castelhano tem variações: “*Crea fama y échate a dormir; Cría buena fama y échate en la cama; Cobra buena fama y échate a dormir; cóbrala mala y échate a temblar*”. Disponível em: <https://www.significados.com/crea-fama-y-echate-a-dormir/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹¹⁴³ Nota da Tradutora: *Tulteca* é o gentílico de quem é natural de Tula.

¹¹⁴⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *de veras* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 549).

não me (p. 549) procurarem, ou ele me tira pedindo-me a carta de exame¹¹⁴⁵, que não tenho. De um jeito ou de outro, fico desacreditado, (p. 550) sem ofício e sem o que comer. Foi assim que pensei em ficar com ele, embora o senhor já tenha um jovem aprendiz.

Eu sentiria falta do Andrés, mas não queria tirar-lhe da cabeça seu bom propósito. E assim, pagando-lhe o salário e recompensando-o com seis pesos, deixei-o ir.

Naqueles dias, chamaram-me da casa de um velho reumático, a quem dei, segundo meu sistema, seis ou sete laxantes, roubei 25 pesos e o deixei pior do que estava.

Fiz o mesmo com outra velha hidrópica, cujos dias encurtei com seis mililitros de ruibarbo¹¹⁴⁶ e maná¹¹⁴⁷ e duas libras de cebola albarrana¹¹⁴⁸.

Eu fazia essas graças muitas vezes, mas o populacho, que era cego, achou que eu era um bom médico, e por mais que meus erros fossem gritantes, ele não acordava de seu entorpecimento.

Chegou, finalmente, o dia marcado pelo subdelegado para me ouvir discutir com o cura, e era 25 de agosto, pois me lembro de que fui felicitá-lo por ser o dia de

¹¹⁴⁵ Nota da Tradutora: As autoridades coloniais espanholas exigiram dos americanos que se submetessem a um exame para exercer o ofício; ao passarem, recebiam uma carta assinada pelo próprio vice-rei. Para mais informações, visitar: <https://relatosehistorias.mx/nuestras-historias/oficios-gremios-y-barrios-en-nueva-espana> e <https://www.rua.unam.mx/portal/Descargas/index/86144>. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹¹⁴⁶ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023): “Planta herbácea perene da família das poligonáceas, com folhas basais grandes, pecioladas, de borda dentada e ondulada, rugosas na parte superior, com nervuras e vilosidades na parte inferior, e flores pequenas amarelas ou verdes em espigas, em uma haste fistulosa e angulada. Mede de um a dois metros de altura, possui fruto seco com uma única semente triangular e rizoma marrom por fora, avermelhado com pontos brancos por dentro, compacto e de sabor amargo. É encontrada na Ásia Central, e a raiz é amplamente utilizada na medicina como purgante” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/ruibarbo?m=form>. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹¹⁴⁷ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), seguindo o contexto, podemos entender como *maná*: “2. m. Líquido açucarado que flui espontaneamente ou por incisão das folhas ou dos galhos de várias plantas diferentes, como o freixo, o lariço, o eucalipto, entre outros, e solidifica rapidamente. Possui leve efeito purgativo. O do freixo é usado na terapêutica e é coletado principalmente na Sicília e na Calábria. [...] 4. [em desuso]. Incenso desfeito e quase reduzido a pó” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/man%C3%A1>. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹¹⁴⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cebolla albarrana* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 550). De nome científico *Urginea maritima*, é uma liliácea, planta medicinal que cresce pelo Sul da Europa, Sudoeste da Ásia, Norte da África e região macaronésica. É conhecida como um excelente mata-ratos, e usada para repelir piolhos e percevejos. Disponível em: <https://fichasdeplantas.com/2017/12/cebolla-albarrana-urginea-maritima/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

seu santo, e ele (p. 550) insistiu para que eu comesse com ele, com mil súplicas, as quais não pude desprezar.

Percebi bem que toda a corte estava em sua casa, inclusive o padre cura¹¹⁴⁹, mas fingi não saber o que ele falava de mim pelas costas, confiando que, por mais que ele soubesse, não teria os conhecimentos de medicina que eu tinha.

Com esse orgulho tolo, sentei-me à mesa assim que chegou a hora, e comi e brindei à saúde do senhor subdelegado na companhia daqueles senhores repetidas vezes, fazendo todos rirem com meus pedantismos, exceto o cura, que não gostava dessas coisas.

O subdelegado era bem-visto; por isso, a mesa se encheu com os principais súditos da cidade e suas esposas. O aprovisionamento era franco, os pratos, muitos e bem temperados. Brindes e aplausos eram frequentes, os copos não eram muito seguros devido aos frequentes golpes que levavam com garfos e facas, e as cabeças se enchiam com o cheiro das uvas.

Nesse momento, entrou o governador dos índios¹¹⁵⁰ com seus oficiais da república, armados de tambores, *chirimías*¹¹⁵¹ e dois índios carregados de galinhas, porcos e dois carneiros.

(p. 551) Depois de entrarem, fizeram as cortesias habituais, beijando as mãos de todos, e o governador disse ao subdelegado: *Señor*, que Vossa Graça esteja muito feliz na companhia destes senhores, para o amparo desta vila!

O governador, imediatamente, deu ao subdelegado o *xóchitl*¹¹⁵², que é um ramo de flores, em sinal de respeito, e um pedaço de papel mal cortado, pintado com, aparentemente, um verso. Todos os presentes entraram em alvoroço e pediram para

¹¹⁴⁹ Nota da Tradutora: Reproduzimos a redundância presente no texto em castelhano.

¹¹⁵⁰ **Transcrição da nota 2, da edição de 2004 (p. 287): “[Lê-se, em castelhano:] *El gobernador de índios con sus oficiales de república*: o sistema colonial espanhol combinava o governo indireto nas cidades indígenas com uma superimposição de assentamentos espanhóis. Em uma cidade antiga como Tula, o governante indígena da província passou a ser chamado de governador após a subjugação pelos espanhóis; junto com um conselho municipal de funcionários indígenas, ele governava os cidadãos indígenas da cidade, mas estava subordinado ao administrador espanhol, representado aqui pelo subdelegado, que governava diretamente os colonos não indígenas na cidade e em sua região” (Nossa tradução).

¹¹⁵¹ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023): “Instrumento musical de sopro, feito de madeira, similar a um clarinete, com cerca de 70 cm de comprimento, com dez furos e bocal com palheta de cana” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/chirim%C3%ADa?m=form>. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹¹⁵² Nota da Tradutora: De acordo com o *Gran diccionario nahuatl* (2012), o termo significa “flor” ou “rosa”. Disponível em: <https://gdn.iib.unam.mx/diccionario/xochitl/19965>. Acesso em: 11 ago. 2023.

que o verso (p. 551) fosse lido publicamente. Um dos padres vigários concordou com isso e, já todos em silêncio, começou a ler o seguinte

SONHETO¹¹⁵³

Os probes filhos do povo
Com alegrias prósperas,
Viemos dar oçê os dias
Com carneiros e porcos.
Receba-os oçê de forma agradável
Com interesse para vos merçê
Como o senhor justicero
Perdoando nosso afeito
As falhas deste sonheto
Para que os vivas mil anos
E, então, sua glória para sempre.

Todos festejavam o “sonheto”¹¹⁵⁴, repetindo as aclamações ao subdelegado, e ouviam-se os repiques nos pratos e copos, misturados com o levantar do copo, uns mais, outros menos, conforme sua inclinação.

O *señor* cura encheu um copo¹¹⁵⁵ e deu ao governador, dizendo:

– Toma, filho, à saúde do subdelegado! – e o subdelegado mesmo ordenou que o governador e sua república¹¹⁵⁶ fossem alimentados na sala ao lado.

Bebeu, o subdelegado, seu copo de vinho, repetiu o brinde e animou a mesa, aumentando o alvoroço pelo barulho desagradável do tambor e *chirimías*, que já nos partia a cabeça, até que Deus quis que chamassem aquela família para comer.

¹¹⁵³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: “Suñeto/ Los probes hijos del pueblo,/ con prósperas alegrías,/ te lo venimos a dar los días/ con carneros y cochinos./ Recibalosté placenteros/ con interés to mercé,/ como señor josticiero,/ perdonando nuestro afeito/ las faltas de este suñeto/ porque los vivas mil años/ y después su gloria eternamente” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 551). Tal como pode ser observado, o poema apresentado pelo governador não segue a estrutura do soneto.

¹¹⁵⁴ Nota da Tradutora: Reproduzimos as aspas do texto em castelhano.

¹¹⁵⁵ Nota da Tradutora: Neste capítulo, em castelhano, lê-se, indistintamente, tanto ‘copo’ quanto ‘taça’. Nós reproduzimos tal como na edição de 2008.

¹¹⁵⁶ Nota da Tradutora: Refere-se ao governador indígena e a seus oficiais.

(p. 552) Depois que os índios se retiraram, todos começaram a comemorar o “sonheto”, que passava de mão em mão; muito veladamente, para que os interessados não o notassem. Por isso, o assunto passou de boca em boca, até que tocaram na origem da poesia, assunto que uma mocinha nada boba pediu a um vigário, que tinha fama de poeta, que explicasse; e ele, sem se fazer de rogado, disse:

– *Señorita*, o que eu sei a respeito é que a poesia é muito antiga no mundo. Alguns fixam sua origem em Adão, acrescentando que Jubal¹¹⁵⁷, filho de Lamec, foi o pai dos poetas, baseando sua opinião em um texto da Escritura que diz que *Jubal foi o pai de todos os que tocam harpa e órgão*, porque os antigos bem sabiam que a música e a poesia eram irmãs; e tanto assim, que houve quem escrevesse que (p. 552) Osíris, rei do Egito, amava a música de tal modo que tinha, em seu exército, muitas cantoras, entre as quais se destacavam nove, a quem os gregos chamavam de *Musas* por antonomásia.

“A questão é que, pela história mais antiga do mundo, que é a de Moisés, sabemos que os hebreus possuíram esta arte divina antes de qualquer nação. Depois do dilúvio, ela renasceu entre os egípcios, caldeus e gregos. Destes, os últimos a cultivaram com grande determinação, e foi propagada por todas as nações de acordo com seu gênio, clima ou aplicação. Desse modo, não temos notícias de que haja, no mundo, povos, por mais bárbaros que sejam, que não tenham apenas conhecimento da arte poética, mas, às vezes, excelentes poetas. No tempo do paganismo desta América, os índios conheciam esta sublime arte e a da música; eles tinham suas danças ou *mitotes*¹¹⁵⁸, em que cantavam seus poemas para seus deuses, e houve, mesmo entre eles, poetas tão elegantes que um, condenado à morte, compôs um poema tão terno e patético na véspera do sacrifício que, cantado por ele mesmo, bastou para comover o juiz que o ouvia, obrigando-o a revogar a sentença. Isso vale tanto quanto dizer que foi um poeta tão bom que, com seus versos, redimiou-se da

¹¹⁵⁷ Nota da Tradutora: A referência da genealogia de Jubal está no livro de Gênesis 4:17-21. O versículo 21 menciona: “E o nome do seu irmão era Jubal; este foi o pai de todos os que tocam harpa e órgão”. Os itálicos foram copiados da edição de 2008. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/4/21>. Para mais informações sobre Jubal, visitar: <https://estiloadoracao.com/quem-foi-tubalcaim-jubal-jabal/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹¹⁵⁸ Nota da Tradutora: Os *mitotes*, de acordo com o DRAE (2023), referem-se a “certa dança indígena, na qual seus participantes, segurando as mãos, formavam um grande círculo, no centro do qual colocavam uma bandeira e, ao lado dela, um recipiente com bebida, da qual, enquanto realizavam seus movimentos ao som de um tamboril, bebiam até ficarem embriagados” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/mitote?m=form>. Acesso em: 11 ago. 2023.

morte e prolongou a vida. Este caso nos é (p.553 ilustração) (p.554) referido pelo cavaleiro Boturini em sua *Ideia da história das Índias*¹¹⁵⁹.

“É verdade que, embora não a ponto de amolecer um tirano, o que é muito, mas é coisa muito antiga e notória que a poesia influencia o coração humano, e ainda mais quando acompanhada de música. Por isso, para confirmar essa verdade, conta-se, na fábula, que Orfeu¹¹⁶⁰ derrotou e domou leões, tigres e outras feras, e que Anfíon¹¹⁶¹ reconstruiu as muralhas de Tebas, ambos com seu canto, cítara e lira, para significar o tão soberano poder da música e da poesia, que só eles eram capazes o suficiente para reduzir homens selvagens, ferozes e quase brutos à vida civil.

– Com certeza – disse-nos o subdelegado –, o autor de nosso sonheto não fará o mesmo, ainda que o acompanhasse a cantá-lo com a doce música do tambor e *chirimía*.

Riram todos da piada sem graça do subdelegado, e ele, querendo me ouvir discutir desenfreadamente e ansioso por ver o padre zangado, disse-me:

– O que diz o *señor* doutor dessas coisas?

Quis ficar bem e dar minha opinião em tudo, até no que não entendia, tendo me esquecido das lições que o outro bom vigário me dera na fazenda¹¹⁶²; mas não sabia nada, nem uma palavra do que acabara de ser dito. No entanto, minha vaidade superou meu próprio conhecimento, e com meu costumeiro orgulho e pedantismo, disse:

¹¹⁵⁹ Nota da Tradutora: Cordiviola (2020) comenta o seguinte: “Durante seus anos de permanência na Nova Espanha (1736-1743), o italiano Lorenzo Boturini [(1702-1751)] conseguiu reunir a mais ampla coleção de documentos pré-hispânicos e coloniais. Com esses documentos, e sob a inspiração da Virgem de Guadalupe (que era também sua chave de acesso para reescrever a história americana) chegou a publicar a *Idea o Ensayo de una nueva Historia General de la América Septentrional* [Nossa tradução: ensaio de uma nova história geral da América setentrional] (1746), esboço de uma magna história das Índias que jamais conseguiria concluir. Desavenças com as autoridades, acusações e maledicências interromperam esse projeto, e motivaram os dramáticos acontecimentos que marcaram sua vida: a dispersão da sua coleção, a prisão e o exílio. Oito meses esteve na prisão, durante os quais tentou em vão se defender, antes de ser definitivamente deportado. Como último recurso para obter sua liberdade e recuperar sua confiscada coleção, nesse período, escreveu seis cartas em latim, endereçadas ao rei Felipe V [(1683-1746)], [...]”. Artigo disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/14271>. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹¹⁶⁰ Nota da Tradutora: Sugerimos visitar: <https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0191>. Disponível em: 11 ago. 2023.

¹¹⁶¹ Nota da Tradutora: Segundo a Odisseia (Od. 11.260-5), Zeto e Anfíon, irmãos gêmeos, “construíram muros ao redor da Cadmeia. [...] Anfíon conseguia movê-las cantando e tocando a lira, e ainda as fazia assumir a devida posição nas muralhas (Eh. F 182; E. Ph. 115-6 e 822-8; A.R. 1.740)”. Disponível em: <https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0688>. Disponível em: 11 ago. 2023.

¹¹⁶² Nota da Tradutora: Ver capítulo VI, tomo I, de nossa tradução.

(p.554) – Não há dúvida de que o Padrezinho¹¹⁶³ disse muito bem, a poesia é muito antiga e eu acredito que é mais antiga do que disse o vigário, (p. 555) porque o máximo que ele a fez subir foi a Adão. Pois eu creio que, antes de haver Adão, já haviam poetas.

Todos ficaram escandalizados com esse absurdo, e mais do que todos, o padre, que me disse:

– Como pode haver poetas sem homens?

– Sim, *señor* – respondi-lhe com muita calma –, porque antes de existirem os homens, existiram os anjos, e estes, logo que foram criados, entoavam hinos de louvor ao Criador, e é claro que, se cantavam, era em verso, porque não é comum cantar em prosa; e se cantavam versos, compunham-nos, e se os compunham, sabiam compô-los, e se sabiam compô-los, eram poetas. Então, vede vós, amigos, que a poesia é mais velha que Adão.

O padre, ao ouvir isso, apenas balançou a cabeça e não me respondeu uma palavra. Quanto aos outros, alguns sorriram e outros admiraram meu argumento, ainda mais quando o subdelegado tomou a palavra:

– Sem dúvida, sem dúvida! O doutorzinho nos convenceu e nos ensinou uma erudição admirável, nunca antes ouvida. Vede vós, *señores*, quanto os antiquários esquentaram a cabeça para investigar a origem da poesia, fixando alguns em Jubal, outros em Débora, outros em Moisés¹¹⁶⁴, outros nos caldeus, outros nos egípcios, outros nos gregos, e todos permaneceram tenazes em seus sistemas sem chegarem a um consenso! E o doutor *Don* Pedro nos tirou desta confusa Babilônia, arremessando sua barra de cem metros além dos melhores antiquários e historiadores, e exaltando-a acima das nuvens, já que a fez ascender aos anjos! Uau, senhores, vamos brindar, desta vez, à saúde de nosso doutorzinho.

Dizendo isso, pegou a taça, e todos fizeram o mesmo, repetindo, em sua imitação:

– Viva o doutor erudito!

¹¹⁶³ Nota da Tradutora: Reproduzimos as maiúsculas e diminutivo do texto em castelhano.

¹¹⁶⁴ Transcrição da nota 574, da edição de 2008 (p. 555): “Tanto Débora, quanto Moisés aparecem na Bíblia com cantos poéticos. Débora, depois da liberação dos judeus da tirania de Jabim [Juízes, 4], rei de Canaã (Juízes, 5). E Moisés, depois de passar pelo Mar Vermelho (Êxodo, 15)” (Nossa tradução).

(p. 555) Já se pode perceber que, nesse brinde, não faltaram as palmas nem o habitual tilintar de copos, pratos e garfos. Mas quem acreditará, meus filhos, que eu fui tão tolo e tão bárbaro a ponto de não perceber que todo aquele barulho não passava do eco lisonjeiro da zombaria irônica do subdelegado? (p.556) Bem, foi assim. Bebi minha taça de vinho muito satisfeito... O que estou dizendo? Muito oco! Pensava que aquilo tudo não era uma solene zombaria de minha ignorância, mas um elogio digno de meu mérito.

E o que pensais, meus filhos, que apenas vosso pai, numa idade que beirava a mocidade, era o único a se vangloriar de sua reputação pública de forma tão caprichosa? Achais que só eu perdoaria a zombaria dos sábios, supondo que fosse um elogio à mercê da própria ignorância e fanatismo? Bem, não, pedaços meus, em todos os tempos e em todas as épocas, houve homens tão tolos e presunçosos quanto eu, que, cheios de si mesmos, pensaram que só eles sabem, que só eles têm razão e que os segredos da sabedoria só pertencem a eles. Eles são descobertos. Oh! Não sei se quando vós lerdes minha vida, refletindo, esta praga de tolos terá acabado no mundo. Mas se, infelizmente, ela durar, aconselho que observem atentamente estas lições: *homem caprichoso, nem sábio nem bom; homem dócil, pronto para ser bom e sábio; homem falador e vaidoso, nunca sábio; um homem quieto e humilde que submete sua opinião à de quem sabe mais, é positivamente bom, ou seja, é um homem de bom coração e tem uma bela disposição para um dia ser sábio*. Prestais atenção a minhas digressões, que, talvez, sejam as que mais importam para vós!

O subdelegado, vendo minha serenidade, prosseguiu:

– Doutorzinho¹¹⁶⁵, segundo vossa opinião e a do pároco vigário, a poesia é uma ciência ou arte divina; já que tendo sido infundida aos anjos e aos homens, porque nem o primeiro nem o segundo não tiveram de quem a imitar, é claro que só o Autor do que foi criado poderia infundi-la. E, nesse caso, dissei-nos, por que os poetas são mais comuns em algumas nações do que em outras, sendo todas filhas de Adão? Porque não há remédio. Se entre os italianos não abundam os melhores poetas, pelo menos abundam os mais fáceis, como os improvisadores, gente muito rápida que versifica de repente e, talvez, uma multidão de versos.

¹¹⁶⁵ Nota da Tradutora: Reproduzimos o diminutivo do texto em castelhano.

(p.556) Vi-me atacado com essa pergunta, porque não sabia como dissolver a dificuldade, e assim, movendo o corpo, respondi:

– *Señor* subdelegado, não entro na discussão porque a verdade é que não acredito que houve, nem pode haver tais (p. 557) poetas repentinos ou improvisadores como vós os chamais. Portanto, seria preciso convencer-me de sua existência para entrarmos em disputa, pois *prius est esse quam aliter esse*¹¹⁶⁶, primeiro é que a coisa exista, depois, que exista desta ou daquela maneira.

– Bem, não há dúvida de que existiram poetas improvisadores, principalmente na Itália, – disse-nos o cura –, e até eu me pergunto: como uma coisa tão conhecida ficou escondida da erudição do *señor* doutor? Essa facilidade de versificar de repente é muito antiga. Ovídio confessa-o sobre si mesmo, pois chega a dizer que tudo o que falava, falava em versos, isto ao mesmo tempo que tentava não os fazer¹¹⁶⁷. Eu li o que Paulo Jovio disse sobre o poeta Camilo Cuerno¹¹⁶⁸, um famoso improvisador que gozou de muita estima do Papa Leão X por essa habilidade. Esse poeta estava parado em uma janela, dizendo versos repentinos, enquanto o Pontífice comia, e este gostava tanto da velocidade de suas veias, que demorava em comer os pratos, fazendo o poeta beber de seu próprio vinho, apenas com a condição de dizer, pelo menos, dois versos sobre cada assunto proposto para ele. O padre Calasanz¹¹⁶⁹, em seu *Discernimento de inteligência*, fala-nos de uma criança que mal sabia escrever, mas trovava qualquer que fosse o assunto que lhe batiam de repente, e, às vezes, com tanta nitidez que surpreendia os adultos sábios.

(p. 558) “Vários desses exemplos de poetas improvisadores poderiam ser citados; mas, por que devemos nos cansar quando todos sabem que, neste mesmo

¹¹⁶⁶ Nota da Tradutora: “é melhor ser do que não ser” (Nossa tradução).

¹¹⁶⁷ Nota do Autor: “*scribere conabar verba soluta modis. sponte sua carmen numeros veniebat ad aptos* [Nossa tradução: tentei escrever palavras soltas em formas soltas. Por vontade própria, o poema fluía em versos adequados]” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 557, nota a). Transcrição da nota 575, da edição de 2008 (p. 557): “Ovídio, *Tristia*, IV, 10, vv. 24-25 [...]” (Nossa tradução).

¹¹⁶⁸ Transcrição da nota 576, da edição de 2008, p. 557: “Ele pôde ler essa notícia em Johann B. Mencke, *Declamaciones contra la charlatanería de los eruditos* ([1715], p. 124-125), onde diz: ‘e foi tanto o prazer que León sentiu por ele, e o quão agradável se lhe tornou, que dali em diante, tornou-se o melhor instrumento de sua erudita diversão, mantendo-o sempre consigo quando comia, estendendo-lhe até a janela onde ele estava em pé, os pratos que ele havia comido, fazendo-o beber de seu próprio vinho e o estimulando a improvisar versos de repente’” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: sobre Mencke, ver nota 215 de nossa tradução.

¹¹⁶⁹ Nota da Tradutora: Sobre Calasanz e sua obra, ver nota 345 de nossa tradução.

reino, floresceu (p.558) aquele que era conhecido como o *Negrinho Poeta*¹¹⁷⁰, e de quem os velhos falam e ressaltam uma prontidão admirável?

– Contai-nos, *señor cura* – disse uma menina –, alguns versos do Negrinho Poeta.

– Muitos são atribuídos a ele – disse-nos o cura –; outros, talvez, pensa-se, ilusoriamente, que são dele; mas, para agradar-vos, vou me referir a dois ou três daqueles que sei que são certamente seus, segundo me confidenciou um velho da Cidade do México, que ouviu da boca do próprio poeta. Ouvi!

“Nosso negro, certa vez, entrou numa drogaria onde um boticário ou médico estava conversando com um cura sobre cabelos, e quando o negro entrou, esse senhor lhe disse: *os cabelos pendem de...* O cura, que conhecia o poeta, para estimular sua habilidade, disse a ele:

– Negrinho, aqui tens um peso se trovas o que o *señor* acabou de dizer, a saber: *os cabelos pendem de*. O Negrinho, com sua prontidão de sempre, recitou:

Eu já ganhei esse peso
Se for meu conhecimento reaceso.
Sai daí, não ficai teso!
Cair pode uma viga, e onde indefeso
Os cabelos pendem. Sereis leso?¹¹⁷¹

“Isso ficou muito conhecido na Cidade do México. O mesmo refrão foi dado para trovar à madre sor Juana Inés de la Cruz¹¹⁷², freira gerônima, famosa por seu

¹¹⁷⁰ Nota da Tradutora: Para mais informações sobre José Vasconcelos, o negrinho poeta, ver nota 903 de nossa tradução.

¹¹⁷¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*Ya ese peso lo ganó/ si mi saber no se esconde./ Quítese usted, no sea que/ una viga caiga y donde/ los cabellos penden dé*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 558).

¹¹⁷² Transcrição da nota 578, da edição de 2008 (p. 558): “A quarta edição adiciona, em nota: ‘Por não ser muito conhecidas as obras de Sor Juana, registramos aqui sua resposta, que está no tomo II de suas obras.’ ‘*Señora, aquel primer pie/ es nota de posesivo,/ y si es inglosable; porque/ al caso es genitivo/ nunca se pospone el de./ Y así el que aquesta Quinti-/ lla hizo y quedó tan ufa-/ no, pues tiene buena ma-/ no, glose esta redondi-/ lla no el sentido no topo,/ y no hay falta en el primor;/ porque es pedir a un pintor/ que copie con un hisopo./ Cualquier facultad enseña,/ si es el medio disconforme;/ pues no hay músico que forme/ armonía en una peña./ Perdonad, si fuera del/ asunto ya desvarío/ porque no quede vacío/ este campo de papel.* [Nossa tradução: Senhora, aquele primeiro verso/ é um possessivo,/ e se é algo inglosável; porque/ no caso de genitivo,/ nunca é posposto o *de*./ E assim, aquele que fez esta Quinti-/ lha e ficou tão ufa-/ no, já que tem boa/ mão, glose esta redondi-/ lha, não

gênio e (p. 559) célebre poeta em seu tempo, que mereceu o epíteto de Décima Musa de Apolo; mas a religiosa não pode trová-lo sem observar, em nota, a possessão do verbo genitivo, como fez o negro, e desculpou-se muito bem em poucas voltas, elogiando a desenvoltura de nosso poeta.

“Em outra ocasião, passando perto dele um escrivão com um meirinho, o primeiro deixou cair um pedaço de papel; o segundo levantou-o, e o escrivão perguntou-lhe: o que era? O meirinho respondeu que era um testemunho, e o negro prontamente disse:

Não são artes do diabo
 Levantar um objeto tão brabo?
 Mas quando um meirinho
 Não levanta um testemunho?¹¹⁷³

“Em outra ocasião, ele entrou em uma casa onde uma imagem da Conceição estava sobre uma mesa... Vede que coisas diferentes havia: uma imagem da Conceição, um quadro da Santíssima Trindade, outro de Moisés vendo queimar a sarça, uns sapatos e umas colheres de prata. Pois bem, *señores!* O dono da casa, duvidando da facilidade do negro, disse-lhe que, se acomodasse todos aqueles objetos numa estrofe de quatro versos, dar-lhe-ia as colheres. Não precisou de mais nada para o negro dizer:

Moisés para ver Deus,
 Tirou os sapatos.
 Virgem da Conceição,

o sentido, não tópos,/ e não falha no primor;/ porque é como pedir a um pintor/ para copiar com um esfregaço./ Qualquer habilidade ensina,/ se o meio é desconforme;/ pois não há músico que forme/ harmonia em uma penha./ Perdoai, se saí do/ assunto, já divago,/ para que não fique vazio/ este campo de papel].’ Méndez Plancarte faz notar, em sua edição da obra de Sor Juana, as dificuldades de que a anedota tenha um fundamento real (*Obras Completas*, I, *Lírica Personal*, edição, prólogo e notas de Alfonso Méndez Plancarte, México-Buenos Aires: FCE, 1951. p. 276 e 517-518)” (Nossa tradução).
 ***Transcrição da nota 10, da edição de 2004 (p. 292): “[Repete o anterior, mas não a resposta em versos, nem a tradução de Sor Juana] [...] Seu poema foca nos detalhes gramaticais do improvisador da rima, e, portanto, é essencialmente intraduzível” (Nossa tradução).

¹¹⁷³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “¿No son artes del demonio/ levantar cosa tan vil?/ ¿Pero cuándo un alguacil/ no levanta un testimonio?” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 559).

Que me deem essas colheres¹¹⁷⁴.

(p.559)

“Nenhum conceito ou agudeza pode ser visto nesses versos, mas a facilidade de acomodar nele tantas coisas que estão desconectadas umas das outras, e com algum significado, não é indigna de louvor.

“Por fim, sabemos que a hora da morte não é hora (p. 560) para brincadeiras; pois, na morte de nosso poeta, ele manifestou o quão brilhante era para escrever versos. Assim, enquanto um religioso agostiniano o ajudava, ele disse:

Já sou cadáver inerte,
E a morte vem a trote.
Sou teu cavalo morto
E tu és meu abutre¹¹⁷⁵.

“Devemos advertir que esse pobre negro era muito vulgar, sem uma gota de estudos ou erudição. Já ouvi dizer que ele nem sabia ler. Assim, se no meio da escuridão de tanta ignorância, ele irrompeu em semelhantes e prontas piadas em verso, o que ele teria feito se tivesse obtido a instrução dos sábios, como, por exemplo, a do senhor médico aqui presente?

– Boa seja vossa vida, *señor* cura! – respondi-lhe.

Nisso, acabou a comida e levantaram-se as toalhas, deixando-nos todos a falar à mesa, sem dar graças a Deus, porque esse costume já ficou em desuso; mas o subdelegado, que estava se contorcendo de ansiedade por ver a mim e ao padre emaranhados na questão da medicina, disse-me:

– Certamente, eu queria que vós e o *señor* cura falassem sobre a faculdade de medicina; porque, a verdade é que nosso pároco se opõe muito aos médicos.

– Não deveria ser – disse-lhe eu, meio contrariado –, porque o *señor* cura deve saber que Deus diz que criou a medicina da terra, e que o homem prudente não deve

¹¹⁷⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Moisés, para ver a Dios, / se quitó las antiparas. / Virgen de la Concepción, / que me den estas cucharas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 559).

¹¹⁷⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Ya yo soy cadáver yerto / y la muerte viene al trote. / Yo soy tu caballo muerto / y tú eres mi zopilote* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 560).

aborrecê-la. *Dominus creavit de terra medicinam, et vir prudens non aborrebit eam*¹¹⁷⁶. (p. 560) Também diz que o médico deve ser homenageado pela necessidade. *Honora medicum propter necessitatem*¹¹⁷⁷. Ele diz...

– Chega! – disse-me o cura. – Não nos enchei de textos que eu entendo. Catorze versículos traz o capítulo 38 do Eclesiástico a favor dos médicos; mas o décimo quinto diz que *aquele que cometer um crime* (p. 561) *na presença do Deus que o criou, cairá nas mãos do médico*. Essa maldição não traz muita honra aos médicos, ou, pelo menos, aos médicos ruins.

“Sei muito bem que a medicina é uma arte muito difícil. Eu sei que é muito tempo para aprendê-la, que a vida do homem ainda não é suficiente para fazê-lo, que seus julgamentos são muito falíveis e difíceis, que seus experimentos são exercidos na vida respeitável de um homem, que não basta ao médico fazer o que lhe compete, se as circunstâncias, os auxiliares e o próprio paciente não ajudarem com o que lhes compete. Isso não sou eu que estou dizendo, mas o príncipe da medicina, aquele sábio da Ilha de Cós, aquele grego Hipócrates, aquele grande e sensível homem cuja memória não perecerá enquanto existirem homens na terra, aquele filantropo que viveu cerca de cem anos e quase todos esses anos foram usados para ajudar os miseráveis mortais, na investigação dos vícios da natureza enferma, na solicitação das causas das doenças e na eficácia e escolha dos remédios, aplicando sua especulação e sua prática ao objetivo que se propôs, que é o de obter o alívio de seus semelhantes.

“Eu sei de tudo isso, e sei que, antes dele, os miseráveis pacientes, destituídos de toda ajuda, expuseram-se às portas do templo de Diana, em Éfeso, e os do templo viram-nos, tiveram pena deles e prescreveram-lhes o que vinha na cabeça. Eu sei que os remédios que eles testaram para esta ou aquela doença foram escritos em tábuas chamadas *das medicinas*. Eu sei que o referido Hipócrates, depois de ter frequentado as escolas de Atenas por 35 anos, desde a idade de 14, e depois de ter aprendido o que seus médicos ensinavam, não se contentou: vagou de reino em reino, de província em província, de cidade em cidade, até que encontrou essas tábuas, e com elas e com suas repetidas observações, formulou seus famosos aforismos. Sei que,

¹¹⁷⁶ Nota da Tradutora: “O Senhor criou remédios da terra, e um homem sábio não os rejeita” (Nossa tradução).

¹¹⁷⁷ Nota da Tradutora: “Honra o médico por necessidade” (Nossa tradução).

depois dessas (p. 561) descobertas, a medicina tornou-se um estudo de interesse e valor, e não como antes, que se fazia por amizade ao gênero humano.

“Sei de tudo isso e muito mais, que não conto para não cansar quem me ouve; mas também sei que, hoje em dia, já não se (p. 562) examina o talento tal como deveria ser e que se exige para chegar a ser médico, mas quem quer sê-lo, torna-se um, mesmo que não tenha as condições precisas. Sei que, ao cumprirem as disciplinas prescritas pela Universidade, ainda que não tenham aproveitado as lições dos estudiosos, somente cumprindo o tempo de prática, talvez ganhando uma certificação injusta do professor, fazem o exame, e como têm os examinadores a seu favor, ou a fortuna de responder com tino às questões que lhes são colocadas, mesmo no caso de proceder com toda a legalidade, como devemos supor em tais atos, entregam sua carta de exame, e com ela, a licença para matar a todos impunemente.

“Eu sei disso, e também sei que muitos médicos não são como deveriam ser. Isto é, não estudam com tenacidade, não praticam com eficácia, não observam escrupulosamente a natureza, como deveriam. Esquecem-se de que a academia do médico e sua melhor biblioteca estão no leito dos doentes e não nas estantes douradas, nos muitos livros e no luxo excessivo, e muito menos, no ridículo pedantismo com que recitam textos, autoridades e latim diante de quem não os entende.

“Sei que um bom médico deve ser um bom físico, um bom químico, um bom botânico e um bom especialista em anatomia; e vejo um número infinito de médicos no mundo que não sabem como se faz e o que é, por exemplo, sulfato de sódio, e o prescrevem como específico em algumas doenças em que é precisamente pernicioso; que desconhecem quais são e como funcionam as partes do corpo humano, a virtude ou veneno de muitas substâncias simples e o modo como muitas coisas se decompõem ou simplificam.

“Sei também que um bom médico não pode ser aquele que não é um homem de bem, quer dizer, aquele que não está repleto dos mais vívidos sentimentos de humanidade ou de amor ao próximo, porque aquele que vai curar apenas por dinheiro e não com amor e caridade ao pobre paciente, certamente não deve ser confiável, e a verdade é que, geralmente, é assim mesmo. Os médicos, quando se examinam, juram socorrer os pobres por caridade e eficácia. E o que vemos? (p.563) Que quando estes vão a suas casas para serem consultados sobre suas doenças sem lhes dar

nada, são tratados (p.563) mediocrementemente; mas se os doentes são ricos e mandam chamar os médicos a sua casa, estes vão logo visitá-los, tratam-nos com cuidado, e às vezes, esse cuidado costuma ser com tanta pressa (sem nenhum cuidado e jeito), que, com o mesmo proceder, matam os enfermos.

Aqui, o *señor* cura fez uma breve pausa tirando a caixa de pós, e depois de habilitar seus narizes de rapé, continuou dizendo o que vereis no próximo capítulo.

(p. 564) **Capítulo V**

No qual nosso Quitinho explica como o cura concluiu seu sermão; a má sorte¹¹⁷⁸ que teve durante uma peste e a maneira deplorável¹¹⁷⁹ com que deixou a cidade; trata, também, neste capítulo, de alguns assuntos curiosos

– Não acrediteis, señores – continuou o cura –, que trato de colocar os médicos em maus lençóis¹¹⁸⁰. A medicina é uma arte celestial que Deus providenciou ao homem¹¹⁸¹. Seus dignos professores são credores de nossas honras e louvores; mas, quando os médicos não são como deveriam ser, a desonra recai sobre a própria inaptidão e interesse, não sobre a utilidade e a necessidade da medicina e de seus sábios professores. O médico instruído, aplicado e caridoso é recomendado; mas o tolo, aquele que se vende e que se amparou nessa faculdade para buscar a vida porque não teve forças para se dedicar ao trabalho braçal, ao *mecapal*¹¹⁸², é um homem odioso e digno de ser considerado um assassino da raça humana, com licença, embora involuntária, dos do Protomedicato.

“Médicos como esses foram banidos de muitas províncias de Roma e outras partes como se fossem pragas e, de fato, (p. 565) não há praga pior em um povoado pequeno do que um médico ruim. Muitas vezes, seria melhor confiar o doente nas mãos sábias da natureza do que nas mãos de um médico tolo e ganancioso.

– Mas eu não sou desses – disse-lhe eu, um pouco envergonhado porque todos olhavam para mim e sorriam.

¹¹⁷⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *la mala mano* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 564). A frase pode ter, pelo menos, duas interpretações: o primeiro sentido é utilizado no contexto dos jogos de baralho e poderia ser entendido como pegar uma mão de cartas ruins, isto é, a sorte não foi boa com ele; enquanto o segundo aponta para a má atuação médica do doutor Periquinho.

¹¹⁷⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *del endiablado modo con que salió del pueblo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 564). Acreditamos que o modo como foi construída a frase está relacionado com a locução verbal coloquial *llevarse el diablo algo*, que, de acordo com o *DRAE*, (2023), significa “levar o diabo algo, acontecer algo mal, ou acontecer algo contrariamente ao que se esperava” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/diablo?m=form>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹¹⁸⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*trato de poner a los médicos en mal*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 564).

¹¹⁸¹ Transcrição da nota 584, da edição de 2008 (p. 564): “Na primeira edição, lê-se: ao homem, depois que ele se fez merecedor das doenças pela sua culpa” (Nossa tradução).

¹¹⁸² Nota da Tradutora: O termo refere-se, segundo o *DRAE* (2023), a uma “cinta com duas cordas nas pontas para carregar carga nas costas, colocando parte da cinta na testa e as cordas segurando a carga, proveniente dos países de El Salvador, Honduras e Guatemala” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/mecapal?m=form>. Acesso em: 19 ago. 2023.

(p. 565) – Não digo isso por vós – respondeu-me o cura –, nem por Sancho, Pedro ou Martim. Minha crítica não determina uma pessoa, nem estou acostumado a falar indiretas¹¹⁸³. Falo de modo geral, e apenas contra os maus médicos, empiristas e charlatões, que abusam de uma arte tão preciosa e necessária que o Autor da natureza nos forneceu para socorrer nossas mazelas. Se vós ou outra pessoa, ao me ouvir falar dessa maneira, estiver convencido de que isso é dito atacando vossa pessoa, será sinal de que vossa consciência o acusa e, então, amigo, parabéns, quem se sentir atingido, que vista a carapuça¹¹⁸⁴. O mesmo que dizeis, sobre não ser um desses maus médicos, também é afirmado pelos chamados ‘profissionais meia boca’¹¹⁸⁵ de todas as faculdades, e, no entanto, não é por isso que deixam de sê-lo.

– Não concordo, *señor* – eu o interrompi. – Não sou desses. Sei de minha obrigação e sou examinado e aprovado *nemine discrepante*, pelo verdadeiro Protomedicato do México. Não ignoro que as partes da medicina são: fisiologia, patologia, semiótica e terapêutica. Sei a estrutura do corpo humano, o que se chamam de fluidos, o que são sólidos. Sei o que são ossos e cartilagens, o que é o crânio e que ele é formado por oito partes. Sei qual é o osso occipital, a dura-máter e o frontal. Sei o número de costelas, o que é o esterno, as omoplatas, o cóccix, as tíbias. Sei o que são os intestinos, as veias, os nervos, os músculos, as artérias, o tecido celular e a epiderme. Sei quantos e quais são os humores do homem, como sangue, bile, fleuma, quilo (p. 566) e gástrico. Sei o que são a linfa e os espíritos animais e como atuam no corpo sadio e no enfermo. Conheço doenças com seus legítimos nomes gregos, como ascite, anasarca, hidrofobia, zaratan, pleurisia, doenças venéreas, clorose, caquexia, podagra, parafrenite, priapismo, paroxismo e mil outras doenças que o tolo vulgar chama de hidropisia, raiva, gálico, dor no flanco, gota e outras bobagens comuns. Conheço a virtude dos remédios sem precisar saber como os boticários e os químicos os fabricam, as coisas simples de que são feitos ou como agem no corpo humano. Assim, conheço aqueles que são febrífugos, adstringentes,

¹¹⁸³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tirar a ventana señalada* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 565). De acordo com o *Diccionario de autoridades* (1739, tomo VI), trata-se de uma “frase que se vale de algumas expressões prontas nas quais se afirma, ou se fala de modo geral e comum. Por meio delas, destaca-se o sujeito específico de modo que todos os que ouvem percebam que se está falando dele” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹¹⁸⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *al que le venga el saco que se lo ponga* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 565).

¹¹⁸⁵ Nota da Tradutora: *Chambones*, de pouca habilidade em qualquer arte ou faculdade.

antiespasmódicos, (p. 566) aromáticos, diuréticos, errinos¹¹⁸⁶, narcóticos, peitorais, purgativos, sudoríficos, vulnerários, antídotos, emotoicos, estimulantes, vermífugos, laxantes, cáusticos e anticólicos. Conheço...

– Basta, *señor* doutor! – disse-me o cura, apressado. – Basta, pelo amor de Deus! É saber muito e eu sou um condenado por entender o que dizeis. Parece-me que estive ouvindo Hipócrates falar em sua língua. Mas, a verdade é que, com todo esse seu conhecimento, vós despachastes, em quatro dias, a pobre e velha hidrópica tia Petronília, que, há alguns anos, vivia com seu *ai, ai*, antes de chegardes aqui, e depois que viestes, ela aliviou seus passos à força de purgativos, muito, muito amargos e em doses excessivas, o que me pareceu uma heresia médica, já que é totalmente contraindicado dar expurgos e sangrias aos velhos, exatamente por serem fracos. Essa foi a razão para que aquele outro paciente, o pobre gotoso, ou reumático, não quisesse que simplesmente o matásseis.

“Com tanto conhecimento, amigo, estais acabando com minha freguesia sem apercebê-lo, porque, desde que estais aqui, notei que as contas de minha paróquia aumentaram cinquenta por cento; e, embora outro cura mais ganancioso do que eu vos agradecesse pela multidão de mortos que despachais, não o faço, amigo, porque amo muito meus paroquianos e sei (p. 567) que, com o passar do tempo¹¹⁸⁷, vós me afastareis do sacerdócio, pois, terminada a população da cidade e suas visitas, serei sacerdote das casas vazias e dos campos não cultivados. Então, vede o quanto vosso conhecimento, mesmo me interessando por ele, causa-me pesar!

Todos riram alto da ironia do cura, e eu, incomodado com isso, disse-lhe, com os ouvidos ardendo:

– *Señor* cura, para falar, é preciso pensar e ter instrução no que se fala. Os casos que me lembrastes por zombaria são comuns. A cada passo, pode acontecer que o pior doente morra nas mãos do melhor médico. Vós achais que os médicos são deuses que têm que trazer vida aos doentes? Ovídio, no primeiro livro do Ponto, diz

¹¹⁸⁶ Nota da Tradutora: O termo *errino* existe no léxico da língua portuguesa e tem o mesmo significado na língua castelhana. Segundo o dicionário *Aulete on-line*: “1. diz-se das substâncias que, introduzidas no nariz, irritam a pituitária e provocam o espirro; esternutatório. 2. Substância errina; medicamento de uso nasal. F. lat. *Errhinum*”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/errino>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹¹⁸⁷ Nota do Autor: *A dura tiempo*. Segundo nota do autor, *dura* é o mesmo que duração, mas com a diferença de que *dura* é a permanência das coisas que se consomem com o uso. No entanto, o significado parece ser o da passagem do tempo. [Nossa tradução: por muito tempo].

que nem (p. 567) sempre está nas mãos do médico curar os doentes, e que, muitas vezes, o mal derrota a medicina.

*Non est in medico semper relietur ut aeger,
Interdum docta plus valet arte malum*¹¹⁸⁸.

“Ele mesmo diz que existem doenças incuráveis que não serão curadas até mesmo se o próprio Epidauro¹¹⁸⁹ aplicar o remédio nelas, e resistirão a águas termais mais específicas, como as águas do Peñón¹¹⁹⁰ ou Atotonilco¹¹⁹¹ daqui, e uma dessas doenças é a epilepsia. Ouvi suas palavras:

*Afferat ipse licet sacras Epidaurius herbas,
Sanabit nulla vulnera cordis ope*¹¹⁹².

(p. 568) “Assim sendo, o *señor* cura deve sentir-se admirado pelo fato de que alguns pacientes meus morrem, quando morrem aos melhores médicos. Só faltava os homens quererem ser imortais apenas chamando o médico. O fato de o velho gotoso não querer continuar comigo não prova nada, exceto que ele percebeu que sua doença era incurável, porque, como disse Ovídio, a gota não é curada pela medicina.

¹¹⁸⁸ Transcrição da nota 4, da edição de 2004 (p. 297): “Nem sempre está a cura do paciente nas mãos do médico; às vezes, a doença supera sua arte. Ovídio. Ex Ponto, livro I, epístola III, vv. 17-18 [...]” (Nossa tradução).

¹¹⁸⁹ Nota da Tradutora: A edição de 2008, na nota 595 (p. 567), aponta que houve uma correção feita na quarta edição que substituiu Epidauro por “Esculápio, deus da medicina, nascido em Epidauro”. Essa alteração, de acordo com Ruiz Barrionuevo, desconsidera totalmente a série de absurdos que o Periquitinho profere na sua intervenção. Sugerimos visitar: <http://www.ccms.saude.gov.br/noticias/esculapio-o-deus-da-medicina> e <https://www.tudosobretenas.com/epidauro>. Acesso em: 20 ago. 2023.

¹¹⁹⁰ Nota da Tradutora: Na Cidade do México, é muito conhecido o *Peñón de los baños*, último lugar preservado de águas termais, onde, historicamente, está registrado que tomaram banho Montezuma e Porfírio Díaz, entre outros. No entanto, Frye (2004, p. 297, nota 3) aponta que existem, no México, vários lugares de águas termais com o nome *Peñón*. Para mais informações sobre o *Peñón de los baños*, visitar: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/penon-de-los-banos.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹¹⁹¹ Nota da Tradutora: *Atotonilco*, do náhuatl *atl*- água, e *totonilli*- quente, e da pospositiva de lugar *co*, que significa lugar de águas termais. Frye (2004, p. 297, nota 3) sugere que o “Periquitinho, provavelmente, nesse ponto da narrativa, refere-se a um local de águas termais que fica a 16 km ao leste de Tula” (Nossa Tradução). A referência sobre a origem do nome *Atotonilco* pode ser visitada em: <https://guerrerolife.com/2019/03/12/aguas-termales-en-atotonilco-gro/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

¹¹⁹² Transcrição da nota 4, da edição de 2004 (p. 297): “Ovídio. Ex Ponto, livro I, epístola III, vv. 21-22: [...] Embora o próprio Epidauro (ou Esculápio) traga consigo as ervas sagradas, ele não conseguirá curar as feridas do coração [...]” (Nossa tradução).

(p. 568)

*Tollere nodosam nescit medicina podagram.**Ovídio, loco citato*¹¹⁹³.

– Eu sou louco – disse-me o cura –, e tolo e néscio por querer debater convosco sobre essas coisas.

– Vós dizeis muito bem, *señor* licenciado – eu lhe disse –, se o dizeis com sinceridade. De fato, não há loucura maior do que discutir sobre o que não se entende. *Quod medicorum est promittunt medici, tractant fabrilis fabri*¹¹⁹⁴, disse Horácio na epístola I do livro 1. *Señor* cura, discuta cada um o que sabe; fale de sua profissão e não se meta no que não entende, lembrando que falará bem de teologia o teólogo, o canonista, dos cônegos, o médico, de medicina, o piloto, dos ventos, o fazendeiro, de bois, e assim, todos.

*Navita de ventis, por bobus narrat arator*¹¹⁹⁵.

O cura ficou completamente incomodado com essa repreensão indelicada e, levantando-se de seu assento, erguendo seu barrete e batendo na mesa, disse-me:

– Cuidado, *señor* doutor, ou *señor* charlatão! Observai com quem estais falando, onde, como e na frente de quais pessoas. Achais (p. 569) que eu sou algum tolo ou algum *topile*¹¹⁹⁶ ou algum rústico para que se altere comigo assim e queira me repreender como a uma criança? Ou achais que, por eu ter me comportado com prudência, faltam-me razões para tratar-vos como realmente sois, ou seja, como um louco vão, pedante e sem instrução? Sim, *señor*, não passais disso, pois sereis

¹¹⁹³ Transcrição da nota 4, da edição de 2004 (p. 297): “Ovídio. Ex Ponto, livro I, epístola III, vv. 23: a medicina não sabe como aliviar os efeitos da gota nodosa” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A expressão *loco citato* serve para indicar que a referência não está sendo utilizada de modo certo ou preciso. Essa é mais outra mostra dos absurdos do Periquitinho, pois ele se contradiz ao utilizar a expressão.

¹¹⁹⁴ Transcrição da nota 5, da edição de 2004 (p. 297): “Horácio, *Epístolas*, II:1, linhas 115-116: deixai os médicos tomarem conta do trabalho dos médicos, e aos trabalhadores, manusear as ferramentas dos trabalhadores” (Nossa tradução).

¹¹⁹⁵ Transcrição da nota 6, da edição de 2004 (p. 297): “Deixai o piloto falar dos ventos, e o lavrador, dos bois. Propércio, *Carmina*, II, linha 43, citado por Jamin, *Le fruit*, p. 58, de acordo com Ruiz Barrionuevo, 2008, p. 568, nota 601” (Nossa tradução).

¹¹⁹⁶ Nota da Tradutora: *Topile* ou *topil*, como tratado na nota 935 (p. 553) de nossa tradução, é o indígena que serve cuidando das igrejas.

desaprovado (p. 569) no conceito dos sensatos, não importa quantos latins e bobagens digais...

O subdelegado e todos, ao verem o cura zangado, tentaram acalmá-lo; e eu não me senti seguro, porque, com o escândalo, todos os índios que já tinham acabado de comer saíram para ver o que estava acontecendo. Então, eu disse a ele, carrancudo:

– *Señor* cura, seu eu erre, peço desculpas. Foi sem perceber e não por implicância, pois eu deveria saber que vós, curas e sacerdotes, estais sempre certos no que dizem, e não podem ser questionados sem a gente se expor a uma situação como essa. Por isso, é melhor ficar quieto e não brigar com Sansão aos chutes. *Ne contentas cum potentioribus*¹¹⁹⁷, disse aquele que sempre falou e falará a verdade.

– Vede, *señores* – disse-nos o cura –, se eu não estivesse convencido de que o *señor* doutor fala sem refletir a primeira coisa que lhe vem à boca, esta situação seria motivo¹¹⁹⁸ para ficar mais irritado, pois o que deu a entender é que sacerdotes e curas, como tais, sempre querem se safar de tudo, o que certamente é um insulto não apenas a mim, mas à classe respeitável do clero todo. No entanto, repito, estou convencido de sua forma de agir; e por isso é necessário desculpá-lo e ajudá-lo a voltar ao bom caminho.

E, voltando-se para mim, disse-me:

– Amigo, não nego que haja alguns eclesiásticos que, por terem tal título, querem se safar de tudo, como dissestes; mas é necessário considerar que estes não são todos, mas uns ou outros imprudentes que, nesta ou em coisas piores, manifestam seu pouco talento e, quiçá, vilipendiam seu carácter. Mas, neste caso, fora disso, não há tanta estranheza, porque, em qualquer corporação, por menor e lúcida (p. 570) que seja, não falta um desobediente. Não se deve servir da exceção para falar precipitadamente da corporação toda.

¹¹⁹⁷ Transcrição da nota 7, da edição de 2004 (p. 298): “Eclesiástico, 8:1: ‘Não disputes com um homem poderoso, para que não caias em suas mãos’”. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/8/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

¹¹⁹⁸ Nota da tradutora: Lê-se, em castelhano, “*ésta era mano*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 569). Segundo o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 691), o termo *mano* significa: “aventura, contratempo, lance desfavorável” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/690/mode/2up?q=mano>. Acesso em: 21 ago. 2023.

(p. 570) “Confesso que é verdade que existem alguns indivíduos em minha instituição como os que vós dizeis, e acrescento que, se eles apoiam ou fingem apoiar seu erro sabendo disso, apenas por serem padres, então, estão errados; e se ultrajam a qualquer secularista, não por um ato primário ou acalorado, mas por alguma grosseria que é usada contra eles, apenas por estarem convencidos de que o secularista é cristão e tem de respeitar seu caráter até o fim, fazem muito mal e são dignos de repreensão, porque devem refletir que o caráter não dispensa a observância das leis que a ordem social prescreve a todos.

“Vós todos que me ouvis sabereis, por isso, que não me atenho a meu *status* para desrespeitar ninguém, como sabem aqueles que me conhecem bem. – E continuou: – Se passei dos limites convosco, desculpai-me, porque o que eu disse foi provocado por vossa repreensão inadvertida, e uma repreensão não cai em erro algum, porque, quando digo algo, procuro manter-me na retaguarda para provar o que eu digo; e se não, vida que segue. Sobre o que eu vos disse, lembro-me de que afirmei que faláveis coisas que não entendeis (isso se chama pedantismo). Doutor, seria um prazer se vós me fizésseis ficar mal diante desses *señores*, agraciando-nos com o favor de nos explicar que parte da medicina é a semeiótica¹¹⁹⁹, o que é o humor *gástrico* ou *pancreático*, que doença é o *priapismo*, o que são as *glândulas do mesentério*, que tipos de *cefalalgia* existem e que tipo de remédios são os *emotoicos*¹²⁰⁰; mas devo advertir-vos de que domino esses assuntos, e entre meus livros, tenho autores que o explicam lindamente, e posso mostrá-los a esses *señores* em um minuto. Portanto, não corrais o risco de falar uma coisa pela outra confiando que eu não entendo, porque, mesmo não sendo médico, sempre fui muito curioso e gosto de ler sobre vários assuntos. Em outras palavras, sei um pouco de tudo, mesmo não conseguindo desempenhar ao certo nenhuma dessas atividades¹²⁰¹. Então,

¹¹⁹⁹ Nota da Tradutora: Reproduzimos a escrita tal como aparece no texto de 2008. De acordo com o blogue *Conceitos* (2023), “o nome da semiótica provém do grego *semeion* (“signo”), e foi cunhado pelo filósofo inglês John Locke (1632-1704). No entanto, o termo já existia em certos âmbitos científicos, como o médico, onde era utilizado mais ou menos como sinônimo de diagnóstico, ou seja, como a interpretação dos sinais que uma doença causa no corpo humano” (Nossa tradução). Disponível em: <https://concepto.de/semiotica/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

¹²⁰⁰ Nota da Tradutora: Reproduzimos a escrita tal como aparece no texto de 2008. Frye (2004, p. 299) traduz o termo como “eméticos”.

¹²⁰¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*he sido aprendiz de todo y oficial de nada*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 570). De acordo com *Centro Virtual Cervantes*, a expressão refere-se a uma pessoa que pretende realizar muitas atividades profissionais,

vejamos! Se (p. 570) responderes corretamente a minhas perguntas, darei-vos essa onça de ouro¹²⁰² para rapé; e se não, vou me contentar com vossa confissão de que não sou um daqueles párocos que entra numa discussão sem causa aparente, mas porque sei do que estou falando e sobre o que estou discutindo.

(p. 571) Tremi nas bases¹²⁰³ com a proposta do cura porque eu não entendia das coisas que havia citado. Só aprendi tais nomes bárbaros na casa de meu mestre, confiante de que conhecê-los de cor e dizê-los com graça era o suficiente para ser médico; ou, pelo menos, aparentar sê-lo; e assim, não tive mais escapatória senão dizer-lhe:

– *Señor* cura, desculpe-me, mas não irei me submeter a tal exame. O Protomedicato já me examinou e me aprovou, conforme atestam minhas certidões e documentos.

– Está muito bem – disse-me o cura –, só de recusardes algo tão fácil, já me dou por satisfeito; mas também não irei me submeter a médicos inábeis ou que assim me pareçam. Sim, *señor*; serei meu médico como fui até agora. Pelo menos, terei menos dificuldades para me perdoar pelos erros; e nessa parte da medicina que procura preservar a saúde e que os médicos chamam *higiene*, contento-me em observar as regras que a Escola Salernitana¹²⁰⁴ prescreveu a um rei da Grã-Bretanha... A saber: pouco vinho¹²⁰⁵, pouco jantar, exercício, nenhum sono ao meio-

mas que acaba por não conseguir desempenhar bem nenhuma. Para mais informações, visitar: <https://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/ficha.aspx?Par=58243&Lng=0>. Acesso em: 21 ago. 2023.

¹²⁰² Nota da Tradutora: Para onça, ver nota 584 de nossa tradução.

¹²⁰³ Nota da tradutora: Lê-se, em castelhano, “*la sangre se me bajó a los talones*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 570). De acordo com López y López (1931, p. 463), a expressão significa “tomar um susto, sentir calafrios por medo” (Nossa tradução).

¹²⁰⁴ Nota da Tradutora: De acordo com o blogue *Universidade na história* (2018), “antes mesmo que surgissem as primeiras universidades ocidentais, a escola de medicina de Salerno já era conhecida. Embora seja difícil determinar com precisão, sabe-se que lá ocorriam atividades de ensino desde o século IX, pelo menos. [...] muitos historiadores tendem a acreditar que os médicos de Salerno curaram Roberto [Rei Robert de Nápoles (1276-1343), que recebeu o trono como Rei Robert I da Inglaterra e IV da Escócia]. Este, antes que partisse para a Inglaterra, manifestou interesse em levar consigo um conjunto de normas para manter boa saúde. Assim, os médicos salernitanos se puseram a trabalhar, encarregando seu mais instruído colega, João de Milão, da compilação e redação. Tais preceitos foram posteriormente divulgados e a ele dedicados sob o título *Schola Salernitana*” Disponível em: <https://vidanauniversidade.com.br/escola-de-medicina-de-salerno/>. Para mais informações sobre o rei Roberto, visitar: <https://www.britannica.com/biography/Robert-king-of-Naples>. Acesso em: 21 ago. 2023.

¹²⁰⁵ Nota da Tradutora: Frye (2004, p. 299, nota 8) comenta que alguns pesquisadores não concordam que o famoso manuscrito *Regimen Sanitatis Salernitanum* (séc. XII), que reivindica ter escrito ‘para o rei inglês’, seja o escrito original, pois teria sido a tradução do texto árabe de medicina *Sirr al-asrar*. Também afirma que “[Fernández de] Lizardi retirou a citação da obra de Jamin, *Le fruit* (p. 102)” (Nossa tradução).

dia, ou o (p. 571) que chamamos de *siesta*, estômago livre, fugir de preocupações e tristezas, passar menos raiva; aos quais acrescento alguns banhos e remédios, os mais simples, quando necessário, o que me mantém saudável e gordo como me vedes. Porque não há remédio, amigo: eu seria o primeiro a me entregar sem reservas a qualquer médico se todos eles fossem como deveriam ser; mas, infelizmente, mal se pode distinguir o bom médico do tolo empírico e do curandeiro charlatão.

“Em todas as ciências, há muito charlatões; porém, mais do que qualquer uma, a medicina. Um leigo não ousará pregar em um púlpito, resolver um caso de consciência em um confessionário, defender um processo em uma audiência... mas o que estou dizendo? Quem se atreverá a cortar um casaco sem ser alfaiate, ou (p. 572) desenhar uns sapatos sem ser sapateiro? Ninguém, com certeza; mas para pedir um remédio, quem se detém? Ninguém, também. O teólogo, o canonista, o legista, o astrônomo, o alfaiate, o sapateiro, todos somos médicos quando chega nossa vez. Sim, amigo, todos nós encaminhamos nossos remédios com um Deus nos acuda e nos salve, sem saber o que estamos prescrevendo, apenas porque os vimos prescrever, ou porque nos aliviámos com eles, sem perceber até que ponto a natureza de um é a do outro, sem saber as contraindicações e sem saber que o que foi remédio para João é veneno para Pedro. Suponhamos: em alguns tipos de apoplexias, o sangramento é necessário e benéfico; mas em outros, não pode ser aplicado sem riscos, como, por exemplo, em uma mulher grávida apoplética, já que o aborto é quase certo.

“Quem não é médico não percebe esses inconvenientes: age de forma imprudente e mata com boas intenções. Não é à toa que as Leis das Índias proíbem, com tanta determinação, o exercício do empirismo. Se quiser, leia os capítulos 4 e 5 do Livro V, Título VI da *Recopilación*¹²⁰⁶. Até médicos sábios (como *Monsieur Tissot*¹²⁰⁷, em seu *Aviso al pueblo*) declamam, em voz alta, contra os charlatões.

¹²⁰⁶ Nota da Tradutora: O título completo da obra é *Recopilación de leyes de los Reynos de las Indias* [Nossa tradução: Recopilação das leis dos Reinos das Índias]. Na página do *Boletín del estado* [espanhol], é possível encontrar três volumes. Disponível em: https://www.boe.es/biblioteca_juridica/publicacion.php?id=PUB-LH-1998-62. Acesso em: 21 ago. 2023.

¹²⁰⁷ Nota da Tradutora: O título completo da obra, em língua portuguesa, é *Conselhos ao povo sobre sua saúde* (1761). De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 572, nota 607), existe um capítulo, na obra mencionada, sobre os charlatões e curandeiros, do qual ele extrai o seguinte excerto: “Resta-me falar de uma praga que causa mais estragos do que todos os males que mencionei anteriormente... Essa praga são os charlatões” (Nossa tradução). Sobre Tissot, ver nota 725 de nossa tradução.

p. 572) “Eu gostaria que o método observado em muitas províncias asiáticas¹²⁰⁸ sobre o exercício dos médicos fosse observado também aqui. Lá, os médicos que visitarem os doentes precisam fazer e pagar pelos remédios, bem como devem aplicá-los no paciente. Se este ficar saudável, o médico recebe pelo trabalho de acordo com o ajuste, mas se morrer, o médico vai ter que procurar cachorros para tirar-lhes as pulgas.

(p. 573) “Esta bela medida produz os bons efeitos que lhe são consequentes, fazendo os médicos aplicarem-se e estudarem, e serem, ao mesmo tempo, médicos, cirurgiões, químicos, botânicos e enfermeiros.

“Não franza a testa para mim! – disse-me o cura, sorrindo. – Houve algo em nossa Espanha que se assemelhava a isso. No título de físicos e doentes, entre as leis do *Fuero Juzgo*¹²⁰⁹, lê-se, no livro XI, que o físico (ou seja, o médico) resolvia com os doentes o que lhe seria dado para a cura, e caso os curasse, eles pagariam. Contudo, se ao invés de curá-los, o médico os tornasse ainda mais doentes com sangrias (deve-se entender que com outro qualquer erro), o médico deveria pagar pelo dano que causou. Se o doente falecesse, sendo homem livre, o médico ficaria sob o jugo dos herdeiros do defunto; no caso de o doente ser escravo, o médico teria de devolver a seu dono outro de igual valor no lugar daquele que havia morrido.

“Reconheço que essa lei tem algo de violento, porque, quem pode comprovar o erro de um médico senão outro médico? E que médico não ajudaria seu colega? Além do fato de que o homem tem de morrer algum dia, e, nesse caso, não seria difícil atribuir ao médico pelo efeito inevitável da natureza, e mais ainda se o paciente fosse um escravo, seu patrão exigiria ressarcir-se de outro à custa do pobre médico; mas essas leis não estão em uso, e me parece que é uma prática dos asiáticos, prática essa que eu gosto demais.

¹²⁰⁸ Nota da Tradutora: A discussão sobre os médicos chineses, similar à mencionada pelo cura, pode ser lida na obra de Benito Jerónimo Feijoo, *Teatro crítico universal*, tomo II, discurso XV “*Mapa intelectual y cotejo de naciones* [Nossa tradução: Mapa intelectual e cotejo de nações]”, parte IV (local. 192-194). Disponível em: <https://www.biblioteca-antologica.org/es/wp-content/uploads/2019/09/FEIJOO-Teatro-Cr%C3%ADtico-Universal-II.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2023.

¹²⁰⁹ Nota da Tradutora: O *Fuero Juzgo* (1784) é uma entidade gótica espanhola que serviu como referência para as disposições legais no vice-reino da Nova Espanha até meados do século XIX; porém, aos poucos, foram sendo criadas novas leis, que substituíram esse conjunto de leis. Para mais informações, visitar: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/fuero-juzgo-en-latin-y-castellano--0/html/ff8b0a00-82b1-11df-acc7-002185ce6064_4.html e <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/1/49/33.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023.

(p. 573) O subdelegado e toda a comitiva já estavam incomodados com tanta conversa do cura, e então, tentaram dar um fim nela, colocando uma quantia de dois mil pesos na mesa, com a qual (para não cansar-vos, meus leitores) arrancaram-me o dinheiro que tinha juntado, deixando-me com uma mão na frente e outra atrás¹²¹⁰.

À noite, tivemos baile, e a bebida era esplêndida e abundante, de acordo com as possibilidades do lugar. Fiquei ali mais por força do que por desejo, depois que perdi tudo, e às duas horas (p. 574) da manhã, fui para casa, onde ralhei com a cozinheira e dei uns tapas em meu copeiro, imitando nisso muitos patrões tolos e imprudentes que, quando passam raiva ou tristeza na rua, vão para casa descontar nos pobres criados e, talvez, em suas esposas e filhas.

Aos trancos e barrancos, nem bem nem mal, continuei atuando como médico por mais alguns meses. Em uma ocasião, quando fui chamado para visitar uma velha rica, esposa de um fazendeiro que estava com febre, encontrei lá o cura, a quem temia como se fosse o diabo. Mas, sem esquecer-me de meu charlatanismo, eu disse que isso não era uma questão para se preocupar e que não havia necessidade de se preparar para o pior. No entanto, o cura, que era mais médico do que eu, disse-me:

– Vede, a doente é idosa, está com febre há cinco dias, é corpulenta e, às vezes, desfalece, delira de tempo em tempo, tem manchas arroxeadas, que vós chamais de *petéquias*. Parece que é uma febre pútrida ou maligna. Não precisamos esperar que pegue moscas ou que esteja *in agonis*¹²¹¹ para sacramentá-la. Além disso, amigo, como pode o médico descuidar desse importante ponto, ou fazer o paciente confiar numa esperança fugaz e numa segurança que falta ao próprio médico? Estai ciente de que o Concílio de Paris¹²¹², no ano de 1429, ordenou aos médicos que exortassem os doentes em perigo a confessarem-se antes de dar-lhes remédios corporais e que lhes negassem assistência, caso não seguissem seus conselhos. O Concílio de Tortosa, do mesmo ano, proibiu os médicos de fazer três visitas consecutivas a doentes que não se confessassem. O Segundo Concílio

¹²¹⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *quedándome a un pan pedir* – [Nossa tradução está no corpo do texto]. De acordo com López y López (1931, p. 472), a expressão coloquial significa “ficar sem nada” (Nossa tradução).

¹²¹¹ Nota da Tradutora: “agonizante” (Nossa tradução).

¹²¹² Transcrição da nota 610, da edição de 2008 (p. 574): “A respeito dos concílios mencionados neste local [no parágrafo inteiro], Spell concluiu que [Fernández de] Lizardi reproduz quase textualmente o que Francisco Pérez Pastor diz no seu *Diccionario portátil de los Concilios*, Madrid, 1772, p. 353. (Ver obra *Bridging...*, p. 154” (Nossa tradução).

Lateranense, (p. 574) de 1215, no cânon 24, diz que, quando os médicos são chamados para cuidar dos doentes, devem, *antes de tudo*¹²¹³, aconselhá-los para que providenciem médicos espirituais, para que, havendo tomado as devidas precauções à saúde de sua alma, os remédios para a cura de seu corpo sejam mais proveitosos.

(p. 575) “Isso, amigo – disse-me o cura –, a Igreja diz, por meio de seus santos concílios; então, vede, nada se perde se confessar e sacramentar nossa doente, e mais ainda, estando no estado em que ela se encontra.

Atordado com as tantas informações do cura, disse-lhe:

– *Señor*, falais muito bem. Que tudo o que aconselhais seja feito.

Efetivamente, o sábio pároco aproveitou os momentos preciosos, confessou-a e sacramentou-a, e depois entrei com meu ofício e dei-lhe cáusticos, esfoliantes, sinapismos, refrigerantes e aniquilantes, e ao fim de dois dias, ela já estava com Jesus Cristo.

Todavia, essa morte, como as outras, foi atribuída ao fato de ela ser mortal, que era vontade de Deus, que estava em seu limite¹²¹⁴, que tinha chegado sua hora, e a outras tolices semelhantes, pois não é de Deus que o médico seja insensato, nem é um decreto absoluto, como dizem os teólogos, que o doente morra quando sua natureza pode resistir ao mal com a ajuda de remédios apropriados; mas eu não conhecia essas teologias nem me importava em conhecê-las.

Mais tarde, soube que, se tivesse administrado muitos banhos emolientes à paciente e tivesse cuidado de sua dieta e transpiração livre, talvez, ou provavelmente, ela não teria morrido. Mas eu não estudava nada, observava menos a natureza e só esticava o bolso para pegar o peso, o real, a peseta, conforme o penitente se sentia.

Passei mais alguns meses assim (ao todo, fiquei quinze ou dezesseis em Tula) até que uma peste amaldiçoada, talvez devido a meus pecados, que eu nunca soube entender, ocorreu naquela cidade. Os doentes eram tomados por uma febre repentina, acompanhada de náuseas e delírios e, em quatro ou cinco dias, morriam. Eu li o

¹²¹³ Nota da Tradutora: Reproduzimos o itálico do texto em castelhano.

¹²¹⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *a la raya* – [Nossa tradução está no corpo do texto]. De acordo com o *DRAE* (2023), a expressão significa “dentro dos justos limites” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/raya?m=form>. Acesso em: 28 ago. 2023.

Tissot¹²¹⁵, Madame Fouquet¹²¹⁶, Gregorio López¹²¹⁷ (p. 575) (p. 576), Buchan¹²¹⁸, Venegas¹²¹⁹ e quantos autores de compêndios medicinais tinha à mão; mas nada adiantava, os doentes morriam aos montes.

Finalmente, e para piorar ainda mais as coisas, ao seguir o sistema do doutor Purgante, dei aos doentes, para que evacuassem, o humor pecante, e para isso, recorri aos mais ferozes laxativos. E, vendo que morriam os coitados extenuados, resolvi matá-los com cólicas que eles chamam de *misereres*¹²²⁰, ou envenená-los de uma vez.

¹²¹⁵ Nota da Tradutora: Sobre Tissot, ver nota 725 de nossa tradução.

¹²¹⁶ Nota da Tradutora: Madame Marie Françoise Fouquet (1590-1681), também conhecida como Marie de Maupeou, Viscondessa de Vaux, foi uma conhecedora da medicina natural francesa, que trabalhou na caridade, ajudando os pobres. O livro *Recueil des remèdes faciles et domestiques: choisis, expérimentés & très approuvés pour toute sorte de maladies internes et externes difficiles à guérir* [Nossa tradução: Coletânea de remédios fáceis e domésticos: selecionados, testados e muito aprovados para todo tipo de doenças internas e externas difíceis de curar] foi um compêndio de receitas que ela mandou coletar, publicado em 1757 por Jacques Certe. Mais informações sobre ela são apresentadas no blogue *Interfaces*, com dados bem importantes sobre a medicina da Europa do século XVII-XVIII: “Muito popular, a obra de Madame Fouquet teve mais de cinquenta edições na França e várias traduções em línguas estrangeiras. Nas áreas rurais da França nos séculos XVII e XVIII, os médicos e boticários eram raros. Para tratar os mais pobres, eles praticavam a automedicação ou procuravam eclesiásticos ou damas caridosas pertencentes à nobreza ou à burguesia. Manuais de divulgação como o de Madame Fouquet eram destinados a eles; pessoas caridosas encontravam neles métodos e fórmulas que as ajudavam a prestar cuidados voluntários. Esses manuais forneciam receitas de remédios de baixo custo, eficazes, fáceis de preparar e indicavam quando e como utilizá-los. Assim como as Obras Caridosas de Philibert Guybert, apresentadas em uma postagem anterior, o trabalho de Madame Fouquet era um guia para cuidar dos mais modestos”. Dados disponíveis em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb124596229> e <https://bibulyon.hypotheses.org/15522>. Acesso em: 28 ago. 2023.

¹²¹⁷ Nota da Tradutora: Sobre Gregorio López (1542-1596), as pesquisadoras Rodríguez-Sala e Tena-Villeda comentam: “Durante a segunda metade do século XVI na Nova Espanha, havia um homem peculiar, mas versátil, chamado Gregorio López, cujo estilo de vida ascético, erudição notável e talento lhe concederam um lugar importante na história até os dias de hoje. [...] [sua obra, mencionada por Ruiz Barrionuevo (2008, p. 576, nota 613)] *Tesoro de medicinas [o de las plantas medicinales de Nueva España]* [Nossa tradução: Tesouro de medicamentos, ou das plantas medicinais da Nova Espanha], é uma obra que, embora ainda esteja inserida na tradição hipocrático-galênica, continua sendo altamente valorizada. [...] o caso de sua beatificação teve início apenas 24 anos após sua morte em 1596. [...] No entanto, devemos enfatizar que tanto a vida empolgante que esse ‘Homem Venerável’ (Venerable Varón) levou quanto as repercussões de seus feitos demonstram uma extraordinária coerência entre o homem erudito e místico que ele era. Gregorio López sempre manteve uma notável presença social e religiosa, não apenas ao longo dos três séculos de domínio colonial no México, mas também durante os duzentos anos subsequentes que se seguiram à luta pela Independência”. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14574762/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

¹²¹⁸ Nota da Tradutora: William Buchan (1729-1805); ver nota 726 de nossa tradução.

¹²¹⁹ Transcrição da nota 614, da edição de 2008 (p. 576): “Juan Manuel Venegas, e não Vanegas [no texto em castelhano, está escrito da segunda forma], autor de *Compendio de la medicina, o medicina práctica* (México, 1788), que teve muita aceitação no México e que teve quatro edições impressas até a época de [Fernández de] Lizardi” (Nossa tradução).

¹²²⁰ Nota da Tradutora: Reproduzimos os itálicos do texto em castelhano.

(p. 576) Para isso, dava-lhes mais do que doses regulares de tártaro emético, chegando a uma quantidade de doze grãos, com os quais os pacientes morriam com terríveis ânsias.

Pois bem, por causa de meus pecados, chegou o momento em que eu tinha de fazer esse tratamento com a senhora governadora dos índios. Dei-lhe o tártaro. Ela morreu e, no dia seguinte, quando fui ver como ela se sentia, encontrei a casa inundada de índios homens, mulheres e crianças, todos chorando ao mesmo tempo.

Fui entrando, tão tolo quanto cínico. É digno de nota que, pela obra de Deus, eu estava em minha mula; que não era minha, em verdade, mas do doutor Purgante. Mas o fato é que os enlutados, mal me viram, começaram um murmúrio de vozes que, logo, tornou-se um turbilhão furioso de gritos contra mim, chamando-me de ladrão e assassino, o que não consegui superar; ainda mais quando todas as pessoas que estavam ali aglomeradas, quebrando os limites da moderação e deixando de lado as lágrimas e os insultos, começaram a levantar pedras e a atirar em mim sem parar e com grande habilidade, gritando e dizendo-me em sua língua:

– Maldito seja esse médico do diabo, porque, assim, logo acabará com a cidade inteira!

Eu, então, esporeei a mula e fugi o mais rápido (p. 577) que pude, munido de peruca e golilha, que nunca me faltou para me fazer respeitável em todas as ocasiões.

Os índios malvados não esqueceram minha casa, que não se revestiu de sacralidade, mesmo estando ao lado da do cura, e depois de espancarem a cozinheira e meu criado, tratando-os como acobertadores de meus assassinatos, danificaram tudo, deixando em pedaços meus poucos móveis e jogando meus livros e meus potes pela sacada.

O alvoroço da vila foi tão grande e temível que o subdelegado foi refugiar-se nas casas do curato, de onde pôde ver, da varanda, com o pároco, a baderna. E o pároco disse-lhe:

– Não tenhais medo, pois todo o rancor é contra o médico. Se essas honras fossem prestadas com mais frequência a todos os charlatões, não haveria tantos mata-vidas no mundo.

Esse foi o final glorioso de minha aventura como médico. Corri como uma lebre. Diante de tamanha velocidade, e com o caminho difícil que a mula teve de aturar,

quando chegamos, (p. 577) dois dias depois, à cidade de Tlalnepantla, ela caiu morta. Era de se esperar um fim sinistro de possessão tão mal adquirida.

Por fim, lá, vendi a sela e a *guarlapa* pela primeira coisa que me deram; joguei a peruca e a gola em uma vala para não parecer tão ridículo, e a pé, com minha capa no ombro e uma bengala em minhas mãos, cheguei à Cidade do México, onde me aconteceu o que lereis no capítulo VI desta história verdadeira e imponderável.

(p. 578) **Capítulo VI***No qual lembra a aventura terrível do louceiro e a história do maltrapilho*

De fato, nenhum fantasma ou espectro assombra o homem de forma mais certa e constante do que a consciência criminosa. Por toda parte, ela persegue e amedronta, sempre proporcionalmente à gravidade do delito, por mais oculto que esteja. Assim, mesmo que ninguém persiga o criminoso e ele tenha a sorte de que não seja revelada sua iniquidade, não importa: sempre estará tomado de medos e inquietudes em todos os lugares. Em qualquer casualidade, mesmo com um leve barulho, a sombra de seu próprio corpo agita seu espírito, faz estremecer seu coração e o persuade de que caiu ou está prestes a cair nas mãos da justiça vingadora. O infeliz não vive sem aflição, não come sem amargura, não passeia sem receio e até mesmo seu sono é interrompido pelo medo e pelo sobressalto. Tal era meu estado interior quando entrei nesta capital. A cada passo, parecia-me que me dariam uma surra ou que me conduziriam à prisão. Qualquer pessoa vestida de preto me parecia ser o Tabajara, qualquer velha me assustava, pois imaginava nela a esposa do barbeiro, qualquer farmácia, qualquer médico... Aliás! Até as mulas me aterrorizavam, pois tudo me lembrava de minhas maldades.

Às vezes, passeava por minha imaginação a tranquilidade interior que desfrutava o homem de boa consciência. Isso lembrava-me daquilo que Horácio disse a Arístio Fusco ¹²²¹:

(p. 579)

O homem de vida íntegra
E aquele que não faz mal nenhum,
Não precisa nem de escudos
Nem de enfrentar flechas envenenadas.

¹²²¹ Nota do Autor: “Não é tradução literal, mas alusão à Ode 22 de Horácio, que inicia com: *Integer vitae scelerisque purus...* etc” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 578, nota a) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Repassamos a tradução de José Agostinho de Macedo, 1806, p. 35: “O constante varão de intacta vida...”. Por outro lado, Arístio Fusco foi um “poeta cômico e gramático, amigo de Horácio, [que] também aparece nas Odes 1.22 e nas Epístolas 1.10[1.9]”. Retirado de: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/uma-satira-de-horacio-traduzida-por-guilherme-gontijo-flores-92350/>. Para ter acesso ao livro de Horácio, visitar: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=93485>. Acesso em: 07 maio 2023.

(p. 579)

Por quaisquer perigos
Passa e não se assusta,
Seguro de que sua defesa
É uma boa consciência.

Mas, essas sérias reflexões ficavam apenas como pensamentos passageiros e não se enraizavam em meu coração; por isso, eu as eliminava da mente como maus pensamentos, sem me aproveitar delas, e só tentava fugir daqueles que ofendi. Por esse motivo, a primeira coisa que fiz foi tentar me livrar da capa de golilha, tanto para desfazer-me daquela veste ridícula, quanto para não ter comigo uma testemunha inegável de minha deslealdade. Para isso, assim que cheguei à cidade do México, na mesma tarde, fui vendê-la no *baratillo*¹²²² conhecido como *del piojo*¹²²³, porque, nele, as pessoas mais pobres negociam, e é onde são vendidas as peças mais sujas, nojentas, desprezíveis e até mesmo roubadas.

Portanto, apenas vestido de preto e com um chapéu, que me dava a aparência de um estudante fugido, sob um saguão, dobrei a tal capa, fui vendê-la ao *baratillero*¹²²⁴ mais importante do mercado.

Para meu azar, esse *baratillero* tinha sido alertado pelo doutor Purgante – que, na verdade, chamava-se *Don Celedonio Matamoros*, embora, por sua habilidade em matar, pudesse ser chamado de *Matacristãos*. O *baratillero* estava encarregado por ele de pegar sua capa se alguém a vendesse, tendo deixado as informações mais detalhadas da vestimenta.

Uma delas se referia a um pedaço da dobradura costurada com seda verde e um furinho abaixo da gola remendado com pano azul. Eu nunca havia reparado em tais minúcias em minha vida; assim, fui vendê-la muito tranquilamente, mas, infelizmente, o *baratillero* lembrou-se do encargo e a primeira coisa que seus olhos encontraram, antes de completamente desdobrá-la, foi o pedaço da dobradura costurada com seda verde.

¹²²² *Nota da Tradutora: O termo *baratillo* é utilizado como sinônimo de ‘lugar de compra e venda de novos e usados’, na sua maioria, usados. Para mais informações, ver nota 662 de nossa tradução.

¹²²³ Nossa Tradução: do piolho.

¹²²⁴ ***Nota da Tradutora: *Baratillero*: quem vende no *baratillo*.

(p. 580) Depois que eu disse a ele que era uma capa de golilha e ele viu as sedas diferentes na costura, ele me disse:

– Amigo, esta capa pode ser de meu compadre *Don Celidonio*, também conhecido como doutor Purgante. Se debaixo do colarinho tiver um remendo azul, minhas suspeitas serão comprovadas¹²²⁵.

Então, ele prosseguiu com a inspeção e achou o dito remendo. Logo, perguntou-me se aquela capa era minha, se eu a tinha comprado ou se alguém me tinha dado para vender.

Eu, constrangido com essas perguntas e sem saber o que dizer, respondi que podia jurar que a capa não era minha nem a tinha adquirido por compra, mas que me tinham dado para vender.

– Bem, quem vos deu para vender, como se chama e onde mora ou está? – perguntou-me o *baratillero*. Eu disse-lhe que se tratava de um homem que mal conhecia, que ele, sim, me conhecia bem, que eu era um homem de bem, embora a capa estivesse sob suspeita, mas que ele estava por ali perto.

O *baratillero*, então, pediu a um amigo seu que estava em sua loja para ir comigo e não me deixar até que eu entregasse a quem me deu para vender a capa, que era sabido que eu era um bom cristão, mas que aquela capa tinha sido roubada por um rapaz conhecido por Periquitinho Sarnento, que trabalhava para *Don Celedonio*, juntamente com uma mula selada e com freio, uma *guarlapa*, uma peruca, uma golilha, alguns livros, algum dinheiro e quem sabe o que mais; e assim, que ou me levasse para a prisão ou entregasse o ladrão, e, ao entregá-lo, deixasse-me livre.

Com essa sentença, parti, acompanhado por meu meirinho, com quem circulei seja por esta rua, seja pela outra, sem conseguir encontrar o ladrão, estando ele tão perto de mim; até que o infortúnio me deparou com um pobre encapuzado, de velho capote, sentado num corredor.

Assim que vi o maltrapilho, apontei-o como o ladrão, como se todos os andrajosos fossem ladrões. Eu disse a meu meirinho honorário que aquele era quem tinha me dado a capa para vender.

¹²²⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ciertos son los toros* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 580). De acordo com López y López (1931, p. 464), a expressão coloquial significa “os sinais; os indícios” (Nossa tradução).

(p. 580) O bruto acreditou facilmente e voltou comigo para pedir auxílio da guarda imediata, que não se (p. 581) negou, e assim, acompanhado de quatro homens e um cabo, voltamos para prender o maltrapilho.

O infeliz, assim que se viu surpreendido pela voz de prisão, levantou-se e disse:

– Senhores, estou à disposição da justiça; mas o que eu fiz ou por que motivo devo ser preso?

– Por ladrão! – disse o meirinho.

– Por ladrão? – replicou o infeliz. – Certamente, estais enganados.

– Não nos enganamos – disse o meirinho encarregado do *baratillero* –, há testemunhas de teu roubo e teu próprio aspecto demonstra quem tu és e o que os de tua laia fazem. Prendam-no!

– *Señores* – disse o infeliz –, vede que os diabos são todos parecidos, e talvez não seja eu quem buscais. O fato de haver testemunhas que depõem contra mim não é prova suficiente para cometer essa injustiça, quando sabemos que existem milhares de infames que, por dois reais, tornam-se testemunhas para caluniar a um homem honrado. E, por fim, o fato de ser pobre e estar malvestido não prova que eu seja um patife, pois o hábito não faz o monge.

“Então, *señores*, fazer-me este dano só por minha vestimenta indecente ou pela deposição de um ou dois patifes comprados a vil preço, sem mais averiguação ou informe, parece-me um abuso que não cabe nos termos prescritos pela justiça.

“Sou um homem que não conheceis e apenas julgais pela aparência do traje. Mas, talvez debaixo de uma pobre capa haja um bom bebedor; isto é, talvez debaixo deste exterior ruim haja um homem nobre, um infeliz e um honesto a toda prova.

– Tudo está muito bem – disse-lhe o encarregado como meirinho –, mas destes a este rapaz (apontando para mim) uma capa de golilha para que a vendesse, com a qual roubaram, juntamente, uma mula com sua *guarlapa*, uma golilha, uma peruca e outras pertences; e este mesmo rapaz descobriu-vos, e agora haveis de dar conta de tudo o que foi perdido.

(p. 581) – Que capa? Nem de mula, nem de peruca, golilha, nem *guarlapa*, nem nada sei eu do que dissestes!

– Sim, *señor* – disse-lhe o guarda –, destes a esse *señor* a capa de golilha para vender. Este *señor*, vós o conheceis e a quem vos deu a capa, e deve saber de tudo.

(p. 582) – Amigo – disse-me o pobre, muito apressado –, vós me conheceis? Eu dei-vos a vender alguma capa? Alguma vez vos vi em minha vida?

– Sim, *señor* – disse-lhe eu, retrucando entre o temor e a ousadia –, o *señor* quer negar, mas me deu a capa para vender. E fostes criado de meu pai.

– Homem do diabo! – disse-me o pobre. – Qual capa eu tenho vendido para vós? Como conheço a vós ou a vosso pai?

– Sim, *señor* – disse-lhe eu –, o *señor* quer negá-lo, mas deu-me para vender a capa.

– Pois não é preciso mais – disse o meirinho. – Amarrai o *señor*. Lá, veremos o que acontece.

Com isso, os soldados amarraram o miserável, levaram-no para a cadeia, e a mim, deixaram-me livre. Assim costuma ser a arbitrariedade daqueles que se metem a auxiliar a justiça sem saber o que é, de fato, justiça.

Fui embora com uma mão na frente e outra atrás¹²²⁶, mas muito contente por ter enganado o *baratillero* com tanta facilidade, embora, por outro lado, sentisse ter perdido a capa e seu valor.

Nessas e noutras bobagens malandras, eu ia entretido, quando ouvi gritos atrás de mim:

– Segurem-no, segurem!

O que pensei naquele momento? Que o pobre a quem acabara de caluniar tinha sido ressarcido e que os soldados estavam vindo atrás de mim para descobrir a verdade. Apenas virei a cabeça e vi a multidão que vinha correndo atrás de mim. Então, sem esperar mais nada, saí correndo pela rua do Coliseu, feito uma lebre.

Já disse antes que, em situações como essas, para me colocar em segurança, eu era ligeiro como uma pena, mas, naquela tarde, estava tão atordoado que, ao dobrar uma esquina, não vi um índio ceramista carregando louça. Atropelei-o lindamente, joguei-o no chão de bruços e caí sobre as panelas e caçarolas de barro, e algumas colidiram com meus narizes no processo. Nesse instante, um cavalo fora

¹²²⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cuerpo gentil* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 582). De acordo com o *DRAE* (2023), a locução adverbial coloquial significa “sem roupa de abrigo exterior” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/cuerpo?m=form>. Acesso em: 08 maio 2023.

de controle (p. 582) passou quase por cima de mim e do louceiro. Era por ele que gritavam “Segurem-no!”

Quando percebi que não era eu o alvo que pretendiam alcançar, acalmei-me do susto. (p. 583) Mas esse consolo foi perturbado pelo índio do capeta, que, num instante, e rastejando como uma lagartixa, saiu de debaixo de seu *tlapestle*¹²²⁷ de louça quebrada, agarrou-me pelo lenço e disse-me com a maior bravura:

– Agora ides ver se me paga minha loza, e pagá vós de ligeiro; porque si num pagá, o capeta vai vos buscá agora mesmo.

– Vai se lascar, índio *macuache*!¹²²⁸ – disse-lhe. – Pagar o quê, pagar? E quem me paga pelos ferimentos e pela pancada que levei?

– Eu mandé vós ir trapalhão e não ver por onde corré tal qual macho sustado?

– O macho és tu e a grande porca que te pariu! – eu lhe disse. – Ordinário! Maldito! Quatro orelhas¹²²⁹!

Acompanhei esses insultos com um bom soco que dei no nariz dele com tanta vontade que o fiz cuspir muito sangue.

Dizem que os índios ficam com medo assim que veem seu próprio sangue, mas esse não era assim. Ele virou o diabo assim que se sentiu ferido por minha mão e, misturando mexicano¹²³⁰ e castelhano, disse-me:

– *Tlacatecolo*¹²³¹, mardito diabo, ladrão fio d’uma égua, agora nós vamo vê quem é quem.

¹²²⁷ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Glosario de voces zapatistas* (2019), *tlapestle*, da voz náhuatl *tlapechtli*, é um empalhamento elaborado de madeira, de ramos, de *otate* (*Arundinaria longifolia*) ou bambu nativo do território mexicano. O *tlapestle* tem diversos usos: como forro de carros, como macas ou padiolas para levar doentes ou cadáveres. (Nossa tradução). Para mais informações, visitar: <https://voceszapatistas.inah.gob.mx/glosario/T>. Acesso em: 05 maio 2023.

¹²²⁸ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de americanismos* (2010), o adjetivo “*macuache*” provém da voz náhuatl, *macuachi*, referido, na segunda acepção, à pessoa bruta, tosca, pouco refinada” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.asale.org/damer/macuache>. Acesso em: 08 maio 2023.

¹²²⁹ *Transcrição da nota 619, da edição 2008 (p. 583, retirado da quarta edição, [1842]): “o modo habitual dos indígenas cortarem os cabelos, de forma que fica uma parte na frente de cada orelha, e a isso chamam *barcarrota*. O nome ‘quatro orelhas’ é um apelido que alude a esse estilo de corte” (Nossa tradução).

¹²³⁰ *Nota da Tradutora: o *DRAE* (2023) oferece para o verbete *mexicano*, na quarta acepção, o significado de “língua náhuatl” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/mexicano?m=form>. Acesso em: 08 maio 2023.

¹²³¹ *Transcrição da nota 620, da edição 2008 (p. 583, retirado de MOLINA, Alfonso. *Vocabulario en lengua castellana y mexicana y mexicana y castellana*. México, Porrúa: ed. fac-símile, 1977): “*tlacatecolo*, como esclarece depois, significa, em língua náhuatl, diabo, demônio” (Nossa tradução).

(p. 583) E dizendo e fazendo, segurou-me pelo lenço e começou a torcê-lo com tanta força que comecei a sufocar. Enquanto isso, com a outra mão, pegava panelinhas e caçarolas muito rápido e as quebrava em minha cabeça, estilhaçando-as tão rapidamente, e com tanta raiva, que se, ao invés de serem de espessura fina, fossem *tinajas*¹²³² de Cuautitlán¹²³³, isto é, muito grandes e pesadas, eu teria ficado em tal estado que não voltaria a respirar novamente.

Eu, com minha boca muito aberta, quase sufocado pelo lenço, (p. 584) não via qualquer possibilidade de fuga, e tentava fazer meu melhor. Como ambos estávamos perto das painéis, que eram nosso arsenal, toda vez que o índio se agachava para pegar a dele, eu também pegava minha e quebrávamos nas cabeças um do outro.

Num instante, uma multidão de tolos nos cercou, não para nos defender ou nos acalmar, mas para se divertir conosco. A multidão dos tolos espectadores chamou a atenção de uma patrulha que, casualmente, passava por ali e, abrindo o passo com as coronhas de seus fuzis, chegaram onde estávamos nós, dois invictos e temíveis contendores.

À voz de um par de tiros de canhão que ambos sentimos a nossas costas, afastamo-nos e acalmamo-nos. A essa altura, o sargento, informado pelo índio da má obra que eu lhe tinha feito e da situação que tinha provocado, quando lhe dei um murro muito forte e sem necessidade, qualificou-me como réu naquele instante. Assim, ele requereu que eu pagasse os quatro pesos que o louceiro disse que valia sua mercadoria. Eu respondi que não tinha um real, porque o pouco que me deram pelas bagatelas que vendi já tinha gastado no caminho.

– Tanto faz! – replicou-me o sargento. – Pagai com vossa jaqueta, pois, pelo menos, vale a metade do que deveis; caso contrário, ireis para a cadeia. Ah! Quer dizer que, após ter causado esse dano a este pobre homem e tê-lo esbofeteado, não quereis pagar? Isso não pode ser: ou vós lhe dais a jaqueta, ou ireis para a cadeia.

Eu, que até daria meus calções para não ir a um lugar como esse, tirei minha jaqueta, que estava em boas condições, e entreguei para ele. O índio a recebeu sem

¹²³² *Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), *tinaja* é um “grande recipiente de barro cozido, e às vezes vidrado, muito mais largo no meio do que na base e na boca, e que, encaixado em um pé ou aro, ou embutido no chão, serve, geralmente, para guardar água, óleo ou outros líquidos” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/tinaja?m=form>. Acesso em: 08 maio 2023.

¹²³³ Nota da Tradutora: Para mais informações sobre a cidade, visitar: <https://www.cuautitlan.gob.mx/Aindex-4.html>. Acesso em: 08 maio 2023.

muito entusiasmo, (p. 584) pois não sabia quanto valia, juntou os poucos *tepalcates*¹²³⁴ que considerou bons e foi embora.

Eu, que também queria sair dali, procurei meu chapéu, que havia caído durante a confusão, mas não o encontrei e nunca mais o encontraria, mesmo que o procurasse até o fim do mundo, pois algum daqueles malditos enxeridos, ao vê-lo jogado, e me vendo tão envolvido na ação, com certeza, pegou-o com a intenção de devolvê-lo em três prestações¹²³⁵.

(p. 585) Enquanto eu procurava por meu chapéu, perguntava por ele, tentando dissimular não ver a risada dos que foram espectadores. Logo que o índio afastou-se para longe, a patrulha partiu, as pessoas foram se dispersando, cada uma para seu lado, e eu fui embora sem jaqueta nem chapéu, com alguns arranhões no rosto, muitos galos e duas ou três feridas na cabeça.

É dessa forma que se concluiu a terrível aventura do louceiro, e eu comecei a me encher de ideias melancólicas, um pouco dolorido pelos golpes que sofri na briga, pensando onde passaria a noite, embora não fosse a primeira vez que me preocupava com esse assunto. Comparando meu estado atual com o do passado, lembrei-me de que, quinze dias atrás, eu era um senhor doutor com criados, casa, roupa e reputação em Tula; e, naquele momento, era um infeliz, que estava sozinho, abatido, sem capa nem chapéu, espancado e sem ter um teto decente para me abrigar em minha própria pátria, o México. Assim, lembrei-me daquele velhíssimo verso que diz:

Aprendeí, flores, de mim,
Que o que vai de ontem a hoje,
Ontem maravilha fui
E hoje nem sombra de mim mesmo sou¹²³⁶

¹²³⁴ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario del español de México* (2023), o *tepalcate* é um “fragmento de um recipiente ou utensílio de barro; [...] Utensílio antigo ou peça antiga e deteriorada de barro” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dem.colmex.mx/Ver/tepalcate>. Acesso em: 09 maio 2023.

¹²³⁵ ***Transcrição da nota 622, da edição de 2008 (p. 584): [Lê-se, em castelhano, *tres plazos* – nossa tradução está no corpo do texto]: “entende-se as [três prestações] do vigarista: tarde, mal ou nunca” (Nossa tradução).

¹²³⁶ Transcrição da nota 10, da edição 2004 (p. 309, tomado de Spell, [1971], p. 169): “É parte do poema de Luis de Góngora, *La brevedad de las cosas humanas* [Nossa tradução: A brevidade das coisas humanas] (1621). No capítulo 44 [correspondente ao sexto do tomo III de nossa tradução], Periquitinho imitará o poema e glosa cada linha com a *décima* imitando o ‘precioso brilho do mesmo quarteto’ em *La moza del cántaro* [Nossa tradução: a donzela do cântaro]” (Nossa tradução).

(p. 585) Mas, o que mais me deixava confuso era considerar que os índios eram a causa de meus dois últimos infortúnios. Assim, dizia a mim mesmo: “Sim, é verdade que existem os pássaros de mau agouro. Para mim, as aves mais funestas e de pior prestígio são os índios, porque, por causa deles, aconteceram-me tantos males”.

Com o queixo, praticamente, colado ao peito, perto do horário de fazer as orações da noite, eu andava totalmente absorto, sem pensar em mais nada do que acabei de mencionar, quando um homem, parado em um acessório¹²³⁷, tirou-me de minha abstração. Então, ao passar por esse lugar, ele agarrou-me pelo lenço e, no primeiro puxão, (p. 586) arrastou-me para dentro contra minha vontade, fechando a porta, deixando o quarto quase escuro, pois a pouca luz que entrava por uma pequena janela mal nos permitia ver nossos rostos.

O homem, muito irritado, disse-me:

– Patife, vós me conheceis?

Eu, cheio de medo, característica inseparável do malvado, disse-lhe:

– Não, *señor*, mas estou para servi-lo.

– Então, não me conheceis? – repetia ele, zangado. – Nunca me vistes?¹²³⁸

Não vos lembrais de mim?

– Não, *señor* – dizia-lhe eu, apressado –, juro por Deus que não vos conheço.

Essas perguntas e respostas foram feitas enquanto ele me segurava pelo lenço. Por momentos, dava-me empurrões tão fortes que me obrigava com eles a lhe fazer frequentes reverências.

Nisso, saiu uma velhinha com uma vela e, assustada com aquela cena, disse ao homem:

– Ai, filho! O que é isso? Quem é esse? O que ele fez? É algum ladrão?

– Eu não sei o que será, mãe – disse-lhe ele –, mas é um malandro, e agora que há luz, quero que ele olhe bem em minha cara e diga se me conhece. Vamos, malandro, conheceis-me? Fala! Por que calas? Não faz muito tempo que me vistes. Afirmastes que eu trabalhei como criado de teu pai, que eu te dei para vender uma

¹²³⁷ Nota da Tradutora: Acessório é um anexo residencial com porta para a rua, utilizado para fazer apostas. Ver nota 668 de nossa tradução.

¹²³⁸ Nota da Tradutora: Nesta cena, no livro, as personagens misturam as formas de tratamento *tú* e *usted*.

capa. Não me (p. 586) esqueci de vós, mesmo que agora estais um pouco diferente de quando vos vi. Então, por que não me reconheceis, se não tenho trocado de roupa?

Essas palavras, acompanhadas da claridade da lua, fizeram-me reconhecer perfeitamente aquele a quem eu tinha acabado de caluniar. Não pude evitar confessar minha maldade e, atordoado¹²³⁹, com medo daquele a quem injuriei, fiquei arrepiado¹²⁴⁰. Ajoelhei-me, suplicando-lhe que me perdoasse por todos (p. 587) os santos, adicionando a essas rogativas e orações algumas desculpas, bastante frívolas, na realidade, mas que valeram bastante, pois disse-lhe que a capa era roubada, mas que quem me deu para vender foi um sobrinho do médico, que era meu amigo e colega, e que eu, para não perder sua amizade, usei daquela mentira que eu tinha levantado contra ele.

– Pode ser – disse-me o caluniado –, mas que motivo tivestes vós para levantar esse testemunho contra mim e não contra outro qualquer?

– *Señor* – respondi-lhe –, a verdade é que não tive mais motivo do que o fato de serdes vós o primeiro homem que vi sozinho e com roupas pobres.

– Está muito bem – disse-me o maltrapilho –, levantai-vos, que não sou santo para que me adorem. Mas já que vós pensastes que todos aqueles que têm roupas indecentes são picaretas, não deveria causar-vos estranheza que eu seja vingativo.

“E que eu posso considerar que é justo cobrar essa vingança de vós, porque ainda que pudesse dar-vos agora umas boas pancadas, que bem mereceis, não quero senão que a satisfação venha da parte da justiça, tanto para restaurar minha honra quanto para corrigir-vos; pois é uma lástima que um jovem branco e, aparentemente, bem-nascido se perca tão cedo por um caminho tão odioso e prejudicial à sociedade. Sentai-vos ali! Mãe, vá buscar meus filhos!

Dizendo isso, começou a falar com a velhinha em segredo. Logo após, ela entrou na cozinha, tirou uma cestinha e foi para a rua. O maltrapilho travou a porta.

¹²³⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *atrojado* – [Nossa tradução está no corpo do texto]. De acordo com o *Diccionario del español de México* (2023), na primeira acepção, significa “atordoado, confuso ou indeciso; não achar saída para alguma dificuldade.” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dem.colmex.mx/Ver/atrojado>. Acesso em: 10 maio 2023.

¹²⁴⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano: *alzaba el pelo* [Nossa tradução está no corpo do texto]. De acordo com o *DRAE* (2023), a expressão coloquial, que expressa a reação física de ficar com os cabelos e pelos em pé, traz o sentido de “sentir grande pavor” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/pelo#KI8SB5J>. Acesso em: 10 maio 2023.

Quando me vi sozinho, (p. 587) trancado com ele, congelei e, assim, ficando novamente de joelhos diante ele, disse-lhe:

– *Señor*, perdoai-me. Sou um tolo. Não sabia o que fazia. Mas, *señor*, o passado é passado. Tende compaixão de mim e de minha pobre mãe e duas irmãs donzelas que tenho, que morrerão de pena se o *señor* fizer comigo alguma maldade. Por Deus, pela Virgem Santíssima, pelos ossinhos de vossa mãe, perdoai-me a calúnia e não me mate sem confissão, pois posso jurar que estou cheio de pecado, como um diabo.

– Certo, amigo – disse-me o maltrapilho –, levantai-vos. (p. 588) Para que são todas essas preces? Eu não tento matar o *señor*, nem sou um assassino de aluguel. Sentai-vos, pois quero dar-vos uma ideia da vingança que pretendo tomar contra o agravo que me fizestes.

Sentei-me, mais tranquilo com essas palavras. Ele sentou-se de meu lado e pediu que lhe contasse sobre minha vida e a razão de eu estar naquele estado. Contei-lhe duas mil mentiras, que ele acreditou, de boa-fé, manifestando, nisso, a bondade de seu caráter. Quando percebi que ele se compadecia de meus infortúnios, supliquei-lhe, depois de lhe pedir perdão outras mil vezes, que contasse para mim quem ele era e qual era o estado de sua sorte. O pobre homem, sem se fazer esperar, contou-me a história de sua vida desta maneira:

– Da próxima vez – disse-me –, não vos aventureis a julgar aos homens só por seu exterior, sem indagar o fundo de seu caráter e conduta. Prestai atenção. Se a nobreza herdada é um bem natural do qual os homens podem, justamente, sentir orgulho, posso dizer que nasci nobre, e disso há muitas testemunhas no México, e não só testemunhas, mas também parentes ainda vivos.

“Devo esse favor à natureza e, de acordo com a fortuna, eu deveria ser rico se tivesse nascido antes de meu irmão Damião, mas ele, sem mérito nem escolha, nasceu primeiro e, assim, foi instituído com o morgado¹²⁴¹, ficando eu e meus outros

¹²⁴¹ Transcrição da nota 10, da edição de 2004 (p. 119): “De acordo com o direito de herança espanhol, cada filho ou filha tinha o direito de receber partes iguais dos quatro quintos do patrimônio dos pais (depois de deixar a metade para o cônjuge sobrevivente, se for o caso). Os pais apenas têm discricção sobre o quinto remanescente do patrimônio no seu testamento e pode, por exemplo, deixá-lo, na sua integridade, para seu filho favorecido, para a caridade, ou para pagar as missas em sua memória. Fernández de Lizardi, claramente, acredita que esse sistema é justo e critica, no romance, com frequência, as tentativas das famílias ricas para contorná-lo” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A

irmãos (p. 588) dependentes do pouco que nosso pai nos deixou de seu quinto¹²⁴², quando morreu. De modo que...

– Perdoai-me por interromper-vos, é possível que vosso pai tenha querido deixá-lo pobre junto com vossos irmãos, e talvez exposto à indigência, apenas para instituir o primogênito com o morgado?

– Sim, amigo – respondeu-me o maltrapilho –, assim aconteceu e assim acontece a cada instante. Essa corruptela se fundamenta injustificadamente apenas para reproduzir as preocupações antigas.

“Vós vos admirais, e com razão, de ver (p. 589) praticado e tolerado esse abuso nas cidades civilizadas da Europa, e talvez vos pareça que não só é injustiça, mas tirania, que os pais prefiram o primogênito a seus outros filhos, sendo todos eles seus igualmente. Mas vos admiraríeis ainda mais se soubésseis que essa corrupção (pois creio que não merece o termo de costume legitimamente introduzido) tem sido mal vista entre os homens sensatos e hostilizada pelos monarcas com muitas e duras restrições, com o louvável objetivo de aboli-la. Pois assim tem sido. A esse respeito, são dignas de serem trazidas à memória as palavras de *Don Marcos Gutiérrez*, em seus comentários à obra *Febrero*¹²⁴³, sobre este ponto. Ouvi suas palavras:

“O mesmo tipo de ignorância¹²⁴⁴ que tem sido adotado pela humanidade tantas vezes como verdades incontestáveis permitiu os erros mais funestos para a humanidade, e até fomentou os vínculos e morgados, por acreditá-los como úteis ao Estado, apesar de serem muito contrários ao crescimento da população. Em toda a sociedade, a população é proporcional a sua subsistência, a qual é diminuída sobremaneira pelas vinculações e por destinar a um único herdeiro o que corresponde e deveria ser distribuído entre muitos. Causa-me admiração ver propagada por quase toda a Europa uma instituição tão fatal como o morgado, porque choca e ofende todo coração humano e sensível, tendo em vista que muitos filhos menores tenham que

nota anterior mostra a opinião de Frye sobre o autor. No entanto, o discurso do maltrapilho (Fernández de Lizardi, 2008, p. 589) mostra uma crítica a esse sistema. Sobre o morgado, sugerimos, igualmente, ler a nota 688 de nossa tradução.

¹²⁴² Transcrição da nota 626, da edição de 2008 (p. 588, tomado do *Diccionario de autoridades*, [1969]): “A quinta parte da herança, que o testador poderia legar livremente, mesmo tendo filhos, para quem ele quisesse” (Nossa tradução).

¹²⁴³ **Nota da Tradutora: Aqui, cita-se novamente a obra de José Febrero, conhecida popularmente como *Febrero*, ampliada por Marcos Gutierrez.

¹²⁴⁴ Nota do Autor: “[O trecho citado pode ser lido na] Parte I, tomo I, capítulo 7” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 589, nota b) (Nossa tradução).

ser sacrificados (p. 589) pelo filho mais velho, e que aqueles tenham que passar sua vida na miséria e na indigência para que este possa fazer ostentação de seu luxo, de suas faculdades e, até mesmo, de seus vícios. Não é do interesse do Estado que algumas poucas famílias mantenham seu brilho e esplendor às custas de outras tantas submersas na infelicidade e obscuridade, mas, sim, que, por meio da melhor distribuição da riqueza, todos os cidadãos possam viver com conforto e comodidade. Essas verdades que os escritores econômicos nos demonstraram com a maior evidência, e que deveriam ser mais conhecidas pelo povo, não (p. 590) escaparam aos olhos perspicazes de nosso ilustre governo, que, ao mesmo tempo, reconheceu outros prejuízos consideráveis que as vinculações têm causado e ainda causam ao Estado. Prova evidente de tudo isso são as várias ordens reais que, ao oporem diferentes obstáculos à instituição de morgados e vínculos, e concederem certas faculdades para a alienação de seus bens, conspiram sabiamente para impedir seu aumento e, até mesmo, diminuir o número dos já estabelecidos¹²⁴⁵.

“Na verdade, o morgado, dizem alguns, é um direito que tem o primogênito mais próximo de suceder nos bens deixados, com a condição de conservá-los íntegros perpetuamente em sua família; mas, se me fosse lícito defini-lo, diria que o morgado é uma preferência injustamente concedida ao primogênito para que somente ele herde os bens que, por partes iguais, pertencem a seus irmãos, a que têm igual direito.

“Se a alguém parecer dura essa definição, eu o convenceria de sua exatidão, contanto que não fosse um morgado, porque, sendo-o, é claro que, por mais convencido que seu entendimento estivesse, jamais arrancaria de sua boca a confissão da verdade.

“Eu, amigo, se falo contra os morgados, falo com justiça e experiência. Meu pai, quando instituiu o morgado em favor de seu filho primogênito, talvez não pensou em outra coisa senão perpetuar o brilho de sua casa, sem prever os danos que daí sobreviriam a seus outros filhos; pois, antes de eu chegar ao estado infeliz em que me vedes, o que não tive que enfrentar para que meu irmão me desse, pelo menos, os

¹²⁴⁵ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo, na nota 629 (2008, p. 591; retirada de Spell, p. 155, 157-158), informa que as citações [referentes aos trechos que marcamos entre aspas nos parágrafos em que estão inseridos] foram tomadas, pelo autor, das obras: *El sacrossanto y ecuménico Concilio de Trento* [Nossa tradução: O sacrossanto ecumênico Concílio de Trento], Madrid, 1785, p. 506-507; e *Gritos del infierno para despertar al mundo* [...] [Nossa tradução: gritos do inferno para acordar o mundo], publicado em 1706. Provavelmente, o autor utilizou a edição de Madrid, de 1777.

alimentos mandados (p. 590) por meu pai em uma cláusula instituída na herança? E de que me serviu isso? De nada, porque, como ele tinha o dinheiro e a razão, é fácil conceber que sempre saiu absolvido em todas as ocasiões. Não em vão, o autor que acabei de citar diz, ironicamente, que “é de grande importância para o Estado e para os próprios fundadores do morgado que sua memória seja conservada até a posteridade mais remota pela grande façanha e ação heroica de ter vinculado suas riquezas e motivado, como geralmente acontece, muitas e prolongadas disputas (p. 591) tão importantes para o bem-estar e tranquilidade das famílias.”

“Quero falar como um bom filho, e gostaria de desculpar meu pai pelos prejuízos que nos causou com sua injusta preferência; mas, como homem de bem, não posso deixar de declarar que ele fez mal. Que Deus lhe perdoe os males que causou! Talvez a mim, que hoje não encontro o que comer, tenha tocado a menor parte.

“Somos quatro irmãos: Damião, o morgado, Antônio, Isabel e eu. Damião, arrogante pelo dinheiro e lisonjeado pelos maus amigos, entregou-se a todos os vícios, sendo seus favoritos, infelizmente, as apostas e a embriaguez, e agora anda honrando os ossos de meu pai, de aposta em aposta, e de taverna em taverna, sujo, desalinhado e meio louco, restrito a uma dieta muito limitada que lhe serve para satisfazer seus vícios.

“Meu irmão Antônio, que entrou para a Igreja, sem vocação, pelas pressões de meu pai, tornou-se um clérigo tolo, relaxado e escandaloso que deu muito trabalho a seu prelado. É uma sorte que esteja em liberdade. Geralmente, mora em El Carmen, San Fernando e Tepotzotlán¹²⁴⁶, que podem ser consideradas suas casas ou reclusões costumeiras.

“Minha irmã Isabel... Pobre garota! Sinto tristeza quando lembro de sua sorte infeliz! Ela, infortunada, também foi vítima do morgado. Meu pai a fez entrar na religião contra sua vontade, para melhor garantir o vínculo em meu irmão Damião, sem se lembrar das terríveis censuras e excomunhões que o Santo Concílio de Trento¹²⁴⁷

¹²⁴⁶ Transcrição da nota 628, da edição 2008 (p. 591): “[os três lugares mencionados] foram locais de reclusão para eclesiásticos. O mais conhecido deles é Tepotzotlán, colégio jesuíta, que, depois da expulsão [da ordem], passou a servir como cadeia do clero” (Nossa tradução).

¹²⁴⁷ Nota do Autor: “sessão 25, capítulo 18: O santo Concílio, nesta passagem, excomunga todas as pessoas de qualquer qualidade, sejam clérigos ou leigos, seculares ou regulares, que, de alguma maneira, obriguem alguma donzela, viúva ou outra mulher [...] a entrar no mosteiro, a receber o hábito

emite contra (p. 591) os pais que forçam suas filhas a (p. 592) entrar, sem seu consentimento, na vida religiosa.

“E o pior é que ela não pôde alegar ignorância, pois minha irmã, vendo a resolução do pai, teve de confessar-lhe claramente como estava disposta a se casar com um jovem vizinho nosso, que era igual a ela em berço, educação e idade; um rapaz muito honrado, que trabalhava no tesouro real, de uma presença elegante e, acima de tudo, que a amava muito. Com essa confissão, ela suplicou-lhe que não a obrigasse a abraçar um estado para o qual não sentia propósito, mas que lhe permitisse unir-se com aquele jovem amável, cuja companhia a tornaria feliz por toda sua vida.

“Meu pai, longe de ceder à razão, logo que soube com quem minha irmã queria se casar, exaltou-se de cólera e a repreendeu com a maior aspereza, dizendo que essas eram loucuras e vadiagens, que ela era muito nova para pensar nisso, que esse rapaz a quem ela queria era um malandro que saberia tirar-lhe tudo o que levasse de dote, que, por muito bom que ele parecesse a ela, o vizinho não passava de um pobre infeliz, com cuja nota embaçava todas as boas qualidades que ela lhe supunha e, finalmente, que seu pai, como tal, sabia o que estava certo para ela, e a ela só cabia obedecer-lhe e calar, sob pena de que, se se opusesse a sua vontade ou contestasse uma palavra, dar-lhe-ia um tiro ou a colocaria em um hospício.

“Com esse propósito e decreto irrevogável, minha pobre irmã ficou desesperada, sem mais recursos além de chorar, o que não adiantou nada. (p. 593) Desde esse momento, meu pai agitou as coisas de modo que, em três dias, Isabel já estava no convento.

“O amado de minha irmã, assim que soube, quis escrever para ela e acusá-la de volúvel e inconstante; mas meu pai, que tinha tomado tudo sob seu controle,

de qualquer religião ou professar nela. ‘Excomunga também todo aquele que, para isso, der conselho, auxílio ou favor, e ainda mais, todos aqueles que, sabendo que a entrada no mosteiro, a tomada do hábito ou a profissão são à força, intervierem no ato com sua autoridade ou presença. Assim, como diz o Doutor [José] Boneta [y La Plana], apud Suárez, os agressores desta violência incorrem em três excomunhões: na primeira, pela entrada no mosteiro; na segunda, pela recepção do hábito; e, na terceira, pelo ato da profissão. Há casos, diz este autor, em que se justifica a tomada de bens alheios ou a matança de outra pessoa; mas forçar uma filha a se tornar freira, não há caso que o justifique ou possa justificar” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 592, nota c) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Frye (2004, p. 313, nota 15) confirma que o texto foi retirado do livro *Gritos del infierno para despertar al mundo* [Nossa tradução: Gritos do inferno para acordar o mundo], Zaragoza: 1698, p. 211-212. As informações entre colchetes na citação são de Frye (2004).

conseguiu (p. 593) recolher a carta antes que chegasse às mãos da noviça, e com ela, dinheiro e um advogado astuto, armou ao desditoso um labirinto de calúnias tão grande que esse teve de deixar o México e esconder-se para não se expor a resultados piores.

“Toda essa trama foi feita não só sem o conhecimento de minha irmã, mas antes, tentando dissipar sua paixão pela artimanha mais vil, que foi fingir uma carta e enviá-la em nome de seu amante, na qual a insultava, chamando-a de louca, feia e desprezível, e terminava assegurando-lhe que havia esquecido dela para sempre e que, agora, estava casado com uma jovem muito bonita. Essa carta supostamente foi escrita fora desta capital e não teve o efeito que meu pai queria, mas, sim, o que deveria ter em um coração sensível, inocente e apaixonado, que foi enchê-lo de angústia, exasperá-lo com ciúmes, agitá-lo com desespero e lançá-lo no mais profundo abatimento.

“A poucos meses dessa angústia, cumpriu-se o prazo do noviciado e minha irmã fez seus votos, sacrificando sua liberdade não a Deus de bom grado, como pregava o orador no púlpito, mas ao capricho e interesse sórdido de meu pai.

“As muitas lágrimas que a vítima infeliz derramou ao pronunciar a fórmula dos votos persuadiram os presentes a acreditar que elas vinham de um coração devoto e contrito; mas meus pais e eu sabíamos bem a causa que as originara. Meu pai as viu derramar com a maior frieza e crueldade, e ainda me parece (que sua memória respeitável me perdoe) que se comprazia em ouvir as lamentações e lamúrias dessa mártir da obediência e do medo, como o tirano Falaris¹²⁴⁸ (560 a 550 a.C.) se comprazia em escutar os gritos dos miseráveis que (p. 594) encerrava em seu touro torturador¹²⁴⁹. Mas minha mãe e eu chorávamos com ela. Ainda que nossas lágrimas fossem produzidas por conhecer qual era a dor da desafortunada Isabel, aos olhos da maioria, pareciam resultado de uma ternura religiosa.

¹²⁴⁸ **Nota da Tradutora: Trata-se de Fálaris, ditador de Agrigento que viveu no século VI a. C. Mais informações em: <https://www.megacurioso.com.br/historias-macabras/87967-4-figuras-historicas-que-tocaram-o-terror-no-passado.htm>. Acesso em: 10 maio 2023.

¹²⁴⁹ **Nota do Autor: “O touro de Fálaris é bem conhecido pelos eruditos. Ele era um boi grande feito de bronze, oco, dentro do qual o tirano mencionado costumava colocar quem ele queria atormentar de forma bizarra. Uma vez que o cativo se encontrasse dentro, o tirano mandava pôr fogo ao redor do boi; assim, o calor penetrava até os infelizes, que morriam nas mais terríveis angústias, e seus gritos rangiam no ar, parecendo os bramidos da máquina mais infernal” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 594, nota d) (Nossa tradução).

(p. 594) “Após a cerimônia, que foi concluída com as solenidades e rituais habituais, retiramo-nos para casa, e minha irmã para seu cárcere (como ela chamava sua cela quando desabafava comigo, em confiança).

“O tumulto das paixões conjuradas contra ela passou do espírito para o corpo, causando-lhe uma febre maligna e violenta que, em sete dias, separou-a do número dos vivos.... Oh, amada Isabel! Querida irmã! Vítima inocente, sacrificada nos altares imundos da vaidade, à sombra dos alicerces de um morgado! Que tua triste sombra perdoe a imprudência de meu pai. Receba minhas ternas e carinhosas recordações como prova do amor que lhe dediquei e do interesse que sempre tive por teu infeliz destino. E vós, meu amigo, desculpais estas divagações naturais.

“Quando meu pai soube de sua morte, recebeu uma carta selada de seu confessor, que dizia o seguinte:

Pai e Senhor: A morte fechar-me-á os olhos. Tenho de morrer para vós no auge de minha idade. Por obediência... Não, por medo de vossas ameaças, abracei um estado para o qual não tinha sido chamada por Deus. De modo forçado e sacrílego, ofereci a Nosso Senhor meu coração ao pé dos altares, mas meu coração já tinha sido oferecido e consagrado, de antemão, com toda minha vontade, ao cavaleiro Jacob. Quando me prometi a ele, fiz de Deus a testemunha de minha verdade e teria mantido esse juramento sempre, e tê-lo-ia mantido no momento de minha morte, se possível; mas esses desejos já são infrutíferos. Morro atormentada, não pela febre, mas pelo sentimento de não me (p. 595) ter unido ao objeto que mais amei neste mundo; mas, pelo menos, no meio do excesso de minha dor, tenho a consolação de que, ao morrer, passará a dolorosa escravidão a que meu pai.... Quanta agonia! Meu próprio pai condenou-me sem crime. Espero que Deus tenha piedade de mim, e peço-lhe que use de sua infinita misericórdia para contigo, pai. Sua desgraçada filha, a mais infeliz das jovens. Isabel¹²⁵⁰.

¹²⁵⁰ Nota do Autor: “Este trecho não tem nada de violento ou fabuloso; milhares de casos semelhantes aconteceram ao longo da história. O doutor Boneta, mencionado anteriormente, em seu livro intitulado *Gritos del infierno*, na página 210, relata que ‘uma dessas jovens forçadas, prestes a morrer, perguntou a seu confessor: Padre, se eu morrer, deixarei de ser freira? E quando ele respondeu que sim, ela mesma começou a fechar os olhos e a fazer os esforços mais violentos para antecipar a morte.’ [Até aqui, o autor citado]. E o que será isso, a pior ou a única coisa que tem acontecido com essas pobres mulheres que foram forçadas a se tornar freiras contra sua vontade? Que Deus nos ajude! O México mesmo tem visto casos trágicos tecidos com a mesma trama, que não mencionamos porque alguns deles são muito recentes e privados para muitos. Quantos crimes são cometidos diante de Deus por

(p. 595) “Essa carta cobriu o coração do meu pai de horror e tristeza, como a noite cobre de luto as belezas da terra. Desde esse dia, fechou-se em seu quarto, onde estava o retrato de minha irmã vestida de freira; chorava sem consolação, beijava a tela e abraçava-a a todo o momento; recusava a conversa de seus amigos mais queridos, abandonou as atenções domésticas, abominou os alimentos mais temperados, o sono fugiu-lhe dos olhos, repeliu toda diversão, fugiu das consolações como se fossem ofensas, separou até o leito e o quarto de minha mãe. Resumindo: a escura melancolia encheu-lhe o coração de opacidade, furtou-lhe a cor das faces e, em três meses, tudo isso o dirigiu à sepultura, depois de ter arrastado, por noventa dias, uma vida tristemente fatigante. Feliz será meu pai se compensar, com essas penas, o sacrifício a que forçou minha irmã.

“Com a morte dele, meu irmão Damião, já casado, entrou em posse absoluta do morgado. Minha mãe e eu, o mais novo, (p. 596) mudamo-nos para a casa dele, onde fomos bem tratados por alguns dias, após os quais ele mudou seu comportamento por conselho de sua esposa, que não nos queria lá, e então começaram as disputas.

“Eu não podia suportar que minha mãe fosse humilhada; então, tentei separá-la da casa onde éramos desprezados. Como filho de um homem rico, meu pai não me dedicou a nenhum trabalho ou ofício para ganhar minha própria subsistência. Por isso, encontrei-me vivendo em uma casa humilde, tendo que sustentar minha mãe apenas com os escassos e esporádicos auxílios do morgado.

“Em tão infeliz situação, apaixonei-me por uma jovem que tinha quinhentos pesos e, mais para receber aquele dinheiro para ajudar minha pobre e amada mãe, casei-me com ela e recebi o dote, que acabou em quatro dias, deixando-me pior. E a situação deteriorava-se ainda mais a cada dia, até que, de repente, deparei-me com mãe, mulher e três crianças.

“Assim, minhas desgraças aumentaram dia após dia. Fui, desse modo, obrigado a reduzir minha família a essa triste situação porque meu irmão provou, em

aqueles que forçam suas filhas a se tornarem freiras, e de quantas maneiras essa violência pode ser praticada! A brevidade de uma nota não permite uma explicação completa; mas os pais amorosos de suas filhas certamente não forçarão sua inclinação, nem com ameaças, nem com súplicas, nem com promessas, nem com lisonjas, nem com persuasões, nem com nada que cheire a força física ou virtude [hipócrita], se não quiserem se apresentar como réus diante do mais justo dos juízes” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 595, nota e) (Nossa tradução).

juízo, que (p. 596) já não tinha a obrigação de me dar nada. Minha mulher, que tinha uma alma nobre e sensível, não conseguiu suportar meus infortúnios. Sucumbiu aos rigores de uma exaustão mortal, ou para dizê-lo sem disfarces, morreu afligida pela fome, nudez e trabalhos.

“Eu, apesar disso, nunca consegui me prostituir ao jogo, à embriaguez, à fraude ou ao roubo. Minhas desgraças me perseguem, mas minha boa educação é a base que me sustenta, para não cair em vícios. Sou um inútil, não por culpa minha, mas pela vaidade de meu pai; ao mesmo tempo, tenho ainda minha honra e não sou capaz de me perder como um morgado (digo isso por meu irmão).

“Vede aqui, por si, toda minha vida resumida, e julgai, na balança da justiça, se sou, como fui julgado, um malandro ou um homem de bem, como exponho. E quando vós acreditardes, de acordo com a razão, que sou um homem de bem, observai que as pessoas não são o que parecem por fora. No mundo, vós vereis homens vestidos de sábios que são ignorantes, homens vestidos de cavalheiros que, em suas ações, (p. 597) são plebeus comuns, homens vestidos de virtuosos ou que aparentam virtude e são criminosos encobertos... Mas, para que gastar minhas palavras? Se vereis no mundo homens, a todo momento, indignos do hábito que usam ou merecedores do apelido honroso que não possuem, embora não se distingam pelo traje, então entenderá que ninguém deve ser julgado por sua aparência, mas, sim, por suas ações.

Naquele momento, a mãe idosa do maltrapilho bateu na porta. Este abriu e ela entrou com três crianças de mãos dadas, que, imediatamente, foram pedir a bênção a seu pai, e ele os recebeu com muita ternura. Depois de acariciar os pequenos, disse-me:

– Vede o fruto de meu amor conjugal, as únicas consolações que tenho nesta vida miserável!

Pouco depois dessa conversa, a idosa entrou e voltou com uma tigela de aguardente e alguns trapos para tratar meus pequenos cortes na cabeça. Depois, trouxe o jantar e todos ceamos com a maior disposição. Terminada a refeição, deram-me um cobertor desgastado, e percebi que a família precisava dele. Mesmo assim, deitei-me, dormindo com a maior tranquilidade.

No dia seguinte, muito cedo, acordaram-me com chocolate, e depois que o bebi, disse-me o maltrapilho:

(p. 597) – Amigo, já presenciastes meu modo de retaliação pela ofensa que vós me fizestes ontem. Não tenho outra coisa nem outro modo como manifestar-vos meu perdão; mas, por gentileza, recebei minha vontade e não só meu trivial agasalho. A única coisa que vos peço é para não passar novamente por esta rua, pois os que ficaram sabendo que me caluniastes de ladrão, se vos virdes passar por aqui, acreditarão, não que fui absolvido pelo juiz e que fui reconhecido como homem de bem, mas que nós combinamos e confabulamos, e isso não será bom para minha honra. Peço só isso, e Deus abençoe!

Não é necessário refletir muito sobre o quanto me comoveu uma ação tão heroica e generosa. Dei os mais expressivos agradecimentos, abracei-o com todas as minhas forças para demonstrar-lhe arrependimento e supliquei-lhe que me dissesse seu nome, para saber, pelo menos, a quem eu devia tão caritativas ações; mas eu não o consegui, pois ele disse-me:

– O *señor* não precisa entrar nessas averiguações. Não procuro lisonjear (p. 598) meu coração quando faço alguma coisa boa, porque o que eu quero é cumprir com meu dever. Também não quero conhecer meus inimigos para vingar-me deles, nem desejo ser reconhecido pelo benefício que eu obsequiei. Não exijo o tributo de vossa gratidão, pois a beneficência, em si mesma, traz o prêmio com o doce interior da satisfação deixada no espírito do homem. Se fosse o contrário, não haveria no mundo idólatras pagãos que nos deixaram os melhores exemplos de amor a seus semelhantes. Portanto, desculpai-me esta particularidade minha, e fica com Deus!

Vendo que era impossível saber quem ele era por sua própria boca, despedi-me dele com a maior ternura, lembrando-me de *Don Antônio*, meu benfeitor na prisão, e fui embora para a rua.

(p. 599) **Capítulo VII**

Onde conta Periquito a bonança que desfrutou, o paradeiro do escrивão Tabajara, sua reincidência com Luísa e outras coisinhas nada ingratas à curiosidade dos leitores

Saí, pois, da casa do maltrapilho, meio confuso e envergonhado, sem conseguir compreender como poderia caber uma alma tão grande sob um exterior tão indecente; mas o havia visto por meus olhos, e por mais que repugnasse tal filosofia, não podia negar sua possibilidade.

Assim, lembrando-me do maltrapilho e de meu amigo *Don Antônio*, fui de rua em rua sem chapéu, sem casaco e, o pior de tudo, sem nenhum tostão.

Por volta das onze, meus olhos não conseguiam mais ver, de tanta fome que eu sentia, e para piorar, tive de passar pela *Alcaicería*¹²⁵¹, onde sabeis que há muitos lugares para almoçar; e como os aperitivos ficavam nas portas, provocando o apetite com seus cheiros, meu ansioso estômago implorava por um par de pratos de *tlemolillo*¹²⁵², com seu montinho de torradinhas crocantes fritas. E, assim, faminto, guloso e desesperado, entrei em uma baiuca. Falarei claramente: era um *arrastraderito* como aquele em que me meteu Januário.

Entre para dentro¹²⁵³, como digo, e depois de ingressar na rodada, tirei o colete e comecei a tentar vendê-lo, o que não demorou muito, visto que ele estava bom. Vendi-o pela fortuna de 6 reais.

(p. 600) Desses 6, escondi 2 em um sapato para almoçar e comecei a jogar os outros 4, mas com tanto cuidado, habilidade e sorte que, em duas horas, já havia ganhado 6 pesos. Essa quantidade, naquelas circunstâncias e naquele jogo, pareceu-me 600. Não esperei mais e, fingindo que saía para mijar, peguei o caminho da taberna mais próxima.

¹²⁵¹ Nota da Tradutora: A *Alcaicería* é um prédio construído entre os séculos XVIII e XIX. Está situado no Centro Histórico da Cidade do México. Inicialmente, era utilizado para moradia; hoje é, além de moradia, espaço para comércio e escritórios. Para mais informações, visitar: <https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/fotografia:509451>. Acesso em: 12 jun. 2023.

¹²⁵² Nota da Tradutora: *Tlemolillo*, derivado de *tlemole*, hoje conhecido como *clémole*, do náhuatl *tetl*, 'fogo', e *molli*, 'mole', é um cozido ou caldo que leva pimenta e tomate, diversas verduras e carne. Trata-se do prato principal do almoço de alguns estados do centro do México. Retirado de: <https://laroussecocina.mx/palabra/clemole/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

¹²⁵³ Nota da Tradutora: Redundância existente no texto em castelhano, em que se lê: *Entréme adentro* (Nossa tradução).

(p. 600) Entrei nela farejando e bisbilhotando as panelas com mais diligência do que um cão. Pedi o almoço e enchi cinco ou seis pratinhos com seu respectivo pulque e seus feijõezinhos; e, uma vez satisfeito meu apetite, voltei novamente para o *arrastraderito* com a intenção de comprar um chapéu, o que consegui facilmente e por pouco dinheiro. O problema é que, nessa aventura, não consegui outra coisa além de almoçar e comprar um chapéu. Tudo o que havia ganhado facilmente, perdi com a mesma facilidade. Desse modo, apenas tive o prazer de aquecer o dinheiro no bolso, pois, fazendo as contas corretamente e compondo bem, saí no zero a zero, já que o chapéu me custou 2 reais e os 4 que gastei no almoço e nos cigarros foram os 6 reais pelos quais vendi meu colete. Isto é o que, em geral, acontece com os jogadores; eles sonham que ganham, mas, no final das contas, não passam de meros depositários do dinheiro dos outros; e isso quando têm sorte, pois, na maioria das vezes, devolvem o lucro com juros.

Por acabar sem nem meio real, fiquei também sem jantar. Assim, por um favor do *gurupiê*, passei a noite em um banco do *arrastraderito*, em companhia infalível das pulgas, dos percevejos, todos eles pulando em mim, dos ratos, da música dos destoantes roncos dos companheiros, do pestífero “incenso” de seus alimentos mal digeridos, do persistente canto e bater de asas de um maldito galo, que estava perto de minha cabeceira, do rangido do colchão de tábuas, e de todas as quantas incomodidades que proporcionam semelhantes pousadas provisórias.

Enfim, saiu o sol. Levantaram-se todos para fazer a manhã¹²⁵⁴, com aguardente, segundo o costume. Enquanto isso, eu adivinhava o que faria para meter algo pela goela, pois, por desgraça, contava com o estômago vigoroso, desejando digerir pedras e não tendo com o que o consolar.

Em tão tristes circunstâncias, lembrei-me que eu ainda tinha um (p. 601) rosário com sua boa medalha de prata e uns calções brancos de *bramante*¹²⁵⁵, quase novos. Despojei-me de tudo, em um canto, e como quando tinha fome e vendia barato, ao primeiro que me ofereceu um peso por ambas as coisas, soltei-as prontamente, antes que se arrependesse.

¹²⁵⁴ Nota da Tradutora: Beber aguardente em vez de tomar o café da manhã. Ver nota 764 de nossa tradução.

¹²⁵⁵ *Nota da Tradutora: *Bramante*, de acordo com o *DRAE* (2023), significa “fio grosso ou cordel fino feito de cânhamo” (Nossa tradução). Retirado de: <https://dle.rae.es/bramante?m=form>. Acesso em: 12 jun. 2023.

(p. 601) Fui a um café, onde me servi de uma xícara da tal bebida com seu respectivo *mollete*¹²⁵⁶ e, na volta, deixei na taberna dois reais e meio pagos para deixar minha comida do meio-dia. Comprei charutos e voltei ao *arrastraderito* com quatro reais, agora aliviado do estômago e feliz porque tinha seguros, para aquele dia, a comida e os cigarros.

Foram juntando-se, na escola, os confrades de Birján¹²⁵⁷, e quando houve uma porção considerável, puseram-se a jogar alegremente. Acomodei-me no melhor lugar com todos meus quatro reais e começaram a correr as apostas.

Comecei a apostar de meio em meio e de real em real, segundo minha quantidade de dinheiro, e conforme ia acertando, ia subindo a aposta, com tão boa sorte, que não demorei muito em me ver com quatro pesos de lucro e a medalha, que consegui resgatar.

Não quis me expor para que não perdesse tudo como no dia anterior, e, assim, sem avisar ninguém, sai para a rua e fui almoçar.

Depois dessa diligência, comecei a vagar de uma parte para outra sem destino, sem casa nem conhecimento, pensando o que faria e onde me acomodaria para assegurar o prato e o teto.

Assim, andei toda a manhã, até por volta das duas da tarde, hora em que o estômago me avisou que já tinha digerido o almoço e precisava de reforço. Então, para não desobedecer a suas insinuações, entrei na (p. 602) pensão de uma hospedaria, onde pedi de comer por quatro reais, e comi, desconfiando que, talvez, não jantaria à noite.

¹²⁵⁶ *Nota da Tradutora: *Mollete* de acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 734), na segunda acepção, significa “maiormente em Chiapas, certo pãozinho branco que tem quatro proeminências [causadas pelo corte em xis na parte superior], como bochechas. Daí seu nome. Esse mesmo pão, na capital e no interior, é um pão branco, bolinho, torrado e untado com manteiga” (Nossa tradução). De acordo com o blogue de Fernando Zamora Colmenero, *El xococonostle* (2020), o *mollete*, provavelmente, tem como antecessores, trazidos com a tomada dos árabes da Península Ibérica, os pães ázimos (que não levam levedura), também utilizado pelos hebreus nas cerimônias religiosas. A definição no *Diccionario de mejicanismos* está disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/734/mode/2up?q=mollete&view=theater>. Para mais informações sobre o antecessor dos *molletes*, visitar: <https://elxoconostle.com/2020/07/18/la-historia-de-los-molletes/>. Para saber sobre a receita e como fazer o corte para os *molletes*, visitar: <http://www.recetario-cocina.com/receta/molletes-de-pan/>. Acesso em: 20 maio 2023.

¹²⁵⁷ Nota da Tradutora: Birján, acredita-se ter sido o criador do jogo de baralho, e já foi mencionado na nota 441 de nossa tradução.

(p. 602) Logo que acabei, entrei no bilhar para descansar do tanto que tinha andado infrutuosamente, e para me divertir com os bons tacos e jogadores de sinuca. Porém, não jogavam bilhar, mas *albures*, em um canto da sala de bilhar.

Como eu não tinha nada melhor para fazer, aproximei-me da roda, hesitante, porque aqueles que jogavam eram camponeses com dinheiro, e nenhum tão sujo e esfarrapado quanto eu. No entanto, assim que viram que o primeiro *albur* que apostei foi de peso, e que o ganhei, deram-me lugar, e eu me prontifiquei a jogar valendo. Meu pensamento não me enganou, pois ganhei algo como cinquenta pesos, um lenço¹²⁵⁸, um manto e um bilhete inteiro de Nossa Senhora de Guadalupe¹²⁵⁹.

Quando me vi tão bem habilitado, quis levantar-me e sair. Até aventei isso em duas ocasiões. Mas, como acertava e havia tanto dinheiro, picou-me a cobiça, que me cravou firmemente em meu lugar. Até que a sorte, cansada de ser favorável a mim, voltou-se contra meu naipe e comecei a errar com grande rapidez, de maneira que, do mesmo modo que ganhei em vinte *albures*, perdi-o em dez ou doze, pois queria tentar minha sorte à custa do dinheiro.

Enfim, às quatro da tarde, eu já estava sem grana, sem manto, sem lenço e até sem a medalha de prata. Sobrou apenas o bilhete de loteria que não houve quem o quisesse comprar, nem de graça. Acabou-se o jogo, cada um foi a seu destino e eu saí para a rua com um real ou dois que me deram de brinde¹²⁶⁰.

Encaminhei-me à Alcaiceria, ao *arrastraderito* de meu conhecido e, depois de lhe dar um real pelos custos de hospedagem, saí andando pelas ruas, porque não tinha mais o que fazer. Às nove da noite, jantei com meio real e fui me deitar. Passei uma noite mal, assim como a anterior. No outro dia, (p. 603) levantei-me e fiquei

¹²⁵⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *mascada* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 602). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1971, p. 702), em geral, pano de seda, não sendo cachecol, que se usa comumente como gravata, especialmente no campo. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej0000sant/page/702/mode/2up?q=mascada>. Acesso em: 12 jun. 2023.

¹²⁵⁹ Transcrição da nota 3, da edição de 2004 (p. 320): “Bilhete de loteria para o benefício do Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, que acontecia, regularmente, no México, desde 1794 até meados do século XIX. Como a maioria das loterias espanholas e latino-americanas, os participantes podiam comprar uma folha inteira com vários bilhetes, daí o nome de bilhete inteiro, ou um número, ou apenas a fração da folha; no caso, o ganhador poderia receber a fração correspondente do montante do prêmio” (Nossa tradução).

¹²⁶⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *de barato* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 602). De acordo com o *DRAE* (2023), na terceira acepção, significa “sem motivo, sem causa” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/balde#MckyuJN>. Acesso em: 12 jun. 2023.

tomando (p. 603) sol na porta do estabelecimento até as dez, hora em que, vendo que ninguém me convidava para almoçar, nem tendo como pagar, nada restou-me senão improvisar, e a única opção que eu tinha era vender a camisa, mas não tive coragem de desnudar-me por tão pouco. Fui andar confiando no ditado que diz: cachorro que não anda, não encontra osso.

Vagava eu por uma e outra rua, sem destino fixo e sem encontrar proveito nesse muito caminhar, quando, passando pela rua Tiburcio, vi muita gente em uma casa em cujo pátio havia um tablado com marquise, cadeiras e guardas. Como todos entravam, entrei também e perguntei o que era aquilo. Disseram-me que se ia fazer o sorteio dos bilhetes de Nossa Senhora de Guadalupe. No momento, lembrei-me de meu bilhete. Embora jamais houvesse confiado em tais sortes, fiquei no pátio, mais para ver a solenidade com que se fazia a rifa do que por qualquer outra coisa.

Com efeito, começou-se esta e, às dez ou doze, foi saindo meu número (que me lembro que era 7596) premiado com três mil pesos. Eu fiquei com a orelha em pé¹²⁶¹ enquanto todos gritavam, e quando fixaram o resultado na tabela, eu até limpava os olhos para ver. Porém, certificando-me de que era o mesmo que eu tinha, não sei como não fiquei louco, porque, em minha vida, nunca me tinha visto com tanto dinheiro.

Saí dali mais feliz do que pinto no lixo¹²⁶² e me dirigi para o *arrastraderito*, porque, então, não tinha melhores conhecidos do que o *gurupiê* e os concorrentes do jogo, e ainda que a cada momento encontrasse muitos dos que antes se diziam amigos, às vezes, eu me fazia de bobo¹²⁶³ para não vê-los, por vergonha; e outras, que eram a maioria das vezes, eles fingiam que não me viam, seja para evitar encontrar-me ou para não se exporem a meus pedidos.

¹²⁶¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *yo paraba las orejas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 602). De acordo com o *DRAE* (2023), a expressão significa “prestar atenção”. Disponível em: <https://dle.rae.es/oreja?m=form>. Acesso em: 14 jun. 2023.

¹²⁶² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *más alegre que Pascua florida* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 603). De acordo com o *DRAE* (2023), a Páscoa florida também é conhecida pela Páscoa de ressurreição.

¹²⁶³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *hacía yo la del cohetero* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 603). A expressão, de acordo com Davis, (1958, p. 164), é possível que signifique “fingir que a pessoa está muito ocupada, como o fogueteiro que acende os foguetes durante as procissões, vigilante, olhando para o céu etc” (Nossa tradução). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/45382521_Algunos_problemas_lexicograficos_en_El_Periquillo_Sarniento. Acesso em: 14 jun. 2023.

(p. 603) Então, fui a minha ilustre residência, onde achei já formada a roda de apostadores e meu amigo, o *gurupiê*, presidindo *pro cathedra*¹²⁶⁴, com seu cofre, cola, cartas, sabão, tesouras e demais instrumentos da arte. Como o dinheiro infunde um quê de orgulho, logo (p. 604) que entrei, saudei-os, não com o encolhimento de antes, mas com um tom garboso e gentil que até parecia natural.

– Como ides, amigo *gurupiê*? Que foi, camaradas? – disse-lhes.

O *gurupiê* e os demais apenas levantaram os olhos ao me verem e, como que afetados, como a dama mais filigranada, voltaram à tarefa sem responder-me uma palavra. Eu, então, apertei as esporas no cavalo de minha vaidade. Como eu padecia para contar sobre minha fortuna, disse-lhes:

– Olá! Nenhum de vós me saudais, né? Mas isto não é mister. Graças a Deus que tenho muito dinheiro e não necessito de nenhum dos *señores*.

Um dos jogadores, que nesse dia assistia a mesa, reconheceu-me. Por ter sido meu colega em minha primeira escola e saber meu apelido, ao ouvir minha fanfarronada, olhou-me e, como que zombando, disse-me:

– Oh, Periquitinho, meu filho! És tu? Caramba! Então, estás endinheirado? Vem, irmão, senta-te aqui junto de mim, que de teu dinheiro algo me há de tocar.

Deu-me lugar e eu admiti o favor. Mas precisáveis ver o desgosto que tiveram quando advertiram que deixei passar oito ou dez *albures* e não apostei nenhum real. Então, o colega disse-me:

– Pois, onde está o dinheiro, Periquitinho?

– Ainda estou aguardando – disse-lhe eu.

– Aguardando?

– Ainda não recebi, mas está muito seguro, e não é de quatro reais, mas a imodesta quantidade de três mil pesos.

Dizendo isso, mostrei-lhes meu bilhete, e todos começaram a rir, não querendo persuadir-se de minha verdade, até que, por acidente, entrou ali um bilheteiro com uma lista e eu supliquei-lhe que me emprestasse para ver se havia saído aquele bilhete.

Ao verem que, de fato, era certo o que eu lhes havia dito, toda a cena transformou-se naquele momento. Suspenderam o jogo, levantaram-se todos, e um

¹²⁶⁴ Nota da Tradutora: “desde o alto da sua autoridade” (Nossa tradução).

deu-me um abraço, (p. 604) o outro, um beijo, outro, um apertão, e cada qual empenhava-se para distinguir-se dos demais com as demonstrações de afeto.

A notícia de que eu teria dinheiro fez com que eu não precisasse pagar mais nada dali em diante. Deram-me almoço, presentearam-me com duas ou três caixinhas de cigarros finos, facilitaram-me dinheiro (ilustração na p. 605) (p. 606) para jogar, mesmo que, para isso, o *gurupiê* e os outros tivessem de empenhar seus capotes. Mas eu não quis aceitar seus esforços e agradeci-lhes com ar de riqueza, pois sabia que aqueles favores eram interesseiros. Eu ainda não tinha um tostão, mas minha cabeça já estava cheia de vento e a amizade daqueles pobretões maltrapilhos era um peso para mim.

No entanto, como eu precisava deles, pelo menos naquele dia, permaneci oferecendo a todos minha proteção, com o intento de não cumprir minha promessa com ninguém. Eles me adulavam à porfia, confiando que os três mil pesos se repartiriam entre todos proporcionalmente, e ainda creio que já estavam fazendo as contas do que gastariam.

Finalmente, comi, bebi, jantei e embebedei-me o dia todo sem que me custasse nada. À noite, o *gurupiê* não permitiu que eu dormisse no banco duro como nas noites anteriores, mas, à força, cedeu-me a própria cama, deitando-se ele sobre a mesa de bilhar. E só por insinuar que o canto do galo me incomodava, jogaram-no para fora.

Mesmo em um colchão, que, pelo menos, era macio, com lençóis, colcha e almofada, não consegui dormir. Passei a noite em claro, pensando em projetos. Às quatro da manhã, dormi, e, voluntariamente, acordei por volta das oito, e percebi que já estavam todos jogando e guardando um silêncio pouco normal entre esse nível de gente. Aproveitei-me de sua prestatividade e fingi que dormia, enquanto ouvia o que falavam sobre mim, ainda que em voz baixa. Um dizia:

– Eu tenho a esperança de resgatar todas minhas prendas com essa loteria.

Outro:

– Se, com esse dinheiro, não conseguir fazer um bom negócio, nunca mais conseguirei isso em minha vida.

Outro:

(p. 606) – Espero que, assim que o *señor* Quitinho¹²⁶⁵ pegar o dinheiro, todos nós nos demos bem.

– E vai dar tudo certo – disse-lhes o *gurupiê*. – O bom é que ele é meio bocó. O que importa é puxar seu saco.

Assim confabulavam todos contra os pobres três mil pesos. Eu, que não via a hora de cobrá-los, fiz que me esticava e acordava. Levantei a cabeça e nem tinha acabado de saudá-los e já me trouxeram uma xícara de café, chocolate, aguardentes, bolos e o que me apetecesse, para fazer meu café da manhã. Comi, agradei por tudo e fui cobrar meu bilhete.

(p. 607) Queriam juntar-se a mim, dez ou doze daqueles malandros; mas eu não admiti mais companhia além daquele ex-colega de escola, que já não me chamava de Periquitinho, mas de Pedrinho. E, para a sorte dele, notei que não disse uma palavra que revelasse interesse por meu dinheiro.

Cheguei com ele para receber o bilhete, e não só não me pagaram, mas, ao verem nossa aparência, desconfiaram que poderia ser roubado e, dando-me o mesmo número e um recibo, retiveram-no, exigindo um fiador.

Quem seria meu avalista, com aquela aparência, para sequer quatro reais? Imaginai para três mil pesos. No entanto, não me desesperei. Fui para a hospedaria, onde tinha jogado e comprado o bilhete dois dias antes. Assim que entrei e fui reconhecido pelos concorrentes e pelo *gurupiê*, começaram a felicitar-me com muita sinceridade, porque o bilheteiro já tinha contado a eles como eu havia sido premiado com três mil pesos no número que ele me vendeu.

Eu, ao ver que todos sabiam o que lhes queria contar, disse-lhes:

– Camaradas, eu estou pronto para lhes pagar suas respectivas espórtulas; mas, para que isso aconteça, é importante que os *señores* primeiro me forneçam um fiador, pois pediram para que apresentasse um na Casa de Loterias. Como sou pobre, desconfiam de mim, e não acreditaram que o bilhete possa ser meu. E, ainda, ficaram com ele no estabelecimento.

¹²⁶⁵ Nota da Tradutora: Note-se que os jogadores que encontra Periquitinho inicialmente usam o tratamento informal/familiar 'tú' com ele. No entanto, uma vez que Quitinho deixa saber que está para receber dinheiro, todos imediatamente mudam o registro para 'usted'. Traduzimos o capítulo conforme essas mudanças do texto em castelhano.

(p. 607) – Bem, isso é o de menos – disse-me o *gurupiê*. – Aqui estamos presentes todos os que vimos que comprastes o bilhete, e o bilheteiro que o vendeu não nos deixará mentir.

Nesse momento, o dono da hospedaria entrou e, colocando-se a par do assunto, fez trazer uma carruagem por vontade própria. Mandou-me entrar nela e fomos até a Casa de Loterias, onde ele apresentou-se como meu avalista, e entregaram-me o dinheiro.

Na carruagem, quando voltávamos, aquele *señor* que me fez o favor de me ajudar cobrar o prêmio, aconselhou-me:

– Amigo, já que Deus vos deu esse auxílio tão considerável por um meio tão improvável, sabei aproveitar a oportunidade e não fazei loucuras, porque a fortuna é muito ciumenta e não permanece onde não é valorizada.

Ele me deu esse e outros conselhos semelhantes, aos quais agradeci pedindo-lhe que guardasse meu dinheiro. Ele me prometeu fazê-lo e, nisso, chegamos à hospedaria. (p. 608)

Subiu o cavalheiro com meu dinheiro, deixando-me cem pesos que lhe pedi, dos quais gastei vinte em agradecimento ao *gurupiê* e aos outros jogadores. Além disso, comi muito bem com meu assistente e ex-colega chamado Roque.

À tarde, fui com ele para o Parián, onde comprei camisa, calça, casaco, capa, chapéu e quanto era necessário e me fazia mais falta. Tudo isso fiz com a ajuda de Roque, que foi de muita serventia para mim. Voltamos à hospedaria, onde tomei um quarto, e ainda que não havia cama, jantei e dormi suntuosamente e me levantei tarde como os ricos.

Logo que tomamos café da manhã, coloquei um recibo de quinhentos pesos e o enviei a meu *señor* depositário, que, no mesmo momento, remitiu-me o dinheiro.

Saí com cem pesos e, depois de andar um pouco, encontrei uma casa pela qual se pagava vinte e cinco mensais, a qual tomei logo, logo¹²⁶⁶, porque pareceu-me muito boa.

Depois, Roque levou-me à casa de um dono de loja de móveis usados, com quem ele negociou o enxoval por duzentos pesos, sob a condição de que a casa fosse mobiliada no dia seguinte. Deixamos vinte pesos como garantia e fomos à loja de um

¹²⁶⁶ Nota da Tradutora: A repetição é do texto original.

bom alfaiate, a quem pedi para fazer duas indumentárias muito decentes e também para solicitar uma costureira habilidosa e confiável, que me foi providenciada (p. 608) pelo próprio alfaiate, em sua casa. Eu lhe encomendei quatro conjuntos de roupas brancas da melhor qualidade que ela soubesse fazer¹²⁶⁷, sendo as camisas de cambraia, e o restante, proporcional; paguei ao alfaiate oitenta pesos adiantados e nos despedimos.

Roque me disse que ele seria meu ajudante de câmara, escrevente e qualquer outra coisa que eu precisasse, mas que ele estava passando por dificuldades financeiras. Eu lhe ofereci minha proteção e voltamos à pousada.

Comemos muito bem, fizemos a *siesta* e, às quatro horas, acrescentei mais cem pesos a minha bolsa. Fomos ao Parián, onde providenciei algumas roupas comuns para Roque e comprei um relógio de cujo custo eu não lembro exatamente. No entanto, sobrou-me um peso, com o qual fomos tomar algo refrescante; depois, retornamos à hospedaria, peguei dinheiro e fomos assistir a uma comédia no teatro.

Depois disso, jantamos na pensão, tomamos vinho e fomos dormir.

(p. 609) Assim, transcorreram-se quatro ou cinco dias sem eu fazer nada mais nada menos do que passear e gastar alegremente. Passados esses dias, entrou o alfaiate à pousada e me entregou duas indumentárias completas e muito bem-feitas de um pano riquíssimo, as quatro mudas de roupa como as queria e a conta, cujo valor chegou a cento e cinquenta pesos. Não entrei em detalhes com relação ao pagamento. Apenas paguei à vista e ainda dei sua gorjeta. Ah! A afirmação de que o dinheiro que se adquire sem trabalho se gasta com profusão e com uma falsa generosidade é tão certa!

Na sequência da despedida do alfaiate, entrou o dono de loja de móveis usados, avisando estar a casa já pronta; que só faltava roupa de cama e criados, e que se eu quisesse, facilitar-me-ia tudo segundo mandasse, mas que necessitava de dinheiro.

Disse que sim, que queria os lençóis, colcha, cobertor e travesseiros novos, uma cozinheira boa e um rapaz mensageiro, mas tudo o quanto antes. Dei-lhe, para isso, o dinheiro que me pediu, e ele se foi.

¹²⁶⁷ Nota da Tradutora: Redundância presente no texto em castelhano, *lo mejor que supiera* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 608).

Aquele dia, passei na ociosidade como os anteriores, e no seguinte, voltou o lojista dizendo-me que só faltava minha pessoa na casa. Então, mandei que Roque (p. 609) trouxesse uma carruagem e passei pela casa de meu depositário, eu tão bem e decentemente vestido que ele não me reconheceu à primeira vista.

Quando se certificou de que se tratava de mim, disse-me:

– Não me parece ruim que vós vistais decentemente; mas seria melhor que arrumasseis vosso traje à vossa qualidade, destino e proporções. Suponho que, à primeira vista, não desmereceis nem esse nem outro mais caro. Porém, depois de certa consideração, por vossas poucas faculdades, acredito que ultrapassais os limites da moderação, e que, daqui a dez ou doze trajes desses que tendes, ver-se-á que acabará vosso dinheiro. É certo o que o ditado vulgar diz: *vesti-vos como vos chamais*. Assim, o *señor*, chamando-se Pedro Sarmiento, e não tendo com o que esbanjar, deve vestir-se como *Don* Pedro Sarmiento, isto é, como um homem pobre, mas decente. Porém, agora, parece-me que o *señor* é um marquês, por seus trajes, mas quero que saiba que não é marquês, nem coisa que se valha por seu caudal.

“Quando os homens querem passar artificiosamente de um nível a outro, ou pelo menos querem aparentar que conseguiram fazê-lo, é causa de sua ruína, de famílias e até de Estados inteiros. Não creia o senhor que consista em outra coisa a (p. 610) grande pobreza que se adverte nas cidades populosas, em que se verifica o luxo desordenado com que cada um pretende sair de sua esfera.

“Isso é tão certo quanto natural, porque, se alguém adquire, por exemplo, quinhentos pesos anuais por seu emprego, comércio, ofício ou indústria e quer sustentar um luxo de mil, necessariamente terá de gastar os outros quinhentos recorrendo a empréstimos, quando não por outros meios mais ilícitos e vergonhosos. Por isso, diz o ditado antigo que *quem gasta mais do que tem não deve se irritar se o chamarem de ladrão*.

“As mulheres pouco prudentes não são as únicas que contribuem para arruinar as casas, com suas vaidades inoportunas. Nelas, é comum ver o luxo entronizado. A mulher ou filha de um médico, advogado ou alguém semelhante deseja ter uma casa, criados e uma decência que rivalize, ou pelo menos iguale, com a de uma marquesa rica. Para isso, o pai ou marido se compromete de todas as maneiras para atender aos caprichos de seu imprudente bem, e, cedo ou tarde, os credores aparecem e lançam-se sobre o pouco que existe, o crédito se perde e a família perece. Já vi, após

a morte de alguém, seus bens serem disputados, (p. 610) e o mais notável é que até o alfaiate, o barbeiro, o sapateiro e, acredito, mesmo a costureira e o aguadeiro tiveram lugar na disputa, pois todos eles tinham dívidas a receber. Com tais abutres, que herança restaria para os pobres filhos? Nenhuma, certamente. Eles pereceriam, assim como outros semelhantes a eles perecem. Mas o que aconteceria se, enquanto o pai estivesse vivo, as rendas não fossem suficientes para sustentar carruagem, camarote no Coliseu, presentes para visitantes, uma grande casa, festas luxuosas e todos os desperdícios associados a tais farras? A ferida estaria encoberta em sua vida; o respeito de seu emprego para alguns e a amizade ou adulação aos outros credores seriam mantidos de forma contida, evitando cobranças rigorosas. Porém, quando ele morresse, assim que desaparecessem o medo e o interesse, eles se lançariam sobre os poucos bens que haviam restado e deixariam a viúva e seus filhos sem nada.

“Transmito-vos esta estória para que abra os olhos e saiba manejar-se com seu pequeno principado, sem dissipá-lo em (p. 611) vestimentas caras, porque, se o faz assim, quando menos esperar, ficará com quatro trapos que mal venderão e sem um peso sequer em seu baú.

“Fora que, se olhar bem, é uma loucura cuidar das aparências, ser o que não é, à custa de dinheiro, entendendo como desonra se expor tal como é na realidade. Isso se chama de empobrecer por querer ostentar riqueza. Eu não duvido que impressionareis, com esse traje, qualquer um que não vos conheça; porque quem vos ver, hoje, vestido assim, e amanhã com outras roupas similares, não vai se convencer de que vossa grande fortuna se reduz a dois mil e poucos pesos, mas, sim, vai julgar que possuíis minas ou fazendas. E como, nesta vida, há muitos adutores interesseiros, vão rodear-vos e encher-vos de elogios rendidos. Porém, quando chegardes, como certamente chegareis se não usufrirdes de meus conselhos, à última miséria, e não puderdes mais manter essa casquinha, vão perceber que não sois rico, mas apenas um vaidoso sem recursos. Então, os prazeres transformar-se-ão em amarguras, e os acatamentos, em desprezo.

“Sendo assim, já que preguei para o *señor* amistosamente com a língua, posso fazê-lo agora por meio do exemplo. Conto com 20 mil pesos de principal. Surgiu a tentação de ter uma casa muito boa para minha mulher e uma carruagem pequena. Podeis ver que isso seria fácil para mim; no entanto, ainda não me determino a fazer

esse gasto. Mas um exemplo (p. 611) melhor é o caso do *señor*, certo? Ou queríeis que eu fale mais?

“Por acaso, consideraríeis essa economia como miséria, mas não o é. Também tenho meu pedaço de amor próprio e vaidade, como todo filho de sua mãe, e é essa vaidade que me mantém contido. Acreditaríeis nisso? Pois é verdade. Eu gostaria de ter uma carruagem, mas essa carruagem exige uma casa grande, essa casa requer muitos empregados, esses empregados precisam de bons salários para servirem bem, esses salários exigem fundos para que não se esgotem em quatro dias. Isso é seguido por muitas e boas roupas, um enxoval excelente, pelo menos metade da louça em prata, um camarote no Coliseu, outro carro de gala, dois ou três conjuntos de mulas boas, saudáveis e bem cuidadas, lacaios e tudo o mais que os ricos têm sem esforço, e eu teria tudo isso por apenas quatro dias, com um desejo mortal. No final desses dias, como meu patrimônio não seria suficiente, acabaria com as carruagens, empregados, mulas, roupas e tudo o mais que houvesse, tornando-se necessário sofrer o sacrifício de (p. 612) ter tido e não ter mais, sem falar dos desprezos que sofreria, como os últimos indigentes.

“Dessa maneira, não, amigo! Mais vale um passo que dure do que um trote que me canse. Eu não quero que a virtude econômica seja a que me contenha em meus limites, mas uma refinada vaidade. No entanto, o efeito é saudável, pois não devo nada a ninguém, não tenho necessidade de coisa alguma, minha família vive decente e contente, não tenho inquietações que me preocupem imensamente e desfruto das melhores satisfações.

“Se me disserdes que, para ter uma carruagem, não é necessário tanto alarde como descrevi, eu concordo com base nos padrões de pensamento das pessoas. No entanto, como eu não seria daqueles que têm uma carruagem e devem um mês de salário à cozinheira, precisaria de mais recursos do que eles, porque, amigo, é uma coisa muito ridícula ostentar luxo por um lado e manifestar miséria por outro: ter carruagem e usar mulas com costelas aparentes de tão magras ou uns cocheiros que pareçam judas dos rapazes; ter casa grande por um lado e, por outro, ter o proprietário cobrando exaustivamente; ir a bailes e passeios por um extremo e, por outro, ter credores, armadilhas e boletos a vencer do Montepío aos montes. Não, amigo, isso não é para mim. O pior é que acontece muito esse tipo de coisa no México e onde também não é México.

(p. 612) “Pois, o que direi ao senhor de um oficial mecânico ou de outro igualmente pobre que, não contando senão com uma mixaria que adquire com muito trabalho, apresenta-se no domingo com uma casaca e roupas correspondentes a um homem de dinheiro e, na segunda, está com seu casaco esfarrapado? O que dizeis de alguém que vive em um puxadinho, que deve um ou dois meses de aluguel ao proprietário, e cuja mulher está sem saias brancas e os filhos mais cheios de farrapos e remendos do que um espantalho de milharal, mas gasta em um passeio ou em um almoço oito ou dez pesos, tendo, talvez, de empenhar uma peça de roupa no outro dia para conseguir tomar café da manhã? Direis que são uns vaidosos, presumidos, loucos. Direis a mesma coisa do senhor, se lhe suceder tudo isso.

(p. 613) Fiquei cativado por aquele homem que me aconselhava tão bem, desinteressadamente. Porém, naquela época, optei por não admitir seus conselhos. Assim, agradeci-lhe verbalmente, prometi observá-los rigorosamente e pedi meu dinheiro de volta.

Ele me deu imediatamente, exigindo um recibo. Dei-lhe vinte e cinco pesos como gratificação. Ele se recusou a recebê-los várias vezes, mas insisti com tanta persistência para que os aceitasse, que acabou aceitando. No entanto, em minha frente, ele pegou um prego e um martelo e começou a marcá-los um por um, e depois de concluída essa diligência, guardou-os em uma gaveta de sua escrivaninha.

Perguntei-lhe para que era aquela cerimônia. Ele me respondeu que não precisava do dinheiro e que o guardava para dar de esmola a um infeliz miserável.

– Mas, tendo qualquer outra nota igual àquela o mesmo valor, – disse-lhe eu – não poderia dar a esse pobre outras moedas e não exatamente aquelas que marcou?

Ele respondeu:

– Isso tem muito mistério – disse-me ele –, e que Deus queira que você não compreenda.

Com isso, despedi-me dele, cansado de tanta conversa, e entregando o dinheiro a Roque, entramos na carruagem com o dono de loja de móveis usados, que já estava cansado de esperar por mim.

Chegamos a minha casa, que encontrei bastante limpa, bem sortida e arrumada. Apossei-me dela, ainda que não tenha gostado do tamanho da conta. A pessoa, com a desculpa de não me preocupar com questões enfadonhas, aumentou

o valor a não sei (p. 613) quanto. Foi assim que, em vestimentas, ociosidades, gorjetas e casa mobiliada, gastaram-se, em quatro dias, mil e duzentos pesos.

Para minha desgraça, a cozinheira que o lojista me trouxe foi aquela Luísa que serviu de dama ao Tabajara e a mim.

Assim que ele nos apresentou, reconhecemo-nos imediatamente, mas dissimulamos. O lojista foi para casa satisfeito. Eu mandei Roque buscar charutos e chamei Luísa, com quem conversei abertamente, contando-me ela como, logo que saí da casa do escrivão, ele foi atrás de mim, e ela fugiu da mesma forma que eu e aventurou-se a minha procura, pois me amava tão ternamente que não conseguia ficar longe de mim. Também disse que soube que Tabajara, ao não a encontrar em sua casa e estando tão apaixonado, adoeceu de raiva e (p. 614) morreu em pouco tempo. Contou-me, ainda, que se manteve servindo na casa do escrivão e em outra, até que o dono de loja de móveis usados, a quem havia servido, perguntou se ela trabalharia na minha. Como circunstâncias mudam costumes, e ela tinha me conhecido pobre, agora que eu enriquecera, contentar-se-ia em me servir de cozinheira.

Como o demônio da moça era bonita e eu não tinha mudado o caráter picaresco que professava, disse-lhe que não seria justo, pois ela não era digna de servir, mas, sim, de que a servissem.

Nesse momento, veio Roque, e eu lhe disse que aquela moça era minha prima e era forçoso protegê-la. Roque, que era um bom patife, entendeu a malandragem e me apoiou em meus sentimentos. Ele mesmo lhe comprou boa roupa, solicitou outra cozinheira e, de uma hora para outra, tínhamos a Luísa, *señora* da casa.

Eu estava feliz com Luísa, mas não deixava de ficar envergonhado, considerando que, afinal de contas, ela entrou em minha casa como minha cozinheira. Ademais, por mais que eu fingisse para Roque que ela era minha prima, ele era esperto demais para ser enganado. Longe de acreditar em mim, murmuraria minha baixeza, interiormente.

Com essa preocupação e desejando ouvir meu delito desculpado por sua boca, em um dia em que estávamos sozinhos, eu lhe disse:

– O que pensas sobre ela, Roque? Certamente, não acreditas que realmente seja minha prima, pois a confiança com que nos tratamos não é a de primos. De fato, se tu pensaste nisso, não estás enganado. Mesmo assim, meu amigo, o que eu

poderia fazer (p. 614) se essa pobre moça foi minha antiga protetora e, por minha causa, perdeu sua posição, expondo-se a sofrer uma surra ou algo pior? Seria desonroso de minha parte abandoná-la agora que tenho alguns trocados. No entanto, ainda sinto vergonha, porque, afinal de contas, ela entrou aqui como minha cozinheira.

Roque, que compreendeu meu estado de espírito, disse-me:

– Isso não deve te envergonhar, Pedrito. Primeiro, porque ela é branca e bonita, e com as roupas que tem, ninguém a considerará uma cozinheira, mas, no mínimo, uma marquesa. Segundo, porque ela te quer bem, é muito fiel e é de grande ajuda na administração da casa. Terceiro, mesmo que todos soubessem que ela foi tua cozinheira e que tu a fizeste digna, tornando-a dona de tua estima, ninguém te consideraria mau por isso, (p. 615) conhecendo o mérito da moça. Fora que não é a primeira vez que isso acontece no mundo. Quantas não passam de costureiras, camareiras e afins, e não são senão outras Luíças nas casas de seus amos amantes! Contanto que não sejas escrupuloso, diverte-te e orgulha-te, agora que tens meios, como outros o fazem, que amanhã virá a velhice ou a pobreza e se acabará tudo antes que tenhas aproveitado a vida.

Claro está que o próprio Diabo não poderia ter me aconselhado mais perversamente que Roque. Porém, já se sabe que os maus amigos, com seus maus exemplos e perniciosos conselhos, são uns diligentíssimos vice-diabos, que desempenham as funções do maligno espírito a sua satisfação. Por isso, disse o venerável Dutari¹²⁶⁸ que devemos fugir, entre outras coisas, dos demônios que não espantam, quer dizer, os maus amigos.

Assim era o pobre Roque. Depois de saber sua opinião, passei a atuar mais descaradamente, tratando Luísa como se fosse minha mulher e aproveitando-me à vontade.

¹²⁶⁸ **Nota da Tradutora: Gerónimo Dutari (1671-1717), missioneiro espanhol jesuíta, foi docente universitário em Pamplona, Salamanca e Valladolid. É reconhecido seu importante papel nas missões, no que diz respeito às procissões de penitência. Suas práticas foram criticadas pelos novos ideais ilustrados. No entanto, com a fundação das Escolas de Maria, conseguiu fazer perdurar seu trabalho. Para mais informações, visitar: <https://dbe.rah.es/biografias/20252/jeronimo-dutari>. Acesso em: 21 jun. 2023.

(p. 615) Raramente passava-se um dia em minha casa sem dança, jogos, almoços, comilança¹²⁶⁹ e tertúlias, aos quais meus bons amigos compareciam com a maior pontualidade. Mas que amigos eram esses? Os mesmos patifes que, quando eu estava pobre, não apenas não me ajudaram, mas, como mencionei, até se envergonhavam de me cumprimentar.

Foram esses os primeiros que me procuraram, os que se regozijavam com minha sorte, os que me adulavam a toda hora e que comiam a minhas custas. Como eu fui tolo em não perceber que todas suas lisonjas eram ditadas unicamente por seu próprio interesse? Como não notei que eles não tinham qualquer estima por minha pessoa? Pois assim foi, e eu, que estava envaidecido com as adulações, pagava suas mentiras a peso de ouro.

Não apenas meus amigos e minhas antigas conhecidas me adulavam, mas até a fortuna parecia empenhada em me bajular. Por rara contingência, eu perdia no jogo. O comum era ganhar, e grandes partidas, como de trezentos, (p. 616) quinhentos e até mil pesos. Com isso, gastava amplamente. Como todos me lisonjeavam, tratando-me como generoso, eu procurava não perder esse conceito e, assim, dava e gastava desregradamente.

Se Luísa tivesse sabido aproveitar-se de minhas loucuras, poderia ter guardado alguma coisa para uma época de maior necessidade. Porém, ela, confiando em sua beleza e no fato de que eu a amava, gastava também em profanidades, sem imaginar que sua beleza poderia acabar, e eu, cansar-me de meu amor, e isso lhe traria a mais desgraçada miséria. Todavia, a pobre era uma tonta e pensava como quase todas as suas colegas.

Eu não me importava com nada. A adulação era meu prato favorito. Como as sanguessugas que me rodeavam reconheciam minha simplicidade e tinham aprendido com perfeição¹²⁷⁰ a arte de lisonjear e adular, elas lisonjeavam-me e procuravam-me sem cessar.

¹²⁶⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *comelitones*; *comelitona* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 615). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 279), trata-se de um vulgarismo para comilança. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/278/mode/2up?q=comilitona>. Acesso em: 21 jun. 2023.

¹²⁷⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *habían aprendido con escritura* – [Nossa tradução está no corpo do texto].

(p. 616) Só de mencionar que estava com dor de cabeça, todos se tornavam médicos, cada um, por sua vez, prescrevendo-me mil remédios. Se eu ganhava no jogo, não atribuíam isso à sorte, mas a meu grande conhecimento. Se eu oferecia um pequeno banquete, enalteciam-me por ser mais generoso que Alexandre. Se eu bebia mais do que o normal e ficava embriagado, diziam que era alegria natural. Se eu falava quarenta disparates sem parar, tratavam-me como um oráculo e todos me elogiavam como se fosse um talento raro, daqueles que o mundo admira uma vez a cada século. Em uma palavra, tudo o que eu fazia, tudo o que eu dizia, tudo o que eu comprava, tudo o que havia em minha casa, até mesmo uma cachorra sarnenta e uma papagaia insípida e barulhenta, capaz de incomodar com seu *crááá crááá* até mesmo Jó, eram objetos de admiração e motivo para elogios por parte de meus caros amigos (e como eram caros!).

Ainda mais, a própria Luísa ria a sós comigo ao ver tamanha adulação. E, na verdade, ela tinha razão, pois o lojista que mobiliou minha casa tornou-se meu amigo quando passei a frequentá-lo, e ele passou a me vender outra série de móveis. Esse mesmo, assim que viu como eu tratava Luísa, esquecendo-se de que ele mesmo a havia trazido para minha casa como cozinheira, cortejava-a, preparava pratos especiais para ela na mesa e, com toda seriedade, tratava-a repetidamente como *señorita*.

Diverti-me por quatro ou cinco meses, triunfei e joguei dinheiro fora (p. 617). Ao fim desse tempo, começou a ser ingrata a fortuna. Ou, falando como cristão, a Providência foi dispendo, ou como justiceira o castigo de meus desvios, ou como piedosa, para ferir esses mesmos problemas.

Entre as *señoras* ou não *señoras* que me visitavam, aparecia uma boa velha que tinha uma filha de, aproximadamente, dezesseis anos, muito mais bonita que Luísa e a quem eu queria conquistar; portanto, com esse intuito, fazia mil festas e a cortejava teimosamente, crendo que conquistá-la seria tão fácil como havia conseguido com muitas outras. Porém, não foi assim: a moça era muito viva e, ainda que fosse querida, não queria prostituir-se a minha lascívia.

Ela me tratava com um estilo agri-doce, que acendia meus desejos e aumentava minha paixão a cada dia. Sentindo que eu estava embriagado de seu amor, ela disse-me que eu tinha mil qualidades e merecia ser correspondido por uma princesa, mas que ela não tinha nada além de sua honra, que valorizava mais do que todas as

posses desta (p. 617) vida. Ela, certamente, estimava-me e agradecia minhas gentilezas, mas lamentava não poder me dar o prazer que eu desejava. No entanto, estava decidida a se casar com o primeiro homem honrado que encontrasse, por mais pobre que ele fosse, ao invés de servir de entretenimento para algum rico.

Fiquei desesperado com essa desilusão e percebi que não havia outro meio de conquistá-la a não ser me casando com ela. Tratei desse assunto com ela naquele mesmo instante e, em um piscar de olhos, o noivado futuro foi celebrado entre nós dois.

Minha noiva, chamada Mariana, informou sua mãe sobre nosso acordo, e esta aprovou, dizendo que já era hora¹²⁷¹. Eu avisei, diplomática e discretamente, a um religioso sério e virtuoso, que era tio de Mariana e a protegia. Não tive dificuldade em obter sua aprovação para nosso casamento. No entanto, para que este se concretizasse, precisávamos superar uma dificuldade considerável, que era me desprender de Luísa, a quem eu temia, sabendo de sua determinação e de quanto eu tinha a perder.

(p. 618) Enquanto refletia sobre quais meios eu usaria para alcançar esse efeito, não me descuidava de praticar todas as necessárias diligências para o casamento. Foi necessário recorrer a meus parentes para que confirmassem minhas informações. Logo que estes souberam de mim, do casamento e que se certificaram de que eu não estava pobre, foram atrás de mim como moscas ao mel. Todos me reconheceram por parente e até aquele vigarista de meu tio, o advogado, foi visitar-me, antes de todo mundo, enchendo o estômago várias vezes a minhas custas.

Tendo as coisas dispostas, só restavam duas necessárias: preparar o enxoval de minha futura esposa e jogar Luísa para fora de casa. Para a primeira, faltava-me dinheiro; para a segunda, sobrava-me medo. Porém, consegui tudo com o auxílio de Roque, como verão no capítulo VIII.

¹²⁷¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tres más* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 617). De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008), a expressão é utilizada para reforçar qualquer afirmação dada antes.

(p. 619) **Capítulo VIII**

O qual diz respeito à maneira como o Periquitinho mandou Luísa embora de sua casa e trata de seu casamento com a niña¹²⁷² Mariana.

Tomada a declaração a minha noiva, apresentadas as informações e obtida a dispensa das admoestações matrimoniais¹²⁷³, restava somente, como acabei de dizer, preparar o enxoval¹²⁷⁴ para minha querida e mandar a Luísa embora da casa. Tinha eu grande dificuldade para superar ambas as coisas. Já tinha comunicado a Roque minha intenção de casar-me, pedi-lhe para guardar o segredo, mas não lhe havia dito as circunstâncias complicadas nas quais eu me encontrava, nem ele atrevia-se a perguntar-se a causa de minha dilação; até que eu, sabendo de sua expertise, disse-lhe tudo aquilo que complicava a concretização de meus planos.

Após ele saber sobre o assunto, disse-me:

– Por que tu, pacientemente, escondeste esses supostos obstáculos¹²⁷⁵ que te acovardam, sabendo que sou teu criado, teu condiscípulo e teu amigo, e tendo experienciado que sempre te servi com fidelidade e afeição? Oras! Eu não consigo aceitar isso vindo de ti, mas vamos deixar as emoções à parte. E ânimo! Facilmente sairás desses problemas.

“No que diz respeito ao enxoval, suponho que quereis comprar coisas boas, não é?”

¹²⁷² Nota da Tradutora: Assim como “moça”, da língua portuguesa, o termo *niña*, além de outras possíveis conotações, é também utilizado como pronome de tratamento de respeito, dado a pessoas da alta estimacão ou relevância social, até os dias de hoje. Mais informacões em: <https://www.asale.org/damer/ni%C3%B1a> e <https://dle.rae.es/ni%C3%B1o#QW5mMvv>. Acesso em: 30 ago. 2023.

¹²⁷³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *banas* – [Nossa traduçãõ está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, p. 619, nota 641). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 114), “[...] sem dúvida, proveniente de *bannun*, que, no baixo latim, significava ‘decreto’, ‘proclama’, e adicionou-se o radical saxão *ban*. O vocábulo, atualmente, apenas tem uso na frase *dispensa de banas*, ou seja, que o bispo concede, para os casos especiais, omitir essa leitura pública. Em anos passados, era quase rigorosa a dispensa de *banas* nos matrimônios entre pessoas de certa elevaçãõ social” (Nossa traduçãõ). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/114/mode/2up?view=theater&q=dispensa>. Acesso em: 30 ago. 2023.

¹²⁷⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *hacerle las donas* – [Nossa traduçãõ está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, p. 619). De acordo com o *DRAE* (2023), a expressãõ significa “os presentes que o noivo dá à noiva” (Nossa traduçãõ). Disponível em: <https://dle.rae.es/dona?m=form>. Acesso em: 30 ago. 2023.

¹²⁷⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *trampatojos* – [Nossa traduçãõ está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, p. 619). De acordo com o *DRAE* (2023), de uso coloquial, trata-se da “armadilha ou miragem com que se engana alguém fazendo ver o que não é” (Nossa traduçãõ). Disponível em: <https://dle.rae.es/trampantojo>. Acesso em: 30 ago. 2023.

(p. 619) – Isso mesmo – disse-lhe. – E já podes ver que gastei muito, e faz dias que as apostas não me rendem nada. Apenas tenho, no baú, escassos trezentos pesos, os quais usarei para a cerimônia do casamento. Se começo a gastar esse dinheiro com o enxoval, não terei nada no dia seguinte da boda. Se reservo dinheiro para a boda, não posso dar nada a minha mulher, o que seria um vexame terrível, pois até o mais mísero procura dar alguma coisinha a sua noiva no dia em que se casa. Portanto, já vês que isso não é tão fácil de resolver.

– É, sim – disse-me Roque, muito calmo. – Além de solicitar fiado ao vendedor pelos tecidos, e um enfeite mais ou menos a um dono da ourivesaria, precisas de mais alguma coisa?

– Mas quem vai me fiar essa quantia quando ninguém me conhece no comércio?

– Mas como tu és tolo, Pedrinho! Tu te afogas em pouca água! Diz-me uma coisa, não é teu tio o licenciado Maceta?

– Sim, ele é meu tio.

– E não é ele um homem importante, bem conhecido?

– Também, sim – respondi-lhe –, e muito conhecido na Cidade do México.

– Pois, então, vamos – disse-me Roque –, já saímos deste problema. Veste o melhor que puderes, pega tua carruagem e eu te levarei a um *cajón*¹²⁷⁶ e a uma ourivesaria cujos donos conheço. Tu pedes os tecidos que quiseres, encomendas a quantia que achar necessária, tomas as medidas e mandas cortar os tecidos; e assim que estejam cortados, tu dizes ao atendente que esperas dinheiro de tua fazenda num prazo de quinze ou vinte dias, mas que, estando prestes a se casar e precisando daquela roupa que ofereces como enxoval ou dote a tua esposa, agradeceria o favor de tal liberação, e como garantia, deixas uma obrigação assinada de próprio punho.

“O comerciante pode se recusar por razões lógicas, argumentando mil coisas para fiar, pois ele não te conhece. Então, tu lhes perguntas se ele conhece o licenciado Maceta e se sabe que se trata de um homem de confiança. Ele irá responder-te que sim, e logo, propões o licenciado como fiador. O comerciante, com desejo de sair dessa questão e se vendo com uma garantia, admitirá esse trato, sem dúvida

¹²⁷⁶ Nota da Tradutora: *Cajón*, de acordo com o *Glosario Voces zapatistas*, é definido da seguinte maneira: “na época colonial, era como se chamavam os negócios mercantis” (Nossa tradução). Disponível em: <https://voceszapatistas.inah.gob.mx/glosario/C>. Acesso em: 30 ago. 2023.

nenhuma. (p. 620) O mesmo fazes com o ourives, e terminas, assim, com essa tua dificuldade complicadíssima.

– Não me parece uma má ideia – disse-lhe a Roque –, mas, se meu tio não quiser ser meu fiador, o que faremos? Nesse caso, passarei vergonha.

– Como ele não vai querer ser teu fiador – disse-me Roque –, quando ele pensa que és rico, faz-te visitas frequentemente e quer-te muito?

– Tudo bem – respondi-lhe. – Mas, esse meu tio é (p. 621) muito mesquinho. Saibas tu que, a outro sobrinho seu, que certa vez estava ameaçado de levar duzentas chicotadas nas ruas públicas, não só não ajudou, mesmo sabendo do assunto, como também escreveu uma carta muito fria, informando-lhe que, se pelo dinheiro ele poderia se livrar dessa afronta, que não contasse com ele, mas que sofreria, pois ele tinha feito por merecer. O que tu dirias disso?

– Diria – respondeu-me Roque – que ele fez isso com um sobrinho pobre, mas ele não faria com alguém como tu. Olha, Pedrinho, todo homem mesquinho, geralmente, é muito ganancioso, e seu próprio interesse o faz ser generoso quando menos se pensa. Por isso, ouve-se dizer que a *cobiça abre os bolsos*, e, ainda, que sempre *o constipado morre de diarreia*¹²⁷⁷; quer dizer, o ganancioso que não compartilha pode até acabar perdendo seu dinheiro. No entanto, façamos a tentativa, que não custa nada. Dizes a ele apenas que tens no baú dois mil pesos, que pensas tirar dinheiro aos poucos para ficar bem nesta empreitada, e que, dentro de quinze ou vinte dias, vão trazer o dinheiro ganho de tua fazenda; contas quantas mentiras possas e dás de presente alguma coisa bonita a sua mulher, convidando aos dois para serem padrinhos; e quando tiveres feito tudo isso, dizes a ele que os tecidos e as joias estão detidos por falta de um fiador, e que tu, confiando em sua amizade, propuseste seu nome para isso, acreditando que não te faria uma desfeita.

¹²⁷⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *la codicia rompe el saco e el estreñido muere de cursos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, p. 621). Ambas as expressões são bem difíceis de traduzir e, do mesmo modo que Frye (2004), apresentamos, no corpo do texto, a tradução literal. De nossa parte, entendemos que a primeira expressão tem a ver com a pessoa avarenta, que seria considerada, coloquialmente, como “mão de vaca”, mas que, ao ver possibilidade de ganhos, abre generosamente o bolso, com intenções de receber no futuro. O segundo se refere ao “mão de vaca” que não “solta” facilmente o dinheiro (avarento mesmo) e, para ele, prognostica-se que seu futuro será perder seu dinheiro.

“Isso tens de dizer-lhe depois de comer e depois de ter-lhe enchido sua taça cinco ou seis vezes, com a carruagem à porta. Podes me bater se não acontecer tudo conforme nosso desejo.

(p. 621) Convencido com a persuasão de Roque, determinei-me a pôr em prática seus conselhos. Tudo aconteceu, literalmente, conforme ele tinha previsto; porque apenas meu tio deu-me o desejado sim, quando, sem dar espaço para que se arrependesse, entramos no coche, fomos ao *cajón* e se fez a obrigação em nome de meu tio, nas seguintes condições:

“Eu, licenciado Don Nicanor Maceta, pela presente, fico na obrigação, em toda forma, de satisfazer a Don Nicácio Brundurín, deste comércio, a quantia de um mil pesos, pelo importe dos tecidos que tenho comprado a crédito, de sua casa, em favor de meu sobrinho Don Pedro Sarmiento, para os enxovais de sua esposa; cuja obrigação cumprirei passado o prazo de um mês, em nome do legítimo devedor, meu mencionado sobrinho. E, para constar, assino etc.”

(p. 622) Recebeu Don Nicácio seu papel mixuruca¹²⁷⁸ muito satisfeito, e eu, meus tecidos, que meti na carruagem, e fomos à ourivesaria, onde foi representada a mesma cena, e deram-me um enfeite e um anel de brilhantes modesto que custou quinhentos e alguns pesos. Deixei os tecidos na alfaiataria, junto com as informações da casa de minha noiva e a ordem para que fosse tomar-lhe as medidas, fiz que lhe confeccionasse a roupa e lhe entregasse, de minha parte, as joias.

Concluída essa parte do trabalho, voltei para a casa com o tio, que me dizia, na carruagem, de quando em quando:

– Cuidado, Pedrinho, por Deus, não terminemos mal que estou muito pobre.

E eu lhe respondia com a maior cara dura:

– Não vos preocupeis, que sou um bom homem e tenho dinheiro.

Nesse momento, chegamos em casa, refrescamo-nos, meu tio voltou para a sua casa, jantamos, e eu, depois que Luísa foi se deitar, chamei Roque e disse-lhe:

– Não tenho dúvidas, meu amigo, tu sabes muito bem como lidar com tudo. Eu te agradeço muito pela bela ajuda que me deste para sair de meu primeiro problema.

¹²⁷⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *papelote* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, p. 622). De acordo com o *DRAE* (2023): “modo depreciativo, papel ou escrito desprezível” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/papelote?m=form>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Mas, (p. 622) ainda falta sair do segundo, que consiste em ver como faço para Luísa ir embora desta casa, pois sabes que, se deixarmos dois gatos em um mesmo saco, eles brigam. Ela não pode ficar em casa comigo e com a Marianinha, porque aquela é muito ciumenta, e minha mulher não fica atrás. Teremos um pequeno inferno por aqui. Se uma mulher ciumenta é comparada, nas Sagradas Escrituras, com um *escorpião*¹²⁷⁹, e se diz que *não há cólera que vença a da mulher*; ou, ainda, que é *melhor viver com um leão e um dragão que morar com uma mulher maldosa*¹²⁸⁰, o que posso dizer eu, que vivo com duas mulheres ciumentas e iracundas? Assim, pois, Roque, já entendes que, de jeito nenhum, convêm-me morar com Luísa e minha mulher sob o mesmo teto; e sendo a última a que devo preferir, não sei como me livrar da primeira, mais ainda quando ela não me tem dado motivo. Mas, é preciso que ela saia de minha casa, e não sei como fazer isso.

– Isso é o de menos – disse-me Roque. – Tu me dás licença para namorá-la?

– Fique à vontade! – respondi-lhe.

– Pois então – continuou ele –, faça de conta que está tudo (p. 623) resolvido. Que mulher é mais dura do que uma rocha? Porém, se em uma rocha deixarmos cair um pouco de água que bata nela constantemente, ela ficará marcada. Prometo-te deixá-la apaixonada em quatro dias. Não a quero, mas só porque quero te ajudar, vou seduzi-la o melhor que puder; e quando conseguir seus favores, encontrarei o melhor momento para que tu nos descubras e possas, se quiseres, bater nela, já que, supostamente, terás muita razão, e mandá-la embora de tua casa no mesmo instante, sem que ela tenha razões para se defender.

Entendi que o projeto de Roque era demasiado injusto e traiçoeiro, mas acabei concordando com ele, pois não achei outro plano mais eficaz. E, assim, tudo planejado, esperei, com ansiedade, o aguardado momento de mandar Luísa embora.

Roque, que, não sendo feio, era muito malandro, com os reais que lhe dei para alcançar sua meta, valeu-se de tudo quanto podia para conquistar a incauta Luísa, o que não lhe foi difícil conseguir, pois ela não estava acostumada a resistir a tais ataques. Assim, com poucas tentativas de Roque, ela rendeu-se no reduto de sua

¹²⁷⁹ Nota da Tradutora: Refere-se a *Eclesiástico* 26:10: “uma mulher maldosa é como jugo de bois desajustados; quem a possui é como aquele que pega um escorpião”. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/26/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

¹²⁸⁰ Nota da Tradutora: Retirado de *Eclesiástico* 25:23. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/25/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

falsa fidelidade, (p. 623) e o general atacante avisou-me do dia, da hora e do lugar em que a rendição iria acontecer.

Como combinado, deu-me todas as informações, e quando a miserável estava enlouquecida, desfrutando nos braços de seu novo e traiçoeiro amante, entrei eu, como surpreso, fingindo uma cólera e uns ciúmes implacáveis, e dando-lhe uns tapas com o embrulho de sua roupa, que já tinha deixado preparado, coloquei-a na rua.

A infeliz ficou de joelhos, chorou, jurou e fez o quanto pôde para tentar me dar satisfações; mas não conseguiu, até porque eu não precisava de suas explicações, mas de sua ausência. Enfim, a pobre foi-se chorando, e eu e Roque ficamos rindo e celebrando a facilidade com que se tinha desvanecido aquele formidável espectro que detinha meu casamento.

Passaram-se oito dias de sua ausência, celebraram-se minhas bodas com o luxo que era possível, sem faltar a boa mesa e o baile que costuma ter lugar em tais ocasiões.

À mesa, estiveram presentes meus parentes e amigos e muitas outras pessoas que nem conhecia, mas que apareceram cheios de sem-vergonhice e bajulação, e eu não podia (p. 624) mandá-los embora de minha casa sem criar um escândalo. Porém, por causa deles, a comida começou a faltar para os convidados legítimos, e a gente da cozinha teve de ficar sem comer.

Concluída a refeição, começou o baile, que durou até as três da manhã, e poderia ter durado até o amanhecer se um fato engraçado e perigoso não tivesse acontecido. Aconteceu que, estando a sala cheia de gente, dois homens decentes, de repente, levantaram-se de seus lugares, por alguma razão, não sei exatamente qual, mas relacionada a uma mulher, e, após trocarem farpas brevemente, partiram para as agressões físicas. Um deles, ao tentar segurar seu inimigo pelo cabelo, viu-se com um topete¹²⁸¹ nas mãos: seu adversário parecia um secular, por sua forma de vestir, mas tinha a tonsura de um frade na cabeça.

Nesse momento, cessou a ira do inimigo. A mulher em questão, pela qual brigavam, sumiu do baile, todos os espectadores que mostravam temor pela briga

¹²⁸¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *casquete* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, p. 624). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 225), o termo significa “peruca” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/224/mode/2up?view=theater&q=casquete>. Acesso em: 02 set. 2023.

caíram na (p. 624) risada e o frade ficou a desejar que se achasse um buraco onde enfiar a cabeça¹²⁸².

Em tão ridículas circunstâncias, aquele bom religioso que eu disse ser tio de minha mulher, saiu, em seu traje eclesiástico completo, do lugar onde estava. Ele tinha vindo assistir ao casamento de sua sobrinha, a pedido insistente dela, e também compareceu publicamente à mesa e estava se divertindo no baile, em um canto quase escondido de um aposento. Então, ele saiu cheio de uma santa indignação e, encarando o frade disfarçado, disse-lhe:

– Nem sei como vos devo falar, se considerar-vos como religioso ou como secular, pois, neste instante, vós vos pareceis ao morcego da fábula¹²⁸³, que, quando lhe convinha ser ave, alegava ter asas, e quando terrestre, pretendia comprovar sê-lo com suas tetas. Vós, pela cabeça, pareceis religioso; pelo corpo, secular. E, assim, volto a dizer que não sei quem sois nem como tratar-vos, embora a boa lógica me dite que sois um religioso, pois é mais crível que um religioso (p. 625) desencaminhado se disfarce com roupas de secular para assistir a um baile do que um secular corte seu cabelo para o mesmo efeito.

“Mas, se sois religioso, não percebeis que, ao vos apresentar a um baile com tais roupas, dais a entender que vos envergonhais de ter hábitos, pois eles não são bem vistos nos bailes? Não estais pregando vosso relaxamento e cometendo uma contínua apostasia? Não vedes que violais o voto de obediência? Não conseguis ver que, assim, escandalizais vossos irmãos que ficam sabendo disso e os seculares que vos conhecem? Pois não é muito difícil que o religioso seja reconhecido por algum dos indivíduos em um baile. Não vos importais com o fato de tirar, injustamente, a credibilidade de vossos prelados, já que os seculares pouco instruídos acreditarão que a dissimulação ou a indolência de vossos superiores produz essas licenças desordenadas, quando a verdade é que nós, que temos a responsabilidade de guiar nossos irmãos frades, e por mais que façamos, muitas das vezes não podemos conter

1282 Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *hubiera querido ser hormiga para esconderse debajo de la alfombra* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, p. 624).

1283 Nota da Tradutora: A fábula, de acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 624, nota 645), é de Samaniego, retirada de suas *Fábulas*, obra mencionada na nota 317 (p. 201) de nossa tradução. A fábula é uma variação da fábula de Esopo, XLII, *O morcego e a doninha*. Para mais informações, visitar: <https://esopo.net/fabulas/el-murcielago-y-las-comadreas> e https://textbase.scriptorium.ro/samaniego/fabulas/libro_octavo/fabula_vi_el_murcielago_y_la_comadr eja. Acesso em: 02 set. 2023.

os rebeldes nem adentrar os infernais arbútrios que usam para escapar de nosso zelo e vigilância?

(p. 625) “E, se tudo isso for só pelo fato de se apresentar em um baile vestido de secular, o que dizer sobre vir com mulheres e suscitar, em tais lugares, brigas e pendências por causa delas, por conta perversa dos ciúmes?

“Não quero, aqui, saber nem quem sois nem a qual ordem pertenceis. Basta ver que sois um frade e considerar que eu também sou, para sentir vergonha de vosso excesso. Mas, irmão de minha alma, o que fará o secular mais escandaloso em tais eventos quando vê que um religioso – que tem professado a virtude, que tem jurado se separar do mundo e frear suas paixões – é o primeiro a escandalizar, com seu perverso exemplo? Que dirão os *señores* que vos conhecem e vos viram nesta situação? Os prudentes o atribuirão à fragilidade humana, da qual não está livre o homem, não apenas nos claustros, mas também no apostolado; mas os ímpios, os insensatos e os imprudentes não só murmurarão vossa leviandade, mas humilharão vossa própria ordem, dizendo: ‘Os frades de tal lugar são namoradores, vadios, valentões e boêmios como fulano’, de modo que o escândalo pessoal que acabais de dar-lhes com vosso mau exemplo concedem, injustamente, a desonra a vossa santa irmandade.

(p. 626) “Pode ser, ou talvez não, que determinadas irmandades sejam o objeto da burla particular em boca dos libertinos imprudentes, pelo motivo mencionado... Mas, eu disse *particular*? A zombaria pública, e geral, que têm sofrido quase todas as irmandades, foi motivada pelo proceder incorreto de alguns de seus filhos escandalosos e desnaturados.

“Não acrediteis, por isso, que eu seja um frade que se escandaliza por nada, nem me faço de santo. Sou um pecador; queria não sê-lo. Sei que vosso descuido nem é o primeiro nem o mais atroz dos que o mundo tem visto. Sei também que há ocasiões em que é indispensável aos religiosos assistir aos bailes; mas sei que, nessas ocasiões, precisam estar com suas vestes, que não são indecorosas quando usadas por um indivíduo religioso. Sei que a mera assistência de um frade a um baile, com permissão tácita ou expressa de seu prelado, não é pecado. Sei que o religioso não precisa, em tais situações, brincar, bailar, brigar, cortejar nem escandalizar, de modo algum, aos seculares; ao contrário, um frade tem, nesses mesmos bailes e eventos, um lugar amplo para edificar e honrar sua irmandade sem afetação nem

exageros (p. 626) forçados. Eu falaria o mesmo dos clérigos, se fosse o caso. E como pode-se conseguir isso facilmente? Simples: não manifestando inclinação a tais maus procederes, evitando-os e comportando-se como religiosos quando o decoro ou as circunstâncias nos obriguem a assistir às festividades dos seculares.

“Não sou tão rigoroso a ponto de considerar criminoso todo gênero de encontros públicos com os seculares. Não, *señores*, a profissão da fé não nos proíbe a civilização, que é tão natural e decente a todo homem; pelo contrário, em muitas ocasiões, devemos participar das mais festivas reuniões se não quisermos carregar alcunhas de descortesias e agrestes. Temos, por exemplo, a benção de uma casa ou fazenda, a parabenização por conseguirmos um emprego ou estarmos presentes à posse de um cargo, à realização da primeira missa de um sacerdote¹²⁸⁴, a um batismo, um casamento e a outras funções semelhantes. Resumindo, em minha opinião, não é ruim que um religioso assista, de vez em quando, a esses atos, mas sim que, sendo frequentador, não assista a eles como ele próprio, mas como um secular escandaloso.

“A virtude não está em conflito com a civilização. Jesus Cristo, (p. 627) que veio nos ensinar com sua vida e exemplo o caminho ao céu, deixou-nos autorizada essa verdade, seja assistindo às bodas e atendendo a convites públicos que lhe faziam, seja se familiarizando com os pecadores, como com a samaritana e com o publicano. Mas, como assistia o *Señor* a tais eventos, para que e qual era o fruto que tirava de suas presenças? Assistia a eles com a mesma santidade; assistia para edificar com seu exemplo, instruir com sua doutrina e favorecer aos homens com suas graças. Assim, o fruto de tão divinas participações foi a conversão de muitos pecadores perdidos. Oh! Se os religiosos que comparecem a funções e convites profanos não o fizessem a não ser para edificar aos concorrentes com seus modestos exemplos, quão diferente não seria o conceito que teriam deles os seculares, e quanta libertinagem e atrevimentos pecaminosos se escusariam com sua respeitável presença!

“Bom, chega de sermão! Se excedi os limites de uma figura fraternal, entenda-se que não foi para confundir esse religioso, mas para sua correção e punição. Eu o

¹²⁸⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cantamisa* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, p. 626). De acordo com o *DRAE* (2023), trata-se da primeira missa que um sacerdote canta na sua atividade como tal. Disponível em: <https://dle.rae.es/cantamisa?m=form>. Acesso em: 04 set. 2023.

fiz neste lugar (p. 627) porque foi neste lugar que ele delinuiu, e aquele que peca em público deve ser corrigido publicamente. Por último, eu disse, *señores*, aquilo que ouvistes para advertir que, se há alguns poucos frades relaxados que fazem escândalos, também há muitos que abominam o escândalo e que edificam com seu bom exemplo. Continuais com o divertimento e tendes uma boa noite.

Dizendo isso, entrou meu tio ao aposento destinado a ele, levando pela mão o envergonhado religioso. Os outros dançantes já tinham ido embora, pois não gostaram do sermão. Os músicos começaram a cair de sono, e meus padrinhos e eu tínhamos vontade de ir dormir. Com tudo isso, pagou Roque o que se devia aos mencionados músicos, foram-se todos a suas respectivas casas e nós nos recolhemos.

No dia seguinte, eu e minha esposa acordamos tarde, e o tio já tinha levado o fradezinho a seu convento, embora ficássemos sabendo depois que ele apenas o deixou em sua cela, acompanhou-o como um amigo, sem denunciá-lo a seu superior, como ele temia que iria acontecer.

Transcorreram quinze dias adoráveis em companhia de minha esposa, a quem eu amava mais a cada dia, porque era bonita (p. 628) e porque ela também procurava ganhar minha confiança. Mas, como, nesta vida, a felicidade é passageira, e a tristeza e o pranto sempre parecem estar à espreita no dobrar da esquina, aconteceu que se cumpriu o prazo para pagar o *cajón* e o ourives, e cada um, por sua parte, começou a solicitar seu dinheiro.

Eu estava muito longe de poder pagar, pois me encontrava totalmente depenado e já tinha mandado várias coisas ao Parián e ao Montepío sem deixar minha mulher perceber, para que ela não soubesse tão cedo de minhas fracas economias.

Os credores, vendo que venciam as datas da primeira e da segunda parcela, e eu não realizava o pagamento, foram cair no pobre advogado, e este, não querendo desembolsar o que não tinha aproveitado, incomodava-me com mensagens e recados, que eu respondia com palavrinhas elegantes, dando a ele esperanças e solicitando-lhe que pagasse por mim, que eu lhe pagaria depois; mas isso era somente aquilo que ele próprio conseguia acreditar.

Os credores não esperaram muito tempo e apresentaram demanda ao juiz contra o advogado, manifestando a obrigação que tinha outorgado de pagar em meu nome. O juiz, que não era um neófito, ao ver o documento, sorriu e respondeu aos

demandantes (p. 628) que aquela obrigação era ilegal, e que procurassem o que fazer, pois ele dava como perdido seu dinheiro, em virtude de uma lei expressa¹²⁸⁵ que diz:

“E para remediar o imponderável abuso que, com o mesmo motivo de bodas, se experimenta nestes tempos, ordeno que nem os comerciantes, nem ourives de ouro e prata, nem *lonjistas*¹²⁸⁶, nem outro tipo de pessoas, por si mesmas, nem por interposição de outras pessoas, possam, em tempo algum, pedir, demandar, descontar, em juízo, mercadorias e gêneros que derem fiado para tais bodas a quaisquer pessoas de qualquer estado, qualidade e condição que seja¹²⁸⁷.”

(p. 629) Os pobres credores congelaram com essa notícia, mas não desmaiaram. Ao contrário, expuseram essa situação na Audiência. O advogado, que se viu acossado por dois inimigos em um tribunal tão sério, tentou se defender e até conseguiu o artigo da lei para citar em seu favor; mas isso não lhe valeu de nada, porque os *señores* da Audiência sentenciaram que, a título de multa, o licenciado deveria pagar a quantidade demandada, pois tinha obrado ou com malícia, ou com ignorância no caso. De um jeito ou de outro, ele era credor dessa pena, seja por ter obrado de boa ou má fé, por ter enganado os demandantes, ou por crasso desconhecimento da lei que proíbe o que ele fez, o que não configura escusa para um advogado.

Com isso, o miserável tio cuspiu o dinheiro, aborrecido, e, a seguir, fez uma demanda contra mim. Eu, sabendo tudo o que tinha acontecido, protestando que iria pagar quando melhorasse minha fortuna, utilizei-me da mesma lei para me livrar da execução, e no final, foi declarado que a demanda judicial de meu tio não tinha lugar.

¹²⁸⁵ Nota do Autor: “Auto 4, título 12, livro 7, da *Recopilación*, na seção 26” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 628, nota a) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Sobre a obra jurídica mencionada, ver nota 595 de nossa tradução.

¹²⁸⁶ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), na quarta acepção, o termo refere-se à pessoa que atende nas *lonjas*, quer dizer, lugares destinados para “venda de cacau, açúcar e outros gêneros” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/lonja#A7cSiV6>. Acesso em: 06 set. 2023.

¹²⁸⁷ Nota do Autor: “*Don Marcos Gutiérrez*, em seu livro *Febrero reformado*, para comprovar esta decisão legal, traz o caso julgado entre *Don Antonio Zorraquín*, comerciante, e *Don Eugenio Cachurro*, seu devedor de mais de doze mil reais que emprestou para seu casamento. O referido comerciante apresentou uma ação executiva contra o segundo, no ano de 1760, exigindo o pagamento; o juiz declarou a escritura de obrigação como nula, por ser contrária à lei expressa, e o Conselho confirmou a sentença em apelação. Retirado de: *Febrero*, p. I, tomo 2, capítulo 18, seção 25” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 628, nota b) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Ver a nota 861 de nossa tradução, para lembrar do autor e da obra mencionada.

(p. 629) Dessa maneira, o assunto permaneceu nesse estado, e o tio perdeu seu dinheiro, pois eu jamais lhe pagaria. Foi errado de minha parte, mas foi o castigo justo pela cobiça, bajulação e miséria do licenciado.

Entre essa e outras situações, transcorreram uns três meses, tempo em que não consegui ocultar da esposa minha falta de haveres. Foi preciso vender e colocar em penhor nossas roupas e joias para manter a comédia de luxo a que tinha me habituado. Desse modo, os amigos não sentiram falta dos almoços, bailes e reuniões às quais estavam costumados.

Só minha esposa não se contentava em ver seu guarda-roupa vazio. Então, soube que eu não era um jovem rico, como ela pensou, mas um pobre vaidoso, preguiçoso e inútil que não tardaria em levá-la à miséria; e como não tinha ficado comigo por amor, mas por interesse, assim que se certificou da falta de dinheiro, começou a esfriar seu afeto, e já não tentava me agradar como antes. Eu, do mesmo modo, comecei a perceber que já não a amava com a ternura do início, e lembrei, arrependido, da pobre Luísa. Agora, entende-se como também não me (p. 630) casei por amor, mas movido por outros fins pouco honestos. Deslumbrado pela beleza da Mariana e agitado por sua rejeição de meu apetite, depois que este foi satisfeito, com a posse do objeto que desejava, foi ficando morno meu amor, insensivelmente; e mais ainda quando adverti que minha esposa já não tinha aquelas cores vistosas de quando era donzela, e para dizer de uma vez só, bastou conseguir satisfazer meus primeiros impulsos de lascívia para ela não me parecer nem a metade daquilo que eu achava no começo. Ela, após saber que eu era um pobretão e que não podia aproveitar comigo da vida boa que lhe tinha prometido, também me olhava com um jeito distante, e ambos começamos a nos olhar com certa indiferença, continuamos nos tratando com desprezo e terminamos por aborrecer de morte um ao outro.

Muito perto dessa última etapa, aconteceu que eu estava devendo quatro meses de aluguel e o senhorio não conseguia cobrar um real, mesmo fazendo-nos visitas constantes. Não faltou aqueles bons amigos para falar a ele que eu estava muito pobre, que acautelasse. Embora não tivessem falado nada para ele, minha pobreza já era visível por cima da roupa, pois essa não tinha o mesmo luxo que costumava ter; as visitas saíam de minha casa com a mesma pressa, como se eu fosse um pestilento; minha mulher não se apresentava mais do que vestida de forma muito simples, porque não tinha nenhuma roupa boa; o enxoval da casa consistia em

cadeiras, (p. 630) banquinhos, mesas, escrivaninhas, roupeiros, seis abajures, um par de campânulas, quatro santos, minha cama e outras bagatelas de pouco valor. E, para o cúmulo dos cúmulos, meu tio, o fiador, vendo que não lhe pagava, não só rompeu nossa amizade totalmente, como também converteu-se em meu inimigo declarado, e não ficou nenhum, de todos aqueles que eu conhecia, que não soubesse que eu fiz com que perdesse mais de uma *talega*¹²⁸⁸ e meia, pois ele contava a todos a história, adicionando que não tinha esperança de receber seu dinheiro, pois eu era um pé de chinelo, perdulário e vagabundo de nascença.

Acaso não parece essa forma vil de proceder de meu tio com aquela das pessoas ordinárias que não se contentam se não apregoam para todo mundo quem são seus devedores, quanto devem e como contraíram as dívidas, sem esquecer-se, por outra parte, de (p. 631) cobrar aquilo que se deve a eles? Por isso, o discreto Bocángel disse:

Não devas para gente ruim
Pois enquanto estejas com dívida,
Cobram tua fama primeiro
E depois teu dinheiro¹²⁸⁹.

Com semelhantes apregoadores de minha pobreza, é claro que o caseiro não hesitaria em fazer a cobrança. Assim aconteceu. Ele viu que eu não dava sinais de realizar o pagamento, que a dívida só ia acumulando, que minha sorte estava de mal a pior e que não faziam efeito as contramedidas extrajudiciais tomadas. Desse modo, apresentou-se perante um juiz, que, depois de inquirir-me, concedeu-me o prazo peremptório de três dias para fazer o pagamento, sob ameaça de executar e embargar, caso eu não cumprisse.

Eu, para sair dessa querela, tive de aceitar e voltei para casa com Roque. Ele aconselhou-me que vendesse todos meus móveis para o mesmo lugar de quem tinha comprado, pois nenhum outro pagaria melhor; sugeriu que recebesse o dinheiro, que

¹²⁸⁸ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), na quinta acepção, a *talega* equivale à “quantidade de mil pesos duros” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/talega?m=form>. Acesso em: 06 set. 2023.

¹²⁸⁹ Nota da Tradutora: Sobre Bocángel e sua obra *El cortesano y discreto político y moral, príncipe de los romances* (1655), obra de onde foi retirado esse trecho, ver nota 438 de nossa tradução.

fosse para uma (p. 631) moradia menor, com a cama, utensílios de cozinha e o mínimo necessário, mas para outro bairro, longe de onde morávamos; que desse a conta, no mesmo dia, às duas empregadas, para não termos testemunhas, e que comêssemos na hospedaria. Feitas essas diligências, na véspera do dia em que aconteceria o embargo, pela noite, recomendou que eu saísse da casa deixando a chave ao dono de loja de móveis usados.

Como eu era muito aplicado em pôr em prática os conselhos de Roque, fiz, com sua ajuda, exatamente tudo aquilo que me propôs. Ele foi procurar a moradia e a deixou reservada. De minha parte, nesses dois dias, tentei mudar minha cama e alguns poucos móveis, os mais necessários. No terceiro dia, chamou Roque ao dono de loja de usados, que veio imediatamente. Eu lhe disse que tinha de sair da cidade no dia seguinte, com urgência, e, se queria comprar os móveis que deixava na casa, eu lhe daria preferência na venda, porque ele, melhor do que qualquer outro, sabia quanto custavam, mas se não os queria, que me avisasse, (p. 632) para eu procurar por outros comerciantes, pois era muito importante deixar tudo pronto no mesmo dia, uma vez que tinha de sair no dia seguinte.

O lojista disse-me que sim, sem hesitação; mas começou a encontrar mil defeitos que não comentou quando vendeu-me os móveis.

– Este é antigo – disse-me. – Isso já não está na moda; isso está quebrado e consertado; isso está com cupim; isso é feito de madeira ordinária; isso está com soldadura; a isso, falta uma peça; a isso, falta a outra peça; isso está sem brilho; isso é tinta ordinária. Assim, ele foi mostrando e colocando em tudo seus defeitos, até que eu, chateado, pedi oitenta pesos naquilo que eu tinha comprado por cento e sessenta. No fim das contas, acertamos tudo, e ele ofereceu-me voltar com o dinheiro pela noite, na hora das preces.

Cumpriu com sua palavra. Veio pontualmente com o dinheiro, entregou-o para mim e exigiu-me um recibo expressando nele que eu tinha vendido por aquele valor tal quantidade, e tal e tal móvel de minha casa, com as marcas particulares de cada coisa. Eu, que desejava ganhar aqueles reais e mudar-me, dei-lhe o recibo com toda satisfação, junto com as chaves da casa, encomendando-lhe que as entregasse para o senhorio, e sem outra questão, peguei o dinheiro e entrei na carruagem (que Roque já tinha preparado) com minha esposa, despedindo-me do dono de usados e guiando ao cocheiro para a casa nova que Roque lhe indicou.

(p. 632) Assim que chegamos na casa, minha esposa se deu conta de que era pior e menor ainda que a que ela tinha antes de se casar, com menos enxoval e sem uma moça para trabalhar a doze reais. A infeliz ficou triste e manifestou seu sentimento com imprudência. Incomodei-me com suas indelicadezas e falei na sua cara que ela não havia me dado sequer um dote. Tivemos a primeira briga, com a qual desafoamos nossos corações, e desde aquele instante, foi declarado nosso mútuo aborrecimento. Mas deixemos nosso infeliz matrimônio neste estado, e passemos a ver o que aconteceu no dia seguinte, em minha antiga casa.

Às vezes, parece que os acidentes fatídicos ocorrem devido a um gênio malvado que surge nos instantes críticos da desgraça; porque, no mesmo terceiro dia que o lojista foi com as chaves para tirar os móveis vendidos, na mesma hora, chegou o senhorio com o escrivão (p. 633) que levava, a rigor, a ordem de proceder com o embargo dos bens.

Abriu o lojista e entrou com seus carregadores para desocupar a casa, e o senhorio com o escrivão e os seus para o mesmo efeito. E deu-se isso. Após os dois se encontrarem e comunicarem o motivo da ida àquela casa, começaram a brigar sobre quem deveria ser beneficiado. O senhorio alegava a ordem do juiz, e o dono de loja de móveis usados, o meu recibo. Os dois tinham razão e demandavam justiça, mas somente um deles era quem devia ficar com meus móveis, que não era o suficiente para satisfazer a ambos. O senhorio já se conformava com a divisão da criança ao meio, ficando cada um com a metade, mas o lojista, que tinha gastado seu dinheiro, não aceitava esse negócio.

Por último, depois de altercar mil vezes, inutilmente, combinaram que os móveis ficariam na casa, inventariados e depositados em poder do sujeito mais endinheirado da vizinhança, até a sentença do juiz, que declarou pertencer todos ao dono de loja de móveis usados, por ter constância da venda, ficando para o senhorio o direito de levantar novamente o caso contra mim na eventualidade de me encontrar. Tudo isso eu soube pelo Roque, que não se descuidava em saber até o último detalhe de meus negócios. Passado esse problema, e achando eu que estava em segurança, pois, a título de insolvente, não me podia fazer nenhum dano o senhorio, só tentava me divertir, sem dar atenção a minha esposa e sem saber das obrigações que me impunha o matrimônio. Com semelhante forma errada de agir, diverti-me alegremente enquanto duraram os oitenta pesos. Acabada essa quantia, começou minha pobre

mulher a (p. 633) experimentar os rigores da indigência, e a saber o que era estar casada com um homem que se tinha juntado a ela como o cavalo e a mula, que não se entendem. Naturalmente, começou a fustigar-me mais e mais, e a manifestar-me seu aborrecimento. De minha parte, eu a aborrecia mais a cada instante, e como era vigarista, não me importava em deixá-la passar frio e fome.

Nessas complicadas circunstâncias, minha sogra, devido às fofocas de minha mulher, incomodava-me demasiado. Todo dia, eram brigas e reprovações infinitas, sem faltar aquilo de: (p. 634) – Se eu tivesse sabido quem era o *señor*, com certeza não teria se casado com minha filha, pois a ela não lhe faltavam melhores pretendentes! Tudo isso colocava mais lenha na fogueira, pois, longe de amar minha mulher, eu a aborrecia ainda mais por conta dessas cáusticas repreensões.

Meu mal natural, mais do que o caráter e a figura de minha mulher, estava nas imprudências da sogra que vinham junto, pois, a verdade era que minha esposa não era desprezível. Prova disso foi que concebi uns ciúmes endemoniados de um vizinho que morava em frente a nós. Fiquei encucado de que ele cortejava minha mulher, e ela, para mim, correspondia-lhe; e, sem ter mais dados comprovatórios, impus a minha mulher uma vida infernal, como muitos maridos que, tendo mulheres boas, tornam-nas más com seus ciúmes descabidos.

A jovem infeliz, que, embora desejasse ter luxo e uma vida tranquila, era demasiado fiel, e após se ver tão maltratada, devido a minhas suspeitas em relação àquele homem, propôs-se a vingar-se pelas mesmas causas com as quais eu a feria. Assim, fingiu corresponder às solicitações do vizinho para me dar motivos, fazendo-me sentir ciúmes por acreditar que ela me era infiel. Foi uma tolice, mas o fez provocada por meu imprudente ciúme. Ai! Como eu aconselho agora a todos os consortes para não se entregarem a essa maldita paixão, pois, muitas vezes, ela é a causa pela qual tornam-se corpóreas as sombras e reais as suspeitas!

Se, quando não tinha nada, eu ficava com ciúmes e a espancava sem parar, o que não faria quando ela mesma empenhava-se em me dar motivos? É fácil conceber o resultado. Não tenho certeza de como combinei o aborrecimento que sentia por ela com o ciúme que me consumia, pois, se for verdadeiro o ditado popular, que afirma que *onde não há amor, não pode haver ciúmes*, certamente eu nunca teria sentido ciúmes; a menos que se possa argumentar que o ciúme não é nada além da inveja furiosa provocada por nosso amor-próprio, que nos exalta, deixando-nos na mais

raivosa (p. 634) cólera quando ficamos sabendo ou pressupomos que algum rival quer possuir o objeto que nos pertence, por algum direito. Nesse caso, fica claro que não temos ciúmes porque amamos, mas porque concebemos que fomos prejudicados, e, aqui, pode-se verificar ciúme sem amor e concluir que, no geral, é totalmente falho o ditado popular mencionado.

(p. 635) A primeira coisa que fiz foi mudar minha pobre esposa para um puxadinho muito úmido e miserável, pelas favelas do bairro Santa Ana¹²⁹⁰. Depois disso, já não tendo o que vender nem o que penhorar, pedi ao Roque que buscasse um melhor lugar para viver, pois eu não estava em condições de dar-lhe sequer uma tortilha. Ele fez isso prontamente. Com isso, minha esposa sentiu sua falta, pois foi embora a simples ajuda que recebia dele, seja fazendo algum mandado, ou consolando-a em certas ocasiões, auxiliando com o meio ou um real que ele conseguia. Isso me faz pensar que Roque era um dos que se tornam maus por necessidade mais do que pela malícia de seu caráter, pois as más ações a que se assujeitava e os iníquos conselhos que me dava se podem atribuir à necessidade que tinha de me lisonjear, circunscrito a seu estado miserável. No entanto, por outro lado, ele era muito fiel, comedido, atento, agradecido, e, sobretudo, tinha um coração sensível e pronto para eximir alguma injúria e compadecer-se de uma infelicidade. Ao longo de minha vida, tenho observado que há muitos Roques no mundo, isto é, muitos homens naturalmente bons a quem a miséria empurra, digamos assim, até os umbrais do delito. Certo é que o homem antes deveria perecer do que delinquir; mas eu sempre dou um lugar à desculpa em favor daquele que cometeu um crime levado pela suma indigência, e agravo a pena para aquele que cometeu crime pela malícia de caráter.

Por fim, Roque despediu-se de minha casa, e minha pobre mulher começou a experimentar os maus tratos de um marido patife que a aborrecia; embora ela, longe de se valer da prudência para me docilizar, irritava-me mais e mais com seu gênio orgulhoso e iracundo. Deu para perceber como ela também não me amava.

Todos os dias, tínhamos bate-bocas, desavenças e brigas, das quais sempre tocava a ela a pior parte, porque eu terminava dando-lhe chutes e tapas. Desse modo,

¹²⁹⁰ **Transcrição da nota 5, da edição de 2004 (p. 341): “Uma região pobre nos arredores da *Plaza* [Praça] Santa Ana, a mil e seiscentos quilômetros da Catedral” (Nossa tradução).

descontava (p. 635) minha ira; ela ficava chorando, maltratada, e eu saía para a rua para distrair-me do mau momento.

Às vezes, eu não aparecia em casa até passados os oito ou dez dias da briga, e então, começava de novo, por qualquer motivo, e pedia explicações para minha mulher, sob alegação de ciúmes, sendo (p. 636) que o mais desprezível dessas situações era eu não ter deixado para ela um real sequer para comer, parecendo, nessas atitudes, com muitos maridos canalhas que se lembram que têm mulheres só para terem ciúmes e servirem-se delas como criadas, mas não para cuidar delas e de sua subsistência; sem advertir que a honra da mulher está junto à cozinha, e que, quando o braseiro ou a lareira não dá fumaça na casa, o homem não deve gritar com ela¹²⁹¹, porque as miseráveis mulheres, embora sejam mais honradas que as Lucrécias¹²⁹², não têm ventres de camaleão para sobreviverem só de ar.

Minha desgraçada esposa sofria, em meio ao ódio com o qual me enxergava e a suas misérias e trabalhos, sem se atrever a voltar a viver com sua mãe, que era a única que a visitava, consolava e socorria (pois é uma mãe). Isso porque as duas tinham muito medo de mim, e eu tinha ameaçado minha mulher de morte caso se fosse de casa. Nem sequer seu tio, o religioso, queria misturar-se em nossos assuntos.

Declaro que, entre minhas más qualidades, eu tinha um coração sensível, e acredito que, se minha esposa, ao invés de irritar-me desde o princípio com seu orgulho, ou de tentar persuadir-me de que era infiel, tivesse levado a situação com carinho e prudência, eu não teria sido tão cruel com ela; mas há mulheres que têm graça para estragar os melhores homens.

¹²⁹¹ Nota do Autor: “Entenda-se isso quando não há fumaça por conta da preguiça, inutilidade ou má administração por parte do marido, como no caso do Quitinho; mas quando não há fumaça devido à pobreza, então a mulher deve sempre ser fiel e até mesmo ajudar o marido, porque Deus, quando criou a mulher para o primeiro homem, não disse: ‘Vamos prover-lhe uma ama que a ele sirva’, nem ‘uma preguiçosa para sustentar’, mas, sim, ‘uma mulher que o auxilie como sua semelhante’. *Faciamus ei adjutorium simile sibi* [Nossa tradução: Faremos para ele uma companheira semelhante a si mesmo]” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 636, nota c) (Nossa tradução). [Retirado de Gênesis 2:20].

¹²⁹² Nota da Tradutora: De acordo com Lima (2020), Lucrécia (? – 509 a. C.), filha de Espúrio Lucrécio Tricipitino, foi estuprada por Sexto Tarquínio, mas “[...] foi considerada uma das mulheres mais castas e honradas da ‘*generação rromana*’ [reproduzimos a escrita do texto], porque, embora tenha cedido à violência a seu corpo e às pressões sexuais de Sexto, teria se mantido voluntariamente fiel ao marido, tirando a própria vida como derradeira autopunição”. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5740/574069212010/html/>. Acesso em: 10 set. 2023.

(p. 636) As doenças e a vida ruim, cada dia, punham minha mulher no pior estado. A essa situação, acrescentava-se sua gravidez, quando ela não só ficou ainda mais fraca, pálida e com manchas, mas também inconveniente, colérica e insuportável.

Nesse estado, eu a aborrecia mais e a ajudava menos em casa. Numa noite em que, por acidente, eu estava em casa, começou a queixar-se de fortes dores e a suplicar-me que, por Deus, fosse chamar sua mãe, pois sentia-se muito mal. Essa linguagem (p. 637) submissa, pouco comum nela, junto com suas dolorosas reclamações, deram-me uma nova impressão ao coração, e olhando para ela com lástima desde aquele momento, sem me lembrar de seu caráter iracundo e pouco amoroso, corri para trazer sua mãe. Esta, assim que a viu, advertiu que aqueles esforços e dores indicavam um mau parto, e que era indispensável uma parteira.

Depois que fiquei sabendo da situação e que urgia uma parteira, roguei a uma vizinha que fosse buscar a essa mulher, enquanto eu ia solicitar dinheiro. Ela foi correndo, achou-a e a trouxe para casa. Penhorei meu capote, que era a melhor roupa que tinha e estava em boas condições. Por ele, emprestaram-me quatro pesos, dos quais devia devolver cinco, pelos juro, graças às gentilezas costumeiras dos usureiros, que têm feito o firme propósito de que se os leve o diabo!

Muito satisfeito, cheguei em casa com meus quatro pesos justo quando a ignorantíssima parteira já lhe tinha arrancado o feto com as unhas e com outro instrumento infernal¹²⁹³, raspando-lhe também as entranhas e causando um fluxo de sangue tão abundante que nem sequer um bom cirurgião poderia contê-lo. Isto, no segundo dia do sacrifício, tirou-lhe a vida, com o auxílio dos socorros espirituais.

Ai, morte! Que mistérios revela-nos teu fatal advento! Após eu ver a infeliz Mariana tendida, desfalecida em sua cama atormentadora, pois reduzia-se a uns poucos panos e um *petate*, e ouvir as tenras lágrimas de sua mãe, acordou-se minha sensibilidade, pois, a cada instante, dizia-lhe: – Ai, filha desditada! Ai, doce pedaço de meu coração! Quem diria que morrerias em tal miséria por ter casado com um homem que não te merecia, e que te tratou não como um esposo, mas como um verdugo e um tirano! – assim como outras expressões duras e sensíveis que despedaçavam

¹²⁹³ Nota do Autor: “Existem parteiras tão ignorantes que acreditam que facilitam os partos com as unhas, e outras substituem as unhas naturais por unhas de prata ou outro metal para o mesmo efeito. Cuidado com as parteiras!” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 637, nota d) (Nossa tradução).

meu coração. Não pude conter meus sentimentos. Naquele momento, percebi que me tinha casado não com os fins santos para os quais se (p. 637) deve contrair o matrimônio, (p. 638) mas como o cavalo e o mulo, que carecem da faculdade do entendimento. Reconheci que minha mulher era naturalmente fiel e boa, que eu a tinha feito enfadonha à força de fustigá-la com meus maus-tratos; vi que era formosa, pois, embora morta e sem o vital hálito, seu rosto defunto manifestava as graças de uma desventurada juventude, e reconheci que eu tinha sido o autor de tão fatal tragédia.

Mas... já era tarde! Arrependi-me de meu proceder de vilão. Refleti que minha esposa nem era feia, nem tinha a natureza que eu julgava; se não me amava, tinha mil justíssimas razões, porque eu mesmo lavrei um demônio da matéria da qual poderia ter formado um anjo¹²⁹⁴. E, estando tumultuosas em meu espírito as paixões da dor e do arrependimento, desafoguei todo seu ímpeto balançando-me ao frio cadáver de minha defunta esposa.

Oh, instante fúnebre e terrível para minha cansada imaginação! Quantos abraços dei-lhe, quantos beijos imprimir em seus lábios roxos, quantas expressões doces lhe falei! Quanto perdão pedi a um corpo que nem podia agradecer meus cumprimentos nem contestar meus agravos!... Espírito de minha amada consorte, não me acuses diante de Deus, mostrando os injustos desgostos que te causei; receba, sim, em recompensa, os votos que tenho oferecido por ti ao Dono das misericórdias diante de seus imaculados altares.

Por último, depois de uma cena que não sou capaz de pintar com suas mesmas cores, tiraram-me dali à força, e deu-se sepultura ao corpo de minha esposa, não sei como, embora suspeite que se deu graças ao empenho e à diligência de seu tio, o frade.

Minha sogra, após terminar o funeral (sepultado junto com o cadáver o desgraçado fruto de seu ventre), despediu-se de mim para sempre, agradecendo-me pelas boas contas que lhe tinha dado de sua filha; e eu, naquela noite, não podendo

¹²⁹⁴ Nota do Autor: “Não há o que fazer. Muitas vezes, os homens são os culpados por suas esposas tornarem-se más. As mulheres, especialmente aquelas que se casam muito jovens, geralmente estão dispostas a ser o que os maridos querem que sejam” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 638, nota e) (Nossa tradução).

resistir aos sentimentos (p. 638) da natureza, encerrei-me no quartinho para chorar minha viuvez e solidão.

(p. 639) Entregue às mais tristes imaginações, não consegui dormir nem um pouco a noite toda, pois, apenas fechava os olhos, acordava com estremecimentos, agitado pelo pavor de minha consciência, que representava, com a maior vivacidade, minha esposa, que eu acreditava ver a meu lado, e que lançando-me um olhar terrível, dizia-me: – Cruel! Para que me seduziste e apartaste do amável lado de minha mãe? Para que juraste que me amavas e te enlaçaste comigo com o vínculo mais tenro e mais estreito? Para que te chamaste pai dessa criança abortada por tua causa, se, no final, foste um verdugo de tua esposa e de teu filho?

Semelhantes imputações parecia ouvir da fria boca de minha infeliz esposa. Cheio de susto e de pesar, esperava que o sol levasse as obscuras sombras da noite para sair daquela habitação funesta, que tanto me lembrava meus indignos procederes.

Amanheceu, finalmente, e como, no quarto todo, não havia coisa que valesse um real, saí dele e dei a chave a uma vizinha, com vontade de me afastar de vez daqueles lúgubres recintos.

(p. 640) **Capítulo IX**

Onde Periquitinho conta a sorte de Luísa e uma sangrenta aventura que teve, assim como outras deleitáveis e passageiras

Fi-lo como me propus. Fui andar pelas ruas sem destino, cheio de confusão, sem meio real nem arbítrio para consegui-lo e com bastante fome, pois nem havia jantado na noite anterior e nem tomado café da manhã naquele dia.

Nesse estado fatal, dirigi-me para o antigo covil, ao *arrastraderito* da Alcaicería, para ver se nele achava algum de meus primeiros conhecidos que pudesse compadecer-se por minhas penas e talvez me socorresse de algum modo, ao menos para satisfazer a meu estômago.

Não me equivoquei sobre a primeira parte, porque achei no bar quase todos os antigos fregueses. Logo que me viram, reconheceram-me e inteiraram-se de meu deplorável estado. Ao invés de se compadecerem de minha sorte, trataram de tirar sarro entusiasmadamente de minha desgraça, dizendo:

– Oh, *señor Don Pedro*! Como se sabe, nós, os pobres, fedemos a mortos! Quando tivestes vossa bonança, não voltastes para vos lembrar de nós nem dos favores que nos devestes. Se nos encontrávamos em alguma rua, fingíeis não ver e passáveis sem nos saudares. Se algum de nós vos falava algo, fingíeis não nos conhecer. Se vos procurava, mandáveis tratar com Roque, aquele vosso barbeiro, que também, hoje, anda feito um esfarrapado, e finalmente manifestastes, em vossa bonança, todo o desprezo possível por nós.

“*Señor Don Pedro*, o dinheiro tem dessas benções com aqueles (p. 641) que se esquecem de seus melhores amigos. Quando tivestes dinheiro, procurastes evitar qualquer contato conosco por sermos pobres. Agora que estais sem dinheiro, ide para lá com vossos amigos *señores* de casacos e fraques, e não ponhais os pés aqui novamente até que tragais algum dinheiro para gastar, pois não queremos nos associar convosco, *Señor*.”

Desse modo, insultou-me cada um o máximo que pode. Eu não tive mais oportuna resposta do que me ir, como dizem, com o rabo entre as pernas¹²⁹⁵,

¹²⁹⁵ Nota da Tradutora: O refrão em castelhano é similar à construção em português: “*con la cola entre las piernas*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 641).

refletindo o quão certo era o que me haviam dito e que era forçoso reconhecer (p. 641) o fruto de minha vaidade e de minhas loucuras.

Como a fome apurava-me, tratei de ir pedir algum socorro aos amigos que haviam comido com meu dinheiro e se divertido a minhas custas. Não foi difícil encontrá-los, mas quão grande foram minha cólera e minha angústia quando, depois de rebaixar-me perante todos, apresentando-me a suas vistas em um estado tão indecente, depois de lhes referir minhas misérias e provocar sua piedade com aquela energia que sabe usar a indigência em tais ocasiões, só escutei desprezos, sátiras e piadas!

Uns me diziam:

– Vós mesmos tendes a culpa por ver-vos nesse estado; se não tivésseis sido irresponsável¹²⁹⁶, hoje teríeis de comer.

Outros:

– Amigo, eu apenas tenho o suficiente para manter minha família. Ainda sois jovem e robusto; trabalhai em um regimento, que o rei é pai dos pobres.

Outros, fingindo uma grande admiração, diziam-me:

– Oh, meu Deus! E como conseguiu gastar tudo tão rápido?

Eu lhes contava e eles replicavam:

– Aqueles vossos gastos e vaidades não podiam ter outro fim.

Outros:

– Ide o *señor* com essas queixas aos ricos, que para eles se deve mendigar, e não aos pobres como eu.

Assim iam todos me dissuadindo. Os mais piedosos faziam-me crer que se compadeciam de minha desgraça, mas que não a podiam remediar.

Dessa sorte, triste, desprezado e faminto, saí de (p. 642) todas partes que revisei sem que ao menos um de tantos que se lisonjeavam ao me chamar de amigo desse-me sequer um pedacinho de chocolate.

Para mim, não era novidade enfrentar essas ingratidões, mas eu não tinha aproveitado essas lições. Eu pensava que todos os que se diziam amigos no mundo

¹²⁹⁶ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *si no hubiera sido calavera* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 641). De acordo com o *DRAE* (2023), *calavera* significa: “5. Homem dissipado, festeiro e irresponsável” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/calavera?m=form>. Acesso em: 12 ago. 2023.

o eram das pessoas, (p. 642) e não de seus interesses. Porém, desde então, tenho visto que existem muitos amigos, mas pouquíssimas amizades.

A falsidade dos amigos é muito antiga no mundo. No livro mais santo e verdadeiro, leem-se todas essas sentenças: *Pois há amigos em certas horas que deixarão de o ser no dia da aflição*¹²⁹⁷. *Há amigo que só o é para a mesa, e que deixará de o ser no dia da desgraça*¹²⁹⁸. No mesmo lugar, diz-se: *Feliz aquele que encontrou um amigo verdadeiro*¹²⁹⁹. *Permaneça-lhe fiel no tempo da aflição*¹³⁰⁰. *Sede com o amigo em sua pobreza*¹³⁰¹. *Não me envergonharei de saudar um amigo, nem me esconderei da sua presença; e, se me acontecer algum mal por isso, eu o suportarei*¹³⁰². Louvando o bom amigo, diz-se que *um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro*¹³⁰³. Por último, *nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé*¹³⁰⁴.

¹²⁹⁷ Nota do Autor: “[Ver] *Eclesiástico* 6:8” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 642, nota a) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Tradução encontrada na internet. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/6/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

¹²⁹⁸ Nota do Autor: “[Ver] *Eclesiástico* 6:10” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 642, nota b) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Tradução encontrada na internet. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/6/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

¹²⁹⁹ Nota do Autor: “[Ver] *Eclesiástico* 26:12” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 642, nota c) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: O capítulo citado corresponde às virtudes e maldades da mulher. A tradução encontrada na internet, no corpo do texto, contém o versículo exato citado por Fernández de Lizardi, em *Eclesiástico* 25:12. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/25/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

¹³⁰⁰ Nota do Autor: “[Ver] *Eclesiástico* 26:23” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 642, nota d) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: O capítulo citado não corresponde ao citado na obra. A tradução encontrada na internet, no corpo do texto, contém o versículo exato citado por Fernández de Lizardi, em *Eclesiástico* 22:29. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/22/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

¹³⁰¹ Nota do Autor: “[Ver] *Eclesiástico* 22:28” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 642, nota e) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A tradução no corpo do texto foi encontrada na internet e está disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/22/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

¹³⁰² Nota do Autor: “[Ver] *Eclesiástico* 22:31” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 642, nota f) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A tradução no corpo do texto foi encontrada na internet e está disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/22/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

¹³⁰³ Nota do Autor: “[Ver] *Eclesiástico* 6:14” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 642, nota g) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A tradução no corpo do texto foi encontrada na internet e está disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/6/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

¹³⁰⁴ Nota do Autor: “[Ver] *Eclesiástico* 6:15” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 642, nota h) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A tradução no corpo do texto foi encontrada na internet e está disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/6/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

(p. 642) Mas quem será esse altruísta, esse prudente, esse fiel amigo verdadeiro? *Quem teme o Senhor*, diz o mesmo Eclesiástico, *terá também uma excelente amizade*¹³⁰⁵.

Naquela época, eu estava longe de saber dessas coisas ou de aproveitar as lições que o próprio mundo me oferecia. Assim, sentindo apenas as dores atuais que me afligiam, vendo acabada a esperança que eu tinha em meus falsos amigos, e o fato de que não encontrava abrigo (p. 643) nem consolo em parte alguma e que minha fome crescia, desfiz-me de minha pobre jaqueta para vendê-la, e fui almoçar, sobrando-me, creio, oito ou dez reais.

Passei o dia tentando adivinhar onde passaria a noite. Porém, quando ela chegou, meu mundo desabou¹³⁰⁶, pois não tinha um abrigo onde me refugiar. Nesse estado, decidi seguir até a casa do alfaiate que fez minhas roupas e pedir-lhe que, por Deus, hospedasse-me naquela noite.

Com essa determinação, estava eu na rua dos *Mesones* quando vi Luísa, nada indecente, em um lugar. Pareceu-me mais bonita do que nunca e, pensando em reestabelecer nossa amizade e contar com ela para aliviar meus problemas, aproximei-me de sua porta e, com uma voz muito expressiva, disse:

– Luísa, querida Luísa, reconheces-me?

Ela certamente se lembrou de minha voz, mas, para ter certeza, perguntou-me:

– Não, *señor*, quem sois vós?

Ao que lhe respondi:

– Sou Pedro Sarmiento, aquele Pedro que te amou tanto e que, quando teve dinheiro, manteve-te em um grau de decência e dignidade que tu jamais terias alcançado por tua própria virtude.

¹³⁰⁵ Nota do Autor: “[ver] *Eclesiástico* 6:17” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 642, nota 1) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A tradução no corpo do texto foi encontrada na internet e está disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/6/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

¹³⁰⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *se me juntó el cielo con la tierra* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 643). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 240), a expressão “*juntársele a uno el cielo con la tierra*, significa encher-se de pesar e desânimo diante da repentina descoberta de um mal grave e aparentemente irreversível” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/240/mode/2up?q=cielo>. Acesso em: 12 ago. 2023.

(p. 643) – Ah! Sim! – disse a astuta Luísa. – Sois o *señor* Periquitinho Sarnento, o que foi criado do falecido Tabajara e que me jogou a bofetadas de sua casa. Já me lembro, e é certo que tenho muito por lhe agradecer.

– Bem colocado, Luísa – respondi-lhe –, mas tua infidelidade com Roque deu margem àquele atropelamento.

– Isso já passou – disse-me Luísa. – E agora, o que quereis, *señor*?

– O que hei de querer? Voltar a desfrutar de tuas carícias.

– Pois, não vedes – respondeu-me – que isso é tolice? Ide, não brinqueis comigo, nem vos envolvais com as infiéis. Ide com Deus, antes que venha meu marido e vos ache conversando comigo.

– Então quer dizer que te casaste, filha?

– Sim, senhor, casei-me, e com um rapaz, homem de bem, que me ama muito, e eu a ele. Pois pensáveis que me havia (p. 644) de fazer falta? Não, senhor. Se me cuspistes, outro me pegou. Enfim, eu não quero manter conversa convosco.

Dizendo isso, entrou. Se tivesse dado com a porta em minha cara, eu, tão atrevido e incrédulo graças a seu novo estado, não teria me enfiado atrás dela.

Mas foi exatamente isso que fiz, entrando pela porta. A pobre Luísa, toda assustada, quis sair para a rua. Porém, não pôde, pois segurei seus braços. Forcejamos os dois, ela para sair e eu para detê-la, até que caímos sobre a cama.

Começou a levantar a voz para se defender e, quase gritando, disse-me:

– Sai daqui, *señor* Quitinho, ou *señor* diabo, pois sou casada e não pretendo ofender meu marido.

A porta do acessório ficou entreaberta. Eu estava cego e não prestei atenção a isso, nem previ que seus gritos, que ela aumentava a cada instante, poderiam causar alvoroço para quem passava na rua e expor-me, pelo menos, a uma humilhação.

Tivesse eu parado por aí! Mas o céu preparou um castigo mais adequado a meu crime. Em lugar de qualquer Sancho ou Martim, entrou, na verdade, o marido de Luísa. Ela estava tão perturbada tentando se livrar de mim e eu tão enlouquecido tentando fazê-la ceder novamente a minhas seduções audaciosas que nenhum de nós percebeu que o marido, semicerrando melhor a porta, tinha estado observando a cena pelo tempo suficiente para se certificar da inocência de sua esposa e de meus execráveis intentos.

(p. 644) Quando ele se convenceu de ambas as coisas, lançou-se sobre mim como um raio desprendido da nuvem e, sem dizer mais nenhuma palavra, vociferou:

– Vilão! É assim que se força uma mulher honrada? – e cravou-me uma faca entre as costelas com tanta fúria que a empunhadura não entrou porque não coube.

– Jesus, ajudai-me! – disse eu ao cair no chão, revirando-me em meu sangue. Minha queda foi de costas, e o marido irritado, querendo concluir a obra iniciada, levantou o braço armado, mirando uma segunda facada em meu coração. Então, cheio de medo, implorei:

– Pela Santíssima Maria, deixai-me confessar antes que me mate de uma vez!

Essa voz, ou o patrocínio de Nossa Senhora, mediante a invocação de seu doce nome, conteve aquele homem (p. 645) enraivecido, que, tirando o punhal, disse-me:

– Salvou-te esse divino nome, que sempre respeitei.

A essa altura, já estava o aposento cheio de gente. Os vigias capturaram o causador das feridas, a pobre Luísa estava desmaiada do susto e o confessor, a meu lado. Confessei-me, não sei como; pois quem sabe como se fazem as confissões, os arrependimentos e votos em situações tão desesperadoras, em que o homem mal consegue lutar contra as dores das feridas e o medo da morte?

Após essa cerimônia, que, em minha consciência, não significou nada, sem qualquer preparo, perdoei meu inimigo da boca para fora e ele foi levado injustamente para a prisão junto com sua esposa. Eu, de minha parte, estava morrendo sem esperança de sobreviver, pois sangrava demais, sem que houvesse alguém para estancar o sangue ou sequer cobrir minha ferida. Nem mesmo um cirurgião, que, por casualidade, entrou lá, pôde fazer algo, pois todos diziam que era necessária uma ordem judicial para essas diligências urgentes.

A perda de sangue que eu sofria era abundante. Enfraquecia-me a cada momento. A náusea anunciava minha morte iminente. Toda a natureza humana comovia-se pela dor e pelo desejo de socorrer-me diante de minha aparência cadavérica. Porém, ninguém se decidia a oferecer-me a ajuda que sua caridade ditava; nem mesmo moveram-me daquele lugar. Então, Deus permitiu-me que, com a ordem do juiz, chegasse uma maca, de forma que conduziram-me para a prisão.

Colocaram-me na enfermaria. Como era noite, o cirurgião demorou para chegar. Quando veio, colocou-me de bruços, introduziu uma sonda, que doeu mais

do que a facada. (p. 645) Colocou uma vela na ferida para verificar se o pulmão estava perfurado e fez não sei quantas manobras. Depois, aplicou o tratamento para estancar o sangue, o que não lhe trouxe dificuldade, devido à grande quantidade que eu havia perdido. Depois, deram-me a bebida de atole, ou algo semelhante, declarando que a ferida não era mortal.

Passei aquela noite como Deus quis. No dia seguinte, levaram-me ao hospital, onde não estranhei nem a prolixidade do médico, nem a assistência da enfermaria da prisão. Ali na cama, dei minhas declarações e desculpas, que, consonantes com as de Luísa, bastaram para pô-la em liberdade com seu marido.

Depois de vinte dias, deu-me por bom o cirurgião, e, atendendo os juízes a minhas petições e ao tempo e aflições das quais havia padecido, puseram-me em liberdade. Notificaram-me para que jamais voltasse a passar pelos umbrais de Luísa, o que eu prometi cumprir de todo meu coração, já que não era para menos o susto que havia levado

Expulsaram-me do hospital para a rua. Desse modo, fiquei, como sempre, sem dinheiro no bolso, porque não sei se os guardas, os enfermeiros da prisão ou os do hospital me fizeram o favor de roubar o pouco que me sobrou da venda de minha jaqueta.

Fora do hospital, tentei, como de costume, encontrar algum emprego que, ao menos, garantisse-me uma refeição. Por acaso, veio-me a ideia de entrar na missa da paróquia de San Miguel.

Ouvi-a com muita devoção e, ao sair, encontrei, na porta da igreja, um antigo conhecido, com quem compartilhei minhas dificuldades. Ele disse-me que era o sacristão da paróquia e precisava de um ajudante. Informou-me que, se eu quisesse, acomodar-me-ia em seu serviço.

(p. 646) – Na hora – respondi-lhe –, mas tu terás de dar-me o almoço, pois estou com muita fome.

O pobre fez isso. Fiquei com ele, e cá estou agora como aprendiz de sacristão.

(p. 647) **Capítulo X**

Onde aquele a quem chamamos Periquitinho deu uma de sacristão; a aventura que teve com um cadáver; seu ingresso na confraria dos mendigos e outras coisinhas tão verídicas quanto curiosas

Se todos os homens viessem a público com suas vidas escritas de maneira tão exata e sensível quanto a minha, apareceria uma multidão de Periquitinhos no mundo, cujos altos e baixos se esconderiam, porque cada um procura ocultar seus deslizes.

As passagens de minha vida que vos contei e as que faltam escrever nada tem, filhos meus, de violentas, estranhas e nem fabulosas. São assaz naturais, comuns e verídicas. Não se passaram somente comigo, mas a maioria delas acontece diariamente com os Periquitos encobertos e envergonhados. Eu só vos rogo o que já disse outras vezes, isto é, que não leiais minha vida como um mero passatempo; mas que, de meus descaminhos, acontecimentos ridículos, largas digressões e lances burlescos, procureis aproveitar as máximas da sólida moral que vão nela plantadas, imitando a virtude onde a conhecerdes, fugindo do vício e ensinando a lição para as mentes dos mal castigados. Isso será equivalente a separar o joio do trigo e, desse modo, lereis não só com gosto, mas também com deleite o presente capítulo e os que seguem.

Acomodado como soto-sacristão¹³⁰⁷, com um pequeno salário e um escasso prato que meu patrão proporcionou-me, comecei a servir-lhe, enquanto me dava suas ordens.

Não foi difícil agradá-lo, porque um rapaz de doze anos, filho dele, instruiu-me não somente em minhas obrigações (p. 648), mas também no modo de conseguir meus ganhos adicionais¹³⁰⁸. Assim, prontamente aprendi a esconder os pingos de cera das velas e ainda cabos inteiros para vendê-los, roubar quantidades pequenas

¹³⁰⁷Nota da Tradutora: De acordo com o *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española* (1931, p. 271), o *sotasacristán* é o “ajudante do sacristão” (Nossa tradução). Outra palavra relacionada é *sotasacristanil*, adjetivo que significa ‘pertencente ou relativo ao *sotasacristán*’. Essas palavras podem ser encontradas em obras de Cervantes, como *La guarda cuidadosa* (1615) e *Rinconete y Cortadillo* (1616). Já observamos, no texto, a palavra *sotaministro*. O prefixo *sota*, de acordo com o *DRAE* (2023), “significa ‘subalterno imediato’ ou ‘substituto’” (Nossa tradução). A definição de *sota* está disponível em: <https://dle.rae.es/sota?m=form>. Acesso em: 13 ago. 2023.

¹³⁰⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *percances* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 648). A segunda acepção do *DRAE* (2023) mostra: “utilidade ou proveito eventual sobre o salário ou remuneração” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/percance?m=form>. Acesso em: 13 ago. 2023.

de vinho dos padres, (p. 648) importunar os noivos e padrinhos de batismo para que me dessem gorjetas e cometer piores fraudes e roubinhos pelos quais não sentia o menor remorso.

Em pouco tempo, tornei-me mestre, e meu chefe já se descuidava completamente de minha vigilância. Uma virtude e um defeito a mais que levei ao ofício, e dos quais me esqueci em meu curto tempo de aprendiz.

A virtude era algum aparente respeito que conservava às imagens e coisas sagradas. O defeito era o grande medo que tinha dos mortos. Mas tudo se acabou. Ao princípio, quando passava na frente do sacrário, fincava ambos os joelhos e, quando me levantava de noite para acender a lâmpada, tremia de medo, e até minha sombra e o ruído dos gatos figuravam como defuntos que se levantavam das sepulturas. Porém, depois, tornei-me tão irreverente que, ao passar pelo tabernáculo, contentava-me, no máximo, com um salto ao estilo de um índio dançante, e, com minha audácia sacrílega, cheguei até a ficar de pé sobre o altar.

Do mesmo modo, assim como o augusto Sacramento, perdi o respeito com o trato das imagens, vasos e paramentos litúrgicos. Também perdi o medo dos mortos depois que comecei a manejá-los com confiança para jogá-los à sepultura.

Meu companheiro, o aprendiz, serviu-me muito, porque, quando entrei para o ofício, ele já estava bastante adiantado. Assim, fez-me atrevido e irreverente, ainda que eu o tenha, como recompensa, ensinado a roubar de um ou outro modo que não havia chegado a seu conhecimento.

O primeiro foi ficar com um tanto da proporção do que se coletava para as missas. O segundo, despojar os mortos e mortas que não iam com má pelagem para o túmulo.

Uma noite, por essas graças, sucedeu-me uma aventura que, por pouco, não me custou a vida, embora tenha custado o emprego.

Foi o caso em que, uma tarde, eu e meu companheiro, o rapaz, sepultando a uma senhora rica que tinha morrido repentinamente, observei, ao colocá-la no caixão, que algo brilhou numa (p. 649) mão saída da manga da mortalha. Naquele instante, e com toda dissimulação, coloquei-a para dentro, jogando em cima uma cesta¹³⁰⁹ de

¹³⁰⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tompeate* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 649). De acordo com o *Diccionario del español de México* (2023),

cal, segundo (p. 649) o costume. Enquanto os acompanhantes gargarejavam e o coro os ajudava com a música, aproveitei para dizer ao companheiro:

– Camarada, não apertes muito, pois temos despojos, e bons. Com isso, dando uma martelada no prego, encerramos a defunta no sepulcro, cuidando para não amontoar muita terra em cima para que nos fosse mais fácil a exumação. O enterro concluiu-se e os enlutados e abelhudos foram-se para suas casas, crendo que ficava tão enterrado o cadáver quanto qualquer outro.

Assim que fiquei sozinho com o sacristãozinho, disse-lhe o que havia observado na mão da morta e que não podia ser nada menos do que um bom anel com pedras preciosas¹³¹⁰, que, por um grosseiro descuido ou outra casualidade imprevista, tinha ficado com ela.

O rapaz parecia duvidar, pois dizia-me:

– Mesmo que não estiver usando um item como esse, ela é muito rica e deve ter, pelo menos, um rosário e boas roupas. Portanto, não devemos deixar escapar essa fortuna que entrou pelas portas, ainda mais considerando que poupamos o trabalho de despregar a caixa, já que os pregos mal perfuraram a tampa. O fato é que não devemos perder essa oportunidade.

Resolvidos dessa maneira, esperamos que soassem as doze da noite, hora em que o sacristão principal dormia no mais profundo de seu sono. Prevenidos de uma vela acesa, baixamos para a igreja.

Começamos a trabalhar na manobra de tirar a terra, até que descobrimos o caixão, que tiramos e despregamos com grande cautela. Levantada a tampa, tiramos para fora o cadáver e o seguramos, aproximando-se meu companheiro com ele do altar mais próximo, abraçando-o das costas sobre seu peito, porque não podia ser de outro modo o despojo, em virtude do corpo ter adquirido uma rigidez ou inflexibilidade extraordinária.

Nessa disposição, acudi eu às mãos, que, para mim, era o mais interessante. Tirei a direita e vi que tinha, de fato, um anel muito regular, o que me custou muitas

tompeate ou *tompate* é uma “cesta pequena, de forma cilíndrica, tecida com palha muito flexível, usada para guardar tortilhas, grãos, frutas, entre outros [...]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dem.colmex.mx/Ver/tompeate>. Acesso em: 13 ago. 2023.

¹³¹⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cintillo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 649). De acordo com o *DRAE* (2023), o *cintillo* é um “anel pequeno de ouro ou prata, ornamentado com pedras preciosas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/cintillo?m=form>. Acesso em: 13 ago. 2023.

gotas (p. 650) de suor para tirá-lo, seja por não sei que tipo de temor que jamais me faltava nessas ocasiões, seja pela força que fazia para ajudar o companheiro a demovê-lo, porque tinha a mão quase fechada e os dedos meio inchados e muito encolhidos. Porém, ao fim, vi-me com a joia em minha mão.

Passamos a registrar e ver o estado das demais vestes. Observei que o companheiro não se equivocou quando acreditou que elas fossem boas, porque a camisa era muito fina, do mesmo modo que as anáguas brancas. Ela tinha umas anáguas exteriores quase novas de fino cabo da China¹³¹¹, um cinturão de seda, um lenço de cambraia¹³¹², um rosário com sua medalha, que fiquei sem saber de que era, e suas boas meias de seda.

– Tudo isto tem valor – disse-me meu camarada –, mas como faremos para desnudá-la, sendo que está mais rígida que um pau?

– Não te apures! – disse-lhe. – Pegue seus braços e os abrace, tendo-a em cruz, enquanto eu desato o cinturão, que deve ser a primeira diligência.

Assim fez o companheiro trabalhosamente, porque os nervos dos braços procuravam recobrar o primeiro estado em que a morte os deixou.

A defunta era meio velha e tinha uma face respeitável. Nosso atrevimento era passível de punição, e a solidão e a escuridão do templo enchiam-nos de pavor. Assim, procurávamos apressar o passo quando nos era possível. Para isso, tentava desatar o cinturão, que estava amarrado às costas, mas estava tão cego que, por mais que tentasse, não conseguia fazê-lo. Então, disse-lhe que eu seguraria os braços para que ele desatasse de modo mais cômodo.

Assim se determinou a fazer de comum acordo. Segurei firmemente os braços dela. Meu companheiro levantou a mortalha e começou a tentar desamarrá-la. Porém, não conseguia nada, pela mesma razão que eu.

¹³¹¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Cabo de China* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 650). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 166), chamou-se de *cabo* ao “pano que antigamente vinha da China, mas que se ignora qual [tipo, nome] era” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/166/mode/2up?q=china>. Acesso em: 13 ago. 2023.

¹³¹² Nota da Tradutora: [nosso itálico] De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 192), o *cambray* é um “pano muito comum que antigamente era utilizado em nosso país [Nicaragua]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/192/mode/2up?q=cambray>. Acesso em: 13 ago. 2023.

(p. 650) Em busca de sua missão, subia sobre o cadáver, (p. 651) e eu o apertava contra ele, jogando-o por cima. Como eu estava abaixo do palete, vencia-me a superioridade do peso, o que significa que tínhamos o cadáver impressado.

De tanto meu companheiro labutar e de tanto apertarmos a pobre falecida, exalou-se, inadvertidamente, um pouco de ar que quiçá repousasse em seu estômago. Conjecturo tal situação agora. Naquele ínterim, e sob os apertões mais severos, apenas inferimos que a finada havia se queixado, lançando um bafo muito repulsivo, que eu aspirei. Aturdido por ele e pelo susto da queixa, desconcertei-me completamente e soltei seus braços, que, recobrando o estado de elasticidade que tinha, cruzaram-se sobre meu pescoço a tempo de um maldito gato saltar sobre o altar e desfazer a vela, relegando-nos à triste e opaca luz da lamparina.

Parece desnecessário dizer que, diante de tantas casualidades, cedendo ao corpo alheio sobre mim e me acovardando imponderavelmente, caí desmaiado, também por conta do peso, nas margens de sua própria sepultura.

O desventurado ajudante, ao observar a queixa da senhora morta, viu que ela me abraçava e caía sobre mim, enquanto o feroz gato saltava junto dela. Em razão disso, acreditou que nos levavam os diabos em castigo por nosso atrevimento, de sorte que, sem ter alento para o fim da cena, sem palavras, também caiu, por conta própria.

O susto não foi tão trivial ao ponto de que pudéssemos nos recobrar prontamente. Permanecemos sem os sentidos, jogados junto à morta até as quatro da manhã, hora em que, levantando-se o sacristão e não nos encontrando em nosso quarto, acreditou que estaríamos na sacristia cuidando dos ornamentos para que o *señor* cura, que era madrugador, celebrasse sua missa.

Com esse pensamento, ele se dirigiu à sacristia, mas não nos encontrou lá. Por essa razão, foi procurar-nos na igreja. Mas qual não foi a surpresa quando viu o sepulcro aberto, a defunta exumada e jogada ao solo, acompanhada de nós, que não dávamos sinal de vida! Não pôde fazer nada mais do que dar parte ao *señor* cura, que, ao ver-nos na referida situação, chamou seus serviçais e levaram-nos para dentro, procedendo com o segundo sepultamento do cadáver.

(p. 652) Feita esta diligência, tratou de conseguir alguém que nos curasse e reanimasse com alcalinos, ventosas, ligaduras, lã preta e tudo quanto conjecturou ser útil em semelhante situação.

(p. 652) Com tantos auxílios, recobramo-nos do desmaio e tomamos cada um uma xícara do chocolate do cura, o qual, logo que nos viu fora de risco, perguntou a causa de nosso padecimento e daquilo que ele havia visto.

Eu, prevenindo que o feito era inegável, confessei ingenuamente todo o ocorrido, apresentando ao cura a faixa. Assim que olhou nossa relação, ele teve de se esforçar para conter a risada. Porém, lembrando-se de que era ele o responsável pelos desacertos, encarregou o castigo de meu companheiro a seu padre. A mim, disse-me que fosse embora no mesmo dia, indicando que eu deveria lhe agradecer muito por não nos enviar para a prisão, onde aplicariam a pena que determinam as leis contra os que invadem os sepulcros, desterram os cadáveres e roubam vestimentas religiosas, joias ou outra coisa.

– Essa penitência – disse-me o cura –, que a entendais a fim de que não recaiais em idêntica transgressão doravante, é, no caso dos que ousam profanar os túmulos à força de armas, a sentença capital. No entanto, quando essa transgressão ocorre de forma sorrateira, como presenciamos agora, os infratores devem ser sentenciados a servirem aos árduos labores designados pelo Rei.

“Mas eu, que caridosamente quero desculpá-lo dessa penalidade, não posso mantê-lo em meu curato¹³¹³. Aquele que se atreve a roubar uma joia de um cadáver, terá mais facilidade em se atrever a saquear uma imagem ou um altar, seja amanhã ou em outro dia qualquer. Portanto, ide embora, para que eu não o veja novamente em minha paróquia.

Dizendo isso, o cura retirou-se. Em se tratando de meu companheiro, seu padre lhe deu uma boa surra de chicotadas, de forma que me debandei para a rua antes que algo mais sucedesse.

Voltei a tomar meu acostumado trote nestas aventuras desventuradas¹³¹⁴. Os *arrastraderitos*, as ruas, as *pulquerías* e as pousadas eram meus asilos ordinários. Não tinha melhores amigos nem camaradas melhores do que jogadores, bêbados,

¹³¹³ Nota da Tradutora: O curato ou curado era uma zona geográfica eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana provida de um cura residente para cuidar das atividades religiosas, sob a dependência de uma paróquia, mas com ampla autonomia; trata-se, em geral, era dotado de uma igreja menor ou de uma capela com um batistério”. Disponível em: <https://adilsoncostafilho.blogspot.com/2021/02/historia-da-criacao-do-curato-de.html>. Acesso em: 13 ago. 2023.

¹³¹⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *aventuras desventuradas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 652).

ociosos, (p. 652) ladrõezinhos e todo gênero de velhacos, pois eles costumavam proporcionar-me algum petisco, farta bebida e pousadas ruins.

Quatro meses permaneci como sacristão, fazendo minhas (p. 653) fraudezinhas, com as quais, mais do que com meu pífio salário, comprei miserável trapo, que se gastou quinze dias após minha expulsão.

Lembro-me de que um dia, não tendo o que comer, encontrei um amigo em frente à Catedral, ao redor do Portal das Flores. Quando pedi meio real a ele, disse-me:

– Não tenho um tostão! Estou na mesma situação que a tua. Queria que me levasses para almoçar na Alcaicería, pois, segundo ouvi na velha bodegueira, lá tens guardados dois ou três reais.

– É verdade! – disse-lhe. – Mas, com o gosto de minhas bonanças, já havia me esquecido disso. Admiro-me muito da boa consciência da bodegueira. Se fosse outra, isso já estaria perdido.

Nisso, fomos comer como nos era possível. Concluída a comida, foi-se meu amigo para seu lado, e eu, para o meu, para seguir experimentando meus trabalhos como antes.

Já feito um bandidinho¹³¹⁵, sujo, fraco, pálido e doente por força da má vida que levava, tornei-me amigo de um maltrapilho como eu. Ao contar-lhe minhas desgraças e que não tinha sido acolhido nem na igreja, como se fora o delinquente mais traíçoeiro do mundo, disse-me que tinha uma sugestão para me dar. Embora não me proporcionasse riquezas, pelo menos me daria de comer sem precisar trabalhar. Informou-me que era fácil e não custava nada realizar tal empresa, acrescentando que alguns amigos seus viviam disso e que eu tinha os requisitos para abraçar tal ideia, de forma que, caso quisesse, não me arrependeria em momento nenhum.

– Como não quereria – respondi-lhe –, se já estou faminto, e os piolhos me comem vivo?

¹³¹⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *píltro* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 641). De acordo com o *DRAE* (2023), é um jargão para “ajudante de delinquente” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/rufi%C3%A1n?m=form>. Acesso em: 13 ago. 2023.

(p. 653) – Pois bem – disse-me o esfarrapado –, vamos para casa, que, às nove, vão chegar meus discípulos. Depois que jantardes, escutareis as lições que dou e os avanços de meus alunos.

Assim o fiz. Chegamos às oito da noite na casinha, que era um quarto de casa de *atoleras*¹³¹⁶, lá pelo bairro de Necatitlán¹³¹⁷, muito indecente, sujo e hediondo. Ali, não havia senão um braseirinho de barro que chamavam *anafe*¹³¹⁸, quatro ou (p. 654) ou seis *petates* enrolados e aproximados da parede, um escabelo ou banco de madeira, uma estampa de não sei que santo em uma das paredes com uma prateleira de *tejamanil*¹³¹⁹, dois ou três *cajetes*¹³²⁰ com urina, um banquinho de sapateiro, muitas muletas em um canto, algumas cestas feitas de palma tecida e uma porção de panelinhas em outro lado, uma tábua com tapa-olhos, óleos e outras bugigangas semelhantes.

Enquanto eu dirigia meu olhar à habitação e ao malfadado enxoval contido nela, comecei a nutrir desconfiança acerca da solidez do empreendimento que o maltrapilho havia me apresentado há pouco. Ocorrendo-lhe perceber a desconfiança que se insinuava por meio da expressão que minha fisionomia assumira, disse-me:

– Senhor Quitinho, tenho pleno conhecimento do bem que comercializo. Esta morada tão humilde, estes *petates* e móveis que avistais não são, de maneira alguma, desprezíveis ou inservíveis como pode vos parecer. Toda essa conjuntura concorre para o projeto, visto que...

Concomitantemente, um a um, ou aos pares, cerca de oito ou nove andarilhos ingressaram no espaço, todos eles desgastados, imundos, remendados e resignados ao demônio; não obstante, o aspecto que verdadeiramente surpreendeu-me foi a forma como, à proporção que adentravam ao recinto, alguns repousavam suas

¹³¹⁶ Nota da Tradutora: Casa onde vendem *atole*. Disponível em: <https://dle.rae.es/atolero?m=form>. Acesso em: 13 ago. 2023.

¹³¹⁷ Nota da Tradutora: De acordo com Gayón e Morales (2007), Necatitlán, durante o século XIX, era um bairro da periferia da Cidade do México, considerado perigoso por ser esconderijo da bandidagem. Para mais informações, visitar: <https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/articulo:13242>. Acesso em: 13 ago. 2023.

¹³¹⁸ Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), o *anafe* é um “fogareiro, geralmente portátil” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/anafe?m=form>. Acesso em: 13 ago. 2023.

¹³¹⁹ Nota da Tradutora: *Tejamanil*, madeira quebradiça. Ver nota 674 de nossa tradução.

¹³²⁰ Nota da Tradutora: De acordo com o *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española* (1895, p. 461), o *cajete* seria uma “espécie de tigela ou caçarola funda de barro sem esmaltar” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtlle?cmd=Lema&sec=1.0.0.0.0>. Acesso em: 13 ago. 2023.

muletas (p. 654) em algum recanto e deslocavam-se com destreza, amparados por ambos os membros inferiores; outros retiravam os remendos que evidenciavam e apresentavam uma pele limpa e sã; alguns eliminavam suas fartas barbas e cabelos grisalhos, os quais induziram-me a presumir-lhes de avançada idade, transformando-se em indivíduos de aparência regular; havia também aqueles que, ao ingressar, corrigiam sua postura, erigindo-se ou descurvando-se, e todos eles deixavam na soleira do cubículo suas doenças e padecimentos, emergindo como homens, e até mesmo uma mulher que, ao entrar, demonstrou-se apta a empunhar um mosquete e a triturar um almude de milho num *metate*.

Então, cheio da mais justa admiração, perguntei a meu desastrado amigo:

– O que é isso? Sois algum santo cuja presença realiza, por si só, os milagres que vejo? Pois aqui todos chegam mancos, cegos, manetas, surdos, leprosos, paráliticos e mutilados. Ao pisarem nos umbrais desta asquerosa habitação, veem-se não somente restituídos a sua antiga saúde, mas até rejuvenescidos. Trata-se de uma maravilha que não ouvi pregar dos mais ponderados santos em milagres!

(p. 655) Ele riu com tanta vontade que cada extremo de sua boca aberta beijava a ponta de suas orelhas. Seus companheiros lhe secundavam do mesmo modo. Quando descansaram um pouco, disse-me ele:

– Amigo, nem eu nem meus companheiros somos santos, nem nos juntamos com quem o seja; crede nisso, *señor*, sem que o juremos. Esses milagres que vos surpreendem, não os fazemos de fato; quem os faz são os fiéis cristãos, com cuja caridade contamos para adoecermos pela manhã e nos curarmos de todas as doenças durante a noite. Dessa maneira, se os fiéis não fossem tão piedosos, não adoeceríamos nem melhoraríamos com tanta facilidade.

– Pois agora estou com mais indagações do que antes. Desejo com mais afinho saber como se realizam tantos prodígios e como podem ser verificados em virtude da piedade dos cristãos. Desejava – adicionei – que me fizésseis o favor de não me deixar com a dúvida.

– Pois, amigo – redarguiu o maltrapilho –, como sois confiável e vos comprometeis a guardar o segredo, direi. Não somos nem cegos, nem mancos, nem corcundas como parecemos nas ruas. Somos uns pobres mendigos que inventamos histórias, multiplicamos orações, choramos desgraças, insistimos e desgastamos todo mundo, para finalmente conseguir um pedaço de pão. Comemos, bebemos (e não

água), apostamos e alguns de nós têm, inclusive, suas *pichicuaracas*¹³²¹, ou amásias, como Anita (esta Anita era a maltrapilha rechonchuda e não muito feia que acabava de entrar com uma criança nos braços, (p. 655) amásia do patrão ou do mendigo chefe, que era quem conversava comigo). O trabalho é – prosseguia o andrajoso – fingir-se de cegos, tísicos, mancos, leprosos e desafortunados de todos os modos; chorar, pedir, implorar, inventar histórias, dizer blasfêmias e desatinos nas ruas e importunar ao que se apresente de todas as maneiras que se possa, a fim de sacar o dinheiro, como fazemos.

(p. 656) “Já tendes aqui todo o efeito milagroso do ofício e o grande projeto que vos ofereci para não morrer de fome. É necessário não ser tolo, porque o tolo não é bom para nada, nem para o bem, nem para o mal. Se sabeis valer-vos de meus conselhos, comereis, bebereis e fareis o que quiserdes segundo vossa habilidade, pois o pagamento será conferido em conformidade com vosso trabalho. Porém, se sois tolo, envergonhado e covarde, não tereis nada.

“Esses que vedes, devem a mim seus avanços. Porém, eles sabem fazer seu dever. Vereis vós agora.

Nesse ínterim, todos começaram a prestar contas, como em uma aula, a fim de esclarecer o quanto conseguiram no dia. Cada um mostrou suas panelinhas e vasilhas cheias de migalhas e sobras dos pratos alheios, além de alguns poucos reais que juntaram.

Chegou, por último, a dita Anita, que apresentou somente cinco reais, dizendo:

– Como esse diabo de menino já está calejado, comi somente hoje e juntei este pouco, mas amanhã me pagará.

Admirado eu com essa relação, tratei de me informar como podia contribuir aquela terna criança ao ofício dos mendigos, e soube, com grande dor, que aquela indigna e desapiedada mulher beliscava ao pobre inocente quando pedia esmola, a fim de comover aos fiéis e excitar sua caridade com a veemência de seus gritos.

Não me scandalizei pouco com semelhante inumanidade. Porém, percebendo a facilidade e conveniência da profissão, dissimulei o máximo que pude e decidi entrar como aprendiz naquela mesma hora.

¹³²¹ **Transcrição da nota 654, da edição de 2008 (p. 655): “*Pichicuaracas*: com este nome, costuma-se designar a amiga ou mulher com quem se vive em amizade ilícita (Retirado da quarta edição)” (Nossa tradução).

(p. 656) Ouvir aqueles malandros contarem as técnicas de que se valiam para tirar os meios financeiros dos bolsos mais fechados era muito singular. Uns diziam que fingiam-se de cegos, outros, feridos, outros, simplórios, outros, leprosos, e todos, mortos de fome.

Meu amigo, o chefe mestre da quadrilha, disse-me:

– Como podeis ver, fui eu quem ensinou a cada um desses pobres o modo com que devem buscar a vida. Estou (p. 657) certo de que nenhum está arrependido de seguir meus conselhos. Contento-me eu com o pouco que eles me querem dar para passar minha vida; já estou aposentado e quero descansar, porque trabalhei muito nessa carreira. Se quereis segui-la, dizei qual é vossa vocação para que vos habilite com o necessário. Se quereis ser manco, damos-lhe muletas; se aleijado estiverdes ou sem esperança, vossa tira de couro arrastada; se ferido, remendos e trapos embebidos em óleos; se um idoso decrépito, vossas barbas e cabelos; se aflito, sabereis do que precisais. Enfim, para tudo, tereis os instrumentos necessários, incluindo panelas, trapos e cajados. Compreendei que deveis viver conosco, não sendo ingênuo para pedir, nem tolo para se retirar ao primeiro desdém que receberdes. Deveis entender que nem sempre os homens dão esmolas por Deus: muitas vezes, dão por si mesmos, e algumas, pelo demônio. Por si mesmos, fazem-no para se livrar de algum homem que os persegue por duas quadras, sem temer suas desculpas ou insultos; e pelo demônio, quando dão esmolas para parecerem generosos, especialmente diante das mulheres. Envelheci nesse honroso destino e sei por experiência que há homens que nunca dão um centavo a um pobre, a menos que estejam na presença das moças que desejam agradar, seja porque querem ser vistos como cavalheiros generosos, seja para se livrarem daquelas testemunhas importunas que, por vezes, atrapalham seus galanteios ou interrompem suas conversas sedutoras.

“Isso vos digo para que não se canse ao primeiro *perdoai-me* que lhes digam, mas que sigais e persigais ao que sabes que tem dinheiro e não o deixais até que afrouxe seu bolso. Procurai ser inoportuno, que, assim, tirará suas migalhas. Investi primeiro nos que vão com mulheres, antes de chegar nos que vão sozinhos. Não peçais a militares, frades, colegiais nem maltrapilhos, pois todos esses indivíduos professam a santa pobreza, ainda que nem todos com voto. Por último, não percais

de vista o (p. 657) exemplo de seus companheiros, que vos ensinará o que deveis fazer e as fórmulas que deveis observar para pedir a cada um segundo sua classe.

Agradei a meu novo mestre por suas lições (p. 658) e disse-lhe que minha vocação era de cego, pois considerava que me custaria pouco trabalho fingir estar privado da vista sem ter sinais exteriores nem lesões sensíveis nos olhos¹³²² e andar com um cajado tateando. Além disso, tinha observado que nenhum pobre costuma comover a lástima melhor do que um cego.

– Está bem! – respondeu meu desalinhado orientador. – Mas tendes vós algumas histórias prontas?

– O que poderia saber – respondi-lhe –, se nunca me meti com esse tipo de atividade?

– Pois, amigo – continuou ele –, é forçoso que tenhais algumas, porque cego sem histórias prontas é como título sem renda, pobre sem graça e corpo sem alma; assim, é necessário que aprendais algumas, como a *Oração do Justo Juiz, A despedida do corpo e da alma* e alguns exemplos e histórias que conhecem os cegos falsos e verdadeiros, as mesmas que ouvireis relatar vossos companheiros, para que escolhais as que quiserdes que vos ensinem.

“Também é necessário que saibais a ordem de pedir, segundo os tempos do ano e dias da semana. Assim, às segundas, pedirá pela divina Providência, por São Caetano e pelas almas do purgatório. Às terças, pelo senhor Antônio de Pádua. Às quartas, pelo Sangue Sagrado. Às quintas, pelo Santíssimo Sacramento. Às sextas, pelas dores da Santíssima Virgem Maria. Aos sábados, pela pureza de Nossa Senhora e aos domingos por toda a corte do Céu.

“Não convém vos descuidar de implorar as bênçãos dos santos que angariam os mais fervorosos devotos, sobretudo em seus dias sagrados. Assim sendo, importa consultar o almanaque para discernir quando se celebra São João Nepomuceno, o ilustre senhor São José, o piedoso São Luís Gonzaga, a virtuosa Santa Gertrudes e

¹³²² Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *fingir una gota serena* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 658). De acordo com o *Diccionario de autoridades* (1734, tomo IV), *gota serena* é a “privação total da visão, sem sinal externo ou lesão visível nos olhos, que decorre da falta de comunicação dos espíritos visuais, devido à obstrução interna dos órgãos ópticos ou ao relaxamento causado pelo humor que, gradual ou repentinamente, se acumulou neles” (Nossa tradução). Frye (2004, p. 357), na nota 4, afirma que se trata da doença *amaurosis*. Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 14 ago. 2023.

outros semelhantes. (p. 658) Além disso, é premente que mantenhais, em sua mente, a disponibilidade de rogar conforme as vicissitudes do tempo.

“Durante a Semana Santa, elevai suas preces pela Paixão do Senhor; no dia de Finados, dirijais suas súplicas às almas benditas; no mês de dezembro, erguei suas invocações a Nossa Senhora de Guadalupe. E, dessa maneira, em todos os momentos, dedikai-vos a clamar pelas intercessões dos santos e a celebrar as festividades do dia. E quando, por ventura, vossa memória fraquejar, suplicará pelas bênçãos do santo dia que hoje nos é dado, tal como o fazem seus confrades de fé.

“Essas parecem frivolidades, mas não são senão gestos íntimos indispensáveis para o ofício, porque, com essas preces (p. 659), há tempos se promove melhor a piedade e devoção, afrouxando os bolsos dos caridosos cristãos.

Nisso, aqueles malandros começaram a dizer setenta romances e se referir a duzentos exemplos e milagres apócrifos e cada um deles recheados de duzentas mil tolices e barbaridades que poderiam, inclusive, passar por heresias ou, pelo menos, blasfêmias.

Fiquei atordoado ao ouvir tantos disparates simultaneamente. Dizia para mim mesmo: como é possível que não haja quem contenha esses abusos e coloque um freio nesses insensatos? Como não se percebe que a plateia que os cerca e os ouve é composta pelas pessoas mais ignorantes e tolas da república, aquelas que estão prontas para se impregnar das loucuras que eles espalham em seus espíritos, e para abraçar todos os erros que lhes são introduzidos pelos ouvidos? Como não se reflete que esses horrores e milagres apócrifos que eles pregam, às vezes, levam os tolos a confiar cegamente na misericórdia de Deus, desde que deem esmolas? Como não se pensa que, outras vezes, também levam a acreditar no poder de seus santos, que representam como maior do que o próprio poder divino¹³²³, e todos ou a maioria enchem suas cabeças de mentiras, horrores, milagres e revelações? Sem dúvida, tudo isso merece atenção e reforma. Seria muito útil que todos os cegos que pedem por meio de suas histórias apresentassem essas questões nas vilas, aos padres, e na capital e outras cidades, a alguns senhores eclesiásticos designados para examiná-las, os quais jamais permitiriam que pregassem algo além da explicação da doutrina

¹³²³ Nota do Autor: “Quem teve a paciência de ouvir os relatos dos mendigos, saberá que não existe aqui nada de falso” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 659, nota a) (Nossa tradução).

cristã, (p. 659) trechos históricos eclesiásticos ou profanos, descrições geográficas de alguns reinos ou cidades e coisas semelhantes. Porém, quaisquer dessas coisas são bem-feitas, em bom verso e cuidadosamente preparadas, e de forma alguma se permitiria que pregassem tantas fábulas que nos são vendidas sob o nome de exemplos.

Pode parecer uma reflexão trivial, mas se fosse observada, o tempo revelaria o benefício que poderia resultar dela para o povo rude, e os erros que deixariam de absorver.

(p. 660) Entretinha-me com essas considerações quando me chamaram para jantar, o que não me foi nada mal, porque tinha fome.

Sentamo-nos em roda em volta de um *petate*, cujo tecido serviu como toalha de mesa, não havendo outro para esse propósito. Serviu-nos Anita uma boa panela de chile com apenas queijo, ovos, chouriço e linguiça, mas tudo tão bem frito e temperado que somente o cheiro já era capaz de excitar o apetite mais esquivo.

Após comermos, trouxe-nos uma cabaça ou *guaje*, cheio de aguardente de cana, um copo e outra tigela de feijões fritos com muito óleo, cebola, queijo, pimentinha e azeitonas, acompanhado do pão necessário.

Cada um de nós tomou seu prato e começou a circular o recipiente. Quando estávamos alegres, disse-me o capataz dos mendigos:

– O que pensais, camarada, dessa vida? Viverá melhor um conde?

– Dou fé que não – respondi-lhe. – Acomodo-me muito bem e agradeço mil vezes a Deus, porque já encontrei o que buscava com tanta ânsia desde que tenho uso da razão. Tratava-se de um ofício ou modo de viver sem trabalho, porque eu, embora sempre tenha comido, pois do contrário já haveria morrido, sempre me perguntei qual trabalho não me custou? Quantas vergonhas não passei? Que amos imprudentes não me fizeram sofrer? A quantos riscos não me expus? Quantas lisonjas não tive de desperdiçar e sustos ou ainda pauladas não padeci? Mas, agora, senhores, este não é mais meu infortúnio. Quem não se invejaria de minha fortuna ao ver-me admitido na honradíssima classe dos *señores* mendigos, em cuja respeitável corporação come-se e bebe-se tão bem sem trabalhar? Veste-se, aposta-se e passeia-se sem risco. Desfrutam-se as comodidades possíveis sem custos maiores do que se desprender de certa vergonhazinha, que não pode me ocupar mais além do que nos primeiros dias. Porém, vencida essa dificuldade, que para mim não será a

maior, diabos (p. 660) me levem se eu não chegar a ser tão bom quanto vós todos. Aleluia!

“Eu, senhor capitão e senhores ilustres companheiros, dou-vos mil, dez mil agradecimentos, suplicando-vos que me recebam sob sua generosa proteção. Ofereço como justa recompensa não me separar de vossa distinta companhia durante o tempo que (p. 661) Deus me conceda de vida e a empregar toda a serviço de vossas pessoas generosas.

Todo o grupo soltou gargalhadas depois que terminei meu discurso desatinado, e ofereceram-me sua amizade, seus conselhos e suas instruções. Deu-se mais uma rodada da calabauça, e não demorou muito para vermos seu fundo, assim como fizemos com as panelas.

Fomos dormir nos *petates*, que eram, certamente, camas desconfortáveis, mesmo considerando-se que não era nada agradável o frio do piso. No entanto, dormimos bem, graças à bebida alcoólica que nos entorpeceu ou nos fez adormecer depois que nos deitamos.

No dia seguinte, Anita foi a primeira a se levantar, deixando seu filho infeliz dormindo. Ela foi buscar *atole* e *pambazos*¹³²⁴, para que tomássemos café da manhã. Depois do tosco café da manhã, todos saíram para a rua com suas respectivas insígnias. Enrolei minha cabeça com alguns panos sujos, pendurei um cestinho com uma panela no ombro, peguei meu bastão e saí por conta própria.

No começo, foi um pouco difícil pedir esmolas, mas, aos poucos, fui pegando o jeito e tornei-me um mendigo habilidoso. Em quinze dias, já estava comendo e bebendo muito bem. À noite, eu trazia seis, sete reais e, às vezes, mais do que isso para a pousada.

Mantive-me por algum tempo às custas da piedade dos fiéis, meus amados irmãos e companheiros. De dia, fazia eu muito bem minha diligência, mas agia melhor à noite, pois, como não tinha uma gota de vergonha, importunava, com minhas emoções intensas de tristeza, todo mundo com lastimosas preces que poucos escapavam de me pagar algumas moedas.

¹³²⁴ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 793), o termo é a união de duas palavras *pan* e *bazo*, um “pão corrente e barato de farinha inferior, que consome a gente pobre, feito, geralmente, em tamanho grande [...]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/792/mode/2up?q=pambazo>. Acesso em: 14 ago. 2023.

(p. 661) Numa dessas noites, eu estava parado junto à santa imagem de Nossa Senhora do Refúgio¹³²⁵, pedindo com a maior aflição e ponderando sobre minha necessidade pelo fato de não haver comido o dia todo, ainda que tivesse no estômago bastante alimento e alguns tragos de álcool, quando passou um homem decente, o qual abordei com minhas costumadas queixas. Ele, detendo-se (p. 662) a me escutar, disse-me:

– Irmão, sinto-me inclinado a socorrê-lo, mas não tenho dinheiro na bolsa. Se quiserdes, vinde comigo, que não vos arrependereis.

– Seja por amor a Deus! – disse-lhe. – Irei convosco para receber vossa bendita caridade, mas é necessário que tenhais bastante paciência, porque não vejo e necessito ir junto a vossa boa pessoa.

– Isto é o de menos – disse-me o cavalheiro. – Eu que desejo socorrê-lo, irmão. Nada perderei em lhe servir de *lazarillo*. Vinde!

Tomou uma de minhas mãos e me levou a sua casa. Logo que chegamos, colocou-me em seu gabinete e posicionou-me de frente para ele na mesa, onde havia bastante luz.

Não fui capaz de reagir a tempo quando notei que o tal sujeito era precisamente o mesmo que tinha me dado tantos conselhos na pousada e que tinha guardado meu dinheiro! Porém, como era cego naquele instante, dissimulei, e o dito sujeito falou comigo da seguinte maneira:

– Amigo, alegro-me de que não me conheçais de vista, ainda que eu sinta muito pela fatal cegueira que vos conduziu ao estado infeliz de pedir esmolas, podendo eu estar na situação de dá-la. Não creiais que eu pretenda vos repreender. Socorrer-vos-ei, mas também quero vos aconselhar. Se não estais muito cego, conhecer-me-á, assim como vos conheço, e lembrareis que fui seu depositário na pousada. Sim, é forçoso que recordeis, pois não passou tanto tempo. E, sim, conheci-vos quase sem luz, em semelhante traje esfarrapado e unicamente pela voz. Como não me reconheceis, olhando-me muito bem a favor desta bela chama que nos ilumina, em meu antigo traje, ouvindo o eco de minha voz e recordando as senhas que vos dou?

¹³²⁵ **Transcrição da nota 7, da edição de 2004 (p. 359): “Spell (p. 189) observa que essa imagem, elaborada pelo famoso pintor mexicano Miguel Cabrera, era permanentemente exposta a uma quadra ao oeste da esquina sudoeste do Zócalo [a praça da Constituição]” (Nossa tradução).

(p. 662) “Não me considereis tão ingênuo a ponto de presumir que realmente estais cego dos olhos do corpo, mesmo que esses farrapos indiquem-me a cegueira de vosso espírito. Sei muito bem que a situação em que vos encontrais é tão infeliz que vos obrigou a seguir por esse caminho tão indecente para não se envolver em roubo. Porém, amigo, sabeis que não sois outra coisa mais do que um ocioso impune, uma sanguessuga da (p. 663) república e ladrão tolerado. Porém, ladrão muito vil e muito digno do mais severo castigo, porque sois um ladrão dos legítimos pobres. Sim, senhor, vós e vossos infames companheiros não fazem mais do que defraudar o socorro dos realmente necessitados. Tendes a culpa do fato de que eu e outros iguais a mim jamais damos meio real a um mendigo, porque estamos certos de que os que pedem esmolas podem trabalhar e ser úteis, e se mendigam, é porque acharam um asilo seguro na piedade mal entendida dos fiéis, que pensam que a caridade consiste em dar indiscretamente.

“Não, senhor. A caridade deve ser bem ordenada. Deve dar-se esmolas, mas deve saber-se antes a quem, como, quando, para quê, onde e em que se distribui pelos que a recebem. Nem todos os que pedem necessitam pedir. Nem todos os que dizem que estão na última miséria o estão de fato. Nem a todos aos quais se dá esmola a merecem.

“Causa-se um prejuízo mil vezes quando se pensa beneficiar. O pior é que esse prejuízo é transcendental à república, pois mantêm-se ociosos e viciados com o mesmo valor com o qual se podiam manter aos verdadeiros pobres, que são os legítimos credores dos socorros públicos.

“Não acrediteis em minha palavra. Ouça algo do muito que disseram sobre isso os homens sábios e profundos da melhor política. Um autor¹³²⁶ diz: ‘A mendicância habitual destrói a vergonha e transforma o homem em inimigo da indústria... O verdadeiro pobre é aquele incapaz de trabalhar. Permitir que o habilidoso mendigue é tirar daquele e do corpo nacional o fruto de sua aplicação. Se a esmola for mal direcionada em favor do mendigo voluntário, a caridade, rainha das virtudes, degenera-se como protetora dos vícios; encontrar muitos nela uma refeição segura é um dos maiores obstáculos para a aplicação. A falta de ocupação nas gentes (p. 664)

¹³²⁶ Transcrição da nota 8, da edição de 2004 (p. 360): “O licenciado dom Francisco Peñaranda, em sua *Resolução universal sobre o sistema econômico e político mais conveniente para a Espanha*” (Nossa tradução).

causa vícios, (p. 664) estragos e ruínas contra a mesma inclinação dos que mais se corrompem (como me parece que se sucedeu convosco). Sem estudos ou exercícios, entorpecem-se os homens e os entendimentos. A potestade política mais respeitável em proporções degradará seu mérito ao máximo até alcançar o extremo da barbaridade, não cultivando seus talentos.’

“O *señor Don Melchor Rafael de Macanaz*¹³²⁷, em sua *Representación hecha al rey Don Felipe V*, expressando os notórios males que causam a despovoação e outros danos fundamentalmente abordáveis e dignos de reparo, com as advertências gerais, falando dos mendigos, disse: ‘Não permitam mendigos, porque, às vezes, aqueles que parecem inválidos durante o dia estão aptos a roubar à noite. Além disso, em nenhuma corte culta são permitidos.’ Pouco antes, ele afirma: ‘Se eles se saem bem mendigando, não trabalham; entregam-se voluntariamente ao abandono e... tornam-se viciados’¹³²⁸.

“Mas essas advertências, ainda que sejam muito prudentes, não podem ser mais do que as que constam, de muito antes, nas Sagradas Letras. Ao primeiro homem, Deus maldisse, dizendo-lhe que comeria com o suor de seu rosto. Depois, disse que o jornaleiro é digno de seu jornal¹³²⁹. Em outra parte, que ao boi que ara (essa era a lei que observavam os israelitas), que ao boi que ara ou que separa o grão da palha, não se lhe fechará a boca¹³³⁰, dando-nos a entender que o que trabalha deve comer (p. 665) de seu trabalho, assim como o que serve o altar deve comer do altar.

“Por último, o apóstolo São Paulo, sendo credor dos caridosos socorros dos fiéis, não os quis incomodar, de forma que trabalhava com suas mãos para ganhar a

¹³²⁷ Transcrição da nota 660, da edição de 2008 (p. 664): “Melchor Rafael de Macanaz (1670-1760), doutor em direito, foi secretário de Felipe V, defensor de uma política régia e centralista que buscava eliminar os privilégios na Coroa de Aragão. Ele dirigiu a Felipe V e Fernando VI algumas memórias de caráter econômico e político, uma das quais é mencionada por [Fernández de] Lizardi (ver *Obras escogidas*, Madrid, Imp. de Don Santiago Rojo, 1847). O *Semanario Erudito*, citado na nota, era publicado em Madrid por Antonio Valladares de Sotomayor: *Semanario erudito*, que abrangia várias obras inéditas, críticas, morais, instrutivas, políticas, históricas, satíricas e humorísticas de nossos melhores autores antigos e modernos, Madrid, López, Román y Espinosa, 1787-1791, 34 volumes” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Nossa tradução da obra de Macanaz mencionada no corpo do texto: Representação feita ao rei Dom Felipe V.

¹³²⁸ Nota do Autor: “Tomo 7 do Seminário Erudito nas folhas 199 e 203” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 664, nota c) (Nossa tradução).

¹³²⁹ Transcrição da nota 666, da edição de 2008 (p. 664): “Citações bíblicas do Gênesis, 4, 19; Deuteronômio, 24, 14-15; Levítico, 19, v. 13” (Nossa tradução).

¹³³⁰ Transcrição da nota 666, da edição de 2008 (p. 664): “Deuteronômio, 25, 4.” (Nossa tradução).

vida¹³³¹. Assim (p. 665) escreveu aos tessalonicenses na epístola 2, capítulo 3: “Bem sabeis, disse-lhes, que ninguém teve que me manter com esmolas e que, para não ser um fardo, trabalhava de dia e de noite...e assim, o que não queira trabalhar, que não coma”. *Quonian si quis non vult operari nec manducet*.

“Em vista disso, amigo, qual será a justa desculpa que nenhum preguiçoso, ou preguiçosa, terá para tentar manter-se à custa da piedade mal compreendida dos fiéis, prejudicando, assim, o auxílio aos que legitimamente merecem?

“Se me disserdes que, mesmo querendo trabalhar, muitos não encontram emprego, responder-vos-ei que pode haver alguns casos assim devido à falta de agricultura, comércio, marinha, indústria etc. Porém, não são tão numerosos como se pensa. Do contrário, observai a quantidade de ociosos que vagueiam pelas ruas, jogados nelas bêbados, encostados nas esquinas, envolvidos em bilhares, tavernas e bares, homens e mulheres. Perguntemos e descobriremos que muitos deles têm uma profissão e outros têm força e saúde para trabalhar. Deixemos isso de lado e investiguemos, na cidade, se há artesãos que precisam de aprendizes e casas onde falem empregados. Ao encontrarmos muitos necessitados em ambos os casos, concluiremos que a abundância de ociosos e viciados (entre os quais estão os falsos mendigos) não se deve tanto à falta de trabalho, como eles alegam, mas, sim, à preguiça com a qual se acomodam.

“Não seria fácil para mim assinalar os meios para extirpar (ao menos) a mendicância neste Reino. Porém, esse passo já o darão outros¹³³². Não cabe a mim ditar projetos (p. 666) econômicos gerais, mas dar-vos bons conselhos particulares, como amigo.

“Em virtude disso, se vos encontrardes com disposição de ser homem de bem, de trabalhar e se separar da vil carreira que abraçastes, eu desejo socorrê-lo com alguma realidade que podereis aproveitar, talvez com a experiência que tendes, mais do que os três mil pesos que tirastes da loteria.

Eu, envergonhado e convencido com o punhado de verdades que aquele bom homem acabava de expor sob meus olhos, disse-lhe que, desde logo, estava pronto

¹³³¹ Nota do Autor: “Temos de advertir que São Paulo era nobre e cavaleiro romano e não se envergonhava de trabalhar para comer” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 665, nota d) (Nossa tradução).

¹³³² Nota do Autor: “Algo se disse sobre isso no número 9 do segundo tomo do *Pensador Mexicano*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 665, nota e) (Nossa tradução).

para tudo, assegurando-lhe isso, embora não tivesse conhecimentos para solicitar um destino.

O cavaleiro, que conhecia minha letra, ofereceu-me travar contato com seu amigo que acabava de ser nomeado como subdelegado de Tixtla, para que me levasse em (p. 666) sua companhia na qualidade de escrivão. Agradei seu favor, e ele, tirando de um cofre cinquenta pesos, disse-me:

– Tendes vinte e cinco pesos que vos dou, e vinte e cinco que vos devolvo. São estes mesmos que assinalei diante de vós, pois sempre me persuadi de que se sucederia o que aconteceu e que, ao fim, vós, encontrando-se acossado pela pobreza e sem recursos, cedo ou tarde, pedir-me-ia um socorro. Porém, esse lance, antecipo-o graças à casualidade de tê-lo encontrado. Tomai e me contai o modo como vos transformastes em mendigo, pois me persuado de que vos seduziram.

Contei-lhe tudo o que havia acontecido comigo, ao pé da letra, sem me esquecer do infernal arbítrio da perversa Anita de beliscar seu inocente filhinho para fazê-lo chorar e comover aos incautos, contando-lhes como chorava de fome.

Espumava de raiva o cavaleiro ao ouvir essa inumanidade. Ele não fez nada menos do que me implorar para que o acompanhasse, com o objetivo de mostrar a tal casa, jurando-me ocultar não somente minha pessoa, mas meu nome.

Não pude recusar seus pedidos, pois, por mais que me causassem pena, os 50 pesos estimulavam-me imperiosamente a condescender com os pedidos de meu generoso benfeitor. Assim, vestindo-me com outras (p. 667) vestimentas velhas que ele me deu, saímos da casa e fomos diretamente ao juiz de corte, que, informado de todos os pormenores do assunto, facilitou a meu protetor um escrivão e doze meirinhos, com os quais, sem perder tempo, dirigimo-nos ao triste covil dos falsos mendigos.

Escondi-me entre os guardas. Os mendigos, a quadrilha toda, foram pegos com as mãos na massa. Eles foram amarrados e levados para a prisão juntamente com as ferramentas, óleos, muletas e remédios, porque o escrivão disse que tudo aquilo deveria ser levado com os réus, já que era a evidência do crime.

Eles ficaram na prisão, e eu voltei para a casa de meu patrão, onde permaneci como aprendiz enquanto o subdelegado (que depois aceitou-me como um de seus assistentes) organizava sua viagem.

(p. 667) A causa dos mendigos foi rapidamente concluída. Anita foi cuidar do filho em San Lucas¹³³³ e os outros foram ganhar a vida no castelo de San Juan de Ulúa. Com os 50 pesos, comprei o que mais precisava. Na sequência, depois de ter ganhado a confiança do subdelegado na Cidade do México, chegou o dia em que deveríamos partir para Tixtla. Então, despedi-me de meu bem feitor, dando-lhe muitos justos agradecimentos, e parti com meu novo amo para meu destino, onde realizei os progressos que lereis no quarto tomo.

¹³³³ Transcrição da nota 663, da edição de 2008 (p. 667): “Na praça de San Lucas, encontrava-se o Recolhimiento de Santa Maria Magdalena para prostitutas e delinquentes” (Nossa tradução). **Nota da Tradutora: De acordo com Rice (2019), os recolhimentos também acolhiam mulheres solteiras que moravam sozinhas, casadas com problemas matrimoniais, divorciadas e viúvas, esposas de soldados comissionados que precisavam sair da cidade deixando-as, mulheres com mau comportamento, entre outras. Disponível em: <https://revistas.uam.es/edadoro/article/download/edadoro2019.38.012/11425/28274>. Acesso em: 14 ago. 2023.

(página 668 em branco, p. 669)

TOMO IV

... Ninguém supunha que fosse seu o retrato, pois existem muitos diabos parecidos uns com os outros. Quem se sentir atingido, procure a autopurificação, pois isso importa mais do que criticar e examinar meu próprio pensamento, locução, ideia, ou os outros defeitos da obra.

Torres Villarroel, em seu prólogo
de *La barca de Aqueronte*.

(p. 670 ilustração) (p. 671) **Capítulo I**

No qual Periquitinho conta o que lhe aconteceu em encontro com o subdelegado, qual era o caráter deste e sua má maneira de proceder; também relata sobre o cura do povoado¹³³⁴; sobre o acordo que o referido juiz foi obrigado a aceitar; sobre sua atuação como oficial de justiça; e, finalmente sua honrosa expulsão da vila.

Se os meninos do colégio, em lugar do mau nome de Periquitinho Sarnento, tivessem me apelidado de Quitinho Saltador, eu poderia dizer que, com certeza, teriam conseguido predizer minhas aventuras, porque eu pulava rapidamente de um destino para outro, de uma sorte adversa para outra favorável.

Vede, pois, eu passar de sacristão a mendigo, de mendigo a copista do subdelegado de Tixtla. Com ele, dei-me tão bem, desde os primeiros dias, que começou a mostrar-me grande afeto, e, para o cúmulo de minha felicidade, o subdelegado desentendeu-se logo com seu diretor, que, por isso, deixou sua casa e a cidade.

Meu mestre era um daqueles subdelegados sovinas¹³³⁵ e interesseiros. Ele procurava, como ele mesmo me disse, não só descontar-se das despesas que tinha investido para conseguir seu cargo, mas também tirar um bom capital da subdelegação nos cinco anos.

Com intenções tão justas e justificadas, ele não omitia nenhum meio de aumentar sua bolsa, mesmo que fosse o mais iníquo, ilegal e proibido. Era comerciante e tinha *repartimientos*¹³³⁶; (p. 672) com isso, fiava suas mercadorias a bom preço aos lavradores, e fazia-se pagar em sementes por menos do que valiam no momento da colheita; cobrava suas dívidas com pontualidade e rigor, e, à medida que elas iam sendo pagas, ele desrespeitava a justiça dos outros credores e não

¹³³⁴ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *el del cura del partido* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 671). De acordo com o *DRAE* (2023), o partido, na acepção 12, refere-se a um distrito ou território de uma jurisdição ou administração que tem por cabeça um povo principal. Disponível em: <https://dle.rae.es/partido?m=form>. Acesso em: 16 maio 2023.

¹³³⁵ Transcrição da nota 664, da edição de 2008 (p. 671, retirado do *Diccionario de Mejicanismos*, 1974): “[Lê-se, em castelhano,] *tominero* [Nossa tradução está no corpo do texto]: miserável, mesquinho. O *tomín* era uma moeda de prata utilizada em algumas partes da América” (Nossa tradução).

¹³³⁶ **Nota da Tradutora: De acordo com Melo (2015), “o processo dos *repartimientos* consistia no emprego da mão de obra forçada dos habitantes do continente na exploração de metais”. Para mais informações, visitar: <https://www.estudokids.com.br/sistema-colonial-espanhol-repartimientos-encomiendas-e-haciendas/>. Acesso em: 16 maio 2023.

deixava a esses pobres outro (p. 672) recurso a não ser passar para ele parte da dívida a ser cobrada.

Em se tratando da abolição de pagar a taxaço do *marco de prata* que os subdelegados costumavam cobrar àqueles que caíam em crime de incontinência¹³³⁷, com ou a título de multa, meu *señor* não entendia dessas questões, mas tinha seus espiões, por meio dos quais conhecia as vidas e façanhas de todos os vizinhos, e não só cobrava o dito marco àqueles que foram denunciados por incontinentes, como também extorquia-lhes multas exorbitantes e proporcionais a seus poderes. E depois de receber os pagamentos, deixava-os ir embora, avisando-os para terem cuidado com a reincidência, porque pagariam as multas em dobro. Mal saíam do tribunal, regressavam para casa. Então, deixava-os descansar durante alguns dias e, depois, caía-lhes em cima de repente e extorquia-lhes mais dinheiro. Alguns agricultores pobres, inclusive, perderam a colheita abundante do ano em multas, algum outro ficou sem seu ranchinho pelo mesmo motivo, e outro comerciante foi à falência. Os mais pobres ficaram sem o que vestir.

Essas e outras semelhantes eram as artimanhas de meu senhor. Assim como ele era habilidoso, ou mais, em abusar de seus súditos, também era um tolo ao gerir a corte e, mais ainda, ao defender-se de seus inimigos, que não faltavam e eram muitos. Tudo graças a sua boa conduta!

Ele teve de se ocupar dessas questões depois que o diretor o abandonara, pois este era quem fazia tudo, e meu amo não passava de um sanguessuga do povo, que vivia da papelocracia, assinando, mediante pagamento antecipado, qualquer documento para autorizar os processos, e qualquer correspondência oficial, assinados a outros advogados.

O pobre homem não sabia o que fazer. Ele nem sequer sabia como fazer um inquérito, formalizar um testamento ou responder a uma carta.

Eu, vendo que ele não iria conseguir nem andar para trás nem para frente nas obrigações todas, numa oportunidade, pus-me a sua disposição para elaborar um

¹³³⁷ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario razonado de legislación y jurisprudencia* [Nossa tradução: Dicionário comentado de legislação e jurisprudência] (1863, p. 847), de Joaquín Escriche, consideravam-se atos de incontinência “o amasiamento ou concubinato, bigamia ou poligamia, estupro, incesto, lenocínio, sequestro, sodomia ou pedofilia e bestialidade” (Nossa tradução). Retirado de: https://www.academia.edu/40309994/Los_Delitos_de_Incontinencia_en_los_Manuales_de_Medicina_Legal_del_M%C3%A9dico_Luis_Hidalgo_y_Carpio_a_Finales_del_Siglo_XIX_en_M%C3%A9xico. Acesso em: 17 maio 2023.

processo e responder a uma (p. 672) carta oficial. Ele gostou tanto de meu estilo e habilidade que, a partir daquele dia, fez de mim seu diretor e seu braço (p. 673) direito, de modo que não havia armação ou arapuca sua que eu não conhecesse bem, ajudando-o sempre a sair das armadilhas com meus estratagemas perniciosos.

Facilmente nos demos bem, com a maior familiaridade, e, como eu sabia de seus segredos, ele tinha de dissimular os meus. Sendo assim, se ele era apenas um diabo, nós éramos dois diabos com quem ninguém poderia lidar na lastimosa cidade; ele fazia suas malvadezas de seu lado, e eu, de meu lado, fazia o que podia.

Com esse bom par de trapaceiros, um provido da autoridade da primeira instância, e outro, da dissimulação mais descarada, os índios infelizes sofreram, todas as castas lamentaram-se, os brancos queixaram-se, os pobres desesperaram-se, os ricos enraivecaram-se. Mesmo assim, todo o povo tolerava-nos à força, publicamente, e amaldiçoava-nos em segredo.

Seria necessário fechar os olhos e tapar os ouvidos, se eu deixasse aqui estampadas as atrocidades que cometemos juntos em menos de um ano, pois foram muito terríveis e escandalosas. No entanto, mencionarei as menores e as descreverei de passagem, não só para que os leitores não fiquem na dúvida, mas também para que possam avaliar, pelo menos, a magnitude da atrocidade dos crimes maiores que cometemos.

Nas cidades pequenas, sempre há alguns pobretões que bajulam os subdelegados com todas as suas forças, procurando ganhar sua boa vontade, prostituindo-se de todas as formas possíveis.

Um desses homens enviava, por meu intermédio, propinas para o subdelegado, para montar *albures*, e logo deixava as dicas de onde seriam feitas as apostas. Esse trapaceiro pegava o dinheiro, seduzia quantas pessoas podia e mandava nos avisar onde estavam. Com a alcaguetagem, organizávamos as patrulhas, registrávamos o flagrante, prendíamos todos na cadeia e roubávamos tudo o que pudéssemos. Repetíamos essas manobras infames quantas vezes queríamos.

Contrariando todas as ordens reais que favorecem os índios, usávamos esses infelizes a nosso bel-prazer, (p. 674) fazendo-os trabalhar em tudo o que queríamos e aproveitando-nos de seu trabalho.

Por qualquer pretexto, publicávamos éditos com muitas pecuniárias impostas aos infratores, sem piedade. Mas, quais eram e para que coisas tão estranhas!

Dávamos, por exemplo, o édito para que burros, porcos ou galinhas não andassem fora dos currais. (p. 674) Outro, para que os merceeiros tivessem gatos. Outro, ainda, para que ninguém fosse à missa descalço, e assim por diante.

Afirmo que publicávamos e cometíamos esses crimes em conjunto, porque era assim mesmo: ambos fazíamos o que queríamos, ajudando um ao outro. Eu sugeria minhas malandragens, e o subdelegado as autorizava. Com esse método, os vizinhos sofriam muito, exceto por três ou quatro que eram os mais ricos do lugar. Estes molhavam nossa mão tão fortemente que o subdelegado permitia-lhes fazer o que quisessem. Eles eram agiotas, monopolistas, ladrões e consumidores da essência dos pobres do povo; alguns comerciantes e outros agricultores ricos. Além disso, eram extremamente arrogantes. Maltratavam e espancavam qualquer pobre índio com mais liberdade do que se fossem seus escravos, seja porque reclamavam de não ter recebido sua diária¹³³⁸, ou porque pretendiam ir trabalhar para outros anos menos cruéis. Tolerados pelo juiz, eles mandavam no diretor, no tribunal e até na cadeia; assim, puniam quem quisessem, por coisa insignificante¹³³⁹.

Mesmo sendo malvistas, por sua sovinice, não deixavam de cometer escândalos. Dois deles tinham a coragem de acomodar, em suas casas, suas amantes. Descaradamente, levavam-nas para visitar a casa do *señor* juiz. Ainda pior: o rato adúlador considerava tais eventos uma honra, e dispusera-se até mesmo a fazer a festa do batismo do filho de uma das concubinas, que estava grávida, como assim aconteceu de fato.

Nós apenas respeitávamos aqueles quatro canalhas e explorávamos e maltratávamos os outros sempre que possível. Para o infrator endinheirado, irmã, filha ou mulher bonita podiam ter a certeza de ficarem impunes, independentemente do crime cometido. Tudo isso porque eu era o secretário, escrevente, diretor e alcoviteiro (p. 675) do subdelegado, fazia os casos de acordo com minha vontade, e os réus

¹³³⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *jornal* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 674). Nesse contexto, entende-se o vocábulo “jornal” pela acepção do *Aulete Digital*: “Pagamento por um dia de trabalho; diária, fêria”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/jornal>. Acesso em: 18 maio 2023.

¹³³⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *quítame allá esas pajas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 674). De acordo com o *DRAE* (2023), a expressão coloquial *quítame allá esas pajas* significa “coisa de pouca importância, sem fundamento ou razão” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/paja?m=form2#8WvG02R>. Acesso em: 19 maio 2023.

sofriam as (p. 675) consequências que eu lhes destinava. Os *molletes*¹³⁴⁰ vinham até o assessor que os enganava, pois ele dava o parecer conforme autorizado pelo juiz, e, assim, as sentenças eram demoníacas, não por ignorância do advogado, nem por injustiça dos juízes, mas pela extrema malícia do subdelegado e de seu diretor, eu.

A pior parte da história era que, tendo dinheiro ou saias que os protegessem, o[s] réu[s] era[m] liberado[s] sem mais custos além daquele[s] que já tinha[m]¹³⁴¹ pago, apesar de seus inimigos. Mas, se era pobre ou tinha uma mulher respeitável em sua família, teria de lidar com a lei até o final. Se, no caso, o réu tivesse delinquido muito, sofreria de oito a dez meses na prisão. Mesmo que isso provocasse pilhas e pilhas de petições, não dávamos ouvidos a elas, repelindo-as como coplas de sarabandas¹³⁴².

Em compensação, o *señor* cura revezava-se conosco para atormentar os pobres moradores. Eu até queria silenciar as más qualidades desse eclesiástico, mas acho indispensável dizer algo a respeito delas, pois ele esteve diretamente relacionado com minha saída daquela cidade. Ele era bem instruído, doutor em cânones, nada escandaloso e extremamente atencioso. Mas, essas prendas eram manchadas por seu interesse sórdido e sua ganância declarada. Convenhamos que não era caridoso, e sabe-se que onde falta essa base sólida, não se pode construir o belo edifício das virtudes.

¹³⁴⁰ *Nota da Tradutora: de acordo com o contexto, *mollete* é uma forma figurada para se referir aos brancos endinheirados. Lê-se, em castelhano, *molletes* [Nossa tradução: bochechas]. De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 734), na segunda acepção, “maiormente em Chiapas, certo pãozinho branco que tem quatro proeminências [causadas pelo corte em xis na parte superior], como bochechas. Daí seu nome. Esse mesmo pão, na capital e no interior, é um pão branco, bolinho, torrado e untado com manteiga” (Nossa tradução). De acordo com o blogue de Fernando Zamora Colmenero (2020), *El xoconostle*, o *mollete*, provavelmente, tem um antecessor, chegado com a tomada dos árabes da Península Ibérica, os pães ázimos (não levam levedura), também utilizado pelos hebreus nas cerimônias religiosas. A definição no *Diccionario de mejicanismos* está disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/734/mode/2up?q=mollete&view=theater>. Para mais informações sobre o antecessor dos *molletes*, visitar: <https://elxoconostle.com/2020/07/18/la-historia-de-los-molletes/>. Para saber sobre a receita e como fazer o corte para os *molletes*, visitar: <http://www.recetario-cocina.com/receta/molletes-de-pan/>. Acesso em: 20 maio 2023.

¹³⁴¹ Nota da Tradutora: Tentamos reproduzir, no parágrafo, o uso de colchetes do texto em castelhano, de acordo com a edição de 2008.

¹³⁴² **Nota da Tradutora: A sarabanda é um estilo musical criado durante o período barroco espanhol. De abrangência popular, foi criado por mulheres que atuavam no âmbito musical da época. Naquela época, era malvista a presença de mulheres nesse meio. Felipe II (1527-1598), da Espanha, proibiu a sarabanda por considerá-la pecaminosa. As letras, de fato, tinham duplo sentido. Para mais informações, visitar: <https://www.antrophistoria.com/2018/01/la-zarabanda-el-baile-que-prohibio.html>, <https://plebeyosbailes.com/> e <https://plebeyosbailes.com/wp-content/uploads/2021/08/LETRAS.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

(p. 675) Do mesmo modo acontecia com nosso *cura*. Ele era muito enérgico no púlpito, pontual em seu ministério, doce em sua conversa, afável em seu trato, obsequioso em sua casa, modesto na rua. Teria sido um excelente pároco se não fosse conhecido o dinheiro no mundo; mas, essa era a pedra de toque que revelava o falso ouro de suas virtudes morais e políticas. Tinha bastante graça para se fazer amar e dissimular (p. 676) sua índole, desde que ninguém encostasse em seu dinheiro. Porém, quando percebia que sua bolsa estava sendo subtraída de qualquer interesse, mesmo que fosse mínimo, desconhecia prontamente amizades, boas maneiras, palavras doces e caráter amável. Tudo acabava ali, e ele transformava-se em uma personagem muito diferente do que costumava ser, porque tornava-se o homem mais cruel e sem caridade com seus paroquianos. Era inflexível a tudo o que não lhe desse dinheiro. As misérias dos infelizes jamais o afetaram, e as lágrimas da pobre viúva ou do órfão triste não eram suficientes para amolecer seu coração.

Mas, para verdes que há de tudo no mundo, vou contar-vos um episódio que testemunhei, entre muitos.

Por ocasião de algumas festividades em Tixtla, nosso cura convidou o de Chilapa¹³⁴³, o bacharel *Don* Benigno Franco, homem de belo caráter, virtuoso, sem hipocrisia e de trato afável, que foi às referidas festividades. Uma tarde, enquanto estavam se preparando na paróquia para divertirem-se com um jogo de *malilla*¹³⁴⁴, antes de ir ao teatro, uma pobre mulher entrou chorando amargamente, com um bebê nos braços e outra criança de cerca de três anos de idade. Suas lágrimas manifestavam sua íntima aflição, e seus andrajos, sua pobreza autêntica.

– O que queres, filha? – perguntou-lhe o padre de Tixtla. A pobre, bebendo suas próprias lágrimas, respondeu:

– Senhor padre, meu marido morreu na noite retrasada. Ele não me deixou mais bens do que estas crianças. Não tenho nada para vender, nem como fazer sua mortalha. Não tenho as velas para acompanhar seu corpo. Eu mal consegui juntar estas doze moedas, pedindo esmolas, que trago para vossa mercê, e nem eu nem

¹³⁴³ **Nota da Tradutora: Em 1810, em Chilapa, Francisco Moctezuma sublevou-se a favor do movimento independentista. Para mais informações sobre essa cidade, visitar: <https://enciclopediagro.mx/indice-municipios/municipio-de-chilapa-de-alvarez/>. Acesso em: 20 maio 2023.

¹³⁴⁴ Nota da Tradutora: Trata-se de um estilo de jogo de cartas. Para mais informações, ver a nota 478 de nossa tradução.

esta menina (p. 676) comemos nada até agora. Peço a vossa mercê, pela idade de vossa mãe e pelo amor de Deus, que faça a caridade de enterrá-lo, que eu trabalharei na tecelagem para poder lhe pagar dois pesos por semana.

– Filha – disse-lhe o cura –, qual a qualidade de seu marido?

– Espanhol, *señor*.

– Espanhol? Então faltam mais seis pesos para cobrir as taxas, como está previsto na tabela de preços; aqui, pega e lê...

Dizendo isso, ele colocou a tabela de preços em suas mãos. A infeliz viúva, molhada em lágrimas de dor, disse-lhe:

– Ah, senhor cura! Para que eu quero este papel se não sei ler? O que peço a vossa mercê é que, por amor a Deus, enterre meu marido.

– Bem, filha – disse-lhe o padre, com evidente chacota –, entendo-te, mas não posso fazer esse favor. Tenho de me sustentar e pagar ao padre vigário. Vai pedir para *Don Blas*, para *Don Agustín* ou qualquer outro *señor* que tenha dinheiro. Pede-lhes ajuda, para que possas completar o que te falta, e aí mandarei enterrar o corpo.

– *Señor* cura – disse-lhe a pobre mulher –, já falei com todos os *señores*, e nenhum deles quer ajudar.

– Então, vende-te, vai trabalhar para alguém.

– Onde eles vão me querer, *señor*, com estas crianças?

– Bem, vai ver o que podes fazer e para de me incomodar! – disse-lhe o cura, muito zangado. – Não fui nomeado para dar fiado pelos serviços prestados. Não o faz o açougueiro, nem o padeiro, nem ninguém.

– *Señor* – insistiu a infeliz –, o cadáver já está começando a se decompor, e a vizinhança está começando a falar.

– Bem, então come-o, porque, se eu não receber os sete pesos e meio, não acredites que o enterrarei, mesmo que chores todas as pragas do mundo. Quem não vos conhece, desonestas, mentirosas! Tendes dinheiro para festas e almoços enquanto vossos maridos estão vivos, para estrear sapatos, saias e outras coisas, e não tendes dinheiro para (p. 677) pagar as taxas ao pobre cura. Vai-te embora! Não me incomodes mais.

A desventurada mulher saiu dali desorientada, atormentada e cheia de vergonha pelo tratamento áspero de seu cura, pois sua dureza e falta de caridade nos scandalizaram a todos os que presenciamos a cena. Mas, pouco tempo depois de

ter saído a (p. 677) mencionada viúva, ela voltou apressada e, colocando os sete pesos e meio sobre a mesa, disse ao cura:

– Aqui está o dinheiro, *señor*. Faça-me o favor de ordenar o padre vigário ir enterrar meu marido.

– O que achais dessas coisas, companheiro? – disse-lhe nosso cura para seu colega de Chilapa, tentando envolvê-lo na conversa. – Não são uns canalhas muitos de meus fregueses? Vede como essa trapaceira já trazia consigo o dinheiro previsto e fez-se de desafortunada para ver se eu acreditava e enterrava seu marido de graça? A outro cura de menos experiência do que eu, não teria ela enganado com tantas lágrimas falsas?

O cura Franco, como se estivesse sendo repreendido por seu prelado, baixava os olhos, emudecia, mudava de cor constantemente e, de vez em quando, olhava para a desafortunada viúva com tanta insistência que parecia querer dizer-lhe alguma coisa.

(p. 678) Todos nós estávamos atentos a essa cena, sem conseguir descobrir que mistério havia por trás da inquietação do padre Benigno. Enquanto isso, o cura de Tixla, encarando severamente a mulher e guardando o dinheiro na bolsa, disse-lhe:

– Está bem, sem-vergonha! Enterraremos teu marido, mas será amanhã, como castigo por tuas artimanhas. Mentirosa!

– Não sou mentirosa, *señor* cura – disse-lhe a triste mulher, mostrando a maior aflição. – Sou uma infeliz. Acabei de receber o dinheiro como esmola agora mesmo.

– Agora mesmo? Isso é outra mentira! – diz-lhe o cura. – E quem te deu o dinheiro?

Então, a mulher, soltando a criança que segurava pela mão e pegando a que tinha no colo, lançou-se aos pés do cura de Chilapa. Abraçando-o pelos joelhos, apoiou a cabeça sobre eles e desatou a chorar, em um mar de lágrimas, sem conseguir articular uma palavra. Sua filhinha, que caminhava, também chorava ao ver o pranto da mãe. Nesse momento, nosso cura ficou atônito. O de Chilapa inclinou-se com lágrimas nos olhos e tentou levantar a aflita, enquanto todos nós permanecíamos absortos com esse espetáculo.

A pobre mulher, finalmente, depois de acalmar um pouco sua dor, quebrou o silêncio e disse a seu benfeitor:

(p. 678) – Padre, permita-me beijar seus pés e regá-los com minhas lágrimas em sinal de minha gratidão.

Voltando-se para nós, ela prosseguiu:

– Sim, *señores*, este padre, que não é apenas um senhor sacerdote, mas um anjo descido dos céus, assim que saí, chamou-me para falar a sós no corredor, deu-me doze pesos e disse-me, quase chorando: “Vai, filhinha, paga o enterro e não digas quem a socorreu”. Mas eu seria a mulher mais ingrata do mundo se não gritasse quem me fez tão grande caridade. Peço-lhe perdão por ter contado isso, porque, além de querer agradecer-lhe publicamente por este favor, doeu muito meu coração ao ser tão maltratada por meu cura, que me tratou como uma mentirosa.

Os dois curas ficaram mutuamente ruborizados e não se atreviam a olhar um para o outro. Ambos estavam desconcertados. O de Tixtla, por ter sua ganância repreendida, e o de Chilapa, por ter sua caridade preconizada. O padre vigário, com a maior prudência, sob o pretexto de ir fazer o enterro naquela hora, retirou a mulher de lá, enquanto o subdelegado fez os convidados se sentarem (p. 679) e começou a diversão do jogo, com a qual todos se distraíram.

Já vos dei minha testemunha desse episódio, mas também presenciei outras manobras toscas que nosso cura fazia para aumentar seu cofre de dinheiro. Uma delas foi a de impor uma taxa aos índios. Eles precisavam pagar uma quantia relativa a cada imagem de Jesus Cristo que saía na procissão, os chamados Cristos, na Semana Santa, mas não a título de esmola ou para ajuda das funções da igreja, pois estas eram pagas separadamente, mas sob o nome de direitos, com cobrança de acordo com o tamanho das imagens. Por exemplo, por um Cristo de duas varas, cobravam-se dois pesos; por um de meia vara, doze reais; por um de uma terça, um peso. Desse modo, eram estipulados os pagamentos segundo os tamanhos, até meio real. Certa vez, decidi verificar. Não preguei o olho para conseguir ler a tabela oficial de impostos por inteiro e não encontrei tais direitos prefixados nela.

Na Sexta-Feira Santa, ele participava da procissão conhecida como o Santo Enterro. Havia muitos altares, chamados de *posas*¹³⁴⁵, na rota da procissão, e, em

¹³⁴⁵ *Nota da Tradutora: As *posas*, de acordo com o *Diccionario de americanismos* (2010), referem-se a um “altar pequeno a modo de arco enfeitado com fitas e papéis coloridos, frutas, animais ou plantas, dispostas no cruzamento das ruas por onde passam as procissões e diante da qual a procissão é interrompida, a modo de parada ou estação” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.asale.org/damer/posa>. Acesso em: 22 maio 2023.

cada um deles, (p. 679) os índios pagavam uma grande quantidade de dinheiro, pedindo uma oração pelo *descanso da alma do Senhor*. O cura guardava o dinheiro, cantava a oração da Santa Cruz e deixava esses pobres submersos em sua ignorante e piedosa superstição. No Dia dos Mortos, os índios levavam suas oferendas e as colocavam em suas casas, acreditando que, quanto mais frutas, *tamales*, *atole*, *mole* e outras comidas ofereciam, mais alívio as almas de seus parentes teriam. Alguns índios eram tão idiotas que, enquanto estavam na igreja, jogavam pedaços de frutas e outras coisas pelos buracos dos sepulcros. Repito, o padre sabia, muito bem, a origem e o espírito desses abusos, mas nunca pregou contra tais costumes, nem repreendia ninguém. Assim, com seu silêncio, apoiava suas superstições, ou melhor, autorizava-as, deixando esses infelizes cegos, porque não havia ninguém para tirá-los do erro. Seria desejável que esses abusos ocorressem somente em Tixtla, mas, naquela época, e infelizmente até o dia de hoje, (p. 680) ainda existem muitas Tixtlas. Que Deus queira que todas as cidades do Reino sejam purificadas dessas e de outras bobearas semelhantes, à mercê do zelo, da caridade e da eficácia dos senhores curas!

É fácil entender que, sendo o subdelegado tão ganancioso quanto o cura, raramente havia paz entre os dois. Sempre estavam brigando¹³⁴⁶, como certamente dois gatos não podem ficar bem juntos, dentro de um saco. Ambos tentavam ser ágeis em fazer seus negócios e extrair o máximo do povo, cada um por seu lado. Com isso, a cada passo deles, nasciam queixas e desgostos. Por exemplo: o padre, mesmo não sendo tarefa de sua instituição, perseguia os incontinentes solteiros para casá-los e receber os direitos pela cerimônia; o subdelegado fazia o mesmo para receber as multas; o cura apanhava alguns, o juiz secular os reivindicava, o eclesiástico negava, e assim se formava uma concorrência entre jurisdições.

Nessas e em outras situações, os pobres eram os Lázaros e, regularmente, pagavam o pato, ou com a prisão, ou com o desembolso que sofriam, sendo os miseráveis índios a parte mais fraca, sobre a qual recaía o interesse dos dois comerciantes.

Com exceção de quatro ricos consentidos, que, com seu dinheiro, compravam a impunidade de seus delitos, ninguém podia ver o cura ou o subdelegado. Alguns já

¹³⁴⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, a expressão *andaban a márame o te mataré* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 680). De acordo com López y López (1931, p. 463), a expressão significa “estar em briga ou discórdia contínua” (Nossa tradução).

havam apresentado (p. 680) à capital seus agravos particulares, mas suas queixas eram facilmente eludidas, já que sempre havia testemunhas a depor contra eles e a favor dos agressores, fazendo os que se queixavam parecerem caluniadores cavilosos.

Mas, como o crime não pode ficar muito tempo sem castigo, aconteceu que os índios principais, com seu governador, vieram a esta capital, já hostilizados pelos maus tratos de seus juízes, e sem se meterem, por enquanto, com o (p. 681) cura, apresentaram duras acusações contra o subdelegado, diante da Real Audiência, num terrível texto contra ele, que continha uns capítulos tão criminosos como os mencionados, a seguir:

Que o subdelegado comerciava e tinha repartimentos.

Que obrigava aos filhos da terra¹³⁴⁷ a comprarem fiado e exigia-lhes o pagamento em sementes, por um preço menor do que o corrente.

Que os obrigava a trabalhar em suas lavouras, pagando a diária que ele queria, e quem resistia ou não comparecia, era açoitado e encarcerado.

Que permitia publicamente a incontinência a todo aquele que tinha dinheiro para pagar as multas do caso continuamente.

Que, por quinhentos pesos, acobertou e colocou em liberdade um assassino traiçoeiro.

Que, por meio de um terceiro, armava jogos e logo sacrificava a quantos concorrentes apanhava neles.

Que mandava levar para sua casa três índias, cada semana, para se fazer servir, sob o nome de *semaneras*, sem pagamento, sem conseguir se livrar dessa servidão nem mesmo as filhas do governador.

Que exigia dos índios os mesmos direitos em suas demandas que ele cobrava dos espanhóis.

¹³⁴⁷ ***Transcrição da nota 669, da edição de 2008 (p. 681): “A quarta edição deixa esclarecido que, na expressão *los hijos del pueblo* [Nossa tradução está no corpo do texto], a palavra ‘povo’ era aplicada unicamente aos assentamentos indígenas da época da colônia” (Nossa tradução).

(p. 681) Que, nos dias de *tianguis*¹³⁴⁸, era o primeiro revendedor¹³⁴⁹, que monopolizava os artigos que estavam mais em falta, fazia-os levar para sua loja e depois os vendia aos pobres a preços elevados.

Para finalizar, que negociava com os impostos reais.

Essas eram as acusações feitas no texto, que concluía pedindo que o subdelegado fosse convocado para responder na capital e que um juiz interino fosse enviado a Tixtla para investigar (p. 682) a verdade; e, se a acusação fosse comprovada, ele deveria ser demitido do cargo e obrigado a compensar os danos pessoais que havia causado aos filhos da terra. A Real Audiência decretou em conformidade com o que os índios peticionaram e despachou um comissionado.

Toda essa tempestade se preparava no México, sem que soubéssemos de nada, nem mesmo inferindo isso da ausência dos índios, pois eles fingiam estar ali para mandar fazer uma imagem. Com isso, meu amo recebeu novamente a notificação do comissário, em uma tarde em que estava relaxando no corredor das casas reais. O conteúdo da notificação dizia que, a partir daquele momento, suas funções cessavam, e que seria nomeado um lugar-tenente. Era instado a sair da cidade no prazo de três dias para se apresentar na capital, pois, em oito dias, responderia às acusações feitas pelos filhos da terra.

Meu amo congelou com essa receita, mas não teve outra escolha a não ser sair correndo¹³⁵⁰, deixando-me encarregado da justiça.

Quando me vi sozinho, e com toda a autoridade de juiz sob meu controle, comecei a fazer o que queria, para minha total satisfação. Em primeiro lugar, expulsei

¹³⁴⁸ **Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1042), “antiga Plaza [Praça] de mercado, ou mercado em geral” (Nossa tradução). Na segunda aceção, esse dicionário aponta: “Por extensão, feira, compra e venda de mercadorias ou produtos, que em determinado dia de cada semana, era feito em algumas cidades pequenas do interior. O nome também é utilizado nas Filipinas” (Nossa tradução). Segundo o *DRAE* (2023), “o mercado é um lugar público destinado permanentemente, ou em dias designados, para vender, comprar ou permutar bens ou serviços” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/mercado?m=form>. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1042/mode/2up?view=theater&q=tianguis>. Acesso em: 22 maio 2023.

¹³⁴⁹ **Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 927), é um nome dado popularmente, na capital, aos revendedores (em especial mulheres) de Xochimilco, população que fica nos arredores. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/926/mode/2up?view=theater&q=regat%C3%B3n>. Acesso em: 22 maio 2023.

¹³⁵⁰ ***Nota da Tradução: Lê-se, em castelhano, *salir a trompa y cuezco* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 682). De acordo a López y López (1931, p. 475), significa “violentamente e contra de sua vontade” (Nossa tradução).

uma bela moça (p. 682) da cidade porque vivia em incontínência. Isso foi o que falaram, mas o verdadeiro motivo foi o fato de que ela não quis ceder a minhas solicitações, mesmo quando lhe ofereci toda minha proteção judicial interina. Depois, com o auxílio de trezentos pesos, incriminei um pobre homem, cujo principal delito era ter uma esposa bonita e sem honra. Consegui, com minha habilidade, despachá-lo para uma prisão, deixando sua esposa livre para viver com seu amante.

Em seguida, exigi e ameacei todos os que estavam envolvidos no mesmo crime, e eles, temerosos de que eu não os desterrasse de suas amadas, como sabia fazer, pagaram-me as multas que eu queria e deram-me presentes para que não os molestasse com frequência.

(p. 683) Também não deixei de anular as escrituras mais formais, revirar testamentos, extraviar instrumentos públicos, tais como obrigações ou fianças, nem de cometer outras tolices semelhantes. Por fim, no mês que permaneci como encarregado ou suplente de juiz, fiz mais diabruras que o proprietário e acabei me indispondo com todos os vizinhos.

Para fechar com chave de ouro, promovi apostas públicas nas casas reais e, nas noites em que eu perdia, saía perseguindo outros jogadores privados. Desse modo, quando os apostadores saíam de minha casa para as suas, à meia-noite, eu ia pegar os pobres que encontrava jogando na rua. Eles eram presos e, com as multas que exigia, vingava-me completamente, ou em grande parte, do que havia perdido.

Uma noite, arrancaram¹³⁵¹ de mim tudo e, não tendo um centavo, arrombei as caixas da comunidade¹³⁵² e perdi, no jogo, todo o dinheiro que havia nelas. Fiz isso sem cautela nenhuma, de forma que outros perceberam e informaram o padre e o governador, os quais, como responsáveis por aquele dinheiro, sabendo que eu não tinha para onde fugir, imediatamente apresentaram-se à capital, acompanhando seu relatório com provas recolhidas, não apenas dos vizinhos respeitáveis do lugar, mas

¹³⁵¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me dieron tal entrada* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 683). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 494), *entrada* traz o sentido [coloquial] de surra e investida, arremetida. No entanto, é possível ser usado no contexto das apostas, como Santamaría expõe, usando a mesma frase de Fernández de Lizardi. Para mais informações, visitar: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/494/mode/2up?view=theater&q=entrada>. Acesso em: 23 maio 2023.

¹³⁵² **Transcrição da nota 674, da edição de 2008 (p. 683): “[Lê-se, em castelhano] *cajas de comunidade*; refere-se à caixa comunal que existia nas reduções de índios, que engrossava com os trabalhos comunitários e dos próprios índios. Estava sob o controle das autoridades” (Nossa tradução).

também do próprio (p. 683) comissionado; mas, fizeram isso com tanta discrição que eu não percebi.

O padre convocou o governador, que fez o relatório, recolheu-o junto a provas e enviou tudo para a capital. Assim, o cura tornou-se o principal agente de minha ruína, como já disse, não por amor ao povo ou por zelo da caridade, mas porque havia concebido a ideia de ficar com a maior parte daquele dinheiro, sob o pretexto de reparar a igreja, como já havia proposto aos índios e estes pareciam estar se preparando para isso. Quando ele soube de minha aventura e perdeu as esperanças de se apoderar daquele dinheiro, voltou-se contra mim e tentou prejudicar-me, como o fez, efetivamente.

(p. 684) Para piorar minha situação, o subdelegado, não tendo como responder ou se desculpar das acusações que os índios e outros moradores impunham, apelou para a desculpa dos tolos, e disse que era novidade para ele que aquelas coisas fossem crimes, que era leigo, que nunca havia sido juiz e não entendia de nada, que havia me usado como seu diretor, que eu lhe ditava todas aquelas injustiças e, portanto, eu deveria ser o responsável, já que confiara inteiramente em mim.

Essas desculpas, escritas com a pena de um advogado habilidoso, foram prontamente aceitas no julgamento íntegro da Audiência, que acreditou parcialmente na inocência do subdelegado, mas, pelo menos, reduziu sua culpa, pois, com razão, os senhores consideraram que eu tinha a maior parte, especialmente quando, quase ao mesmo tempo desse julgamento, receberam o relatório do padre, no qual viram que eu cometia mais atrocidades do que o subdelegado.

Então (eu teria pensado da mesma forma), impuseram sobre mim o rigor da lei que ameaçava meu amo, e ele foi exonerado em grande parte. Consideraram-no um tolo e inepto para ser juiz, depuseram-no do cargo e exigiram dos fiadores a restituição dos reais interesses. Reservaram o direito dos particulares prejudicados de apresentar novamente suas perdas contra o subdelegado, para melhor sorte, porque, nesse caso, ele se mostrou insolvente. Enviaram sete soldados para Tixtla para me conduzirem à Cidade do México, em uma mula macho com *sela de pita e calcetas de Vizcaya*¹³⁵³.

¹³⁵³ ***Transcrição da nota 675, da edição de 2008 (p. 684): “[Lê-se, em castelhano] *silla de pita y calcetas de Vizcaya*, e a quarta edição (1842) esclarece: em um macho aparelhado e com grilhões” (Nossa tradução).

(p. 684) Eu nem imaginava o que iria acontecer comigo, de tal modo que, na tarde em que chegaram os soldados, eu estava jogando *malilla do campo*¹³⁵⁴ com o cura e com o comissionado, por um real a partida. Naquele momento, não estava pensando em nada além de me recuperar dos quatro jogos perdidos¹³⁵⁵, um após o outro. Justamente quando tinha uma boa mão, entraram os soldados na sala, (p. 685) e como essa gente não entende de formalidades, sem muitas cerimônias, perguntaram quem era o encarregado da justiça. Logo que descobriram que era eu, deram-me voz de prisão. Eu, sem soltar os naipes da mão, fui levado da mesa, entregaram um papel ao cura e levaram-me para a cadeia.

Acredito que o papel continha a provisão real da Audiência, mencionando a pessoa que deveria governar a cidade. O fato é que entrei na prisão, e os presos zombaram de mim, e vingaram-se, em pouco tempo, de todos os problemas que os fiz passar durante todo o mês.

No dia seguinte, bem cedo e sem tomar café da manhã, colocaram-me os grilhões, montaram-me em um macho preparado e levaram-me para a prisão da Corte.

Quando entrei nessa triste prisão, lembrei-me da maldita chuva de urina com a qual outros presos me banharam na primeira vez que tive a honra de visitá-la, do tratamento feroz do presidente, de meu amigo *Don Antônio*, do Gaviãozinho e de todas minhas fatais ocorrências. Então, consolei-me com o fato de que, desta vez, não me sairia tão mal, já que tinha seis pesos na bolsa, o Tabajara havia falecido e eu não poderia mais cair em suas mãos.

No entanto, os seis pesos acabaram rapidamente. Eu não deixei de passar por novos problemas relativos à falta de dinheiro, ainda mais em tais condições e lugar.

Enquanto isso, o processo seguiu seu curso habitual. Não tive como me defender; fui considerado culpado, e a corte real sentenciou-me a oito anos de serviço ao rei nas milícias de Manila, cuja bandeira estava hasteada no México naquela época.

De fato, chegou o dia em que me tiraram de lá, levaram-me para o quartel e fizeram-me passar pela inspeção. Deram-me meu uniforme de recruta. E lá estava eu, transformado repentinamente em soldado. Essa mudança serviu para me tornar, por

¹³⁵⁴ Nota da Tradutora: *Malilla do campo* é um jogo de cartas. Ver nota 407 desta tradução.

¹³⁵⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *codillo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 684). Ver nota 770 desta tradução.

medo, mais (p. 685) respeitoso das leis, embora não tenha melhorado em meus costumes.

Assim que percebi que não tinha alternativa, tentei me conformar com minha sorte e fingi estar completamente satisfeito com a vida e a carreira militar. (p. 686) Fingi tão bem essa conformidade que, em quatro dias, aprendi o exercício perfeitamente: sempre me apresentava pontualmente nas listas, revistas, sentinelas e todo tipo de tarefas, procurava estar sempre limpo e arrumado e bajulava o coronel tanto quanto possível.

No dia de seu santo, enviei-lhe umas oitavas que estavam no nível que deveria se esperar de mim, mas cuidei em escrevê-las melhor. O coronel, enamorado de minha letra e de meu talento, segundo disse, dispensou-me de qualquer serviço e fez-me seu assistente.

Foi então que comecei a obter mais satisfações e pude ver e observar muitas coisas na tropa, sobre as quais vocês saberão no próximo capítulo.

(p. 687) Capítulo II

Aqui, Periquitinho relata a fortuna de ter sido o assistente do coronel, conta sobre o caráter dele, como foi seu embarque para Manila e sobre outras eventualidades

Quando os homens não são refreados pela razão, geralmente o são pelo medo do castigo. Foi o que me aconteceu naquela vez, porque temia ter de sofrer os castigos pelos quais vi alguns de meus camaradas passarem. Tentei ser um homem bom à força, ou, pelo menos, fingi que era, de modo a conseguir evitar os rigores das regras militares. Assim, com hipocrisia e bajulações, ganhei a vontade do coronel, que, como já disse, levou-me para sua casa e fez de mim seu ajudante.

Se, sem qualquer proteção na tropa, eu tentasse conquistar a estima de meus chefes, o que não faria eu depois de começar a perceber o fruto de meus fingimentos com a estima do coronel? É fácil de imaginar.

Quando ele precisava, eu escrevia para ele à mão, efetuava, bem e prontamente, os afazeres domésticos, fazia-lhe a barba e penteava seu cabelo – algo de que ele gostava deveras –, fazia-me de mordomo e cuidava das despesas domésticas com pontualidade, eficiência e economia. Em troca, recebia o prato com os resíduos do coronel, que eram muito bons – pois bem podiam ser ostentados por um oficial –, alguns tostões, de vez em quando, meu alívio completo e absoluto de todas as fadigas, o que não era menos importante, bem como a liberdade de andar por aí, além da muita estima que recebi do cavalheiro, o coronel, que era, certamente, a coisa que mais me prendia. Afinal, minha criação deu-me bons princípios, e sentia-me ligado a ele mais pelo carinho do (p. 688) que pelo interesse. Por isso, passei a amar e a respeitar o coronel como meu pai, e ele, a retribuir meu afeto com o amor de um pai.

Seja pelo apreço que tinha por mim, seja pelo que eu lhe servia com minha pena, raramente me ausentava de sua mesa, e a confiança que depositava em mim era tanta que me permitia assistir a todas as conversas que ele tinha. Isso me proporcionou algum conhecimento de coisas que os soldados, e quem sabe apenas alguns oficiais, ignoram regularmente.

O coronel era muito atento, afável e circunspecto. Tinha cerca de cinquenta anos e era muito instruído, pois não era apenas um bom militar, mas também um bom

jurista, razão pela qual, todos os dias, sua casa era frequentada pelos melhores oficiais de outros regimentos, (p. 688) que iam consultá-lo sobre certas coisas ou conversar com ele e divertir-se.

Entre as consultas particulares que ouvi, ou pelo menos as que me pareceram como tais, estava a seguinte.

Um dia, entraram em casa dois oficiais, um sargento-mor e outro capitão. Depois dos cumprimentos habituais, o sargento-mor disse-lhe:

– Meu coronel, os iguais se atraem. Meu camarada e eu precisamos de vossas luzes. Assim, permitimo-nos pôr-vos ao corrente dos problemas.

– Terei muito gosto em servir-vos no que puder – respondeu-lhe o coronel. – Dizei o que aconteceu.

O sargento-mor, então, disse-lhe:

– Vamos direito ao assunto. Um soldado será levado a um tribunal marcial por ter matado um homem a pretexto de justiça. Matou-o por ciúmes, pois acreditava que ele tinha um caso com sua mulher. É verdade que ele não foi encontrado *in fraganti*¹³⁵⁶, mas as suspeitas e os antecedentes do soldado em referência à relação ilícita que o homem mantinha com sua mulher eram veementes e, certamente, servem como justificativa. No entanto, sou o procurador da causa e não devo alegar em sua defesa, mas, sim, acusá-lo e levá-lo à pena de morte. O defensor deve apresentar todas as exceções em seu favor para salvá-lo. Temo que a acusação fiscal não esteja em nível suficiente. Por isso, vim consultá-lo para pedir orientação sobre os termos em que a acusação pode ser feita, a fim de evitar qualquer violação ao requerimento.

(p. 689) – São várias questões a serem levadas em conta – disse-lhe o coronel. – Em primeiro lugar, a causa do homicídio parece ser adultério. Adultério significa *violatio alterius thori*, quer dizer, violação do leito alheio, porque a mulher é considerada o leito do marido.

“Em nosso direito, existem muitas leis que impõem penas aos adúlteros. A de número 3, do título 4, do livro 3, do *Fuero Juzgo*¹³⁵⁷ determina que os adúlteros sejam

¹³⁵⁶ Nota da Tradutora: “em flagrante delito” (Nossa tradução).

¹³⁵⁷ **Nota da Tradutora: O *Fuero Juzgo* (1784) é uma entidade gótica espanhola que serviu como referência para as disposições legais no vice-reino da Nova Espanha até meados do século XIX; porém, aos poucos, foram sendo criadas novas leis, que substituíram esse primeiro conjunto. Para mais informações, visitar: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/fuero-juzgo-en-latin-y-castellano--0/html/ff8b0a00-82b1-11df-acc7-002185ce6064_4.html e <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/1/49/33.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023.

entregues ao marido, para ele fazer com eles o que bem entender. Outras leis concordam com (p. 689) essa pena; porém, acrescentam que o marido não pode matar um e deixar vivo o outro. A lei 15, título 17, partida 7, estabelece que a adúltera perca as arras¹³⁵⁸ e o dote, além de ser condenada à reclusão. A lei 5, título 20, livro 8, da Recopilación, ordena que, quando o marido, por sua própria autoridade, mata os adúlteros, ele não tem direito sobre os bens da mulher. Essa lei aparenta assujeitar a autoridade dos maridos, ampliada pelas leis 13 do título 17, partida 7, e 4 do título 4, livro 3, do *Fuero Juzgo*, que permitem ao marido matar aos adúlteros.

“Mesmo com a existência de todos os elementos que mencionei, a ilustração dos tempos modificou essas penas, e acredito que não ouviréis o caso de entregar os adúlteros ao marido para dispor deles à vontade. O que agora se pratica é perdoar ao marido que matou os adúlteros; ou melhor, a pena capital é comutada pelo desterro, segundo forem as circunstâncias, embora possa haver casos em que a justiça o deixa em completa liberdade, depois de justificado seu crime. Por exemplo: quando, sem motivo aparente, a mulher for encontrada pelo marido no ato da ofensa. Mas, no que toca aos adúlteros, o normal é, como menciona o doutor Berni¹³⁵⁹, em sua *Práctica criminal*, fechá-la no convento e desterrar seu amante, se forem de mediana (p. 690) esfera; e se são plebeus, colocá-la na cadeia, e ele, no presídio. Isso acontece quando é comprovada a acusação, a qual apenas o marido, o padre, o irmão e o tio da adúltera podem fazê-la. A mulher não pode acusar o marido de adultério para não receber desonra, tal como expressa a lei 1 do título 17, partida 7. No entanto, em tribunais, é possível admitir a acusação da mulher, e a justiça proporciona as reparações. Não é possível impetrar a ação do adultério contra apenas um adúltero. É necessário acusar ambos.

¹³⁵⁸ ***Nota da Tradutora: O termo em castelhano e português se escreve do mesmo modo, ‘arras’. Segundo o blogue *Qué es, definición, tipos e historia* (2023), as arras, “na Idade Média, correspondiam aos presentes dados às noivas, que geralmente incluíam propriedades e outros presentes de importância material” (Nossa tradução). No entanto, segundo o *DRAE* (2023), hoje em dia, trata-se das treze moedas de ouro trocadas na cerimônia pelos noivos como símbolo de sua união. De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, em sua segunda acepção, arras, na língua portuguesa, é a “quantia ou bens que o noivo assegura por contrato à esposa para garantir sua sobrevivência”. Disponível em: <https://definicion.de/arras/>, <https://dle.rae.es/arras?m=form&m=form&wq=arras> e <https://www.aulete.com.br/arras>. Acesso em: 29 set. 2023.

¹³⁵⁹ Transcrição da nota 678, da edição de 2008 (p. 689): “José Berni; a obra citada é *Práctica criminal, con notas de los delitos, sus penas, presunciones y circunstancias que los agravan y disminuyen* [Nossa tradução: Prática criminal, com anotações aos delitos, penas, presunções e circunstâncias que os agravam e diminuem] (Valência, 1749)” (Nossa tradução).

(p. 690) “O mesmo autor que mencionei anteriormente afirma, de forma muito pertinente, no fôlio 8, que, uma vez que ninguém procura por testemunhas para quando comete o adultério¹³⁶⁰, o direito admite evidências e conjeturas, desde que sejam indícios contundentes e capazes de proporcionar conhecimento do delito..., pois, em caso de dúvida, é preferível absolver do que condenar precipitadamente. As suposições que denotam claramente o adultério são as seguintes: quando testemunhas confiáveis e dignas de crédito, mesmo sendo da própria casa, declaram ter visto Pedro e Márcia na mesma cama, ou em lugar suspeito, ou sozinhos nesses lugares, ou trancados em um quarto, ou nus, ou se beijando, ou se abraçando. Nesse assunto, várias interpretações são amplamente discutidas.

“As exceções que favorecem a mulher adúltera são as que seguem. Primeira, quando o marido inicia a queixa de adultério e depois abandona a causa com a intenção de não lhe dar prosseguimento. Segunda, quando o marido declara diante do juiz que não deseja fazer acusação porque está satisfeito com a conduta de sua mulher ou coisa similar. Terceira, quando o marido recebe sua mulher em seu leito depois de saber que ela é adúltera. Quarta, quando o marido for conhecedor e consentidor; neste caso, longe de poder se apresentar como acusador de sua mulher, ele tornar-se-á réu por lenocínio. Quinta, quando a mulher é forçada. Sexta, quando ela foi enganada e cometeu adultério achando que estava com seu marido. E, sétima, quando o marido, abjurando a fé e religião católica, abraça outras seitas diversas e torna-se mouro, judeu ou pagão. Em tais casos, a mulher (p. 691) adúltera fica livre da acusação do marido e recebe o favorecimento das leis 7 e 8, do título 17, partida 7; e 6 a 8 do título 9, partida 4.

“Pode-se ver, de forma resumida, o que é o adultério, quais são as penalidades, quem pode fazer a acusação, quais são as exceções que favorecem a mulher adúltera e o que se entende por suspeitas ou indícios contundentes. Em vista disso, sabereis como formular a acusação, levando em conta aquela à qual está encarregado da causa.

– Pois é, os indícios são fortemente contundentes – disse-lhe o sargento-mor – , porque há testemunhas que viram o homem com a mulher do soldado. Previamente,

¹³⁶⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *que como nadie busca testigos para cometer adulterio* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 690).

este já tinha repreendido (p. 691) e advertido o falecido de não entrar em sua casa, mas ele o fazia. E, no dia em que foi morto, o soldado encontrou-o com sua mulher, pois ambos os amantes tinham certeza de que ele estava de guarda. Porém, este abandonou seu posto, instigado pelos ciúmes, e, achando a porta trancada, abriu-a à força. Isso leva-me a acreditar que, necessariamente, farei uma acusação frouxa.

– Portanto, pretendeis que o réu morra, mesmo não sendo merecedor da pena?
– perguntou-lhe o coronel.

– Não, *señor* – respondeu-lhe o sargento-mor –, não desejo sua morte. Porém, como fiscal, devo esmorecer suas defesas, desconsiderar suas ressalvas e agravar seu delito. Essa é minha obrigação.

– Estais enganado, *señor* sargento-mor – disse-lhe o coronel –, ao acreditar que sua obrigação está em incriminar os réus. Ouvi atentamente o que o *señor Don José Marcos Gutiérrez*¹³⁶¹ afirma a respeito, no segundo tomo de sua *Práctica criminal de España*, no fólho 9.

“O cargo de promotor – afirma o autor – é de extrema confiança nos tribunais, e não deve ser exercido por oficiais do estado-maior nos conselhos de guerra, a menos que busquem desempenhá-lo com retidão e diligência, agindo, em suas acusações, de boa-fé, com a maior integridade e como defensores da lei, sem caluniar ou ofender injustamente a ninguém. O objetivo deve ser buscar a verdade, e não a glória de absolver um inocente utilizando sofismas e manobras, deturpando os fatos. O zelo pelo bem público tem seus limites. Infringir-lo torna-o indiscreto e injusto. Por essa razão, é um grande erro e uma tolice bárbara de alguns acreditar que o sargento-mor ou seu ajudante deverá (p. 692) incriminar e agravar o réu em sua conclusão quando for possível¹³⁶².

– Portanto – disse-lhe o sargento-mor –, assim agirei bem ao expor no conselho a causa com a mesma face que ela tem e pedirei que seja aplicada ao réu uma pena moderada, ou, no máximo, a que está prescrita pela ordenança para quem abandona seu posto.

– Penso que assim deve ser feito, ainda mais porque acredito que essa pena deva ser modificada na justiça, levando em conta a paixão veemente dos ciúmes, sem

¹³⁶¹ Nota da Tradutora: O autor já foi comentado na nota 860 desta tradução.

¹³⁶² Nota da Tradutora: De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 692), na nota 679, o trecho citado pode ser revisto na página 19 do tomo II, do livro mencionado de Gutiérrez, no corpo do texto.

a qual é (p. 692) de se acreditar que o soldado não teria desatendido seu posto. Por conseguinte, seu defensor poderá comprovar que esse delito militar, pelo qual, se fosse outro o caso, seria merecedor do suplício ou da pena capital, dependendo do momento em que foi cometido, não foi premeditado e, como as penalidades devem ser agravadas ou diminuídas em proporção da tentativa com que são cometidas, seguirá, individualmente, o que o conselho de guerra imporá a esse soldado: uma pena menos grave do que a que está prevista na ordenança, considerando que, como disse o *señor* rei *Don Alfonso, el Sabio*, em uma de suas leis de Partida, *os primeiros movimentos que movem o coração do homem não estão sob seu poder*.

“Essa doutrina está em conformidade com a razão e com o espírito de nossas leis. O *señor* Lardizábal, em seu *Discurso sobre las penas*¹³⁶³, disse ‘que a liberdade é diminuída também por causa intrínseca, e isso acontece quando o ímpeto e a força das paixões são tamanhos que ofuscam o ânimo, cegam o entendimento e precipitam quase involuntariamente o mal, como acontece nos primeiros movimentos da ira, da cólera, da dor e de outras paixões semelhantes. Nos casos em que os delitos são cometidos dessa (p. 693) forma, os réus devem ser castigados com menos severidade que quando são feitos a sangue frio e com inteira deliberação’.

– Fico totalmente satisfeito – disse-lhe o sargento-mor – e agradecido pela clareza com que me tendes feito entender que os promotores não têm a obrigação de incriminar os réus nem de fazer deles delinquentes à força, mas, ao contrário, apenas defender as leis; todavia, acho que seríeis melhor para defensor do que para promotor.

– Isso veremos agora – disse-lhe o capitão –, porque sou defensor de outro soldado que matou um homem traiçoeiramente e não sei como fazê-lo inocente, pois essa é minha obrigação plena.

– Pois, então, estais igualmente errado – disse-lhe o coronel –, porque, se o afilhado é homicida e está comprovada sua traição, sua defesa terá pouca esperança de salvá-lo, isso desde que seja feita de acordo com sua consciência, pois Deus disse:

¹³⁶³ Transcrição da nota 680, da edição de 2008 (p. 692): “Manuel Lardizábal y Uribe, citação textual do *Discurso sobre las penas contrahido a las leyes criminales de España para facilitar su reforma* [Nossa tradução: Discurso sobre as penalidades em respeito às leis criminais da Espanha para facilitar sua reforma]. Madri, editado por Don Joaquín Ibarra, 1782, p. 112. Manuel Lardizábal foi jurisconsulto de Carlos III e alcançou grande fama de criminalista. A citação aparece na edição mencionada na epígrafe ‘Da verdadeira medida e quantidade das penas’” (Nossa tradução).

(p. 693) *quem mata a outro, deve morrer*¹³⁶⁴. Entende-se dessa forma quando não se trata de legítima defesa, como um ato involuntário accidental, por casualidade, em justa satisfação de sua honra violada, como no caso do adultério, ou por causa semelhante; mas, se a morte é cometida premeditadamente e não tem nenhuma dessas exceções a seu favor, o homicida é aleivososo e, portanto, deve morrer seguindo as Leis pátrias e nem sequer gozar da imunidade do sagrado. Desse modo, vede como ficará em sua defesa, quando confessar que é seu afilhado e é culpado!

– É verdade – disse-lhe o capitão –, mas o homicida tem, a seu favor, uma exceção muito poderosa que o defende, e vós não a mencionastes. Pelo menos, acredito que ele será livrado da pena capital; mesmo porque eu quero formar sua defesa de modo que ele saia em liberdade, ou quando muito, seja sentenciado a começar seu novo serviço. Esse é meu empenho, e para isso vim pedir vosso conselho.

– E qual é a exceção que o respalda? – perguntou-lhe o coronel. E o defensor disse que ele estava bêbado quando cometeu o assassinato.

O coronel riu alegremente e disse:

– É verdade que ele estava bêbado? Se tivesse estado louco, com certeza ficaríeis (p. 694) bem. Mas, bêbado? ... Bêbado?¹³⁶⁵... Esse deveria ir ao tronco, mesmo que fosse defendido por Cícero.

– Como isso é possível? – disse-lhe o capitão. – Vós mesmo dissestes que as penalidades devem ser agravadas ou diminuídas, a depender da proporção da tentativa e intenção com que os delitos são cometidos? Segundo essa doutrina, uma vez comprovada a embriaguez de meu afilhado quando matou o homem, claro é que praticou o assassinato sem intenção plena e, portanto, não merece a pena capital.

– Aparentemente, deveria ser assim, mas, segundo o *señor* Lardizábal, ‘as leis devem ter critérios distintos para penalizar aqueles que ficam bêbados por casualidade, ou por outro motivo extraordinário, e aqueles que o fazem por hábito e costume. No primeiro caso, se o réu cometeu um delito estando sem discernimento devido à embriaguez, a pena deve de ser reduzida e, talvez, dispensada, levando em consideração as circunstâncias. Já no segundo caso, o réu deve ser punido como se

¹³⁶⁴ Nota do Autor: “Gênesis, capítulo 9” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 693, nota a) (Nossa tradução).

¹³⁶⁵ Nota da Tradutora: Repetição do texto do autor.

tivesse cometido (p. 694) o delito estando sóbrio, sem levar em conta seu estado de embriaguez – este pode até mesmo aumentar a punição; pois nenhum legislador deve ser considerado injusto se quiser ressuscitar a lei de Pítaco¹³⁶⁶, que impunha uma dupla penalidade para aqueles que cometiam um delito sob a influência do álcool, uma pelo próprio delito e outra pela embriaguez’.

“O mesmo autor cita, sobre o dito anteriormente, umas palavras de Aristóteles¹³⁶⁷ merecedoras de que as conheçais para sua inteligência. Assim diz esse político pagão: *Sempre que um crime for cometido por ignorância, este não é realizado voluntariamente e, portanto, não existe injúria. Mas, se a pessoa que comete o crime é a causa da ignorância com que é cometido, então há verdadeiramente injúria e direito de acusá-la, como acontece com os bêbados, que, (p. 695) quando estão sob o efeito do álcool e causam algum dano, cometem injúria, uma vez que eles próprios foram a causa de sua ignorância, pois não deveriam ter bebido tanto.*

– Então estamos mal! – disse-lhe o defensor. – Porque as testemunhas declararam que meu afilhado estava bêbado quando cometeu o assassinato e afirmaram que ele tinha costume de ficar bêbado. Neste caso, eu reconheço que a exceção não lhe favorece.

– Isso é evidente – disse-lhe o coronel. – E mais, se levarmos em conta que, quando o homem comete um delito embriagado, torna-se réu, de acordo com meu discernimento, porque, em nenhum caso, deve-se arriscar que se extravie a motivação. Além disso, se pensarmos seriamente, merece alguma indulgência o embriagado que apenas comete delitos que não são prejudiciais diretamente à sociedade, tais como as injúrias que alguém disse quando bêbado, mesmo quando atingem a honra de alguém. Isso por duas razões: a primeira, porque o ébrio tem uma língua muito solta, e a experiência ensina que não existe alguém que não fale

¹³⁶⁶ Nota da Tradutora: Pítaco de Mitilene (640-568 a.C.) foi um dos sete sábios da Grécia, juristas e estadistas do século VI a. C. Governou Mitilene na cidade de Lesbos. Como jurista, ele é conhecido por instituir a lei na qual os crimes cometidos por bêbados devem ser punidos em dobro. A lei foi dirigida, em especial, para os aristocratas que, com frequência, eram culpados de embriaguez e da consequente conduta violenta. Mais informações em: <https://www.britannica.com/biography/Pittacus-of-Mytilene#ref264125> e <https://about-history.com/seven-sages-of-greece-and-their-influence-in-the-world/>. Acesso em: 29 maio 2023.

¹³⁶⁷ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008), na nota 682 (p. 694), aponta que a citação não foi diretamente retirada de Aristóteles, mas do jurista mexicano Manuel de Lardizábal y Uribe (1739-1820), *Discurso sobre las penas* (1782, p. 114-115). O trecho mencionado pode ser visitado em: <https://books.google.com.gt/books?id=4RgeAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=es#v=snippet&q=por%20ignorancia&f=false>. Acesso em: 25 jun. 2023.

disparates (p. 695) com voz balbuciante; a segunda, porque, por essa mesma razão, dificilmente haverá quem se beneficie com os feitos de um bêbado.

“Isso não ocorre quando, no delito, intervém a ação e outras circunstâncias que, claramente, denotam conhecimento e deliberação sobre o que foi feito, como no caso de um homicídio, quando o agressor se mune com uma arma, procura o objeto de sua ira, dispõe a ocasião para sua vingança e assegura-se de dar o golpe fatal com tanta força e atingindo o alvo como o homem mais lúcido. Nesse sentido, eu jamais perdoaria alguém que tira a vida de outrem sob o pretexto de estar bêbado.

“Quem bebe excessivamente perde a vergonha. Porém, existem muitos que, ao beber um pouco de licor, simulam estar bêbados e, com essa máscara, cometem mil infâmias e escondem-se da penalidade que merecem. Mais do que isso, eles não merecem nenhuma desculpa; ainda que, na verdade, estejam com a razão perturbada, não a merecem porque, mesmo com essa falta, padecem-na por causa própria e são merecedores das duas penalidades, como foi dito acima.

(p. 696) “A verdade é que a embriaguez é uma loucura passageira, mas uma loucura voluntária, como disse Sêneca. Assim como é considerado delinquente o suicida, mesmo que, voluntariamente, tire sua vida, assim deve ser tratado quem comete um crime bêbado, porque ele, voluntariamente, embriagou-se.

“Isso sem contar que, de acordo com meu modo de pensar, apenas em um caso o ébrio merece indulgência: é quando não está em condições de cometer nenhum delito, nem de lesar o outro. E quando acontece isso? Quando o sujeito está caído e narcotizado, em uma situação em que não pode se mexer, nem ouvir, nem reconhecer ninguém, nem falar; ou mesmo quando não pode se levantar e sua fala é gaguejante e sem conhecimento. Isso só acontece no paradoxo, mas é esse meu modo de pensar toda a vida, porque, enquanto o bêbado fala, anda, reconhece, fica bravo e procura evitar os perigos, então, é falso dizer, como afirma-se vulgarmente, que ele esteja privado da razão.

“É claro que ele usa a embriaguez e a deturpa, mas está bêbado, e usa essa situação, conscientemente, para seu proveito. Eu, pelo menos, nunca vi um bêbado jogar-se de um telhado, e nem quando machuca alguém usa o cabo da faca para golpeá-lo; tampouco, ao querer acertar João, acerte Pedro, nem algo parecido. Eles são loucos, é verdade, mas não há louco que coma fogo. E, por fim, se eu fosse um juiz, consideraria como critério para julgar a maior ou menor deliberação de um

bêbado a (p. 696) ordem ou desordem de suas ações imediatas anteriores e posteriores ao momento em que comete o crime, de modo que, se ele dava alguns passos para cometer o delito e outros para fugir depois de cometido, com medo da pena que merecia, sem dúvida, eu não teria piedade dele, pois aquele que controla seus próprios pés também pode controlar sua cabeça.

“Nessa reflexão, sabereis o que existe no caso particular de vosso afilhado e fareis a defesa como vos for mais conveniente. No entanto, se fizerdes como Deus e o rei mandam, acredito que não tereis como defender esse pobre.

– Qual é – perguntou-lhe o capitão – a graça de ser um bom defensor e não conseguir libertar seu afilhado, por criminoso que seja, da penalidade que lhe toca? Não deveria se esforçar, em troca de sua obrigação, para fazer de tudo para alcançar tal efeito?

(p. 697) – Não, *señor!* – disse-lhe o coronel. – A obrigação do defensor é examinar se está bem justificado o corpo do delito; examinar a força e o valor que têm as provas existentes contra o réu; escrutinar a classe de testemunhas e seu modo de declarar; verificar se eles entendem o que disseram; ver se concordam, entre si, no substancial do lugar, tempo, modo, pessoa, ocasião e número, ou, pelo contrário, se estão conformes demais ou nada naturais suas declarações, para que não possam ser entendidas como propina; ver se existem declarações muito divergentes ou inverossimilhança, e outras questões assim. Tudo isso porque a obrigação do defensor é a de alegar em favor do cliente quantas exceções lhe sejam favoráveis de direito e examinar se a causa contém alguma nulidade, para apoiar nisso sua defesa. Mas, não é lícito valer-se de meios sinistros e ilegais, como corromper testemunhas, apresentar documentos falsos, censurar injustamente o fiscal e usar outras diligências como estas, que sejam opostas à justiça e à moral.

“Essa doutrina é ensinada por Gutiérrez, que citei anteriormente, e ele disse que ‘a preocupação e a vaidade de alguns defensores que baseiam sua honra em ganhar a causa de seus clientes, não importando os meios utilizados, são sumamente condenáveis, pois, por ignorância crassa e pelo mal entendimento da definição de caridade, acreditam que, para livrar da morte um infeliz, é lícito valer-se de quantos meios sejam possíveis, mesmo quando estes sejam injustos como os que mencionei.’

“Concluirei meu parecer com as palavras de Gutiérrez, advertindo que seu livro *Prática criminal*, de onde tirei as citações, foi publicado em Madri no ano de 1805. Ele

disse, (p. 697) pois: ‘A preocupação dos promotores em pensar que devem conduzir os réus ao cadafalso, junto com a já expressada falácia de que os defensores devem torná-los inocentes, ajuda não pouco a atrapalhar e a adiar as causas em prejuízo da correta administração da justiça.’ Parece que não há mais nada a dizer a respeito do caso.

– Bom, camarada – disse o sargento-mor ao capitão –, se não tivéssemos vindo consultar o *señor* coronel, íamos passar por desavergonhados, (p. 698) cada um por seu lado. Vós querendo salvar um delinquente, e eu tentando incriminar a quem não o é, ou pelo menos, a quem não o é no grau que eu supunha.

– Posto isto – disse-lhe o defensor –, não se deve se fiar em si mesmo, mais ainda em casos dos quais depende a vida de um homem, ou o bem geral da república, mas assujeitar seu ditame ao melhor que fizemos. De minha parte, fico muito agradecido, *señor* coronel, por, oportunamente, tirar-nos do desengano.

– Eu também queria dizer o mesmo, naquilo que me diz respeito – disse-lhe o promotor.

Dito isso, eles mudaram de conversa e, em seguida, falaram sobre questões pouco importantes e despediram-se.

Eu presenciei várias dessas consultas e comecei a sentir certa vontade de aprender. Desse modo, fiquei um pouco menos burro graças às conversações daquele sábio e de sua boa biblioteca, pequena, mas seleta, de livros que não eram apenas enfeites de casa, mas de seu domínio. Era difícil vê-lo sem um livro na mão, e costumava dizer-me com frequência:

– Filho, as armas não brigaram com as letras. O homem é sempre homem, não importa sua classe social, e deve nutrir sua mente com erudição e estudo. Conheci alguns oficiais que se dedicaram apenas a seguir seus regulamentos e a seu *Colón*¹³⁶⁸, não apenas deixando de dedicar-se a qualquer tipo de estudo ou leitura,

¹³⁶⁸ Nota da Tradutora: Refere-se ao livro de Félix Colón de Larriátegui y Ximénez de Embrún (1740-1820), jurista e militar espanhol, vindo de uma família de letrados e ministros que serviu ao Império espanhol. O livro considerado mais importante, mencionado no texto de Fernández de Lizardi, é o *Juzgados militares de España y sus Indias* [Nossa tradução: Julgados militares da Espanha e Índias Ocidentais (nome dado, inicialmente, aos territórios no continente americano que os europeus anexaram como seus)] (1788), publicada em quatro volumes, pela Imprensa de Viuda de Ibarra, em Madri. Nota da Tradutora: O livro está disponível em: <https://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=418750>. A biografia da personalidade histórica pode ser acedida em: <https://dbe.rah.es/biografias/45750/felix-colon-de-larreategui-y-ximenez-de-embrun>. Acesso em: 12 nov. 2023.

mas também (p. 698) demonstrando certa indiferença e desprezo pelos demais livros, acreditando, erroneamente, que um militar só precisa entender de sua profissão e não saber mais nada, sem perceber que, como diz Saavedra¹³⁶⁹, em seu livro “*Empresa 6*”, *uma profissão sem conhecimento ou aprimoramento em outros assuntos é uma forma de ignorância*. Assim, vi essas pessoas ficarem caladas como estátuas (p. 699) nas conversas com pessoas instruídas, como se diz vulgarmente, boiando¹³⁷⁰, sem proferir uma única palavra. Mas eles são os que souberam tirar melhor proveito, em comparação com aqueles que tentaram dar sua opinião e sair além da esfera limitada em que isolaram sua instrução, pois mal começam falar, proferem mil tolices e, dessa maneira, conquistam, no mínimo, a reputação de ignorantes.

“Quando tu, Pedro, em algum momento, chegares a ser oficial, procure ilustrar teu entendimento com os livros e aplicar-te, o máximo possível, a não ignorar o aprendido.

“Não quero que sejas um onisciente¹³⁷¹, nem que faltes a tuas precisas obrigações por conta do estudo, mas, sim, que não menosprezes os livros, nem que acredites que um militar, por sê-lo, é desculpado quando é verborrágico em disparates em quaisquer conversas. Nesse caso, quem percebe esse defeito, ou te qualificará como néscio pedante, ou talvez o atribuam a tua falta de instrução ou à mediocridade de teus princípios. Ao contrário, um militar instruído é respeitado em todos os lugares, agrega ao grupo dos sábios da sociedade, e ele mesmo credita seu berço, manifestando-se com fineza, sem ter de apresentar suas medalhas.

“Não estão, repito, brigadas as letras com as armas; pelo contrário, aquelas costumam ser, e têm sido mil vezes, o ornamento e auxílio destas. *Don Alonso*¹³⁷², rei

¹³⁶⁹ Transcrição da nota 685, da edição de 2008 (p. 698, retirado de *Obras*, Bae, v. XXV, Madrid, Atlas, 1947, p. 21-22): “Diego Saavedra y Fajardo (1584-1648), em seus livros *Empresas*, recolhe sua experiência dos assuntos de Estado e pretende facilitar a guia e orientação aos príncipes e governantes cristãos” (Nossa tradução).

¹³⁷⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *como tontos en vísperas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 699). De acordo com López y López (1931, p. 472), a expressão coloquial significa “não entender nada” (Nossa tradução).

¹³⁷¹ Nota da Tradutora: De acordo com o dicionário *Michaelis* (2023), “que sabe tudo; que tem conhecimento absoluto sobre tudo; onissapiente”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/onisciente/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

¹³⁷² Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) corrige, na nota 686 (p. 699), que se trata de Alfonso V de Aragão, I de Nápoles (1396-1458). Esse rei é conhecido por suas tentativas de conquista dos territórios da atual Itália, também célebre por sua paixão pelos livros. Para mais informações, visitar: <https://www.bne.es/es/blog/blog-bne/alfonso-el-magnanimo-y-la-divisa-del-libro-abierto-i> e <https://dbe.rah.es/biografias/6367/alfonso-v>. Acesso em: 27 jun. 2023.

de Nápoles, ao (p. 699) questionar-se a quem devia mais, às armas ou às letras, respondeu: *nos livros aprendi sobre as armas e sobre os direitos das armas*. Houve muitos militares que, aprofundados nesses conhecimentos, aplicaram-se às letras da mesma forma que às armas. Eles deixaram-nos por escrito uma eterna testemunha de que souberam utilizar a pena com a mesma destreza que a espada. Tais foram os Franciscos Santos¹³⁷³, os (p. 700) Geraldos Lobos¹³⁷⁴, os Ercillas¹³⁷⁵, os Cadalsos¹³⁷⁶ e outros tantos.

“No que diz a respeito a tua conduta, em caso hipotético, não debes ser menos cuidadoso. Deves vestir-te de forma decente, sem afetação, ser sincero sem ser demasiado simples, corajoso na campanha, jovial e gentil no trato familiar com as pessoas, moderado em tuas palavras e homem de bem em todas tuas ações. Não imites os exemplos dos maus. Não queiras parecer mais o filho do Adonis do que o amigo de Marte. Nunca sejas exibicionista ou fanfarrão. Nunca, sob a desculpa de ser militar, como alguns erroneamente entendem, uses palavras obscenas ou tenhas ações grosseiras. Isso não é ser marcial, mas, sim, falta de educação e pouca vergonha. Um oficial é um cavalheiro. O caráter do cavalheiro deve ser atencioso, afável, cortês, moderado em todas as ocasiões. Compreende que o rei não te condecora, nem a ninguém, com o distintivo oficial para aumentar o número dos provocadores, dos atrevidos, dos irreligiosos, dos parasitas ou patifes, mas, sim, para

¹³⁷³ Transcrição da nota 687, da edição de 2008 (p. 699): “Francisco Santos [(1623-1698)], com sua obra, no século XVII, acarreta a dissolução do gênero *picaresca*. [Obras mencionadas:] (1668) *Periquillo de las gallineras* [Nossa tradução: Periquitinho das galinheiras], *Día y noche en Madrid, discursos de lo más notable que en él pasa* [Nossa tradução: Dia e noite em Madri, discursos sobre o mais importante que se passa naquela cidade] (1663). Foi soldado durante os reinados de Felipe IV e Carlos II” (Nossa tradução).

¹³⁷⁴ Transcrição da nota 688, da edição de 2008 (p. 700): “Eugenio Gerardo Lobo (1679-1750), com cuja obra poética permanece a linha barroca no século XVIII. Sua facilidade em compor valeu-lhe o apelido de ‘capitão fazedor de coplas’. Destaca-se no gênero festivo e despreocupado. Autor de *Selva de las musas* [Nossa tradução: Selva das musas] (1717)” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A copla, segundo o dicionário *Aulete digital*, é uma “Pequena composição poética, em quadras, para ser cantada”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/copla>. Acesso em: 12 maio 2024.

¹³⁷⁵ Transcrição da nota 689, da edição de 2008 (p. 700): “Alonso de Ercilla y Zúñiga (1533-1594), autor do poema épico *La Araucana* [(1569, 1578, 1589)], participou das diferentes batalhas da guerra do Chile” (Nossa tradução).

¹³⁷⁶ Nota da Tradutora: Nem Ruiz Barrionuevo (2008), nem Frye (2004) menciona quem seria a personagem histórica. Talvez possa ser José Cadalso y Vázquez de Andrade (1741-1782), militar e autor das obras *Cartas marruecas* [Nossa tradução: Cartas marroquinas] (1793) e *Noches lúgubres* [Nossa tradução: Noites lúgubres] (1798). Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/portales/jose_cadalso/autor_biografia/. Acesso em: 27 jun. 2023.

assegurar, sob (p. 700) a direção de homens honrados, a defesa da religião católica, a coroa e o bem-estar e a tranquilidade de seus estados.

“Considera que, se um soldado merece receber a penalidade de duas pessoas comuns, um oficial merece o dobro, ou seja, a penalidade de quatro pessoas. Isso ocorre porque aquele – o soldado –, na maioria das vezes, não passa de um pobre plebeu sem berço de ouro, sem princípios, sem educação e, talvez, sem nenhum talento: um medíocre. Portanto, seus erros merecem indulgência. Por outro lado, o oficial que tem berço, instrução e talento, certamente deve ser considerado como mais criminoso quando comete o mal, pois o faz conscientemente e está obrigado a evitá-lo com o dobro de esforços em comparação ao soldado comum.

“Por último, se algum dia te vires nessa situação, isto é, se algum dia tu te tornares um oficial, o que não é impossível, e, por desgrça, (p. 701) tiveres má conduta, aconselho-te a não ostentar tuas patentes, tua limpeza de sangue, nem desenterrar as memórias de teus bons avôs, pois exibir-se assim só serve para seres ainda mais odiado aos olhos dos homens de bem. Quanto mais nobres forem teus antepassados, mais evidente será tua perversidade, e tu mesmo estarás publicando tua má índole, provando que teu propósito era ser ruim, mesmo tendo bons pais, o que é uma benção não reconhecida nem apreciada neste mundo.

Esses eram os conselhos que o coronel me dava com frequência. Ele era, ao mesmo tempo, meu chefe, meu amo, meu pai, meu amigo, meu mestre e benfeitor, pois todos esses papéis ele cumpria comigo. Aquele era um bom homem.

No entanto, como minha virtude não era sólida, ou melhor, não era virtude, mas dissimulação de minha malícia, eu não deixava de aprontar das minhas de vez em quando, nas costas do coronel. Eu visitava minhas amizades, compostas unicamente por soldados, pois não tinha outros que gostassem de minha companhia. Eu ia ao quartel algumas vezes, outras, para as marmitarias das ruas, ou para as adegas que servem *pulque* e para os prostíbulos que visitava com meus camaradas. Apostava meus *albures* com frequência, cortejava minhas ninfas e, depois de passar por esses pontos inocentes, quando sabia que o chefe estava em casa, voltava e punha-me a ler, limpar a casaca, engraxar as botas e continuar exercendo minhas hipócritas bajulações.

O trato frequente com os soldados acabou impregnando-me com suas maneiras. Entre eles, eu maldizia, era um desavergonhado, mal-educado, atrevido e

grosseiro a toda (p. 701) prova. Algumas vezes, lembrava-me do bom exemplo e das sólidas instruções do coronel; mas, como seria possível eu deixar de fazer o que todos faziam? O que diriam sobre minha pessoa se eu me abstinêsse, diante deles, de fazer ou dizer alguma patifaria ou obscenidade para seguir os conselhos de meu chefe? Não (p. 702) fariam algazarra ao ouvir de minha boca as palavras *Deus*, *consciência*, *morte*, *eternidade*, *prêmios* e *castigos divinos*? Que zombaria não teriam feito comigo se, descuidando-me, tivesse tentado corrigi-los com minha instrução ou com meu bom exemplo, imaginando que eu era capaz de fazê-lo? Teria sido um grande deboche. Então, agia dessa maneira para não ficar mal com tão bons amigos, e não porque eles me apelidaram de *santinho*, *beato* ou *hipócrita*, mas porque eu os acompanhava em todas as maldades e, mesmo que eu achasse algumas delas repugnantes, procurava destacar-me sendo o pior dos piores. Assim, atropelei todos os respeitos divinos e humanos em troca de ganhar a estima e os doces e honoríficos epítetos de *veterano*, *bom pestinha*, *ordinário*, *marcial* e outras condecorações recebidas de meus amigos. Meu único empenho era não deixar que meu chefe soubesse de minhas diabruras para não sofrer os castigos correspondentes, como, por exemplo, não perder a conveniência de estar a seu serviço, pois sabia, por experiência, que melhor trato eu não poderia receber de ninguém.

Nas tertúlias, na conversa com os soldados, ouvia, algumas vezes, falarem, de forma animada, sobre os sargentos. Uns diziam que eles eram cruéis, outros, que eram ladrões e que era costume deles tirar proveito do dinheiro dos subordinados, e ainda que compravam camisas, sapatos etecétera, a certo preço, deixando a conta para outros pagarem. Enfim, os pobres sargentos eram alvos dos xingamentos¹³⁷⁷. Eu considerava que, talvez, fossem calúnias e audácias, mas não me atrevia a contradizê-los, porque não estive sob o comando de nenhum sargento tempo suficiente para bem conhecê-los e, dessa forma, não poderia falar com segurança sobre o assunto.

¹³⁷⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *hablaban de los pobres sargentos las tres mil leyes* [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 702). De acordo com Davis (1961, p. 77), a expressão coloquial *hablar las tres mil leyes* significa praguejar. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/334548>. Acesso em: 10 nov. 2023.

(p. 702) Assim, passaram-se alguns meses, até que chegou o dia de voltar para Acapulco para conduzir os recrutas que deveriam embarcar para Manila. E assim o fizemos.

Não tivemos nenhuma novidade no caminho. Chegamos contentes à cidade real, porto e fortaleza de San Diego de Acapulco¹³⁷⁸. Não fiquei impressionado com seus reais Tamarindos¹³⁷⁹, nem com a cidade em si, devido à simplicidade das construções, ao clima ruim e à má situação, parecendo-me até inferior a muitos povoados de índios que já havia visto. Porém, em compensação, tive a surpreendente satisfação de ver, pela primeira vez, o mar, o castelo e as embarcações, que imaginava serem todas (p. 703) iguais à do San Fernando Magallanes¹³⁸⁰, que estava ancorado na baía.

Além disso, diverti-me bastante com as morenas do país, que, embora não agradassem à vista daqueles que saem da Cidade do México, são muito amigáveis e dóceis. Também me delicieei com o pescado fresco, abundante por lá e muito saboroso. Assim, com essas simples coisas, distraí-me dos desconfortos que sofri com o calor e com a ausência de vida social, já que não tinha muitos amigos. Ainda, a privação das diversões da cidade e o temor da navegação, que brotava em mim, como acontece com aqueles que nunca subiram em uma embarcação e precisam confiar sua vida à fúria dos ventos e à instabilidade das águas, afligiram-me em alguns momentos.

Chegou o dia em que devíamos partir. O capitão recebeu os recrutas forçados, fizemos o embarque, levantamos âncora, soltamos as amarras e, ao som do grito dos amigos e curiosos que ficaram no cais desejando-nos *boa viagem*, partimos em direção ao mar aberto.

¹³⁷⁸ **Transcrição da nota 12 da edição de 2004 (p. 384): “Mesmo sendo o único porto mexicano no Pacífico, e ponto-chave no comércio com as Filipinas, a cidade de Acapulco era costeira apenas no nome, sem população na maior parte do ano (exceto quando as frotas iam e vinham), devido às doenças tropicais do lugar. Muitos dos residentes permanentes da região costeira eram (como Periquinho sugere nas páginas a seguir) de descendência africana” (Nossa tradução).

¹³⁷⁹ Nota da Tradutora: Mantivemos a inicial maiúscula, do texto em castelhano.

¹³⁸⁰ Transcrição da nota 691, da edição de 2008 (p. 703): “Com respeito aos nomes geográficos, ver Spell, *Bridging the gap* (1971, p. 190). Ele registra também o nome de um navio chamado *Magallanes*, que aparece em uma nota da *Gaceta* em dezembro de 1800 [a seguir]: no dia quatro deste mês, ancorou no porto de Acapulco a fragata de S. M. Magallanes, procedente das Filipinas” (Nossa tradução).

(p. 703) Desde o primeiro dia, tivemos prognóstico de tempo propício para uma navegação tranquila, pois, logo depois que saímos do porto, um vento favorável encheu as velas, fazendo-nos deslizar rapidamente, como se estivéssemos voando. Foi isso o que senti. Depois de quatro horas de navegação, com a maior serenidade¹³⁸¹, não conseguia mais avistar, mesmo com binóculos, as chamadas *tetas de Coyuca*¹³⁸², que são as montanhas mais elevadas do Sul e a primeira terra avistada desde o mar. Isso deixou-me triste, pois eu sabia da longa distância que teríamos de percorrer. Sofri enjoo e dor de cabeça, comuns para aqueles que são principiantes em viagens. Mas, superando esses tormentos, continuei minha viagem alegremente.

¹³⁸¹ Transcrição da nota 692, da edição de 2008 (p. 703): “Reyes Palacios acredita tratar-se de um equívoco o uso da palavra *serenidade*, sendo, na verdade, *celeridade*. Ver a edição da UNAM, 1982, v. IX, p. 188” (Nossa tradução).

¹³⁸² Nota da Tradutora: Trata-se de uma colina no estado de Guerrero. Para mais informações sobre as *Tetas de Coyuca*, visitar: https://es.getamap.net/mapas/mexico/guerrero/_coyuca_tetasde/. Acesso em: 28 jun. 2023.

(p. 704) **Capítulo III**

No qual Periquitinho conta a fatídica aventura do egoísta e seu desgraçado fim quando o barco encalhou; os conselhos que recebeu do coronel por ocasião desse episódio; e seu feliz desembarque em Manila

Quando me recuperei de minha indisposição, subi ao convés e não consegui enxergar terra, mas apenas céu, água e o barco em que navegávamos, o que não deixava de ser bastante assustador para mim, ainda mais quando refletia interiormente sobre todos os riscos que me cercavam. Minha mente visualizava tempestades violentas, que logo acalmavam-se, e um naufrágio que nos faria morrer de fome. Também imaginava que o navio colidiria em um recife, e cada um de nós sairia pelas rachaduras para nos tornarmos alimento dos tubarões e *tintoreras*¹³⁸³; ou então, temia que, a qualquer momento, pudéssemos encontrar piratas e enfrentar nossa inevitável *destruição*¹³⁸⁴. Acreditava, ainda, que um descuido no fogão poderia resultar em um incêndio; via mesmo o navio em chamas, o alcatrão escorrendo em forma líquida e consumindo tudo pela voracidade das chamas, apesar da presença das bombas, e depois o fogo não respeitando nem o depósito de pólvora, lançando-nos pelos ares de Deus para não voltarmos a respirar até o último dia dos tempos.

Com essas considerações funestas, passava alguns momentos do dia atemorizado ou em pânico, até que, depois de um mês, ao perceber que nada disso acontecia, comecei a descartar os medos aos poucos, como dizem, com calma, tanto assim (p. 705) que já me habituava àquela rotina. Cheguei a sentir que era agradável navegar, pois, à noite, a lua refletia-se nas ondas, tornando-as um espelho, e junto com a repetida paisagem, vislumbrava-se o horizonte, o que nos fazia desfrutar muito, ainda mais porque o vento que soprava na popa era o mais propício para navegar rapidamente e sem risco de tormenta. Assim, então, durante o descanso das

¹³⁸³ *Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), a *tintorera* [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 704), *Prionace glauca*, é “um tubarão muito semelhante ao cação, frequente nas costas do sul da Espanha e de Marrocos, que atinge de três a quatro metros de comprimento e possui dentes triangulares e afiados, dos quais os da mandíbula superior são mais largos e com a ponta voltada para trás. Sua parte superior e as laterais são de cor azulada ou cinza ardósia”. A distribuição do *habitat* dessa espécie é muito ampla e pode ser consultada em: <https://www.iucnredlist.org/species/39381/2915850>. A definição de *tintorera* pode ser consultada em: <https://dle.rae.es/tintorero#ZolLSkO>. Acesso em: 30 jun. 2023.

¹³⁸⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *zafarrancho* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 704).

manobras, nós, (p. 705) os marujos, gostávamos de ouvir as conversas dos comerciantes, dos oficiais e dos passageiros decentes que subiam no convés do barco para desfrutar da bela noite, de ouvir alguém tocando algum instrumento ou o canto de outro, ou simplesmente de observar a natureza pacífica que se manifestava livremente naqueles momentos.

Lembro que, em uma daquelas noites, veio conversar comigo um comerciante que virou meu amigo porque precisava da proteção do coronel em Manila e percebeu que eu desfrutava da estima de meu chefe. Na conversa, eu disse-lhe sobre os trabalhos que realizei no percurso de minha vida, exagerando os fatos, sem motivo.

Ele ouvia tudo com indiferença fria, o que me scandalizou, de certo modo. Então, para descobrir se era assim por seu gênio ou se era afetado, eu lhe disse:

– É verdade que todos somos desgraçados mortais. Quantos males rodeiam-nos desde o berço! Quantos danos não padecemos, não apenas de um em um, mas de geração em geração!

– E eu com isso? – disse-me, com zombaria. – Isso vos atormenta?

– Isso não me atormenta –disse-lhe –, mas dói-me ver que meus próximos o padeçam. Devo considerá-los como irmãos, ou antes, partes de mim mesmo.

– Oh! Uau! – exclamou o comerciante. – Sois daqueles que se preocupam com o que há no mundo. Já entendo, sois um pobre soldado que não precisa ser doutrinado.

Não deixou de me incomodar a justificativa que me deu. Então, respondi-lhe:

– Talvez eu não seja tão lento como imaginais. Posso vos demonstrar que nem todos os soldados possuem princípios ordinários ou carecem de tal instrução. Caso contrário, respondi-me: por que achais que me preocupo? Porque eu disse que me doem os males do próximo como se fossem de meu irmão ou uma parte de mim mesmo?

– Sim, *señor*. Acreditar nisso – disse-me – é uma preocupação. Nós mesmos (p. 706) somos nossos irmãos. Faremos muito se apenas cuidarmos de nós mesmos, sem nos misturarmos com o restante dos homens, a menos que suas amizades tragam-nos algum proveito particular.

– Segundo isso – disse-lhe –, não devemos ser amigos apenas daqueles que nos são úteis ou daqueles que esperamos que nos sejam úteis algum dia.

(p. 706) – Categoricamente, sim. Assim deve ser – respondeu-me ele. – Aqui, é oportuno dizer que *o amigo que não ajuda e a faca que não corta, melhor é perdê-los do que mantê-los*. Como podeis ver, os ditados populares são pequenos evangelhos.

– Entendo – disse-lhe – que nem todos o são. Antes, há alguns falsos e disparatados que não devemos apreciar¹³⁸⁵, entre os quais incluo o que acabastes de citar, pois haverá muitos amigos cuja amizade será utilíssima mesmo sem dar-vos nada mais que seu apreço, seus conselhos ou seu ensinamento. E é verdade que a perda dessas amizades só será sentida pelos que conhecem seu valor.

– Isso é ridículo! – respondeu-me. – Conselhos, apreciação, ensinamento e tudo o que não é dinheiro ou coisa que o valha são fantasmas agradáveis que só podem divertir rapazes, mas não trazem uma gota de utilidade. De minha parte, detesto semelhantes amigos. Não, não procurarei por eles e, se houver alguns com essas qualidades, não me importará perdê-los.

– Quer dizer, sereis apenas amigo de quem vos proporcionar dinheiro?

– Não há outros que mereçam minha amizade – respondeu-me. – E sentirei as desgraças deles pelo que pode me afetar, que, do resto, cada um se vire.

Escandalizado ao ouvir tais máximas infernais, mudei o tema e, logo depois, separei-me de sua companhia.

No dia seguinte, ao ajudar o coronel a pentear-se, contei-lhe sobre a conversa. Ele disse-me:

– Não fiques espantado, Pedro, de descobrir a dureza desse comerciante, nem fiques escandalizado por sua avareza e interesse. Há muitos no mundo que pensam e agem da mesma forma que ele. Ele é um grande egoísta e, como tal, é ambicioso, cruel e bajulador, vícios comuns a quem pensa que o mundo foi feito apenas para si. Mas esse sujeito, além de egoísta, tem a infelicidade de ser um (p. 707) néscio, pois se vangloria dos próprios vícios e os mostra sem disfarçar, e é por isso que ficaste escandalizado. Mas, saibas que esse vício está tão estendido no mundo que, de cada cem homens, duvido que um pelo menos não seja egoísta.

¹³⁸⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *no se debe hacer caudal* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 706). De acordo com o DRAE (2023), a expressão coloquial *hacer caudal* significa “ter apreço e estima por algo ou alguém, valorizando-o muito” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/caudal?m=form>. Acesso em: 02 jul. 2023.

(p. 707) “Já sabes que se entende por egoísta a quem ama a si mesmo com tal imprudência que atropela os respetos mais sagrados para se comprazer ou satisfazer suas paixões. De acordo com isso, o egoísmo não só é um vício temível, porque tem sido e é a causa de quantas desgraças aconteceram e acontecem aos mortais diariamente, mas é o vício mais detestável, porque é a raiz de todos os delitos que se cometem no mundo, de modo que ninguém é criminoso antes de ser egoísta. Todos pecam porque gostam e porque se amam demasiado, o que vale dizer que todos pecam porque são egoístas, e quanto mais egoístas, mais pecadores.

“Essas são umas verdades que se assujeitam à demonstração, e tu, por ela, reconhecerás que são poucos ou raros os que, no mundo, não são egoístas. Mas existe uma diferença: uns são egoístas toleráveis, e outros, intoleráveis. Vou me explicar.

“A maior parte dos homens, ou quase todos, amam-se demais, e assim, tanto o bem quanto o mal que fazem não têm melhor princípio de que seu interesse particular, por mais que o disfarcem com nomezinhos brilhantes que aparentam muito, mas nada têm além de folhagem. Essa classe de egoístas, algumas vezes, é prejudicial à sociedade por essa razão, e por muitas outras inúteis. Mas, como não se deixam de engrandecer em relação aos outros homens, estão dispostos a servir-lhes alguma vez, mesmo que não seja mais do que pelo vão interesse de serem considerados benéficos, e, por isso, eu falo que são egoístas *toleráveis*.

“Os outros são aqueles que, colocando-se como o centro do universo, amam-se com tal desordem que deixam de lado os respetos mais sagrados para atenderem somente a seus interesses. Para isso, nada valem os preceitos da religião, nem os mais estreitos vínculos do sangue ou da sociedade. Atropelam tudo como se caminhassem por uma ponte segura e jamais se veem afetados pelas calamidades dos homens. Por essa qualidade pervertida, são soberbos, interesseiros, invejosos e cruéis; em suma, são *intoleráveis*.

(p. 708) “O comerciante é dessa classe de egoístas, cuja conversação justamente deixou-te escandalizado. Mas, justamente porque te repugna tal modo de pensar, deves procurar não ficar contaminado por ele, conscientizando-se de que o amor-próprio é capaz de diminuir nossos defeitos a nossos olhos, e até mesmo fazê-los passar por virtudes. Todos odeiam o egoísmo e ninguém acredita ser egoísta por mais evidentemente que esteja arraigado o vício. A regra que te pode assegurar que

não és um deles é que te sentes movido a ser benéfico a teus semelhantes e que, de fato, diferes teus interesses particulares em favor de teus irmãos. E, quando estiveres habituado com esse ditado, poderás viver satisfeito, porque saberás que não és egoísta.

(p. 708) Desse modo, meu bom mentor me instruía e não perdia as ocasiões que se apresentavam oportunas para esse efeito. Porém, por desgraça, ele semeava em terra dura¹³⁸⁶; no entanto, ao retornar das minhas andanças, muito me serviram suas saudáveis advertências.

Eu navegava contente, pensando que era tudo um mar de rosas¹³⁸⁷, quando me tirou dessa confiança enganosa um daqueles acidentes de mar que não dependem da prática dos melhores pilotos. Uma noite em que o primeiro piloto estava doente, ele deixou encarregado do cuidado da bússola um segundo, que, mesmo sendo destro na operação do timão, era um mero mortal e, acossado pelo sono, dormiu sobre o banco sem ninguém perceber, e todos os passageiros fizemos o mesmo, com a certeza de que o tempo nos era favorável.

Como o piloto estava dormindo, o barco seguiu com a mesma liberdade de um cavalo sem controle nas rédeas. Tomou, assim, o rumo que quis o ar e, no mais tranquilo de nosso sono, despertou-nos o barulho áspero feito pela quilha ao se deslizar na areia.

O primeiro que advertiu a desgraça foi o bom pilotinho¹³⁸⁸, que não pôde dormir por causa de sua doença. Imediatamente, desde seu camarote, começou a gritar:

– Orça, orça! Vira à boreste, que vamos encalhar! Banco de areia! Banco!

Toda a tripulação, o contramestre, os passageiros e todos a bordo acordaram e começaram a ajudar na manobra, mas não conseguiram (p. 709) remediar o mal

¹³⁸⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *sembraba en tierra dura* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 708). De acordo com López y López (1931, p. 475), a expressão *sembrar en tierra dura* significa “não tirar proveito, não obter resultado” (Nossa tradução).

¹³⁸⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *pensando que todo el monte era orégano y todo mar pacífico* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 708). A expressão *no todo el monte es orégano*, de acordo como o DRAE (2024), é “utilizada para expressar nem todo é fácil ou prazenteiro em um assunto” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/monte#LJbJhIZ>. Acesso em: 12 maio 2024.

¹³⁸⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *pilotín* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 708).

das primeiras execuções dadas pelo piloto prático¹³⁸⁹. O máximo que conseguiram foi amarrar o leme e (p. 709) recolher as velas. Com essa diligência, evitou-se um naufrágio mais adverso para a embarcação.

Quem experimentou semelhante acontecimento durante a navegação saberá qual o tamanho de nossa consternação, ainda mais quando, logo depois da desgraça ser percebida, seguiu-se a ordem do racionamento de comida e bebida. Isso deixou-nos muito tristes, principalmente a mim, que comia por sete. Todos manifestaram o abatimento de seus espíritos na tristeza de seus semblantes.

A partir desse momento, ninguém mais conseguiu dormir. O tema de nossas tristes conversas, estando atracados naquele promontório de areia, era o medo e o funesto temor de morrer de fome e sede.

Fizeram uma junta solene dos pilotos e chefes para determinar quantos meios fossem possíveis para nos libertar do risco que nos ameaçava. Em virtude dessa resolução, desamarraram do navio todos os botes e lanchas e os jogaram à água. Porém, essa diligência toda foi inútil; conseqüentemente, determinou-se aliviar do peso o navio, jogando ao mar quanta carga fosse suficiente para ajudar a voltar a flutuar.

Sabe-se que, a sua volta de Acapulco, a nau da China não levava mais carga do que mantimentos e prata. Em virtude disso, supostamente, já que os víveres não deveriam ser jogados à água, o decreto recaiu, então, sobre a prata. Separou-se o ganho do rei, chamado *situado*¹³⁹⁰, e os marujos começaram a tirar os baús e caixas com dinheiro, de acordo com a ordem que recebiam, sem fazer qualquer distinção entre eles.

¹³⁸⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *práctico piloto* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 709). São os pilotos “encarregados pelas manobras para embarcações nos portos”. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/papo-carreira/pratico-de-navios-conheca-detalhes-da-profissao-cujos-salarios-podem-chegar-a-r-300-mil-1.3022831>. Acesso em: 04 jul. 2023.

¹³⁹⁰ **Transcrição da nota 694, da edição de 2008 (p. 709): “Os *situados* [Nossa tradução está no corpo do texto] eram os subsídios anuais fixos de determinada *Caja Real*, nesse caso, a do México, de cuja *Caja* dependiam outras regiões, como La Habana, Puerto Rico e Florida. O custo da defesa dessas regiões estava ‘situado’ na *Caja Real de México*” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: As *Cajas Reales* são tesourarias onde os impostos das regiões colonizadas na América da Monarquia espanhola eram arrecadados. O *situado*, ou gasto situado, era um importante ramo da fiscalidade colonial, pois permitia a transferência de recursos de áreas com superávit fiscal para tesourarias com necessidades de dinheiro, especialmente para guarnições de fronteira ou porto defensivo. Para mais informações, visitar: <https://realhacienda.colmex.mx/glosario-de-real-hacienda/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

(p. 709) Meu mestre e chefe abriu seus baús e tirou seus papéis e duas mudas de roupa, e ele mesmo juntou-se comigo e jogou todo o restante ao mar. Assim, ele foi um exemplo, cujo ato foi poderoso estímulo para (p. 710) quase todos os *señores* oficiais e comerciantes, pois começaram a fazer o mesmo. Se não estavam felizes, porque ninguém podia fazer esse sacrifício com alegria, pelo menos ficavam conformados, porque não havia esperanças de salvar a vida de outra maneira.

Meu coronel animava a todos com prudência e jovialidade. Logo que o barco começou a mover-se e ficar menos pesado, ele fez suspender a manobra durante um curto momento, que destinou para que as pessoas tomassem alimentos e um gole de aguardente; em seguida, continuaram os trabalhos com o mesmo fervor que ao início.

Meu chefe já não tinha o que perder, pois até seu catre, que era de aço, tinha sido jogado à água, e assim, suas exortações eram precedidas pelo exemplo e, por conseguinte, rendiam o melhor fruto.

– Sobram minas, meus amigos – disse-lhes, no fervor da fadiga –, pouco basta para o homem conseguir viver. Vossos créditos ficam seguros neste caso e livres de toda responsabilidade; a única coisa que se perde é o lucro. Mas, com o sacrifício desta, compraremos todos nossa futura existência. Compraremos a vida com o dinheiro, e veremos que ela é o maior bem do homem e o primeiro a cuja conservação devemos atender. E o dinheiro, os pesos, as onças de ouro não são mais que pedaços de pedra beneficiados, sem os quais o homem pode viver feliz. Então, sejamos generosos quando nada perdemos. Compremos nossas vidas e as de tantos pobres que nos acompanham, à custa de uma terra branca ou amarela, ou melhor dizendo, metais de ouro e prata, e não queiramos perecer nadando em nossos tesouros como o cobiçoso Creso¹³⁹¹.

Com essas e semelhantes exortações, valorizava meu amado coronel os ânimos descaídos dos que viam sepultado o lucro de seus suores no abismo profundo do mar. Assim, jogando cada um de seus bens, como dizem, submetendo-se à humilhação¹³⁹², trabalhavam em sua própria autodestruição e em sua autopreservação ao mesmo tempo, jogando ao mar seus respectivos caudais,

¹³⁹¹ Nota da Tradutora: Creso (560 - 546 a. C.), personagem conhecido por suas riquezas, rei da Líbia. Para mais informações, visitar: <https://www.maicar.com/GML/Croesus.html>. Acesso em: 08 jul. 2023.

¹³⁹² ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *echar pecho por tierra* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 710). De acordo com López y López (1931, p. 466), significa: “humilhar-se, submeter-se” (Nossa tradução).

assinalando (p. 710) o lugar com umas boias. Porém, logo que tocaram os baús e (p. 711) caixas do egoísta (que via despreocupadamente a cena sentado sobre seus pertences), este jurou, rejurou, blasfemou, ofereceu propinas consideráveis e fez quantas diligências pôde para desonerar seus interesses. Mas tudo isso não lhe valeu de nada, pois os marujos, gente pobre que, nesses casos, não respeitam rei nem bispo, afastaram-no e jogaram ao mar seus baús e suas caixas. Talvez esses fossem os mais pesados que o barco carregava, pois, assim que se livraram deles, o navio começou a flutuar. Girando o barco pela âncora e pela ajuda do cabrestante, saímos da areia para o mar, pela popa, e desencalhamos em um instante.

Não é possível calcular o regozijo que ocupou os corações de todos ao nos vermos livres de um risco do qual poucas naves escapam, ainda mais porque muitos acreditávamos que íamos morrer de fome. Só o prático preguiçoso e o miserável egoísta estavam tomados de grande melancolia. Infelizmente, este último passou ao mais funesto desespero, pois, cansado de chorar, jurar, resmungar e arrancar os próprios cabelos¹³⁹³, vendo que o barco se afastava do lugar onde deixava seu tesouro, cheio de raiva e sumido na cobiça, disse-nos:

– *Para que quero a vida, sem dinheiro? – e dizendo isto, jogou-se ao mar, sem que nenhum de nós a seu lado pudesse evitar sua resolução*¹³⁹⁴.

Em vão foi a ação de jogar um salva-vidas, pois, ele não sabia nadar, e enquanto afundava como chumbo e sumia de nossas vistas, deixava-nos cheios de piedade e pavor.

O piloto, que não soltava a corda do salva-vidas, ao ver que estávamos fora dos bancos de areia e em lugar fundo, mandou ancorar a nave. As velas foram recolhidas, fixaram o timão e jogaram ao mar todos os esquifes, botes e lanchas que tínhamos, e neles embarcou o pessoal mais capacitado e alguns bons mergulhadores. O próprio piloto embarcou também e partiram todos para tentar repor as posses, o que conseguiram com sucesso, ajudados pelo tempo sereno (p. 712) que corria. Vinte e quatro horas depois, já estavam no navio todos os baús e caixas com os valores que tinham sido jogados fora, inclusive as do infeliz e avarento egoísta, cujo corpo

¹³⁹³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *desmecharse* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 711).

¹³⁹⁴ Nota da Tradutora: Tanto a fala da personagem egoísta quanto a voz do narrador, neste parágrafo, estão em itálico na edição de 2008.

teve menos sorte (p. 712) do que seu dinheiro, e quem sabe se sua alma obteria mais desgraça que seu corpo.

Reembarcados os bens no navio e reconhecidos por seus respectivos donos, pelas marcações que deixaram, rezaram todos para Maria Santíssima, dando as graças por tanto benefício, e tomado o registro das caixas e baús que pertenciam ao egoísta, foram entregues ao coronel em depósito para ele retorná-los aos membros de sua família, os donos, por direito.

Após quinze ou vinte dias desse sucesso, aconteceu a comemoração da Imaculada Conceição da Rainha dos Anjos, padroeira das Espanhas¹³⁹⁵, com cujo motivo enfeitaram o barco. No dia todo, houve a solene salva de artilharia, o que me causou uma agradável surpresa, como acontece a qualquer um que, pela primeira vez, vê-se em uma embarcação cheia de galhardetes¹³⁹⁶ e bandeiras de diversas cores e figuras, que representam cada nação, e os sinais particulares que são utilizados no mar. Além disso, ver como as colocavam e as tiravam quase ao mesmo tempo causou-me muita admiração, mesmo que eu não o demonstrasse diretamente, pois já o coronel tinha me falado que manifestar com veemência nossa admiração por qualquer coisa era sinal de tolice, assim como o era ver as coisas mais estranhas com indiferença de mármore.

Esse homem, cuja memória permaneceu na minha, não perdia, como eu disse, as oportunidades para dar-me instrução e, de acordo com seu louvável sistema, que jamais conseguirei agradecer o suficiente, um dia em que eu arrumava seu cabelo, lembrou do desgraçado fim do egoísta e me disse:

– Lembras, filho, do pobre *Don* Anselmo? Pobre! Ele jogou-se ao mar e perdeu a vida e, talvez, sua alma, por sentir a falta de seu dinheiro. Ah! Dinheiro, funesta motivação da ruína temporal e eterna dos homens! Faz alguns dias que um gentil *señor* chamou nesciamente de sagrada (melhor se tivesse dito maldita) a fome do ouro, e afirmou que essa avidez não se sabe a que obrigaria os mortais a fazer. Filho, nunca seja a prata ou o ouro as molas de teu coração. Jamais seja a cobiça do

¹³⁹⁵ *Nota da Tradutora: Para mais dados sobre essa santa, visitar: https://www.eldebate.com/religion/catolicos/20221208/que-inmaculada-patrona-infanteria-espanola_78150.html e <https://periodicolaesperanza.com/archivos/9339>. Acesso em: 04 jul. 2023.

¹³⁹⁶ *Nota da Tradutora: Os galhardetes são bandeiras “para a decoração de logradouros públicos e edifícios em dias festivos; flâmula”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/galhardete/>. Acesso em: 04 jul. 2023.

interesse (p. 712) o eixo sob o qual tua vontade se movimenta. Busca o dinheiro como (p. 713) meio accidental e não como único e necessário para passar a vida. A generosa sabedoria de Deus, quando criou o homem, proveu-lhe de quanto necessitava para viver, sem lembrar, para nada, do dinheiro; seja-me permitida esta expressão para que me entendas. Criou Deus, na natureza, todo o necessário para o homem, menos os pesos cunhados em alguma casa de moeda, prova de que estes não são necessários para sua conservação.

“Enquanto o homem se contentou em atender a suas necessidades com apenas os auxílios da natureza, não sentiu falta do dinheiro; porém, depois que se entregou ao luxo, já lhe foi preciso valer-se dele para adquirir, com facilidade, o que não poderia conseguir de outra maneira.

“Não condeno o uso da moeda; conheço as vantagens que nos proporciona. Porém, agrada-me muito o pensamento dos que comprovaram que não consistem as riquezas na prata, nem nas produções da terra, mas na indústria e no trabalho de seus habitantes, e entendo como uma imprudência do empenho a busca das riquezas nas entranhas da terra, desprezando-se recolhê-las de sua superfície, que com tanta generosidade nos brinda. Se a felicidade e a abundância não vêm do campo, disse um sábio inglês¹³⁹⁷, é-me vão esperá-la de outra parte.

“Muitas nações foram e são ricas sem ter uma mina de ouro ou de prata, e com sua industriiosidade e trabalho, sabem recolher em seus seios o que se extrai das Américas. A Inglaterra, a Holanda e a Ásia são provas suficientes dessa verdade, assim como é evidente que as mesmas Américas, que esvaziaram seus tesouros na Europa, Ásia e África, estão em um estado deplorável.

“Possuir esses preciosos metais sem mais trabalho do que tirá-los dos penhascos que o cobrem é, a meu ver, uma das piores pragas pelas quais pode padecer um reino; porque (p. 714) essa riqueza, que para o comum dos habitantes é uma ilusão agradável, desperta a cobiça dos estrangeiros e enerva a indústria e o labor dos nativos.

¹³⁹⁷ Transcrição da nota 698, da edição de 2008 (p. 713): “O sábio inglês parece ser Adam Smith, como assinala Spell (1971, p. 166), que pode ter chegado até [Fernández de] Lizardi por meio de algum dos títulos que cita; porém, a ideia da preeminência da agricultura era moeda comum na Espanha do século XVIII. Ver J. Sarrailh, *La España ilustrada de la segunda mitad del siglo XVIII*, México, F. C. E., 1957. p. 544” (Nossa tradução).

(p. 714) “Essas proposições não são metafísicas; ao contrário, elas tocam as portas da evidência. Logo que se descobre, em alguma parte, uma ou duas minas ricas, diz-se estar aquele povoado em bonança, quando, pelo contrário, está pior. No momento em que se manifestam os filões, os preços começam a subir. Aumenta-se o luxo, e o povoado fica cheio de pessoas estranhas, porventura, as mais viciadas, que acabam corrompendo os nativos. Seguindo a isso, aquela realidade converte-se em um teatro escandaloso de crimes; por todas as partes, sobram lugares de apostas, botecos cheios de bêbados, brigas, feridas, roubos, mortes e todo gênero de desordens. As mais ativas diligências da justiça não bastam para conter o mal, nem em seus inícios. Todo mundo sabe que os mineiros são, regularmente, viciados, provocadores, soberbos e gastadores. Mas a isso, dirão que esses defeitos são inerentes aos operários. Isso, que está mais claro que a luz do dia e que não pode ser negado, basta-me para comprovar minha tese.

“Além do dito, em época de bonança de um minério, ou escasseiam os artesãos, ou, se alguns existem, eles pedem pagamentos exorbitantes para seu trabalho; os camponeses escasseiam, ou porque se dedicam ao comércio de metais, ou porque não há jornaleiros suficientes para cultivar as terras, e, olha só, em pouco tempo, aquele povoado passa a ter uma subsistência precária e dependente dos moradores da comarca. Os rapazes pobres, que são a maioria, e os que algum dia chegarão a ser homens, não se dedicam, nem seus pais os obrigam, a aprender algum ofício. Apenas ficam contentes em lhes ensinar a transportar os metais ou a limpar as terras, o que vale tanto quanto ensiná-los a serem preguiçosos.

“Esse é o quadro da época de um minério em bonança. Sua riqueza decantada fica estancada entre dois ou três donos das minas, e o restante do povo apenas subsiste das migalhas ignoradas. Eu vi famílias perecerem às margens dos mais ricos minérios. Isso quer dizer que, à proporção do que acontece com um povo que subsiste das minas, acontece o mesmo e com piores resultados (p. 715) em um reino, como as Índias, em que abundam ouro e prata. A cada vinte ou trinta poderosos que se encontram nelas, existem quatro ou cinco milhões de pessoas que vivem com escassas necessidades básicas, e muitas dessas famílias são infelizes.

“Se não me engano, a razão da paridade é a mesma dentro de um reino e em um povoado; e, se desde um povoado descende a comparação a uma particularidade, serão observados os mesmos efeitos procedentes das mesmas causas. Façamos

uma hipótese e (p. 715) suponhamos dois rapazes, sob nossa absoluta direção, um seja chamado *Pobre*, e o outro, *Rico*; que este seja educado em meio à abundância, e aquele, no meio da necessidade. É claro que o rico, como não precisa de nada, a nada se dedica e nada sabe; por outro lado, o pobre, como não tem nenhum dos auxílios que o bajulem, e da mesma forma que a necessidade o restringe a procurar arbítrios que lhe façam a vida menos pesada, procura se aplicar a solicitá-los e os consegue à custa do suor de seu rosto. Em tal estado, suponhamos que o rapaz rico adoeça de alguma desgraça, daquelas que tiram esse apelido a quem tem dinheiro, e vê-se reduzido à última indigência. Neste caso, que não é difícil de acontecer, ocorre uma coisa particular que aparenta ser paradoxo: o rico fica pobre e o pobre fica rico, pois o rapaz que foi rico torna-se mais pobre que o rapaz mais pobre, e o rapaz que nasceu pobre torna-se mais rico do que aquele que já foi, devido ao fato de que sua subsistência não mendiga de uma fortuna accidental, mas, sim, do trabalho de suas mãos.

“Faço a mesma comparação entre um reino que depende de suas minas e outro que subsiste pela indústria, pela agricultura e pelo comércio. Este sempre florescerá, enquanto aquele caminhará rapidamente para sua ruína.

“Não apenas o reino das Índias, a Espanha mesma é uma prova certa dessa verdade. Muitos políticos atribuem a decadência de sua indústria, agricultura, caráter¹³⁹⁸, população e comércio não a outra causa do que às riquezas que se apresentaram em suas colônias. E se isso é assim, tal como acredito, garanto que (p. 716) as Américas seriam felizes se, em suas minas, não fosse achado um filão de prata ou ouro. Só então seus habitantes recorreriam à agricultura e não teríamos, como hoje, centenas de léguas de terras devastadas, que são, em verdade, muitíssimo férteis. A ditosa pobreza afastaria de suas costas as embarcações estrangeiras que vão em busca do ouro, a vender-lhes o mesmo que já existe em sua casa; e seus naturais, carentes pela necessidade, fomentariam a indústria em quantos ramos a divide o luxo ou a comodidade da vida.

“Isso seria suficiente para aumentar o número de lavradores e artesãos, de cujo incremento resultariam infinitos matrimônios que não contraem os que agora são

¹³⁹⁸ Nota do Autor: “Entende-se como aquele antigo vigor e desprezo pelo luxo, que não conheceram os godos, visigodos etecétera” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 715, nota a) (Nossa tradução).

inúteis e vadios; (p. 716) a multidão de enlaces produziria, naturalmente, uma população numerosa que se estenderia pela vastidão deste fértil continente, e frutificaria homens apreciáveis em todas as classes do Estado; os preciosos efeitos que, quase privativamente e em abundância, oferece a natureza às Américas, tais como a cochoilha, o algodão, o açúcar, o cacau e assim por diante, seriam outras tantas linhas riquíssimas que convidariam as nações a estabelecer com elas um vantajoso e ativo comércio; e finalmente, um sem-número de circunstâncias que, precisamente, deveriam se enlaçar, e cuja descrição omito para não fazer mais prolixa minha digressão, fariam o reino e sua metrópole mais felizes e respeitados por seus êmulos do que o foram em outras épocas pelos Corteses e Pizarros.

“Não acredites que eu fugi muito do assunto principal para onde dirijo minha conversa. Isso que eu te disse é para que te previnas de que a abundância do ouro e da prata está longe de fazer a verdadeira felicidade dos mortais; antes, ela mesma pode ser causa de sua ruína moral, como é a decadência política dos Estados. Portanto, não devemos nem fazer o mau uso do dinheiro, nem solicitá-lo com tanto afã, nem o conservar com tal afinco que sua perda cause-nos uma angústia irreparável que nos conduza, talvez, a nossa última ruína, como aconteceu ao néscio *Don Anselmo*.

“Esse desgraçado acreditou que toda sua felicidade dependia da posse de algumas *tepalcates*¹³⁹⁹, umas ninharias reluzentes. Segundo acreditava, ele as tinha perdido; a negra tristeza apoderou-se de seu coração mesquinho e ele, não conseguindo resistir, jogou-se ao mar no auge (p. 717) de sua desesperação, perdendo, de uma só vez, a honra e a vida, e roguemos a Deus que não tenha perdido também sua alma. Presenciaste esse acontecimento funesto e jamais lembrarás dele sem perceber que o ouro não traz felicidade, que é um mal muito grande a avareza e que devemos fugir dela com todo nosso empenho.

“Não penses, por isso, que recomendo desprezar as riquezas com aquela arte da qual muitos filósofos do paganismo falavam mal para se vingarem da fortuna que

¹³⁹⁹ *Nota da Tradutora: *Tepalcate* [Nossa tradução: banalidade, inutilidade], ou *tapalcate*, de acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1006), é um termo proveniente do vocábulo da língua asteca “*tepalcatl*, [que] é uma expressão figurada, familiar, para expressar que o indivíduo é inútil, imprestável, bom para nada” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1006/mode/2up?q=tepalcate>. Acesso em: 06 jul. 2023.

se lhes (p. 717) manifestou escassa. Também não recomendo exaltar a pobreza diante do céu, quando, graças a Deus, eu não a sofro. Não sou um hipócrita. Fique para Sêneca dizer, no seio da abundância, *que é pobre quem acredita que o é; que naturalmente o pobre se contenta com pão e água, e que ninguém é pobre para consegui-los; que não há mal nenhum apenas para quem os rejeita*¹⁴⁰⁰ e outras coisas dessa espécie que não lhe cabiam, como dizem, porque lhe repugnavam. Na realidade, enquanto ele escrevia isso, desfrutava da graça de Nero, era amado por sua esposa, possuía grandes rendimentos, habitava em palácios magníficos e deleitava-se em jardins de delícias.

“Que doce, disse um autor, é moralizar e pregar virtude no meio desses encantos! Pretender que o homem mortal, *viador*¹⁴⁰¹ e rodeado de paixões seja inteiramente perfeito é uma utopia. A virtude é mais fácil de enaltecer do que de praticar. Os autores pintam o homem não como é, mas como deveria ser. Por isso, tratamos, no mundo, poucos como originais cujos retratos manuseamos nos livros. O mesmo Sêneca, imbuído dessa verdade, chega a dizer *que era impossível achar entre os homens uma virtude tão plena como a que ele propunha, e que o melhor dos homens era quem tinha menos defeitos. Pro optimo est minime malus.*

(p. 718) “É por isso que não exijo de ti um desprezo total pelos bens da fortuna; ainda menos exorto-te a que abracas uma pobreza vagabunda¹⁴⁰². Se um estado brilhante de opulência põe o homem em risco de se tornar um iníquo, pela facilidade que tem de satisfazer suas paixões, o miserável estado da pobreza pode conduzi-lo a cometer os crimes mais desprezíveis.

¹⁴⁰⁰ Transcrição da nota 699, da edição de 2008 (p. 717): “As citações foram tomadas de Jamin (1775, p. 177), *De la pubreté*, mas a segunda, do mesmo autor, que aparece linhas depois [na página seguinte, no final do primeiro parágrafo: *Pro optimo est minime malus*], são semelhantes a outras de Horácio que podem ser lidas no livro I, sátiras III, *Nam vitis nemo sine nascitur: optimus ille est / Qui minimis urgetur* [Nossa tradução: Porque ninguém nasce sem falhas, e o melhor é aquele que tem menos], que Jamin traduz como *personne n’est sans défauts: le plus parfait est celui que a le moins* [Nossa tradução: pessoa sem defeitos: o mais perfeito é aquele que tem menos]” (Nossa tradução).

¹⁴⁰¹ ***Nota da Tradutora: *Viador* é um vocábulo presente na língua portuguesa (peregrino, viajante, andarilho); porém, na língua castelhana, tem o sentido de “criatura racional que está nesta vida e aspira e caminha para a eternidade” (DRAE, 2023) (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.aulete.com.br/viador> e <https://dle.rae.es/viador?m=form>. Acesso em: 25 set. 2023.

¹⁴⁰² Nota do Autor: “Com esta expressão, deu a entender o coronel que não falava da pobreza evangélica, a que sempre é recomendável; porém, não é para todos, porque nem todos temos aquela disposição de espírito necessária” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 718, nota b) (Nossa tradução).

(p. 718) “Estou longe de dizer-te que a pobreza faz sábios e virtuosos, tal como afirmava Horácio¹⁴⁰³ a Floro. Muito menos te direi que o mais pobre é o mais feliz, porque vive com mais liberdade e independência, como ouvi dizer a muitos que invejam a sorte do pobre carregador. Lembro da graciosa definição que faz Juvenal, na sátira III, da decantada liberdade do pobre, e não a invejo. Esse gênio festivo disse que *a tal liberdade consiste em pedir perdão a quem lhe injuriou e em beijar a mão de quem lhe golpeia para poder escapar com alguns dentes na boca*¹⁴⁰⁴. Grandes privilégios tem a liberdade dessa classe de pobres! Não há nenhuma vergonha nisso, nenhuma resignação de mármore que faça essa classe sofrer ainda mais as incomodidades da vida. Porém, dessa pobreza, tu deves fugir.

“O que te aconselho é que não deixes que tua felicidade consista em riquezas; que não as desejes nem procures com ansiedade. E se as tens, não as adores, nem fiques escravo delas. Mas, também te aconselho que trabalhes para subsistir e, por último, que desfrutes e vivas contente por ser mediano, pois é o estado mais oportuno para passar a vida tranquilamente.

“Esse conselho é sábio e ditado pelo mesmo Deus¹⁴⁰⁵ pela boca daquele prudente que disse: *Senhor, não me deis nem pobreza nem riqueza; concedei-me apenas o necessário para passar a (p. 719) vida; não seja que, tendo muito, eu me torne soberbo e o abandone, dizendo: quem é o Senhor? Ou, que me vendo afligido pela pobreza, fique desesperado e roube ou vulnere o nome do meu Deus perjurando...*¹⁴⁰⁶

Até aqui chegou o coronel, quando fomos interrompidos pela bateção de palmas e gritos dos grumetes e gente do mar que gritavam alvoroçados sobre o convés:

¹⁴⁰³ Transcrição da nota 701, da edição de 2008 (p. 718): “Horácio, Epístola I, III, vv. 25-29. *Quod si frigida curarum fomenta relinquere posses, / quo te caelestis sapientia duceret, ires. / Hoc opus, hoc studium parvi properemus et ampli, / si patriae volumus, si nobis vivere cari* [Nossa tradução: Se pudesses abandonar os frios remédios das preocupações, para onde a sabedoria celestial te levaria, irias. Este é o trabalho, este é o estudo que devemos realizar com afinco, se amamos nossa pátria, se queremos viver uma vida valiosa para nós mesmos]” (Nossa tradução).

¹⁴⁰⁴ Transcrição da nota 702, da edição de 2008 (p. 718): “Juvenal, sátira III, vv. 299-301: *Libertas pauperis haec est: pulsatus rogat et pugnus concisus adorat ut liceat paucis cum dentibus inde reverti* [Nossa tradução: Esta é a liberdade do homem pobre: após ser golpeado, ele implora e se curva, para que lhe seja permitido voltar com alguns dentes sequer]. O texto é citado de Jamin (1775, p. 176)” (Nossa tradução).

¹⁴⁰⁵ Nota do Autor: “[ler] *Provérbios*, capítulo 30, versículo 9” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 718, nota c) (Nossa tradução).

¹⁴⁰⁶ Nota da Tradutora: Itálicos reproduzidos seguindo a edição de 2008.

– *Terra! Terra!*

Ao eco agradável dessas vozes, todos abandonaram o que faziam e subiram com binóculos, outros sem eles, para certificarem-se pelos próprios olhos, ou pela dos outros, se era verdade o que anunciavam os gritos dos rapazes.

Quanto mais avançava o navio sobre a costa, mais todos asseguravam-se de que era verdade. Isso foi motivo para que o comandante mandasse oferecer, naquele dia, bebidas e rango duplo para a tripulação, que aceitou a oferta de bom grado. Quando o piloto recuperou-se, assegurou que, com a ajuda de Deus e do vento favorável que tínhamos, desembarcaríamos em Cavite¹⁴⁰⁷ no dia seguinte.

Aquela noite e o restante do dia predefinido passaram-se em cantorias, jogos e conversas agradáveis. Chegamos por volta das cinco da tarde ao porto desejado.

A alta cúpula começou a desembarcar na mesma hora e eu consegui realizar essa antecipação junto com meu chefe. No dia seguinte, ocorreu o desembarque geral e, após concluído, todos tentaram ir para Manila, onde ficavam suas residências. Nós desembarcamos entre os primeiros, já que o coronel não tinha conexões comerciais que o retivessem. Chegamos à cidade; meu coronel entregou as pessoas recrutadas ao governador e colocou os bens do homem egoísta nas mãos de sua família, prudentemente ocultando a triste forma de sua morte. Depois disso, fomos para sua casa, onde o servi e o acompanhei por oito anos, tempo que durou minha condenação, e ao longo do qual consegui guardar um capital razoável por causa dele.

¹⁴⁰⁷ **Nota da Tradutora: Cavite é uma cidade costeira de importância histórica para as Filipinas. Desde o início da colonização, lá funcionou uma base importante de construção de navios para a coroa espanhola. Mais informações em: <https://rusadiryelmar.com/2021/01/25/real-astillero-de-cavite/> e <https://www.britannica.com/place/Cavite-Philippines>. Acesso em: 08 jul.2023.

(p. 720) Segue o manuscrito que o autor deixou sem publicar por motivos que expressa a seguir¹⁴⁰⁸

Cópia dos documentos que manifestam a arbitrariedade do governo espanhol nesta América, relativos a este quarto tomo, pelo que dificultou sua oportuna publicação naquele momento e não pôde ver a luz pública até o presente ano. Ficam, em meu poder, os documentos originais¹⁴⁰⁹

Excelentíssimo Senhor

Eu, *Don Joaquín Fernández de Lizardi*, com o devido respeito, ante Vossa Excelência, declaro: que vosso antecessor concedeu-me permissão para imprimir minha obrzinha, que eu compus sob o título *O Periquitinho Sarnento*, com a prévia aprovação do alcaide da corte, *Don Felipe Martínez*.

Sob tais condições e permissão, vieram à luz pública os três primeiros tomos desta obrzinha. O quarto tomo encontra-se concluído e foi aprovado pelo ordinário, como Vossa Excelência poderá constatar pelo documento que ora anexo. No entanto, para que sua publicação ocorra, é necessário ter a permissão de Vossa Excelência, sendo que esse tomo também deverá ser submetido à censura do Senhor Martínez – tal como acontecido com os três anteriores –, ou de qualquer outro oficial que lhe seja do agrado superior.

Que Deus guarde Vossa Excelência por muitos anos.

México, 3 de outubro de 1816.

Excelentíssimo Senhor

Joaquín Fernández de Lizardi.

¹⁴⁰⁸ Nota da Tradutora: Trata-se de um documento que testemunha a forma como ocorria o processo das publicações na Nova Espanha, no ano de 1816. Portanto, com o intuito de alertar sobre essa diferença para o leitor, a formatação do *Manuscrito* é diferente do texto ficcional que traduzimos nas outras páginas.

¹⁴⁰⁹ Transcrição da nota 1, da edição de 2004 (p. 397): “Esses documentos foram publicados neste ponto no texto da terceira edição de 1830-1831, o que, como pode-se verificar aqui, demarca a primeira vez que os primeiros dezesseis capítulos do livro foram publicados. O quarto e o sexto capítulo do volume IV os mencionaram no documento correspondente aos capítulos 37 e 39 na presente tradução” (Nossa tradução).

(p. 721) México, 6 de outubro de 1816.

Solicita-se a censura do Senhor alcaide do crime, *Don Felipe Martínez*.

Uma assinatura.

Excelentíssimo Senhor,

Examinei e reconheci o quarto tomo de *O Periquitinho Sarnento*. Tudo o que foi riscado na margem, no capítulo quatro, quando refere-se aos negros, parece-me que se repete demais, é inoportuno e prejudicial nas circunstâncias, além de ser politicamente incorreto, por se opor a um comércio permitido pelo rei. Da mesma forma, as palavras riscadas na margem e sublinhadas no capítulo sexto devem ser suprimidas. No restante, não encontrei nada que contrarie as prerrogativas de Sua Majestade e Vossa Excelência. Caso seja de vosso agrado, conceda sua superior licença para que seja impresso.

México, 19 de outubro de 1816.

Martínez.

México, 29 de novembro de 1816.

Visto que não é necessária a impressão deste documento, arquivar-se-á o original.

Faz-se saber ao autor que não há lugar para a impressão solicitada.

Uma assinatura.

Data.

Uma assinatura.

(p. 722) **Capítulo IV**

No qual Periquitinho conta sobre sua boa conduta em Manila; sobre o duelo entre um inglês e um negro; e sobre uma pequena discussão nada desprezível

Os homens experimentam mutações morais em si mesmos de tempos em tempos, e talvez não consigam entender sua própria origem, assim como, no mundo físico, sentimos muitos efeitos da natureza, mas não sabemos o que produz esses efeitos, tal como, até hoje, não conhecemos sobre as propriedades atrativas do ímã e da eletricidade¹⁴¹⁰. Por isso, disse o poeta que feliz é aquele que pode conhecer a causa das coisas¹⁴¹¹. Mas, assim como aproveitamos os efeitos dos fenômenos físicos sem pesquisar nada, eu aproveitei, em Manila, o resultado de meu fenômeno moral sem entrar, nesse momento, em cálculos de sua origem.

O caso foi que, já por me ver distante de minha pátria, já por me libertar das incomodidades que me prepararia o serviço na tropa por oito anos em consequência de minha condenação, ou já pelo famoso tratamento que me dava o coronel, que seria o mais certo, procurei corresponder a sua confiança e tornei-me, em Manila, um homem de bem a toda prova.

Cada dia que passava, eu merecia mais, segundo via-me o coronel, de sua estima e confiança. Cheguei a conquistá-lo de tal maneira que era eu quem cuidava de todos seus interesses e os movimentava como queria. No entanto, soube traçar estratégias tão boas que, longe de dissipar seus bens, como seria de esperar (p. 723) de mim, aumentei-os consideravelmente, ao comerciar tudo o que era possível com segurança.

Meu coronel sabia de minhas industriosas atividades; mas, como ele via que eu não tirava proveito de nada para mim e que, ao contrário disso, tinha sobre a mesa um livro que escrevi sob o título *Caderno econômico onde consta o estado do patrimônio de meu amo*, ele comprazia-se com isso e gabava-se da honestidade de seu filho. Assim era como esse bom homem me chamava.

¹⁴¹⁰ **Nota da Tradutora: Só a partir de 1819, com os estudos de Hans Cristian Oersted (1777-1851), iniciam-se as pesquisas sobre o eletromagnetismo. Mais informações em: <https://www.lifeder.com/hans-christian-orsted/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

¹⁴¹¹ Transcrição da nota 703, da edição de 2008 (p. 722): “Virgílio nas Geórgicas, II, v. 40 (*Felix qui potuit rerum cognoscere causas* [Nossa tradução está no corpo do texto])” (Nossa tradução).

(p. 723) Como as pessoas influentes de Manila viam o trato que o coronel destinava a mim, a confiança que tinha em mim e o carinho que me dispensava, todos os que apreciavam sua amizade distinguiam-me e consideravam-me mais do que um simples assistente, e esse mesmo apreço que eu conseguia entre as pessoas decentes era um freio que me continha para não dar o que falar naquela cidade. Tão certo é isso que o amor-próprio bem ordenado não é um vício, mas um princípio de virtude.

Como minha vida entrou nos eixos naqueles oito anos, não me aconteceram aventuras perigosas que mereçam ser contadas. Já vos disse que o homem de bem tem poucas desgraças para contar. No entanto, presenciei alguns acidentes nada comuns. Um deles foi o que conto a seguir.

Em um daqueles anos, devido a assuntos de comércio, alguns estrangeiros passaram do porto para a cidade, e entre eles, caminhava pela rua um comerciante que, apesar de rico, era negro. Seu assunto de negócios devia ser muito importante, porque ia demasiado rápido e distraído. Assim, em sua precipitada corrida, não pôde evitar esbarrar fortemente com um oficial inglês que caminhava cortejando uma jovem fidalga; mas a trombada ou atropelamento foi tão forte que, se não fosse pela garota *manileña*¹⁴¹², ele teria caído no chão, para seu desgosto. Com tudo isso, ao ser lançado de lado, seu chapéu caiu e desfez-se seu penteado.

A vaidade do oficialzinho não lhe permitiu ignorar esse transtorno, e ele tirou a espada e correu até o negro. O pobre ficou surpreso, porque não levava armas consigo. Achou que seus dias tinham finalizado. A *señorita* e outros acompanhantes tentaram conter o oficial, que não parava de gritar, ameaçando e vindicando sua honra ultrajada por um negro. (p. 724) Ele denegriu¹⁴¹³ e vilipendiou o moreno inculpado, que lhe disse, na língua inglesa:

– *Señor*, calemos. Amanhã vos proporcionarei satisfação. Espero por vós no parque com uma pistola.

¹⁴¹² ***Nota da Tradutora: Gentílico utilizado em castelhano para as pessoas que nasceram em Manila, Filipinas: *manileño*, *manileña*.

¹⁴¹³ **Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *negreó* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 724). De acordo com o *DRAE* (2023), *negrear* significa explorar, utilizar abusivamente um trabalhador. É importante destacar que estamos cientes da carga negativa do termo. Hoje em dia, é conveniente utilizar o termo ‘destratar’. Entretanto, com o intuito de mostrar ao leitor a forma como, historicamente, aparece no texto de 1816, optamos por não a modificar, mantendo a escrita original.

(p. 724) O oficial respondeu aceitando e a situação acalmou-se, ou pelo menos aparentou acalmar-se.

Eu presenciei a cena e, como entendia alguma coisa do inglês, fiquei sabendo da hora e do lugar combinados para o duelo. Assim, tive o cuidado de ser pontual e esperei lá mesmo para ver como terminaria aquela história. Efetivamente, no tempo combinado, chegaram ambos, cada um com um amigo que nomearam padrinho. Logo que se reconheceram, o negro tirou duas pistolas e apresentou-as para o oficial, dizendo:

– *Señor*, não tentei ofender vossa honra ontem. O atropelo foi um imprevisto, um acidente. Vós até cansastes de me destratar e ainda quisestes me ferir ou até matar. Eu estava desarmado. Não teria como defender-me da força vinda de vossa cólera e, sabendo que o melhor era desafiá-lo a um duelo, assim conseguiria detê-lo e dar lugar a que ficasse sereno, verifiquei isso e vim agora proporcionar-vos satisfação com uma pistola, como lhe disse.— Pois bem — disse-lhe o inglês —, concluamos, mesmo que não me seja lícito ou decente medir meu valor com um negro. No entanto, tenho certeza de castigar um bandido audacioso. Desafio aceito. Verifiquemos as armas.

– Está bem — disse-lhe o negro. — Mas, sabei que quem ontem não procurou vos ofender, não veio hoje a este lugar com tal intenção. Um homem de vossa classe empenhar-se em morrer ou em tirar a vida de outro homem por uma bagatela semelhante parece-me que, longe de ser honra, é capricho, assim como é, sem dúvida, considerar-se agravado por uma casualidade imprevista. Mas, se a satisfação que vos dei não valeu de nada e é necessário ou morrer ou matar, não quero ser réu por assassinato, nem me expor a morrer sem ter cometido delito, como deve acontecer se acertardes o tiro em mim ou eu em vós. Assim, então, sem recusar o desafio, que o mais afortunado tenha sucesso e que a sorte decida em favor daquele que tiver justiça. Tomai vós as pistolas. Uma delas está carregada com duas balas, e a outra está vazia. Embaralhai-as vós, misturai-as, dai-me aquela que quiserdes, concluamos, e que a vantagem fique para um de nós.

(p. 725) O oficial surpreendeu-se com tal proposta. As testemunhas disseram que esse não era o costume dos duelos, que ambos deveriam lutar com armas iguais, e outras coisas que não convenciam nosso negro, pois ele insistia que assim deveria se verificar o duelo para ter o consolo de que, se matasse seu contrário, o céu o

ordenaria ou o favoreceria para isso especificamente; que se morresse, era sem culpa, mas pela disposição do acaso, como acontece em um naufrágio. A isso, ele adicionou que o partido não era vantajoso para ninguém, pois nenhum dos dois sabia quem receberia (p. 725) a pistola descarregada. Recusar tal proposta não seria nada mais nada menos que um gesto de covardia.

Mal ouviu essa palavra, o jovem exaltado, sem considerar as reflexões das testemunhas, embaralhou as pistolas e, tomando a que ele achou melhor, deu a outra para o negro. Ambos voltados de costas, andaram um certo trecho e, ao virarem e encararem-se face a face, atirou o oficial no negro, mas sem frutos, porque ele tinha escolhido a pistola vazia. Ficou atordoado depois do tiro, acreditando, com todas as testemunhas, que era a vítima indefesa da cólera do negro; mas este, com a maior generosidade, disse-lhe:

– *Señor*, os dois ficamos bem, o duelo terminou. Não podeis mais do que aceitar o resultado com as condições que estabeleci. Eu também não conseguiria fazer de outro modo. Atirar ou não depende de meu arbítrio, mas, se eu nunca tive a intenção de ofender-vos, como iria fazer isso agora que vos vejo desarmado? Sejam os amigos, se quiserdes dar-vos por satisfeito; mas, se meu sangue é a única forma, tomai a pistola com balas e atirai em meu peito.

Ao dizer isso, deu-lhe a arma abominável, e o oficial, comovido com semelhante generosidade, tomou a pistola e a descarregou atirando no ar e, jogando-se ao negro com braços abertos, cingiu-o, dizendo com a maior ternura:

– Sim, *mister*, somos amigos e o seremos eternamente. Dispensai minha vaidade e loucura. Nunca pensei que os negros fossem capazes de ter almas tão grandes.

– Esse é um preconceito preocupante que alguns sectários ainda mantêm – disse o negro, que abraçou o oficial calorosamente.

Todos aqueles que testemunhamos essa querela tínhamos interesse em ver confirmada essa nova amizade. Eu, que era (p. 726) um dos tantos desconhecidos, sem vergonha, ofereci minha amizade para eles, pedi-lhes que aceitassem a mim como o terceiro membro de sua união, e também minha oferta para tomar um ponche ou sangria no café mais próximo.

(p. 726) Ambos agradeceram e fomos ao café, onde pedi que servissem boas bebidas. Tomamos alegremente, à vontade, tudo quanto quisemos, e eu, desejando ouvir o negro pronunciar-se, disse-lhes:

– *Señores*, para mim, foi um estigma a última expressão que dissestes de que jamais pensastes que os negros fossem capazes de ter almas generosas, afirmação que respondestes dizendo que era preconceituoso tal modo de pensar. Como vocês, penso como meu capitão, e apreciei ouvir de vossa boca as razões fundamentais que tendes para afirmar que esse tipo de pensamento é preconceituoso.

– Eu – disse-nos o prudente negro – sinto-me comprometido entre o respeito e a gratidão. Já sabeis que toda conversação que inclua alguma comparação é detestável. No entanto, é necessário utilizar comparações para responder vossa pergunta. Se eu fizer isso, talvez nosso bom amigo, o *señor* oficial, fique zangado. Em tal caso, eu ficarei comprometido com ele. Se eu não satisfizer vosso gosto, falto à gratidão que devo à vossa amizade. Então...

– Não, não, *mister* – disse-lhe o oficial. – Eu não apenas desejo agradar-vos e mostrar-vos que, se tenho preconceitos de fato, não sou teimoso, mas também aprecio sair de quantas posso. Também quero atender ao gosto destes *señores* em ouvir-vos falar sobre o assunto. Congratulo-me de que, entre mim e vós, exista um terceiro em discórdia que ventile essa questão por mim.

– Bom, assim sendo – disse-nos o negro, e falando comigo –, sabeis que pensar que um negro é inferior ao branco, geralmente, constitui um preconceito oposto aos princípios da razão, à humanidade e à virtude moral. Abstenho-me agora de discutir se está admitida por algumas religiões particulares, ou se a tese é defendida pelo comércio, pela ambição, pela vaidade e pelo despotismo. Mas quero que aquele entre vós que acredita estar mais munido de razões contrárias a essa proposição apresente sua arguição e tente me convencer, se puder.

(p. 727) “Sei e li algo do muito que, neste século, penas sábias e sensíveis escreveram a favor de minha opinião, mas também sei que essas doutrinas ficaram ao nível de meras teorias, porque, na prática, não achei diferença entre o que faziam os europeus com os negros no século XVII e o que ainda fazem hoje. Então, a cobiça em suas embarcações chegava às praias de meus irmãos conterrâneos. Essas naves eram enchidas pelo interesse ou pela força. Vomitavam seus carregamentos em seus portos e faziam um tráfico indigno com o sangue humano.

“Durante a navegação, qual foi o trato que nos deram? O mais bruto, imoral e inumano. Eu não quero citar palavras que foram escritas por vossos compatriotas guiados pela (p. 727) verdade, porque suponho que sabeis delas, também porque não quero mexer com vossa sensibilidade. Pois, quem prestaria ouvidos sem sentir dor ao seguinte relato? Contam que, em certa ocasião, um capitão ordenou que lançassem ao mar uma criança desafortunada, filho de uma negra infeliz, porque chorava no navio e seu choro inocente tirou o sono do capitão. Até a natureza não ficaria escandalizada?

“Quanto aos trabalhos prestados por meus compatriotas a vossos semelhantes, os *señores* que os compraram, como lhes foi? Sua história não é nada menos que cruel. Que o diga a ilha do Haiti, hoje conhecida como Santo Domingo; que o diga Cuba ou Havana, onde, em nome da concessão de, por exemplo, uma carroça ou algum doce dado aos escravos, seus donos cobravam impostos de um valor diário fixo pelo dinheiro que lhes deram. E se os negros não conseguissem fretes suficientes, o que sofriam? Açoites. E o que obrigavam às negras quando não conseguiam vender seus quitutes? Prostituírem-se. Que falem disso as Cuevas de La Habana e os passeios de Guanabacoa¹⁴¹⁴!

“E se aquelas negras engravidavam com o fruto da lubricidade, ou da necessidade nas casas de seus amos, o que se fazia? Nada, a não ser receber com gosto o resultado do crime, do qual seus amos aproveitavam, já que contavam com mais um negrinho.

“O pior de tudo é que, para o caso, o mesmo que se passava em Havana acontecia em todas as partes, e eu, atualmente, não vejo diferença na matéria entre aquele século e o presente. Crueldades, desacatos e injúrias contra a humanidade foram cometidos nessa época; e injúrias, desacatos e crueldades cometem-se hoje contra ela, sob os mesmos pretextos.

(p. 728) “A humanidade, disse o célebre Buffon, grita contra esses odiosos tratamentos que foram introduzidos pela cobiça, e que, não por acaso, seriam

¹⁴¹⁴ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo (2008) e Frye (2004) não apresentam informações sobre esses lugares. Existe a Caverna de las Cinco Cuevas, antes pertencente ao território da Havana, que hoje consta como parte de Mayabeque. Para mais informações sobre essa caverna, visitar: [https://www.ecured.cu/Caverna_de_las_Cinco_Cuevas_\(Mayabeque\)](https://www.ecured.cu/Caverna_de_las_Cinco_Cuevas_(Mayabeque)). Para mais informações sobre o município de Guanabacoa, visitar: <https://www.turismoemcuba.com/guanabacoa>. Acesso em: 15 jul. 2023.

renovados todos (p. 728) os dias se nossas leis, pondo freio na brutalidade dos amos, não tivessem cuidado de implementar a diminuição da miséria de seus escravos. Eles são forçados a trabalhar muito e lhes dão pouca comida, alimentos dos mais ordinários, sob o pretexto de que os negros toleram facilmente a fome, que a porção que alimenta um europeu é suficiente para alimentar um negro durante três dias, e que, pelo pouco que comam e durmam, estão sempre igualmente robustos e com a mesma força para o trabalho. Mas, como homens que ainda têm um pouco de humanidade podem adotar máximas tão cruéis, erigi-las em preocupações e pretender justificar com elas os excessos terríveis a que a sede de ouro os leva? Esqueçamo-nos de homens tão bárbaros...¹⁴¹⁵

“É verdade que os governos cultos repugnaram esse comércio ilícito e descarado. Sem bajular a Espanha, vosso governo tem sido um dos que mais se opuseram. Vós – disse-me o negro –, como espanhol, deveis conhecer muito bem as restrições que vossos reis impuseram a esse tráfico e, também, as *ordenanzas*¹⁴¹⁶ sobre a tratativa de escravos que mandou observar Carlos III¹⁴¹⁷. Mas, tudo isso não

¹⁴¹⁵ Transcrição da nota 704, da edição de 2008 (p. 728): “Efetivamente, a citação aparece no tomo III (p. 87-88) da *Historia del hombre*, nas *Obras completas*, de Buffon, por Cuvier” (Nossa tradução).

¹⁴¹⁶ **Nota da Tradutora: As *ordenanzas* eram regulamentos criados na Espanha para o regime e bom governo das comunidades, das cidades ou das tropas, entre outros (DRAE, 2023). As primeiras *ordenanzas* foram criadas no século XI, na Espanha, e foram aplicadas nos territórios colonizados, assegurando a melhor organização, com a finalidade de melhor controlar a arrecadação de impostos, além de visar às regras de convivência entre cidadãos. Cada *ordenanza* podia levar o nome da cidade em que são aplicadas. Ortiz (2011) afirma que “as três fontes principais do direito durante a colônia na Nova Espanha foram: a legislação, a doutrina e o costume autorizado pelas autoridades [nas Américas]. Esta última teve vigor mais importante, inclusive, que na atualidade, chegando-se a considerar que um costume fundamentado, comprovado durante dez anos ou vinte, já poderia prevalecer ao direito legislado. Da legislativa emana uma avalanche de cédulas reais, provisões, instruções, *ordenanzas*, autos acordados, pragmatismos, regulamentos, decretos, cartas abertas etc. A primeira peça de legislação importante formulada especialmente para o *Novo Mundo* foi a Lei de Burgos, de 1512” (Nossa tradução). No entanto, de acordo com o autor mencionado, as leis principais que regiam nos territórios colonizados reclamados pela Espanha seriam as *leyes de Indias* e, se algum direito não estivesse estipulado por essas leis, utilizavam-se as leis de Castilha. Daí a necessidade da ‘avalanche’ de documentos legislativos. Sugerimos a leitura de: <https://dle.rae.es/ordenanza?m=form>, https://www.articulo.org/articulo/50842/el_derecho_en_nueva_espana_breve_perspectiva.html, <https://uvadoc.uva.es/bitstream/handle/10324/21299/Investigaciones-1988-08-Ordenanzas-Municipales-Siglo-XIX.pdf?sequence=1>

e <http://historico.juridicas.unam.mx/publica/rev/hisder/cont/11/cnt/cnt10.htm>. Acesso em: 16 jul. 2023.

¹⁴¹⁷ **Nota da Tradutora: Carlos III (1716-1788), da casa Bourbon, foi o primeiro rei a unificar a Espanha em termos de ser considerada um só território, uma nação sob um só soberano. Foi o responsável pela aprovação da comercialização de escravos nos territórios do Império, propiciando a criação de companhias nacionais de tráfico de escravizados. Esse soberano tornou-se o maior proprietário de mão de obra escravizada, com 20 mil escravizados. Para mais informações, visitar: https://elpais.com/politica/2020/07/25/sepa_usted/1595665446_495825.html?event=go&event_log=go&prod=REGCRART&o=cerradoam, https://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/carlos_iii.htm,

foi suficiente para que perdurasse um comércio tão impuro. Não me admira. Essa é uma das recompensas da cobiça.

(p. 728) “O que o homem não é capaz de fazer? Que crime é capaz de cometer quando se trata de satisfazer essa paixão? O que me admira e me espanta é ver esse tipo de comércio tolerado e esse tipo de tratamento consentido por aquelas nações onde se diz reinar a religião da paz e nas quais se recomenda amar ao próximo como a si mesmo. Desejo, *señores*, que decifreis para mim este enigma. Como é possível cumprir os preceitos daquela religião que me obriga a (p. 729) amar ao próximo como a mim mesmo e não fazer com ninguém o dano que repugno, comprando, por um vil interesse, um pobre negro, fazendo dele escravo de serviço, obrigando-o a servir-me em virtude de um amo tirano, descuidando de sua felicidade e também de sua subsistência, tratando-o, por vezes, como pouco menos que uma besta? Não sei, repito, como hei de cumprir, no meio dessas iniquidades, com aquelas santas obrigações. Se sabeis como tudo isso pode ser consertado, agradecerei muito que me ensineis, caso algum dia eu fique com vontade de me tornar cristão e comprar negros como se fossem cavalos. O pior é que sei, por dados comprovados, que falar com essa transparência não é normalmente permitido aos cristãos por razões que chamam de Estado ou sei lá o quê. O certo é que, se isso fosse assim, jamais seria afeito a tal religião. Mas acredito que são calúnias de quem não gosta dessa doutrina.

“Isso posto, concluirei que o maltrato, o rigor e o desprezo com que foram vistos e são ainda vistos os negros não provêm de outra origem que da soberba dos brancos, e esta consiste em acreditar que eles sejam inferiores por natureza, o que, como vos disse, é um preconceito velho e irracional.

“Vós todos, europeus, reconheceis apenas um princípio e uma origem dos outros. Pelo menos, os cristãos não reconhecem outro progenitor além de Adão, de quem, como árvore robusta, descendem ou derivam todas as gerações do universo. Se isso for assim, porque assim o acreditam e confessam de boa-fé, é necessário mostrar-lhes que são néscios quando fazem distinção das gerações só porque acreditam ser diferentes pela cor, quando esta variedade é o efeito do clima, ou dos alimentos, ou, se quiserdes, de alguma propriedade que o sangue adquiriu e tem sido

assim transmitido (p. 729) a essa ou aquela posteridade pela herança. Quando ledes que os negros sentem desprezo pelos brancos por serem brancos, não hesitais em considerá-los néscios, mas jamais julgais vós mesmos com igual severidade quando pensais da mesma forma que eles.

“Se ter menos consideração pelos negros é devido a seus costumes, que chamais de bárbaros, por sua educação boçal e por seu desconhecimento da civilização europeia, deverias advertir que, a cada nação, parecem bárbaros e incivis os costumes alheios. Um fino europeu será em Senegal, no Congo, Cabo Verde, (p. 730) e assim por diante, um bárbaro, por desconhecer aqueles ritos religiosos, aquelas leis civis, aqueles costumes provinciais e, por fim, aquelas línguas. Transportai um sábio cortesão de Paris com todo seu entendimento no meio de tais países e o vereis paralisado feito um tronco, podendo apenas, à custa de mil sinais com as mãos, dar a entender que está com fome. Logo, se cada religião tem seus rituais, cada nação, suas leis, e cada província, seus costumes, é um erro crasso classificar de néscios e selvagens a quantos não comungam com nosso modo de pensar, mesmo quando este seja o mais ajustado à natureza, pois, se os outros ignoram esses requisitos por ignorância¹⁴¹⁸ inculpável, isto não deverá ser considerado como delito.

“Compreendo que, no íntimo do homem, estejam plantadas, meio a meio, as sementes do vício e da virtude. Seu coração é um solo propício para frutificar uma ou outra semente, dependendo de sua inclinação ou educação. Nele, influenciam o clima, a alimentação e a constituição particular de cada indivíduo, assim como a religião, o governo, os costumes pátrios e, de certa maneira, o cuidado dos pais. Portanto, não há por que estranhar o fato de que as nações e os costumes variam tanto, considerando que são tão diversos seus climas, rituais, costumes e sistemas de governo.

“Por conseguinte, é um erro qualificar de bárbaros os indivíduos dessas ou daquelas nações ou povos que não subscrevem a nossos usos, ou porque os ignoram, ou porque não os querem admitir. Os costumes mais sagrados de uma nação são considerados como abusos em outras; e ainda, os povos mais cultos e civilizados da

¹⁴¹⁸ Nota da Tradutora: Redundância presente no texto em castelhano: “*si los demás ignoran estos requisitos por una ignorancia inculpable*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 730).

Europa, (p. 730) com o passar dos tempos, descartaram como ineptos mil envelhecidos costumes que veneravam antigamente como dogmas civis.

“Do mencionado, devemos deduzir que depreciar os negros por sua cor e pela diferença de religião e costumes é um erro. Maltratá-los por esses motivos é crueldade e persuadir-se de que eles não têm almas grandes que saibam cultivar as virtudes morais é um preconceito demasiado crasso, como eu disse ao *señor* oficial, e um preconceito que a experiência amplamente vos demonstra ser uma falácia, pois, entre vós, floresceram negros sábios, negros valorosos, justos, desinteressados, sensíveis, agradecidos e ainda heróis admiráveis.

(p. 731) O negro ficou em silêncio, e nós, não tendo o que responder, também fizemos silêncio, até que o oficial nos disse:

– Eu fiquei convencido dessas verdades, mais por vosso exemplo do que por vossas razões, e passo a acreditar, a partir de hoje, que os negros são tão homens quanto os brancos, suscetíveis aos vícios e às virtudes como nós, cuja única diferença é a cor accidental, pela qual apenas não se deve na justiça nem qualificar o interior do animal que pensa, nem tampouco apreciá-lo ou abatê-lo.

A tertúlia ia ser interrompida, quando eu, que desejava ouvir mais do negro, enchi os copos, fiz um brinde à saúde da nossos semelhantes, os negros, e concluía essa agradável cerimônia, disse a nosso conhecido:

– *Mister*, é certo que todos os homens descendemos, depois da primeira causa, de um princípio criado, chame-se de Adão ou como quiserdes. É igualmente certo que, segundo esse natural princípio, estamos todos ligados intimamente com certo parentesco ou conexão inegável, de modo que o imperador da Alemanha, mesmo não querendo, é parente do vil ladrão, e o rei da França o é do último maltrapilho de minha terra, por mais que não se conheçam nem acreditem nisso. Quer dizer que todos os homens somos devedores uns dos outros, pois, em todos, circula o sangue de nosso progenitor e, por isso, é um preconceito, como dizeis, ou uma *quijotería*¹⁴¹⁹ ou disparate, desprezar o negro por ser negro, uma crueldade vendê-lo e comprá-lo e uma tirania indissimulável maltratá-lo.

¹⁴¹⁹ Transcrição da nota 705, da edição de 2008 (p. 731): “*Quijotismo* e *quijotería* eram sinônimos de insensatez, extravagância e disparate. (Ver María del Carmen Ruiz Castañeda, na introdução a *La Quijotita y su prima*, de Fernández de Lizardi. 4. ed. México: Porrúa, 1979, p. XVII)” (Nossa tradução).

(p. 731) “Concordo com isso de boa vontade, porque semelhante trato é repugnante ao homem racional. Mas, limitando o que chamais de desprezo a certo ar senhorial com que o rei olha a seus vassalos, o chefe, a seus subalternos, o prelado, a seus súditos, o amo, a seus criados, e o nobre, aos plebeus, parece-me que isso está muito bem colocado na ordem econômica do mundo, porque, sim, todos somos filhos do mesmo pai e compomos a mesma família, e tratamos uns aos outros (p. 732) do mesmo modo. Com certeza, perdidas as ideias de submissão, inferioridade e obediência, o universo seria um caos no qual todos quereriam ser superiores, todos reis, juízes, nobres e magistrados. Nesse caso, quem obedeceria? Quem daria as leis? Quem conteria ao perverso com o temor do castigo? Quem cuidaria da seguridade individual do cidadão? Tudo seria uma confusão, e as vozes de igualdade e liberdade seriam sinônimo de anarquia e desenfreamento de todas as paixões. Cada homem se julgaria livre para apresentar-se como superior aos outros. A natural soberba qualificaria como justas as atrocidades de cada um, e, nesse caso, ninguém se reconheceria sujeito a nenhuma religião, submetido a nenhum governo, nem dependente de lei nenhuma, pois todos quereriam ser legisladores e pontífices universais. Já vedes que, nessa triste hipótese, tudo poderia se converter em assassinatos, roubos, estupros, sacrilégios e crimes.

“Mas, para nossa felicidade, o homem, vendo, desde os princípios, que tal estado de liberdade brutal lhe era demasiado nocivo, assujeitou-se por gosto e não pela força, admitiu religiões e governos, jurou suas leis e inclinou sua cerviz sob o jugo dos reis ou repúblicas.

“Dessa sujeição ditada por um egoísmo bem organizado, nasceram as diferenças entre superiores e inferiores que verificamos em todas as classes do Estado. E em virtude da justificação dessa alternativa, não me parece violento que os amos tratem seus criados com autoridade, nem que estes os reconheçam com submissão. E, sendo os negros escravos criados adquiridos com um particular direito em virtude do dinheiro que custaram, é fácil conceber que devem viver mais sujeitos e obedientes a seus amos, nos quais reside uma dupla autoridade para mandar neles.

Terminei de falar, e o negro disse-me:

– Espanhol, eu não sei falar lisonjeiramente. Dispensai-me se minha sinceridade vos incomoda, mas dissestes verdades que não nego, mas delas quereis deduzir uma conclusão que jamais aceitarei.

(p. 732) “É indiscutível que a ordem hierárquica esteja bem estabelecida no mundo, e que, entre os negros e os que chamais de selvagens, exista alguma espécie de sociedade, a qual, ainda quando semeada de mil erros, como suas religiões, comprova (p. 733) que, naquele estado de barbárie, aqueles homens têm alguma ideia da Divindade e da necessidade de viver dependentes, que é o que vós, europeus, chamais de viver em sociedade.

“Segundo isso, é preciso eles reconhecerem seus superiores e se assujeitarem a algumas leis. A natureza e a fortuna mesma ditam certa classe de subordinações a uns, e dão certa autoridade a outros. E assim, em qual nação, por mais bárbara que seja, não se reconhece o pai autorizado para mandar no filho, e ele, constituído na obrigação, de lhe obedecer? Não conheço uma só que esteja excluída desses sentimentos inatos.

“O homem tem os mesmos sentimentos com relação a sua esposa, e ela, a a seu marido; o amo também os tem com relação a seu criado; o senhor, com relação a seus vassalos; esses com relação a aqueles, e assim por diante.

“Em qual nação ou povo que chamais de selvagens, volto a dizer, deixarão de estar os homens ligados entre si? Em nenhuma, porque, em todas, existem homens e mulheres, filhos e pais, velhos e jovens. Logo, pensar que existe um lugar no mundo onde os homens vivem em absoluta independência e desfrutam de uma liberdade tão brutal que cada um trabalha de acordo com seu bel prazer, sem o menor respeito nem subordinação a outro homem, isso é uma quimera, pois jamais existiu nenhuma nação como essa. Os viajantes podem mentir como quiserem, mas a existência de tal povo não é sequer possível, porque o homem, sempre soberbo, não aspiraria senão a satisfazer suas paixões a todo custo, e, cada um desejando fazer o mesmo, almejaria tornar-se o tirano dos outros. E, dessa tumultuada desordem, seguir-se-ia, sem falta, a ruína de seus indivíduos. Até aqui, nós dois concordamos.

“Igualmente, não me parece nada razoável que os amos e toda classe de superiores se manejem com alguma circunspecção com seus súditos. Isso é inegável, pois, se todos se tratassem com a mesma igualdade, estes deixariam de respeitar aqueles, e essa falta desencadearia a insubordinação, o insulto e, por fim, o transtorno geral dos estados. Mas não posso concordar que essa certa gravidade ou seriedade torne-se, nos superiores, testa franzida, orgulho e altivez. (p. 734) Tenho certeza de

que, assim como (p. 734) com o primeiro se farão amáveis, com o segundo se farão aborrecíveis.

“É um preconceito pensar que a gravidade se opõe à afabilidade, quando ambas as coisas cooperam para fazer amável e respeitável ao superior. Coisa ridícula quando este permite que lhe faltem com o devido respeito, fazendo o mesmo com seus inferiores; mas também é coisa abominável o súdito tratar um superior com o pescoço erguido, resmungando palavras escassas, revirando os olhos e enrugando os narizes como o buldogue. Isso, longe de ser virtude, é um vício. Não é gravidade, mas *quixoteria*. Ninguém compra mais baratos os corações dos homens que os superiores, e quanto menos lhes custam, mais elevado é o grau de sua superioridade. Um olhar aprazível, uma resposta suave, um tratamento cortês custa pouco e vale muito para cativar a vontade; mas, por desgraça, a afabilidade apenas é conhecida entre os grandes. Utilizam-na, sim, mas com quem eles precisam, não com quem precisa deles.

“Viajei por algumas províncias da Europa, e em todas elas observei esse comportamento, não apenas nos superiores, mas em qualquer pessoa rica... digo, rica? Em qualquer pau pra toda obra¹⁴²⁰, um funcionário de escritório, um mordomo de casa grande, um caixa. Qualquer pessoa que desfrute da proteção do patrão ou chefe principal já se comporta, com aquele que vai ocupar seu lugar por força, com mais orgulho e rudeza do que talvez o próprio, em cujo favor ele apoia sua soberba. Infelizes! Não sabem que aqueles que sofrem esses ultrajes são os primeiros a abominar sua conduta nada urbana e amaldiçoar suas *altíssimas* pessoas nos cafés, nas ruas e nas tertúlias, sem deixar de investigar suas origens e os modos, talvez vergonhosos, pelos quais conseguiram se estabelecer.

“*Señores*, falei demais, mas refletireis bem que eu sei conciliar a gravidade conveniente a um amo, seja ele qual for, com a afabilidade e o tratamento humano (p. 735) devido a todos os homens. E vós, espanhol, notareis que, sobre algumas leis sociais e outros preconceitos de soberba, no que diz respeito ao suposto *direito duplo*

¹⁴²⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *trapalmejas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 734). Ruiz Barrionuevo (2008) afirma que é tanto *trapalmejas* quanto *tlapalmejas*. De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1060), *tlapalmejas* é a “pessoa que, por necessidade, faz trabalhos duros e considerados baixos. Diz-se de certos tipos entre a gente do povo” (Nossa tradução). Disponível de: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1060/mode/2up?q=tlapalmejas>. Acesso em: 17 jul. 2023.

que dissesse (p. 735) que senhores dos negros têm para mandar neles, não vou dizer nada, porque acredito que dissesse isso por puro passatempo, pois não podeis ignorar que não existe direito divino ou humano que qualifique de justo o comércio com o sangue dos homens.

Dizendo isso, nosso negro levantou-se e, sem exigir resposta de quem não a tinha, brindou conosco uma última vez, abraçando-nos e oferecendo a nossas pessoas sua amizade. Voltamos para nossas casas.

Alguns dias depois, tive a satisfação de ver novamente, por momentos, meus dois amigos, o oficial e o negro. Levei-os para a casa do coronel, que também os tratou muito bem. Mas essa satisfação durou pouco, pois, um mês após o referido acontecimento, eles voltaram para Londres.

(p. 736) **Capítulo V**

Nosso autor prossegue o relato sobre sua boa conduta e fortuna em Manila. Refere-se à obtenção de sua licença, à morte do coronel, a seu funeral e a outras bobagens divertidas

Nos oito anos que vivi com o coronel, conduzi-me com honestidade e correspondi honestamente a sua confiança. Isso proporcionou-me algumas vantagens razoáveis, pois meu chefe, como queria-me bem e tinha dinheiro, franqueava tudo o que eu pedia para comprar várias *anchetas*¹⁴²¹ de mercadorias ao longo do ano, que eu dava para serem vendidas, por meio de alguns comerciantes, em Acapulco. E já se sabe que os artigos chineses, sobretudo naquela época, à sombra dos *caixas*, que chamavam de *permissão*¹⁴²², garantiam cem por cento de lucro e talvez ainda mais. Com isso, é fácil conceber que, em quatro viagens felizes que consegui que fizessem meus comissionados, começando com o módico capital de mil pesos, ao finalizar oito anos, eu já contava como meus cerca de oito mil, adquiridos e conservados com facilidade, pois não tinha gastos, nem amigos que me ajudassem a dissipá-los.

No mesmo dia em que se cumpriram os oito anos de minha condenação, chamou-me o coronel e disse-me:

– Já cumpriste, (p. 737) a meu lado, o tempo que deverias cumprir¹⁴²³ nas tropas como castigo, segundo a sentença, por teus extravios no México. Tiveste comportamento honrado em minha companhia, e estimei-te verdadeiramente, mostrando-te isso com minhas ações. Desterrado em terras estranhas, adquiriste um capital que não conseguirias quando livre em tua pátria. Isso é mais do que ter sorte; deves atribuí-lo ao fato de que corrigiste teus hábitos. Isso deveria te ensinar que não

¹⁴²¹ **Nota da Tradutora: “*Ancheta*”, de acordo com o *DRAE* (2023), refere-se a uma “porção de gêneros destinados a serem vendidos, levados para a América em tempo da dominação espanhola” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/ancheta?m=form>. Acesso em: 09 out. 2023.

¹⁴²² **Transcrição da nota 709, da edição de 2008 (p. 736): “A *permissão*, *permiso*, em língua castelhana, é um termo usado em sentido técnico; relacionado com o galeão de Manila, referia-se à limitação imposta de carregamento. Essa, como outras várias passagens da permanência do Periquinho em Manila, foram esclarecidas por Edgar C. Knowlton, no *China and Philippines in El Periquillo Sarniento* [1963]” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: O texto de Knowlton está disponível em: <https://www.jstor.org/stable/472212>. Acesso em: 09 out. 2023.

¹⁴²³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ya has cumplido a mi lado el tiempo que debías haber cumplido* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 736-737). Reproduzimos a redundância do texto em castelhano.

existe (p. 737) melhor sorte no homem do que sua própria conduta regrada, e melhor pátria do que aquela onde se dedica a trabalhar como homem de bem.

“Até hoje, foste meu assistente, embora não no tratamento. Mas, desde este instante, já estás liberado desse cargo, ou seja, estás livre. Toma tua licença! Já sabes que tens em teu poder oito mil pesos e, assim, se queres voltar para tua pátria, deixa prontos teus pertences para quando sair a nau.

– *Señor* – eu lhe disse, comovido por sua generosidade –, não sei como demonstrar para vossa senhoria minha gratidão pelos muitos favores que vos devo. No entanto, a notícia deixa-me muito triste, pois, certamente, mesmo que celebre ter sido liberado da tropa, não quereria separar-me desta casa, mas ficar nela, ainda que fosse como vosso servente mais humilde, já que conheceis bem que, ao ser dispensado de vossa senhoria, não perco nem meu chefe nem meu amo, mas meu benfeitor, meu melhor amigo, meu pai.

– Vamos, para com isso! – disse-me o coronel. – O que eu te disse não é porque eu esteja descontente contigo, nem porque deseje expulsar-te de minha casa (que deves contar como tua), mas para pôr-te em inteira possessão de tua liberdade, pois, mesmo servindo-me como filho, vieste para meu lado como presidiário¹⁴²⁴, e por mais que não tivesses querido, terias permanecido em Manila todo este tempo. Fora disso, considero que o amor pela pátria, mesmo sendo uma rotulação, é um rótulo daqueles que, além de serem inocentes em si, podem ser o princípio de algumas virtudes cívicas e morais. Eu já te disse, e tu já viste, que o homem deve ser, no mundo, um cosmopolita ou conterrâneo de todos seus semelhantes, e que a pátria do filósofo é o mundo. Mas, como nem todos os homens (p. 738) são filósofos, é necessário coincidir, ou pelo menos dissimular suas ideias envelhecidas, porque é difícil, se não impossível empresa, reduzi-las ao ponto cêntrico da razão. E a preocupação de diferenciar, com certo amor particular, o lugar de nossos nascimentos é muito antiga, muito arraigada e muito santificada pelo comum dos homens.

¹⁴²⁴ ***Transcrição da nota 710, da edição de 2008 (p. 737): “[Lê-se, em castelhano,] ‘*presidario*’ por presidiário” (Nossa tradução).

(p. 738) “Lembrareis que leste que Ovídio lamentava-se no *Ponto*¹⁴²⁵ nem tanto da intempérie do clima, nem pelo medo dos getas¹⁴²⁶, nações bárbaras, guerreiras e cruéis, mas pelas saudades de Roma, sua pátria. Leste suas cartas e viste nelas os esforços que ele fez para que, pelo menos, trocassem seu destino de desterro, sem deixar de adular o quanto pôde, até fez deus a Augusto, o César que o mandou ao exílio.

“Mas, para que fico entretido citando este exemplo de amor pela pátria, quando tu mesmo viste um índio do povo de Iztacalco¹⁴²⁷ que não trocava sua choupana pelo palácio do vice-rei no México?

“Efetivamente, seja rotulação ou o que for, esse amor pela terra em que nascemos não sei o que tem de violento que é preciso sermos muito filósofos para nos separarmos dele, e o pior é que não podemos nos desentender dessa obrigação particular sem incorrer nas feias notas dos ingratos, vis e traidores.

“Por isso, então, Pedrinho, já te disse o que disse, para deixar-te inteirado de tua liberdade, e porque pensei que tua maior satisfação seria devolver-te a tua pátria e ao seio de teus amigos e parentes.

¹⁴²⁵ Nota da Tradutora: Reproduzimos a possível redundância do texto em castelhano: “*te acordarás que has leído que Ovidio [...]*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 738). No entanto, talvez o escritor aponte novamente para seu leitor que Periquinho passou tempo lendo as obras da biblioteca de seu amo e que o coronel talvez esteja lembrando Quitinho sobre o livro de Ovídio. Também, refere-se à obra *Epistulae ex Ponto* (*Cartas do Mar Negro* ou *Cartas Pônticas*), de Públio Ovídio Nasão (43 a. C.-17 ou 18 d. C), a quem, ao ser “forçado a deixar Roma, Augusto impõe-lhe como residência o pequeno porto de Tomos, situado à costa oeste do Mar Negro, nos confins do Império” (Albino, 2006, p. 5). Com respeito às *Cartas Pônticas*, Albino (2006, p. 5) aponta que, nelas, Ovídio escreve “[...] sublimando a métrica do dístico elegíaco, ele tem a oportunidade de cantar, numa lancinante linguagem do pesar, sua própria desgraça. Ele não obteve o perdão e o regresso à pátria, nem sequer a transferência para uma região menos belicosa e menos glacial”. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-07092022-084815/publico/2006_GeraldoJoseAlbino.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

¹⁴²⁶ Nota da Tradutora: Os getas foram um povo antigo da Trácia, talvez dentre os grupos que habitaram o norte dos Bálcãs que mais apresentaram resistência a outros fora de seu grupo. Depois de uma breve pesquisa na internet, supomos que esse povo ocupava os territórios de países atuais como a Romênia e a Moldávia e algumas partes da Bulgária, da Sérvia, da Hungria e da Ucrânia. Mais informações em: https://www.anpuh.org.br/uploads/anaeis-simposios/pdf/2018-12/1544024484_cbf35ce2d8591a68f2c6fac9a03f15d1.pdf e <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html#4>. Acesso em: 10 out. 2023.

¹⁴²⁷ **Nota da Tradutora: Sobre o Canal de la Viga, ver a nota 467 (p. 295) de nossa tradução. O povoado de Iztacalco, fundado em 1309, anterior à construção do Tenochtitlán, fazia parte da lagoa de Texcoco, que, com o tempo, foi modificada, até que nos anos 1930, por questões sanitárias, o Canal de la Viga foi transformado e tornado rua. Para mais informações sobre a história deste lugar, visitar: <https://mxcity.mx/2022/05/descubre-la-historia-iztacalco-barrio-mas-antiguo-tenochtitlan/>. Acesso em: 10 out. 2023.

(p. 738) – Isso é muito bom, *señor* – eu lhe disse –; é justo amar a pátria por ter nascido nela ou pelas conexões que unem os homens entre si. Porém, que isso fique para os que se consideram filhos de sua pátria e para aqueles para os quais ela exerceu o ofício de mãe, mas não para mim, porque ela comportou-se comigo como madrasta. Em meus amigos, percebi o mais sórdido interesse de seu particular proveito. De modo que, quando tinha um peso, contava com inúmeros amigos, e logo que me viram sem um tostão, deram meia volta volver¹⁴²⁸, deixando-me com (p. 739) minhas misérias, e até sentiam-se constrangidos para falar comigo. Entre meus parentes, vi a pior forma de rejeição, além de receber a maior ingratidão de meus paisanos. Então, como semelhante terra seria digna de meu amor como os naturais teriam por sua pátria? Não, não, *señor*. Melhor seria reconhecê-la mãe por suas casas, pelos passeios, por sua Orilla¹⁴²⁹, Iztacalco e Santa Anita¹⁴³⁰, por seu San Agustin de las Cuevas¹⁴³¹, San Ángel¹⁴³² e Tacubaya¹⁴³³, e por coisas como essas. É verdade, garanto-vos que não tenho saudades dela por outros motivos. Nem uma alma de lá merece minha memória mais mínima, ao passo que até sonho com as festinhas de Santiago¹⁴³⁴, Las Cañitas e mesmo almoçar na Nana Rosa¹⁴³⁵.

¹⁴²⁸ ***Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo, na nota 711 (2008, p. 738), comenta que a frase utilizada no texto, em castelhano, *media vuelta a la derecha* – [Nossa tradução está no corpo do texto] é uma paródia da voz militar.

¹⁴²⁹ **Nota da Tradutora: La Orilla é parte do município de Tláhuac, na Cidade de México, Distrito Federal. Disponível em: https://www.roadonmap.com/mx/donde-est%C3%A1/La_Orilla,ciudad_de_mexico. Acesso em: 11 out. 2023.

¹⁴³⁰ **Nota da Tradutora: Seu nome completo é Santa Anita Zacatlamanco Huehuetl, considerado único assentamento original de Iztacalco, povoado localizado perto do Canal de la Viga, ligado ao centro da Cidade do México. Para mais informações, visitar: <https://mexicocity.cdmx.gob.mx/venues/zacatlamanco/?lang=es>. Acesso em: 11 out. 2023.

¹⁴³¹ **Nota da Tradutora: É conhecido também como o Vaticano da Cidade do México, pois hoje conta com muitas igrejas, conventos, hospícios e o “*pueblo viejo de Tlalpan*”, bairro que funcionava desde antes da ocupação espanhola, com seu bosque de Tlalpan e o famoso lago de Xochimilco. Para mais informações, visitar: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/san-agustin-de-las-cuevas-tlalpan-el-vaticano-cdmx.html>. Acesso em: 11 out. 2023.

¹⁴³² **Nota da Tradutora: Outro bairro com monumentos históricos e muitas construções coloniais. Entre os séculos XVIII e XIX, San Ángel tornou-se um passeio muito popular entre as classes altas da Cidade do México. Mais informações em: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/lugares-san-angel.html>. Acesso em: 11 out. 2023.

¹⁴³³ *Nota da Tradutora: A denominação Tacubaya provém do nahuatl e significa “lugar onde se juntam as águas”. O lugar foi um assentamento da cultura chichimeca, desde 450 d. C. Mais informações em: <https://www.metro.cdmx.gob.mx/la-red/linea-1/tacubaya>. Acesso em: 11 out. 2023.

¹⁴³⁴ Nota da Tradutora: Possivelmente, refere-se às festividades religiosas para o apóstolo Santiago. Para mais informações, visitar: <https://mascerca.com.mx/descubre-la-tradicion-y-alegria-en-la-fieta-de-santiago-apostol/>. Acesso em: 11 out. 2023.

¹⁴³⁵ *Transcrição da nota 2, da edição de 2004 (p. 408-409): “[Os lugares que Periquinho lembra eram todos lugares de lazer ao sul da cidade (que agora foram engolidos pela expansão), onde os abastados

(p. 739) – Não, não precisas te esforçar em me persuadir sobre teu modo de pensar – disse-me o coronel. – Mas, saibas que tu és ainda um moleque e muito injusto. É verdade que não só para ti, mas para muitos, tua pátria é uma madrasta. No entanto, fora as razões políticas que dificultam, em qualquer parte, a igualdade de riquezas entre todos os seus naturais, deves entender que muitos, por tomar decisões péssimas, são responsáveis pela própria ruína em sua pátria, mesmo que seus conterrâneos tenham sido benfazejos. Pois quem gostaria de expor seu dinheiro ou franquear sua casa para um jovem dissipado e cheio de vícios? Ninguém. Em tal caso, deviam esses velhacos queixar-se de suas pátrias e conterrâneos ou de sua própria conduta corrompida?

“Tu mesmo és uma testemunha incontestável dessa verdade. Confidenciaste-me tua vida passada. Analisa-a e verás como as misérias que padeceste no México, até o momento em que chegaste à cadeia, conhecido como ladrão e, no final, quando foste confinado em um presídio, isso não foi graças a tua pátria nem à má índole de teus conterrâneos, mas a tuas próprias loucuras e a teus perversos amigos.

(p. 740) Enquanto o coronel fazia esse sólido discurso, repassei meus anais de vida e vi claramente que tudo era tal como ele disse e confirmei, para mim mesmo, como ele acertou tudo. Ele lembrou-me tanto dos maus amigos que me perderam, como Januário, Martim Pelayo, o Gaviãozinho e outros, como dos bons amigos que trataram de persuadir-me com seus conselhos, e ainda me socorreram com seu dinheiro, como *Don Antônio*, o *gurupiê*, o maltrapilho, entre outros. Assim, interiormente convencido, disse a meu chefe:

– *Señor*, tudo é, efetivamente, como dizeis. Reconheço que ainda estou em estado bruto e que preciso de muitos golpes da sadia doutrina de vossa senhoria para aparar minhas frestas. Portanto, não gostaria de abandonar vossa casa.

da Cidade do México iam relaxar nos finais de semana e feriados. O editor da quarta edição comenta os dois últimos:] O primeiro lugar, a *almuercería* [Nossa tradução: estande de venda de comida], era famoso nos velhos tempos por suas deliciosas *enchiladas* e outras *delicatessen*, atrás da igreja Regina, em uma choupana construída com canas, daí que é conhecido pelo nome *Las Cañitas*. Mais tarde, foi construída uma taberna sob o mesmo nome, perto da igreja, mas nunca alcançou a mesma reputação e, do mesmo modo, não existe mais atualmente. Às margens do Canal de la Viga, existiu um pequeno jardim onde Nana Rosa, que viveu até quase os cem anos, convidava as gentes da Cidade do México, com sua amabilidade e cortesia, para passar, em sua casa, alegres dias de campo, recebendo bom pagamento em troca das boas comidas que preparava. A receita dos *envueltos de Nana Rosa*, até hoje, aparecem nos livros de cozinha” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para saber mais sobre a receita, visitar: <https://www.recetas-mexicanas.org/envueltos-de-nana-rosa/>. Acesso em: 11 out. 2023.

(p. 740) – Não precisa – disse-me o coronel. – Contanto que tua conduta seja a que tem sido até aqui, esta será tua casa, e eu, teu pai.

Dei-lhe um abraço apertado por seu favor, e assim concluiu essa sessão séria. Permaneci com ele, desfrutando da confiança e das mesmas satisfações de sempre. No entanto, estava no fim o prazo de validade de minha felicidade. E logo tudo acabou.

Um dia, aos dois meses de retornar a minha vida de civil, depois da janta, meu amo teve um mal súbito, tão grave e violento, que apenas deu-lhe pouco tempo para receber a absolvição sacramental. E, com as orações da noite, ele veio a falecer em meus braços, deixando-me no maior pesar e desconsolo.

Imediatamente, a classe mais instruída de Manila ocupou a casa. Dispuseram-se a vestir o cadáver com a mortalha, ao estilo militar, e tudo o que foi necessário naquela hora, pois eu não estava na capacidade de fazer nada.

Como o interesse é o diabo, não faltou quem logo tentasse usar da justiça para apoderar-se dos bens do defunto, alegando que o finado havia falecido sem fazer testamento, quer dizer, *ab intestato*. Porém, seu confessor desmentiu tudo e pediu-me a chave de seu escritório privado.

Dei-lhe a chave e tiraram o testamento lacrado que, poucos dias antes, meu amo tinha outorgado. Foi lido e soube-se que deixava encarregado, para ser cumprida sua vontade, seu compadre, o conde de San Tirso, cavalheiro virtuoso e que o amava muito.

(p. 741) O testamento reduzia-se a que, na hora de seu falecimento, fossem pagos, com seus bens, as dívidas que ele tivesse contraído. O restante deveria ser dividido em três partes: uma seria dada a sua sobrinha que estava na Espanha, na cidade de Burgos; outra parte seria para mim, se ainda estivesse em sua companhia; e a terceira, para os pobres de Manila, ou do lugar onde ele viesse a falecer. E que, no caso de eu não estar a seu lado, seria adjudicado a tais pobres a parte que me tinha sido destinada. Com isso, acabou-se a esperança daqueles que pretendiam o *ab intestato*. Deu-se passo ao funeral.

No dia seguinte, apenas divulgaram pela cidade a morte do coronel, e a casa encheu-se de gentes, mas, qual classe de gentes? As donzelas pobres, as viúvas miseráveis, os órfãos desamparados e outros infelizes semelhantes a quem meu amo socorria com o maior segredo e cuja subsistência dependia de sua caridade.

(p. 741) O cadáver estava no féretro, no meio da sala, rodeado de todas aquelas famílias desgraçadas que choravam amargamente sua orfandade pela morte de seu benfeitor, e, *com a maior ternura, pegavam suas mãos, beijavam-no, regavam-nas com seus fluídos da dor, falavam aos gritos: – Morreu nosso benfeitor, nosso pai, nosso melhor amigo... Quem nos consolará? Quem suprirá sua falta?*

Nem o funeral público, nem os grandes senhores que, como sempre, solenizavam o evento com suas presenças cerimoniais, foram capazes de conter todos os pobres que se sentiam desamparados e agora sujeitos ao duro fardo da penúria. Todos eles choravam, lamentavam e suspiravam, e mesmo quando conseguiam parar de chorar, davam testemunho público da generosidade do benfeitor com as expressões tristes de seus rostos.

Eles não desampararam o cadáver até que foi coberto pela terra. A música fúnebre conseguia as mais doces consonâncias com os tristes lamentos dos pobres, legítimos enlutados do defunto, e as abóbadas do sagrado templo recebiam, em suas concavidades, os últimos esforços do mais verdadeiro sentimento.

Concluída a cerimônia religiosa, voltei para casa, cheio de uma imensa dor que me deixou inapto por nove dias para receber os pêsames.

(p. 742) Passado esse tempo, o testamenteiro fez o inventariado, por completo, e cumpriu-se a vontade do testador, entregando-me a parte que me tocava, que foram três mil e pouco pesos, que recebi e que, mesmo tornando-me dono deles, causava-me muito pesar.

Passados três meses, eu estava mais tranquilo, e as lembranças de meu pai e protetor já não eram tão fortes. Como podeis ver, ele ficou em minha memória muito tempo mais do que nas lembranças dos outros, pois percebi que filhos, mulheres e amigos dos defuntos, aqueles que se vangloriam de realmente amá-los, costumam esquecer-se mais rápido e divertir-se nesse tempo com o mesmo frescor como se não lhes tivessem conhecido, mesmo vestindo-se ainda de preto para lembrá-los de seus finados durante esse tempo.

Como eu já tinha mais de onze mil pesos e era bem-conceituado em Manila, procurei não sair da linha nem faltar ao método de vida que tinha observado nos tempos do coronel, mesmo com os conselhos sinistros e as provocações dos maus amigos, que nunca faltam aos moços livres e com dinheiro. Isso eu fazia tanto para não dissipar minhas moedas quanto para não perder o crédito de homem de bem que

tinha adquirido. (p. 742) Que verdadeiro é o amor ao dinheiro e a nosso amor-próprio, que, mesmo não sendo virtudes, costumam ser nosso freio e ser causa para que não nos prostituamos aos vícios!

Desse evidente princípio, nasce esta necessária consequência: que quanto menos tem a perder o homem, mais ele é vigarista, ou quando não o é, poderá sê-lo. Por isso, os homens mais pobres e os mais vulgares das repúblicas são os mais perdidos e viciados, porque não têm nem honra nem interesses a perder; e pelo mesmo motivo, estão mais propensos a cometer qualquer delito e a empreender qualquer ação por vil e detestável que seja; e por isso, também dita a razão que se deve procurar com o maior empenho por todos os superiores para que seus súditos não se eduquem vadios e inúteis.

Mas, deixando essas reflexões para quem tem o cargo de mandar nos outros, e voltando a mim, digo que, vendo-me sozinho em Manila, e com dinheiro, assaltou-me o desejo de voltar à pátria, e assim que vissem meus conterrâneos a mudança de minha conduta, poderia exhibir e desfrutar, no México, do (p. 743) caudal que, afinal de contas, já podia chamar de meu.

Com esse plano, empreguei bem minhas moedas, para fazer-me de mercancia, comprei muito barato e, quando foi a hora de embarcar na nau para Acapulco, despedi-me de todos meus amigos e dos de meu amo, em cuja memória, melhor que nada, mandei fazer um solene novenário de missas, que achei bem apropriado. E, concluído isso, saí para Cavite e embarquei com todas minhas posses.

(p. 744) **Capítulo VI**

No qual nosso autor conta como embarcou para Acapulco, sobre seu naufrágio, a boa recepção que teve na ilha onde chegou, entre outras coisas curiosas

Como são deliciosos aqueles jardins da fantasia onde gostamos de passear à mercê de nossos desejos! Que contas felizes fazemos quando contamos os ovos que ainda estão dentro da galinha, isto é, quando não prevenimos as coisas adversas que podem acontecer, ou, melhor ainda, quando não percebemos que a alta Providência pode ter decretado coisas muito diferentes daquelas que imaginamos!

Foram assim as contas fantasiosas que fiz em Manila enquanto embarcava com minha *ancheta* para Acapulco. Gastar 11 mil pesos na mercadoria foi barato, eu me dizia, considerando que, no México, produziram 28 ou 30 mil; estes, colocados em circulação no comércio de Veracruz, em poucos anos, renderiam 50 ou 60 mil pesos. Com semelhante importância, eu, que não sou tonto nem muito feio, por que não deveria pensar em casar-me com uma garota que tenha, pelo menos, o mesmo dote? E com um capital tão razoável, por que não procurar, daqui a alguns anos, baratas e sem despesas, quarenta ou cinquenta talegas¹⁴³⁶? Com estas, por que não poderia conseguir o título de conde ou marquês em Madrid? Certamente, com menos dinheiro, sei que outros conseguiram. Muito bem; mas sendo conde ou marquês, já será indecoroso para mim ser comerciante com loja (p. 745) conhecida por todos, pois irão chamar-me de Marquês do *Alepín*¹⁴³⁷ ou de Conde do Musseline¹⁴³⁸. E o quê? Não foram muitos os que receberam títulos e subiram altas posições pelos mesmos degraus? Mas, mesmo assim, é preciso buscar outra forma de subsistir, só para que os invejosos malditos não me importunem muito. Como conseguirei isso? O campo, sim, que outro espaço mais adequado e honorífico para um marquês do que o campo? Comprarei algumas das melhores fazendas, fornecer-lhes-ei administradores fiéis e

¹⁴³⁶ Nota da Tradutora: Ver a nota 1289 (p. 725) de nossa tradução.

¹⁴³⁷ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*marqués del alepín*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 745). O *alepín*, de acordo com o *Diccionario nacional o gran diccionario clasico de la lengua española* (1848, p. 83), é um pano fino, “feito de seda e lã, fabricado na cidade do Alepo” (Nossa tradução). Disponível em: <https://books.google.es/books?id=RMdLAAAACAAJ&vq=alep%C3%ADn&dq=chupa&hl=es&pg=PA83#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 12 out. 2023.

¹⁴³⁸ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*conde de la Musolina*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 745). Achamos, no *DRAE* (2023), *muselina*, com o seguinte significado: “tecido de algodão, seda, lã, entre outros, muito fino” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/alep%C3%ADn?m=form>. Acesso em: 12 out. 2023.

inteligentes e, (p. 745) geralmente contando com a fertilidade de minha pátria, farei colheitas muito abundantes, acumularei muitos dobrões, serei um homem notável no México, serei muito estimado, e minha esposa, que sem dúvida será muito bonita e muito prendada, receberá todas as atenções; e por que ela não deveria merecer a da vice-rainha? É claro que sim. Ela irá amá-la por sua presença, por sua descrição e porque fomentarei essa amizade com os presentes que sabem amolecer penhascos. Com a certeza de que a vice-rainha será amiga íntima de minha mulher, por que não deveria eu aproveitar seu patrocínio? Irei usá-lo e conseguirei maior proximidade com o vice-rei e, uma vez alcançado esse objetivo, com muito pouco dinheiro, financiarei um regimento; serei coronel e, de um dia para o outro, aqui estará Periquitinho com três galões e o título de meritíssimo maior que uma casa.

E isso será tudo? Não, *señor*, as fazendas aumentarão seus produtos, meus cofres explodirão em dobrões, e então, meu amigo vice-rei se retirará para a Espanha, e eu irei em sua companhia. Ele, por um lado, querido pelo rei, e por outro, oprimido por meus favores, fará por mim tudo o que puder no ministério das Índias. Não deixarei de conquistar a vontade do secretário e, em pouco tempo, dentro de dois anos no máximo, obterei os cargos de vice-rei do México. Isso é fácil, e tão fácil de fazer quanto eu digo, e então... Ah, que alegria encherá meu coração no dia em que eu tomar posse do vice-reinado de minha terra!

Ah, e quanta bajulação todos que conheço me prestarão! Como não serão para mim parentes e amigos, e como todos aqueles que me olharam com desprezo irão temer minha indignação!

Além disso, que dias felizes não passarei no governo (p. 746) daquele vasto e extenso reino? Que dinheiro não vou arrecadar por todos os meios possíveis, sejam eles quais forem? De que diversões não irei desfrutar? Que multidão de bajuladores não me cercará, canonizando meus vícios como se fossem as virtudes mais eminentes, ainda que em sua residência¹⁴³⁹ não se lembrem mais de mim, ou talvez sejam meus piores inimigos? Mas, em suma, passarei esses anos imerso, pelo menos, em delícias, e sem deixar de acumular prata. Com ela, poderei tapar as bocas

¹⁴³⁹ Transcrição da nota 715, da edição de 2008 (p. 746): “É uma alusão ao *juicio de residencia* [Nossa tradução: julgamentos de residência], por meio da qual era investigado, ao término do mandato, a atuação dos funcionários na América” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para mais informações, visitar: <https://revistadehistoria.es/los-juicios-de-residencia/>. Acesso em: 13 out. 2023.

de meus inimigos e comprar (p. 746) as de meus amigos, para que estes paguem por minha conduta, e os primeiros calem meus defeitos. E, nesse caso, aqui estará um Periquitinho, um fidalgo, como costuma-se dizer, um homem de fortuna mediana, e se quiserem, um canalha de primeira classe, elevado diante do rei e dos bons homens, não importa o quanto suas iniquidades gritem vingança entre os indivíduos prejudicados.

Era exatamente assim minha maneira de pensar naqueles primeiros dias em que navegava para minha terra, e, se Deus tivesse satisfeito a medida de meus desejos perversos, quem sabe se hoje haveria infinitas famílias infelizes, a minha, desonrada, e eu mesmo decapitado em um cadafalso.

Estávamos navegando há sete dias e, nesse ínterim, minha cabeça estava cheia de delírios sobre meu sonhado vice-reinado. Faixas, bordados, excelências, presentes, submissões, banquetes, baixela, passeios, carruagens, lacaios, librés e palácios eram fantoches que dançavam incessantemente em meu cérebro louco, e com os quais divertia-se minha tola imaginação.

Eu estava muito exaltado com essas bobagens, e mesmo ainda não tendo colocado a primeira pedra desse vão edifício, já me revestia de certa arrogância, com a qual pretendia obter as vantagens de ser um vice-rei, quando, em verdade, era apenas um triste Periquitinho. E, em virtude disso, falava pouco e com muita moderação com as pessoas importantes do barco, e menos ou nada com meus iguais, tratando meus inferiores com um ar de majestade dos mais ridículos.

Todos notaram imediatamente minha súbita mutação, porque, se antes me viam jovial e carinhoso, em quatro dias, viam-me chato, arrogante e intratável, pelo (p. 747) que alguns me ridicularizaram, outros me desprezaram mil vezes e todos me odiaram com razão.

Percebi a animosidade, mas disse para mim mesmo: então, essa gentalha me despreza? Para que um vice-rei precisaria deles? No dia em que eu tomar posse de meu posto, aqueles que agora me abandonam serão os primeiros a curvarem-se para me lisonjear¹⁴⁴⁰. Assim, o novo Quixote continuava em suas loucuras cavalheirescas, que aumentavam tanto a cada dia e a cada instante, que, se Deus não tivesse

¹⁴⁴⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *serán los primeros que se pelarán las barbas por adularme* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 747).

permitido (p. 747) que os ventos mudassem, essa seria a hora em que eu teria tomado posse de uma cela em San Hipólito¹⁴⁴¹. Foi o caso.

Ao anoitecer do sétimo dia de nossa navegação, o céu começou a ficar carregado, e o ar, a escurecer com nuvens negras e espessas. O nordeste soprava fortemente contra nossa direção, e, em poucas horas, a cerração aumentou, escurecendo os horizontes. Fortes aguaceiros começaram a cair, misturando à água uma infinidade de raios que atravessavam a atmosfera, aterrorizando os olhos que os viam.

Após seis horas desse flagelo, o sudeste ergueu-se furioso. Os mares cresciam por momentos e faziam ondas tão grandes que parecia que cada uma delas ia engolir o navio. Com os ventos de furacão e sacudidelas repetidas, nenhuma única lanterna permaneceu acesa, e os marinheiros tentavam manobrar no escuro. A terrível luz dos relâmpagos servia para atemorizar-nos ainda mais, pois, ao olharmos uns para os outros, víamos o semblante da morte estampado em nossos rostos pálidos. Houve momentos em que a esperávamos.

Nesse estado, um golpe do mar quebrou o leme, outro, o gurupés, e uma furiosa rajada de vento despedaçou o traquete¹⁴⁴². A madeira e o cordame rangiam como trapos despedaçados, porque ninguém conseguia segurá-las nos mastros.

Como os ventos variavam e não tínhamos leme, o barco boiava nas ondas para onde quer que eles o levassem. (p. 748) Não adiantou fechar as escotilhas para evitar que o barco se enchesse de água com os golpes do mar, e nem podíamos escoar água suficiente com a ajuda das bombas.

Numa situação tão deplorável, fica claro qual seria nossa consternação, quais seriam nossos medos e quão repetidos seriam nossos votos e nossas promessas.

Em circunstâncias tão críticas e difíceis, chegou o momento fatal do sacrifício das vítimas navegantes. Como o navio andava para frente e para trás como uma bola, num desses movimentos, bateu num recife com um golpe tão forte que, chocando-se nele, abriu-se como uma romã, da popa aos cumbés, fazendo tanta água que não

¹⁴⁴¹ **Nota da Tradutora: San Hipólito, também conhecido por Hospital de los Inocentes, era um nosocômio público dedicado à saúde mental, primeiro desse tipo nas colônias espanholas americanas, fundado em 1566. Para mais informações, visitar: <https://www.saludiarario.com/san-hipolito-el-primer-hospital-psiquiatrico-de-america/>. Acesso em: 13 out. 2023.

¹⁴⁴² Nota da Tradutora: À guisa de ilustração, segue o *link* de um esquema com as diferentes denominações de mastro: <http://salvador-nautico.blogspot.com/2016/01/gurupes.html>. Acesso em: 13 out. 2023.

restou mais esperança (p. 748) senão confiar-se a Deus e repetir atos de contrição. O capelão absolveu em massa, e todos se conformaram com seu destino, sem ter mais o que fazer.

Assim que percebi que o navio estava afundando, escalei o convés como um gato, e a Divina Providência deu-me uma tábua, na qual me agarrei com todas as forças, porque tinha ouvido falar que uma tábua valia muito em um naufrágio; mas, mal a tinha apanhado, vi-me sobre a água, e na penumbra de um relâmpago, vi, diante de meus olhos, que o navio inteiro tinha acabado de afundar.

Então, fui dominado pelo terror mais íntimo, considerando que todos meus companheiros haviam morrido e eu, inevitavelmente, sofreria o mesmo destino desastroso.

No entanto, o amor pela vida e aquela esperança tenaz que nos acompanha até a perdermos animaram minhas forças desfalecidas e, agarrando-me à tábua, fazendo milhões de promessas e invocando a mãe de Deus sob a figura de Guadalupe, mantive-me sobre as águas, levado à livre vontade dos mares e dos ventos. Algumas vezes, o peso das ondas afundava-me; outras vezes, o ar contido nos poros da tábua fazia-me ressurgir sob a superfície da água.

Durante cerca de uma hora e meia, lutei contra essas fadigas mortais, sem qualquer esperança humana de remédio. Quando as nuvens dissiparam-se, os mares sossegaram e os ventos acalmaram-se, amanheceu a aurora, para mim, mais linda, naquele momento, do que foi para o monarca mais pacífico do (p. 749) universo. O sol não demorou para revelar seu rosto belo e resplandecente. Eu estava quase desnudo e via a extensão dos mares, mas, com o espírito acovardado pelo infortúnio acontecido, e sempre com medo de perder a vida naquele mar, não consegui ver com completo prazer as delícias da natureza.

Agarrado à tábua, tentava apenas ficar por cima da água, sempre temendo a surpresa de algum peixe carnívoro, quando, nessa situação, ouvi vozes humanas perto de mim. Levantei o rosto, olhei para fora e vi que quem gritava comigo eram alguns pescadores remando em um bote. Olhei para eles atentamente e vi que estavam aproximando-se de mim. Imponderável foi o prazer que meu coração sentiu ao ver que aqueles bons homens vieram voando em meu auxílio, e ainda mais quando aproximaram o bote de minha tábua, estenderam os braços e colocaram-me em sua embarcação.

(p. 749) Eu já estava completamente desnudo e quase privado de sentidos. Nesse estado, colocaram-me de bruços e fizeram-me jogar fora a porção da água salgada que havia engolido. Depois, limparam-me com panos de lã e confortaram-me com espírito de chifre de veado¹⁴⁴³, que, por sorte, um deles carregava. Depois disso, cobriram-me e levaram-me para o cais de uma ilha que ficava muito perto de nós.

Na hora do desembarque, voltei a mim do desmaio ou chlique que me atingiu, e vi e percebi o que agora descrevo. Colocaram-me debaixo de uma árvore coberta que havia no cais, e então, uma porção de pessoas reuniu-se a meu redor, entre as quais, distingi alguns europeus. Todos olhavam para mim e faziam-me mil perguntas por mera curiosidade, mas ninguém se dedicou a me ajudar. Quem mais fez, deu-me uma moedinha que valia meio real em nossa terra. Os outros mostravam pena de mim com palavras e saíam dizendo: “Que pena...! Pobre...! Ele ainda é jovem...”, e outras (p. 750) palavras vãs como estas, e com uma ajuda tão oportuna, consideravam-se satisfeitos e partiam.

Os pobres ilhéus viram-me, emocionaram-se, não me deram nada, mas não me incomodaram com perguntas, seja porque não nos compreendíamos, seja porque eram mais prudentes.

Apesar da pobreza dessa gente, um trouxe-me uma xícara de chá com um pão, e outro deu-me um *capisayo*¹⁴⁴⁴ rasgado, ao qual agradei com mil cerimônias, e o vesti com muito prazer, porque estava nu e morrendo de frio. Tal era o estado miserável do futuro vice-rei *güero*¹⁴⁴⁵, da Nova Espanha, que se contentou com as roupas de um plebeu *sangley*¹⁴⁴⁶, ou, pelo menos, para mim, ele parecia um. Pois bem, eu então não pensava mais em vice-reinados, palácios ou librés, nem fazia cara feia para ver, nem canonizava as palavras; ao contrário, tentei fazer a cara mais

¹⁴⁴³ *Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo, na nota 717 (2008, p. 749), comenta que o *espíritu de cuerno de ciervo* [Nossa tradução está no corpo do texto] é muito eficaz nos casos relacionados com trombose, asma e outras doenças. A poção está listada na *Pharmacopoeia Matritensis*. Ver nota 679 de nossa tradução.

¹⁴⁴⁴ *Nota da Tradutora: Acreditamos que o contexto pede o segundo significado da segunda acepção registrada no *Diccionario del español de México* (2023): “Vestuário feito de palha composto por uma capa e um capuz usado para se proteger da chuva” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dem.colmex.mx/Ver/capisayo>. Acesso em: 14 out. 2023.

¹⁴⁴⁵ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario del español de México* (2023), *güero* se refere a alguém “que tem cabelo de cor amarela ou de um tom semelhante; loiro” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dem.colmex.mx/Ver/g%c3%bcero>. Acesso em: 14 out. 2023.

¹⁴⁴⁶ **Nota da Tradutora: Do tagalo, *sanglay*; chama-se *sangley* à pessoa de origem chinesa que é comerciante nas Filipinas. Disponível em: <https://dle.rae.es/sangley?m=form>. Acesso em: 14 out. 2023.

lisonjeira (p. 750) para todo mundo e de mostrar-me mais tímido¹⁴⁴⁷ que um cachorro perdido em bairro alheio, fingindo a mais afetuosa humildade. Quão verdade é que muitos de nós nos tornamos arrogantes com o dinheiro, sem o qual talvez seríamos humanos e acessíveis!

Devo ter ficado entre três ou quatro horas à sombra da robusta árvore sem saber para onde ir, nem o que fazer numa terra que me parecia tão estranha, quando procurou-me um homem que parecia um ilhéu rico por sua vestimenta cara, porque usava um manto ou túnica de cetim azul bordado a ouro com faixas de pele de marta¹⁴⁴⁸, amarrado com um cinto de seda vermelho ponceau¹⁴⁴⁹, também com bordados a ouro, que caíam a seus pés, pouco visíveis, cobertos com sandálias ou sapatos de veludo dourado. Em uma mão, carregava uma bengala de bambu¹⁴⁵⁰ com cabo de ouro, e na outra, um cachimbo do mesmo metal. A cabeça (p. 751) estava descoberta e tinha pouco cabelo, mas, no alto, ou talvez um pouco mais embaixo, tinha uma porção presa, ao modo dos *zorongos*¹⁴⁵¹, ou coque, de nossas damas, ornado com uma espécie de anel de brilhantes com uma insígnia, cujo significado, na época, eu ainda não sabia.

Com ele, vieram quatro servos que o serviam com a maior submissão, um dos quais trazia um *payo*¹⁴⁵², um guarda-chuva, ou, como dizemos, *paragua*¹⁴⁵³, feito de cetim carmesim com listras douradas. Também vinha outro servo que, por seu traje, pareceu-me europeu, como de fato era, e não era nada menos que o intérprete espanhol.

¹⁴⁴⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *entumido* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 750). Segundo o *DRAE* (2023), o adjetivo é do contexto mexicano, e significa tímido. Disponível em: <https://dle.rae.es/entumido?m=form>. Acesso em: 14 out. 2023.

¹⁴⁴⁸ Nota da Tradutora: A pele dessa criatura, infelizmente, é considerada uma das mais valiosas do reino animal. Para mais informações sobre algumas espécies deste mamífero, visitar: <https://guiaanimal.net/articles/900>. Acesso em: 15 out. 2023.

¹⁴⁴⁹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *punzó* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 750). De acordo com o *DRAE* (2023), o *punzó* é a “cor vermelha muito viva” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/punzo%C3%B3?m=form>. Acesso em: 14 out. 2023.

¹⁴⁵⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *caña de China* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 750).

¹⁴⁵¹ Nota da tradutora: É o tradicional coque simples. Achamos um tutorial para deixar claro o penteado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vxbR6mFSwyc>. Acesso em: 15 out. 2023.

¹⁴⁵² **Transcrição da nota 724, da edição de 2008 (p. 751, retirado de Knowlton, 1963, p. 338): “*Payo*, filipinismo que significa guarda-chuva ou guarda-sol, e [que] ainda é usado com esse significado em Guam, uma das ilhas dos Ladrones ou Marianas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/472212?typeAccessWorkflow=login>. Acesso em: 15 out. 2023.

¹⁴⁵³ Nota da Tradutora: guarda-chuva.

(p. 751) Depois que ele aproximou-se de mim, olhou-me com uma intensidade muito patética, que parecia quase interessada em meus infortúnios, e, por meio do intérprete, disse-me:

– Não fiques angustiado, infeliz náufrago, pois os deuses do mar não te levaram para as ilhas das Velas¹⁴⁵⁴, onde fazem de escravos aqueles que o mar perdoa. Venha a minha casa!

Dizendo isso, ordenou a seus servos que me carregassem nos ombros. Instantaneamente, um alto murmúrio surgiu entre os espectadores, que terminou em incontáveis aplausos e exclamações.

Imediatamente, percebi que se tratava de um personagem notável, pois todos lhe faziam muitas reverências quando ele passava. Não me enganei, pois, após chegar em sua casa, percebi que se tratava de um palácio, mas um palácio de primeira hierarquia. Ele mandou dispor para mim um quarto decente, deu-me comida e roupas usadas, mas boas, e deixou-me descansar por quatro dias.

Por fim, quando foi relatado que eu estava (p. 752) totalmente recuperado dos danos que minha saúde sofreu com o naufrágio, ele entrou em meu quarto com o intérprete e disse-me:

– Bem, espanhol, minha casa é melhor que o mar? Estás à vontade aqui? Estás contente?

– *Señor* – eu lhe disse –, a diferença que me propondes é muito notável. Vossa casa é um palácio, é o asilo que me libertou da indigência e o porto mais seguro que encontrei depois de meu naufrágio. Não deveria eu ficar feliz com isso e reconhecer vossa generosidade e beneficência?

A partir daquele momento, o ilhéu tratou-me com o maior carinho. Visitava-me todos os dias, e levou-me professores que me ensinaram sua língua, a qual não demorei muito para aprender, de forma imperfeita, assim como ele sabia os idiomas espanhol, inglês e francês, porque entendia um pouco de todos eles, embora misturasse muito com o seu. No entanto, eu falava melhor a língua dele do que ele a minha, porque estava na terra dele e era necessário que eu falasse e lidasse com

¹⁴⁵⁴ Nota do Autor: “Este é outro dos nomes pelo qual se conhecem as ilhas dos Ladrones” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 751, nota a) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Outro dos nomes é Ilhas Marianas, como pode ser verificado na nota 1054 desta tradução.

seus nativos. (p. 752) Como podeis ver, não existe arte mais rápida e eficaz para aprender um idioma do que a necessidade de lidar com quem o fala naturalmente.

Depois de dois ou três meses, eu já sabia o suficiente para entender o ilhéu sem intérprete, e então, ele disse-me que era irmão do *tután*, ou vice-rei da província, cuja capital era aquela ilha, chamada Saucheofú¹⁴⁵⁵, e que ele era seu assistente, ou ajudante, e seu nome era Limahotón. Logo, informou-se de meu nome e do motivo de minha navegação por aqueles mares, bem como perguntou qual era meu país. Eu o satisfiz com tudo, e ele demonstrou simpatia por minha sorte. (p. 753) Ficou impressionado com algumas coisas que lhe contei sobre o reino da Nova Espanha.

No dia seguinte a essa conversa, ele levou-me para conhecer seu irmão, a quem cumprimentei com aquelas reverências cerimoniais que eles me instruíram fazer, e o *tután* mostrou bastante apreço; porém, com todo seu carinho, ele me disse:

– E o que sabes fazer? Porque, embora nesta província a hospitalidade seja usada com todos os estrangeiros pobres, ou não pobres, que chegam a nossas praias, com aqueles que decidem ficar por algum tempo em nossas cidades, não somos muito indulgentes, depois de certo tempo. Assim que sabemos sobre suas competências e trabalhos, procuramos envolvê-los naquilo que sabem fazer, ou pedimos para aprender deles o que não sabemos. O fato é que aqui ninguém come nosso arroz ou a saborosa carne de nossas vacas e peixes sem ganhá-los com o trabalho de suas mãos. Desse modo, ensinamos aqueles que não têm nenhum ofício ou habilidade e, dentro de um ou dois anos, já estão em condições de reembolsar, pouco a pouco, o que o tesouro do rei gastou para fomentá-lo. Em virtude disso, diga-me que ofício sabes, para que meu irmão recomende-te em uma oficina para ganhar tua vida.

Fiquei surpreso com esses avisos, pois não sabia fazer nada de útil com as mãos, e foi assim que respondi ao *tután*:

– *Señor*, sou nobre em minha terra, e por isso não tenho nenhum ofício mecânico, porque é baixeza os cavalheiros trabalharem corporalmente.

¹⁴⁵⁵ Transcrição da nota 4, da edição de 2004 (p. 417): “[Fernández de Lizardi] recolheu os nomes e alguns detalhes que utilizou na viagem do Periquitinho para sua ilha, por inteiro imaginária, da obra do jesuíta P. Juan González de Mendoza, *Historia de las cosas más notables, ritos y costumbres del gran reino de la China* [Nossa tradução: história das coisas mais importantes, ritos e costumes do grão reino da China], Roma: 1585)” (Nossa tradução).

(p. 753) O comedido mandarim perdeu a seriedade ao ouvir minhas desculpas, e começou a rir alto, agarrando a barriga e deitando-se em uma ou outra das almofadas a seu lado, e quando parou, disse-me:

– O que! Em tua terra é baixeza trabalhar com as mãos? Então, cada nobre de tua terra será um *tután* ou potentado, e, de acordo com isso, todos os nobres serão muito ricos?

– Não, *señor* – eu lhe disse –, nem todos os nobres são príncipes, nem todos são ricos; pelo contrário, há inúmeros que são muito pobres, e tão pobres que, por causa de sua pobreza, são confundidos com a escória do povo.

– Pois bem – disse-me o *tután* –, já que estes exemplos se repetem, é preciso acreditar que, em tua terra, todos são loucos cavalheirescos; pois, vendo todos os dias o pouco que vale (p. 754) a nobreza aos pobres, e sabendo como é fácil para os ricos tornarem-se pobres e sentirem-se desanimados mesmo sendo nobres, eles tentam criar seus filhos para serem preguiçosos, expondo-os com esse tipo de loucura para que, amanhã ou outro dia, pereçam nas garras da miséria.

“Além disso, se, em tua terra, os nobres não sabem usar as mãos para encontrar o alimento, também não saberão ajudar os outros, e então, diga-me: para que serve, em tua terra, uma pessoa nobre ou rica (parece-me que tu os julgas iguais), ou seja, qual é a utilidade de um desses, eu digo, para o resto de seus concidadãos? Certamente, um homem rico ou um nobre será um fardo muito pesado para a república.

– Não, *señor* – respondi-lhe –, os nobres e os ricos são dirigidos pelos pais para duas ilustres carreiras que existem, que são as armas e as letras, e em qualquer uma delas, são muito úteis à sociedade.

– Parece-me muito bem – disse-me o vice-rei. – Então, toda a utilidade que vem de teus nobres está isolada nas armas ou nas letras? Eu não entendo essas frases. Diga-me, quais são os ofícios das armas e letras?

– *Señor* – respondi-lhe –, não são ofícios, mas profissões, e se tivessem o nome de ofícios, seriam vis e ninguém iria querer dedicar-se a eles. A carreira das armas é aquela em que jovens ilustres dedicam-se a aprender a arte da guerra com a ajuda do estudo da matemática, que os ensina a traçar planos de fortificação, a minar uma fortaleza, a dirigir simetricamente esquadras, a bombardear uma cidade, a organizar um combate naval e coisas semelhantes, com a ciência da qual os nobres tornam-se

aptos para serem (p. 754) bons generais e serem úteis a seu país, defendendo-o das incursões dos inimigos.

– Essa ciência é nobre por si só e muito útil aos cidadãos – disse-me o chinês –, porque o desejo da preservação individual de cada um exige a valorização daqueles que se dedicam a defendê-los. Uma carreira muito nobre e estimável é a do soldado; mas, diga-me, por que os soldados são tão requintados em tua terra? Não são todos os cidadãos soldados? Porque aqui não há quem não seja. Tu mesmo, enquanto viveres em nossa companhia, serás um soldado e serás obrigado (p. 755) a pegar em armas como todos, caso a ilha seja atacada por inimigos.

– *Señor* – eu lhe disse –, em meu país, não é assim. Existe uma porção de homens designados para o serviço das armas, pagos pelo rei, que são chamados de exércitos ou regimentos, e essa classe de pessoas tem a obrigação de comparecer sozinha diante dos inimigos, sem exigir dos outros, a quem chamam de paisanos, outra coisa senão contribuições em dinheiro para sustentar-se, e isso nem sempre, mas apenas em sérias dificuldades.

– Terríveis costumes tem tua terra – disse-me o *tután*. – Pobre rei! Pobres soldados e pobres cidadãos! Que despesa o rei terá! Quão expostos ficarão os soldados e quão mal os cidadãos serão defendidos por braços alugados! Não seria melhor se, em caso de guerra, todos os interesses e pessoas fossem reunidos sob um único ponto de defesa? Quão mais duramente eles lutariam nesse caso, e que medo essa união geral imporia ao inimigo? Um milhão de homens que um rei põe em campanha, à custa de mil empregos e subsídios, não equivale a um quinto da força que se oporia a uma nação composta por cinco milhões de homens úteis que constituiria a mesma nação. Nesse caso, haveria mais soldados, mais coragem, mais resolução, mais unidade e menos despesas. Pelo menos, é assim que praticamos, e somos invencíveis para os tártaros, persas, africanos e europeus.

“Mas tudo isso é conversa. Não compreendo a política de teu rei, nem do resto da Europa, e muito menos tenho conhecimento do caráter de suas nações. E, como eles, que são os primeiros interessados, assim o decidem, devem ter razão, embora esse sistema sempre me causará surpresa. Mas, supondo que tu sejas nobre, diga-me, tu és soldado?

– Não, *señor* – eu lhe disse –, fiz minha carreira através das letras.

(p. 755) – Bem – disse-me o asiático –, e o que tu aprendeste pelas letras ou pela ciência? O que isso quer dizer?

Eu, pensando que ele era um tolo, como ouvi dizer que o eram todos aqueles que não falavam espanhol, respondi que era um teólogo.

– E o que é um teólogo? – perguntou-me o *tután*.

– *Señor* – respondi-lhe –, teólogo é aquele homem que estuda (p. 756) a ciência divina, ou que pertence a Deus.

– Oh! – disse-me o *tután*. – Este homem deve ser tão bom que deve ser eternamente adorado. Então, tu conheces, pelo menos, a essência de teu Deus? Tu sabes quais são seus atributos e perfeições e se tem o talento e o poder para levantar o véu de seus arcanos? A partir deste momento, tu serás para mim o mortal mais digno de reverência. Senta-te a meu lado e digna-te a ser meu conselheiro!

Fiquei novamente surpreso com tamanha ironia. Sendo assim, eu lhe disse:

– *Señor*, os teólogos de minha terra não sabem quem é Deus, nem são capazes de compreendê-lo, muito menos sondar a profundidade infinita de seus atributos, nem descobrir seus arcanos. São homens que explicam melhor que outros as propriedades da Divindade e os mistérios da religião.

– Quer dizer – respondeu-me o chinês – que, em tua terra, chamam de teólogos os santarrões¹⁴⁵⁶, sábios ou sacerdotes que, na nossa, têm um conhecimento mais profundo da essência de nossos deuses, de nossa religião ou de seus dogmas; porém, sabendo apenas isso, e o ensinando aos outros, eles não deixam de ser úteis aos demais com o trabalho de suas mãos. Assim, a ti, não te servirá de nada ser teólogo de tua terra aqui.

Vendo-me tão atacado, e tentando escapar do ataque à força de mentiras, simplesmente acreditando que a pessoa que falava comigo era um tolo como eu, disse-lhe que eu era médico.

– Ah – disse-me o vice-rei –, isso é uma grande ciência, se tu não queres que eu chame isso de ofício. Médico! Que bom! Um homem que prolonga a vida dos outros e os liberta das mãos da dor é um tesouro onde vive. Aqui estão as gavetas do rei

¹⁴⁵⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *santón* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 756). No *DRAE* (2023), aparecem duas acepções para *santón*: “1) Homem que professa uma vida austera e penitente fora da religião cristã. 2) Homem hipócrita que aparenta santidade” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/sant%C3%B3n?m=form>. Acesso em: 16 out. 2023.

abertas (p. 756) para os bons médicos que inventam medicamentos que os antigos não conheciam. Isso não é ciência em nossa terra, mas um ofício liberal, e ao qual apenas homens muito sábios e experientes se dedicam. Talvez tu sejas um deles e farás tua fortuna com tuas habilidades; mas, veremos isso.

Dizendo isso, ele ordenou que trouxessem uma erva do pote número dez de seu jardim. Trouxeram-na e, colocando-a em minha mão, o *tután* disse-me:

– Contra que doença é essa erva?

Fiquei constrangido com a pergunta, pois entendia tanto de botânica quanto de cometas, como quando desatinei sobre (p. 757) eles em Tlalnepantla¹⁴⁵⁷; mas, lembrando-me de meu orgulho tolo, peguei a erva, vi, cheirei, provei, e cheio de satisfação, disse: esta erva parece uma que há em minha terra, chamada *parietaria* ou *tianguispepetla*¹⁴⁵⁸, não me recordo bem qual delas, mas ambas são febrífugas.

– E o que são febrífugas? – perguntou-me o *tután*, a quem respondi que tinham uma virtude especial contra a febre ou a calentura.

– Bem, parece-me – disse-me o *tután* –, que tu és tanto médico quanto teólogo ou soldado, porque esta erva está muito longe de ser um remédio contra a febre. Pelo contrário, é muito adequada para acarretá-la, pois, tomando cinco ou seis folhas numa infusão de meio litro de água, pode causar uma febre terrível em quem as bebe.

¹⁴⁵⁷ Nota da Tradutora: A cidade foi mencionada na nota 380, capítulo VI, tomo I, de nossa tradução.

¹⁴⁵⁸ *Nota da Tradutora: De acordo com o *site Medicinas tradicionales y alternativas* [Nossa tradução: *medicinas tradicionais e alternativas*] (2010), a *tianguispepetla* também é utilizada para a febre, nos estados de Puebla, Veracruz e Michoacán. Registramos o uso da planta, de acordo as duas fontes: “[a *tianguispepetla*] é de grande importância no tratamento de distúrbios digestivos, dor de estômago, constipação, empacho, infecção e inflamação intestinal, cólicas, problemas na vesícula biliar e diarreia. No caso de febre tifoide, a raiz é fervida em água suficiente, e em seguida, os galhos são descartados; ao líquido resultante, adiciona-se limão, e com essa preparação, são realizadas lavagens intestinais, usando-se meio litro para crianças e um litro para adultos. Além disso, é considerada uma planta purgativa. O *tianguis kijoso* é usado pelos mixe, zapotecos e totonacas no tratamento de empacho e disenteria. Também pode ser empregado no tratamento de doenças como sarampo, varíola ou escarlatina, para dor nos rins, tifo, alergias e mau-olhado, além de suas propriedades antiespasmódicas” (*Medicinas tradicionales y alternativas*, 2010) (Nossa tradução). De acordo com o *Diccionario de Mejanismos* (1974, p. 1042), “(do náuatle *tianguistli*, e *pepetla*, esteiras, ou *pechtli*, colchão) [é uma] planta medicinal das amarantáceas que cresce nas praias e em locais pouco transitados, formando como um tapete ou almofadado. É preparada como um cozimento e usada em lavagens contra o tifo. Os indígenas de regiões quentes a utilizam muito para tratar o tifo exantemático, o sarampo e a varicela. Quando o *cocolistle* [tifo] atacou durante o tempo do primeiro vice-rei Mendoza, muitos doentes foram curados com a raiz dessa planta. É um diurético e sudorífero eficaz” (Nossa tradução). Por outro lado, a *parietaria* “é eficaz no tratamento de furúnculos, fissuras labiais e anais, úlceras e inflamações em geral” (Bezerra, 2021). Para mais informações, visitar: <http://www.tlahui.com/medic/medic31/tianguis.htm>, <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1042/mode/2up?q=tianguispepetla> e <https://www.beneficiosdasplantas.com.br/parietaria/>. Acesso em: 16 out. 2023.

(p. 757) Tendo descoberto tão vergonhosamente minha ignorância, não tive outra escolha senão dizer:

– *Señor*, os médicos de meu país não são obrigados a conhecer as características particulares das ervas, nem a saber deduzir as virtudes de cada uma por princípios gerais. Basta que tenham na memória os nomes de quinhentas ou seiscentas, com a notícia dos benefícios que lhes são atribuídas pelos autores, para fazerem uso dessa tradição à beira do leito dos enfermos, o que é facilmente alcançado com a ajuda das farmacopeias.

– Bem, não será tão fácil para ti – disse-me o mandarim – convencer-me de que os médicos de tua terra são, geralmente, tão ignorantes em matéria de conhecimento de ervas, como dizes. De médicos como tu, não vou negar; mas aqueles que merecem este nome, sem dúvida, não serão sepultados em tamanha estupidez, pois, além de desonrarem sua profissão, seriam causa de infinitos desastres na sociedade.

– Não precisa ficar impressionado, *señor* – eu lhe disse –, porque, em minha terra, a ciência menos protegida é a medicina. Existem escolas onde são ministradas aulas de língua latina, filosofia, teologia (p. 758) e ambos os direitos; há aquelas onde se ensina muito bem química e física experimental, mineralogia ou a arte de conhecer as pedras que têm prata e outras coisas; mas, em nenhum lugar, ensina-se medicina. É verdade que existem três cátedras na Universidade, uma de *prima*, outra de *vísperas*, e a terceira de *methodo medendi*¹⁴⁵⁹, onde se ensina alguma coisa, mas isso é por pouco tempo e pela manhã, e isso não é todas as manhãs, porque, além das quintas-feiras e dos feriados, há muitos dias privilegiados que dão folga aos alunos, e esses, normalmente, como jovens, ficam mais felizes com os passeios do que com o estudo.

¹⁴⁵⁹ **Nota da Tradutora: Apesar dos registros que afirmam que, nas colônias do império espanhol, o ensino da medicina ocorria por meio das universidades fundadas pelo governo colonial, como a Universidade de Santo Domingo, que formou médicos em 1538 (Guerra, 1992, p. 253) – diferente do Brasil, onde somente a partir de 1808 foram formados médicos na Bahia e no Rio de Janeiro –, existem também registros dos fatos que comenta nosso Periquitinho no texto acima. Sugerimos a leitura comparativa dos textos de Martínez-Hernández (2016), sob uma perspectiva crítica das faculdades da Nova Espanha até o século XVII, e o artigo de Guerra (1992), sob o viés mais geral e tradicional. O texto de Guerra está disponível em: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/5819>. O artigo de Martínez-Hernández (2016) está disponível em: <https://www.ries.universia.unam.mx/index.php/ries/article/view/188/746>. Acesso em: 16 out. 2023.

(p. 758) “Por essa razão, entre outras, os verdadeiramente médicos, médicos em si, não são comuns em minha terra, e se há alguns que conseguem adquirir esse nome, é à custa de muita aplicação e noites mal dormidas, e de se aproximar deste ou daquele professor qualificado para aproveitar suas luzes.

“Acrescente a isso que, em minha terra, os médicos estão divididos, ou a medicina está dividida, em muitos ramos. Aqueles que curam doenças externas, como úlceras, fraturas ou feridas, são chamados de *cirurgiões*, e não podem curar outras doenças sem provocar a ira dos médicos, ou sem merecer sua dissimulação. Aqueles que curam doenças como febres, pleurisias, anasarcas¹⁴⁶⁰, entre outros, são chamados de médicos; eles são mais estimados, porque trabalham de forma mais tateante do que os *cirurgiões*, e seu conhecimento é recompensado com títulos literários honorários, como bacharelado e doutorado.

“Ambos os tipos de médicos, externos e internos, têm seus auxiliares que sangram, aplicam e curam com cáusticos, usam ventosas, aplicam sanguessugas e fazem outras coisas que não devem ser tomadas por via oral, e estes são chamados de *barbeiros* e *sangradores*.

(p. 759) “Há outros que fazem e distribuem os remédios, aqueles que, por um curto período, foram bem instruídos em química e botânica, que é o que chamais de ciências das ervas. Estes conhecem e distinguem o sexo das plantas, e falam facilmente de cálices, estames e pistilo, vangloriando-se de conhecer genericamente suas propriedades e benefícios. Estes são chamados de boticários e são os assistentes dos médicos.

– Eu ficaria com os mencionados por último – disse-me o *tután* –, porque, pelo menos, eles se aplicam à consulta da natureza numa parte tão necessária à medicina como o conhecimento dos tipos e benefícios das ervas. Na verdade, em tua terra, haverá boticários que curarão com mais sucesso do que muitos médicos.

“O que tu me contaste surpreendeu-me, porque vejo a diferença entre os costumes de uma nação e os de outra. Na minha, não se chama médico nem exerce essa profissão senão aquele que conhece a fundo a estrutura do corpo humano, as

¹⁴⁶⁰ Nota da Tradutora: Na língua castelhana e portuguesa, *anasarca* tem a mesma grafia e significado. De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, *anasarca* é um “edema generalizado em todo o corpo, produzido por infiltração de líquido seroso nas células subcutâneas”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/anasarca>. Acesso em: 16 out. 2023.

causas de seu (p. 759) padecimento e a forma como devem funcionar os remédios que prescreve; e, além disso, eles não se dividem como tu dizes que se dividem em sua terra. Aqui, aquele que cura é médico, cirurgião, barbeiro, boticário e auxiliar. Ao se confiar o doente a seus cuidados, ele deve curá-lo da doença de que se queixa, seja externa ou interna, deve ordenar os remédios, deve prepará-los, deve ministrá-los e deve realizar todos os procedimentos considerados apropriados para seu alívio. Se o doente sara, pagam-lhe; caso contrário, demitem-no. Mas, em cada nação, existem seus usos. A verdade é que tu não és médico, nem podes servir de aprendiz para quem está aqui. E então, diga-me, o que mais sabes fazer e que lhe sirva para ganhar a vida?

Fiquei surpreso com as dificuldades que o chinês colocava-me a cada passo, e disse-lhe que, talvez, fosse útil para a advocacia.

– Advogado? – disse-me ele – O que é? É a arte de remar barcos?

– Não, *señor* – disse-lhe eu –, a advocacia é aquela ciência à qual muitos homens se dedicam a se instruir nas leis nacionais para apresentar os direitos de seus clientes perante os juízes.

Ao ouvir isso, o *tután* recostou-se na mesa, tapando os olhos com a mão, e permaneceu em silêncio por um longo tempo, depois do qual, levantou a cabeça e disse-me:

(p. 760) – Então, em tua terra, são chamados de advogados aqueles homens que aprendem as leis do reino para defender, com elas, aqueles que os contratam, esclarecendo seus direitos perante os *tutanes* ou magistrados?

– É isso, *señor*, e nada mais.

– Valham-me, *Tien*¹⁴⁶¹! – disse-me ele. – Será possível que, em tua terra, sejam tão ignorantes que não saibam quais são seus direitos, nem as leis que os condenam ou os favorecem? Nunca teria pensado mal dos europeus.

¹⁴⁶¹ *Transcrição da nota 730, da edição de 2008 (p. 759): “*Tien*, no idioma chinês, tem quatro significados, segundo a entonação com que seja pronunciado. No entanto, aqui, refere-se à exclamação ‘¡Válgame *Tien*!’, e, no capítulo seguinte, ‘¡Oh, poderoso *Tien*!’, parece fazer alusão às crenças religiosas confucionistas do *tután*: *T’ien*, o céu como princípio cósmico panteísta” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Talvez poderia equivaler a “Valham-me, Céus!” Por outro lado, nem Frye (2004) nem Ruiz Barrionuevo (2008) apontam exatamente a qual deidade ou personagem chinesa refere-se Limahotón. No entanto, pelas características do livro, comprovadamente cheias de menções às diversas leituras do autor oitocentista, podemos arriscar a seguinte teoria. *Tien* é uma romanização da grafia chinesa, escrita que não está presente no original. No entanto, os leitores *geek*

(p. 760) – *Señor* – eu lhe disse –, não é fácil que todos consigam dominar as leis, porque há muitas, muito menos suas interpretações, que só os advogados podem fazer porque têm licença para tal, e por isso é que são chamados de *licenciados* ...

– Como, como é isso de interpretações? – perguntou-me o asiático – Então, as leis não são entendidas de acordo com a letra do legislador? Estão ainda sujeitas ao gênio sofístico do intérprete? Se é assim, tenho pena de teus conterrâneos e abomino o conhecimento de seus advogados.

“Mas, seja o que for, se tu não sabes mais do que me dizes, tu não sabes nada; tu és um inútil e é preciso tornar-se útil para não viver ocioso em meu país. Limahotón, coloque esse estrangeiro para aprender a cardar seda, a tingi-la, a fiá-la e a bordar com ela; e, quando ele me der uma tapeçaria de sua mão, eu cuidarei para que fique rico. Em suma, ensine-lhe algo que o ajudará a sobreviver em sua terra e na dos outros.

Dizendo isso, ele se retirou e eu saí, muito envergonhado, com meu protetor, pensando em como aprenderia algum ofício na velhice, numa terra que não tolerava Periquitinhos inúteis ou preguiçosos.

contemporâneos não deixarão de fazer a relação com a personagem do *anime Dragon Ball*, Tien Shinhan, um guerreiro que possui um terceiro olho. Os conhecedores do mangá sabem que as origens do relato japonês têm fortes influências da mitologia chinesa (O deus macaco). Procuramos, dentro dessa mitologia e achamos a personagem mitológica Erlang Sheng (outra romanização), um ser de três olhos, poderoso deus guerreiro: “sua valentia e poder o tornam inspiração para outras personagens e é força motora na luta pela justiça e pela harmonia.” (Nossa tradução). Chegamos, então, à escrita e a pronúncia desse nome, 二郎神, que, ao verificarmos, com a ajuda da plataforma *Forvo*, aos ouvidos de uma simples hispano-falante, tem um som similar, a *Tien*. Esta é uma mera suposição nossa. No entanto, corremos o risco, pois todas as menções feitas por Fernández de Lizardi não foram meras casualidades. Para mais informações, visitar: <https://dragonball.guru/why-does-tien-have-3-eyes/>, <https://lateologia.com/mitologia/china/erlang-shen/> e <https://pt.forvo.com/search/%E4%BA%8C%E9%83%8E%E7%A5%9E/nan/>. Acesso em: 02 out. 2023.

(p. 761) Capítulo VII

No qual nosso Quitinho conta como fez-se passar por conde na ilha, como divertiu-se, o que viu nela e as conversas que teve à mesa com os estrangeiros, que não são, de todo, desprezíveis

Vós lembrareis que, apoiado, desde a primeira juventude, ou desde a puberdade, pelo consentimento de minha ingênua mãe, resisti a aprender qualquer ofício e, aborrecido de todo trabalho, entreguei-me à vadiagem desde então. Deveis ter notado que essa foi a causa de minha ruína, e que, por causa disso, contraí as amizades mais vulgares, cujos exemplos não só me prostituíram aos vícios, mas fizeram-me pagar caro pelas liberdades que tomei; vi-me desprezado por meus parentes em cada passo, abandonado até por meus maus amigos, espancado por brutos e homens, caluniado como ladrão, sem honra, sem dinheiro, sem afeto, e sempre arrastando uma vida cansativa e cheia de miséria. E quando consideráreis que tendo eu mais de trinta anos de idade, depois de sair desnudo de um naufrágio, e tendo a sorte de um bom acolhimento na ilha, propuseram ensinar-me alguma arte com que não somente poderia sustentar-me, mas também tornar-me rico, direis: compelido, nosso pai aqui abriu os olhos e, conhecendo a causa primitiva de suas desgraças passadas como o único meio de evitar as que poderia temer no futuro, ele, seguramente, abraçaria com gosto a oportunidade de aprender e prover seu pão sem a dependência de outros.

Assim cogitareis, de acordo com a razão reta, e assim deveria ter sido; mas não foi. Eu tinha uma aversão terrível (p. 762) a qualquer tipo de trabalho. Sempre gostei da vida ociosa e de sustentar-me às custas dos incautos e dos bons; e somente quando acossado pela fome fui submetido a algum tipo de trabalho como quando servi Tabajara e fui sacristão, ou lisonjeado com a vida fácil, quando trabalhava muito pouco e tinha esperanças de prosperar muito, como no período em que servi o boticário, o médico e o coronel.

Afinal de contas, foi um acaso inesperado encontrar uma Jauja¹⁴⁶² com o falecido coronel; mas, essas Jaujas não são para todos, nem são encontradas todos os dias. Eu deveria ter pensado nisso na ilha e deveria ter me dedicado a me tornar

¹⁴⁶² Nota da Tradutora: Sobre Jauja, sinônimo de lugar paradisíaco, ver a nota 526 de nossa tradução.

útil [a mim mesmo]¹⁴⁶³ e aos outros homens com quem vivesse, em qualquer lugar. Mas, longe disso, fugi do trabalho e (p. 762) vali-me de minhas trapaças, disse eu a Limahotón (quando o vi resolvido a me fazer trabalhar em um ofício) que não queria aprender nada porque não iria ficar muito tempo em suas terras, mas voltaria para as minhas, onde não precisaria trabalhar, porque era conde.

– Tu és conde? – perguntou o asiático, muito admirado.

– Sim, sou conde.

– E o que é um conde?

– Conde – disse-lhe eu – é um homem nobre e rico a quem o rei deu este título por seus serviços ou pelos de seus antepassados.

– Então, em tua terra – perguntou o chinês –, não é necessário servir pessoalmente os reis, basta que os ancestrais o tenham servido para ser honrado prodigamente pelos monarcas?

Senti que a questão era uma provocação e lhe disse:

– A generosidade de meus reis não se contenta em recompensar apenas (p.763) aqueles que efetivamente os servem, mas estendem o favor a seus filhos. Assim, eu fui filho de um valente general, a quem o rei concedeu muitas mercês e, por ter nascido filho de meu pai, além de tornar-me conde, tenho dinheiro e morgado devido aos méritos dele.

– Segundo isso, tu também deves ser general – disse-me Limahotón.

– Não sou general – disse-lhe –, mas conde.

– Não entendo isso – disse-me o chinês. – Então, teu pai derrotou castelos, rendeu cidades, derrotou exércitos, enfim, garantiu a coroa na cabeça de seus senhores, e talvez ele perdesse a vida em uma dessas escaramuças. E tu, só porque eras filho desse cavaleiro corajoso e leal, viste-te em condições de ser conde e rico da noite para o dia, sem ter experimentado os rigores da campanha e sem saber quais são os cuidados do gabinete? Em tua terra, realmente, os nobres devem ser mais comuns do que na minha. Mas, diga-me, aqueles nobres que nascem e não se fazem, o que exercem em seu país? Supondo que não sejam úteis nem nas campanhas nem nos cargos de príncipes; se não forem úteis nem na paz nem na guerra, se nem sabem

¹⁴⁶³ Transcrição da nota 732, da edição de 2008 (p. 762): “Aparentemente, a leitura correta é: ‘a me tornar útil a mim mesmo e aos outros’, como transcreve a quarta edição. Devido a, talvez, tratar-se de uma errata, nós o colocamos entre colchetes” (Nossa tradução).

trabalhar (p.763) com pena ou espada, o que fazem, diga-me? Em que se entretêm? Do que se ocupam? Que proveito obtém o rei ou a república deles?

– O que eles poderiam fazer? – eu lhe disse, imerso em minhas ideias preguiçosas. – Procuram divertir-se, passear, e trabalham, no máximo, para garantir que sua riqueza não seja prejudicada. Se visses as casas de alguns condes e nobres de minha terra, se frequentasses suas mesas, se observasses seu luxo, o número de seus criados, a magnificência de seu povo, a ostentação de suas carruagens, o tamanho de suas librés, e como é caro e delicado seu séquito, tu ficarias admirado, maravilhado.

– Oh, poderoso *Tien!* – disse-me o chinês. – Vale mais ser conde ou nobre em tua terra do que a terceira pessoa do rei na minha! Sou um nobre, é verdade, e em tua terra, seria conde. No entanto, o que me custou adquirir este título e os rendimentos de que usufruo? Fadiga, riscos na guerra e inúmeros desconfortos na paz. Sou assistente, ou secundário de *tután*, ou chefe principal da província. Tenho honras, tenho rendimentos, mas sou um servo fiel do rei e escravo de seus vassalos.

(p. 764) “Sem levar em conta os serviços pessoais que prestei para alcançar este destino, agora que o possuo, quantas noites sem dormir e sofrimentos tolero para mantê-lo e não perder minha reputação! Sem dúvida, amigo, eu apreciaria mais ser conde em tua terra do que *loitia*¹⁴⁶⁴ na minha. Mas, afinal, tu queres voltar para o México, tua terra natal?

– Sim, senhor – eu lhe disse –, gostaria muito de ter essa oportunidade.

– Bem, não te preocupes – disse-me Limahotón –, é fácil conseguir o que desejas. Numa de nossas enseadas, está ancorado um navio estrangeiro, que chegou quase destruído de um naufrágio que sofreu nestes mares, poucos dias antes de teu infortúnio. O navio está em fase de montagem, e os passageiros que nele embarcam permanecem na cidade, também aguardando o tempo melhorar. Depois de verificadas ambas as coisas, o que será daqui a três luas, zarparemos, para conhecer mais do mundo do que apenas minha terra natal. Meu irmão aprova meu desejo. Sou rico e posso realizá-lo, mas guarda isso apenas para ti.

“Tenho dois amigos passageiros que me amam muito, segundo dizem, e vêm comer comigo todos os dias. Não os mostrei a ti porque pensei que fosses um pobre

¹⁴⁶⁴ Nota do Autor: “um cavaleiro” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 764, nota a) (Nossa tradução).

plebeu; (p. 764) mas como tu és rico e nobre como eles, a partir de hoje, tu te sentarás a minha mesa.

O chinês concluiu a conversa e, na hora da refeição, levou-me a uma grande sala, onde seria servida a comida.

Havia várias pessoas, e entre elas, distingi dois europeus, aqueles de quem Limahotón falou-me. Assim que entrei na sala, ele disse:

– Aqui está, *señores*, um conde de vossas terras que o mar jogou nu nessas praias e quer voltar para sua terra natal.

– Teremos prazer em receber vossa senhoria! – disse um dos estrangeiros, que era espanhol. Expressei minha gratidão e nos sentamos para comer.

O outro estrangeiro era inglês, um jovem muito alegre e salaz. Falaram muitas coisas sobre meu naufrágio. Mais tarde, o espanhol perguntou-me sobre minha terra natal, eu disse onde era, e (p. 765) começamos a emaranhar a conversa sobre as coisas particulares do reino.

O chinês ficou surpreso e feliz ao ouvir tantas coisas que o surpreenderam novamente, e eu não fiquei menos, considerando que estava conquistando seu afeto. Mas a curiosidade do espanhol quase estragou tudo, porque ele me perguntou:

– E qual é vosso título no México? Porque eu conheço todos eles.

Fiquei muito constrangido com a pergunta, sem saber que nome batizar meu condado imaginário; mas, lembrando o quanto é importante não se perturbar nessas situações, contei-lhe que meu título era Conde *de la Ruidera*.

– Não é possível! – disse-nos o espanhol – Faz apenas três anos que estou longe do México e, por ter sido rico e cônsul naquela capital, tinha muitos contatos e conheci todos os títulos, mas não me lembro do seu, nem mesmo por que é chamado de ruidoso.

– Isso não me surpreende – eu lhe disse –, porque faz exatamente um ano que recebi o título.

– Então é um novo título?

– Sim, *señor*.

– E que razão tendes para reivindicar um título tão extravagante?

– Meu motivo principal – respondi-lhe – foi considerar que um conde faz muito *ruído*, muito barulho, na cidade onde mora, às custas de seu dinheiro, e foi assim que, acredito, caiu-me como uma luva a *la ruidera* do título.

O espanhol riu e disse-me:

(p. 765) – A ideia é engraçada, mas, levando-a em conta, deveis ter muito dinheiro para fazer esse barulho. Na verdade, nem todos os condes do mundo podem titular com tanto ruído. Antes, já ouvi dizer:

*Que às vezes, no caso dos marqueses,
São mais barulho do que as nozes*¹⁴⁶⁵

– Pois bem, *señor*, em meu caso, até agora, há mais nozes do que barulho, como espero em Deus que um dia vejais com vossos olhos.

– Que bom! – disse-me o espanhol.

E, mudando o assunto da conversa, esse ato foi encerrado, as toalhas foram levantadas, despediram-se de mim com o maior carinho e nos separamos.

À noite, um criado trouxe-me, da parte do comerciante (p. 766) espanhol, um baú com roupa branca, vestuário completo novo e de acordo com o corte que usamos. O servo entregou-me tudo, junto com um bilhete que dizia: ‘*Señor Conde, por gentileza, usai essas roupas, que vos servirão melhor do que as destas terras*¹⁴⁶⁶. *Dispensai a má qualidade do presente apressado. A vosso serviço, Ordóñez.*’

Recebi o baú, respondi em grande estilo no mesmo pedaço de papel, e nisso já era hora de jantar e de nos recolher.

No dia seguinte, acordei vestido ao estilo europeu. À mesa, rimos e fofocamos com o jovem inglês, que era um salaz, como eu já disse, falava um castelhano horrível, e além disso, tinha a imprudência de elogiar tudo de sua terra, de preferência, às produções do país em que estava, e diante de Limahotón, que não entendia essas comparações. Mas, nessa ocasião, o chinês não aguentou ouvir o inglês murmurando

¹⁴⁶⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Que a veces en cas de los marqueses/ más suele ser el ruido que las nueces* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 765). Da palavra “caso”, foi retirada a vogal final para formar *cas* e contar um verso decassílabo. A frase parece fazer alusão à expressão idiomática: *mucho ruido y pocas nueces* [Nossa tradução: muito barulho por nada], que significa que alguma coisa ou alguém é importante apenas aparentemente, pois, na realidade, essas afirmações não têm base real. Disponível em: <https://www.significados.com/mucho-ruido-y-pocas-nueces/>. Acesso em: 04 out. 2023.

¹⁴⁶⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *que le asentará mejor que los faldellines de estas tierras* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 767).

sobre o pão que comia e, mostrando mais do que eu esperava de sua genialidade, disse:

(p. 766) – *Míster*, já faz dias que vos honro com minha mesa, e há dias observo que nos faltais ao respeito em minha presença, rebaixando os produtos e, inclusive, as invenções de minha pátria, para elogiar os da vossa.

“Não condeno que nossos países, costumes, religião, governo e alimentação pareçam estranhos para vós; isso é necessário. O mesmo aconteceria comigo em vossa Londres. Muito menos desaprovo que elogieis vossas leis e costumes e as produções de vossa terra. É justo que cada um ame, preferencialmente, o país em que nasceu, e que, em harmonia com seus costumes, climas e alimentos, prefira-os aos do mundo inteiro; mas não é justo que esse elogio menospreze a terra em que viveis e diante daquele que vos deixa sentar a sua mesa.

“Se falais sobre religiões, insultais a minha para exaltar a anglicana; se for sobre leis, vós me atarantais com as câmaras; se sobre população, dizeis que, em vossa capital, há um milhão de homens; se for sobre templos, repetis a descrição da Catedral de Saint Paul e da Abadia de Westminster; se for sobre passeios, sempre vos ouço elogiando o St. James’s Park e o Green Park... Enfim, conseguistes deixar um mapa de Londres em minha cabeça.

“Se, ao vos cansar de elogiar as coisas de vossa terra, (p. 767) desprezando ou rebaixando as da minha, contentásseis em simplesmente referir-se ao que vos foi perguntado e o que fosse relevante ao caso, deixando o elogio e a comparação a cargo dos ouvintes, certamente seriais bem querido. Mas falar mal do pão de minha terra, e dizer que o pão da vossa é melhor, quando é este e não aquele que vos alimenta, é uma grosseria que não me agrada, nem agradará a quem vos ouve.

“Em vez disso, todos ficarão incomodados por vossa jactância e lhe dirão que quem vos chamou para esta terra, que se não vos convém, por que não vais embora o mais rápido possível, como vos digo agora?

Dizendo isso, Limahotón levantou-se sem terminar de comer e, sem se despedir de ninguém, saiu muito zangado.

Ficamos todos constrangidos, e mais ainda o espanhol que, explicando bem ao inglês tudo o que o asiático tinha dito, acrescentou:

– Envergonhou-nos, mas ele tinha razão, camarada. Ultrapassastes os limites da civilidade. Numa terra estrangeira, e ainda mais quando recebemos favores dos

patrícios, devemos nos conformar com seus costumes e tudo o mais, e se não nos acomodarem, vamos embora; mas nunca os diminua, nem compare nossa terra com o que há na deles.

(p. 767) “O *loitia* disse bem. Embora os pães de Londres, Madrid e do México sejam melhores que os daqui, este nos é útil e melhor que nenhum, porque é este que comemos agora, e é vilania não agradecer pelo bem que recebemos, tentando menosprezar quem está fazendo por nós.

“O que pensaria o *señor* Conde de la Ruidera se eu elogiasse o vinho de Sanlúcar¹⁴⁶⁷ desprezando a bebida regional de sua terra, que chamam de *pulque*? O que diria se elogiasse El Escorial¹⁴⁶⁸, a catedral de Sevilha¹⁴⁶⁹ e outras coisas particulares da Espanha, murmurando também sobre a Alameda¹⁴⁷⁰, o Palácio¹⁴⁷¹ e outras coisas das Índias¹⁴⁷², e isso no próprio México, nas orelhas e bigodes dos mexicanos, e talvez na própria casa onde, no momento, faziam-me um favor? Não faria bem em considerar-me (p. 768) um tolo, incivil e de maus princípios? Pois bem, Limahotón tem esse conceito de vós, e pode-se dizer que, realmente, com justa causa.

Se o inglês ficou constrangido com a repreensão do chinês, ficou ainda mais com o arremate do espanhol. Mas, embora fosse um jovem desmiolado, tinha compreensão e docilidade; e assim, convencido de seu erro, tentou, com o espanhol,

¹⁴⁶⁷ *Nota da Tradutora: Famoso por suas bebidas *jerez* e *manzanilla*, Sanlúcar de Barrameda também é lugar reconhecido por sua gastronomia. Localizado na província de Cádiz, na comunidade autônoma da Andaluzia. Para mais informações, visitar: https://viajes.nationalgeographic.com/es/gastronomia/asi-sabe-sanlucar-barrameda-capital-espanola-gastronomia-2022_17517. Acesso em: 06 out. 2023.

¹⁴⁶⁸ **Nota da Tradutora: Sua construção iniciou em 1562 e concluiu em 1584, com o objetivo de ser um monastério para a ordem de São Jerônimo. Foi o símbolo do poderio de Felipe II. O edifício, convertido em museu, exibe produções artísticas espanholas que mostram uma cara da moeda do chamado Século de Ouro Espanhol. Para mais informações, visitar: <https://www.patrimoniomaterial.es/visita/real-monasterio-de-san-lorenzo-de-el-escorial> e <https://mymodernmet.com/es/monasterio-el-escorial/>. Acesso em: 06 out. 2023.

¹⁴⁶⁹ **Nota da Tradutora: Essa catedral gótica foi construída sobre a mesquita construída na época do califa Abú Yuqub Yusuf, no final do século XII. Mais informações em: <https://www.andalucia.org/es/sevilla-turismo-cultural-catedral-de-sevilla>. Acesso em: 12 nov. 2023.

¹⁴⁷⁰ **Nota da Tradutora: Refere-se, provavelmente, ao passeio conhecido como La Alameda Central, localizada na cidade do México, criado por ordem do vice-rei Luis de Velasco, filho. Para mais informações, visitar: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/alameda-central.html>. Acesso em: 05 out. 2023.

¹⁴⁷¹ Transcrição da nota 733, da edição de 2008 (p. 767): [Refere-se ao] Palacio de los Virreyes [Nossa tradução: Paço dos Vice-reis], hoje [conhecido como] o Palacio Nacional [Nossa tradução: Paço Nacional]. Nota da Tradutora: Esse prédio histórico é, hoje, a sede do gabinete da Presidência da República mexicana. Para mais informações, visitar: <https://www.gob.mx/palacionacional/articulos/patrimonio-edificado?idiom=es>. Acesso em: 05 out. 2023.

¹⁴⁷² Nota da Tradutora: Lembramos ao leitor que os territórios colonizados no continente americano pela Espanha, muitas vezes, são referidos como *las Índias*.

satisfazer o (p. 768) japonês¹⁴⁷³, implorando-lhe que voltasse. Limahotón, que, na verdade, era um cavaleiro, ficou satisfeito, e todos permaneceram amigos como sempre, e o inglês deixou de menosprezar qualquer coisa do país em que estava.

Ficamos alguns dias na cidade, muito contentes. Eu, sobretudo, porque vi-me muito apreciado e favorecido, à mercê de meu título fingido, e, interiormente, parabenizava-me por ter fabricado tal mentira, já que, devido a ela, eu estava bem vestido, bem tratado e com os ares de um título de rico que eu mesmo já estava prestes a acreditar ser real. Tais foram os carinhos, os presentes e o respeito que me prestaram, especialmente o espanhol e o chinês, pois estavam convencidos de que eu lhes seria útil no México. O certo é que passei bem em terra e na navegação, e isso não teria sido possível se soubessem que meu título era, propriamente, o de *Periquitinho Sarnento*. Mas, na maioria das vezes, o mundo aprecia os homens, não por seus títulos reais, mas pelo que dizem ter.

Isso não significa que eu aprove que seja bom fingir, mesmo que seja útil para quem finge. O alcoviteiro e o mau pagador também acham úteis suas dissimulações e armações, mas fazê-lo não é lícito. O que eu quero que tireis por fruto dessa história é a percepção do quanto vivemos expostos a sermos enganados por um malandro astuto que se nos pinta como gigante da nobreza, do talento, da riqueza e do valor. Acreditamos em sua persuasão, ou em sua *lábria*, e ele nos ludibria se pode, sempre nos engana, e quando percebemos que é zombaria, não podemos mais remediá-la. Em todo caso, meus filhos, estuai o homem, observai-o, penetrai em sua alma! Vede suas operações, independentemente da aparência de sua vestimenta, dos títulos ou renda! E se encontráreis alguém que sempre fale a verdade e (p. 769) não se apegue ao interesse como o aço a um ímã, confiai nele e dizei: este é um homem do bem, este não me enganará, nem nenhum dano me resultará dele! Mas, para encontrar este homem, peça a Diógenes que vos empreste sua lanterna.

Voltando à minha história, sabeis que, quando o asiático considerou-me um nobre, não desdenhou de acompanhar-me em público; ao contrário, muitos dias me levava para passear com ele, contando como a cidade era linda.

¹⁴⁷³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *trató con el español que satisfacieran al japon* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 768). Fernández de Lizardi utilizou aqui o termo *japón* em lugar de *chino*, de acordo com Frye (2004, p. 427, nota 4), por considerá-los sinônimos.

(p. 769) No primeiro dia em que saí com ele, minha curiosidade foi capturada por um homem que, num pedaço de papel, copiava alguns caracteres que estavam gravados em uma pedra de mármore que se via fixada na esquina da rua.

Perguntei a meu amigo o que isso significava. E Limahotón respondeu-me que o homem estava copiando uma lei nacional que, sem dúvida, achou interessante.

– Então – eu lhe disse –, as leis nacionais estão escritas nas esquinas das ruas de tua terra?

– Sim – disse-me ele –, na cidade, todas as leis estão fixadas para que os cidadãos possam se instruir. É por isso que meu irmão ficou tão surpreso quando contaste a ele sobre os advogados de tua terra.

– Ele tinha, realmente, razão – disse-lhe eu –, porque, sem dúvida, todos deveríamos ser instruídos segundo as leis que nos regem para deduzir nossos direitos perante os juízes, sem precisar depender de outra pessoa para fazer essa tarefa por nós. Certamente, em geral, os litigantes estariam em melhor situação com esse método, tanto porque se defenderiam com mais cuidado como porque se poupariam de inúmeras despesas que cobram agentes, advogados, procuradores e relatores.

“Este costume de sua terra não me desagrada¹⁴⁷⁴, nem parece insólito ou nunca praticado no mundo, porque lembro-me de ter lido um autor, chamado Plauto, que falava sobre quão inúteis, ou pelo menos, quão pouco respeitadas são as leis numa terra onde há flexibilização dos costumes. Ele diz assim:

(p. 770) *...eae miserae etiam ad parietem sunt fixae clavis ferris,
ubi malos mores adfigi nimio fuerat aequius*¹⁴⁷⁵

O chinês franziu as sobrancelhas ao ouvir-me e disse-me:

¹⁴⁷⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *no me descuadra* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 769).

¹⁴⁷⁵ Transcrição da nota 735, da edição de 2008 (p. 770): “Plauto, *Trinumus* (Las tres monedas [Nossa tradução: As três moedas]), ato IV, cena III, vv. 1039-1040” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A tradução foi feita pelo autor, linhas depois, no corpo do texto.

(p. 770) – Conde, entendo mal o espanhol e pior ainda o inglês, mas essa língua em que acabais¹⁴⁷⁶ de falar comigo eu entendo menos, porque não compreendo uma palavra.

– Ah, amigo! – eu lhe disse. – Essa é a língua, ou o idioma dos sábios. É latim, e o que tu ouviste significa que *as leis são infelizes por serem fixadas nas paredes com pregos de ferro, quando seria mais justo que maus costumes fossem pregados ali*. Isso prova que, na Grécia¹⁴⁷⁷, as leis foram afixadas publicamente nas paredes, como é feito nesta cidade.

– Ah, então é esse o significado do que disseste em latim? – perguntou Limahotón.

– Sim, significa isso.

– Bem, se tu sabes e podes explicar em tua língua, por que falas numa língua que não entendo?

– Já não disse que esta é a linguagem dos sábios! – respondi-lhe. – Como ficarias sabendo que entendo latim e a florida erudição de Plauto se não tivesse usado suas palavras em latim para depois traduzi-las? Se existe alguma forma de se passar por sábio em nossas terras, é atirando latim de vez em quando.

– Isto é – disse o chinês –, toda vez que chegar a hora de falar entre os sábios, porque, como tu disseste, é a língua dos sábios, e eles se entendem com ela. Mas não deve ser costume falar nessa língua entre pessoas que não a entendem.

– Sabes pouco do mundo, Limahotón – eu lhe disse. – Diante de quem não a entende, a conversa deve ser salpicada de latim para ser considerada instruída; porque diante daquele que a entende, ficamos muito expostos a sermos apanhados com um barbarismo, uma citação falsa, um anacronismo, uma sílaba curta por uma longa e outras banalidades semelhantes, o que não acontece entre os romancistas¹⁴⁷⁸ e as mulheres, onde a erudição e o “latinorum” estão muito seguros.

¹⁴⁷⁶ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*acabáis*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 770). A personagem Limahotón dirigiu-se a Periquinho usando o pronome *tú*; no entanto, nesse momento, utiliza o *usted*.

¹⁴⁷⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*lo que prueba que en la Grecia*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 770). Grécia, cuja língua é o ‘latim’, [é] mais uma amostra do amplo conhecimento do Periquinho.

¹⁴⁷⁸ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*romancistas*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 770). Na língua castelhana, além de significar escritor de romances, como na língua portuguesa, existe o significado de “quem escrevia em língua romance, em

Ouvi, em meu país, muitas pessoas falarem em estrados de mulheres¹⁴⁷⁹ sobre códigos e digestos¹⁴⁸⁰; também sobre os sistemas (p. 770) de Ptolomeu, Cartesiano, Newton (p. 771); e René Descartes; do fluido elétrico, da matéria estriada, do movimento dos astros, das atrações, das repulsões, dos meteoros, dos fogos-fátuos, da aurora boreal e de milhares de coisas assim, e todos citando trechos inteiros dos autores em latim; de modo que as pobres meninas, por não entenderem nada, ficam de boca aberta dizendo: ‘Olha só, maravilha!’

– Sinto-me desse modo – disse-me o chinês – quando ouço-te desatinar em tua própria língua e na do estrangeiro. Mas não é porque não entendo que vou considerar-te sábio em minha vida. Pelo contrário, penso que tens um longo caminho a percorrer para ser um, porque a graça do sábio está em fazer-se compreender por todos que o ouvem. E, se eu me encontrasse em tua terra numa conversa dessas, sairia dela, pois consideraria aqueles falantes como ignorantes e presunçosos, e aqueles que os ouviam como tolos varridos, por fingirem estar se divertindo e ficarem admirados com o que não entendiam.

Vendo que meu pedantismo não agradava ao chinês, não deixei de me intimidar, mas dissimulei e tentei bajulá-lo aplaudindo os costumes de seu país, e assim lhe disse:

– Depois de tudo, estou encantado com esta bela providência de ter as leis estabelecidas nos locais mais públicos da cidade. Com certeza, ninguém poderá alegar desconhecimento da lei que o favorece ou daquela que o condena. Desde tenra idade, os meninos saberão de cor o código de sua terra, e não que, em meu caso, pareça que as leis sejam alguns arcanos cuja descoberta está reservada aos juristas, e dessa ignorância, sabem valer-se, com frequência, os maus advogados para atordoar, enredar e roubar os pobres litigantes.

contraposição a quem o fazia em latim” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/romancista?m=form>. Acesso em: 07 out. 2023.

¹⁴⁷⁹ Nota da Tradutora: Ambiente usado por mulheres. Para mais detalhes, ver a nota 375 de nossa tradução.

¹⁴⁸⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *digesto* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 770). De acordo com o *Aulete Digital*, com a mesma grafia, “Compilação das decisões dos jurisconsultos romanos mais célebres, transformadas em lei por decisão do imperador Justiniano (c. 483-565), e que representa uma das quatro partes do *Corpus Juris Civilis*”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/digesto>. Acesso em: 07 out. 2023.

(p. 771) “E não penses que esse desconhecimento das leis depende do capricho dos legisladores, mas da indolência do povo e do bando¹⁴⁸¹ de autores que se envolvem em sua interpretação, e alguns de forma tão longa e irritante que, para explicar ou confundir sobre um assunto, como o divórcio, por exemplo, eles escreveram dez livros de tal tamanho, amigo, que só de olhar para eles perde-se a vontade de abri-los.

– Então, segundo isso – disse-me o chinês –, há também entre esses cavalheiros aqueles que fingem parecer sábios, à força de palavras e discursos impertinentes?

– É claro! Dá para ver que há – respondi-lhe –, pois não existe ciência que seja desprovida de charlatões. (p. 772) Se visses o que disse sobre isso um autorzinho que tinha um amigo que morreu recentemente como coronel em Manila, tu ririas muito.

– Sim? Então, o que ele disse?

– O que ia dizer? Ele escreveu um livrinho intitulado *De charlataneria eruditorum declamationes duae*, e nele coloca em ouro e azul os charlatões, gramáticos, filósofos, antiquários, historiadores, poetas, médicos... numa palavra, todos aqueles que professam o charlatanismo em nome da ciência. E, ao tratar dos *maus advogados, rábulas e leguleios*, o mínimo que ele diz é o que vos relato em seguida.

“Não são melhores os indigestos citadores de textos, família muito abundante entre os homens das leis, pois, embora os pedantes sobrem em todas as profissões, na jurisprudência, não sei por que fatalidade, o número sempre foi excessivo. Para dar um parecer, pronunciar um voto, misturam tantos autores quantos conseguem, acumulam uma enorme saraivada de citações e, enchendo as margens de seus textos, acreditam que merecem grandes prêmios pela capacidade de ter copiado de cem autores coisas inúteis e impertinentes... Também deveríamos dizer algo aqui sobre aqueles que professam a *rabulística*, chamada por Aristóteles de *arte de mentir*, quando os vemos igualando-se com a necessidade, isto é, carecendo de leis; quando, para ganhar fama entre os ignorantes, são vistos recorrendo a sutilezas ridículas, sofismas indecentes, sentenças oraculares, cláusulas estridentes e outras artes do

¹⁴⁸¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *turbamulta* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 771).

mais pestilento (p. 772) charlatanismo; quando, abusando com pérfida abominação das armadilhas proporcionadas pela versatilidade das fórmulas e interpretações jurídicas, deduzindo artigos de artigos, novas causas das antigas, atrasam ações judiciais, obscurecem o conhecimento aos juízes, agitam e enredam os fios da justiça, mudam e alteram a aparência dos fatos para deslumbrar quem deve decidir, e tudo isso por ganho vil, por interesse sórdido e, às vezes, também por sujeição e teimosia perversa; quando são vistos, digo...”¹⁴⁸²

– Já é suficiente! – disse Limahoton. – Meus ouvidos não foram feitos para murmurações.

(p. 773) – Não, *loitia* – eu lhe disse –, não é murmuração, é a crítica criteriosa do autor. O murmurador ou detrator é punível porque descobre os defeitos alheios com o maldito objetivo de prejudicar a honra do próximo e, por isso, acusa diretamente a pessoa. O crítico, seja ele moral ou satírico, não pensa em ninguém em particular quando escreve, e apenas repreende ou ridiculariza os vícios, em geral, com o louvável desejo de que sejam abominados. E, assim, Johan Buchard Mencke, que é o autor cujas palavras ouviste, não falou mal dos advogados, mas dos vícios que observou em muitos, e não em todos, pois não é o caso dos sábios e dos bons.

– Então, também existem advogados bons e sábios? – perguntou-me o chinês, a quem respondi:

– E como existem! Excelentes, tanto em sua conduta moral como em sua sólida instrução. Alguns deles são como Sólon na justiça, e alguns, como Demóstenes na eloquência, e é claro que estes, longe de merecerem a dita sátira, são dignos de nossa estima e respeito.

– Com tudo isso – disse-me o chinês –, se tu e aquele autor caíssem nas mãos de advogados ruins e engabeladores, teriam um litígio espinhoso.

– Se fosse justamente por isso sua repulsa – respondi-lhe –, seria acrescentar injustiça a sua necedade, já que nem o autor nem eu nomeamos Pedro, Sancho ou Martim, e, portanto, o pior que poderia fazer o advogado seria apresentar uma queixa contra nós, pois, então, ele estaria acusando a si mesmo contra nossa simples vontade.

¹⁴⁸² Transcrição da nota 736 (p. 772): “[O parágrafo entre aspas] é citação textual de Mencke, de sua obra *Declamações* ... [já mencionado na nota 363 de nossa tradução.] p. 164-167” (Nossa tradução).

(p. 773) – Seja o que for – disse-me o asiático –, estou satisfeito com o costume de meu país, porque, aqui, não precisamos de advogados, pois cada um é seu advogado quando precisa, pelo menos nos casos comuns. Ninguém tem autoridade para interpretar as leis, nem poder discricionário para ignorar sua observância sob o pretexto de ignorá-las. Quando o soberano revoga alguma ou a altera de qualquer forma, imediatamente muda-se, fixando de acordo como deve ser novamente, sem deixar escrita a antiga que estava em seu lugar. Finalmente, todos os pais são obrigados, sob graves penas, a ensinar seus filhos a ler e a escrever, e a apresentá-los educados aos juízes territoriais antes de atingirem a idade de dez anos, para que ninguém tenha motivos justos para ignorar as leis de seu país.

(p. 774) – Essas providências me parecem muito bonitas – disse-lhe –, e além de muito úteis, são muito fáceis de praticar. Penso que, em muitas cidades europeias, admirariam essa característica política da legislação que pode ser fonte de muitos benefícios aos cidadãos, já que os isenta de litígios inoportunos e até os liberta das ciladas de agentes, advogados e outros funcionários cuja ferramenta é a pena, e de quem não se pode escapar quando se dão as condições.

“Mas já te disse, este mal ou a ignorância que o povo sofre com as leis, tanto em minha pátria como na Europa, não vem dos reis, pois estes, interessados tanto na felicidade de seus vassalos como em fazer suas leis serem obedecidas, não só querem que todos conheçam as leis, mas também as publicam e afixam nas ruas assim que são sancionadas. O que acontece é que elas não são fixadas em lápides de mármore como aqui, mas em folhas de papel, um material muito frágil para permanecer por muito tempo.

“As portarias ou leis criminais são lidas aos soldados para que não aleguem ignorância; e por fim, no código espanhol, vemos claramente expressa essa vontade dos monarcas, pois, diante de tantas leis que possuem, entre elas, leem-se as seguintes palavras: *Temos que todo nosso senhorio deve conhecer estas nossas leis*¹⁴⁸³. *E a lei deve ser manifesta, para que todo homem possa entendê-la e ninguém seja enganado por ela*¹⁴⁸⁴.

¹⁴⁸³ Nota do Autor: “Lei 31, título 14, Parte 5” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 774, nota *b*) (Nossa tradução).

¹⁴⁸⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Ca tenemos que todos los de nuestro señorío deben saber estas nuestras leyes. Y debe la ley ser manifiesta, que todo hombre la pueda entender, y que*

(p. 774) “Tudo isso prova que, se os povos vivem ignorando seus direitos e precisam mendigar por sua instrução, quando esta lhes é oferecida por aqueles que a ela se dedicam, não é por vontade dos reis, mas por sua negligência, pelo licencioso dos advogados e, mais ainda, por seus próprios costumes antigos, contra os quais não é fácil lutar.

– Tu me causas admiração, conde – disse-me o chinês. – A verdade é que és estranho: às vezes, ages com muita leviandade, e outras vezes, com juízo. Como agora. Não te entendo.

Com isso, chegamos ao palácio, e nossa conversa foi encerrada.

ninguno por ella reciba engano – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 774). Nota do Autor: “Lei 1, título 2, livro 2, da Recopilación” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 774, nota c) (Nossa tradução).

(p. 775) **Capítulo VIII**

No qual Periquitinho fala sobre como presenciou umas execuções naquela cidade; detalha o porquê de tais execuções e relata uma conversa interessante entre o chinês e o espanhol sobre as leis penais

No dia seguinte, saímos para nosso passeio de costume. Tendo andado pelos lugares mais públicos, manifestei minhas impressões para Limahotón por não achar um mendigo sequer em toda a cidade, ao que ele me respondeu:

– Aqui não há mendigos, ainda que haja pobres, porque, embora sejam muitos, eles têm trabalho com que se sustentar. Do contrário, são forçados pelo governo a instruir-se em um ofício.

– E como sabe o governo – perguntei-lhe –, quem tem ofício ou não?

– Isso é simples – disse-me. – Não percebes que todos que encontramos têm uma divisa particular ou na barbicha ou na finalização do toucado na cabeça?

Refleti um pouco e era realmente como o chinês me dizia. Então, eu lhe disse:

– De fato é como me dizes. Eu não havia reparado nisso. Mas o que significam essas divisas?

– Eu te direi – respondeu-me.

Nisso, aproximamo-nos de uma grande multidão que estava reunida em uma praça, não sei por que motivo, e ali, disse-me meu amigo:

– Olha, aquele que tem na cabeça uma fita ou laço largo de seda madrepérola é juiz; aquele que a tem amarela é médico; o outro que a tem branca é sacerdote; o outro, que se adorna com a azul, é adivinho; aquele que veste a verde é comerciante; o da roxa é astrólogo; o da preta, músico; e é assim, com as fitas largas de seda, já bordadas com lã ou outro metal, que se reconhecem os professores das ciências e artes mais fundamentais.

(p. 776) “Os empregados que desempenham alguma função, seja com relação ao governo político e militar, funções que aqui não se separam, seja de caráter religioso, distinguem-se por anéis de pedras no cabelo. Eles manifestam suas graduações segundo a qualidade das pedras e as figuras nos anéis.

“Meu irmão, que é vice-rei, ou o segundo depois do rei, tu já o viste, tem um anel de brilhantes colocado sobre o alto da cabeça, no *zorongo*. Eu, que sou um *chaen*, ou visitador geral em seu nome, também levo brilhantes, mas a minha é mais

estreita e caída para trás; aquele que a tem de rubis é magistrado; aquele das esmeraldas é o sacerdote principal; (p. 776) o da de topázios é embaixador. E assim se distinguem uns dos outros.

“Os nobres são os que vestem túnicas ou roupões de seda. Os que se sobressaíram em ações de guerra as têm bordadas em ouro. Os plebeus usam-nas de lã ou algodão.

“As fitas dos artesãos são coloridas, mas curtas e de lã. Aqueles que vêm com laços brancos são tecedores de percal e lenços brancos¹⁴⁸⁵. Os de azul são tecelões de todas as sedas. Os de verde, bordadores. Os de roxo, alfaiates. Os de amarelo, sapateiros. Os de preto, carpinteiros, e assim por diante. Os carrascos não vestem nenhum desses ornamentos. Eles têm as cabeças raspadas e uma corda amarrada à cintura, donde pende uma faca.

“Aqueles que tu perceberes que, além desses distintivos, vestem uma faixa branca, homens e mulheres, são solteiros, quer dizer, gente que não se casou. Aqueles de faixa vermelha têm mulher ou mulheres, de acordo com suas possibilidades, e aqueles que têm uma faixa preta são viúvos.

“Ademais desses distintivos, há outras particularidades que podes observar facilmente, como é o caso das insígnias utilizadas por outros reinos e províncias, e os do nosso em certos casos, (p. 777) como, por exemplo, nos dias de casamento, luto, gala e outros. Porém, o que te ensinei é suficiente para que conheças quão fácil é para o governo saber o estado e o ofício de cada um, apenas por meio da verificação visual, e isso sem que haja lugar para fingimento, pois qualquer juiz subalterno, e há muitos, tem toda a autoridade para examinar o que desejar no ofício que alguém afirma possuir, caso seja suspeito. Isso pode ser conseguido mediante uma diligência trivial, como convocar e mandar que faça algum artefato do ofício que diz ter. Se o faz, vai em paz, e recebe pago pelo que fez. Se não, é conduzido à prisão e, depois de sofrer severo castigo, obrigam-no a aprender o ofício dentro da própria prisão, da

¹⁴⁸⁵ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *tejedores de cocos y lienzo blancos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 776). De acordo com o *DRAE* (2023), o termo *coco* é o “percal”, “tecido fino de algodão de trama bem fechada” (*Aulete Digital*). O *Diccionario de Autoridades* (1852) define o percal como “tecido de algodão, branco ou pintado e mais ou menos fino, que serve para fazer vestidos de mulher e outros vários usos”. Para mais informações, visitar: <https://dle.rae.es/coco?m=form>, <https://www.aulete.com.br/percal> e <https://apps.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtile?cmd=Lema&sec=1.1.0.0.0>. Acesso em: 25 out. 2023.

qual não se sai até que os mestres do ramo se certifiquem de que está idôneo para trabalhar publicamente.

(p. 777) “Não são somente os juízes que podem fazer esses exames. Os mestres de cada ofício estão também autorizados para censurar e examinar aquele de quem suspeitam sobre a divisa que usa. Dessa maneira, é muito difícil que haja, em nossa terra, um que seja totalmente desocupado ou inútil.

– Não posso fazer menos do que louvar a economia de teu país – disse-lhe. – É verdade que, se todas as providências que aqui regem são tão boas e recomendáveis como as que me fizeste conhecer, tua terra deve ser a mais feliz. Aqui, devem ter se realizado as ideias de Aristóteles, Platão e outros políticos imaginários, no governo de suas ajustadíssimas repúblicas.

– Que seja a mais feliz, eu não sei – disse o chinês –, porque não vi outras. É errado pensar que não existam aqui crimes nem criminosos, como ouvi dizer que há no mundo todo, porque os cidadãos daqui são homens como em qualquer outro lugar. O que acontece é que procuram evitar cometer delitos cumprindo as leis, e os criminosos são punidos com rigor. Amanhã, precisamente, é dia de execução. Lá, verás como são terríveis as punições.

Ao dizer isso, retornamos para a casa dele. Não ocorreu nada de especial naquele dia. No entanto, ao amanhecer do dia seguinte, fui acordado cedo pelo barulho da artilharia, pois todos os canhões das muralhas da cidade foram disparados.

Levantei-me assustado. Assomei às janelas de meu (p. 778) quarto e vi que andava muita gente aqui e acolá, alvoroçada. Perguntei ao criado se aquela movimentação indicava alguma comoção popular ou alguma invasão de inimigos externos. O criado disse-me que não ficasse com medo, pois aquela agitação derivava do fato de que, naquele dia, haveria uma execução. Como tal acontecimento ocorria somente de tempos em tempos, dirigiam-se à capital da província inumeráveis gentes de outras localidades, por isso havia tantas nas ruas, além do fato de que, nesses dias, fechavam-se as portas da cidade e não se deixava entrar ou sair ninguém, nem era permitido abrir nenhuma loja de comércio, nem trabalhar em nenhum ofício até

depois de concluída a execução. Atônito estava eu ouvindo sobre tais preparativos e esperando ver, com certeza, coisas, para mim, extraordinárias¹⁴⁸⁶.

De fato, poucas horas depois, ouviu-se o sinal de três tiros de canhão, demonstrando que era hora de os juízes juntarem-se. Então, mandou-me chamar o *chaen*. (p. 778) Depois de cumprimentar-me cortesmente, fomos para a praça maior, onde se verificaria a execução.

Já todos juntos, os juízes em um palanque, acompanhados dos estrangeiros ilustres, que foram autorizados a assistir como parte da cortesia, ouvimos mais três tiros de canhão. Começaram a sair da prisão cerca de setenta réus, além dos carrascos e ministros de justiça.

Então, os juízes voltaram a registrar os processos para verificar se algum daqueles infelizes tinha alguma leve desculpa que pudesse fazê-los escapar do suplício. Não achando nada nesse sentido, fizeram um sinal para que se procedesse à execução, que logo começou enchendo todos nós, forasteiros, de horror pelo rigor dos castigos, pois alguns eram empalados, outros, enforcados, além do açoite cruel em outros nas panturrilhas, com cipós¹⁴⁸⁷ molhados. E assim eram repartidos os castigos. Todavia, o que mais nos assombrou foi ver que marcavam o rosto de alguns com ferro ardente e depois cortavam suas mãos direitas.

(p. 779) Imaginai como, enquanto aqueles pobres sentiam os tormentos e gritavam para os céus, os juízes entretinham-se no palanque fumando, conversando, refrescando-se e jogando damas, distraíndo-se o quanto podiam para não escutar os gemidos daquelas vítimas miseráveis.

Às três da tarde, acabou-se o funesto espetáculo, hora em que fomos comer. À mesa, os concorrentes trataram sobre as leis penais, assunto do qual falaram todos com acerto, a meu parecer, especialmente o espanhol, que nos disse:

– É verdade, *señores*, que é duro ser juiz, ainda mais nestas terras onde, por conta do costume, eles têm de presenciar os suplícios dos réus e atormentar suas almas sensíveis com os gemidos das vítimas da justiça. A humanidade ressen- te-se

¹⁴⁸⁶ Transcrição da nota 739, da edição de 2008 (p. 778): “Como se pode observar, no trabalho de Knowlton (1963, p. 345-347), a dívida de Fernández de Lizardi com o livro de González de Mendoza é clara em vários momentos do episódio que conta a partir daqui” (Nossa tradução).

¹⁴⁸⁷ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *bejucos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 778). Não achamos a espécie exata, pois, sob o nome de *bejuco*, são classificadas várias espécies diferentes.

ao ver um (p. 779) semelhante nosso entregue aos ferozes carrascos que, sem piedade, atormentam-no e, muitas vezes, privam-no da vida, adicionando à dor a ignomínia.

“Ver um desgraçado desses – condenado a morrer infamemente em uma forca, a sofrer a humilhação e o rigor dos açoites públicos, ou até mesmo a separação de sua pátria e os trabalhos análogos a um presídio – é, para uma alma piedosa, algo atormentador. Essa alma caritativa não somente considera a aflição material daquele homem, pois sente não só o corpo, mas também o padecimento do espírito atormentado, imaginando a humilhação que sofre, ciente de não ter escapatória. Refiro-me àquela esperança que buscamos como refúgio nos trabalhos comuns da vida.

“Essas reflexões, por si só, são demasiadamente dolorosas; porém, o homem sensível não as desconsidera. Seu enternecimento é muito para esquecer-se daqueles sentimentos particulares que devem afligir o indivíduo inserido na sociedade.

“Que aflição profunda terá esse desditoso réu! – disse o homem para si ou para seus amigos. – Que aflição terá ao ver-se arrancado, pela justiça, dos braços da esposa amada! Já não voltará a beijar seus ternos filhos, nem desfrutará da conversa de seus melhores amigos. Ao contrário, todos irão desampará-lo, e ele os deixará por força maior! E como? Ah, com dor! A esposa, viúva, pobre, só e abatida. (p. 780) Os filhos, órfãos infelizes e malvistos. Os amigos, escandalizados e, acaso, arrependidos da amizade que professaram.

“As almas humanas deteriam suas reflexões neste ponto? Não, pois ainda se estendem àquelas famílias miseráveis. Busca-as com o pensamento, acha-as com a ideia, penetra as paredes de seus albergues e, ao vê-las submergidas na dor, na humilhação e no desamparo, aquele espírito não pode senão se sentir agitado pela aflição mais penetrante e em tal grau que ele mesmo arrancaria, se pudesse, a vítima das mãos dos carrascos e, crendo fazer um grande bem, restituir-lhe-ia impune ao seio de sua adorada família.

“Mas, infelizes de nós se essa humanidade mal compreendida comandasse as cabeças e as penas dos magistrados! Nenhum crime seria punido, as leis seriam inúteis, cada um agiria conforme sua vontade, e os cidadãos, sem nenhuma segurança individual, seriam vítimas da fúria, força e audácia dos outros.

(p. 780) “Nesse triste caso, não existiriam barreiras religiosas capazes de conter o mar da perversidade. Seria uma utopia tentar estabelecer qualquer forma de governo, a justiça seria desconhecida, a razão, ultrajada, e a Divindade, inteiramente desobedecida. E o que seria dos seres humanos sem religião, sem governo, sem razão, sem justiça e sem Deus? É fácil entender que a existência de tal mundo seria um caos de crimes e abominações. Cada um seria o tirano do outro sempre que pudesse. Nem o pai cuidaria do próprio filho, nem este respeitaria seu pai, nem os maridos amariam suas esposas, nem elas seriam fiéis aos maridos. Com base nesses maus princípios, todo afeto e gratidão por reciprocidade seriam destruídos na sociedade. O mais forte se tornaria algoz do mais fraco, satisfazendo suas paixões à custa de sua vítima, seja tomando seus bens, sua esposa, seus filhos, sua liberdade ou sua vida.

“Tal seria o espantoso quadro do despotismo universal que se veria no mundo, caso faltasse o rigor da justiça ou, para dizer melhor, o freio das leis com que a justiça contém o indômito e garante a segurança ao homem direito e de conduta.

“Eu aceitarei, sem relutância, que, depois deste (p. 781) raciocínio, uma alma sensível não possa ver decapitado o réu com indiferença, por mais criminoso que este seja. E ainda direi mais: os próprios juízes que sentenciam o réu molham primeiro a pena com suas lágrimas do que com a tinta quando assinam a *sentença* de morte. Eles repugnam esses atos frios e sangrentos por serem homens criados entre costumes suaves. Porém, ao não serem árbitros da lei, devem, por sua vez, assujeitar-se a suas sanções e não podem eludir a justiça, com a indulgência dos réus, por mais que seu coração se ressinta, como efetivamente acontece. Prova disso é que os juízes, em minha terra, não assistem a esses atos fúnebres.

“Mas, acaso, devido ao fato de essas terríveis catástrofes afligirem nossa sensibilidade, a razão deveria negar que são justas, úteis e necessárias para o bem comum dos cidadãos? De maneira alguma. É verdade que uma alma sensível não assiste aos padecimentos de um criminoso no cadafalso, mas de um ser semelhante, um ser humano. Por essa razão, aquela alma deixa, então, de pensar na justiça que causa esse padecimento e apenas considera o sofrimento em si; porém, isso é não saber ajustar nossas paixões à razão.

“Aconteceu comigo, em semelhantes situações, de verter lágrimas de compaixão em favor de um desafortunado réu ao vê-lo conduzido à execução quando

não refleti sobre a gravidade (p. 781) de seus delitos. Mas, quando parei para considerar esses casos, lembrei-me de que aquele que estava sofrendo foi o mesmo que, para satisfazer uma vingança fria ou roubar, talvez cometendo um pequeno furto, assassinou, de forma traiçoeira, um homem honesto, que sustentava, com muito esforço, uma família decente e numerosa, a qual, por sua causa, ficou entregue às cruéis garras da necessidade. Também entendi que o inocente desafortunado talvez tenha perecido para sempre por falta dos auxílios espirituais que nossa religião (falo da católica, *señores*) prevê.

“Por isso, não duvido que subscreveria, de bom grado, a sentença de sua morte, estando certo de que, ao fazer isso, estaria prestando à sociedade um grande benefício, na devida proporção, assim como o hábil cirurgião quando amputa a mão corrompida de um doente para que o corpo todo não pereça. Isso sucede com todo homem sensato que sabe que esses dolorosos sacrifícios são determinados pela justiça, para a segurança do Estado e dos cidadãos. (p. 782) Se os homens se submetessem às leis da equidade, e se todos agissem de acordo com os estímulos da razão reta, as punições seriam desconhecidas. No entanto, infelizmente, deixam-se dominar por suas paixões, afastam-se da razão e, como estão muito inclinados, devido a sua fragilidade, a deixar-se levar por aquelas paixões, é necessário valer-se, para conter a fúria de seus ímpetos desordenados, do terror que impõe o medo de perder os bens, a reputação, a liberdade ou a vida.

“Aqui, facilmente, descobrimos as origens das leis penais, leis justas, necessárias e santas. Se se deixasse o homem labutar segundo suas inclinações, trabalharia com mais ferocidade do que os brutos. Certamente, eles não seriam capazes de rivalizar em ferocidade com o homem que perde os estribos da razão. Não há cachorro que seja desagradecido a quem lhe der um pão; não há cavalo que não se sujeite ao freio; não há galinha que repugne criar e cuidar de seus filhos por si mesma, e assim com todos os outros.

“Por último, em que ocasiões vemos as bestas mais ferozes se agruparem para tirarem a vida dos de sua espécie ou de outras? E o homem, quantas vezes desconhece a lealdade, a gratidão, o amor filial e todas as virtudes morais, para se unir com outros, a fim de destruir sua própria espécie em tudo o que pode?

“Um cavalo obedece a uma espora e um burro anda carregado conduzido pela vara; porém, o homem, quando abandona a razão, é mais indômito que o burro e o

cavalo, (p. 782) e necessita, por conseguinte, de estímulos mais severos para controlar-se. Tal é o medo de perder o mais precioso bem, que é a vida.

“A justiça, ou os juízes que a aplicam segundo a boa lei, não privam ao réu da liberdade ou da vida por vingança, mas por necessidade. Não tiram a vida do João, precisamente, por ter matado Pedro, mas, também, porque quando aquele expia seu delito na execução, o povo tem a confiança de que o senado vela por sua segurança e sabe que, assim como castiga aquele, castigará todos que incorram em crimes iguais. Isto é o mesmo que impor o escarmento com a morte de um delinquente particular.

(p. 783) “Desses princípios, impregnaram-se as nações quando adotaram as leis criminais, leis tão antigas quanto o próprio mundo. Deus criou o homem e, sabendo que desobedeceria a seus princípios, antes que o tivesse feito, informou-lhe a pena à qual seria condenado. “Não comas – disse-lhe – da fruta desta árvore, porque, se comeres, morrerás.” Tão autorizado assim está o obrigar o homem a obedecer a lei com o temor do castigo.

“No entanto, para que as penalidades produzam os saudáveis efeitos pelos quais foram inventadas, é mister, diz um sábio político de nossos dias¹⁴⁸⁸, *que sejam derivadas da natureza dos delitos; que sejam proporcionais a eles; que sejam públicas, prontas, irremissíveis e necessárias; que sejam o menos rigorosas possível, considerando as circunstâncias; em última análise, que sejam estabelecidas pela mesma lei.*

“Nas execuções e suplícios que acabamos de ver, creio que não faltaram essas circunstâncias, à exceção das moderadas, porque, na verdade, pareceram-me demasiadamente cruéis, especialmente a marcação com ferro ardente¹⁴⁸⁹ que fizeram em muitos infelizes, e, em seguida, o corte de suas mãos.

“Essa penalidade é, em meu juízo, muito cruel, porque, depois que se castiga o delinquente com a dor, deixa-o desonrado para sempre, com umas marcas

¹⁴⁸⁸ Nota do Autor: “O señor Lardizábal, em seu *Discurso sobre las penas*” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 783, nota a) (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para Lardizábal e sua obra, ver nota 1365 de nossa tradução.

¹⁴⁸⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, [...] *especialmente la insuración o marcas que con fierros ardiendo han puesto a muchos infelices* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 783). De acordo com Ruiz Barrionuevo, na nota 740 (2008, p. 783), o termo *insuración* é um latinismo. Não achamos a versão para o português.

indelévelis, e o faz (p. 783) infeliz e inútil na sociedade, por conta da vergonha que oferece para trabalhar faltando-lhe sua mão.

“Não fico mais surpreso com essas penalidades rigorosas. Li¹⁴⁹⁰ que, na Pérsia, quebravam os dentes dos usureiros a marteladas e jogavam os padeiros fraudulentos em um forno ligado. Na Turquia, recebem pauladas e são multados tanto na primeira ofensa quanto na segunda. Já na terceira, são enforcados nas portas de suas casas, e os cadáveres permanecem pendurados por três dias. Em Moscóvia¹⁴⁹¹, (p. 784) os fraudadores do imposto do tabaco são açoitados até seus ossos ficarem expostos. Em nosso próprio código¹⁴⁹², temos leis que impõem pena capital para quem fraudar levando à bancarrota e para o ladrão de casas, caso a quantidade roubada seja de cinquenta pesos. Outras que mandam cortar a língua e dar 100 açoitadas aos blasfemos. Outras mandam cortar a mão do escrivão falsário e, assim, outras penalidades que não estão em uso, por conta da mudança dos tempos e do abrandamento dos costumes.

“O *señor* Lardizábal, sobre esse assunto, disse “que a crueldade das penalidades não é o maior freio que reprime os delitos, mas a infalibilidade do castigo.” Ele mesmo, depois de apontar o rigor de alguns países, disse que, “no entanto, os malfeitores continuam sempre como se não houvesse rigor no castigo executado”, e adiciona: “Assim, é preciso que aconteça por uma razão muito natural. Na mesma proporção em que se aumenta a crueldade dos castigos, endurecem-se os ânimos dos homens, que chegam a se familiarizar com eles e, com o tempo, já não se esforçam para conter o impulso e a força sempre viva das paixões.”

“Eu disse tudo isso, *loitia*, para vos persuadir a interessar-vos, junto com o *tután*, a virdes com o rei se conseguimos a comutação desse suplício por outro menos

¹⁴⁹⁰ Transcrição da nota 741, da edição de 2008 (p. 783): “Exemplos retirados do livro de Manuel Lardizábal y Uribe, *Discurso sobre las penas*, op. cit., nota 680, p. 65, 66 e 69” (Nossa tradução).

¹⁴⁹¹ **Nota da Tradutora: De acordo com a *Forbes-México* (2023), “o nome histórico da Rússia é Moscóvia, segundo informa a agência Unian. Esse nome [Moscóvia] era utilizado nas línguas europeias e em algumas asiáticas. Em muitos mapas históricos dos séculos XVI ao XIX, que foram elaborados na Europa antes e depois da mudança de nome do reino de Moscu pelo Império de Toda Rússia, também figura esse nome [...]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.forbes.com.mx/zelenski-explora-via-para-cambiarle-el-nombre-a-rusia-por-moscovia-asi-le-responden/>. Acesso em: 29 out. 2023.

¹⁴⁹² Transcrição da nota 742, da edição de 2008 (p. 784): “Refere-se a *Las siete partidas*” (Nossa tradução).

cruel. (p. 784) Não me satisfaria a impunidade de nenhum criminoso, mas que o rigor do castigo não seja tão severo.

Calou-se, dizendo isso, o espanhol. O asiático, tomando a palavra, respondeu-lhe:

– Sabe-se, estrangeiro, que sois muito piedoso e muito instruído. Porém, relembrai que, “sendo o primeiro e principal fim de toda a sociedade a segurança dos cidadãos e a saúde da república, segue-se, por consequência necessária, que este é também o primeiro e geral fim das penas. *A saúde da república é a lei suprema.*”

“Lembraí, também, que, “além desse fim geral, há outros particulares subordinados a ele, ainda igualmente (p. 785) necessários e sem os quais não se poderia verificar o geral. Esses são a correção do delinquente para fazê-lo melhor, se é que pode sê-lo, e para que não volte a prejudicar a sociedade; o escarmento e o exemplo, para que os que não pecaram se abstenham de o fazer. Da mesma forma, colocam-se a segurança das pessoas e dos bens dos cidadãos e o ressarcimento ou a reparação do prejuízo causado à ordem social ou aos particulares¹⁴⁹³”.

“Lembrareis de todos esses princípios e adverti, em sua virtude, que essas penalidades que vos pareceram excessivas estão em conformidade com eles. Aqueles que morreram, pagaram pelos homicídios que cometeram, e morreram com mais ou menos tormentos, dependendo da gravidade das circunstâncias de suas traições; pois, se todas as penas devem corresponder aos crimes, é razoável que aquele que matou alguém com veneno, afogamento ou de maneira mais cruel sofra uma morte mais severa do que aquele que tirou a vida de alguém com um único golpe, porque fez a vítima sofrer menos. O fato é que, aqui, aquele que mata alguém traiçoeiramente, morre, sem dúvida alguma.

“Aqueles que vistes açoitar são ladrões castigados pela primeira e pela segunda vez. E aqueles que foram marcados e mutilados são ladrões incorrigíveis. A estes, nenhum agravo é feito, pois, mesmo quando lhes cortam as mãos, eles são incapacitados para que não roubem mais, porque não são úteis para mais nada. A sociedade abomina essa maldita utilidade. Desejaria que todo ladrão fosse incapaz de prejudicar a sociedade, e, portanto, que se contentasse pelo fato de a justiça tê-los

¹⁴⁹³ Nota do Autor: “[Aqui] parece que o chinês tinha lido o tal *señor* Lardizábal, porque o trecho marcado entre aspas é daquele autor” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 785, nota *b*) (Nossa tradução).

deixado nesse (p. 785) estado, marcados pelo fogo para serem reconhecidos, que as pessoas possam se proteger deles e que, mesmo manetas, não tenham a oportunidade de prejudicar ninguém com a mão que lhes resta.

“Dizem-me que, na Europa, um ladrão reincidente é enforcado. Em minha terra, marcam-no e mutilam-no. Creio que assim consegue-se melhor fruto. Primeiramente, o delinquente fica castigado e corrigido à força, e deixando-o aproveitar o maior dos (p. 786) bens, que é a vida, os cidadãos veem-se seguros dele, e o exemplo torna-se duradouro e eficaz.

“Enforcam um ladrão em Londres, Paris ou em outra parte e eu pergunto: todos sabem? Veem-no? Sabem que enforcaram tal homem e por quê? Creerei que não. Alguns poucos o verão, menos ainda saberão do delito, e muitíssimos ignorarão completamente que mataram um ladrão.

“Aqui não é assim. Depois de serem mutilados, esses desgraçados não podem fazer mais nada a não ser solicitar o sustento, pedindo de porta em porta (aqui, eles são os únicos que têm a permissão para mendigar). Assim, tornam-se, por força, os exemplos vivos da retidão da justiça e são testemunhas andantes do infeliz estado ao que a obstinação no crime reduz o homem.

“O ladrão enforcado, na Europa, fica pouco tempo exposto aos espectadores, durando, por conseguinte, o temor por pouco tempo. Logo que se aparta da vista do perverso aquele objeto fúnebre, borra-se também a ideia do castigo, e ele fica sem rédeas para continuar seus delitos.

“Na Europa, os escarmentos ficam isolados (se acontecerem) à cidade onde verifica-se o suplício, e, fora isso, as crianças, cujos débeis cérebros ficam mais impressionados com o que veem do que com o que ouvem, não vendo padecer os ladrões, mas ouvindo sempre falar deles com ódio, a única coisa que conseguem fazer é temê-los, como temeriam a uns cachorros raivosos, não concebendo contra o roubo todo o horror que seria desejoso ter.

“Aqui acontece totalmente o contrário. O criminoso permanece entre os bons e os maus, de forma que o exemplo perdura, não apenas confinado a uma cidade ou vila, mas espalha-se para onde quer que esses infelizes vão, e as crianças enchem-se de medo diante do roubo e do castigo, porque a lição mais persuasiva chega até elas pelos olhos.

(p. 786) “Comparai agora se será mais útil enforcar um ladrão do que feri-lo e mutilá-lo. E se, apesar de tudo o que eu disse, continuardes a acreditar que é melhor enforcá-lo, não me oporei a vossa maneira de pensar, pois sei que cada reino tem suas leis particulares e costumes próprios, que não são fáceis de abolir, assim como é difícil introduzir novos. Com essa ressalva, (p. 787) deixemos aos legisladores o cuidado de emendar as leis defeituosas segundo as variações dos séculos, contentando-nos em obedecer àquelas que nos regem e viver de modo que não nos alcancem as leis penais.

Todos aplaudiram o chinês, retiraram-se as toalhas, e cada um se dirigiu para sua casa.

(p. 788) **Capítulo IX**

No qual Quitinho conta como ganhou a confiança do chinês, como veio com ele para o México e os dias felizes que teve a seu lado, gastando muito e fazendo-se passar por conde

Viver com meu novo amigo atendeu a todas as minhas expectativas. Estava maravilhado e feito um felizardo. Felizardo pelo bom trato que ele me dava, e maravilhado por ouvi-lo falar todos os dias, com tanta sinceridade, sobre assuntos que parecia conhecer profundamente. É verdade que seu estilo não era tal como escrevo, mas um estilo muito sublime e cheio de frases que adoçavam nossos ouvidos. No entanto, como seu jeito de falar era natural, isso só adicionava mais graça a seus discursos.

Enquanto isso, eu aproveitava da boa vida, sem me descuidar de fazer meus negócios à sombra da amizade que o *chaen*¹⁴⁹⁴ concedeu-me, e assim, dei minha palavra, empenhei meus pedidos e, com frequência, comprometi meus esforços para todo aquele que me ocupasse sem deixar minhas mãos vazias. Dessa forma, com semelhantes benefícios, enchi um baú com presentinhos apreciáveis.

Tudo isso entende-se que era sob pretexto de meu favorecedor, pois ele era tão íntegro que, se tivesse percebido minhas más artes, eu não poderia ter saído daquela cidade, pois ele mesmo teria me condenado à cadeia. Mas, como não é fácil para um superior distinguir entre aquele que lhe adverte e aquele que lhe bajula e engana, ainda mais se está preocupado em favor deste, conseqüentemente, o malvado continua sem receio em suas malandragens.

Muito ciente desses segredos, esforcei-me sempre para falar ao *loitia* com o maior cuidado, declarando-me (p. 789) partidário ferrenho da justiça, mostrando-me compassivo e excessivamente desinteressado, zeloso do bem público e concordando em tudo com seu modo de pensar, para assim deixá-lo satisfeito.

O chinês era sábio, muito sensato e bom em tudo; mas eu já estava habituado a abusar da bondade dos homens para os enganar quando podia. Assim, não me foi difícil enganá-lo. Procurei conhecer bem seu temperamento; adverti que era justo,

¹⁴⁹⁴ ***Nota da Tradutora: De acordo com o dicionário *Dixio* (2006), *chaen* é um “substantivo masculino utilizado para designar a pessoa que realizava visitas e inspeções em nome do vice-rei, utilizado no espanhol meridional” (Nossa tradução). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=noXkLqHiGkk>. Acesso em: 17 out. 2023.

pedoso e (p. 789) desinteressado. Então, eu chegava nele sempre por esses flancos, e dificilmente deixava de conseguir aquilo que pretendia.

Em meio a essa bonança, não deixava eu de sentir que meu vice-reinado tinha agourado. Muitas vezes, até senti-me inconformado com meu fingido condado, embora não me desagradasse ouvir a menção de meu título inventado, porque todos os dias diziam-me os estrangeiros que visitavam o *chaen*:

– Conde, ouvi! Conde, olhai! Conde, tende! Tomai lá, conde, e dai cá, conde! Todos tratavam-me como conde, abaixo e acima. Até o pobre chinês condeava-me com respeito e carinho. Ele acreditava que um conde era, pelo menos, tanto quanto um *tután* em sua terra ou um *vizir* na Turquia. Acrescentai a esse conceito equívoco a ideia que ele formou, de que eu lhe seria muito útil no México, e assim procurava assegurar minha proteção, presenteando-me por quantos meios podia. Os estrangeiros que precisavam dele, olhando o quanto ele me apreciava, empenhavam-se em adulá-lo, expressando-me sua estima. Desse modo, enganados, uns e outros conspiravam, sem querer, para que eu perdesse o pouco juízo que tinha, pois tanto tratavam-me de conde com a máxima cortesia, tanto lisonjeavam-me e tantos afagos e favores faziam-me, que já quase estava eu por acreditar que tinha nascido conde e não estava sabendo disso.

– Que jogão! – dizia para mim mesmo, a sós. – Que jogão seria se eu fosse conde e não soubesse? É verdade que dei-me esse título. Mas, para ser conde, o que importa que eu tenha dado a mim mesmo o título ou que seja outorgado pelo próprio rei? Sendo titular, tudo sai bem. Agora, o que tem a mais do que eu o melhor conde do universo? Nobreza? Não me faz falta. Idade? Tenho suficiente. Ciência? Não preciso dela. E vontade, tenho de sobra.

(p. 790) As únicas coisas que não tenho é dinheiro e méritos, mas isso é apenas um detalhe. Acaso todos os condes são ricos e merecedores de méritos?¹⁴⁹⁵ Quantos há que carecem de ambas as coisas? Pois ânimo, Quitinho! Que mais um não fará diferença¹⁴⁹⁶. Para conde nasci, segundo meu temperamento, e conde sou, e conde

¹⁴⁹⁵ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ameritado* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 790).

¹⁴⁹⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *un garbanzo más no revienta una olla* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 790). De acordo com López y López (1931, p. 478), a expressão “serve para depreciar o dissentimento de uma pessoa do acordo da maioria” (Nossa tradução).

serei, (p. 790) independente de quem a isso se oponha. Para sê-lo, farei quantas diabruras possa, já que não serei o primeiro que, por ser conde, seja um canalha.

Nesses disparatados solilóquios, eu me entretinha de quando em vez, e abstraía-me com eles de tal maneira que, muitas vezes, ficava trancado em meu gabinete e era preciso que chamassem em nome do *chaen*, dizendo que ele e a corte estavam esperando para comer. Então, voltava a mim, como de um sonho, e exclamava:

– Santo Deus! Não permitais que radiquem em meu cérebro estas quiméricas ideias e me torne mais louco do que já sou.

A Divina Providência quis atender a minhas preces e não acabei como conde internado em São Hipólito, pois tinha perdido a esperança de entrar como vice-rei, do mesmo modo como são internados, e tem sido internados, muitos tolos por insistirem em um despropósito difícil, para não dizer impossível.

Há poucos dias, avisaram os estrangeiros que o buque estava pronto e que só estavam detidos aguardando pela permissão do *tután*. Seu irmão a conseguiu facilmente e, como tudo estava pronto para embarcarmos, ele comunicou o desejo que tinha de partir para a América com a permissão do rei, favor muito exclusivo na Ásia.

Todos os passageiros festejaram à mesa sua resolução com muitas ovações, oferecendo-se a servi-lo em tudo o que pudessem. No final das contas, eram todos gente bem-nascida, e sabiam as obrigações contraídas pelas leis da gratidão.

Chegou o dia de embarcarmos, e quando todos esperávamos a bordo a bagagem do *chaen*, vimos com admiração como suas coisas ficaram reduzidas a um catre, um criado, um baú e uma mala pequena. Então, quando subiu o chinês, o comerciante espanhol perguntou-lhe se aquele baú estava cheio de onças de (p. 791) ouro.

– Não está – disse-lhe o chinês –, pois não levo mais de duzentas onças.

– Pois é muito pouco dinheiro – respondeu-lhe o comerciante – para a viagem que tentais fazer.

O chinês sorriu e disse-lhe:

– Tenho dinheiro de sobra para ver o México e viajar pela Europa.

– Bom, sabeis o que fazeis! – disse-lhe o espanhol. – Mas vos repito que esse dinheiro é pouco.

– É farto – disse-lhe o chinês. – Conto com vosso dinheiro, com o de vossos conterrâneos (p. 791) que nos acompanham e com o que guardam em suas arcas os ricos de vossa terra. Usarei esse dinheiro de forma lícita, e será suficiente para tudo.

– Fazei o favor – replicou-lhe o espanhol – de decifrar-me esse enigma. Se é pela amizade, com certeza, podeis contar com meu dinheiro e com o de meus companheiros; mas, se quiserdes dizer por meio do comércio, não sei como podereis tirar sequer uma moeda de um peso de nós.

– Com pedaços de pedras e doenças de animais – disse-lhe o chinês. – E não pergunteis mais nada, pois, quando estivermos no México, eu decifrarei o enigma.

Com isso, ficamos todos perplexos. Levantaram as âncoras e partimos para o mar. Deus quis que nossa navegação fosse tão feliz que, em três meses, chegamos ao porto e à cidade ruim de Acapulco, que, mesmo sendo assim, pareceu-me, ao beijar suas areias, mais bela que a capital do México. Esse tipo de satisfação é muito natural para quem volta a ver, depois de muito trabalho e sofrimentos, os cerros e casebres da própria pátria.

Desembarcamos muito satisfeitos, descansamos oito dias, e em liteiras, começamos nossa viagem para a Cidade do México.

No caminho, ia eu pensando como me separaria do chinês e demais companheiros, deixando-os na crença de que era conde sem passar por um mentiroso ou um ingrato mal-educado. Mas, por mais que pensasse, não conseguia encontrar uma maneira de contornar os obstáculos com os quais eu continuava esbarrando.

Nisso, avançamos léguas de terreno cada dia, até chegarmos a essa cidade e pousarmos no *Mesón de la Herradura*¹⁴⁹⁷.

O chinês, como ignorava os usos de minha pátria, detinha-se para tudo e confundia-me com muitas perguntas, pois tudo era novo para ele, e suplicava-me que não me afastasse dele até que tivesse alguma instrução, fato que eu prometi, e (p. 792) ficamos combinados. Porém, os estrangeiros incomodavam-me muito com a questão de meu título de conde, particularmente o espanhol, que dizia-me:

– Conde, já faz dois dias que estamos no México, e não aparecem vossos criados, nem a carroça de vossa senhoria para conduzi-lo para vossa casa. Ora, dissei

¹⁴⁹⁷ Transcrição da nota 1, da edição de 2004 (p. 443, retirado de Spell, p. 192): “O *Mesón de la Herradura* ficava perto do Zócalo, na mesma vizinhança do *Mesón del Ángel*, onde Don Antônio morou com sua esposa” (Nossa tradução).

a verdade, o *señor* é conde..., (p. 792) pois... não se incomode vossa senhoria, mas acredito que é conde de câmara, assim como há homens gentis de câmara.

Quando me disse isso, incomodei-me e retruquei:

– Acreditei ou não, *señor*, eu sou conde, nada me importa. Minha casa está em Guadalajara¹⁴⁹⁸. Até que venham de lá por mim, vai passar algum tempo, e por enquanto, não posso fazer o papel que o *señor* espera; mas, em alguns dias, saberemos quem é quem.

Com isso, ele parou de incomodar-me e não voltou a falar nem uma palavra sobre o título de conde. O chinês, para revelar-lhe o enigma que tinha lhe dito quando embarcamos, tirou um *cañutero*¹⁴⁹⁹ cheio de brilhantes requintados, e uma caixinha, como as de pó, cheia de belas pérolas, e disse-lhe:

– Espanhol, desses *cañuteros* tenho quinze, e quarenta dessas caixinhas. O que achais¹⁵⁰⁰? Vou receber alguma moeda por eles?

O comerciante, admirado com aquela riqueza, não se cansava de ponderar os quilates dos diamantes, e o grande tamanho, a uniformidade e o branco brilhante¹⁵⁰¹ das pérolas; e assim, em meio a sua abstração, respondeu-lhe:

– Se todos os brilhantes e pérolas forem como essas aqui, pela quantidade, poderão dar até dois milhões de pesos. Ah! Quanta riqueza! Quanto primor! Que beleza perfeita!

– Eu diria – respondeu-lhe o chinês –, quanta bobagem, quanta loucura e quanto disparate dos homens que pagam tanto por umas pedras e pelo humor endurecido das ostras, que talvez sejam doenças, como as pedras que os homens criam nas bexigas da urina ou dos rins! Amigo, os (p. 793) homens apreciam o difícil mais do que o belo. Um brilhante desses é, certamente, belo e de uma solidez maior que a do pedernal; mas sobram pedras que equivalem a eles no brilhante, e remetem

¹⁴⁹⁸ Nota da Tradutora: Capital do estado de Jalisco. Para mais informações, visitar: <https://www.geoenciclopedia.com/guadalajara-jalisco-271.html>. Acesso em: 22 out. 2023.

¹⁴⁹⁹ *Nota da Tradutora: O *cañutero* é um alfineteiro, “um cartucho cilíndrico pequeno de metal, madeira ou outra matéria, que serve para guardar alfinetes e agulhas” (DRAE, 2023); no caso, Limahotón o usa para levar brilhantes. A definição está disponível em: <https://dle.rae.es/ca%C3%B1utero?m=form> e <https://dle.rae.es/alfiletero#0mXF58J>. Acesso em: 22 out. 2023.

¹⁵⁰⁰ Nota do Autor: “O chinês tinha aprendido, durante a navegação, as formas de tratar e nosso modo de falar” (Fernández de Lizardi, 2008, p. 792, nota a) (Nossa tradução).

¹⁵⁰¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*lo grande, igual y orientado de las perlas*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 792). Ruiz Barrionuevo, na nota 745 (2008, p. 792), afirma que o termo *orientado* é utilizado para descrever pérolas de cor branca e brilhante, característica que faz dessas joias mais valorizadas e ricas.

aos olhos (p. 793) a luz que reflete neles matizada com as cores da íris, que são as que nos envia o diamante, e não mais. Um pedaço de cristal faz o mesmo brilho, e um conjunto de contas de vidro é mais viçoso que o das pérolas; porém, os diamantes não são comuns, e as pérolas ocultam-se no fundo do mar. Eis aí os motivos mais contundentes do porquê valem tanto. Se os homens fossem mais sensatos, baixariam o valor de muitas coisas que conseguem à mercê de sua loucura. Sempre vi, com escândalo, a história escrita de uma tal de Cleópatra, que presenteou a seu querido Marco Antônio um vaso de vinho com uma pérola diluída em vinagre, mas uma pérola tão grande e requintada que dizem que valia uma cidade.

“Ninguém duvida de que esse foi um excesso de loucura de Cleópatra. Todos dizem que foi uma vaidade ridícula. Eu não a culpo tanto. É verdade que foi uma extravagância de mulher, que, apaixonada por um homem, acreditou que presenteá-lo com aquela pérola inestimável seria entendido como um sinal de que estava dando o mais rico que tinha. Mas isso nada tem de particular em uma mulher apaixonada. A reputação, a liberdade e a saúde das mulheres, acredito que valem mais para elas que a pérola de Cleópatra; e com tudo isso, todos os dias, sacrificam à paixão do amor sua saúde, sua liberdade e sua honra, por um homem que talvez não as ame.

“Não fico escandalizado pela liberdade de Cleópatra, mas pelo valor que tinha a pérola; porém, dá para ver que esse fato comprova que sempre os homens têm sido apegados ao raro. O que me interessa, por enquanto, é valer-me de sua obsessão para conseguir dinheiro.

– Pois vós o conseguireis facilmente – disse-lhe o espanhol –, porque, enquanto existam homens, não faltará quem pague os diamantes e as pérolas, e, enquanto existam mulheres, sobrarão quem sacrifique aos homens para fazê-los comprar essas coisas para elas. À tarde, virei com um lapidário¹⁵⁰² e conseguirei para o *señor* dez ou doze mil pesos.

Chegou a hora de comer, e depois de terminar, saiu o (p. 794) comerciante à rua, e pouco tempo depois, voltou com o especialista e ajustou uns quantos brilhantes

¹⁵⁰² Nota da Tradutora: De acordo com o dicionário *Aulete Digital*, o termo ‘lapidário’, com escrita similar no castelhano, *lapidario*, significa: “Profissional que corta e dá polimento a pedras preciosas”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/lapid%C3%A1rio>. Acesso em: 22 out. 2023.

e quatro (p. 794) fios de pérolas com três belas joias com formato de cabacinhas¹⁵⁰³, pagando o dinheiro à vista.

Após três dias, o espanhol separou-se de nossa companhia, ficando o chinês, eu, seu servidor e outro moço da Cidade do México que lhe solicitei para que fizesse os mandados.

Meu amigo ainda acreditava que eu era conde, e a cada momento, perguntava:

– Conde, quando virão de tua terra por ti?

Eu respondia a primeira coisa que vinha à mente, e ele ficava muito satisfeito; mas não o ficava tanto o criado mexicano, que, embora visse-me decente, não via em mim o luxo de um conde, e estava tão chocado com isso que um dia me disse:

– *Señor*, perdoe vossa mercê, mas dizei, é conde de verdade ou seu sobrenome é assim?

– Esse é meu sobrenome – respondi-lhe e afastei aquele curioso mal-educado.

Dessa maneira, ia eu passando muito bem entre conde e não conde com meu chinês, ganhando sua confiança, seu afeto e seu dinheiro com tanta liberdade que eu mesmo, temendo ser picado pela cobra das apostas no jogo e aprontasse uma das minhas, dava-lhe as chaves do baú e da malinha, pedindo-lhe para que os guardasse e desse-me o dinheiro para o gasto. Ele nunca as pegava, até uma vez que, enquanto eu falava sobre isso, ficou sério, e com sua costumeira ingenuidade, disse-me:

– Conde, faz dias que pedes que eu guarde meu dinheiro. Guarda-o tu, se quiseres, que não desconfio de ti, porque tu és nobre, e dos nobres jamais se deve desconfiar, pois aquele que é nobre, esforça-se para que suas ações correspondam a seus princípios. Se isso obriga a qualquer nobre, embora seja pobre, quanto não obrigará a um nobre visível e apontado na sociedade como um conde? Dessa maneira, guarda as chaves e gasta com liberdade enquanto provejas o que é preciso para meu conforto e decência, porque te advirto que me encontro muito desgostado nesta casa, que é muito pequena, incômoda, suja e mal servida, sendo o (p. 795) pior de tudo a mesa. Sendo assim, faça isso por mim, proporcione-me outra coisa melhor,

¹⁵⁰³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *calabacillas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 794). De acordo com o *DRAE* (2023), “pingente ou brinco com formato de cabaça pequena” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/calabacilla?m=form>. Acesso em: 22 out. 2023.

e se todas (p. 795) as casas de tua terra são assim, avise-me para me conformar de uma vez.

Agradei a confiança e disse-lhe que seria tratado como o cavalheiro que era, tinha dinheiro e permitia usá-lo para isso, que ficasse tranquilo, e que, em menos de oito dias, estaria tudo resolvido.

Nesse momento, entrou o criado, meu conterrâneo, com o mestre barbeiro, que, após me ver, jogou-se em mim com os braços abertos e, apertando-me o pescoço, quase me afogando, disse-me:

– Bendito seja Deus, meu amo! Volto a vê-lo novamente, e tão galante! Onde tendes estado, *señor*? Porque, depois da afronta¹⁵⁰⁴ que vos fizeram os malditos índios de Tula, já não tenho sabido nada do *señor*. O máximo que fiquei sabendo por vosso amigo foi que vos tinham despachado para um presídio, como soldado, por não sei o que fez em Tixtla, mas, depois disso, não tive mais notícias do *señor*. Dizei, *señor*, como tendes passado?

Após dizer isso, ele soltou-me e reconheci que o amigão que acabara de me fazer passar vergonha era o *señor* Andrezinho, aquele que me ajudou a barbear cachorros, desolhar índios, deslocar os queixos e as mandíbulas das velhas e colocar enemas. Não posso negar que fiquei alegre em vê-lo, porque o pobre era um bom rapaz, mas teria preferido qualquer coisa a ele ter se comportado desse jeito tão exagerado e importuno como foi, fazendo-me envergonhar e jogar pelo chão minha qualidade de conde com suas perguntas simples na presença do *señor* chinês, que, nada bobo, concluiu que meu título e minhas riquezas eram trapanças. Contudo, ele dissimulou e deixou que Andrés continuasse seu trabalho de barbeiro, e concluída essa diligência, paguei a meu conhecido um peso pelo trabalho, porque é fácil ser generoso com o dinheiro dos outros.

Andrés voltou a abraçar-me e disse-me que me visitaria, que tinha muitas coisas para me contar, que sua barbearia estava na *Calle* de la Merced, junto à *Casa del Pueblo*¹⁵⁰⁵. Com isso, Andrés foi embora, e meu amo, o chinês, a quem devo dar esse nome, disse-me com a maior prudência:

¹⁵⁰⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *descolada* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 795).

¹⁵⁰⁵ **Transcrição da nota 3, da edição de 2004 (p. 446): “*La Casa del Pueblo*, possivelmente, refere-se ao Ayuntamiento, prefeitura da Cidade do México” (Nossa tradução).

(p. 795) – Acabo de saber que nem (p. 796) és rico nem conde, e acredito que usaste disso para viver melhor a meu lado.

“Isso não me incomoda, nem guardo ressentimentos por usar uma mentira inocente para procurar o melhor para ti. Muito menos penses que baixaste em meu conceito porque és pobre e não existe teu título de conde; julguei-te como homem de bem e, por isso, tive apreço por ti. Sempre que o fores, continuarás conseguindo o mesmo lugar de estima comigo, pois, para mim, não há mais conde que o homem de bem, seja quem for. E, aquele que for um malandro, não me fará acreditar que é nobre, embora seja conde. Portanto, ora, não fiques envergonhado; continua servindo-me como até agora e fixa um salário, pois não sei quanto ganham os criados como tu, em tua terra.

Embora tenha ficado com um pouco de vergonha ao ver-me caindo, de um momento a outro, no conceito de meu amo, de conde para criado, não me incomodou seu carinho, nem menos a generosidade que me concedia ao definir meu próprio salário e permitir que eu fizesse o pagamento com minhas próprias mãos. Foi assim que, procurando deixar de lado a vergonha como se fosse um mau pensamento, busquei viver uma vida boa, começando por ganhar a confiança de meu amo para agradá-lo.

Com esse pensamento, saí para buscar casa, e achei uma muito linda e com todo o conforto que consegui encontrar e, além disso, barata e em uma boa rua, a chamada Juan Manuel¹⁵⁰⁶.

Logo, como já sabia o que fazer, combinei com um dono de loja de móveis usados para mobiliar a casa com muita decência. Depois, solicitei um bom cozinheiro e um porteiro. Por último, comprei uma esplêndida carruagem movida a quatro mulas, mandei contratar um cocheiro e um lacaio, mandei-lhes fazer uniformes a meu gosto, e quando estava tudo pronto, levei meu amo para que tomasse posse de sua casa.

Temos de levar em conta que eu não tinha comentado nada daquilo que estava fazendo, e tampouco lhe disse que aquela casa era dele, mas, sim, perguntei o que achava daquela casa, da mobília, da carruagem e de tudo. E quando respondeu-me que aquilo estava, sim, regular, e não era como o casebre onde ele então se

¹⁵⁰⁶ **Transcrição da nota 4, da edição de 2004 (p. 446): “Na rua que hoje é conhecida como Uruguay, duas quadras ao sul do Zócalo” (Nossa tradução).

hospedava, dei-lhe o consolo de fazê-lo ciente que o lugar era dele. Agradeceu-me, pediu-me a conta dos gastos (p. 796) que fiz para deixar tudo anotado em sua agenda de gastos, e ficou ali bem à vontade.

(p. 797) Também senti-me assim. Era óbvio, quem poderia estar chateado com um negócio e tanto como o que consegui naquela situação? Tinha boa casa, boa mesa, roupa decente, muitas onças para gastar, liberdade, carruagem para passear e muito pouco trabalho, caso possa ser considerado um trabalho mandar nos criados e fazer os pagamentos.

Enfim, tirei a sorte grande¹⁵⁰⁷ com meu novo amo, que, além de ser muito rico, generoso e bom, queria-me mais a cada dia, porque eu fazia de tudo para lisonjeá-lo. Eu aparentava ser muito prudente em sua presença, e tão economizador que brigava com os criados por um pedaço de vela que ficasse ardendo e por pouca palha que encontrava jogada no pátio. Assim, meu amo vivia confiado que eu cuidava muito de seus interesses, mas não sabia que, quando eu saía sozinho, meus bolsos não estavam vazios de ouro e prata, que gastava alegremente com meus amigos e suas amigas.

Eles admiravam minha sorte e me rodeavam como moscas ao mel. As moças faziam-me mais festas do que cachorro faminto por um osso saboroso, e eu estava ensoberbado com minha sorte.

Um dia em que ia sozinho na carruagem para um almoço ao qual fui convidado em Jamaica¹⁵⁰⁸, dizia a mim mesmo: quão enganado estava meu pai quando me predicava que aprendesse ofício ou me dedicasse a trabalhar em alguma coisa útil para subsistir, porque quem não trabalha, não come! Isso seria em seu tempo, lá no tempo de João Ninguém, ou do rei Quitinho¹⁵⁰⁹, cujo costume era de que todo mundo trabalhasse, e os homens envergonhavam-se de serem inúteis e vagabundos; quando

¹⁵⁰⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *yo me hallé la bolita de oro* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 797). De acordo com López y López (1931, p. 468), essa expressão significa “ganhar na loteria, estar bem colocado” (Nossa tradução).

¹⁵⁰⁸ **Transcrição da nota 5, da edição de 2004 (p. 447): “Jamaica, nesse tempo, era uma cidade pequena e um ponto popular de encontro dos bem abastados. Hoje, é um bairro da Cidade do México, perto de Ixtacalco e Santa Anita, aproximadamente seis quilômetros e meio do centro da cidade” (Nossa tradução).

¹⁵⁰⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *allá en tiempo del rey Perico* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 797). Acreditamos que a expressão usada por Fernández de Lizardi seja uma modificação da expressão: *en tiempo de Maricastaña*, que, segundo o DRAE (2023), significa “em tempos muito antigos” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/tiempo?m=form>. Acesso em: 23 out. 2023.

não só os ricos, mas até os reis e suas mulheres orgulhavam-se de trabalhar, em algumas ocasiões, com suas próprias (p. 797) mãos; e, finalmente, quando os homens usavam calções largos e se matavam trabalhando por qualquer valor. Idade do ferro! Século da escuridão e da estupidez!

Graças a Deus que, depois, veio a idade de ouro e do século ilustrado em que vivemos, no qual não se confunde o nobre com o plebeu, nem o rico com o pobre! Fiquem (p. 798) para esses últimos os trabalhos, as artes, as ciências, a agricultura e a miséria, que nós honramos bastante as cidades com nossas carruagens, roupas caras e librés.

Se os plebeus cultivam os campos para nós e nos servem com seus artefatos, bem lhes compensamos suas tarefas pagando seu labor e serviços como querem, e derramando a mãos-cheias nossas riquezas, no seio da sociedade, nos jogos, bailes, passeios e luxo que nos entretêm.

Para gastar o dinheiro como eu gasto, que ciência ou trabalho requer-se para adquiri-lo como eu o tenho adquirido? Qual habilidade é necessária além de um pouquinho de lábia e alguma sorte? Assim sendo, eu não sou conde, mas vivo uma vida de marquês. Acaso haverá condes e marqueses que não poderão tirar um peso com a mesma franqueza que eu, porque lhes terá custado muito trabalho buscá-lo e lhes custará, igualmente, conservá-lo.

Sem dúvida, aquele que é rico e nasceu para sê-lo, sempre o será, embora não trabalhe e seja vagabundo ou animal. Talvez por isso, um ditado afirma que, para quem tem sorte, a galinha canta-lhe na mão¹⁵¹⁰; assim como para aquele que nasceu pobre, mesmo sendo um homem de grande sabedoria, como Salomão¹⁵¹¹, mesmo sendo muito homem de bem e que trabalhe desde bem cedo até a noite, jamais terá um peso, e ainda quando o consiga, não durará, seu dinheiro tornar-se-á sal e água e morrerá no escuro, embora tenha velas.

Esses eram meus discursos malucos quando me embriagava com a liberdade e a proporção que tinha de entregar-me aos prazeres, sem advertir que eu não era

¹⁵¹⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *al que Dios le ha de dar, por la gatera le ha de entrar* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 798).

¹⁵¹¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *que sea un Salomón* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 798). Como dado curioso, o *DRAE* (2023) inclui o substantivo *salomón*, assim, escrito com minúsculas, que significa “homem de grande sabedoria” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/salom%C3%B3n?m=form>. Acesso em: 24 out. 2023.

nem rico, (p. 798) nem o dinheiro que gastava era meu, e que, mesmo em caso de sê-lo, essa casualidade (p. 799) não vinha da Providência para me ensoberbar nem ferir a meus semelhantes, nem tinham sido dadas a mim as riquezas para dissipá-las em jogos nem excessos, mas para servir-me delas com moderação e ser útil e benéfico a meus irmãos pobres.

Em nada disso pensava eu naqueles tempos. Ao contrário, acreditava que aquele que tinha dinheiro, tinha com ele um salvo-conduto para fazer quanto quisesse e pudesse impunemente, por mais ruim que fosse, sem ter a mínima obrigação de ser útil aos demais homens em troca de nada. Formei esse falso e pernicioso conceito não só por minhas depravadas inclinações, mas ajudado pelo mau exemplo que me davam alguns ricos dissipadores, inúteis e imorais; exemplo no qual não só apoiava minha velha vagabundagem, mas que me fez cruel mesmo com as sementes da sensibilidade que abrigava meu coração.

Presunçoso com o livre manejo que tinha do ouro de meu amo; vaidoso com a boa vestimenta, casa e carruagem que desfrutava de graça; aturdido com as lisonjas que me prodigavam infinitos bajuladores, da mediana esfera, que a cada passo celebravam meu talento, minha nobreza, minha galhardia e minha liberdade, cujos elogios pagava eu bem caros; e o mais pernicioso para mim, enganado ao acreditar que tinha nascido para rico, para vice-rei ou, pelo menos, para conde, olhava para meus iguais com desdém, para meus inferiores com desprezo e para os pobres doentes, maltrapilhos e desgraçados, com nojo, e até parece-me que com um ódio criminal, só por serem pobres.

Nem precisa dizer que eu jamais socorria um desvalido, evitava gastar minhas palavras com eles, e, nos poucos casos em que me era inevitável lhes falar, minhas expressões saíam como destiladas por alambique: *bem, veremos, outro dia, já, pois, sim, não, volte* e outros laconismos semelhantes que usava com eles cada vez que não podia evitar dar uma resposta; ou também ficava incomodado e os tratava com a maior má vontade, detonando-os com palavras¹⁵¹² e ainda com ameaças de que os mandaria embora das escadas a pauladas.

¹⁵¹² Transcrição da nota 751, da edição de 2008 (p. 799, *Diccionario de Autoridades*): [Lê-se, em castelhano, “*poniéndolos como un suelo*”] “*Poner como un suelo*, [ou] *poner como un trapo*, equivale a repreender de modo cruel ou duramente alguém, com palavras pungentes ou desagradáveis” (Nossa tradução).

(p. 799) E não pensai que fazia isso com os que me pediam esmola, pois a ninguém se permitia abordar-me com esse objetivo enfadonho. Meus orgulhos gastavam-se com o caseiro, o alfaiate, o cabeleireiro, o sapateiro, a lavadeira e outros (p. 800) infelizes artesãos ou serventes que, justamente, demandavam seu trabalho. Por sinal, meu amo teve de pagar mais de dois mil pesos dessas dívidas que eu lhe fiz contrair ao mesmo tempo que passeava, merendava, visitava o Coliseu e fazia gastos profusos nas festas.

Não existia representaçãozinha [teatral] de Santiago, Santa Ana, Ixtacalco, Iztapalapa e outras a que eu não concorresse com meus amigos e amigas, gastando nelas o ouro com galhardia. Não havia venda de comida famosa onde qualquer dia não consumisse e gastasse com eles, nem casamento, dia de santo, primeira missa ou qualquer outro barulhinho desses onde eu não fosse convidado, e onde tudo saía custando mais do que eu pensava. Enfim, eu era aquele que aparecia em toda classe de lugar para tirar algum proveito¹⁵¹³, enganando ao pobre chinês como eu bem entendia, mostrando um coração de mel para meus bajuladores, e de fel para os pobres.

Uma vez, ao descer da carruagem, um homem de roupas pobres, que aparentava ser decente de nascimento, atirou-se para falar comigo. Ele expressou o infeliz estado em que estava: doente, sem destino, sem proteção, com três crianças muito pequenas e uma pobre mulher também doente e acamada, a quem não tinha o que dar de comer naquela hora, às duas da tarde.

– Deus vos socorra! – disse-lhe com muita frieza.

E ele, então, ajoelhando-se na frente do descanso da escada, disse-me, com lágrimas nos olhos:

– *Señor Don Pedro*, socorra-me com uma peseta, por Deus, que minha família morre de fome. Sou um pobre constrangido, pois não tenho nem o arbítrio de pedir de porta em porta, e determinei-me a pedir ao *señor*, confiado em que me socorrerá com essa insignificância, sequer porque peço pela alma de meu irmão falecido *Don Manuel Sarmiento*, de quem o *señor* deve se lembrar, e se não se lembra, saiba que lhe falo de seu pai, o marido de *Doña Inés de Tagle*, que viveu muitos anos na rua da Águila,

¹⁵¹³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ser perrito de todas bodas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 800). De acordo com López y López (1931, p. 476), a expressão significa “entrar em todos os lugares em que possa se tirar algum proveito” (Nossa tradução).

onde o *señor* nasceu, (p. 800) e morreu na de Tiburcio, depois de ter sido relator desta Real Audiência, e...

– Basta! – disse-lhe. – Por sinal, demonstraís que conhecestes meu pai, mas não que sois meu familiar, porque eu não tenho familiares pobres. Vá com Deus!

Dizendo isso, subi a escada, deixando-o com a palavra (p. 801) na boca, sem socorro e tão exasperado com meu mau acolhimento que não teve mais nada a fazer do que amaldiçoar-me, chamando-me de cruel, ingrato, soberbo e desconhecido. Os criados que ouviram como se dirigia contra mim, para me lisonjearem, mandaram-no embora a pauladas, e eu presenciei a cena desde o corredor, rindo às gargalhadas.

Comi e dormi uma boa *siesta*, e à noite, fui a uma tertúlia, onde perdi quinze onças no jogo do monte. Voltei para casa muito tranquilo e sem sentir nenhum pesar. No entanto, não dispensei uma peseta para socorrer a meu desgraçado tio. Dizem-me que há muitos ricos que se comportam hoje como eu naquela época. Se isso for verdade, eu não consigo acreditar.

Assim passei dois ou três meses, até que Deus me disse: Basta!

(p. 802) **Capítulo X**

No qual Quitinho conta o jeito maldito como saiu da casa do chinês, junto com outras coisas muito bonitas, mas é preciso lê-las para saber do que se trata

Como não existe homem tão ruim que não tenha um bom truque na manga, eu, no meio de minhas perdições e devassidão, ainda guardava algumas sementes de sensibilidade – embora embotadas por meu orgulho – e muito respeito e amor por minha religião, razão pela qual, e desejando conquistar meu mestre para que ele se tornasse cristão, levava-o às mais esplêndidas festas que se realizavam em alguns templos, cuja magnificência o surpreendia. E vi com prazer e edificação o grande respeito e devoção com que assistia a elas, não apenas fazendo ou imitando o que via os fiéis fazerem, mas, antes, dando exemplo de modéstia aos irreverentes. Isso porque, depois de vê-lo ajoelhado o tempo todo durante o sacrifício, na missa, notei que ele não levantou os olhos, nem virou a cabeça, nem conversou, nem fez outras ações indevidas que muitos cristãos fazem nesses locais, ultrajando o local e o culto divino.

Percebi que ele mexia os lábios como que rezando e, como eu sabia que ele ignorava nossas orações e não tinha motivos para pensar que ele acreditava em nossa religião, isso me movia¹⁵¹⁴. E um dia, por via das dúvidas, perguntei-lhe o que dizia a Deus quando orava no templo. Ao que ele me respondeu:

– Não sei se teu Deus existe, ou não, naquele precioso relicário que tu me mostras; mas como dizes isso e todos os cristãos acreditam, deveis ter razões sólidas, provas e experiências para garantir sua veracidade. Além disso, considero que, (p. 803) se for verdade, o Deus que tu adoras não pode ser outro senão o maior Deus dos deuses, e a quem estes vivem sujeitos e subordinados. Certamente, adorais Laocon Izautey¹⁵¹⁵, que é o governador do céu e, nessa crença, eu lhe digo: *grande Deus, a quem eu adoro neste templo, tende piedade de mim e fazei com que aqueles*

¹⁵¹⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me hacía fuerza* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 802). A segunda acepção do *DRAE* (2023) para a locução verbal *hacer fuerza* apresenta o significado de “induzir o ânimo, convencer, persuadir” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/fuerza?m=form>. Acesso em: 01 nov. 2023.

¹⁵¹⁵ **Transcrição da nota 752, da edição de 2008 (p. 803, retirado de Knowlton, 1963, p. 342-343): “*Laocon Izautey*, de acordo com González de Mendoza: ‘esse céu tem um Governador para os assuntos de cima, chamado Laocon Izautey, que significa, em sua língua, governador do grão Deus; a este adoram como principal depois do sol. Dizem que esse Governador não foi criado, mas que é *ab-aeterno* [de toda a eternidade], e que não possui corpo, somente espírito” (Nossa tradução).

que vos (p. 803) conhecem vos amem para que sejam felizes. Repito essa oração muitas vezes.

O chinês deixou-me surpreso com sua resposta. Eu, provocado por ela, tentei fazê-lo apaixonar-se cada vez mais por nossa religião, e que aprendesse sobre ela. Mas, como não me considerava preparado suficiente para esse empreendimento, propus-lhe que seria muito adequado a sua decência e comportamento que tivesse um capelão em sua casa.

– O que é um capelão? –perguntou-me.

Eu lhe disse que os capelães eram os ministros da religião católica que moravam com grandes senhores, como ele, para celebrar missas, confessá-los e administrar os santos sacramentos em suas casas, com a permissão dos bispos e párocos.

– Isso é muito bom – disse-me ele – para vós, cristãos, que fôreis educados em vossa religião, o que vos obriga, e vós obedecereis com muita precisão a seus preceitos; mas não para mim, que sou estrangeiro, ignorante de vossos ritos, e que, pela mesma razão, não poderei cumpri-los.

– Não, *señor* – eu lhe disse –, nem todos aqueles que têm capelães cumprem exatamente os preceitos de nossa religião. Há alguns que têm capelães por cerimônia, e talvez não se confessem a eles há dez anos, nem ouçam missa há vinte meses.

– Pois bem, para que servem eles? – perguntou-me o chinês.

– Para muitas coisas – respondi-lhe. – Servem para rezar missa aos criados dentro de casa para que não saiam à rua e para que cumpram seus deveres. Servem de decoração da casa, de ostentação de luxo, para a entrada e saída das damas da carruagem, de conversa à mesa, e, em alguma ocasião, para levar uma carta (p. 804) ao correio, para recolher uma ordem de pagamento, para ser o terceiro jogador na *malilla*¹⁵¹⁶ ou para coisas semelhantes.

– Isso quer dizer – respondeu-me o chinês – que, em tua terra, os ricos mantêm ministros religiosos em suas casas mais por luxo e vaidade do que por devoção, e estes servem mais para lisonjear do que para corrigir os vícios de seus senhores, empregadores ou como você os chamem.

¹⁵¹⁶ Nota da Tradutora: Para *malilla*, ver a nota 407 de nossa tradução.

(p. 804) – Não, não falei isso – respondi-lhe. – Nem todas as casas funcionam da mesma forma. Há casas onde se faz o que eu te disse, e capelães servis que, sem atender ao decoro próprio de seu caráter, prostituem-se para lisonjear os *señores* e as *señoras*, no sentido de atuarem como seus mensageiros e escudeiros. No entanto, há outras casas que, não tendo capelães por obediência, mas por devoção, dão-lhes toda a estima devida a sua elevada dignidade. Já podeis imaginar, estes capelães não são clérigos de *palillera*¹⁵¹⁷, quer dizer, genuínos, mas secularistas disfarçados, tolos enrolados em tafetá ou pano preto. São, em duas palavras, ignorantes imorais que, para escândalo do povo e difamação de seu caráter, abalam mãos a seus patrões para encurtar sua passagem para o inferno em companhia, já contemporizando com eles infamemente no confessionário, ora tolerando-os na próxima ocasião voluntária, ora absolvendo suas usuras; ora amplificando suas consciências com opiniões muito frouxas e nada seguras, ora apoiando seus erros mais repreensíveis; e, finalmente, confirmando seu erro, não apenas com suas máximas, mas também com seus exemplos detestáveis. Porque, o que fará uma família libertina se vir que o capelão, que deveria ser um apóstolo, ministro do santuário, um cachorro que late incessantemente contra o vício sem fazer distinção entre as pessoas, modelo vivo em cujas linhas são reguladas as ações dos fiéis, um mestre da lei, um anjo, um guia seguro, uma luz muito clara e um Deus guardião da casa em que mora – que tudo isso e muito mais deve ser um sacerdote –, o que fará uma família, digo eu, que se entrega a sua orientação, se vir que o capelão é o primeiro a se vestir com luxo, (p. 805) que frequenta os bailes e os jogos, que demonstra afetação no estrado com as meninas, que fala doce e com gestos fúteis, de frescuragem etc., etc., etc.? O que ele fará, digo novamente, senão canonizar os vícios dessas jovens e levá-las a se considerarem santas, por imitar em tudo o capelão?

“Entendo, *señor*. Direis¹⁵¹⁸ que é impossível que existam capelães tão imorais e patrões tão néscios que permitam capelães dessa espécie em suas casas. Porém, digo-vos que oxalá isso fosse impossível, que não tivesse conhecido alguns dos

¹⁵¹⁷ Transcrição da nota 753, da edição de 2008 (p. 804): “[Lê-se, em castelhano:] *no son cleriguitos de palillera*. O *palillero* é o recipiente para colocar os palitinhos; figurativamente, quer expressar que são ativos e cumpridores” (Nossa tradução).

¹⁵¹⁸ Nota da Tradutora: Periquitinho, em vários momentos, utiliza o *tuteo* para falar com Limahotón, mas, dessa vez, ele utiliza *usted*: “*ya veo, señor que usted dirá*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 805).

originais cujos retratos lhe apresento. Em vez disso, também existem, como sugeri, casas santas e capelães sábios e virtuosos, cuja presença, modéstia e compostura restringem não apenas aos criados e dependentes, mas também aos próprios *señores*, mesmo sendo condes e marqueses. Conheci capelães (p. 805) tão regrados em sua conduta e tão zelosos da honra de Deus que não se envergonharam de dizer a verdade a seus patrões sem dissimulação, repreendendo seriamente seus vícios, estimulando-os à virtude com suas persuasões e exemplos, e abandonando essas casas, quando encontraram uma oposição tenaz à razão.

– São esses capelães que me interessam – disse-me o chinês –, e é claro que podes solicitar um deles para a casa. Mas aviso-te que seja sábio e virtuoso, porque não o quero como móvel ou decoração. Melhor se for velho, porque, quando os cabelos grisalhos não comprovam ciência ou virtude, comprovam, pelo menos, experiência.

Com esse decreto, saí muito satisfeito à procura de um capelão, acreditando que tinha feito algo de bom, e dizendo para mim mesmo: ah, meu Deus! Que porção de verdades contei a meu amo num instante! Não há dúvidas de meu valor como missionário quando estou disposto a sê-lo. Eu poderia pegar um púlpito e viajar por esta vasta terra de Deus, pregando belos sermões, como Sancho disse a Dom Quixote¹⁵¹⁹.

(p. 806) Mas, qual é o ponto de saber tão claramente a verdade, de saber como pregá-la e de louvar a virtude enquanto desprezo o vício, como faço tão razoavelmente em favor dos outros, e que não me tenha servido de nada porque, na vida, nunca preguei nem um pequeno sermãozinho para mim mesmo?

E qual é o ponto de eu ser um Argos¹⁵²⁰, que vê os vícios em meus semelhantes, e ser um Ciclope¹⁵²¹, que não percebe os próprios? Por que eu, que vejo o cisco no olho do vizinho, não vejo a trave no meu? Por que, já que quero ser o reformador do mundo, não começo por compor meus próprios desregramentos que

¹⁵¹⁹ Transcrição da nota 754, da edição de 2008 (p. 805): “A citação está parcialmente errada. No capítulo XX da segunda parte, é Dom Quixote quem diz isso a Sancho. No capítulo XXII da mesma parte, é Sancho que se refere à anedota e aplica-a de modo admirativo e humoristicamente a Dom Quixote” (Nossa tradução).

¹⁵²⁰ Nota da Tradutora: Faz alusão à figura mitológica de Argos Panoptes, a que se supunha o vigia perfeito, por ter cem olhos. Sobre o mito, ver: <https://segredosdomundo.r7.com/argos-mitologia/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

¹⁵²¹ Nota da Tradutora: Diferentemente de Argos, os ciclopes possuem apenas um olho. Para mais informações, visitar: <https://www.infoescola.com/mitologia-grega/ciclopes/>. Acesso em: 02 nov. 2023.

são infinitos? E, finalmente, como gosto de dar bons conselhos, por que não os tomo para mim quando me são dados? Sem dúvida, como pregador do diabo, não tenho preço.

(p. 806) Mas, como pode-se ver, admiro-me de dizer, às vezes, umas verdades claras, de elogiar a virtude, de reprovar o vício, talvez em benefício daqueles que me ouvem, quando não sou eu que faço isso, mas, sim, Deus, de quem emana todo o bem. Sim, de fato, Deus usou-me para trazer um bom ministro a este chinês, talvez para que abrace a religião católica; e já que ele me usou, não poderia ter usado outro instrumento, melhor ou pior que eu? Quem duvida disso?

Mas a Divina Providência não faz as coisas por acaso, e sim para nosso bem, e de acordo com isso, por que não deveria eu pensar que Deus colocou tudo isso em minha cabeça não só para batizar o chinês, mas também para que eu me converta e mude de vida?

É assim que deve ser, não posso desperdiçar essa ajuda, mas retribuir sem demora. Entretanto, sou o mesmo diabo. Quando não vejo meus amigos, nem meus entes queridos, penso com sensatez; porém, assim que estou com eles e com elas, esqueço as boas intenções que faço e volto a minhas andanças.

Esses não são os primeiros bons propósitos que faço, nem o primeiro sermão que prego para mim mesmo. Fiz vários, e sempre permaneci tão Periquitinho como sempre, parecido à jumenta de Balaão¹⁵²², (p. 807) que, depois de conseguir admoestar o dono injusto, permaneceu tão jumenta como era antes.

Mas, será que tenho de ser sempre obstinado? Será que algum dia não cederei aos suaves sussurros de minha consciência? Algum dia não responderei aos apelos de Deus? Por que não? Ei! Vida nova, *señor* Quitinho! Vamos lembrar que somos

¹⁵²² Nota da Tradutora: Refere-se ao livro dos Números, capítulo 22. Na passagem, a jumenta (ou burro, dependendo da versão) é golpeada por três vezes injustamente e consegue falar (era a voz de Deus admoestando Balaão), chamando sua atenção para algo importante (o Anjo enviado por Deus não os deixou continuar sua viagem para amaldiçoar os israelitas). O rabino Barry Diamond propõe uma interpretação ao trecho bíblico: “Nosso desafio é ouvir como Balaão. No entanto, como os grandes professores de meus alunos, o professor de Balaão era exigente. Assim como o leme do navio, Deus desviou Balaão do caminho, mas o recolocou na rota certa. Nossa tarefa é aprender a reconhecer quando estar fora de curso é estar no curso certo e quando nossos adversários são nossos professores” (Nossa tradução). Disponível em: <https://reformjudaism.org/learning/torah-study/torah-commentary/learning-hear-balaams-ass>. Acesso em: 02 nov. 2023.

incorrigíveis do princípio ao fim¹⁵²³, que somos mortais, que existe o inferno, que existe a eternidade e que a morte virá como um ladrão quando menos se espera, e isso nos pegará desprevenidos, e então todos os demônios nos pegarão num pulo.

(p. 807) Mas não, os sinos dobram por penitência, Periquitinho; penitência e vigilância de cão, porque as coisas desta vida são assim hoje, mas amanhã não¹⁵²⁴. Procurarei o capelão, encarregar-lhe-ei de ciência, prudência e experiência; confessar-me-ei com ele, livrar-me-ei das situações ruins, e a Deus¹⁵²⁵ tertúlias, a Deus passeios, compras em lojas, Coliseu e visitas, a Deus almocinhos de Nana Rosa, a Deus sinucas e pequenas colinas, a Deus amigos, a Deus Pepitas, Tulitas e Mariquitas, a Deus elegância, a Deus dissipação, a Deus mundo: eu tenho de ser um santo a partir de hoje, um santo.

Mas o que dirão os bandidos, meus amigos e minhas amantes? Dirão que sou um carola, um hipócrita, que, por não gastar, entrei a viver uma vida do bem e outras coisas das quais não gostarei muito? Mas o que temos com isso? Falem o que quiserem, pois eles não vão tirar-me do inferno.

Com estes sentimentos bons, embora superficiais, entrei na casa de *Don* Prudêncio, meu amigo e homem do bem, onde estava tendo uma tertúlia. Eu disse-lhe o que eu precisava, e ele disse-me:

– Exatamente tenho isso que procurais. Meu tio, o doutor *Don* Eugênio Bonifácio, é um eclesiástico idoso, de conduta muito cuidada e de muito conhecimento, segundo dizem os que sabem. Agora ele está muito pobre, porque se tem disputado suas capelanias, e ele é tão bom que não quis entrar em disputas judiciais, porque diz que a tranquilidade (p. 808) de seu espírito vale mais que todo o ouro do mundo. Propor-lhe-ei esse destino e acho que ele aceitará com prazer. Vou

¹⁵²³ Transcrição da nota 756, da edição de 2008 (p. 807, retirado do *DRAE*): [Lê-se, em castelhano,] *de la cruz a la cola*, variação da expressão *de la cruz a la fecha* [Nossa tradução: da cruz à data], desde o início ao fim. Diz-se assim porque as cartas tinham como cabeçalho uma cruz e colocavam a data em seu final” (Nossa tradução). A definição do *DRAE* está disponível em: <https://dle.rae.es/cruz?m=form>. Acesso em: 02 nov. 2023.

¹⁵²⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *penitencia y tente perro, que las cosas de esta vida hoy son y mañana no* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 807). De acordo com López y López (1931, p. 481), a expressão “aconselha estar em alerta e reparar os erros o quanto antes” (Nossa tradução).

¹⁵²⁵ Nota da Tradutora: No parágrafo, tentamos reproduzir o jogo de palavras *adiós* por *a Dios* [Nossa tradução: adeus; a Deus].

mandar buscá-lo agora mesmo, porque essas coisas precisam ser resolvidas imediatamente¹⁵²⁶.

Dizendo isso, *Don Prudêncio* partiu. Serviram-me chocolate e, enquanto eu bebia, chegou a hora de fazer as orações, e os participantes da tertúlia, meus conhecidos, começaram a entrar.

(p. 808) Um círculo de homens e mulheres começou a se reunir, os bandolões foram acordando os espíritos adormecidos e os pés foram colocados em movimento.

Por volta das sete da noite, a coisa já estava muito quente, e eu tinha me segurado, evitando, a todo custo, dançar, lembrando-me de minhas boas resoluções. Isso causou uma grande novidade para todos, ao me verem fazer-me de difícil¹⁵²⁷, porque ninguém conseguiu fazer-me dançar, mesmo depois de desperdiçar saliva com tantos pedidos.

Na verdade, eu queria muito dançar, porque essas festinhas eram meu ponto mais fraco. Meus pés formigavam; porém, eu queria ensaiar minha firmeza naquela ocasião, e permanecer ileso entre as chamas, e então disse a mim mesmo: não, Quitinho, cuidado, não desmaies! Ninguém é coroadado se não lutar até o fim. Ânimo! E vamos terminar o que começamos. Fica firme!

Estava entretido nesses solilóquios interiores, convencido de que minhas resoluções eram verdadeiras, uma vez que me tinha proposto a não dançar durante duas horas, e tinha feito um esforço para resistir não só às súplicas e persuasões de meus amigos, mas também aos pedidos obstinados de várias jovens, que não se cansavam de me incomodar para dançar, devido ao fato de que eu mexia bem os pés, ou porque tinha dinheiro, razão muito poderosa que me tornava querido entre as damas. Contudo, desdenhei todas minhas pidonas, e teria rejeitado até o Preste João¹⁵²⁸ naquele momento, pois não queria quebrar minhas promessas.

¹⁵²⁶ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *el llanto debe ser sobre el difunto* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 808). De acordo com López y López (1931, p. 479), a expressão significa que “é conveniente consertar as coisas imediatamente depois da causa que as motivou” (Nossa tradução).

¹⁵²⁷ ***Nota da Tradutora: O verbo *chiquear*, na segunda acepção do *Diccionario de Mejicanismos* (1974, p. 404), significa “fazer-se de difícil” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/404/mode/2up?view=theater&q=chiquear>. Acesso em: 03 nov. 2023.

¹⁵²⁸ Nota da Tradutora: Para saber mais sobre Preste João, ver a nota 521 de nossa tradução.

(p. 808) Mas, às sete e meia, Anita, a Mole¹⁵²⁹, chegou e foi entrando na tertúlia, uma garota linda como só ela, uma *zaragata*¹⁵³⁰, astuciosa como nenhuma outra e minha coquete favorita. Com ela eu conversava (p. 809) nas tertúlias; ela era minha companheira inseparável nas contradanças, e tudo o que eu precisava fazer para destacar-me entre todos os outros era levá-la para casa, depois de fazê-la jantar e beber vinho na pousada, deixar a ela seis ou oito pesos para outro dia e fazer-lhe uns quantos carinhos. Tudo isso muito honradamente, porque ela ia sempre acompanhada da tia..., bem... com a tia, que era uma boa velhinha.

Entrou, quero dizer, chegou, naquela noite, minha Anita vestida com uma túnica de tafetá azul neve com debrum branco, seu xale de tricô branco, sapatos da mesma cor, meia bainha e penteado à moda. Era um vestido muito simples, mas, se eu já gostava dela com qualquer roupa, essa noite ela pareceu-me uma deusa, porque esses tons pastéis ressaltavam o ruivo de seus cabelos, o preto de seus olhos, o rosado de suas bochechas, o vermelho purpúreo de seus lábios e o branco de seu colo.

Depois que ela sentou-se no estrado, meus olhos foram atrás dela, mas disfarcei conversando com um amigo e fingindo não vê-la. Entretanto, percebendo minha dissimulação, sabendo que eu não queria dançar e temendo que eu estivesse magoado por algum motivo, motivo este que ela me dava de vez em quando, aproximou-se de mim e disse mais carinhosa que manteiga:

– Pedrinho, não me viste? Disseram que não querias dançar e que estavas muito triste. O que tens?

– Nada, *señora* – disse-lhe, com a maior circunspecção.

– Então, estás doente?

– Sim, estou – disse-lhe –, estou com dor.

– Uma dor? – ela insistiu. – Então, não, minha alma, não sofras. O *señor Don Prudêncio* me estima. Vem para o quarto, vou mandar ferver um pouco de camomila ou água de anis para ti. Deve ser uma dor de gases.

¹⁵²⁹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Anita la Blanda* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 808).

¹⁵³⁰ ***Nota da Tradutora: *Zaragata*, de acordo com o *Diccionario de Mejicanismos* (1974, p. 1149), refere-se a “uma pessoa desprezível, patife, velhaca; por eufemismo, é usado para se referir a um jovem travesso; geralmente, a um malandro simpático” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1148/mode/2up?view=theater&q=zaragata>. Acesso em: 03 nov. 2023.

(p. 809) – Não é uma dor de ar – disse-lhe eu –; é uma dor mais sólida e benéfica. Pode ir dançar.

Eu falava da dor de meus pecados, mas a garota entendeu que era uma doença de meu corpo, e por isso me animava, dando-me mil carícias, até que, vendo minha resistência e desapego, ficou chateada, deixou-me por um dândi que estava a seu lado, que sempre tinha sido meu rival e estava alerta para aproveitar a oportunidade quando eu a abandonasse.

Depois que ela deu-lhe essa oportunidade, ele sentou-se a seu lado (p. 810) e começou a sapecá-la com grande fervor. Minha sorte é que ele era pobre, senão me destronava em quatro ou cinco minutos, porque era mais bonito que eu.

Sentindo seu desdém e a veemente diligência de meu rival, acendeu-se em mim um tal fogo de ciúme que deixei de lado minhas reflexões e o diabo levou embora meus projetos. Levantei-me como um leão furioso, fui pedir explicações ao outro pobre com os termos mais indelicados e provocativos. A garota, que, embora maluquinha, era mais prudente que eu, tentou esconder suas solitudes e resolveu a disputa mimando-me muito, e continuamos amigos como sempre.

Depois de jogar fora minha conversão, dancei, bebi, brinquei e desafiei Anita para que ela me desse satisfação corpo a corpo pelo ciúme que me causou. Ela se desculpou dizendo-me que o duelo era proibido, especialmente porque éramos muito desiguais.

Estava na parte mais fervorosa de minha chacota quando *Don* Prudêncio disse-me que seu tio doutor tinha chegado, que eu deveria ir conversar com ele em seu consultório para que ouvisse de minha boca a proposta que eu fazia.

Eu não estava lá para conversar com doutores; então, roubando meio quarto de hora, entrei no consultório e despachei rapidamente todo o assunto, combinando com o padre que, às oito horas do dia seguinte, eu iria buscá-lo para levá-lo para casa.

O pobre sacerdote quis se informar aos poucos de tudo o que o sobrinho lhe tinha contado, mas eu não me prestei a seus desejos, dizendo-lhe que nos veríamos no outro dia e que eu o satisfaria com tudo o que ele quisesse me perguntar. Com isso, despedi-me, ficando eu, no conceito daquele bom eclesiástico, por um licencioso mal-educado.

Então, librei-me dele, voltei com Anita e, às nove, horário no qual, mais tardar, recolhia-me por respeito a meu amo, e isso a custo de mil mentiras que eu encaixava,

(p. 811) eu a acompanhei até sua casa, tão honrada, como sempre, e retirei-me para a minha. Quando cheguei, o chinês já estava dormindo. Então, jantei muito bem e fui fazer o mesmo.

No dia seguinte e na hora marcada, procurei pelo padre doutor, que já me esperava na casa de *Don Prudêncio*. Subi com ele na carruagem e o levei à presença de meu amo.

Esse respeitável eclesiástico era alto, branco, magro, de feições bem proporcionadas; os olhos eram negros e vivos, o semblante, entre sério e afável, e a cabeça lembrava um floco de neve. Após entrar na sala onde estava meu amo, eu lhe disse:

– *Señor*, este é o padre que solicitei para capelão, conforme conversamos ontem.

O chinês, assim que o viu, levantou-se do *butaque*¹⁵³¹, aproximou-se dele de braços abertos e, abraçando-o com o mais afetuoso respeito, disse-lhe:

– Estou satisfeito, *señor*, porque veio prestigiar esta casa, que, a partir de agora, podeis contar como vossa; e, se vossa conduta e sabedoria corresponderem à brancura de vossa cabeça, certamente, serei vosso melhor amigo.

“Trouxe-vos para minha casa porque Pedro me disse que é costume dos *señores* de vossa terra terem capelães em suas residências. Eu, desde antes de sair da minha, sabia que era prudente corresponder aos costumes dos países onde a gente mora, principalmente quando não são prejudiciais, e assim, podeis ficar aqui a partir de agora. Ficais (p. 811) encarregado de fazer sacrifícios a vosso Deus por minha saúde e de fazer com que todos meus servos vivam de acordo com vossa religião, porque parece-me que estão um tanto desviados. Também me instruireis em vossas crenças e dogmas, porque, mesmo que seja por curiosidade, quero conhecê-las. E, por fim, sereis meu professor e me ensinareis tudo o que consideras que deve

¹⁵³¹ *Nota da Tradutora: O *butaque*, de acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 160), é uma “cadeira especial com pés em tesoura, assento baixo e curvo, com encosto longo inclinado para trás. Toda a estrutura coberta por couro em uma única peça. É a cadeira de uso comum entre mulheres e idosos entre as pessoas de baixa renda” (Nossa tradução). Já Martin (2019) acredita que o *butaque* seja um híbrido das culturas espanhola e indígena-mexicana e mostra o interesse dos *designers* e decoradores atuais pelo item. Para mais informações, visitar: <https://www.architecturaldigest.com/story/the-story-behind-the-design-of-the-iconic-butaque-chair>. Para a definição no dicionário mencionado, visitar: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/160/mode/2up?view=theater&q=butaque>. Acesso em: 03 nov. 2023.

saber de vossa terra um estrangeiro que a tem visitado somente para ver esses mundos. No que toca ao salário (p. 812) que ireis usufruir, vós mesmo avaliareis a vosso gosto.

O capelão esteve atento ao que meu amo lhe disse e, por isso, respondeu que faria tudo de sua parte para manter a família em ordem; que ele o instruiria de bom grado não apenas nos princípios da religião católica, mas também em tudo o que ele perguntasse e quisesse saber sobre o reino; que, quanto aos honorários, com a alimentação, roupas e pouco dinheiro para suas necessidades, ficaria satisfeito; mas, já que ele estaria a cargo da família, era necessário também que ele lhe conferisse alguma autoridade sobre ela, para que pudesse corrigir os rebeldes e expulsar os incorrigíveis, se necessário, porque só assim teriam respeito por ele e conseguiria seu bom desejo.

A proposta pareceu muito boa a meu amo, e este disse ao capelão que lhe dava toda a autoridade que tinha na casa para que pudesse emendar o que fosse necessário. O clérigo foi buscar sua cama, seu baú e seus livros e pediu licença para ter um oratório particular.

Fez o primeiro oratório naquele dia, e o segundo não lhe foi difícil de conseguir, de modo que, depois de quinze dias, ele já celebrava missa na casa.

Dia após dia, a confiança que meu amo tinha no capelão e o amor que cultivava por ele aumentavam. A maioria dos criados queria viver à vontade com ele, assim como moravam comigo, mas não conseguiram. Assim, logo os jogou na rua e acomodou outros bons. A casa virou um miniconvento. A missa era celebrada todos os dias, o rosário era rezado todas as noites, a comunhão, recebida cada mês; eu não tinha saídas nem passeios noturnos, e fui obrigado, como um entre muitos, a observar esses regulamentos religiosos.

Já dá para entender como eu estaria com essa vida: justamente desesperado, considerando que tinha procurado o corvo que arrancaria meus olhos. Porém, eu dissimulava e sofria até não poder mais, pelo menos para não perder o controle do dinheiro, do apreço que tinha na rua e da carruagem de vez em quando.

Desejava envergonhar o capelão e livrar-me dele, mas não consegui decidir, pois vi o quanto meu amo (p. 813) o estimava. Desde que chegou em casa, levava, frequentemente, meu amo para passear de carruagem e a pé, conduzindo-o não só aos templos, como eu, mas aos passeios, às tertúlias, com visitas ao Coliseu e a

qualquer outra (p. 813) festa onde houvesse aglomeração, de modo que, em pouco tempo, meu amo já contava com vários *señores* mexicanos que o visitavam e lhe professavam amizade, e eu desempenhava o papel mais rejeitado da casa, pois apenas me viam como um mordomo bem pago.

Depois que voltavam de uma caminhada, meu amo e o capelão fechavam-se para conversar, e este, em muito pouco tempo, ensinou-o a falar e a escrever espanhol perfeitamente. Meu amo fazia isso com tanto prazer e gosto que todos os dias escrevia muito, embora não soubesse o quê, e lia todos os livros que o capelão lhe dava, o que lhe rendia muitos frutos, porque ele tinha uma boa memória.

Como resultado dessas conferências e instruções, um dia, meu amo pediu-me para prestar conta de seu dinheiro de forma meticulosa, pois conhecia perfeitamente a aritmética e sabia o valor de todas as moedas do Reino. Dei-lhe as Contas do Grande Capitão¹⁵³² e disso resultou que, em dois ou três meses, eu tinha gastado oito mil pesos. O chinês fez avaliar a carruagem, as roupas e os utensílios domésticos, somou o custo da casa, da mesa e dos empregados e deixou claro que eu havia desperdiçado três mil pesos.

Contudo, foi tão prudente que apenas fez-me ver, e pediu-me as chaves dos baús, entregando-as ao capelão e confiando-lhe as despesas econômicas de sua casa. Esse golpe foi fatal para mim, não tanto pelo constrangimento que a apreensão das chaves causou-me, mas pela falta que sentiria delas.

A partir do momento em que melhor me conheceu, o capelão formou sobre mim o conceito que deveria ter, ou seja, que eu era um malandro, e acredito que ele fez meu amo entender isso, pois este, além de pegar minhas chaves, passou a ver-me não só com seriedade, mas também com certo desdém, que julguei ser o precursor de minha expulsão daquela Jauja.

Com esse medo, forcei-me ao máximo para alisá-lo. Certa vez que eu estava trabalhando (p. 814) nesse exercício altamente apreciável, porque o capelão não estava em casa, meu amo estava triste, e perguntei-lhe o motivo, ao que o chinês simplesmente indagou:

1532 **Nota da Tradutora: Faz referência à anedota histórica do Grão Capitão Gonzalo Fernández de Córdoba. O rei Fernando, o Católico, pediu contas a esse capitão sobre a campanha de Nápoles. O militar respondeu-lhe com a enumeração de despesas avultadas, ridicularizando o rei. Mais informações em: <https://www.muyinteresante.es/historia/34385.html>. Acesso em: 04 nov. 2023.

(p. 814) – Não é costume em sua terra que os estrangeiros tenham mulheres em casa?

– Sim, usa-se, *señor*. – respondi-lhe. – Quem quiser, tem.

– Pois bem, traga-me duas ou três que sejam bonitas para que possam me servir e me divertir, e eu lhes pagarei bem, e se gostar delas, eu me casarei com elas.

Encontrei aqui uma boa oportunidade para colocar o capelão em maus lençóis, ainda que injustamente, e então eu lhe disse que o capelão não queria que elas estivessem em casa, que esse era o impedimento que eu estava sentindo; mas que havia muitas mulheres no México, muito bonitas e não muito caras.

– Então, traga-as – disse-me o chinês –, pois o capelão não pode me privar da satisfação que a natureza e minha religião me permitem.

– Com esse assunto, *señor* – respondi-lhe –, o capelão vira um demônio. Ele não pode ver mulheres, já que uma bateu nele por outra em uma caminhada e, como ele é um pretencioso desde que recebe seu favor, vai querer vingar-se das moças que eu trouxe, e vai até expulsá-las, por mais bonitas que sejam, mesmo que vós as queirais.

O chinês ficou furioso, acreditando que o capelão iria tirar seu prazer; tão furioso que disse:

– Que história é essa de expulsar a pauladas de minha casa qualquer mulher que eu queira? Se ele atrever-se a fazer isso, vou expulsá-lo. Vá e traga-me as mulheres mais bonitas que puder encontrar.

Muito satisfeito, saí em busca das madames que me encomendaram, acreditando que, com a intriga que eu tinha implantado, o capelão deveria sair de casa, e eu voltaria a ser dono da confiança do chinês.

Eu não gostava muito do ofício de alcoviteiro, nem tinha testado alguma vez minha habilidade para isso. Ficava envergonhado de sair com tal missão para onde reúnem-se as coquetes, porque eu não era velho e nem estava malvestido. Desse modo, temia seus deboches e, sobretudo, tremia ao considerar a velocidade com que elas conseguiriam desacreditar-me. Porém, ao mesmo tempo, a vontade de lidar com o dinheiro e de ver-me livre do capelão fez-me atropelar o pedacinho de honra que ainda guardava, e decidi pelo serviço.

(p. 815) Cheguei, vi e conquistei com mais facilidade que César. Procurar as sirigaitas¹⁵³³, encontrá-las e convencê-las a virem comigo servir o chinês foi tarefa de um instante.

Muito confiante, entrei no gabinete do chinês com minhas três donzelas, justo quando o capelão estava com ele. Este, depois de as ver e de as reconhecer pelas roupas modestas, ergueu as sobrancelhas e perguntou-lhes quem procuravam.

Elas se surpreenderam com tal pergunta, feita por um padre conhecido por sua virtude, e assim, sem poder falar direito, disseram-lhe que eu as havia levado e não sabiam para quê.

– Pois bem, filhas – disse-lhes o capelão –, ide com Deus, não há nada para vós aqui.

Saíram expulsas aquelas garotas, jurando vingança contra mim. O capelão confrontou-me e disse-me:

– Sem perder um instante de tempo, retirai vosso catre e baú e vos mudais, caluniador, falso e homem infame! Não vos basta serdes um patife, também precisais ser um alcoviteiro vil? Não estais contente com ter roubado esse pobre homem, mas, além disso, ainda quer que ele seja enganado por aquelas malucas? E, por fim, não achais suficiente condenar a vós mesmo, mas quereis condenar os outros? Sim! Ide com Deus, antes que eu chame dois oficiais de justiça para colocar-vos onde mereceis.

Pensai em como eu saí daquela casa com as orelhas queimando. Em frente ao saguão, estavam dois porteiros. Chamei-os, carregaram minhas malas e minha cama e saí sem me despedir.

Vestia meu casaco e ia com a bengala atrás dos carregadores, com vergonha até de mim mesmo, considerando que todos aqueles ultrajes que ouvira eram muito merecidos e consequências naturais de minha má conduta.

Estava virando uma esquina pensando em ir para a casa de um de meus amigos, quando eis que, para minha desgraça, lá estavam as três *señoritas* que

¹⁵³³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *cuzquillas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 815). O termo *cuzquilla* é um diminutivo de *cuzca* ou *cusca*. De acordo com o *Diccionario de Mejicanismos* (1974, p. 341-342), significa “rameira descocada e provocadora” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/342/mode/2up?view=theater&q=cuzca>. Acesso em: 05 nov. 2023.

tinham acabado de ser expulsas por minha causa. Assim que me reconheceram, uma delas agarrou-me pelos cabelos, outra, pela bainha da camisa, e entre as três, com muita fúria, arranharam-me e esmagaram tanto que, num piscar de olhos, arrancaram meus cabelos, arranharam meu rosto e rasgaram minhas (p. 816) roupas em tiras, sem deixar de maltratar-me oralmente, repetindo incessantemente o retumbante título de alcoviteiro.

Pelo esforço de alguns homens decentes que se tornaram testemunhas de minhas honras, elas finalmente me largaram, já contei acima como, e o pior foi que os carregadores, vendo-me tão bem ocupado e prendido pelas mulheres, foram embora com minhas tralhas sem que eu pudesse alcançá-los, porque não vi para onde eles vazaram.

Assim, todo espancado, despedaçado e sem um tostão, encontrei-me perto do horário das orações noturnas em frente à *Plaza del Volador*¹⁵³⁴, convertido no mais ridículo objeto para todo aquele que olhasse para mim.

Sentei-me num saguão e, às oito, levantei-me com a intenção de me enforcar.

¹⁵³⁴ **Transcrição da nota 761, da edição de 2008 (p. 816, retirado de Spell, p. 93-94): “A *Plaza del Volador*, ao sul do Palacio Nacional [na Cidade do México], era chamada desse modo porque lá era praticada a festa religiosa do *juego del Volador*. Em 1791, levantaram um barracão para servir de mercado, mas foi demolido sete anos depois para a celebração da tourada em ocasião da chegada do novo vice-rei” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: A nota 761 de Ruiz Barrionuevo não especifica o nome do vice-rei. De acordo com o blogue *HistoriMex* (2021), para o ano de 1791, aparecem listados dois nomes: o vice-rei número 52, Juan Vicente de Güemes Padilla Horcasitas y Aguayo (1789-1794), e o vice-rei número 53, Miguel de la Grúa Talamanca (1794-1798). Mais informações em: <https://historimex.com/todos-los-virreyes-de-la-nueva-espana/>. Para acessar as fotos da *Plaza del Volador*, visitar: [https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/search/catch_all_fields_mt%3A\(plaza%20del%20volador\)](https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/search/catch_all_fields_mt%3A(plaza%20del%20volador)). Acesso em: 14 nov. 2023.

(p. 817)

TOMO V

... Ninguém supunha que fosse seu o retrato, pois existem muitos diabos parecidos uns com os outros. Quem sentir-se atingido, procure a autopurificação, pois isso importa mais do que criticar e examinar meu próprio pensamento, locução, ideia ou os outros defeitos da obra.

Torres Villarroel, em seu prólogo
de *La barca de Aqueronte*.

(p. 818) Leila Shaí Del Pozo González
(Tradução)

O Periquitinho Sarnento

do *Pensador Mexicano*, José Joaquín Fernández de Lizardi

Terceira edição
Corrigida e ampliada por seu autor

TOMO V

México: 1831
Imprensa de Galván a cargo de Mariano Arévalo
Calle de Cadena nº 2
Expende-se na despensa de livros na esquina do portal
de Mercaderes e Agustinos¹⁵³⁵.

¹⁵³⁵ Nota da Tradutora: De acordo com a *Mediateca* do Instituto Nacional de História, do México, “o Portal dos Agustinos estendia-se da Calle de la Palma até a praça, onde mudava de nome para chamar-se Calle dos Mercaderes, continuando até a Calle de Plateros (hoje Madero). Em seu lugar, existia o Centro Mercantil, hoje Hotel da Cidade do México. O Portal de Mercaderes foi preservado, embora o prédio tenha sido quase todo reconstruído” (Nossa tradução). Disponível em: <https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/fotografia:368492>. Acesso em: 14 nov. 2023.

(p. 819) **Capítulo I**

No qual nosso Quitinho conta como quis enforcar-se; o motivo pelo qual não o fez; a ingratidão que experimentou de um amigo; o horror que sofreu em um velório; sua saída desta capital e outras coisinhas

É verdade que Deus, muitas vezes, testa seu povo no cadinho da tribulação; mas, muitas vezes, os ímpios sofrem porque querem. Quantas vezes os homens reclamam das dificuldades de que padecem, afirmando que a desgraça os persegue, sem perceber que eles próprios a merecem e a atraem com seu comportamento imprudente!

Tais palavras, eu disse a mim mesmo na noite em que me encontrei no triste estado que mencionei e, desesperado ou cansado de existir, tentei me enforcar. Para isso, vendi meu relógio numa loja pela primeira oferta que me deram; bebi de uma vez só um *cuartillo*¹⁵³⁶ de aguardente para ter coragem e perder o juízo, ou, o que é a mesma coisa, para não sentir quando o diabo estivesse me levando. Esse é o valor que a aguardente infunde.

Com a porção de álcool que mencionei ter no estômago, comprei meio real de corda, dobrei-a, guardei-a debaixo do braço e marchei com ela e com meu maldito propósito para o passeio conhecido pelo nome de Paseo de la Orilla¹⁵³⁷.

Cheguei lá meio bêbado por volta das dez da noite. A escuridão, a solidão do lugar, as árvores robustas que nele abundam, o desespero que tinha e os vapores da bebida brava convidavam-me a executar minhas intenções iníquas.

Finalmente decidi-me. Fiz o laço, preparei uma pedra que amarrei com dificuldade na cintura para (p. 820) dar-me peso, subi no banco de madeira que tinha perto de uma árvore, para balançar com mais facilidade e, assim que terminei essas importantes tarefas, tentei prender o laço na árvore; mas, isso tinha de ser feito amarrando a árvore com a mesma corda para segurar a ponta que me suspenderia.

¹⁵³⁶ Nota da Tradutora: Vale lembrar que *cuartillo* equivale a aproximadamente 0,5 L. Para mais informações, ver nota 735 de nossa tradução.

¹⁵³⁷ **Transcrição da nota 1, da edição de 2004 (p. 460): “Paseo de la Orilla, agora conhecida como a Calzada de la Viga: esta avenida seguia para sudeste, para fora da cidade, a partir da igreja e do colégio de San Pablo (mencionados abaixo, a meio quilômetro a sudeste do centro da cidade), margeando o que então era o Canal de la Viga. De acordo com Spell (p. 191), era ‘um dos mais populares locais de lazer da capital’” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: Para ter uma ideia do lugar, sugerimos ver a pintura feita em 1908, disponível em: <https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/fotografia:140077>. Acesso em: 30 nov. 2023.

(p. 820) Com o maior fervor, comecei a jogar a corda até o galho mais forte para verificar o laço, mas não foi possível consegui-lo, porque a aguardente perturbava cada vez mais minha cabeça, e tirava a firmeza de meus pés e a precisão de minhas mãos. Não consegui fazer o que queria. A todo momento, eu caía no chão, armado com minha raiva e desespero, explodindo em mil blasfêmias e invocando todo o inferno para ajudar-me nessa proposta de negócio de interesse para ele.

Duas horas passaram-se quando eu já estava muito cansado com a pedra, o trabalho e as porradas que levava, e percebendo que até mesmo ficar em pé custava-me muito, temendo que amanhecesse e alguém me encontrasse engajado em tal empreendimento criminoso, tive de desistir, mais por força do que por vontade. Tirando a pedra, jogando o laço na vala e procurando um lugar confortável, devolvi tudo o que tinha no estômago, deitei para dormir na terra nua e dormi com tanta satisfação como se fosse na cama mais macia.

O sono da embriaguez é pesado, tão intenso que eu mal teria percebido se carruagens tivessem passado sobre mim, assim como não percebi aqueles que me fizeram a gentileza de tirar meus trapos, embora as malditas prostitutas tenham os deixado em frangalhos.

Quando os espíritos do vinho que ocupavam meu cérebro se dissiparam, acordei e vi-me por volta das sete horas apenas em camisa. Meu estado era lastimável.

Imaginaí, agora, eu nessa indumentária, naquela hora e naquele lugar! Todos os índios que passavam por ali viam-me e riam; mas, suas risadas inocentes eram, para mim, um terrível vexame, que me enchia de raiva, tanto que me arrependi, uma e outra vez, de não ter conseguido me enforcar.

Nessa situação tão fatídica, uma pobre e velha índia veio até mim e, sentindo pena de meu infortúnio, perguntou-me a causa. Conteí-lhe que, na noite anterior, tinham-me roubado, e a infeliz, (p. 821) cheia de compaixão, levou-me para sua triste choupana, deu-me *atole* e tortilhas quentes com um pedaço de *panocha*¹⁵³⁸, e deu-me, para vestir, as roupas que sobravam de seus filhos, que eram calções de couro,

¹⁵³⁸ ***Nota da Tradutora: Pelas descrições do *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 797), a *panocha* é similar a nossa rapadura. Para mais informações, visitar: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/796/mode/2up?view=theater&q=panocha>. Acesso em: 30 nov. 2023.

sem forro, um gibão feito de manta listrada de algodão, muito velho, um chapéu de palha e, para calçar, uns *huaraches*¹⁵³⁹. Quer dizer, vestiu-me com o traje de um índio infeliz; (p. 821) mas, pelo menos, deu-me de vestir, cobriu minhas carnes, abrigou-me, ajudou-me e fez tudo o que pôde por mim. Cada vez que me lembro dessa índia beneficente, meu coração amolece-se e a julgo, em sua classe, como uma heroína da caridade, pois ela deu-me tudo o que podia e sem outro interesse a não ser o de beneficiar-me, sem nenhum mérito de minha parte. Hoje, gostaria de encontrá-la novamente para retribuir sua generosidade. Como é verdade que, em todas as classes do Estado, existem almas beneficentes, e que, para ser assim, é preciso mais coração do que dinheiro! E, sendo assim, tocado pela expressão que minha pobre índia acabara de merecer, agradeci-lhe muito, abracei-a com ternura, beijei-lhe o rosto enrugado e saí para a rua.

Minha intenção era ir para a cidade, mas, vendo minha indumentária deplorável, e considerando que, no dia anterior, eu tinha andado de carruagem e vestido como um cavalheiro, demorei muito tempo para andar, porque, a cada passo que dava, parecia-me que estava movendo uma torre de chumbo.

Caminhei pela *Plazuela* de San Pablo¹⁵⁴⁰ e por aquelas bandas, por cerca de duas horas, sem conseguir decidir se entraria na cidade ou não. Em uma dessas hesitações, fui parar em um saguão da chamada *Calle Manito*, e ali permaneci, como se estivesse de sentinela, até uma hora da tarde, quando a fome já apertava e não sabia onde saciá-la. Nesse momento, entrou naquela casa um de meus maiores amigos, a quem, pontualmente, eu tinha convidado para almoçar com a mulher e os *sotacuñados*¹⁵⁴¹ no dia anterior.

(p. 822) Assim que me viu, parou, olhou-me com atenção e, quando certificou-se de que era eu, quis fazer-se de desentendido e entrar em sua casa sem falar

¹⁵³⁹ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), os *huaraches* ou *guaraches* são uma “espécie de sandálias toscas de couro” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/guarache?m=form&m=form&wq=guarache>. Acesso em: 30 nov. 2023.

¹⁵⁴⁰ **Nota da Tradutora: A *Plazuela* de San Pablo sofreu várias modificações ao longo do tempo. Nela, foi construída uma das primeiras capelas para o serviço de missas para indígenas. Logo, o prédio foi transformado no Colégio Agostinho San Pablo. Em 1847, o espaço foi utilizado como hospital, e em 1860, tornou-se definitivamente um hospital. Para mais informações, visitar: <https://mediateca.inah.gob.mx/repositorio/islandora/object/fotografia%3A461218>, <https://mexicocity.cdmx.gob.mx/venues/san-pablo-el-nuevo-temple-san-pablo-zoquipan/?lang=es>, e <https://mexicocity.cdmx.gob.mx/venues/san-pablo-el-viejo-temple/?lang=es>. Acesso em: 30 nov. 2023.

¹⁵⁴¹ Transcrição da nota 763, da edição de 2008 (p. 821): “*Sotacuñados*: o termo é aplicado ironicamente sem implicação familiar” (Nossa tradução).

comigo. (p. 822) Porém, eu, que pensava achar nele algum consolo, não consenti e, dominando minha vergonha causada por meu traje de índio, peguei-o pelo braço e disse-lhe:

– Sou eu, Anselmo. Não me ignores. Sou Pedro Sarmiento, teu amigo, o mesmo que te serviu segundo suas possibilidades. Esta veste é aquela que meu infortúnio me destinou. Não vires o rosto nem finjas que não me conheces! Eu já te disse quem sou. Ontem, caminhamos juntos, e juraste-me que serias meu amigo para sempre, que te lisonjeavas com minha amizade e que esperavas por ocasiões em que poderias me retribuir pelas gentilezas que me devias. Essa é a oportunidade, Anselmo. Já a tens na porta de tua casa, sem saber, com teu infeliz amigo Sarmiento, desamparado na maior desgraça, sem conseguir olhar nos olhos de ninguém, sem choupana para abrigá-lo ou tortilha para alimentá-lo, vestido em algodão de índio e uns calções de camurça muito indecentes, que a caridade de uma velha miserável lhe deu; aqueles que, embora cubram seu corpo, impedem-no, por sua própria indecência, de aparecer na Cidade do México para implorar o favor de seus outros amigos. Foste meu amigo e, muitas vezes, honraste-me com esse doce nome. Cumpre-o, então, e ajuda-me com alguns trapos velhos e algumas migalhas de tua mesa.

– O que achas, malandro? – disse-me o amigo cruel. – Achas que sou um tosco como tu? Achas que podes enganar-me com quatro mentiras? *Don* Pedro Sarmiento, com quem te pareces um pouco, é, de fato, meu amigo; mas ele é um homem fino, um homem de bem e um homem de posses, e não um patife preguiçoso, vagabundo e pelado. Vá com Deus!

Sem esperar resposta, ele entrou no pátio de sua casa, batendo as portas em minha cara.

Não é preciso dizer como devo ter ficado diante de tanto desprezo, mas vou deixar isso à consideração do leitor, pois algumas fatalidades acontecem no mundo com tanta magnitude que nenhuma consideração é suficiente para explicá-las com a energia que merecem, e o silêncio torna-se seu melhor intérprete.

Entre a raiva e o desespero, a tristeza e o remorso, (p. 823) fiquei no saguão, ruminando sobre o incidente que acabara de acontecer comigo. Nesse momento, queria retirar-me daqueles recintos, que devem ter sido tão odiosos para mim; queria esperar por Anselmo e despedaçá-lo entre minhas mãos, mas acalmei minha raiva

quando me lembrei de que ele falou bem de mim e não me reconheceu. Não há dúvida, eu disse para mim mesmo: ele é meu amigo e me ama. Esta roupa e a difícil noite passada talvez tenham deixado-me desfigurado de uma forma que ele não me reconheceu. Esperarei por ele neste lugar, e se, depois de eu lhe provar que sou Pedro Sarmiento, ele não quiser me reconhecer, afastar-me-ei de sua vista como o faria de um monstro horrível, de um *vestiglo*¹⁵⁴². Eu detestarei sua amizade, abominarei seu nome e irei para onde Deus quiser.

Assim lutei com minha imaginação até o momento das orações da noite, quando Anselmo desceu com o sabre desembainhado e disse-me:

– Parece que virastes uma pedra em minha casa. Saia, que vou fechar a porta!¹⁵⁴³

– Quando falei convosco na primeira ocasião – eu lhe disse –, foi acreditando que me reconheceríeis como amigo, e, validando esse sagrado, ousei implorar vosso favor. Agora, não estou vos pedindo nada; apenas vos digo que não sou um malandro como dizeis, nem uso o nome de *Don* Pedro Sarmiento, mas que sou o próprio. E, como prova disso, lembrai-vos de que, ontem, fostes comigo e com vossa querida Manuelita, com os dois irmãos dela e uma criada, ao restaurante de la Orilla, onde paguei o almoço, (p. 823) que foram *envueltos*¹⁵⁴⁴, cozido de frango com *adobo*¹⁵⁴⁵, *pulque de tuna*¹⁵⁴⁶ e de abacaxi.

“Lembra-vos de que o almoço custou oito pesos e o paguei em ouro. Lembrai-vos de que, quando lavei minhas mãos, tirei um anel de brilhantes, e vossa dama, encantada com ele, elogiou-o muito, colocou-o no dedo, e eu o dei a ela, por cuja generosidade me agradecesteis muito, elogiando minha bondade. Lembrai-vos de

¹⁵⁴² Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), do baixo latim *besticulum*, o termo significa “monstro fantástico horrível” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/vestiglo?m=form&m=form&wq=vestiglo>. Acesso em: 01 dez. 2023.

¹⁵⁴³ Nota da Tradutora: A personagem, aqui, inicia o diálogo no tom formal. Periquitinho continuará a conversa no mesmo nível formal até o momento em que seus verdadeiros sentimentos se mostram.

¹⁵⁴⁴ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 823), o *envuelto* é uma “tortilha de milho temperada, geralmente com tomate; por cima é colocado algum outro guisado, como ovos mexidos, e depois é enrolado o conjunto de *envueltos*, novamente se temperam com tomate, pimenta chili verde, queijo, cebola e linguiça [conhecida por *longaniza*]” (Nossa tradução). Disponível em: <https://context.reverso.net/traducao/espanhol-portugues/longaniza>. Acesso em: 01 dez. 2023.

¹⁵⁴⁵ *Nota da Tradutora: O *adobo* é um molho apimentado muito tradicional da cozinha mexicana, usado para marinar e temperar carnes. Para mais informações, visitar: <https://www.recetasgratis.net/receta-de-adobo-mexicano-76072.html>. Acesso em: 01 dez. 2023.

¹⁵⁴⁶ *Nota da Tradutora: A *tuna* é o figo-da-índia, fruto do *nopal*. Para mais informações, visitar: <https://www.reformaagraria.pt/blog/figos-da-india-opuntia-sabores-mexicanos/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

que, enquanto caminhávamos nós dois sozinhos por uma daquelas *galeras*¹⁵⁴⁷, vós me dissestes que vossa mulher (p. 824) desconfiou de vossos podres¹⁵⁴⁸ (essas foram as vossas palavras), que por isso brigavam com frequência, e que estáveis pensando em abandoná-la e levar Manuelita para Querétaro, onde ela teria um fim. Lembrai-vos de que eu vos disse para não fazer tal coisa, porque seria acrescentar uma mágoa a uma injustiça; que sobrelevasse vossa esposa e tentásseis negar-lhe tudo o que ela sabia, não lhe désseis motivos para suspeitas, que a amasseis e a tratásseis com prudência, pois, afinal, ela era vossa esposa e mãe de vossos filhos. Enfim, lembrai-vos de que, quando nos separamos, coloquei Manuelita no carro, e ela pisou na túnica de percal¹⁵⁴⁹ no estribo e o rasgou.

“Esses são muitos detalhes e muito específicos para que considereis duvidar de minha verdade. Se meu semblante está desfigurado e minha vestimenta não corresponde a quem sou, isso foi causado pelas adversidades de meu destino e pelas vicissitudes dos homens, das quais nem vós podeis fugir, e talvez amanhã vos encontreis em uma situação mais deplorável que a minha.

“Negar que me conheceis será uma tenacidade vil depois de eudar-vos tantos sinais, e depois de tanto tempo ouvir-me, porque, embora os rostos estejam desfigurados, as vozes permanecem em seu tom, e é muito difícil não reconhecer a pessoa pela voz, o que já acontece há muito tempo.

– Tudo o que proferistes – disse-me Anselmo – prova que sois um idiota de primeira, e que, para enganar-me, aproximastes-vos de mim e investigastes minha vida privada, talvez usando intrigas com meu amigo Sarmiento para saber meus segredos por ele. Mas, errastes o caminho. Agora, menos que nunca, não deveis esperar de mim nem uma moeda sequer; antes, suspeitava de vós como de um malandro refinado...

¹⁵⁴⁷ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 544), dá-se o nome de *galera* “a uma sala de grandes dimensões vazia e sem ornamentação” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/544/mode/2up?view=theater&q=galera>. Acesso em: 02 dez. 2023.

¹⁵⁴⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *que su mujer le había oído la podrida* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 823). De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 823, nota 765), *podrida* seria “podre, a má ação, o engano” (Nossa tradução).

¹⁵⁴⁹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *túnico de coco* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 824). O termo *coco* já foi visto na nota 1489 (p. 871) de nossa tradução.

(p. 824) – Mata-me com esse sabre! – disse-lhe eu, interrompendo-o. – Mata-me, antes que tua língua me machuque com tais insultos, insultos proferidos por um amigo! É este, Anselmo, teu carinho? Estas são tuas reciprocidades? Estas são tuas palavras? O que mais resta para um vulgar do povo quando tu, que te orgulhas de ser nobre, ages de forma tão vil, que não apenas não retribuis os favores, mas obstinadamente finges não reconhecer a própria pessoa a quem deves? Anselmo, amigo, já que tu não sentes pena de mim como alguém que foi seu amigo, sintas pena de mim pelo menos como um infeliz que se refugia a (p. 825) tua porta. Bem sabes que a religião obriga todos os cristãos a exercerem a caridade com os amigos e os inimigos, com os próprios e com os estranhos; e então, não me consideres um amigo, mas consideres-me um infeliz e pelo amor de Deus...

– Pelo amor de Deus – disse aquele tigre –, devíeis ir, já é tarde, e já estou desconfiado de vossa conversa e de vossa demora. Sim, acho que sois um ladrão e que ficareis esperando que vossos companheiros se juntem para roubar minha casa. Saia daqui antes que eu mande chamar o guarda do bivaque.

– O que é isso de ladrão? – eu lhe disse, cheio de raiva – Tu serás ladrão, malandro e vilão! Malnascido! Canalha ingrato!

Anselmo não se atreveu a usar o sabre. Não aconteceu como eu temia, mas fez uso de sua língua. Começou a gritar: *socorro, socorro, ladrões, ladrões*, o que me deixou mais intimidado do que com o sabre. Eu, temendo que pessoas se juntassem com o escândalo e eu me visse novamente preso por esse homem perverso, saí de sua casa, renunciando a sua amizade e a todos os amigos que existem no mundo, mais ou menos semelhantes ao infame Anselmo.

Por volta das oito da noite, abrigado pela escuridão, entrei na cidade, morrendo de fome e de raiva de meu amigo falso e desleal. – Ah! –dizia a mim mesmo. – Se eu tivesse agora o diamante que ontem dei à porca de sua amiga, teria algo para vender ou para penhorar e matar minha fome. Mas, agora, o que vou penhorar? Ou, do que me valerei se não tenho mais nada que valha um real, além da camisa? Mas seria possível tirar a camisa? Não tenho alternativa: não há nada melhor, tiro-a.

Fazendo esse solilóquio, tirei-a e, como estava limpa e quase nova, não foi difícil conseguir oito reais por ela, com os quais jantei fartamente e comprei cigarros.

(p. 825) Ocupado fazendo a penhora e a janta, gastei o tempo sem perceber, de modo que, quando saí da taberna, eram passadas as dez horas, horário em que não encontrei nenhum *arrastraderito* aberto.

Desconsolado por não poder utilizar meus antigos esconderijos, resolvi passar a noite vagando pelas ruas sem destino, e temendo, em cada uma delas, cair nas mãos de uma ronda de patrulha, até que, felizmente, encontrei, no bairro de (p. 826) Santa Ana, um *acessório* aberto para a ocasião de um velório.

Entrei sem ser chamado e vi um morto deitado com suas quatro velas, seis ou oito *léperos* de luto e uma velha adormecendo ao lado do braseiro com o leque na mão.

Cumprimentei os vivos com cortesia e dei meio real para ajudar no enterro do morto.

Minha piedade comoveu aqueles indivíduos e, recebendo seus agradecimentos, fiquei com eles em boa paz e companhia.

Quando cheguei, eles estavam contando histórias. À meia-noite, rezaram um terço bocejando, cantaram muito mal um alabado e beberam com gosto um *tecomate*¹⁵⁵⁰ de *champurrado*¹⁵⁵¹. E eu não fiquei apenas observando.

Por volta de uma da manhã, a velha deitou-se e roncou como um cachorro, e, para que não fizéssemos todos o mesmo, uma pessoa caridosa tirou um baralho de cartas e ficamos num canto para apostar nossos *albures* pela alma do falecido.

Arrancaram tudo de mim em apenas um tempinho, pois minha habilidade estava muito fraca e a sorte decidiu contra mim. No entanto, continuei embaralhando e fui bancário do jogo para ver se conseguia também alguma coisa, mas nossa vela acabou e não houve outra opção senão pegar emprestada uma vela do morto.

¹⁵⁵⁰ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1018), o *tecomate* é um “vasilhame geralmente de barro em formato de tigela ou, na região sudeste, feito do epicarpo de certos frutos, como cabacas [...] [outros nomes, do *Lagenaria siceraria*, mencionados no dicionário são: *bules*, *guajes*, *cocos*] etc. É utilizado para beber nele” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1018/mode/2up?view=theater&q=tecomate>. Para mais informações sobre a planta *Lagenaria siceraria*, visitar: <https://agro-cultura.mx/articulo/buleguaje-calabaza-porongo-jumate-tecomat>. Acesso em: 04 dez. 2023.

¹⁵⁵¹ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 353), o “*champurrado*, bebida muito utilizada, é composto por atole e chocolate” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/352/mode/2up?view=theater&q=champurrado>. Acesso em: 04 dez. 2023.

(p. 826) Antes disso, fecharam o local, temendo que passassem os guardas e nos encontrassem jogando. Ninguém soube quem trancou, nem quem tinha a chave. Era um quartinho redondo¹⁵⁵², com uma janela que caía numa vala muito imunda; o vigamento estava em péssimas condições, e o morto tinha sido colocado, sem perceber, em uma viga à qual faltava apoio na extremidade. Então, quando um daqueles enlutados tristíssimos passou pelos cantos para continuar jogando, pisou na (p. 827) viga do cadáver, onde não havia apoio. Com o peso, afundou-se e levantou a viga, erguendo, ao mesmo tempo, o corpo do falecido. Isso, testemunhado por mim e por meus camaradas, causou-nos grande horror, pois acreditamos que o morto erguia-se para nos punir. Todos nos levantamos imediatamente, atropelando-nos para sair, e cada um gritando as orações que conhecia.

É fácil conceber que logo, logo ficamos no escuro, passando pelo e até tropeçando sobre o homem morto, e o sujeito que estava no buraco gritava incessantemente que o diabo o levava. A velha infeliz não estava melhor, pois todos caíamos sobre ela o tempo todo. A cada trombada de um com outro, pensávamos que o outro era o morto. A aflição aumentava a cada momento porque a chave não aparecia, até que um de nós conseguiu abrir a janela e sair por ela. Seguindo esse exemplo, todos fizemos o mesmo, sem nos lembrarmos da vala. Com isso, um após o outro, caímos nela e saímos enlameados, de lodo e de algo pior; mas, no final, partimos sem apresentar a menor consideração pela pobre velha, que ficou para acompanhar o falecido. Cada um foi para sua casa, e eu fui para a do mais maltrapilho de todos, que mostrou alguma pena de mim.

Depois que chegamos lá, ele acordou sua mulher e contou-lhe o momento de horror que passamos, com a maior formalidade, dizendo como o morto havia se levantado e batido em todos nós. A mulher não quis acreditar, e no debate sobre se aconteceu ou não, perdemos o que restava da noite; e, à luz do novo dia, a mulher acreditou em nossa história de terror ao ver nossos rostos sem cor. No tocante à queda que tivemos no lamaçal, ela não teve a menor dúvida, porque, assim que

¹⁵⁵² *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 320), chama-se de “quarto redondo à peça das casas da vizinhança que não tem nenhum cômodo extra e apenas a abertura da porta de entrada com, raras vezes, uma janela” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/320/mode/2up?view=theater&q=redondo>. Acesso em: 04 dez. 2023.

entramos, (p. 827) seu nariz disse tudo, e, embora não houvesse luz, ela acreditou que estávamos como mais vernizados¹⁵⁵³ do que ela via.

De qualquer forma, a coitada lavou a mim e ao marido no coxo e depois deixou ambos abrigados com um cobertor velho, enquanto nossos trapos secavam.

(p. 828) Embora os meus se resumissem a duas peças, o gibão e os calções, porque o chapéu e os *huaraches* ficaram na lida, demoraram para secar, de modo que meu amigo já estava vestido e eu não conseguia mover-me do lugar.

A pobre mulher deu-me um pouco de atole e duas tortilhas. Bebi mais por força do que por desejo, e depois, para distrair minha tristeza, afiei um carvão, fiz ponta e, no verso de um santinho que estava jogado a meu lado, escrevi as seguintes décimas.

*Homens, comigo aprendei
O que vai de ontem para hoje;
Que ontem fui conde e vice-rei
E nem 'petatero'¹⁵⁵⁴ sou¹⁵⁵⁵ hoje.*

Ninguém viva enganado
Acreditando que a fortuna,
Se for próspera, deve ser uma
Sem virar o rosto irritado.
Vivam todos com cuidado,
Por si cada um olhe,
O que é trivial sorte
E muda-se a cada instante.
Eu sou exemplo ambulante:
Homens, comigo aprendei.

¹⁵⁵³ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ella creía que estábamos maqueados* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 827). De acordo com o *DRAE* (2023), o verbo *maquear* significa “enfeitar móveis, utensílios ou outros objetos diversos com tinta ou douramento, utilizando o maque” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/maquear?m=form&m=form&wq=maquear>. Acesso em: 04 dez. 2023.

¹⁵⁵⁴ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 839), o “*petatero* é aquele que fabrica ou vende *petates*” (Nossa tradução). O *petate* é uma esteira de palmeira trançada. Para mais informações sobre *petate*, ver a nota 671 de nossa tradução. Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/838/mode/2up?view=theater&q=petatero>. Acesso em: 06 jan. 2023.

¹⁵⁵⁵ Nota da Tradutora: De acordo com Ruiz Barrionuevo (2008, p. 828), o verso também tem a intenção de imitar Góngora. Para mais informações, sugerimos rever a nota 870 de nossa tradução.

(p. 828)

Sei muito bem que são quimeras
As fortunas fabulosas,
Mas há *épocas ditosas*,
E chamem-se do que quiser.
Se eu soubesse aprazer
Uma dessas, certeza tenho
Não estaria como estou;
Mas eu desprezei a alegria,

(p. 829) E agora olho para minha miséria
O que vai de ontem para hoje.

Ontem eu era um cavalheiro
Com um porte muito brilhante;
E hoje me vejo reduzido
A alguns calções de couro.
Ontem eu tinha muito dinheiro;
E hoje sem um maravedí
Eu choro, triste por mim!
Sentindo minha presunção
Ainda que em minha imaginação
De que ontem fui conde e vice-rei.

Neste mundo vário
Ontem fui médico e soldado,
Barbeiro, subdelegado,
Sacristão e boticário.
Fui frade, fui secretário,
E mesmo agora pobre estou,
Fui comerciante de comboio,
Estudante e bacharel.
Mas, ai de mim! isso foi ontem
E hoje nem petatero sou.

(p. 829) Depois de terminar meus versos, procurei guardá-los na memória e coleí-os com atole na porta da casinha.

Meu gibão já estava seco, mas meus calções estavam encharcados, e eu, que estava desesperado para ir à procura de novas aventuras, não tive paciência de esperar o sol secá-los. Em vez disso, peguei-os e coloquei-os para secar próximo ao *tlecuile*¹⁵⁵⁶ ou fogão onde a mulher fazia tortilhas. No entanto, tendo saído para ir ao banheiro, quando voltei, encontrei-os secos, mas *achicharrados*¹⁵⁵⁷.

(p. 830) Não consigo ponderar a tristeza que senti ao ver meus únicos pertences inutilizados. O amigo, depois de ficar sabendo de meu infortúnio, deu-me um pouco de sebo bovino e aconselhou-me a esfregá-los com ele para que amolecessem um pouco.

Apliquei-lhes o remédio e ficaram mais flexíveis, mas não melhores, porque onde o fogo penetrou, não valia a pena o esforço: os pedaços *achucharrados*¹⁵⁵⁸ caíram e tive mais buracos do que o necessário, o que não me agradou muito, porque não tinha calções brancos. Mesmo assim, eu os coloquei, e como estavam escurecidos de fuligem e cheios de buracos, a brancura de minha pele destacava-se por si só, e fiquei parecido com um tigre.

Percebendo o ridículo dessa situação e querendo remediar, peguei um pouco da mesma fuligem e misturei com um pouco de sebo, fiz uma tinta, e com ela pintei minha pele, deixando-a, assim, mais aceitável.

Os donos da casa tiveram pena de mim, mas riram de minhas providências, e sabendo que minha intenção era sair do México naquele momento em busca de fortuna, disseram-me para ir a Puebla, que talvez lá encontrasse onde trabalhar. Ao mesmo tempo, deram-me feijão para o almoço, e a mulher deu-me um *itacate*¹⁵⁵⁹, ou

¹⁵⁵⁶ *Transcrição da nota 772, da edição de 2008 (p. 829, retirado do *Pequeño vocabulário*, da quarta edição): “*Tlecuile*, do asteca *tlecuilli*: lareira ou fogão formado por três pedras, sobre as quais é colocado o *comal* [espécie de chapa de argila ou metal] para tortilhas, ou a panela para cozinhar alimentos; no espaço deixado pelas pedras, acomoda-se lenha ou carvão” (Nossa tradução).

¹⁵⁵⁷ ***Transcrição da nota 772, da edição de 2008 (p. 829, retirado do *Diccionario de mejicanismos*): “*Achicharrarse*, encolher-se, enrugar-se, endurecer-se devido ao excesso de *secura* ou calor” (Nossa tradução).

¹⁵⁵⁸ ***Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), o verbo *achucharrar*, no espanhol do México, significa “enrugados, encolhidos” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/achucharrar?m=form>. Acesso em: 05 dez. 2023.

¹⁵⁵⁹ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 621), o “*itacate*, do asteca *itacatl*, *bastimento* [Nossa tradução: boia, do vocabulário popular], [é a] provisão de alimento que se leva embrulhada para viagens ou passeios” (Nossa tradução). Disponível em:

lancheira, com tortilhas, um pedaço de carne assada e duas ou três pimentas. Ela embrulhou tudo em um pano pequeno sujo e eu o amarrei na cintura.

(p. 830) Então, depois de almoçar, agradei-lhes, procurei um pedaço de pau para servir de bordão, peguei um chapéu surrado que estava caído em um atoleiro, coloquei-o, despedi-me de meus anfitriões e tomei o caminho para a guarita de San Lázaro¹⁵⁶⁰.

Cheguei ao povoado de Ayotla¹⁵⁶¹, onde dormi, naquela noite, sem mais novidades além de terminar, na hora da janta, com minhas reservas.

No dia seguinte, levantei-me cedo e continuei meu caminho para Puebla, vivendo de esmola até chegar a Río Frío¹⁵⁶², onde me aconteceram as aventuras que lereis no capítulo seguinte.

<https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/620/mode/2up?q=itacate>. Acesso em: 05 dez. 2023.

¹⁵⁶⁰ **Nota da Tradutora: A guarita de San Lázaro é outro ponto histórico da Cidade do México. Antes da chegada dos europeus, o lugar era conhecido por ser a entrada à Tenochtitlan. Para mais informações, visitar: <https://www.local.mx/ciudad-de-mexico/san-lazaro/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

¹⁵⁶¹ **Nota da Tradutora: O povoado de Ayotla pertence ao município de Ixtapaluca, às margens do pântano do Chalco, no Estado do México, passagem obrigatória para quem viajava para Puebla. Para mais informações, visitar: <https://pochtecas.com.mx/ayotla/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

¹⁵⁶² **Nota da Tradutora: Parque natural, a menos de uma hora da Cidade do México. Conhecido por suas paisagens montanhosas, o lugar é visitado para fazer trilhas. Para mais informações sobre o parque natural Río Frío, visitar: <https://www.escapadah.com/destinos/2022/5/18/rio-frio-el-parque-menos-de-una-hora-de-cdmx-perfecto-para-hacer-senderismo-2226.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

(p. 831) Capítulo II

No qual Periquitinho refere-se ao encontro que teve com alguns ladrões, quem eram eles, como o presentearam e as aventuras que passou acompanhado deles

Não há nada de fabuloso na história que ouvireis, meus queridos filhos. Tudo é verdade, tudo é natural, tudo aconteceu comigo e muito disso tudo, ou talvez mais, aconteceu, acontece e pode acontecer com quem vive como eu, dedicado à devassidão, e quer sustentar-se e viver no mundo às custas dos outros, sem ter emprego nem ofício, nem querer ser útil aos demais irmãos com seu trabalho.

Se todos os homens tivessem a coragem e a sinceridade de escrever as angústias que sofreram, moralizando e confessando sem malícia seu comportamento, sem dúvida veríeis exposta uma porção de *Periquitinhos*, que agora estão encobertos, seja por vergonha ou por hipocrisia, e entenderíeis com mais profundidade o que vos disse, isto é: que o homem preguiçoso, dissipado e vicioso sofre mais na vida do que o homem prudente e de bem viver. Convenhamos que, nesta vida triste, todos sofrem; mas, sem proporção, os malvados sofrem mais em todas as classes da república, seja por uma ordem natural das coisas, seja por um castigo da Divina Providência determinada a executar sua justiça ainda nesta vida miserável.

Por ser um desses perdidos, eu também precisava chorar desventurado, e que minhas desgraças aumentassem na mesma medida do mal que fiz por uma consequência necessária, em consonância com os princípios que temos estabelecidos.

(p. 832) Parei minha história quando contei como caminhei até Puebla, nu, faminto, cansado, desonrado entre aqueles que ficaram sabendo de meu mau comportamento, desprezado por meus amigos e abandonado por todos.

Assim, cheio de profunda melancolia e do remorso interior que devorava meu coração, além de virem à mente minhas más ações, cheguei, numa hora dessas, ao anoitecer, a uma estalagem perto do Río Frío, onde pedi, pelo amor de Deus, para que me dessem hospedagem. Consegui. Afinal, Deus pune, mas não destrói seus filhos, mesmo que sejam ingratos com ele. Comi o que me deram e dormi num palheiro, feliz por encontrar algo macio para me deitar, já que, nas noites anteriores, tinha dormido no chão duro.

(p. 832) No dia seguinte, acordei cedo, e o estalajadeiro, que conhecia meu trajeto, disse-me para tomar cuidado, pois havia uma quadrilha de ladrões naquela estrada. Agradei-lhe pelo aviso, mas não desisti da tentativa, certo de que, não tendo nada que pudessem roubar, poderia caminhar tranquilamente diante desses ladrões, como Juvenal¹⁵⁶³ nos deixou por escrito.

Mergulhado em mil pensamentos funestos, caminhava com a cabeça costurada ao peito e meu bastão na mão, quando, perto de mim, ouvi uma tropa de cavalos, levantei o rosto e vi quatro homens montados e bem armados, que me cercaram e, achando que eu era um índio, disseram-me:

– De onde saíste hoje e de onde vens?

– *Señores* – disse-lhes –, acabei de sair da estalagem e venho do México, a seu dispor.

Foi aí que descobriram que eu não era índio, e um deles, que pensei já ter visto antes, olhou para mim encarando, desceu do cavalo e, abraçando-me com muito carinho, disse-me:

– És tu Periquitinho, irmão? És tu Periquitinho? Sim, não há dúvida. Os sinais de teu rosto são os mesmos. Não me esqueço de meus amigos. Não te lembras de mim? Não reconheces teu velho amigo, o Gaviãozinho, a (imagem na p. 833, p. 834) quem tu deves tantos favores desde quando estávamos juntos na prisão?

Então o reconheci perfeitamente e, querendo aproveitar-me daquela situação favorável que a oportunidade proporcionou-me, apertei-o nos braços com tanto carinho que o pobre Gaviãozinho, em voz baixa, disse-me:

– Pronto, Quitinho, irmão, pronto, pelo amor de Deus, não me enforques antes do tempo.

– Agora, sim – disse-lhe eu, cheio de consolação e entusiasmo –, agora, meus problemas realmente se acabaram, porque tive a sorte de encontrar meu melhor amigo, a quem devo tantíssimos favores e de quem espero ajuda na amarga situação em que me encontro.

¹⁵⁶³ Transcrição da nota 766, da edição de 2008 (p. 832, retirado da edição da Unam, v. VIII, p. 106): “*Cantabit vacuus coram latrone viator* (Sátira X); anota [Fernández de] Lizardi em um fragmento do capítulo V do primeiro tomo de *El Periquillo* que eliminou na segunda edição, onde traduzia: ‘Diante do ladrão, o passageiro/ cantará se caminhar sem dinheiro’” (Nossa tradução).

(p. 834) – Então, o que aconteceu com tua vida, filho de minha alma? – Ele perguntou-me. – O que aconteceu contigo? Que aventuras ruins tiveste para eu ver-te tão diferente e tão desfigurado nessas roupas?

– O que poderia ser – respondi-lhe – senão que sou a pessoa mais infeliz que já nasceu de uma mãe. Depois que me separei de meu amigo João Dotado, que, sem prejuízo do presente, era um homem de bem e um amigo tão bom quanto tu, tive mil aventuras favoráveis e adversas; embora, verdade seja dita, tenha tido mais más do que boas...

– Bom, é uma longa história – disse-me o mulatinho, interrompendo-me. – Sobe em meu cavalo. Iremos àquele morro, e ali poderemos conversar com mais calma, porque, se ficarmos nas estradas reais, assustamos a caça.

– Não entendo essa coisa de espantar a caça – disse a ele –, porque nunca vi caça em estradas reais, mas em florestas e lugares não percorridos por homens.

– Tens cabeça de criança! – disse-me o Gaviãozinho. – Quando souberes que não estamos caçando coelhos ou tigres, mas, sim, homens, entenderás facilmente o que eu disse. Por enquanto, monta comigo, que é o que importa para ti.

Obedeci a seu preceito imperioso. Subi, e todos nos conduzimos a uma pequena colina, que não ficava longe da estrada. Logo que chegamos, descemos, eles esconderam os cavalos atrás das saias da montanha e nos sentamos no meio de uns arbustos, de onde podíamos ver muito bem, sem sermos vistos, o que estava acontecendo na estrada principal.

(p. 835) Já organizados nesta posição, o Gaviãozinho tirou de um saquinho de *cotense*¹⁵⁶⁴ um queijo muito bom, duas peças de pão¹⁵⁶⁵ e uma garrafa de aguardente.

¹⁵⁶⁴ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 305), “tecido grosseiro de cânhamo. Usado para cobrir fardos, limpar casas e outros usos” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/304/mode/2up?q=cotense>. Acesso em: 05 dez. 2023.

¹⁵⁶⁵ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dos tortas de pan* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 835). O termo *torta*, do vocabulário mexicano, é utilizado para se referir ao sanduíche. No entanto, o narrador, na linha seguinte, esclarece que ainda é a peça de pão, própria para sanduíche. Para mais informações sobre *torta*, visitar: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/960/mode/2up?q=torta>. Acesso em: 05 dez. 2023.

Ele desembainhou uma faca da *bota campanera*¹⁵⁶⁶, cortou os pães e o queijo, e todos começamos a beliscar.

(p. 835) Terminada a refeição, ele deu a cada um de nós um gole de aguardente, mas tão pouco que mal chegou a molhar a úvula. Meus olhos, e os dos outros também, seguiam a garrafa, mas ele continuou dizendo:

– Não há maior loucura nos homens do que se prostituir pela bebida. Ninguém deve ficar bêbado, muito menos nós, que exercemos uma profissão com muitos riscos.

– Então, qual é teu trabalho? – Perguntei-lhe, com muita admiração, e ele me disse, sorrindo:

– *Caçador*, e como podes ver, um caçador bêbado não consegue mirar bem.

– Mas, nesse caso – respondi-lhe –, o máximo que pode acontecer é tornar infrutífera a caravana ou o ataque. Até este ponto, não há risco, como tu dizes.

– Existe, sim – disse-me ele. – Eles podem nos caçar, e tão bem que só nos tiram as algemas depois de morrermos.

– Não fales comigo por enigmas – eu lhe disse. –, por tua vida. Explica-me isso de que estás falando.

– Logo, logo saberás – disse-me ele. – Agora, conta-nos sobre tuas aventuras.

– Pois bem, deverias saber – eu lhe disse – que, quando fui para a prisão, onde tive a honra de conhecê-lo, foi por causa de um furto¹⁵⁶⁷ planejado entre meu querido João Dotado e seus amigos, que ia acontecer na casa de uma viúva. No caso, ele poderia ter sido preso pelos soldados e vigias noturnos, mas teve a sorte de escapar a tempo na companhia de outro amigo seu, (p. 836) muito habilidoso e corajoso,

¹⁵⁶⁶ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 148), a “*bota de campana ou campanera* fazia parte da indumentária dos *rancheros* e *charros*. Consistia em uma peça grande de camurça usada para envolver a panturrilha, fixando-se abaixo do joelho, com fitas, e descendo até tocar a espora [outra peça da indumentária dos charros]. Na parte externa, possuía um corte diagonal que avançava até a ponta do pé, o que lhe dava certa semelhança com um sino” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/148/mode/2up?q=campanera>. Acesso em: 05 dez. 2023.

¹⁵⁶⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *manotadilla de amigos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 835). O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 692) esclarece o termo *manoteada*, que é o ato de *manotear*, quer dizer, “tomar fraudulenta ou abusivamente o que é dos outros; prevaricar; cometer peculato” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/692/mode/2up?q=manotear>. Acesso em: 06 dez. 2023.

chamado Culás, o Pípilo¹⁵⁶⁸, um bom menino, direito, e que, segundo Januário, aprendeu a roubar com a escrita...

(p. 836) – Que o Senhor abençoe-te e te guarde-te! – disse-me sorrindo um negrinho alto e de nariz achatado, com olhos pequenos e muito vivos. – Sou eu – continuou ele –, sou aquele Pípilo, embora não seja muito tolo. Lembro de vós e da noite em que vos vi com o vigia noturno, quando passei correndo. Então, o que aconteceu finalmente convosco? Como aconteceu de vós irdes a *la de pita*¹⁵⁶⁹ em nosso lugar?

Então, contei a eles todas minhas aventuras, que eles comemoraram muito, e disseram que Januário era capitão de caçadores de gente¹⁵⁷⁰ e, no momento, estava em outro lugar não muito longe dali; que eles estavam preocupados com outros três companheiros que estavam perdidos havia alguns dias e que o grupo os esperava por horas, no desejo de que trouxessem alguns bons despojos; que o *señor* Gaviãozinho era seu líder; que aquele trabalho era muito bem pago; que costumava ter suas contingências, mas que, ao final, passava-se a vida bem, e que tiveram alguns bons momentos.

– E finalmente, amigo – disse-me Pípilo –, se quereis alistar-vos em nossas bandeiras, experimentar esta vida e sair de apuros, podeis muito bem fazê-lo, devido à suposta amizade que tendes com nosso capitão e vossa gentil disposição, e que, desde que fostes soldado, não experimentareis novamente o cansaço da guerra, dos assaltos, dos avanços, das retiradas ou nada disso, que nunca falta entre nós.

– Amigo – eu lhe disse–, agradeço vosso convite e o desejo que tendes de trazer-me benefícios, mas vos enganastes em vosso conceito. Acreditastes que eu seria útil para o caso, mas, para isso de campanha, minha disposição não é de gentil,

¹⁵⁶⁸ *Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo, na nota 780 (2008, p. 836), explica que o nome pode proceder do termo *pípilo*, filhote de peru, ave domesticada ancestralmente no que hoje corresponde aos territórios do México, sob o nome de *guajolote*. Ela explica, ainda, que o sentido utilizado estaria relacionado com ser tolo ou tonto. O termo *pípilo* está disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/858/mode/2up?q=p%C3%ADpilo>. Acesso em: 06 dez. 2023.

¹⁵⁶⁹ **Transcrição da nota 781, da edição de 2008 (p. 836): “*La de pita*; Reyes Palacios (edição Unam, v. IX, p. 318) aponta que está claro que o sentido refere-se à cadeia e argumenta que a expressão apresenta o mesmo sentido em outras obras do autor. A razão está no fato de que os presos utilizavam uma cama com um tecido de pita [fibra extraída do agave]” (Nossa tradução).

¹⁵⁷⁰ *Transcrição da nota 782, da edição de 2008 (p. 836): “*Gentes*, na fala popular do México. É frequente o uso desse termo, no singular e no plural, como sinônimo de pessoa” (Nossa tradução).

mas, sim, herege e judia¹⁵⁷¹, pois não vale de nada. Sempre tive medo de apanhar e tentei evitar essas ocasiões; e, no entanto, (p. 837) não consegui fugir delas. Uma vez, uma velha bateu-me, ou melhor, carimbou com força seu chinelo em minha boca; noutra, um *payo* deixou-me numa situação muito difícil¹⁵⁷², e recebi uma paulada desse camponês; noutra, os reclusos, em companhia do *señor* Capitão Gaviãozinho, moeram-me a socos – ele, que aqui está, não me deixará mentir sobre o assunto; noutra, deram-me uma facada, que por pouco não me matou; noutra, os índios de Tula apedrejaram-me; noutra, um índio *macuache*¹⁵⁷³ partiu-me setenta painéis de barro na cabeça; noutra, rameiras tiraram minhas mechas; e, por último, um homem morto atingiu-me em um velório. Então, podeis julgar se sou desgraçado e, com razão, se sou covarde.

– Vamos – disse-me Gaviãozinho –, isso são delicadezas. Os homens não devem ser covardes, muito menos por coisas infantis. Nessas brigas que tiveste, Periquitinho covarde, quantas varas de tripa perdeste? Com quantas cabaças remendaram tua cuca? Quais costelas tens de menos? De qual pé ou mão tu sentes falta em teu corpo? Nada disso aconteceu contigo; tu estás inteiro e estás verdadeiramente sem mancha ou cicatriz notável. Então, o que dizes é uma covardia vergonhosa, ou és um grande acomodado, porque, mais do que ser covarde, parece-me que tu fazes só o que te convém¹⁵⁷⁴, e gostarias de ter uma vida boa sem arriscar nada. Mas, filho, isso é imaturidade, porque quem não arrisca não atravessa o mar, e os trabalhos foram feitos para homens.

– Irmão – eu lhe disse –, não é apenas conveniência, pois, além disso, sou medroso e, naturalmente, não tenho estômago bom para apanhar. É verdade que, nas más aventuras que tive, não me arrancaram as entranhas, nem um braço ou uma

¹⁵⁷¹ ***Transcrição da nota 1, da edição de 2004 (p. 471): “Gentil, herege, judeu: um trocadilho bastante inofensivo (embora ruim) nos dias de [Fernández de] Lizardi. Esse jogo de palavras reflete os preconceitos religiosos de sua época e classe. *Gentil* significa tanto ‘gentil e educado’ quanto ‘gentio, pagão’, e era usado mais comumente para referir-se aos índios não convertidos. *Herege*, ‘herético [herege]’, era o epíteto usual para os protestantes. Nas lutas religiosas da época, os pagãos não convertidos (mas potencialmente conversíveis) eram ‘melhores’ do que os protestantes e judeus apóstatas” (Nossa tradução).

¹⁵⁷² ***Transcrição da nota 783, da edição de 2008 (p. 837, retirado do *Diccionario de mejicanismos*): “[Lê-se, em castelhano, *me puso al parto*]: *poner al parto*, pôr alguém parir [literalmente], deixar alguém em situação de muito apuro” (Nossa tradução).

¹⁵⁷³ Nota da Tradutora: bruto. Ver nota 862 de nossa tradução.

¹⁵⁷⁴ ***Transcrição da nota 785, da edição de 2008 (p. 837, retirado da quarta edição): “[Lê-se, em castelhano, ‘*me parece que tú eres más convenenciero que cobarde*’]: *convenenciero*, amigo de suas próprias conveniências ou comodidades” (Nossa tradução).

perna, como tu dizes; (p. 837) mas também é verdade que, com exceção da briga com o índio, já levei uns socos sem provocar ninguém. Isso só me deixou mais covarde, pois, se, quando evitei confusões, dei-me tão mal, imagina se tivesse sido corajoso, um espadachim (p. 838) ou um perdoador de vidas? Com certeza, eles já teriam me mandado para o inferno, depois de me transformarem em picadinho.

“Então, irmão, é por isso que não sirvo para caçador. Se quiser, posso servir de escriturário para qualquer mister, de ajudante de cozinha ou rancheiro, de guardador de roupa, de tesoureiro, de médico e cirurgião, que, disso, entendo um pouco, de conselheiro, de barbeiro ou algo semelhante. Mas, nessa questão de sair em campanha e lutar contra os caminhantes, nem pensar! Se fosse uma ocasião de encontrá-los amarrados e dormindo, talvez eu até poderia fazer algo de minha parte, e isso só se for acompanhado de vós. Mas, enfrentá-los corpo a corpo, com eles vindo dispostos e preparados com sabre, pistola ou espingarda, Jesus me ajude! De jeito nenhum, camaradas, de jeito nenhum. Já disse que tenho medo, e tendes cuidado, pois a confissão de um homem que tem medo é o maior sacrifício que ele pode fazer pela verdade, porque, refleti e vereis que dificilmente haverá alguém que se gabe de ser bonito, sábio, rico ou algo assim. Pelo contrário, as pessoas não têm vergonha de considerarem-se menos que os outros em beleza, em talento, em riqueza ou em habilidade; mas, em se tratando de demonstrar se há ou não coragem neles, corpo de Cristo! Não há um covarde, pelo menos de boca: todos se tornam Cipião e Aníbal¹⁵⁷⁵. Ninguém tem medo do outro, e cada um se acredita capaz de lidar sozinho com Ferrabrás¹⁵⁷⁶.

“Isso prova que, embora nem todos os homens sejam corajosos, pelo menos todos querem parecer assim quando surge a oportunidade, e estão tão longe de reconhecer e confessar sua covardia, que o mais tímido é, geralmente, aquele que faz

¹⁵⁷⁵ Nota da Tradutora: Referência a uma personagem histórica: Cipião, o Africano, considerado um virtuoso militar romano. Leva o nome de Africano pelas campanhas militares bem-sucedidas na África, derrotando o geral cartaginense Aníbal. Para mais informações, visitar: <https://www.worldhistory.org/trans/es/1-410/escipion-el-africano/> e <https://www.consciencia.org/cipiao-o-africano-plutarco-vidas-paralelas>. Acesso em: 09 dez. 2023.

¹⁵⁷⁶ Nota da Tradutora: Ferrabrás de Alexandria é uma personagem na canção de gesta do século XII, sob o nome *Fierabrás*, onde se relata que era um gigante de 4,6 metros de altura. A personagem aparece em textos posteriores na Europa, nos séculos XVI e XVIII. Sua história é inspiradora de obras de cordelistas brasileiros, tais como *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás* e *A prisão de Oliveiros*, do poeta Leandro Gomes de Barros. Retirado de: <https://marcohaurelio.blogspot.com/2019/12/ferrabras-de-alexandria.html>. Acesso em: 09 dez. 2023.

mais bravatas quando o inimigo está diante deles. Então, ser exceção a essa regra e vir confessar que tenho medo é a prova de que sou um homem direito, já que não sei mentir, que é outra característica tão apreciável quanto rara nos homens.

(p. 838) – Olha só o quanto falaste, irmão! – disse-me Gavião. – Não é à toa que te chamam de Periquitinho. Mas, diz-me, cara, como, sendo tão covarde, foste soldado? Porque essa atividade está tão em desacordo com o medo quanto a luz está com a escuridão.

(p. 839) – Não fiques tão certo disso – respondi-lhe. – Em primeiro lugar, fui um soldado molenga, porque não passava de um auxiliar preguiçoso e abusado; não conheci o que é uma batalha e nem mesmo o cansaço do serviço. Em segundo lugar, nem todos os soldados são corajosos. Quantos que vão à campanha à força não iriam se os generais, ao se aproximarem do inimigo, divulgassem, como Gideão¹⁵⁷⁷, um comunicado permitindo que os de espírito fraco pudessem voltar para casa? Garanto que não haveria mais que trezentos homens corajosos no mais brilhante e numeroso exército, a menos que estivessem endurecidos pela experiência, ou motivados pela ganância. Por último, nem todos os que se dizem corajosos entendem o verdadeiro significado da coragem.

“*Monsieur de La Rochefoucauld* disse que “o valor, no soldado simples, é uma profissão perigosa, que ele exerce para se sustentar”. Ele explica as diferenças entre os tipos de valores e conclui, dizendo: “o verdadeiro valor consiste em fazer sem testemunhas o que seriam capazes de fazer diante do mundo inteiro”¹⁵⁷⁸. Então, podes ver que ser soldado não comprova que o indivíduo é corajoso.

– Nossa, Periquitinho! Quanta sabedoria! – disse-me, ironicamente, Gaviãozinho. – No entanto, com todo esse teu conhecimento, de nada sabes, inocente¹⁵⁷⁹! Nós é que sabemos mais do que tu. De qualquer forma, deixa que tragam os cavalos. Tu verás nossa casa, e se eu te acomodar, tu ficarás em nossa

¹⁵⁷⁷ Nota da Tradutora: Gideão, depois de passar por uma prova de Deus, porque tinha medo e dúvidas, formou um exército para defender os israelitas, de acordo com o livro *Juizes*, 7. Retirado de: <https://www.respostas.com.br/quem-foi-gideao/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

¹⁵⁷⁸ Nota da Tradutora: De acordo com Ruiz Barrionuevo, na nota 787 (2008, p. 839), Spell aponta que essas frases [a anterior e essa, entre aspas] aparecem na tradução do autor francês: *Máximas e reflexões morais* (1664). A biografia do escritor francês está disponível em: https://www.ebiografia.com/francois_de_la_rochefoucauld/. Acesso em: 09 dez. 2023.

¹⁵⁷⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *pero con todo tu saber estás en cueros* – (Nossa tradução está no corpo do texto) – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 839).

companhia, mas não (p. 839) penses que comerás de graça, porque tens de trabalhar no que puder.

Naquele momento, trouxeram os cavalos, apertaram as correias, e eu montei nas ancas do famoso cavalo do Gaviãozinho, e partimos.

Enquanto seguíamos para o covil, eu me parabenizava internamente pela forma como enganei os ladrões, ao exagerar minha covardia, que não era tão grande quanto descrevi. No entanto, não estava com vontade de aventurar-me em estradas, correndo riscos. Pensava comigo mesmo: se apenas a maneira como esses sujeitos agem não fosse tão perigosa, raios, (p. 840) eu começaria a roubar. Só falta isso em minha lista de coisas feitas. Porém, arriscar ser pego ou baleado é algo complicado. Bem-aventurados os ladrões que roubam tranquilamente em suas casas, sem correr o menor risco! Quem me dera ser um deles!

Entretive meus pensamentos nessas bobagens enquanto subia morros, descia ladeiras e fazia mil desvios. Acabamos na entrada de um desfiladeiro muito profundo.

Pouco depois de entrarmos, vimos algumas casas de madeira, onde chegamos e descemos muito felizes. Porém, mais alegres que nós, saíram, para nos receber, três outros caçadores, que foram os que Gaviãozinho me disse que se haviam perdido há alguns dias antes.

Depois que viram Gavião, deram-lhe muitos abraços, e ele retribuiu com seriedade. Entramos, e eles lhe mostraram dois baús de dinheiro, um grande baú com roupas finas e também uma trouxa de roupas, porém, mais comuns, junto com uma boa mula de carga e dois cavalos excelentes.

– Isto é – disse-lhe um deles – todo o fruto do negócio que fizemos nos sete dias em que estivemos ausentes da tropa.

– Não esperava menos de vossa esperteza – disse-lhes Gaviãozinho. – Vamos ver, vamos dividir tudo como irmãos. Dizendo isso, começou a distribuir as roupas entre todos, e o dinheiro foi colocado, ao atacado, em alguns baús que ali estavam. O capitão acrescentou:

– Já sabeis que o dinheiro não será distribuído, mas cada um poderá levar, se me notificar com antecedência, tudo o que precisar. Sobre esse pobre jovem – disse ele, apontando para mim –, é preciso que cada um o ajude, porque ele é um velho amigo meu, veio se arrimar a nós, e, embora seja um medroso, com o tempo, melhorará. Ele tem o que é preciso, que é não ser burro. Ainda há esperanças!

(p. 840) Mal ouviram a recomendação, todos aqueles bons indivíduos prontamente se dispuseram a presentear-me. Um deles deu-me duas camisas de estopas, muito boas; outro, uma *cotona*¹⁵⁸⁰ de (p. 841) tecido de primeira qualidade, azul, enfeitado com cordões e franjas douradas; outro, uma calça de veludo preto com botões prateados novos, e sem outro defeito além do forro ensanguentado; outro, meias, cuecas e um cinto; outro, sapatos e botas, com as fitas¹⁵⁸¹; outro, um chapéu largo de cor chocolate, feito de pele de castor, muito chique, com um pequeno bordado em ouro, um lenço; e o último deu-me um capote bom de tecido escarlate, com seu manto com capuz¹⁵⁸² de veludo preto, com galão e franjas prateadas.

Depois que todos me forneceram o que acharam conveniente, Gaviãozinho deu-me seu cavalo, que era um tordilho queimado, muito valioso, e deu-me sem tirar sequer a sela, as armas de pelo¹⁵⁸³ e as rédeas. A essa galanteria, acrescentou suas boas esporas e tantos pesos quanto consegui em seis punhados, e ordenaram-me que me vestisse às pressas.

Terminado esse procedimento, fizeram um sinal com um apito e saíram quatro garotonas¹⁵⁸⁴ nada feias e bem-vestidas, que nos cumprimentaram muito simpáticas, e depois, serviram-nos uma boa mesa, tal que eu não esperava semelhante naquelas barrancas tão escondidas e retiradas do comércio de homens.

¹⁵⁸⁰ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 306), “atualmente, entende-se por ‘cotona’ um casaco de camurça; porém, antigamente, era feito também de vários tecidos e, por vezes, fechado por todos os lados, de modo que era necessário vesti-lo pela cabeça” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/306/mode/2up?q=cotona>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁵⁸¹ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *ataderos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 841). É importante lembrar que a bota campaneira era fixada por meio de *ataderos*, que seriam fitas. Ver a nota 1367 de nossa tradução.

¹⁵⁸² *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dragona* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 841). De acordo como *DRAE* (2023), na décima primeira acepção, no vocabulário do espanhol do México, *dragona* seria um “manto de homem com rebuço e capuz” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/drag%C3%B3n?m=form>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁵⁸³ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 80), “assim chamava-se às duas grandes peças de couro de cabra, com pelo, quase quadradas, que, presas à cabeça da sela ou amarradas à cintura do cavaleiro, cobriam-lhe a perna e o pé, protegendo-o da água. Em caso de necessidade, eram estendidas no chão para dormir sobre elas. Podiam ser ricamente adornadas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/80/mode/2up?q=arma>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁵⁸⁴ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *muchachonas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 841).

(p. 841) Assim que terminou a refeição, contaram-me como aquelas damas estavam destinadas ao serviço comum de todos, e tanto elas entre si como eles entre eles se davam como irmãos, sem andarem com rótulos, e sem se conhecerem naquela Arcádia feliz da maldita paixão do ciúme.

(p. 842) Ao encerrarem essas inocentes conversas, Gaviãozinho e Pípilo mandaram selar os cavalos e foram todos ver se encontravam caça, deixando-me sozinho com as mulheres e dizendo-me para me entreter examinando e limpando as armas.

Nunca limpei uma espingarda, mas as mulheres ensinaram-me e começaram a ajudar-me. E, para tornar o trabalho suportável, perguntaram-me sobre minha vida e meus milagres, e eu as entretive contando-lhes mil mentiras, nas quais elas acreditaram como se fossem os versículos bíblicos; e, em pagamento por minha história, contaram-me todas suas aventuras, que se resumiam ao fato de que, depois de se perderem, encontraram aqueles homens sem coração, uma, porque a mãe a repreendeu; outra, porque o marido estava com ciúmes; outra, porque o Pípilo a enganou; e a última, porque foi tentada pelo diabo.

Assim, cada uma pretendia esconder sua lubricidade e passar-se por santa, mas eu já era um macaco velho¹⁵⁸⁵ para engolir o que me diziam. Conhecia bem o comum das mulheres e sabia que a maioria das que se perdem é porque não aceitam a sujeição de pais, maridos, senhores ou protetores. Porém, fiz-me de estúpido e alegre, e, assim, aprendi todos os segredos de meus companheiros invictos. Elas contaram-me como eram ladrões e faziam roubos de interesse, que eram todos muito corajosos, que raramente saíam sem voltar provisionados e que eles haviam enriquecido.

Como prova disso, mostraram-me uma sala cheia de roupas, joias, baús de dinheiro, armas de todos os tipos, cadeiras, freios, esporas e mil outras coisas, quando percebi que, na verdade, eram ladrões atacadistas. Mas, fiquei surpreso ao ver como não se desviaram daquela vida, que não poderia ser muito boa nem muito segura, pois todos já tinham com que passá-la, se não sem ansiedade interna, pelo menos, sem sustos da justiça e sem o risco de serem assaltados. Disseram-me que era

¹⁵⁸⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *perro viejo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 842).

impossível saírem daquela vida: uma, porque não podiam mostrar o rosto sem correr o risco de serem reconhecidos; e outra, porque roubar era um vício, o mesmo que beber, (p. 842) jogar e fumar. Então, tentar tirar esses senhores das estradas como ladrões seria o mesmo (p. 843) que tentar tirar as cartas dos jogadores e os copos dos bêbados.

Estávamos assim divagando quando, ao anoitecer, os valentes chegaram em casa, apearam e, depois de brincar e contar chacotas durante três ou quatro horas, jantamos todos juntos, muito felizes. Após isso, fomos para a cama, deram-me roupas suficientes e uma pele curtida de bisão.

Não percebi que quatro ficaram de guarda na entrada do barranco para atuarem como sentinelas, como os soldados, e, assim, fui para a cama e dormi com a maior tranquilidade, como se estivesse na companhia de alguns homens apostólicos. Mas, por volta das três da manhã, fui interrompido pelos gritos selvagens que todos davam, uns pedindo a espingarda, outros, seu cavalo, e todos pediram rendição, ou cacau¹⁵⁸⁶, como costumam dizer.

O constrangimento de todos eles, seus gritos e o pranto das mulheres, o barulho de vários tiros que se ouviam na entrada do barranco e a comoção geral deixaram-me atordoado. Não fiz mais nada além de ficar sentado na cama, como um tronco, esperando o fim daquela terrível aventura, quando uma mulher entrou, veio até meu canto, e, esbarrando em mim, reconheceu-me, e, irritada com minha pachorra, deu-me um tapa no pescoço, que me fez levantar muito rápido.

– Saia fora, desgraçado! – ela me disse. – Seu maricas! A justiça caiu sobre nós e estão todos se defendendo, e o canalha aqui está deitado como um porco. Saia! Para fora, debochado! E pega aquele sabre que está atrás da porta, senão, vou enfiar esta arma em sua barriga.

A festa se deu no escuro, mas quando ouvi o som dos tiros, saí correndo como um raio, porque essas piadas não combinavam comigo.

Como minha fuga foi de camisa e com o sabre que a mulher me deu, meus companheiros não me reconheceram e, julgando-me um policial, deram-me uma

¹⁵⁸⁶ ***Transcrição da nota 792, da edição de 2008 (p. 843, retirado da quarta edição): “[A expressão] *pedir cacao* significa confessar que se rende incondicionalmente” (Nossa tradução).

saraivada¹⁵⁸⁷ de (p. 843) cintas que quase me matou, e o teriam feito muito facilmente (p. 844) pela vontade que demonstraram, porque um deles gritava:

– Bate com a ponta! Segura-o! Segura-o!

Mas, nesse momento, Deus quis que saísse uma mulher com um *ocote*¹⁵⁸⁸ em chamuscas, com cuja luz reconheceram-me, e, sentindo pena do mal que cometeram, levaram-me para a cama e deitaram-me.

Pouco depois, a comoção diminuiu e foi seguida pelo profundo silêncio entre os homens e pelo choro incansável entre as mulheres. Um tanto aliviado dos golpes que sofri, ao ouvir o pranto, e temendo que não fosse mais um susto que alguma maldita mulher desaforada traria para minha cama, levantei-me antes disso acontecer, vesti-me, saí para o outro quarto e encontrei todos os homens e mulheres rodeando um cadáver.

A surpresa que semelhante espetáculo funesto causou-me foi terrível, e não consegui acalmar-me até que me contaram o que tinha acontecido: que os sentinelas postados em vigilância viram uma tropa de lobos¹⁵⁸⁹ passando perto deles, e acreditando que eram oficiais de justiça, dispararam contra eles suas carabinas, ao som das quais os que estavam abaixo ficaram agitados, subiram ao cume e, pensando que dois de seus companheiros que desciam para avisá-los eram oficiais de justiça, atiraram neles com tanta boa pontaria que um deles quebrou uma das pernas e deixou o outro morto no local.

Ao ouvir esses infortúnios, fiquei aliviado¹⁵⁹⁰ por ter sofrido apenas chicotadas, e até acredito que, com isso, minha dor suavizou-se um pouco. Dá para perceber que,

¹⁵⁸⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *zafacoca* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 843). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1142), *zafacoca* refere-se a “briga, desavença, confusão, tumulto, algazarra” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1142/mode/2up?q=zafacoca>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁵⁸⁸ *Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), *ocote*, o que conhecemos em português como pinha, é o “nome genérico para várias espécies de pinheiro americano, aromático e resinoso, nativo desde o México até a Nicarágua, que mede de 15 a 25 metros de altura” (Nossa tradução). No entanto, na região da Argentina, o termo tem um sentido vulgar. Mais informações em: <https://dle.rae.es/ocote?m=form&m=form&wq=ocote>. Acesso em: 11 dez. 2023.

¹⁵⁸⁹ *Nota da Tradutora: O termo *lobo* refere-se à casta criada na vinda dos europeus, na qual se entende que o *lobo* é filho de mestiço e índia. Assim, a tropa de lobos estaria constituída exclusivamente por essa casta. Para mais informações sobre *lobo*, visitar: <https://www.3museos.com/?pieza=de-mestizo-e-india-nace-lobo>. Acesso em: 11 dez. 2023.

¹⁵⁹⁰ ***Transcrição da nota 794, da edição de 2008 (p. 844): “*Darse de santos* parece ser uma variante da expressão ‘*darse un canto en los pechos o en los dientes*’” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: De

quando um homem compara sua sorte com outra mais vantajosa, ele se considera infeliz; mas, se a compara com outra pior, consola-se e não reclama tanto de seus males. (p. 844) O lastimável disso é que, normalmente, não nos comparamos com os mais infelizes, mas, sim, com os mais felizes, e é por isso que nosso trabalho se torna intolerável para nós.

Finalmente, o dia amanheceu, o velório foi concluído, e o falecido, sepultado. Gaviãozinho disse-me:

– Tu me disseste que sabias ser médico. Olha para aquele companheiro ferido, e diz-me os remédios que eles têm de trazer de Puebla, (p. 845) que os trarão sem falta, porque todos os estalajadeiros são amigos e compadres, e eles nos farão o favor.

Fiquei surpreso com a tarefa, porque eu entendia tanto de cirurgia quanto de medicina, e não sabia o que fazer, e foi isso que disse a mim mesmo: se eu disser que não sou cirurgião, mas, sim, médico, seria uma péssima desculpa, já que contei que eu entendia de tudo. Se eu piorar o paciente ou mandá-lo para o purgatório, temo que as coisas ficarão piores para mim do que em Tula, porque esses malditos são capazes de matar-me e continuarem faceiros. Santa Virgem! Que farei? Iluminai-me... Almas benditas, ajudai-me... Meu Santo, São João Nepomuceno, dai-me prudência em minha língua...

Fiz todos esses apelos internamente sem terminar de responder, fingindo que estava inspecionando o ferimento, até que Gaviãozinho, irritado com minha demora, disse-me:

– Então, qual tua conclusão? O que se deve trazer?

Não consegui mais esconder, e então falei para ele:

– Olha, não dá para unir novamente a perna porque o osso está estilhaçado (e era verdade). É necessário cortá-la devido à fratura da tíbia, mas, para isso, são necessários instrumentos, e eu não os tenho.

– E que instrumentos são necessários? – perguntou-me Gaviãozinho.

– Uma faca curva – respondi-lhe – e uma serra inglesa, para serrar o osso e remover as pontas.

acordo com o *DRAE* (2023), significa “contentar-se quando algo acontece de forma mais favorável ou menos adversa do que se poderia esperar” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/canto?m=form&m=form&wq=canto>. Acesso em: 11 dez. 2023.

– Está bem! – disse-me Gaviãozinho, e todos eles retiraram-se.

(p. 845) À noite, eles vieram com um trinchete¹⁵⁹¹ de sapateiro e uma serra. Sem perder tempo, começamos a operação. Valha-me Deus! Como fiz sofrer aquele pobre homem! Eu não gostaria de me lembrar de tal sacrifício. Cortei-lhe a perna como quem corta um pedaço de polpa de carneiro. O infeliz gritou e chorou amargamente, mas não valeu de nada, porque todos o seguravam para não se mexer. Comecei, então, a serrar as pontas do osso, como disse, e durante essa operação, ele desmaiou, tanto pela dor insuportável que sentia quanto pelo muito sangue que havia perdido, e eu não conseguia encontrar uma maneira de conter. Até que, com um fio de agave, (p. 846) amarrei suas veias, e aproveitando seu desmaio, cauterizei sua carne com um ferro quente. Então, ele voltou a si e gritou mais alto, mas, ao menos, o sangramento foi contido.

No final, não me serviu de nada utilizar o óleo de abeto¹⁵⁹², o açúcar de confeito e o alecrim¹⁵⁹³, o esterco de cavalo ou todos os outros remédios que apliquei nele. De vez em quando, suas ataduras soltavam-se e seu sangue escorria em torrentes. Isso, junto com a má cura do resto, fez com que o paciente, muito fraco, logo contraísse gangrena e morresse dentro de dois dias.

Todos sentiam-se incomodados comigo, atribuindo essa morte a minha incompetência, e com razão. Mas fui tão rápido em pedir desculpas pela falta de ajuda disponível, que eles finalmente acreditaram, enterraram o morto e tornamo-nos amigos. Quantos danos os homens causam, mais ou menos desastrosos, ao se envolverem naquilo que não compreendem!

Foi assim que passei cerca de dois meses sem incidentes, escrevendo os bilhetes que queriam, barbeando-os e ficando durante o dia para cuidar do serralho de meus mestres, amigos e companheiros. Uma noite, dos cinco que saíram, quatro

¹⁵⁹¹ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Aulete digital*, o trinchete é uma “faca de sapateiro curva, muito afiada e de ponta fina”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/trinchete>. Acesso em: 11 dez. 2023.

¹⁵⁹² *Nota da Tradutora: O óleo de abeto, entre outras propriedades, é utilizado como cicatrizante, para combater as infecções e os fungos da pele. Fortalece o sistema imunológico. Para mais informações, visitar: <https://aceites20.com/aceite-abeto/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

¹⁵⁹³ *Nota da Tradutora: O alecrim é rico em antioxidantes que ajudam a melhorar o sistema imunológico, prevenir infecções, além de ser anti-inflamatório. Para mais informações, visitar: <https://www.tuasaude.com/alecrim/> e https://www.researchgate.net/publication/331882180_Impacto_do_uso_do_alecrim_-_Rosmarinus_officinalis_L_-_para_a_saude_humana. Acesso em: 11 dez. 2023.

voltaram muito confusos, porque um deles foi morto em determinada campanha que (p. 846) faziam. Mas eles não desanimaram. Em vez disso, propuseram vingar-se no dia seguinte.

– São três – disseram –, e jovens. Eles não valem nada; por isso, o jogo é por nossa conta. Eles têm de nos pagar, pelos ossos de minha mãe. Amanhã, eles terão de passar pelo Río Frío, e nos veremos lá.

Terminadas as ameaças, jantaram e foram dormir. Fiz o mesmo, mas não me senti muito confortável. Cheguei à conclusão de que o grupo estava se desmembrando, e assim, lembrei-me de colocar as barbas de molho, pois via que a de meus vizinhos já estavam¹⁵⁹⁴.

(p. 847) Eu pensava em desertar, mas não ousei, porque não conhecia a saída daquele labirinto encantado; nem me atrevia a comunicar meu segredo às mulheres, temendo que me descobrissem.

Passei a noite fazendo os cálculos, e, no dia seguinte, bem cedo, acordaram-me e fizeram-me vestir. Fiz isso mais tarde. Então, selaram meu cavalo, colocaram em minha cintura um coldre com duas pistolas e um sabre, e puseram uma *mojarra*¹⁵⁹⁵ em minha bota e um rifle em minha mão.

– Para que servem tantas armas? – perguntei-lhe, muito assustado.

– Para que serviriam elas, seu abestado? – disse-me Gavião. – Para atacar e defender-se.

– Bem, certamente não farei nada – disse-lhe eu –, porque não tenho coragem de atacar e não tenho capacidade de me defender. Em casos urgentes, fico atento, porque corro mais rápido que uma lebre, e então, para mim, tudo isso é desculpa.

Gaviãozinho irritou-se com minha covardia e, tirando o sabre, disse-me com muita raiva:

– Deus vive, malandro! Covarde! Se tu não montares a cavalo e nos acompanhares, os demônios vão levar-te daqui!

¹⁵⁹⁴ ***Nota da Tradutora: A expressão é semelhante à da língua portuguesa: “ao ver o exemplo dos outros, ficar alerta”. De acordo com o *Diccionario de autoridades* (1726), a expressão *quando la barba de tu vecino vieres pelar, echa la tuya a remojar* “aconselha-nos a tomar como exemplo o que acontece aos outros, para vivermos com cautela, cuidado e prevenção” (Nossa tradução). Para mais informações, visitar: <https://jornalggn.com.br/cultura/a-expressao-popular-colocar-as-barbas-de-molho/> e <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 11 dez. 2023.

¹⁵⁹⁵ *Nota da Tradutora: De acordo com o *DRAE* (2023), a *mojarra* é um “facão largo e curto” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/mojarra?m=form&m=form&wq=mojarra>. Acesso em: 11 dez. 2023.

(p. 847) Ao vê-lo tão zangado, fiz das tripas coração, fingindo que meu medo era uma brincadeira e que eu era capaz de sair ao encontro do diabo se ele viesse vestido de viajante com dinheiro. Eles deram-se por satisfeitos, e seguimos nosso caminho com o objetivo de pegar os viandantes, roubá-los e matá-los. Porém, nada aconteceu como eles pensavam.

(p. 848) **Capítulo III**

No qual nosso autor conta as aventuras que teve na companhia dos ladrões, o triste espetáculo exibido pelo cadáver de um executado e o início de sua conversão

Embora Deus permita que o malvado execute, muitas vezes, suas más intenções, seja para purificar o justo ou para punir o perverso, nem sempre Ele permite que esses planos se concretizem. Sua providência, que zela pela preservação de suas criaturas, prefere, mil vezes, impedir ou desfazer os planos inofensivos, para que umas não se tornem presas da ferocidade das outras.

Assim aconteceu com Gaviãozinho e seus companheiros na manhã em que saímos para surpreender os viajantes. Seriam seis horas quando, do topo de uma colina, vimo-los vir pelo caminho real. Vinham os três na frente, com suas escopetas nas mãos. Atrás deles, seguiam quatro cavalos encilhados sem ginete. Em seguida, vinham quatro mulas carregadas com baús, catres e *almofreces*¹⁵⁹⁶, o que permitia deduzir que vinham de longe, apesar de elas virem cobertas com capotes azuis. Por fim, vinham os três moços na retaguarda.

Logo que Gaviãozinho os viu, prometeu a si mesmo realizar a vingança e tirar dali um bom despojo. Assim, fez com que nos escondêssemos atrás de uma elevação que fazia a saia da colina, dizendo-nos:

– Companheiros, agora é o momento de mostrar nosso valor e aproveitar (p. 849) essa boa oportunidade. Sem dúvidas, são mercadores que vão a Veracruz, e toda sua carga deve ser de reais e de roupa fina. O importante é não hesitar, mas atacá-los com determinação, confiantes de que a vantagem está a nosso lado, pois somos cinco, e eles, apenas três. Os três moços, gente de aluguel e covarde, não devem causar-nos preocupação; provavelmente, correrão ao primeiro disparo. E, assim, tu, Quitinho, eu e o Pípilo apareceremos diante deles, quando chegarem a uma boa distância, quero dizer, para dar o tiro de escopeta, e o Canhoto e o Tampinha tomarão a retaguarda para lhes chamar a atenção por trás. Caso se rendam

¹⁵⁹⁶ *Nota da Tradutora: As grafias *almofrez*, *almofrés*, *almofrej*, o DRAE (2023) as define como “Funda, de lona ou couro por fora, e por dentro de algodão ou outro tecido grosseiro, onde se levava a cama de viagem” (Nossa tradução). Para mais informações, visitar: <https://dle.rae.es/almofrej#0t8DGEX> e <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/54/mode/2up?view=theater&q=almofrez>. Acesso em: 01 jan. 2024.

imediatamente, apenas precisaremos tirar suas armas, amarrá-los e trazê-los a este morro, de onde os (p. 849) deixaremos ir à noite. Porém, se resistirem e revidarem, não podemos dar trégua: todos devem morrer.

Tanto a vista dos inimigos, que se aproximavam cada vez mais, quanto a consideração do risco que me ameaçava faziam-me tremer como se estivesse intoxicado por mercúrio¹⁵⁹⁷, sem poder dissimular o medo, de modo que meu temor tornou-se visível, porque, como minhas pernas tremiam muito, elas faziam as correntes das esporas emitirem um barulhinho tão perceptível junto aos estribos que chamou a atenção de Gaviãozinho. Ele, percebendo meu medo, com fogo nos olhos, disse-me:

– Por que estás tremendo, sem-vergonha, afeminado? Pensas que vais brigar contra um exército de leões? Não percebes, patife, que são homens como tu e somente três como tu? Não vês que não vais só, mas com quatro homens – e muito homens –, que vão expor-se ao mesmo risco e que te saberão defender como as meninas de seus olhos? É tão fácil que tu pereças e não algum de nós? E, por fim, supondo que te dessem um balaço e te matassem, que coisa nova e nunca vista é essa? Morrerás no parto, palhaço frouxo¹⁵⁹⁸? Ou ficarás no mundo para dar fé da vinda do Anticristo? O que queres? Ter dinheiro, comer, vestir-te bem e encilhar bons cavalos sem fazer nada, em tua caixinha de vidro e sem correr riscos? Isso está fora da realidade, irmão. (p. 850) Precisas encarar um risco para pagar o aluguel da casa. Se me dizes, como me disseste, que conheceste ladrões que roubam e passeiam sem o menor perigo, até posso aceitar que é verdade, mas nem todos conseguem roubar da mesma maneira. Alguns roubam militarmente, quer dizer, no campo e arriscando a própria pele. Outros roubam com elegância, ou seja, na cidade, vivendo bem e sem

¹⁵⁹⁷ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *azogado* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 849). De acordo com o *Diccionario de autoridades* (1726, tomo I), *azogarse* significa “envenenamento por mercúrio, estar possuído de mercúrio ou sofrer da doença causada por este metal introduzido no corpo, cujo efeito é estar constantemente se movendo com tremores e convulsões incessantes, como acontece com quem trabalhou por longo tempo nas minas de mercúrio” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 01 jan. 2024.

¹⁵⁹⁸ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *collonete* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 849). O termo provém de *collón* [Nossa tradução: cagão], cujo significado, de acordo com o *DRAE* (2023), é o termo coloquial “covarde” (Nossa tradução). De modo similar, aparece ao final do mesmo parágrafo o termo “*collonerías*” [Nossa tradução: cagadas]. O tom desses dois termos é forte e pode ser considerado grosseiro, devido a que, etimologicamente, o termo provém de *coglione*, e a escrita do latim popular era “*coléone*” ou testículo. Para mais informações, visitar: <https://definiciona.com/collon/>, <https://dle.rae.es/coll%C3%B3n?m=form> e <https://dle.rae.es/colloner%C3%ADa?m=form>. Acesso em: 02 jan. 2023.

se arriscar a perder a vida. Mas, nem todo mundo consegue fazer isso, apesar de muitos (p. 850) o quererem. Então, cuidado para não fazer bobagem, porque vou dar-te um tiro antes que consigas voltar a montar no cavalo.

Assustado com tão áspera repreensão e tão temida ameaça, eu lhe disse que não tinha medo e, se tremia, era de puro frio, e também que entraria no ataque e ele veria qual era meu valor.

– Deus queira que isso aconteça! – disse-me Gaviãozinho. – Mesmo assim, duvido muito que isso aconteça.

Nisso, chegaram os caminhantes à distância pré-fixada por Gaviãozinho. Como combinado, Tampinha e Canhoto separaram-se de nós e tomaram a retaguarda, ao mesmo tempo em que Pípilo, eu e Gaviãozinho saímos na frente dos viajantes, com as escopetas prevenidas, gritando para eles:

– Parado todo mundo, se não querem morrer em nossas mãos!

A nossas vozes, pularam de baixo das cargas quatro homens armados, que ocuparam, em um instante, os cavalos vazios e avançaram contra o Canhoto e o Tampinha, os quais, recebendo-os com as bocas das carabinas, mataram um deles e fugiram como lebres.

Os três viandantes jogaram-se sobre nós, matando a Pípilo no primeiro tiro. Disparei minha escopeta com má intenção, mas só consegui atirar em um cavalo, que morreu instantaneamente.

Quando Gaviãozinho se viu só, porque não contava comigo para nada, disse-me:

– Este já não é mais um jogo. Um companheiro morreu, dois fugiram, e os adversários são nove. Fugamos!

Ao dizer isso, quis voltar à garupa de seu cavalo, mas não pôde, porque seu cavalo empinou, de modo que, apesar de carregarmos as armas e dispararmos com pressa, não fazíamos neles dano algum, enquanto chovia sobre nós os balaios. Temíamos que nos pegassem com arma branca, porque iam se aproximando de nós os (p. 851) três viandantes, cheios de gás¹⁵⁹⁹, sem medo de nossas escopetas.

¹⁵⁹⁹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *a todo trapo* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 851). De acordo com o *Diccionario de autoridades* (1739, tomo VI), modo adverbial que significa “com eficácia, e atividade, tomado da celeridade dos navios quando estendem as velas” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 03 jan. 2023.

(p. 851) Então, Gaviãozinho jogou-se à terra, matou seu cavalo com um golpe de coronha desferido na cabeça do animal e, ao subir nas ancas de meu cavalo, foi atingido com uma bala tão bem dirigida que atravessou suas têmporas, e ele caiu morto.

A bala quase passou por meu corpo, pois arrancou um pedaço da *cotona*. O sangue do infeliz Gaviãozinho salpicou minha roupa. Apenas tive tempo para dizer: “Jesus te ampare!”. E, vendo-me sozinho e com tantos inimigos em cima, toquei as esporas no cavalo e me disparei, para fugir por aquele caminho, mais ligeiro do que uma flecha. Minha sorte foi que o cavalo era excelente e corria tanto quanto eu queria. Desse modo, ao passar um quarto de hora, eu já não via nem o pó de meus perseguidores.

Extraviei veredas e, ainda que tenha pensado em dar parte sobre o triste ocorrido às madames de casa, não me determinei, porque não sabia o caminho e, ainda que soubesse, temia muito voltar àqueles desgraçados abrigos.

Cansado, cheio de medo e com o cavalo exausto, achei-me, por volta do meio-dia, em um bosquezinho agradável e solitário. Ali, desci do cavalo, afrouxei a barrigueira¹⁶⁰⁰, tirei-lhe a sela e o estribo, dei-lhe água em um arroio, coloquei-o para pastar a verde grama, sentei-me debaixo de uma árvore muito fresca e sombria e me entreguei às mais sérias considerações.

Não há dúvida – dizia-me eu – de que a aversão ao trabalho, a libertinagem e o vício não podem ser os meios seguros para conseguir nossa felicidade verdadeira. A verdadeira felicidade nessa vida não consiste nem pode consistir em outra coisa senão a tranquilidade de espírito em qualquer fortuna. Esta não pode conseguir o criminoso, por mais que fique alegre naqueles momentos em que satisfaz suas paixões. Porém, a essa efêmera alegria, sucede uma languidez intolerável, um aborrecimento de muitas horas e uns remorsos contínuos, pagos com tão grandes e graves tributos por aquele prazer mesquinho (p. 852) que, talvez, tenha comprado à custa de mil crimes, sustos e comprometimentos.

¹⁶⁰⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, “*aflojé las cinchas al caballo*” – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 851). Além de *cincha*, em português brasileiro, é utilizado o termo ‘barrigueira’. Para mais informações, visitar: <https://www.mundoecologia.com.br/animais/como-apertar-a-sela-do-cavalo-quais-as-partes-da-sela/>. Acesso em: 03 jan. 2023.

(p. 852) Essas são umas verdades concedidas a todos os que refletem atentamente sobre elas. Meu pai advertia-me a respeito desde muito jovem, o coronel não deixava de as repetir a mim, eu as li nos livros e, talvez, ouvi-as nos púlpitos. Contudo, o que mais? O mundo, os amigos, minha experiência foram uns constantes professores que não cessaram de lembrar-me dessas lições no decorrer de minha vida, apesar da ingratidão com que eu desatendi a seus avisos.

O mundo – disse-me –, sim, o mundo, meus maus amigos, os funestos sucessos de minha vida, tudo conspirou, uniformemente, para meu desengano, ainda que por distintos rumos; porque um mundo falaz e noveleiro, um mau amigo vicioso e lisonjeiro, uma desgraça acarretada por nossas condutas dissipadas e todos os males da vida são professores que nos ensinam a regular nossas ações e a melhorar nosso modo de viver. É certo que professores maus podem dar boas lições: a infidelidade de um amigo, a perfídia de uma mulher, a cilada que nos armou o bajulador, os golpes que o ofendido nos fez sofrer, a prisão a que nos reduziu a justiça, que, por nossa culpa, fez-nos sofrer, a enfermidade que padecemos por nosso excesso e outras coisas assim, que, na verdade, são ingratas para nosso espírito e nosso corpo. Entretanto, a experiência delas devia fazer-nos tirar frutos doces de suas mesmas amargas raízes.

Que melhor fruto poderíamos tirar dessas dolorosas experiências do que o escarmento para nos governarmos no futuro? Desse modo, já teríamos cuidado de fazer amigos, indistintamente, sem antes saber as características do verdadeiro amigo; saberíamos desconfiar das mulheres, sem entregar nosso coração a qualquer uma; fugiríamos dos adutores como de umas feras mansas, mas traidoras; trataríamos de não ofender ninguém, para não nos expormos a receber os golpes da vingança; cuidaríamos do manejo das coisas honradamente, para não padecer os rigores das prisões; frearíamos nossos apetites sensuais, para não lidar com as doenças; e, por fim, faríamos tudo para viver conforme as leis divinas e humanas, para não voltar a experimentar esses trabalhos e conseguir (p. 853) a verdadeira felicidade, que, como digo, é o fruto da boa consciência.

Isso conseguiríamos se soubéssemos nos aproveitar da experiência. Todavia, é uma pena não aprendermos, por mais que sejam frequentes as lições.

Que o diga eu. Quantos trabalhos, quantos desdêns, quantas vergonhas, quantas ingratidões, quantos golpes, prisões, sustos, angústias e contratempos eu

não tenho passado? (p. 853) A que riscos não me expus e em que situação tão deplorável me vejo? Eu tive de suportar chicotadas e repreensões dos amos; golpes de touros e cavalos; sapataços, banhos de água fervente, ameaças e desvergonhas das velhas; deslealdades, zombarias e desprezos dos maus amigos; pauladas de caipiras, desdêns de cortesãos, ingratidões de parentes, abominações de estranhos, ser expulso pelos amos, receber vexames de vagabundos, prisões da justiça, pancadas de panela dos índios, ferimentos causados, com razão, por casados agravados por mim, passar contrariedades em hospitais, receber arranhões de coquetes, sustos de mortos em velórios, roubos de malandros e trezentas mil desventuras, que, longe de servirem-me de lição, parecem ter sido estímulos eficazes para expor-me a ir de mal a pior.

O que tenho a perder? O lustre de meu nascimento acha-se opacado com meus vergonhosos desvios, minha saúde arruinada com meus excessos, os bens de fortuna perdidos por minha constante devassidão. Não conheço amigos bons, e os maus depreciam-me e abandonam-me. Minha consciência acha-se agitada pelos remorsos de meus crimes. Não posso repousar com sossego, e a felicidade da qual eu corro atrás parece que é um fantasma aéreo que, quando quero segurá-lo, desfaz-se entre minhas mãos.

Tudo, pois, perdi. Não tenho mais do que a vida e a alma para cuidar. É o que me sobra, mas, também, o mais apreciável.

Deus se interessa em não me perder eternamente. Quantas vezes pude ter perdido a vida nas mãos dos homens, no poder dos brutos, no meio do mar e até em minhas próprias mãos? Inumeráveis. Hoje, poderia ter sido o último de meus dias. A meu lado, caiu Pípolo, e a outro, (p. 854) Gaviãozinho, e as balas, uma atrás das outras, cruzavam cricrilando o ar junto de minhas orelhas; balas que, certamente, dirigiam-se a minha pessoa e que faziam a morte passar diante de meus olhos.

Como aqueles morreram e não pude eu ter sido morto? Como houve balas bem dirigidas para eles e não pôde haver nenhuma para mim? Livrei-me delas por minha própria virtude e agilidade? É claro que não. Uma mão invisível e todo-poderosa foi a que as desviava de meu corpo com o piedoso fim de que não me perdesse para sempre. E que méritos tenho eu contraído para merecer tal cuidado? Oh, Deus! Envergonho-me ao lembrar-me de que toda minha vida tem sido uma corrente ininterrupta de crimes. Corri pela infância e pela juventude como um louco furioso,

atropelando (p. 854) todos os respeitos mais sagrados, e encontro-me na virilidade com mais anos e delitos do que em minha puberdade e adolescência.

Conto com trinta e seis ou trinta e sete anos de uma vida pecaminosa e relaxada. No entanto, ainda não é tarde. Há tempo para redimir-me e mudar meu comportamento. Se fico triste pelo extenso de minha vida relaxada, consola-me saber que o grande Pai de famílias é muito generoso e bondoso, pagando tanto aquele que entra em sua vinha pela manhã quanto aquele que começa a trabalhar nela à tarde. Isso é fato, emendemo-nos!

Com essas palavras, cheias de temor e compunção, aparelhei o cavalo, montei-o e segui para o povoado ou estalagem de San Martín¹⁶⁰¹.

Cheguei por volta das sete da noite, pedi a comida e mandei que desencilhassem meu cavalo e cuidassem dele, assinando uma nota promissória, pois não tinha nem um real.

Após a refeição, saí para respirar ar fresco no portão da hospedaria, onde havia outro passageiro com a mesma intenção. Saudamo-nos cortesmente e conversamos até nos fazermos familiares, sendo o assunto principal o sucesso ocorrido aquele dia no confronto com os ladrões. Contou-me como tinha (p. 855) saído de Puebla e caminhava para Calpulalpan¹⁶⁰², tendo de fazer uma curta parada em Apan¹⁶⁰³.

Eu lhe disse que ia para esta última vila, de onde tinha de passar à Cidade do México, e, assim, poderíamos ir acompanhados, porque eu tinha muito receio dos ladrões.

– E deveria ter – respondeu-me o passageiro –, mas, com os sustos que levaram da semana passada a esta parte, é normal que os bandos não se

¹⁶⁰¹ **Transcrição da nota 1, da edição de 2004 (p. 483): “San Martín Texmelucan, uma cidade a 24 Km ao oeste do Rio Frío, saindo da Cidade do México com direção a Puebla. Daqui, Periquitinho rodeará até o norte para Calpulalpan (a 40 km ao norte de San Martín, no estado de Tlaxcala) e Apan (mais 19 km ao norte, no estado de Hidalgo), antes de partir para Otumba e Teotihuacán, de retorno à Cidade do México” (Nossa tradução).

¹⁶⁰² **Nota da Tradutora: Trata-se de Calpulalpan, Tlaxcala, a uma hora e meia da Cidade do México. Para mais informações, visitar: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/calpulalpan-tlaxcala-2.html>. Acesso em: 03 jan. 2023.

¹⁶⁰³ **Nota da Tradutora: O município de Apan (grafia que é utilizada atualmente pelos mexicanos), ou Apam (grafia apresentada na edição de 2004 e 2008), localizado no estado de Hidalgo, era um importante lugar agrícola e ganadeiro durante o governo colonial espanhol. Foi palco importante das lutas pela independência. Para mais informações sobre a história da cidade, visitar: <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/apan-hidalgo-y-las-haciendas-pulqueras> e https://www.guiaturisticamexico.com/municipio.php?id_e=13&id_Municipio=00035. Acesso em: 03 jan. 2024.

reorganizem tão (p. 855) logo. Em poucos dias, capturaram seis, enforcaram um, e quatro ficaram estendidos no campo. Assim, vede que são, ao menos, onze e, a esse ritmo, os dias passam rápido.

Como eu não tinha visto ninguém ser pego, sabia que os mortos eram dois e constava-me que éramos apenas cinco. Disse a ele com um ar de dúvida:

– Pode ser isso, mas receio que tenham vos enganado, pois é uma longa lista de ladrões tomados.

– Não, não me enganaram – disse-me ele. – Eu sei muito bem, já que sou tenente da Acordada¹⁶⁰⁴. Tenho as filiações de todos, sei seus nomes, os lugares onde roubam, os estragos que causaram e os que caíram até o momento. Vede se eu sei ou não.

Fiquei frio quando ouvi dizer que era tenente, mas consolei-me ao advertir que eu não tinha saído mais do que para uma campanha, e era impossível que alguém me conhecesse como ladrão. Então, dei a ele todo o crédito e perguntei quais rumos tinham tomado os demais, ao que me respondeu que por entre Otumba e Teotihuacán¹⁶⁰⁵.

(p. 856) Falamos muito sobre outras coisas e, ao terminar, disse-lhe como eu tinha muita razão para temer os ladrões, pois era perseguido por eles.

– Vede – disse-lhe eu, com muita formalidade –, não tive problemas com esses ladrões, mas ontem à noite, fugiu um rapaz com a mula do *almofréz* e me deixou sem um real, pois levou os únicos duzentos pesos que eu levava em meu baú.

– Que malandragem! – disse-me o tenente, muito compadecido. – Logo, esse patife estará com os caídos. Qual seu nome? Que sinais tem?

Eu lhe disse o que me veio à cabeça, e ele escreveu com muita competência em um livrinho de memória. Assim que concluiu, entramos para descansar.

Convidou-me a compartilhar seu quarto. Aceitei o convite e fui dormir com ele. Logo que viu minhas pistolas, apaixonou-se delas e tratou de as comprar. Rezando,

¹⁶⁰⁴ **Nota da Tradutora: Instituição que condenava, com juízos sumários e sem revisão de sentenças, aos assaltantes de caminhos no século XVIII. Ver a nota 795 de nossa tradução.

¹⁶⁰⁵ **Nota da Tradutora: Otumba foi o cenário da batalha entre os mexicas (que recebeu o apoio dos habitantes do lugar) e as hostes de Hernán Cortés. Teotihuacán é um lugar de vários monumentos arqueológicos, considerados anteriores aos náhuas. Encontra-se a 50 km da Ciudad de México. Para mais informações de Otumba, visitar: https://www.guiaturisticamexico.com/municipio.php?id_e=15&id_Municipio=00824. Para mais informações sobre Teotihuacán, visitar: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/teotihuacan.html>. Acesso em: 03 jan. 2024.

vendi-as por (p. 856) 25 pesos, temendo que aparecesse seu dono por ali. Foi assim que as deixei e tomei o dinheiro sem pensar.

Fomos deitar-nos e, no outro dia, muito cedo, colocamo-nos a caminho, no qual não ocorreu nada em particular. Chegamos a Apan, onde fingi sair para buscar um amigo e, no dia seguinte, separamo-nos, e eu continuei minha viagem para a Cidade do México.

Naquela noite, eu dormi em Teotihuacán, onde me informei de como, na semana anterior, tinham derrotado os ladrões, pegando o cabeça, cuja captura havia sido feita na saída de uma vila.

Com essas notícias e cheio de medo, procurei dormir. No outro dia, às seis da manhã, encilhei o cavalo e, encomendando-me a Deus, de coração, segui minha jornada.

Tinha andado cerca de uma légua ou pouco mais, quando vi, fincado contra um pau e sustentado por uma estaca, o cadáver de um executado, com seu terno e chapéu verdes e mãos amarradas.

Aproximei-me devagar para vê-lo, mas como eu fiquei quando percebi e conheci, naquele deforme cadáver, meu antigo e infeliz amigo Januário? Meus cabelos eriçaram-se, meu sangue esfriou, meu coração palpitava fortemente, a língua amarrou-se na garganta, meu rosto cobriu-se de um suor mortal e, perdida a elasticidade de meus nervos, eu (p. 857) ia cair do cavalo por conta da força da angústia de meu espírito.

No entanto, quis Deus ajudar meu ânimo desfalecido e, fazendo eu mesmo um impulso extraordinário de valor, procurei recuperar-me, pouco a pouco, da turbção que me oprimia.

Naquele momento, lembrei-me de seus desvios, de seus depravados conselhos, exemplos e máximas infernais. Senti muito sua desgraça, chorei por ele, tratei-o como amigo; afinal, fomos criados juntos. Mas, também dei graças a Deus do fundo de meu coração, porque havia me separado de sua amizade, pois, com ela e com minha má disposição, teria sido ladrão como ele e, talvez, àquela hora, a árvore à frente estaria me sustentando.

Confirmei, mais e mais, meus propósitos de mudar de vida, procurando aproveitar, desde aquele ponto, as lições do mundo e tirar proveito das maldades e

adversidades (p. 857) dos homens. Mergulhado nessas retas considerações, peguei minha adaga e, na casca da árvore onde estava Januário, gravei o seguinte:

SONETO

Então, finalmente, pagam-se os delitos
E uma conduta infame e corrompida?
Assim é, Quitinho, assim é; e ainda que sem vida
Januário disse-me bem aos gritos.

Tu foste salteador destes distritos,
Oh, triste amigo! Sim, fostes homicida;
Mas uma morte infame e merecida
Fim pôs a teus excessos infinitos.

Tu me ditaste máximas falazes
Que, às vezes, eu segui com desacerto;
Mas, agora, da estaca onde jazes
(p. 858)
A correção me aconselhas; e eu advirto
Que te devo escutar, pois satisfazes,
Predicando-me bem depois de morto¹⁶⁰⁶.

Concluindo meu soneto, tomei meu caminho, encomendando-me a Deus com muita sinceridade.

Procurei entrar na Cidade do México à noite. Parei no *Mesón* de Santo Tomás¹⁶⁰⁷, jantei e, quando passeava pelo corredor, ouvi o choro de mulheres em um dos quartos.

¹⁶⁰⁶ Transcrição da nota 806, da edição de 2008 (p. 858): “Na quarta edição, encontramos uma nova versão do soneto, e adiciona-se ao pé da página a seguinte nota: ‘No manuscrito que para esta edição teve-se em vista e de cuja autenticidade não se responde, ainda que não faltem dados para acreditar ser do Pensador, acha-se o soneto corrigido do modo que agora se publica’. E adiciona: ‘Do mesmo manuscrito, tomaram-se outras correções que se advertirão ao se comparar esta edição com as anteriores’” (Nossa tradução).

¹⁶⁰⁷ **Nota da Tradutora: De acordo com Frye (2004, p. 485, nota 4), o *Mesón* estava “perto do Zócalo” (Nossa tradução).

(p. 858) A curiosidade, ou a pena, aproximou-me da porta. Espreitando, ouvi que um velho dizia:

– Vamos, filhas, não chorem, não há remédio. O que podemos fazer? A justiça teve de fazer seu ofício, o rapaz estragou-se¹⁶⁰⁸ desde muito pequeno, e não lhe valeram meus conselhos, minhas ameaças e nem meus castigos. Ele insistiu em se perder e, como resultado, sofreu as consequências.

– Mas, eu lamento por ele – falou uma pobre velha –, afinal, ele era meu sobrinho.

– Eu também lamento – disse-lhes o idoso – e, prova disso, são as diligências e o dinheiro que gastei para livrá-lo, mas não foi possível. Deus te ajude, Januário infeliz! Oh, filha, não chores, olha que ninguém sabe que é nosso parente. Todos o têm por órfão da casa. A quem podia ser vergonhoso era sua prima Poncianita, mas a moça já é freira e, ainda que se soubesse seu parentesco, ela teria permanecido freira. Encomenda-o a Deus e vamos nos deitar para irmos embora logo no começo da manhã.

Meus vizinhos acabaram de falar e não tive dúvidas de que eram *Don* Martim e sua esposa. Recolhi-me e, no outro dia, madruguei para falar com eles, o que consegui, com dissimulação, conhecendo-os muito bem, sem dar a conhecer minha identidade. Soube que vieram da fazenda e iam estabelecer-se (p. 859) no interior. Despedi-me de suas boas pessoas, das quais não soube mais. É normal que tenham morrido, porque os pesares, as enfermidades e os muitos anos não podem acarretar senão a morte.

Fui à missa bem cedo. Voltei para tomar café da manhã e não saí durante o dia inteiro, ocupando-me em fazer as mais sérias reflexões sobre minha vida passada e em afirmar os propósitos que tinha feito de retificar meu futuro.

Uma das coisas que me fez perceber que essa resolução era firme, ao contrário das vezes anteriores, foi o fato de que eu, podendo obter dinheiro do cavalo, do manto, do chapéu, do sabre e das esporas, pois tudo era de valor, resolvi não os vender. Isso

¹⁶⁰⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *el muchacho dio maleta* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 858). De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 683), na terceira acepção, *maleta* significa: “Preguiçoso, vicioso, prejudicial” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/682/mode/2up?view=theater&q=maleta>. Acesso em: 03 jan. 2024.

não apenas por (p. 859) medo de ser reconhecido, como de fato reconheceram a capa do Doutor Purgante, mas, também, escrupulosamente, pois aquilo não era meu e, portanto, não podia, nem deveria, aliená-lo.

Assim, fiz o propósito de preservar esses pertences até entregá-los ao confessor, com a intenção de pagar as pistolas que vendi, contanto que Deus me providenciasse meios e soubesse quem era o dono delas.

Com essa determinação, saí, ao entardecer, para dar um passeio pelas ruas, sem destino definido. Passei pela igreja de La Profesa¹⁶⁰⁹, que estava aberta. Entrei com a intenção de rezar uma estação e sair.

Estavam, pontualmente, lendo os pontos de meditação. Entreguei-me a Deus da melhor maneira que pude naquele momento e ouvi o sermão pregado por um sacerdote bastante sábio. Seu tema versava sobre a infelicidade daqueles que desprezam os últimos socorros e a incerteza que temos ao saber qual é o último.

O orador concluiu-o, provando que nunca faltam socorros e que devemos nos beneficiar deles, temendo que um deles possa ser o último. Desprezá-lo, segundo ele, pode levar Deus a deter-nos e pôr um final à medida de nossos crimes, ou parar nosso coração, de modo que caia na impenitência final.

(p. 860) Mas, com que espírito e energia esforçava o orador essas verdades!

– A maior desgraça – disse ele, cheio de um santo zelo –, a maior desgraça que pode ocorrer ao homem nesta vida é a impenitência final. Em tão feliz estado, os céus ou os infernos seriam abertos para o impenitente objeto da mais fria indiferença. Seu insensível coração não seria suscetível ao amor de Deus nem ao temor da eternidade – e é certo que há prêmios e castigos perduráveis –, nem aspiraria a uns, nem procuraria libertar-se dos outros.

“Chovia sobre o Faraó e o Egito as pragas, os castigos eram frequentes, e o Faraó persistia em sua obstinação cega, pois seu coração estava endurecido, como as Sagradas Escrituras dizem-nos: *induratum est cor Faraonis*¹⁶¹⁰. Portanto, se algum

¹⁶⁰⁹ **Nota da Tradutora: Igreja barroca muito famosa na Cidade do México. O primeiro edifício foi construído em 1610 e reconstruído entre 1714 e 1720. Teve mais modificações no século XIX. O prédio também guarda uma importante biblioteca com obras da época da Nova Espanha e pinacoteca que guarda seus *tesouros*, 350 obras de arte religiosa colonial. Para mais informações, visitar: <https://www.mexicodesconocido.com.mx/la-profesa-una-iglesia-esplendorosa-del-centro-historico-de-la-ciudad-de-mexico.html>. Acesso em: 14 nov. 2023.

¹⁶¹⁰ Transcrição da nota 809, da edição de 2008 (p. 860): “Episódio bíblico que aparece em Êxodo, 7-12” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: “O coração do Faraó estava endurecido” (Nossa tradução).

de vós ouviu hoje (p. 860) a voz do Senhor, não deveis desprezá-la nem adiar vossa conversão para amanhã, pois, ao desprezar essa ajuda, não haverá outra, e vosso coração se endurecerá. *Hoje, se vós ouvíreis a voz do Senhor, não endureçais vossos corações...*, como nos diz o santo rei profeta¹⁶¹¹. Devemos responder a sua voz hoje, sem esperar para amanhã, pois não sabemos se viveremos amanhã, e para que não aconteça que, ao tentarmos implorar a misericórdia de Deus, Sua Majestade nos desconheça, como as virgens néscias, e, sendo inúteis nossos esforços, cumpra-se em nós aquele terrível anátema com o qual o próprio *Señor* ameaça os pecadores obstinados nas Divinas Escrituras. *Chamei-os, diz Ele, chamei-os e não me ouvistes; toquei vosso coração e não me abristes; também, na hora de vossa morte, rirei e zombarei de vossas súplicas*¹⁶¹².

Com semelhante estilo foi o sermão que ouvi e que me encheu de tal pavor que, logo que o padre baixou do púlpito, encontrei-me com ele e supliquei-lhe que ouvisse de mim duas palavras de penitência.

O bom sacerdote condescendeu a minha súplica com a (p. 861) maior doçura e caridade. Logo que se informou de minha vida em compêndio e se satisfez de que era verdadeiro meu propósito, convocou-me, no dia seguinte, às cinco e meia da manhã, hora em que acabava de realizar a primeira missa matutina, prevenindo-me para que o esperasse naquele mesmo lugar, que era um canto escuro da sacristia. Ficamos nisso, e fui à pousada mais consolado.

No dia seguinte, levantei-me cedo. Ouvi sua missa e o esperei onde me indicou. Ele não quis confessar-me naquele momento, porque disse que era necessário que eu fizesse uma confissão geral. Explicou que eu tinha uma bela oportunidade, que deveria aproveitar, se eu quisesse, pois, naquela tarde, começava a série de exercícios que ele ministraria, e eu poderia participar, se assim o desejasse.

– E quero muito isso, padre – disse-lhe. – Sim, a isso aspiro, a fazer uma boa confissão.

– Muito bem – respondeu-me ele –, disponde vossas coisas e, à tarde, vinde! Dizei ao padre porteiro vosso nome e não pergunteis mais.

¹⁶¹¹ Nota da Tradutora: Lê-se, *Hodie si vocem Domini audieritis, nolite obdurare corda vestra* - [Nossa tradução está no corpo do texto]. Transcrição da nota 809, da edição de 2008 (p. 860): “Salmos, 94, v. 8” (Nossa tradução).

¹⁶¹² Transcrição da nota 809, da edição de 2008 (p. 860): “Provérbios, 1, 24-29” (Nossa tradução).

(p. 861) Dito isso, levantou-se, e eu me retirei mais contente do que na noite anterior, ainda que não tenha deixado de admirar-me o que me disse o confessor de que dissera meu nome na portaria, pois ele não tinha me perguntado.

Não obstante, não me meti em averiguações. Cheguei à pensão, comi na hora normal, paguei o que devia, pedi meu cavalo e, às três horas, fui para a La Profesa.

(p. 862) Capítulo IV

No qual Periquitinho conta como participou de um retiro em La Profesa e seu encontro com Roque; relata quem foi seu confessor e os favores que ficou lhe devendo, dentre os quais, tê-lo ajudado a conseguir emprego em uma loja

Logo que cheguei à portaria de La Profesa, entreguei o recado, da parte do padre que estaria a cargo dos exercícios espirituais. O porteiro perguntou meu nome, e eu respondi-lhe. Ele, então, conferiu um papel e disse-me:

- Está bem! Pode mandar levar vossa cama lá para dentro.
- Já está aqui – disse-lhe. – Carrego-a comigo.
- Pois, então, o *señor* pode passar.

Entrei com ele, que me levou para um quarto onde estava outra pessoa, dizendo-me:

- Este é o quarto do *señor* e de vosso *señor* companheiro.

Ao dizer isso, foi embora, e eu, quando quis falar com meu companheiro, reconheci que era o pobre Roque, meu condiscípulo, amigo e fâmulos antigo. Ele também reconheceu-me, e depois de nos abraçarmos com ternura inimaginável, indagamos um sobre a vida do outro e colocamos a conversa em dia.

Admirado ficou Roque ao saber de tudo o que passei. Não me admirei muito do que ele contou, pois, como ele não tinha sido tão extraviado como eu, não tinha sofrido tanto, e suas aventurazinhas não passavam de comuns.

Por último, eu disse-lhe:

– Fico muito feliz por termos nos reencontrado neste santo claustro, por termos percorrido juntos alguns dias passados pela senda da iniquidade e que, aqui também, vejamo-nos reunidos, animados pelos mesmos sentimentos de implorar pela graça do *Señor*.

– Também fico feliz – disse-me Roque. – E a esse prazer, (p. 863) acrescento a satisfação de pedir teu perdão, e, de fato, faço-o por aqueles maus conselhos que te dei; pois, embora eu os tenha dado para te bajular e ganhar mais tua proteção, fiz isso impulsionado por minha miséria. Claro, isso não é desculpa. Muito pelo contrário, eu deveria ter te aconselhado bem. Seria melhor ter perdido tua casa e amizade do que ter te induzido à maldade.

(p. 863) – Eu nem precisava deles – disse-lhe –, fica tranquilo. Mesmo sem tuas persuasões, eu teria agido tão mal quanto agi.

– Mas, agora, tratas de mudar de vida seriamente? – perguntou-me Roque.

– Essa é minha intenção, sem dúvida – respondi-lhe. – Com esse objetivo, vim para cá, para ficar enclausurado nesses oito dias.

– Isso alegra-me muito – continuou Roque. – Mas, homem, se não fostes inspirado pela Virgem... Já temos certa idade, e tu já tens visto do lobo não só as orelhas, mas o corpo todo. Por isso, debes pensar com seriedade.

– Não fico incomodado por teu fervor – disse-lhe. – Sem dúvida, és bom para frade e até mesmo para missioneiro.

– Não penso em ser predador – respondeu-me –, porque não considero ter nem os estudos nem o espírito próprio para isso, mas penso, sim, em ser frade. Por isso, estou aqui para receber esses santos exercícios. Já fui admitido como laico em San Francisco¹⁶¹³. Se for a vontade de Deus, e com a ajuda dele, penso sair daqui e entrar ao noviciado logo, logo.

– Que bom, Roque, alegre-me muito mesmo. Tendes pensado com juízo, embora diga o ditado que o lobo, farto de carne, mete-se a frade.

– Esse é um dos tantos ditados vulgares e tolos que temos – disse-me Roque. – Ainda que quisesses dizer que, depois de ter dado ao mundo os melhores anos de minha juventude, agora, com um pé na velhice, desejo recolher-me ao claustro e viver sob obediência, não estarias errado. Mas, será que, só porque fomos rapazes e jovens maus, também seremos velhos incorrigíveis? Não, Quitinho, se alguma vez (p. 864) fores pensar com juízo, jamais é tarde para converter-se, e outro ditado também diz que antes tarde do que nunca.

– Não, não fiques bravo, Roquinho – disse-lhe. – Fazes muito bem. É uma brincadeira. Já conheces como sou, naturalmente jovial, especialmente com amigos tão próximos como tu. Mas fazes muito bem em pensar dessa maneira, e eu procurarei tirar fruto de tua indignação.

¹⁶¹³ **Nota da Tradutora: convento da ordem franciscana (ordem dedicada à catequização dos indígenas), considerada como uma das edificações religiosas mais importantes da Nova Espanha. Inicialmente, tinha a extensão de quatro blocos, porém, com o passar do tempo, uma parte foi derrubada para a construção das ruas atuais do centro histórico da Cidade do México. Mais informações em: <https://mxcity.mx/2017/04/la-historia-de-san-francisco-el-convento-de-conventos/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

(p. 864) – Que indignação, que nada! – disse-me Roque. – Reconheço quando falas com zombaria. Apenas estava tentando explicar-te.

Nesse momento, tocaram o sino, e fomos ao encontro preparatório.

Concluídos os exercícios daquela noite, o porteiro entrou em meu quarto e passou-me um recado: eu deveria aguardar meu confessor na sacristia após a primeira missa matinal na capela. Naquela noite, Roque e eu lemos os bons livros que havia na mesa até a hora da janta. Depois disso, recolhemo-nos. Roque emprestou-me um lençol e um travesseiro.

No dia seguinte, levantei-me cedo, escutei a primeira missa, esperei o padre e comecei a fazer minha confissão geral. A cada dia que passava, apaixonava-me mais pela prudência e suavidade do confessor.

No sétimo dia, terminei minha confissão, dando satisfação ao confessor e muito consolo a meu espírito. O padre disse-me que, no dia seguinte, era a comunhão geral; que, depois de comungar, não fosse tomar o café em meu quarto, mas em seu aposento, que era o número sete saindo da capela, à direita. Assim combinamos e nos separamos.

Para quem não sabe dessas coisas, será difícil imaginar o prazer e o sossego com que eu dormi naquela noite. Parece que tinha me aliviado de um enorme peso, ou que uma espessa neblina que oprimia meu coração se tinha dissipado, e assim era de verdade.

No dia seguinte, depois de sair da cama e fazer nossa higiene pessoal, fomos à capela onde, depois dos exercícios habituais, tivemos a missa de graças com a maior solenidade, comungou o religioso e depois comungamos todos de sua mão, cheios do mais doce e inexplicável júbilo.

(p. 865) Concluída a missa, e depois de dar graças, todos fomos beber chocolate para o café da manhã, e eu, depois de despedir-me de Roque com o maior afeto, também fui despedir-me de meu confessor, que já me esperava em seu aposento.

Mas qual não seria minha surpresa! Acreditando eu que ele era um padre que conheci pela primeira vez há oito dias, vi que meu confessor era o próprio Martim Pelayo, meu velho amigo e excelente conselheiro!

Descobri que não era mais apenas o simples Martim Pelayo, nem qualquer um rapaz dançarino e bobalhão, mas, sim, um sacerdote sábio, exemplar e circunspecto.

Ao perceber (p. 865) que tinha contado todas minhas desgraças para ele e não para um estranho, não pude deixar de corar. Pelo menos, o padre reparou meu rosto, e tentando animar-me, disse-me:

– Não te lembras de mim, Pedrinho? Não vais dar-me um abraço? Vamos, só um, mas muito apertado. Quanta vontade tive de ver-te e de saber de tuas aventuras, aventuras próprias de um pobre rapaz sem experiência nem compromissos!

Então, abraçamo-nos estreitamente, e logo que me fez sentar para tomar chocolate, continuou a dizer:

– É normal ter qualquer vergonha por teres te confessado comigo, sobretudo quando sabes que fui pior do que tu mesmo, e tão pior, que me considero teu mestre na perdição. Talvez, meus maus conselhos tenham coadjuvado a te perder, fato que muito me pesa, mas Deus quis conceder-me o prazer de ser teu diretor espiritual, e de substituir, com máximas de sólida moral, os perversos conselhos que te dei algumas vezes.

“Para que esse espírito não se acovardasse com a vergonha, tratei sempre de escutar tua confissão no escuro, cobrindo meu rosto com um lenço. Mas, depois que consegui absolver-te, quis manifestar-me como teu amigo. Nada do quanto tens-me dito surpreende-me. Eu teria cometido todos os crimes. Diante de Deus, sou delinquente, e se não tenho estado nos mesmos trabalhos e tenho me sujeitado um pouco mais cedo, tem sido por um efeito especial de sua misericórdia. Portanto, não fiques diante de mim com vergonha. No confessionário, sou teu padre, aqui, sou teu irmão; lá, faço as vezes de juiz, aqui, desempenho o título de teu sempre amigo, (p. 866) e agora com motivo duplo. Desse modo, tens de tratar-me aqui como aqui, e lá como lá.

É fácil entender como, com tão suave e prudente estilo, ele deixou meu espírito mais confiante e comecei a perder a vergonha, ainda mais quando ele não permitiu que me dirigisse a ele como *señor*, e, sim, mais informalmente, como foi sempre.

No meio da conversa, eu lhe disse:

– Irmão, já que te devo tanto que não posso pagar-te, e tens-me dito que devo restituir o cavalo, o capote, o sabre e tudo mais, garanto que esse também é meu

maior desejo. (p. 866) Sinto-me como se estivesse usando um sambenito¹⁶¹⁴ e temo ser ridicularizado novamente, de modo ainda pior do que aquela vez com o capote do doutor Purgante. É verdade que não roubei estas coisas, mas, de qualquer forma, são produtos de roubo, e eu não deveria mantê-los comigo nem por mais um instante.

“Eu gostaria de livrar-me dessas coisas o quanto antes, e deixá-las em teu poder para que, ao deixar avisado sobre eles na Acordada, ou ao público por meio da Gaceta¹⁶¹⁵, ou por qualquer outro meio, sejam devolvidas a seu dono o mais rápido possível, ou, se não forem devolvidas, a finalidade é que tires de mim este fardo, porque, se aquilo conseguido de forma lícita é levado pelo diabo, o que é obtido de forma contrária já sabes o final que tem.

– Tudo isso está muito bem – disse-me Pelayo –, mas tens outra roupa para usar?

– O que teria? – disse-lhe eu. – Não há mais do que isto e seis pesos que sobraram das pistolas.

– Então, fique com eles – disse-me Martim –, uma vez que, por agora, não podes desfazer-te de tudo, porque te encontras em extrema e legítima necessidade de cobrir tuas carnes, embora seja com aquilo que foi roubado. No entanto, veremos o que fazer. Mas, o que decidiste fazer? Em que queres te ocupar? Do que pretendes subsistir? Porque, para viver, é necessário comer, e para ter o que comer é necessário trabalhar, e a ti, isso é tão necessário que, enquanto não encontrares algum trabalho para tua subsistência, estarás muito inclinado a abandonar teus bons desejos, esquecer teus recentes propósitos e voltar à vida de antes.

(p. 867) – Deus não permita isso! –disse-lhe com muita tristeza. – Mas, irmão, o que farei, se não tenho a quem recorrer nesta cidade, nem de quem me valer para que me proporcione uma ocupação ou lugar onde servir, mesmo que seja de porteiro? Meus parentes negam-me por ser pobre, meus amigos desconhecem-me pelo mesmo

¹⁶¹⁴ **Nota da Tradutora: O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 538) informa que o sambenito era uma veste com a que “eram passeados e exibidos pelas ruas os condenados a serem queimados ou a receber algum dos ‘piedosos’ suplícios que trouxe a ‘civilização conquistadora’ e que utilizou para destruir a ‘barbárie’ daqueles que, anestesiando a vítima, extraíam-lhe o coração de uma machadada” (Nossa tradução). Para mais informações, visitar: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/538/mode/2up?q=sambenito&view=theater>. Acesso em: 13 maio 2024.

¹⁶¹⁵ **Transcrição da nota 4, da edição de 2004 (p. 490): “*Gaceta del Gobierno de México* [Nossa tradução: Gazeta do Governo do México], jornal oficial do governo colonial da Cidade do México, publicado três vezes por semana, entre 1784 e 1822” (Nossa tradução).

motivo, e (p. 867) todos me abandonam, seja por ser fuleiro, seja porque não tenho um tostão, tenho disso certeza, pois, se tivesse dinheiro, sobrar-me-iam amigos e parentes, ainda que fosse o diabo, como quando tinha tudo isso; porque o que eles buscam é dinheiro, não boa conduta, e contanto que tenham a possibilidade de sugar-me, ninguém tentará averiguar de onde o dinheiro procede. Venha de onde vier, o importante é que haja o que arrancar, e embora seja a extorsão mais indigna que Satanás, amassada com Gestas¹⁶¹⁶ e Judas, nada importa: os bajuladores puxa-sacos¹⁶¹⁷ colocarão incenso ao ídolo que os favorece, por mais criminoso que esse for, e, com a maior sem-vergonhice, louvarão seus vícios como se fossem as virtudes mais heroicas.

“Sinto muito, irmão, mas isso eu sei por uma contínua experiência. Esses amigos malandros que me perderam, e que perdem a tantos no mundo, sabem da arte maldita de disfarçar os vícios com nome de virtudes. À dissipação, chamam de generosidade; ao jogo, de diversão honesta, por mais que, a modo de diversão, percam caudais; à lubricidade, de cortesia; à embriaguez, de prazer; à soberba, de autoridade; à vaidade, de circunspeção; à grosseria, de franqueza; à chocarrice, de graça; à estupidez, de prudência; à hipocrisia, de virtude; à provocação, de valor; à covardia, de recato; à loquacidade, de eloquência; à estultice, de humildade; à simplicidade, de singeleza; à... mas por qual razão canso-te falando tudo isso, quando sabes melhor do que eu como é o mundo e como são tais amigos? Em virtude disso, não sei o que fazer nem de quem me valer.

– Não te desespere – disse-me padre Pelayo –, eu farei por ti o quanto puder. Acredita na Suprema Providência, mas não te descuides, porque temos de estar nesta triste vida rezas a Deus, mas precisas trabalhar como um condenado¹⁶¹⁸.

– Que Deus te pague por tuas consolações e conselhos –disse-lhe. – Mas, irmão, se puderes perguntar a teus amigos sobre algum trabalho para mim, seja o que for, tenha certeza de que não vou fazer-te passar vergonha.

¹⁶¹⁶ Transcrição da nota 5, da edição de 2004 (p. 491): “Gestas: nome tradicional para o ‘mau ladrão’, crucificado à esquerda de Jesus” (Nossa tradução). Nota da Tradutora: O ‘bom ladrão’ foi chamado de Dimas. Mais informações em: <https://www.a12.com/jovensdemaria/artigos/crescendo-na-fe/como-o-bom-ladrao-crucificado-ao-lado-de-jesus-se-tornou-santo>. Acesso em: 18 nov. 2023.

¹⁶¹⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *paniaguados* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 867).

¹⁶¹⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *a Dios rogando y con el mazo dando* – [Nossa tradução está no corpo do texto]. A expressão é utilizada para afirmar que, ao mesmo tempo em que se deve confiar na Providência, deve-se também agir e não ficar apenas esperando.

(p. 868) – Acabei de pensar em uma solução – disse-me. – Aguarda um pouco aqui.

Depois de falar isso, saiu para a rua, e eu fiquei lendo até o meio-dia, quando voltou meu amigo. Ao entrar, disse-me:

– Alvíssaras, Pedro! Já tens aonde ir! Nesta tarde, levo-te para que combines com aquele que será teu patrão, a quem eu te recomendei muito bem. Ele é meu amigo e meu filho espiritual; por isso, conheço-o e tenho certeza de sua boa situação. Olha, deves agradecer a Deus mil vezes por esse novo favor, e andar a seu lado com boa conduta, pois já é tempo de pensar com juízo. Lembra-te sempre das desgraças que tens sofrido e reflita sobre a retribuição que dá o mundo e sobre os maus amigos. Vamos comer!

Agradei devidamente. Logo, arrumaram a mesa, comemos e, finalizada a refeição, rezamos um *Pai Nosso* pela alma de nosso infeliz Januário. Dormimos a *siesta* e, às quatro, depois de tomar o chocolate, saí em uma carruagem com o padre Pelayo à casa de quem seria meu amo.

Assim que me viu, pareceu gostar de mim, porque tratou-me com muita naturalidade e carinho. Tal deve ter sido o bom informe que fez sobre mim nosso confessor e amigo.

Era um homem viúvo, sem filhos, rico e generoso, circunstâncias que o tornariam um bom amo, como o foi de fato.

O trabalho consistia em cuidar e administrar o *mesón* do povoado chamado San Agustín de las Cuevas¹⁶¹⁹, que, caso não saibais, fica a quatro léguas¹⁶²⁰ desta capital, além de gerenciar uma loja de bom tamanho que ficava na mesma cidade. A soma dos ganhos produzidos em ambas as atividades seria dividida entre ambos, o amo e eu.

É claro que aceitei nesse mesmo momento. Enchendo a Pelayo de agradecimentos e tendo combinado sobre o dia do pagamento, fomos embora, meu amigo Martín e eu, para La Profesa.

¹⁶¹⁹ Nota da Tradutora: Ver a nota 1433 de nossa tradução.

¹⁶²⁰ Nota da Tradutora: Quatro léguas equivalem, aproximadamente, a 19.3121 km. Disponível em: <http://www.convertidorunidades.com/leguas-a-kilometros>. Acesso em: 19 nov. 2023.

(p. 868) À noite, conversamos sobre vários assuntos. Pelayo terminou a conversa com o pedido para que me comportasse (p. 869) com honradez e não manchasse sua reputação. Prometi que não faria tal coisa e nos recolhemos.

No dia seguinte, meu amigo pediu para esperá-lo em seu aposento e, momentos depois, veio com tecidos e um alfaiate, a quem pediu que tomasse minhas medidas para uma capa e uma indumentária. Depois de receber não sei que quantia de dinheiro, o alfaiate despediu-se e foi embora.

Fiquei admirado pela generosidade do padre Pelayo. Não encontrei formas de expressar minha gratidão. É fácil imaginar a situação. Ele disse-me:

– Tenho proporcionado dinheiro e feito essas diligências para ti por três motivos: para que não estragues mais essa roupa, que não é tua; para que não fiques exposto a algum problema por causa dela; e para que teu amo te trate como um homem elegante e civilizado, e não como um *payo*, um camponês qualquer. As aparências são importantes neste mundo e, embora não devamos nos vestir com profanidade, devemos nos vestir com decência e segundo nossos princípios e trabalho.

Passados três dias, o alfaiate voltou com a roupa. Arrumei-me¹⁶²¹ e vesti um capote e jaqueta à moda da Cidade do México. Pelayo foi comigo ao *mesón*, onde lhe entreguei o cavalo e respectivos arneses. Voltamos a La Profesa, fiz uma lista de tudo o que lhe entreguei e, no outro dia, Martim colocou tudo aquilo em poder do capitão da Acordada, para que ele procurasse seus donos e encontrasse uma solução.

Não tendo mais o que fazer sobre esse assunto, e chegado o dia em que receberia a loja e o *mesón*, fomos a San Agustín de las Cuevas. Tomei as rédeas dos negócios a contento, meu patrão e o padre voltaram à Cidade do México, e eu fiquei naquele (p. 869) povoado seguindo o melhor comportamento possível, tanto que, depois, o céu me premiaria com acréscimo de interesses e uma série de felicidades temporárias.

¹⁶²¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *me planté* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 869). O *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 868) menciona que “plantarse, tanto na Costa Rica quanto na parte central do México, significa arrumar-se” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/868/mode/2up?view=theater&q=plantarse>. Acesso em: 19 nov. 2023.

(p. 870) **Capítulo V**

No qual Periquitinho relata seu comportamento em San Agustín de las Cuevas e a aventura de seu amigo Anselmo, com outros episódios nada desagradáveis

Assim como se diz que o sábio vence sua estrela, poder-se-ia dizer, com mais certeza, que o homem bom, com seu comportamento constantemente dentro das regras, quase sempre controla seu fado, por mais sinistro que seja.

Experimentei tal controle, mesmo nas ocasiões em que segui um procedimento honesto por hipocrisia, se bem que depois eu tropeçava e ficava desavergonhado com o vício, então voltavam como tempestades minhas aventuras adversas.

Desiludido com essa observação dolorosa e repetida, procurei pensar seriamente, considerando que já tinha mais de 35 anos, idade suficiente para refletir criteriosamente. Tentei comportar-me com honra e não dar o que falar naquela cidade.

Todos os meses, num domingo, eu vinha à Cidade do México, confessava-me a Pelayo e depois ia com ele passar o resto do dia na casa e na companhia de meu amo, que me demonstrava cada vez mais confiança e carinho. À tarde, saía para passear pela Alameda ou noutros locais.

Quantas vezes Pelayo me dizia:

– Sai, espairose um pouco! A virtude não está em desacordo com a alegria ou com a diversão honesta. A beleza do campo para a recreação dos sentidos e a comunicação recíproca dos homens por meio da explicação de seus conceitos para o alívio de suas almas são abençoadas pelo próprio Deus, pois Sua Majestade¹⁶²² criou assim (p. 871) a beleza, os aromas, os sabores, as virtudes e os matizes das plantas, flores e frutos, como a vivacidade, a graça, a percepção e a sublimidade dos entendimentos. Ele fez, criou e destinou tudo para a recreação e uso do homem; e, se não for assim, qual seria o propósito de dotar as criaturas subalternas de belezas, e a mente racional do espírito para percebê-las, se não nos fosse permitido exercer sobre elas nosso talento ou nossos sentidos? Seria, por um lado, uma criação inútil, e por outro, uma tirania que degradaria a Divindade, pois provaria que ela criou entidades espetaculares e deliciosas, e dotou-nos de apetites, proibindo-nos a

¹⁶²² *Nota da Tradutora: Lembrar que Majestade também é utilizada como sinônimo de Deus. Ver nota 517 de nossa tradução.

aplicação destes e a (p. 871) fruição do primeiro. Uma pena que os gentios tenham considerado a fruição digna de castigo infernal para os cruéis e gananciosos como Tântalo¹⁶²³, a quem foi concedida a visão imediata das maçãs e da água, que lhe chegavam à boca, e ele não conseguia saciar sua sede nem sua fome.

“É claro que seria absurdo pensar nisso; mas, embora sem malícia, aqueles que acreditam que Ele se ofende com nossas inocentes diversões não formaram melhor conceito de Divindade.

“Abusar e não usar é o que é proibido, mesmo nas obras de virtude. Tenho essa opinião como muito certa, e como tal aconselho-te: *não peques e diverte-te o quanto quiser*, porque Deus quer que sejamos santos e não macacos, ridículos, furões nem tristes. Que fique isso para os hipócritas! Que os justos, nesta expressão do santo David, devem alegrar-se e regozijar-se no Senhor, e podem muito bem cantar e saltar com sua bênção ao som da cítara, da lira e do saltério¹⁶²⁴.

“São frases com as quais o santo rei explica que Deus não quer estúpidos nem sonsos. O jugo da lei do Senhor é suave, e seu fardo é muito leve. Qualquer cristão pode desfrutar de diversão que não seja pecaminosa nem arriscada. Ninguém deixará de sê-lo, nem mesmo com a frequência aos templos, se o coração estiver corrompido e mal-intencionado; e ninguém o será, mesmo que seja num baile e num casamento, se comparecermos com reta intenção e com a disposição de não prevaricar. As oportunidades (p. 872) estão próximas e devemos fugir dos perigos quando tivermos experimentado nossa fraqueza. Portanto, divirta-se conforme dita a observação prudente.

Confiando nestes e em muitos outros aconselhamentos semelhantes, saí para um belo passeio, e, embora tenha conhecido muitos daqueles malandros que se diziam meus amigos, tentei não os ver; e, se não pudesse desculpar-me, livrar-me-ia disso dizendo-lhes que estava trabalhando fora da Cidade do México e que partiria à noite, para que perdessem a esperança de enganar-me e seduzir-me.

Num desses passeios lícitos, um garotinho muito surrado nas roupas, mas de aparência bonita, pegou em minha mão e falou comigo, pedindo-me ajuda pelo amor

¹⁶²³ Nota da Tradutora: Ao desafiar aos deuses, alimentando-se dos manjares divinos e logo convidando os deuses a um banquete, no qual ofereceu o corpo de seu filho Pélops, Tântalo recebeu o castigo de eternamente “não poder alimentar-se nem matar a sua sede”. Disponível em: <https://mitologiagrega.net.br/tantalo-e-seu-terrivel-castigo/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

¹⁶²⁴ Transcrição da nota 816, da edição de 2008 (p. 871): “*Salmos*, 32” (Nossa tradução).

de Deus para (p. 872) sua pobre mãe, que estava doente, acamada e sem comer nada. Como essas palavras vinham acompanhadas de muitas lágrimas, com aquela simplicidade típica de uma criança de seis anos, acreditei nele e, sentindo pena do estado infeliz que ele descrevia, disse-lhe que me levasse para sua casa.

Depois que entrei, vi que o que ele me contava era verdade, porque, num quarto, que chamam de redondo (que, na verdade, correspondia à casa inteira), uma mulher de uns 25 anos estava deitada em um pé de cama indecente, sem mais colchão, lençóis, nenhum travesseiro além de um tapete, um cobertor e um monte de trapos na cabeceira. Num canto da mesma cama, estava deitado um menininho de cerca de um ano, agitado e exausto, que, de vez em quando, segurava-se nos seios secos da mãe fraca, espremendo o pouco que conseguia sugar.

Pelo quartinho sujo, caminhava uma loirinha de três anos, realmente muito bonita, mas abatida e mostrando, na descoloração do rosto, a fome que roubara o rosado de suas bochechas. Não havia luz no braseiro nem para acender um cigarro, e todo o enxoval correspondia a uma imensa miséria.

Uma cena tão infeliz não poderia deixar de comover minha sensibilidade, e, assim, sentado ao lado da doente na mesma cama, eu lhe disse:

– *Señora*, fiquei magoado pelas misérias que esta criança contou-me de vós. Assim, decidi vir com ele para ter certeza de sua verdade, e é claro que a realidade é mais infeliz do que o retrato que esta criatura fez para mim. (p. 873) Mas, estou satisfeito. Não quero que minha vinda, para vê-la, seja totalmente infrutífera. Dizei-me quem sois, qual a razão de vosso sofrimento e como chegastes a uma situação tão deplorável; porque, embora, com esta relação, eu não consiga outra coisa senão dissipar a tristeza que parece que domina a *señora*, não será mau conseguir, pois já sabeis que só ficamos aliviados quando compartilhamos nossos pesares com confiança.

– *Señor* – disse-me a pobre doente com voz lânguida e muito triste –, *señor*, minhas dores são de tal natureza que penso que contá-las, longe de dar-me qualquer consolo, renovará as feridas pelas quais padece meu coração. No entanto, eu seria uma ingrata descortês se, mesmo à custa de algum sacrifício, não conseguisse satisfazer vossa curiosidade...

– Não, *señora*! – eu disse a ela. – Deus me livre de exigir-vos qualquer sacrifício! Acreditei que relatar vossos infortúnios serviria de refresco em meio a eles;

mas, se não for esse o (p. 873) caso, não fiqueis angustiada. Ficai com o pouco que tenho em minha bolsa e sofrei vossas aflições com resignação, oferecendo-as ao *Señor* e confiando em Sua vasta Providência, pois Ele não vos abandonará; é um Pai amoroso que, quando nos prova, faz-nos merecer e recompensa-nos, e quando nos pune, Ele o faz gentilmente e, ainda assim, Sua mão fica dolorida. Farei com que um padre amigo meu venha vê-la e lhe dê toda a ajuda espiritual e temporal que puder. Então, adeus!

Dizendo isso, coloquei quatro pesos na cama e levantei-me para sair, mas a senhora não permitiu. Antes, sentando-se o melhor que podia em sua cama triste, com os olhos cheios de água, disse-me:

– *Não vá embora tão rápido, nem queira privar-me do conforto que suas palavras me dão!* Peço-lhe que vos senteis, pois quero contar-vos meus infortúnios, e penso que será um alívio para mim comunicá-los a uma pessoa que, sem mérito, mostra-me tanto interesse por meu infeliz destino.

“Meu nome é Maria Guadalupe Rosana. Meus pais eram nobres e honestos e, embora não fossem ricos, tinham o suficiente para me criar, assim como me criaram com presentes. Eu não queria nada em minha casa, era amada como filha e considerada filha única. Assim vivi até os quinze anos de idade, (p. 874) época em que Deus decidiu levar meu pai embora, e minha mãe, não sendo capaz de resistir a esse golpe, seguiu-o até o túmulo cerca de dois meses depois.

“Demoraria muito para contar as muitas dificuldades que sofri e os riscos aos quais minha honra esteve exposta durante minha orfandade. Num dia, estava numa casa, e no seguinte, em outra; aqui me esnobaram, ali tentaram me seduzir, e em nenhuma delas encontrei porto seguro, nem proteção inocente.

“Durante três anos, vaguei daqui para lá, experimentando o que só Deus sabe, até que, cansada desta vida, temendo minha perdição e desejando garantir minha honra e subsistência, entreguei-me aos amorosos e repetidos apelos do pai destas crianças. Finalmente, casei-me e, em quatro ou cinco anos, meu marido nunca me deu motivos para me arrepender. A cada dia, ficava mais feliz com minha condição. Mas, já se passou pouco mais de um ano desde que meu dito marido, esquecido de suas obrigações e apaixonado por uma bela mulher que, como muitos, teve a habilidade de fazer dele um mau marido e um mau pai, deu-me uma vida bastante infeliz e fez-me sofrer fome, pobreza, nudez, doenças e mil outras dificuldades, que

ainda são poucas (p. 874) para a penitência de meus pecados. A dissipação de meu marido nos trouxe a todos o fruto natural: esta foi a última miséria em que me vedes.

“Quando era um homem bom, mantinha sua casa com decência, porque tinha um *cajón*¹⁶²⁵, uma lojinha bem abastecida no Parián e possuía todos os bens e pertences dos mercadores, em virtude da boa reputação que conquistara com sua boa conduta. Mas, quando começou a perder-se na companhia de seus maus amigos, e quando começou a afeiçoar-se por sua outra senhora, tudo o que tinha se perdeu. O *cajón* perdeu crédito com sua ausência, e o caixa fez o que quis. Meu marido, confiando nele, ia ao Parián apenas para sacar dinheiro e nada mais. Nossa casa estava extremamente negligenciada, as crianças estavam abandonadas, (p. 875) eu era malvista, os empregados estavam insatisfeitos, e todas as contas, atrasadas.

“É verdade que, quando me pagou o aluguel de uma casa de dez pesos e me deixou com apenas duas túnicas e seis reais para as despesas, teve de pagar a sua amante uma casa de vinte, duas empregadas, muita roupa e fartos passeios e diversões. E foi assim que aconteceu.

“À medida que as despesas cresciam, os meios diminuía. O *cajón* entrou em falência, e a *señorita*, assim que o viu pobre, abandonou-o e envolveu-se com outro. Meu marido, então, vendeu as poucas roupas e o enxoval que lhe restavam, e o senhorio carregou o colchão, o baú e o pouco que tínhamos reservado. Assim, fomos jogados na rua, e não tivemos outra escolha senão abrigar-nos neste ambiente úmido, indecente e desconfortável.

“Mas, como quando as dificuldades chegam aos homens, chegam em massa, aconteceu que os credores de meu marido, cientes da falência, e sabendo que o desfalque tinha sido ocasionado por gastar o capital em jogos e farras, apareceram e o mandaram para a cadeia, onde agora está detido até que ele lhes forneça um fiador dos seis mil pesos que deve. Isso é impossível, pois ele não tem ninguém para lhe emprestar nem mesmo dez reais, nem sequer seus amigos, que, segundo ele, eram muitos, e alguns com poses. Mas, já sabemos que, quando temos tribulações, os amigos desaparecem.

¹⁶²⁵ *Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 874), “rouparia: loja que vende tecidos no varejo, e hoje em dia, muitos outros itens, como móveis, papel de parede, ornamentos e objetos para igreja, etecétera” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/182/mode/2up?q=caj%C3%B3n>. Acesso em: 12 dez. 2023.

(p. 875) “A miséria, a umidade deste quarto incômodo e o tormento que meu espírito sofre prostraram-me nesta cama, não sei devido a que doença, pois eu, que a sofro, não a conheço. A verdade é que acredito que minha morte se aproxima a cada momento, e esse pequenino¹⁶²⁶ infeliz morrerá primeiro de fome, pois meus seios magros não têm o suficiente para alimentá-lo, estas outras duas crianças serão expostas à mais dolorosa orfandade, meu marido será entregue à crueldade de seus credores e todos sofreremos o esperado fim trágico.

“Esta, *señor*, é minha infeliz história. Vede se eu disse com razão que minhas tristezas são aquelas que não podem ser aliviadas contando-as! Ah, meu marido! Ah, Anselmo, a que estado lamentável levou-nos tua conduta desordeira!...

– Com licença, *señora* – eu lhe disse –, quem é esse Anselmo (p. 876) de quem reclamais?

– Quem mais poderia ser, *señor*, senão meu pobre marido, a quem não consigo deixar de amar, embora ele tenha sido ingrato comigo.

– Eu o conheço, é um bom caráter – eu lhe disse, e imediatamente descobri e fiquei plenamente satisfeito ao saber que seu marido era meu amigo Anselmo, aquele que não me reconhecia, ou não queria me reconhecer quando implorei sua caridade no meio de meu maior desespero. Mas, lembrando-me, então, não de sua ingratidão, mas sim de sua desgraça e daquilo que sofria sua triste e inocente família, tentei aliviá-la com o que pude.

Consolei novamente a pobre doente, chamei uma velha vizinha que a amava muito e lhe trazia lanche ao meio-dia, e oferecendo-lhe um bom salário, ela ficou ali servindo-a com muito prazer.

Saí para a rua, fui ver meu amo, contei-lhe a história, pedi-lhe emprestado dinheiro, fiz-lhe entrar num carro e levei-o para testemunhar o destino miserável daquelas vítimas inocentes da miséria.

Meu amo, que era muito sensível e compassivo, ao ver aquele triste grupo de infelizes, expressou sua generosidade e prontificou-se a remediá-los.

¹⁶²⁶ Nota da Tradutora: Na página 872, da edição de 2008, lê-se, em castelhano, *En un rincón de la misma cama estaba tirado un niño como de un año*. No entanto, na página 875, também da edição de 2008, lê-se, em castelhano, *“esta infeliz chiquita”*. Para evitar possíveis confusões, na tradução da segunda frase, optamos por “esse pequenino infeliz”.

(p. 876) A primeira coisa que fez foi mandar chamar um médico e uma *chichigua* para cuidar da doente e da criança. Naquela noite, mandou de casa um colchão, lençóis, travesseiros e diversas coisas de que a doente precisava.

Meu amo não deixou que eu partisse ainda para San Agustín, e no dia seguinte, mandou-me procurar uma casinha no alto. Eu a procurei com muito empenho e, quando foi possível, mudei a *señora* e sua família para lá.

Com o dinheiro que pedi, forneci roupas para as crianças e, sem mais nada para fazer naquele momento, despedi-me da *señora*, que não se cansava de encher-me de bênçãos e de mil agradecimentos. A todo momento, ela perguntava meu nome e onde eu morava. Não quis revelar-lhe meus dados, porque não era necessário; antes, eu disse a ela que meu amo merecia aquela gratidão, que foi quem a ajudou, pois eu não passava de um fraco instrumento que Deus tinha usado para esse fim.

– Porém – disse-me a pobre mulher, toda emocionada –, apesar de este *señor* ter gastado mais do que vós em nosso nome, fostes vós o causante de tudo. Sim, (p. 877) vós falastes com ele, vós o trouxestes, e, por vossa causa, conseguimos tantos favores. Ele é um homem benéfico, não duvido, nem sou capaz de lhe agradecer ou retribuir o bem que fez a mim e a minhas criaturas, mas vós sois, além de benéfico, generoso, porque gastais generosamente sendo um subordinado, e...

– É isso, *señora*, é isso, então – eu lhe disse –, fique boa, é isso que nos importa, e adeus! Até domingo!

– Vindes no domingo para ver a mim e vossos filhos?

– Sim, *señora*, virei.

Comprei frutas para as crianças, abracei-as e disse adeus, não sem lágrimas nos olhos pela ternura que me causou ao ouvir ser chamado de pai por aquelas crianças inocentes, que não sabiam como expressar-me sua gratidão a não ser apertando meus joelhos com seus bracinhos e chorando, implorando para que eu não fosse embora. Foi difícil, para mim, livrar-me daquelas crianças agradecidas, mas, finalmente, cheguei a meu destino, entregando-as aos cuidados de meu amo e de meu amigo Pelayo.

No domingo seguinte, voltei sem falta. Meu amo não estava em casa e, assim que desci do cavalo, fui ver como estava a doente e seus filhos. Mas qual não foi meu prazer quando a encontrei bem recuperada e limpa, brincando na plataforma com os

filhos! Ela ficou (p. 877) tão entretida com essa diversão inocente que não me viu, até que eu lhe disse:

– Estou muito feliz, *señorita*, estou muito feliz!

Ela ergueu o rosto, viu-me e, reconhecendo-me, levantou-se e, cheia de um entusiasmo e de uma alegria imponderáveis, que lhe transbordavam a roupa, começou a gritar:

– Anselmo, Anselmo, vem depressa, vem conhecer quem queres! Vem, vem, aqui está nosso amigo, nosso benfeitor e pai! As crianças cercaram-me e, puxando-me pela capa, levaram-me para o estrado, ao mesmo tempo que Anselmo saía do quarto.

Ele ficou surpreso ao ver-me, fixou o olhar em mim, e quando se convenceu de que eu era o mesmo Pedro que ele desprezou e tentou caluniar como ladrão, lutando entre a gratidão e a vergonha, quis e não quis falar comigo. *Mais de uma vez, ele tentou passar os braços em volta de meu pescoço, e por duas vezes, estava pronto para voltar para o quarto.*

Numa delas, olhando-me com ternura e corado, disse-me:

(p. 878) – *Señor...* agradeço... – e não podendo dizer mais palavras, baixou os olhos. Eu, conhecendo o contraste de paixões com que lutava aquele pobre coração, procurei animá-lo da melhor maneira. E então, pegando meu amigo pelo braço e abraçando-o entre os meus, eu lhe disse:

– *Señor*, uma ova! Não me conheces, Anselmo? Não reconheces teu velho amigo, Pedro Sarmiento? Para que servem essas estranhezas e vergonhas de alguém que te ama há tanto tempo? Vamos, deixa de lado esse rubor, segura as lágrimas e reconhece de uma vez por todas que sou teu amigo.

Então, Anselmo, que me escutava com a cabeça apoiada em meu ombro esquerdo, encorajado por minhas palavras, ergueu o rosto e, voltando-se para a esposa, disse:

– E tu sabes, minha querida, quem é esse homem filantropo que nos tem ajudado tanto?

– Não, não tive o prazer de saber – disse-lhe a *señora*. – Só reconheço nele um benfeitor singular, a quem todos devemos a vida, a subsistência e a honra.

(p. 878) – Pois sabe, minha filha, que este homem é *Don Pedro Sarmiento*, meu velho amigo, a quem devia mil favores e a quem retribuí com a maior vilania nas circunstâncias mais críticas quando precisou de minha ajuda.

Ajoelhando-se, neste momento, e abraçando-me com ternura, disse-me:

– Perdoa-me, querido Pedro, sou vil e ingrato, mas tu és um cavaleiro e o único homem digno do doce título de amigo. A partir de hoje, reconhecer-te-ei como meu pai, como meu libertador e como protetor de minha esposa e de meus filhos, a quem fiz miseráveis com meus excessos. Não te lembres de minha ingratidão, não deixes que esses inocentes paguem o que só eu mereci..., seremos teus escravos..., nossa felicidade consistirá em servir a tua pessoa... e...

– Pelo amor de Deus, Anselmo, para com isso! – eu lhe disse, pegando-o no colo e apertando-o no peito. – Chega! Sou teu amigo e serei desde que me honres com tua amizade. Acalma-te e vamos conversar sobre outra coisa. Acaricia teus filhos, que choram porque te veem chorar. Conforta esta senhora que cuida de ti entre a aflição e a surpresa. Não fiz nada além de obedecer muito pouco aos sentimentos naturais de meu coração. Quando fiz o que pude por tua família, lamentei a situação infeliz deles, e sabendo que era a tua, cuja única circunstância foi suficiente para que eu, cumprindo os deveres de amizade, (p. 879) fizesse todo o possível a teu favor. Mas, afinal, foi Deus quem quis te ajudar. Agradece a Sua Majestade e nunca mais te lembres do que aconteceu no passado, pela vida de teus filhos.

Queria despedir-me, mas a *señora* não permitiu. Ela planejou o almoço e convidou-me para almoçar.

Sentamo-nos juntos com muita alegria, e, à mesa, informaram-me como Pelayo e meu amo tinham executado tão bem meu pedido e, não contentes em ajudar a doente e sua família, pediram aos credores de Anselmo, e, apesar de alguns permanecerem inexoráveis, oraram tanto e se esforçaram tanto que, finalmente, conseguiram a remissão da dívida até que sua sorte melhora. E, para que Anselmo pudesse sustentar sua família, meu amo colocou-o como mordomo numa de suas propriedades, para onde sair deveria ir logo que a mulher acabasse de se recuperar.

Essa notícia encheu-me de alegria, considerando que Deus usou-me para fazer feliz aquela pobre família, a quem dei meus parabéns, e depois, despedi-me de todos com mil abraços, lágrimas e expressões carinhosas.

(p. 879) Também agradei muitas vezes a meu amo e a Pelayo pelo que tinham feito, e à tarde, voltei a meu trabalho, sentindo não sei que doce satisfação em meu coração por tanto bem que tinha chegado àquela triste família por intermédio de mim. Em oito dias, podia ver a situação deles de uma forma diferente daquela que tinha encontrado. Ela – disse a mim mesmo –, estava enterrada na pobreza. O pai, entregue sem honra e sem recursos, à voracidade de seus credores, e confundido com a escória da cidade numa masmorra sombria; sua esposa, com o espírito atormentado e desmaiando de fome em um acessório indecente; as crianças, nuas, magras e expostas a morrer ou se perder; e agora, tudo mudou de aparência. Anselmo agora tem liberdade, a mulher tem saúde e marido, os filhos têm pai, e todos gozam, entre si, das maiores consolações. Bendita seja a infinita providência de Deus que tanto cuida de suas criaturas! E bendita seja a caridade de meu amo e do Pelayo, que arrancou esta infeliz família das cruéis garras da miséria e a devolveu ao seio da felicidade em que se encontram! (p. 880) Como o Todo-Poderoso se lembrará desta ação para recompensá-la excessivamente na hora inevitável de sua morte! Com que caracteres indeléveis não serão escritos no livro da vida os passos e as despesas que ambos deram e gastaram usando de seu dom! Quão felizes são os ricos que usam suas moedas com tanta santidade e as guardam em sacos que as traças não corroem! E que doces prazeres não são privados de quem não sabe fazer o bem ao próximo! Porque a satisfação que o coração sensível sente quando faz algo de bom, quando alivia a miséria ou, de alguma forma, enxuga as lágrimas dos aflitos, é imponderável, e só quem a vivencia poderá, não pintá-la com dignidade, mas, pelo menos, esboçá-la com um pouco de cor.

Não há remédio! Apenas os doces transportes, que a alma sente quando acaba de fazer um benefício, devem ser um poderoso estímulo para que todos os homens sejam beneficentes, mesmo sem a esperança de recompensas eternas. Não sei como há avarentos e não sei como há homens tão cruéis que, com os baús cheios de pesos, veem perecer, com a maior frieza, seus infelizes semelhantes. Olham com olhos finos o amarelo com que a fome e a doença pintam os rostos de muitos desgraçados; ouvem como música suave os gritos e gemidos da viúva e do pupilo; suas mãos não se amolecem mesmo quando regadas com as lágrimas do órfão e do oprimido...; numa palavra, seu coração e seus sentidos são feitos de bronze, duros, impenetráveis e inflexíveis à dor, à dor do homem e às sensações mais puras da natureza.

(p. 880) É verdade que há mendigos falsos e pobres a quem não se deve dar esmola, mas também é verdade que há muitos que estão legitimamente necessitados, especialmente entre tantas famílias decentes que, sob o nome de vergonhosos, gemem em silêncio e sofrem suas misérias em segredo. Estes devem ser procurados em busca de ajuda, mas são os que geralmente são menos atendidos.

Entretido por essas sérias considerações, cheguei a San Agustín de las Cuevas. Naquela vila, tentei manter um comportamento adequado, fazendo o possível para ajudar a todos que precisavam e ganhar a simpatia geral.

(p. 881) Assim, como estava inclinado a fazer o bem, não me esqueci de restaurar o mal que tinha causado. Paguei o que devia aos senhorios e ao tio advogado, embora não voltasse a admitir a amizade deste ou de outros amigos ingratos, interesseiros e egoístas.

Tive a satisfação de ver meu amo sempre satisfeito e descansado, com minhas boas ações, e testemunhei a transformação de Anselmo e a felicidade de sua família, já que a propriedade onde ele estava instalado foi-me entregue para administração.

Só não consegui achar aquele pobre maltrapilho, por mais que lhe pedisse que pagasse sua generosa hospedagem. O máximo que consegui foi saber que o nome dele era Tadeu.

Também não encontrei Nana Felipa, a fiel empregada de minha mãe, nem outras pessoas que um dia me ajudaram. Disseram-me que alguns deles tinham falecido, e de outros, não se sabia o paradeiro, mas fiz o possível para encontrá-los.

Continuava a servir meu amo e a mim mesmo em minha triste vila, muito agradável na companhia de um caixeiro fiel que tinha contratado, um homem muito bom, viúvo e que, segundo me contou, tinha uma filha de cerca de quatorze anos no interior no Colegio de Niñas¹⁶²⁷.

¹⁶²⁷ **Nota da Tradutora: A educação das meninas teve especial atenção durante os primeiros anos do estabelecimento do regime espanhol na Nova Espanha. As autoridades anteciparam que as meninas indígenas não precisavam ter um lugar exclusivo para receber educação, pois, com a conversão dos povos indígenas, assumiram que as famílias indígenas batizadas ensinariam em suas próprias casas. Sendo assim, o foco da preocupação concentrou-se nas meninas mestiças abandonadas. Em 1542, Antonio de Mendoza fundou um asilo para elas e as meninas espanholas 'que estavam perdidas pela região', e atribuíram a uma ou duas mulheres espanholas 'virtuosas' o papel de ensinar as 'virtudes necessárias'. O lugar era mantido por esmolas e lhes foi designado parte do *ganado mostrenco* [Nossa tradução: gado abandonado e animais perdidos cujo dono é desconhecido]. O auspício foi conhecido sob o nome de Colegio de Niñas e foi oficialmente fundado em 1548 pela Archicofradía del Santísimo Sacramento. Retirado de: http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080013288/1080013288_23.pdf. Para mais

(p. 881) Por causa de seu bom comportamento, descansei por inteiro e tentei conquistá-lo, porque ele era muito útil para mim. Chamava-se *Don* Hilário, e era tão parecido ao maltrapilho que, mais de duas vezes, estive pronto a acreditar que era ele, e para desiludir-me, fiz-lhe duas mil perguntas, às quais ele respondeu de forma ambígua ou negativamente, de modo que sempre me deixava em dúvida, até que um acidente impensável permitiu descobrir quem realmente era esse cara.

(p. 882) Capítulo VI

No qual Periquitinho relata a aventura do misantropo, sua história e o desfecho do paradeiro do maltrapilho, que não é muito desprezível

Embora meu caixeiro fosse, como já disse, um homem de bem, muito correto no cumprimento de suas obrigações e nada adepto dos passeios aos domingos, quando eu não vinha à cidade, fechava a loja à tarde, tirava minha espingarda e lhe fazia levar a sua. Saíamos, assim, para nos divertir na periferia da cidade.

Meu bom funcionário estava muito satisfeito com essa minha amizade e simpatia. Eu fazia isso com atenção especial, pois, além de merecer, considerei que ele não perderia nada e ganharia muito, pois veria esses interesses mais como de um amigo do que como de um amo, e assim trabalharia com mais prazer. Nunca me enganei nesse julgamento, nem se enganará, do mesmo modo, quem souber distinguir entre seus funcionários, tratando os homens de bem com amor e confiança particular, certo de que os tornarão melhores.

Numa das tardes em que estávamos caçando coelhos, vimos um cavalo desembestado vindo em nossa direção, numa corrida tão precipitada que, por mais que fizéssemos, não seria possível detê-lo; pelo contrário, se não nos afastássemos, seríamos atirados ao chão contra nossa vontade.

Sentimos pena do pobre cavaleiro, cujos esforços com as rédeas para contê-lo foram inúteis. Acreditávamos que sua morte era iminente por causa da fúria daquela besta cega, e ainda mais quando vimos que, desviando-se da estrada real, (p. 883) ele correu direto por uma vereda e, ao cruzar uma cerca de pedra da horta de um índio, tentou pular e, não o conseguindo, caiu no chão, prendendo a perna do cavaleiro com seu peso. O golpe que o cavalo levou foi tão forte que pensamos que ele tinha morrido, e o cavaleiro também, já que nenhum dos dois se mexia.

Compadecidos de tamanho infortúnio, corremos para ajudar o homem; mas este, assim que sentiu que nos aproximávamos dele, tentou se endireitar e, pegando uma pistola da cadeira, firmou-a, apontando para nós, e com voz rouca e irritada, disse-nos:

– Malditos inimigos da espécie humana! Matai-me se viestes para isso, e arrancai de mim essa vida infeliz que arrasto... O que estais fazendo, perversos? Por que vos detendes? Ah, cruéis! Esta besta não foi capaz de tirar a vida que detesto. (p.

883) Nem as bestas são capazes de me causar tanto mal. A vós, animais ferozes, a vós, está reservado destruir vossos semelhantes.

Enquanto aquele homem insultava-nos com esses e outros insultos semelhantes, eu observava-o com temor e atenção, e era verdade que sua figura impunha medo e pena. Sua veste preta rasgada, que, em algumas partes, revelava suas carnes brancas; seu rosto desbotado e coberto por uma longa barba; seus olhos fundos, tristes e furiosos; seu cabelo desgrenhado; sua voz rouca; seu modo desesperado, tudo nele manifestava o estado mais lamentável de seu destino e de seu espírito.

Meu caixeiro disse-me:

– Vamos embora. Deixemos esse ingrato. Só falta que percamos a vida tentando salvar esse monstro.

– Não, amigo – eu disse a ele –, Deus, que vê nossas boas intenções, preservará nossas vidas. Este infeliz não é ingrato como pensais. Talvez ele pense que somos ladrões porque nos vê com armas nas mãos, ou talvez seja algum coitado que perdeu a cabeça ou está prestes a perdê-la por algum motivo muito sério. Mas, seja o que for, não é, de forma alguma, aconselhável deixá-lo neste estado. A humanidade e a religião ordenam-nos que o ajudemos. Vamos fazê-lo!

Conversamos sobre isso, fingindo que não o víamos e que queríamos ir embora, enquanto ele não parava de nos insultar o máximo que podia. No entanto, vendo que não prestávamos atenção nele, e (p. 884) que estávamos de costas, ele tentou tirar a perna, chicoteando o cavalo para fazê-lo levantar, mas não conseguiu, e, querendo descarregar a raiva, atirou com a pistola na cabeça do bicho, isso tudo em vão, porque não saiu o tiro.

Então, ele revistou a caçoleta¹⁶²⁸ e, encontrando-a sem pólvora, tentou carregá-la, quando, aproveitando aquele momento favorável, corremos em sua direção, e segurando seus braços, meu caixeiro pegou suas pistolas. Levantei o cavalo pela cauda e tiramos o triste homem ferido de debaixo dele, que, mais enfurecido pela

¹⁶²⁸ *Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo, na nota 819 (2008, p. 884), observa que o termo “*cazueleja*”, usado em castelhano, é conhecido como “*cazoleta*”. Segundo o *Diccionario de autoridades* (1729, tomo II), a “*cazoleta*, na fechadura da espingarda ou arcabuz, é uma peça côncava semelhante a uma telha pequena, soldada e fixada com a peça principal, na qual a pólvora é colocada” (Nossa tradução). Na língua portuguesa, é conhecido como caçoleta. Para mais informações, visitar: <https://apps2.rae.es/DA.html> e <https://quimicaabbd.blogspot.com/2011/04/primitiva-arma-de-fogo-portatil.html>. Acesso em: 15 dez. 2023.

violência (p. 884) do que grato pelo benefício que acabara de receber, esforçou-se para nos maltratar, dizendo-nos:

– Vós vos cansais em vão, seus insolentes ladrões atrevidos! Não tenho nada para levarem. Se quiserdes o cavalo e esses trapos, pegai-os e tirai minha vida, como eu vos disse. Com certeza, irão fazer-me um grande favor.

– Não somos ladrões, *señor* – eu disse a ele. – Somos homens de honra que, andando por aqui, viram vossa desgraça, e obrigados pela humanidade e pela religião, quisemos aliviar vosso mal. Portanto, não pagueis com insultos a prova da verdadeira amizade que vos professamos.

– Bárbaros! – respondeu-nos o homem posto em pé. – Bárbaros! Ainda tendes coragem de profanar, com vossos lábios impuros, as vozes sagradas da honra, da amizade e da religião? Cruéis! Essas palavras não são boas nas bocas indignas dos inimigos de Deus e dos homens.

– Com certeza, esse pobre coitado é maluco, como ensáveis – disse-me meu funcionário.

Então, o ferido o encarou e disse-lhe:

– Não, não estou louco, seu indigno! Oxalá Deus não me tivesse dado discernimento para não ter de sofrer tantas injustiças de vós!

– De nós? – meu caixeiro perguntou-lhe, muito surpreso.

– Sim, cruel, de vós e de vossos semelhantes.

– Mas e quem somos nós?

– Quem sois vós? – disse-nos o ferido. – Sois os ímpios, cruéis, ladrões, ingratos, (p. 885) assassinos, hereges, bajuladores, mexeriqueiros, avarentos, mentirosos, maldosos, perversos e tudo de mal que existe no mundo. Eu vos conheço bem, infames. Sois homens e não podeis deixar de ser o que eu vos disse, porque todos os homens são, sim, maus. Sim, eu vos conheço, eu vos detesto, eu vos abomino. Afastai-vos de mim ou matai-me, porque vossa presença incomoda-me mais do que a própria morte. Mas, tendes certeza de que não sou louco, exceto quando olho para os homens e me lembro de suas maquinações infernais, de suas ações malditas, de sua duplicidade, de suas iniquidades e do quanto me fizeram sofrer com todas elas. Ide, ide!

Longe de sentir-me desconfortável com aquele infeliz, tive pena dele do fundo do coração, sabendo que, se ele não estava louco, estava perto de sê-lo; e tive mais

compaixão quando percebi, por suas palavras, que era um homem fino, que seu talento era (p. 885) perceptível, e se ele odiava a raça humana, essa misantropia fatal não vinha da maldade do coração, mas dos ressentimentos que trabalhavam em seu espírito furiosamente toda vez que se lembrava dos agravos que alguns dos muitos mortais perversos que vivem no mundo o fizeram sofrer.

Ao fazer essas considerações, refleti também que, para amansar um louco, não é um bom caminho opor-se a suas ideias, mas concordar com elas, por mais extravagantes que sejam. E, então, aproveitando essa lembrança, disse a meu caixeiro:

– O *señor* fala muito bem. Os homens são, geralmente, depravados, odiosos e maus. Há dias disse-vos isso, *Don Hilário*, e vós considerastes injusto. Mas, graças a Deus, encontramos outro homem que pensa igual a mim.

– Essa é a experiência que tenho deles – disse-nos o misantropo –, e tais são os males que me fizeram.

– Se for para lembrar dos agravos – eu lhe disse – e odiar os homens que nos injustiçaram, ninguém tem mais motivos para odiá-los do que eu, porque eles não fizeram tanto mal a ninguém como o fizeram a mim.

– Isso não pode ser – respondeu-me o misantropo. – Ninguém sofreu maior dano ou crueldade por parte dos malditos homens do que o infeliz que estais olhando. Se conhecêsseis minha vida...

– Se soubesses de minhas aventuras – respondi-lhe –, odiaríeis ainda mais os (p. 886) péssimos mortais e confessaríeis que, debaixo do sol, não há ninguém que tenha sofrido mais do que eu.

– Bem – ele me disse –, contai-me os motivos que tendes para odiar os homens; e reclamai deles, e eu vos direi os meus; e então, veremos qual dos dois reclama com mais justiça.

Era a esse ponto que eu queria reduzi-lo, e então, disse-lhe:

– Concordo com a proposta. Mas, para isso, é necessário voltar. Convido para que entreis em minha casa e lá conversaremos.

– Muito bem – disse-me o misantropo –, vamos!

Ao dar o primeiro passo, caiu no chão, porque estava com o pé gravemente ferido. Nós o levantamos e, apoiados em nossos braços, levamos-no para casa.

(p. 886) Entramos na cidade, representando uma cena muito ridícula, porque o enlutado ferido mancava entre nós dois, que o carregávamos com nossas espingardas nos ombros, ao mesmo tempo que puxávamos o cavalo magro e manco, que assim ficou por causa da queda.

Tal espetáculo provocou muito rapidamente a curiosidade da multidão de fuxiqueiros, e como muitas pessoas compareceram às festas da cidade, num instante, vimo-nos rodeados por elas.

O misantropo ficou um tanto incomodado com tais testemunhas, e ainda mais quando um dos espectadores disse em voz alta:

– Sem dúvida, este era um grande ladrão, e estes senhores o pegaram, e o levam, machucado, para a cadeia.

Então, saindo fogo por seus olhos, o misantropo disse-me:

– Vedes a verdadeira natureza dos homens? Vedes como eles rapidamente julgam seus semelhantes da pior maneira? Quando me veem, pensam que sou um ladrão. Por que não pensam que estou machucado e indefeso? Por que não acreditam que estais me socorrendo, mas, antes, supõem que vossa caridade envolve justiça e rigor? Ah, malditos sejam os homens!

– Quem presta atenção – eu lhe disse – ao povo, quando sabemos que é um monstro de muitas cabeças, com muito pouco ou nenhum entendimento? O povo comum é formado pelas pessoas mais idiotas da vila, e não sabem pensar, e quando pensam alguma coisa, quase sempre erram, pois, não conhecendo as (p. 887) leis da crítica, deduzem pelas primeiras aparências o que os objetos materiais que lhe são apresentados proporcionam; e como seus discursos não se ajustam com a razão correta, na maioria das vezes, são desatinados e formulam com a mesma ignorância de um louco. Mas, assim como não devemos nos ofender com os insultos que um louco nos diz, porque não sabe o que diz, não devemos valorizar os insultos ou opiniões perversas das massas, porque, assim como um louco, não sabem o que pensam ou o que falam.

Com isso, chegamos em casa. Pedi para tirar a sela do cavalo e ordenei que fosse curado imediatamente com o maior cuidado. Os veterinários vieram, examinaram-no, curaram-no; mandei que construíssem um estábulo separado para ele; ordenei que fosse limpo e que lhe tratassem com muito milho e cevada, e designei

um jovem para cuidar dele com atenção. Tudo isso aconteceu diante do misantropo, que, maravilhado com o cuidado que seu animal me devia, disse-me:

– Apreciais muito os cavalos.

– Estimo mais os homens – eu lhe disse.

(p. 887) – Como pode ser isso – ele me disse –, se não se passaram vinte minutos desde que dissesse que os odiáveis?

– Isso mesmo – respondi-lhe –, odeio os homens maus, ou melhor, os males dos homens, mas amo muito homens bons como vós. Quero servi-los tanto quanto puder, e quanto mais infelizes são, mais amo-os e mais interessado fico em aliviar-lhes.

Ao ouvir essas palavras que pronunciei com possível entusiasmo, notei não sei que mutação agradável na testa do misantropo, e sem dar espaço para reflexão, nós o levamos para minha sala, onde comemos doces e bebemos chocolate e água.

Após o parco refresco, ele me perguntou sobre meus infortúnios. Supliquei-lhe que me contasse suas histórias, e ele, procedendo com muita cortesia, resolveu agradecer-me, ao mesmo tempo que um jovem me contou que procuravam *Don* Hilário. Este saiu e, logo após, o misantropo disse-me:

– É muito longa minha história para ser contada com a brevidade que desejo, mas sei que, longe de dever qualquer benefício aos homens, recebi mil males de todos com quem lidei. Alguns mortais incluem seus pais entre seus primeiros favorecedores, gabando-se disso com razão e considerando seus favores muito justos e necessários. Mas eu, pobre de mim, não posso (p. 888) lisonjear minha memória com carícias paternas como todo mundo, porque não conheci meu cruel pai, nem ao menos soube como era minha indigna mãe. Não ficai chocado com essas expressões duras até saber meus motivos.

Nessa hora, meu caixeiro voltou muito feliz, e embora eu quisesse que ele revelasse o motivo de sua euforia, não pude, pois ele me disse que terminaria de ouvir o misantropo e então me daria uma notícia que eu não poderia deixar de gostar.

Vede aqui que minha curiosidade é despertada por dois motivos: a primeira, para conhecer as aventuras do misantropo; e a segunda, para garantir a boa aventura de meu funcionário. Mas, como este queria que o outro *señor* continuasse, implorei-lhe, e ele continuou assim:

(p. 888) – Eu disse, *señor* – continuou o misantropo –, que tenho motivos para odiar, entre os homens, meu pai e minha mãe antes de tudo. Eles eram tão ingratos e desconhecidos para mim! Meu pai era o marquês de Baltimore, um homem conhecido por seu título e sua riqueza.

“Esse infame teve-me com a *Doña* Clisterna Camões, natural de Portugal. Ela era filha de pais muito nobres, mas pobres e virtuosos. O perverso marquês cortejou Clisterna para satisfazer seu apetite, e ela cedeu a sua persuasão, mais por sua loucura do que por acreditar que o marquês se casaria com ela, já que, sendo rico e nobre, tal relacionamento não seria fácil, pois já se sabe que os ricos raramente casam-se com os pobres, muito menos com os diplomados. Normalmente, os casamentos dos ricos são reduzidos a pactos tão vergonhosos que poderiam, antes, ser celebrados no consulado, por causa do comércio envolvido, do que na igreja¹⁶²⁹, por causa de seu sacramento. O patrimônio é consultado antes do que as vontades e qualidades do casal. Não é incomum, de acordo com esse sistema, observar disputas matrimoniais tão frequentes originadas pelos vínculos estabelecidos pelo interesse e não pela inclinação das partes.

“Como o marquês não cortejou Clisterna pelos santos propósitos que o casamento exige, mas para satisfazer sua paixão ou apetite, depois de o ter satisfeito e ela ter-lhe dito que estava grávida, procurou uma desculpa daquelas que os homens (p. 889) acham facilmente para abandonar as mulheres, e nunca mais a viu, nem se lembrou do filho que havia depositado em seu ventre. Seria capaz de amar este homem cruel ou chamá-lo com o afetuoso nome de pai?

“Clisterna foi muito habilidosa em esconder sua barriga, fazendo passar suas dores como mais uma doença de seu sexo, com a ajuda de um médico e de uma empregada que esteve envolvida em seus casos amorosos.

“Clisterna não hesitou em tomar tantos estimulantes quanto pôde para abortar, mas o céu não permitiu que suas tentativas perversas fossem realizadas.

¹⁶²⁹ **Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *provisorato* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 888). Os *provisoratos*, ou *tribunales eclesiásticos ordinarios* [Nossa tradução: tribunais eclesiásticos ordinários] eram instâncias reguladas pela igreja. Para mais informações, visitar: https://historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/519/519_04_05_IndiosInquisicion.pdf. Acesso em: 16 dez. 2023.

(p. 889) “Chegou o período natural em que eu deveria ver a luz do mundo. O parto foi feliz porque ela não sofreu muito, e logo viu-se livre de mim, e livre do risco de que, naquele momento, sua leviandade fosse descoberta. Imediatamente, envolveu-me em alguns trapos, escreveu em um papel que eu era filho de bons pais e que não havia sido batizado e entregou-me a sua confidente para que me tirasse de casa. Será que essa mulher cruel merece o terno nome de mãe? Será ela digna de meu amor e minha gratidão? Ah, mulher ímpia! Tu, para escândalo das feras e horror da natureza, mal me deste à luz contra tua vontade e já me expulsaste de tua casa. Tu devias ter vergonha de parecer mãe, mas nem coraste no ato de tornar-te uma. Nenhum respeito impediu-te de te prostituir e me conceber; mas, dar-me à luz, quantos! Criar-me a teus seios, que impossível! Não tenho nada a agradecer-te, mulher perversa, e muito a odiar-te enquanto durar minha vida; essa vida que, tantas vezes, quiseste impedir com poções..., mas vamos desviar o olhar desse monstro, que, infelizmente, há tantos parecidos no mundo.

“A empregada malandra, tão cruel quanto a patroa, saiu comigo por volta das dez horas da noite e jogou-me na soleira do primeiro acessório¹⁶³⁰ que encontrou. Lá, eu estava realmente exposto a morrer de frio ou para servir de alimento para os cães famintos. A vontade de mamar ou a inclemência do ar obrigavam-me, naturalmente, a chorar, e a veemência de meu pranto acordou os donos da (p. 890) casa. Eles perceberam, pelo choro, que era um recém-nascido; levantaram-se, abriram a porta, viram-me, pegaram-me com a maior caridade, e meu pai, como o chamei a vida toda, dando-me muitos beijos, deixou-me no colo de minha mãe, e naquela hora, ele correu em busca de uma *chichigua*.

“Com mil esforços, ele a encontrou e voltou com ela, muito feliz. No dia seguinte, trataram de batizar-me, sendo meus padrinhos os mesmos que me adotaram como filho. Essas pessoas eram muito pobres, mas muito bem-nascidas, piedosas e cristãs.

“Passaram vergonhas, pediram empréstimos, endividaram-se, venderam e penhoraram o pouco que tinham, conseguindo criar-me, educar-me, dar-me estudos e fazer de mim um homem. E tive a doce satisfação, depois de me ver colocado num

¹⁶³⁰ Nota da Tradutora: Moradia de uma peça só. Ver a nota 667 de nossa tradução.

escritório com um salário regular, (p. 890) de apoiá-los, cuidar deles, assisti-los em sua doença e fechar os olhos de cada um com o verdadeiro carinho de um filho.

“Contaram-me do cruel marquês e da ímpia Clisterna aquilo que vos contei, depois de algum tempo que souberam da boca da mesma criada em quem Clisterna depositava tão cega confiança. Quando relataram-me isso, eles me abraçaram; se me viam feliz, ficavam felizes; se triste, ficavam tristes e não sabiam como me animar; se doente, cuidavam de mim com o maior cuidado e sempre me nomearam com o gentil epíteto de filho; nem poderia tratá-los de outra maneira senão como pais, e era dessa forma que eu os amava... Ah, *señores!* E não estava certo em fazê-lo? Cumpriram, por caridade, as obrigações que a natureza impôs a meus legítimos pais. Meu pai assumiu o lugar do Marquês de Baltimore, um homem indigno não apenas do título de marquês, mas de ser contado entre os homens bons. Sua esposa desempenhou muito bem o cargo de Clisterna, uma mulher tirana a quem jamais darei o nome gentil e terno de mãe.

“Quando vi-me sem a proteção e a sombra de meus amorosos padrinhos, tomei consciência de que os amava profundamente e que eram merecedores de um amor ainda maior do que eu era capaz de expressar. Desde então, não conheci ou lidei com outros mortais mais sinceros, mais inocentes, mais benéficos, nem mais dignos de serem (p. 891) amados. Todas as pessoas com quem lidei foram ingratas, odiosas e más, até mesmo uma mulher em quem tive a fraqueza de depositar todo meu afeto, entregando-lhe meu coração.

“Era uma mulher linda e cruel, filha de um homem rico, com quem tinha celebrado contratos de casamento. Ela ofereceu-me seu coração e sua mão mil vezes; outras tantas, assegurou-me de que me amava e que sua fé seria eterna; e de uma hora para outra¹⁶³¹, entrou num convento e, fazendo um perjúrio indigno, ofereceu a Deus uma alma que jurara ser minha. Ela escreveu-me uma carta cheia de insultos que meu amor não merecia; convenceu seu pai, atribuindo-me crimes que eu não tinha cometido, para que ele se declarasse, como fez, meu eterno e poderoso inimigo, e, finalmente, não contente em ser ingrata e levantar falso testemunho, ela comprometeu tantos quantos pôde contra mim para que me perseguissem e

¹⁶³¹ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *de la noche a la mañana* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 891).

prejudicassem, (p. 891) entre eles, *Don* Tadeu, seu irmão, que, demonstrando-me a mais terna amizade, disse-me que teria muito prazer em se autodenominar meu cunhado. Ah, cruéis!

Enquanto o misantropo contava sua história, notei que meu caixeiro o ouvia com muito cuidado e, a partir do momento em que tocou no assunto de seu amor não correspondido, seu rosto mudou subitamente de cor, até que, incapaz de sofrer mais, ele o interrompeu dizendo:

- Com licença, *señor*, qual é o nome daquela *señora* de quem vos queixais?
- Isabel.
- E vós?
- Eu, Jacó, às vossas ordens.

Então, o caixeiro levantou-se e apertou-o entre os braços, dizendo-lhe com a maior ternura:

– Bom Jacó, amigo infeliz, sou teu amigo Tadeu, sim, sou o irmão da infeliz Isabel, tua amada noiva. Nenhuma queixa deve ter de mim ou dela. Ela morreu te amando, ou melhor, morreu pela força do amor que tinha por ti. Eu fiz tudo o que pude para informar-te do destino dela, de sua morte e de sua constância, mas foi impossível achar sobre teu paradeiro, não importava o que eu fizesse.

“Todo teu sofrimento, de minha irmã e meu foi causado pelo interesse de meu pai, que, para sustentar o patrimônio de meu irmão, Damião, impediu o casamento de Isabel, forçou Antônio a tornar-se clérigo e deixou-me perecer em (p. 892) companhia de minha infeliz mãe, que Deus a perdoe. Portanto, não te queixes da pobre Isabel, nem de teu bom amigo Tadeu, pois, talvez, a Providência Suprema tenha permitido que este raro encontro te reparasse e aliviasse, e que recompensasse ao máximo tua virtude.

Com tudo isso, o misantropo ficou como que absorto, e eu, lembrando-me do relato que fez o maltrapilho¹⁶³², e ouvindo que o nome do caixeiro não era Hilário, mas Tadeu, e que a história do maltrapilho estava de acordo com o que Hilário acabara de contar, disse-lhe:

– *Don* Hilário, *Don* Tadeu, ou seja qual for vosso nome, diga-me por vossa vida e com a ingenuidade que costumais ter, já fostes caluniado como ladrão? Já morastes

¹⁶³² Nota da Tradutora: Ver capítulo VI do tomo III de nossa tradução.

(p. 892) em algum acessório? Tivestes ou tendes mais filhos do que a menina que me contastes? E, por último, vosso nome é Tadeu ou Hilário?

– *Señor* – disse-me ele –, fui caluniado como ladrão, vivi em um acessório; além de Rosalia, tive dois filhos que faleceram e, na verdade, meu nome é Tadeu, e não Hilário.

– Bem, por favor, digei-me como foi essa calúnia.

– Uma tarde – disse-me ele –, eu estava parado num saguão perto do Factor¹⁶³³ e vestido com a peliça mais desprezível quando um rapazola que estava com alguns soldados afirmou que eu lhe tinha dado uma capa de golilha para vender, que tinha sido roubada, junto com alguns livros, uma peruca e tudo mais. Os soldados levaram-me perante o juiz, que, felizmente, conhecia a mim e a toda minha família. Ele sabia qual era meu comportamento e a causa de meus infortúnios, e não hesitou em assegurar que eu era inocente, e prometeu prová-lo sempre que isso fosse revelado a quem me caluniou. Mas, isso não poderia acontecer, porque os soldados já o haviam libertado, e, com isso, eles me libertaram.

– E o que fizestes, *Don* Tadeu? – perguntei-lhe. – Consequistes ver vosso caluniador? Sabíeis quem era? E se o vistes, o que fizestes para vos vingar? Teria sido normal que o mandásseis para a prisão.

– Não, *señor* – ele me disse. – Ele passou em minha casa naquela mesma tarde, eu o reconheci, acolhi-o, e quando convenci-me de que ele era um bom homem, hospedei-o em minha casa naquela noite, minha mãe tratou-o de alguns ferimentos leves na cabeça, e eu o deixei ir em paz.

(p. 893) – E qual era o nome daquele canalha que te caluniou? – perguntei-lhe’

Don Tadeu respondeu que não sabia nem quis perguntar. Então eu, cheio de uma alegria que não consigo explicar, abracei *Don* Tadeu, e o misantropo, satisfeito com a boa conduta do amigo e acreditando que eu era alguém bom, abraçou-nos, e em um entrelaçamento que expressava carinho e confiança, estavam ligados nossos braços. Nossas lágrimas expressaram os sentimentos de gratidão, reconciliação e

¹⁶³³ **Nota da Tradutora: O Factor, ou *Plazuela* del Factor de la Cruz, foi um mercado público da cidade do México que permaneceu até meados do século XIX. Hoje, ocupa o lugar um prédio que abriga a sede da Asamblea de Representantes del Distrito Federal [Nossa tradução: Assembleia de Representantes do Distrito Federal, CDMX]. Para mais informações sobre a história do lugar, visitar: <https://mexicocity.cdmx.gob.mx/venues/legislative-palace-donceles/?lang=es>. Acesso em: 15 dez. 2023.

amizade, e um silêncio (p. 893) enfático esclareceu eloquentemente as nobres paixões de nossas almas.

Eu, antes de todos, interrompi aquele êxtase misterioso e disse a Tadeu:

– Eu sou, nobre amigo, o mesmo que, quando me prostituí, prejudicou-vos ao imputar um roubo que não cometestes. Fui eu quem beneficiou-se do extremo de vossa caridade. Eu, que conheço todos vossos infortúnios. Eu, que vos tive como meu servo e, finalmente, sou eu quem considerará uma grande honra, a partir de hoje, colocar-me entre vossos amigos.

Esta minha confissão sincera apenas confirmou àqueles senhores que eu era um homem bom além de qualquer evidência, e assim, depois de contarmos um ao outro mais lentamente sobre nossas aventuras, confirmamos nossas amizades e juramos preservá-las para sempre.

O misantropo, completamente sem palavras, disse-nos:

– É verdade, *señores*, tenho muito a agradecer a meu cavalo, porque ele me trouxe a uma cidade onde eu não pretendia vir... mas, do que estou falando? É ao céu, à Providência, ao Deus de bondade que devo agradecer por um benefício tão impensável. Por um desses desígnios estudados da Divindade – que nós, tolos, chamamos de eventualidade –, perdi o controle de meu cavalo e, naquele momento, vós me vistes e insististes em levar-me para vossa casa, onde vi o desfecho de meus infortúnios com uma felicidade além do esperado, pois é uma felicidade que me deixa satisfeito, mesmo que tardiamente, ao saber da fidelidade constante de meu amado e bom amigo Tadeu. Já sei que é tolice odiar a raça humana pela ingratidão de muitos de seus indivíduos, e que, por mais perversos que sejam, existem alguns dignos, agradecidos, (p. 894) homens de bem, leais, sensíveis, virtuosos e bons a toda prova. É necessário fazer justiça aos bons, embora abundem os maus. Eu o reconheço, e, como prova disso, peço que me perdoeis pela ideia maluca de que vós me devíeis.

– Esquece-te disso! – disse-lhe Tadeu. – Fui, sou e serei teu amigo enquanto viver. Estou convencido de que a própria bondade de teu gênio, tua simplicidade, tua sensibilidade e tua virtude fizeram-te acreditar que todos os homens comportavam-se como deveriam, segundo a ordem da razão. E, tendo experimentado que esse não era o caso, cometeste outro erro mais grosseiro, acreditando que não havia homens bons no mundo, ou pelo menos, que eles eram muito raros, e de acordo com esse erro, não era estranha tua misantropia. Mas, já vês que não é como pensavas, e (p.

894) que, suscetível ao erro, acreditaste que eu e Isabel fomos ingratos contigo, ao mesmo tempo que ela morreu por amar-te e eu não perdoei a diligência em saber de ti e confirmar-te minha amizade.

“Também pensei que os homens prostituídos pelo vício nunca poderiam mudar completamente seu comportamento. Acreditava que, conservando os vestígios da libertinagem, seria muito difícil para eles submeterem-se à razão e serem benéficos, e hoje me desiludiu, com a maior complacência, meu amo e amigo *Don Pedro*, cuja conduta durante o tempo que lhe tenho servido inspirou-me por causa de sua compostura...

– Não falai, señor, *Don Tadeu*! – eu disse a ele. – Não me envergonheis lembrando de meus erros e elogiando minha conduta correta. Muito menos me trateis como amo, mas como amigo, de cujo título eu me gabo. Arranjei para vós vaga em meu serviço sem saber quem éreis, e no tempo que me acompanhastes, tenho muito a agradecer. Nesse tempo, tudo foi felicidade para mim, sendo a última ocasião o feliz encontro e satisfação do *señor Don Jacó*.

– Não é a última felicidade de que ficáreis sabendo – disse-me meu caixeiro. – Ainda tem outra que vós dois ouvireis com prazer. Ouvi esta carta que acabei de receber! Diz assim:

“*Señor Don Tadeu Mayoli*. México, dez de outubro, etecétera. Meu amigo e *señor*: Vosso irmão, *Señor Don Damian*, morreu, e os bens que ele possuía devem ser (p. 895) conferidos a vós porque ele morreu sem sucessor. A Real Audiencia declarou-vos o legítimo herdeiro do referido vínculo; por isso, depois de dar-vos os devidos parabéns, rogo-vos que venhais o mais rápido possível à capital para informá-lo do testamento de vosso irmão e colocá-lo na posse de vossos interesses, em cumprimento da ordem superior que, para esse fim, funciona no ofício de meu cargo. Aproveito esta oportunidade de me colocar a vossa disposição como vosso amigo mais afetuoso e servidor atencioso que beija vossa mão, *Firmino Gutiérrez*.”

“Esse sujeito é o escrivão perante quem o testamento foi executado. Em virtude desta carta, devo partir para Cidade do México o mais rápido possível. A vós, *señor Don Pedro*, meu amigo, meu amo e protetor, agradeço pelo bem que me fizestes e pelo bom tratamento que me destes em vossa casa, oferecendo-vos meus poucos pertences e implorando-vos que não vos esqueçais, em momento nenhum, de que sou e serei vosso amigo. E a vós, querido *Jacó*, ofereço-vos minhas posses com igual

sinceridade, e para livrar-vos dos erros que meu pai vos infligiu ao negar-vos minha irmã por serdes pobre, (p. 895) coloco meus bens a vossa disposição com a mão de minha filha, se a quiseres. Ela é uma menina meiga, bem-educada e nada feia. Se queres¹⁶³⁴, casa-te com ela, que, apesar de não ser Isabel, é Rosalia; quer dizer, ela é um galho do mesmo tronco.

O misantropo, ou *Don Jacó*, não soube como agradecer a Tadeu por seu oferecimento. É que tinha vergonha de ser pobre e tinha dúvidas sobre se agradaria a filha. Mas Tadeu o elogiou, dizendo:

– A pobreza não é um defeito para mim onde qualidades nobres coexistem. Ainda não és velho, e acho que minha filha vai te amar tão logo eu contar a ela quem tu és.

Depois dessas conversas afetuosas, procuramos vestir com decência a Jacó, e, no dia seguinte, Tadeu mandou trazer uma carruagem, e eles foram para a Cidade do México, deixando-me muito triste pela ausência de tão bons amigos.

Poucos dias depois, escreveram-me que Jacó e Rosalia casaram-se e que viviam no seio do prazer e da tranquilidade.

O administrador da fazenda onde estava Anselmo faleceu pouco depois, e meu amo escreveu-me ordenando-me que fosse receber o cargo.

(p. 896) Nessa ocasião, fui à fazenda e tive a agradável satisfação de rever meu amigo e sua família, que me receberam com o maior afeto e fervor.

A partir desse dia, Anselmo ficou como meu dependente, e fui testemunha de seu bom comportamento. Os homens de fina educação e entendimento, quando resolvem ser bons homens, quase sempre carregam esse título lisonjeiro.

Voltei para San Agustín e vivi em paz por muitos anos.

¹⁶³⁴ Nota da Tradutora: A personagem muda da forma de tratamento *usted* para *tú*.

(p. 897) Cap. VII

No qual Periquitinho conta suas segundas núpcias e outras coisas interessantes para o completo entendimento desta verdadeira história

Não fiquei muito contente com a ausência de *Don Tadeu*. Cada dia sentia mais a falta dele e, por muito tempo, não foi fácil encontrar um funcionário bom. Tive vários, mas todos tinham algum defeito: ou era bêbado, ou apostador; quem não era apostador, era um paquerador; quem não era, era preguiçoso; quem não tinha esse defeito era um inútil; e se era habilidoso, sabia ser muito relaxado com a loja. Então, percebi como é difícil encontrar um funcionário verdadeiramente bom e como devem ser valorizados quando acharmos um.

Independentemente de minha solidão, não deixava de frequentar a Cidade do México para cuidar de meus negócios. Visitava meu amo, a quem cada dia eu dava mais provas de confiança e amizade, e não deixava de ver Pelayo, seja na igreja, seja em sua casa, e sempre o encontrava como padre e amigo verdadeiro.

Casualmente, um dia, encontrei o padre capelão de meu amo chinês no quarto de meu amigo Pelayo. Esse padre capelão tinha uma memória muito boa, ou mantinha firmemente as ideias que aprendia com vivacidade, e como, graças a mim, curtia a vida acomodada que tinha, e foi a causa de eu ter saído da casa de seu patrão, ele reteve bem em sua mente minha figura, e no momento em que me viu, reconheceu-me, e vendo que o padre Pelayo estimava-me muito, falou-me com o mesmo afeto, e satisfeito com a mudança de meus hábitos por suas perguntas, (p. 898) pelo tom de minha conversa e pelo relato de Pelayo, ele deu-se a conhecer, elogiou minha regeneração, procurou fortalecer-me com seus bons conselhos, agradeceu-me por eu ter influenciado em sua colocação, assegurou-me de sua amizade e levou-me à casa do asiático, apesar de minha resistência, porque eu sentia muita vergonha.

Depois que entramos, o capelão lhe disse:

– Aqui está vosso antigo amigo e dependente, *Don Pedro Sarmiento*, de quem tantas vezes nos lembramos. Ele já é digno de vossa amizade, pois não é um jovem vicioso ou imprudente, mas, sim, um homem de juízo e de uma conduta alinhada com as leis da honra e da religião.

Nesse momento, meu amo levantou-se de seu *butaque*, abraçou-me calorosamente e disse-me:

(p. 898) – Fico muito feliz em ver-te novamente e em saber que, finalmente, corrigiste teu caminho e soubeste aproveitar o discernimento que o céu concedeu-te. Senta aí, meu caro! Hoje, vamos comer juntos, e podes ter certeza de que te ajudarei no que puder enquanto fores um homem de bem. Isso porque, desde que te conheci, simpatizei contigo, e, por isso, senti tua ausência. Desejava ver-te, e hoje que consegui, estou muito contente e satisfeito.

Agradei-lhe inúmeras vezes por sua gentileza. Comemos juntos, e eu o informei sobre minha situação e localização. Ofereci meus modestos recursos, implorei para que honrasse minha casa ocasionalmente e, após receber suas manifestações mais afetuosas, retornei a San Agustín de las Cuevas. Mesmo assim, a amizade entre o asiático, seu capelão e eu não se dissipou. Visitei-os na Cidade do México, ofereci-lhes toda atenção em minha casa quando me visitaram, trocamos presentes e continuamos a tratar-nos com a maior cordialidade e afeto.

Coincidentemente, num daqueles dias em que estava indo para a Cidade do México, encontrei o pobre Andrezinho malvestido e sem dinheiro. Ele falou comigo com muito respeito e estima, e praticamente arrastou-me para sua casa. Sua boa esposa convidou-me para o almoço, e o pobre não sabia como expressar sua gratidão.

Compadeci-me da situação dele e perguntei por que estava tão para baixo, se acaso seu ofício não valia nada, se (p. 899) ele apostava ou se sua esposa era muito gastadora.

– Nada disso, *señor*! – disse-me Andrés. – Eu nem sei como jogar as cartas, não sou tão ruim em meu trabalho, e minha esposa é inigualável, porque é econômica, beirando à mesquinhez. Mas o problema, *señor*, é que a Cidade do México maltrata-me. Para cada dez clientes que fazem a barba, há dez mil barbeiros. Vossa mercê sabe que, em cidades grandes, há excesso de tudo, e acontece que, lá, há mais barbeiros do que barbudos. Apenas aos domingos e feriados, cortamos o cabelo de quinze ou vinte pessoas a meio real, e durante a semana, mal chega a seis. Quanto a fazer sangrias, aplicar ventosas ou sanguessugas, curar com cauterizações e coisas semelhantes, mal tento isso. Assim, com tudo isso, não consigo sustentar-me, porque, na cidade, gasta-se o dobro do que se gasta no interior, e como a primeira necessidade é comer, vede que o pouco que ganho vai todo em alimentação, e não tenho nem como vestir-me ou pagar os apetrechos.

(p. 899) Comovido depois da singela narrativa de Andrés, propus que, se quisesse, poderia vir para minha casa e trabalhar como caixeiro, dando-lhe a oportunidade de levar a vida com seu trabalho.

O infeliz viu uma chance de ouro com semelhante proposta, aceitou imediatamente e organizou suas coisas de maneira que, no mesmo dia, foi embora comigo.

Ele era rústico, mas nada tolo. Aprendeu facilmente o funcionamento de uma loja e revelou-se tão confiável e competente que, nos aspectos de gestão e lealdade, eu não sentia falta de meu bom amigo *Don* Tadeu, a quem também continuei visitando, assim como seu genro *Don* Jacó, a quem visitava frequentemente em sua casa. Tive a satisfação de vê-lo casado e feliz com a *señorita Doña* Rosalia, a quem conheci quando era apenas uma criança como filha do maltrapilho.

Tive e mantive amizades de homens de bem, uma vez que também fui um deles, e jamais tive motivo para arrepender-me delas. Essa é uma prova clara de que a boa e verdadeira amizade não é tão rara quanto aparenta ser; no entanto, ela é encontrada entre os virtuosos, e não entre os velhacos, bajuladores e viciosos.

Não me lembro se foram quatro ou seis anos que vivi como um viúvo, muito satisfeito, em San Agustín de las Cuevas, pagando de volta os ganhos do capital para meu amo, contando, quieto e tranquilo, com cerca de seis ou oito mil pesos meus, visitando, com prazer, (p. 900) meu amo e meus amigos, o chinês, Roque, Pelayo, Jacó e Tadeo, e dormindo com a serenidade que permite uma consciência livre de remorsos.

Em uma tarde, passeando sob os pórticos da loja, vi chegar ao *mesón*, que estava perto dali, um burro puxado por uma pobre mulher, que conduzia um idoso miserável. O burro mal podia andar, e, se dava alguns passos, era atormentado por uma garota que também vinha chicoteando suas pernas com uma vara.

Eles entraram no estabelecimento, e pouco depois, a *niña*, de mais ou menos quatorze anos, muito pálida, abatida, descalça, muito bonita e cheia de angústia, gaguejando as palavras e derramando lágrimas abundantemente, disse-me:

– *Señor*, sei que sois o dono do *mesón*. Meu pai está morrendo e minha mãe também. Pelo amor de Deus, dai-nos abrigo. Não temos um centavo para pagar, pois fomos roubados no caminho.

(p. 900) Já mencionei que Deus deu-me uma alma sensível. Eu ficava comovido com os males de meus semelhantes, mesmo quando vivi em meio a minhas loucuras e desvios. Portanto, é fácil compreender que, nesse momento, imediatamente, interessei-me pelo destino daqueles infelizes. De fato, achei insuficiente simplesmente mandá-los hospedar-se no *mesón*, e assim respondi à mensageira:

– *Niña*, não chores. Vai e pede a teus pais para virem a minha casa, e diga a eles que não se aflijam.

A *niña* saiu correndo, muito contente, e, em poucos minutos, voltou com seus idosos pais. Eu os fiz entrar em minha casa, ordenei que lhes dessem um quarto limpo e os assistissem com muito cuidado.

De acordo com minhas ordens, Andrés providenciou camas para eles e garantiu que fossem bem alimentados, sem poupar nenhum gasto que considerasse necessário para seu conforto.

Fiquei feliz em vê-lo tão generoso nos casos em que uma extrema necessidade exigia, e às dez da noite, desejando saber quem eram meus hóspedes, entrei no quatinho deles e encontrei o pobre idoso deitado em um colchão pequeno de palha; sua esposa, uma senhora de cerca de 40 anos ou um pouco menos, estava ao lado de sua cabeceira, e a *niña*, sentada aos pés da mesma cama.

(p. 901) Assim que me viram, a *señora* e a *niña* levantaram-se, e o idoso quis fazer o mesmo. No entanto, não permiti; antes, fiz as pobres mulheres sentarem-se, e acomodei-me imediatamente ao lado do doente.

Perguntei-lhe de onde ele era, o que padecia e quando ou como foram roubados. O triste idoso, expressando a aflição de sua alma, suspirou e disse-me:

– *Señor*, a maioria dos acontecimentos de minha vida são lastimáveis. Parece-me que sois bastante compassivo e, para os corações sensíveis, não é uma gentileza deixá-los ouvir lamentações.

– É verdade, meu amigo – respondi-lhe –, que para aqueles que amam seus semelhantes como deveriam, o relato de suas misérias é desagradável. No entanto, também pode ser motivo para experimentarem alguma doçura interior, especialmente quando podem aliviá-las de alguma forma. Estou dentro desse caso e, assim, quero ouvir vossas desventuras não por mera curiosidade, mas para ver se posso ser útil de alguma maneira.

(p. 901) – Bem, *señor* – continuou o pobre idoso –, se esse é apenas vosso piedoso propósito, ouvi, em resumo, minhas desgraças.

“Meus pais eram nobres e ricos, e eu teria desfrutado da herança que me deixaram se meu testamenteiro tivesse sido um homem de bem; mas, ele dissipou minha fortuna e vi-me reduzido à miséria. Nesse estado, servi a um cavalheiro rico que me tratou como um pai e deixou-me tudo o que tinha em sua morte. Envolvi-me no comércio e, como resultado de um contrabando, perdi todas minhas posses da noite para o dia. Quando comecei a me recuperar, com muito esforço, senti vontade de me casar e o fiz com esta pobre *señora*, a quem tornei infeliz. Ela era bela; levei-a para Cidade do México, onde foi vista por um marquês. Ele apaixonou-se por ela, mas encontrou uma resistência honrada de minha esposa e tentou vingar-se com a maior vilania: acusou-me de um crime que não cometi e levou-me à prisão. Finalmente, na hora de sua morte, Deus interveio e devolveu-me minha honra e os interesses que perdi por sua causa. Saí da prisão e...

– Desculpe-me, *señor* – interrompi, perguntando-lhe – qual é vosso nome?

– Antônio.

(p. 902) – Antônio!

– Sim, *señor*.

– Tivestes algum amigo na prisão a quem ajudastes nos últimos dias de vossa prisão?

– Sim, eu tive – disse-me –, um pobre jovem conhecido como Periquitinho Sarnento, um rapaz bem-nascido, com uma educação refinada, talentos nada vulgares e um bom coração, bastante inclinado a ser um homem de bem; mas, por sua desgraça, associou-se a alguns malfeitores, que o corromperam, e por causa deles, viu-se naquela prisão.

“Eu, identificando suas virtudes morais, amei-o, fiz o bem que pude a ele e até mesmo pedi que me escrevesse a Orizaba sobre seu paradeiro. O mesmo pedido fiz ao escrivão, um tal de Tabajara, a quem deixei cem pesos para que agilizasse seu caso e o alimentasse enquanto estivesse na prisão. No entanto, nem um nem outro escreveram-me alguma vez. Não sinto falta do escrivão, que talvez tenha se aproveitado de meu dinheiro; mas, do Periquitinho, sempre lamentarei sua ingratidão.

(p. 902) – O *señor* tem toda a razão – disse-lhe eu. – Ele foi um ingrato. Deveria ter conservado a amizade de um homem tão benevolente e generoso como vós. Quem sabe como terminou ele? Mas, se o vísseis agora, vós o amaríeis como antes?

– Sim, eu o amaria, amigo – disse-me ele –, eu o amaria como sempre.

– Mesmo que fosse um patife?

– Mesmo que fosse. Devemos odiar os vícios nos homens, não as pessoas. Desde que conheci esse rapaz, convenci-me de que seus crimes eram mais por imitar seus maus amigos do que frutos da malícia de seu caráter. No entanto, é preciso observar que, assim como a virtude tem graus de bondade, o vício tem graus de malícia. A mesma ação boa pode ser mais ou menos boa, e uma má, mais ou menos má, dependendo das circunstâncias que ocorreram no momento de sua execução. Dar esmolas é sempre bom, mas dá-la em certas ocasiões, a certas pessoas, e talvez dá-la a um pobre que não tem nada supérfluo, é melhor, seja porque é feito com mais ordem, seja porque o pobre faz um sacrifício maior ao dar esmolas do que o rico, e, portanto, faz ou tem mais mérito.

“Opino o mesmo sobre as ações erradas. Já sabemos que roubar é ruim; mas o roubo feito pelo pobre assediado pela necessidade é menos ruim, ou tem menos malícia do que (p. 903) o roubo ou fraude cometido pelo rico, que não tem nenhuma necessidade, e será muito pior ou extremamente ruim se ele roubar ou defraudar os pobres. É desse modo que devemos examinar as circunstâncias em que os homens realizam suas ações, sejam elas quais forem, para julgar com justiça seu mérito ou demérito. Eu percebi que o tal rapaz Periquitinho era mau devido ao estímulo de seus maus amigos, mais do que pela malícia de seu coração, pois eu estava convencido de que, removendo esses provocadores inimigos, ele, por si, estava inclinado à virtude.

– Mas, amigo – eu disse a ele –, se o vísseis agora em estado tão baixo que não tivésseis a capacidade de ajudá-lo minimamente, ainda assim, vós o amaríeis?

– Vossa dúvida deixa-me ofendido – ele respondeu-me. – Pensais que eu, em toda minha vida, amei e apreciei as pessoas dependendo do bem que podem me fazer? Isso está errado. Deve-se amar os homens por suas virtudes particulares, e não pelo interesse que delas resulta para nós. O homem bom é merecedor de nossa amizade, mesmo que não seja dono de um centavo; e aquele que não tem um coração envenenado e maligno é digno de nossa compaixão, por mais crimes que realize, pois

talvez seja (p. 903) delinquente por necessidade ou ignorância, como acredito que fazia meu Periquitinho, a quem eu abraçaria se o visse agora.

– Bem, meu digno amigo – eu lhe disse, jogando-me em seus braços –, cumpra-se vosso desejo. Eu sou Pedro Sarniento, aquele Periquitinho a quem tanto favoreceste na prisão. Eu sou aquele jovem perdido, eu sou o ingrato ou tolo que nunca mais vos escreveu. Eu sou aquele que, desiludido do mundo, mudou de comportamento, e agora tenho a inexplicável satisfação de apertá-lo entre meus braços.

O bom velho chorava emocionado ao ouvir essas coisas. Abracei e consolei sua esposa, também em lágrimas diante da emoção do marido. A filha, inocente criatura, chorava sem compreender exatamente o porquê. Também mostrei meu carinho¹⁶³⁵ a ela. Após esse primeiro momento emotivo, *Don* Antônio terminou de relatar suas dificuldades. Contou que veio para a Cidade do México para colocar sua filha em um convento e estabelecer-se na capital, depois de vender todos os bens que tinha (p. 904) adquirido em Acapulco. No caminho, foram atacados por ladrões, que o roubaram e mataram o criado, o velho Domingos, que sempre os servira com a maior fidelidade. Em uma situação tão lamentável, eles usaram um relicário de ouro que sua filha manteve, ou escondeu dos ladrões, e o venderam para comprar um jumento, no qual *Don* Antônio chegou a minha casa muito doente de disenteria, tendo de caminhar os três sem um centavo por cerca de trinta léguas, sustentando-se de esmolas até chegarem a minha casa.

Quando meu amigo *Don* Antônio terminou de falar, eu disse-lhe:

– Não há motivo para afligir-vos. Esta casa e tudo o que tenho são vossos e de toda vossa família. Amo esta casa de coração por ser vossa, e, a partir de hoje, sois o amo desta casa.

Naquele momento, eu os fiz mudar para meu quarto. Dei-lhes bons colchões, jantamos juntos e fomos nos recolher.

No dia seguinte, trouxe tecidos da loja e mandei fazer roupas novas para eles. Chamei um médico da Cidade do México para cuidar de *Don* Antônio e de sua esposa,

¹⁶³⁵ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *la hice sus zorroclocos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 903). De acordo com o *Diccionario de Autoridades* (1739, tomo IV), *zorrocloco*, em linguagem coloquial familiar, tem o mesmo sentido de “demonstração de carinho” (Nossa tradução). Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

que também (p. 904) estava doente, e, com sua ajuda, eles se recuperaram em pouco tempo.

Quando se viram aliviados, convalescentes e providos¹⁶³⁶ de roupas novas, *Don Antônio* disse-me:

– Sinto, meu bom amigo, ter-vos incomodado por tantos dias. Não tenho palavras para expressar minha gratidão, nem nada que valha a pena para retribuir o benefício que nos fez. Seria ainda imprudente e tolo se eu continuasse sendo um fardo para vós por mais tempo. Assim, parto em meu burro como antes. Rogarei a Deus que, se eu mudar minha sorte, vós possais usá-la como própria.

– Não precisa dizer nada disso, meu *señor*! – eu disse-lhe. – Como poderíeis sair de minha casa dependendo de uma sorte casual? Fui favorecido por vós, fui vosso protegido, e hoje sou vosso amigo, e se quiserdes, serei vosso filho, e todos faremos parte da mesma família. Eu examinei e observei as belas qualidades da jovem Margarida; ela tem idade suficiente, eu a amo apaixonadamente. Ela é inocente e (p. 905) grata. Se meu honesto desejo for compatível com vossa vontade e a de vossa esposa, serei muito feliz com esse casamento e mostrarei, sempre que puder, que a adoro e a vós estimo.

O bom velho ficou um pouco surpreso ao me ouvir, mas, depois de três instantes de suspense, disse-me:

– *Don Pedro*, nós ganhamos muito com um casamento desse tipo. Na verdade, considerando-o de acordo com nossa infeliz situação, não poderíamos esperar por algo melhor. A garota tem cerca de quinze anos e é bastante bonita. Eu já estou velho e doente, não durarei muito. Sua pobre mãe não está saudável, nem tem qualquer proteção para sustentá-la após meus dias. Provavelmente, se ela não se casar enquanto eu estiver vivo, talvez fique à mercê dos lobos e torne-se uma jovem infeliz. Este é um pensamento que me tira o sono muitas noites.

“Quer dizer, meu amigo, que desejo casar minha filha o mais rápido possível. Mas, como pai, gostaria de casá-la não com um rico ou um marquês, mas, sim, com um homem de bem, experiente no mundo, e a quem eu saiba que se casa com ela por sua virtude, e não por sua beleza.

¹⁶³⁶ Transcrição da nota 820, da edição de 2008 (p. 904): Lê-se, em castelhano, *refalados*, que parece ser um termo popular, e seu significado deduz-se pelo contexto: “providos” (Nossa tradução).

(p. 905) “Todas essas qualidades e muitas mais adornam-vos e, em minha opinião, tornam-vos digno de uma mulher com virtudes superiores às poucas que parece ter Margarida. No entanto, é preciso considerar que pareceis ter 40 anos, de acordo com vossa aparência, uma idade suficiente para ser pai da noiva, e isso pode impedir que ela vos ame. Sei de duas coisas que acontecem com muita frequência. Uma delas é que, quando existe uma distância moderada entre as idades de um homem em relação à da mulher, longe de ser um defeito, deveria ser visto como uma circunstância necessária para contrair matrimônio, pois, quando os jovens casam-se tão jovens quanto suas noivas, geralmente os casamentos acabam mal, porque, sendo o sexo feminino mais frágil que o masculino e sofrendo mais demérito no estado conjugal do que em qualquer outro, é comum que, após dois ou três partos, a mulher fique feia. E, como no caso que falamos, os rapazes, geralmente, não têm outra intenção ao contrair matrimônio que a posse (p. 906) de um objeto belo, é comum também que, acabada a beleza da mulher, acabe o amor do homem, pois, quando ela tem 30 ou 36 anos, já parece ter 50; torna-se um objeto desprezível, e ele a odeia injustamente.

“Esta razão, entre outras, deveria ser a mais poderosa para que nem os homens se casassem muito cedo, nem as *niñas* desposassem maridos jovens. Porém, é uma tarefa árdua subjugar a inclinação de ambos os sexos à razão, em uma idade em que a natureza domina com tanto império nos homens. A verdade é que os casamentos celebrados por pessoas idosas são ridículos, e os feitos por crianças, na maioria das vezes, são desafortunados. Isso quer dizer que aprovo e acho bom que vos caseis com minha filha, mas ignoro se ela desejará casar-se convosco.

“É verdade, e esta é a outra coisa que sei, é verdade que ela é muito dócil, muito inocente, ama-me muito e fará o que eu mandar, mas nunca a obrigarei a abraçar uma situação pela qual não sinta atração, nem a unir-se a quem não queira, caso escolha o casamento.

“Em virtude disso, entendereis que vosso enlace com minha filha não depende de meu arbítrio. Depende dela, e eu a deixarei em total liberdade, sem violentar sua escolha de forma alguma, e, se ela quiser, sua decisão será um prazer para mim.

Don Antônio concluiu seu discurso, e eu disse a ele:

– *Señor*, se esses são os únicos impedimentos, todos estão a meu favor, e desde já, minha felicidade será certa se vós e vossa esposa derem vosso

consentimento. (p. 906) Porque, antes de falar convosco sobre o assunto, examinei o caráter de vossa *niña*, e não sem admiração encontrei, em sua tenra idade, uma virtude muito sólida e sentimentos muito sensatos.

“Tudo isso cativou-me mais do que sua beleza, pois aquela se desvanece com a idade ou diminui com as aflições e doenças, e nem as belas são poupadas. Desde o início, manifestei minhas intenções sinceras a vossa filha, e ela respondeu com estas palavras que guardarei para sempre na memória: “*Señor* – disse-me ela –, meu pai disse que sois um homem de honra, e outras vezes, ele disse que desejaria para mim um homem de bem, mesmo que não fosse rico. Eu sempre acredito (p. 907) em meu pai, porque ele não sabe mentir, e, depois que ajudastes meus queridos pais, passei a gostar muito de vós. Parece-me que, casando-me convosco, eu asseguraria o descanso de meus pobres pais. Assim, seja para não vê-los sofrer mais, seja porque gosto de vós pelo que fizestes por eles, e porque sois um homem de bem, como meu pai diz, eu me casaria convosco de livre vontade, mas não sei se meu pai e minha mãe concordarão. Tenho vergonha de lhes contar”.

“Esta foi a simples resposta de vossa *niña*, tanto mais eloquente quanto mais desprovida de artifício. Nela, descobri um grande fundo de sinceridade, inocência, gratidão, amor filial, obediência e respeito aos pais e benfeitores. Ainda estava pensando em como expressar a vós meu desejo, mas, quando o *señor* quis se afastar de minha casa, vi-me obrigado a revelar minhas intenções. Da parte dos noivos, tudo está feito, e resta apenas vosso consentimento e da mãe dela, que vos imploro.

Don Antônio era sério, mas afável. Assim, depois de ouvir-me, sorriu e, dando-me uma tapinha no ombro, disse-me:

– Oh, amigo! Se vós dois já tinham um esqueminha¹⁶³⁷, desperdiçamos palavras à toa. Vamos, não há garota tola quando se trata de seus próprios interesses. Aprovo sua eleição, e tudo está em ordem de nosso lado. Mas, se pensastes bem, apressai-vos, pois não é muito seguro que dois que se amam, mesmo com propósitos legítimos, vivam por muito tempo separados sob o mesmo teto.

¹⁶³⁷ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *Si ya ustedes tenían hecho su enjuague* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 907). De acordo com o *DRAE* (2023), o termo *enjuague*, na quarta acepção, tem o significado de “negociação oculta e artificiosa para conseguir o que não se espera obter pelos meios regulares” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/enjuague?m=form&m=form&wq=enjuague>. Acesso em: 19 dez. 2023.

(p. 907) Eu compreendi o escrúpulo fundamentado e cristão de meu sogro e, confiando a ele o cuidado da loja e do *mesón*, ordenei, naquele momento, que selassem meu cavalo e parti para a Cidade do México.

Assim que cheguei, contei a meu amo toda a história, informando-o sobre minhas decisões, as quais ele aprovou tão prontamente que se ofereceu para ser meu padrinho. Também informei a Pelayo, como meu confessor e amigo, sobre minhas intenções, e como prova de sua aprovação, propôs-se a ajudar¹⁶³⁸ e, em apenas oito dias, obtive minhas licenças de casamento devidamente expedidas pelo *provisorato*.

Durante esse tempo, visitei meu amo chinês e o padre capelão, *Don Tadeu* e *Don Jacó*, convidando todos (p. 908) para meu casamento. Da mesma forma, enviei convites para Anselmo e sua família, comprei as *donas* ou *arras*¹⁶³⁹ com as quais presenteei a minha noiva e, como tinha dinheiro, providenciei diretamente desta capital tudo o que era necessário para os preparativos da festa.

Um comboio de carruagens partiu comigo para San Agustín de las Cuevas no dia em que eu planejava me casar. Anselmo já estava em minha casa com sua família; e sua esposa, a quem escolhi como madrinha, havia vestido e enfeitado Margarida com grande gosto, embora não seguindo rigorosamente a moda, pois era sensato e ela sabia que o banquete seria realizado no campo, e eu queria que ali brilhasse a inocência e a abundância, mais do que o luxo e a formalidade. Seguindo esse plano e com minhas amplas faculdades, Anselmo organizou minha recepção e a festa conforme programado, sem poupar gastos. Às 6h30 da manhã, cheguei a San Agustín e encontrei, na sala de minha casa, minha noiva vestida com túnica e mantilha preta, acompanhada de seus pais, de Anselmo com sua esposa e família, de Andrés com a sua, e dos criados de sempre.

Após as primeiras saudações prescritas pela etiqueta, Anselmo enviou um aviso ao *señor* cura, que imediatamente veio à casa com os pais vicários, os coroinhas e tudo o que era necessário para unir-nos. Os proclamas foram lidos, nossas

¹⁶³⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *interesó sus respetos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 907). De acordo com o *DRAE* (2023), *interesar*, na segunda acepção, significa “alguém se envolver em assuntos ou interesses alheios, como se fossem próprios” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/interesar?m=form&m=form&wq=interesar>. Acesso em: 19 dez. 2023.

¹⁶³⁹ Nota da Tradutora: Para lembrar das *donas*, ver nota 908 de nossa tradução; e para *arras*, ver nota 1360 de nossa tradução.

intenções foram (p. 908) confirmadas e esse ato foi concluído com a completa satisfação de todos os presentes.

Imediatamente, fomos à igreja receber as bênçãos nupciais e renovar nosso constante amor diante do altar.

Após o augusto sacrifício, voltamos para aguardar o *señor* cura e os padres vicários. Minha esposa trocou de vestido, e enquanto a madrinha a vestia para a cerimônia, entrei na cozinha para verificar os preparativos de Anselmo; mas ele organizou tudo de tal maneira que eu, que era o dono da festa, surpreendi-me com suas extravagâncias.

Uma delas foi não encontrar nem brasas no braseiro. Saí para procurar, bastante envergonhado, e disse a ele:

– Homem, o que fizeste, pelo amor de Deus? Tanta gente importante em casa e não há, até agora, nem preparativos para o almoço! Acaso eu não te (p. 909) escrevi para não se preocupar com dinheiro e gastar o que fosse necessário? Pelo amor de Deus, Anselmo! Vou passar tanta vergonha. Se soubesse, não teria procurado tua ajuda.

– Mas o que fazer, meu filho? O que passou, passou – ele respondeu-me, muito pachorrento. – Mas, fica tranquilo, tenho uma família que me estima nesta vila, e lá vamos nós almoçar todos, assim que o *señor* cura e os vicários chegarem.

– Isso é uma tolice ainda pior e nada cortês – eu lhe disse. – Não percebes que não podemos simplesmente aparecer de repente com mais de vinte pessoas em uma casa onde, talvez, eu não conheça ninguém? E ainda para almoçar sem tê-los avisado!

– Imprudências como essas são vistas todos os dias no mundo – disse-me Anselmo. – Em situações difíceis, é preciso ser um pouco sem-vergonha para se dar bem.

Eu reclamava de Anselmo e de sua pachorra quando nos chamaram dizendo que os padres já estavam em casa.

Saí para cumprimentá-los bem irritado e deparei-me com minha esposa transformada de uma dama da corte em uma pastora da Arcádia, pois nossa madrinha vestiu-a com uma túnica de musselina fina bordada a ouro, colocou sapatos de lamê dourado, pendurou nela uma faixa de seda azul-celeste com franjas douradas; seu

cabelo estava solto (p. 909) nas costas e recolhido na cabeça com um laço bordado, e coberto por um chapéu de cetim também azul, com grandes penas brancas¹⁶⁴⁰.

Esse vestido simples também surpreendeu-me e amenizou um pouco a raiva que o descuido de Anselmo tinha me causado, porque, como minha noiva era linda e tão nova, com aquele vestido, ela parecia uma ninfa das que os poetas descrevem. Todos pensaram o mesmo e a elogiaram muito.

Quando Anselmo viu-me um pouco mais calmo, disse-nos:

– Vamos, *señores*, já está ficando tarde.

Todos saíram, e eu com eles ao lado de minha esposa, pensando comigo que firula¹⁶⁴¹ o debochado do Anselmo ia me fazer. Mas, qual não foi minha grata surpresa ao chegar a uma grande casa de campo, que pertencia a um conde rico, e ver o que não esperava!

(p. 910) Anselmo não quis que nos demorássemos olhando a casa e levou-nos direto para o pomar, que era muito lindo e bem cultivado.

Assim que entramos, um grupo de juvenzinhas, muito graciosas, de doze a treze anos, saiu para nos receber. Vestidas com simplicidade e elegância, todas seguravam buquês de flores, formando contradanças muito vistosas ao ritmo do compasso da música de sopro e cordas que estavam preparadas para a ocasião.

Essa alegre comitiva conduziu-nos ao centro da horta, onde muitas cadeiras decentes estavam dispostas com bastante simetria, e o chão estava coberto de tapetes.

Desfrutávamos do ar fresco sem sermos incomodados pelos raios do sol, pois vários pavilhões de damasco pendiam das árvores, em tons de amarelo e branco, proporcionando sombra e beleza ao local onde se respiravam as delícias mais puras e inocentes.

Após um curto momento, uma porção de criadas e criados, muito asseados, saíram de um lado da horta e estenderam toalhas sobre os tapetes, e sentamo-nos em um círculo. Foi servido um almoço bastante limpo, abundante e temperado,

¹⁶⁴⁰ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *com garzotas blancas* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 909). De acordo com o *DRAE* (2023), são penas compridas com que, costumeiramente, chapéus são enfeitados. Disponível em: <https://dle.rae.es/garzota?m=form&m=form&wq=garzota>. Acesso em: 19 dez. 2023.

¹⁶⁴¹ ***Transcrição da nota 821, da edição de 2008 (p. 909): “[Lê-se, em castelhano,] *con qué pito iría a salir*; [o termo] *pito*, [traz o sentido de] coisa insignificante, de pouco valor, bobagem” (Nossa tradução).

enquanto a música (p. 910) divertia-nos com suas cadências, e as meninas, com a suavidade de suas vozes, cantavam muitos epitalâmios¹⁶⁴² discretos para minha esposa.

Acabado o almoço, fomos passear pela horta até a hora do jantar, que também aconteceu lá, para deleite de todos.

Às sete da noite, foram servidas boas bebidas geladas. Dançamos até às doze, hora em que foi servido o jantar, e concluído esse momento, todos fomos nos recolher, muito satisfeitos.

No dia seguinte, os *señores* convidados despediram-se, deixando-me mil expressões de afeto e oferecendo, a mim e a minha esposa, sua disposição. Meu padrinho, que sabeis tratar-se de meu amo, ao perceber que Anselmo tinha arcado com as despesas gerais da festa, pediu-lhe a conta para pagá-la, desejando fazer-me uma (p. 911) gentileza. No entanto, ele ficou bastante surpreso ao esperar encontrar uma quantia de 600 ou mais pesos, conforme a abundância e a magnificência da festa, e descobrir que tudo isso não passava de duzentos.

Ele mal acreditava, mas Anselmo assegurou que não era mais do que isso, e disse-lhe:

– *Señor*, as festas mais brilhantes não são as que custam mais dinheiro, mas aquelas que são feitas com mais organização. Como a melhor disposição não é incompatível com o máximo de economia, está claro que se pode realizar uma função muito solene sem desperdícios, que são aqueles em que não se repara e que tornam as funções mais caras sem torná-las mais esplêndidas.

– É uma grande verdade – disse-lhe meu amo –, e, uma vez que a despesa é tão pequena, e que foi paga por meu afilhado, reservo-me, para uma ocasião melhor, a fazer uma gentileza a minha afilhadinha.

Dizendo isso, ele voltou para a Cidade do México, Anselmo, para seu trabalho, e eu, para minha loja.

Com o maior consolo e satisfação, vivi em meu novo estado civil, na agradável companhia de minha esposa e seus pais, a quem amava cada vez mais, e eu era correspondido por todos da mesma forma.

¹⁶⁴² Nota da Tradutora: De acordo com o *Aulete Digital*, “canto ou poema breve em que se celebra o casamento”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/epital%C3%A2mio>. Acesso em: 20 dez. 2023.

(p. 911) Minha esposa já tinha vos dado à luz, meus queridos filhos. Fostes o nó de nosso amor, as delícias de vossos avós e os objetos mais dignos de minha atenção. Juanita, já tínheis dois anos de idade, e Carlos, um, quando vossos avós pagaram o tributo que deviam à natureza, partindo com poucos meses de diferença um do outro.

Ambos faleceram com a resignação e tranquilidade com que morrem os justos. Dei-lhes sepultura e prestei homenagem a seus funerais de acordo com minhas possibilidades. Vossa mãe ficou inconsolável com tal perda e precisou recorrer a todas as considerações com as quais a fé católica alivia-nos em tais momentos, podendo fornecer auxílio sólido aos verdadeiros aflitos.

Passado esse inverno cruel, tudo tem sido primavera, morando juntos vossa mãe, eu e vós, desfrutando de uma paz e de prazeres inocentes em uma vida mediana e honrada, que, sem me proporcionar frivolidades, (p. 912) deu-me tudo o que é necessário para não desejar a sorte dos ricos e poderosos.

Vosso padrinho foi meu amo. Enquanto ele viveu, adorou-vos, e em sua morte, confirmou seu carinho por vós com uma ação nada comum, como sabereis no próximo capítulo.

(p. 913) **Capítulo VIII**

No qual Periquitinho relata sobre a morte de seu amo; a despedida do chinês; sua última doença; e o editor continua a relatar o restante até a morte de nosso herói

Dispensemos os rodeios e vamos ao que interessa. Faleceu meu benévolo amo, padrinho, compadre e protetor. Morreu sem filhos nem herdeiros necessários¹⁶⁴³. Assim, empenhado em dar suas últimas provas de afeto a minha pessoa, deixou-me como único beneficiário de suas posses. Dentre elas, estava a fazenda que eu administrava em companhia de Anselmo, sob as condições que expressou em seu testamento e que eu cumpri como seu amigo, como favorecido e como homem de bem, que é o título de que mais devemos nos orgulhar.

Não preciso nem questionar se senti a perda desse bom homem, porque, evidentemente, seria necessário ser mais do que insensível para não o ter amado como merecia.

Fiz a leitura do testamento que meu amo outorgou em meu favor e, ao chegar à cláusula que dizia que, por conta de eu tê-lo servido tão bem, do satisfeito que estava pela minha conduta honrosa e por cumprir o obséquio que tinha oferecido a sua afilhada, minha esposa, ele doava a mim todos seus bens etc. Não consegui segurar as lágrimas e acabei regando aquelas linhas com lágrimas nascidas do amor e da gratidão.

Assisti a seus funerais. Vesti luto com toda minha família, não pela cerimônia, mas para manifestar meus sentimentos verdadeiros. Cumpri com todos seus comunicados¹⁶⁴⁴ fielmente e, tendo (p. 914) entrado em posse da herança, desfrutei dela com a bênção de Deus e a dele.

¹⁶⁴³ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *herederos forzosos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 913). De acordo com o blog *Abogados y herencias* (2023), os *herederos forzosos* são “aqueles que, por lei, herdaram algo de uma pessoa, ou seja, aqueles que sempre têm direito à herança” (Nossa tradução). Acreditamos que a definição, na lei brasileira, de “herdeiros necessários” seja a que se ajusta à dos *herederos forzosos*, pois são “aqueles identificados pelo regime previsto na lei, mesmo se não estiverem no testamento. Os herdeiros necessários são aqueles nos quais o legado é dividido obrigatoriamente, seja em testamentos ou em situações de interesse”. Para mais informações sobre a lei brasileira, visitar: <https://jus.com.br/artigos/105510/quais-os-4-tipos-de-herdeiros-previstos-na-lei>. Para *herederos forzosos*, visitar: <https://www.abogadosyherencias.com/herederos-forzosos/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

¹⁶⁴⁴ Nota da Tradutora: De acordo com o *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 283), *Comunicado* é “o encargo que o testador deixa a seu testamentário” (Nossa tradução). Disponível em: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/282/mode/2up?view=theater&q=comunicado>. Acesso em: 20 dez. 2023.

(p. 914) O fato de agora eu ter algum capital próprio não fez com que eu saísse do bom caminho, como o fiz das outras vezes, nem me levou a ignorar meus bons amigos. Tratei a todos como sempre e os servi no que pude, em especial àqueles que, alguma vez, demonstraram-me seu favor de algum modo.

Entre eles, quem teve muito lugar em meu apreço foi meu amo chinês, a quem restituí, aproximadamente, a quantidade de três mil e poucos pesos que dizimei dele quando vivi em sua casa. Mas ele não os quis receber de volta; antes, escreveu-me que era muito rico em sua terra, e na minha, não lhe fazia falta nada, que se dava por satisfeito daquela dívida e que devolvia o dinheiro para meus filhos. Concluiu a carta, dizendo que estava prestes a retornar a sua pátria e não desejava ver mais outras cidades nem reinos da América por duas razões: a primeira, porque sua saúde estava debilitada; e a segunda, porque, segundo as observações que fez, não achava que outros lugares seriam diferentes no mundo, pois, em todas as partes, os homens eram homens¹⁶⁴⁵. E terceiro e último, porque a guerra, que inicialmente achou que não ia dar em nada além de um protesto popular que seria rapidamente suprimido, começava a espalhar-se violentamente em toda parte¹⁶⁴⁶.

Admiti sua proteção e dei-lhe os devidos agradecimentos por sua generosidade, até que veio o dia que eu não esperava, quando ele chegou em minha casa em uma carruagem, precedido de moços e mulas que conduziam sua equipagem.

Ele fez parar sua condução na porta da loja e, desde ali, despediu-se, pois devia continuar sua jornada. Não permiti que o fizesse. Antes, valendo-me da suave violência que sabe usar a amizade, eu o fiz descer da carruagem e mandei que descarregassem as mulas. Elas, os moços e cocheiros foram atendidos no *mesón*, e

¹⁶⁴⁵ Nota da Tradutora: A edição em castelhano de 2008 faz um ponto e aparte no parágrafo. Devido ao conteúdo histórico, decidimos adicionar, a seguir, as três linhas que Frye (2004, p. 522) traduz e apresenta no texto do romance.

¹⁶⁴⁶ **Transcrição da nota 1, da edição de 2004 (p. 522): “A guerra: esta é a primeira referência no romance, desde o prefácio do autor, às guerras de independência do México, que começaram em novembro de 1810. Até 1813, os rebeldes controlavam a maior parte do território próximo à Cidade do México, mas uma contraofensiva das forças realistas aparentemente teve sucesso; as operações militares, em grande escala, haviam terminado, e o domínio espanhol parecia assegurado em 1816, quando [Fernández de] Lizardi escreveu estas páginas. No entanto, operações de guerrilha continuaram até que mudanças na Espanha desencadearam um segundo surto de guerra total em 1820. A independência foi conquistada em 1821, cinco anos após a publicação do romance” (Nossa tradução).

meu amo, em minha casa, na qual minha esposa esmerou-se em atendê-lo muito bem.

(p. 914) Conversamos muito nesse dia. Entretanto, perguntei-lhe sobre o que ele escrevia, naquele tempo, quando eu estava em sua casa.

– Se lêsseis o que escrevi – disse-me –, talvez poderias ficar incomodado, porque o que registrei foram alguns apontamentos críticos dos abusos que percebi em tua pátria, ampliei com notícias e explicações que ouvia do capelão, a quem dava os cadernos, posteriormente, para que fossem corrigidos.

– E o que aconteceu com esses cadernos, *señor*? Leva-os aí?

– Não os tenho comigo – disse-me. – Faz dois anos que os (p. 915) encaminhei a meu irmão, o *tután*, junto com algumas coisas próprias de tua terra.

– Eu estaria longe de ficar incomodado com essas anotações, *señor*. Ao contrário, apreciaria muito ter a oportunidade de lê-las. Quem ficou com os rascunhos?

– O próprio capelão ficou com eles – respondeu-me. – No entanto, não sei por que me parece que ele tem suas reservas, pois não as quis emprestar para ninguém.

Propus-me, internamente, a não omitir diligência alguma que parecesse oportuna para conseguir tais cadernos. Deu a hora de comer e comi com minha família em companhia daquele bom cavalheiro.

Depois, fomos ao campo ter uma tarde divertida e levamos as espingardas. Ao passar pelo lugar da aventura com o misantropo e seu cavalo, relatei o acontecido, e o asiático ouviu a história muito comprazido.

À noite, voltamos para casa, e o tempo foi passado em uma boa conversa entre nós, o *señor* cura e outros *señores* que me favoreceram com suas visitas. Quando chegou a hora do jantar, comemos e logo fomos nos recolher.

No dia seguinte, madrugamos, e fui levar meu querido amo até Cuernavaca¹⁶⁴⁷. Desse lugar, voltei para minha casa, depois de despedir-me dele com as mais tenras expressões de amor e gratidão.

¹⁶⁴⁷ **Nota da Tradutora: No século XIX, ao poente da cidade de Cuernavaca, estava o *camino real*, depois conhecido como *camino nacional*, que unia a Cidade do México ao porto de Acapulco. Pelo *camino real*, “transitavam, em sua marcha em um ou outro sentido, veículos de tração animal, cavaleiros e tropas de mulas e burros que prestavam serviço de transporte de pessoas e mercadorias da Cidade do México para a costa do Oceano Pacífico” (Nossa tradução). Retirado de: <https://www.lavozdelnorte.com.mx/2017/11/15/casas-y-barrios-de-cuernavaca-a-finales-del-siglo-xix/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

(p. 915) Não consegui esquecer-me dos cadernos que ele escreveu e, claro, solicitei-os com muito empenho por meio de meu amigo e confessor Martim Pelayo, pois sabia de sua amizade com o doutor *Don* Eugênio, que foi capelão de meu amo chinês e comentador, ou coautor, de tais documentos.

Não conseguiram dissuadir-me de fazer minha solicitude. No entanto, até o momento, não consegui tê-los em minhas mãos, porque, segundo o padre capelão que está passando a limpo os rascunhos, tão logo conclua a tarefa, ele os emprestará a mim. Ele é um homem de bem, e acredito que cumprirá com sua palavra.

Vivi alguns anos mais em paz em minha vila, visitando, às vezes, meus amigos e recebendo, em troca, suas visitas. Eu estava entregue ao cumprimento de minhas obrigações domésticas, (p. 916) que foram as únicas que aturei, porque, mesmo que várias vezes quisessem dar-me o cargo de juiz da cidade, jamais aceitei, nem pensei em obter algum cargo, lembrando de minha inaptidão e de que, muitas vezes, os cargos trazem consigo aquele arzinho que corrompe a quem ocupa essas funções, e acaba¹⁶⁴⁸ com a virtude mais imutável.

Meu foco, como vos disse, apenas foi em vos educar, assegurar vossa subsistência, sem danos a terceiros, e fazer o pouco de bem que pude em troca do escândalo, prejuízo que causaram meus descaminhos. Minhas diversões e prazeres foram as mais puras e inocentes, pois concentraram-se no amor de minha mulher, de meus filhos e de meus bons amigos. Ultimamente, dou graças infinitas aos céus porque, pelo menos, não envelheci na profissão do vício e da prostituição, e, mesmo tarde, reconheci meus erros, tive aversão a eles e evitei cair no abismo onde minhas paixões iam me levar.

Ainda que seja verdade que nunca é tarde para arrepender-se, e enquanto o homem viva, sempre terá oportunidade de justificar-se, não devemos viver nessa confiança, porque talvez, como castigo por nossa teimosia e rebeldia, faltará a nós essa oportunidade no momento em que desejarmos essa confiança.

Escrevi minha vida para vós, sem disfarces. Eu vos manifestei, aqui, meus erros e as motivações que me levaram a cometê-los, sem dissimular e, por fim,

¹⁶⁴⁸ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dar al traste* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 916). De acordo com López y López (1931, p. 465), a expressão *dar con el cajón al traste* significa “destruir, abandonar, descuidar” (Nossa tradução).

desvendei-vos, em mim mesmo, quais são os doces prêmios que o homem encontra quando sujeita-se a viver conforme a razão reta e os sadios princípios da moral sã.

(p. 916) Deus não permita que, depois de meus dias, vós vos abandoneis ao vício e tomeis apenas o mau exemplo de vosso pai, talvez com a tola esperança de vos emendar como ele à metade da corrida de vossa vida, nem faleis, no segredo de vosso coração, que “Sigamos a nosso pai em seus erros, que depois o seguiremos na mudança de conduta”, porque, talvez, não consigais aquelas iníquas esperanças. Consagrai, meus filhos, a Deus as primícias de vossos anos, e assim conseguireis cedo os doces frutos da virtude, honrando a memória de vossos pais, desculpando as (p. 917) desgraças que acompanham o crime, sendo úteis ao Estado e a vós mesmos, e passando de uma felicidade temporal ao gozo de outra maior que não se acaba. Cortei o fio de minha história, mas, talvez, não serão muito inúteis minhas últimas digressões.

Após a partida de meu amo, o chinês, morei, por mais alguns anos, em San Agustín de las Cuevas, até que me vi na necessidade de liquidar meu patrimônio e estabelecer-me nesta cidade¹⁶⁴⁹, tanto para ver se conseguia recuperar minha saúde, debilitada pela idade e tomada por uma anasarca ou hidropisia generalizada¹⁶⁵⁰, quanto para nos proteger dos resultados da insurreição que aconteceu no Reino, no ano de 1810. Foi um período verdadeiramente fatal e desastroso para a Nova Espanha! Uma época de horror, crimes, derramamento de sangue e desolação!

Quantas reflexões eu poderia fazer sobre a origem, os progressos e os possíveis desfechos dessa guerra! Seria fácil tecer-vos um panorama da história da América e deixar o campo aberto para que pondereis qual das duas partes adversárias está certa, se o governo espanhol ou os americanos que buscam a independência da Espanha. No entanto, é muito perigoso escrever sobre isso aqui no México, no ano de 1813. Não quero colocar em risco vossa segurança ao instruir-vos em questões políticas que, talvez, não estejais preparados para compreender. Por agora, sabei

¹⁶⁴⁹ Nota da Tradutora: Cidade do México.

¹⁶⁵⁰ Nota da Tradutora: Anasarca ou hidropisia generalizada, segundo o *Aulete Digital*, é um termo médico para explicar a condição de “derramamento de líquido seroso em tecidos ou cavidade corporal”. Bezerra (2024) define que a “Anasarca é o inchaço generalizado do corpo que acontece devido ao acúmulo de líquidos dentro das células e no espaço entre as células”. Para mais informações visitar: <https://www.tuasaude.com/anasarca/#:~:text=Anasarca%20%C3%A9%20o%20incha%C3%A7o%20generalizado,no%20espa%C3%A7o%20entre%20as%20c%C3%A9lulas.>, <https://www.aulete.com.br/anasarca> e <https://www.aulete.com.br/hidropisia>. Acesso em: 20 dez. 2023.

apenas que a guerra é o maior mal para qualquer nação ou reino. Contudo, as convulsões sangrentas dentro do mesmo país são, incomparavelmente, mais prejudiciais, já que a ira, a vingança e a crueldade, inseparáveis de toda guerra, alimentam-se dos próprios cidadãos que se alarmam para se destruírem mutuamente.

(p. 917) Os romanos, traquejados com essas calamidades intestinas, conheceram muito bem essa verdade. Entre eles, destacam-se Horácio e Lucano. O primeiro, ao repreender seus concidadãos enfurecidos, disse-lhes: “Aonde vais, malvados? Para que empunhais as armas? Acaso os campos e mares tingiram-se com o sangue romano? Nem mesmo os lobos ou leões acostumaram-se, como vós, a direcionar seu rancor apenas a outras feras desiguais ou de diferente espécie. E, mesmo quando (p. 918) brigam, seu furor é tão cego quanto o vosso? É sua raiva mais acre? Sua culpa é tão grande? Respondei! Mas, o que poderíeis responder? Calai, vossos rostos estão cobertos de uma horrorosa cor amarela e vossas almas enchem-se de terror, convencidas por vosso mesmo crime”¹⁶⁵¹.

De modo semelhante, o sensível Horácio expressava-se, e Lucano fez uma viva descrição dos danos que ocasiona a guerra civil, em uns versos que vos traduzirei livremente ao castelhano. Disse, então, que, nas comoções populares:

Perece a nobreza com a plebe
E anda de aqui acolá a cruel espada,
Nenhum peito se livra de seus fios.
O vermelho sangue até as pedras mancha
Dos sagrados templos; não defende
A ninguém sua idade; a velhice grisalha
Vê seus dias se abreviarem, e o triste infante
Morre ao início de sua vida ingrata.
Mas por que delito o pobre velho
Morrerá, e a criança, por quê, se não danam?
Ah, que só viver em tempos tais

¹⁶⁵¹ Nota da Tradutora: Ruiz Barrionuevo, na nota 824 (2008, p. 918), afirma que o trecho citado corresponde ao Épodo VII, de Horácio: “*Quo, quo scelesti ruitis? Aut dexteris / aptantur enses condit? / parumne campis atque Neptuno super / fustum est Latini sanguinis* [Tradução de Botelho (2005): (Para onde? Para onde vos lançastes impiedosos? Ou por que as espadas, que estavam guardadas, estão coladas em vossas mãos? Acaso foi derramado pouco (de) sangue latino]”. Disponível em: <https://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/minicursos/josemariobotelho.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

(p. 918) É grande crime, sim, muita causa!¹⁶⁵²

Com mais valentia, pintou Erasmo todo o horror da guerra, e esforça-se quando fala dos civis. “É coisa comum, disse ele, brigar: as pessoas destroçam-se umas às outras, um reino contra outro, príncipe contra príncipe, povo contra povo, e até os étnicos têm por ímpio, o enlutado contra o enlutado, irmão contra irmão, filho contra o pai, e, finalmente, o que a meu ver é mais atroz, um cristão contra um homem; e que seria (falo isso pela maior (p. 919) das atrocidades) se fosse um cristão contra outro cristão? Mas, oh, cegueira de nossa compreensão! Que, no lugar de abominar isso, há quem bata palmas, quem com louvores o exalte, há quem chame de santa a coisa mais abominável do mundo, e, atizando a raiva dos príncipes, nutra o fogo até que suba ao céu a chama!”¹⁶⁵³

Virgílio reconheceu que nada bom existia na guerra e que todos deveríamos pedir a Deus a duração da paz. Por isso, escreveu:

*Não há salvação na guerra. Nós todos pedimos a paz*¹⁶⁵⁴

De tudo isso, deveis inferir o grau de maldade da guerra, quão justas são as motivações que lutam para a evitar, e que o bom cidadão só deve tomar as armas se estiver em jogo o bem comum da pátria.

Apenas nesse caso deve-se empunhar a espada e abraçar o escudo, e não em outros, por mais lisonjeiros que sejam os fins propostos pelos cidadãos, porque tais fins são muito incertos e arriscados, e as desgraças subsequentes aos princípios e meios são sempre certos, funestos e geralmente perniciosos... Mas, afastemos a pena de um assunto detestável por natureza, não se permita que manchemos as páginas

¹⁶⁵² Transcrição da nota 825, da edição de 2008 (p. 918): “Lucano, *Farsália*, II, vv. 101-107. Os quatro últimos versos não correspondem ao original em latim: *Nobilitas cum plebe perit, lateque vagatus / ensis, et a nullo revocatum pectore ferrum* etcétera [Nossa tradução: A nobreza perece com a plebe, e a espada é conhecida por todos; nenhum peito se livra de seu fio]” (Nossa tradução).

¹⁶⁵³ Transcrição da nota 5, da edição de 2004 (p. 526): “Erasmo; *Adagiorum*, IV, i, 1. Trata-se de um ensaio do adágio de Píndaro *Dulce bellum inexpertis*, ‘a guerra é doce para quem não a conhece’, escrito com referência particular às guerras religiosas da Europa no início dos anos 1500” (Nossa tradução).

¹⁶⁵⁴ Nota da Tradutora: Lê-se, *Nulla salus bello, pacem te poscimus omnes*. A tradução que utilizamos no corpo do texto é de tradução de David Jardim Júnior (p. 185). Retirado da *Eneida*, de Virgílio, livro XI. Disponível em: <https://archive.org/details/aeneidavirgilioediouro/page/n183/mode/2up?q=guerra>. Acesso em: 23 dez. 2023.

de minha história com as (p. 919) lembranças de uma época tingida com sangue americano.

Depois de vendidos meus bens e já com residência na Cidade do México, tentei buscar tratamento, e os médicos disseram que minha doença era incurável. Todos concordavam com o mesmo veredicto; inclusive, houve algum pretensioso que fundamentou seu aforisma na velhice. Ele me disse, em latim, que ter tantos anos são uma doença muito grave:

(p. 920) *A velhice em si é uma doença*¹⁶⁵⁵

Eu, que sabia muito bem que era mortal e que já tinha vivido muito, não demorei em acreditar nele. Querendo ou não, conformei-me com a sentença dos médicos, sabendo que, às vezes, conformar-se com a vontade de Deus é armadilha legal, porque, queiramos ou não, ela terá de ser cumprida em nós. Fiz, como costumam dizer, da necessidade virtude, e apenas tentei conservar minha pouca saúde de forma paliativa, mas sem esperança de restabelecer-me completamente.

Nessa época, visitavam-me minhas amizades e, por uma casualidade, ganhei um amigo novo, um tal de Lizardi, padrinho de crisma de meu filho Carlos, escritor desafortunado em vossa pátria e conhecido pelo público com o pseudônimo com que distinguiu-se quando escreveu nestes amargos tempos: o *Pensador Mexicano*.

Faz mais de um ano que o conheci e tratei com ele. Percebi nele pouca instrução, menos talento e, finalmente, nenhum mérito (falo com minha costumeira falta de malícia). Mas, em troca dessas carências, sei que ele não é um mentiroso, falso, bajulador ou hipócrita. Posso atestar que ele não se acha nem sábio nem virtuoso, reconhece suas próprias faltas, adverte-as, confessa-as e detesta-as. Mesmo sendo um homem, sabe quem ele é, que possui mil defeitos, que está cheio de ignorância e amor-próprio, que não percebe essa ignorância, mil vezes, porque aquela o deixa cego e, ultimamente, quando alguns sábios, em minha presença e na dele, aplaudiram suas produções, ouvi-o dizer mil vezes:

¹⁶⁵⁵ Transcrição da nota 828, da edição de 2008 (p. 920): “Terêncio, *Formião*, ato IV, cena I, vv. 575-576 (*senectus ipsa es morbus, sed venisse eas / salvas audivi ex nauta que ellas vexerat*)” [Nossa tradução: a velhice em si é uma doença, mas ouvi dizer que eles vieram/ salvaram do marinheiro que os carregou].

(p. 920) – *Señores*, não vos iludais. Não sou sábio, instruído nem erudito. Sei o quanto é necessário para desempenhar esses títulos. Minhas produções vos deixaram deslumbrados na primeira leitura; todas elas não são ouro brilhante, mas ouropel. Eu mesmo fico envergonhado de ver impressos erros que não percebi no momento de escrever. A facilidade com que escrevo não comprova que esteja certo. Escrevo mil vezes no meio de distrações de minha família e de meus amigos; mas isso não justifica meus erros, porque deveria (p. 921) escrever com sossego e aparar arestas de meus textos, ou não escrever, a exemplo de Virgílio ou do aconselhamento de Horácio. Mas, depois que escrevi desse modo, e depois que reconheço, devido a minha natural inclinação, que não tenho paciência para ler muito, para escrever, suprimir, emendar, ou consultar com calma meus escritos, confesso que não faço como deveria, e acredito firmemente que os sábios saberão desculpar-me, pois atribuirão meus erros, sob o calor de minha fantasia, à leviandade de minha pena sempre culpável. Lembro-me do julgamento dos sábios, porque dos néscios não faço caso.

Quando ouvi do Pensador tais expressões, marquei-o como amigo, e reconheci que era homem de bem, porque, se alguma vez ele errava, era mais por conta de um entendimento atrapalhado do que por conta de uma vontade pervertida. Conteí-o entre meus amigos verdadeiros. Ele ganhou meu afeto de tal modo que o fiz partícipe de minhas mais ocultas confidências, e nos queremos bem, tanto que posso considerar que somos uma pessoa só, o Pensador e eu.

Um dia desses, quando eu estava já muito doente, e com dificuldade para escrever os acontecimentos de minha vida, ele veio visitar-me e, estando minha esposa sentada na beira da cama, e vós, ao redor dela, eu, ao perceber minha fadiga pela doença e que eu não conseguia mais escrever, disse-lhe:

– *Pega estes cadernos, para que meus filhos tirem proveito deles depois de meus dias.*

Nesse instante, deixei com meu amigo, o Pensador, meus comunicados e estes cadernos para que ele pudesse corrigir e comentar, pois eu já estou muito doente...

(p. 921) ANOTAÇÕES DO PENSADOR

Até aqui escreveu meu bom amigo *Don* Pedro Sarmiento, a quem amei como a mim mesmo. Eu o assisti em sua doença até sua morte com o maior carinho.

Ele fez chamar o escrivão e outorgou-lhe seu testamento com as formalidades costumeiras. Nele, declarou ter cinquenta mil pesos em reais efetivos, postos sob rendimentos seguros no poder do Conde de San Telmo, segundo constava do documento que (p. 922) manifestou, certificado pelo escrivão, e deveria funcionar junto com o testamento original, e seguia:

“Item, declaro que é minha vontade que, uma vez pagos do quinto de meus bens o legado para os herdeiros necessários e meu funeral, seja distribuído o sobranço em favor dos pobres decentes, homens de bem e casados, deste modo: se sobrar nove mil e poucos pesos, serão socorridos nove pobres que mencionei para o testamenteiro nomeado, sob certificação do cura de sua paróquia, em que constem homens de conduta prudente, pobres legítimos, com famílias pobres para manter, com alguma atividade ou habilidade, que não sejam tolos ou inúteis, e, além disso, que tenham como fiador um sujeito com posses que assegure, com seus bens, responder pelos mil pesos que lhe serão entregues para que os movimente e procure sua vida com eles; subentende-se que o fiador será responsável de tal quantidade sempre que consiga comprovar que seu afilhado fraudou o dinheiro; mas, se perdê-lo por conta de uma negociação, roubo, incêndio ou coisa similar, ficarão livres de responsabilidade o fiador e o agraciado.

Declaro: que ainda que pudesse com nove mil pesos fazer esmola a vinte, trinta, cem ou mil pobres, ao dar-lhes uma bagatela, como é normal fazer, não o fiz, porque considero que esses não são auxílios verdadeiros; mas, sim, o serão no modo em que disponho agora, pois é minha vontade que, depois que os socorridos façam seu negócio e assegurem sua subsistência, devolvam os mil pesos, para que sejam socorridos outros pobres.

Declaro também: que ainda que pudesse deixar esmolas para as viúvas e donzelas, não o faço porque elas sempre recebem de algum rico, e não são as primeiras em necessidade, mas os pobres homens de bem, de quem jamais ou rara vez lembram-se os testamentos, acreditando, e muito mal, que é suficiente ser homens para eles já terem uma mina abundante para bancar suas famílias”.

(p. 922) Assim foram suas disposições testamentárias. Concluídas, tratou-se de administrar os santos sacramentos da Eucaristia e da Extrema-Unção. Deu-lhe o viático¹⁶⁵⁶ seu muito útil e verdadeiro amigo, o padre Pelayo. Assistiram ao ato seus amigos *Don Tadeu*, *Don Jacó*, Anselmo, (p. 923) Andrés, eu e muitos outros. A música e a solenidade que acompanhava esse ato religioso instilavam regozijo respeitoso que cresceu em todos os assistentes ao ver a ternura e a devoção com que meu amigo recebeu o corpo do *Señor* sacramentado. O perdão que, a todos, ele pediu de seus escândalos e descaminhos, o apelo que ele fez e a unção que derramava em suas palavras arrancou lágrimas de nossos olhos e deixou-nos cheios de sentimentos de piedade, virtude e consolo.

Passados esses doces arroubamentos de sua alma, ele se recolheu, deu as graças e, às duas horas, fez com que entrassem em sua habitação sua mulher e filhos.

Estando eu sentado à cabeceira, e a família dele rodeando a cama, ele nos disse, com a maior tranquilidade:

– Esposa minha, meus filhos, não duvideis que sempre vos amei e que meus desvelos se consagraram a vossa verdadeira felicidade. Já é a hora de afastar-me de vós para nos vermos novamente no último dia dos séculos. O Autor da natureza chama-me para que eu vá às portas de minha vida. Ele deu-me a vida quando quis e quando ele assim o quer, a natureza cumpre seu término. Não sou árbitro de minha existência. Sei que minha morte está perto, e morro muito conformado e resignado na divina vontade. Deixai de lado o excesso de vossa tristeza! Mesmo que sintais falta de me ver, mesmo vós sendo pedaços de meu coração, deveis moderar vossa aflição e considerar que sou um mero mortal e que, cedo ou tarde, meu espírito deve desprender-se da massa corruptível de meu corpo.

“Observai que meu dono e dono de minha vida é o mesmo que a tira, porque a natureza é imutável ao cumprir com os preceitos de seu Autor. Consolai-vos com esta certa consideração e dissei: O Senhor deu-me um esposo, o Senhor deu-nos um pai. Com tal resignação, consolava-se o humilde Jó no extremo de seus mais amargos trabalhos.

¹⁶⁵⁶ Nota da Tradutora: *Viático*, tanto em português quanto em espanhol, apresentam a mesma grafia e significado: “Comunhão ministrada em casa aos doentes impossibilitados de se deslocar, ou aos moribundos” (*Aulete Digital*). Disponível em: <https://www.aulete.com.br/vi%C3%A1tico>. Acesso em: 25 dez. 2023.

(p. 923) “Esses pensamentos não inspiram nem dor nem tristeza; antes, o consolo e o regozijo sólido que se fundam não menos que na palavra de Deus e nas máximas da sagrada religião que professamos. Que fique o desespero (p. 924) para o ímpio, e para o incrédulo, a dúvida de nossa futura existência, enquanto o católico, arrependido e bem-disposto, confia, com muito fundamento, que Deus, no cumprimento de sua palavra, perdoou-lhe seus delitos, e seus enlutados, com a mesma segurança, piedosamente acreditam que não morreu, mas passou à melhor vida.

“Portanto, não chorai, meus amores, não chorai! Deus é vosso refúgio para vos favorecer e vos amparar. Se cumprirdes seus divinos preceitos e confiardes em sua altíssima providência, estais seguros de que nada, nada vos faltará para serdes felizes nesta e na outra vida.

“Procurai, isso sim, conduzir-vos nesta com muito juízo e com honra em qualquer que seja o estado que abrasardes. Tu, Margarida, se passardes a ter segundas núpcias, não te impeço, mas tente conhecer o caráter de teu esposo antes que ele seja teu marido, pois existem muitos Periquitinhos neste mundo, mesmo que nem todos conheçam e detestem seus vícios como eu.

“Uma vez conhecido como homem de bem e virtude, e com a aprovação de meus amigos, podes unir-te a ele em boa hora; mas procure sempre captar sua vontade elogiando suas virtudes, dissimulando seus defeitos. Jamais contraries seus gostos com soberba, muito menos nas coisas justas que ele te ordenar; não dissipes em modas, passeios ou extravagâncias o que deixo para que possas viver; não tomes como modelo de conduta as mulheres vãs, soberbas e loucas; imite as prudentes e virtuosas. Se chegares a ter filhos, além dos nossos, que já são grandes, nunca mostres preferência, dando mais carinhos a ninguém; trata a todos por igual, pois todos são teus filhos. Desse modo, ensinarás para teu marido a comportar-se bem com os meus; farás deles irmãos e evitarás invejas suscitadas nesses casos pela preferência. Sê econômica e não desperdices em diversões o que te deixo nem o que teu marido adquira. Saibas que não é tão fácil ganhar mil pesos como dizer “tive mil pesos”; porém, dizer “estive no meio da miséria” é profundamente doloroso. Por último, minha filha, faz tudo para não esquecer as máximas que te inspirei; fuge da maldita paixão dos ciúmes, que, longe de ser útil, é perniciosa às infelizes mulheres, e a total e última causa de sua ruína; mesmo que teu marido, infelizmente, saia do

caminho reto, dissimula-o, então, (p. 925) dá mais carinho e mais gratidão, que eu tenho certeza que ele reconhecerá que teu mérito é maior do que o das prostitutas que ele adora, e no final, ele voltará e pedirá por teu perdão e te amará excessivamente, em dobro.

“A vós, filhos de meu coração, que posso vos dizer? Sede humildes, atentos, afáveis, benéficos, corteses, honrados, verazes, simples, ajuizados e pessoas de bem em todos os aspectos. Deixo-vos minha vida por escrito, para que vejais onde se estatela, em geral, a juventude desavisada; para que saibais onde está o início da ruína para fugir dela; para que, ao conhecer a virtude, vejais quantos doces frutos ela promete, para que a professeis e a sigais desde vossos primeiros anos de vida.

“Portanto, amai e honrai a Deus e observai seus preceitos; procurai serdes úteis a vossos semelhantes; obedecei aos governos, sejam quais eles forem; vivei subordinados às autoridades que vos mandam em Seu nome; não fazei dano a ninguém, e não deixeis de fazer todo o bem que puder fazer. Guardai-vos de ter muitos amigos. Esse conselho eu recomendo especialmente: vede que vos falo pela experiência. Um homem sozinho, por mau que seja, se anda sozinho e sem amigos, apenas ele sabe de seus crimes; a ninguém scandaliza no particular e ninguém é testemunha deles, quando, pelo contrário, o espertalhão e patife cheio de amigos tem muitos a quem dar o mau exemplo e muitos que testemunhem suas infâmias.

“Além disso, como podereis ver nos registros de minha vida, existem muitos amigos, mas poucas amizades. Amigos sobram no tempo favorável; mas poucos ou nenhum no adverso. Tende cuidado com os amigos, testai-os. Quando achardes um desinteressado, verdadeiro e muito claramente homem de bem, amai-o, conservai-o eternamente; mas quando percebêreis no amigo interesse, duplicidade ou má conduta, reprovai-o e jamais confieis em sua amizade.

“Por último, observai os aconselhamentos que meu pai escreveu-me em seus últimos momentos, quando eu estava fazendo noviciado, que estão escritos no capítulo XII, tomo I, de minha história. Se cumprirdes com suas observações com exatidão, asseguro-vos de que sereis mais felizes que vosso pai.

Passados estes e outros monólogos semelhantes, abraçou *Don* (p. 926) Pedro seus filhos e sua mulher, deu-lhes muitos beijos e despediu-se deles, fazendo-me chorar amargamente, porque as emoções intensas demonstradas pela *señora* e por suas crianças desmentiram toda filosofia que o razoamento poderia prevenir. Os

prantos, as lágrimas e as (p. 925) emoções intensas foram o mesmo que se o doente não tivesse falado uma palavra sequer.

(p. 926) Finalmente, ficou o paciente sozinho e disse-me:

– Já é minha hora de desapegar-me do mundo e de pensar apenas em como ofendi a Deus e que lhe desejo oferecer as dores e as ansiedades que padeço em sacrifício de minhas iniquidades. Peça que venha meu confessor, o padre Pelayo.

Como esse eclesiástico era bom amigo, não deixava de ficar ao lado dos seus na hora da tribulação. Apenas tirou sua gola, quando voltou à casa para consolar seu filho espiritual. Antes que eu saísse do quarto, entrou ele e perguntou a *Don Pedro* que como se sentia.

– Vou bater as botas¹⁶⁵⁷ – disse-lhe o doente. – Já é hora de não te afastar de minha cabeceira, peço-te encarecidamente. Não porque esteja com medo dos demônios, visões ou fantasmas que, dizem, aparecem nessas horas aos que vão morrer. Sei que pensar que todos os que morrem veem espectros é uma mediocridade, porque Deus não precisa valer-se desses fantoches aéreos para castigar nem aterrorizar ao pecador. A má consciência e os remorsos dela nessa hora são os únicos demônios e espantalhos que o moribundo enxerga na alma, confundido com a lembrança de sua má vida, de sua falta de penitência e do temor servil a um Deus irritado e justiceiro. O restante são superstições do vulgo néscio.

“Quero que estejas comigo para ministrar os auxílios necessários nessa hora e derrames de teu coração o suave bálsamo de tuas exortações e consolos.

“Peço que não te afastes de mim até eu expirar, não permita que entre aqui algum devoto ou devota com o *Ramalhete*¹⁶⁵⁸, ou outra prescrição semelhante, e comece a jesusear, atormentando minha alma com sua frialdade e lengalenga, e quebrando-me a cabaça com seus gritos desaforados.

¹⁶⁵⁷ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *voy por la posta* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 926).

¹⁶⁵⁸ *Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, em itálico, *Ramillete* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 926). De acordo com o Centro Anchieta (2018), “quando falamos de ramalhete espiritual, referimo-nos ao conjunto de orações, boas obras e sacrifícios. [...] O ramalhete que é proposto será realizado por um pequeno grupo de pessoas [mas pode ser feito por uma pessoa apenas, basta ter o aconselhamento de um sacerdote. [...] Um determinado grupo de pessoas se une espiritualmente por, no mínimo, 30 dias. Durante este período, oferecem todas as suas orações, boas obras e sacrifícios numa intenção particular ou para uma pessoa”. Disponível em: <https://centroanchieta.org/ramalhete-espiritual/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

(p. 926) “Quer dizer, não é que não queira que eles usem o nome de Jesus. Deus não permita que eu fale essas coisas, não. Sei muito bem que esse doce nome é, sobretudo, nome; que, a sua invocação, os céus regozijam-se, a terra humilha-se, o inferno treme. O que não gostaria (p. 927) é que um bom homem, daqueles que eu te disse, com seu livrinho, fique grudado em mim. Vai que comece a ler, mas, na verdade, comece a soletrar e, sem consegui-lo, inicie a ordinária ladainha de “Jesus te ajude, Jesus te ampare, Jesus te favoreça”, sem sair disso para nada, e que ele, sabendo de sua própria frialdade, queira inspirar-me fervor à força de gritos, como já observei que aconteceu com outros moribundos. Pelo amor de Deus, amigo, não consintais que eles fiquem a meu lado, que, longe de ajudar-me a morrer bem, ajudar-me-ão a morrer mais rápido. Sabes que, nesses momentos, o importante é mover no doente a contrição e a confiança na divina misericórdia; fazer com que repita em seu coração os atos de fé, esperança e caridade; expandir o espírito com a memória da bondade divina, lembrando que Jesus Cristo derramou seu sangue por ele e é seu mediador; e, finalmente, fazê-lo professar nos atos do amor a Deus e acender os desejos de ver Sua Majestade na glória.

“Isso, pode-se propriamente dizer que é ajudar a morrer bem, mas nem todos podem fazê-lo, e quem tem instrução e graça para tal não precisa daqueles gritos com que os tolos, longe de auxiliar ao moribundo, espantam-no e incomodam-no.

“Também peço que não permitas que as senhoras mais velhas, ainda que com boa intenção, acabem por despachar-me para o além quando, em meu estado agonizante, colocarem em minha boca qualquer caldo substancioso ou água de *palata*¹⁶⁵⁹. Avise-as de que essa sua preocupação pode, de fato, encurtar a vida do doente e o fazer morrer com sofrimento duplo. Adverte-lhes que temos dois canos na garganta chamados esôfago e laringe: por um, passa o ar para o pulmão, e, pelo outro,

¹⁶⁵⁹ *Nota da Tradutora: De acordo com a *Farmacopea matritense* (1823, p. 293-294), em castelhano, o termo no livro é ‘água de capão’ (comumente conhecido por água de *Palata*). Trata-se de um caldo feito de “um capão sem gordura, doze rãs e uma tartaruga galápagos. As carnes, retiradas as vísceras, e cortadas em pedaços pequenos que são cozidos em dezesseis libras [7,26 kg] de água por duas horas junto de meia libra [0,023 kg] de miolo de pão fresco, duas libras [0,91 kg] de folhas de *borraja* [Nossa tradução: *Borago officinalis*, conhecido no Brasil por borragem. Segundo o blogue Tuasaude (2021), essa planta medicinal serve “para ajudar no tratamento de tosse, catarro, constipações, gripe, resfriado, bronquite, inflamações nasais e geniturinárias, colesterol, TPM e problemas de pele”]. Para mais informações, visitar: https://books.google.com.br/books?redir_esc=y&hl=es&id=VRrAAAAMAAJ&q=palata#v=snippet&q=palata&f=false e <https://www.tuasaude.com/borragem/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

o alimento (p. 927) para o estômago. Mas é necessário deixa-las saberem que o cano por onde passa o ar é anterior ao outro por onde passa o alimento. No estado sadio, quando engolimos, temos a *glote*¹⁶⁶⁰, que funciona como uma pequena válvula, e tampa o cano do ar, passando o alimento por cima do cano do (p. 928) estômago, funcionando como uma espécie de ponte. Essa operação se faz apertando a língua ao paladar no ato de engolir, de modo que ninguém engolirá um pouco de saliva sem apertar a língua para tampar o cano de ar, e quando, por um descuido, não se faz essa diligência, e mesmo que seja apenas uma gota de água que vai para o gogó, o pulmão, que não permite mais do que ar, no momento, sacode aquele corpo com tal violência que joga até pelos narizes o corpo líquido. Quando a água, *verbi gratia*, que se foi para o pulmão pesa mais do que o ar que há dentro, o paciente afoga-se; e se for muito pouca, ele a expele, como disse antes.

“Depois de dar essa explicação para as velhas, adverte-lhes que o agonizante já não tem forças, e, talvez, também não esteja consciente, para apertar a língua; por conseguinte, quando alguém o força a beber pela boca, o líquido vai para o pulmão, e se ele não tossir, é porque essa entranha está arruinada, ou porque ele já não tem mais força para sacudir, com o que o doente falece em pouco tempo. Diz-lhes tudo isso. O mais seguro é umedecer a boca do doente com algodões molhados, mesmo que saibamos que essas diligências sejam apenas para consolar as pessoas que lhe rodeiam, mais do que para o alívio dos doentes.

“Enfim, Pelayo, por tua vida, faz com que velem meu cadáver dois dias, e não me deem sepultura até que não estejam satisfeitos de que estou verdadeiramente morto, porque quero morrer antes de ser sepultado no campo santo. Não quero que aconteça comigo o que a tantos, especialmente mulheres parturientes que, depois de uma longa síncope não devidamente reconhecida, fizeram-nas morrer antes do tempo e as enterraram vivas, porque os parentes precipitaram-se nessa ação.

Acabou *Don* Pedro de falar essas coisas com o padre confessor e logo me disse:

– Compadre, já sinto que estou débil. Acredito que minha hora de partida está perto. Faz chamar ao vizinho *Don* Agapito (que era um músico excelente), e diga-lhe que já é hora de fazer o que eu lhe pedi que preparasse.

¹⁶⁶⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, *glotis* – [Nossa tradução está no corpo do texto].

(p. 928) Logo que o músico recebeu o recado, saiu para a rua e, em pouco tempo, voltou com três crianças e seis músicos de flauta, violino e clave, e entrou com eles na habitação.

Todos ficamos surpresos com essa cena inesperada, e ainda mais porque, quando começava a agonizar o doente, começaram (p. 929) também as crianças a entonar as doces vozes e, acompanhados pela música, um hino composto para essa hora pelo mesmo *Don Pedro*.

Todos ficamos muito enternecidos no meio da admiração com que ponderamos o acerto com que nosso amigo se fazia menos amargo naquele funesto passo. Padre Pelayo disse-nos:

– Vede, meu amigo apreendeu a arte de se ajudar a bem morrer. Com qualquer pouco conhecimento que conserve, como não lhe despertarão essas doces vozes e essa harmoniosa música os tenros afetos que sua devoção consagrou-lhe ao Ser Supremo?

Efetivamente, o hino que cantou foi o seguinte¹⁶⁶¹:

HINO AO SER SUPREMO

Eterno Deus, imenso,
Onipotente, sábio, justo e santo,
Que conservas, benévolo,
Os seres que saíram de tuas mãos,
Salve, três vezes salve,
Porque fostes meu escudo, Tu, meu amparo
Nas tribulações
E nos perigos mil que me rodearam;
E porque generoso e compassivo,
Tendo-te ofendido tanto! Tanto!
Tu, *Senhor*, livraste-me
De morrer, como poderia ter sido, enlameado
Nos vícios infames

¹⁶⁶¹ Transcrição da nota 830, da edição de 2008 (p. 929): “A quarta edição oferece uma nova versão do ‘Hino ao Ser Supremo’, com a seguinte advertência ao pé da página: ‘Para esse hino, foram consideradas as presentes correções e variações do manuscrito de que se falou’ [na nota 1607 de nossa tradução]”.

(p. 929) Que puderam ter-me causado tanto dano.

Eu, Senhor, detesto-os

E me pesa tê-los cometido;

E nessa hora terrível

Não te lumbres, meu Deus, de que fui ingrato

(p. 930) Lembra-te, rogo-te,

De que sou um infeliz, um vil verme

E um pecador; porém teu filho:

Se te ofendi muito, muito te amo.

Tu és meu amante padre;

E assim, nessa confiança descansando,

Tuas piedades invoco

Acreditando, sim, que já me perdoastes,

Segundo uso infalível

De tuas misericórdias. *Em tuas mãos*

Meu espírito encomendo.

Descanse para sempre em teu colo.

Duas vezes repetiram o tenro hino, e, na segunda, ao chegar àquele verso que diz: “*Em tuas mãos meu espírito encomendo*”, nosso Pedro entregou-se às mãos do Senhor, deixando-nos cheios de ternura, devoção e consolo.

À notícia de sua morte, estendeu-se a dor por toda a casa, manifestaram-na com suas lágrimas sua família, seus amigos, criados e favorecidos, pela falta de tão bom pai, amigo e benfeitor. Finalmente, tentaram dar-lhe sepultura.

(p. 931) Capítulo IX

No qual o Pensador refere-se ao enterro de Quitinho e outras coisas que levam o leitor pela mão até o final desta certíssima história

Durante dois dias, procederam ao funeral. Fizeram-lhe as honras com toda solenidade e, concluídas essas, levaram seu cadáver ao campo-santo, onde deram-lhe sepultura, tal como ele especialmente encarregou-me de fazer.

O sepulcro foi selado com uma prancha de tecal¹⁶⁶², espécie de mármore que comprou para esse fim seu confessor, fazendo, antes, esculpir nela dois epitáfios que o próprio defunto compôs antes de piorar. Um era em latim, e outro, em castelhano. Deixo-os aqui, caso seja do agrado de nossos leitores. O texto em latim dizia:

HIC IACET PETRUS
COGNOMINE SARMIENTUS
PECCATOR VITA
NIL MORTE.
TU, QUISQUIS ADES,
DEUM ORA,
UT IN AETERNUM VALEAT

O que, ao traduzir ao castelhano, lê-se:

(p. 932) AQUI JAZ PEDRO,
POR SOBRENOME SARMIENTO.
PECADOR EM SUA VIDA,
NADA EM SUA MORTE.
TU, QUALQUER UM, QUE AQUI CHEGARES,
ROGA A DEUS
QUE DESCANSE EM PAZ.

¹⁶⁶² *Nota da Tradutora: Depois de ler a definição no *Diccionario de mejicanismos* (1974, p. 1017), deduzimos que o tecal é um tipo de alabastro mexicano. Para mais informações, visitar: <https://archive.org/details/diccionariodemej00sant/page/1016/mode/2up?view=theater&q=tecal>. Acesso em: 27 dez. 2023.

(p. 932)

O epitáfio castelhano era uma décima na qual se lia:

Olha, considera, adverte,
 Por se viver descuidado,
 Que aqui jaz um perdido
 Que, ao final, conseguiu santa morte.
 Nem todos tem tal sorte;
 Antes debes advertir
 Que se é comum morrer
 Segundo a vida foi
 Para não errar a partida
 O seguro é viver bem.

Os epitáfios agradaram a todos seus amigos, que celebraram sua propriedade e simplicidade. O padre Pelayo tomou um carvão do incensário e, na parede branca do campo-santo, escreveu, *currente cálamo*¹⁶⁶³, ou melhor dito, de improviso, o seguinte:

SONETO

Aqui jaz um Periquitinho, que em sua vida
 Foi metade mau, a outra, bom;
 Da virtude esteve tão alheio
 Que tentou ser no fim até suicida.

Tocou-lhe Deus, sua graça achou acolhida
 Em seu peito sensível, e o fez ameno
 Vergel da virtude. Ele morreu cheio
 De caridade ao fim de sua partida.

(p. 933) Quantos imitadores, oh, querido,
 Tens na maldade! Mas nem tantos

¹⁶⁶³ Nota da Tradutora: Ver a nota 247 de nossa tradução.

Emendados até hoje terão te seguido.

(p. 933)

Vamos atrás do erro e seus encantos

De mil em mil. E ao homem arrependido

Imitam-no muitos? Não, só uns quantos¹⁶⁶⁴.

Com razão, ou sem ela, elogiamos todos o soneto do padre Pelayo, uns pela etiqueta, e outros, pelo afeto ou inclinação ao poeta.

À imitação dele, escreveu seu amigo Anselmo o seguinte:

DÉCIMA

Diante desse cadáver hirto

Fico envergonhado de meu trato;

Fui dele amigo ingrato,

E devo-lhe ainda quando morto

Meus alívios. Bem advirto

Que foi meu melhor amigo.

De sua virtude fui testemunho,

Acredito que Deus o perdoou,

Pois em mim favoreceu

E perdoou a seu inimigo.

Como temos todos um pouco de rimador, no mínimo, fomos escrevendo, na humilde parede, os ordinários versinhos que vinham a nossa imaginação e à mão. Lida a décima anterior, tomou o carvão seu amigo *Don Jacó* e escreveu a seguinte:

(p. 934) OITAVA

A esse cadáver que uma lousa fria

¹⁶⁶⁴ Transcrição da nota 833, da edição de 2008 (p. 933): “Na quarta edição, há também uma nova versão do soneto. As razões são justificadas como nos casos anteriores, em notas de rodapé: ‘Infelizmente, as últimas páginas do manuscrito estão faltando, o que impossibilitou a correção destes versos, conforme desejado [referindo-se ao próximo poema], não havendo outra alternativa senão deixá-los como foram encontrados na edição anterior’” (Nossa tradução).

(p. 934) Cobre de poeira, eu devi minha sorte.

Encontrei-me com ele um feliz dia:

Livrou-me do opróbio e da morte.

Dizem que foi mau, não sabia;

Só soube de sua virtude, e ela adverte

Que quem do vício soube retirar-se

É digno de se sentir e se chorar.

Don Tadeu tirou-lhe o carvão a Jacó e escreveu a seguinte:

QUINTILHA

Aqui jaz meu bom amigo

Que me caluniou, imprudente;

Fui de sua virtude testemunho,

Ele me socorreu clemente

E hoje sua memória bendigo.

Rodavam as lágrimas ao mestre Andrés ao ler os elogios para seu amo, e o padre Pelayo, sabendo o quanto ele devia amá-lo, por ver o que produzia, deu-lhe o carvão, e, por mais que o pobre tentasse esquivar-se de recebê-lo, nós o rodeamos, instando-lhe para escrever alguma coisinha. Foi difícil persuadi-lo; mas, enfim, assediado por nossas súplicas, pegou o tosco pincel e escreveu esta:

DÉCIMA

Ensinou-me barbear cachorros

Ele, meu amo; a tirar molaes

Das malditas vós,

E quatrocentos mil erros.

(p. 935) Porém, não terá cincerros¹⁶⁶⁵

De escrúpulos o mortuário,

¹⁶⁶⁵ *Nota da Tradutora: Espécie de chocalho. Para mais informações, visitar: <https://www.aulete.com.br/cincerro>. Acesso em: 28 dez. 2023.

(p. 935) Porque também é notório

Que ensinou boas coisas,
E terá palmas gloriosas,
Se sair do purgatório.

Todos celebramos as justas palavras na décima do bom Andrés, e segui eu a escrever minha copla. Mas, antes de começar, disse-me o padre clérigo:

– Precisaís escrever um soneto, mas não livre, com consonantes finalizadas em *ente*, *ante*, *unto* e *anto*.

– Isso já é pedir muito, padre capelão – disse-lhe –, porque eu sei que não sou nada bom nisso dos versos. Como quereis que eu faça um soneto? E logo com consonantes forçadas! Sem tantas forças é a composição de um soneto, o castigo que Apolo enviou aos poetas, segundo disse Boileau¹⁶⁶⁶; assim, então, será com os *arritrancos*¹⁶⁶⁷ que me pedis? Além de que esses acrósticos, labirintos, pés forçados, equívocos, trocadilhos e semelhantes tralhas já prescreveram, e com mil razões, e só ficaram para exemplo da barbaridade e gerigonça dos séculos passados.

– Tudo isso está muito bem e é como vós dizeis – respondeu o *padrecito*. – Porém, como escreverá tudo isso entre amigos, em um campo-santo, e não para exibir em nenhuma academia, estais autorizado a fazer o que puder e dar-nos esse gosto. Alguma coisa teremos de fazer enquanto terminam de colocar a pedra do sepulcro.

Pareceu-me que não ia ser nada político discutir. Assim, contra minha vontade, tomei o carvão e escrevi este endemoniado:

(p. 936) SONETO

Por mais que fosse o homem delinquente,
Por mais que esteja da virtude distante,
Por mais mau que seja e extravagante,
Desesperar não deve nesciamente.

¹⁶⁶⁶ Transcrição da nota 834, da edição de 2008 (p. 935): “Boileau, *Arte poética*, que [Fernández de] Lizardi pode conhecer por meio das traduções: Valencia, 1787, por J. B. Mandramay e Carbonell, ou o que é mais provável pela de Madri de 1807 de Juan Bautista Arriaza, que, como indica Spell (p. 170), foi anunciada por essa época no *Diário de México*” (Nossa tradução).

¹⁶⁶⁷ ***Transcrição da nota 835, da edição de 2008 (p. 935): “*arritranco*, *arritranca*, correia. No sentido figurado, intenção dissimulada ou oculta” (Nossa tradução).

(p. 936)

Se se converte verdadeiramente,
 Se a Deus quer seguir com fé constante,
 Se sua virtude não for falsa e vacilante,
 Deus o perdoará seguramente.

Segundo isso é feliz nosso defunto,
 Pois, se em sua mocidade o ofendeu tanto,
 Depois foi da virtude um fiel retrato.

É verdade que pecou, mas com seu pranto
 Seus erros lavou de todo ponto.
 Foi pecador, porém morreu feito um santo.

Elogiaram meu verso como os dos outros; já se vê, que coisa há por má que seja que não tenha algum admirador? Com dizer que até elogiaram o verso de Andrés e a seguinte *coplilla* que lhe fizeram escrever ao índio fiscal de San Agustín de las Cuevas, foi dito tudo.

A tal copla, depois de muitos comentários que sobre ela fizemos, porque estava difícil de entender pela maldita letra, escrevemos a limpo algo que dizia:

Com esta e não direi mais:
 Aqui morreu *señor Don Pegros*¹⁶⁶⁸,
 Que nos fez mil favores,
 Sua mercê não esqueceremos.

Já houve quem não teria querido escrever nada depois que ouviram elogiar a copla do índio, e assim ficamos entretidos em copiar os versos com a ajuda de um lápis que, por sorte, encontramos na bolsa de *Don Tadeu*.

¹⁶⁶⁸ Nota da Tradutora: Reproduzimos a grafia do texto em castelhano: Pegros (Fernández de Lizardi, 2008, p. 936).

(p. 936) Jamais esperava eu que semelhantes borrões tivessem (p. 937) a aceitação que conseguiram. De umas em outras aumentaram tanto as cópias que, no dia, passam, com certeza, de trezentas que existem no México e fora dele¹⁶⁶⁹.

Terminaram de colocar a pedra, e tendo o padre Pelayo, e outros sacerdotes que foram convidados, rezado as últimas orações sobre o sepulcro, tomamos as carruagens e passamos a dar os pêsames e a cumprimentar a *señora* viúva.

A casa mortuária esteve cheia todos os nove dias com os amigos íntimos do defunto; dentre eles, foram muitos pobres decentes e abatidos a quem ele socorria em silêncio.

Ignorávamos, até então, que ele houvesse dado tantas esmolas e tão bem distribuídas. Em seu testamento, deixou um legado de dois mil pesos para que eu os distribuísse a esses pobres, conforme necessário e ao que se costuma fazer de acordo com o *comunicado* respectivo, no qual constava um listado de nomes, casas, famílias e estados deles.

Cumpri com esse encargo com exatidão, assim como com todos seus pedidos. Continuei visitando a *señora* e a servindo em tudo o que eu podia, observando, sempre, e ainda admirando, o juízo, a conduta, a economia e o arranjo com que se maneja em sua casa. Assim, ela educou seus filhos com tino tão feliz que eles, seguramente, honrarão a memória de seu pai e serão o consolo de sua mãe.

(p. 937) Passados três anos, e já mais tranquila a *señora*, pedi-lhe os cadernos que escreveu meu amigo, para começar a corrigi-los e fazer neles notas, conforme deixou-me encarregado em seu comunicado respectivo.

A *señora* os deu para mim e não me custou pouco trabalho fazer a organização e corrigi-los, porque estavam bagunçados e mal escritos; mas, por fim, fiz o que pude, levei-os e pedi a permissão da viúva para os entregar à imprensa.

– Deus não o permita – disse-me a *señora*, muito escandalizada. – Como permitiria eu que saíssem a público¹⁶⁷⁰ as proezas de meu marido e dar material para os fuxiqueiros divertirem-se a suas custas, destroçando seus respeitáveis ossos?

¹⁶⁶⁹ Transcrição da nota 836, da edição de 2008 (p. 937): “A quarta edição adiciona a seguinte nota: ‘É de se acreditar que as cópias das quais O Pensador fala são os exemplares deste volume, dos quais mandou imprimir trezentos para a primeira edição. Nesse sentido, hoje, as cópias chegam a três mil’” (Nossa tradução).

¹⁶⁷⁰ Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *como había yo de permitir que salieran a la plaza* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 937).

(p. 938) – Nada disso acontecerá – respondi-lhe. – Efetivamente, são proezas do defunto, mas proezas dignas de serem lidas e publicadas. Proezas são, porém, muito raras, edificantes e divertidas. Parece a vós pouca proeza, ou muito comum, que nestes dias alguém que conheça, confesse e deteste seus erros com tanta humildade e simplicidade como o meu amigo? Não, senhora, isso é muito admirável e, atrevo-me a dizer, inimitável. Hoje, quem faz mais, contenta-se em conhecer seus defeitos, mas isso de os confessar, nem pensar! E, ainda, são muito raros esses conhecimentos; o comum é cegar nosso amor-próprio e obstinar-nos em mascarar nossos vícios, ocultá-los com hipocrisia e, talvez, pretender que passem por virtudes.

“É verdade que *Don Pedro* escreveu seus cadernos com o desígnio de que apenas seus filhos os lessem. Mas, felizmente, eles são os que menos precisam dessa leitura, porque já têm o espírito bem formado.

“No México, *señora*, e no mundo todo, há uma porção de Periquitinhos a quem pode ser mais útil esta lenda pela doutrina e a moral que encerra.

“Meu compadre manifesta, nos cadernos, seus crimes sem dissimulação; porém, não se gaba deles. Ao contrário, ele repreende a si mesmo por tê-los cometido. Descreve o delito, mas sempre acompanhado do castigo para mostrar o escarmento resultante.

“Do mesmo modo, ele refere-se às boas ações, elogiando-as para estimular a imitação das virtudes. Quando se refere ao que ele fez, ele o faz sobre o andamento da ação e sem afetar humildade ou soberba.

“Escreveu sua vida em um estilo nem rasteiro nem presunçoso. Foge de posar como sábio, e usa um estilo caseiro e familiar, que é o que usamos todos comumente e com o que nos entendemos e damos a entender com mais facilidade.

“Nesse estudo, ele não se esquivava, muitas vezes, de valer-se das tagarelices e refrões do povão, porque sua finalidade é escrever para todos. Assim mesmo, costuma usar a chacota, tal e qual, para não fazer uma obra demasiadamente séria e, por conseguinte, entediante.

(p. 939) “Bem conhecia seu esposo o caráter dos homens. Sabia que a seriedade lhes cansa, e que um livro dessa classe, por bom que seja, em se tratando de assuntos morais, tem, de modo regular, poucos leitores, quando, pelo contrário, sobram para um escrito a seu estilo.

(p. 939) “Um livro desses é manuseado com gosto pelo menino travesso, pelo jovem dissipado, pela *señorita* modista e ainda pelo patife e pelo vagabundo descarado. Quando esses indivíduos leem, não têm intenções de tirar frutos da leitura. Eles abrem o livro por curiosidade e o leem com gosto, acreditando que apenas se divertirão com as engenhosidades¹⁶⁷¹ e os continhos, e que esse foi o único objetivo que se propôs o autor ao escrevê-los, mas, quando menos o pensam, já beberam uma porção de máximas morais que jamais teriam lido se fossem escritas em um estilo sério e sentencioso. Esses livros são como as pílulas, douradas por cima para tornar mais passável o xarope saudável que contêm.

“Como ninguém acredita que tais livros falam com ele determinadamente, lê com gosto o apimentado da sátira e ainda compara com situações originais que conhece em sua realidade e naquelas que o autor pensou. Mas, depois que volta a si do êxtase delicioso da diversão e reflete com seriedade que ele é um daqueles criticados, longe de se incomodar, procura ter presente a lição e aproveita-se dela em alguma ocasião.

“É verdade que os livros morais sérios ensinam, mas só pelos ouvidos, e, por isso, suas lições são esquecidas rapidamente. Estes instruem pelos ouvidos e pelos olhos. Pintam ao homem tal qual é, e pintam os estragos do vício e os prêmios da virtude em episódios que todos os dias acontecem. Quando lemos esses fatos, parece-nos que os estamos olhando; nós os guardamos na memória e os contamos aos amigos; citamos aos sujeitos quando se oferece; lembramos deste ou de outro indivíduo da história logo que vemos em outro o parecido, e, como resultado, podemos nos aproveitar da instrução que nos ministrou a anedota.

“Então, vede, *señora*, se será justo deixar sepultado no esquecimento o trabalho de seu esposo, quando poderia ser útil de algum modo. (p. 940) “Eu não faço elogios à obra por seu estilo nem por seu método. Falo o que pode ser, não o que é efetivamente. Muito menos falo isso para bajular a *señora*. Sei que seu esposo era homem, e ao sê-lo, nada poderia fazer com inteira perfeição. Isso seria um milagre.

¹⁶⁷¹ ***Nota da Tradutora: Lê-se, em castelhano, *dichos* – [Nossa tradução está no corpo do texto] – (Fernández de Lizardi, 2008, p. 939). A terceira acepção no *DRAE* (2023) mostra o significado de “bordão engraçado e oportuno” (Nossa tradução). Disponível em: <https://dle.rae.es/dicho?m=form>. Acesso em: 29 dez. 2023.

(p. 939) “A obrazinha terá muitos defeitos, mas eles não tiram o mérito que, em si, têm as máximas morais que inclui, porque a verdade é a verdade, diga quem a diga, e que o diga no estilo que quiser; e muito menos poderão ser criticadas as retas intenções de seu esposo, que foram tirar o xarope do veneno de suas perdições, sendo útil, de algum modo, a seus filhos e a quantos puderem ler sua vida, manifestando-lhes os estragos que se deve aguardar do vício, e a paz interior e, ainda, a felicidade temporal que é consequência da virtude.

– Então, se a vós vos parece – disse-me a *señora* – que pode ser útil esta obrazinha, publicai-a e fazei dela o que queirais.

Satisfeitos meus desejos com essa permissão, tentei dá-la à luz sem perder tempo. Tomara que o êxito corresponda às laudáveis intenções do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmamos ao longo deste estudo e prática tradutória, esta tese tem como contexto de estudos e execução de prática tradutória as atividades desenvolvidas no espaço do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos da história e ficção – vias para a descolonização”. Nossa ação está, assim, inserida na linha de pesquisa que integra o organograma desse projeto que se denomina “A tradução no espaço latino-americano: práticas tradutórias e sua importância”. Por outro lado, a ação está, igualmente, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Unioeste-Cascavel/Paraná, na linha de pesquisa “Linguagem Literária e Interfaces Sociais: estudos comparados” que compõe a esfera das especificidades de atividades desse Programa *Stricto Sensu*. Nesse contexto de estudos, observamos que, até o momento do desenvolvimento do projeto desta tese, o primeiro romance escrito no espaço histórico-social da América Latina, *El Periquillo Sarniento* (1816), não contava com uma tradução à língua portuguesa. Assim, estabelecemos, para nossa tese, o propósito maior de resolver essa carência de uma tradução da obra de Fernández de Lizardi em questão para os possíveis e potenciais leitores luso falantes.

Nesse sentido, nossa pesquisa teve como objetivo geral traduzir o primeiro romance mexicano e latino-americano *El Periquillo Sarniento* (1816), de José Joaquín Fernández de Lizardi (1776-1827) à língua portuguesa, na variante brasileira. Junto a essa meta, elaboramos, do mesmo modo, um estudo preliminar reflexivo sobre essa primeira escrita romanesca latino-americana do início do século XIX, para introduzir os leitores brasileiros e demais lusófonos também, convenientemente, aos aspectos histórico-socioculturais e linguístico-literários da época de escrita desse romance. Para cumprir tal desafio, esta tese foi dividida em duas partes principais, além dos elementos inerentes a tal gênero acadêmico: o estudo introdutório, que se encontra na parte I – Revisitações teóricas e uma abordagem reflexiva à obra *El Periquillo Sarniento* (1816) – e a tradução da obra, que compõe a parte II desta tese – Tradução do romance *El Periquillo Sarniento* (1816), de José Joaquín Fernández de Lizardi para o português brasileiro.

Os encaminhamentos para a realização do objetivo geral deram-se pela atenção dada aos objetivos específicos, que incluíram tecer discussões sobre a

importância da obra; seu impacto na época de sua publicação e as relações com o Brasil; além de reflexões sobre a importância da tradução para a história da literatura latino-americana. Nessa lógica, a tese apresenta uma revisão bibliográfica executada em quatro eixos: 1) o estudo das teorias do romance latino-americano e sua gênese; 2) os estudos que dão ênfase ao romance picaresco; 3) abordagem ao tópico do romance como narrativa do século XVIII, seu impacto na época e as relações desse impacto no Brasil, sob os pressupostos da literatura comparada; 4) discussões sobre a importância da tradução da obra de Fernández de Lizardi (1816) para o português brasileiro em relação ao conhecimento da História da Literatura Latino/americana/hispano-americana pelo público brasileiro e, por extensão, a todos os falantes de língua portuguesa no mundo, com o auxílio das teorias contemporâneas que se referem ao processo de traduzir. Assim, dividimos o estudo introdutório em cinco seções, das quais destacamos, a seguir nossas considerações.

Na primeira seção, “Da existência latino-americana à construção discursiva do ser: dualidades impulsionadoras de nossas literaturas”, apresentamos uma síntese da formação da literatura latino-americana desde suas bases nativas e europeias até a presença do uso consciente do signo estrangeiro (Santiago, 2000) com uma abordagem transcultural (Rama, 2008) na sua reutilização, com fins americanos e para as realidades americanas. *El Periquillo Sarniento* (1816), de José Joaquín Fernández de Lizardi (1776-1827), tornou-se, para nós leitores, que tivemos o privilégio de traduzir o primeiro romance latino-americano, uma surpresa fortalecedora, pois constatamos que o primeiro romance latino-americano já nasce crítico do *status quo* colonial da época. A narrativa não mostra “angústia da influência” (Bloom, 1991), mesmo estando ciente de nascer de uma língua transplantada (Paz, 1981), pois prefere “brincar com os signos do outro” e ser, desse modo, um processo antropofágico (Santiago, 2000). Assim, o resultado da nossa revisão bibliográfica aponta que a obra estudada é importante, não apenas por inaugurar a escrita romanesca no âmbito latino-americano, mas por exhibir um enfrentamento ao paradigma estético-ideológico implantado pela metrópole na colônia latino-americana, já na primeira década do século XIX, revelando-se híbrida e transcultural (Rama, 2008; Ortiz, 1978).

A segunda seção, “Importância do *Periquillo Sarniento* (1816) à época de sua publicação” versa sobre a relevância dessa obra de Fernández de Lizardi na época

de sua publicação para a sociedade colonial da Nova Espanha e, por extensão, à da colônia hispânica na América. Nossos estudos apontam a que a tessitura narrativa da obra apresenta um “tom moralizante” (Silva, Dantas, 2017) visível na crítica ao sistema colonial, por meio da voz da personagem Periquillo, que relata a corrupção, a hipocrisia, as ações dos maus profissionais, a devassidão da sociedade mexicana colonial. Outro aspecto observado é que o autor está ciente do seu contexto (Vogeley, 2004) e adota estratégias de aproximação com o seu auditório/futuros leitores para que, desse modo, a obra, de início ao fim, siga seu objetivo de *ilustrar* seu público-alvo – aqueles analfabetos e não-falantes da língua castelhana imposta na colônia, porém cultos, tal como afirma Palazón Mayoral (2012, 2016), que permaneciam informados dos acontecimentos pela leitura em voz alta em tertúlias ou outro tipo de reuniões, ocasiões em que não somente se ouvia o conteúdo enunciado, mas, também, eram discutidos os assuntos da atualidade. Destacamos que isso ocorre, na tessitura da obra, ao nela se referenciar inúmeras obras clássicas do seu tempo como modo de referência e ampliação de horizontes para seus leitores/ouvintes, para muitas das quais criamos notas de rodapé elucidativas para, desse modo, auxiliar, também, o leitor hodierno a atingir essa dimensão de leitura. Entre os recursos utilizados na narrativa de Fernández de Lizardi, para os quais chamamos a atenção nesta tese, estão a comicidade, a linguagem corrente em sua época e outros procedimentos de sedução para atrair seu auditório e revelar o lado sombrio e censurável da sociedade colonial da Nova Espanha. Outro resultado destacável do estudo feito é que o romance teve muito boa recepção pelo público, embora isso tenha se dado em meio aos ataques dos seus críticos à época.

Nossa terceira seção, “*El Periquillo Sarniento* (1816): possíveis vinculações com a picaresca”, está dedicada a uma breve discussão sobre a possibilidade de vinculação de *El Periquillo Sarniento* (1816) com a tradição da picaresca espanhola do século XV e XVI. Obtivemos, como resultado, a confirmação de que, embora estudos anteriores queiram filiar *El Periquillo Sarniento* com a picaresca espanhola e a personagem apresente algumas marcas do *pícaro*, o desenvolvimento do romance vai além dos paradigmas dessa tradição e se mostra totalmente mexicano/latino-americano, nada que torne o romance uma “cópia imperfeita” (Coutinho, 2004), pois em seu tecido narrativo ficou evidenciado a prática antropofágica (Santiago, 2000) e a prática transcultural (Rama, 2008) efetuada pelo autor mexicano, aportando à

tradição picaresca espanhola novas possibilidades de alcance e inovadoras ações de criação. Portanto, entendemos que o romance de Fernández de Lizardi é o resultado da assimilação criativa de aspectos tradicionais europeus que integram as raízes híbridas da população latino-americana que viria a constituir, no futuro, a fundação do processo antropofágico cultural que os escritores latino-americanos executam consciente e criticamente com o material cultural “universal” literário do outro que, também, constitui-os em sua ampla miscigenação.

A personagem principal de Fernández de Lizardi (1816) utiliza a fórmula de mestre/aprendiz e o relato autobiográfico que integram os paradigmas da escrita picaresca, mas, diferente dos pícaros da literatura espanhola, o Periquitinho aventura-se na vida sem intenções de ascensão social, no meio ao pior da escória social, e se deixa levar, paira sem rumo, alegremente, pela corrente, até ver a necessidade de retornar ao seu papel social e se dar ao luxo de legar, por escrito, a sua vida como exemplo do que seus filhos não devem fazer para se tornarem cidadãos de bem. Assim, o Periquitinho não é um pícaro autêntico, pois entendemos que o interesse final do narrador é o de educar e instruir. Acreditamos, dessa maneira, que seu discurso não é picaresco, mas, sim, reformista.

Fernández de Lizardi não apenas utiliza como base de sua escrita romanesca a picaresca espanhola, mas se vale de uma série de estilos literários como – o principal – a sátira iluminista: a prosa satírica de caráter costumbrista e política – entre outras formas que não abordamos por não se constituírem nos núcleos da nossa proposição. A fórmula satírica, segundo o resultado da nossa pesquisa, teria sido a melhor maneira artística de representação para tecer as críticas ao *status quo* na narrativa de *El Periquillo Sarniento* (1816), porque, com a sátira, é possível dizer a verdade (Vogeley, 2004) por meio do riso consciente, satírico, resultado do racional. As cenas de riso tiveram muita aceitação pelo seu auditório, reflexo do clima de lutas pela independência das colônias espanholas em pauta à época da publicação da obra.

A quarta seção, “O impacto do *Periquillo Sarniento* (1816) como primeiro romance latino-americano: reverberações na América Latina”, está dedicada a um breve estudo do romance de Fernández de Lizardi (1816), de forma geral, como narrativa do século XIX. Nesse espaço, abordamos o seu impacto na época e as relações desse processo de aceitação/crítica no Brasil. As respostas alcançadas pelo estudo realizado indicam que as bases formadoras da Literatura Hispano-americana

são diferentes daquelas da Literatura Brasileira, no sentido das motivações que teriam impulsionado a produção da narrativa romanesca em ambos os sistemas literários.

Quando o centro gerador de modelos literários muda da metrópole (Espanha, Portugal) a Paris, Londres e Estados Unidos (Rama, 2008), são introduzidas na América Latina, por meio da tradução, obras europeias que conformaram os novos parâmetros de produção literária. A tradução de obras europeias nesse período fez possível novas formas de escrita na literatura hispano-americana. Como consequência, o romantismo na América Hispânica consolida-se entre 1840 e 1890 (Bellini, 1997). Em contrapartida, os polissistemas literários (Even-Zohar, 1990) das nações recém independentes eram muito jovens e, portanto, ao serem comparadas com os sistemas das metrópoles colonizadoras, não se configuraram em um modelo que pudesse atuar sobre os sistemas literários em formação de outras nações. Assim, apesar da vasta produção romanesca do lado hispano-americano, no Brasil, podemos afirmar que os “modelos culturais idôneos” de romances para os escritores das novas nações americanas, apontados por Varela Jácome (1982), não incluíram o primeiro romance escrito na América Latina – *El Periquillo Sarniento* (1816) –, pois esta obra, até este momento, careceu de uma tradução à linha portuguesa, independentemente da variante a qual nos refiramos.

Na quinta seção, “A importância da tradução à História da Literatura Latino-americana”, dividida em duas subseções: “Noções sobre marcadores culturais no exercício da prática tradutória” e “O impulso da tradução ao início da escrita romanesca no Brasil: projetos nacionais e discursivos”. Nesse espaço escritural, verificamos aspectos que nos revelam a importância da tradução para a História da Literatura Latino-americana.

Os resultados obtidos na primeira subseção, “Noções sobre marcadores culturais no exercício da prática tradutória”, possibilitaram-nos a discutir que as traduções de obras literárias estrangeiras podem tornar-se exemplo para modelar expressões literárias nacionais (Even-Zohar, 1990). No entanto, a ausência de vozes próprias nesse contexto implica na soberania dos modelos forasteiros e na disseminação, sem limites, das ideologias estrangeiras entre os leitores. Ademais, entendemos que a tradução é, necessariamente, um processo de trocas de “fatores culturais, linguísticos, ideológicos e econômicos” (Amorim, 2005), uma “negociação entre duas culturas” (Lefevere, 1994) na qual o(a) tradutor(a) precisa estar ciente do

seu lugar de enunciação no processo tradutório, quer dizer, praticar o *affidamento* (Sales Salvador, 2006), posicionar-se como representante do texto do outro. Para essa finalidade, é necessário estudar, discutir e analisar o texto a ser traduzido, de modo a assumir melhor a responsabilidade de mediação cultural e linguística (Baker, 2011).

Nesse sentido, entendemos que o espaço social de nosso *lócus* enunciativo, necessário ao(à) tradutor(a), na América Latina, é de atuar com base em uma abordagem decolonial da tradução. Assim, ponderamos que devemos considerar aquilo que não é discutido pelas abordagens pós-coloniais, estar cientes de nossa mediação nessas práticas sociais, que ultrapassam fronteiras, sejam elas linguísticas, culturais, históricas e muitas outras. O texto final desse(a) tradutor(a) latino-americano(a) deve mostrar, criticamente, para o público leitor contemporâneo o que se passa, discursivamente, nas entrelinhas do Texto Fonte, pois cada texto mostra a visão de mundo daquela civilização (Paz, 1981a). As ferramentas do(a) tradutor(a) contemporâneo(a) crítico(a) são os comentários em nota de rodapé, estudos introdutórios, artigos publicados sobre a trajetória do processo tradutório, entre outros, para garantir que se deixe à mostra, no texto traduzido, as peculiaridades culturais e ideologias da Língua Fonte. O objetivo de uma tradução decolonial deve ser, pois, a intenção de permitir a expressão de todas as vozes do texto primeiro, para, dessa maneira, evitar os possíveis apagamentos, silenciamentos e exclusões da cultura do outro que estejam submersos no Texto Fonte. Essa é a única maneira de produzir uma “tradução minorizante” (Venutti, 2002).

Em confluência, ao assumir, neste estudo, que a língua é uma das expressões mais complexas de um sistema cultural – pois ela deixa marcas tanto no sujeito que dela se vale para expressar o seu modo de conceber o mundo quanto nos objetos gerados pelos representantes de uma cultura específica –, entendemos que esses traços, ou marcadores culturais (Aubert, 1981), precisam aparecer no texto traduzido e esse é o grande desafio do tradutor decolonial na complexa tarefa tradutória, pois o marcador cultural expressa um novo palimpsesto (Arrojo, 2007), um conjunto de refrações transferidas (Lefevere, 1985). Também, o tradutor decolonial precisa estar ciente dos perigos de manipular o texto fonte de maneira inadequada e trivializar, domesticar ou até apagar características culturais (Rodrigues, 1994) em favor de uma cultura dominante.

Finalmente, apresentamos alguns marcadores culturais extraídos de *El Periquillo Sarniento*, a modo de amostra do exercício feito durante a tradução da obra de Fernández de Lizardi (1816).

Na segunda parte do quinto ponto, “O impulso da tradução ao início da escrita romanesca no Brasil: projetos nacionais discursivos”, começamos as nossas reflexões por uma contextualização de como se deu a primeira escrita romanesca no Brasil. Os resultados apontaram que a língua francesa foi, desde início da fundação do Reino de Portugal, a língua da elite; portanto, também, a cultura francesa sempre esteve ligada aos estratos sociais superiores no Brasil. Nosso estudo indica que, como consequência, a literatura francesa foi avalizada como arquétipo literário que foi seguido pela produção romanesca no Brasil. Assim, a tradução de romances franceses foi uma fonte importante promotora da escrita de romances no nosso país.

Nesse contexto, a publicação da primeira tradução de um romance no Brasil se deu com o romance francês *Le capitaine Paul* (*O capitão Paulo*), de Alexandre Dumas, em 1838, texto que funcionou como “modelo cultural idôneo” (Varela Jacome, 1982) para ser adicionado ao jovem polissistema literário brasileiro. Por volta de 1820 a produção da narrativa inicia, com intensa produção entre 1830-1840 (Silva, 2009). Assestamos, assim, que o primeiro romance publicado foi *O filho do pescador* (1843), de Teixeira. No entanto, a crítica brasileira do século XX reconhece, como primeiro romance, *A moreninha* (1844), de Macedo, pois o primeiro exemplar do gênero, escrito por Teixeira e Sousa, não segue o modelo francês. A produção romanesca no Brasil consolida-se a partir da década de 1850, sob a influência da tradução de obras da literatura europeia, majoritariamente, da francesa.

Por outro lado, observamos que a nossa literatura latino-americana sofreu um processo violento de vigilância e controle por parte do poder colonial, além de uma série de estigmas nascidos da crítica literária eurocêntrica ao longo dos séculos, mas não vivenciou o processo inibidor em silêncio e, como resultante, passou a se valer do processo antropofágico cultural para obter a sua própria expressão. Na leitura do romance estudado, *El Periquillo Sarniento* (1816), fica evidente que nele não se aprecia a negação das influências, porém, existe nele, também, o confronto ao modelo da metrópole, ou, como afirma Santiago (2000, p. 18), “o movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo”. Concomitantemente, não é possível

observar, nas primeiras produções romanesecas brasileiras, a presença de qualquer tipo de crítica semelhante ao que vemos presente no primeiro romance latino-americano. Por conta da situação histórica da dependência da coroa portuguesa, e a nova configuração do Império do Brasil, com lutas pró Portugal e outras pró-separatistas do Brasil Império, conjecturamos que não era cabível traduzir um romance como *El Periquillo Sarniento* (1816), nesse contexto turbulento de interesses políticos opostos. Essas obras passaram despercebidas pelos interesses dos(as) tradutores(a) – propositalmente ou impelidos pelos censores, por oferecerem ameaças ao poder vigente. Desse modo, teria prevalecido o arquétipo literário europeu como modelo de escrita dos primeiros romancistas brasileiros. No passado colonial e imperial do Brasil, não era conveniente traduzir obras descolonizadoras, como consideramos que são *El Periquillo Sarniento* (1816) e o romance anônimo *Xicoténcatl* (1826). Portanto, essas traduções nunca ocorreram anteriormente no nosso país.

Em resumo, ao início da pesquisa, levantamos cinco questionamentos cujas respostas, acreditamos, foram alcançadas. Nossa pesquisa mostra com base em García de Paredes (1972), Esteves Molinero (1995), Vogeley (2004), Ruiz Barrionuevo (2008), Rosetti (2011) e Palazón Mayoral (2012, 2016) que *El Periquillo Sarniento* (1816) não é um romance picaresco, porém, não nega as influências e se mostra ativo e destruidor do signo do outro (Santiago, 2000), ele é um romance transcultural (Rama, 2008).

Enquanto às características do primeiro romance latino-americano, verificamos que possui algumas características da picaresca espanhola com respeito ao relato autobiográfico, o esquema de mestre/aprendiz, no entanto, de acordo com García de Paredes (1972), Lazo (1976), Estévez Molinero (1995) e Vogeley (2004) que *El Periquillo Sarniento* (1816) é mais do que picaresca, pois além do mencionado anteriormente, a narrativa apresenta, além de outras formas literárias, a sátira iluminista (Lacayo, 2015; Vogeley, 2004), ela não permanece como assimilação passiva do modelo europeu, vai além do pícaro evoluído, satirizando o *status quo* colonial e educa/instrui.

No que toca à pergunta sobre qual a necessidade de tradução de obras tão importantes como essa para a compreensão da formação da literatura Latino-americana, evidenciamos que é necessário entender aspectos relevantes sobre a

formação da literatura latino-americana, a importância das traduções de obras da metrópole e seu impacto no polissistema literário latino-americano, preenchendo lacunas nos sistemas jovens. É fulcral conhecer que o primeiro romance mexicano e latino-americano não foi traduzido amplamente, como foram as obras europeias da época, por várias razões, dentre elas, a crítica à conjuntura da Nova Espanha, modelo que poderia trazer problemas para o governo da coroa portuguesa, à época, com instabilidade política. Por outro lado, o estudo mostra que o modelo francês foi considerado como modelo idôneo a ser seguido pelos escritores nacionais. Essas questões são fundamentais para compreender que existiu, no nosso continente, um romance mexicano/latino-americano crítico na primeira década do século XIX, que não constituiu um texto que marca a história da literatura no espaço colonizado pelas metrópoles europeias. Ao mesmo, é importante para nós, como pesquisadores, oferecer ao conhecimento do público em geral, discussões teóricas que desvendem melhor a razão pela qual obras como *El Periquillo Sarniento* (1816) e *Xicoténcatl* (1826) não tenham sido traduzidas ao português em períodos históricos próximos de suas escritas.

Finalmente, no que respeita à pergunta sobre quais são as dificuldades com as quais o tradutor se depara no processo da construção do texto na língua meta, podemos dizer que a abordagem, mencionada na quinta seção, que utilizamos na construção desta tradução pretende deixar o leitor mais perto dos sentidos/significados sócio-histórico-culturais do texto oitocentista. Esperamos que as nossas notas de rodapé deixem transparecer as muitas marcas culturais observadas no texto. A eleição de termos para destaque em notas de rodapé no texto traduzido pretende deixar inteligível o contexto da Nova Espanha para o leitor brasileiro hodierno, assim como para todo e qualquer outro leitor desta tradução, para, dessa maneira, deixarmos, pela ação tradutória decolonial, escancaradas as diversas camadas no texto, os diversos poderes implícitos nele constituídos.

Desse modo, convidamos aos nossos colegas da academia para que utilizem as nossas contribuições para que elas possam tornar-se a base para futuros estudos do primeiro romance mexicano e latino-americano, *El Periquillo Sarniento* (1816), pois a temática ainda precisa ser explorada, com novas questões de pesquisa que possam surgir, inclusive, também, novas traduções do mesmo texto. Afinal, nosso intuito é iniciar as discussões teóricas sobre a prática tradutória decolonial na academia, sobre

o nosso lugar de enunciação enquanto críticos, também, transculturais e divulgar, entre o público leitor esse romance importante para nossa história da formação literária na América Latina. Pretendemos que o resultado desta tese seja divulgado para o público brasileiro e que, assim, conquiste vários leitores em potencial.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M. C. Translating: a political act. In: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M. C. (Ed.). **Translation power subversion**. Philadelphia: Multilingual Matters, 1996. p. 1-9.

AMORIM, L. M. **Tradução e adaptação**. Encruzilhadas da textualidade em *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol, e *Kim*, de Rudyard Kipling. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ANÔNIMO. **Xicoténcatl**: o primeiro romance histórico latino-americano. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020.

ARROJO, R. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986.

AUBERT, F. H. Desafios da Tradução Cultural (As Aventuras Tradutórias do Askeladden). **Tradterm**, [s. l.], v. 2, p. 31-44, 1995. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1995.49913. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49913>. Acesso em: 25 jul. 2023.

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **Tradterm**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 99-128/129, 1998. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1998.49775. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775>. Acesso em: 25 jul. 2023.

AUBERT, F. H. Traduzindo as diferenças extra-lingüísticas – procedimentos e condicionantes. **Tradterm**, [s. l.], v. 9, p. 151-172, 2003. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2003.49083. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49083>. Acesso em: 25 jul. 2023.

AUBERT, F. H. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, [s. l.], n. 5, p. 23-36, 2016. DOI: 10.11606/issn.2763-650X.i5p23-36. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reo/article/view/90699>. Acesso em: 25 jul. 2023.

AUBERT, F. H. Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida - revendo a ferramenta de análise. **Literatura e Sociedade**, [s. l.], v. 11, n. 9, p. 60-69, 2006. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i9p60-69. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/lis/article/view/19741>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKER, M. **In other words**. A coursebook on translation. 2. ed. New York: Routledge, 2011.

BASSNETT, S. **Estudos de tradução**: fundamentos de uma disciplina. Tradução de Viviana de Campos Figueiredo. Revisão de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BEJARANO ALMADA, M. de L. Las Bulas Alejandrinas: Detonantes de la evangelización en el Nuevo Mundo. **Revista Col. San Luis**, San Luis Potosí, v. 6, n. 12, p. 224-257, dic. 2016. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-899X2016000200224&lng=es&nrm=iso. Accedido en: 25 jul. 2023.

BELLEI, S. L. P. **Monstros, índios e canibais**: ensaios de crítica literária e cultural. Florianópolis: Insular, 2000.

BELLINI, G. **Nueva historia de la literatura hispanoamericana**. 3. ed. Madrid: Castalia, 1997.

BENTO, A. K. S. O. **Os marcadores culturais da gastronomia afro-baiana na tradução para o espanhol em Dona flor e seus dois maridos**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, 2021. Disponível em: http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/1378/2/DISSERTACAO_Aline%20Kercia%20Sampaio%20Oliveira%20Bento_2021.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

BEZERRA, V. C.; GIMENEZ, P. R. Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional. **REVELL** – Revista de estudos literários da UEMS, [s. l.], v. 1, n. 21, p. 231–255, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3374>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BOBADILLA ENCINAS, G. F. Sátira y nación en la novela mexicana del siglo XIX. El caso de El Periquillo Sarniento de José Joaquín Fernández de Lizardi. **América: Cahiers du CRICCAL**, [s. l.], n. 37, 2008. La satire en Amérique latine, v1: la satire entre deux siècles. p. 119-128. DOI: <https://doi.org/10.3406/ameri.2008.1820>. Disponível em: www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_2008_num_37_1_1820. Acesso em: 25 jul. 2023.

BLOOM, H. **A angústia da influência**. Uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BOURDIEU, P. (2002). Campo de poder, campo intelectual: itinerario de un concepto. [S. l.]: Monttessor, 2002.

BOOTH, W. **La retórica de la ficción**. Com notas de Santiago Gubern Garriga-Nogués. Barcelona: A. Bosch, 1978.

BOTOSO, A. Romance picaresco e malandro: a consagração do anti-herói. **Trama**, [s. l.], v. 12, n. 25, p. 205–235, 2016. DOI: 10.48075/rt.v12i25.11224. Disponível em:

<https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/11224>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BOYER, A. **A paraliteratura**. Tradução de Alves Calado. Porto, Portugal: Rés-editora, 1997.

CAMINHA, P. V. **Carta ao Rei D. Manuel**. Texto editado e atualizado por Maria Angela Villela. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 5. ed. v.1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

CARBONELL, O. The exotic space of cultural translation. *In*: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M. (Ed.). **Translation power subversion**. Philadelphia: Multilingual Matters, 1996. p. 79-98.

CERQUEIRA, R. Por que *O filho do pescador* não vingou: uma tentativa de explicação histórico-literária. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 13, n. 20, p.125-149, ago. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233900286.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CERQUEIRA, R. **Educação pela máscara**: literatura e ideologia burguesa no Brasil (1844-1856). 2013. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/76547/educacao-pela-mascara-literatura-e-ideologia-burguesa-no-br>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CHOZA, J.; PONCE-ORTIZ, E. **Breve historia cultural de los mundos hispánicos**: la hispanidad como encuentro de culturas. Sevilla; Madrid: Thémata; Plaza y Valdés, 2010.

CORTÉS, H. **Cartas y relaciones de Hernán Cortés al emperador Carlos V**. Colegidas e ilustradas por Don Pascual de Gayangos. Paris: Imprenta central de los ferrocarriles, 1866. Disponível em: <https://archive.org/details/cartasyrelacion00cortgoog>. Acesso em: 22 jan. 2020.

COUTINHO, F. E. Sem centro nem periferia: é possível um novo olhar no discurso teórico-crítico latino-americano? *In*: CONGRESSO DA ABRALIC, 2., 1995, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: ABRALIC, 1995. V. II, p. 621-633.

COUTINHO, F. E. **Literatura Comparada na América Latina**: ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

COUTINHO, F. E. La literatura comparada en América Latina: sentido y función. *In*: **Voz y Escritura: Revista de Estudios Literarios**, [s. l.], n. 14, p. 237-258, ene-dic, 2004. Disponível em: <https://www.saber.ula.ve/bitstream/handle/123456789/25206/articulo14.pdf;sequence=2>. Accedido en: 25 jul. 2023.

DEL POZO GONZÁLEZ, L. S. **Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826)**: [1999-2013]. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3452>. Acesso em: 25 jul. 2023.

DEL POZO GONZALEZ, L. S.; FLECK, G. F. Introdução: a tradução no contexto latino-americano – vias para a descolonização – diálogos entre culturas e épocas. *In*: ANÔNIMO. **Xicoténcatl**: o primeiro romance histórico latino-americano. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020. p. 15- 30.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem studies. **Poetics Today**. [S. l.], v. 11, n. 1, 1990. Disponível em: https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar_1990--Polysystem%20studies.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

FERNÁNDEZ ARIAS, I. I. Calas en el pensamiento de Fernández de Lizardi referente a la libertad de expresión. Asociación Internacional de Hispanistas AIH. **Actas** XII, t. VI, Birmingham, p. 176-181, 21-26 ago, 1995. Disponível em: <https://archive.org/details/actasdelxiicongr0006inte/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 25 jul. 2023.

FERNÁNDEZ DE LIZARDI, J. J. **The Mangy Parrot**. The life and times of Periquillo Sarniento, written by himself for his children. Introduction by Nancy Vogeley. Translated by David Frye. Indianópolis: Hackett Publishing Company, 2004.

FERNÁNDEZ DE LIZARDI, J. J. **El Periquillo Sarniento**. Edição de Carmen Ruiz Barrionuevo. 2. ed. Madrid: Cátedra, 2008.

FERREIRA, E. F. C. **Para traduzir o século XIX**: Machado de Assis. São Paulo: Annablume, 2004.

FERREIRA, T. M. T. B. C. Livros e sociedade: a formação de leitores no século XIX. **Revista Teias**, [s. l.], v.1, n. 1, p. 1-10, 2000. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23822/16803>. Acesso em: 25 jul. 2023.

FERREIRA Jr., A. **História da Educação Brasileira**: da Colônia ao século XX. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2010.

FILHO RIBEIRO DE ALMEIDA, W. Teixeira e Sousa e o folhetim na historiografia literária brasileira. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 1-18, 13 dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/332>. Acesso em: 25 jul. 2023.

FLECK, G. F. **O romance histórico contemporâneo de mediação**: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

FROTA, M. P. Tradução como uma relação de amor. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4288>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GARCÍA DE PAREDES, F. El Periquillo Sarniento y lo picaresco. **Revista de la Lotería**, [s. l.], n. 202. Set. 1972. p. 41-47. Disponível em: <http://bdigital.binal.ac.pa/loteria/index.php>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GENETTE, GÉRARD. **Discurso da Narrativa**. Tradução de Maria Alzira Seixo, Arcádia: Lisboa, 1979.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, G. **Imperatriz no fim do mundo**: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg (1992): um romance histórico contemporâneo de mediação. 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2019. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4264>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GONZÁLEZ, M. M. **O romance picaresco**. São Paulo: Ática, 1988.

GONZÁLEZ, M. M. **A saga do anti-herói**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

GONZÁLEZ, M. M. **Leituras de Literatura Espanhola (da Idade Média ao século XVII)**. São Paulo: Fapesp Letraviva, 2010.

GRANJA, L. Folhetins d'aquém e d'além-mar: a formação da crônica no Brasil. In: MOTTA, S. V.; BUSATO, S. (Org.). **Figurações contemporâneas do espaço na literatura**. [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 111-133. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/gm87z/pdf/motta-9788579830990.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

HENRÍQUEZ UREÑA, P. **Obras completas**. tomo X. 1945-1946. Recopilación y prólogo de Juan Jacobo de Lara. Santo Domingo: Publicaciones de la Universidad Nacional Pedro Henríquez Ureña, 1980.

LACAYO, H. **Costumbres mexicanas expresadas en El Periquillo Sarniento**. [Dissertation] (Master of Arts – Department of Spanish University of Southern California). An Arbor: PROQUEST, [1930] 2015. [76p]. Disponível em: <https://digitallibrary.usc.edu/CS.aspx?VP3=DamView&VBID=2A3BXZ81KVF14&SMLS=1&RW=1920&RH=931>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LAZO, R. **Historia de la literatura hispanoamericana**: el siglo XIX (1780-1914). 3. ed. México, D. F.: Porrúa, 1976.

LEFEVERE, A. **Translating literature**. Practice and theory in a Comparative Literature context. Second printing. New York: The Modern Language Association of America, 1994.

LEGUIZAMÓN, J. A. **Historia de la literatura hispanoamericana**. t. I. Buenos Aires: HUEMUL, 1976.

LEZAMA LIMA, J. **La expresión americana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

LIENHARDT, G. Modes of thought. *In*: EVANS-PRITCHARD, E. *et al.* **The institutions of primitive society**. Oxford: Basil Blackwell, 1954. p. 95-107.

LOBO, L. Exportar tradução literária do Brasil: como é possível? *In*: GUERINI, A. *et al.* (Org.). **Literatura traduzida e literatura nacional**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 15-30. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/Literaturatraduzidaeliteraturanacional2008.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

LÓPEZ Y LÓPEZ, M. Modismos y refranes del “Periquillo Sarniento”. **Revista de la Universidad de México**. [S. l.], abr., 1931. Disponible en: <https://www.revistadelauniversidad.mx/download/0b351873-16d2-475e-87d2-70841205ceac?filename=modismos-y-refranes-del-periquillo-sarniento>. Accedido en: 26 jul. 2023.

MACEDO, J. M. de. **A moreninha**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1983.

MARTINS, M. A. P. O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários. *In*: WEINHARDT, M.; CARDOSO, M. M. (Org.). **Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011. p.111-125.

NASCIMENTO, G. S. do. **O sertão traduzido: estudo dos marcadores culturais do domínio ecológico, na tradução de Os Sertões para a língua espanhola**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. 2018. 263f. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/697>. Acesso em: 25 jul. 2023.

O'KUNGHUTTONS RODRÍGUEZ, J. **Antología crítica de la Literatura Hispanoamericana**. São Paulo: Letraviva, 2004.

OLIVEIRA, L. E.; OLIVEIRA, K. C. A institucionalização do ensino de francês no Brasil (1808-1837). **HELB**. História do ensino de línguas no Brasil, [s. l.], v. 8, jan., 2014. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-8-no-8-12014/231-a-institucionalizacao-do-ensino-de-frances-no-brasil-1808-1837>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. [S. l.]: Ayacucho, 1978.

PAGANO, A. S. América latina, tradução e pós-colonialismo. **Alfa**: Revista de

Linguística, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4286>. Acesso em: 25 jul. 2023.

PALAZÓN MAYORAL, M. R. Los jilgueros de Apolo contra Lizardi, el grajo (las *élites* y contra*élites* letradas. México 1809-1827). Asociación Internacional de Hispanistas AIH, **Actas** XIV, v. IV, 2001. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/14/aih_14_4_065.pdf. Acesso em: 07 dez. 2021.

PALAZÓN MAYORAL, M. R. Introducción para adultos. In: FERNÁNDEZ DE LIZARDI, José Joaquín. **El Periquillo Sarniento**: Los cinco libros resumidos. Selección, introducción y prefacio de María Rosa Palazón Mayoral. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2012. p. 27-60.

PALAZÓN MAYORAL, M. R. **Conferencia**. José Joaquín Fernández de Lizardi. Bicentenario de El Periquillo Sarniento. 2016. Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México (INEHRM). Secretaría de Cultura de México. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BFKHM4uNemQ>. Acesso em: 16 ago. 2017.

PALAZÓN MAYORAL, M. R. **Periquillo Sarniento ¿sarna pícaro o sarna culposa?** México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2013. Disponível em: <http://www.iifilologicas.unam.mx/ebooks/notas-al-margen-4/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

PALERMO, Z. ¿Por qué vincular la literatura comparada con la interculturalidad? In: CROLLA, A. (Org.). **Lindes actuales de la literatura comparada**. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2011. p. 126-136.

PAZ, O. Alrededores de la literatura hispanoamericana. Conferencia pronunciada por el escritor en la Universidad de Yale [1976]. In: PAZ, O. **In/Mediaciones**. Barcelona: Seix Barral, 1981. p. 25-38.

PAZ, O. **Traducción**: literatura y literalidad. 2. ed. Barcelona: Tusquets editores, 1981a.

PAZ, O. Obras completas, 1. **La casa de la presencia**: poesía e historia. [Barcelona: Círculo de lectores, 1991]. Disponível em: https://ens9004-infnd.mendoza.edu.ar/sitio/literatura-latinoamericana/upload/0013-_PAZ_O._-_Obras_completas_1_-_la_casa_de_la_presencia.pdf. Acesso em: 30 jan. 2021.

PAZ, O. La búsqueda del presente. In: SKIRIUS, J. (Compilador). **El ensayo hispanoamericano del siglo XX**. 3. ed. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 431-442.

PAZ, O. **El laberinto de la soledad**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1998.

PAZ, O. **A busca do presente e outros ensaios**. Organização e tradução de Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2017.

MATA INDURÁIN, C. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. *In*: SPANG, K; ARELLANO, I.; MATA INDURÁIN, C. (Ed.). **La novela histórica**. Teoría y comentarios. Pamplona: EUNSA, 1995. p. 13-63.

PÉREZ FIRMAT, G. The strut of the centípede: José Lezama Lima and New World Exceptionalism. *In*: PÉREZ FIRMAT, G. **Do the Americas have a common literature?** London: Duke University Press, 1990. p. 316-332. Disponível em: https://www.academia.edu/44862934/_The_Strut_of_the_Centipede_Jos%C3%A9_Lezama_Lima_and_New_World_Exceptionalism_. Acesso em: 25 jul. 2023.

RAMA, A. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

ROA BASTOS, A. **Vigilia del Almirante**. [S. l.]: Alfaguara, 1992.

ROA BASTOS, A. **Vigília do Almirante**. Tradução de Jocely Vianna Baptista. Primeiro de Maio-PR: Mirabilia, 2003.

RODRIGUES, S. V. Os limiões da crítica da tradução na pós-modernidade. *In*: CARVALHAL, T. F. (Org.). **Culturas, contextos e discursos**: limiões críticos do comparatismo. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999. p. 122-137.

ROSETTI, M. El “leperaje letrado” como crítica del sistema colonial de la Nueva España en El Periquillo Sarniento. *In*: ILH. **Actas** [...]. 2011. Disponível em: <http://ilh.institutos.filo.uba.ar/sites/ilh.institutos.filo.uba.ar/files/Rosetti%2C%20Mariana.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

RUIZ BARRIONUEVO, C. Introducción, Notas de Edición e Bibliografía. *In*: FERNÁNDEZ DE LIZARDI, J. J. **El Periquillo Sarniento**. Edição de Carmen Ruiz Barrionuevo. 2. ed. Madrid: Cátedra, 2008. p. 7-82.

SALES SALVADOR, D. Traducción, género y poscolonialismo: compromiso traductológico como mediación y *affidamento* femenino. **Quaderns**. Revista de traducción, [s. l.], n. 13, 2006. p. 21-30. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/QuadernsTraduccio/article/view/51658>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SÁNCHEZ ZAPATERO, J. Heterogeneidad y fuentes literarias de *El Periquillo Sarniento*, de José Joaquín Fernández de Lizardi. **Espéculo**. Revista de estudios literarios. [S. l.], n. 34, 2007. Disponível em: <https://biblioteca.org.ar/libros/151373.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2024.

SANDIN ESTEBAN, M. P. Bases Conceituais da Pesquisa Qualitativa. *In*: **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010. p. 122-144.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTIAGO, S. Presença da língua e da literatura francesa no Brasil (para uma história dos afetos culturais franco-brasileiros). **Letras**, [s. l.], n. 39, p. 11–25, 2009. DOI: 10.5902/2176148512007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12007>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SILVA, E. L.; MENEZES E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3. ed. revisada e atualizada, Florianópolis: [s. n.], 2001.

SILVA, H. C. A circulação de romances de Teixeira e Sousa: best-sellers do século XIX? I Seminário brasileiro sobre livro e história editorial. Colóquio do Sesquicentenário: Francisco Alves na história editorial brasileira. 2004. **Anais [...]**. FCRB – UFF/PPGCOM – UFF/LIHED. Rio de Janeiro: [s. n.], 2004. p. 1-14. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/circulacao.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SILVA, H. C. **Prelúdio do romance brasileiro**: Teixeira e Souza e as primeiras narrativas ficcionais. 2009. 2v. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/publicacao/76762/preludio-do-romance-brasileiro-teixeira-e-sousa-e-as-primei/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SILVA, A.; DANTAS, O. Periquillo Sarniento: a sociedade que a educação constitui. IV CONEDU – IV Congresso Nacional de Educação. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/38203>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SOMMER, D. **Ficciones fundacionales**: las novelas nacionales de América Latina. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2004.

SOUSA, S. M. A.; BRANCO, S. O. Representação cultural na tradução para o inglês da obra de Jorge Amado, Gabriela, cravo e canela. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 4, n. 3, p. 69–81, 2016. DOI: 10.26512/belasinfieis.v4.n3.2015.11350. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/11350>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SPIVAK, G. C. (1). ¿Puede hablar la subalterna? **Asparkía**. Investigación Feminista. [S. l.], n. 13, p. 207-214, 2002. Disponível em: <https://www.e-revistas.uji.es/index.php/asparkia/article/view/871/781>. Acesso em: 25 jul. 2023.

TALÉNS, J. Discurso narrativo y discurso ideológico. In: TALÉNS, J. **Novela picaresca y práctica de la transgresión**. Madrid: La Vela Latina, 1975. p. 11-42.

TEIS, D. T; TEIS, M. A. **A abordagem qualitativa**: a leitura no campo de pesquisa. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

TEIXEIRA E SOUSA, A. G. de. **O filho do pescador**. São José dos Pinhais, PR: Estronho, 2020.

USLAR PIETRI, A. El mestizaje y el nuevo mundo. *In*: USLAR PIETRI, A. **En busca del nuevo mundo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1969. p. 9-26.

VARELA JÁCOME, B. **Evolución de la novela hispanoamericana en el siglo XIX**. Madrid: Cupsa, 1982. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/evolucion-de-la-novela--hispanoamericana-en-el-siglo-xix-0/html/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

VEGA, I. G. **Comentarios reales**. Aurelio Miró Quesada. [Editor]. tomo I. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1976. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/biblioteca_ayacucho/detalle.php?id_libro=1598. Acesso em: 25 jul. 2023.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução**. Por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valério Biondo. Revisão técnica de Stella Tagnin. Bauru: EDUSC, 2002.

VILLALTA, L. C. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. *In*: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 332-385.

WYLER, L. **Línguas, poetas e bacharéis**: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.